A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4419 - 15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Segunda-feira, 2 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

Continua a gréve dos pescadores. Hoje não houve peixe grosso. A sardinha foi vendida a 1$50 e a 1$80.

O Parlamento

Não se votou o orçamento no prazo devido. Nem mesmo os duodecimos foram votados, pelo que nos encontramos numa situação inconstitucional.

Porque não se votou o orçamento? Porque não se votaram, ao menos, os duodecimos?

Porque, embora fôsse ante-ontem o ultimo dia em que essas votações deviam efectuar-se, a Camara dos deputados não reuniu, por falta de numero.

Em França fez-se previamente o contrario. Não só os parlamentares não faltaram, de maneira a poder-se deliberar e votar, como se prorogou a sessão até á aprovação total do orçamento.

E' assim que se procede nos paizes onde existe a verdadeira noção das funções que competem ás instituições parlamentares.

Aqui, não!

A toda a hora se anuncia que o Parlamento não reuniu por falta de numero, e nem mesmo quando ha prazos taxativos para se votarem diplomas do maior interesse para o Estado, os parlamentares portuguezes se decidem a manifestar o seu zelo.

Por vezes, de 163 deputados nem 20 aparecem na sala das sessões!

Porventura isto é admissivel?

Já por varias vezes o temos dito nestas colunas: não se prende ninguem para deputado. As funções legislativas não são obrigatorias.

Mas quem aceita um mandato de deputado, cria imediatamente obrigações, e obrigações verdadeiramente sagradas.

Um deputado é um procurador, um procurador do povo, e se não se admite que um procurador lese ou discure os interesses particulares daqueles que o honram com a sua confiança, não se admite tambem que lese ou discure os interesses nacionais, representados pelos eleitores que lhe deram o seu voto.

E' verdadeiramente estupendo que de 163 deputados só a sexta ou a setima parte cumpra regularmente os seus deveres.

Ninguem, mais do que nós, tem sempre defendido a instituição parlamentar. Já mesmo chegamos a dizer, e com fundamento, porque a experiencia a isso auctorisava, que entre não haver Parlamento, ou haver um mau Parlamento, ainda era preferivel a existencia desse mau Parlamento. Mas não ha nada que não tenha limites, e se um Parlamento não reune pela ausencia sistematica do maior numero dos seus membros, é como se não existisse Parlamento, nem bom nem mau.

Assim se falseará o sistema representativo em que se baseia o regimen republicano, e falseia-se tanto ou mais do que se um Parlamento fôr expulso pelo pulso de ferro dum ditador.

Contra as ditaduras, os parlamentos podem lutar, e lutar sempre com garantias de exito, porque dispõem duma base moral. Mas contra a obra suicida desses mesmos parlamentos o que é que podemos esperar dos parlamentares que, como tais, os deixam desaparecer?

O que se passou com a votação dos orçamentos é um sintoma tristissimo de incuria parlamentar.

E' um erro republicano aumentar essa incuria, na esperança, que não supomos ilusoria de que o Parlamento se deixe guiar por outra orientação, mais adequada aos preceitos do civismo e da democracia. De contrario, a Republica estará á mercê dum golpe de mão, porque os seus proprios legisladores a abandonam.

Bombeiros municipais

No cemiterio dos Prazeres, teve hoje logar a cerimonia de trasladação das ossadas de 17 bombeiros municipais, dos covais rasos para o jazigo que a corporação possue.

Entre as ossadas que foram trasladadas contam-se as do ajudante Gama e do chefe João Fernandes, inventor da escada Magyrus.

Ao acto assistiu todo o pessoal superior da corporação, pessoas de familia e numerosos colegas dos extintos.

A guarda de honra era feita por um piquete de bombeiros municipais, sob o comando do chefe da 7.ª secção sr. Manuel Tomé.

DA DISCUSSÃO...

O orçamento do M. da Guerra

veiu revelar ao publico muitas coisas cheias de interesse...

HA LEIS

cujos efeitos só agora começam a ser avaliados

Que o nosso Exercito é entidade merecedora de discussão, critica e analise não sofre duvida. Que êsse mesmo Exercito está nitidamente dividido em três grupos, regendo-se por diplomas que a cada um dêles interessa de maneira particular, não é segredo para ninguem. E que, como consequencia disso, as várias partes de que se compõe êsse todo que deveria ser homogeneo, acionado pelas mesmas causas e visando a mesma finalidade, se encontram cada vez mais distanciadas, tambem não pode constituir surpreza.

Não ignoram nada disto, nem o Governo, e muito especialmente o ministro da Guerra, nem o Parlamento, que conta uma larga representação de elementos militares de vária especie. Os Poderes Publicos sabem, portanto, o que se pássa e sabem o que se diz; e no que se passa e no que se diz sabem o que ha de exagerado e o que ha de rigorosamente verdadeiro. Não se justificam, portanto, nem desculpas, nem sobresaltos.

O Exercito é um organismo doente, debilitado, segundo uns; sofrendo exactamente do mal oposto, ao que outros afirmam. Mas, seja como fôr, ou por deficiencia ou por excesso, facto é que a tropa, em Portugal, atravessa uma crise que sendo hoje consideravel e assustadora, pode tornar-se amanhã perigosa.

Alguem, que não ignora o que no sub solo da nossa agitada politica se pássa, disse um dia que a pasta enferma, para um governo republicano, não é, ao contrario do que muitos supõem, a pasta das Finanças, mas sim a pasta da Guerra. Porque no dia em que se resolverem todas as questões que, de maneira directa ou indirecta, com o elemento militar brigam, o resto virá naturalmente sem violencias e sem sobresaltos. Esta opinião, que tem tanto de original como de pessoal, não deixa de assentar num fundo de verdade e de justiça que dificil seria contestar. O Exercito português precisa, na verdade, de ser reformado. E o primeiro a reconhecê-lo e a proclamá-lo é o Exercito.

* * *

A discussão do orçamento do Ministerio veiu levantar e trazer para o campo da publicidade, tantas vezes perigoso, coisas de uma inegavel gravidade. Constatou-se a existencia de leis que nunca deveriam ser adoptadas; verificou-se que essas leis haviam sido inspiradas por conveniencias de momento e postas no «Diario do Governo» para satisfazer ou para moderar. Os paladinos não deixaram de surgir, proclamando, em nome dos imortais principais, a necessidade de modificar, num sentido radical, o existente. Mas, sobretudo, para quem tenha seguido atentamente essa discussão, onde ha muito de esteril e de palavrorio, o que lhe ficou foi uma impressão de tristeza, de desgôsto e de desalento perante o desabar de uma organização que todos desejariamos forte e isenta de culpas.

Percorram os senhores os extractos das sessões em que dêsse orçamento se falou, e verão em todos êles, como uma obcessão, os numeros 1.239, 1.250 e 768. Numeros correspondentes as tais leis cuja aprovação bastantes dissabores tem já acarretado e que ninguem sabe até onde irão em seus efeitos maleficos.

A guerra trouxe, na verdade, para os oficiais de terra, uma escala de diferenças, em vez de uma escala de semelhanças. No fim da lucta, verificou-se que oficiais saindo no mesmo ano da Escola do Exercito, Escola de Guerra ou Escola Militar, á escolha, se encontravam em postos muito distanciados; emquanto alguns dêles subiam a capitães, outros mantinham o galão simples de alferes.

E porquê? Coisas da guerra, dizia-se. A artilharia de campanha, nessa furia de promoção, foi muito além do que seria para desejar.

Surgiram os descontentes, os reclamantes, os que se supunham preteridos. Reclamou-se junto do Congresso; apelou-se para a consciencia do país. Os legisladores responderam a êste clamor de protesto arranjando a lei n.º 1.239. O assunto ficou resolvido? Sim. Mas como? Atirando para diante aqueles que para traz se haviam deixado ficar. Não foi uma solução; foi um expediente, foi uma satisfação. Expediente e satisfação com que sofrem agora Exercito e país.

Mas a lei não era boa; tinha deficiencias; o seu cumprimento implicava desigualdades, injustiças porventura. E, então, redigiu-se a lei 1.250. A emenda peor do que o soneto. E, depois, redigiu-se a lei 778, relativa a medicos e veterinarios, e mais escandalosa ainda do que as outras.

E a completar tão curioso estendal, lá vem mais um numero, a lei 763, para o Estado Maior, onde os oficiais de patente inferior deixaram de existir para darem lugar a uma série de oficiais superiores de que hoje se compõe, entre nós, esse organismo de «élite». O Estado Maior continua a ser um corpo de estudo em vez de ser um corpo de selecção; é uma constatação de trabalho em vez de ser uma verificação de aptidões. A sua obra, na guerra como na paz, não pode deixar de se resentir dêsse defeito, grave e insanavel, defeito de origem.

Mas emtudo isto o que ha é muita irregularidade, muito atropelamento, muita falta de criterio e de visão das coisas e dos acontecimentos.

A discussão do orçamento do Ministerio da Guerra veiu trazer para publico o que ha, em consequencias, de todas essas irregularidades e de todos êsses atropelamentos.

Oxalá umas e outros sejam remediaveis e possam aproveitar ainda.

Depois...

O PATRIARCA TIKHON

preconiza

uma nova formula de bolchevismo

O patriarca Tikhon, entrevistado pelo correspondente da agencia Rosta, fez as seguintes declarações:

«Enquanto estive privado da liberdade, nada sofri, salvo, é claro, por não me ser permitido oficiar. As informações da imprensa estrangeira, sobre eu ter sido submetido a torturas, são completamente absurdas. Fui tratado com as maiores atenções.

Adoptei inteiramente a plataforma dos soviéts. Julgo que a igreja deve ser apostolica. No caso de confirmação dos informes sobre a actividade contra-revolucionaria da emigração clerical residente no estrangeiro e dirigida por Khrapovitsky, notificarei ao clero. Creio que serei obedecido.

Mgr. Tikhon não reconhece a resolução do Concilio que o destituiu do patriarcado e declara:

«O concilio não era competente para me condenar como contra-revolucionario; só o poder dos soviéts que me vai julgar, o pode fazer. Não creio que procederam de boa fé certos bispos signatarios do veredictum do concilio. Se encontrar adeptos, a nossa união religiosa tomará fórmas organisadas.»

EM ELVAS

CRIME DE FILICIDIO

Ignoram-se pormenores

O nosso correspondente em Elvas enviou-nos o seguinte telegrama:

ELVAS, 2—Caetano Meira assassinou barbaramente a noite passada, uma sua filha de 16 anos.—(C.)

Ignoramos quaisquer pormenores do crime, não sabendo, sequer, a identidade do assassino. Em todo o caso não deixa de ser desesperante esta verdadeira epidemia de assassinios.

Como pôr-lhe cobro? Como atenua-la, ao menos?

A DESCIDA DO SINAI

QUE FARÁ

O Presidente

quando deixar de o ser

O periodo governativo de Antonio José d'Almeida

Viera dos tempos da propaganda com o ar mais romantico de todos os paladinos da Republica. A sua cabeça aureolava-se de uma formidavel mocidade afirmada em Coimbra a golpes de rebeldia generosa.

E a sua eloquencia larga, em rajada de hiperbolicas imagens, dominara já no fôro academico, deixando pelas margens do Mondego uma lenda formosa de atitudes.

Depois, em S. Tomé, o seu nome tornou-se abençoado e a sua fama de isenção generosa criou fortes raizes no coração do Povo.

Assim, de volta a Portugal, no periodo mais agudo da propaganda, tornou-se o idolo das multidões que o seguiam hipnotisadas pela magia da sua oratoria, nem sempre academica, mas inalteravelmente dominadora.

Era bem o tribuno do Povo êsse aclamado porta-voz da sua ancia de liberdade, a que uma vida inconcussa dava foros de apostolo e cuja sugestão sobre a turba-multa irrequieta e heterogenea jamais foi igualada.

Deputado na Camara monarquica, teve atitudes soberbas de independencia, de coragem e de revolta. Ministro da Republica, no primeiro embate das paixões partidarias sofreu os mais descabelados insultos, ameaças e protervias. Os cabelos embranqueceram-lhe em plena mocidade.

Mas o seu temperamento fogoso e a sua inalteravel sinceridade reuniram á sua volta uma legião de dedicações firmes e dispostas a toda a lucta, até o martirio.

Recrudesce o ataque: ululam turbas em odios sangrentos, quasi chegam á agressão...

O seu caracter invulneravel, porém, não pode ser atingido e, pouco a pouco, se vai reconhecendo a justiça das suas atitudes.

Toda a vida de Antonio José de Almeida é feita, afinal, de grandes atitudes.

E chega a guerra e é necessaria a união dos partidos e forma-se a União Sagrada. Quem o unico homem capaz de presidir a êsse Governo?

O prestigio do seu nome ergue-se triunfalmente.

Ele preside ao governo da União Sagrada e é desde êsse momento que começa o reconhecimento da sua grande figura moral. Esboça-se no horizonte a gratidão publica.

Logo, tempos depois, na crise sidonista, é ainda a sua aparição naquela tarde triste de desanimo que inflama de novo alento o Povo republicano.

E, meses passados, é a eleição Presidencial.

A sua elevação á Suprema Magistratura teve o aspecto de uma consagração justa do caracter impoluto, do Republicano indefectivel, do perfeito patriota.

Paralelamente, todos reconheceram que, no momento, só Antonio José de Almeida se ajustava ás circunstancias da Republica.

Após a posse memoravel de 5 de Outubro de 1919, que revestiu um desusado brilho, toda a vida presidencial de Antonio José de Almeida é cortada de incidentes graves a que a sua serena vontade traz remedio mais pela força da sua individualidade do que por grandes actos de energia.

Assinala-se progressivamente o caracter moderador do Presidente da Republica, buscando fórmulas de concordia que vão trazer um pouco de paz ao revolucionado organismo nacional.

Crises violentas da politica ameaçam abalar definitivamente o prestigio que da sua vida passada trouxera para Belem.

Mas de cada crise que o atormenta sae mais forte êsse prestigio.

O respeito geral vai, insensivel mas firmemente, transformando-se em amor.

E Antonio José de Almeida consegue, após os descontentamentos duma dissolução parlamentar, depois duma revolução desorientada e sobre uma noite dantesca de sangue e lama, firmar robustamente o seu lugar de Chefe de Estado apoiado no clamor pressuroso do Povo que só nêle confia e só a êle quere a presidir aos seus destinos tão tragicamente enovoados.

Antonio José de Almeida foi o primeiro Presidente da Republica que atinge o final do quatrienio.

E chega ao fim dêsses quatro anos cheio de sacrificio e cheio de triunfos.

O seu prestigio arreigou-se no animo do Povo sobre os alicerces da sua figura moral e do seu caracter estruturalmente republicano. Mas cimentou-o o sofrimento cruel que parece condição inevitavel da Presidencia da Republica em Portugal.

Ora de todos os presidentes o que mais sofreu o que mais dolorosamente subiu o seu doirado Calvario foi por certo Antonio José de Almeida.

E esse facto, conjugado com a indole extranha da raça portuguêsa, tornou-o verdadeiramente amado. Por isso, se o seu prestigio politico é incontestavel e enorme, o seu prestigio social é evidente e seguro.

A viagem triunfal ao Brasil apenas veio dar mais brilho a esse superior prestigio do Presidente Almeida. Mas, só por ela, se tornaria digno do grato respeito de todo o povo Português.

Entretanto a sua recente viagem a Viana do Castelo, pondo-o em contacto intimo com as populações do Norte estreitou com segurança as relações afectivas que o uniam ao paiz.

O Presidente dispõe, pois, do maior prestigio que hoje em Portugal gosa um homem publico.

Dentro de quatro mezes com esse prestigio formidavel vai deixar a Presidencia.

Ele o relembrá a cada passo nos seus ultimos discursos.

E que fará esse homem, tão respeitado e tão estimado, de todo esse prestigio, num paiz em que tão raros são os homens que dele disfrutam?...

Dizem que irá para o Rio de Janeiro, como embaixador de Portugal no Brazil.

E deverá ele apagar numa embaixada, embora importantissima, a fulgurante popularidade de que dispõe?

Não seria mais salutar para a Nação e para a Republica o seu regresso á actividade politica?

E' um interessante problema a cuja resolução não fugiremos.

Francisco da SILVA-PASSOS.

NOS E. U.

O ALCOOL

como elemento eleitoral

NOVA YORK—A «Anti-Salon League», a associação dos prohibicionistas que está realisando a sua conferencia anual em Waterville, em Ohio, dirigiu ao presidente Harding uma mensagem declarando-lhe que apoiará a sua candidatura se ele inflexivelmente sustentar a politica que anunciou em Denver de reforçar a observancia da Lei Prohibicionista.

Continuam as apreensões de licores. Alem dos vapores «Cedric» e do «Garonia», o «Olimpic» viu apreender o seu fornecimento de bebidas medicinais. O navio japonez «Korea Maru» sofreu a apreensão duma grande quantidade de licores. Os jornais do sr. Wiliam Randolph Hearst protestam energicamente contra estas apreensões. Declaram o seguinte: «Não é delicado nem politico nem prudente unir todas as nações num protesto cabalmente justificado e antipatico para nós. O Presidente devia encontrar meio de sair desta situação insensata. Se a ideia é proteger a nossa navegação, que deve ser «seca», tornando então a nação ridicula. é muito caro o preço por esse auxilio».—(R.)

Em Barcelona

MADRID, 1 — A situação de Barcelona permanece no mesmo pé. Hoje foram efectuadas bastantes prisões.

A «Solidariedade Obrera», falando das ultimas detenções, diz: «Perante este fogo artificial de ensaios e estratagemas, a nossa atitude ha de ser serena e clarividente. Os que se afundam na sua insensata acção, querem arrastar-nos na sua quéda. Ainda que a opinião publica nos desaprovasse, ainda que se unissem todos os perturbadores e os que querem pescar em rio revolto para nos fazer sair dos nossos postos, para levar-nos a cometer imprudencias graves, nós não perderemos a cabeça.» — R.

Congresso de Navegação

LONDRES, 1 — Será amanhã inaugurado o 8.º Congresso Internacional de Navegação, presidindo á cerimonia o Principe de Gales. Lord Desborough, presidente do Congresso, pronunciará um discurso, a que responderão os principaes delegados dos paizes estrangeiros. São 31 os paizes que enviaram delegados oficiaes e o numero destes ultrapassará 600. — R.

AS REPARAÇÕES

A França mantera apezar de tudo, boas relações com o Vaticano

O ponto de vista do Papa

é tão respeitavel como os outros

Horas antes de inaugurar solenemente o monumento a Pio X, o papa dirigiu ao Cardeal Gasparri, secretario de Estado do Vaticano, uma carta destinada a produzir sobre a opinião mundial uma grande impressão.

A situação do Rohr inquieta-o. E' preciso não esquecer que Mgr. Testa, enviado do Vaticano, ao Ruhr, depois de se avistar com o clero dos territorios ocupados, entrou em contracto com importantes personalidades alemães, como Krupp, que visitou na prisão, chamou a atenção do Vaticano para os sofrimentos cada vez maiores das populações rheno-West-phalianas. A piedade do papa manifestou-se ultimamente a favor dessas populações enviando-lhe meio-milhão de francos.

Assim, não é de admirar, que o Papa venha agora pregar aos aliados a maior moderação:

«Se na intenção de reparar os graves prejuisos infligidos ás populações ou aos territorios ocupados, outrora prosperos e florescentes, o devedor der provas duma verdadeira boa-vontade para chegar a um acordo justo e definitivo, invocando um julgamento imparcial sobre os limites da sua solvabilidade e assumindo o compromisso de fornecer aos juizes, por todos os meios, para uma fiscalisação seria e exacta, nesse caso a justiça e a caridade sociais, como tambem o proprio interesse dos credores e todas as nações fatigadas de luctas e avidas de tranquilidade parecem aconselhar que se lhe não exija mais do que o devedor possa dar sem esgotar totalmente os seus recursos e a sua capacidade de produção em seu irreparavel detrimento e no dos seus proprios credores, sem falar no perigo de perturbações sociais que seriam a maxima ruina da Europa inteira e dos ressentimentos que constituiriam uma ameaça continua de novas e mais ruinosas conflagrações».

O Papa prosegue com uma afirmação, de que é superfluo frisar a importancia. Depois de ter convidado a Alemanha a dar prova da sua boa vontade no pagamento das dividas, condição essencial para melhorar a sua situação, Pio XI acrescenta, indo mais longe ainda que os aliados na compreensão do ponto de vista franco-belga:

«E' justo que os credores tenham garantias proporcionaes ás suas dividas, que assegurem o pagamento, do qual dependem os seus proprios interesses vitais.

Nós deixamos-lhes o cuidado de avaliarem se é necessario manter em todos os casos ocupações territoriais que impõem sacrificios graves para os paises ocupados e para as nações ocupantes, e se não valerá mais substitui-los, ainda que progressivamente, por outras garantias não menos eficazes e certamente menos terriveis.»

E o Papa terminou com esta frase, na qual facilmente se apercebe uma evocação da formula adoptada em Paris e em Bruxelas:

«Se as duas partes concordarem nestas bases pacificas, a ocupação territorial tornar-se-ha mais suave ir-se-ha reduzindo gradualmente até cessar de todo. E então poderemos realisar a verdadeira pacificação dos povos que é tambem a condição necessaria da restauração economica, por todos tão ansiosamente desejada».

* * *

LONDRES, 2—A França ainda não deu qualquer resposta á nota enviada pela Inglaterra ha 19 dias sobre a questão das reparações, estando o governo disposto a dirigir-se de novo ao governo francez porque o sr. Stanley Baldwin entende que a Inglaterra deve fazer todos os esforços para resolver este assunto. Se forem insuperaveis as dificuldades de agir de acordo com a França disse que o sr. Stanley Baldwin tratará separadamente com a Alemanha para obter o pagamento das anuidades que garantam os juros da divida ingleza aos Estados Unidos. A Alemanha veria com agrado um acordo desta ordem e o dinheiro para aquele fim se não fosse pago pelas industrias alemãs seria pago pelas garantias alemãs no estrangeiro. Tambem se diz que se o sr. Stanley Baldwin não conseguir convencer a França a que reconsidere ácerca da sua politica do Ruhr, a Inglaterra e os Estados Unidos exerceriam uma acção conjunta de pressão sobre esse pais para o obrigar ao pagamento das suas dividas.—(R.)

* * *

ROMA, 2.—Depois da visita do embaixador francez ao Papa, foi comunicado que a carta Papal sobre a questão das reparações, em que se sugeria que fosse examinada a capacidade de pagamento da Alemanha por juizes imparciais, não afetaria as relações entre a França e o Vaticano.—(R.)

UMA SÓ VEZ...

"O LODO" —peça de— Alfredo Cortez

vai hoje no Politeama em recita unica

Um pouco de historia e de previsão

E' caso unico na historia do nosso teatro este da representação do «Lodo». Em volta dele, os boatos teem fervilhado e o «diz-se» dia-se medonho arripiante de esquina e de café, tem feito das suas.

O que é a peça que tanto ruido vem provocando em volta de si? Quais os seus intuitos? Qual a sua finalidade? Em que escola se filia e que principios obdece a sua encenação?

Os criticos não deixarão, por certo, de falar, dizendo aquelas palavras de justiça que os três actos a ir ver logo ao Politeama necessariamente provocarão. E o publico, aquele grande publico que de supremo ahi é apelidado em circunstancias semelhantes, ha-de ter logar tambem para proclamar o triunfo ou o insucesso da obra.

* * *

Dois nomes altos na lista, pouco numerosa, dos valores reais da scena portuguesa tomam parte na interpretação da peça: Adelina Abranches e Amelia Rey Colaço.

Adelina, desempenhando um papel intensissimo, é ao que nos dizem extraordinaria na criação da «Domingas Capelôa». A grande actriz tem faltado aos ultimos ensaios por virtude da doença de um filhinho seu. Apesar de tudo Adelina, cuja intuição dramatica é admiravel, saberá suprir com o seu talento peregrino, as dificiencias que estes factos naturalmente acarretam. A Constança Navarro, Maria de Mesquita, Antonia Mendes foram ainda distribuidos papeis, sendo o «Manuel Ferrão», unico papel masculino da peça, desempenhado por Robles Monteiro.

Os ensaios que a principio puderam ser dirigidos por Adelina Abranches, teem sido nestes ultimos dias feitos sob a direcção de Robles Monteiro.

* * *

Triunfará a peça que, em recita unica e revertendo o seu producto para a casa Gil Vicente se representará no Politeama?

Cahirá? E, em qualquer dos casos, o que vai suceder?

O nome do sr. Alfredo Cortez consagrou-se com a «Zilda». A' representação desta peça seguiu-se um periodo relativamente longo de silencio. Apareceu «O Lodo». A peça andou de empresa em empresa; e todos a encontravam excessivamente dura, receando um fracasso e não se querendo arriscar a ele. Não houve má vontade portanto; houve apenas receio.

O autor resolveu então, ele mesmo montar a peça, faze-la representar e acarretar com todos os encargos. Tinha nela uma fé ilimitada.

Surge entretanto o conhecido conflito entre os autores e os criticos; e o dr. Alfredo Cortês, que foi uma das pessoas que subscreveu o manifesto dos primeiros, viu-se obrigado a abandonar os cargos que desempenhava no Politeama de cuja empresa exploradora era um dos societarios.

Ao que nos consta, o autor da «Zilda» espera que o publico e a critica se pronunciem sobre a sua peça, e depois falará revelando certos pormenores que devem provocar sensação.

De qualquer forma a noite de hoje no Politeama marca na historia do nosso teatro dos ultimos anos

ORFEON VILAFRANQUENSE

Uma notavel sociedade coral, regida pelo maestro Raul Portela — Simpatica iniciativa e exemplo que é necessario que Lisboa siga

Portugal ainda é um pais onde se canta. Onde se canta e onde se assobia — que são, afinal, duas formas de demonstração de quanto a nossa gente vive de bem com a sua consciencia. Um povo que canta é um povo bom.

Todo o ponto está em saber se o nosso povo canta como a selva em festa, ou como a Capela Sixtina, como a Natureza em apoteose, ou como a Arte em comunhão espiritual. E a coisa é bem evidente.

Cantar já é ser bom: é como o rir e o amar. O portuguez canta e ri naturalmente; não é muito atreito ao canto em comum. E' por isso que, apesar de boas vontades bem louvaveis, as sociedades corais não teem vingado. O portuguez ainda não está convencido da excelencia e utilidade do canto em comum. A resistencia heroica do Orfeon de Coimbra já lhe tem vencido o selvajismo, mas ainda o não convenceu. Todavia, aqui e ali, como fogos fatuos, já se manifestam iniciativas de louvar e apreciar, fallando-lhes, apenas, estarem bem convencidas para perdurarem.

Uma dessas iniciativas, a melhor que conhecemos nos ultimos anos, acaba de nos ser revelada numa audição com pretensões, no elegante teatro de Alhandra, pelo Orfeon Vilafranquense.

Os leitores já tinham ouvido falar? Nem nós. Mas sempre lhe diremos que a florescecente vila ribatejana (Vila Franca de Xira) dá, em arte coral, uma esplendida lição a todo o paiz. Não se trata de uma duzia de homens de determinada classe, que numa hora de boa disposição resol[v]eram cantar juntos as quartas e setimas. Isto já seria alguma coisa. Mas a organisação do Orfeon Vilafranquense é muito mais: a melhor gente da terra, advogado, medicos, professores, ricos proprietarios, de braço dado com outros valores, resolveram possuir um elemento artistico educando o povo. A harmonia dos componentes é completa: aquilo é uma familia em que todos fraternalmente comungam no prazer de fazer arte, procurando cada qual aperfeiçoar-se o mais possivel, ajudando os outros a corrigir-se também.

Uma outra nota — e esta explica a apresentação do Orfeon em Alhandra — devemos pôr em relevo: e esta mesmo com que os orfeonistas põem a Arte ao serviço da beneficencia. O hospital de Alhandra, estando em más condições financeiras (como todas as instituições... que não teem que comprar e que vender) e logo o Orfeon se decide a dar um espectaculo.

Fomos convidados a assistir, como foi tambem esse raro temperamento de artista que é Antonio Joyce. A impressão não podia ser melhor. Foi um verdadeiro espectaculo de Arte. Nem uma nota discordante.

Apresentou o Orfeon uma distinta senhora, um temperamento ao mesmo tempo artistico e literario, a sr.ª D. Maria Luiza Batalha. O seu discurso merecia ser impresso e divulgado. Fez Arte, fez critica e fez espirito. Mereceu, e muito justamente, a ovação com que o publico a brindou.

A primeira e terceira partes constavam ao Orfeon, em trechos de belo efeito, seguro e claro, da autoria de Palestrina, Saint-Saens, Meyerbeer, Grieg, Keil, Borba, Raul Porteia e Cesar Pereira. Os naipes muito certos e equilibrados e, sobre tudo, muito disciplinados. Não se pode exigir melhor.

A segunda parte constou de cantos ao piano e recitações pelas sr.as D. Maria Fernandes Ferreira, D. Maria Virginia Lopes e srs. Mota da Costa, Domingos Poeira e Alberto Malta. Merecem especial menção a sr.ª D. Otilia Pereira, pela forma primorosa como recitou os versos de Lopes Vieira das «Scenas Infantis» de Schumann e a sr.ª D. Elvira Gonçalves, pela arte e sentimento com que executou a parte de piano.

Propositadamente deixamos para o fim um nome já hoje ilustre, artista de raça e que pelo canto coral tem entranhada paixão: referimo-nos ao maestro Raul Portela. E' ele o regente do Orfeon Vilafranquense e pode contar como um verdadeiro triunfo o espectaculo em Alhandra. Esperamos vê-lo em Lisboa, brevemente; obterá novo triunfo, dando ainda uma lição, que não sabemos se será aproveitada, mas que seria necessario e urgente que fosse, pois é bem pouco louvavel que Lisboa não consiga ter uma boa sociedade coral. Pois Antonio Joyce reside em Lisboa.

Não seria justo omitir a forma galharda e cativante como a população de Alhandra e especialmente a direcção do seu teatro, receberam o «Orfeon» e as dezenas de pessoas que o acompanharam. Os directores do teatro fizeram todas as despezas à custa dos seus bolsos particulares, para que o hospital beneficiado recebesse o produto integral do espectaculo. No fim, ofereceram ainda aos visitantes uma esplendida ceia, em que tomaram parte cerca de duzentas pessoas, despedindo-se depois até manhã alta.

Pelo telegrafo

Só seis dum naufragio

LONDRES, 1 — Antes dos meados de junho naufragou a bastante distancia da costa da India o vapor «Trevessa». Tendo pedido socorro emquanto se afundava, acorreram dois navios em seu auxilio, mas ao chegarem apenas encontraram o topo das chaminés submergindo-se. Deram-se por mortos os passageiros e tripulantes. Com grande surpresa chegou a Londres a noticia de que o capitão com varios tripulantes tinham aportado á ilha Rodriguez. Um novo cabo noticia que um segundo bote acaba agora de chegar a salvamento a Souillac. Os naufragos navegaram 25 dias num bote aberto, tendo percorrido uma distancia de 1400 milhas, atravez dos maiores perigos e lutando com a falta de mantimentos. As familias dos naufragos que tinham todas as esperanças perdidas, experimentaram um enorme regosijo. — R.

Um cafe macabro

ROMA, 2 — Um frequentador do Café do Comercio em Noventura-Vicentina tendo-se baixado para apanhar um objecto sob uma mesa, levantou-se pálido de emoção porque no tampo inferior da mesa viu uma cruz em relevo e uma inscrição funeraria dizendo: «Aqui jaz... (seguia o nome do defunto e a data do falecimento). Comunicou a sua descoberta aos outros frequeses e examinadas as mesas viu-se que todas elas tinham no tampo inferior uma cruz e um epitafio. Interrogado o dono do estabelecimento explicou que o caso nada tinha de misterioso. Aquelas pedras com pravaras ele passado um periodo de cinco anos do enterro do individuo a quem se referiam, aos herdeiros, por um preço vantajoso, mandando-lhes polir a parte não esculpida e mobilando desta maneira engenhosa e barata o seu café. — R.

BOAS NOVAS

No gabinete dos reporters no Governo Civil foram recebidos radios dos passageiros a bordo do «Ganda», que segue a caminho de Africa e dos oficiais de conves, das camaras e maquinas do vapor «Pedro Gomes». Todos seguem bem e saudam as familias.

O "Guia de Portugal,,

Uma carta do sr. Raul Proença

«Sr. director da «Capital» — Só hoje chegaram ao meu conhecimento o artigo e comentario dedicados pelo jornal de que é v. digno director, ao grande «Guia de Portugal» que está em elaboração na Biblioteca Nacional. No comentario fazem-se algumas considerações que não posso deixar sem reparo. Responderei a elas em breves palavras:

1.º — Não é certo que esta obra, embora seja colaborada pelos mais ilustres escritores de Portugal, seja anunciada (sic) como «monumental». As suas proporções (dois volumes de 500 e tantas páginas cada um, no formato do Baedeker) não justificariam talvez tal pretensão, que, em todo o caso, não é a nossa.

2.º — Entre os colaboradores do «Guia de Portugal» há alguns escritores, se não mais conscienciosos, muito mais ilustres e eruditos do que eu. O signatario destas linhas não se julga mesmo um «escritor», ao passo que nomes como os de Ricardo dos Santos, José de Figueiredo, Afonso Lopes Vieira, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, Matos Sequeira, Julio Dantas e outros muitos colaboradores do «Guia», são dos melhores da nossa literatura e da nossa erudição.

3.º — Eu não disse ao redactor da «Capital» que o «algarvio é um dos povos mais bisonhos e desastradamente loquazes», o que implicaria uma contradição nos termos. O que afirmei é que o algarvio é um dos povos mais bisonhos do mundo, que a lenda da alegria e da loquacidade algarvias é um dos mais estranhos fenomenos de sugestão de que tenho noticia. O algarvio é um arabe de temperamento, e não um «grego das ilhas», como dele fez Oliveira Martins. Compare-se uma *vigilia* do Algarve com uma ruidosa *romaria* minhota, e dar-se-ha inteira razão ao meu asserto.

Tenho a absoluta certeza de que assim que fôr publicado o nosso «Guia», v. deixará de pensar que ele é mais um elemento de derrotismo e convencer-se-ha de que nunca se organisaram livros tão entusiastas em honra da nossa terra — alguns de penas de gloriosos escritores estrangeiros, desconhecidos entre nós. Mas o entusiasmo pelo que ha de bom não nos póde levar a passar sob silencio o que de mau precisamos de reconhecer — para o corrigir.

Agradecendo as boas palavras de v., e, desde já, a publicação destas linhas, sou com a maior consideração de v., etc., *Raul Proença*.»

N. da R. — Não pode o sr. Raul Proença, a cujo incontestavel valor consagramos uma justa admiração, deixar de reconhecer os intuitos, elevados e nobres, que inspiraram o nosso reparo. De resto, o proprio sr. Raul Proença nos dá razão, quando diz que o «entusiasmo pelo que ha de bom, não nos levará (os organisadores do Guia) a passar sob silencio o que de mau precisamos de reconhecer, etc.»

Sálvo a opinião autorisada do ilustre escritor, parece-nos que não um «Guia de Portugal», que necessariamente se destina á leitura do estrangeiro, que será oportuno fazer considerações ou estudos escrupulosos acerca do que deviamos ser... Isso, parece(nos), é coisa para averiguar em trabalhos doutra natureza.

Não será, pois, legitima, a nossa qualificação de derrotista para uma obra que, embora, como temos a certeza, não seja esse o intuito dos seus organisadores, de certo avolumará o nosso descredito internacional?

Se nos enganamos, tanto melhor. Mas palpita-nos que não teremos esse prazer!...

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

O «raid» de circunavegação — Prossegue a discussão do orçamento do Ministerio da Guerra

Findas as leituras habituais, o sr. Cancela de Abreu requer para, em negocio urgente, interrogar o Governo sobre a situação creada ao paiz com a falta de aprovação do orçamento geral do Estado dentro do praso legal. Regeita-se, em prova e contra-prova.

* * *

Seguidamente o sr. Abilio Marçal requer, aprovando(se), que, com prejuizo de todos os outros assuntos se reate a discussão do orçamento do Ministerio da Guerra.

Então, o sr. ministro da Guerra, que na ultima sessão ficára com a palavra reservada, responde aos oradores que analisaram o documento em questão e declara que não pode aceitar a proposta Pinto da Fonseca.

* * *

O sr. Antonio Maia envia para a mesa e defende uma moção no sentido de que com o orçamento, se discuta o projecto do sr. Torres Garcia.

Aproveitando o uso da palavra o sr. Antonio Maia pergunta ao sr. ministro da Guerra, que lhe responde negativamente, se os aviões de terra estão proibidos de voar sobre o mar. Depois o orador afirma que o plano da viagem de circumnavegação feito por Sacadura Cabral está errado.

* * *

O sr. Pinto da Fonseca apresenta uma proposta, em seguida ao que o sr. Vicente Ferreira examina detidamente o parecer elaborado sobre o orçamento da Guerra.

No Senado

Continua em discussão a proposta de melhoria de vencimentos ao funcionalismo

A sessão reabriu ás 15 e 15, sob a presidencia do sr. Correia Barreto. Continua a discussão do projecto de melhoria de vencimentos ao funcionalismo, prosseguindo o debate sobre o artigo 6.º, que trata do subsidio aos parlamentares, pronunciando-se sobre eles os srs. Herculano Galhardo, Aragão e Brito, Oriol Pena, Costa Junior, Augusto Vasconcelos, Lima Alves, Ferreira Simas, Paes Gomes, Procopio de Freitas, Francisco José Pereira e Medeiros Franco. Depois de varias emendas apresentadas, e as gerais recolheram á comissão de finanças, foi finalmente aprovado.

Seguidamente são aprovados, sem discussão, os artigos 7.º, 8.º, 9.º e 10.º, iniciando-se a discussão sobre o artigo 11.º.

NO RUHR

Os aliados apoderam-se de mais uma mina de carvão

DUSSELDORF, 1 — Os aliados tomaram posse da mina Frederico o Grande e apreenderam duas locomotivas. Os stoks de carvão são muito importantes. — H.

A febre dos trespasses

O antigo Salão Diniz, de chapeus para senhoras, na rua Augusta, que ha cerca de um ano foi trespassado por 100 contos para uma leitaria chic acaba de ser novamente trespassado, desta vez por 290 contos para uma sapataria. Ao que consta o senhorio recebe 47 contos, ficando a renda em 350 escudos mensais.

* * *

Tambem na rua Augusta 141, foi trespassado o 2.º andar por 45 contos e no 149 da mesma rua, onde existia um caldeireiro, vai ser instalada uma outra sapataria. O trespasse foi de 100 contos.

* * *

A Agencia Havas deixa tambem a sua instalação da rua do Ouro, para alargamento das dependencias da casa Pinto & Sotto Mayor, transferindo a sua séde para o predio da rua de S. Julião, em que estava a cervejaria Jansen.

As obras de adaptação do predio já começaram, ao que parece, por conta da casa Pinto & Sotto Mayor.

UM BALANÇO

Os atentados dinamitistas

De 1 de Janeiro a 10 de Maio: 45 bombas, 4 mortos, 18 feridos

...e o mais que nos disse um funcionario da P. S. E.

Raro é o dia em que a cidade não é alarmada pelo estampido de uma bomba, que rebenta á porta de uma loja de barbeiro, ou no portal de uma oficina, como que a pretender fazer vingar quaesquer reclamações operarias.

Ultimamente a classe que mais se serviu da bomba, foi a dos barbeiros, que, na impossibilidade de, por outra fórma, fazer triunfar as suas reclamações de aumento de salario e descanço dominical, as fez explodir junto de grande numero de barbearias, conseguindo assim intimidar os industriais de barbearia, que, por fim, os atenderam.

Para averiguarmos do numero de atentados realisados em Lisboa, no primeiro semestre do corrente ano, procuramos um funcionario da P. S. E. que nos disse:

— A cada momento se dão atentados dinamitistas em Lisboa, sem que a policia consiga prender os seus autores. O publico acostumado já a ouvir de vez em quando o estrondo de uma bomba, pouca importancia liga a estes factos... E' certo que os transeuntes são sempre os atingidos pelos atentados! São pacificos cidadãos que vão para os seus trabalhos, crianças ou senhoras as victimas dessas criaturas, que são indignos de pertencer á especie humana...

— Quantos atentados se deram este ano em Lisboa?

— De 1 de janeiro a 10 de maio 45 explosões, deixando 4 mortos e 18 feridos. Tudo pessoas alheias ás chamadas luctas sociaes!

— Conseguiram averiguar a natureza dos explosivos?

— As bombas empregadas são, geralmente, de rastilho.

— E prisões...

— As bombas de ratsilho dão sempre tempo a que os criminosos se evadam.

— Que providencias adóta a policia para pôr termo ao ambiente de terror que os atentados tem criado?

— Os bombistas escolhem geralmente os locaes menos policiados para executarem as suas façanhas, e o publico desinteressa-se destas coisas... Seria bom que o povo, a unica victima dos atentados, fizesse tambem policia por sua conta, prendendo e indicando ás autoridades os autores de taes proezas.

— Os atentados são praticados por...

— E' dificil saber quem são os seus autores. Mas pelos indicios que sempre ficam, vê-se que são executados por sindicalistas tresloucados, que julgar poder, com semilhantes crimes, fazer vingar a sua ideia.

Continuando a seguir o seu pensamento, o interlocutor acrescentou:

— Mau processo este! As classes operarias, dentro da Republica, podem fazer vingar as suas pretensões. Têm o direito á gréve, a liberdade de reunião e de associação... Desde que actuem dentro da lei, muito mais podem conseguir. Uma reclamação feita e imposta á bomba é que nunca pode ser bem aceite pelo publico.

Uma outra interrupção suspende as considerações do nosso interlocutor. Depois:

— Reconheço que a classe operaria tem direitos a adquirir, mas tambem tem deveres a cumprir e não é com bombas que as ideias triunfam.

— Pode o Governo ou a policia pôr termo aos atentados?

— Pode. Para isso, é preciso, como lhe disse, o auxilio do publico, a unica victima dos atentados. Os bombistas terminarão no dia em que cada cidadão se dispuzer a defender a todo o transe a sua vida e a de sua familia, tornando-se um vigia constante dos inimigos da sociedade.

GREVES

A dos pescadores

Apesar dos esforços empregados pelo sr. Comissario dos Abastecimentos, ainda não foi possivel encontrar-se uma solução para a greve dos pescadores, devido á intransigencia de grevistas e armadores. Para o mar seguiram hoje mais alguns barcos de pesca, com tripulação extranha aos serviços.

No mercado não apareceu nenhum peixe grosso á venda, motivo porque as ovarinas vendiam a sardinha a 1$50 e 1$80 a duzia.

A dos operarios tecelões

Os operarios tecelões das fabricas do Campo Pequeno e Dafundo retomaram hoje o trabalho devido a terem chegado a um acordo com os industriais apoz algumas diligencias dos delegados de U. S. O.

Alexandre de Azevedo e José Soares

Tiveram a amabilidade de vir despedir-se ao nosso jornal, o distincto actor Alexandre de Azevedo e o seu colega José Soares, que hoje seguem para o Porto.

A's 18 horas

Largou hoje do Funchal para Lisboa o cruzador «Republica».

Vindo do Norte, chegou hoje ao Tejo o destroyer «Vouga».

Ao que parece o sr. ministro das Colonias não sancionará as propostas do governador geral da India para a criação de logares nos serviços publicos da provincia.

O vapor de guerra «Raul Cascaes» vai ser entregue aos Caminhos de Ferro do Estado, para serviço do Sul e Sueste.

Já se sabe quem é o individuo que um carro electrico matou ontem no Aterro e foi removido para a Morgue como desconhecido. Trata-se de Joaquim Martins Victoria, viuvo de 46 anos, continuo do quadro especial do ministerio da Agricultura, que residia na rua de S. Nicolau, 58, 2.º

Estevão Santos

Partiu para o Brazil, o secretario particular do actor brasileiro Leopoldo Froes, sr. Estevam Santos.

Teve uma despedida muito afectuosa, comparecendo ao bota-fóra o actor José Ricardo, Sarmento Duque, D. José Paulo da Camara, tenente Rebugeis Alves, José Anselmo e Artur Cohen, representante da Empreza José Loureiro.

Concerto de Madame Marieta Fontana

Realisa-se no dia 5, pelas 21 horas no salão do Conservatorio, a audição dos alunos da sr.ª D. Marietta Fontana estando já elaborado o programa onde figuram nomes dos mais insignes maestros estrangeiros e nacionaes.

A tarde politica

O grande acontecimento politico desta semana deve ser a interpelação do sr. Cunha Leal sobre a politica geral do Governo.

Presume-se que a atitude do fogoso parlamentar cause sensação. Uma coisa podemos afirmar com segurança — o partido nacionalista inicia assim uma forte oposição ao Governo.

Um dos deputados desse partido dizia-nos hoje:

— A nossa posição na Camara quasi se confunde na maioria. Temos de provar com energia que sabemos honrar a nossa função fiscalisadora. Precisamos mostrar ao Governo e á sua maioria que não consentiremos na continuação da desastrosa politica que se tem seguido.

Vai, pois, animar-se a vida parlamentar, ha tanto tempo despida de interesse.

* * *

O deputado sr. Cancela de Abreu mandou para a mesa uma nota de interpelação ao sr. ministro do Interior sobre a prisão do ex-coronel sr. João de Almeida, ontem restituido á liberdade.

A proposito vem dizer que o sr. João de Almeida, de regresso da Guarda, onde foi visitar uma pessoa de familia gravemente enferma, vai exigir explicações ao sr. Antonio Maria da Silva sobre as palavras que o chefe do Governo proferiu no Senado, as quais o sr. João de Almeida julga afrontosas da sua honra.

* * *

Deve ficar hoje aprovado o orçamento geral do Estado. Entre os politicos ainda se comentava malhumoradamente, esta tarde, o facto de se não ter feito essa aprovação nos termos legais, com o que se provocou uma grave situação ao país.

E' certo que o Governo não teve de realizar pagamentos, mas poderia acontecer-lhe qualquer coisa muito desagradavel com os bilhetes do Tesouro...

O deputado sr. Antonio Maia mandou para a mesa a seguinte moção:

«Atendendo a que é absolutamente necessario evitar que se votem a dar novos aumentos de quadros e consequentemente novas despesas, como as que resultam da não anulação pura e simples da lei 1.239 e considerando que, a não discussão do projecto de lei da autoria do deputado sr. Torres Garcia, no qual se preconisa a organisação pura e simples de 1911, nos vai arrastar áquelas consequencias, a Camara dos Deputados resolve exprimir o desejo que promoção alguma se faça antes da discussão do citado projecto e continua na ordem do dia.

A sessão prossegue.

D. Maria Vicencia de Lima Rosa

Rodeada de todos os carinhos que lhe foram dispensados durante o periodo da doença, faleceu, esta manhã, a sr.ª D. Maria Vicencia de Lima Rosa, extremosissima tia do sr. Frederico Augusto de Lima Carvalho, funcionario superior da Junta do Credito Publico.

Exportação de palha

Uma comissão delegada do Sindicato de Beja, composta dos srs. Joaquim Lança e Amandio Rajado pediu ao ministro da Agricultura que autorisasse a exportação da palha enfardada, visto haver grandes stoks do ano findo e a colheita actual ser abundante.

DEPOIS DA GUERRA

No julgamento do caso Judet

O que se passou na primeira audiencia

O conselheiro Gilbert, que preside ao tribunal, declarou a audiencia aberta ás 12 horas e 25. Cinco minutos depois, entra na sala Ernest Judet, ladeado de dois gendarmes, e troca breves palavras com o seu advogado. E logo o presidente começa a preguntar a identidade do acusado: Ernest Marcel Judet, nascido em 11 de Julho de 1851, em Anvers, jornalista.

Os jurados prestam juramento segundo a velha formula «perante Deus e perante os homens» e logo o escrivão passa a ler a acta de acusação, que Judet escuta atento.

* * *

Faz-se a chamada das testemunhas e aos olhos do publico desfilam: o general Marchand, o general Pau, o general Lacroix, o almirante Degony, René Quinton, Philipe Crosier, Noblemaire, um principe turco, etc. Faltam bastantes testemunhas, que declaram por escrito comparecer na proxima audiencia: Loubet, Cambon, Poinlevé, Albert Thomas, etc.

O presidente:

— Tem, sr Judet, alguma declaração a fazer sobre o que acabo de expor?

O reu:

— Tenho e julgo-a muito importante.

Então, frente aos jurados, Judet começou a ler em voz forte um grande «papel», cujas passagens essenciais são:

— Senhores jurados, permiti que, em primeiro lugar vos exprima a satisfação profunda que sinto em comparecer na vossa presença. Pela primeira vez será dado explicar-me, num debate leal, contra imputações absurdas e infames.

«Fui á Suissa. Fui ali servir o meu país. Tinha para isso força; tinha para isso os meios necessarios.

...Pensei apenas na minha honra, que é para mim mais do que a vida e que coloco acima de tudo. Procurarei sem desfalecimento luctar até ao fim pela verdade.

Dizem, dizem que eu sei muitas coisas, que farei escandalo. E' exacto que sei bastantes coisas. Tive amigos ilustres, fui o confidente das mais altas personalidades do Estado. Mas que se tranquilizem, não procuro o escandalo e, a menos que me não forcem a isso, saberei conter-me, saberei calar.

E diz que durante toda a sua vida não tem deixado de ser alvo de calunias.

— E os jornais continuam. Ahd Gosto mais das acusações de Léon Daudet do que as dos outros. Pelo menos, é franco, êsse que todos os dias pede a minha cabeça!

«Senhores jurados, tenho esperança na vossa serenidade, na vossa justiça».

* * *

Antes de se sentar, Judet dirige-se ao tribunal e á imprensa — «que, diz, me conhece e sabe quem sou».

O interrogatorio propriamente dito começa então.

O presidente lembra o passado do inculpado, a sua entrada na Escola Normal Superior, onde foi condiscipulo de Lemaître; a sua carreira jornalistica, as campanhas do «National», da «France», do «Intransigeant», da «Nouvelle Presse», do «Petit Journal» e do «Eclair».

Judet responde com clareza, quasi com volubilidade, referindo-se aos mais pequenos detalhes e refutando os erros do presidente. Dai esta réplica:

— Ter-vos-ia sido facil evitar êsses pequenos erros, não vos recusando a responder á instrução.

Falando da politica religiosa, afirma com certo orgulho:

— Havia em Roma um Papa que desejava facilitar as relações da Santa Sé com a Republica. Fui a Roma. Avistei-me com Leão XIII, que me recebeu de um modo verdadeiramente extraordinario. E foi porque me não quiz ligar aos partidos de destruição que atrai sobre mim odios terriveis, daqueles que não perdôam.

Chega-se ao periodo em que o redactor chefe do «Petit Journal» passa á direcção do «Eclair». Ao presidente, que lhe diz que modificara então os habitos da sua vida, declara com gestos violentos:

— Protesto. E' uma mentira. Vivi então, ao contrario, menos luxuosamente.

— Mas tinha um automovel, um porteiro, um criado, um «chauffeur» e quatro criadas...

— Isso é um exagero! E' falso! E' falso! O meu automovel, que me era necessario, foi-me oferecido pelo jornal. Não sabem como eu trabalhava? Deitava-me ás 3 horas da madrugada. Levantava-me cedo. Trabalhava sempre. Eu escrevi setenta e sete volumes em 4.º! E não ha ali um êrro! Desafio quem quizer a demonstrá-lo! Jantava com 2 fr. 50 ou 3 francos! Vivia com 150 francos por mês!

Suspensa e depois reaberta a audiencia, o presidente evoca as suas relações com o pintor suisso Boissard e constata que êste individuo, quasi sem recursos em 1914, se tornou muitas vezes milionario sem trabalhar.

— Como conheceu Boissard?

— Encontrei-o em casa da condessa de Loynes, onde ia, comquanto tivesse sempre horror aos salões e fosse taxado de selvagem.

E disse que a simpatia de ambos pelo sistema politico da Suissa os ligava.

Assim terminou a primeira audiencia.

A provincia na "CAPITAL"

CEIA, 1 — Pairou ontem sobre esta vila uma medonha trovoada, que não causou prejuizos. Na Ermida da Senhora do Desterro realisou-se a festa anual de S. Pedro tendo afluido ali milhares de forasteiros. Chega no dia 8 deste mez o novo parocho desta vila. E' esperado anciosamente. O ano agricola corre magnifico.

Teatros - Musica - Cinemas

Primeiras e reposições

EDEN TEATRO — «Caldo Verde» — *Revista de Barbosa Junior e Silva Tavares*

Ontem, deu se no Eden, a primeira em Lisboa, da revista «Caldo Verde». E', como tantas outras uma revista sem originalidade de maior, com os eternos motivos do costume e mais duzia de pernas frescas de coristas—por ventura ainda a unica nota sempre inedita...

Guarda roupa sem gosto e scenarios os do costume. Tudo no entanto decentesinho mas sem avançar nada sobre o já feito. Elenco fraco. Alvaro Pereira peor do que noutros papeis, Adelina Fernandes a mesma, tudo o mesmo, o mesmo, o mesmo.

Alem de uns dois ou tres numeros bem versejados, pouco, mesmo com boa vontade, se aproveita da nova produção do distincto poeta Silva Tavares e do revisteiro, creio que consagrado em obras anteriores, Barbosa Junior.

Sobretudo a crise de originalidade é lamentavel.

O HOMEM QUE PASSA.

P. S. — Seja-nos licito protestar contra a intervenção do sr. Governador Civil no espectaculo. Em primeiro logar, a autoridade suprema da capital e dum distrito não vem para um teatro popular de revista, não tem lá nada que fazer. E' preciso que a sua figura se poupe e se prestigie.

Em 2.º logar a sua intervenção foi injusta.

O HOMEM QUE PASSA.

Noticiario

Portugal

Já foi aberto o tunel que fará comunicar a rua do Mundo com o vasto restaurante de que vai ser provido o novo teatro do Ginasio, cuja construção continua com a maior actividade.

—Desligou-se da Companhia do Eden a actriz cantora Justina de Magalhães.

—A apresentação da Companhia Otelo de Carvalho que fará a temporada de inverno no teatro Apolo, realisa-se a 15 de setembro.

Informações do dia

Foi acolhida com geral agrado a nova revista «Caldo Verde» ontem representada no Eden. E' graciosa, animada, tem numeros felicissimos, musica muito bonita e apropriada, está brilhantemente apresentada e tem um excelente conjunto de desempenho. E' peça para fazer longa carreira, em vista de possuir todos os requisitos para atrahir o publico, que já ontem a aplaudiu entusiasticamente.

—Está a despedir-se em S. Carlos, a famosa peça «Magdas», em que Lucilia Simões tem uma das suas mais brilhantes e admiraveis creações. Hoje ainda se repete a encantadora peça, em cujo desempenho se salienta o actor Erico Braga.

—Continuam decorrendo com a mais esfusiante alegria os espectaculos do Nacional, com a «Viuva Gomes», peça em que Joaquim Costa e Alegrim são impagaveis, fazendo rir o publico sem descanço, e acompanhando-os esplendidamente, nessa grata missão, Maria Pia Irene Grave; Ema d'Oliveira, Jorge Grave, Joaquim d'Oliveira e mais artistas.

CINEMAS

«O castelo de chocolate».—Rosy-Film.

O film é realmente um castelo de chocolate, ou por outro, é um castelo de reclame para uma fabrica de chocolate. E' uma comedia em dois actos, com intenção norte-americana.

Estamos convencidos que a comedia burlesca, a comedia com exuberancias de «trucage» e exibições ginasticas é de todos os generos, o mais dificil de executar e se Portugal o conseguir manter, terá assegurado uma vitoria. Mas é tão dificil. E' tão dificil, sobretudo pensa-lo; realisa-lo na sua coerencia!

Os primeiros trabalhos deste genero foram os do «Pathés» ha 25 anos. Vieram a seguir os italianos, com Polidor e outros; e por fim os inglezes, da casa Hepworth. Estavam bem. Eram cambalhotas, correrias, sustos, montões de gente a rebolar—e no fim estava tudo certo. Mas vieram os americanos e os filmes comicos elevaram-se a um terreno altissimo de imaginação. No fundo as peliculas da «Triangle», «Keystones», «Sunshine», «Mak Sennett», etc. não teem pés nem cabeça, mas não se projectam uma vez dentro destas peliculas sem que dentro haja um efeito, uma observação, uma casa cheia de fantasia e de graça. Exemplificando; percorra-se com imaginação todos os filmes do genero, desde o saudo Charlot, até ao recem chegado Buch Wild e veja-se se eles se contentam em dar cambalhotas; se em cada uma das suas scenas não foi necessario empregar um esforço muito maior, do que se emprega para produzir uma «vaudeville», uma comedia ou mesmo um drama de arte.

Já se vê que, não era possivel por forma alguma exigir da produção nacional, logo na sua primeira experiencia uma superioridade de recursos ou mesmo uma egualdade de valores com os americanos. O que desejamos é aclarar francamente quais são as dificuldades a vencer neste caso. Se os heroes do «Castelo de Chocolate» contam com o tempo e já sabem em que mar estão navegando e sentem uma força em tornar a experiencia de hoje numa realidade de amanhã. Devem continuar. Seria uma covardia não continuar. Em todo o caso não esquecer que todos os paizes produtores do mundo paralisaram a edição de films comicos burlescos, logo que os americanos a encetaram.

«O Castelo de Chocolate» tem graça; é movido e os seus interpretes são maleaveis e bem dispostos para estudos... Podem ser um dia um «stars» do genero. A «mise-en scene» de Artur Duarte, artista da «Fortuna Filme» que já elogiámos trabalhou com inteligencia. A fotografia clara mas muito lenta, tirando toda a vantagem indispensavel ás scenas movimentadas.

O unico defeito geral do filme é a pouca imaginação da «trucage» que é a base dos bons films daquele estilo.

Noticiario

A Ibéria Films, Limitada, do Porto que ha pouco produziu «Os Lobos», film que tem tido um belo sucesso de venda, vai começar dentro de dias a filmagem dum argumento comico em duas partes, original de João Fonseca e Reinaldo Ferreira com o sugestivo titulo de «O Conto do Vigario». A filmagem far-se-ha sob a direcção artistica de Rino Lupo com o concurso dos principaes elementos artisticos de interpretação de «Os Lobos».

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes».
S. CARLOS—A's 9,15—«Magdas».
AVENIDA—A's 9—«Fora viver feliz».
POLITEAMA—A's 9—«O Lodo».
APOLO—A's 9,15—«Má sina».
EDEN—A's 8,45 e 10,45—«Caldo Verde».
GIL VICENTE—A's 9—«Florys».

Animatografos

SALAO CENTRAL—«A Carta Fatal» e «Fóra da lei».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Vae dirigir um manifesto ao Paiz

Na sua reunião de sabado o Directorio do P. R. Radical com a Junta Consultiva resolveram:

1.º — Tornar publico que o P. R. Radical, pelas resoluções do seu primeiro congresso e pela apresentação ao sr. Presidente da Republica, é um partido Constitucional, com programa definido de reformas, não intervindo por nenhum dos seus organismos, em movimentos revolucionarios, que nesta altura só poderão ser vantajosos para o actual Governo;

2.º — Repudiar com toda a energia, qualquer colaboração com inimigos da Republica, cuja intervenção na vida politica, considera uma das rasões do insucesso de certas reformas democraticas;

3.º — Publicar um manifesto ao paiz, expondo os pontos de vista do partido sobre as questões:

a) do inquilinato em que é necessario garantir os direitos dos inquilinos, sem ofensa aos legitimos direitos da propriedade;

b) do contracto dos tabacos, que não pode ser reformado de animo leve, devendo chamar-se á responsabilidade as entidades que não têm assegurado os interesses do Estado;

c) dos Transportes Maritimos, que não devem ser liquidados, pela forma como se tem exposto no Parlamento, onde se têm defendido apenas as aspirações de Companhias poderosas, finalmente,

d) sobre o emprestimo ultimamente lançado que não corresponde ás necessidades da economia nacional.

4.º — Apoiar a ação parlamentar do sr. Procopio de Freitas, felicitando-o pela fórma como, defendendo a honra do exercito, tratou da questão moral relativa ao general sr. Sousa Rosa.

Centro Radical de Lisboa

Na sua reunião de sabado, a direcção deste Centro, conjuntamente com a comissão a ela agregada para levar a efeito a inauguração oficial do Centro Republicano Radical de Lisboa, resolveu que a referida inauguração se leve a efeito no proximo domingo 22, com a maxima solenidade.

Haverá um bodo a pobres da freguesia da Graça, freguesia onde se acha instalada a séde do Centro, e uma sessão solene para inauguração do retrato do prestigioso republicano dr. Julio Martins, em que a convite da comissão usará da palavra o dr. Manoel José da Silva, dedicado amigo do homenageado e os melhores oradores do partido e ainda outras demonstrações festivas.

Jovens Lusitanos

Realisa-se no dia 5 ás 9 e 30, a assembleia geral daquele Grémio para a eleição dos novos corpos gerentes. Nesta reunião será apresentada oficialmente uma lista composta de nomes bem conhecidos entre a mocidade republicana. Entre eles citamos: srs. drs. Nobrega Quental e Barbosa Soeiro, Leonel Ferro Alves, presidente do Centro Republicano Academico, Pinto Carneiro e Freitas Ribeiro, estudantes, Joaquim Domingues, Eduardo de Sousa, Virgilio Marques, Alfredo Ferreira, etc.

VIDA SPORTIVA

Atletico Club dos Caixeiros de Lisboa

Com este titulo acaba de organisar-se a dentro da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, na Rua Antonio Maria Cardoso, um agrupamento desportivo com o fim de propagar e defender os ramos de desporto reconhecidamente uteis ao desenvolvimento fisico.

A comissão organisadora pensa inaugurar festivamente a sua séde para o que está estudando a capricho um atraente programa. Desde já se encontram á disposição dos socios, o terraço para exercicios ao ar livre, sala de bilhar e outros divertimentos, bem como assim a bibliotheca.

No dia 1 de julho será aberta na secretaria deste club a inscrição para a constituição das primeiras e segundas categorias e de um team infantil.

Do estrangeiro

Automobilismo

O GRAND PRIX DO TURISMO FOI GANHO POR BAILLOT

TOURS, 1 — Realisou-se hoje nesta cidade o Grand Prix de turismo, cujo percurso era de 502,500 quilometros. O primeiro a chegar foi Baillot em 5 horas, 2 minutos e 51 segundos. Em segundo logar chegou Alfred Morillon e em terceiro Eugéne Morillon. Para carruagens ligeiras o percurso era de 388,110 quilometros e em primeiro logar chegou Caballlot, que gastou 5 horas, 40 minutos e 50 segundos, depois Buteau e em terceiro logar Bouvrot. — H.

O GRAND PRIX AUTOMOVEL FOI GANHO POR LAHMS

TOURS, 1 — Realisou-se hoje o Grand Prix automovel, sendo os concorrentes em numero de 23 em «voiturettes» e 296 quilometros a percorrer. O primeiro a chegar foi Lahms, que gastou 3 horas, 41 minutos, 17 segundos e 4/5, percorrendo em média 80 quilometros por hora. O segundo foi Bocchi e o terceiro Desvaux. — H.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

12.ª tourada—Empresario, Bernardino D. Ribeiro—Curro, estreia prometedora da ganaderia Mendonça & Gonçalves de Vila Franca que apresentou 8 touros sem tipo, sem casta, mansos e feios. Casa muito fraca. Tarde quente e abafada.

Rompe a praça um aturinos grande que cumpriu mais ou menos. Nuno da Costa espera o touro á gaiola e sem o ver espeta lhe um ferro na mão, a seguir citando um curto mas de garupa para dentro deixa 4 ferros compridos e um curto sem colhida do cavalo.

2.º listão, manso (embolado á espanhola). Bombita IV o trabalhador e bom bandarilheiro. De capote e muleta nada percebe. Dá umas veronicas sem valor e a seguir prende 4 pares bons sendo o segundo, o resgo por dentro. Aplaudido.

3.º berrendo em claro manso. D. João de Mascarenhas, mais triste do que costume; cita em curto e de caras e deixa 2 ferros bons. Mais não pondo fazer porque o touro não acudia.

Raposo muito movimentado da umas veronicas aguniares e prepara o touro para a pega de caras que saiu rija por Matias Leiteiro que ficou sem barrete e sem sapatos. Palmas.

4.º listão, feio, manso perdido, embolado á espanhola).

Bombita veroniqueia, prende 4 pares bons e aplaudidos. Com a muleta nada fez, mas foi aplaudido. Porquê?

5.º berrendo em negro, grande. Malagueno aos quites esteve bem. D. João varia a lide, cita de caras e terrenos cambiados, mas o touro não acudia. Deixa 4 compridos, sendo dois á tira bons e um curto á meia garupa.

6.º negro, cornea curta, pequeno manso e feio, Joselito Cardenas recomendado pelo nosso simpatico Pépe, não consegue agradar pois mostra poucos conhecimos da sua arte. Que nos perdoe o amigo Pepe! Veroniqueia sem valor e com bandarilhas deixa 3 pares qual deles o pior. Pitos, Tiofilo Guerra 2 bons pais Pitos. Estaremos em Algés? Com a muleta Cardenas esteve cerca valente mas sem arte.

7.º berrendo em negro, pequeno, feio, manso perdido. Rufino deligenceia tirar partido e depois de algum trabalho consegue prender 2 ferros sendo um na mão e outro á garupa com toque na montada. Raposo poz 1 par. Por não haver quem abrisse um capote ao touro perdeu se uma pega de caras. Pegado á volta por Carraça e outro que saiu rija e de efeito.

8.º cardeno, pequeno, feio. Frois e Antonio da Cruz cedem os ferros a Bombita e aproveita a mansidão do touro com 3 pares e meio aplaudido. Pega á volta boa. A tourada muito longe de agradar teve dois contras importantissimos: a de 4.ª feira que foi um mimo de arte e a pessima qualidade do gado de ontem. Direção da corrida a cargo de D. José de Mascarenhas, boa, como sempre, mas poupando os forcados.

Até Domingo com beneficio de José Casimiro cujo cartel é muito bom.

EL TERNO

O preço dos bilhetes

Sr. Redactor: Peço a v. a grande fineza de, por intermedio do seu jornal pedir para que sejam retiradas dos cartazes das touradas do Campo Pequeno, as seguintes palavras:

«Locação em todos os logares 20 %»

Porque se não diz na tabela afixada nos referidos cartazes o preço total da localidade?

Compreende-se, não é verdade? E' justo porem que se acabe com este «truc» já tão estafado!

Desculpe, sr. Redactor o desabafo sincero dum oficionado e assiduo leitor do seu jornal, Jaime Augusto Neto.

Club dos Caçadores Portugueses

Assembleia Geral Ordinaria

Em nome do Ex.mo Sr. Presidente, convoco a Assembleia Geral a reunir ordinariamente no dia 10 de Julho proximo, pelas 19 horas, sendo a ordem dos trabalhos: Apreciação do Relatorio e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal e eleição dos novos Corpos Gerentes.

Nos termos do disposto nos Estatutos, se á hora marcada não houver presente o numero de socios necessario para a Assembleia poder funcionar legalmente, reunirá a mesma duas horas depois, com qualquer numero de socios.

Club dos Caçadores Portuguezes, em 29 de Junho de 1923.

O Vice Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

(a) Constantino Xavier de Carvalho

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4420-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Terça-feira, 3 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

LONDRES, 3. — Nos meios auctorisados desmentem-se as noticias que tem corrido de que o governo inglez estaria determinado a pôr um termo imediato ás conversações com a França e a aceitar sómente uma resposta escrita á nota ingleza.—(H.)

A DESCIDA DO SINAI

O que fará o Presidente depois de deixar de o ser

E' preciso crear-se na Republica uma força orientadora

Que não abundam em Portugal os homens de prestigio politico vimo-lo já e todos o sabem.

Falta vermos então se do que hoje disfruta o actual Presidente da Republica pode esta dispensar-se sem prejuizo.

A Embaixada no Brasil é, sem duvida, um posto que a todos quantos o ocupem honra de facto. Por outro lado, o actual Presidente merece bem toda a maior distinção.

Sem duvida, Antonio José de Almeida seria um admiravel Embaixador de Portugal no Rio do Janeiro.

Mas a propria semelhança de povos, a mesma amisade que os liga, a comunidade de origens e de psicologias, concorrem para que o posto de Embaixador no Brasil não seja dos mais dificeis e de maior responsabilidade na Diplomacia Portuguesa.

Mais dificil, de maiores responsabilidades, requerendo mais fortes qualidades de «diplomata» é, por exemplo, a Legação na Inglaterra; é-o tambem a Legação na França e, até — se olhos houvesse para ver claro — mais dificil, de mais complexos requisitos seria a Legação de Madrid.

Não se me antolha, portanto, a Embaixada no Brasil campo que necessite tão grande valor politico, embora seja, como de direito, o posto mais altamente categorisado da Carreira.

A Embaixada ficaria perfeitamente ocupada, a Colonia portuguesa superiormente chefiada, o Brasil devidamente homenageado, mas a vida politica da Republica perderia gravemente com o afastamento da acção dêsse homem que a todos os respeitos lhe é necessario.

Eis claramente posto o aspecto da questão.

Que a saude do Presidente sofreria da sua volta á acção politica — aí está uma objecção de vulto. Nada impede, todavia, que S. Ex.ª repouse de seus arduos trabalhos, ao sair do Palacio de Belem.

Todos os portugueses, estou certo, fazem os mais ardentes votos pelo restabelecimento de Antonio José de Almeida, sem o qual, de resto, a sua permanencia na politica não resultaria para a vida da Nação.

O que importa é que não se afaste da vida activa da politica.

Em que situação, porém, deverá êle continuar a exercer essa sua actividade?

Como chefe de um partido?

Ha quem se lembre de o imaginar á frente de um partido moderado, como o Partido Nacionalista.

Creio que isso não seria provoitoso para ninguem e em nada para a Republica.

Melhor avisados andariam, então, os que vagamente sonham vê-lo chefiando um forte Partido Radical intrinsecamente republicano, sem misturas de convertidos, guarda fiel dos principios da pura Democracia.

E digo que andariam melhor avisados êstes ultimos porque mais se aproximariam da mais *razoavel hipotese partidaria* posta depois da Proclamação.

Na realidade, a politica republicana andou sempre errada. Nem nunca Antonio José de Almeida foi um conservador, na acepção politica do termo, nem Afonso Costa foi jamais um radical perfeito.

Deixemo-nos de uma vez para sempre de andar a mentir uns aos outros, quando todos nós vemos a evidencia das coisas.

Cada um enfiou uma pele de lobo e teve de sustentar o seu papel através dos tempos e das circunstancias.

E daí as multiplas situações ilogicas a que, desde 1910, temos assistido com surprezas sucessivas.

Escuso de citar factos para provar o que digo. Todos os conhecem, todos lhes apreendem o significado. A menos que não enxerguem um palmo adiante do nariz...

Deixemos, contudo, êste circumloquio e regressemos ao assunto primacial.

Qual, então, o lugar que na politica portuguesa deve ficar ocupando Antonio José de Almeida?

A posição segura e firme de orientador da opinião republicana.

Possivelmente, uma posição similar á que ocupa hoje, na França, a grande figura de Edmond Poincaré.

Ainda ha pouco êste marcou na Camara francesa o *meio-termo* do celebre e nunca assaz celebrado *bom-senso* francês.

E fê-lo como verdadeiro interprete da opinião republicana, demarcando, entre os extremistas da direita e os extremistas da esquerda, o verdadeiro campo da *acção republicana*.

Não é isto ficar no *centro das opiniões*, na significação vulgar da locução. E', antes, delimitar cuidadosamente o ponto desde o qual a Republica *pode consentir* e aquele até onde a Republica *pode chegar*.

Para reunir os sufragios de diversas modalidades num acôrdo sensato de finalidades claras, só Poincaré, com o prestigio que trouxe da sua Presidencia, seria bastante em França.

Entre nós é Antonio José de Almeida a quem compete êste papel.

Até agora, e desde a assinatura do Tratado de Versailles, ainda não se fez entre nós a politica das reparações, apesar de todas as variadissimas comissões e sub-comissões que periodicamente se reunem para a execução do Tratado de Paz.

Menos, muito menos se fez ainda a *politica de depois da guerra*.

Nem no campo economico.

Nem no campo militar.

Nem no campo naval.

Nem no campo social.

Tudo como dantes, quartel general... no Terreiro do Paço.

Falta a rima, mas é verdade.

Ora nós não podemos ficar eternamente a ver navios do Alto de Santa Catarina...

Essa atitude de basbaques traz, em geral, como resultado ficar-se sem a carteira e sem o relogio.

E' preciso agir! E para tal, é necessario um prestigio invulgar e seguro.

Estará destinado esse papel a Antonio José de Almeida, refeito que seja do cançasso natural de quatro anos de esforços violentos e de sacrificios continuos?...

Calculo que muito proveitoso seria para a Republica, se, porventura, assim fôsse.

Francisco da SILVA-PASSOS

Suicidio? Não!

A senhora alemã que apareceu morta sob as janelas do Francfort

As deduções dum Policia Amador

«Sr. director — Visto que v. tem tido a benevolencia de nos dar guarida no estimado jornal que tão superiormente dirige e, ainda porque o caso da senhora laemã tem despertado tão vivamente o interesse e a compaixão do publico, novamente lhe vimos bater á porta e desta vez, já sem sombras de duvida, de que a morte de Madame Isolda não póde atribuir-se a um suicidio.

Nós sabemos a responsabilidade que envolve esta negativa, devemos e podemos arcar com ela visto que comnosco está toda a gente sensata que reflecte por habito ou por necessidade e que se não acomoda facilmente com hipoteses de todo o ponto inverosimeis.

Assentamos primeiro em que, sem contestação, a referida senhora era muito formosa e tinha costumes duma honestidade acima de toda a suspeita e recapitulemos que as nossas considerações, aliás terra a terra, nos impediram, como aos que nos têm lido, de acreditar num suicidio.

Primeiro porque o grito estridente, formidavel que acordou todos os que dormiam no hotel, só poderia ter tido por origem o pavor mais caracterisado. Nenhum suicida grita, momentos antes de pôr termo á vida. Segundo, porque uma mulher bonita, elegante e honesta não se precipita duma janela em camisa e descomposta. Uma mulher que tem o habito de faser uma «toilette» cuidada para que a vejam ao jantar, não deixa de faser escrupulosas e especiaes reservas quando se resolve a ir para a Morgue.

Mas, postas com a maior das seguranças estas duas afirmativas, de outras tivemos nós conhecimento que confirmam, radicam e quasi demonstram as asserções nelas contidas e que delas se deduzem.

O interesse por esta questão, interesse de todo o ponto sentimental, levou-nos ao Franc Fort Hotel, a mim e a um amigo dedicado ao qual não precisei pedir esse favor, pois que a ele o comoveu tambem como a mim a misteriosa tragedia da senhora alemã.

Fomos pois ao hotel e procuramos o respectivo gerente que é um rapaz ainda imberbe e que nos disse muito mal do «policia amador» e do valor das suas conjecturas.

Concordamos absolutamente com o joven gerente que nos descreveu o «policia amador», muito do sue conhecimento, homem de cachimbo, com pretensões a Sherlok Holmes, mas um parvo chapado.

Novamente nos conformamos com a apreciaão tanto mais que, salvo o apendice do cachimbo, entre nós tres, eu o meu amigo e o gerente, havia um parvo maior da marca.

Enquanto mostravamos dois cartões de «reporters» para que nos informassem das minucias do desgraçado caso, apareceu o dono do hotel que fransiu exageradamente a testa ao saber que eram jornalistas que vinham tratar do assunto e, depois duns reparos do formidavel mau humor que lhe despertamos, resolveu-se a conduzir-nos ao quarto da infeliz senhora, devendo nós confessar que não foi sem uma carinhosa emoção que lá entramos.

O quarto é um rectagnulo de tres metros de largo por cinco de comprido, uma cama, um guarda vestidos, uma toilete, mesa de cabeceira e um pequeno tapete. Tudo no mais irrepreensivel aceio e tão posto por ordem que cousa alguma indicava que ali dentro se tivesse passado um drama lancinante, uma aflição pavorosa de que resultara a morte afrontosa duma bela creatura que a naturesa dotara com mais do que o preciso para a julgarem predestinada para a felicidade. Apareceu tambem uma criada que começava a esboçar minucias da triste ocorrencia mas que o dono do hotel, rispidamente mandou saír do quarto ás primeiras palavras que soltou.

Amanhã continuaremos a narrativa porque, apesar de ser enorme a anciedade de inumeras pessoas ás quaes temos ouvido comentar o infausto sucesso, não queremos abusar da bondade de v., roubando-lhe mais espaço.

Policia amador.»

O TRABALHO...

...é bom para o preto!

Não pode haver nem tantos feriados | **nem tantas tolerancias de :- -: ponto :- -:**

O QUE DIZ DO ASSUNTO o deputado sr. Adolfo Coutinho

José Fontana, quando morreu, teve quem quisesse perpetuar-lhe a memoria grata aos trabalhadores, na conhecida frase em que se aplaude o descanso impossivel de 7 dias na semana.

E, na verdade, de ha uns anos a esta parte que entre nós se vêm abusando da instituição feriado, porque, de facto, a proposito de tudo e por tudo se concerta um feriado, uma folgança qualquer se inventa. Ora isto, confessemos, não abona muito as nossas qualidades de trabalho, se bem que as tenhamos e bôas. Registamos o facto unicamente no proposito de abrir nota á margem sobre uma questão pendente no Parlamento e de levarmos o publico a medir um pouco, a meditar sobre os seus exageros e ridiculos.

Ainda mais curioso é o sistema irrisorio de apanha migalhas que leva, por exemplo, o funcionalismo publico, a aproveitar-se de todos os pretextos para folgar sempre, a ponto de, quando um feriado nacional recai num domingo, terem o dia seguinte para descanço!

Que se comemorem em parte assim as velhas tradições da raça, e o mesmo faça, quem o quizer, por sua conta e risco para os acontecimentos religiosos, está bem.

Neste ultimo aspecto muito bem encarou o Governo Provisorio da Republica o assunto, legislando repressivamente sobre feriados religiosos, mas em troca a instabilidade governamental e o mau senso economico e politico tambem não deixou de cometer bastantes *gaffes* legislando e inventando comemorações e folgas por concomitancia, um pouco *á la diable*, não ha duvida.

* * *

Sabiamos que o deputado sr. Adolfo Coutinho pretendia discutir no Parlamento esta ultima questão. E é ele quem nos diz:

— Ha já tempos, quem levantou a questão nos Deputados foi o sr. dr. Almeida Ribeiro, que explicou assim o caso:

«Dias depois de proclamada a Republica, o Governo Provisorio, reconhecendo quanto era nociva á economia nacional e ao regular expediente dos negocios publicos a multiplicidade de dias de folga, que já então mais uma vez voltara a prevalecer, suprimiu todos os feriados, estatuindo de novo apenas cinco para todo o territorio nacional, além de um anual em cada concelho, a designar pela respectiva municipalidade. E para que a intenção, meramente afectiva ou intensamente patriotica, dêsses cinco unicos feriados impressionasse mais vivamente a alma popular, o mesmo Governo determinou depois, por decreto com força de lei de 30 de dezembro dêsse ano, que, quando algum de tais feriados caisse ao domingo, o dia seguinte seria ainda de descanso em todos os tribunais, repartições, bolsas e escolas.»

— Mas hoje?...

— Não diga mais; hoje são tantos os feriados quantos os dias, e embora muitos tenham apenas um carater ocidental e local para concelhos, o facto é que com tal medida só temos a perder, porque os nossas dificuldades de caracter economico não se compadecem com tão repetidos descanços.

— E as tolerancias de ponto.

— Outro abuso, meu amigo; que urge remediar. Como sabe a maior parte das repartições publicas não chegam a abrir as suas portas em dia de tolerancia. Mas é preciso estabelecer que tal concessão apenas dispensa um ou outro funcionario de comparecer á hora determinada para abertura ou encerramento da repartição e que só por motivos atendiveis, como morte de pessoa de familia, desastre, etc., poderá ser concedida.

— Impõe-se a revogação?

— Impõe-se qualquer coisa que radicalmente nos cure deste mal.

E «voilá tout — leitor».

TEMA VELHO

A famosa questão dos T. M. E. e a opinião dos partidos

O que pensam os nacionalistas SEGUNDO o deputado sr. Carlos de Vasconcelos

A cedencia da frota do Estado em quaesquer circunstancias seria um importante problema da vida nacional. Avulta, porém, de importancia considerada como complemento dessa coisa monstruosa que foram os T. M. E. elemento de grave perturbação economica no paiz e clamoroso pretexto de desonra para além das fronteiras.

A França, onde o prestigio da justiça é inviolavel, em emergencias semelhantes e no na celebre questão do Panamá, e do Banco do Oriente, soube exigir aos responsaveis as devidas contas não hesitando em sacrificar com sanções graves, individualidades que tinham um nome glorioso.

Entre nós, os responsaveis por essa administração ruinosa em que manifestamente a incompetencia andou associada ao delito, passarão pelas largas malhas da rêde de cumplicidades, ficando apenas como vitima indefesa o paiz sacrificado a essa onda de imoralidade.

Mas ao menos que todos tenhamos o honrado proposito de resguardar de imprudencias o resto dessa riquesa ainda muito granda.

Nesse intuito temos ouvido alguns membros da comissão a quem cumbe estudar o assunto e dar sobre ele o seu parecer.

Damos hoje a palavra ao deputado sr. Carlos de Vasconcelos, que de certo modo rectifica ou pelo menos melhor esclarece o que aqui ha dias disse o deputado sr. Carlos Pereira.

Fala o nosso entrevistado:

— Quando os nacionalistas regressaram ao Congresso a questão dos transportes maritimos, dentro da Comissão do Comercio e Industria, era a seguinte: A maioria dessa comissão, aprovando a proposta do ministro nomeára o sr. Velhinho Correia para a relatar.

«Como se sabe, o ministro pedia nessa proposta autorisação ao Congresso para a adjudicação de dois terços da frota do Estado á Companhia Nacional de Navegação nas condiçoes da proposta da mesma empresa.

«O sr. Velhinho Correia conseguiu, em sucessivas «démarches», que a C. N. de Navegação aceitasse modificações que, de facto, representavam apreciavel melhoria para o Estado e para e o paiz.

«Na primeira reunião em que se fez representar a minoria nacionalista (que os restantes membros da comissão com a mais cativante gentilesa aguardaram para a solução definitiva do assunto) eu, não concordando com o principio das adjudicações sem concurso, opinei que se tomasse a proposta da C. N. de Navegação, com as modificações já introduzidas, como base para um novo concurso de praso curto, atendendo á urgencia de se liquidar essa desgraçada questão dos T. M. E., regeitando-se, portanto, a adjudicação pura e simples, tal era da indole da proposta do sr. ministro do Comercio.

— Como justificou a sua opinião?

— Baseei a minha afirmação em diferentes rasões e, entre elas, uma de justiça e moralidade: a de que, não obedecendo a proposta da C. N. de Navegação ás condições do concurso feito nos termos da legislação vigente, ela não podia ser aceite sem que fosse submetida a um novo concurso, pois podecia haver, e de facto ha, empresas que, com as modificações das clausulas primitivas, quizessem concorrer á adjudicação.

— E que resolveu a comissão?

— Regeitou por maioria a proposta do ministro, mas tambem regeitou o meu e outros alvitres apresentados.

«S. ex.ª o ministro, ao conhecer a minha proposta, que foi a da maioria nacionalista, aceitou-a imediatamente, pedindo aos membros da comissão que o acompanharam desde a primeira hora, que para solução rapida do assunto aprovassem o alvitre da minoria nacionalista.

— E a comissão insistiu ainda pela recusa do seu alvitre, depois dessa atitude do sr. ministro?

— Na segunda reunião, tendo-se retirado o sr. dr. Carlos Pereira, que violentamente atacou o sr. ministro, fazendo uma critica severa da fórma como se tem estabelecido os subsidios á C. N. de Navegação foi aprovado por unanimidade o principio de adjudicação por novo concurso, devendo o sr. Velhinho Correia apresentar um parecer sobre essa base, cabendo-lhe tambem o encargo de harmonisar os interesses do comercio colonial com uma outra proposta para a carreira do Brasil, feita pela Companhia Nacional de Comercio.

— E concordou inteiramente com as bases do novo parecer?

— Discordo de algumas e, entre elas, a da garantia de juro para as carreiras do Oriente, pois reputo preferivel a fixação de subsidios para que amanhã não surjam surpresas desagradaveis.

«De resto terei ocasião, na Camara, de justificar a minha atitude, que foi a de toda a minoria nacionalista na comissão, defendendo os meus pontos de vista acêrca das minudencias da questão, com que o limitado espaço de uma entrevista se não compadece.

DO VATICANO

A carta pontifical e as opiniões do cardial Dubois

PARIS, 3. — Respondendo á pergunta de um deputado catolico, o cardial Dubois, arcebispo de Paris, diz na sua carta que a carta pontifical foi mal interpretada. O papa atribui a ausencia da paz e da reconciliação á falta de boa vontade da Alemanha e proclama que a exigencia dos vencedores em obterem garantias é justa.

O cardial Dubois, abstendo-se de criticar esta operação, admite no entanto, a legitimidade do relatorio do deputado Eymond sobre o orçamento das despezas recuperaveis. Constata na sua carta que a França gastou por conta da Alemanha até 31 de Dezembro de 1922 as despezas recuperaveis, previstas no orçamento de 1923, que se elevam a 13 biliões e meio. Até ao fim de 1922 a França terá aplicado aos prejuizos que teve com a guerra 115 biliões e 255 milhões.—(H.)

Em torno duma ordem camararia

Os vendedores ambulantes

A Camara, como se disse, resolveu numa das suas ultimas sessões, não passar mais licenças para logares na via publica, e cassar as daquelas que já expiraram, principalmente na Baixa. Outra medida identica foi tomada: a que proibe á grande aluvião de vendedores ambulantes, que fazem paragem no Largo de S. Domingos, Terreiro do Paço e em volta da Praça da Figueira, o estacionamento e circulação dos carrinhos de mão, desde as 11 horas até ás 24.

Os vendedores teem protestado, em reuniões sucessivas, contra tal medida, tendo entregue ha dias ao presidente da comissão executiva da Camara uma representação, no sentido de tal deliberação não ser posta em pratica.

A representação foi hoje lida em sessão de Camara, a que assistiram todos os vendedores ambulantes, que aguardam, á hora a que escrevemos, a resolução da vereação.

«O PAIZ»

Publicou-se ante-ontem um numero extraordinario deste antigo jornal republicano, para garantia da propriedade do titulo, conforme preceitua a lei de imprensa

A replica da França á Inglaterra

O fim dos inglezes é preparar uma frente unica?

LONDRES, 3—Supõe-se, embora isso não esteja confirmado, que a replica francesa ao questionario inglez que foi enviado a Paris chegará ao ministerio dos negocios estrangeiros ainda esta semana. Noticias de Paris indicam a possibilidade da replica ser feita na forma dum Aide-Memoire.

O fim do governo britanico enviando aquele questionario á França foi preparar terreno para se reconstituir uma frente unica dos aliados, que replicaria ás novas propostas alemãs. Por outro lado a situação da Alemanha devido á ocupação da região do Ruhr causa grande ansiedade entre o publico inglez e todos os jornais significam a urgente necessidade de se acelerarem as negociações.

As ultimas conversações havidas entre o sr. Poincaré e lord Crewo revestiram um tom absolutamente amigavel.—(R.)

Os acontecimentos desta semana decidirão das relações dos dois paizes?

LONDRES, 3—A imprensa ingleza diz que as relações amigaveis entre a França e a Inglaterra estão dependentes dos acontecimentos desta semana e que nela o governo inglez se vai esforçar por chegar a resoluções decisivas.

Alguns jornais criticam a resolução da França de não permitir que conforme foi solicitado por lord Robert Cecil a questão do Sarre seja uma questão que possa ser publicamente discutida e tratada pela Sociedade das Nações.—(R.)

DA SUECIA

O principe herdeiro e o seu proximo casamento

LONDRES, 3.—A noticia do proximo casamento do principe herdeiro da Suecia com lady Luiza Mountbatten foi recebida com geral agrado. A noiva é segunda filha do marques de Nailfordhaven que era anteriormente conhecido sob o nome de principe Luis Mountbatten e é portanto primo em 2.º grau do rei Jorge. A irmã de lady Luisa está casada com o principe André da Grecia e o seu irmão mais novo casou o ano passado com miss Edwine Ashle que herdou uma grande fortuna do seu bisavô sir Ernest Cassel. Os jornais dizem que este casamento apertará os laços existentes entre a Casa Real Ingleza e a Casa Real Sueca e lembram que a primeira esposa do principe que faleceu em maio de 1920 era a princesa Margarida de Connaught. O Daily Telegraph diz que entre as duas Nações ha muitos laços de mutuo interesse no que diz respeito á politica naval, economica e financeira.—(R.)

A CRISE do comercio inglez e a situação politica da Inglaterra

LONDRES, 3.—Alguns jornais mostram que o comercio inglez atravessa uma grave crise, havendo uma descida constante dos preços de venda desde abril proximo passado. O «Times» diz que a situação comercial é tão obscura que os homens de negocio estão ansiosos para que se regularise a situação politica internacional sem o que não pode haver segurança nos negocios. E' necessario resolver o problema das reparações para que volte a confiança aos meios comerciais.—(R.)

A FRANÇA

nas regiões ocupadas

Uma parte das fabricas Krupp em poder das tropas

BERLIM, 3—As tropas francesas ocuparam agora os districtos de Schwerte, Westofen e Hagen.

Grande parte das fabricas Krupp incluindo as oficinas de fundição, de trabalhos electricos e de construção de locomotivas está ocupada pelos soldados franceses. Grande numero de operarios estão impedidos de trabalhar nas suas oficinas. Tambem os operarios de Francfort que residem nos territorios ocupados não podem ir trabalhar porque as autoridades francesas ordenaram a suspensão de todos os meios de comunicação.—(R.)

Uma bomba que rebenta e outra que é inutilisada

MOGUNCIA, 3—Foram encontradas duas bombas no tunel do caminho de ferro desta cidade. Uma rebentou causando prejuisos insignificantes. Outra foi inutilisada por um oficial de artilharia.—(R.)

LIVROS NOVOS

Eça, Fialho e Aquilino

O ilustre escritor Correia da Costa acaba de publicar em volume os seus estudos criticos sobre a personalidade literaria de Eça, Fialho e Aquilino. A este livro que está destinado a um justificado exito literário se referirá oportunamente o critico literario deste jornal.

Choque de combóios

30 mortos e 50 feridos

BUCAREST, 3—Houve um choque de comboios entre Bucarest e Jassy, resultando 30 mortos e 50 feridos.—(H.)

ULTIMA HORA

Nas Caldas da Rainha

A Exposição Agricola Pecuaria e Industrial em Agosto

O acaso fez com que encontrassemos, a uma mesa do Martinho, o sr. dr. Fialho Junior, sub-director da Escola Agricola Movel das Caldas da Rainha e presidente da comissão executiva da grande Exposição Agricola Pecuaria e Industrial a realizar de 19 a 22 de Agosto.

— Então, por cá...

— Os senhores sabem: o dito do costume; e éle:

— E' verdade. Vim ontem das Caldas e vou para o Congresso Agricola de Vizeu.

— Então tenho visto nos jornais que vai haver nas Caldas uma grande exposição.

— Realmente pensamos nessa grande exposição, que promete ser brilhante. Da comissão organisadora fazem parte os principais lavradores da região, como Vitorino Frois, Luiz Gama, Pinto Basto, José Filipe, Manuel Figueira, Henrique Sales, Avelar do Couto, dr. Lencastre e muitos outros.

— E onde realisam a exposição?

— Como v. sabe, as Caldas prestam-se muitissimo para êstes certamens. A mata do hospital, com os seus platanos e optimas sombras, é excelente para o fim que temos em vista e das mais lindas do nosso país.

— Quantos dias dura a exposição?

— De 19 a 22 de Agosto, estando o recinto iluminado, nessas noites, gratuitamente, pela Companhia Produtora de Electricidade, a quem estamos muito gratos.

— E concorrencia? Espera a comissão muitas adesões?

— Esperamos. Como sabe, o meio é optimo. No que diz respeito a frutas, é dos melhores do nosso país e pelo que diz respeito á parte industrial, devo dizer-lhe que a concorrencia é muito superior á que esperavamos; de toda a parte recebemos boletins de inscrição, o que faz prever um resultado brilhante. Olhe, como certo, temos a representação das rendas de Peniche, dos tapetes de Arraiolos, faianças artisticas das Caldas, pastéis de feijão, garrafas e garrafões da Empresa Vidreira de Pataias, frutas cristalisadas de Guerra & Irmão, de Elvas, porcelanas de Vista Alegre, o muitas outras... Sem lhe falar nas casas de material agricola como Bettencourt Limitada, O. Herald & C.ª, Barros & Ferreira e muitas outras, que já pediram para lhes reservarmos espaço.

— Na sua opinião, trata-se de um grande e importante certamen?

— Não tenha duvidas. O meio, como já lhe disse, é magnifico. Já as exposições agricolas de 1920 e 1921 deram um resultado brilhante. Na minha opinião, estes certamens servem de incitamento á lavoura nacional, havendo por outro lado a classificação de produtos expostos, entregue a juris competentes, o que sem duvida alguma constitue um estimulo para os expositores.

— E auxilios? Com que conta a comissão?

— Esperamos o auxilio dos Ministerios do Comercio e da Agricultura, dos Caminhos de Ferro Portugueses, a quem já pedimos redução nas tarifas de todos os produtos destinados á exposição, do comercio e industria desta vila, dos lavradores da região, etc.

— A nossa curiosidade estava satisfeita. A conversa com aquele nosso amigo que á frente da Escola Agricola Movel das Caldas da Rainha, tanto se tem interessado por questões agricolas deixou-nos optimamente impressionados.

De crêr é que a exposição tenha um resultado dos mais brilhantes, dada a excelente organisação que ha em todos os serviços.

* * *

Despedimo-nos daquele nosso amigo, felicitando-o e á comissão organisadora pelo brilhante certamen que vão organisar, e que sem duvida vai merecer no meio agricola uma data. Ainda á despedida nos diz que os que os principais esclarecimentos devem ser pedidos á Escola Agricola Movel.

Reuniões

REUNEM HOJE:

Vendedores Ambulantes, 9 n.; Associação Comercial, 9 n.

DE REGRESSO...

Agora é que os nacionalistas

vão intensificar a sua acção oposicionista

A interpelação Cunha Leal e as suas consequencias

Os nacionalistas vão intensificar a sua acção oposicionista na Camara. Diz-se. Ha quem aceite como verdadeiro este proposito, e quem nelo não acredite tornando-o apenas como uma satisfação dada ao grande publico que pouco percebeu do incidente parlamentar e do seu curioso final.

Ninguem ignora o que era a acção dos parlamentares da direita republicana antes de se suscitar o conflicto que os obrigou a abandonar a Camara. O gabinete Antonio Maria da Silva tem vivido muito de condescendencias, da harmonia politica, para a expulsão dos seus adversarios.

Ha um pouco de habilidade do presidente do Ministerio na manutenção deste fagueiro estado de coisas; muito de habilidade mesmo. Mas ha tambem um pouco de fraquesa de um agrupamento que está ainda em época de formação sujeito portanto a todos os contratempos e irregularidade que caracterisam a formação de uma força politica que quer ser de primeira grandesa.

A solução Fausto de Figueiredo fez com que os nacionalistas entrassem na Camara de cabeça erguida; de cabeça erguida, com prestigio, com dignidade.

Isto deve ter-lhes servido de incentivo, deve ter-lhes enxertado forças novas, novas energias.

Vão portanto intensificar a sua acção oposicionista os homens do Partido Republicano Nacionalista.

* * *

Cunha Leal, parlamentar notavel que nos nacionalistas veiu filiar-se em procura de uma tranquilidade de que as suas atitudes de irreverencia não podiam proporcionar-lhe, vai interpelar, em nome do seu partido o chefe do Governo. Assunto da interpelação: politica geral.

E' o sr. dr. Ginestal Machado quem amavelmente nos vai dizer alguma coisa da atitude nova que os seus correligionarios desejam adotar.

— Sim. Talvez esteja bem essa ocupação: intensificar a nossa oposição ao Governo. Vamos realmente fazer isso; porquanto a politica que até agora temos seguido deve chamar-se antes politica de colaboração do que politica de fiscalisação. Vamos, sobretudo, de ora avante fiscalisar; fiscalisar a obra de um Governo que bastante de mal tem feito.

— Como vai ser feita essa fiscalisação?

— Desde já está anunciada a interpelação Cunha Leal.

— O que lhe deu origem?

— Estas coisas nunca se lhes póde fixar a origem. Mas temos recebido muitas reclamações de correligionarios da provincia que nos levam a enveredar por um caminho novo. De toda a parte nos chegam noticias aterradoras. As autoridades administrativas, por muitos pontos do paiz, pretendem ressuscitar os processos de turbulencia e de brutalidade, noutros tempos adotados e que a ninguem deixaram saudades. A verdade é que o ar, *bon enfant* do sr. Antonio Maria da Silva não conseguiu reflectir-se no rosto de muitos dos seus subordinados.

— Quais são os assuntos que na interpelação se devem versar?

— Politica interna e politica externa. E' preciso perguntar ao Governo o que pensa ele fazer a essas autoridades que exorbitaram. O que ha de politica religiosa, o que é feito das promessas atiradas para a consciencia catolica do paiz. Capitulo finanças. Está o Governo ainda com a confiança que apregoava nessa operação? E nessas condições, como se explica que a libra permaneça a mais de 100 escudos? A não ser que se espere da Providencia aquilo que os homens não conseguem realisar.

«Tudo isto, e muito mais, deve ser tratado na interpelação Cunha Leal.

— Politica externa?...

— O «modus-vivendi» com a França. As relações com a Noruega. Que sei eu... Ha muito, muito para tratar.

«Estivemos algumas semanas fóra da Camara. Agora é o momento de ajustar contas.

O sr. Ginestal Machado mais não disse a proposito da acção parlamentar dos nacionalistas.

— Qual é o candidato dos nacionalistas?

— Não têm. Hão-de tê-lo dentro de alguns dias.

— Nomes aceitaveis?

— Todos. Mas o meu partido, no primeiro escrutinio, votará naturalmente alguem cuja orientação conservadora esteja identificada com o partido. Depois, e se não tiver possibilidades de fazer triunfar esse seu candidato, votará no candidato radical que mais garantias lhe oferecer. Mas por enquanto, posso garantir-lho, os nacionalistas ainda não têm candidato.

A VISITA dos professores franceses

ao Brasil e Argentina

PARIS, 3.—O professor Dumas numa entrevista que concedeu aos jornalistas mostrou-se entusiasmado com os resultados da ida de professores franceses á Argentina e ao Brasil, dizendo que dahi advinha um maior estreitamento de relações entre a França e as grandes republicas sul americanas util para esses paises.

Disse esperar que essa aproximação intelectual se desenvolva e conta organisar durante o inverno conferências latino-americanas.—(R.)

AS QUEIXAS DOS mutilados da guerra

A proposito da interpelação do sr. José Fontes

Uma comissão de mutilados da guerra procurou-nos para nos manifestar o seu desgosto por se não poder ter realisado ainda hoje a interpelação do sr. José Pontes sobre a sua situação.

Ao que nos disseram outras pessoas, o sr. Correia Barreto adiou essa interpelação para sexta-feira, com o pretexto de atestar a suposição de que o Senado cede a pressões.

Pressões dos mutilados da guerra, só lembraria... ao sr. Correia Barreto! Se alguns deles nem pernas teem, os infelizes! Os revolucionarios, sim, esses felizmente teem os membros completos...

O carvão

Referem os jornais de hoje que o Comissario dos Abastecimentos, apezar da ainda elevada divisa cambial determinou uma certa redução em alguns dos generos alimenticios á venda nos Armazens Reguladores. Louvando-o por tal resolução chamam-nos a atenção para a exigencia dos carvoeiros, que, sem a sua autorisação, estão exigindo $40 por cada quilo desse combustivel.

A's 18 horas

Os viticultores do sul, que já procuraram o chefe do Governo e varios ministros estão dispostos a empregar todos os meios, a fim de conseguirem o cumprimento da lei que autorisa o poder executivo a decretar a criação da marca «Lisbon-Wine».

* * *

Vindo no vapor «Andes», chegou hoje de Londres o sr. Carlos Malheiro Dias.

* * *

Ainda no presente mez, Lisboa será visitada por tres grandes excursões norte-americanas. A primeira deverá chegar no proximo dia 10.

* * *

Chegaram hoje ao nosso porto o aviso «5 de Outubro» e o destroyer «Tejo» e deve entrar antes de anoitecer o cruzador «Republica».

Viagem dos soberanos belgas

BRUXELAS, 3.—Os soberanos partiram para Lucerna onde a Rainha ficará durante algum tempo.—(R.)

A tarde politica

O Parlamento de relance—A ausencia do sr. José Domingues dos Santos

A interpelação Cunha Leal sobre a politica geral do gabinete ainda se não fez hoje.

Possivelmente, o proprio sr. Cunha Leal se não preocupará demasiadamente com este breve adiamento, posto que lhe dará maior motivo para atacar o Ministerio e a maioria pela ilegal situação em que aquele se encontra por falta da aprovação do orçamento geral do Estado.

Realmente, tal situação é virgem na administração nacional. Atravessámos um largo periodo durante a guerra sem orçamentos, o que foi uma coisa bem lamentavel; mas o Governo habilitava-se ao menos com a autorisação periodica dos duodecimos.

Desde o dia 30, porém, o Governo não pode pagar nem receber um ceitil. Ha orçamentos que ainda têm de ser sujeitos á aprovação do Senado. Por muito rapidamente que os trabalhos decorram naquela casa do Parlamento, ainda o assunto levará alguns dias a resolver, sendo muito natural que ao Governo surjam dificuldades que se poderiam ter evitado se a maioria parlamentar tivesse em maior conta os interesses nacionais.

Acresce que, pela grande urgencia que as circunstancias impõem, esses instrumentos de administração publica são votados vertiginosamente, por consequencia sem o reflectido estudo que a sua importancia reclama.

E assim decorrem as coisas parlamentares com sensivel agravamento da grande crise economica e moral que afecta a Nação.

Tudo isto levará a minoria nacionalista a uma forte oposição que promete ser de arromba, se o impiedoso estio tropical até lá não dissolver em água chilra as energias em vibração.

* * *

Nota-se e comenta-se a falta ás sessões parlamentares do sr. dr. José Domingos dos Santos e de alguns dos seus amigos, estando em discussão tão importantes assuntos e tratando-se de representantes da segunda cidade do país.

Ha quem veja nessa ausencia um proposito hostil daqueles deputados contra o sr. Antonio Maria da Silva.

Como seja do ritual politico que o Governo deponha o seu mandato após a eleição Presidencial e sendo certo que o sr. Antonio Maria da Silva está disposto a não continuar no Poder, diz-se que o sr. José Domingos dos Santos se apropinqua para a chefia do novo Governo, que está preparando afanosamente com o habitual fogo de vista inicial com que é de uso afagar a espectativa dos curiosos.

Como quer que seja, as férias daquele politico dão que pensar.

* * *

No sistema de alcatruzes da probabilidade da eleição Presidencial, os nomes que se julgam presidenciaveis tão depressa sobem como descem.

Entre os parlamentares circula de novo a possibilidade de ser eleito o sr. dr. Bernardino Machado.

Procuraremos amanhã esclarecer as causas desta nova tendencia para o sufragio a favor do antigo Chefe do Estado.

UM "D. JUAN,,

Um escrivão da Boa-Hora

tenta abusar de uma queixosa

Rosalina de Matos, travessa do Pé de Ferro, 24, 4.º, é uma mulher dos seus 28 anos, mãe de 4 filhos e em vesperas de 5, pois se encontra gravida de 3 mezes. A Rosalina traz ha tempos pendente qualquer questão no 3.º distrito criminal, motivo por que raro é o dia em que não tem de ir á Boa-Hora tratar dos seus negocios entendendo-se ali com o ajudante de escrivão sr. Firmino Raimundo Anacleto.

Este, tendo ido hoje ao respectivo cartorio a Rosalina de Matos, tentou violenta-la, tendo a pobre mulher de gritar por socorro e aparecendo então dois policias que a livraram das mãos daquele.

O caso produziu grande escandalo no Tribunal da Boa-Hora, tendo a Rosalina comparecido depois no Governo Civil, a apresentar queixa do ocorrido e sendo o competente auto levantado pelo agente Fernandes, da 2.ª secção.

Aviação

As forças aerias na Suecia

STOKOLMO, 3—A Imprensa Conservadora referindo-se ao programa inglez sobre as forças aerias faz propaganda para que a Suecia crie uma força aeria respeitavel.—(R.)

Parlamento

Nos Deputados

Um requerimento — As emendas do Senado aos varios orçamentos

Sob a presidencia do sr. Sá Cardoso, o sr. Mariano Martins requer que se entre imediatamente na ordem do dia, a fim de se discutirem as emendas do Senado aos orçamentos.

Falando sobre o modo de votar, os srs. Francisco Cruz e Pedro Pita protestem contra a alteração dos trabalhos requerida pelo sr. Mariano Martins e este deputado esclarece que o seu desejo é que os orçamentos se votem com brevidade.

Aprovado o requerimento, o sr. Pedro Pita requer que a ordem do dia seja dividida em duas partes, incluindo-se na primeira os projectos marcados para o periodo de antes da ordem, «com prejuizo dos oradores inscritos».

O sr. Almeida Ribeiro observa que desse modo ficam prejudicados os projectos designados para discussão antes da ordem «sem prejuizo dos oradores inscritos».

Em prova e contra-prova, nota-se favoravelmente o requerimento do sr. Pedro Pita, passando a examinar-se as emendas do Senado aos varios orçamentos.

Votam-se, sem qualquer reparo, as alterações respeitantes ao orçamento do ministerio das Finanças, regeitando-se algumas referentes ao ministerio da Instrução.

* * *

As modificações feitas ao orçamento do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios aprovam-se.

* * *

O sr. Lino Neto interpela o sr. ministro da Justiça, atacando vivamente o sr. Borges Grainha

O «leader» catolico, sr. Lino Neto, realisou hoje a sua interpelação ao sr. ministro da Justiça, ácerca de uma portaria, publicada em consequencia de um relatorio do sr. Borges Grainna como presidente da comissão de fiscalisação da execução da lei de separação. O discurso do sr. Lino Neto, notavel pela violencia e pela argumentação, teve como objectivo demonstrar a falta de autoridade moral e juridica do papel, repugnante e miseravel, do sr. Borges Grainha, nessa comissão, que é, apenas, a delacção organisada contra a igreja. O discurso do «leader» catolico foi vivamente aplaudido pelas minorias monarquica e nacionalista, sendo de prever que ambas aprovem a moção, declarando irrita e nula a portaria do Ministério da Justiça, que o sr. Lino Neto enviou para a mesa no final do seu discurso.

* * *

O sr. ministro da Justiça respondeu, afirmando que a portaria em questão foi publicada á sombra da legislação em vigor sobre o assunto de que ela trata, e defende, subtilmente embora, o papel do sr. Borges Grainha.

Depois de falar o sr. ministro da Justiça, o deputado sr. Carvalho da Silva requereu a generalisação do debate, tendo votado o seu requerimento todos os nacionalistas, catolicos e monarquicos. Dos independentes, votou-o apenas o sr. Brito Camacho. A maioria democratica regeitou.

* * *

A's 18 horas e 30 está falando novamente e com a mesma violencia e identica fogosidade, o sr. Lino Neto, por entre os aplausos vivos da oposição.

No Senado

Eleição camararia de Moura—Transferencia de comarca

Presidencia do sr. Correia Barreto; presentes 25 senadores.

* * *

O sr. presidente comunicou á Camara a morte da sogra do senador sr. Vera Cruz.

* * *

O sr. Afonso de Lemos protesta contra a politica do Governo relativa á eleição camararia de Moura, na assembleia de Santo Aleixo. Ocupou-se da posse da vereação de Serpa e da transferencia da comarca de Almodovar para Ourique.

Dois incendiarios

A policia concluiu já as suas investigações sobre aquele fogo que se desenrolou ha dias numa fabrica de cortiça em Xabregas, pertencente a Alvaro Sebastião, mais conhecido pelo «Ravachol». Tendo-se chegado á conclusão de que o fogo fôra lançado pelo «Ravachol», e por um seu irmão, para receberem o seguro da competente Companhia, devem os dois ser entregues amanhã ao tribunal da Boa Hora.

BOLSA

Manteve-se ainda hoje, embora levemente, a baixa que ha quatro dias se vem notando nos papeis de credito. Entretanto, papeis houve que firmaram ligeiramente: Banco Nacional Ultramarino, fechando a 304$50; Banco Portugues e Brasileiro a 193$50; Comp. Portugal e Colonias a 128$50 e Ganda a 215$00.

Poucas transacções, desinteresse, desanimação. A Bolsa atravessa um periodo de estagnação, de instabilidade.

Ha um certo receio, um pouco de médo, bastante indecisão. E isto tudo porquê? A resposta é complicada — porque as opiniões são muitas...

Contra um professor

O reitor do Liceu de Passos Manoel, sr. Alvaro Machado, foi encarregado de instaurar processo disciplinar ao sr. Cipriano Luiz Neves Barata, director do Colegio Portugal, sito na Travessa de André Valente, como responsavel pelos castigos corporaes que ali são aplicados aos alunos.

GREVES

A dos pescadores

Uma reunião

Na Associação dos Oficiaes de Marinha Mercante, realisou-se hoje uma reunião, para tratar da greve dos pescadores.

Pelo presidente da Associação dos Armadores, foi explicado o inicio da gréve, que teve origem em as tripulações dos barcos «Neptuno» e «Boa Esperança» se recusarem a trabalhar com os respectivos capitães.

Afirma-se não poderem os armadores atender as reclamações de aumento de salario, devido ás grandes contribuições que têm de pagar ao Estado.

Guerra Junqueiro

Os jornaes diziam esta manhã têrem-se agravado os padecimentos do grande poeta, cuja doença, como se sabe, ha tempo parecia declinar, tudo fazendo prevêr uma cura completa, embora lenta.

Procurando saber do estado do grande auctor dos «Simples», fomos informados de que, felizmente, não inspira cuidados sérios.

O FUTURO Comissario de Moçambique

Uma conferencia

Sobre assuntos respeitantes á administração da provincia de Moçambique, efectuou-se hoje demorada conferencia entre os srs. ministro das Colonias, dr. Brito Camacho e Victor Hugo de Azevedo Coutinho, que como se sabe vai substituir o sr. dr. Brito Camacho nas funções de alto comissario.

Sport

Encontro de Base Ball

Amanhã realisa-se no campo do Club Internacional de Foot-Ball, para comemoração da independencia dos Estados Unidos da America do Norte, um encontro de base ball, entre um grupo composto por alunos da Casa Pia e outro formado por membros da colonia americana.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Realisa-se depois de amanhã o casamento da senhora D. Edith Nogueira Magno dos Santos, com o sr. dr. Antonio Anselmo dos Santos. Os noivos após a cerimonia seguem para Cintra e dali para o Bussaco, indo fixar residencia no Porto.

DEPOIS DA GUERRA

No julgamento de JUDET

O antigo director do ECLAIR defende-se com energia

Uma audiencia emocionante

A quarta audiencia deste sensacional processo, em que o antigo publicista e jornalista é acusado de traição á patria por inteligencia com o inimigo durante a guerra, continuou com o interrogatorio do acusado. Ernesto Judet logo no principio da audiencia começou por explicar os motivos da sua residencia na Suissa.

O presidente: — V. ex.ª, sr. Judet, manifestou o desejo de se explicar sobre a sua actividade politica na Suissa, antes da audição das primeiras testemunhas. Tem, pois, a palavra.

De pé, o solido corpo de couraceiro, envolto na sobrecasa ampla «á la Veuillot», as largas mãos semi-ocultas nos punhos redondo, á moda antiga, apoiadas na cadeira polida, Ernesto Judet, começa mais do que um depoimento, uma verdadeira conferencia.

— A minha actividade politica na Suissa, tão mal compreendida, é todo este processo.

E continua um imenso monologo, que durará duas horas!

— Sempre me surpreendeu que tanto se admirassem da frequencia das minhas viagens á Suissa. Tudo isso era bem natural. Continuava a fazer ali o que sempre fiz: instruir-me naquela tão interessante vida politica.

E o acusado vai passando de assunto para assunto, sem nunca entrar a fundo em nenhum deles.

Algumas palavras sobre as razões pessoaes que o levaram tambem a viver na Suissa.

— Em primeiro logar a saude de meu filho. Ainda ontem deviam opera-lo e estou aqui sem noticias.

M. Leouzon le Duc — Está melhor.

M. Ernesto Judet — Muito agradeço a v. ex.ª a noticia.

* * *

As idas e vindas, dispendiosas e pouco favoraveis á direção dos seus negocios, o acusado resolveu estabelecer-se definitivamente na Suissa. Briand, Painlevé e outros homens de Estado aprovaram a ideia. Quando se constituiu o Ministerio Clemenceau, Pichon aprovou-a tambem.

M. Judet — Pensei então fundar a «Correspondencia franco-suissa». Já não tinha o «Eclair»; era em março de 1918.

M. Clagellé pôz á sua disposição wagons para o transporte dos seus moveis.

Judet — E's como me fixei na Suissa.

Ali adoeceu, um pouco pelo desgosto de ter perdido o seu jornal.

Judet — Sobreveiu enfim o inquerito incompreensivel, que me forçava a ficar na Suissa até que chegasse a hora da justiça.

E afirma que fará processar naquele paiz Madame Bossard «a sua difamadora», que já havia dado «signal da sua malevolencia».

* * *

E numa voz entarcortada, dirigindo-se aos jurados e depois ao presidente:

— E' a vóz, senhores jurados, que me dirijo para julgardes a esta vida que têm apresentado da maneira mais sofismada. Digo-vos que, durante esses quatro anos, o meu sofrimento foi enorme...

«A minha familia não conheceu uma só hora de alegria. Eu nem sequer podia olhar aquelas montanhas a que tanto queria!

«Tive, como disse o poeta inglez Tennyson, «uma morte dentro da vida»! Eis porque estou aqui.

E curva-se, chora, e logo se desculpa, ganhando animo:

— Quero tambem dizer alguma coisa a v. ex.ª, sr. presidente

«Sr. presidente, v. ex.ª crê em Deus, julgo.

«Se crê em Deus, dê-lhe graças por me ter dado forças para vir aqui, para emendar um êrro que poderia tornar-se definitivo com a minha morte, e que seria uma mancha indelevel que cairia sobre v. ex.ª, que sois a honra e a consciencia da magistratura.

Um breve soluço agita todo o seu corpo enorme.

— Perdão por tanta fraqueza!

A audiencia é suspensa.

* * *

Reaberta a audiencia, Judet desculpa-se ainda com insistencia.

— Foi devido ás noticias recebidas do meu filho a emoção que peço me desculpem, por que não está nos meus habitos.

E com a sua voz tornada solida, acaba a explicação, procurando destruir «as campanhas de imprensa urdidas contra ele e notoriamente as de um homem e dum jornal: Léon Daudet e a «Action Française».

Judet — Os ataques de Léon Daudet fazem parte da acusação.

Memorialista emerito, esboça o panorama da vida politica dos primeiros anos do século. Censurando os metodos realistas, proclama-se democrata. Mas:

— E' preciso dar á democracia o mais possivel de monarquia, como nos Estados Unidos e na Suissa.

Examinando a lógica maurrasiana, conclue:

— E' na prática uma lógica analoga á de Lenine.

Isto para explicar como recusou associar-se aos realistas, partidarios da «politica do peor», antes da fundação da «Action Française».

— A guerra provou que a Republica triunfa.

Terminando Judet afirma que é victima do odio politico, que «transformou antigos amigos em implacaveis inimigos.»

DOS ARREDORES

Subscrição nacional

ALMADA, 2 — Devido á iniciativa do sr. tenente Alberto Henrique de Figueiredo, comandante da G. N. R. em Almada, está sendo organisada uma comissão com o fim de angariar donativos para a grande subscrição nacional em prol da viagem aérea que o ilustre aviador Sacadura Cabral se propõe empreender.

Dessa comissão farão parte, além do sr. administrador do concelho, que com o maior entusiasmo recebeu tal iniciativa, um representante da Camara Municipal, um representante da imprensa, etc.

Qualquer importancia póde desde já ser entregue no quartel da guarda republicana, na administração do concelho ou na secretaria da Camara. Estamos convencidos que o fim a que se destina a comissão que vimos de referir, será coroado de feliz exito, atendendo ao interesse que a população deste concelho está ligando ao arrojado empreendimento.

Teatros ▪ Musica ▪ Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO POLITEAMA — «O Lôdo» —
3 actos de Alfredo Cortês

Representou-se ontem, com o concurso de artistas do Politeama e do Avenida no primeiro dêstes teatros, a peça em tres actos de Alfredo Cortez, «O Lôdo», ante um publico habilmente preparado para um sucesso de escandalo, pois se anunciou que a peça havia sido recusada por todas as emprezas teatraes e se fez constar que alguns a aplaudiriam de peito feito e outros a reprovariam «á priori».

A mim, nada me interessa o reclame artificial que se lhe fez pró ou contra, e creio que ao verdadeiro e grande publico, tirando os amadores do box e das touradas á espanhola, tambem o facto nada interessa.

Vamos, em duas linhas, á noticia do costume.

A peça de Alfredo Cortez passa-se numa baiuca da Mouraria e nela se desenrola um caso passado entre 4 figuras: mãe, duas filhas e um «chulo» ou seja a tradução do classico «souteneur» sempre chamado em identicas ocasiões.

O primeiro acto é uma pintura realista feita com facilidade, com «gajos», «trochas», «ramboias» e outros termos de calão, escolhidos directamente a 5 minutos de distancia do teatro. Este acto dá o timbre da peça e marca a atitude do auctor em frente ao assunto. Basta discuti-lo para discutir a peça.

Vejamos: Num tratado de sciencia medica, em casos de puro dominio da patologia eu posso, amplamente analisar os aspectos humanos com a profundidade e o desassombro que julgar precisos. Não ha peias, não ha conveniencias, não ha pudor. Ha sciencia, ha verdade.

No teatro, o caso muda inteiramente de figura. Posso, de facto, até a uma certa altura fazer uma pintura crua e realista, «se o meu caso teatral o exige», mas partindo sempre «do meu caso dramatico», que é a rasão de ser da obra.

Ora o auctor da «Zilda» andou de tráz para diante. Partiu do meio para o assunto. Apaixonou-se pelo ambiente, e nisso está o seu detestavel gosto e do ambiente partiu para a ideia dramatica.

A tessitura da sua peça, não compensa, de maneira alguma, o desgosto de termos de assistir a sórdida apresentação de tres figuras confrangedoras de cinsmo e de baixesa. E' como se alguem nos viesse mostrar uma chaga repelente, e á vista dela nos quizesse ler um pedaço de literatura — voltavamos a cara para o lado, inevitavelmente.

Dir-me-hão que nesta peça, assunto e meio se fundem, e que são harmonicos: Reparem que o lado anedoctico da peça é um «fait-divers» sem pandeiga e que justamente o que a peça tem de bem feito é, por vezes, o estudo do meio (e já justifico porque digo, «por vezes»).

E, valeu a pena ouvir aquelas blasfemias dos labios de Amelia Rey Colaço, mesmo a favor da Casa Gil Vicente?

* * *

O 2.º acto da peça é fraco. Pesou sobre o publico, apesar de entregue á nossa maior actriz, contemporanea daquele genero. A descrição do «Lôdo», génese literaria da peça e que foi lindamente dita por Adelina, sôa falso, porque é uma literatice sem pés nem cabeça, uma aberração que, ou porque sendo pura fantasia do autor, este não teve poder de convencimento para a exteriorisar, ou porque nem êle mesmo a sentiu, remedando uma tirada á Perez Escrich.

Neste acto ha deslises literarios muito curiosos — e por isso eu disse que só por vezes o meio é bem estudado.

Assim, quando a mãe beija a filha, em scena comovente, esta, «prognostica», só tem isto para lhe dizer, com um sorriso filosofico: «E' bem o amor materno!...»

A mesma menina, melodramatica, declara que «não quere mais o pão da esmola...» e não fica em casa da madrinha.

A propria «Domingas Capelôa», vejam os leitores, é tão bem falante, que, apesar de megera sordida, tem palavrinhas de oiro como estas: «um perfume de desalento...» (?!) e outras ingenuidades do mesmo calibre se notam desde que se queira catar a obra em questão, com a paciencia que me falta.

O 3.º acto, onde se substituiu a grandesa teatral pelo «grand guignol» — e vai tanta distancia entre uma coisa e outra como entre Victor Hugo e De Lorde, ou seja entre «Les Miserables» e «Cauchemar» — deixa de pé um caso em que a providencia entra como cumplice — um crime com todas as probabilidades de ficar impune.

* * *

Está a peça de Alredo Cortez escrita apesar de tudo com inteligencia e com indiscutiveis faculdades do homem de teatro, em plena evolução, continuando a sua personalidade literaria, como até aqui, sendo um valor com que se conta na mingoada falange de quem escreve entre nós para o teatro.

O desempenho foi excelente, previlegiado mesmo.

Adelina, magistral, por vezes com traço de genio. Amelia Rey Colaço, colossal tambem. Que grande, que enorme actriz ali está tambem. Como é consolador ver que ha duas mulheres em Portugal como Adelina e Amelia, e lembrar-se a gente dessa linda fila de talentos que são Lucilia, Aura e Ilda, e no seu grande plano ainda, Palmira Bastos e Maria Matos.

Constança Navarro, muito bem e Robles Monteiro, explendido.

A «mise-en-scène», adequada, menos um relogio de companhia de seguros a berrar com o resto.

Chamadas ao autor e aos interpretes, sendo realmente de lastimar que a peça não fique com a sanção do publico, pois, ontem, a plateia do Politeama, composta de amigos e de inimigos literarios, não marca.

* * *

Quem escreve estas linhas não faz parte de «cotteries». Diz o que lhe apetece dizer, como o entende e como o sente. Não está disposto a comprar amisades com transigencias que lhe repugnam. Tem o direito de se interessar pelo teatro, mas não é um critico, nem admite mesmo a «profissão» de critico. Comenta toda a obra de arte que lhe interessa e nada mais. Acusá-lo de parcialidade, é injusto e idiota. Más vontades pessoais não tem a ninguem, nem aos maus, nem aos malcriados — más vontades artisticas, essas são inconscientes e instintivas.

Erra a cada passo, como toda a gente que lho provem quando assim fôr e convencer-se-ha sem dificuldade de maior.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

A peça em 3 actos «Mar alto», original de Antonio Ferro, que a companhia Lucilia Simões vai representar, muito brevemente, em S. Carlos, tem a seguinte distribuição:

«Magdalena», Lucilia Simões; «Luiz», Erico Braga; «Henriques», Mario Santos; «Josefa», Maria Cristina. A peça já foi representada no Brazil, onde obteve o maior agrado.

Hoje, repete-se neste teatro, em recita da moda a «Magda».

—A companhia Alves da Cunha-Berta Bivar vai dar uma curta série de espectaculos, no teatro Apolo, na segunda quinzena do mez corrente. A peça da estreia será «A Garra», de Bernstein, tradução de Avelino de Almeida, peça em que Alves da Cunha tem uma notabilissima creação.

Reclames

Ontem, ainda mais se acentuou o sucesso da nova revista do Eden «Caldo verde». Com os seus ditos de espirito, linda musica, aparato de apresentação, excelente desempenho e brilhantissimos scenarios e guarda-roupa, é em conjunto um espectaculo admiravel, que ninguem deve deixar de ir ver. A revista «Caldo verde» repete-se hoje, no Eden, em duas sessões.

—A peça «A viuva Gomes» continua no Nacional, com grande exito, sendo uma graciosissima «charge».

CINEMAS

«Porto Cinematografico»

Esta revista tem já regular saida a sua saida, a já temos presente o n.º 11-4.º ano, referente a 30 de Junho. Melhorou extraordinariamente a sua apresentação, e assim, o numero que acabamos de receber, consta de 20 paginas em papel couché, com esplendidas gravuras de Palmira Bastos, Eric von Stroheim, Pearl Wite, Walace Reid, Mary Prevost, Agnes Aires, Charles Vatel, Harol Lloyd Mildred Davis, Max Linder, etc., alem de duas gravuras do tamanho de 1 pagina da revista, de Polá Negri e Eddie Polo, e da atraente capa a cores, com a fotografia de Francine Mussey. No sumario deste numero destaca se: «Entre vista com Palmira Bastos», «Como se faz um argumento, «Os artistas e os sports», com oito gravuras de artistas nos seus sports favoritos, «Passatempo» com premios aos primeiros decifradores.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«Magda».
AVENIDA—A's 9—«Para viver feliz».
POLITEAMA—A's 9—«A filha de Lazaro».
APOLO—A's 9,15—«Má sina»
EDEN—A's 8,45 e 10,45 —«Caldo Verde»
GIL VICENTE—A's 9 - «Flory».

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal» e «Fóra da lei».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Os Partidos

Republicano Radical

Comissão Politica do Campo Grande

Na sua reunião de ontem, esta comissão resolveu, entre outros assuntos, chamar a atenção da Comissão Municipal de Lisboa acêrca da pretensa adesão, ao partido do cidadão José de Oliveira Amaral, funcionario do Ministerio dos Estrangeiros a quem reputa de monarquico.

Tomou conhecimento de novas adesões ao partido na mesma freguesia e exarar na acta um voto de saudação ao dr. Veiga Simões, como protesto contra a campanha contra ele levantada.

Comissão Politica de Arroios

Na sua reunião de ontem resolveu, enrte outros assuntos organisar uma repesentação assignada pelos habitantes da área da freguesia, dirigida á Camara Municipal de Lisboa, a fim de conseguir-se melhorar a iluminação das ruas da freguesia.

Tomou conhecimento de novas adesões ao partido.

Comissão Politica de Camões

Reuniu, tomando conhecimento de novas adesões ao partido na mesma freguesia, e lançou na acta um voto de saudação ao jornal «A Lanterna» pelo seu aparecimento.

O TEJO

Como os estrangeiros se espantam do abandono a que o votamos

Um reparo muito justo

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«...Sr. redactor — Dizia-me ha tempos um estrangeiro que os lisboetas, possuindo um dos rios mais belos da Europa, parece não o verem nem o sentirem, tal o abandono a que o votam. Isto é, de resto, o que nós dizemos todos os dias, mas não é facto que impressiona mais quando o ouvimos em lingua estrangeira?

De facto, não ha memoria de abandono tão completo. Não comunicamos com o Tejo, senão no Terreiro do Paço, e ai mesmo para logo voltarmos para tráz, pois a Praça do Comercio, na sua grandiosidade, não é mais que um bêco sem saida! Dai até Belem, pelo menos, ele é-nos barrado por um aglomerado de barracões ignobeis, que constituem uma invencivel muralha de trapos e de farrapos, de gazometros, etc.

Se quizermos dar um passeio no rio, temos de nos contentar em embarcar num bote, o que constitue um perigo grave, sabido como é enorme a massa de agua do Tejo, e ainda com a agravante de que — o que é espantoso — a maioria dos nossos barqueiros... não sabe nadar!

Em contraste, veja-se o Sena. O Sena é um pé de agua barrenta, sem horisonte, sem luz, sem belesa alguma. Pois os parisienses enchem-no de carinhos, deram-lhe, á força de trabalho, magestade e pitoresco. Todas as grandes arterias vão dar ao Sena. As suas margens estão cheias de jardins opulentos. O Sena é coberto de pontes, algumas delas monumentaes, como a ponte Alexandre III.

O que fariam os parisienses, se possuissem este rio admiravel de Lisboa!

Se achar digno de publicar, muito contente ficarei e de v. etc. — *Um amigo de Lisboa.*»

* * *

Ha tanta verdade nestas palavras que ninguem deixará de aplaudir «Um amigo de Lisboa». Infelizmente, se toda a gente reconhece o erro, ninguem dá um passo para o remedeiar.

De nós, aqui o juramos, é que não póde vir o remedio...

VIDA SPORTIVA

Foot Ball

TAÇA MUTILADOS DA GUERRA

Joga se no proximo domingo, no campo de Palhavã, ás 18 horas, o ultimo encontro de primeiras categorias na presente epoca. E' a final da taça «Mutilados da Guerra». Os adversarios são o Belenenses e o Carcavelinhos, que ficaram apurados, este ultimo por ter derrotado o Sporting Club de Portugal, atual campeão de Portugal.

Casa Pia Atletico Club

Este club realisa hoje, ás 9 da noite, na sua séde, rua Vitor Cordon, 80, 1.º, uma sessão comemorativa da fundação do Casa-Pia Atletico Club.

Inaugurar-se-hão os retratos do sr. Alfredo Soares, atual director da Casa Pia de Lisboa, e Jaime Artur da Costa Pinto, já falecido, provedor que foi do estabelecimento onde todos os socios do Club foram educados.

Gazolina

Petroleo

Oleos

SHELL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.a L.td

Rua do Crucifixo, 49

LISBOA

Cimento "HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND CEMENT HERMES

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT

— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.da**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.° Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.° Telef. N. 1178

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Tendo-se procedido hoje, em conformidade com os estatutos deste Banco ao sorteio das obrigações de 4 1/2 % e de 6 %, foram extraidos os numeros que constam deste annuncio e das relações afixadas no edificio do Banco:

De 4 1/2 %, com os numeros: 152—324—372—374—1.134—1.840—2.030—2.334—2,530—2.691—3.528—3.632—2.291—4.017—4.107—5.428—6.465—6.594—6.64 —7.171—7.422—8.096—10.165—10.065—10.991—11.033.

De 6 % (Lei de 27—4—901) com os numeros:

51 a 60	241 a 250	311 a 320	361 a 370	451 a 460	571 a 580	651 a 660
831 a 840	1041 a 1050	1071 a 1080	1311 a 1320	1341 a 1350	1371 a 1380	1381 a 1390
2151 a 2160	2221 a 2230	2421 a 2430	2431 a 2440	2491 a 2500	2861 a 2870	2871 a 2880
2901 a 2910	2911 a 2920	2951 a 2960	2991 a 3000	3271 a 3280	3561 a 3570	3791 a 3800
3841 a 3850	4071 a 4080	4391 a 4400	4611 a 4620	4801 a 4810	4911 a 4920	4981 a 4990
5041 a 5050	5051 a 5060	5091 a 5100	5151 a 5160	5241 a 5250	5291 a 5300	5381 a 5390
5801 a 5810	6011 a 6020	6121 a 6130	6212 a 6220	6231 a 6240	6351 a 6360	6541 a 6550
6571 a 6580	6621 a 6630	6631 a 6640	6651 a 6660	6701 a 6710	6861 a 6870	6921 a 6930
7101 a 7110	7221 a 7230	7251 a 7260	7351 a 7360	7381 a 7390	7391 a 7400	7611 a 7620
7881 a 7890	7891 a 7900	7901 a 7910	8001 a 8010	8171 a 8180	8291 a 8300	8331 a 8340
8361 a 8370	8451 a 8460	8461 a 8470	8471 a 8480	8491 a 8500	8511 a 8520	8571 a 8580
8811 a 8820	8931 a 8940	9031 a 9040	9071 a 9080	9381 a 9390	9501 a 9510	9541 a 9550
9551 a 9560	9641 a 9650	9661 a 9670	9901 a 9910	9931 a 9940	10011 a 10020	10221 a 10230
10371 a 10380	10581 a 10590	10621 a 10630	10721 a 10730	10871 a 10880	10971 a 10980	11121 a 11130
11161 a 11170	11181 a 11190	11241 a 11250	11271 a 11280	11331 a 11340	11461 a 11470	11481 a 11490
11551 a 11560	11601 a 11610	11741 a 11750	11781 a 11790	11891 a 11900	12081 a 12090	12111 a 12120
12171 a 12180	12181 a 12190	12281 a 12290	12421 a 12430	12461 a 12470	12501 a 12510	12571 a 12580
12771 a 12780	12821 a 12830	12901 a 12910	12941 a 12950	13001 a 13010	13091 a 13100	13221 a 13230
13441 a 13450	13471 a 13480	13561 a 13570	13611 a 13620	13931 a 13940	13981 a 13990	14071 a 14080
14191 a 14200	14201 a 14210	14221 a 14230	14231 a 14240	14391 a 14400	14471 a 14480	14501 a 14510
14551 a 14560	14571 a 14580	14581 a 14590	14621 a 14630	14771 a 14780	14841 a 14850	14881 a 14890
14991 a 15000	15081 a 15090	15101 a 15110	15111 a 15120	15201 a 15210	15341 a 15350	15491 a 15500
15581 a 15590	15691 a 15700	15801 a 15810	15911 a 15920	16111 a 16120	16151 a 16160	16351 a 16360
16371 a 16380	16441 a 16450	16581 a 16590	16611 a 16620	16761 a 16770	16791 a 16800	16801 a 16810
16931 a 16940	17001 a 17010	17151 a 17160	17181 a 17190	17401 a 17410	17721 a 17730	17751 a 17760
17911 a 17920	17941 a 17950	18021 a 18030	18351 a 18360	18391 a 18400	18561 a 18570	18571 a 18580
18751 a 18760	18841 a 18850	18901 a 18910	19071 a 19080	19191 a 19200	19241 a 19250	19311 a 19320
19441 a 19450	19481 a 19490	19521 a 19530	19551 a 19560	19741 a 19750	19751 a 19760	19791 a 19800
19881 a 19890	19961 a 19970	20001 a 20010	20061 a 20070	20071 a 20080	20141 a 20150	20151 a 20160
20281 a 20290	20311 a 20320	20331 a 20340	20371 a 20380	20401 a 20410	20441 a 20450	20461 a 20470
20471 a 20480	20481 a 20490	20711 a 20720	20741 a 20750	20871 a 20880	20911 a 20920	20951 a 20960
21091 a 21100	21171 a 21180	21181 a 21190	21241 a 21250	21451 a 21460	21481 a 21490	21511 a 21520
21561 a 21570	21581 a 21590	21601 a 21610	21671 a 21680	21711 a 21720	21801 a 21810	21971 a 21980
22201 a 22210	22351 a 22360	22511 a 22520	22611 a 22620	22761 a 22770	22801 a 22810	22981 a 22990
23001 a 23010	23171 a 23180	23251 a 23260	23261 a 23270	23291 a 23300	23441 a 23450	23501 a 23510
23511 a 23520	23691 a 23700	24361 a 24370	24371 a 24380	24431 a 24440	24591 a 24600	24711 a 24720
24771 a 24780	24801 a 24810	24811 a 24820	25051 a 25060	25101 a 25110	25111 a 25120	25151 a 25160
25231 a 25240	25351 a 25360	25411 a 25420	25491 a 25500	25501 a 25510	25601 a 25610	25631 a 25640
25711 a 25720	25771 a 25780	25951 a 25960	25971 a 25980	26211 a 26220	26511 a 26520	26571 a 26580
26591 a 26600	26731 a 26740	26831 a 26840	26981 a 26990	27011 a 27020	27221 a 27230	27251 a 27260

São prevenidos os srs. portadores de obrigações de que a começar no dia 2 de julho de 1923 se realisa na Repartição de Averbamentos e dividendos deste Banco, rua Augusta, 26, 2.° e nas suas Filiais e Agencias do Continente, o pagamento do juro de todas as obrigações e o da amortização das sortiadas que deixam «ipso facto», de vencer juro a contar do dia 30 de junho de 1923. Estes pagamentos são efectuados na Séde, em todos os dias uteis, das 10 ás 12 e das 13,30 ás 14,30 horas, excepto aos sabados que se efectuarão simplesmente das 10 ás 12, sendo porem as quintas-feiras reservadas ao pagamento de juros atrazados.

Igualmente serão pagos os coupons de 4 1/2 % e a amortisação das respectivas obrigações na Filial deste banco em Londres, contra a apresentação dos coupons ou titulos.

Lisboa, 25 de Junho de 1923.

O GOVERNADOR

(a) João Henrique Ulrich

MELGAÇO

Hotel Quinta do Pezó

A. Guerreiro

Da Escola Dentaria de Paris

perações insensiveis por anestesia

Dentaduras sem chapa

R. de S. Paulo 127.

TINTURARIA

— DO —

POVO

— DE —

José Dias

Rua de Sant'Ana, á Lapa

121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50 % mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Sucata

Compra-se pelos melhores preços e fabricas completas.

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

Abrem-se brevemente — novos cursos — para principiantes em

FRANCEZ : : INGLEZ

: : Já está aberta : :

: : : a inscrição: : :

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Raposeira)

Reservas de finissima qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:

ARTHUR BENARUS,

Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.°

LISBOA

AGUAS DE MELGAÇO

R. de S. Julião, 67. Telef. C, 199

Distribuição ao domicilio

Construcções Civis

UMA DAS SECÇÕES DE

A ACTIVA

Rua 24 de Julho, 8 a 10 B - LISBOA

Construções de edificios para qualquer fim, ampliações, reedificações e reparações.

Estructuras, vigamentos e construções metalicas

Trabalhos em cimento armado e hidraulicos

Construções industriais, tais como: Fabricas, Hangars e Barracões

Vivendas, chalets e predios de rendimento.

Casas á antiga portuguêsa.

Trabalhos de carpinteiro, marceneiro, serralheiro, canteiro, estucador, pintor, etc.

Levantamentos topograficos, projectos e orçamentos.

Maquinismos movidos a electricidade

Telefones C. 1601, C. 3474-Lisboa - Telegramas: ACTIVA

A INICIADORA

101 R. do Alecrim 103 LISBOA

Estabelecimento de electricidade e especialidade em banheiras

Este estabelecimento executa todos os trabalhos de luz electrica, Para-Raios, Campainhas e encanamentos de agua e gaz.

Tem colossal existencia de lampadas electricas, pilhas para lanternas de algibeira; lindos candieiros e plafoniers.

Grande exposição das varias mercadorias

Chamada pelo TELEFONE 3820 Central

MARCELINO PAULO BRITO

Mobilias

Compra-se casas completas e desirmanadas.

Bento, Silva, Pinto, L.da

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

NAZARÉ

Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto — todo o ano —

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sèc (lavagem a secco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45 47 LISBOA Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO

Luiz Alberto de Pinho

Mobilias e Estofos

BIZARRO DA SILVA, L.da

82, R. Augusta, 84 — 21, R. dos Correeiros, 23

Telefone Central 2533

Mobilias de todos os estilos, bom acabamento, preços modicos. — Pessoal habilitado para montagem de casas, escritorios e clubs. — Serviço de embalagem para a provincia e Africa. — Oleados, tapetes, carpetes, brises-brises.

A. J. d'Almeida & C.a

TELEFONE C 436 — CAMBISTAS — END. TELEG. ALMINGUES

172, Rua do Comercio, 176

LISBOA

Compra e venda de moedas e notas estrangeiras. Papeis de credito, coupons e ordens de Bolsa

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

DIPLOMA DE HONRA — GRAND PRIX

MEDALHA DE OURO — PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.° — LISBOA* **Telefone N. 320**

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4421-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quarta-feira, 4 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

PARIS, 4. — A União das Camaras de Comercio Francesas no Extrangeiro e nas Colonias aprovou uma moção para que a França conclua rapidamente com Portugal uma convenção comercial estavel e de longa duração. — (H.).

A questão dos orçamentos

Falando da votação dos orçamentos, não falta quem declare não se dever ligar importancia ao facto dessa votação não se ter realisado até ao fim de Junho.

Os que assim pensam, argumentam com a circunstancia desses orçamentos, deverem estar inteiramente aprovados hoje ou amanhã.

Devemos acentuar que neste caso não se trata de uma simples questão de dias. Trata-se duma infracção constitucional, e isso é que é sobremaneira grave.

A Constituição estatue que os orçamentos do Estado devem ser votados até ao dia 30 de Junho de cada ano. Esse praso não foi respeitado.

Que importa que ele se estendesse a mais uma semana, apenas?

O facto é que se saltou por cima do preceito constitucional.

Ao principio ainda se quiz recorrer a uma habilidade.

Disse-se que sendo o dia 1 de Julho domingo, bastava que no dia 2, em sessão prorogada, se tanto fosse preciso, se terminasse a discussão dos orçamentos.

Mas o dia 2 passou, e os orçamentos continuaram na ordem do dia, no Parlamento quando dela deviam já taxativamente ter desaparecido.

Por este criterio elastico, não se sabe a que poderiamos chegar.

Pouco importa que os orçamentos se votem até fins de Junho ou nos principios de Julho.

Muito bem. Mas apenas se désse um passo nesse declive, seriamos obrigados a novas incessantes dilações.

A certa altura dir-se-ia que, visto os orçamentos não serem aprovados senão em Julho, isto é, fóra do praso legal, nenhuma rasão deveria obstar a que fossem, quando assim se tornasse necessario, discutidos e votados em Agosto, Setembro ou Outubro.

Onde é que se pararia, desde que se rolasse pos esse declive tremend !

Infringida a Constituição, nesse ponto, porque não se infringiria noutros?

Uma questão de dias?

Não! Uma questão de principios, garantidos na Constituição, e tanto mais grave quanto esses principios forem, na relidade, mais essenciais.

Num dia, de resto, pode estar a vida ou a perdição dum regimen.

A's vezes, uma hora basta.

Não é numa hora que rebenta uma revolução? Não é em meia duzia de minutos que se desenrola uma catastrofe?

Não teem sido poucos os golpes que a constituição da Republica já tem sofrido, e, duas vezes já, para curar esses golpes necessario tem sido recorrer a dolorosos mas energicos remedios.

Para restabelecer a constituição da Republica já tem corrido sangue generoso e puro.

Pode-se admitir que a sangue frio, despreocupadamente, se faça taboa rasa dos principios republicanos consignados na constituição do Estado?

De maneira alguma.

Por isso mesmo, a falta de aprovação dos orçamentos no praso regulamentar constitue uma demonstração de que o Parlamento não olha com o interesse devido para os superiores interesses da Patria e da Republica.

E' nisso que está o mal,—cobrir uma falta com outra falta, só pode dar em resultado o descredito de ideias que devem pairar muito acima das paixões pessoais ou das ambições sectarias.

O Parlamento faltou, numa questão importante á missão que rigorosamente lhe incumbe. O mal está feito. Não o agravemos procurando minoral-o, com habilidades que revelam um autentico despreso pela doutrina sã e nobre da lei posta ao serviço da vontade nacional.

COEFICIENTES E MULTIPLICADORES

Magistrados e Parlamentares

E' preciso garantir a sua independencia economica

diz o senador sr. dr. Costa Junior

A questão da melhoria de vencimentos do funcionalismo vem agora agitando de novo aquelas classe e as duas casas do Parlamento. E' uma confusão e uma baralhada de multiplicadores, que nunca satisfazem ou que nunca satisfazem ou que nunca dão certos de tal modo que a proposta respeitante ao assunto já hoje baixou de novo ás comissões de Orçamento e Finanças, do Senado, depois de tanto ser discutida nas sessões.

Dará certo desta vez? Não dará? Que não se cumpra o proverbio popular: Peor a emenda que o soneto. Não porque o caso nos interesse; de modo algum,—apenas por bom desejo de ver um rumo acertado nas coisas publicas.

* * *

O senador sr. dr. Costa Junior, diz-nos hoje duas palavras acérca da questão:

— Devo notar-lhe, — responde o nosso interpelado—que se tem feito lamentavel confusão entre coeficiente e multiplicador.

— O primeiro?

— E' de 10 para todos os funcionarios, sem distinção de categoria; quanto ao segundo já o Parlamento votou que fosse de 20 para os membros do Poder Legislativo.

«Note que ha multiplicadores de 33 e de mais, até para certas ordens de funcionarios. Assim, dantes, os professores primarios de 3.ª classe, com seis anos de serviço, pediam para os seus ordenados o multiplicador 33;-mas é muito provavel que venham a ter o 27 e 28. Os sargentos do exercito tinham o 18 ou 19 e os alferes e tenentes o 12.

—E os parlamentares?

— Deve dar-se o multiplicador 15.

— Mas...

— Não ha mas; devemos ter a coragem moral de dizer que não é com 1.500 escudos, que um parlamentar, vindo da provincia onde deixa interesses a perder, pode sustentar-se a ele na capital, e á familia na terra! Depois tem ainda certas e determinadas despezes de representação. Quantas vezes, em festas oficiais, o Presidente da Republica se vê desacompanhado dos parlamentares, e suas familias, só porque eles não podem apresentar-se com a decencia que a sua posição exige?! E tanto assim é, que para o Poder Executivo já o Parlamento entendeu dever ser-lhe dado o multiplicador 20. Não basta ser-se honesto; é preciso tambem parece-lo como a mulher de Cesar.

— Mas consta terem quotas em sociedade:?...

— Por isso mesmo não devemos obriga-los a isso, e evitar vê-los na colisão de terem de defender os interesses de companhias e industrias em prejuizo do Estado.

E a terminar:

— Por isso sou apologista de que, devendo colocar-se certas entidades ao abrigo de qualquer suspeita, devemos garantir aos parlamentares e aos funcionarios da Justiça as suas condições de independencia.

O VULCÃO EUROPEU

A questão do Ruhr

«Dela dependem os destinos do mundo»

diz, entre outras coisas de sumo interesse,

o Sr. PERES TRANCOSO

Peres Trancoso voltou da sua viagem pelo centro e oriente da Europa. Vem explendido; alguns volumes de notas impressivas nas suas malas de viajante, pontos de vista audaciosos, ideias novas e sinceras.

Encontramo-lo hojo na rua do Ouro — sempre amigo dos jornalistas, sempre gentil, sempre carinhoso, daquela carinhosa afabilidade de marinheiro democrata.

Comprimentos, expansões e logo, na nossa boca, a pergunta:

—Então, e as impressões dessa viagem?

Estavamos debaixo da Arcada do Ministerio do Interior. O ilustre oficial dificultou, apresentando á nossa curiosidade um «menu» assombroso:

—Muita coisa... Estados largos, notas abundantes. Impressões dos aspectos economico, financeiro, politico internacional, social...

—Magnifico! Uma entrevista de arromba!

—Qual! Isso não é para aqui!

—Ora essa! Porque não? E desenvolvemos uma longa serie de argumentos, tendentes a demonstrar que uma entrevista, demais a mais com um homem de folego intelectual de Peres Trancoso, se pode fazer em qualquer parte.

Peres Trancoso sorria condescendente. E disse:

—Escolha, então, o assunto...

—Preferimos uma impressão global, meia duzia de opiniões sinteticas. O entrevistado pensava. Depois:

—E' dificil! Vi tanto e trago tanta coisa, que o esforço de simplificação que v. exige não se pode improvisar.

* * *

Mas Peres Trancoso sempre improvisou. E disse, falando da Alemanha:

—A situação da Alemanha é grave —a da Alemanha e a da Europa. A Alemanha vive esmagada pelo espectro da questão do Ruhr, que paralisa toda a sua actividade, anestesia as suas energias e a empurra para um ambiente revolucionario permanente. A cotação do marco, graças á questão do Ruhr, baixa constantemente: ficou ontem em 300 mil marcos por libra...

—Mas diz-se que a Alemanha trabalha...

—Qual historia! Como pode trabalhar, se não tem materias primas e a desvalorisação da sua moeda e impede de as importar?... E, com as fabricas paradas, porque tambem não lhe convem vender, está reduzida á situação de semi «chomage»: os operarios alemães trabalham com salarios minimos, tres ou quatro horas por dia, no maximo.

—E os operarios?

—Estão em permanente efervescencia, num estado de revolução latente... Canta-se a «Internacional» nas ruas, nas, a cada janela vê-se a bandeira vermelha...

—E crê-se na revolução?

—Evidentemente. E' uma saida. E' uma necesidade imperiosa!...

—E é uma catastrofe! A Alemanha não suportará a atual organisação politico-social da Russia.

—A Alemanha bem o sabe. E por isso tem a sua organisação especial. Existe a Internacional de Berlim em contraposição á Internacional de Moscou. O operariado alemão, sobretudo, não quer que a Alemanha sossobre. E, por isso, engendrou uma formula que, significando a estrutural modificação do Estado, está, no entanto, dentro da psicologia germanica.

—Mas a Alemanha não crê no seu resgate?

—De certo que crê. Mas a questão do Ruhr, que e a sua obcessão e da qual depende a sua vida, continua de pé, sendo a causa da sua ruina.

* * *

Peres Trancoso põe assim o problema:

—Impotente para resolver sósinha a questão do Ruhr, a Alemanha organisa a sua defesa. E, ou a questão do Ruhr se resolve tendo em conta as possibilidades alemãs, ou a Europa e todo o mundo—sofrerão as consequencias. Quem as sentirá menos é a Alemanha, que se preparou para tudo. Da questão do Ruhr dependem os destinos do mundo!

—Como assim?—não podemos deixar de inquirir.

—Por esta razão simples: a Alemanha que era o segundo comprador da Inglaterra, deixou de importar—e a Inglaterra vive a braços com uma «chômage» terrivel, que aumenta a cada momento. Em 1914, o valor das transacções com a Alemanha atingiam 1.100 milhões de libras. Hoje, essa importancia é quasi zero. Dahi a politica inglesa de simpatia pela Alemanha. E', afinal, uma boa politica de previsão. A Inglaterra vê bem—mas está—só. E é a Inglaterra que vê bem!

—E as relações da Alemanha com a Russia?

—São as melhores possivel. Em 1914, a Russia importava da Alemanha cerca de 48 milhões de libras. Pois bem: essa cifra é hoje egual. A Alemanha e a Russia entendem-se ás mil maravilhas. E organisam um bloco economico, do qual fazem parte a Polonia, a Servia, a Tcheco-Slovaquia a Iugo-Slavia, a Austria, a Hungria e ainda outras nações do Oriente, que ha-de influir decisivamente no futuro do mundo.

—Mas a Russia está numa situação aflitiva...

—Puro engano! A situação da Russia é prospera. As suas minas estão em laboração, as suas industrias renascem, a sua agricultura prospera...

* * *

Peres Trancoso parecia apostado em esplicar a nossa curiosidade fremente. Lançamos outra pergunta:

—E quais podem ser as consequencias desse bloco economico?

—As peores ou as melhores. Mas creio que se verificarão as primeiras. A cegueira da Europa atiral-a-ha para uma catastrofe—para o suicidio. O operariado germanico prepara-se para a revolução. E se a Alemanha se convencer de que a questão do Ruhr não se resolve—abrirá as portas á revolução que se desencadeará por toda a Europa. A guerra destruiu as monarquias verdadeiramente monarquicas; a revolução alemã destruirá as outras, assim como as republicas conservadoras. E o reflexo em todo o mundo será inevitavel!

Ainda em tom profetico, impressionante, comunicativo nas palavras o sr. Peres Trancoso despedindo-se disse ainda:

—A situação de toda a Europa é má—tanto nos paizes de moeda sã, como nos de moeda desvalorisada. O «chomage» na Inglaterra é desesperante, a situação da Espanha está longe de ser lisongeira. E isto acontece porque os paises de moeda desvalorisada não podem comprar... e os outros não vendem.

Guerra Junqueiro

A direcção da Junta de freguezia da Sé, procurou a do Centro 19 de Outubro, a quem pediu a cedencia da sala das sessões para ali realisar uma assembleia de homenagem a Guerra Junqueiro.

A. de Campos Junior

Ao redactor principal de «Os Sports» é oferecido no domingo, na Garrett, um almoço

Em sinal de regosijo pelo restabelecimento da doença que longos meses o manteve afastado da sua tarefa em «Os Sports», o corpo redactorial deste excelente bi-semanario oferece ao seu redactor principal, sr. A. de Campos Junior, um almoço de congratulação e homenagem, que se realisará no proximo domingo na Garrett.

Todos os que de mais perto andam ligados áquele jornal, propriedade da «Capital», e ainda os que se dedicam com afeição a assuntos sportivos, sabem quanto tem de esforçada e inteligente a acção de A. de Campos Junior em «Os Sports», a que ha dado todas as energias em excelentes iniciativas coroadas de completo exito, e sempre orientadas no sentido de levantar bem alto a educação fisica nacional.

E' reconhecendo isso mesmo e sabido como «Os Sports», hoje o mais importante orgão da especialidade, muito traduz da sua vontade e competencia que os melhores nomes do meio sportivo logo correram a inscrever-se para essa festa, que será tambem de efusiva camaradagem.

A inscrição que abriu na 2.ª feira, continua patente na redacção de «Os Sports», contando-se já no numero dos inscritos, o nosso presado director, sr. Manuel Guimarães.

CARTAS DE PORTUGAL

"A fascinação do Atlantico,,

Um artigo de "EL SOL"

Luiz Araquistain, que está entre nós, começou a publicar em «El-Sol» as suas cartas de Portugal. Na sua primeira carta, que tem por titulo «A fascinação do Atlantico», começa por afirmar que os portugueses querem renovar as suas grandes tradições de navegadores, «que é como querer restaurar o seu explendor historico». E, evocando o vôo Lisboa-Rio de Janeiro, detem-se a falar sobre a projectada viagem de circumnavegação aérea, que exalta.

A certa altura, diz.

«E apesar de tudo; esta façanha de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que aos estranhos parecerá talvez superflua, tem para os portugueses um sentido profundo. Em primeiro logar consideram-na como uma manifestação de potencia da raça, como uma prova de que o povo portugues está ainda apto, não só para concorrer com os outros povos europeos nos trabalhos e progressos da civilisação contemporanea, se não para avantaja-los em certas empresas. Os portugueses mais inteligentes e sensiveis, compenetraram-se de que a crise do seu paiz é mais moral do que social e politica. Moral, por esquecimento do seu passado, por desconfiança do presente, por desalento pelo futuro.

A famosa frase de Herculano: «Isto dá vontade de morrer», foi, durante muito tempo, o apotegma predilecto de grande parte do povo portugues. A revolução que acabou com a monarquia portuguesa foi uma sacudidela vital, um desejo de continuar vivendo, frente á decadencia que se produz, ao longo dos seculos, de um lado pela molesa que trouxeram ás classes dirigentes de riqueza do Oriente, e por outro, pela ignorancia e pobreza em que se manteve o povo. Mas a revolução, ocupada em consolidar-se, não poude criar ainda um ideal colectivo de gloria e esperança. A entrada na guerra europeia foi outro gesto de vida, realisado, não só como uma obrigação imposta pela antiguissima aliança com a Inglaterra, mas tambem como uma medida de previsão para evitar qualquer despojo colonial na hora da divisão do despojo, ao firmar-se a paz; sabido é que a Alemanha havia especulado largamente, antes e durante a guerra, com as colonias portugesas, as terceiras em categoria como extensão colonial. A guerra empobreceu ainda mais o povo portugues; mas deixou intactas as suas vastas colonias. Agora começa a esboçar-se um novo ideal, que poderia denominar-se o ideal do Atlantico, e com ele adquire sentido simbolico, iniciação duma politica futura, o feito de Sacadura Cabral e Gago Coutinho. Desse modo, o que mostrava traços dum acto puramente romantico, sem nenhuma transcendencia, converte-se de prompto num principio de politica realista, pratica, plena de sugestivas possibilidades.»

No Ruhr

Francezes e belgas

O que dizem os catolicos

BRUXELAS, 4.—O jornal catolico «Vingtieme Siecle» diz que quando o mapa da Europa representa a região do Rheno sob o dominio da França a Belgica continua a ser apenas um escravo economico da França o que se não pode permitir não se devendo esquecer nas resoluções a tomar um problema em que está em jogo o futuro da Belgica.—(R.)

Funerais dos soldados belgas

BRUXELAS, 4. — Os nove soldados belgas vitimados em Duisbourgo foram enterrados solenemente. Os corpos foram conduzidos em armões de artilharia, tendo sido acompanhados pelo general Degoutte. Presidiu á cerimonia religiosa monsenhor Remond esmoler general da armada do Rheno.—(R.)

"Quem me acode!,,

O alferes Matos Cordeiro quer que os monarquicos o defendam

O alferes sr. Matos Cordeiro enviou ao deputado monarquico sr. Carvalho da Silva um telegrama, pedindo-lhe fizesse no Parlamento a sua defesa.

E' possivel que, uma vez atendido, por gratidão se converta ás hostes monarquicas,—dizem.

A SORTE MOFINA

Os restos de Pombal

estão numa horta!

A capela da Memoria, de boa arquitectura CIRCUNDADA POR

nabos, couves, batatas...

Que destino cruel e afrontoso — pelo que encerra de pavorosamente ridiculo — pesa sobre as pobres ossadas do Marquez de Pombal! Dir-se-hia que os numes das vitimas do seu orgulho e da sua ambição, desenvolveram, contra o seu cadaver, uma guerra tremenda, acintosa, estrangulante, mobilisando contra os inofensivos restos uma vingativa e sinistra multidão de imponderaveis! A gente, ainda mesmo que não simpatise com a obra governativa de Pombal — em que ha, quer queiram, quer não, faiscações deslumbrantes de genio — chega a ter piedade da sorte mofina que o persegue ainda, a tantas dezenas de anos de distancia. Se na paz da outra vida ele pode sentir a chicotada moral de tamanho azar — quanto não sofrerá o seu orgulho!...

* * *

Primeiro foram os franceses, esses franceses que o genio de Napoleão galvanisou, atirando-os pela Europa fóra em ondas avassalantes de conquista e de dominação, que violaram, na insensibilidade que dá o contacto permanente com a morte, o modesto sarcofago da capela solarenga. E as ossadas inertes desse dominador impiedoso dormiram no pó, foram rojadas pela terra, num desprezo ou numa afronta — tal como ele fizera aos seus inimigos.

* * *

Mãos piedosas recolheram depois esses despojos maculados e venerandos a que o destino parecia recusar veneração. E transporataram-os á capela das Mercês, onde decorreram anos de tranquilidade e de bonança, enquanto cá fóra o seu nome despertava tempestades de improperios.

Naquele bairro vetusto e sereno, em que a vida parece decorrer a distancia, com medo de quebrar a tranquilidade claustral que envolve tudo; — naquel bairro vetusto e erudito, os ossos de Pombal dormiram longos anos acarinhados pelo ambiente de tranquilidade. Até que os homens, hi pertrofiando pormenores mesquinhos da sua obra, vagas tendencias do seu caracter, quizeram consagrar nele afirmações ideais que ele não tivera.

* * *

E uma manhã, com muito sol e um céu de explendor, uma multidão rompeu pelo bairro dentro, quebrando-lhe a monotonia — lá foram em procissão laica, cidade fóra, os restos de Pombal, sobre os quaes parece pesar a maldição que arrastou Ashaverus pelo mundo!

Na pequenina capela da Memoria — a basilica da Estrela em brinquedo infantil — ergueu-se um catafalco e a pequena urna funeraria ficou ali, como panteon glorificador.

Acabava a tragedia. O destino fatigara-se de perturbar maldosamente, esses pobres restos infelizes.

* * *

A tragedia acabou — mas começou a farça. Os despojos desse homem que teve a preocupação da sua individualidade e fez do orgulho, da força e da grandeza, o motivo do seu brazão heraldico — foram acabar... no meio de uma horta!

Nós explicamos: junto á capela da Memoria, existia, para residencia do capelão, uma pequena casa. A capela deixou de ter capelão — e o Estado, obedecendo ao pratico e louvavel intuito de criar fontes de receita, alugou a casa a um particular. Ora o homem tem um senso economico tão prático e tão louvavel como o do Estado — e foi-se ao adro da capela e aos terrenos que a circundam e vendou-os, criando assim uma horta farta, abundante, com boas couves, excelentes nabos, apetitosas batatas...

* * *

E, no meio daquela rica vegetação alimentar ergue-se a capela da Memoria, guardando para a imortalidade os restos gloriosos do Marquez de Pombal...

SUICIDIO? NÃO!

O caso da senhora alemã

que ha tempos apareceu morta sob as janelas do francfort

Mais deduções dum Policia Amador

Depois de ter saido a criada do quarto, encarámos bem de frente com o sr. Almeida que é o proprietario do Francfort Hotel a quem disparámos á queima roupa a seguinte pergunta:

—Em sua opinião como se deu o acidente?...

—Eu lhe digo, para mim essa senhora era uma desvairada, uma neurastenica, suponho até que tomava cocaina. Essa senhora devia ter tido qualquer alucinação, talvez até pelo uso desse veneno e a explicação deve estar só nisso.

—Mas já dera, nos dias que precederam a morte, qualquer sintoma de desiquilibrio?

—Zangou-se um dia com a criada e deu-lhe uma bofetada.

—Isso dá-me a impressão de que era irritavel mas d'ahi á loucura que mata vai uma grande distancia...

O sr. Almeida que é um homem que declina já da mocidade e ao qual a natureza por uma incoherencia extravagante, conserva o bigode e as sobrancelhas dum negro de tinta da China, torna a enrugar a testa e não responde.

Sobre a cama está um chapeu de senhora que pertence a uma nova hospeda do mesmo quarto, senhora que almoçava provavelmente a essa hora.

Tentámos reproduzir o lance em que a desgraçada alemã correndo para a janela, desta viera parar á rua.

São quatro passos curtos da cama para a janela que abre sobre o Rocio.

—Devia ser assim, disse eu procurando imitar uma pessoa que afitivamente corre para a janela e afastando as taboinhas fiquei surprehendido de me ter o sr. Almeida corrigido o gesto, levantando as mãos a toda a altura das taboinhas.

—[illegible] sr. Almeida [illegible] isso, porque lhe pareceu que devia ter sido assim?

—Porque as taboinhas não eram estas, eram outras que ficaram partidas nesta altura,—e o sr. Almeida indicava toda a altura duma pessoa com os braços levantados.

—Partidas?

—Sim senhor, partidas.

—Então devia ser grande aflição, a que levou essa infeliz a correr tão cegamente para a janela. Mas as taboinhas, tinham, por efeito das rezguas que as afastam do parapeito da janela, espaço mais que suficiente para qualquer pessoa se precipitar sem necessidade de lhe tocar.

Quem quizesse fazer aquele salto mortal não precisava afasta-las nem ao menos mexer-lhes o que, em vez de ajudar dificultaria a manobra saida.

Reparámos então que do sobrado ao peitoril vai uma distancia mais curta do que a regular, o que tornaria facil o desequilibrio para quem quer que, espalmada d'encontro a essa janela, com as mãos crispadas no alto das taboinhas ficaria por essa falta com a cintura acima do rebordo da janela e portanto com mais de metade do seu peso num desequilibrio manifesto.

Sim, é evidente que Mlle. Isolda não quis matar-se; correu numa angustia indiscriptivel para a janela, agarrou-se como todos os alucinados a qualquer coisa que lhe impedia a fuga e que, neste caso, foram as taboinhas que rebentaram com o aperto nervoso e sem querer, sem consciencia, sem vontade caiu por ter posto meio corpo fóra do peitoril.

Foi assim, não tem duvida de que foi assim.

Mas o que produziu em Mlle. Isolda a [illegible] corrida para a janela [illegible]

pois de ter despedido um grito lancinante?

—Foi talvez o efeito da cocaina, suspeita o sr. Almeida.

Mas a cocaina não provoca estas excitações epilepticas julgamos que ao contrario a cocaina como outros anestesicos provoca um adormecimento, uma lassidão, uma passividade que são exactamente o contrario do que produziu a morte da senhora alemã.

Essa desgraçada não tencionava matar-se.

Julgamos pode-lo demonstrar.

M.elle Isolda tinha um diario ao qual comunicava varios estados da sua alma romantica:

Em Janeiro escrevia ela numa das paginas:—«A's vezes chego a convencer-me de que estou morta e receio acordar depois com magua que o não esteja».

Dois dias antes do tremendo fim que teve escrevia ela:—«A minha vida é como um barco sem governo, tanto pode levar-me a um porto de salvamento como á perdição».

E' presumivel, é crivel que uma creatura que comunicava ao papel pensamentos de passagens futeis da sua vida, não escrevesse detida o seu pensamento a sua intenção de se matar?

Acredita alguem que uma pessoa que reflectia ás emoções banais do seu espirito num papel qualquer, o deixasse sem uma nota, sem uma referencia sobre o mais importante, sobre o sentimento mais violento que deve ser o que leva a terminar com a existencia?

Não, não se suicidou Mlle. Isolda. A mesma, depois de abandonada, patenteava uma leve mancha que nos adultos se não explica senão por efeito duma inconsciencia a que só os grandes sustos dão causa.

A infeliz teve um grande terror. Qual seria a sua causa?

POLICIA AMADOR

ULTIMA HORA

O JULGAMENTO DE Armando d'Azevedo

O que nos diz, a proposito da acusação que lhe é feita o conhecido revolucionario

Está marcado para amanhã o julgamento do conhecido revolucionario civil sr. Armando de Azevedo. Trata-se ainda dos sucessos de 19 de outubro, e a acusação, que imputam ao sr. Armando de Azevedo, é a de ter feito uma busca ás casas da residencia do sr. Lelo Portela, então governador civil de Lisboa, e do seu secretario.

Encontramo-lo ha pouco, casualmente. Pareceu-nos calmo. A uma pergunta nossa, naturalmente suscitada pela proximidade do seu julgamento, disse-nos com simplicidade:

— Fiz essa busca, é facto, mas só depois dos sucessos do Arsenal. De resto, sem nenhuma intenção malevola, como se pode depreender da minha atitude durante as horas da revolução. Eu sou — acrescenta com certa energia — dos que entram nas revoluções e saem delas sem nenhuns beneficios nem ao menos empregos!

Depois, noutro tom, mas sempre tranquilo como quem não teme controversia:

— Muita gente sabe que eu, nos periodos de movimentos revolucionarios, nunca recuso o meu auxilio a quem m'o pede. Isto sabe-se, repito. E, quanto ao 19 do outubro, devo dizer que passei essas horas no governo civil, onde, alguma auctoridade que tenho sobre os revolucionarios, a empreguei para conseguir que nada de anormal se passasse.

«E aqui tem o meu caso...

— Mas... v. foi preso pelo Lelo Portela... dissemos.

— E dai inferir-se que eu tinha contra ele alguma má vontade... — acudiu vivamente Armando de Azevedo, que, logo, sorrindo, repoz:

— Oh! Meu Deus! Mas se eu tenho sido preso tanta vez, e á ordem de tantos!... já não vale a pena importar-me disso — e não me importo...

UM COMICIO anti-fascista

No proximo domingo no Teatro Nacional

O sr. ministro da Instrução acaba de ceder para domingo o Teatro Nacional aos delegados da Direcção do Centro Republicano Radical 19 de Outubro, sr. Sebastião de Carvalho Ferreira e Henrique Martins Vagueiro, respectivamente presidentes da Direcção e das comissões politicas. Trata-se da realisação dum comicio «anti-fascista», para o qual já foram convidados a fazer uso da palavra os delegados das colectividades republicanas e das classes trabalhadoras.

AS POTENCIAS e a Liga das Nações

Uma comunicação sobre o Sarre

GENEBRA, 4 — O conselho da Sociedade das Nações examinou ontem em sessão publica o pedido de inquerito feito pelo governo britanico sobre a administração da região do Sarre. Depois de ter exposto os motivos deste pedido lord Robert Cecil propoz que o conselho ouvisse os membros da comissão porque o seu governo desistia do inquerito internacional proposto. O sr. Hanotaux disse que em face da ultima gréve a comissão de administração do Sarre tinha unicamente feito uso da lei alemã para redigir decretos provisorios que já foram anulados.

Depois lembrou que o sr. Robert Cecil se tinha declarado adversario de qualquer inquerito na região do Sarre porque tal medida lançaria descredito sobre a comissão e contra o governo. — (R.)

Um protesto da Polonia

LONDRES, 4 — O ministro dos Negocios Estrangeiros da Polonia protestou perante a Liga das Nações por esta pretender interferir na politica interna da Polonia pretendendo discutir o relatorio acêrca do estado financeiro de Danzig.

O vice-presidente do Estado de Danzig diz que a Polonia pretende que a Liga das Nações deixe exercer o seu protectorado sob a cidade de Danzig, protectorado que sempre se tem anulado. — (R.)

Furto importante

Foi preso Evaristo da Silva Simões, largo de Santos o Novo, por ter furtado uma mala de mão com 1550 escudos a Silvano Fernandes, travessa do Recolhimento de Lazaro Leitão 14.

A tarde politica

A interpelação do sr. Lino Neto — Os nacionalistas e os monarquicos

Merece especial registo nesta secção o discurso que o sr. dr. Lino Neto proferiu ontem na Camara dos Deputados.

A liberdade na sua expressão mais alta — a liberdade do pensamento, da consciencia, a inviolabilidade do lar, a veneração das leis, o culto da moral — teve no sr. dr. Lino Neto um paladino dominador.

Não pedia o «reacionario» parlamentar a cristianisação obrigatoria nem o restabelecimento da Real Mesa Censoria.

Não pediu nem clemencia nem tolerancia para a Igreja catolica.

Pediu, em alevantada fórma, o respeito de todas as profissões de fé, o respeito de todos os direitos universalmente consagrados como base inviolavel de toda a civilisação.

O sr. ministro da Justiça, naturalmente correcto, foi entretanto infeliz na sua réplica, sobretudo quando pretendeu legitimar a devassa de tipo setecentista que numa hora de demagogia infeliz e paradoxal foi cometida a um esbirro que sobre a cabeça de renegado empina o barrete frigio, velho simbolo das aspirações de liberdade.

A portaria que outorga ao sr. Borges Grainha, antigo congreganista despeitado, as funções inquisitoriaes de «intendente-mór do reino», em estilo Pina Manique, é inconstitucional, é contraria ao espirito da época e é afrontosa da consciencia nacional.

De resto essa portaria, um pouco em prestigio da justiça, estabelece que essas funções devem ser desempenhadas por magistrados e não consta que o sr. Borges Grainha tenha grau juridico que o habilite a tais e tão graves funções.

Se a Republica mantiver essa portaria e o processo de execução que escolheu, não fará senão uma lamentavel politica de regressão que muito a comprometerá.

***

Iniciou-se a oposição. Percebe-se que vai ser violenta.

***

A interpelação do sr. Cunha Leal deve começar ás 17 horas. Crê-se que o Governo ficará em maus lençoes, embora se afirme tambem que o sr. Antonio Maria da Silva está substancialmente preparado para a réplica.

Ao lado da minoria nacionalista estão os monarquicos, alguns independentes e os catolicos, que os governos inspirados pela politica de intolerancia de certas colectividades não tem sabido trazer ao serviço da Republica.

***

A camara oferece o aspecto dos grandes torneios parlamentares, estando largamente representados todos os lados da camara.

Nas galerias ha a assistencia dos dias de acontecimento solene.

O Estado caloteiro

Aos funcionarios da India não são pagos os honorarios ha 11 mezes

No gabinete dos reporters foi hoje recebido o seguinte telegrama:

NOVA GOA, 4.—Os oficiais militares e os funcionarios civis de Moçambique residentes na India desesperados e sem meios devido aos vencimentos atrazados 11 mezes, apezar dos constantes pedidos, lamentam a indiferença como teem sido tratados, pois que o governo de Moçambique não remeteu fundos e a India recusa-se a pagar.

Apelamos para os sentimentos patrioticos de v. pedindo providencias a fim de evitar a situação deprimente em que nos encontramos tendo de recorrer á caridade publica para minorar o estado aflitivo em que nos encontramos.

(aa) Tenente Coronel, Fialho dos Reis.

Aprehensão de armamento

Conforme ha dias noticiámos a policia de investigação apreendeu na residencia do hespanhol Angelo Martins na rua Nova do Carmo, 93, 5.º, 17 espingardas de guerra, sabres-baionetas e cerca de 5.000 cartuchos, artigos estes que estavam em poder do Grupo dos Treze desde a revolução de 14 de maio.

O referido armamento e cartuchame foi hoje removido do Governo Civil para o Arsenal do Exercito, devendo o seu detentor, o hespanhol Angelo Martins, ser posto em breves dias na fronteira.

O CASO dos vendedores ambulantes

O que eles dizem sobre a proibição que lhes foi imposta

Começou hoje a ser posta em execução a deliberação que proibe os vendedores ambulantes, que fazem o seu comercio em carrinhos, de fazerem a venda nas ruas centrais da cidade, desde as 11 horas até ás 24. Os interessados têm feito varios protestos contra tal medida, sem terem sido atendidos. Como é grande o numero de interessados neste caso, procuramos um dos membros da comissão que tem tratado do assunto para nos dizer o que fará a sua classe, perante a deliberação da Camara. A Associação dos Vendedores Ambulantes funciona numa das dependencias do Centro Socialista. Um dos membros dessa comissão, diz-nos:

— A resolução da Camara é uma arbitrariedade. Esta medida já foi tentada por vereações transatas, mas todas, atendendo sempre aos prejuizos que nos causava tal deliberação, sempre nos atendiam.

— Mas os srs. têm a respectiva licença?

— Temos. E note que, apezar de a Camara proibir que façamos os nossos negocios, nem por isso a licença ficou sendo menos pesada.

— Não procuraram já o presidente da Camara, para tratarem do assunto?

— Procuramos, o sr. Marques da Costa, que nos respondeu ir estudar o assunto; mas o que é certo é que já nos foi imposta a proibição, das 11 ás 24 horas.

— Que resolverá agora a sua classe?

— A resolução da Camara foi tomada pela Comissão Executiva, sem o Senado ser ouvido. Como se sabe, todas as posturas são resolvidas pelo Senado. Esta resolução é, portanto, ilegal. Nós vamos, pois, recorrer para a auditoria administrativa e esperamos que a questão seja resolvida a nosso favor.

— Os senhores tinham locaes certos para a venda?

— Temos. A vereação transata estabeleceu, que nós podiamos estacionar no Largo de S. Domingos e Terreiro do Paço. Foi uma resolução justa e temos a certeza de que voltaremos para os mesmos logares! E' questão de dias.

«Vamos entregar o caso a um advogado».—(R.)

Um vigario de 10.000 escudos

José Gomes Almeirim, hospedado no Hotel Duas Nações, foi burlado por dois vigaristas que tiveram artes de lhe extorquir objectos de ouro e dinheiro, tudo no valor de 8.600 escudos e mais 15 libras em ouro. O roubado apresentou queixa na policia.

OS MORTOS

Alfredo Taveira

Fomos dolorosamente surpreendidos pela morte deste distinto pintor, que foi distinto no seu genero, como poucos. Alfredo Taveira, com a sua barba á Velasquez, e uma cabeleira a que os cans não tiraram uns tons de romantismo, era eximio, principalmente, no retrato a crayon, embora em outros generos de pintura se houvesse revelado.

Mas o que mais choravam nele, os amigos, é o excelente coração, que ele possuia, e que tanto se revelava, em actos de generosidade e bondade, como igualmente em extremos de afectuosa ternura com a familia.

O sr. Alfredo Taveira, que morre com 64 anos, foi vitimado por uma congestão. O seu funeral realisa-se amanhã, ás 4 horas, da sua casa á rua do Norte, 18.

A' familia enlutada apresentamos os nossos pezames.

BOLSA

Continua-se notando a afluencia de oferta de papel, o que concorre para que se mantenha a situação dos ultimos dias.

Damos a seguir o preço de fecho de valores mais movimentados.

Banco Portugal—750, Banco Nacional Ultramarino—303.50, Banco Portuguez e Brazileiro—190, Sociedade Industrial Aliança—140,50, Companhia Portugal e Colonias—127, Companhia Navegação—339, Companhia Fosforos—286, Pesca—120, Gaz—112, Tabacos—1.152, Cazengo—390, Amboim—181, Cabinda—7.10, Ilha Principe—442, Ambaca 344.

O aspecto dos papeis continua a ser, como se vê, bastante fraco. Todavia é natural que se dê, talvez ainda esta semana, uma leve reacção.

Parlamento

Nos Deputados

A interpelação do sr. Cunha Leal

A sessão de hoje foi, por assim dizer, toda preenchida pela interpelação do sr. Cunha Leal sobre a politica geral do gabinete.

O sr. Cunha Leal começou por afirmar que o seu partido não pretendia derrubar o Governo, pouco lhe importando que a sua vida fosse curta ou longa.

Recordando os acontecimentos sangrentos do 19 de outubro, o orador verbera os crimes cometidos, lembrando que o sr. Presidente da Republica o chamou para organizar um governo que harmonisasse a situação, evitando que se produzisse qualquer choque entre os revolucionarios senhores do Poder e os partidos organizados.

***

Depois constituiu-se um Ministerio para restabelecer o imperio da lei e garantir a ordem publica. Mas esse Ministerio, a que preside o sr. Antonio Maria da Silva, espesinhou ainda mais as leis e irritou a desordem. Fala depois das eleições, em que o Governo permitiu toda a série de violencias e infamias, que foram até ao atentado pessoal.

— A instabilidade governativa, afirma, é um perigo para a Republica; mas é um perigo ainda maior á conservação dos governos que a servem mal.

***

O sr. Cunha Leal fala agora da politica religiosa. Afirma que uma boa parte do Paiz, aquela a quem são indiferentes as fórmas do Governo, estava disposta a integrar-se na Republica, desde que as reclamações da sua consciencia religiosa fossem atendidas. Houve um ministro que o pretendeu fazer: foi o sr. dr. Leonardo Coimbra. Pois o Governo do sr. Antonio Maria da Silva alijou esse ministro, em favor de uma minoria turbulenta, demagogica e insignificante, agravando ainda mais a consciencia catolica da maioria da Nação.

***

Depois de analisar o problema religioso, o sr. Cunha Leal analisa a obra colonial do Ministerio, garantindo que ela é simplesmente desgraçada.

O orador, ouvido sempre com o maior respeito, continua falando.

VIDA SPORTIVA

Taça Mutilados de Guerra

O magnifico trofeu instituido por «A Capital» e feito agora disputar por «Os Sports» ficará este ano na posse de Os Belenenses ou do Carcavelinhos?—O que será a final de domingo no Campo de Palhavã

O meio sportivo vai no proximo domingo ser novamente movimentado com a realisação do desafio final da Taça Mutilados de Guerra instituida pelo nosso jornal e feita agora disputar pelo bi-semanario «Os Sports».

São adversarios o club de Foot-Ball Os Belenenses e o Carcavelinhos Foot-Ball Club, que este ano venceu o Sporting no decorrer deste torneio e a luta deverá ser renhida, porque o Belenenses desejará inscrever pela segunda vez o seu nome no artistico e valioso trofeu sportivo e o Carcavelinhos desejará por sua vez estreiar-se com uma victoria que lhe permita ganhar a taça, gravando nela o seu nome, como justo premio dum esforço de muitos anos.

Quem vencerá pois?

E' dificil o prognostico, porque se muita gente se inclina para a vitoria do club de Belem, a verdade é o Carcavelinhos tem-se treinado afincadamente nestes ultimos dias, esperançado num resultado de tal forma honroso que lhe permita levar a taça para a sua séde.

O grande desafio terá logar no Campo de Palhavã, gentilmente cedido pelo Imperio Lisboa Club, ás 18 horas, sendo arbitrado pelo conhecido jogador do Casa Pia Atletico Club sr. Silvestre Roamaninho, que gentilmente acedeu ao convite da Comissão Organizadora.

A receita deste grande «match», conforme o regulamento da prova, é destinada aos mutilados de guerra e varias instituições de beneficencia.

Sessão plena da conferencia de Lausanne

Uma discussão cordeal

LAUSANNE, 4.—A conferencia da paz teve logar ontem de manhã em sessão plena. A discussão foi muito cordeal.

Os comités financeiros e economicos apresentaram os relatorios dos ultimos acordos a que se tinha chegado, tendo dado por concluidos os seus trabalhos, estando apenas dependentes agora a questão dos coupons, das concessões e da evacuação.—(R.)

Precocidade no crime

Fernando Simões Morgado, de ... da Cardosa, 13, 3.º é um garoto de 12 anos que se dedica ao mister de vendedor ambulante e que aconselhado por Maria de Jesus Cerqueira rua João do Outeiro, 30, loja, resolveu furtar aos pais a quantia de 750 escudos que eles tinham numa mala e uma vez de posse do dinheiro entregou á sua conselheira. Entregue o caso á policia foram ambos presos tendo-lhes sido ainda apreendida a quantia de 623 escudos.

Pelo Comercio

Comunica-nos a firma Viuva Ferrão, Limitada, que por escritura publica lavrada nas notas do notario Tavares de Carvalho, foi alterado o seu pacto social, consistindo esta alteração na elevação do capital, que fica sendo de Esc. 672.000$00, realisado, e na entrada de dois novos socios, os srs. Ricardo Marques e Luís Alberto, antigos empregados da casa.

Mais nos é comunicado que a gerencia da sociedade continua a cargo dos socios srs. Antonio Pereira Marques e Francisco Victorino dos Santos.

O novo horario da remoção do lixo

Os protestos tornam-se gerais, e, apesar disso, a camara persiste na sua

Um bom alvitre

Continuam os protestos, que vão tornando-se gerais. E' que, colhida de surpresa, a população alfacinha julgou que a camara municipal, caindo em si, e verificando que se enganara, voltaria atraz, no que, longe de se deslustrar, apenas mostrava nobreza.

Confessar um erro nunca foi desar; desdoiro é, sim, persistir nele. Entre duas atitudes—uma, que no-la patenteava encaminhando-se por um espirito conciliador, e a outra, que a faz ver atravez de intenções verrinosas—a camara, infelizmente, escolheu esta ultima.

Quer dizer: a nossa edilidade entende que não é a mandataria da população, mas sim uma entidade destinada a exercer sobre ela uma tutoria, com atribuições que ela propria se permitirá alongar até onde entender!

Note-se que nós não estamos a atacar a Camara Municipal de Lisboa. Nós erramos a estabelecer um principio: o de que uma municipalidade não pode deixar de orientar-se pela vontade dos seus municipes.

Ora o novo horario da remoção do lixo desagradou a toda a gente, inclusivé aos proprios funcionarios da camara, como ainda ha dias aqui o confessou um inspector da limpeza.

Temos a convicção de que a ordem há de ser revogada. Mas só depois de serem inumeros os prejuizos e incomodos, o que é lamentavel.

***

Seguem algumas cartas que nos foram enviadas sobre o assunto:

«... sr. redactor—A nova Camara Municipal, segundo ela mesmo declarou, engendrou o novo horario sobre... porque queria evitar que os caixotes do lixo «dormissem» á noite dentro das casas dos cidadãos. Pois eu conheço gente que só aos sabados e domingos pode fazer os seus despejos, porque os seus afazeres são incompativeis com a hora da passagem das carroças! Está a ver, sr. redactor que... limpeza!

De v. etc.—A. B.

***

«...sr. redactor—Ha dias, n'uma entrevista de «A Capital», li que um inspector da camara aconselhava a construcção de uma caixa-deposito em cada predio, destinada a receber o lixo, dia a dia.

Tambem me parece que seria essa a melhor solução. Mas, de qualquer forma, que a remoção, mesmo por esse processo, se faça de manhã, ás primeiras horas, pois é esse o ponto em que a inteligencia mais elementar não pode transigir!—Um leitor de «A Capital» desde ha anos».

VAI ACABAR A GUERRA de Marrocos?

Fala-se em negociações com ABD-EL-KRIM

Ha dias que começaram a circular noticias relativas a certas gestões que estão sendo entaboladas com Abd-el-Krim para a submissão deste cabecilha. As conversas tiveram como ponto de partida uma carta que o tio do chefe dos «bevinrrigueles», Salalu, dirigiu ao alto comissario, em que pedia que se abrissem negociações para estabelecer as bases duma possivel inteligencia.

A primeira entrevista celebrou-se a bordo duma canoa, na baia de Alhucemas entre o general Castro Girona e quatro representantes designados pelo proprio Abd-el-Krim; os delegados mouros pretenderam falar largamente acerca das pretensões dos «bevinrriguelos» e em especial de Abd-el-Krim; mas o general atalhou os discursos dos mouros, afirmando que a Espanha exigia para continuar tratando, o total reconhecimento dos seus direitos e as obrigações do regimen do protectorado uma plena satisfação para o exercito. Parece que, por sua parte, os delegados de Abd-el-Krim pretendiam que as negociações partissem do reconhecimento, pela Espanha, da soberania independente do Rif. Castro Girona lembrou a acta de Algeciras e os mais tratados internacionais.

Insistiu o general Girona em que a Espanha tinha de ocupar o cabo Quilates, o morro e a praia de Alhucemas e recuperar o material perdido em julho de 1921; e que se os cabilenos insubmissos não acediam, a Espanha conseguiria esses resultados pela força das armas, com grave prejuizo para os rebeldes.

Ulteriormente a esta entrevista foram seguidas as negociações por Driss-Ben-Said, a quem Abd-el-Krim disse em certa ocasião que estava de acordo com outros elementos de Marrocos que lhe facilitariam armas e munições para provocar uma segunda derrota aos espanhoes; tambem lhe declarou que o dinheiro obtido pelo resgate do general Navarro e mais cativos o guardava oculto em logar seguro, na previsão de possiveis acontecimentos.

As informações de Driss-Ben-Said fizeram com que as tropas espanholas se preparassem e batessem, nas ultimas investidas, os rebeldes, de forma a que Abd-el-Krim voltou a pedir a paz. A 7 de julho enviou a Melilla um emissario; mas o alto comissario negou-se a recebe-lo, por que não levava as credenciaes necessarias.

Posteriormente, Abd-el-Krim pediu a suspensão das hostilidades, dando-lhe o exemplo, fazendo cessar toda a actividade do seu exercito, e que refixe um prazo até de julho para que se faça um pacto.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

A propaganda

O Directorio, de acordo com as comissões distritaes de Lisboa e Evora, realisa no proximo dia 15, dois grandes comicios respectivamente em Cintra e Evora.

Naquela vila usarão da palavra, pelo Directorio e Junta Consultiva, os srs. drs. Albino Vieira da Rocha, Lopes de Oliveira, comandante Procopio de Freitas, coronel Xavier Pereira; pelas comissões municipal e districtal de Lisboa, os srs. Cesar de Lemos, Sousa do Almeida e Antonio Joaquim Magalhães e capitão José Alfredo Paula; e pelas comissões de Ociras e sr. Camilo dos Santos.

Na cidade de Evora, usarão da palavra, pelo Directorio e Junta Consultiva os srs. drs. Orlando Marçal, Santos Monteiro, major Rosa Ventura, Antonio Bernardo e Arnaldo de Carvalho; pelas comissões politicas, srs. Moreira Lopes, alferes Pimenta, Mario Barros e tenente Arcadio Matos Silva como representante da «Lanterna».

A estas duas localidades serão os oradores acompanhados por muitos elementos do partido.

Nesse sentido o Directorio vai comunicar estas resoluções ás comissões locaes para que desta jornada resulte uma forte afirmação de vitalidade partidaria.

No domingo 22, sessão solene para inauguração oficial do Centro Republicano Radical de Lisboa.

No domingo 29, grande comicio de propaganda em Setubal, com a comparencia das comissões politicas de Lisboa e da margem Sul do Tejo e ainda uma sessão de propaganda em Almada.

No Porto os trabalhos de propaganda prosseguem com toda a actividade.

A comissão de propaganda que funciona junto do Directorio em Lisboa foi assim constituida: Moreira Lopes, Sousa de Almeida, Mario Barros, José Vale Correia, Evaristo Costa, Costa Carvalho, Antonio Joaquim Magalhães, José Julio Roxo, Luiz Cesar de Lemos, Virgilio da Conceição Silva, alferes Pimenta e dr. Francisco Levita.

A esta comissão estão agregados pelo Directorio e Junta Consultiva os srs. drs. Orlando Marçal, Lopes de Oliveira, 2.º tenente José de Freitas, Antonio Bernardo e major Rosa Ventura.

Comissão Districtal de Lisboa

A comissão districtal de Lisboa reune na proxima sexta-feira no Centro da Graça, pelas 21 e 30, para resolução de assuntos importantes.

Reunião da Comissão Executiva

Para assuntos que se prendem com a imediata intensificação da propaganda partidaria reuniu hoje no local do costume, a comissão executiva do P. R. Radical.

Comissão Politica dos Olivaes

Na sua ultima reunião, esta comissão tomou conhecimento de numerosas adesões ao partido, nesta freguesia, e ventilou-se a maneira de se fundar um Centro partidario em conjunto com a freguezia dos Olivaes.

Lançou na acta um voto de regosijo pelo aparecimento do jornal «A Lanterna».

TAUROMAQUIA

Grandiosa corrida em Santarem, no proximo domingo

A corrida que no domingo proximo se realisa na praça de Santarem, é das melhores que se teem organisado e que por isso mesmo deve levar á linda cidade muita gente desejosa de ver um bom torneio tauromaquico.

A corrida é em beneficio do Hospital de Jesus Cristo, toureando a cavalo o notavel artista João Branco Nuncio e a pé Luciano Moreira, que lidará um touro embolado á espanhola, Tomaz da Rocha, Ribeiro Tomé, Alterero e ainda os praticantes Antonio Marques e Manuel Domingos.

Os touros são do importante lavrador sr. Joaquim Mendes Nuncio e o grupo de forcados será capitaneado pelo conhecido Chico Marujo.

A corrida de domingo em Santarem, atendendo ainda ao seu fim beneficente, deve marcar sobremaneira nos anais da tauromaquia.

O aniversario de Portugal

Comemorando o aniversario da fundação da Nacionalidade, a Juventude Catolica de Lisboa faz celebrar amanhã, 5, pelas 9 1/2, na egreja da Conceição Nova, uma missa pelas glorias de Portugal, seguida duma alocução pelo rev. Manuel Luiz.

«Jovens Lusitanos»

Realisa-se amanhã, pelas 21 horas, eleição dos corpos gerentes deste Gremio.

Este acto está despertando o maior entusiasmo entre os associados, visto que nas listas estão incluidos os nomes de varios republicanos dedicados e de muitos estudantes, figurando tambem representantes de todas as classes e partidos republicanos.

Depois da posse dos novos corpos gerentes a colectividade vai entrar numa fase mais activa, realisando conferencias e comicios em Lisboa e noutras terras do Paiz.

Um grupo de socios pensa egualmente na fundação dum periodico que fará a propaganda dos verdadeiros principios democraticos, combatendo as mesmo tempo as Juventudes Monarquicas Conservadoras.

Roga-se a comparencia de todos os socios no Centro Tomaz Cabreira, R. Alves Correia, 85 no dia e hora acima indicados, afim de que os novos corpos gerentes sejam eleitos pelo maior numero de agremiados.

Teatros ▪ Musica ▪ Cinemas

O "Lodo" passou...

A «Capital» tem ligada a sua opinião, em motivo de teatro, á opinião do seu critico oficial, «O homem que passa», cuja analise é sempre justa e sem excessos, ou no elogio ou na censura.

A peça «O Lôdo» deu, porem, logar a desusada discussão e até a proprio plateia, na noite da sua representação, se mostrava vivamente dividida, ouvindo-se apreciações inteiramente opostas.

Por esse motivo, e porque não se trata propriamente duma critica, não temos duvida em publicar o artigo do sr. dr. Luiz de Oliveira Guimarães, que demais é tambem um ilustre colaborador da «Capital».

* * *

Representou-se no Politeama, em récita unica, uma peça em tres actos firmada pelo nome de Alfredo Cortez: «O Lodo». Em volta dessa peça fez-se um largo movimento de curiosidade e de espectativa. Sabia-se vagamente que aqueles tres actos arrancado ao «bas-fonds» da Mouraria exalavam um halito de vicio, de desgraça, de monstruosidade. As empresas tinham recusado a peça. Os amigos do proprio autor se encarregaram de dizer dela o peior possivel. Foi dentro deste ambiente que «O Lodo» subiu á scena — ou melhor, desceu. O teatro coalhou-se de gente. Uma atmosfera de interesse envolvia todos os espiritos. Um «frisson» crispava, uma arrepio, todas as sensibilidades. O que seria a peça? O que não seria? Quando o pano subiu todos nós tivemos a impressão instintiva de que iamos assistir ao trabalho emocionante não dum autor dramatico — mas dum prestidigitador. Aquela peça era uma «boite á surprises». As qualidades que caracterisaram a primeira obra dramatica de Alfredo Cortez iam, de novo, ser postas á prova — duma forma imprevista. «O Lodo» cresceu. Mas «O Lodo» passou. Eu permito-me ao fazer não contar o que são, nos seus pormenores, aqueles tres actos onde não ha espaço — para uma lagrima de dignidade e de beleza. Em volta daqueles tipos dolorosos de mulher em cujas mãos o pomo de oiro da vida destila fel, ignominia, lodo — há um desejo de virtude, de moral, de pudor onde mal as flores nascem, logo murcham. Mas eu não quero, neste momento, fazer ao sr. Alfredo Cortez o mestimavel favor de dizer mal da sua peça. Para quê, senhores, para quê? Se «O Lodo» passou... O que eu não quero é deixar de fazer algumas considerações rapidas em volta desse monstruoso «fait-divers» que ante-ontem conseguiu arrancar tão vivos aplausos dum certo publico. Eu pateei, senhores, eu pateei. Mas não pateei a peça do sr. Cortez: pateei, mas sómente, os aplausos dessa massa amorfa e informe chamada «certo publico». O sr. Cortez estava no seu direito de escrever, moralmente, aquilo que julgasse... As empresas estavam no seu direito de recusar, como recusaram, por excessivos os tres actos de «O Lodo»... O autor da «Zilda» quiz então representar a sua peça; sujeitá-la a provas publicas; arcar, ele proprio, com a sua responsabilidade material e moral; conseguiu colaboradores e interpretes; — entam «O Lodo» subiu á scena, na mais piedosa das intenções, em beneficio da Casa Gil Vicente.

Tudo isto é aparentemente normal. Tudo isto é aparentemente logico. O que não é logico, o que não é moral é que esse certo publico, perante a mais ignobil monstruosidade, tivesse aplaudido fervorosamente — como se assistisse a uma obra-prima de virtude, de nobreza, de ternura, de dignidade. Perante a chuva de aplausos que cobriu as finais de acto — um ou outro protesto individual quasi desapareceu, esfumado, como um fio de sol entre uma nuvem. E porquê? Porquê? O publico não reage. O publico vai na onda. O publico vai no «Lodo». A mais grave e a mais perturbadora crise, a crise do caracter e da educação, adeja a sua aza negra, sobre tudo e sobre todos. Quem se salva? Quem? Eu pateei, senhores, eu que não contumo patear nunca! Eu não pateei, repito, os tres actos do sr. Cortez, embora sob o ponto de vista moral os tivesse achado inqualificaveis e sob o ponto de vista teatral os tivesse achado muito mais a obra dum pequenino carpinteiro do que dum dramaturgo. O que eu pateei foi a atitude do publico que não reagiu, que não discordou, que se identificou com a peça, que á saida eu tive a impressão nitida, a impressão exata de que «O Lodo» tinha descido do palco, galgado a plateia e nojento, viscoso, mel e tinha afogado em multas almas a flor da pureza e da virtude...

Sabem bem que eu não costumo fazer dissertações moraes: mas quero que o meu protesto de hoje, firme, como uma voz que se ergueu, sobre o pantano, em nome de tantas vozes que, a esta hora, por todos os quatro cantos floridos de Portugal, na calma georgica das serras e dos campos, sabem ainda como se canta e como se reza.

LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES.

Sucessos e escandalos

"Mar Alto" e "O Lodo"

Vai á scena, em S. Carlos, na sexta-feira a peça de Antonio Ferro «Mar Alto», que no Brasil obteve o maior sucesso de escandalo e de controversia de toda a época dramatica passada, e foi representada em S. Paulo e no Rio.

Ainda ante-ontem o teatro Politeama oferecia o aspecto duma pista de box, a proposito ou a desproposito do original «O Lodo» em que é tratado um caso algo escabroso.

Agora é o «Mar alto», peça amoral, segundo uns, imoral segundo outros, mas ao que parece reveladora de meritos reais e, a darmos credito á critica do Rio, reveladora mesmo de faculdades notaveis.

O sr. Antonio Ferro, que é um dos mais discutidos artistas das letras na geração moderna, e que dentro do jornalismo chamou sobre si as atenções, é inteligente, possue uma interessante cultura e a sua forma literaria tem fervorosos adeptos e admiradores incondicionaes.

Sem «partipris» embora a sua obra ainda seja um pouco dispersa, julgamos que demonstrou já o seu talento duma forma convincente e que há o direito de esperar que a sua vida futura lhe assegure a consolidação duma bela e invejavel obra moderna e forte.

A «premiére» do «Mar alto», é esperada anciosamente pelos seus amigos e inimigos literarios.

A «blague» surge já. Ha quem afirme: «Não é mar alto que se lança o ferro...»

Mas, a verdade é que o auctor da «Leviana», cuja arte é de audacia e de talento original e moço, segundo opinião de criticos já conhecedores da peça tem uma bela obra na sua primeira produção de teatro.

Oxalá o publico a sancione, e lhe dê aquele interesse que a produção dum novo como Antonio Ferro merece sem favor.

Porque, a verdade é que os escandalos passam e as obras ficam.

Noticiario

Portugal

E' quarta-feira que reaparece no Apolo, a Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, sendo a peça de estreia «A Garra» em que Alves da Cunha tem um trabalho admiravel.

Reclames

—A revista do Eden «Caldo Verde» prosegue hoje na sua brilhantissima carreira, representando-se em duas sessões.

—A companhia José Ricardo está a despedir-se no Apolo, e por isso efectua-se, na actual semana, as ultimas representações do drama rustico «Maninas», original de Bento Mantua, e «A saudade», de Lopes de Mendonça que tem um brilhante desempenho em que sobressam Brasão, José Ricardo, Maria Matos, Ilda Stichini, Mendonça de Carvalho e Gastão Alves da Cunha.

A recita da ilustre actriz Ilda Stichini realisa-se segunda-feira, em despedida da companhia.

Instituto Branco Rodrigues

O professor cego, director da orquestra do Instituto Branco Rodrigues, Joaquim Nunes Pinto, que foi educado neste estabelecimento de ensino e que completou o curso superior de piano, no Conservatorio de Lisboa, obtendo a mais alta das classificações, distinção e louvor, assinou ontem um contrato muito vantajoso, para ir desempenhar o cargo de pianista do tercetto, que, durante os mezes de julho, agosto e setembro vai dar concertos no Grande Hotel Salos, de Vidago.

Este facto demonstra a grande utilidade da educação dos cegos, que os torna uteis a eles proprios e á sociedade e prova quanto é excelente o ensino ministrado ás crianças cegas o Instituto do Estoril

A carta fatal

Fóra da lei

Banquete caseiro

A empreza do Salão Central faz exibir, em estreia, na matinées de hoje, os dois penultimos episodios, intitulados «A paixão do jogo» e «Suprema aposta», da pelicula de ruidoso exito «A carta fatal». A pezar do calor, o vasto cinema encheu-se por completo dum publico de «élite», em que predominavam as senhoras e as creanças, na delicia das mais soberbas maravilhas cinematograficas.

«Fóra da lei», a pelicula de arte, em sete partes, do repertorio da formosa e eminente artista Priscilla Dean, continua a merecer as atenções dos «habitués» do Central, pelo imprevisto das suas scenas, cheias de interesse e de emoção. Ambos estes «films» se repetem no espectaculo da noite, acompanhados da hilariante pelicula «Banquete caseiro».

Reuniões

Reunem hoje: Advogados, 9 n.; Classes Graficas, 8; Lisboa Verde Stelo, 9 n.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«Magda».
AVENIDA—A's 9—«Para viver feliz».
POLITEAMA—A's 9—«A filha do Lavrador».
APOLO—A's 9—«Má sina».
EDEN—A's 8,45 e 10,45 —«Caldo Verde».
GIL VICENTE—A's 9—«Florya».

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal» e «Fóra da lei».
OLYMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

Pelo Juizo de Direito da 4.ª Vara Civil da Comarca de Lisboa, cartorio do 1.º Oficio, se anuncia que, por sentença de 7 de Junho de 1925, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio e dissolvido o casamento dos conjuges D. Emilia Julia Mendes Cruz, e Antonio Anselmo da Cruz, por virtude da respectiva acção de divorcio que aquela moveu contra este.

Lisboa 27 de Junho de 1925.

O escrivão interino—Antonio Augusto Duarte Junior,

Verifiquei a exactidão—O juiz da 4.ª Vara—Guerra.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4422-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quinta-feira, 5 de Julho de 1923 || Telefone C. 2208 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

PRAGA, 5.—O sr. Buday representante dos autonomistas slovenos teve uma entrevista com o leader croata Radich. O sr. Buday mostra-se partidario da luta comum dos autonomistas slovenos e croatas contra os governos da Yoguslavia e da Tcheco-Slovaquia.—(R.)

A respeito da Presidencia

Estamos precisamente a um mez da eleição presidencial, e ainda se não pode formar uma conjectura segura sobre quem será o candidato triunfante. Mais ainda: ainda oficialmente não se sabe quem são os candidatos, nem mesmo se aceitam, se forem eleitas, ao alto cargo representativo da suprema magistratura da Republica, algumas das individualidades em cujos nomes mais se tem falado.

A falta de uma indicação segura sobre os vultos republicanos que disputam a presidencia é tudo quanto ha de mais inconveniente, num episodio politico de tamanha magnitude.

Sem duvida, o presidente da Republica é eleito, segundo o preceito constitucional, por sufragio indirecto, mas isso não impede que o paiz se pronuncie. A opinião publica não tem voto no parlamento; possue, todavia, a força precisa para orientar o voto dos legisladores.

Não é, não póde ser indiferente para ninguem, a escolha do Chefe do Estado. Nem mesmo para os inimigos do regimen, porque, na sua qualidade de Chefe de Estado, o eleito será o representante de todos os portuguezes.

Por isso mesmo o novo Presidente da Republica não deverá ser escolhido dentro dum criterio exclusivamente partidario. Esse criterio será o peor.

Um presidente da Republica democratico, nacionalista ou radical, representaria o maior dos perigos para a sociedade portuguesa.

O presidente tem de ser um republicano de alma e coração, um republicano de principios, que tenha pelos direitos de todos os cidadãos um respeito absoluto. E' assim que melhor se tem afirmado em toda a parte os Chefes de Estado republicanos; é assim que entre nós o sr. Antonio José de Almeida está finalisando uma presidencia modelar, e que por isso mesmo é a primeira que ocupa todo o periodo normal estabelecido pela Constituição.

O sr. Antonio José de Almeida era chefe dum partido da Republica, pouco antes da sua candidatura á presidencia ser apresentada. Deixou o seu logar, dissolveu o seu partido, e desde o primeiro dia em que exerceu as funções do seu cargo, a sua atitude nunca se desmentiu. O seu unico partido foi o da Republica e da Patria.

E' preciso que o novo presidente da Republica não possa ser considerado por ninguem como serventuario de nenhum partido nem de nenhuma alta individualidade politica. E' preciso que dê garantias de absoluta imparcialidade tanto aos republicanos avançados como aos republicanos moderados; tanto aos crentes como aos descrentes em matéria religiosa. Se assim não fôr, tristes dias o aguardam, e á propria Republica Portuguesa.

O que é necessario é que se saiba quem são os candidatos. A opinião publica tem o direito de se pronunciar sobre eles, e é preciso que quando os membros do Congresso lançarem nas urnas uma lista contendo um nome, saibam o que o paiz pensa do homem que esse nome designa. E' assim que se procede lá fóra, e procede-se bem porque a eleição dum Chefe de Estado é sempre um grande acontecimento nas democracias modernas.

GUERRA JUNQUEIRO

Durante o dia de hoje continuou estacionario o estado do grande poeta da «Morte de D. João», que se havia agravado de madrugada. Foi grande o numero de pessoas que durante o dia foram a casa do ilustre enfermo, saber do seu estado. Tambem durante todo o dia o sr. dr. Moreira Junior não abandonou o grande poeta.

Conferencia de Lausanne

LAUSANNE, 5. — Os srs. Rumbeld e Montagna visitaram de novo o general Pellé. Os trez plenipotenciarios esperam instruções dos seus governos.—(R.)

FIGURAS QUE PASSAM

O CULTO DE FIALHO

Uma obra de justiça a realisar

Diz dela

Correia da Costa

Fialho de Almeida, o artista enternecido e vibrátil da «Lisboa Galante», que sonhou uma cidade monumental com uma avenida á beira rio, com os bustos dos nossos guerreiros, navegadores e artistas, o artista de tanta pagina surpreendente, o principe do Ritmo, não teve ainda da cidade a que deu tanto sonho e tanta belesa, uma homenagem condigna. Essa obra de justiça precisa realisar-se o mais rapidamente possivel. Assim o exige o nosso decoro mental e o desejo de prestarmos culto a um dos mais belos e admiraveis escritores contemporaneos o mago e divino artista do «Paiz das Uvas».

Encontrando hoje o moço escritor e nosso amigo sr. Correia da Costa, admirador de Fialho que na imprensa tem defendido a ideia de uma estatua ao escritor excelso, na pacatez matinal da Brazileira do Chiado, perguntámos-lhe o que pensava acerca das mais imediatas homenagens a Fialho de Almeida.

Correia da Costa que ainda ontem lançou no mercado um livro de critica a «Eça, Fialho e Aquilino Ribeiro» onde estuda e critica a obra do escritor de «Os Gatos», respondeu-nos logo:

—Perante a cidade, perante a Lisboa que ele amou em paginas surpreendentes, Fialho não teve ainda as homenagens devidas. Ha apenas em Lisboa a sala Fialho de Almeida, na Biblioteca Nacional e em Beja o Liceu Fialho de Almeida, o que é pouco. Fialho precisa um busto na Avenida, como ele proprio queria os bustos dos outros «á altura dos beijos e dos abraços». E' sobretudo uma vergonha que não tenha em Lisboa uma rua, nos bairros novos, com o seu nome. Cesario Verde e Fialho «dois lisboetas» que exaltaram e engrandeceram Lisboa nas suas obras, não teem uma rua nova, de tantas que se estão dia a dia, abrindo nos bairros excentricos.

—E' lastimavel, dissemos.

—E' sobretudo compungente! Agora que estão na vereação de Lisboa alguns homens inteligentes, entre eles o poeta admiravel que é Pedro de Meneses (o dr. Alfredo Pedro Guizado) espirito interessantissimo de literato e escritor modernista, esse esquecimento tem de findar, não só para com Fialho mas para com Antonio Nobre, o poeta que cantou Lisboa nas «Despedidas» Cesario Verde, Gomes Leal, Oliveira Martins mas sobretudo para com Fialho, o admiravel colorista da «Cidade do Vinho» e da «Lisboa Galante». Espero que o poeta ilustre que é Pedro de Menezes tome a iniciativa dessa homenagem, que todos os portugueses cultos lhe agradecerão com prazer e entusiasmo.

—Mas em tempos falou-nos duma festa em Cuba, terra de Fialho, ou melhor a terra em que está sepultado, atalhámos.

Correia da Costa cheio de entusiasmo, diz-nos então:

—Fialho tem em Cuba um jazigo interessante para ele e para sua esposa. No entanto repousa ainda num jazigo de emprestimo. E' preciso que se faça o seguinte no proximo outono: O ministro da Instrução conseguiria um comboio especial com convidados e figuras de relevo mental que iriam a Cuba assistir á trasladação, com a assistencia dos poderes publicos, Chefe de Estado, Ministerio, escolas, etc. O Liceu Fialho de Almeida, de Beja, assistiria em massa. Isto me prometeu o seu ilustre professor dr. Garcia Pulido, que é um poeta distintissimo. Seria uma obra de justiça admiravel e uma linda festa de homenagem digna da arte do artista excelso dos «Contos».

—E tem-se trabalhado?

—Esperamos que tomem a presidencia da comissão os drs. Brito Camacho, Teixeira Gomes o sr. Gualdino Gomes, e outros amigos intimos de Fialho. Falarão apenas Leonardo Coimbra, Brito Camacho e um membro da Academia de Beja. E' uma festa admiravel. Conto que toda a gente culta lhe dará o seu aplauso. O ilustre ministro da Instrução dr. João Camoesas deve estar ao lado dessa ideia que eu reputo admiravel e justissima.

SUICIDIO?

O caso da alemã

que apareceu morta sob as janelas do Francfort

Ainda sobre este caso, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director.—Vejo com satisfação que o seu jornal continua tratando da morte da senhora alemã, e, neste caso, quero tambem dar a minha humilde opinião.

Fui uma das pessoas que assistiram á vistoria e ao selamento, feitos pela policia no quarto da morte; analisei tudo, e sahi com a convicção de que tinha havido luta antes de se dar a morte.

O desalinho em que estavam as roupas da cama, a posição em que se encontrava um cobertor, no chão, e as taboinhas todas arrombadas, não falando em mais coisas que na ocasião observei criaram em mim uma grande desconfiança. Ainda fiz varias interrogações a uma creada, mas como estava na presença da policia, não quiz meter foice em seara alheia e não me queria sujeitar a qualquer observação.

Mas, sr. director, neste caso fiquei vencido e não convencido. Tambem me quiz parecer que a policia não estava bem á vontade; lembro-me que fosse por se tratar duma estrangeira...

Terminando, não seria possivel saber-se o que conseguiu apurar a policia, sobre o crime suicidio? Se precisar do meu nome e morada, não ponho duvida em lho enviar.

S. G. A.—Um ajudante do policia amador.

FRANCESES E BELGAS

nas regiões ocupadas

Ocupação de minas

BERLIM, 5—A mina Friedrich der Grosse foi ocupada militarmente assim como as instalações dos poços Ernestine em Stonemberg. A mina Dahlbusch em Rothausen foi egualmente ocupada tendo-se as tropas apoderado de depositos de madeira. —(R.)

As sanções belgas

BERLIM, 5—A imprensa alemã diz que por motivo das medidas tomadas pelas autoridades belgas no sector de Duisburg o fornecimento dos viveres á população tinha-se tornado muito dificil. O Estado Maior belga declara oficialmente que não recebeu nenhum queixume nesse sentido e que a entrada de viveres em toda a região do Ruhr continua a fazer-se com a maxima liberdade.—(R.)

O exercito vermelho

Trotsky passa-lhe revista

REVAL, 5.—Trotsky passou em revista a decima segunda divisão do exercito vermelho tendo pronunciado um veemente discurso, dizendo aos soldados que o exercito vermelho disciplinado, bem armado e bem municiado era o grande esteio da defeza do ideal bolchevista que havia de perdurar contra tudo e contra todos. Os soldados desfilaram perante o comissario da guerra entoando hinos revolucionarios e patrioticos.—(R.)

VIDA CONCELHIA

Vão ser criadas novas Comarcas

Mas devem ser criadas ou não?

A proposito duma opinião

do Director Geral da Justiça

Num jornal da manhã o director geral do Ministerio da Justiça, sr. dr. Germano Martins, manifestou o seu parecer sobre um projecto pendente agora na Camara dos Deputados para a creação de comarcas judiciais de 3.ª classe nas sedes dos concelhos de Cadaval, Sabrosa, Ferreira do Zezere, Carregal do Sal, Penamacor e Macieira de Cambra.

Parecendo-nos o assunto de bastante interesse, quizemos ouvir o relator do projecto em questão, o deputado e juiz sr. dr. Adolfo Augusto de Oliveira Coutinho.

— Estou quasi em desacordo completo, responde-nos, com o ilustre director geral de Justiça. E digo quasi porque tambem reconheço a existencia injustificada de certas comarcas, já pelo pequeno movimento judicial, já pela pequena distancia a que se encontram doutras. Daí todavia não póde inferir-se que não haja concelhos nas precisas condições para lhes ser dada autonomia judicial.

— E porque não têm sido até hoje criadas?

— Por multiplos motivos, sendo o principal o de que os politicos, em regra, legislam para Lisboa. E se não veja: o argumento de que, depois de proclamada a Republica, apenas foi criada a comarca de Grandola, não é exacto. Foram criados por esse paiz fóra (Setubal, Coimbra, Braga, Barcelos) tribunaes privativos para o crime, que o mesmo é dizer o desdobramento das comarcas.

«Não poderia, em vez da criação de juizos criminais fazer-se esse desdobramento, do que resultaria maior comodidade para os povos de varias regiões, sem gravame de maior para o tesouro?

«Não foram, em Lisboa, depois de proclamada a Republica, criados numerosos e variados tribunaes, quando alguns deles poderiam sê-lo noutro local, por exemplo Cascais, que oferecesse maior comodidade a quem tenha de recorrer á justiça?

— A crise financeira, que no presente é mais grave, não estorvará a aprovação do projecto? dissemos.

— A crise financeira, é um chá muito fervido. Veja que o sr. director geral da Justiça não protestou ainda em publico e razo como agora, contra os factos que refiro. O caso é outro. Quando se reclama qualquer beneficio para os povos da provincia, surge sempre esse argumento, que não aparece em momentos, de direito, oportunos. E' que o provinciano tem só o poder de ser... contribuinte.

«Demais a criação das projectadas comarcas em nada vem «desafinar» as finanças do Estado, porque os povos dos respectivos concelhos voluntariamente suportam uma contribuição especial que produza o suficiente para ocorrer á despesa com os ordenados do juiz e do delegado, unica que a criação duma comarca acarreta.

— Mas as camaras pódem esquivar-se a esse pagamento?

—Não é ás camaras que incumbe tal despeza. O Estado cobra directamente do contribuinte uma percentagem que produsa o suficiente para ela. E' muito diverso como vê.

«E tal legislação não é nova: ha fortes exemplos de impostos locaes para despesas feitas com serviços publicos, numa ou noutra localidade.

«E nem devem chorar-se lagrimas de crocodilo pela sorte do contribuinte dos concelhos, que pretendem as comarcas, porque muito mais barato lhe fica este imposto, do que o que lhe resulta da grande distancia a que se encontra atualmente a séde do tribunal. São dias perdidos, despesas de transportes e alimentação, e ainda, para cumulo, as custas dos processos muito mais elevadas em virtude dos salarios, com os caminhos para as intimações serem proporcionaes á distancia.

«Bem vi que o sr. dr. Germano Martins argumenta com a distancia de 12 quilometros a que Macieira de Cambra se encontra de Oliveira de Azemeis e que essa distancia é facilmente vencida de automovel; mas o que o sr. Germano Martins ignora, porque neste ponto o «Anuario Comercial» falha, é que, tal distancia é de 15 quilometros e que não ha carreira alguma de automovel.

«E o facto de ficarem as sédes dos dois concelhos a 15 quilometros não quer dizer que não haja, como de facto ha, povos á distancia de 30, 40 e até 50 quilometros, sendo certo que a maior parte deles estão a distancia superior a 20 quilometros.

«A verdade é que quem conheça as dificuldades, incomodos e despezas que resultam da grande distancia a que fica a séde duma comarca, não levanta oposição a tal projecto.

— Mas a criação de novas comarcas não trará prejuizos ás comarcas de que são destacadas?

— Não póde deixar de ser. Perdem os oficiaes de justiça e os hoteis. O prejuiso daqueles, porém, desaparece, reduzindo-se o numero de cartorios dessas comarcas. E que assim não fosse, deveria sacrificar-se ao prejuiso de meia duzia de pessoas, o de todo um concelho?! Não é razoavel, não é humano.

«Invoca-se com pouca felicidade o interesse da importante vila de Oliveira de Azemeis. Mas se ela é já uma vila importante e se de facto é uma das mais importantes comarcas do paiz, não poderá suportar o pequeno prejuiso que resulta para meia duzia dos seus habitantes com a criação da comarca de Macieira de Cambra?

«Oliveira de Azemeis continuará a ser o ponto forçado para o transito e comercio de Macieira de Cambra, que alguma coisa é.

E nem os concelhos que aspiram á criação da comarca têm em vista prejudicar a comarca de que se deslocam, mas só o seu engrandecimento e a comodidade dos povos.

«Note que a aspiração é velha, e sempre só os interesses politicos a estorvaram. Em todos os concelhos referidos no projecto, houve juizes ordinarios e julgados municipaes e só depois da politica centralisadora de João Franco, em 1895 deixou de os haver. A essa violencia nunca foi dada a reparação devida, simplesmente porque o mais forte exercia o seu predominio de força.

A Liga das Nações

O relatorio do representante do Uruguay—Notas varias

GENEBRA, 5—Hontem de manhã o representante do Uruguay apresentou o seu relatorio sobre os trabalhos da fiscalisação do orçamento da Sociedade das Nações que é um importante trabalho a fim de realisar economias. O sr. Hanotaux diz que todos os paises representados incluindo a França se davia mostrar muito economicos, atendendo aos transes dificeis das finanças dos respectivos paises.

O sr. Hanotaux acrescentou que o parlamento francez tinha feito todos os seus esforços para conseguir equilibrar o orçamento tendo feito para esse fim reducções enormes em diferentes capitulos do orçamento. A França pedia á Sociedade das Nações que fizesse esforços analogos para reduzir as suas despesas. O sr. Hanotaux terminou apresentando uma moção convidando o secretario geral da sociedade das Nações a fazer as maximas compressões no projecto de orçamento da Sociedade das Nações para 1924.—(R.)

A questão das reparações

O embaixador belga

LONDRES, 5.—O embaixador da Belgica nesta cidade expoz oralmente a lord Curzon o ponto de vista do seu governo acerca da questão das reparações.—(R.)

Em Moscow

Entrega de sinos

VARSOVIA, 5. — Durante a sua retirada em 1915 o exercito russo levou os sinos de grande numero de egrejas polacas. O governo dos soviets cumprindo o Tratado de Riga começou a sua devolução, tendo chegado já a Varsovia 1900 sinos procedentes de Saratoff.

O NOVO HORARIO DA remoção do lixo

Como a camara quiz ver a questão	Como ela deveria fatalmente ser vista

Algumas notas de reportage

A Camara Municipal não viu bem a questão do lixo. Provou-o na forma por que, tão aereamente, foi mexer no horario, julgando certamente que em trocando as horas ia dar-nos um serviço de limpeza modelar.

Não sabemos se como razão originaria, se como desculpa, a Camara invoca, agora, a insuficiencia de material e de gado, e a circunstancia de possuir apenas um vasadouro, quando antes haviam três.

A razão não convence; a verdade é que uma simples mudança de horario nem faz multiplicar os vasa-louros, nem remedeia a deficiencia do material. Seja feito de dia ou de noite o serviço das limpezas, essas deficiencias, se existem — e ninguem duvida disso — subsistirão, só com uma diferença que é uma agravante: em vez de termos carroças em transito, na cidade, até ao meio dia, têmo-las até á meia noite.

Isto é tão comesinho, que nem dá lugar a discussões. Trocando as horas, nada se ganhou, em troca de todas as desvantagens conhecidas.

Ha, no entanto, que pensar, e quanto antes, na remodelação desses serviços, de que em grande parte depende a higiene da cidade. O sistema das carroças é incompativel com a nossa epoca e com os recursos hoje ao nosso alcance. Demais, é sabido que cada um desses veiculos tem de fazer dois percursos, por ser exiguo o seu numero.

Não tem a Camara verba de que disponha, de repente, para adquirir «camions», que ela propria declara ser sua intenção vir a utilizar. Está bem; melhor seria que tal não se desse, tratando-se da primeira municipalidade do paiz. Mas talvez não lhe fosse dificil conseguir, até lá, os numerosos «camions» do P. A. M., que andam por aí em correrias pela cidade, dando a impressão de que gastam gazolina em serviços pouco produtivos. Mesmo que cada um desses veiculos tivesse de fazer mais do que um percurso, é obvio que ainda assim seria incomparavelmente mais rapido.

Ha ruas na cidade onde não podem transitar automoveis? Mas transitam as carroças de mão, e cabe lá, pelo menos, uma vassoura. Nas calçadas ingremes, como o Lavra e a Bica, tambem agora não passam as carroças grandes, e, no entanto, a limpeza fez-se sempre.

Mas, utilizando ou não os «camions», na remoção do lixo, o que é fatal é que a limpeza tem de ser feita de manhã, ás primeiras horas do dia. Por higiene e por decencia; e até para comodidade do pessoal, que em muitas ruas anda ás apalpadelas, sem luz, e sem ao menos levar, na carroça, um lampeão — pois sendo certo que todos os veiculos são obrigados a conduzir lanternas, só as carroças da Camara, o mastodonte da porcaria, transitam na sombra — como cegos!

O que veem, pelas ruas os nossos reporters

O antigo Regueirão dos Anjos está agora transformado numa completa montureira. Porquê? Porque as carroças que, durante a noite, fazem a remoção do lixo, vão ali despejá-lo para só no dia imediato os «camions» o conduzirem para o cáis. Ali se junta igualmente o lixo proveniente da Estefania e de Arroios.

Os trapeiros tambem fazem ali a sua estação, revolvendo o lixo que, por vezes, exala um cheiro pestilento.

Os moradores da rua Antonio Pedro, Pascoal de Melo e imediações vão dirigir uma representação á Camara no sentido de ser dali retirada aquela montureira.

* * *

Em alguns bairros da cidade, depois que a remoção do lixo se começou a efectuar á noite, as sargetas que até aqui eram lavadas pelas 2 horas da madrugada, passaram a sê-lo ás 11 horas, o que motiva os justos protestos de grande numero de municipes.

* * *

Segundo nos consta, muitos membros das juntas de freguesia, na sua maioria comerciantes, não concordam com a atitude da vereação quanto á mudança do horario, dizendo se que a questão vai ser levantada no conselho central das juntas.

* * *

Na calçada do Monte, as carroças que ali passam recusam-se a levar a palha dos colchões, tendo este facto dado ontem ocasião a um grande alarme dos moradores, devido aos gaiatos lhe terem deitado fogo.

O facto causou grandes protestos da parte do publico.

"NACIONALISLAS" E "FASCISTAS"

O nacionalismo lusitano acaba de fazer distribuir um novo manifesto, desta vez a proposito da prisão do ex-coronel sr. João de Almeida e em que faz apreciações sobre a ação da «Batalha».

O grande numero de manifestos, publicados por essa nova facção politica, e certas afirmações, julgadas audaciosas, saídas a lume no seu orgão «Portugal», tambem de formação recente, estão originando, dizem, uma reação por parte de elementos avançados da Republica, sendo a sua primeira manifestação o comicio de domingo, a realisar no teatro Nacional e promovido pelo Centro Republicano Radical 19 de Outubro.

Como destalhe de informação devemos dizer, que segundo nos garantem, o Partido Radical nada tem que ver com esse comicio. E' facto que aquele Centro pertence ao P. R. R. mas, neste caso, a iniciativa pertence-lhe, achando-se o resto do partido, isto é, os seus organismos, estranho á deliberação tomada.

De qualquer fórma, o que parece certo é que o Governo não vê com maus olhos o comicio anunciado, antes terá dado facilidades para a sua realisação, como se viu pela cedencia do Teatro do Estado...

Ainda sobre os nacionalistas, que certos elementos logo apodaram de fascistas, ha quem diga que dentro do Governo se pensa terem certos entendimentos, por sinal mais que platonicos — com elementos da mesma feição, de certo paiz onde eles estão muito em fóco...

ESPANHOES

nossos hospedes

O cidadão do paiz vizinho que, em Lisboa, guardava armamento

Os jornais referem-se á entrega, efectuada hontem no Governo Civil, de grande porção de armamento apreendido, ha tempos, na casa de residencia do hespanhol Angelo Martins.

Trata-se, conforme a nota aqui hontem publicada, de espingardas de guerra, sabres-baionetas, e cerca de 5.000 cartuchos. A policia, á laia de explicação, declarou que todos esses artigos ficaram em mãos de particulares, de quando da revolução do 14 de Maio.

Esta explicação impressiona muito menos do que a circunstancia de ser um hespanhol o detentor desse pequeno arsenal de guerra. Não reparou nisso, com um pouco de atenção, a policia?

Diz-se — e como que se sentia-que em alguns dos muitos movimentos em que nos temos envolvido, andavam pesetas, que é uma moeda pela qual o portuguez, ha uns tempos a esta parte, reparte largamente a sua predilecção antiga e conhecida pelas libras. Vê-se, agora, que em terras portuguesas, ha espanhoes que fazem, o i [illegible] e cultivam de preferencia as [illegible] em que falam as armas! E a tal ponto que são os detentores desse armamento.

Vale a pena pensar nisto, e conversar um pouco de longo com esse subdito de Afonso XIII.

ULTIMA HORA

O que ha sobre a eleição do novo Presidente da Republica

O julgamento do revolucionario Armando de Azevedo começou hoje no Tribunal Militar

Os nacionalistas de modo algum pretendem derrubar o Governo do sr. A. Maria da Silva

A TARDE POLITICA E A TARDE PARLAMENTAR

EM SANTA CLARA

O 19 de Outubro

Começou hoje o julgamento do sr. Armando de Azevedo

No Tribunal Militar realisou-se hoje o julgamento do conhecido revolucionario civil sr. Armando de Azevedo, que é acusado de no dia 19 de Outubro, na ocasião do movimento, ter passado uma busca em casa do sr. Lelo Portela, então Governador Civil e na do sr. Coelho Dias, seu secretario.

* * *

A audiencia abriu ás 13 horas. O acusado apresentava-se de frack.

* * *

Na parte reservada ao publico, viam-se numerosos revolucionarios amigos do reu. Na rua ha patrulhas da G. N. R. e numerosos agentes da policia e da P. S. E.

* * *

Das testemunhas que são cerca de 10, não compareceram a maior parte.

O requerimento da defesa

Lido o libelo de acusação, o sr. Armando de Azevedo, responde nada ter a dizer. O sr. dr. Mario Monteiro, apresenta um requerimento, que após varias considerações propõe que o tribunal seja dado como incompetente para julgar o reu, devido a varios motivos, entre os quais o não ser militar.

Esta opinião é contrariada pelos srs. promotor de Justiça e juiz auditor.

Assim, o sr. presidente indefere o requerimento da defesa.

* * *

O sr. dr. Mario Monteiro agrava do despacho o apresenta a contestação na que nega o crime de que o reu é acusado. Alega tambem o bom comportamento do reu e a sua fé republicana.

O que diz o acusado

O sr. Armando de Azevedo, a quem é concedida a palavra, começa por protestar contra as leis exceção, que são indignas de uma Republica democratica.

Foi a casa do sr. Coelho Dias na ocasião do movimento revolucionario e ali passou uma busca, tendo ponderado o quarto de sua esposa, Podia lá estar o sr. Coelho Dias—diz—que não o iria lá buscar. Não pretendia matar ninguem, pois que costuma pagar o mal que lhe fazem, com o bem.

O sr. Juiz auditor:

—Estava de relações cortadas com o sr. Lelo Portela?

—Não estava.

O sr. promotor:

—Não quiseram arrombar a porta do sr. Lelo Portela?

—Quizeram mas eu não deixei. Na casa do sr. Lelo Portela nem sequer entrei.

—Mas, algumas testemunhas acusam-no.

—Eu sou revolucionario idealista e de facto quem me queira mal, e quem tenha uma má impressão minha. No tempo do presidente sr. dr. Sidonio Pais não respondi ao pela morte do professor Gueifão e não fui absolvido?

—Eu não pretendia fazer mal ao sr. Lelo Portela ou a Coelho Dias. Se eu os encontrasse ou visse ninguem lhe faria mal algum.

Se o sr. Cunha Leal tivesse sido mais energico, talvez não houvesse a lamentar as mortes do Arsenal.

Depõem as testemunhas

A primeira testemunha a depor é o tenente-coronel sr. Olimpio de Fonseca, que o sr. Armando de Azevedo, com ar de graça lhe disse um dia no Rocio, que os sandieiros da Praça seriam poucos para pendurar as cabeças que deviam ser enforcadas no proximo movimento.

Não sabe porém se o sr. Armando de Azevedo estava ou não metido no movimento, como nada sabe dos crimes de que é reu é acusado.

* * *

O chefe Nazaret, da esquadra do Governo Civil, conta que no dia 20 ou 21 de outubro foi encarregado pela comandante da policia de ir passar uma busca a casa dos srs. Coelho Dias e Lelo Portela. O sr. Armando de Azevedo foi tambem, na intenção de vingar aqueles srs. que não eram vingativos.

O sr. dr. Mario Monteiro:

—O reu entrou em casa do sr. Lelo Portela?

—Não entrou.

—O sr. presidente do jury.

—Tambem foram oficiais a casa do sr. Lelo Portela?

—Tambem.

—Quem era encarregado da diligencia?

—O sr. tenente Monteiro.

—O sr. Armando de Azevedo ia vaya alguma missão?

—Não sei dizer.

* * *

A seguir são lidos os depoimentos das testemunhas que faltaram entre as quais figura o sr. José Domingues dos Santos.

* * *

Depõe depois a primeira testemunha de defesa, sr. dr. Reis Junior que, diz ser o reu um bravo republicano, não acreditando que ele tentasse fazer algum mal ao sr. Lelo Portela. Afirma ainda que o sr. Armando de Azevedo tem prestado grandes serviços á Republica.

* * *

A' hora de fecharmos esta relato continuam a depor as testemunhas de defesa.

* * *

A sentença só deve ser lida amanhã.

DO PAIZ VISINHO

A carta a Aguilera

MADRID, 5.—Censura-se o sr. Romanones por não ter procurado evitar o escandalo motivado pela leitura da carta dirigida pelo general Aguillera, presidente do Conselho Supremo de Guerra e Marinha ao sr. Sanchez de Toca, ex-presidente do Senado e de se ter apressado a autorisar a leitura dessa carta agravando o conflito.

A noticia de que o general Aguillera ia ser violentamente destituido do seu cargo provocou uma reacção na opinião publica a favor deste general.

A questão das responsabilidades

O sr. La Cierva comunicou que discutiria no Parlamento a questão das responsabilidades até esgotar o periodo das sessões ou de ser que terminar as suas considerações por ocasião, O duque do infantado explicou a sua intervenção na votação suplicatoria contra o general Berenguer dizendo que não tinha por isso representação dos grandes de Espanha e negando que tivesse dirigido quaisquer frases despresativas as camadas populares.

No ministerio da guerra comenta-se favoravelmente o acto do general Aguilera, mas supunha-se que ele iria ao senado manter as suas afirmações.

Centenas de civis e militares foram a casa do general deixar-lhe os seus cartões.—(R.)

A eleição presidencial

O sr. Antonio Luiz Gomes declara-nos que nada sabe da sua candidatura

Da reitoria da Universidade ao tumulo de Belem —:—:—:—

Já os jornais puzeram a pergunta em volta de nomes presidenciaveis da Republica: Teixeira Gomes? Bernardino Machado? Belo de Morais? Antonio Luiz Gomes?

Os dois primeiros de feição acentuadamente radical. Teixeira Gomes, ao que parece, imposto pela vontade do sr. Afonso Costa. Bernardino Machado, indicado por uma serie de sacrificios e dedicações é por altas e brilhantes qualidades de estadista.

Belo de Morais, um nome apagado na politica e uma figura exemplar de cidadão e de democrata.

Antonio Luiz Gomes, de feição acentuadamente conservadora, seria uma garantia e uma esperança de tempos melhores.

* * *

O sr. reitor da Universidade de Coimbra apareceu hoje nos Passos Perdidos. Aparição rapida; momentos, meia duzia de palavras a um ou outro amigo, e, de seguida, a fuga, que aqueles ares não andam livres de pecado e o sr. presidente do Ministerio vai responder ás sub «leader» dos nacionalistas.

E' uma figura notavel de republica dr. Antonio Luiz Gomes. Correcto, de no e de homem de sociedade, esta de uma correcção que ignora o artificio e não tolera o exagero, naturalmente, pôs-se a conversar com o jornalista desconhecido que dele se aproxima.

Motivo da conversa: a eleição presidencial.

Alguem momentos antes nos dissera, numa confidencia cheia de convicção: «E' serio de mais. Esse homem é de uma meticulosidade que muita gente agora não pode compreender, que a maior parte da gente não quere compreender».

E, na verdade, o sr. reitor da Universidade logo que lhe falamos na sua candidatura, muito serio, perdida já a nota ositmosa do primeiro momento:

—Ah! Isso não! Não sou candidato. Posso garantir-lhe que não sou... Mas para que havemos de falar em tal? Para quê?

E nós, insistindo:

—Mas o nome de V. Ex.ª é apontado. Indicam-no como candidato de um partido até...

—São amigos. São amigos que se recordaram de mim, pobre aldeão; que só quero ser aldeão. Veja o senhor o que vai dizer-se agora da minha vinda a Lisboa?...

E mostrando-nos um papel:

—Só na Universidade penso. Dirijo-a o melhor que posso. Isso, que para ai dizem são coisas muito altos em que eu nem sequer pensei nunca. Posso dizer-lho. Não, não sou candidato.

—E se, apesar de tudo, V. Ex.ª fosse eleito?

—Não sei, não sei. E' um assunto que não desejo abordar sequer. Basta que lhe diga que não sou candidato. Não sei, repito-lho. Mas, á mim, ninguem me falou ainda em tal. Só para a Universidade me preocupa. Volto para Coimbra. Lá, sinto-me admiravelmente.

Mais não disse o sr. dr. Antonio Luiz Gomes, entrincheirado numa reserva formal perante a nossa curiosidade profissional. Mas as suas palavras, poucas e significativas, deixaram-nos a impressão de que o reitor da Universidade se encontra pouco disposto a trocar o pitoresco do Mondego pelos sobresaltos e hesitações proprias da paisagem politica de Belem.

TARDE POLITICA

Os nacionalistas e o Governo —A proposito dum relatorio

Os nacionalistas não pretendem derrubar o Governo, disse o sr. Cunha Leal, mas não receberiam a sua queda com grande desprazer. Por faz ou por nefas o sr. Antonio Maria da Silva nem sai por efeito da interpelação de ontem, nem sequer oscilará com a oposição de grante tomo que a minoria nacionalista lhe está preparando.

O sr. Antonio Maria da Silva governará para além da eleição presidencial, devendo cair na baldeação dos seus proprios correligionarios tendo por arauto o sr. José Domingues dos Santos.

Este déve estar na presidencia do Ministerio na reabertura da sessão parlamentar, devendo ser pouco depois baldeado por seu turno por um parlamentar da maioria cujo nome já se indica.

Nessa altura — dizem-nos — disputado da maioria parlamentar — é possivel que o P. R. P. facilite a subida ao poder do P. R. N.

Como entretanto se aproximam as eleições se o partido nacionalista conseguir triunfar nesse acto politico, teremos definitivamente estabelecido o rotativismo na Republica.

Tudo indica, porém que o P. R. N. não logrará melhores resultados nessas eleições que naquelas que, cómo governo, organisou sofrendo o cheque que todos conhecem. E' esta ainda a opinião do referido parlamentar.

E sendo assim, o governo nacionalista terá uma vida efémera, voltando o P. R. P. a assumir a administração do paiz por muitos anos e bons.

O melhor da passagem é que nestes calculos não se conta com o paiz, nem sequer com aquela formula extrema com que é de uso resolver estas complicações.

* * *

Na Camara dos Deputados o general sr. Sousa Rosa, repele as acusações que lhe dirigiu um senador que, tendo lido um relatorio inglez transcrito num jornal de Aveiro, pediu esclarecimentos ao sr. ministro da Guerra.

Nesse relatorio acusa-se o general Sousa Rosa de ter querido abandonar Quelimane ás forças alemãs, contra a expressa deliberação dos aliados inglezes.

O general Sousa Rosa limitou-se a lêr correspondencia de alguns seus subordinados, sem nenhum subsidio de caracter oficial.

De modo que, não tendo provado que o relatorio não existe ou que carece de fundamento, ficamos positivamente em branco quanto ás suas explicações assás vagas.

Alguns ilustres patriotas cumprimentaram o sr. general Sousa Bosa.

* * *

Enquanto se passa o «antes da ordem», o sr. Antonio Maria da Silva recapitula a sebenta da replica, que é aguardada com interesse.

Hoje deve ser requerida a generalisação do debate sobre a interpelação. A maioria certamente aprova-a. Se o não fizesse cometeria um grave erro politico.

* * *

O sr. Antonio Maria da Silva replicando ao sr. Cunha Leal, fala da politica interna do Governo, politica que tem sido de tolerancia para todos os adversarios.

Se alguma violencia se cometeu nas eleições não foram inspiradas nem pelo seu partido nem pelo Governo. O Governo procurou fazelas em plena liberdade e procedeu depois em harmonia com as leis e com informações que colheu.

Sobre a questão religiosa declarou que o Governo tem o maximo respeito pelos catolicos, mas fará respeitar as leis que regulam os seus direitos.

O conflito com o sr. Leonardo Coimbra não rebentou do intuito de não satisfazer as aspirações dos catolicos, mas das aspirações daquele senhor serem contrarias á constituição daquele partido.

Depois passa rapidamente ao pão politico, á questão cambial numa argumentação confusa, fragmentaria.

A primeira parte do discurso do sr. Antonio Maria da Silva, não corresponde nem vagamente á interpelação Cunha Leal.

O sr. Cunha Leal, interrompe por varias vezes o sr. Antonio Maria da Silva estabelecendo-se na sala grande ruido.

O sr. Antonio Maria da Silva continua falando.

Importante furto de roupas

Na Avenida Duque de Avila, 104, reside o sr. Francisco Valverde que tendo ido passar uns dias ás suas propriedades em Cabeceiras de Basto, ao regressar á capital verificou ter sido vitima de um importante furto tendo-lhe os gatunos levado varios objectos e roupas de linho avaliadas em 10.000 escudos. Apresentada queixa do caso á policia foi encarregado o agente Delgado de proceder ás necessarias diligencias, sendo presos como autores da proeza os pintores Antonio Pereira, rua das Olarias, 11, 1.º, Francisco da Silva, rua Vicente Borga, 68 e Manuel Pretocado, rua da Mouraria, 67, 4.º a creada da casa Rosa Novais e o porteiro José Pereira.

Todos estes presos foram já largamente interrogados tendo caido em contradições.

BOLSA

Estado geral identico ao dos dias anteriores, marcado por um visivel desinteresse pelos papeis. A procura é notavelmente diminuta, dando por isso ao ambiente um aspecto insipido, morno, sensaborão.

As cotações de fecho são as seguintes:

Portugal — 745, Ultramarino — 301, P. Brasileiro — 187, Industrial — 122, C. Predial — 48.50, Aliança — 140.50, P. Colonias — 127.50, Navegação, 342, Fosforos — 281, Pesca — 120, Tabacos — 1.145, Cazengo — 400, Amboim—179, Ilhas — 439, Ambaca — 341.

Atribue-se a paralização dos papeis bancarios ao fraco dividendo que estão distribuindo por conta do exercicio corrente.

Gás, «coupon», firmou, ficando com prador a 114.50 e vendedor a 118.

Cabindas, tambem firmou vagamente, havendo comprador a 7.15 e papel a 7.30.

Dos valores coloniais, foram as Cabindas e o Cazengo os unicos papeis que acusam uma cotação mais alta que a de ontem.

AS ALFAIAS de Bombarral

Os jornais da manhã noticiam que ao chefe Moutinheira da policia de investigação haviam sido entregues valiosos objectos de prata que pertenciam á destruida egreja do Bombarral e que a junta de freguezia d'aquela localidade pretendia vender sem autorisação da Comissão Central de Execução da Lei de Separação, a unica entidade que tem interferencia no caso.

A referida Comissão tendo hoje conhecimento do assunto pelos jornais, oficiou á policia pedindo esclarecimentos e encarregou um proprio de ir ao Bombarral averiguar o que é passado. Por sua vez, a policia aguarda informações para então proceder.

Jantares economicos

Na cosinha economica do Campo das Cebolas, inauguraram-se hoje os novos jantares para as classes medias.

Essas refeições que são excelentemente preparadas, são aos seguintes preços: sopa 30 centavos e prato, 1$20, constando o «menu» de hoje de uma excelente sopa de grão com arroz e, os pratos, de dobrada com chouriço e feijão branco, e carne com feijão verde.

O sr. Calado Rodrigues vai criar um refeitorio onde os clientes destes jantares sejam servidos com todas as comodidades de um restaurante incluindo o criado.

Por essas comodidades pagará o freguez mais 20 centavos.

Moçambique

Um emprestimo

O sr. ministro das Colonias e o novo Alto Comissario em Moçambique, estão cuidando da fórma de ser levado a efeito, quanto antes, o emprestimo de que aqueta provincia carece, a fim de que, quando o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho assumir as suas novas funções não vá encontrar Moçambique liberto de dividas e com os fundos precisos para serem iniciadas, varias obras de fomento.

Farinha em mau estado

O administrador do concelho do Seixal fez hoje entrega ás autoridades competentes de amostras de farinha que a fabrica de massas «A Napolitana» enviou ao referido concelho para o fabrico do pão.

A farinha em questão está em mau estado e cheia de bichos, conforme tivemos ocasião de verificar, o que não impede que o pão seja amanhã vendido mais caro no Seixal.

OS MORTOS

Joaquim Martins Victoria

Realisou-se hoje, pelas 14 horas, o funeral deste dedicado republicano, que no passado domingo foi victima dum desastre. No cemiterio usaram da palavra varios oradores, que enalteceram os seus serviços prestados á Republica com dedicação e sacrificio proprio.

O sr. Celestino de Vasconcelos em nome do Centro Republicano 5 de Outubro, de que o finado era socio fundador prestou homenagem ás excepcionais qualidades de caracter do extinto, lamentando o abandono votado pelos republicanos apos a lamentavel perda daquele humilde soldado da Republica.

Sobre a campa foram postos ramos de flores, entre eles um em nome da um grupo de republicanos seus companheiros de luta. Fizeram-se representar o Gremio «Jovens Lusitanos», os srs. Carlos Vaz Machado e Joaquim Elias Rocha, o Gremio Fraternidade Republicana pelo sr. Joaquim da Silva Ricardo.

Parlamento

Nos Deputados

A situação do paiz e os orçamentos

O sr. Cancela de Abreu interroga o sr. presidente do Ministerio sobre a situação do paiz em face da falta de orçamentos aprovados no prazo legal.

O Governo está em ditadura financeira e, por consequencia, á margem da Constituição e do artigo 16.º da lei de contabilidade.

Em resposta ao sr. Cancela de Abreu o sr. presidente do Ministerio diz que o orador pretende arrombar uma porta aberta. O Poder Executivo pode bem com as responsabilidades que assumiu e não é ele que está em choque; é o Parlamento.

O sr. Sousa Rosa, referindo-se a um documento lido no Senado, garante não ser verdade que, ao ter o comando de tropas em Africa, a sua acção fosse de pusilanimidade. Defende-se desta acusação, terminando por ler algumas cartas de oficiais portuguezes que confirmam as suas palavras.

O sr. Antonio Maia chama a atenção do sr. ministro da Guerra para a falta de meios com que se debatem em Goa os militares nossos compatriotas que ali se encontram em serviço sem receberem os seus vencimentos, prometendo o sr. ministro da Guerra adoptar providencias imediatas.

Depois, o sr. Carvalho da Silva ocupa-se de uma reclamação da cidade de Guimarães.

Aprovada a acta, o sr. presidente anuncia que a reunião do Congresso, marcada para hoje, foi adiada para quando se anunciar.

Discute-se depois um projecto que interessa á Camara Municipal da Covilhã.

O sr. Jorge Nunes tambem acha que a doutrina do projecto que aumenta os impostos a 190 por cento, é inconveniente, observando o sr. Abilio Marçal que esse aumento não é de caracter permanente.

O sr. ministro da Marinha requere, aprovando-se, urgencia para uma proposta, entrando-se logo na ordem do dia.

E' dada a palavra ao sr. presidente do Ministerio para responder ao sr. Cunha Leal.

* * *

A' hora a que fechamos o jornal, está falando o chefe do Governo.

No Senado

O novo regimento

Entre os srs. Mendes dos Reis, Herculano Galhardo e Alfredo Portugal trocaram-se explicações acerca da interpretação do novo regimento desta Camara, no que diz respeito ao funcionamento das sessões plenas e secções.

O sr. Francisco Paula enviou para a mesa um projecto de lei elevando á categoria de vila a povoação de Caria, concelho de Belmonte.

O sr. Alfredo Portugal insurgiu-se pela forma como, segundo lhe consta, a contabilidade do Congresso interpretou a lei sobre faltas dos parlamentares. E, se a contabilidade procede por forma a descontar subsidio ao parlamentar, faltando no mesmo dia á secção ou á sessão plena e comparecendo a uma delas, é porque a comissão administrativa assim o resolveu. Deseja ser informado.

* * *

A sessão continua.

Teatros - Musica - Cinemas

Amelia Rey Colaço

Dedica hoje o «Diario de Noticias» pela pena do seu critico oficial o escriptor Cristovam Aires, algumas palavras á ilustre artista. São merecidas e honram quem as escreveu.

Amelia Rey Colaço bem merece do publico portuguez um largo agradecimento pela sua obra sincerissima, pelo seu honesto espirito de profissão, pelo seu grande e inconfundivel talento de actriz.

Vinda dum meio requintado de elegancia e de arte, dispondo duma cultura e duma situação de legitimo destaque, como aquele critico põe em relevo, ela trouxe para o teatro um escrupuloso esforço profissional, modelar de honestidade—esforço servido por uma das mais vigorosas e pujantes vocações que tem surgido entre nós. E' grato ver como essa figurinha fragil pode dar exemplo áqueles sagros bonetes do teatro, cujo desprezo pelo publico e pela profissão é notório, e que usam e abusam da complacencia geral, já desprezando toda a preocupação da «mise-en-scene» já mesmo reduzindo a um minimo o seu esforço e o seu progresso pessoal.

Amelia Rey Colaço tem conseguido, á testa da companhia do Politeama, fazer uma linda série de espectaculos, admiravel de brilho e esplendor scenico e que foram na presente epoca do inverno, «A Rival», «A Ribeirinha», «A Luva de Ricardinha», «O Outro Gestas», «Os Lobos», «A Filha de Lazaro» e «A Dama das Camelias».

Não ha espectador que o não registe, agradecido.

Numa epoca onde apenas se atende ao exito da bilheteira quem escreve estas linhas, por ter sido algumas vezes modestissimo colaborador da eminente actriz, pode assegurar as preocupações estéticas, de pura isenção e de excepcional espirito de «elite», que presidem á orientação artistica de Amelia Rey Colaço.

No momento em que o principal jornal portuguez a saúda, pela voz do seu critico de teatro, «A Capital» acompanha-o, com a maior sinceridade, nesse louvor, e iria até propôr uma homenagem a ilustre interprete da «Maria Pais Ribeiro», se os almoços de homenagem não fossem já hoje tão frugais refeições...

O HOMEM QUE PASSA.

Festas Artisticas

A de Ida Stichini

E' definitivamente na terça feira que se efectua no Apolo, a festa artistica da gentil e talentosa actriz Ida Stichini, coincidindo com a despedida da Companhia José Ricardo. Do programa consta o 3.º acto do «Hamlet», em que Brazão recita o monologo «Ser ou não ser», o 5.º acto da mesma tragedia em que Ida Stichini interpreta a scena de loucura. Representar-se-ha ainda o 2.º acto da «Triste Viuvinha», de D. João da Camara e tomando parte por amavel deferencia o actor Amarante, que tem a seu cargo o papel de «sargento Barros», creado por Augusto Rosa.

Noticiario

A Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha, que se estreia no Apolo na quarta feira, onde dará um limitadissimo numero de representações, conta no seu vasto repertorio as peças novas: «A Fera», de Ramada Curto, «O desconhecido» e «As penas do pinto».

—Hoje, no Apolo, são, inadiavelmente as ultimas representações das peças «Má sina» e «A saudade, reaparecendo amanhã «Os Fidalgos da Casa Mourisca».

—As aventuras da mulher da cocaina, que Irene Gráve interpreta n'«A viuva Gomes», com geral agrado no Nacional, continuam a interessar vivamente o publico, que muito aplaude a peça.

Reclames

A revista «Caldo Verde» continua conquistando, no Eden, geral agrado, atraindo ali, nas duas sessões enormissima concorrencia. E' o mais atraente espectaculo da actualidade, visto que a peça é extremamente graciosa e não tem escabrosidades, estando apresentada com um grande deslumbramento de scenarios e guarda roupa.

Cariaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«Magda».
AVENIDA—A's 9—«Para viver feliz».
APOLO—A's 9,15—«Má sina»
EDEN—A's 8,45 e 10,45 —«Caldo Verde»
GIL VICENTE—A's 9—«Florys».

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal» e «Fóra da lei».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Nova peça e novo autor

No Politeama representa-se amanhã a peça franceza de Laurent Doillet — — — — PAPASSIER L'ZU VA-T-EN GUERRE

COM O TITULO

Ordem de Marcha

na tradução de GUEDES VAZ

A «Capital» ouve sobre a peça o traductor e o seu creador e actor GIL FERREIRA

Um novo autor francez ficará amanhã conhecido do nosso publico pela «prémiere» do Politeama. E' Laurent Doillet

Coronel Guedes Vaz, o tradutor da «Ordem de Marcha».

O tradutor de «Ordem de Marcha» diz-nos:

—A invasão do teatro espanhol e italiano, nos ultimos tempos preferidos pelas empresas e aplaudidos pelo publico, fez com que as peças francesas que, eram o pão nosso de cada dia entre nós, desaparecessem quasi por completo. E' certo que o teatro francez passou tambem um pequeno periodo de decadencia, de que se está erguendo nos tempos ultimos. A peça que tive ocasião de pôr na nossa lingua, isso indica.

—«Ordem de Marcha» é uma farça?

—Não, não é uma farça se não quisermos admitir que essa classificação se possa dar ás comedias psicologicas cujas situações provoquem o riso, como que para mostrar o lado ridiculo das coisas serias.

—Laurent Doillet não foi ainda representado em Portugal.

—Não senhor e creio que vingará, com a sua explendida peça que eu classificarei de um verdadeiro tratado, (á maneira comica), de psicologia do medo.

—A peça é moderna?

—Foi representada com grande exito no Nouveau Théâtre, de Paris, em 1922, creio que em Maio. Ha um ano, portanto. E é no entanto passada durante a guerra e quando da aproximação dos alemães, de Paris.

—Quem interpreta o protagonista

—Gil Ferreira, que está neste gabinete. A nossa entrevista deu-se na redação da revista de Teatro, de que o nosso entrevistado faz parte e onde, felizmente se encontrava o interprete de «Papassier».

Gil Ferreira é um dos artistas modernos que mais tem vincado o seu logar e a cujos trabalhos preside sempre um escrupuloso cuidado em toda a sua composição. Haja em vista as suas criações de tão distintos cambiantes. Pois Gil Ferreira amavelmente, diz-nos:

—Li «Papassier» e fiquei entusiasmado. O meu entusiasmo não foi causado pelos ditos grotescos, ou pelas situações picarescas que porventura outros quizessem ver numa comedia, mas sim pela maneira ardilosa como o autor pôs na sua peça o teatro comico, a par da arte creadora dos males da vida.

—Quem criou o papel que vai desempenhar?

—Polin, o grande Polin, que, depois de ter sido o melhor «diseur» de cançonetas, está criando papeis de responsabilidade, em que a sua arte, aprendida na pratica do simples, dá explendidos resultados.

—Está então apaixonado pelo papel?

—E' esse o termo. Eu gosto muito de ouvir rir o publico, quando represento, mas gosto que ele ria sem que eu me perca em esgáres que reputo inuteis, quando tudo se pode conseguir com a naturalidade, sempre atravez da ficção teatral, está claro. Verá, verá que «Ordem de Marcha» ha de agradar o que o seu autor será lembrado.

E assim nos despedimos do tradutor e do criador da peça que sobe amanhã á scena no Politeama pela Companhia Rey Colaço Robles Monteiro.

Reuniões

REUNEM HOJE:

União dos Jardineiros, 9 n.; Sindicato dos Operarios Metalurgicos de Belem, 8 n.; Operarios Metalurgicos do Alto do Pina, 8 n.; Lojistas de Lisboa, 8 n.

Gremio Alentejano

Realisa-se ámanhã, pelas 21 horas, nas salas do Lisboa Club, R. de Atalaia, 120, 1.º, a assembleia geral do Gremio Alentejano, sendo a ordem da noite: Leitura da redacção definitiva dos estatutos e eleição dos corpos gerentes.

A assembleia deve ser grandemente concorrida, atendendo ao grande numero de socios inscritos, cerca de mil.

A questão do peixe

Procedendo na mesma ordem de medidas com respeito á livre entrada dos vapores de pesca estrangeiros em Portugal vae ser permitido o embarque de tripulações estrangeiras sem limite de numero nos vapores de pesca nacionaes. Os armadores reunem amanhã para assentarem definitivamente na fórma de ajustar os tripulantes, devendo chegar a Lisboa brevemente 6 mestres de pesca inglezes já contratados em Grimsby.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Comissão Politica da Conceição Nova

Para tratar de assuntos de alto interesse para a freguesia, reune no proximo sabado, no local do costume pelas 21 e 30 esta comissão.

A comissão resolverá ainda as manifestações a realisar no proximo 13.º aniversario da Republica e de um bôdo aos pobres a distribuir em 19 de outubro.

Comissão Politica de Camões

Esta comissão reunida ontem, ficou assim constituida em face da nova lei organica.

Presidente — Efectivos: Evaristo Costa; vice-presidente, Manoel Santos Pimenta; secretario Virgilio Proença; tesoureiro, Bernardino Azevedo; vogal, Francisco José Pereira.

Substitutos: dr. Francisco Soares Sanots; e Eduardo Reis Junior.

Saudou os jornaes a «Justiça» e «Alma Nova» pelos seus aniversarios.

A Propaganda

O Directorio enviou já as instruções precisas ás comissões de Cintra e Evora para que tudo esteja preparado para os comicios que no domingo, 15 do corrente, se realisam nestas localidades, sejam revestidos da maior imponencia.

E' possivel que os propagandistas que vão a Evora sigam, imediatamente a Beja, fasendo no teatro desta cidade um grande comicio no dia 16.

VIDA SPORTIVA

Campeonato de esgrima

Realizou-se ontem, na Sala de Armas da G. N. R. o campeonato para apuramento dos oficiais e sargentos que hão-de representar aquela Guarda no Campeonato Anual de Esgrima, sendo as seguintes as classificações:

Oficiais—Batalhão n.º 1 sabre, 1.º tenente Luiz Santos; 2.º alferes Inocentes; Espada Franceza, 1.º, cap.-medico Americo Durão; 2.º tenente Luiz Santos; Batalhão n.º 2, sabre, 1.º, tenente V. Santos; 2.º, tenente Abelha.

Sargentos: Batalhão n.º 1, sabre, 1.º 1.º sargento Paulo; 2.º, 2.º sargento Manoel; Batalhão n.º 2, sabre, 1.º, 1.º sargento Correia; 2.º, 2.º sargento Camelo.

Em todos os batalhões da provincia se realizaram tambem ontem identicas provas.

Ginasio Club

Realiza-se no domingo no Ginasio Club Portuguez uma «matinée» seguida de baile para solenizar o fecho das classes, distribuindo-se premios de frequencia aos alunos de diversas classes e os premios de varias provas realizadas durante o ano.

Casa-Pia Atletico Club

Está marcada a assembleia geral ordinaria para o dia 7, pelas 9 horas da noite, para eleição da nova direcção. Não havendo numero legal, haverá outra assembleia no dia 14 do corrente mez, com a mesma ordem de trabalhos.

Principio de incendio

Pelas 8 e meia horas, manifestou-se incendio na chaminé do predio n.º 3 da rua das Pedras Negras.

Compareceu vario material, sendo o fogo rapidamente extincto.

Dinamitistas alemães

BERLIM, 5.—O «Worwaerts» diz que o comité director do partido socialista decidiu convidar o governo do Reich a tomar decisões imediatas contra a ação dinamitista.—(H.)

TAUROMAQUIA

Tourada de Beneficencia em Vila Franca de Xira

Uma comissão de empregados do Banco Nacional Ultramarino composta dos srs. Mario Chaves, Gastão Bessone Bastos, Eduardo Santa Barbara, João Durão, Manuel Rodrigues (El Rodriguito), Joaquim Aguiar e Francisco Pereira organisaram uma corrida mixta para o dia 8 do corrente na praça de Vila Franca, cujo producto é destinado ao robustecimento do fundo de assistencia ás viuvas e orfãos dos empregados do mesmo Banco. Correm-se 9 touros e 8 vacas todos puros generosamente oferecidos pelos simpaticos ganadeiros do Ribatejo que com o seu auxilio sempre pronto concorrem sempre para que as festas de Beneficencia resultem sempre boas e lucrativas. Regressaram ontem de Vila Franca os srs. Jaime Aguiar e El Rodriguito que foram escolher e apartar o gado, que são os principais promotores e teem sido incansaveis para levar a bom efeito esta festa que por todos os titulos é simpatica. Um bravo aos simpaticos promotores, que tenham uma casa cheia e não fiquem molestados.

Nos termos e para os efeitos legais, o abaixo assinado faz publico que foi notificada, em 26 de Junho corrente, a revogação do mandato que, em 23 Agosto de 1921, por si e como sucessor dos direitos e obrigações da firma comercial desta praça de Napoles & C.ª, conferiu a Antonio Carlos de Araujo Sobreira, e por virtude do qual lhe deu, alem dos poderes forenses, os que fossem necessarios para gerencia dos negocios particulares, comerciais e bancarios do signatario.

Lisboa, 27 de Junho de 1923—Manoel Vicente Ribeiro.

(Segue o reconhecimento).

Costa Martinez & Pena, Limitada

Para todos os efeitos se publica que por escritura de 16 de junho de 1923, outorgada perante o notario desta cidade doutor José Peres de Noronha Galvão, se constituiu entre os senhores: Artur Pinho Costa, Henrique Martinez Millano e José Pena, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições exaradas nos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adota, para todos os seus actos e contractos, a firma Costa, Martinez & Pena, Limitada.

2.º — A séde da sociedade é em Lisboa e o seu estabelecimento na Rua do Salitre, 102-A e 102-B.

3.º — O seu objecto é a exploração da industria de tipografia, papelaria e similares, podendo explorar qualquer outro ramo de industria ou comercio em que os socios acordem.

4.º — A sociedade tem o seu inicio no dia 1 de julho do corrente ano e a sua duração é por tempo indeterminado.

5.º — O capital social é de 65.000$00, correspondente á soma das quotas dos socios, que são as seguintes.

Artur Pinho Costa, 50.000$00; Henrique Martinez Millano, 10.000$00; e José Pena, 5.000$00.

§ 1.º — A quota do socio Pinho Costa acha-se integralmente realisada em dinheiro que já deu entrada na caixa social.

§ 2.º — As quotas dos socios Henrique Martinez Millano e José Pena acham-se realisadas, respectivamente, até á importancia de 6.500$00 e 500$00, em dinheiro, que tambem já deu entrada na caixa social, obrigando-se os mesmos socios a realisar o restante com os lucros que sucessivamente lhe forem atribuidos nos balanços anuaes da sociedade.

6.º — Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que esta carecer, os quaes vencerão o juro que oportunamente fôr convencionado.

7.º — O socio que pretender ceder a sua quota a estranhos, terá de a oferecer préviamente, á sociedade e aos outros socios, por meio de cartas registadas, podendo, porém, dispôr livremente dela, se passados 15 dias não obtiver resposta, ou se, obtendo-a, nela declararem os seus consocios não desejar a quota alienada, declaração que deverá igualmente ser feita em cartas registadas.

8.º — A administração e gerencia de todos os negocios da sociedade e a sua representação, em juizo e fóra dele, serão exercidas pelo socio Artur Pinho Costa, que desde já fica nomeado gerente com dispensa de caução, recebendo a remuneração que, em reunião de socios convencionarem.

§ 1.º — A caixa ficará igualmente a cargo do socio Pinho Costa, que poderá fazer-se substituir por pessoa da sua confiança.

§ 2.º — Todos os socios, embora não gerentes, que prestarem serviços á sociedade, receberão a remuneração que entre si convencionarem.

9.º — A sociedade poderá amortisar a quota de qualquer dos socios, exceto a do socio Artur Pinho Costa, quando eles, por qualquer motivo, não convenham á sociedade, pagando-a pelo seu valor inicial, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva e dos lucros do tempo decorrido desde o ultimo balanço até á data da amortisação, por uma percentagem proporcionalmente igual aos que lhe haviam competido pelo referido balanço e correspondente ao aludido lapso de tempo, isto se a sociedade não preferir proceder imediatamente a um balanço geral de todos os seus negocios e liquidar os lucros ou prejuizos pertencentes á quota amortisada pelo que resultar deste balanço.

§ unico. — No caso de amortisação da quota de qualquer dos socios Henriques Millano e José Pena, e recusando-se estes ao recebimento do preço da amortisação, e a assignarem o respectivo titulo de saida da sociedade, consignará esta em deposito as respectivas importancias, o que produzirá os efeitos de pagamento e os mais da lei.

10.º — Durante a vigencia desta sociedade nenhum dos socios, por si, associado com outrem ou por interposta pessoa, poderá exercer ramo de comercio ou industria igual ou semilhante aos que esta sociedade explora ou venha a explorar.

11.º — Os anos sociais coincidirão com os anos civis, e em trinta e um de dezembro de cada ano, proceder-se-ha a um balanço geral de todos os negocios sociaes, que deverá estar concluido e aprovado dentro dos 60 dias subsequentes.

12.º — Os lucros liquidos, acusados pelos respectivos balanços anuaes, depois de deduzida a percentagem de 5 por cento para fundo de reserva legal, sempre que a lei o exija, serão divididos pelos socios na proporção das importancias realisadas das suas quotas.

§ unico — Os prejuizos, havendo-os, serão suportados pelos socios na porção indicada para os lucros liquidos.

13.º — A sociedade dissolve-se unicamente nos casos legaes.

14.º — Em qualquer caso de dissolução serão liquidatarios todos os socios e será obrigatoria a licitação em globo do estabelecimento social a fim de ser adjudicado áquele que mais oferecer.

15.º — Ocorrendo o falecimento ou interdição de qualquer dos socios, a sociedade fica com o direito de amortisar a quota do socio falecido ou interdito, no praso de 60 dias, pelo valor que lhe haja sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado, acrescido da respectiva parte do fundo de reserva, e dos lucros do tempo decorrido desde aquele balanço até á data do falecimento ou interdição, calculados por uma percentagem proporcionalmente igual aos que tiverem competido ao falecido ou interdito pelo mesmo balanço e correspondente ao referido lapso de tempo.

§ unico — A importancia liquidada nos termos deste artigo será paga no praso de um ano a contar da data do falecimento ou interdição, em 4 prestações trimestraes e iguaes, acrescidas do juro da taxa de desconto do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação.

16.º — A sociedade poderá amortisar a quota do socio que requerer judicialmente a dissolução da sociedade, qualquer arrolamento ou outro procedimento judicial contra a sociedade ou contra os socios individualmente, por questões sociaes.

§ unico — A amortisação será feita unicamente pelo valor que á quota haja sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado.

17.º — Para todas as questões emergentes deste contracto entre os socios, seus herdeiros e demais representantes, ou entre a sociedade e qualquer destas entidades, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa com renuncia expressa a qualquer outro.

18.º — Nos casos omissos regularão as disposições da lei de 11 de abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

O notario ajudante

João Rodrigues Junior

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4423-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sexta-feira, 6 de Julho de 1923 || Telefone C. 2208 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

LONDRES, 6. — O marquez Della Toretta na sua entrevista com lord Curzon mostrou os desejos que a Italia tem de ser informada desde já, de quando é que a França está disposta a abandonar a região do Ruhr. — (R.)

O debate politico

Está aberto o debate parlamentar sobre a politica geral do Governo. Terá sido um acto benefico para a Republica a iniciativa duma tal discussão, necessariamente apaixonada? Não o sabemos. O que entendemos, porém, é que, visto ter-se aberto esse debate, ele vá até ao fim, permitindo o esclarecimento de muitas questões que ainda se conservam obscuras.

Peor do que tudo, seria agora abafar essa discussão. O publico teria o direito de acreditar em cambalachos inconfessaveis ou em violencias sem desculpa. Neste momento, a questão já pertence ao paiz. São parte de dezoito meses de governo que têm de ser examinados, quer nas medidas tomadas, quer nas situações a que se deviu atender, e na realidade não se atendeu.

O sr. Cunha Leal formulou reparos concretos sobre questões de alta importancia. O sr. Antonio Maria da Silva, tanto quanto nos parece do relato dos seus discursos, não profundou essas questões. Limitou-se simplesmente a aflora-las, não passando da superficie.

Assim, na questão religiosa, que s. ex.ª quiz lançar inteiramente sobre os hombros do sr. Leonardo Coimbra, não pode restar duvida alguma de que o ensino religioso nas escolas particulares fazia parte do programa geral do governo. Contudo, o sr. Antonio Maria da Silva procedeu, como se se tratasse duma ideia exclusivamente perfilhada pelo sr. Leonardo Coimbra.

Tambem na questão cambial a resposta do sr. Antonio Maria da Silva não passou duma habilidade. O chefe do governo declarou que durante o governo do sr. Cunha Leal tambem o cambio se agravara. Mas o paiz o que deseja é que ele melhore, e o sr. Antonio Maria da Silva ainda o tem visto agravar-se mais durante o seu consulado, que não tem sido cortado de tão graves meios revolucionarios, nem sobrevelo imediatamente aos outubristas, como o do sr. Cunha Leal. De resto, o mais que se póde provar é que no tempo do sr. Cunha Leal tambem o cambio se agravou, estando agora ainda muito mais agravado sob o governo do sr. Antonio Maria da Silva. O que o paiz deseja não é que se por ca o tempo em retaliações estereis, mas sim procurando dar-se remedio á situação financeira e economica de Portugal.

No ponto de vista colonial, vemos que a provincia de Moçambique deve 800.000 libras ao Banco Ultramarino. Porquê? Para quê? Ninguem o sabe. E quando se fala na acção dos altos comissarios, que é a de soberanos absolutos e independentes, a unica escusa que se encontra é de que a lei, creando os altos comissariados, concedeu aos altos comissarios atribuições excessivas!

Como se vê, a situação está longe de ser esclarecida. Em tudo se nota confusão, duplicidade ou sofisma. E sobretudo uma grande obscuridade. E' para a fazer cessar que o debate politico iniciado pelo sr. Cunha Leal pode ser conveniente.

Quaes as consequencias desse debate? E' dificil calcula-las, mas sejam quaes forem não serão mais prejudiciaes do que a continuação duma politica em que não se patenteiam resoluções de equilibrar a todo o custo a Republica.

A politica hoje tem de ser feita toda á luz do dia. Acabou o tempo em que se governava o paiz dentro dos bastidores do poder.

A França e o Vaticano

Ainda a carta do Papa

ROMA, 26.—Nos meios do Vaticano diz-se que a démarche franceza ácerca da carta papal junto do cardeal Gasparri foi motivada exclusivamente por motivos de politica interna tendentes a privar os radicais francezes de pretexto de se opôr á restauração das relações francezas com a Santa Sé. Só esta influencia espiritual a França necessita para ganhar de novo a sua supremacia em Constantinopla e Pekin.—(R.)

AMANHÃ

O que se escreve e o que se lê

Cronica dos livros por *Luiz d'Oliveira Guimarães*

LIBRAS FUGIDAS...

São 400.000 em jogo, e que sairam dos cofres do Estado

Do emprestimo Rego Chaves FALA o deputado sr. Paiva Gomes

O deputado e antigo ministro sr. dr. Paiva Gomes acaba de anunciar uma interpretação do sr. ministro das Finanças, acêrca dum emprestimo feito a alguns Bancos durante o Governo do sr. Rego Chaves, e cujo montante o ex-ministro Cunha Leal pretendeu cobrar sem resultado.

Seguem-se algumas palavras do sr. dr. Paiva Gomes:

— Trata-se, historiando agora alguns pontos da questão, diz-nos, da cedencia de 430.000 libras em fins de 1919 a determinados Bancos e banqueiros, sob clausula de restituição na mesma especie mediante um juro equivalente á taxa de desconto no mercado livre de Londres, com a obrigação ainda dum deposito em escudos equivalente ao cambio do dia da operação.

— São os Bancos?...

— Portugues e Brasileiro, com 200.000 libras; Colonial Portugues, com 30.000, que já foram restituidas; Espirito Santo e Silva, e a casa Torlads, com 100.000 cada um.

— E depois?

— Como os cambios se fossem agravando, ao contrario do que as entidades tomadoras esperavam, foi solicitado repetidas vezes que se prorrogasse o prazo para liquidar a operação.

— E fez-se assim?

— A prorrogação foi até concedida, não por um, mas por diversos ministros, havendo mesmo um deles que a concedeu sem encargos de juros. Ainda outro ministro das Finanças, que despachou no processo, entendeu conceder essa prorrogação até que a liquidação da operação se fizesse sem prejuizo para as duas partes.

— Que se fez depois?

— Os Bancos e banqueiros tomadores, de Lisboa, em harmonia com a obrigação que tinham contraido do pagamento dos juros, liquidaram-nos e pagaram á Fazenda, findos que foram os respectivos prazos.

— Mas como...

— Já sei o que vai dizer — não se compreende realmente, assim que o direito á percepção desse juro pudesse vir mais tarde a ser contestado.

«O facto deu origem a uma reclamação, sendo sobre ela ouvido o Conselho Superior de Finanças, que emitiu parecer, não só referente aos juros — assunto este unico da consulta — mas ainda com referencia á liquidação do *proprio*.

— E' regular isso?

— Por mim não sei — e esse parecer devidamente fundamentado emitiu-se em separado — como um assunto destes pudesse ter sido resolvido sem a estrita obediencia á letra do verdadeiro contracto, feito entre Bancos e banqueiros além do respectivo ministro das Finanças.

«Unicamente a letra desse contracto, resultante da aceitação por parte do ministro, em despacho ou lançado sobre as propostas dos aludidos Bancos e banqueiros, obriga as duas partes.

«Demais, um dos Bancos tomadores de libras, na importancia de alguns milhares, foi coagido a entrar com essas mesmas libras em especie, embora disso lhe tivesse resultado uma diferença superior a 1.000:000 de escudos. Este Banco, como já vimos, foi o Colonial.

— Nesse caso... iamos a comentar.

— Evidentemente, corta o nosso interpelado, que não se póde honestamente pretender que seja adoptado um criterio diverso. E' preciso vêr que são 400.000 libras — visto já terem sido restituidas as 30.000 — que estão em jogo... e que ha muito tempo deviam ter dado já entrada nos explorados cofres do Estado.

— Tem boas esperanças?

E o sr. Paiva Gomes, terminando:

— Sim; devemos confiar em absoluto em que o ministro das Finanças actual procure fazer voltar a esses vazios cofres as libras em especie que deles andam ha tanto desviadas.

A COLONIA DE Moçambique

não concorda com a nomeação do sr. Azevedo Coutinho para — Alto Comissario —

A comissão de coloniais de Moçambique, eleita em Lourenço Marques no comicio de 19 de Maio ultimo, para tratar junto do Governo da nomeação do Alto Comissario, resolvida, como está, a ida do sr. Azevedo Coutinho, contra as indicações da colonia, insistentemente manifestadas, resolveu, em sessão de 4, depôr o seu mandato.

Decidiu mais comunicar o caso telegraficamente para Lourenço Marques, informando que o sr. Sá Carneiro acompanha o novo Alto Comissario, e que está elaborando um relato do que foi a sua acção no cumprimento do encargo que lhe foi cometido pela provincia, documento a que dará larga publicidade.

A questão de Tanger

Foi adiada a reunião dos tecnicos

LONDRES, 6.—A conferencia preliminar dos tecnicos inglezes, francezes e hespanhois sobre a questão de Tanger que se devia realizar nesta cidade foi adiada sine die. O «Daily Telegraph» diz que isto foi motivado porque as velhas dificuldades de resolver o problema são irremoviveis, ou porque se levantaram novas dificuldades.—(R.)

Guerra Junqueiro

Durante o dia de hoje não sofreu alteração o estado do grande poeta, que continuou sendo muito visitado.

Americanos em Lisboa

Ao porto de Lisboa devem chegar no proximo dia 25 os couraçados americanos «Arkansas» e «Florida». O comandante dessas unidades navais solicitou pelas vias competentes, providencias no sentido de os Hoteis, Bancos e Casas Comerciais não receberem quaesquer cheques passados pelos tripulantes dos referidos couraçados.

Amanhã deve ser afixado um edital do sr. Governador Civil de Lisboa inserindo o aviso do comandante em chefe dos navios americanos.

Os alemães e a França e a Italia

O que diz um italiano

ROMA, 6.—Um membro italiano da Comissão Internacional das Reparações entrevistado pelo jornal «A Tribuna» disse que a Alemanha tem satisfeito os compromissos tomados pela Italia apesar das dificuldades creadas pela ocupação do Ruhr e que ómente a França e a Belgica após a ocupação do Ruhr é que nada teem recebido.—(R.)

Humberto Guimarães de Brito

Acaba de nos chegar a dolorosa embora já esperada noticia da morte do sr. Humberto Guimarães de Brito, um distincto empregado do Banco Ultramarino, que, em plena mocidade, atacado pela tuberculose, fora ha tempos, num recurso extremo, procurar saude aos gelos do Marvão.

Nem isso, nem os seus 29 anos lhe valeram. O desditoso estava ferido de morte, e foi na serra acolhedora que exalou, ontem, o ultimo suspiro, junto do seu pai extremoso, o sr. Virgilio Franco de Brito, chefe de secção do Ministerio das Finanças, e de sua mãe amantissima, a sr.ª D. Amelia Guimarães de Brito, irmã do nosso presado director, sr. Manuel Guimarães.

Inteligente e activo, bondoso e afavel com todos, a morte do pobre Humberto fere um grande numero de simpatias, e deixa para sempre inconsolaveis seus pais, que ainda ha pouco tiveram a desdita de perder outro filho.

Todos nós, os que aqui trabalham, acompanhamos no seu desgosto o director da «Capital» envolvendo nas nossas condolencias toda a familia enlutada.

NA BOBONE

EXPOSIÇÃO do pintor A. da Fonseca

E' um novo o pintor A. da Fonseca. Cremos que expõe pela primeira vez. No entanto, no restricto numero dos seus quadros — o valor de um artista não se aquilata pelo numero dos trabalhos apresentados — ha qualquer coisa, ha muito até, revelando uma sensibilidade e um talento.

Não ha em A. da Fonseca, á maneira de quasi todos os artistas do norte, nervosismos pictoricos, nem exaltações, delirios de côr. Pelo contrario: é sereno e suave — de uma suavidade e de uma serenidade que acarinham, envolvendo-nos.

E' ainda hesitante, aqui e ali, a sua tecnica? Não ha ainda, eleita pela sua sensibilidade, uma maneira propria, inconfundivel, que personalise a sua Arte? Não ha ainda, mesmo, a possibilidade de conhecer o genero pictural em que o artista se delimitará?

Se assim fosse, A. da Fonseca não seria um novo.

***

Todavia, entre os 17 quadros que A. da Fonseca nos apresenta, alguns são admiraveis e decisivos como demonstração do seu talento. E' sobretudo na paisagem que nos parece absolutamente á vontade a tendencia artistica do jovem pintor. Dando-nos a natureza, ele sabe «senti-la», transmitindo-a na sua beleza sumptuosa, em que, muitas vezes, as contorsões e os gritos não são mais do que o véu delicado encobrindo a serenidade profunda do ambiente.

Mesmo desgrenhado na superficie, em tempestades assombrosas, o fundo do mar é sereno.

E, neste caso, a paisagem é como o mar.

***

Ora, é essa visão do «au-delà» que A. da Fonseca sabe dar-nos completamente, enquadrada na superficie agreste. Os quadros n.º 5, 6 e 8, respectivamente «Monte de S. Pedro» (Fundão), «Serra da Libra» (Beira Baixa) e «Serra da Estrela», pelo seu colorido, pelo ambiente de austeridade e pela emocionante serenidade que os envolve, garantem a certeza de que A. da Fonseca sentiu a beleza desses locais.

O quadro n.º 13 — «Carvalho» (Beira Baixa) — é interessante e foi tratado pelo artista com todo o carinho. A carvalha do primeiro plano está bem lançada e o ambiente é caracteristico. O n.º 9 — «Papoilas» — agradou-nos tambem. A côr é boa, vibrante, e a luz agradavel e bem distribuida.

***

Dois quadros mais que merecem referencia especial — os n.ºs 16 e 17. São duas curiosas visões do Tejo. As aguas bem trabalhadas, o que é um bom elogio ao valor do artista.

Em regra, é á vontade na paisagem tornasse acanhamento no mar; — A. da Fonseca, porém, sente-se tão bem diante de uma como em face do outro. A luz dêsses quadros é boa, o ambiente, transmitido pela sensibilidade do artista, verdadeiro.

A NOSSA MARINHA DE GUERRA

Não temos UM BARCO capaz de desempenhar uma comissão de serviço

ONDE SE FALA DOS NOSSOS antigos e gloriosos cruzadores

Leote do Rego, alto e claro espirito de marinheiro e de portuguez, dissera numa entrevista publicada poucas horas antes da sua morte: «Não temos um barco capaz de desempenhar decentemente uma comissão de serviço».

Houve quem visse nas palavras do almirante um exagero; quem as considerasse apenas como expressão do muito amor que á marinha tinha o comandante da Divisão Naval. Infelizmente porém não assim. Essas palavras ditas como um testamento que se lega á Patria, e como uma sintese que se entrega ao coração de todos os patriotas, corresponde a uma verdade insofismavel. Não temos um barco capaz de decentemente, desempenhar uma comissão de serviço!

Chegámos á penuria maxima; fomos, insensivelmente atirados para o fim, para o resto, nós que temos na nossa tradição maritima o melhor e o mais seguro penhor de glorias e façanhas.

As palavras, desprovidas de sentido, foram em anos sucessivos, substituindo, de maneira assustadora, os actos. E em determinado momento nós encontramo-nos sem um navio e com alguns maus discursos tecidos em torno do Oceano e das caravelas de nossos maiores.

***

E para que se não julgue que ha sombra de exagero sequer no que acima fica escrito detalharemos e apontaremos cada uma das nossas unidades navaes.

Consideremos primeiro as chamadas *grandes* unidades. Os nossos cruzadores, os nossos pobres e decrepitos cruzadores. Um por um veremos o seu estado, aquilo que podem fazer, as garantias que oferecem ainda.

«Almirante Reis». A proposito dele, diziam-nos ha pouco um oficial da armada: «A série de vistorias a que procederam e os resultados a que chegaram, lançando-o para o rol dos inuteis, representam um verdadeiro crime».

Desmontaram as maquinas, as maquinas que ainda ha pouco haviam sido arranjadas, montando esse concerto a alguns centos de contos. Pararam-lhe o coração. E hoje sabem os senhores onde estão essas maquinas? Junto da casa da guarda do Arsenal de Marinha, expostas á acção do tempo, deteriorando-se em grande parte já pela acção dos homens. Uma miseria!

«Adamastor». E' um navio de lata ao que afirmam os tecnicos. Tem apenas um valor historico, digamos assim, um valor sentimental. Produto de uma subscripção popular produzida nas horas tragicas do «ultimatum», é uma afirmação do querer popular. Pensaram em o reparar agora. O ministro da Marinha propoz para isso uma verba de dois mil contos; a Camara dos Deputados reduziu-a a quinhentos. E lá se ficou pelos quinhentos apesar dos esforços do sr. Procopio de Freitas ontem no Senado. O «Adamastor» continuará portanto a ser o «Adamastor».

«S. Gabriel». Unidade antiquada e agora, tornada completamente inutil.

Ha ainda na nossa marinha de guerra dois pequenos cruzadores, bem ligeiros apetrechados no tempo incerto da guerra: o «Republica» e o «Carvalho de Araujo». Nada valem. Feitos propositadamente para a lucta, terminada a lucta finalisou com ela o pouco que relativo valor.

E aqui tem leitor, o que ha acerca de grandes unidades. Nem uma. Uns no estaleiro, outros dados como inuteis.

Total: se amanhã precisarmos de enviar a qualquer paiz um barco que seja alguma coisa da terra e da gente de Portugal, não o temos.

Destroyers — Cinco: «Tejo», «Guadiana», «Douro», «Vouga» e «Tamega».

Submersiveis — Quatro: «Espadarte», «Foca», «Golfinho» e «Hidra».

São barcos regulares, embora alguns deles postos em desuso, mas insusceptiveis, pela sua natureza e condições de navegabilidade, de desempenharem uma comissão de serviço.

Razão tinha, e forte razão, Leote do Rego quando disse que Portugal não podia enviar lá fóra barco seu que dignamente o representasse.

Que tristeza! E as nossas autoridades de marinha. E os nossos oficiaes de marinha, alguns deles tão distintos e tão apegados á sua profissão?

***

E já que estamos tratando de assuntos que com a nossa marinha de guerra se prendem recordaremos o que continua a passar-se com a pesca nas nossas costas.

Os abusos, os atropelos sucedem-se. Ha na verdade algumas pequenas unidades empregadas no serviço de fiscalisação; mas essas chegam quasi sempre tarde. E os assaltadores podem manejar livremente exercendo uma pirataria de nova especie para a qual todas as sanções resultam estereis.

Já ha tempos houve quem aventasse a possibilidade do emprego de alguns dos nossos hidro-aviões nesse serviço que demanda especiaes unidades. Porque se não põe em pratica essa medida.

Supomos que os resultados a tirar seriam magnificos. Os serviços da nossa aviação maritima são hoje alguma coisa de notavel sobretudo se considerarmos as condições de existencia da armada.

Urge utilisá-los convenientemente aproveitando todos os beneficios que eles podem prestar ao paiz.

NUM BANQUETE

Um violento discurso

do ex-presidente da Polonia

VARSOVIA, 6.—O ex-presidente da Polonia marechal Pilsudski pronunciou um violento discurso num banquete que lhe foi oferecido nesta cidade contra o governo dizendo que se tirava da chefia do exercito polaco porque não podia como honesto soldado que era apoiar a politica da quadrilha de bandidos que se tinha apoderado do governo.—(R.)

LIVROS NOVOS

«Sangue Negro» de Ferreira de Castro

Acaba de sair á publicidade este novo volume do moço e talentoso escritor sr. Ferreira de Castro, que em outras obras se tem afirmado um alto espirito.

A edição é de «A Hora». N'um dos proximos numeros o critico literario se referirá a ele mais largamente.

França e Inglaterra

Recomeçam as negociações?

LONDRES, 6.—Segundo diz a Agencia Reuter, é possivel que recomecem as negociações entre a França e a Inglaterra a respeito das reparações no fim desta semana, ou no principio da semana seguinte. Crê-se que o governo francez fornecerá então ao questionario britanico a resposta por escrito que lord Curzon pediu.—(H.)

INGRATA PATRIA!

Afonso Henriques

o fundador da nacionalidade não tem apenas detractores

A PATRIA ainda vale uma missa!

Os jornais trazem hoje, entre o tumultuoso noticiario de dia a dia, a vaga referencia a uma missa mandada rezar em acção de graças pela fundação da nacionalidade, ocorrida, como dizem as cronicas, no ano bem longinquo de 1124.

Esta noticia de trez linhas, perdida nas colunas do jornal, entre um furto de roupas e a tourada de domingo, apareceu-nos como cousa quasi maravilhosa. Quem teve semelhante inspiração? Que espirito de poeta ou de monge se lembrou de evocar uma epopéa de oito seculos, indo ajoelhar, em êxtase entre a indiferença penumbrosa que nem Camões, cantando as nossas glorias, ousou quebrar em algumas estrofes imortais?

Ignoramos a quem pertence a carinhosa lembrança; mas ela fez-nos recordar um minuto, e pensar na ingratidão das edades.

Se é facto que ainda, de quando em quando, evocamos as grandes figuras que ha quatrocentos anos nos deram prestigio intelectual e glorias maritimas— a verdade é que não nos merecem nem ao menos lembrança egual, os grandes homens do passado que nos deram, explendor guerreiro. Levantamos ao sol, em devoção, a epopéa das descobertas—e esquecemos outra epopeia, a da fundação de Portugal, porventura a maior, pelo que teve de esforço gigantesco, numa epoca remota de lutas ferozes em que havia um inimigo a cada canto!

O que ensinamos nós ás creanças sobre Afonso Henriques, o Deus tutelar da raça, o arcanjo da valentia heroica, o principe esforçado que, com a sua espada formidavel, e abrindo caminho entre adversarios terriveis, talhou uma Patria onde, só depois dele, foi possivel florir a heroicidade de Nun'Alvares e o genio do infante de Sagres? Afonso d'Albuquerque teve o sonho do imperio da India; mas o filho do conde D. Henrique sonhou fazer uma Patria!

E o que nos recorda, ali, o principe valoroso? Que templo, que rua, que escola, que monumento? A'parte a estatua que os vimaranenses lhe erigiram a dois passos das muralhas que tanto nos falam das suas glorias—não ha, em todo o paiz, uma legenda de respeito, uma inscrição grata que nos evoque o heroe!

Em compensação abundam os detractores. Houve já quem descobrisse, indo auscultar atentamente o seu tumulo de quasi mil anos, que o primeiro rei de Portugal fora um facinora! O guerreiro de cem batalhas que conquistou um paiz a palmo e palmo fora, simplesmente um aventureiro vulgar...

Mas houve melhor, e essa nova acusação é que porventura vai empanar a aureola de Afonso Henriques: o filho de D. Tareja era rispido!

Sim; tinha modos rudes, palavras sacudidas, era por vezes, mesmo, violento no seu trato, esse homem de armas que vestia de ferro, que fazia da espada uma clava e que, para realisar o sonho sagrado de dar uma Patria aos portuguezes, não duvidou prender sua mãe que o atraiçoava e gorra com um hespanhol!

Rude e brusco, o guerreiro de ha perto de nove seculos, o vencedor dos serracenos! E a gente que o visionava todo mansidão, todo falas doces, piscando ao olho, bonacheirão aos mouros—e discursando á noite, de casaca—na Academia!

A VIDA DO SENADO

OS INCONVENIENTES

que o funcionamento das secções trouxe consigo

O novo regimento da Camara quando é votado?

O Senado continua a funcionar por secções. Este ano a inovação surgiu sem que a chamada opinião publica se espantasse.

Uma das camaras, diz-se, estava disposta a trabalhar. Trabalhar, no bom sentido, claramente. Nem excessos de discussão, nem oratoria perdida sem proveito nem gloria de ninguem.

O trabalho por secções pressupunha aptidão, aplicação, labor metodico, cuidado. E politica tudo que a politica dissesse respeito, longe, muito longe mesmo. Acabariam no seio do Senado, circunspecto e meditabundo, as discussões inuteis versando materia de politica geral; os rouxinoes calar-se-hiam. Trabalho e só trabalho. Trabalho util, proficuo, energico. O sr. Herculano Galhardo lá estaria sempre para meter na ordem os que porventura se transviassem ou por momentos, se perdessem na contemplação do tecto ou na examinar das galerias.

E o Senado começou a reunir por secções. Economia e finanças, educação e ensino, etc. Quatro, nem menos. Todos muito bem divididos, todos muito bem catalogados. E vá de iniciar a época de produção, o periodo do trabalho sem repousar.

As secções matematicamente têm reunido, a horas certas, em dias certos, com figuras certas. E de vez em quando, duas vezes por semana, as chamadas sessões plenarias. Que é como quem diz os senadores da Republica encontram-se em alegre convivio, o sr. Jorge Crisóstomo tem ocasião de dizer mais duas coisas fortes tomando para si tres quartas partes do tempo disponivel e o sr. Correia Barreto pode manter uma situação alta adentro do regimento. Isto em resumo. O Senado continua, numa palavra.

* * *

Mas quaes têm sido os resultados colhidos até agora com esta nova maneira de viver? Tem-se dado de si o que se esperava?

Parece-nos que não. Deu realmente algumas vantagens, vistas desde a primeira hora, ha a registar, não sofre contestação. A principal é a facilidade de contacto entre as entidades reclamantes e os representantes do povo. As corporações todas que tenham de reclamar podem dirigir-se ao Senado encaminhar-se para a secção que dos seus assuntos trata e dizer ali de sua justiça. E quem diz a corporação diz o simples particular.

Beneficio importantissimo, dirá o leitor. Beneficio importantissimo dizemos nós.

Mas vamos aos inconvenientes.

a — Existencia de comissões e secções. Porque toda a gente esperava que surgindo as secções, de caracter técnico e de especialidade, as comissões desaparecessem. Não sucedeu assim. Logo, e como consequencia, começou a confusão, o atropelo.

b — Demora na resolução dos problemas. Porque a proposta, projecto, representação, ou o que quer que seja tem de atravessar uma série de compartimentos, ele é a comissão, é a secção, é a sessão plenaria, de forma que o que poderia ser resolvido em dois, tres dias, leva sempre pelo menos duas, tres semanas.

c — Possibilidade franca de obstrucionismo. E sabem porquê? Porque em sessão plenaria não se resolve em materia de emendas. Um projecto vem muito bem arranjado da secção respectiva; na sessão plenaria alguem se lembra de propor emendas. E logo o projecto tem de voltar para a secção, de onde regressará novamente á sessão plenaria.

Muito mais simples seria que logo ali na sessão plenaria se resolvesse sobre a emenda liquidando o caso. Assim se não faz.

Estas são de uma maneira geral, as deficiencias principaes que no funcionamento do Senado por secções se têm registado.

* * *

Como remediar o mal? Acabando com as comissões e dando aos senadores poderes para resolverem, em sessão plenaria, sobre as emendas apresentadas. Mas agora, só quando a Camara tiver atribuições de constituinte, isto é de aqui a cinco anos, isso se poderá fazer. Até lá não. Até lá o Senado continuará a funcional mal o demoradamente.

E a proposito: quando entram os senhores deputados da Nação em vida normal e constitucional, fazendo com que a sua Camara funcione tambem por secções? E quando se aprova, para isso, o novo regulamento da Camara?

ULTIMA HORA

Em Santa Clara

O 19 de Outubro

Proseguem os julgamentos no Tribunal Militar

No Tribunal Militar realisou-se hoje o julgamento do tenente sr. Silva Mendes e alferes sr. Abranches, acusados de estarem no Arsenal na noite dos crimes de 19 de Outubro e não os terem evitado.

* * *

A audiencia abriu ás 12 e 35 procedendo-se á chamada das testemunhas.

* * *

Lido o libelo de acusação, o capitão tenente sr. Tavares de Silva, defensor do tenente sr. Silva Mendes e capitão sr. Simões, defensor do alferes sr. Abranches da Silva, apresentam as respectivas contestações.

Em seguida procede-se ao interrogatorio dos reus, que relatam factos já citados em audiencias anteriores, procurando demonstrar a impossibilidade que tiveram, não só de manter em ordem os amotinados, como de defender a vida dos oficiais que foram victimas. Referem-se ao facto do tenente sr. Silva Mendes ter sido preso pelo sr. Benjamim Pereira, no Terreiro do Paço, que o levou para o Arsenal. Ambos tentaram impor-se á onda que invadiu o Arsenal tumultuariamente, entrando depois no gabinete onde estava o dr. Granjo.

* * *

Depõe depois o marinheiro de troço de mar sr. José da Anunciação, que volta a contar no tribunal os factos que em outros processos já tem relatado.

O major sr. Peres Falcão entende que os reus não poderam evitar os actos do Arsenal, como tambem os não evitaram outros oficiais superiores de Marinha que ali se encontravam.

* * *

O 2.º tenente sr. José Luis confirma as declarações de testemunhas anteriores havendo apenas uma pequena contradição, motivo porque se procedeu a acareação entre os srs. Pires Falcão e José Luis, não se chegando a qualquer acordo o que motivou também uma acareação entre as testemunhas e reus.

* * *

O sr. Leopoldo Alves mais uma vez reedita as considerações feitas por varias vezes, sendo igualmente acusado com o seu tenente sr. Silva Mendes.

O sr. José Rodrigues e dr. Antonio de Sousa Tadeia, nada adiantaram.

* * *

São depois lidos os depoimentos das testemunhas que faltam, entre as quais figuram os srs. Cunha Leal, Afonso de Macedo e Agatão Lança.

* * *

Os srs. tenente coronel, de defesa Fernando Borges, tenente Luis Baptista da Costa, coronel Antonio de Azevedo e coronel Domingos Silva Pataco abonam o bom comportamento dos reus, e julgam-os incapazes de qualquer cobardia.

* * *

Em seguida foi suspensa a audiencia. Eram 15 e 30.

* * *

A's 17,40 foi lida a sentença, ficando absolvidos os dois reus.

Feira de beneficencia

Por não estarem ainda concluidas algumas barracas da feira de beneficencia a funcionar no Parque Eduardo VII, a referida feira só será inaugurada definitivamente na proxima 5.ª feira.

A's 18 horas

O alcaide de Badajoz pediu ao Governo portugues que os aviadores do nosso paiz vão ali por ocasião dos grandes festejos de Agosto.

* * *

Na proxima segunda-feira realisa-se a entrega do vapor «Pedro Nunes», antigo «Malange», á Companhia Nacional de Navegação, que, por sua vez, entregará ao Governo o «Extremadura».

* * *

O destroyer «Tejo» vai seguir para a fiscalisação da pesca no Algarve.

A tarde politica

A interpelação Cunha Leal — A reunião do Congresso — A eleição do Presidente

O debate sobre a interpretação Cunha Leal deve ocupar alguns dias, como já está dito. Isso, prejudicará a discussão e aprovação de importantes assuntos que estão pendentes do Parlamento, como sejam a questão dos tabacos reorganisação do imposto de sêlo, frota do Estado, etc., elementos de administração imprescindiveis ao Governo.

A prorrogação aprovada não dá tempo para tratar de todos esses importantes problemas.

* * *

Ficou adiada a reunião do Congresso para a discussão das emendas. Parece entretanto que se preparam as coisas para se realisar na segunda feira.

* * *

Em consequencia de se julgar afrontado com as palavras do sr. Antonio Maria da Silva proferidas no debate de ontem, entre as quaes a classificação de «negreiro», parece que o sr. Venancio Guimarães enviou testemunhas ao sr. presidente do Ministerio, exigindo-lhe explicações.

Informam-nos mais de que essas testemunhas são os srs. Lelo Portela e Virgilio Costa.

* * *

O deputado da maioria sr. Bartolomeu Severino, enviou hoje para a mesa um projecto tendente a modificar a lei 1.368, de 21 de setembro de 1922, no sentido de serem isentos do pagamento da taxa de Contribuição Industrial os empregados no comercio, na industria e na agricultura. A mesma proposta tem por fim esclarecer certos pontos obscuros da referida lei.

* * *

Sôbre a proxima eleição presidencial parece não se ter avançado muito quanto á escolha do novo candidato. Os democraticos, divididos, dão as suas predilecções aos srs. Teixeira Gomes e Augusto Soares.

Por sua vez, os nacionalistas, a êsses parece que sem grandes discrepancias, fazem a propaganda do sr. dr. Duarte Leite, havendo ainda os independentes, que pretendem impôr o sr. Bernardino Machado.

Nenhum desses candidatos, só com as votações saídas das facções que os apoiam, terá probabilidades de ser eleito. Mas ha ainda um candidato, que é o sr. Magalhães Lima, patrocinado pelo sr. Teofilo Braga e que é possivel tenha tambem algum voto parlamentar, isto é, entre os verdadeiros eleitores.

De fórma que, a questão da eleição do Presidente está ainda um tanto embrulhada.

* * *

A's 5 e 30 continua no seu discurso o sr. Cunha Leal, que fala ha cêrca de hora e meia. E' uma oração extremamente veemente, em que acusa o sr. Antonio Maria da Silva de ser o principal especulador financeiro, pela falta de tino financeiro de que tem dado provas.

Referindo-se ao emprestimo, afirma que ele não teve o exito que devia ter é por culpa do Governo.

Da Louzã a Arganil

O projecto do caminho de ferro

A antiga comissão do caminho de ferro da Louzã a Arganil que ha anos vem pugnando pela construção da linha, deseja que todos os interessados neste melhoramento compareçam amanhã pelas 14 horas, no Ministerio do Comercio, a fim de representarem ao ministro no sentido da construção proseguir pelo traçado superiormente aprovado, que é o que mais convem á região.

Uma conspiração anarquista?

O sr. Governador Civil diz não haver motivos para sustos

O nosso colega «A Imprensa Nova» noticia hoje que um funcionario superior da policia espanhola se encontra em Lisboa, a fim de tomar providencias para obstar á execução duma conspiração anarquista combinada entre portuguezes e espanhois, os quais recorreriam á acção directa, sendo essa acção exercida em Portugal por espanhois e em Espanha por portuguezes.

Tratando-se de um caso de certa gravidade, fomos junto do sr. governador civil colher informações, tendo-nos s. ex.ª informado que o caso não tem importancia e se relaciona com a prisão de dois estrangeiros encontrados ha dias em Caminha a fazer distribuição de uns manifestos contendo politica dissolvente. Esses dois estrangeiros, uma vez no Governo Civil, declararam-se argentinos, pelo que as autoridades daquele paiz foi comunicado o caso, a fim dos presos serem extraditados. Feitas estas «demarches», entraram então os presos a dizer que eram espanhois e não argentinos, sendo essas declarações participadas ás autoridades do paiz visinho.

Daí a vinda a Lisboa do delegado da policia espanhola, não representando tal facto, segundo nos afirmou o chefe do distrito, senão tomar providencias para evitar conspirações anarquistas.

Brincadeira fatal

No hospital de Arroios um servente, com um pontapé dá morte a um colega

No hospital de Arroios deu-se ontem um acontecimento lamentavel que deveras contristou todo o pessoal daquele estabelecimento. Foi o caso que um servente estando de brincadeira com um seu colega, aplicou-lhe um pontapé tão brutal que o infeliz veio a falecer hoje de manhã.

O autor da estupida brincadeira que se chama João da Costa la ontem de manhã entrar de serviço quando notou que o seu colega Joaquim Mendes, ainda se encontrava deitado, tentando então retirar-lhe as roupas com o intuito de o obrigar a levantar-se. No meio da brincadeira o Mendes caiu da cama e os dois entraram a lutar tendo nessa ocasião o Costa vibrado um pontapé no ventre do seu companheiro mas tão desastradamente que o infeliz sofreu ruptura dos intestinos. Imediatamente socorrido pelo pessoal do hospital recolheu a uma enfermaria onde foi operado vindo a falecer hoje. O cadaver recolheu á casa mortuaria não tendo sido ainda presa o causador da desgraça.

BOLSA

Conforme tinhamos previsto, deu-se hoje uma leve reacção, que é de esperar se acentue na proxima semana.

As cotações de fecho são as seguintes:

Externas 1.ª serie — 608, 3.ª serie — comprador a 670.

Portugal — 723, Ultramarino — 305, P. Brasileiro — comprador a 187.50 e vendedor a 190, Industrial — 130, Nac. Agricola — 118, Aliança — 141, P. Colonias — 128.50, Navegação — 342, Fosforos — 275, Gaz — 118.50, Pesca — 119.50, Tabacos — 1.158, Aç. Angola — 238, Casengo — comprador a 239 e vendedor a 408, Loanda comprador a 213 e vendedor a 220, Emp. Principe — 14 80, Amboim — 185, Boror — 159, Cabindas — 7.15, ficando comprador, Ilha — 439, Ambacas — 342, Benguelas — 780.

Alianças movimentaram-se, chegando a fazer-se um lote de 1.500. Os «coupon» tambem esteve bastante agitado.

Fecho da libra 100$50 e 102.50.

Parlamento

Nos Deputados

Funcionarios da India — Os presos — Uma alteração

O sr. Prazeres da Costa chama a atenção do Governo para o facto dos funcionarios civis e militares que se encontram na India não receberem os seus ordenados ha 11 meses.

* * *

O sr. Bartolomeu Severino requere urgencia para um projecto de lei que isenta da contribuição industrial os empregados do comercio, industria e agricultura.

O sr. Carvalho da Silva deseja saber se o sr. ministro da Justiça reconhece a urgencia de se resolver a questão do inquilinato, respondendo-lhe o sr. Abranches Ferrão em sentido afirmativo.

* * *

O sr. João Bacelar ocupa-se da necessidade de se habilitarem as cadeias do país a proverem á sustentação dos respectivos presos. O orador diz também ser preciso tratar a serio da reforma do regime prisional.

O sr. ministro da Justiça declara que está estudando um relatorio que sobre as bases dessa reforma lhe foi fornecido por uma comissão especial.

O sr. Pedro Pita pregunta se o sr. presidente do Ministerio está no edificio e, como pouco depois da mesa lhe anunciar que o chefe do Governo pede desculpa de não poder comparecer na sala, aquele orador exclama:

— Não faz mal! Temos tempo de ajustar contas com s. ex.ª!

Novamente tem o uso da palavra o sr. João Bacelar, respondendo-lhe o sr. ministro da Justiça.

* * *

Como não ha mais ninguem inscrito para antes da ordem do dia, resta-se a discussão do projecto de lei contra o jogo de azar.

* * *

O sr. Vasco Borges apresenta uma alteração ao artigo 1.º, cuja doutrina não merece discussão por parte dos srs. Jorge Nunes e Carlos Pereira. Fica aprovado o projecto, entrando-se na ordem do dia.

No Senado

Orçamento do Ministerio da Guerra — O novo Alto Comissario

Aberta a sessão á hora regimental, sob a presidencia do sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. José Pontes e Sousa Varela, foi aprovada a acta da sessão anterior por 26 senadores que tomaram conhecimento do expediente.

O sr. Ramos de Miranda requereu que a discussão do orçamento do Ministerio da Guerra se fizesse na primeira parte da ordem do dia, com dispensa das 24 horas designadas no regimento.

Os srs. Augusto Vasconcelos, Herculano Galhardo e Tomaz de Vilhena afirmaram não fazer oposição, lamentando todavia que se continue a ir de encontro ao regimento. Posto o requerimento do sr. Ramos de Miranda á votação, foi aprovado.

Seguidamente, entrando-se na segunda parte dos trabalhos procedeu-se á votação do novo Alto Comissario para a provincia de Moçambique. Foi eleito o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho por 38 votos contra 3, sendo os votantes 46.

A sessão continua.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Comissão Municipal

Extraordinariamente reuniu ontem esta comissão para tomar conhecimento de importantes adesões e resolver o seguinte:

Lançar na acta um voto de sentimento pela morte do almirante Leote do Rego; apreciar dois oficios das comissões politicas de Camões e S. Sebastião, o primeiro pedindo a suspensão de todos os direitos politicos ao filiado Virgilio Caldas, e o segundo pedindo para não ser aceite a filiação de José de Oliveira Amaral, continuo do Ministerio dos Estrangeiros.

Foi por esta comissão tomado na devida consideração e resolvido oficiar ao Directorio no mesmo sentido.

Resolve mais para a boa ordem e disciplina aceitar o pedido de afastamento temporario dos trabalhos partidarios o presidente desta comissão José Julio Rosa, apreciando esta resolução na proxima reunião das comissões politicas.

Iniciar desde já uma série de conferencias em Lisboa de propaganda partidaria e obstar por todas as fórmas que os seus correligionarios cooperem em actos revolucionarios, visto neste momento grave da politica portuguesa, serem tantos os «meneurs», com fócos revolucionarios são diferentes que certamente o seu fim é unicamente comprometerem a marcha triunfal do P. R. Radical.

Resolve intensificar a fiscalisação em todas as adesões, evitando assim a entendição de videirinhos quer de pequenas ou grandes categorias que simplesmente pretendem alistar-se para satisfação das suas vaidades e interesses pessoaes.

Resolve mais na proxima reunião das comissões politicas apreciar a atitude de alguns correligionarios que sem respeito pelos poderes constituidos do partido e até por vezes invadindo-os nas suas atribuições, tem assim prejudicar a boa ordem tão necessaria ao progresso do P. R. Radical.

O «Corgo»

No dia 15 do corrente saírá o 1.º numero do orgão partidario em Vila Real, intitulado o «Corgo».

Comicio em Almada

No comicio de propaganda que se realiza tambem em Almada, no proximo dia 15, usarão da palavra os seguintes oradores:

Dr. Francisco Levita, Cesar da Silva, Peres Trancoso, Antonio Joaquim Magalhães, Carlos Fernandes, Manuel dos Santos, Costa Carvalho, Ezequiel Marmelada e João Pacheco.

O comicio tem lugar na Cova da Piedade.

UM POLICIA

mata um cabo

com um tiro de pistola

Como se deu o triste caso

Um crime de morte se registou hoje em Lisboa. Foi ás primeiras horas da manhã na esquadra dos Terremotos.

Um policia daquela esquadra, enraivecido pelo facto de um cabo ter apresentado contra ele uma participação, disparou contra o seu superior e á queima-roupa um tiro, dando-lhe morte quasi instantanea.

Os protagonistas da triste scena foram o guarda 1994, Duarte Nascimento Pereira, e o cabo 198, Alipio Simões, este ultimo muito estimado na corporação por se tratar de um funcionario zeloso, homem serio e honesto.

Já o mesmo se não pode dizer do assassino, que, por desleixado e incorrigivel, era constantemente repreendido pelas faltas que cometia.

O 1994 andou durante o dia de ontem, em grande pandega com outros individuos, passeando em «side-car» e dando grosso escandalo, motivo porque o cabo apresentou contra ele a respectiva participação, o que exasperou o guarda, que jurou tirar duro desforço do participante.

Hoje, pelas 8 horas, estava o 1994 de patrulha na sua area quando teve conhecimento de que o cabo se encontrava na esquadra e, ruminando a vingança, abandonou o seu local de serviço, dirigindo-se imediatamente á esquadra, onde foi encontrar a sua vitima sentada numa cama.

Sem qualquer troca de palavras ou a menor explicação, o guarda, empunhando a sua pistola, correu para o cabo e desfechou-lhe um tiro na cabeça, deixando o infeliz como morto e num lago de sangue.

Ao ruido da detonação apareceu vario pessoal da esquadra, que desarmou o agressor, enquanto o cabo era conduzido ao hospital de S. José, onde faleceu.

O assassino foi pouco depois removido para o Governo Civil, onde recolheu a um calabouço, tendo confessado o seu crime e declarando, por fim, achar-se arrependido do que fizera.

Teatros ▪ Musica ▪ Cinemas

Maestro Manuel Benjamim

Um sarau em sua homenagem

A comissão organisadora do sarau de homenagem ao glorioso maestro Manoel Benjamim, quiz revestir esta festa de um grande significado de carinho pelo ilustre artista. O sarau que se realisa amanhã no Gremio Beirão abre com uma palestra literaria por Jaime de Aguiar seguindo-se numeros de canto e recitação pelos distintos artistas: Maria Pia de Almeida, Idrasia de Lourdes Cabral, Justina de Magalhães, Ema de Oliveira, Joaquim Costa, Augusto de Melo, Teodoro Santos, Fernando Pereira, Jaime Zenoglio, Manoel Coelho e Serrana e Moreno. Os maestros Henrique Ribeiro e Luiz Ceia prestam o seu concurso assim como os srs. Camara Manoel, Jamet e Victor Manoel dos Santos.

Os bilhetes são cedidos ás pessoas das relações do homenageado na Rua Alves Correia, 214 2.°

Noticiario

Está marcada a recita da moda, de terça feira, em S. Carlos, para a realisação da «premiére» da peça «Mar Alto», original de Antonio Ferro, estreiada pela Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, no Brazil, onde foi muito discutida, apreciada e aplaudida. Na peça que tem 3 actos, entram apenas tres personagens: «Madalena», «Luiz» e «Henrique», que serão respectivamente interpretadas por Lucilia, Erico Braga e pela pequena actriz Maria Cristina, em «travesti». A acção da peça decorre em Lisboa e a encenação é do ilustre professor Antonio Pinheiro.

Reclames

E' esta a ultima semana em que se representa em S. Carlos a famosa peça «Magda, em que Lucilia Simões tem um trabalho verdadeiramente arrebatador, impressionando extraordinariamente o publico. Não falte pois a estas derradeiras representações quem não quizer privar-se dum espectaculo sobesbo, de mais elevado merito artistico.

—«A Viuva Gomes» continua a alegrar o publico frequentador do Teatro Nacional, emparceirando com «Simão Ventura», chefe do partido moralista e o «Pimenta», oteimamente apaixonado a «mulher do coisiras», com a sua sedução na tarefa de divertir o publico, sendo estas personagens interpretadas por Maria Pia, Joaquim Costa, Alegrim e Irene Grave, sem esquecer Helena de Castro, n'a mulher do «rio», Ema d'Oliveira na «nova rica», Emilia Fernandes na delicada «Clarinha» e Joaquim d'Oliveira no perspicaz inspector que nada descobre.

—As duas sessões do Eden continuam estando concorridissimas, não faltando tambem, ali, o entusiasmo do publico. A revista «Caldo Verde», ali em scena, adquiriu já a justa fama de constituir o mais apratoso e deslumbrante espectaculo da atualidade impondo-se pelo seu espirito de observação, pela sua cintilante critica, bela musica, pelos surprehendentes scenarios e luxuosissimo guarda roupa. «Caldo Verde», que se repete, sempre, em duas sessões, é, em conjuncto, um espectaculo admiravel, digno de ser apreciado por quem tiver bom gosto.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«Magda».
AVENIDA—A's 9—«A Dama das Camelias».
APOLO—A's 9,15—«Os Fidalgos da Casa Mourisca».
EDEN—A's 8,45 e 10,45—«Caldo Verde»
GIL VICENTE—A's 9—«Florys».

DA NOSSA ARTE

O COMPOSITOR Virgilio Angelo

Uma admiravel obra de criação e de portuguesissimo, revelada no concerto de domingo passado

Com uma assistencia numerosa e escolhida, em que se via tudo o que ha de bom no nosso meio artistico e intelectual, o grande artista portuense Virgilio Angelo, realisou no passado domingo um notavel concerto para audição das suas obras.

Depois de umas palavras do jornalista sr. Acurcio Cardoso, sobre o valor e a intença artistica o subjectivismo, da obra de Virgilio Angelo, as quaes o actor Antonio Pinheiro lêu admiravelmente, começou a sessão musical.

* * *

As composições de Virgilio Angelo têm uma feição absolutamente nova e original. Inspiradas no proprio sentimento da raça, elas têm um cunho acentuadamente portuguez, que as destaca de tudo quanto no genero se tem produzido até hoje. Virgilio Angelo não realiza a obra do rapsodo, o trabalho mais ou menos artistico de reproduzir os nossos cantares. Isso seria repetir; e a sua obra é uma criação. Como disse o ilustre critico portuense Antonio Moreira, Virgilio Angelo encontrou um veio abundante e limpido, do qual extrae o oiro puro da sua arte.

Na audição de domingo ultimo, uma novidade se nos deparava: as poesias musicadas foram lidas antes da execução, para que o publico podesse avaliar da sua interpretação musical. E tanto na arte de Virgilio Angelo, como na recitação dos artistas Hortense Luz, Maria Sampaio, Georgina Cordeiro, Antonio Pinheiro, Joaquim Almada, Mario Santos e Joaquim de Almeida, os versos de João de Deus, Julio Diniz, Antonio Correia de Oliveira e outros poetas, ganharam todo o relevo, todo o brilho, todo o encanto e toda a enternecida beleza.

* * *

Das composições executadas, todas de rara beleza e originalidade, destacaremos a «Canção do lavrante» que traduz admiravelmente a beleza poetica dos versos de Narciso de Azevedo, interpretando á maravilha toda a anciedade sentida e vibrante que neles ondeia.

Nas «Sombras de julho», de Correia de Oliveira, — «Olha a luz tecendo a sombra» — o desenho do acompanhamento dá-nos, logo de inicio, a nitida impressão rumorejante das folhas das primeiras ramadas. A melodia, serena e limpida, é cheia de intenção e beleza. A «Moda da serra», tambem de Correia de Oliveira, é viva e alegre dando-nos a sensação do ar da serra. A «Maria», uma joia preciosa e divina do grande lirico João de Deus, é toda repassada de uma profunda e envolvente beleza religiosa. Na «Canção maritima» ha grandeza e sente-se o soluçar das ondas, o ritmo apaixonante e maravilhoso do Oceano.

Emfim, todas as composições Virgilio Angelo, a par duma inspiração elevada e sentidamente portuguesa, são de uma contextura elegantissima, de uma técnica segura e perfeita, procurando e conseguindo ter sempre um poder descritivo admiravel.

Manuela Pinto Basto, uma cantora de «élite», uma artista impecavel e superior, deu a todas as canções de Virgilio Angelo uma admiravel interpretação, cantando-as com o fogo apaixonado e emocionante que nos comunicou a sua beleza intensa e comovedora.

* * *

A segunda parte do concerto foi exclusivamente constituida por trechos para violino e piano, dando-lhes o ilustre professor Alberto Pimenta uma interpretação expressiva, e magistral. Das peças executadas — «Romance», «Serenata na fórma popular», que obteve um grande sucesso, sendo bisada — a «Fantasia da saudade», mereceram ao publico uma atenção especial e especiaes aplausos. O «Scherzo», muito elegante, é admiravel de leveza e graça.

São estas as composições que mais nos impressionaram e por isso lhes fazemos uma referencia particular. Mas a verdade é que todas elas, em numero de quatorze, são explendidas, revelando em Virgilio Angelo um artista de superior sensibilidade, de grande e admiravel cultura e do seu grande poder de realisação. O publico dispensou-lhe ovações entusiasticas, estrondosas, vibrantes, significando, portanto, o concerto de domingo, uma verdadeira consagração do artista original e cheio de talento que é Virgilio Angelo.

VIDA SPORTIVA

Taça Mutilados de Guerra

REALISA-SE NO DOMINGO A FINAL DESTA TAÇA, INSTITUIDA POR «A CAPITAL» E FEITA ACTUALMENTE DISPUTAR POR «OS SPORTS»

Está verdadeiramente cansando um entusiasmo enorme no meio sportivo, o desafio que no domingo, ás 18 horas se realisa no Campo de Palhavã, sob a arbitragem de Silvestre Rosmaninho.

Trata-se na *final* da «Taça Mutilados da Guerra», instituida ha anos pelo nosso jornal e feita disputar actualmente pelo conhecido bi-semanario «Os Sports», que dia a dia continua a marcar no meio sportivo.

São adversarios na grande lucta que se vai travar, o Carcavelinhos Foot-Ball Club e o Club de Foot Ball «Os Belenenses». Ambos irão para o campo na disposição firme de vencer, e os prognosticos são dificeis de formular, porquanto os dois conhecidos grupos estão actualmente numa fórma magnifica. O Belenenses, foi, como é do dominio geral, o finalista do Campeonato de Lisboa, perdendo o desafio com o actual Campeão de Portugal, apenas por uma diferença de 2 «goals».

Por sua vez o Carcavelinhos já venceu o Sporting esta época e é este o melhor elogio que lhe podemos fazer.

Quem vencerá pois?

No domingo se saberá. O publico por certo ha de acorrer ao magnifico campo de Palhavã para assistir á ardorosa lucta entre os dois grupos, tanto mais que o desafio de domingo é o ultimo da presente época de foot-ball.

O producto do desafio é destinado aos mutilados da grande guerra e a varias instituições de beneficencia.

Casamento sem amor
A carta fatal
Charlot aventureiro

De novo o nome ilustre de Carmel Myers vem iluminar com os fulgores do seu talento o «écran» do Salão Central.

O seu ultimo trabalho cinematografico «Casamento sem amor», um emocionante drama em quatro partes, fez com que o vasto cinema regorgitasse hoje de espectadores na «matinée» ali realisada. E' que o nome de Carmel Myers, nome mundial, nome cheio de prestigio, basta ser anunciado para o publico acorrer em grande numero, a deliciar-se com a sua sublime arte.

No espectaculo desta noite volta a ser exibida a famosa pelicula «Casamento sem amor» repetindo-se os dois penultimos episodios, intitulados «A paixão do jogo» e «A suprema aposta» do interessante romance de aventuras «A carta fatal» e a desopilante comedia em duas partes, «Charlot, aventureiro», em que é impagavel de graça o celebre actor comico Charles Chaplin.

Pelo telegrafo
Da Agencia Havas

Orçamento das Indias

LONDRES, 6.—A camara dos comuns aprovou por 213 votos contra 74 o orçamento para as Indias.

O nuncio e o sr. Cuno

BERLIM, 6.—O Nuncio procurou novamente o sr. Cuno. Há mais operarios metalurgicos a favor da greve.

Opiniões italianas

ROMA, 6. — O jornal «Il Secolo» diz a aventura do Ruhr significa para a França um fiasco economico e moral.

A Italia e a Yugoeslavia

BELGRADO, 6, — Os delegados yugoslavos que vão a Roma para assinar o Tratado comercial italo yugoslavo partiram para esta cidade.

NO PROCESSO JUDET

Um depoimento fulminante

Fala-se de madame Haus Bossard

pvas subibepbndbo bibabpp mih bbb

A deposição de M.me Bossard, divorciada do pintor suisso cumplice de Judet, atraiu ao tribunal mais gente do que o costume.

— Senhores jurados, começa, Bossard e Judet conheceram-se no salão de minha tia, a condessa de Loynes. Judet foi testemunha do meu casamento. Dois ou três dias antes da guerra, meu marido disse-me: «Só os imbecis é que deixarão de ganhar dinheiro». Desmobilisado, disse-me que se ia pôr em relações com von Romberg. Queria fazer a propaganda pacifista. Esteve com Romberg; depois fomos a Paris, e meu marido teve frequentes entrevistas com Ernest Judet.

M. Judet — E' mentira!

Esta afirmação, surdamente pronunciada, foi a unica palavra de Judet durante o importante depoimento de M.me Bossard. No entanto, o reu, vai observando com a maior atenção aquela de que, em grande parte, depende a sua sorte. Vai obervando-a e, por vezes, sorri... Ela precisa o modo como Bossard era recebido por Judet:

M.me Bossard — M. Judet recebia Bossard em «robe de chambre», na minha presença. Certa manhã, ao despedirem-se, disseram: «Estamos de acôrdo».

«Bossard disse-me: «Judet é muito anglofobo; quere salvar a França da Inglaterra, que a esmagará!» De regresso, Bossard avistou-se com von Romberg. Em todas as minhas cartas a M.me Judet ele acrescentava frases em cifra.

«Em 1915, á volta de Londres, M. Judet veiu procurar Bossard, que enviou um relatorio a von Romberg. Chegado a Paris, Judet enviou-lhe um relatorio sobre a sua viagem a Roma.

«Quando as cartas foram apreendidas em Pontarlier, a minha criada Maria Irene, que devia vir a Paris, apressou a viagem para prevenir M. Judet. E escrevia então por uma formula combinada: «Vi a minha prima», o que significava: «Vi o sr. Judet».

«Mais tarde, Bossard trouxe-me, á tarde, a soma de um milhão para a propaganda pacifista. Pediu-me para contar o dinheiro e disse-me que tinha outro tanto a receber.

«Bossard comprou titulos do Banco de Bâle e foram depositados no Banco Cantonal. Os alemães entendiam que a propaganda ia devagar. Judet veiu á Suissa. Declarou que Caillaux não podia vir, por ter sido preso, mas que Paul Meunier viria em seu lugar. Em 1916, Bossard deu um cheque de 3.000 francos á M. Judet, de que 1.000 deveriam ser enviados a Waverley pelas suas cartas.

«Judet disse-nos que Paul Meunier poderia vir, mas por ocasião de uma missão junto dos prisioneiros de guerra em Leysin. Von Romberg prometeu a Bossard 500.000 francos depois da visita de Paul Meunier. E então ouvi lhe dizer a M. Judet que preferia a soma depois da vinda de Paul Meunier. Meu marido disse-me que metade daquele dinheiro era para M. Judet. Judet, acedendo ao desejo dos alemães, avistou-se duas vezes com von Romberg.

«Bossard, para ir a França, usava passaporte diplomatico. Disse-me que dava 10.000 francos por mês a M. Judet e era obrigado a pedir mais dinheiro aos alemães.

«Em 1915, quando do meu divorcio, pediu-me para dizer ao meu advogado que não falasse dos alemães, porque se a Inglaterra o soubesse, êle estaria perdido. O meu advogado disse que defendia os meus interesses e nada podia prometer-me.»

Terminado o depoimento, o golpe de teatro que se esperava não se produziu... O advogado de Judet, M. Leon zon le Luc, ergue-se e disse:

— M.me Bossard, no decorrer da instrução, depoz trinta e duas vezes. Contou bastantes coisas. Hoje não disse quasi nada. Peço detalhes.

O procurador geral, com uma gravidade profunda, declara:

— Se a senhora tem a mais ligeira duvida, não hesite um segundo em confessá-la.

M.me Bossard — Disse a verdade.

O procurador geral — Está bem certa disso? Ainda é tempo...

M.me Bossard — Estou absolutamente certa de que não me enganei.

(Sensação).

O presidente — Sr. Judet, o que tem a dizer?

M. Judet — Teria muitas observações a fazer. Tudo a contestar. O meu advogado vai ocupar-se disso...

* * *

Os dois depoimentos do final da audiencia causaram enorme sensação. Foram os de M. René Quinton, presidente da Liga da Aeronautica, e do general Marchand.

O primeiro disse:

— Conheci Judet em 1906. Fomos amigos intimos. O que nos ligou foi o patriotismo comum.

E diz que conheceu Judet por intermedio do general Marchand.

E exclama:

— Judet, traidor á patria!... E' Marchand traidor á patria! Sou eu proprio traidor á patria!... Judet era um patriota entusiasta.

E, terminando:

— Considero o crime contra a patria como o crime inexpiavel. Prefiro o parricidio. Se se tratasse de meu filho, seria o primeiro a entregá-lo á justiça.

M. Judet — Muito lhe agradeço, amigo Quinton.

DO PAIZ VISINHO

General Aguilera

Uma manifestação de opinião?

MADRID, 6.—Alguns oficiais do exercito, uns trajando á paisana e outros com o respectivo uniforme foram esta noite a casa do general Aguilera a fim de lhe manifestarem a sua simpatia a proposito da questão que ele teve com o sr. Sanchez Toca.—(H.)

O ministro nega que essa manifestação se desse

MADRID, 6.—O ministerio do Interior declara que não se realisou qualquer manifestação militar em casa do general Aguilera, o qual foi apenas visitado por alguns dos seus amigos pessoais.

Damos esta noticia sob todas as reservas, sobretudo por causa das palavras que se atribuem ao general Aguilera.—(H.)

O NOVO HORARIO DA remoção do lixo

Um desastre motivado por causa dele e da falta de iluminação publica

Em algumas cartas, que de fóra nos enviam, bem claramente se desenha, o desgosto da população pela lembrança, bem infeliz, da Camara Municipal, de mudar a hora das limpezas.

Nessas cartas aplaude-se a ideia dos «camions», substituindo as carroças, cujo aspecto não está bem com a vida citadina da capital e cuja morosidade dá logar a protestos bem justos.

Já hontem aqui lembramos que se utilisassem os «camions» do P. A. M. E porque não requisita-los á Alemanha, por conta das reparações? Todos os paises vencedores tem feito as suas reclamações, nesse sentido; só Portugal nada pede, E' rico!

* * *

Um leitor, a proposito, conta-nos o seguinte:

No dia 1 do corrente deu-se, na rua Domingos Sequeira, um desastre grave e lamentavel, derivado, em parte, ao horario da limpeza, e em parte, á circunstancia de não haver luz naquela arteria, que tem apenas dois candieiros, colocados quasi nas extremidades da rua, o que a deixa, na sua maior extensão, completamente mergulhada nas trevas.

Foi cerca das 22 horas. Uma carroça estaciona junto de um predio em construção, esperando o lixo que vinha dos caixotes, quando um electrico, descendente vem violentamente de encontro a ela.

De nenhum dos veiculos poderia avistar-se o outro. E, d'ahi, o choque, que atirou com o pobre carroceiro, em misero estado, para o hospital, e o guarda-freio, sem culpa alguma, para o governo civil, havendo ainda a registar a perda quasi certa do muar.

Infelizmente, outros desastres identicos lhe seguirão.

Os Partidos

Republicano Presidencialista

A direcção da Juventude Republicana Sidonista, na sua reunião de ontem, tomou varias deliberações de interesse partidario promovendo sessões, a primeira das quaes se realisa brevemente em Setubal.

Foi aprovado um voto de sentimento pela morte dos seus correligionarios e socios srs. Francisco Pina e Alfredo Mendes.

Orestes Barbosa

O sr. Presidente da Republica enviou para bordo do «Bagé» ao jornalista brazileiro Orestes Barbosa o seguinte telegrama:

«Agradeço e retribuo afectuosamente as saudações que v. ex.ª me dirigiu no momento de embarcar para o seu pais, desejando-lhe feliz viagem, congratulando-me pela forma carinhosa e brilhante com que v. ex.ª foi recebido em Lisboa.»—Antonio José de Almeida—Presidente da Republica.

Reuniões

REUNEM HOJE:

Associação Comercial, 9 n.; Operarios das Fabricas de Cartonagens, 9 noite

Por escritura de 21 de Maio de 1923, lavrada nas notas do notario Borralho Junior, foi constituida uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — Fica constituida nesta praça de Lisboa uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, entre Antonio José da Silva Pessoa, Libanio da Conceição Brilhante da Silva Pessoa, João Brilhante da Silva Pessoa e Antonio Brilhante da Silva Pessoa, a qual adopta para o seu giro a firma Antonio Pessoa, Limitada.

2.º — Datam do 1.º de Janeiro dêste ano as suas operações, sem prazo de termo, e tendo o seu domicilio na Rua das Pedras Negras, 36.º, 2.º

3.º — O seu objecto é o comercio de perfumarias, alem dos que entre si os socios acordem explorar.

4.º — O capital, de 120.000$, acha-se realizado com:

a) A quota do socio Antonio José da Silva Pessoa, no valor de 40.000$;

b) A quota do socio Libanio da Conceição Brilhante da Silva Pessoa, no valor de 20.000$;

c) A quota do socio João Brilhante da Silva Pessoa, no valor de 20.000$;

d) A quota do socio Antonio Brilhante da Silva Pessoa, no valor de 40.000$.

As quotas dos três primeiros socios acham-se representadas com todo o activo dos estabelecimentos que possuem na Travessa das Monicas, 17, e Rua das Pedras Negras, 36, 2.º, que êles põem em comum na sociedade, com expressa inclusão do direito aos respectivos arrendamentos, nos termos da lei do inquilinato. A quota do socio Antonio Brilhante da Silva Pessoa foi integrada com dinheiro entrado na caixa.

§ unico. Proibidas as prestações suplementares á caixa, todavia pode esta receber os suprimentos de que precisar ao juro de desconto do Banco de Portugal, mais 2 por cento.

5.º — O socio que pretender ceder toda ou parte da sua quota terá de consultar, por carta registada, a sociedade em primeiro lugar e depois os socios. Se a sociedade ou os socios, segundo a sua ordem de preferencia, quizerem adquirir toda a quota ou parte dela, o preço da cessão será calculado pelo valor que á quota tiver sido atribuido no ultimo balanço dado, acrescendo os lucros que se verificar pertencerem até á data da cessão. Se dentro de trinta dias, a contar da recepção da carta registada, a sociedade ou os socios não responderem, ou se, respondendo, não quizerem fazer a aquisição, a quota poderá ser livremente cedida a estranhos. Entre os socios, seus herdeiros ou representantes é livre a cessão total ou parcial de quotas.

6.º — Os socios que queiram sair da sociedade hão de lhe dar parte por carta registada, com pelo menos seis meses de antecedencia. Por carta se fazem, tambem, as convocações de assembléas, com oito dias de antecedencia enviadas.

7.º — A sociedade é administrada e representada no seu giro activo e passivo, em juizo ou fora, pela gerencia, sem caução e com a remuneração que em assembléa se convencionar. Ficando desde já nomeados gerentes os socios e só êles, visto que no caso de cessão total ou parcial de quotas a terceiros não dá direito aos novos socios á gerencia, visto ser-lhe expressamente vedado.

8.º — O balanço dado em Dezembro, fechado com a data de 31, será homologado pelos socios e por êle se partilham os lucros, na proporção das quotas, depois de retirados 5 por cento para fundo legal de reserva ou sua reintegração e qualquer outra percentagem para fundo em que a assembléa assente.

9.º — E' absolutamente proibido fazer arrolamentos ou imposição de selos aos haveres sociais, sob pena de amortização imediata da quota que pode até ser depositada.

10.º — Dissolve-se a sociedade por acôrdo, sendo seus liquidatarios os socios obrigatoria a licitação global do activo da sociedade, entregue a quem maiores garantias e vantagens oferecer.

11.º — No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos socios, a sociedade continuará com os respectivos herdeiros ou representantes, que deverão, entre si, nomear aquele que nela os ha de representar. No caso de não convir aos herdeiros ou representantes a sua continuação na sociedade, esta entregar-lhes ha a parte que se verificar pertencer-lhes, a qual será calculada do mesmo modo que fica preceituado no artigo 5.º e será paga dentro de um ano.

12.º — E' absolutamente proibido aos socios fazer uso da firma em actos que não sejam exclusivos do giro social.

13.º — As questões emergentes resolvem-se por arbitros e o socio ou socios que se recusarem a assinar o respectivo documento pagarão á sociedade a pena convencional de 5.000$.

14.º — Nos casos omissos regularão as disposições legais aplicaveis e fica fixado o fôro da comarca de Lisboa, com renuncia expressa a qualquer outro.

Lisboa, 28 de Maio de 1923. — O notario, ajudante, *Leopoldo Martins do Vale.*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4424-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sabado, 7 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

STOCKOLMO, 7—A imprensa conservadora sueca fasendo referencia no que se tem escrito na imprensa ingleza ácerca do estabelecimento de mais estreitas relações entre a Inglaterra e a Suecia no Baltico frisa que a Suecia tenciona manter-se como até hoje numa politica de estrita neutralidade.—(R.)

HORA DOLOROSA!

Morreu Guerra Junqueiro

Com o grande autor dos "Simples" e da "Patria" desaparece a mais alta expressão do genio literario latino. Todos os portugueses teem o devêr de prestar-lhe na morte a homenagem que não foi possivel prestar-lhe em vida

LUTO NACIONAL

«C'est ici le combat du jour et de la nuit». Foi assim que o maior epico da França, atacado tambem pela morte em plena vivacidade do espirito, descreveu a lucta que em tôrno do seu leito de sofrimento se travava entre a vida e a morte, e de que a morte, como agora, saiu sinistramente vencedora. Nós acabamos de ver findar um drama semelhante, drama real, drama vivido, em que sossobrou o maior atleta da Poesia que entre nós tangeu uma lira de oiro e de bronze depois de Luiz de Camões, e não podemos, apesar do desenlace esperado, eximir-nos ao sobresalto, á confusão, em que a nossa mente tumultua, porque não se vê tombar uma estatua, desabar um obelisco, sem que se sinta no peito a crispação da dôr e do espanto. Quando desaparecem vultos como o de Guerra Junqueiro, deixam um vacuo que se não preenche, e esse vacuo onde sobretudo o encontramos é na nossa alma.

E' que não se experimentou impunemente, no decurso de duas gerações, o encanto e a magia dêsse admiravel estro, em que tiveram repercussão todas as alegrias e todos os sofrimentos da Patria, como interpretação tiveram todas as emoções doces ou fortes que agitam o coração humano em todas as epocas da vida. Não houve gloria, não houve angustia, não houve sonho, não houve revolta, não houve piedade, não houve luto, não houve gemido, não houve prece, que o autor dessa obra portentosa que vai da «Morte de D. João» aos «Simples», da «Velhice do Padre Eterno» ás «Orações ao Pão e á Luz», da «Musa em Ferias» á «Patria», não cantasse.

Tudo o que afirma a consciencia e a sensibilidade humanas, e aperta os laços fraternos em que uma nacionalidade se firma, tudo isso não teria um relevo, uma expressão sublime se alguns privilegiados cantores, que surgem de seculos a seculos, não tivessem creado as suas ideias e as suas emoções através do disco de cristal da sua alma luminosa e vibrante. Nós não podemos esquecer o encanto dessas harmonias, em que a alma da nossa raça constantemente se retratava, nas piedosas raizes da sua tradição como nas aspirações vermelhas do futuro, que sempre se anunciam em raios de aurora, nas flechas aladas de uma ironia em que um raio de justiça sempre transparecê como nos carmes augustos em que o orgulho revive ao ver-se poluido ou apunhalado.

A grande poesia é isto, e por isso mesmo tem havido no mundo, até hoje, um numero verdadeiramente escasso de grandes poetas. A envergadura dos maiores artistas mede-se pela grandeza dos temas a que dão uma expressão falada ou simbolica. Camões foi o poeta do Mar Bravo, como exclamava Antonio Nobre. Junqueiro foi tambem um poeta de inspirações oceanicas porque definiu e cantou a Liberdade. Um grande poeta, pode dizer-se, não se pertence. E' o éco sonoro da alma nacional, e não ha emoção que agite, pensamento que a perturbe, ideal que a enleve, não ha nada de grande, de penetrante, de misterioso ou de sentido que a faça vibrar, de que o poeta não seja desde logo o cantor, o vidente, o apostolo, o iluminado!

Em Junqueiro vivemos nós todos durante cincoenta anos. Meio seculo em que, a todo o momento, se apurava o ouvido, esperando o canto magnifico em que tivessem voz as impressões mais intimas da nossa alma. Meio seculo em que não houve ninguem, em Portugal, que, tentando a vida do espirito, não recebesse uma parcela da sua influencia, uma sugestão do seu genio. Meio seculo, em que passamos de maravilha em maravilha, de gorgeio em gorgeio, continuamente deslumbrados, e orgulhosos de possuirmos um vate que, em face dos maiores bardos de todos os tempos, em nada se lhes manifestava inferior.

A alma de Portugal teve em Guerra Junqueiro o mais fiel, o mais ardente culto. Conheceu-a, absorveu-a, na sua propria alma, como ninguem. Era pela sua lira que falava Nun'Alvares, brandindo ainda a espada invencivel; era pela sua lira que gravemente narrava o cavador das nossas lavouras o seu trabalho incessante e a sua longa miseria; era pela sua lira que suspiravam Julietas, que chilreavam crianças, e que uma pobre avesinha arremessava aos astros o grito da sua aflição, a agonia do seu amor, proclamando uma justiça eterna que soubesse avaliar a eterna, a pungente, a misteriosa dôr universal!

Esta alma heroica, esta alma enternecida, esta alma harmoniosa, que é a da nossa raça, que em todos nós irradia, ainda que não seja senão numa fulguração fugitiva, essa alma está sorrindo, ainda a estas horas, nos labios do poeta morto. Não a desligue-mos do seu espirito. Tanto se consubstanciaram que atingiram a unidade perfeita. E convictos de que assim é, pela verdade imanente do espirito, prestemos a Junqueiro todas as homenagens que devemos prestar á Patria. Demos-lhe as nossas lagrimas, ofertemos-lhe as nossas flores, tributemos-lhe o nosso culto. Façamos-lhe a apoteose que ele merece, e façamo-la sobretudo por nós, para que se não diga que nem sequer sabemos apreciar o pedaço de puro oiro que possuimos, o bloco de genio diamantino que enriquece o nosso tesouro nacional. E' preciso que não falte nenhuma homenagem ao que foi o mais alto simbolo da beleza e do genio de Portugal. Se o não fizermos, seremos mais dignos de despreso do que essas populações selvagens, afastadas de toda a civilisação, mas que ao menos ainda sabem adorar o sol!

JUNTO DO CADAVER DE GUERRA JUNQUEIRO

O corpo do glorioso Poeta será conduzido, amanhã, para a Basilica da Estrela

O grande poeta Guerra Junqueiro, cuja vida os seus medicos srs. drs. Moreira Junior e D. Tomaz de Melo Breyner, ainda ontem de tarde julgavam durasse até, pelo menos, segunda-feira, morreu cerca das cinco horas da madrugada.

Nesse momento acompanhavam-no sua ex.ma esposa, a sr.ª D. Maria Isabel de Guerra Junqueiro. A sua morte foi tão serena, tão limpida, tão de um justo, que só uma hora depois se verificou que o genial poeta estava morto. O falecimento do grande português, só, porém, foi tornado publico ás 9 horas.

* * *

Pouco depois, apresentava-se em casa do sr. dr. Mesquita de Carvalho, genro do glorioso finado, o sr. Jaime Atias, secretario geral da Presidencia da Republica, a dar condolencias em nome de s. ex.ª o sr. Presidente da Republica, que era um dos mais intimos e dedicados amigos de Guerra Junqueiro.

* * *

Muitas pessoas têm ido ao palacete da rua Silva Carvalho deixar os seus cartões ou inscrever-se nas folhas de registo.

* * *

O cadaver do genial autor da «Patria» e dos «Simples», logo de manhã, foi vestido com um simples fato de jaquetão, metido numa una de mogno e transportado para o escritorio do sr. dr. Mesquita de Carvalho, onde ficará. A urna repousa sobre uma pequena eça forrada de damasco vermelho e em frente ha um altar, tambem forrado da mesma côr, com uma imagem de Cristo.

* * *

Abeiramo-nos da urna. Erguem o pequeno lenço que escobre a fronte do poeta.

A nossa surpreza é emocionante. Tinham-nos dito que a agonia de Junqueiro fôra penosa e longa. Contavamos portanto, ver-lhe os musculos da face contraidos, arroxeados as suas admiraveis e expressivas feições arabe-puro, transfiguradas. Mas qual!

Ha tanta paz, tanta serenidade, tão emocionante beleza divina no seu rosto, que os seus musculos parecem ter-se ficado num sorriso de santificação. Teve, evidentemente, a morte de um justo!...

* * *

Ultimamente Junqueiro trabalhava extenuantemente — doze a quatorze horas por dia.

A ideia de morrer sem concluir a sua obra — sobretudo «Prometeu Libertado», para a qual coligia materiaes com febril entusiasmo e pressa — redobrava-lhe a actividade. Apezar disso, duvidava poder concluí-la.

O sr. Luiz de Magalhães a quem Guerra Junqueiro lêra ha pouco uma boa parte do «Prometeu Libertado», afirmou tratar-se de uma das maiores e belas obras literarias e filosoficas.

* * *

O sr. Presidente do Ministerio, que esteve cêrca das 14 horas em casa do sr. dr. Mesquita de Carvalho, apresentando pezames em nome do Governo, apresentará ao Parlamento, na segunda-feira, uma proposta para que sejam nacionaes os funeraes do poeta.

* * *

O sr. dr. Magalhães Lima, esteve de manhã no palacete da Rua Silva Carvalho, dando os seus pezames.

Amanhã á tarde o cadaver será transportado para a Basilica da Estrela, até ao dia do funeral que, na melhor das hipoteses, só se realisará nos meados da semana proxima.

Junqueiro determinou, repetindo-o varias vezes, que o seu funeral fosse religioso e simples. Determinou tambem que a familia não aceitasse corôas nem flores, nem quer discursos á beira da sepultura.

* * *

Na Basilica da Estrela parece que se realisarão exequias solenes, na proxima terça ou quarta-feira.

* * *

A consternação na cidade é imensa. Gente de todas as categorias sociaes e das mais variadas tendencias politicas ou religiosas, deplora a morte do genial poeta, em cuja obra se agita em contorsões e vendavais de revolta, ou freme em enternecidissimas suavidades liricas, a alma da raça, na sua amplitude magnifica, na sua bondade, no seu heroismo, na sua rebeldia, no seu misticismo quasi pagão.

* * *

A ideia de transportar para os Jeronimos o cadaver do genial poeta, que em vida teve a preocupação de ser simples, ganha terreno na cidade, é o assunto de todas as conversas. Pretende-se que Ele seja levado em triunfo, apezar das suas determinações em contrario. O cadaver de Junqueiro é pertença da Patria que ele exaltou; a Patria o deve consagrar agora, como ele a consagrou na eternidade do seu genio.

* * *

Durante a tarde a romagem de pessoas de todas as categorias tem perpassado pelo palacete do sr. dr. Mesquita de Carvalho, engrossando de momento a momento.

EM LAUSANNE

Os turcos e os gregos chegaram a um acordo completo?

BERLIM, 7 — A «Deutsche Allgemeine Zeitung» diz que os turcos e os gregos chegaram a acordo sobre todos os pontos exceptuando-se apenas a fixação de alguns detalhes de pequena importancia que serão resolvidos posteriormente. Fica assim assegurada a paz entre a Grecia e a Turquia ao passo que os aliados ainda não chegaram a acordo com os turcos sobre pontos importantissimos.—(R)

Vêr em ULTIMAS NOTICIAS o atentado dinamitista de hoje

Em torno da ocupação do Ruhr

Os pontos de vista francez e inglez são irreconciliaveis

LONDRES, 8—Segundo diz o «Daily Telegraph» as conversações com o embaixador da França nesta cidade serviram apenas para demonstrar que os pontos de vista inglez e francez ácerca da questão das reparações são absolutamente irreconciliaveis. O mesmo jornal diz que a Inglaterra se esforça por evitar a falencia da Alemanha o que acarretaria funestas consequencias emquanto que a França procura protelar os acontecimentos na esperança de que a Alemanha capitule.—(R.)

A casa Krupp e o exercito de ocupação

BERLIM, 7—Desmente-se categoricamente o boato espalhado pela imprensa francesa segundo o qual a casa Krupp tinha entrado em acordos com o exercito de ocupação ácerca do transporte de carvão.—(R.)

A questão do Vale do Sarre

BERLIM, 7—O inquerito feito pelo Conselho da Liga das Nações provou que as atuais condições do Vale do Sarre são insustentaveis. Vão ser feitas modificações absolutas na administração dessa região. Foi concedida a amnistia a muitos contraventores das ordenanças ultimamente publicadas.—(R.)

Gréve no Sul e Sueste?

O pessoal está descontente com a nova reorganisação dos serviços

Como é sabido o engenheiro sr. Rosa Mateus foi encarregado de reorganisar os serviços do pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, reorganisação essa que tem levantado certa celeuma entre os ferro-viarios os quaes se julgam prejudicados por verem cerceadas antigas regalias. Hoje corria com grande insistencia no Barreiro que os ferro-viarios descontentes com o que se está passando estavam na disposição de declarar a greve mais se dizendo que esse movimento de protesto rebentaria por toda a semana proxima com o auxilio inclusivamente do pessoal superior que tambem se julga prejudicado.

Os ferro-viarios desde ontem que teem realisado reuniões secretas nas linhas.

Rebate falso

Não se confirmaram os boatos que correram de madrugada sobre revoluções

De madrugada foi dada ordem de prevenção rigorosa, á policia e de prevenção á vontade á G. N. R., o que causou enorme estranhesa, por não correrem quaesquer boatos de alteração da ordem e ainda por se saber que na policia de Segurança do Estado não existiam noticias alarmantes.

Veiu depois a apurar-se que qualquer alviçareiro tinha informado o Governo de que hoje rebentaria uma revolução fascista e daí as prevenções da ultima hora que apenas serviram para pôr em alvoroço o Governo. Afinal a madrugada decorreu no meio da mais tranquilidade e sem que houvesse a registar qualquer caso que desse motivo a sustos ou receios.

UM COMICIO

Em Portugal O FASCISMO não brotará porque não existem as causas que o geraram na Italia

Di-lo o professor sr. José de Macedo

Anda por ahi, em zuns-zuns de café, a afirmação de que, entre nós, se está organisando um movimento de caracter mussolinesco.

Deste movimento surgem, com taboleta de chefe, os nomes e apelidos do joven João de Castro Osorio que, em seu torno, tem alguns poucos rapazes agrupados num nacionalismo que não é o do sr. dr. Ginestal Machado.

Porém, o filho de D. Ana de Castro Osorio, afirma-se, não é mais do que a figura ainda não valorisada por detraz da qual se disfarçam muitos dos defensores da causa realista que, desta forma, procuram conseguir a victoria que tantas vezes se lhes tem mostrado adversa.

Mais claramente: o nacionalismo do sr. João Osorio, se não é o do sr. Ginestal Machado, tambem não é o de todos aqueles que nacionalistas se dizem ser.

De modo que, ao passo que os factos nos obrigam a não ligar importancia de maior ao movimento imperceptivel que o sr. João Osorio defendia, «totus e solus», no falecido e bem apresentado «Portugal», a verdade é que surgirem, atravez uma outra Revista, alguns nomes que nos levam a concluir usarem, os realistas portuguezes, mais uma vez, da «camouflage» para tentar conseguir os seus intuitos, tantas vezes gorados.

* * *

— O que procuram fazer? Fascismo? Nacionalismo?

Mas o que pode ser e que razões tem para existir o fascismo em Portugal?

Nacionalismo? Mas que especie de nacionalismo?

Seja como fôr, a verdade é que com importancia ou sem ela, existindo ou não existindo, os fascistas portuguezes (?) vão, sofrer o primeiro ataque doutrinario em comicio publico no teatro Nacional.

Quem organisa o comicio?

Alguns elementos do Partido Radical.

Sendo assim, facil era o concluir que o Directorio daquele partido interviera no caso e nesse sentido dera instrucções aos seus correligionarios.

Tal não sucede porem. O Directorio do Partido Radical declarava ontem no nosso jornal nada ter com o comicio.

Porquê? A esta pergunta respondeu-nos hoje o ilustre professor que é o sr. José de Macedo, membro categorisado do Directorio do P. R. R..

* * *

O sr. José de Macedo é pessoa que o «reporter» pode encontrar sempre sentado a uma meza da Brasileira, café e uma bandeja com charutos em frente e tendo, á sua volta, cinco, seis ou mais pessoas das variadas cores que vão desde o radical republicano e, passando pelo sindicalista e comunista, chegam até ao rubro do anarquismo.

Amavel e atencioso, o sr. José de Macedo não se mostra muito disposto a falar. Não quere ser colocado em evidencia. Como insistissemos, afirmou:

—O Directorio do P. R. R. nada tem com o comicio. E' possivel que alguns correligionarios o organisassem, mas nós com a nossa sanção.

—Porquê?

—Porque o partido tem agora um grande e serio trabalho a fazer: organisar-se e tornar-se conhecido pela propaganda da forma que, no congresso de 31 de Janeiro, seja um maquinismo politico perfeito—tenho a certeza de que o ha-de ser. Depois estou certo de que o fascismo em Portugal não tem hoje razão de existir nem motivos para aparecer. O meio é muito diferente. Eu estive em Italia quando Mussolini preparava o seu movimento. Assisti, quasi diariamente, a scenas tremendas que provocavam a reacção fascista: violentes e varios conflitos de operarios e soldados com oficiais, padres e nobres. Eram lutas sem treguas. Os homens das trincheiras lutavam contra os que não tinham ido para a guerra. Entre nós esses conflitos não existem. Apesar de tudo, a indisciplina não é tão grande. O fascismo em Portugal? Mas se agora já se começa reconhecendo na Italia que o fascismo deve desaparecer e que a sua forma de governo, perdeu a sua hora, não passa de um meio e não é um fim?

* * *

—De forma que o comicio...

—Será, quanto a mim uma especie de vacina injectada atravez afirmações de fé republicana e de amor á liberdade, mas alguma coisa inconveniente por dar a impressão de vida a uma coisa que não existe nem pode existir em Portugal a não ser como comedia a representar no Oimpio... quando reconstruido.

Dr. Augusto de Castro

E' na proxima 2.ª feira que, num dos salões da Camara Municipal de Lisboa, se realisa o anunciado banquete oferecido pela Associação Industrial Portugueza ao sr. dr Augusto de Castro, ilustre director do «Diario de Noticias».

A' direcção daquela prestimosa colectividade agradecemos o convite pessoal que dirigiu ao nosso presado director, sr. Manoel Guimarães.

U L T I M A H O R A

A ESTETICA DA CIDADE

Não é com assinaturas, ás vezes de incompetentes, que as

Construções

podem ficar mais — — perfeitas — —

Uma vista dolhos pela capital

Aprovada em sessão de Deputados transitou para o Senado a proposta de lei consignando um dos seus articulados que as Camaras Municipaes de Lisboa e Porto só aceitem projectos de construções destinados por individuos possuidores dum curso, professado num estabelecimento oficial de ensino nacional ou estrangeiro, e habilitando-os para a construção civil.

Sobre o assunto já «A Capital» ouviu vários técnicos, parecendo-nos no entanto interessante registar o que sobre a referida proposta de lei diziam ontem varios desses técnicos que acaloradamente a discutiam.

— Para se avaliar quanto de odioso monopolio se oculta na questão das assinaturas nos projectos basta isto:

«E ouvimos então que assinado recentemente por um engenheiro, como se verifica ainda na respectiva taboleta afixada no respectivo local, foi submetido á Camara um projecto do aproveitamento da muralha do Carmo.

«Na Camara foi o referido projecto apreciado pelo arquitecto chefe da 4.ª repartição e depois pelo do respectivo bairro, os quaes lhe deram a sua aprovação. Em virtude desses pareceres favoraveis, acha-se já concluida a obra. Mas... caso interessante! Nem o engenheiro constructor, nem os dois arquitectos referidos conseguiram notar quanto de inestetico representa a fusão em conjunto da parte nova da muralha com a parte antiga e superior, e a enorme desproporção da pilastra norte, na parte superior ou na inferior que tem uma largura e um balouço que a pendura aproximadamente uns 30 centimetros.

«A outra a seguir tambem contra todas as regras arquitectonicas, assenta sobre o coroamento dum arco, isto é sobre a parte mais fraca. Não porque esse arco não esteja construido com toda a solidez, mos contudo o efeito do conjunto é detestavel, como verifica mesmo um leigo que seja em arquitectura.

— Mas tudo isso, porquê?

— Devido á facilidade com que se aprovou na Camara aquele projecto.

«Limitaram-se a apreciar a parte a construir, sem que exigissem o que teria a fazer-se na parte superior para uma apreciação de conjunto, como para outros municipes menos dotados da sorte ás vezes sabe exigir o arquitecto chefe da 4.ª repartição técnica, mesmo que seja para o simples alargamento duma porta, como ha bem pouco tempo ainda sucedeu, com um pedido deste genero na Avenida Gomes Pereira,» a Bemfica.

«Estamos de acordo em que se peça o desenho completo duma fachada para evitar qualquer alteração que possa prejudicar a respectiva estetica, mas tambem entendemos que deve ser extensiva a toda a gente essa justificada exigencia, para não repetir-se o caso da muralha do Carmo que dificilmente agora poderá remediar-se.

— Portanto...

— Como vimos, a circunstancia dum engenheiro assinar um projecto não é garantia nem de segurança, nem de estetica nas construções.

«E pelo que se tem visto, estetica para a cidade escusamos de contar com ela, enquanto os serviços da 4.ª repartição forem assim dirigidos.

«Na ultima sessão camararia foi aprovado fosse nomeada uma comissão de estetica para apreciação dos projectos, o que prova á evidencia o desejo do monopolio com as assinaturas.

«Exigam-se, sim, todas as responsabilidades duma má construção a quem a dispuzer e fôr seu responsavel, como a proposta de lei referida estabelece, mas não se exija a assinatura no projecto, porque isso, quando muito dará em resultado a comissão de estetica não os estudar «tão cuidadosamente» quando forem elaborados por técnicos de renome...

JULGAMENTO

No Tribunal Militar

O cabo que, no ano passado, matou um sargento

No 2.º Tribunal Militar Territorial realisou-se hoje o julgamento do 2.º cabo da G. N. R., João Inacio n.º 247 da 4.ª companhia do primeiro batalhão da mesma guarda, que em 4 de agosto de 1922, no respectivo quartel, em Santa Barbara, e servindo-se da espingarda que lhe tinha sido distribuida, matou o sargento José Lopes da Cruz, da mesma companhia, ferindo o 2.º sargento Manoel Oliveira, depois do que o réu tentou suicidar-se.

O crime é previsto e punido pelo artigo 78.º do Codigo de Justiça Militar.

* * *

O tribunal é constituido pelos coronel sr. Luiz de Carvalho Martins, presidente; dr. Teixeira Coelho, juiz auditor; coronel sr. Bandeira de Lima, promotor; major Alpedrinha defensor.

* * *

A audiencia abre ás 13 e 30, procedendo o secretario do tribunal á chamada das testemunhas.

* * *

A seguir é lido o libelo acusatorio e a falta de assentamento do réu, pela qual se verifica que já tem sofrido alguns castigos. O major sr. Alpedrinha, defensor, propõe que o julgamento seja adiado, ao que se opõem os srs. promotor de Justiça e juiz auditor. O sr. presidente indefere o requerimento da defesa.

O major sr. Alpedrinha pede para que o seu protesto fique lavrado na acta contra a decisão do tribunal.

* * *

Em seguida procedeu-se ao interrogatorio do réu, que confessa o crime, dizendo tê-lo praticado num moento de alucinação. Queixa-se de que a victima fez contra ele uma queixa, pelo facto de ter entrado numa leitaria a comprar uma caixa com fosforos e alega tambem o seu bom comportamento, dizendo nunca ter cometido a minima falta.

A defesa apresenta tambem a contestação ao libelo acusatorio.

* * *

A seguir depõe o 2.º sargento da G. N. R., Manoel Oliveira, que conta ao tribunal o facto de estar a conversar com mais dois colegas na tarde de 4 de agosto de 1922, quando o seu colega Lopes da Cruz foi morto pelo réu, tendo ele declarante ficado tambem ferido com um tiro. Diz que não ha nada que justifique a atitude do réu. O sargento Cruz era uma criatura disciplinadora e amigo dos seus subordinados.

O 2.º sargento Artur Guerreiro, o 2.º sargento Atanasio da Silva, o 1.º cabo João Dias Cordeiro, o 1.º cabo João Ramiro Pires, o soldado José Alves da Rocha, o soldado José Massaroco, relatam ao tribunal como o caso se passou, dizendo que embora tivesse o réu já sofrido alguns castigos, não era um conflitoso. Suspeitam que o réu estivesse embriagado. O sargento Cruz era bom para os seus subordinados e disciplinador, não tendo o réu motivos para praticar o crime.

* * *

A's 16 e 30 foi lida a sentença, em que condena o réu em 8 anos de prisão, seguidos de 20 de degredo ou na alternativa em 28.

NUESTROS IRMANOS...

Uma revolução comunista?

Hespanhois e portugueses preparam um movimento na Peninsula?

Acêrca duma noticia, que correu mundo, sobre um pretenso movimento comunista na peninsula, démos ontem aqui as impressões do sr. Governo Civil. Corresponderão os factos ao otimismo do chefe do districto?

Ha cerca de um ano, um velho revolucionario, pessoa amiga, em conversa a que, na ocasião, não ligámos importancia de maior falára-nos, com pintura de côres negras e promessa prévia de segredo, de um grande movimento, de caracter não nos recorda se anarquista ou comunista, que se estava preparando em Portugal.

Os conspiradores, numerosos e saidos dos «bas-fonds», eram portugueses e espanhoes. A revolução estender-se-hia por toda a Peninsula e os elementos que nela entravam, contavam com marinheiros, soldados, cabos, sargentos e até oficiaes de alta graduação.

Recordamo-nos bem de que, nessa época, esteve detido na Estrela, um oficial do nosso exercito sob a acusação de conspirar e que é conhecido pelas suas afirmações em defesa de uma nova sociedade.

* * *

O nosso informador, garantia-nos, crêmos que errando, estar esse, oficial metido na conjura e, descendo a pormenores no intuito de vencer a nossa incredualidade, apontava factos reveladores: No Porto, por ocasião em que operarios portugueses se despediam de camaradas espanhoes que, áquela cidade, tinham ido em excursão, foram soltos gritos de abaixo as fronteiras, cantada a Internacional etc.; pelos cafés em que todos os republicanos se reunem, aparecem constante e tenazmente, comunistas, sindicalistas e anarquistas cuja principal função é fazer as mais ferozes e avultantes acusações aos dirigentes da Republica provocando assim, em táticas defendidas pelo governo dos soviets, a divisão entre republicanos e, consequentemente, o enfraquecimento do adversario a vencer.

E acrescentava mais, o precioso informador de ha um ano: «Isto vai ser terrivel, vão para o atentado pessoal e já existem listas». E depois: «A revolução já esteve para sair mas descobriu-se que, entre os conspiradores, existiam muitos elementos pagos por monarquicos — estão agora escolhendo o joio para se prepararem de novo».

Isto foi ha cerca de doze meses. Os acasos da vida fizeram com que não nos tornassemos a encontrar.

* * *

Ultimamente, os boatos de uma revolução saida dos elementos avançados têm aumentado de intensidade. O nosso colega «Republica» ainda ontem o afirmava em entrevista feita com um conspirador; o sr. ministro da Guerra vem, de ha tempos a esta parte, tendo sucessivas conferencias com o comandante da G. N. R., da divisão etc.; um dos deputados foi chamado á policia e avisado de que fôra resolvida a sua morte; a policia tem informações de que se prepara uma série de atentados pessoaes e, finalmente, um nosso colega da manhã afirmava encontrar-se em Lisboa um titular espanhol pertencente á policia do pais visinho que, com o director da policia portuguesa, tem conferenciado varias veses.

De que se trata pois?

O nosso colega afirma tratar-se de uma vasta conspiração de caracter comunista em cujo programa figuram varias mortes que, em Portugal, seriam levadas a cabo por espanhoes e, em Espanha, por portugueses. O que ha de verdade em tudo isto?

O governo, pela boca do sr. Antonio Maria da Silva, afirma sibilinamente que alguma coisa existe e de que, por a hora ser grave necessita do apoio de todos os republicanos. O que ha pois

O que serão e o que dirão documentos varios e escritos em varias linguas de que o chefe do Governo tem obtido cópias fotograficas por intermedio da sua policia?

Não o sabemos e, embora procurassemos conhecer a verdade, esbarramos perante o segredo esfingico dos ministros e das autoridades.

Contra os que roubam

Um congresso internacional

A policia vai fazel-o em breve em Viena d'Austria

Ouvindo o sr. dr. Paulo Menano

Os jornais noticiavam hoje que a nossa policia fôra convidada a fazer-se representar num congresso internacional da policia, a realisar-se brevemente em Viena.

Nós, em boa verdade, não somos más linguas, más lá nos pareceu ser interessante saber se os nossos descobridores de ladrões e assassinos iriam até á capital austriaca... ensinar, atravès alguma tese marcante, os seus camaradas da França, Inglaterra ou Alemanha. Mas não. Os nossos policias, disse-nos o sr. dr. Paulo Menano, actual director dos de investigação, abster-se-hão de ir ao congresso aprender ou ensinar.

— Porquê? — indagamos.

— Pela simples razão de que... não ha dinheiro.

Suposemos, porém, que enviariam qualquer tese, mas tambem nos iludimos a este respeito.

O sr. dr. Paulo Menano declarou-nos que nenhuma tese seria enviada de Portugal e acrescentou:

— Se lá não vamos, não vale a pena perder tempo. Bem basta o trabalho que temos por cá, que chega e sobra!

Contudo, alguma coisa nos devia interessar o congresso e, porque o pensamos, formulámos a pregunta:

— Se lá fossemos, que assunto mais nos interessaria?

O sr. director da policia de investigação citou:

— Por exemplo, a realização de um acôrdo entre todas as policias para melhor efectivação de um bom trabalho comum e util. Uma policia internacional, emfim.

Sabido que, depois de Viena, um outro congresso se realisará em Inglaterra, a conversa deslisou para outro assunto.

* * *

Foi o sr. dr. Paulo Menano que a desviou com a pregunta inesperada:

— V. que é o «policia amador» lá da «Capital»?

— Que policia? — preguntamos surpresos.

— O que trata do caso da alemã do Hotel Francfort.

Respondemos negativamente, porque, efectivamente, não o somos e até ignoramos quem seja o misterioso correspondente que, não considerando as conclusões das investigações policiais como dogma, vem investigando com inteligencia e acerto o caso estranho de que o Rocio foi teatro.

Mas... porque faria o sr. dr. Paulo Menano tal pregunta?

«Porque, caso estranho — afirmou-nos aquele senhor depois — a policia vai chamar a capitulo o «policia amador».

Estamos certos de que o nosso misterioso correspondente não se recusará a prestar á policia o auxilio das suas demonstradas e interessantes faculdades detectivas.

Aguardemos, pois, o convite do sr. dr. Paulo Menano, restando-nos desde já uma consolação: a de que a «Capital» e o «policia amador» conseguiram que a policia prestasse atenção ao caso e, no sentido por nós indicado, iniciasse novas investigações.

Um sargento gatuno?

Manoel José da Costa e Fernandes Rego da Silva apresentaram queixa na policia contra o 2.º sargento José de Santa Maria, que estando em tratamento no Hospital Colonial dali furtou varios objetos avaliados em 750 escudos e pertencentes aos queixosos.

NA BOA HORA

Tres bombas

contra os juizes do Tribunal da Defesa Social

Dois dos juizes ficam feridos e um dos presupostos bombistas suicida-se

Um novo atentado dinamitista se registou hoje. Foi cerca da 5 horas da tarde, no Largo do Tribunal da Boa Hora, desta vez com muito maior violencia.

Desde que o conhecido anarquista «Bella-Khum» foi preso, os seus companheiros e especialmente «O Avante», nunca mais deixaram de dirigir ameaças ás autoridades e muito especialmente aos juizes do Tribunal de Defesa Social, motivo porque «O Avante» foi preso, tendo hoje seguido para a Boa Hora onde se afiançou, depois de alguns dias de permanencia nos calabouços do Governo Civil.

Essa prisão irritou, ao que parece, os seus companheiros e daí o atentado que esta tarde se registou.

A' hora acima indicada, depois de terem concluido o julgamento de 7 vadios, o juiz presidente, sr. dr. Elias da Costa e os vogaes srs. drs Barbosa Viana e Ferreira de Sousa desciam despreocupadamente as escadas do tribunal e atravessavam já o largo quando subitamente se ouviram tres enormes detonações. Toda a gente fugiu espavorida e cada qual tratava de salvar a vida por que outras bombas choviam dos lados da rua de S. Nicolau, sem que felizmente explodissem. O piquete do Governo Civil compareceu rapidamente bem como outros guardas da proxima esquadra da rua dos Capelistas, os quaes auxiliados pela força da G. N. R. em serviço no tribunal tratava de isolar o edificio da Boa Hora, cujos portões foram fechados e impedida a entrada a qualquer pessoa.

O transito pelas ruas Nova do Almada e de S. Nicolau ficou tambem interrompido.

Logo que na estações oficiaes foi conhecido o atentado, compareceram no largo da Boa Hora o sr. Governador Civil e seu secretario; um dos secretarios do sr. ministro do Interior, o 1.º e 2.º comandantes da policia, varios chefes, cabos e guardas da Segurança; agentes da investigação e da Policia de Segurança do Estado, etc.

Restabelecido um pouco o socego, conseguiu-se então apurar que o atentado foi posto em pratica por um grupo de individuos que estacionava a uma das esquinas da rua de S. Nicolau e em frente ao Tribunal da Boa Hora.

Os dêsse grupo, ao verem aproximar-se os juizes do Tribunal de Defesa Social, romperam fogo, arremegando sete bombas, das quais explodiram tres. As quatro restantes foram encontradas caidas no solo, a meio do largo, junto a um quiosque de capilé que ali existe e no recanto em frente a uma cervejaria. Tomaram conta dêsses explosivos o agente Albertino Ferreira, da Investigação e o cabo Teodoro, sendo depois removidos para o Governo Civil.

Foram atingidos por estilhaços, embora ligeiramente, os srs. dr. Barbosa Viana, o guarda 1679 e mais 5 pessoas, sendo todos conduzidos ao hospital de S. José.

* * *

Um dos bombistas que foi visto sair a correr pelas trazeiras da Boa Hora que deitam para a calçada de S. Francisco, perseguido pela policia, disparou contra um dos guardas, ferindo-o numa perna. Perseguido com mais desespero ainda por policias e populares, refugiou-se no interior de um armazem da travessa do Cotovelo, á rua do Arsenal, disparando contra si e ficando ferido.

* * *

O conhecido anarquista «O Avante», após o atentado, apareceu de automovel no Governo Civil, indo declarar ao chefe do distrito que era completamente estranho.

Um duelo

Dizem-nos que, em virtude de afirmações varias proferidas nas ultimas assembleias geraes da Associação Comercial de Lisboa, o sr. Antonio Bastos enviou as suas testemunhas ao sr. Alberto Macieira.

A. de Campos Junior

O almoço de amanhã na Garrett de homenagem ao redactor principal de «Os Sports»

Conforme já anunciámos, realisa-se amanhã, ás 13 horas, na Garret, o almoço de homenagem ao redactor principal de «Os Sports», e nosso amigo A. de Campos Junior.

O almoço é tambem de congratulação pelo restabelecimento do nosso amigo, que desde Novembro se encontrava doente.

Na festa, que deverá marcar como uma afirmação de excelente camaradagem sportiva, faz-se representar oficialmente o Sporting Club de Portugal por um dos membros da sua direcção.

Os inscritos até agora são os srs. Manuel Guimarães, director de «A Capital»; Artur Inês, Aragão Andrade, Joaquim Faria Lapa, Augusto Farinha Beirão, Carlos Farinha, Alvaro Andréa, Ascensão Araujo, José Luis Ribeiro, José Rosa Brito, J. Pinto de Almeida, Euclides Costa, Artur Santos e Antonio José de Sequeira.

Os crimes de ontem

Apresentou-se já á prisão o servente do hospital de Arroios que matou um colega

E' o agente Esteves da 2.ª secção da policia de investigação, o encarregado de proceder a averiguações sobre o crime que ontem se desenrolou na esquadra dos Terramotos e de que foi victima, conforme largamente referimos, o cabo da policia civica n.º 195 Alipio Simões.

O assassino, o guarda n.º 1904 Duarte Nascimento de Sousa continua incomunicavel e sendo hoje interrogado confessou o crime tal qual foi descrito por «A Capital». Deve ser segunda ou terça-feira, enviado para juizo recolhendo em seguida ao Limoeiro.

* * *

Hoje, cerca das 16 horas, apresentou-se á prisão, ao agente Pereira dos Santos, da 3.ª secção da Investigação, no Governo Civil, José da Costa, aquele servente do hospital de Arroios que estando de brincadeira com o seu colega Joaquim Mendes, lhe vibrou um pontapé no ventre, dando lugar a que se lhe rasgasse uma hernia e que morresse horas depois de operado.

O causador involuntario desta morte recolheu a um calabouço.

Comicio anti-fascista

No intuito de atender á varias colectividades da provincia, que desejam fazer-se representar no comicio anti-fascista promovido pelo Centro Republicano Radical 19 de Outubro, ficou adiado o mesmo para o proximo domingo, 15 do corrente.

A "CASA DOS JORNALISTAS"

Uma demonstração de solidariedade

A proposito da festa de segunda-feira no teatro S. Luis

A festa que a «Casa dos Jornalistas» realisa depois de ámanhã no teatro S. Luis deve ter merecido a toda a gente a mais viva simpatia, por muitas razões, mas principalmente porque não ha hoje ninguem que não tenha utilisado os jornais e os jornalistas em proveito proprio. Os jornais e os jornalistas protegem toda a gente, defendem toda a gente, apregoam, sem o menor intuito de recompensa, o nome de toda a gente. Desde o operario ao banqueiro, do artista ao homem de letras, do funcionario publico ao ministro, todos teem precisado dos jornais e dos jornalistas, para a propaganda dos seus principios ou da sua arte, para defesa das suas reclamações ou dos seus interesses. E sempre, sempre, as portas das redacções se encontram abertas para toda a gente e as colunas dos jornais são franqueadas ao grande publico.

Chegou, porém, a vez dos jornalistas solicitarem o concurso daqueles a quem teem servido dedicadamente. Por iniciativa de um grupo de profissionais, fundou-se ha tempos a «Casa dos Jornalistas», destinada a proteger e amparar os membros da classe que, vencidos pelo trabalho ou pela doença, não possuam arrimo algum que lhes garanta o pão de cada dia.

A «Casa dos Jornalistas» realisa depois de ámanhã a sua primeira festa. Palmira Bastos, a ilustre artista a quem a imprensa deve uma constante simpatia e um desvelado carinho, veio gentilissimamente propôr-nos a realisação dessa festa e oferecer-nos para ela o seu concurso e o de sua companhia.

Quiz ser ela a primeira a auxiliar-nos na generosa tarefa que empreendemos com a fundação da nova «Casa», gesto esse de uma tão grande nobresa, que para sempre nos penhorou. A colaborar com ela acorreram outros artistas, de modo que o espectaculo de segunda feira deve ser um dos mais belos dos ultimos tempos, pois será abrilhantado ainda pelo verbo do notavel orador e jornalista sr. dr. Cunha e Costa e pelo espirito admiravel da encantadora poetisa sr.ª D. Virginia Vitorino.

Os trabalhadores dos jornais confiam plenamente no interesse do publico pela sua festa, seguros de que a noite de segunda feira marcará como uma das mais belas manifestações de solidariedade do povo de Lisboa pelos jornalistas da sua terra. Ela mostrará de algum modo que o nosso esforço não tem sido inutil e que a amisade e o reconhecimento não são palavras vãs.

O teatro S. Luis será pequeno, sem duvida, para conter todos aquelas que aos jornais e aos jornalistas devem um pouco do seu prestigio ou do seu bem estar e isso será, não só um motivo de orgulho para nós, mas servir-nos ha de estimulo para proseguirmos no caminho andado.

Ha muitos que, depois de se terem servido da imprensa para subir e medrar, a despresam, a insultam e caluniam.

Mas esses são, felizmente em reduzido numero e a injustiça que tal atitude representa será compensada, decerto, pelas valiosas e ardentes amisades com que contamos.

O espectaculo de segunda feira no teatro S. Luis vai responder dignamente por nós. Pela primeira vez numa festa de arte, em um teatro de Lisboa, o povo vai demonstrar a sua simpatia pelos jornalistas e afirmar-lhes a sua solidariedade na benemerita tarefa que empreenderam.

Teatros ■ Musica ■ Cinemas

Os autores dramaticos e os criticos

Uma luta apaixonada — um critico mostra uma pistola e um autor fala de bombas

E' possivel que tudo se concilie em prova

O publico imagina que o jornalista, para tudo saber, pratica a arte de se disfarçar como qualquer Fregoli, entrando assim em toda a parte. Muitas vezes assim tem de fazer com riscos e sacrificios que não ha dinheiro que pague.

Todavia, na maior parte dos casos, não é assim: o jornalista sabe das coisas por mero acaso e porque tem desenvolvida a faculdade de tudo ver e observar o que se passa em sua volta. Entra num café e sabe o que cada individuo ou grupo está a tratar; passa na rua, e os gestos, tons de voz e velocidade dos passos, dizem-lhe as preocupações, as resoluções tomadas, as combinações feitas pelos que passam no alcance da sua vista; ouve meia palavra e fica conhecendo um plano; um individuo passa a dizer que viu ou ouviu isto e aquilo e o jornalista pode fazer assim todo um jornal de coisas ineditas e que os interessados nem sonham como foram obtidas. E se o jornalista disseste tudo quanto apanha, se não tivesse a noção das conveniencias publicas e particulares, santo Deus! — haveria revoluções todas as semanas. O jornalista vê tudo e ouve tudo: é, psicologicamente, uma sensitiva.

Mas, vamos entrando no assunto.

A educação pelo teatro tem o inconveniente de se habituar a tudo exagerar, sobretudo a palavra e os gestos; os actores e autores exageram as suas expressões pelo habito de dizerem e escreverem os exageros com que pretendem, «ex-oficio», impressionar as multidões. Os criticos e frequentadores assiduos dos teatros sofrem também, procurando sempre reagir destas sugestões. O publico, mais impressionavel, vitima o seu meio, revolucionou a sociedade, sugestionado pelos exageros scenicos.

Apareceu ha semanas um manifesto assinado por quatro autores dramaticos atirando-se aos criticos como Santiago aos mouros. (E' claro que certos exageros são reflexo do teatro). Os criticos, em desagravo, apareceram a primeira peça de um dos signatarios do manifesto, bateram, bateram, até ficar rachado. (Exageros e sugestão dos processos teatrais).

Em presença deste conflito, que apaixona os interessados e que não deve deixar indiferente o publico, os autores reuniram-se para tomar resoluções. O caso, que tem muitos trovões de latão e largas paisagens de papel pintado, importa muito á Arte nacional e aos interesses materiais dos autores.

Chiado abaixo, sem nos lembrarmos do conflito, tão afeitos a conflitos de varias especies e de toda a gente, passa um grupo de autores. Rez-vez do nosso ombro, um destes, continuando a conversa com os companheiros, diz:

— E' preciso que seja um manifesto téso; violencia pede violencia, e á pistola que o critico mostrou na plateia responderemos com bombas.

— Mas — disse outro — que nem o publico, nem os directores dos jornais imaginem que pedimos benevolencia.

— Não. Queremos só justiça e lealdade — acrescentou o terceiro. Os criticos... incompetencia... vinganças...

O grupo passou; deixamos de o ouvir e, recordando o conflito, o artigo estava feito. Os interessados é que dizem as coisas á gente, falando em toda a parte para a galeria. Nós não temos culpa de ficar sabendo as coisas, ao passarmos, rua abaixo, com todos os nossos sentidos no exercicio da profissão.

Realizou-se ontem, na Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, uma reunião do respectivo Nucleo de Autores Dramaticos. Apresentados os cumprimentos ao dr. Cortez pelo exito da sua peça «O Lodo», apreciou-se a atitude apaixonada de certas criticas, demonstrativas de vinganças contra este autor, signatario do manifesto contra os criticos. Depois de varias apreciações e alvitres, ficou em discussão se o Nucleo de Autores devia ir entender-se com os directores dos jornais (o que seria conciliatorio, mas talvez tomado á conta de fraqueza), ou se devia publicar-se o tal manifesto téso, para mostrar aos criticos que os autores não os temem, porque o publico já não se fia nas suas criticas parciais e para que o frequentador das plateias não leia certos jornais que dão guarida a escreventes vingativos e injustos.

Não podemos adiantar mais nada. O manifesto deve estar a aparecer. Deve ser coisa de polpa, visto todos os autores dramaticos estarem filiados nos trabalhadores de teatro e haver entre eles escritores muito vivos e combativos.

O que responderão os criticos? Continuarão, como aquele, a mostrar pistolas? Depois, haverá bombas?

Quasi tudo isto, é claro, é teatro, com efeitos scenicos e declamatorios. E' uma grande batalha... em «fim»; são trovões de latão.

No fim de tempo, tudo se concilia; cairão nos braços uns dos outros, chorando uns, rindo outros — porque a comoção teatral tem as duas expressões.

O que, afinal, existe, embora em esboço, é a possibilidade da arte dramatica nacional e respectivos autores virem a ser prejudicados, se — o que não é provavel — os criticos forem injustos e vingativos — o que é reclamo...

E o manifesto dirá o resto...

Primeiras e reposições

POLITEAMA — «Ordem de Marcha» — *3 actos de Laurent Doilet, tradução de Guedes Vaz*

A empresa do Politeama fez muito bem em representar esta peça, que tem, na verdade, muita graça. A acção passa-se durante a guerra, e o protagonista é um *heroe* que, nunca tendo ido ao *front*, foi ferido, com um tiro, numa das ruas de Paris, o que o faz passar por um autentico valente.

Daí, peripecias engraçadissimas que a plateia sublinhou com gargalhadas expontaneas.

Distinguiram-se, no desempenho, Gil Ferreira, Ribeiro Lopes, Raul de Carvalho, Robles Monteiro, Constança Navarro, Maria Mesquita, Antonia Mendes, Delmira Rego, etc.

A tradução, do coronel sr. Guedes Vaz é excelente.

Noticiario

E' definitivamente na terça-feira proxima que se realisa em S. Carlos, na recita da moda, a «premiere» da peça «Mar Alto» original de Antonio Ferro. Alem de Lucilia Simões que no principal papel feminino da peça tem um trabalho verdadeiramente colossal, em tudo digno do seu rutilante talento e excepcionais qualidades artisticas, ha ainda a notar a interpretação que Erico Braga dá á sua personagem, em que tem um dos seus mais completos trabalhos, tendo-a estudado com verdadeiro amor de artista.

Para a «premiere» do «Mar Alto» já podem ser tomados bilhetes no camaroteiro de S. Carlos.

Acompanhando a peça de Antonio Ferro, vai, tambem, á scena a peça de Jacinto Benavente, «A Historia», tradução de Garcia Perez.

— Em consequencia de um desastre que lhe ocorreu no domingo, encontra-se enfermo, com certa gravidade, o nosso amigo sr. Antonio Pereira Botelho, socio da nova empresa edificadora do teatro do Ginasio.

Reclames

A peça «A Viuva Gomes», em scena no Nacional, com grandioso exito, é uma graciosissima «charge» aos novos ricos. E' uma peça em que as situações imprevistas se sucedem, com vertiginosa rapidez, despertando o riso mais irreprimivel, isto sem recorrer a qualquer inconveniencia. E', pois, «A Viuva Gomes» uma peça propria para familias, com um excelente conjunto de desempenho e em que se salientam Joaquim Costa, Alegrim, Maria Pia, Irene e Jorge Grave, Ema de Oliveira e Joaquim de Oliveira.

«A Viuva Gomes» repete-se hoje, no Nacional, e amanhã em primeira recita da moda.

—O publico que, todas as noites, enche o Eden, nas duas sessões, não se farta de aplaudir, entusiasticamente, a nova revista «Caldo Verde», é, sem contestação, o mais sensacional espectaculo da actualidade.

— Hoje, em S. Carlos, representa-se em penultima representação «A Magda».

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«Magda».
AVENIDA—A's 9—«A Dama das Camelias»
APOLO— A's 9,15—«Os Fidalgos da Casa Mourisca»
POLITEAMA—«Ordem de Marcha»
EDEN—A's 8,45 e 10,45 —«Caldo Verde»
GIL VICENTE—A's 9—«Flory».

Animatografos

SALAO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Vida Sportiva

Lisboa Ginasio Club

Tem excedido toda a espectativa a marcação de logares para o sarau que este club realisa no proximo sabado na sua nova séde—Teatro Salão dos Anjos.

A frequencia nos treinos tem sido muito notada, provando á evidencia que os seus socios se querem apresentar com toda a correcção, impondo desta forma o nome do seu club que de ano para ano está progredindo duma forma muito notavel.

Findo o sarau haverá um baile que, atendendo á amplitude da nova séde deve resultar brilhantissimo.

Uma festa de sport em Sete-Rios

No campo do Hockey Club de Portugal, em Sete-Rios, realisa-se amanhã, pelas 16 horas, uma bela festa desportiva que constará de box por Silva Rasteiro e Julio Barceló, jogo de pau, pelo distinto professor Domingos Miguel e outros jogadores e renomes esgrima, lucta de tracção á corda por duas fortes équipes, e terminando por um desafio de foot-ball, em que se defrontarão os dois magnificos grupos do Carnide Club e Hockey Club de Portugal, finalistas da Torneio da Taça «Patria».

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Efectuou-se ante-ontem o casamento do nosso amigo sr. Francisco do Carmo Santos e Silva, proprietario, antigo e conceituado comerciante desta praça, com a sr.ª D. Maria del Carmen Palatin Barba. O acto, realisado em casa do noivo, na rua do Norte, 14-3.º, revestiu um caracter de intimidade.

Felicitando-o, desejamos-lhes um futuro prospero e cheio de venturas.

INQUILINATO

Carta a proposito

As queixas dum inquilino

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Sr. Redactor. — Não quero deixar de o informar de um facto digno de ser notado e que me foi narrado por pessoa que me merece consideração.

Trata-se dum inquilino que em 1912 foi morar para um andar dum predio arrematado ha uns anos por uma pessoa abastada mas pouco escrupulosa, como passo a descrever. O anterior proprietario, segundo me afirmaram era digno e da maxima correcção em todos os seus actos e respeitador das leis com toda a exactidão. O anterior contracto era por seis meses que o novo proprietario respeitou e acatou, até lhe convir e poder preparar o que tinha em mente; cobrou rendas e passou recibos. Com pésinhos de lã, pedia aos seus novos inquilinos que assinassem arrendamento com as mesmas clausulas e renda do anterior os quais conserva em seu poder, não enviando para a fazenda o exemplar que a lei determina. Tambem esse antigo contracto desapareceu da secretaria de Finanças. Esses documentos quando são precisos aos inquilinos não se encontram!

Exigiu depois aos inquilinos rendas ilegais—mais 200 por cento!— alegando que tinha comprado o predio caro. Este pedido foi feito por um modo e maneiras que parecia estar tratando com escravos e declarando alto e bom som que com dinheiro tudo se consegue e alcança; e que não se importava de gastar, com tanto que obtivesse o que desejava.

O inquilino depositou as rendas e depois de decorridos alguns meses moveu-lhe uma acção ordinaria (despejo encapotado) com a alegação do anterior contracto que antes tinha achado bom. A renda que agora pede é muito superior á anteriormente exigida. Tentou por meio de obras conseguir desalojá-lo, mas desistiu desse intento! Depois ofereceu dinheiro e agora diz que endossou a acção a outro.

O que admira é que haja quem se preste a defender estas causas!

A lei actual tem sido um S. Martinho para a justiça, advogados e procuradores alguns, é claro. Este caso parece não ser dificil averiguar de que lado está a rectidão e a lealdade. Os poderes publicos não fazem caso nenhum, o descontentamento vai sendo cada vez maior. Torno a lembrar o alvitre de se suspender todas as acções pendentes até aparecer a nova lei. O governo em 1920, (lei 1020) mandou anular o despejo dos predios que lhe estavam arrendados, mas agora trata-se dos outros e por tanto não ha pressa.

De V. etc.—Manuel Malequias.

Reuniões

REUNEM HOJE:

Manufatores de Calçado, 9 n., Operarios das Fabricas de Cartonagens, 9 n., Associação Industrial, 9 n., Sociedade de Geografia 9 n., Federação Nacional das Cooperativas, 9 n., Centro Republicano Liberal, 9. n.

INCIDENTE GRAVE

A CARTA DO general Aguilera

O incidente provocado pela carta que o general Aguilera, presidente do Conselho Supremo de Guerra e Marinha, enviou ao sr. Sanchez de Toca, lida por este, no Senado, provocou como era natural enorme sensação.

Logo nos Passos Perdidos se formaram grupos em que se comentava com calor o ocorrido e entre os «impunistas» notava-se uma grande alegria.

Uns recordavam a atitude do governo de Maura, quando o general Primo de Rivera, sendo capitão general de Madrid, censurou os seus planos sobre Marrocos e foi destituido.

Diziam outros que se tratava de coisa mais grave: da inviolabilidade do senador, por actos realisados na sala das sessões, o que afecta a soberania das côrtes.

* * *

Na opinião de alguns senadores, a destituição do general Aguilera seria tão rapida, que á noite deixaria de ser presidente do Conselho Supremo de Guerra.

Tabem foi comentadissimo o incidente provocado pelo senador e conselheiro do Supremo de Guerra, general Villarba, a quem o presidente do Senado negou a palavra. «O meu proposito era apenas esclarecer a carta do general Aguilera», dizia depois.

Os senadores «impunistas», repetimos, não ocultavam o seu jubilo e um deles exclamava:

— Eu não dizia que Aguilera não seria quem havia de julgar Berenguer!

O presidente do Senado entregou a carta ao fiscal do Supremo Tribunal de Justiça, para seguir os tramites da lei.

* * *

Depois da reunião do Conde de Romanones com o ministro da Guerra e da Justiça, a que se liga muita importancia, e foi comentadissima nos meios politicos, falou-se na penalidade em que havia incorrido o general Aguilera e do procedimento a haver contra ele.

Segundo varios, o general Aguilera, ao escrever a carta injuriosa ao senador Sanchez de Toca incorreu na pena de suspensão de direitos politicos e civis por seis anos.

A maior parte da oficialidade da guarnição de Madrid, passou essa tarde por casa do general Aguilera, onde foi declarar-lhe a sua solidariedade.

Deste conflicto, parece resultar um conflicto mais grave, entre o poder militar e o poder civil.

Pedem-nos a publicação da seguinte carta pelo signatario dirigida ao sr. Presidente do Ministerio:

Ex.mo Senhor Antonio Maria da Silva

Lisboa, 6 de Julho de 1923

Ex.mo Senhor

Na sessão de ontem, da Camara dos Deputados, alheado do logar e esquecido do cargo, V. Ex.ª, dando categoria ao misero mortal que esta assina, ali, onde eu não era achado nem voz tinha, a desproposito da interpelação de que era alvo, e muito a proposito dos amigos dos diabos do sr. Norton de Matos que em tal rede o meteram, pondo-o aos encontrões e uma cancela escancarada,—chamou-me «negreiro».

Eu quero ter pela função publica que a pobreza da nossa politica lhe confiou, a consideração que por ela V. Ex.ª não teve, se bem que dificilmente me possa habituar á figura «gavroche» dum Presidente do Ministerio em pleno Parlamento, pé descalço e mangas arregaçadas, atirando, com lamentavel inconsciencia, lama a quem passa.

Mas, bem vê!—diferenças de educação e de criterio—eu quero ter pelas instituições o respeito que para bem delas e da Patria, só V. Ex.ª e alguns mais lhes negam. E é esta a razão unica por que não tomo desde já o desforço que o caso e a minha sensibilidade impunham.

Não terá V. Ex.ª portanto, por emquanto necessidade nem de que se falseem extratos oficiais das sessões da Camara, nem de mandar pôr em pé de guerra—na policia [illegible] guem confia — quaisquer [illegible] amigos que a incumbencia [illegible] queiram de acautelar as [illegible] barbas de V. Ex.ª.

A qualquer tempo é tempo, e até lá—a menos que reduzir queira a ansiedade da demora—não tenha V. Ex.ª receio de que o «negreiro» se possa confundir acerca da côr da sua pele.

Ex.ª

Venancio Guimarães

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Acta oficiosa da Directoria

Acêrca do comicio a realisar no Teatro Nacional, pelo Centro Republicano Radical 19 de Outubro, o Directorio do P. R. Radical, declara nada ter com essa manifestação de protesto.

O Directorio realisará breve um grande comicio em Lisboa, depois de uma série de sessões de propaganda pela provincia, que agora recomeçam em Evora, Cintra e Almada.

A propaganda

No dia 29 do corrente, ultimo domingo do mez, realisar-se-hão três comicios em Setubal, Santarem e Sobral Mont'Agraço. O Directorio com a comissão de propaganda vão intensificar ao maximo a propaganda partidaria.

SHELL

Gazolina

Petroleo

Oleos

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.ª L.td

Rua do Crucifixo, 49

LISBOA

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 27.200.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremos, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 9, Bishopsgate E. o 2, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia, Pernambuco, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Sucata

Compra-se pelos melhores preços e fabricas completas.

141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

Vinhos espumoso de Lamego

(Caves da Rapozeira)

Reservas de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 42
LISBOA

Mobilias

Compra-se casas completas e desirmanadas.

Bento, Silva, Pinto, L.da
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

Cimento "HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º
Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º
Telef. N. 1178

A. J. d'Almeida & C.ª

TELEFONE C 486 — CAMBISTAS — END. TELEG. ALMINGUES

172, Rua do Comercio, 176
LISBOA

Compra e venda de moedas e notas estrangeiras. Papeis de credito, coupons e ordens de Bolsa

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sêc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47 LISBOA Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto de Pinho

AGUAS DE MELGAÇO

R. de S. Julião, 67. Telef. C. 1996
Distribuição ao domicilio

TINTURARIA DO POVO

— DE —

José Dias

Rua de Sant'Anna, á Lapa 121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:

RUA NOVA DA TRINDADE, 10—(Telef. N. 2611)

PROPRIETARIOS:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

Rua do Alecrim, 53, r/c.—(Telef. C. 5113)

Construções Civis

UMA DAS SECÇÕES DE

A ACTIVA

Rua 24 de Julho, 8 a 10-B-LISBOA

Construções de edificios para qualquer fim, ampliações, reedificações e reparações.

Estructuras, vigamentos e construções metalicas.

Trabalhos em cimento armado e hidraulicos.

Construções industriais, tais como: Fabricas, Hangars e Barracões.

Vivendas, chalets e predios de rendimento.

Casas á antiga portuguêsa.

Trabalhos de carpinteiro, marceneiro, serralheiro, canteiro, estucador, pintor, etc.

Levantamentos topograficos, projectos e orçamentos.

Maquinismos movidos a electricidade.

Telefones C. 1601, C. 3474-Lisboa—Telegramas: ACTIVA

NAZARÉ

Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto — todo o ano —

MELGAÇO

Hotel Quinta do Pezo

A. Guerreiro

Da Escola Dentaria de Paris

operações insensiveis por anestesia

Dentaduras sem chapa

R. de S. Paulo 127

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

• Abrem-se brevemente — novos cursos — para principiantes em

FRANCEZ: : INGLEZ

: : Já está aberta : : : : : a inscrição : :

CURIA

Estancia dos artriticos

Instalações modernas, formoso parque, grande lago, - grandes melhoramentos -

Epoca termal

de 1 de junho a 31 de outubro

Concertos de musica nos salões do casino de 15 de junho a 30 de Setembro

---

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA

141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.

LISBOA

Sucursal — Avenida de Berne, N. H. B.
Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1665-N.

Telegramas: VALTAGEM - Telefone - Sede e oficina, Norte - 4122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e pára-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisações para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITAO, LIMITADA

Orçamentos gratis

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4425-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Segunda-feira 9 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

LONDRES, 9—A imprensa ingleza continua tendo esperanças de que se consiga pôr as coutas de maneira que seja enviada á Alemanha uma nota conjunta dos aliados. Ha um grande desejo de se manter boas e harmoniosas relações com a França e de que esta nação esteja intimamente unida com a Inglaterra na presente crise.

No campo da Arte

Os acontecimentos seguem o seu caminho. Neste episodio nacional que é o do desaparecimento de Guerra Junqueiro, êles vão, estamos disso convencidos, desenrolando-se dentro de uma grande logica e de uma grande verdade.

O que essa verdade nos diz é que Junqueiro era o poeta supremo da Raça; o que essa logica nos demonstra é que êle vai já sendo inteiramente considerado como tal, porque doutra forma não pode nem deve ser considerado.

Durante uma vida inteira, o nome de Junqueiro foi como um estandarte vermelho de combate. Em tôrno dêle se feriram luctas apaixonadas. Dir-se-ia que êle provocava as opiniões antagonicas. Hoje reconhece-se que toda a acção do altissimo poeta na realidade tendeu sempre para a unidade nacional.

Como? Pelo sentimento, pela beleza, pela Arte.

A arte é um campo neutro. A arte não tem partido, não recebeu o carimbo de nenhuma opinião exclusiva. Por sua propria natureza, é tão grande e tão pura, tão impessoal e tão sagrada, que ela mesma cura as feridas que produz.

Todos os sêres conscientes que uma emoção estetica domina, e aqueles que essa emoção não experimentem, não podem ser considerados seres conscientes, cultos, ilustrados, acessiveis ao encanto das coisas grandes e belas, todos êsses, quando uma maravilha de arte a seus olhos se manifesta, por ela se deixam completamente conquistar. Pode-se não concordar com êste ou aquele pensamento, como num quadro ou numa escultura pode desagradar uma determinada linha ou uma determinada tonalidade, mas o encanto do conjunto subsiste. Onde o talento realmente existe, ha um iman que sempre atrae a admiração.

Por se ser incredulo, deixa-se acaso de apreciar a eloquencia assombrosa de um Vieira ou de um Bossuett? Por se ser monarquico, deixa-se de admirar a palavra colorida e flamejante de um Castelar, ou por se ser republicano deixa-se de admirar o verbo encantador de um Pinheiro Chagas? Por se apreciar as literaturas classicas, deixa-se de admirar a prosa elegante e florida de um Theophile Gautier, ou por se ser um romantico, deixa-se de admirar a poesia grave de um Corneille? Não; a arte está acima de tudo, está mesmo acima, em certos casos, das ideias particulares que exprime, porque a grandeza da sua formosura só pode depender inteiramente da imunidade de um ideal eterno.

O que nós todos podemos, devemos saudar em Junqueiro é a Arte, em tudo aquilo que reflecte o amor da Patria que ninguem nessa arte desconhecerá, porque é a sua viva essencia.

Nós assim glorificamos Camões, sem que por isso tenhamos de aceitar, por exemplo, as fabulas mitologicas de que o seu poema está replecto, ou termos de partilhar, por exemplo, os seus juizos sobre os factos historicos que narra e aprecia segundo o criterio da sua epoca.

Nos «Lusiadas» vemos a arte, numa expressão maxima, e vemos essa arte posta ao serviço do amor da Patria.

Da mesma forma temos de contemplar a parte fundamental da obra de Junqueiro, que não nutriu pela Patria um culto inferior áquele que Camões lhe dedicou.

Foi assim que a França, com o seu claro bom senso, se associou inteiramente á consagração de Victor Hugo, reivindicando-o como o cantor nacional, sem inquirir da parte politica da sua obra, que podia ser objecto de outras discussões, mas que no momento da sua apoteose não devia ser a parte especialmente considerada.

O que nós queremos exaltar em Junqueiro, como exaltamos em Camões, em Garrett, em Herculano, em João de Deus, é o proprio genio da Patria.

Tambem Garrett, tambem Herculano, professaram opiniões politicas que não eram, nem são hoje, as de todos os portuguezes; mas todos os portuguezes entenderam que êles tinham direito ao Pantheon, porque tinham sido grandes artistas, e a grande arte nunca se realisa sem o influxo do espirito patrio, ao qual constroe monumentos.

Todos êsses grandes homens interpretaram o sentimento português. O sentimento português vem da propria alma da Patria. Não ha arte verdadeira que não tenha o cunho caracteristico da terra onde nasceu.

Cantores, interpretes da Raça! Junqueiro é um dêles, e o maior depois de Camões. Isso nos basta. Quando êle seguir a caminho da jazida que a Patria lhe destina, que todos sintam que é uma harmonia que passa, cantando o amor, a gloria e a beleza de Portugal, e acompanhada por um povo inteiro que dêsse amor, dessa gloria e dessa beleza eternamente viverá.

A França e Portugal

O ministro dos estrangeiros e a camara de comercio de Ruão

PARIS, 9 — O ministro dos Negocios Estrangeiros respondendo á Camara do Comercio de Ruão disse que se estava esforçando por restabelecer o regimen das trocas comerciaes com Portugal sobre um ponto de vista absolutamente harmonico, mas salvaguardando os interesses da produção francesa.

Foram tomadas disposições para manter a titulo provisorio a admissão dos vinhos licorosos portuguezes a fim de evitar por parte de Portugal a aplicação de medidas que prejudicariam gravemente o comercio francez. — R.

Um discurso do primeiro lord do almirantado

LONDRES, 9.—O sr. Amery primeiro lord do almirantado disse que o melhoramento do comercio inglez e a extinção da crise dos desempregados dependiam absolutamente de medidas tendentes a acabar com o estado de incerteza que paira sobre o futuro da Europa. A primeira e a êste estado de coisas tinha sido a má vontade da Alemanha em satisfazer os seus compromissos. A segunda linha são a diferença de temperamento entre os inglezes e os franceses. A Inglaterra tinha dado á França todas as oportunidades para expor e mostrar os seus pontos de vista, e o tempo agora da Inglaterra dizer que tambem os seus legitimos interesses. — (R.)

Leitão de Barros

Este nosso presado amigo e ilustre colaborador sofreu, no sabado, um lamentavel desastre, quando, sobre um andaime, pintava a sala de baile do palacio Carlos Ferreira, em Cintra.

Felizmente não sobrevieram consequencias de maior, achando-se já o sr. Leitão de Barros completamente refeito do abalo sofrido, o que registamos com muita satisfação.

Conferencia de Lauzanne

Uma reunião com os tecnicos turcos

LAUSANNE, 9 — Depois da reunião dos tres delegados aliados realisada ontem de manhã realisou-se uma outra reunião em que tomaram parte os tecnicos turcos, discutindo-se sucessivamente a questão das dividas publicas otomanas, a questão das concessões e a saida das tropas aliadas de Constantinopla e dos estreitos. Os aliados fizeram propostas precisas sobre cada uma destas questões, demonstrando disposições conciliatorias, mas exigindo que todas estas questões já consideradas interdependentes e examinadas em bloco de modo a poderem ser resolvidas simultaneamente. Depois de uma longa discussão durante a qual foram examinadas todas as questões e as objecções turcas resolveu-se estabelecer dois comités de tecnicos que e reunião hoje para estudar estas questões nos seus detalhes devendo haver á tarde uma reunião entre os delegados e os tecnicos aliados e turcos para renovar a discussão e examinar o trabalho destes ultimos. — R.

CONSUL GERAL DO BRAZIL

Um grupo de brazileiros, ao qual se agregaram os mais categorisados membros do alto comercio luzo-brazileiro, nesta capital, oferece um banquete no Restaurant Tavares, no dia 14 do corrente, ás 21 horas, ao dr. Borges da Fonseca, ilustre consul geral do Brazil, como homenagem de profundo respeito e acatamento pelas suas excecionaes qualidades de caracter e altissimo merecimento no desempenho impecavel e brilhante do seu cargo oficial, em consequencia dêle s. ex.ª partir no dia 16 a bordo do «Arlanza» para o Rio de Janeiro em gozo de licença.

Para esta justa consagração de apreço ainda se acha aberta até ao dia 12 a inscrição na séde do Club Brasileiro, Avenida da Liberdade 23.

NA GARRETT

O almoço a Campos Junior

Constituiu uma bela manifestação de simpatia e de apreço, a festa de homenagem ao redactor principal de «Os Sports»

Como tinhamos anunciado efectuou-se ontem na Patisserie Garrett o almoço que o corpo redactorial de «Os Sports» promoveu em homenagem ao seu redactor principal sr. A. de Campos Junior, em sinal de regosijo e congratulação pelo seu restabelecimento, da grave doença que o reteve no leito durante alguns meses.

O almoço, que decorreu no meio do maior entusiasmo deve ter sensibilisado profundamente o conhecido jornalista desportivo e nosso querido amigo, que assim viu ontem, mais uma vez o muito que é considerado e estimado no meio desportivo.

Na altura dos brindes falou em primeiro logar o nosso camarada Artur Inêz, secretario da redação de «Os Sports», que explicou os motivos porque o sr. Manoel Guimarães, nosso ilutre director, não poude comparecer á justa homenagem como era seu desejo, em virtude da morte recente de seu sobrinho, o infeliz Humberto Guimarães de Brito, morto tão cedo quando ainda tanto havia a esperar da juventude.

Saudou depois em Campos Junior, o amigo, o camarada e o jornalista, terminando por beber pelo completo restabelecimento do redactor principal de «Os Sports».

Em segundo logar, falou o sr. Artur Santos, como amigo pessoal do homenageado e como representante do Grupo Sport Cruz Quebrada, que se congratulou pelas melhoras de Campos Junior.

Seguiu-se o sr. dr. Salazar Carreira pessoalmente e tambem como delegado do Sporting Club de Portugal. O conhecido desportista produziu um felicissimo improviso de congratulação pelas melhoras de Campos Junior e de propaganda pela causa da educação fisica.

O conhecido escritor e desportista sr. Felix Bermudes que se encontrava noutra meza, no almoço de homenagem a Henrique Roldão, que amanhã parte para o Rio de Janeiro, veiu tambem saudar Campos Junior, produzindo um belo discurso em que demonstrou as afinidades do sport e do teatro.

Falaram ainda os srs. Antonio Veloso, pelo Imperio Lisboa Club, Dias Costa, pelo «Seculo» e «Ilustração Portuguesa», José Luiz Ribeiro, pela «Imprensa Nova» e por ultimo Campos Junior, que agradeceu a todos a homenagem que lhe acabava de ser prestada.

A festa, como acima dissemos, decorreu animadissima, tendo por fim os convivas das duas mesas confraternisado, falando diversos oradores de ambos os lados que saudando Campos Junior e Henrique Roldão, demonstraram igualmente a necessidade dum entendimento entre as gentes do sport e do teatro para se atingir o fim unico: o progresso da Arte, tendo como factor principal o sport pela excelente escola moral que representa e pelos elementos de estetica e virilidade que pode fornecer ao artista.

Foi enfim uma festa que a todos impressionou agradavelmente.

Campos Junior recebeu uma gentil carta do nosso camarada sr. Arnaldo Pereira e telegramas dos srs. major Veiga Ventura, Manoel Garcia Carabe, Agostinho Lourenço, Borges de Castro, Alvaro Duarte Gomes, Raul Vieira e Rocha Vieira e ainda duas cartas, uma do jornalista desportivo sr. Armando Moreira Rato e outra do sr. Casimiro Aguiar, correspondente de «Os Sports» no Rocio de Abrantes.

Só o Iodal

Dá plena garantia de ser um produto iodo-iodetado, que não produz iodismo recomendado no tratamento do artritismo com o maior exito. Depositario exclusivo Raul Vieira Ld.ª, R. da Prata, 51.

Na morte do gigante!

Os ineditos de Junqueiro

Como vai ser preparada e feita a sua publicação

Obras em verso e em prosa

A alguem da familia do Poeta ouvimos nós dizer que é extraordinaria a parte da sua obra que está ainda hoje inedita. Junqueiro deixou muitos e valiosos manuscritos. A publicação dêsses manuscritos, a ser feita, deve trazer uma luz nova, novos subsidios para a historia, para a analise e até para a comprensão do seu espirito, cuja linha evolutiva nos ultimos anos decisivamente se acentuou.

O Poeta, afirmam-no os jornais, proclamam-no os seus intimos, escrevia muito, escrevia febrilmente. Só ha meses, ha dias, a pena repousou; e irremediavelmente então. Mas só quando os seus dedos encarquilhados não puderam segurar e o coração se voltou para o sol a pedir-lhe a benção ultima da sua loucura de luz e amor.

Só então.

Dez horas por dia, como quem tem pressa de chegar ao fim, e sente que não pode chegar ao fim e dele se quere aproximar numa sofreguidão.

Em quantidade e qualidade, o que são e o que valem êsses ineditos?

E nós estamos á ver já os que aguardam a sua publicação para dela tirarem efeitos de caracter politico ou religioso. Os que hão de procurar a sinceridade; os que toparão com a descrença onde apenas estiver o mau humor ou a contrariedade passageira.

De banda, arredados, ficarão os que querem apenas descortinar a Beleza na obra, os que incondicionalmente amaram e quizeram os seus versos e incondicionalmente os querem, e amam só porque êles têm fulgurações de genio deslumbrador. Em grupo á parte, os devotos da sua arte aguardarão as composições ainda perdidas pelas suas gavetas. Religiosamente, confiadamente.

* * *

Junqueiro, êle proprio o confessou, escrevia no ultimo periodo da sua vida, sobretudo em prosa. O Poeta, que foi o maior do seu tempo, que foi o maior poeta como teria sido grande, muito grande, extraordinariamente grande no exercicio de qualquer outra modalidade do labor intelectual, achava o verso incapaz de lhe provocar a dose de emoção necessaria para traduzir os seus pensamentos geniais. Depois de feito, ficava sempre incompleto para o seu espirito sedento de Beleza, ancioso de Ideal.

Preferia a prosa, prosa talhada em periodos curtos, o conceito lapidar sempre metido numa formula lapidar. O seu poder de sintetisar era extraordinario. Encontrava a frase precisa, justa, sempre que dela carecia.

Nunca as suas opiniões deixaram de ser claramente postas e completamente postas; e, para isso, não lhe era precisa mais de meia duzia de palavras que trabalhava como um mago.

Da «Unidade de Ser», grande compendio de filosofia onde passa a rajada que atravessou e inquietou a sua alma nos ultimos tempos, muito está escrito, ao que parece. Em outras obras pensava ainda. Umas ficaram esboçadas apenas, andava-lhe a execução a pairar apenas como uma aspiração vaga no espirito, que tantas duvidas dilaceravam. Outras ficaram muito adiantadas. Preciosas, valiosissimas todas elas. Em verso, o «Prometeu libertado» encontrava-se quasi concluido, tendo-lhe dado muito que fazer e preocupando-o seriamente a sua realização.

Esses ineditos andam dispersos; em Barca d'Alva uns, outros no Porto, em Lisboa muitos outros ainda.

Segundo nos consta, já em tempos êsse original começou a ser arranjado e preparado para a publicação. Dificil, melindrosissima escolha.

Ignoramos as intenções da familia, a cujos cuidados está entregue o espolio precioso. Que vai ele fazer? Publicá-lo simplesmente? Entregá-lo a quem, conscienciosamente, os ponha em série, fazendo-se, só depois de um estudo rigoroso, essa publicação?

São preguntas estas que nos não parecem descabidas. Junqueiro trabalhava no seu admiravel poema «A Patria». Introduziu no texto algumas modificações, entregando-o ao seu editor. Ha quem afirme, porém, que depois se decidira a transformar a obra, estando esse original depositado nas mãos de um querido amigo seu.

Em que sentido foram feitas as modificações? O que será a «Patria» de Junqueiro refundida? O que restará no poema do fogo, da chama sagrada de colera e indignação que lhe deu origem?

Aguardamos que a familia de Junqueiro se pronuncie. E ela não deixará, certamente, de dizer ao país que perdeu o seu mais extraordinario artista, aquilo que é necessario para que a obra do Poeta não fique truncada ou mutilada.

Ver, em

ULTIMA HORA

Na Basilica da Estrela

Suicidio? Não!

O CASO DA SENHORA ALEMÃ que apareceu morta sob AS JANELAS DO FRANCFORT

«Sr. director — Muito a meu contento e por certo com satisfação dos seus leitores, me foi fornecido ensejo de amenisar este tristissimo caso, com outro que rivalisa em grotesco com o que de dramatico tem o primeiro.

Sabado á meia noute, quando eu saia do Café Chave de Ouro, com um meu inseparavel amigo, de que já tive ocasião de falar no decorrer de anteriores considerações, apareceu pela frente de nós dois, um jovem imberbe, algo tremulo de voz e de maneiras e dirigindo-se ao meu amigo, sem mais formalidades lhe preguntou:

—Foi o senhor que ha dias foi ao Francfort Hotel?

— Sim senhor fui eu, respondeu serenamente o meu companheiro.

— E' que eu desejava, continuou o moinho, que lá fôsse agora comigo para me dizer umas cousas.

E nesta altura o personagem tomou uns ares de galinho indiano que seriam arrilantes se a gaguez do esforço com que o disse não despertasse mais compaixão que colera.

— O sr. é que escreve na «Capital»? — tornou o pagem crescendo em audacia.

Julguei do meu dever desviar-lhe a atenção para mim, porque receiando a impulsividade do meu amigo e vendo-o segurar pelo extremo um grosso bengalão que nunca o desampara, agarrei o pequeno pela lapela do casaco e disse-lhe:

— Eu é que fui ao Hotel e sou eu quem escreve na «Capital», por quê?

— Tenho pena, respondeu o donzel, tenho pena de que não tenha a minha idade, porque eu queria tirar um desforço...

— E o menino, preguntamos com certo d'sveio, é pessôa que aguente um cestalo nosso?

— Eu sei que os senhores pessoas de forças e de valentias, mas graças a Deus, alguem me acompanha que lhes não tem medo!

Olhei em redor e, por ser verdade ou por acaso, um grupo de individuos permanecia a alguns passos de distancia.

Então tive nitida a impressão de que o jovem gerente do Hotel armara em som de guerra, os bichos da cosinha, moços de ucharia, infanções e demais vilões de sua jurisdição e que apenas vinha, como nos tempos medievaes, com credencia de seu amo e senhor, lançar-me o «guante» em guisa de desafio e em preito da sua honra.

O pagem recuava já, nervosamente arquejando diante da ponteira do bengalão do meu amigo que, avesso aos jogos da cavalaria, o afastava com alguma piedade.

Nas artes da guerra, a prudencia foi sempre virtude de afamados cavaleiros e por isso, depois de me certificar de que o pagem não mais trazia de recado e de proposito, convidei a gente da mesnada que o acompanhava a avançar para o terreiro da lucta para calcular quantos seriam os da sortida.

Do grupo suspeito ninguem se mexeu e o pagem usara desta ardil, quando viu o capacete visado pela acha de armas do meu companheiro ou os homens da mesnada sentiram um destes esprequiçamentos tão proprios de gente de salario, que não está para massadas.

O caso é que o atarido do pagem, que já a êste tempo era conduzido pelo pescoço para dentro da escada do Hotel Metropole que ao mesmo dono pertence, alarido que atraiu enorme multidão que se deu a comentar o sucesso da morte da senhora alemã, com tamanho desfavor para o gerente em scena, que tivemos nós, eu e o meu amigo, de declarar que nada estava apurado, que não podia legitimamente condenar-se pessoa alguma.

Como vê, sr. director, não houve despojos do combate nem mesmo combate houve. Alguem nos explicou que o pagem estava embriagado, o que restabelece o credito dos ditados que no caso presente tinha duplicada rasão: ao menino e ao borracho...

Policia amador.»

O que se escreve e o que se lê

Os poetisas: Virginia Victorino e o seu novo livro *Apaixonadamente*

Os poetas: *Estatuas de espuma* de Alipio Rama; *Educativas* de Manuel Subtil

Os prosadores: A 2.ª edição do *Jardim das Tormentas* por Aquilino Ribeiro; *Eça, Fialho e Aquilino* por Correia da Costa

Virginia Victorino acaba de publicar um novo livro de versos: «Apaixonadamente». Esse livro, cuja ultima pagina se acaba de fechar sob os meus olhos, deu-me a impressão de que a autora dos «Namorados» fez os seus versos com a mesma graciosa ternura com que M.me Pompadour se empoava defronte do seu espelho. «Apaixonadamente» não é nem peor nem melhor do que os «Namorados»; é sensivelmente igual. E' o mesmo estado de espirito. E' o mesmo sorriso amoroso. Lendo o ultimo livro de Virginia Victorino tem-se a ideia nitida de que se está lendo uma nova edição do seu primeiro volume. Virginia Victorino não nos dá novidades literarias. Não acrescenta uma palavra á sua arte de fazer sonetos — tão parecida com a arte de enfiar perolas. Quando todos nós esperavamos um aspecto novo da sua sensibilidade — Virginia limita-se a dar-nos um pequenino trecho de Veneza, onde nem sempre ha o ritmo das gondolas. A ilustre poetisa, que tão prejudicada tem sido com a alguns fera de aplausos feita á volta do seu primeiro volume — está-se ressentindo da popularidade absorvente do seu nome e dos seus livros. Virginia Victorino tem de refugiar-se na calma doçura do seu gabinete de trabalho, entre o seu perfumador arabe e o seu «Angora» cinzento. De contrário, a ilustre poetisa corre o risco de se poder citar á volta do seu nome a frase de Richardson: «Certas mulheres imaginam que todos os assuntos do mundo devem suspender-se para atender ás suas extravagancias».

* * *

Alipio Rama enviou-me agora a linda edição do seu livro: «Estatuas de Espuma». Acabo de o ler, com interesse. O seu ultimo dá-me a impressão, por vezes, de que podia ser a pequenina «badine» de Cesario Verde — e a sobrecasaca preta de Correia de Oliveira. Palpitam nele, ao mesmo tempo, as almas dos dois poetas. Um deu-lhe a simplicidade; o outro ensinou-lhe o colorido. Deste livro, que o espirito critico de João Grave prefacia, vou transcrever alguns versos. — «Sol-Fora»:

Como é voluptuoso o aroma da manhã!
Em que jamais perdi o vicio da cidade
E agora amerendei na pacatez aldeã
Como um velho D. Juan que se tornasse frade

Fui nesta madrugada o idilico pagão
que escuta, embevecido, a georgica dos ninhos
Charutos, guarda-sol, boa disposição
E vá de espairecer por seavas e caminhos.

De facto, «Estatuas de Espuma» é uma bela manhã em que o sol desponta vivo e ardente como uma hostia de oiro!

* * *

«Educativas», de Manuel Subtil, é uma colecção de poesias didaticas, infantis e patrioticas sem responsabilidades — e sem consequencias. Entretanto, a alta missão educativa a que se destina perdôa antecipadamente as pequeninas infidelidades poeticas que o caracterizam aqui e além.

* * *

A 2.ª edição do «Jardim das Tormentas», que Aquilino me enviou com a sua captivante gentileza, é a demonstração plena do exito alcançado pela sua primeira edição. De facto, nada mais justo. Aquilino merece o nosso melhor aplauso. O seu tipo forte de beirão que tão bem se harmonisa com a sua prosa sadia, energica, palpitante, criadora, respira a largos haustos a gloria suprema de viver. Desde as paginas admiraveis da «Catedral de Cordova», até essa esplendida pintura que é «No solar de Montalvo», nunca deixa de afirmar a sua esplendida organização de homem de letras — com aquela serenidade e com aquele orgulho que Ramalho Ortigão tanto se comprazia em aconselhar nos capitulos das «Farpas».

* * *

Correia da Costa, reunindo em volume os seus estudos criticos sobre Eça, Fialho e Aquilino, prestou um excelente serviço ás letras portuguesas. Ainda ha pouco, nestas colunas, referindo-me ao livro de José Osorio de Oliveira sobre Eça de Queiroz e Oliveira Martins, eu notava que certas especies de livros não são vulgares na nossa literatura que não merecem citar-se, com desvanecimento, aqueles que, porventura, forem surgindo nas montras. E' o caso de agora. Correia da Costa, com a sua vivacidade e o seu sorriso, não se limita a dar-nos os seus versos e as suas «blagues»; vai mais longe e brinda-nos, por vezes, com os seus estudos criticos caracterisados quasi sempre por uma escrupulosa visão e por uma sobre elegancia literaria. Ao ler este livro, eu tive a impressão de que as figuras gloriosas de Eça e de Fialho sorriam, enlevadas, para o seu irmão mais novo que, sobre a secretária, terminava as paginas modelares de «Via Sinuosa»...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Um avião gigantesco

As experiencias deram o melhor resultado

LONDRES, 9 — Decorreram com o maior exito as experiencias feitas com o maior maquina aérea até hoje conhecida. As experiencias foram dirigidas por um piloto do Ministerio da Aviação. O avião subiu a uma altura de 1.500 pés, tendo permanecido no ar 40 minutos. Fez-lhe dado o nome de «Titania n.º 6» pesa 16 toneladas e é accionado por 4 motores Rolls-Royce de 8.000 cavalos. — R.

ULTIMA HORA

INGLATERRA E FRANÇA

A questão das reparações

O desacordo mantem-se inevitavelmente entre os dois paizes

O que dizem OS TELEGRAMAS

As divergencias entre a Inglaterra e a França sobre a questão das reparações suscitadas pela ocupação do Ruhr, que a nota papal mais recendeu, constituem hoje o assunto maximo da politica internacional de que depende a paz da Europa.

A este respeito escreve o «Matin»:

—A Inglaterra, vê-se claramente agora, tem um grande plano economico e politico. Economicamente, quere receber da Alemanha a totalidade das anuidades que deve pagar á America, isto é uma soma superior a 3 biliões de marcos-ouro á percentagem inglesa sobre os 50 biliões dos «bons» «A» e «C».

Por outro lado quere recuperar uma parte do seu credito á França, reembolsando-se do nosso minimum de 26 biliões indispensaveis ás regiões devastadas. E nós não sabemos bem ao certo se ela não quere tambem alguns biliões para o que ela chama «as suas regiões devastadas», isto é, os seus sem trabalho. Um plano comercial de colaboração economica com a Alemanha, estudado detalhadamente em Londres sob a direcção do M. Mac Kenna, completa as suas reivindicações economicas. Sob o ponto de vista politico a Inglaterra quere impedir a França, de que teme a influencia continental, de fazer capitular a Alemanha, de ganhar uma vitoria em que aquele país não possa reivindicar a sua parte.

Não é facil a Lord Curzon expor este plano, que rasga o tratado de Versailles e que nenhum governo francez discutiria sem o entregar ao Parlamento. Mas fal-o por outro modo, fingindo ignorar que não conhece os pontos de vista franceses desenvolvidos nos discursos afixados nas paredes de todas as comunas da França e declarando que a situação é grave porque a França não lhe facilita os seus estranhos projectos.

Ha um equivoco, um grande equivoco nesta conversação. E não vem da França, como pretendem os jornais de Londres, mas da Inglaterra que não ousa mostrar á opinião publica um plano de exploração dos resultados da guerra, que é um monumento de egoismo.

O conde de Saint-Aulaire está no seu logar, pronto a dar todos os esclarecimentos verbais e escritos. Se ha quem queira destruir os contratos solenemente assinados ha apenas vinte e seis mezes, a iniciativa deve partir da Inglaterra. E' a Inglaterra quem deve tomar as responsabilidades.

Uma reunião do ministerio

LONDRES, 9 — Julga-se provavel que haja hoje reunião do Ministerio para se estudar de novo a questão das reparações e o problema do Ruhr em face dos novos dados fornecidos pelas conversações havidas entre lord Curzon e os embaixadores da Italia, da Belgica e da França. Nos circulos oficiais têm-se mantido o maior segredo acerca da maneira como têm decorrido as negociações. O primeiro ministro dos Negocios Estrangeiros compreendeu contudo perfeitamente a legitima ansiedade do publico inglês e é provavel, portanto, que ainda durante esta semana se façam comunicações importantes no Parlamento acerca dêsses assuntos.

Já passou mais de um mês depois da Alemanha ter feito a sua ultima oferta em resultado da replica de lord Curzon á sua anterior comunicação. A Inglaterra é de opinião que ela merece qualquer resposta e o questionario inglês enviado a Paris ha três semanas tinha por fim obter definições precisas da atitude francesa, necessarias para se saber se podia haver esperanças de se poder enviar uma resposta conjunta á Alemanha.

A situação foi considerada tão grave, que a Inglaterra viu-se obrigada a expôr claramente o seu ponto de vista na defesa essencial dos seus interesses e da paz do mundo. A situação é muito complexa e precisa de ser tratada com extraordinarias cautelas.

O ministro sr. Chamberlain pronunciou recentemente um discurso em que disse que a situação não podia ser protelada indefinidamente. A situação não podia ser resolvida só de harmonia com os desejos e a vontáde da França e era chegada a ocasião, apesar dos desejos de se viver bem com essa nação, de tomar medidas energicas e definitivas. — (R.).

O dia de hoje

NA BASILICA DA ESTRELA

O povo durante o dia, acorreu a prestar as suas homenagens ao grande Poeta

Do elemento oficial não compareceu ninguem

Junqueiro morto, ah! meus senhores. Junqueiro morto começa a ser Junqueiro esquecido.

A dolorosa, a dolorosissima verdade é esta. Quando hoje entramos na nave da Estrela nem um nome conhecido, nem uma figura marcante, nem uma reputação alicerçada. Nada. Ninguem. Apenas a um canto devotadamente Henrique Trindade Coelho, lealíssimo amigo do Mestre, alongava os olhos para a porta a vêr se surgia algum de aqueles que, por dever de espirito e por dever de coração, ali tinham de ir ajoelhar acompanhando o poeta na sua ultima jornada.

Do mundo oficial quem apareceu já a prestar as suas homenagens, que têm de ser sentidas, por que são as homenagens de Portugal inteiro ao artista maior da nossa terra? Quem compareceu ontem na ceremonia da trasladação, ceremonia que só foi tocante e comovedora quando ha... de ser imponente e reveladora?

Do Governo apenas o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros. Do Senado contam-se os que lá estiveram, Correia Barreto e André de Freitas, que nos recorda. Dos Deputados, Bartolomeu Severino. E pouco mais. Nem Camara Municipal, nem instições scientificas, nem corporações economicas, nada que de uma Patria em vibração e em luto possa dar a nota precisa, exacta. Amigos, apenas os amigos acorreram; e com eles foram tambem os raros que tiveram desassombro de honrar a memoria de Junqueiro afirmando o seu respeito pela evolução mental do poeta e pelas suas comições de espirito.

Hoje na Estrela o corpo esteve mais abandonado da chamada gente de representação, deixaram de acorrer lá as senhoras que iam e decoravam os seus versos, te do povo que sabe rezar e que ainda tem crença.

Turnos, quasi que não havia se não fossem os estudantes. Admiraveis estudantes de Lisboa que desde ontem, num fervor, ainda não deixaram de velar o cadaver do autor glorioso dos «Simples».

Os turnos, noite e dia, que de duas em duas horas se têm sucedido, foram organisados *exclusivamente* por estudantes. E chegam lá a toda a hora das escolas secundarias, dos liceus, das Faculdades, capas negras, corações alanceados. E' esta a grande, a consoladora nota do dia de hoje.

Durante uma grande parte da manhã esteve junto do corpo a sr.ª D. Maria Izabel Mesquita de Carvalho, filha do morto. Na Estrela esteve tambem o dr. Julio de Vilhena que permaneceu largo tempo contemplando o caixão, retirando-se comovidissimo.

Nem por parte da familia, nem por parte dos amigos se determinou ou avançou qualquer coisa a proposito do funeral. Esperam-se as resoluções do chamado mundo oficial, que é como quem diz, espera-se que a Nação resolva.

Entretanto parece coisa assente que corpo será transportado depois de amanhã para a Camara Municipal sendo depois levado para os Jeronimos onde deve ficar.

Segundo nos consta é intenção de alguns amigos do finado organisar um quadro de honra onde se inscrevam os nomes dos academicos que ainda não abandonaram o corpo de Junqueiro e junto dele desejam permanecer.

Os turnos

Durante o dia efectuaram-se os seguintes turnos, junto da urna do grande Poeta:

Das 6 ás 7, Federação Academica;

Das 7 ás 8 director da comissão de instrução da F. A., Filipe Ferreira e Paes Gomes;

Das 8 ás 9, estudantes beirões;

Das 9 ás 10, 1.º turno de bombeiros municipaes;

Das 10 ás 11, 2.º turno de bombeiros;

Das 11 ás 12, Quintão Eugenio Vaz, A. Anjos, José F. de Sousa;

Das 12 ás 13, Mario Pires, Luiz Alves e João Leitão da Silva;

Das 13 ás 14, Antonio Saraiva, Eduardo Zambujinho, Augusto F. da Silva Presas e Eleuterio Torres Pinto;

Das 14 ás 15, A. Joaquim Beça Quintão, Rogerio Nunes e Rodrigo Pinto Sant'Ana Pereira;

Das 15 ás 16, Mayer Garção, Garção Soares, Bastos Guerra, Pinto Rodrigues, J. Sant'Ana Pinares e José Velez de Lima;

Das 16 ás 17, Franklim Vieira Dias, Rodrigues Melo Moreira, Baltazar Pinto e Artur A. Gonçalves;

Das 17 ás 18, alunos do Colegio Militar.

Tambem estiveram durante o dia na Basilica os srs.: Peres Trancoso, Victor Perez Santislebum, presidente da Federação Universitaria Hispano-Americana, drs José Ferraz, Mégre Barreto da Cruz, chefe do protocolo; Visconde de Olivã y Pedo Moreira, director do Luzitano, professor Ribeiro Neves, Campos Coelho, dr. Julio de Villhena, tenente José Carlos, 2.º comissario da policia, escultor Costa Mota, Mercedes Blasco, etc.

* * *

Não está fixado ainda o dia dos funeraes do grande Poeta.

* * *

O sr. Presidente do Ministerio está em comunicação com o venerando Chefe do Estado, havendo esperança de que o sr. dr. Antonio José de Almeida possa vir a Lisboa assistir ao funeral do que foi um dos seus maiores amigos.

* * *

O sr. Presidente do Ministerio apresentou hoje no Parlamento, o seguinte projecto de lei:

«Artigo 1.º — Os funeraes de Guerra Junqueiro, gloria do genio Portugues, serão feitos a expensas da Nação, devendo esse dia ser considerado feriado e prestar-se-lhe todas as honras.

Art. 2.º — O cadaver será depositado ons Jeronimos, junto dos tumulos de Camões, Herculano, Garret e João de Deus.

Art. 3.º — O dia do funeral será considerado de luto nacional.

Art. 4.º — E' autorisado o Governo a abrir creditos especiaes para execução desta lei.»

* * *

O sr. ministro da Instrução recebeu um telegrama do sr. D. José Carracido, reitor da Universidade de Madrid, enviando sentimentos pelo falecimento de Guerra Junqueiro, de quem era muito amigo.

* * *

E' convidada toda a colonia transmontana residente em Lisboa, quer a do districto de Vila Rial, quer a do de Bragança, a velar, durante a noite de hoje, o cadaver do mais eminente dos seus comprovincianos: Guerra Junqueiro

* * *

Por motivo da morte de Guerra Junqueiro, fica adiada, para quando se anunciar, a festa que devia realisar-se hoje, no S. Luis, em beneficio da «Casa dos Jornalistas».

Comissão Municipal do Partido Republicano Radical

Reuniu extraordinariamente esta comissão, resolvendo lançar na acta um voto de sentimento pela morte do glorioso poeta Guerra Junqueiro e convidar todos os filiados a incorporarem-se nos funeraes, reunindo-se para esse efeito em local que oportunamente será designado a fim de acompanharem o Directorio do partido.

* * *

A comissão organisadora do Gremio do Minho convida os seus membros a reunirem hoje, pelas 21 horas, a fim de nomearem os membros que devem fazer um turno junto da urna do grande poeta Guerra Junqueiro.

A tarde politica

A morte de Guerra Junqueiro

A's 16 e 15, o sr. dr. Alberto Vidal faz, em palavras breves, a comunicação da morte de Junqueiro.

Tivemos a ingenuidade de supôr que a sala das sessões ofereceria hoje aquele aspecto solene e grave dos grandes momentos nacionais. Que a primeira consagração lutuosa do Estado ao Poeta enorme, á alma divinisada de Junqueiro, figura que transcendeu a gloria lusitana, alçando-se a figura dominadora da raça latina, seria uma coisa grande de emoção, de severidade.

Pois, não senhores. Registamo-lo com magua. Nem a indumenta propria, nem a compostura dos momentos maximos.

Rabonas de todas as côres, cravos alacres de vermelho berrante decoravam lapelas, numa deploravel indiferença pelo luto que não carece da sanção oficial para existir, de facto, na alma da Patria.

Como Guerra Junqueiro nos parece maior perante estas coisas infinitamente pequenas.

* * *

A interrupção dos trabalhos parlamentares por efeito da morte do grande Poeta veiu acalmar transitoriamente o estado de efervescencia em que se debatia a politica.

Só depois dos funerais o conflito retomará a feição agressiva de que vinha caracterisada ha dias.

BOLSA

Os papeis movimentaram-se pouco. A seguir, damos o preço de fecho daqueles que estiveram mais animados: Externos, 1.ª série — 604; Portugal — 215; Ultramarino — 301.50; P. Brasileiro — 189; Aliança — 141; P. Colonias — 128.50; Navegação — 336; Fosforos — 277; Pesca — 120; Gaz — 113.50; Tabacos — 1.142; Aç. Angola — 240; Ganda — 315; Amboim — 184.50; Cabinda — 720; Ilha — 436; Ambacas — 341.50.

Os atentados bombistas

A policia prendeu o «Avante» e outros anarquistas

Durante o dia de hoje notou-se no Governo Civil um movimento desusado andando principalmente os agentes da 2.ª secção de investigação numa roda viva, vindo depois a apurar-se que se tratava de varias diligencias para a captura de individuos apontados como coniventes no atentado dinamitista de ante ontem da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defesa Social.

O sr. governador civil tambem se mostrou de uma actividade fóra do vulgar, tendo varias conferencias com o director da policia de investigação e indo por fim ao Parlamento avistar-se com o sr. Presidente do Ministerio, o que deu em resultado correr ao fim da tarde no Governo Civil que as diligencias policiais tomariam desta vez uma nova orientação tendente a procurar livrar o paiz dos inimigos da sociedade.

Pelos trabalhos até agora efectuados, está já apurado que o grupo que ante-ontem fez o ataque aos juizes do Tribunal de Defesa Social era constituido por sete comunistas, entre os quais figurava Domingos da Silva, que se encontra incomunicavel.

Este individuo é aquele que fugiu após o atentado e que, ao ser perseguido, acabou por ser preso na escada n.º 10 da travessa do Cotovelo, depois de ter disparado um tiro contra um dos guardas que o seguia a distancia. O Domingos da Silva fez menção de se suicidar chegando a apontar a pistola ao ouvido direito, mas a arma encravou-se-lhe recebendo então uma coronhada na cabeça dada por um dos guardas que o deteve e depois o desarmou. Ao tempo a multidão era enorme na travessa do Cotovelo e o preso temendo as iras da populaça fingiu-se morto sendo removido num auto da Cruz Vermelha para o Hospital de S. José. Só quando se viu no banco daquele estabelecimento hospitalar e portanto livre das ameaças do povo, o Domingos da Silva *ressuscitou*, seguindo para o Governo Civil depois de devidamente pensado.

Trata-se de um bombista de acção e tanto assim que quando dos atentados que se registaram em Novembro ultimo, foi atingido por um estilhaço de bomba, de que conserva ainda uma cicatriz no peito.

Ao contrario do que noticia a «Batalha» de ontem a policia não matou qualquer bombista com o nome de Paulo dos Santos, tendo-se simplesmente registado o caso passado com o Domingos da Silva a que acima nos referimos e que originou o boato da morte de um preso.

Hoje foram presos como implicados no atentado os conhecidos anarquistas José Gomes Pereira o «Avante»; Artur Inacio, Antonio Domingos dos Santos e Pedro Soares.

Os tres ultimos são apontados como fazendo parte do grupo bombista e o «Avante» como dirigente do mesmo grupo, o qual com o atentado de ante-ontem pretendeu vingar a condenação do bombista «Bela Kun».

Parlamento

Nos Deputados

Os tumultos da Madeira — A homenagem a Guerra Junqueiro

Em primeiro logar fala o sr. Pedro Pita, que trata dos graves tumultos produzidos em Santa Cruz, na Ilha da Madeira. O orador diz que a politica mesquinha não foi estranha ao caso e que o administrador do concelho não quiz impedir a deploravel ocorrencia que tambem foi assinalada pela tentativa de assassinato do tesoureiro de finanças.

O sr. presidente do Ministerio repete as declarações que sobre o assunto já fez no Senado e o sr. Pedro Pita replica.

O sr. Antonio Maria da Silva assevera que um inquerito por si mandado realisar aos factos apontados não é desfavoravel ás autoridades administrativas do Funchal e muito menos ao respectivo governador civil. No entretanto, as responsabilidades nos assaltos á Junta Geral do Districto contra o qual o sr. Pedro Pita tambem aludiu, estão sendo apurados.

* * *

O sr. Alberto Vidal comunica á Camara o falecimento de Guerra Junqueiro, lendo um discurso de panegirico á grande figura da lingua portuguesa que honrou e glorificou o paiz em que nasceu.

De todos os lados da Camara se associam ás homenagens, com elogios incondicionais.

* * *

A homenagem continua, devendo encerrar-se os trabalhos quando ela termine.

Club Naval de Lisboa

Escola de natação

Avisam-se os nossos consocios de que abrem hoje as aulas de natação deste club, que funcionarão todos os dias de manhã das 7 ás 9 horas e ás 2.as, 4.as e 6.as de tarde, das 18 ás 19,30 na Doca de Alcantara, no edificio do Club Nacional de Natação e sob a direcção dos srs. Rousado dos Santos, Luiz de Magalhães e Pereira da Costa.

A UNIÃO das camaras de comercio

Reunem as camaras francesas, que aprovam um importante comunicado

PARIS, 9 — O comité da União das Camaras de Comercio Francesas no estrangeiro reunido em Paris publicou o seguinte comunicado: «A União das Camaras de Comercio Francesas no estrangeiro, nas colonias e dos paizes do protectorado, considerando que as exortações oficiaes em virtude das quaes depois da guerra os industriaes correram o risco de empregar capitaes para desenvolver a expansão economica da nação estão em contradição com o metodo de denuncia brutal das convenções e tratados de comercio;

Considerando que no que diz respeito ao «modus-vivendi» entre a França e Portugal o governo francez tomou decisões graves sem ter previamente consultado os industriaes e comerciantes interessados sobre as consequencias que podiam resultar para a industria e para o comercio frances;

O nosso grupo crê que deve exprimir o seu desgosto porque uma categoria limitada de interesses, sem duvida respeitaveis, possam prevalecer sobre o conjunto dos interesses geraes do paiz e compromete-los, sem de resto trazer qualquer remedio á crise de que sofre atualmente a viticultura francesa, e emite o voto de que o governo francez aproveite a primeira ocasião favoravel para concluir com Portugal uma convenção comercial estavel e de longa duração e que enquanto se espera isso o Parlamento repila todas as propostas que tenham por fim ou por consequencia causar uma nova rutura de relações economicas entre a França e Portugal;

Se apesar de tudo razões de ordem poderosa se opozessem a que no momento presente se estabelecessem acordos de longa duração, o governo reconhecendo o perigo dos acordos precarios cuja rutura ou ameaça se manifeste neste momento de maneira flagrante e inquietadora para o mundo comercial e industrial deve tomar sem demora todas as medidas uteis para evitar os graves perigos que daí derivam duma maneira fatal. — R.

As "limpezas"

Positivamente, a Camara Municipal vae-nos envolver Lisboa numa auréola de lixo! Já que não nos póde dar esplendor arquitectonico, dá-nos porcaria.

Ontem, na Avenida da Liberdade, em plena tarde, o pó levantava ondas da altura de casas, o que muito apreciado foi pelos transeuntes, entre os quais se contavam estrangeiros, sendo geral a admiração destes por aquela beleza de serviço!

Quando a cidade era varrida de manhã, a limpeza tinha defeitos grandes, não ha duvida; mas, emfim, lá se ia varrendo o lixo, o que era o principal. Agora não se varre as mais das vezes, havendo sitios, mesmo onde dir-se-hia acabou de vez esse... luxo!

Que admira que os protestos surjam de todos os lados?

* * *

Segue uma carta que nos foi enviada:

«Sr. Redactor—Por mais que pense em qualquer vantagem, que tivesse inspirado á vereação o novo horario das limpezas eu não vejo que vantagem seja essa. Evitar que os caixotes fiquem de noite nos lares? Mas se ha gente que só os despeja aos sabados e aos domingos, que é quando pode esperar pela carroça! Tudo o mais é disparate e disparate grosso.

Pelo que vejo estamos condenados a ser o joguete nas mãos dos vereadores. Foram-se uns e vieram outros. Todos muito boas pessoas, muito competentes e cheios de boa vontade, mas fazendo destas asneiras.

Esta camara anunciou, logo de entrada, que iria «varrer a casa», «pôr a casa em ordem». Sim, sr., bonita obra! De v. etc. «Um leitor».

* * *

Dizem-nos que algumas Juntas de Freguesia vão tomar a iniciativa de reclamar da Camara Municipal o regresso ao antigo horario, por terem reconhecido a impossibilidade de se continuar no atual sistema. Tambem alguns comerciantes pretendem ir junto da vereação, fazer-lhe vêr os inconvenientes que o horario novo lhes traz, sem em troca lhes dar uma unica vantagem.

Machado Santos

Encerrando-se definitivamente em 31 do corrente a subscrição para o Mausoleu ao almirante Machado Santos, a Comissão pede a todas as pessoas que desejem ainda inscrever-se, o obsequio de o fazer até áquele dia na séde da Comissão, rua dos Fanqueiros n.º 396 ou na rua das Flores n.º 113 (ao Camões), assim como pede a todas as pessoas que ainda possuem listas o favor de as devolver com a maior urgencia ao tesoureiro.

Novas comarcas

Publicamos ha dias aqui uma entrevista, em que se falava da fundação de novas comarcas. Essa entrevista sugere algumas considerações que não resistimos á tentação de arquivar.

Sabe-se que ha um cofre, creado já ha bastante tempo, de onde sáe, para os magistrados e oficiaes da justiça, a verba necessaria a cobrir os seus ordenados. A organisação permite, ainda, que na gente da justiça ha substitutos e substituidos — e ambas essas entidades têm o seu ordenado fixo.

E' natural que o cofre, a que nos referimos, não seja inexaurivel. Se vão, porém, ampliar o numero das comarcas, o cofre tem que... crescer.

Não é caso para pensar?

UMA CARTA

Do sr. João de Castro recebemos uma carta, a proposito dum artigo aqui publicado ante ontem, a que nos referiremos no nosso numero de amanhã.

Os padeiros aumentam as suas reclamações

Reuniram esta tarde os manipuladores de pão, para apreciarem as deligencias efectuadas junto dos industriais para o aumento de salario. Diversos oradores, frisaram o facto de tanto os industriais independentes como as Companhias, se colocarem numa intransigencia que pode levar a classe á greve. Depois de larga discussão foi resolvido aumentar a primitiva reclamação que era de 18$00 diarios, para 24$00.

A greve dos pescadores

Continuam a recusar-se a embarcar os pescadores do mar alto, muitos dos quais imigraram para a pesca da sardinha, em Cesimbra, e pesca da lagosta. Por estes dias devem chegar a Lisboa os novos mestres da pesca, contratados em Inglaterra pelas empresas armadoras.

Para o mar teem continuado a sair alguns barcos, tripulados por pessoal estranho. O conflito com os oficiais do convez encontra-se já solucionado, devendo-o ficar amanhã com os oficiais maquinistas.

Casamento sem amor

Charlot Aventureiro

A carta fatal

Verdadeiramente sensacional o espectaculo desta noite no Salão Central. Tres films serão exibidos de generos diferentes, mas todos de enorme sucesso. O primeiro, «Casamento sem amor», quatro actos cheios de intensidade dramatica, tendo por protagonista a fulgurante actriz Carmel Myers; o segundo «A carta fatal», de que se estrearam na matinée de hoje os dois ultimos episodios, intitulados «Veneza Misteriosa» e «Felicidade triunfante», constituindo um exito ruidoso; o terceiro «Charlot Aventureiro», uma autentica fabrica de gargalhadas, em que o seu principal interprete, o genial Charlot, é unico de graça e de agilidade.

E' como se vê, um espectaculo delicioso, a que não devem faltar os amadores de boa fotografia animada.

A viagem aerea a Macau

Hontem, pelas 21 horas, na Egreja da Encarnação, e por iniciativa da Juventude Catolica de Lisboa, foi rezada uma missa pelo exito da viagem aerea a Macau. A J. C. L. dirigiu convite aos distintos aviadores para assistirem.

Tauromaquia

Campo Pequeno

14.ª tourada desta época. — Beneficio do popular e simpatico José Casimiro, que teve uma casa á cunha. — Curro completo de 8 garraios do afamada ganadería de Emilio Infante, regularmente apresentados, saindo no geral com sangue bravo e toureaveis. Espada, José Belmonte, que só conhecia de nome; pareceu-me ser bom toureiro de capote e muleta, mas não pôude bandarilhar por estar ressentido de uma colhida num musculo. Não houve moços de forcado não sabemos porquê, nem vemos razão para se organisar uma tourada á portugueza sem aqueles elementos, que são puramente nacionais e portanto indispensaveis. ¡E' o mesmo que comermos uma sopa sem sal! E' o mesmo que vir um «espada» que não bandarilhe! Rompe a praça o n.º 22, que dá pelo nome de «Cardino». Deu boa lide, proporcionando ao cavaleiro Simão da Veiga, pái, cravar-lhe á meia volta 4 compridos e 2 curtos, aplaudidos e com chamada á arena.

2.º — N.º 32, «Caldeiro», negro. Alfredo faz a gaiola-boa, põe mais dois pares regulares. Custodio, dois pares e meio e uma saida falsa, bons. Ambos «veroniquéam» e cedem a Belmonte, que trasteia algo. Chamadas aos três.

3.º — N.º 28, «Doninha», cardeno e bravo. Simão da Veiga, filho, citá de cara, om curto e terrenos cambiados, e prende três compridos bons, sendo um á tira e dois curtos superiores pela maneira como consentiu e viu, sendo o ultimo colossal, cambiando-se na cara do touro, apertadissimo, que lhe valeu uma quente ovação; «vuelta al ruedo», muitos charutos, flores e brindes e algumas beijocas do seu velho camarada José Bento, que causaram inveja a muitas meninas.

4.º — N.º 29, «Alfazema» (não florida), brando e tapava-se. Belmonte dá uns passes de capote bons, com a muleta dá uns de perto, pelo alto e e de «rodillas», mas sem brilho e sem mimo. Alfredo tem dois pares regulares e um bandarilheiro espanhol par e meio.

5.º — N.º 13, «Pintor». Cumpriu. José Casimiro, um pouco barulhento e apressado, prende á garupa quatro compridos e dois curtos, aplaudidos. Chamada ao cavaleiro.

6.º — N.º 30, «Carvoeiro», cabano e um palliteiro. José Casimiro volta de novo a tourear, mai's calmo e mais artista, prende quatro compridos á garupa e quatro curtos bons, sendo o terceiro muito bom e o segundo com forte colhida na montada. Chamada.

7.º — N.º 24, «Cruzeta», baixel esquerdo; cumpriu. Belmonte toureia «cerca» e parado com agrado. Custodio põe dois pares bons e o bandarilheiro espanhol par e meio. Belmonte trasteia «cerca», tenta simular a sorte suprema com o touro não quadrado, o que o publico evita. A seguir dá mais uns passes, adornando-se e, quando simula, cae por lhe faltarem as pernas. Pitos.

8.º — N.º 26, «Chapárro», negro. Custodio e Alfredo «veroniquéam» bem. Agostinho faz a gaiola e mais um par e Flores dois pares, saindo ao segundo embrulhado e a pensar se ha via de pegar o touro de costas.

A corrida não agradou; no entanto, salvou-se com a valentia, frescura e mimo do trabalho que Simão da Veiga, filho, deu ao terceiro touro.

Direcção, a cargo do cavaleiro José Bento, acertada, mas um bocado á antiga. — EL TERNO.

Teatros - Musica - Cinemas

Festas artisticas

A de Ilda Stichini

Noite de festa entusiastica vai ser a de amanhã, no Apolo, com a festa artistica de Ilda Stichini. A gentil e talentosa actriz conseguiu organisar para a sua recita um programa verdadeiramente primoroso, contendo os 3.º e 5.º actos do «Hamlet», em que Brazão interpreta o celebre monologo «Ser ou não ser» e a homenageada a parte de Ofelia, que desempenha pela primeira vez e em que poderá ser apreciada na complexa scena de loucura. Entra tambem, por deferencia especial, nesses actos Gastão Alves da Cunha.

Representar-se-ha tambem o 2.º acto da «Triste Viuvinha», em que, por gentileza, Amarante fará o papel do «Sargento Darros», tomando igualmente parte Brazão, José Ricardo, a festejada, Irene Gomes e Abilio Alves, findo mais á scena a farça de Inês Pereira, em que tomam parte os artistas da companhia José Ricardo, que com este espectaculo afectua a sua despedida em Lisboa.

Noticiario

— Amanhã, em recita da moda, teremos, em S. Carlos, a «première» do original de Antonio Ferro, intitulado «Mar Alto», cuja audição é aguardada com a maior curiosidade. A peça, ob leve, no Brasil, um exito ruidoso, dando margem a largas discussões.

— A enscenação do «Mar Alto» é do professor Antonio Pinheiro. No programa da recita de amanhã, em S. Carlos, está incluida a «première» do episodio de Jacinto Benavente, «A Historia», que será interpretado por Hortense Luz, Joaquim Almada e Augusto Conde. Apesar das excepcionais atracções desta recita, a empresa Lucilia Simões-Erico Braga não aumentará os preços, que são os mais baratos dos teatros de Lisboa.

— A revista «Caldo Verde», que continua atraindo ao Eden enorme concorrencia e despertando grande entusiasmo, será amanhã ampliada com um numero novo, intitulado «A ultima palavra» e que terá como interpretes Margarida Martins e José David.

Reclames

Para a recita de hoje em S. Carlos, com a despedida da «Magda», estão tomados muitos bilhetes, o que deixa prever uma nova enchente ao elegante teatro. «A Magda» não voltará a repetir-se na actual temporada.

— Como despopilante não ha especifico nenhum que valha uma representação de «A Viuva Gomes», em scena no Nacional.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes».
S. CARLOS—A's 9,15—«Magda».
AVENIDA—A's 9 — «A Dama das Camelias».
APOLO— A's 9,15—«Os Fidalgos da Casa Mourisca».
POLITEAMA—«Ordem de Marcha».
EDEN—A's 8,45 e 10,45 —«Caldo Verde».
GIL VICENTE—A's 9—«Florys».

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Os alemães estão filmando em L'sboa

Conversando com o "metteur-en-scene" Rigard Mae

Seguramente muitos dos nossos leitores terão visto passar por ai, em automoveis, varios individuos e damas de grande beleza, tipos estrangeiros, maquilhados e acompanhados de uma Debrie. Esses individuos e essas damas, que são ao todo oito, pertencem ao elenco da casa Ufa de Berlim, e trazem a dirigi-los o celebre «metteur-en-scéne» Rijard Mae, irmão da «stár» alemã do mesmo apelido.

Conseguimos abordá-los esta manhã, frente do lado do Campo Grande e eis as informações que conseguimos notar:

— Viemos a Lisboa filmar algumas scenas de duas peliculas diferentes, nas quaes existem passagens em Portugal. Uma delas, é um drama em episodios «O amor a outra é um drama artistico intitulado «A revolução». O argumento da primeira é escrito por Leo Marling, autor da «Misterio do Circo»; o segundo por Fredd Hardtein, que conhece muito bem o vosso paiz.

«Ha quinze dias, que começamos os exteriores na Alemanha — e dentro da actual semana, terminaremos os exteriores em Portugal. Filmamos já em Cintra, Algés, Cascaes e Campo Grande. Em Lisboa, propriamente dito, filmamos o elevador de Santa Justa, onde «fabricamos» as seis horas da manhã, um incendio; a estação do Rocio, a Casa dos Bicos, Alfama, Os Jeronimos e Jardim da Estrela. Falta-nos filmar ainda no Porto a ponte de D. Luiz e dois ou trez palacios bem caracteristicamente portugueses.

«Necessitavamos fazer uma scena com figuração — uns quinhentos ou seiscentos comparsas — mas encontramos tantas dificuldades que desistimos — e vamos fazê-la na Alemanha.

«Os interiores do «Anão» devem levar vinte d'as; os da «Revolução» um mez.

«Os artistas que nos acompanham são os seguintes: Karl Matzer; Enric Alberg; Reo June; Lasever; Elsa Tuli; Natalia Eddwig; e a mulher soberba e protagonista do «Anão» — Helen Garber.

Francesco Bertini muito doente

Francesca Bertini, a rainha do cinema italiano, depois de uma instancia de algumas semanas em Berlim, esteve de passagem em Paris, onde adoeceu com alguma gravidade. Segundo as ultimas noticias, os medicos conseguiram debelar o perigo. Em todo o caso, Bertini continua guardando o leito, no Hotel Claridge, Avenida dos Campos Eliseos.

«Os Lobos» na Espana e na Italia

Foram vendidos para estes dois paizes, o film portuguez, da Iberia-Film «Os Lobos», devendo estrear-se simultaneamente, em Barcelona e Roma, logo no começo da época de inverno.

Eve Francis, recebido pela camara municipal de Sevilha

Eve Francis, tem, na cinematografia francesa uma missão: fazer papeis de espanhola.

O seu temperamento, adapta-se especialmente a este tipo de mulher. E' natural portanto que gose de grande popularidade em Espanha — e sobretudo na Andaluzia onde ela passa dois terços do ano a filmar.

O «Ayuntamento» de Sevilha resolveu recebe-la quinta-feira passada e dedicar-lhe uma sessão solene, em que a intitularam «a espanhola estilisada...»

As camisas dos artistas «cow-boys»

Um jornalista americano teve o capricho de fazer um inquerito sobre a quantidade de camisas e preferencias dos artistas especialisados nos papeis de «cow-boys».

Tom Mix, por exemplo — informa o citado jornalista — tem no seu guarda roupa setenta e tantas camisas e quasi todas em quadrados; Hort Jibson, cinquenta e todas elas de tons escuros; Polo setenta e nove e salpicadas do negro. Mas maior de todas é a coleção de William Hart:

— Tenho mais de quatrocentas — afirma o simpatico «stár». Ha quinze anos que faço cinema; ha doze que me especialisei nos papeis de «cow-boys». E embora use a media de a dar a outro. Guardo-as todas, na camisa o menos tempo possivel — sou incapaz de a deitar fóra ou

Balancete cinematografico

Durante um ano, ou seja, de março de 1922 a março de 1923, e não contando com os *films* panoramicos e documentarios, a produção mundial do cinema foi segundo conta o «Invicta Cine», de 840 peliculas num total de 4.332 actos, assim divididos: Estados Unidos 200, Alemanha 140, França 100, Italia 90, Inglaterra 40, Suecia 20, Dinamarca 70, Espanha 30, Austria 20, Noruega 10, Belgica 20, Holanda 5, Suissa 5, Romenia 5, Tcheco-Slovaquia 3, Russia 4, Polonia 4, Portugal 6, Argentina 4, Brazil 4, Uruguay 4, Chile 4, Mexico 1, Cuba 8, Africa do Sul 2, China 12 e Japão 34. A divisão por actos é a seguinte: Estados Unidos 1200, Alemanha 800, França 500, Italia 200, Inglaterra 120, Suecia 85, Dinamarca 400, Espanha 150, Austria 80, Noruega 55, Belgica 100, Holanda 25, Suissa 30, Romenia 25, Tcheco-Slovaquia 12, Russia 30, Polonia 20, Portugal 40, Argentina 20, Brazil 20, Uruguay 18, Chile 30, Mexico 40, Cuba 32, Africa do Sul 6, China 60 e Japão 150; Dos 840 films editados durante esse ano, 100 eram comedias burlescas, 50 comedias; 240 altas comedias, 200 dramas; 100 policiaes; 40 séries e 100 historicos.

Paiz misterioso

«Paris Misterioso» é o titulo do cine-romance de arte em 10 episodios e 22 partes, que hoje se estreia no Salão Foz e Chiado Terrasse.

LIGA PRÓ-MORAL

A festa da flôr

A Liga Pró-Moral, que dia a dia está recebendo novas adesões, vendo aumentar o numero dos seus socios, resolveu realisar a festa da flôr, nos quatro domingos do mez de agosto, em diversas coletividades.

Para esse fim, nomeou uma grande comissão, a qual delegou numa comissão administrativa, que ficou composta de Fernandes Alves, presidente, D. Elvira Santos e D. Maria da Gloria Laconfrant, secretarias, Ricardo Domingos, tesoureiro, e D. Alzira Moreira, D. Clara Vieira de Ornelas, Antonio Pimenta e Luiz Madrugo, vogaes. Essa comissão, que se tem dirigido a varias colectividades, pedindo-lhes o concurso, reune por estes dias para elaborar o programa, que será apresentado no dia 15 á grande comissão.

As festas constarão de conferencias, saraus dramaticos e musicaes, tombolas, etc., sendo a entrada mediante qualquer retribuição, dispondo já a comissão dos oferecimentos do Teatro Gil Vicente, da Sociedade Alunos de Hermonia (Santo Amaro), da banda do Comando Geral de Artilheria, da Academia Recreativa Leões Amigos e esperando-se ainda outras valiosas adesões.

Reuniões

REUNEM HOJE:

Empregados de Bancos e Cambios, 9 n. Ateneu Comercial de Lisboa, 9 n. (Consórcio). Companhia do Boror, 2 t.

Inquilinato comercial

Ao comercio e ao publico

A firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, vê-se forçada a vir novamente e em legitima defesa desmentir, por meio da imprensa, as atoardas, que contra ela, e com fins absolutamente inconfessaveis, fazem propalar neste momento os apaniguados da Companhia de Seguros União dos Proprietarios.

E para tal fim, declara:

a) que é absolutamente falso que o Supremo Tribunal de Justiça já se tenha pronunciado no 2.º recurso de revista interposto do acordão da Relação que decretou o despejo da sua casa comercial. Esse recurso está seguindo os seus regulares termos e provavelmente só será julgado depois das proximas férias judiciais, pois só então terão posto o seu visto no processo todos os ex.mos juizes daquele Tribunal, que hão de julgar o recurso em Tribunal Pleno;

b) que, assim, é absolutamente falso que, como dizem por parte da União dos Proprietarios, a questão já esteja definitivamente julgada a favor dela e contra nós no Supremo Tribunal de Justiça;

c) que essas falsidades tem sido propositadamente propaladas para iludindo a boa fé do publico, forjar até mesmo favoravel á execução de um plano da mais violenta extorsão dos nossos legitimos direitos e interesses que a poderosa Companhia de Seguros União dos Proprietarios se propõe neste momento efectivar;

d) que, de facto, essa Companhia, consciente da sua falta de razão e de justiça, pretende, á viva força, executar o despejo da nossa casa comercial, «antes» que o Supremo Tribunal tenha tempo de julgar o recurso de revista», mostrando, assim, que justamente receia que o resultado desse julgamento lhe seja desfavoravel;

e) que, como o despejo em tais condições inutilizaria quasi por completo, a futura decisão do Supremo Tribunal de Justiça, porque, ainda que esta, como confiadamente esperamos, viesse a ser a nossa favor, a efectivação anterior do despejo nos causaria damnos absolutamente irreparaveis, o nosso advogado, em legitima defesa nossa, tem-se oposto e continuará opondo-se ás ilegitimas pretensões da opulenta Companhia, pelos meios legais ao seu alcance;

f) que os grandes possuidores das acções da Companhia de Seguros União dos Proprietarios querem efectivar o despejo, de por onde der, amea çando até com a violencia e apregoando o auxilio que dizem lhes prestará a Guarda Republicana, na ansia de obterem uma alta na cotação das acções da Companhia e especularem com o caso, metendo nas insaciaveis bolsos umas dezenas de milhares de escudos, embora á custa do sacrificio e do aniquilamento da nossa casa comercial;

g) que, porém, enquanto o Supremo Tribunal de Justiça se não pronunciar, o nosso advogado não deixará de persistir no uso dos meios legais ao seu alcance para evitar a consumação do despejo, que tudo aconselhava nunca dever ser seguer tentado enquanto o Supremo Tribunal de Justiça não dissesse sobre o caso a sua ultima palavra.

O comercio e o publico em geral que ajuizem, pois, dos intuitos com que a nossa firma é demandada e dos propositos de violencia que contra ela se apregoam.

Lisboa, 9 de Julho de 1923. — *Eduardo Martins & C.ª, Limitada.*

SHELL

Gazolina
Petroleo
Oleos

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.a L.td

Rua do Crucifixo, 49
LISBOA

NA RUA
imensa escuridão!

LUZ A JORROS

NAS VOSSAS CASAS
recorrendo á

ILUMINADORA
DA
ESTEFANIA
DE
Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico
Rua Pascoal de Melo, 77
Telefone N. 2168

Cimento "HERMES"
(Portland artificial)

PORTLAND CEMENT HERMES

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: ESTEVES, L.DA

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º
Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º
Telef. N. 1178

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA: — Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, durezas, picaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA: — Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA: — E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias
Mario Brandão, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

GRAND PRIX
O Maior Premio da Exposição Londres 1904
CONTRA DEBILIDADE
VINHO NUTRITIVO DE CARNE
O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE
ATTESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS
A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS
Premiado com medalhas de ouro, Lisboa 1888, Paris 1889, Belem 1893, Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, Mostruario Industrial Portuguez 1915.
Pedro Franco & C.a L.da
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sêc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47 LISBOA Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto de Pinho

A. J. d'Almeida & C.a

TELEFONE C 486 — CAMBISTAS — END. TELEG. ALMINGUES

172, Rua do Comercio, 176
LISBOA

Compra e venda de moedas e notas estrangeiras. Papeis de crédito, coupons e ordens de Bolsa.
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

NAZARÉ
Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto todo o ano

---

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.
Bento, Silva, Pinto, L.da

Vinhos espumoso de Lamego
(Caves da Rapozeira)
Reservas de finissimas qualidade
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Representante em Lisboa: ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

AGUAS DE MELGAÇO
R. de S. Julião, 67. Telef. C. 1996
Distribuição ao domicilio

CURIA
Estancia dos artriticos

Instalações modernas, formoso parque, grande lago, grandes melhoramentos

Epoca termal
de 1 de junho a 31 de outubro
Concertos de musica nos salões do casino
de 15 de junho a 30 de Setembro

COLLARES BURJACAS

RELOGIOS DE PAREDE

ACABAM de chegar da marca Soleil e Radium. Despertadores de fantasia de Bebys. Fournituras e ferramentas para relojoeiros, ourives e gravadores.

Grande sortido
COTRINS & AFONSO, LTD.

TINTURARIA DO POVO
DE
José Dias
Rua de Sant'Ana, á Lapa
121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.
Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.
Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Mobilias

Compra-se casas completas e desirmanadas.

Bento, Silva, Pinto, L.da
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo
que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:
«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:
RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2641)

PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c. — (Telef. C. 5113)

MELGAÇO
Hotel Quinta do Pezo

Sucata

Compra-se pelos melhores preços e fabricas completas.
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.
Bento, Silva, Pinto, L.da

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
operações insensiveis por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo 127

Mobilias e Estofos
BIZARRO DA SILVA, L.DA

82, R. Augusta, 84 — 21, R. dos Correeiros, 23
Telefone Central 2533

Mobilias de todos os estilos, bom acabamento, preços modicos. — Pessoal habilitado para montagem de casas, escritorios e clubs. — Serviço de embalagem para a provincia e Africa. — Oleados, tapetes, carpetes, brises-brises.

A INICIADORA
101 R. do Alecrim 103
LISBOA

Estabelecimento de electricidade e especialidade em banheiras

Este estabelecimento executa todos os trabalhos de luz electrica, Para-Raios, Campainhas e encanamentos de agua e gaz.

Tem colossal existencia de lampadas electricas, pilhas para lanternas de algibeira; lindos candieiros e plafoniers.

Grande exposição das varias mercadorias

Chamada pelo TELEFONE 3820 Central
MARCELINO PAULO BRITO

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA — GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO — PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: E. PLANTIER & C.ia *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* Telefone N. 320

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4428-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Terça-feira 10 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

LONDRES, 10. — Na venda de quadros realisada em Christi· vendeu-se um retrato de F... Hals por 19.950 libras (este quadro tinha sido vendido em 1885 por 367 li-...ras ...0 s.) O retrato dum velho de Rembrant foi vendido tambem por 12.075 libras. —(R.)

Os funerais de Junqueiro

Foi ontem votada na Camara dos Deputados a proposta do Governo para serem feitos pela Nação os funerais de Guerra Junqueiro que será conduzido aos Jeronimos, onde é o seu logar desde que ali se encontra tambem Camões. O Senado, á hora a que escrevemos, deve estar dando egualmente a sua aprovação á iniciativa do Governo da Republica, e portanto hoje mesmo ficará essa iniciativa convertida em lei.

Nunca duvidámos de que se seguiria esse caminho, e folgamos em constatar que monarquicos e catolicos lhe deram a sua sanção oficial. Em vista da atitude dos parlamentares monarquicos e catolicos pouco importa que cá fora creaturas e orgãos que se dizem monarquicos e catolicos procurem depreciar a resolução governamental, chegando-se mesmo ao arrojo de negar ao Estado o direito de homenagear o grande poeta da *Patria* e de o conduzir para junto dos grandes portuguezes que teem sido glorificados com a consagraaão nacional, aproveitando-se para isso o templo historico dos Jeronimos.

Guerra Junqueiro tem tanto direito de ali estar como os maiores que lá estão, e admira que não se faça reparos a estarem os Jeronimos convertidos em Panteon para o sr. Sidonio Paes, e levantarem-se reparos para Junqueiro, que nunca fez derramar uma gota de sangue portuguez.

Em todo o caso, repetimos, a atitude de monarquicos e catolicos foi digna. Aprazemos reconhecel-o, e é ela que marca em relação ás responsabilidades que lhes impõem os seus credos politicos ou religiosos.

Temos, neste momento, o direito de exclamar que o poeta da *Patria* vai ser alvo duma apoteose nacional, vai ser conduzido á imortalidade, com o voto unanime dos portugueses, quaisquer que sejam as suas crenças e as suas convicções.

Com efeito, ao mesmo tempo que monarquicos e catolicos votavam a glorificação de Junqueiro, sem que disso os impedisse a sua obra republicana e revolucionaria, o Grão Mestre da Maçonaria Portuguesa, o sr. dr. Magalhães Lima, em nome do Gremio Lusitano, enviava á familia de Junqueiro o seu preito, destacando toda a grandesa do vate imortal, sem que disso o impedisse o facto de Junqueiro nutrir crenças espirituais e haver deteminado que fosse religioso o seu enterro.

E' assim que procedem as entidades conscientes e de boa fé. E são elas que representam o paiz, que chora o passamento do extraordinario poeta, que há tanto tempo interpretava todas as suas alegrias, todos os seus sofrimentos e todas as suas aspirações.

Os funerais de Junqueiro vão, pois constituir uma apoteose, e é isso que se torna absolutamente necessario para que possamos continuar a considerarnos uma nação civilisada porque não é uma nação verdadeiramente civilisada a que não honra e enaltece os seus homens de genio.

Uma nota altamente simpatica está já emocionando a opinião publica. E' a atitude dos estudantes que não teem abandonado um só instante o feretro do cantor da mocidade portuguesa. Nenhuma fadiga os vence. Dir-se-hia que entre a gloria adormecida no sono eterno e o futuro que nessas generosas almas de rapazes está desabrochando, se estabeleceu um contacto intimo, secreto e emocionante, em que o sorriso de Junqueiro mais suave se torna e a alma da juventude mais entusiasmos concentra.

No cortejo que levará aos Jeronimos os restos mortais de Junqueiro alinhar-se-ha essa mocidade, em cujo peito todos os sentimentos nobres teem generoso acolhimento. E não será só a academia de Lisboa; serão tambem as academias de Coimbra e Porto que em comboio especial virão até Lisboa para acompanhar Junqueiro aos Jeronimos como acompanharam João de Deus, depois de o terem glorificado em vida.

Bemdita mocidade! Nela se encerravam as esperanças mais vivas e profundas do nosso grande Poeta! Ainda bem que não faltam ao cumprimento do seu dever, ainda bem que os sabem honrar, provando que ha aqui uma Patria, cuja continuidade estará perennemente assegurada!

DOIS REBENTOS...

Juventudes comunistas sindicalistas

— O que — fazem umas | — O que — fazem outras

Quem praticou os atentados pessoais

Os atentados da Boa-Hora

e a guerra de morte ao dr. Ferreira de Sousa

Os ultimos atentados dinamitistas vieram pôr outra vez em foco as organizações que, em Portugal, são escolas desses metodos de guerra e de destruições.

Sabe-se que ha em Portugal dois organismos que infiltram, e sabem conservar, nos seus adeptos, a disposição necessaria para a pratica de semelhantes proezas. São as juventudes sindicalistas e as juventudes comunistas. Este ultimo organismo, de que é chefe o individuo a quem puzeram, talvez deitando contas ao futuro, o «sobriquet» de Bela-Kun, é o mais aguerrido e aquele que adoptou como processo de lucta o atentado pessoal. E' ás juventudes comunistas que pertence o «Avante».

* * *

Pois nem o «Avante» se livrou de umas punhaladas!

Foi o caso que o «Avante», na ultima gréve da construção civil, mercê de entendimentos com a policia ou quaisquer outros elementos governamentais forneceu aos grévistas bombas falsificadas. A «estrangeirinha» foi descoberta e o «Avante» ficou debaixo de olho — e ao serviço da policia. Começou, porém, a notar-se que os processos de atentados bombistas não andavam. Não foi dificil descobrir o dedo do «Avante» obstruindo-lhes o caminho — e o sr. governador civil dispensou-lhe os serviços. Entretanto, uma noite, o «Avante» era apunhalado no Cais do Sodré por uns desconhecidos — dois jovens desconhecidos — que passavam numa «side-car»...

As coisas compuzeram-se. E o «Avante» é nas juventudes comunistas um dos elementos de mais preponderante destaque.

* * *

A função das juventudes sindicalistas é outra, competindo-lhe ser o elemento mais activo e estrondoso das gréves.

Quando elas estacionam ameaçando estagnar numa insolubilidade—zás, entra em campo a juventude sindicalista fazendo estoirar umas duzias de bombas. E a gréve soluciona-se á medida dos desejos dos grévistas. A juventude sindicalista é uma especie de infiel... fiel da balança, pois que a faz pender sempre para a sua banda.

Não é dificil a ninguem constatar porém, consegue resistir — desespe-

OPINIÕES

JOÃO DE CASTRO responde a JOSÉ DE MACEDO

O que é o fascismo português segundo a sua cabeça visivel

«Sr. director — O jornal que v. tão dignamente dirige publicava no seu numero de sabado, 7 de julho, algumas afirmações sobre o nacionalismo que me merecem reparo.

Porque nesse artigo se faz referencia ao meu nome e com afirmações que não posso admitir, venho pedir a v. como um dever de laldade a publicação destas linhas de explicação.

De resto, tendo o seu jornal mantido sempre uma feição largamente nacional, de certo lhe não repugnará ouvir as reflexões que lhe vêm da direita como ouviu as que da esquerda lhe vinham.

Dividamos o artigo do seu jornal em duas partes: as afirmações do jornal e as reflexões do entrevistado.

Respondendo ás primeiras devo dizer a v. que ha na realidade um nacionalismo fascista já organizado em Portugal. Mas porque ele não é um partido nem necessita de votos de ninguem não é por comicios nem jornaes que ele tem trabalhado. Tem-se organisado e organizado fortemente. Posso afiançar a v. que o nacionalismo fascista é já hoje uma grande força.

Já v. vê que é um erro ou uma honraria para mim, e que eu não mereço, dar-me por chefe de taes forças e reduzi-las a meia duzia de amigos e dedicados meus. O nacionalismo tem o seu Conselho Supremo a que eu obedeço como simples soldado. Sou um soldado valioso! Disso me alegro e v. não m'o levará a mal.

O que nós queremos (afirmado solenemente por juramento) está na formula que junto para elucidação dos seus leitores.

Segue-se a longa formula de adesão ao nacionalismo que nos abstemos de publicar, por ser excessivamente longa.

Depois dela, o sr. João de Castro prossegue:

Por ela verá v. que de modo nenhum o nacionalismo póde servir de cobertura a inimigos do regimen vigente.

Tudo quanto seja afirmar o contrario é uma tatica politica torpe e infame que só tem por descupla a estupidez ou a baixeza de quem a emprega.

Razões para o reaparecimento deste nacionalismo tem-nas v. na reacção da alma nacional contra a anarquia politica e a anarquia social em que nos afundamos.

Reconstruir a nação e manter a ordem social ameaçada é o nosso fim. Haverá algum portugues de boa fé que seja capaz de dizer que não ha motivo para isso?

Quanto ás afirmações do professor José de Macedo (para mim intelectualmente um desconhecido, mas que pela companhia vejo pertencer á categoria dos primarios do jacobinismo) nem seria necessario rebatel-as. Porque s. ex.ª sabe tão bem como eu que não é por indiferença que o Directorio do Partido Republicano Radical se abstem de colaborar no ridiculo comicio já adiado. S. ex.ª sabe tão bem como eu a rasão. E' porque no seio desse partido, que teve num momento uma aspiração generosa na politica portuguesa, ha muito boa gente — a melhor, diria eu — que vê com bons olhos a acção do nacionalismo fascista e não está longe de a ele aderir. O professor José de Macedo bem o sabe.

Como sabe tambem que o fenomeno nacionalista é geral nos povos latinos porque as causas do seu aparecimento são iguais aqui como na Italia, na Espanha como na França.

Mas o professor José de Macedo é infeliz porque os comunistas portugueses encarregam-se de demonstrar que a ordem que ele vê e afirma haver em Portugal é uma ordem... radical e primaria! Conflictos com os elementos de ordem? Para quê, se os comunistas matam quando o como julgarem. Só se o professor José de Macedo não considera elemento de ordem a figura dignissima e heroica do juiz dr. Ferreira de Sousa.

E quanto ao desaparecimento do fascismo na Italia talvez os factos tambem não lhe queiram dar razão.

Porque o professor José de Macedo se não fosse um primario, veria que a marcha é fatal ou para uma ditadura social ou para uma ditadura nacionalista. E acharia então justo que nós esquecessemos as diferenças de doutrina dos que luctam pela ditadura nacionalista e até acolhessemos como tentaes aoclho — e acolheremos — os radicaes, que para nós tem vindo.

Mas não será isso que incomoda o sr. José de Macedo que preferia um partido igual a todos os partidos destinado a fazer vingar mais outra qualquer comilice?

Perdôe-me v. sr. directo o espaço que lhe roubo ao seu jornal e as palavras que entendi dever empregar. A muita consideração que temos pelo seu nome e pelo seu jornal faz-nos esperar que ele seja um dia um dos bons elementos desta campanha de salvação nacional de que sou um simples soldado.

Creia no meu muito agradecimento simpatia. De v. etc., *João de Castro*.»

lheram para si um mais vasto campo de acção e um processo mais directo, muito mais directo.

Intervem em tudo — e contra todos. Os dois ultimos atentados da Boa Hora são da sua autoria. Os atentados pessoais tambem.

Ha um certo tempo a esta parte, a vida do sr. dr. Ferreira de Sousa preocupa-os extraordinariamente. E' uma perseguição sem treguas, que utiliza todos os meios e parece ter sido indicada pela diabolica imaginação de um chinea.

Apesar de tudo, o sr. dr. Ferreira de Sousa, juiz do Tribunal de Defesa Social, não desiste — não falta — e tem escapado sempre — felizmente! — ás mil ciladas e atentados que não se cansam de promover contra ele. Chamam-lhe, por isso, a «mascotte» do Tribunal.

O que é certo é que a perseguição contra o indefectivel juiz — o adjectivo poucas vezes se terá empregado com tamanha justiça — trazem-no sob uma hiper-excitação que já teria perturbado um animo mais debil. São centenas ou milhares de cartas anonimas, recebidas todos os dias, a todas as horas, e falando sempre da morte para breve, contando as horas, contando os minutos. São telefonemas constantes, são vultos que o seguem de noite... O dr. Ferreira de Sousa, rando os seus inimigos, que são, afinal, inimigos de todos nós. E, fiel aos seus deveres, não falta nunca ao Tribunal!

* * *

Este atentado da semana passada, que o atingiu com certa gravidade, tem todas as caracteristicas de o visar directamente.

O dr. Ferreira de Sousa, contudo, escapou. A sua estrela não o abandonou, dando-nos a esperança de que vela por nós.

Ora, é preciso que todos, ao menos, com a sua dedicação e o seu interesse, criem um ambiente moral que dê força e coragem áquetes que são os expoentes quasi isolados da resistencia a estes crimes constantes. A policia, os Poderes Publicos, aos quais cabe vigiar pela vida dos cidadãos, começam a sentir-se enfraquecer.

E' um dever que a todos assiste, formar o ambiente que lhes dê a certeza de que não estão sós. Se assim não fizermos, o raio de acção das bombas será maior — tão grande que todos estaremos dentro dele!

A MORTE de Guerra Junqueiro

O dia de hoje na Basilica da Estrela

Uma missa — Os turnos

Durante o dia de hoje continuou a romagem piedosa á basilica. Não são aos milhares os visitantes, mas, os que vão ali, entram cheios de unção e levam lagrimas na face. São os devotos do Poeta, os seus admiradores conscientes, que ali, no silencio religioso daquelas abobadas, deixam que os olhos, á vontade, chorem de saudade, como dantes choravam de entusiasmo ao cantarem os seus versos.

E ha scenas tocantes, de uma simplicidade que mais comoveria Junqueiro do que todos os ecos da apoteose. As mulheres, sobretudo, dão uma nota de luto e de paixão naquele scenario grave e triste. Entra gente do povo e gente que se faz conduzir em equipagens. De quando em quando, ouve-se soluçar. Um estudante espanhol, que está de passagem em Lisboa, vai ali, e, chorando, estende a sua capa, ficando largo tempo a velar o cadaver. E' D. Victor Peres.

Uma missa

A's 11 horas realizou-se a missa por alma do Poeta, mandada rezar pela familia.

Assistiram, entre outras pessoas, as sr.as D. Laura Cisneiros da Fonseca, D. Maria Isabel Guerra Junqueiro Mesquita de Carvalho, M.me Boto Machado, D. Mariana Souto Pimentel, D. Margarida Teixeira de Sampaio, D. Maria Cristina W. de Andrade, D. Maria Tereza da Silva, D. Amelia Gisne, M.me Adriano Cavalheiro e filha, e os srs. embaixador do Brasil, dr. Bernardino Machado, dr. Trindade Coelho, Eduardo Schwalbach, dr. Eduardo de Sousa, Avelino de Almeida, general Adriano de Sá, e numerosos oficiais do Exercito e da Armada.

* * *

Velaram, durante a missa, o cadaver do glorioso Poeta as sr.as D. Maria Assunção Coelho, que depois recolheu incomodada, á sacristia; D. Ester Lopes de Mendonça e M.me Abel Hipolito e filha.

* * *

Estiveram na Basilica da Estrela a direcção do Montepio Guerra Junqueiro e direcção da Concentração 24 de Agosto, Pedro Bordalo Pinheiro, Francisco Grilo, Francisco Antonio Correia, etc.

Os turnos desta tarde

Os estudantes organisaram, durante o dia, os seguintes turnos:

Das 6 ás 7, F. Oliveira e Castro, Santos Feno, Firmino Gonçalves;

Das 7 ás 8, Antonio Machado, A. Fachada e Costa Froes;

Das 8 ás 10, H. Leitão, Francisco A. Costa, Froes e F. Mayer Garção;

Das 10 ás 11, Mario de Sousa, Santos Palva e Rodrigo Nunes;

Das 11 ás 12, Antonio de Miranda, Manuel da Costa e José Lucas;

Das 12 ás 13, Rogerio Nunes, Rodrigo de Melo e Reis Quintão;

Das 13 ás 14, Rebelo da Costa, A. Gomes Carvalho, Bastos Guerra, Maria Assunção Coelho (estudante) e D. Placida Osorio (escritora);

Das 14 ás 15, alunos do Instituto Lusitano;

Das 15 ás 16, Gomes da Silva, M. Abrantes, J. Lucas de Miranda e alunos da Casa Pia;

Das 16 ás 17, Antonio Bemfica, Teixeira de Vasconcelos, A. Almeida da Rocha, D. Franklin N. Dias;

Das 17 ás 18, J. Lucas de Miranda, Y. Santana, Pinares E. Rebelo de Castro;

Das 18 ás 19, Valeriano de Figueiredo, Marinho da Conceição E. Brito;

Das 19 ás 20, H. Leitão, Manuel Ros J. Manuel de Castro;

Das 20 ás 21, R. Melo Marcran, Antonio Miranda, Francisco Presas e Santos Palva.

VER MAIS NOTICIAS — EM — ULTIMA HORA

A entrada do sr. Mckenna no Parlamento Inglês

LONDRES, 10.—Estão se tomando as medidas necessarias para propôr a candidatura do sr. Mackenna. Não está ainda resolvido se este será proposto pela provincia ou pelos dois logares vagos da City de Londres.—R.

POVOS IRMÃOS

GENTE DE PORTUGAL apreciada por um ilustre escritor espanhol, o sr. Baquero

Fala-se de Junqueiro e da nossa literatura

O lirismo português e as nossas reformas sociais

Craneo desnudo de investigador das letras, face carosa e cheia de mobilidade, D. Eduardo Gomez Baquero, em breves momentos furtados á recepção que o espera na Legação de Espanha conversa com o nosso redactor no *hall* deserto, silencioso, dum hotel onde já se não come — o Avenida Palace.

A sua fisionomia recorda-nos traços vagos da de Diceria: o dramaturgo poderoso e admiravel do «Daniel».

* * *

—...Y soy periodista, vai-nos dizendo D. Eduardo, explicando-nos que a parte mais intensa e remota da sua vida tem sido feita nos jornais. «Por isso muito folga em conversar sempre que se oferece oportunidade com oficiaes do mesmo oficio.

— E Portugal?...

D. Eduardo não tem as expansões entusiastas do espanhol quando quer ser elogioso. E' expontaneo, sim, muito natural na elocução, mas moderado, concertado no dizer — e responde-nos:

— Conheço Portugal, sou velho amigo de todos vós e velho hospede tambem. A minha fé na vitalidade da raça portuguesa é profunda e fructo duma larga observação.

«Não tenho por habito intrometer-me na politica dum paiz amigo e por isso não critico as revoluções do vosso paiz. E encontro, aliás, nelas uma afirmação de muita vitalidade, da muita energia da grey.

«Ainda a proposito da visita a Madrid, feita pelos aviadores eu, tive ocasião de fazer publicar em «El Sol» um artigo em que expendi ás minhas opiniões acêrca do que lhe estou referindo.

— Em Espanha que sabem de nós, no campo literario?

— Conhecemos sobretudo a florescente literatura portuguesa do século XIX: Ramalho Ortigão, Eça, Oliveira Martins, Camilo, etc., etc.

«Lembro-me que ainda ha pouco em Barcelona uns editores me consultaram sobre quaes novelistas deveriam traduzir. Respondi-lhes que bem perto o tinham: aqui no vosso estupendo Eça de Queiroz.

«E Oliveira Martins?! Traduzi a sua «Historia da Civilisação Iberica». E' dum extraordinario poder de eloquencia. Penso tambem em verter na minha lingua o «Sistema dos Mitos» do mesmo autor. Nesta questão dos mitos religiosos tira a eloquencia a Renan.

Fizemos a pergunta, oportuna e dolorosamente evocadora: Junqueiro, que pensava D. Eduardo e a sua Espanha de Junqueiro.

— O Hugo Portugues chamo-lhe eu. Espanha não o conhece bem, tão bem como nos outros que lhe citei.

«Tinha com ele grandes afinidades espirituaes. Atuo tambem a França. Fui da vanguarda dos aliadofilos do meu país, durante a guerra.

«Em Espanha não temos poeta que se lhe compare no espirito extraordinario e civil da sua poesia. Por isso o comparei a Hugo. Tivemos Quintani, no século XIX.

«O poema «Patria» é particularmente significativo do seu gento hugueseo.

«As falas do «Doido», oh! cousa admiravel! E' a magnifica e legendaria evocação de Portugal historico e remoto! Pois eu encareço e admiro-o como poeta civil.

«Merece tudo, todas as homenagens e ficaria bem num tripico, com Antero e Camões.

A proposito interrogamos D. Eduardo sobre a nossa poesia.

— Julgo a lirica portuguesa muito mais rica do que a espanhola. Neste paiz o genio lirico regista-se por uma efusão maior, inspirada numa doçura infinita, numa saudade vaga. Como que brota da imensidade dos horizontes e do mar, tão vosso amigo, o espirito poetico da raça.

«Todavia o teatro espanhol tem as suas caracteristicas vincadas e remotas que o vosso não possui...

«Para conhecimento dos vossos cancioneiros populares é indispensavel, o do genio Lirico da Peninsula, como para conhecimento da literatura espanhola é indispensavel o da vossa tambem. No teatro: Gil Vicente fez sua escola nos nossos dramaturgos seiscentistas, como Tirso de Molina. Mas fez escola, apenas, por que realmente, creou um teatro portugues.

«E' exuberante de vitalidade, repito, a vossa literatura e tem a vulgarização, um admiravel espirito de continuidade.

«Eu, homem liberal, julgo indispensavel a tradição como base da literatura. Foi tambem assim o vosso Garrett.

«Ai da obra dos novos, se não busca o apoio do passado. Ao que se cria é mister dar uma base, uma origem definida, um ponto de partida sob pena de haver artificialidade, inexpressão.

— Trato a Portugal?

— Por exemplo, além do fim de amisade e de relações intelectuais, o de um outro de caracter social importante:

«Como sabe, o Tratado de Versailles, no seu capitulo 13, traz o estatuto do trabalho internacional que institui nos paises que a ele aderiram o retiro obrigatorio dos operarios. Digamos de passagem que o ano de 1919 foi notavel pela grande série de reformas sociais trazidas pelo Tratado de Paz.

«Ora á sombra desse capitulo 13 foram creadas em Espanha e Italia instituições, como é a vossa do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios, tambem saida pela ratificação desse tratado.

«Dá-se porém, o caso, de que entre vós os operarios e os patrões são quem paga para essa instituição se manter, ao passo que em Espanha e Italia pagam apenas os operarios que o quizerem, e se o não quizerem gozam das mesmas beneficios, os patrões e o Estado para estimulo. E sendo certo que Portugal hospeda tantos trabalhadores espanhoes, como a Espanha tantos portugueses, bom seria chegar-se a um entendimento por que só haveria, beneficios, para a fórma pratica de tratar dos casos mixtos. Preconiso como que a negociação dum convenio, para que á semelhança do que se faz na America Latina por uma questão de fraternidade de raças os espanhoes aqui e os portugueses na minha patria, podendo ainda isto ser extensivo á Italia, sejam assistidos nos nossos Institutos de Retiro Obrigatorio para operarios em reciprocidade.

E com esta exposição Gomez de Baquero acompanha-nos saindo comnosco, cavaqueando.

DO PAIZ VISINHO

Circulam já alguns traways

MADRID, 10.—Dizem de Barcelona que no domingo estiveram em circulação 20 traways e que contam já circular 75, tendo-se desenhado grandes movimentos de perturbação da ordem por parte dos grévistas que foram imediatamente reprimidos, tendo sido presos os seus autores.

Um acidente de automovel

O sub-secretario do interior ficou ligeiramente contuso num acidente de automovel de que foi vitima quando procurava com sua sogra e seus três filhos. Um automovel chocou com a dianteira do carro em que ia o subsecretario—(R.)

Aos escritores

A CIDADE

O novo regimen de limpeza

Os seus perigos morais e sanitarios

Os lamentos de um trapeiro bem falante

As taras hereditarias não perdoaram a actual vereação que resulto, aos olhos do alfacinha pasmado, como digna sucessora da edilidade paivaeponense. Os males agravaram-se e, após o parto dificil de uma eleição agitada, no edificio do largo do Pelourinho surgiu qualquer cousa de estranhamente enfermo que obriga a cidade a tapar o nariz, aflicta pelos miasmas postos em liberdade.

A transformação do regimen de limpesa marca como erro crasso da vida dos actuais vereadores. O lixo acumula-se pelos bêcos e ruas de Lisboa, o comercio tem as arrecadações plenas de imundice e, ao passeante incauto que, após o jantar, vem deambulando até á Baixa, enchem-lhe, os varredores, de poeira os bronchios ávidos de ar puro.

A cidade, sêcca de agua e farta de porcaria, vê agora em maior perigo a sua saude.

A transformação do Rocio e a modificação da bandeira lisboeta ao pé dêste perigo, são nada: «atráz de mim virá...»

Mas surgem agora mais dois novos e bem graves perigos: um, o moral; outro, o da saude publica.

Com a medida camararia, apareceu uma nova industria: mulheres acompanhadas de creanças entram nos estabelecimentos e trepam as escadas a oferecerem-se para despejar os caixotes em sacos enormes que conduzem e que, depois de cheios, levam até ás respectivas casas — e que casas serão, senhores! — onde escolhem e separam da imundice condusida os trapos, os papeis, os ossos e tudo emfim, que póde produzir algum vintem.

Não necessitamos faser ressaltar o quanto este facto traduz de moralmente perigoso pela exploração dos menores e habitos á que os leva; não frisamos por inutil o perigo enorme que póde advir da acumulação de lixo em casas já de si infectas e da consequente e inevitavel libertação de miasmas nos centros populosos e mal defendidos onde quasi sempre as casas dessas miseraveis estão localisadas.

Este estado de cousas não póde continuar. Achamos já suficiente o tempo do novo regimen de limpesa para demonstrar que é bem peior do que o antigo. A actual vereação não se póde manter surda ás reclamações de todos aquelles que veem perigar a saude da cidade. Já é tempo.

* * *

E, como num caso destes, bom é ouvir gregos e troianos, não hesitamos em publicar os lamentos de um pobre trapeiro, especimen interessante dos desconhecidos de Lisboa.

O nome não importa. Não lho perguntámos. E' natural até que ele o não saiba. De ha dois anos para cá — disse-no-lo ele — tem passado a vida a revolver a imundice de ricos e pobres e a, de toda ela, escolher elementos com que viva o se sustente.

Tem sido de tudo um pouco: sacristão, trintanario, cocheiro, carregador, distribuidor de jornais, cauteleiro, empregado dos caminhos de ferro, etc., etc.

Uma vida de lucta e boemia.

— Agora sou trapeiro. Era interessante e dava para viver — uns sete a dez escudos por dia... Agora, nem tres escudos. Chega para comer uma vez.

E, porque assim é, vai deixar a profissão, mas tem pena, causa-lhe desgosto. O misero não quer abandonar a miseria.

«E' que isto tem alguns encantos: ás nossas mãos vêm cair restos de amor despedaçado — cartas apaixonadas feitas em mil bocados.; No outro dia apanhei umas luvas brancas, pequeninas sem botões e rasgadas. Puz-me a pensar que nervosismo irritado de mulher bonita as teria atirado para o lixo — algum vestido mal feito, uma joia perdida ou promessa não cumprida. O senhor não calcula as bonécas e brinquedos que vêm nos caixotes! Tenho dias de apanhar cinco a seis! Acredite que as seguro com ternura: nunca tive um filho, não tenho ninguem... aproveito-as para as dar á petisada lá do sitio. E' uma alegria para eles e para mim.»

Agora vai ser *almeida*. «Eles agora ganham bem: dia e meio, uns dez escudos e tal. Não me ha de custar a aprender o oficio. Se vier para esta zona, até já conheço o macho da carroça: o «Chico». Esta ideia da limpesa de noite é uma porcaria, é um mal para todos. Os empregados varrem peior, nós quasi não vemos para escolher. As donas de casa têm medo que lhes roubem os caixotes e o trapeiro perde com tudo isto. Pior — ás escuras, apanhamos o que não queremos.»

E risonho, endireitando-se sobre o caixote onde mexia: «Isto é como nos versos.

Ha quem procure e não ache
Eu, sem procurar, achei
Ha quem morra e não se enterre
Eu, sem morrer, me enterrei.

* * *

A palestra ia ter fim.

«Olhe, se o senhor é dos jornais, escreva lá que, isto de limpesa á noite, emporcalha tudo e nos prejudica a nós. Eu por mim vou ser *almeida*, mas os outros, os outros passam fome.»

ULTIMA HORA

BOLSA

O mesmo desinteresse pelos papeis. As transacções são em reduzido numero. A desanimação do publico deve contribuir, em parte, para o pouco movimento de operações. As cotações de fecho, são as seguintes:

Externas. 1.ª serie—607, 3.ª serie—680, Portugal—710, Agricola «coupons»—119, Ultramarino—302,50, P. Brasileiro — 189, Tabacos — 1.140, Gas «coupon»—comprador 115,50, vendedor 117, Fosforos—277, Aliança—140,50. Pesca—121, P. Colonial—128, C. Predial—49, Navegação—929.50, Aç. Angola—237,50, Cassengo, 397, Cabindas—7,35, Infa—433, Ambaim—184, Ambaca—341.

O papel da Companhia de Navegação sofreu uma ligeira baixa, em vista, talvez de se anunciar para breve a discussão na Camara dos Deputados sobre a adjudicação da frota dos T. M. E., baseada no novo parecer do sr. Velhinho Correia.

Libra 104$00 e 106$00.

Os atentados bombistas

Pouco ha a dizer sobre o repugnante atentado de ha dias no Largo da Boa-Hora contra os juizes do Tribunal da Boa-Hora e posto em prática por agitadores comunistas. Durante a madrugada efectuaram-se prisões de varios individuos suspeitos de implicados no referido atentado, tendo ao fim da tarde sido restituidos á liberdade alguns deles por se ter apurado não terem a menor responsabilidade no caso.

Da esquadra da Boa Vista foram hoje removidas para o Governo Civil sete bombas encontradas no poço de uma oficina do Boqueirão do Duro.

Ao contrario do que noticia «A Batalha» a policia não passou hoje buscas domiciliarias nem efectuou novas prisões.

Gréves

Declararam-se em greve os descarregadores de mar e terra pelo motivo de terem sido presos, no domingo, dois componentes da classe acusados de, numa sessão solene da Associação dos Marinheiros da Marinha Mercante, terem levantado vivas subversivos.

De tarde, uma comissão de grévistas procurou o sr. governador civil, a quem pediu a liberdade dos seus camaradas, dizendo que a greve é um protesto contra essas prisões.

Nas regiões ocupadas

Precauções tomadas pelos franceses e belgas

BERLIM, 10. — Desde ontem de manhã todos os comboios da região do Ruhr trazem 50 alemães pertencentes ás melhores familias como refens e garantia contra os ataques dinamitistas. — (R.)

Os alemães protestam contra os ocupantes

BERLIM, 10.—Os embaixadores alemães em Londres e Roma receberam ordem do seu governo para protestar contra as intoleraveis dificuldades e graves perigos que advêem do facto dos franco-belgas fecharem a fronteira dos districtos ocupados e que motiva, alem de outros inconvenientes o não permitir que os parlamentares renanos cumpram os seus deveres constitucionais. Alem disso os embaixadores chamaram ainda a atenção dos governos inglez e italiano para as sentenças de morte proferidas pelo Tribunal Militar de Moguncia contra sete alemães.

O governo alemão adotou varias medidas parr evitar aquelas execuções.—(R.)

Uma vitima da cocaina

Acompanhada de um individuo muito conhecido em Lisboa apareceu ha dias no Governo Civil muito embriegado o filho de um dos nossos mais acreditados «ganaderos» e o qual sendo interrogado declarou que o embriegêz provinha de uma porção de cocaina que lhe fôra dado por uma «cocotte» conhecida pela «Elsa», residente na rua da Madalena, 186, 2.º.

Presa a referida mulher foi no dia seguinte expulsa de Lisboa, por ordem do director da policia de investigação e mandada recolher ao Porto, terra da sua naturalidade.

Parlamento

Nos Deputados

Serviços de aeronautica --Precentagens sobre impostos

Iniciado o periodo de antes da ordem do dia o sr. Antonio Maia ocupa-se dos serviços de aeronautic, dizendo que o artigo 3.º da lei 1425 não tem sido observado, porquanto os oficiais aviadores não recebem os subsidios a que esse diploma se refere. Envia para a mesa um projecto de lei sobre o assunto, requerendo para ele urgencia e dispensa do regimento.

O sr. Almeida Ribeiro manifesta-se desfavoravel á imediata discussão do projecto, para o qual se vota apenas a urgencia e regeitando-se a dispensa do regimento.

O sr. Viriato da Fonseca deseja que até ao fim da epoca legislativa se marquem sessões exclusivamente destinadas á discussão dos projectos já votados no Senado. Propõe nesse sentido e o sr. Almeida Ribeiro diz que a mesa tem poderes para isso.

* * *

Como não ha mais ninguem inscrito para antes da ordem, o sr. Nunes Loureiro requer, aprovando-se, que se examinem as emendas do Senado ao projecto que estabelece as percentagens adicionais concelhias sobre os impostos.

Votam-se essas alterações, muito embora os srs. Morais de Carvalho e Dinis da Fonsêca protestem contra algumas delas.

No Senado

Um guarda que prendeu um senador

O sr. Aragão e Brito chamou a atenção do sr. presidente do Ministerio para um facto ocorrido com a policia da esquadra da Praça da Alegria onde, arbitrariamente esteve preso durante algumas horas pelo motivo do seu guarda captor não respeitar, conforme declarara as suas imunidades de senador. Esse guarda, ao ele querer lhe apresentar o seu cartão de identidade, bateu no peito, com energia, exclamou: «A Constituição sou eu!...»

O sr. presidente do Ministerio prometeu mandar imediatamente castigar esse guarda, provado como está que ele não serve á corporação, tal é o seu procedimento extemporaneo para com um membro do poder legislativo.

Vozes de todos os lados da Camara: Apoiado! Apoiado!

Um pedido

Ha oito dias, pelo menos, que o largo de Camões não vê a agulheta camararia, Pelo menos não temos dado fé disso.

De forma que o pó entra nos, ás lufadas, pelas janelas, numa invasão contra a qual não ha prosa que valha, bem o sabemos, se a Camara Municipal não se resolver a mandar-nos o auxilio duma pouca de agua.

Aqui deixamos o pedido, que não vai mais extenso—porque o pó não nos deixa respirar!

Politica francesa

Os radicais nas eleições de ontem, obteem um sucesso

PARIS, 10. — Foi eleito senador pela Corsega contra o vice-presidente da Camara Francesa sr. Lambry o proprietario do «Figaro» sr. Coty autor dos artigos assinados tres estrelas que durante muito tempo foram atribuidos ao sr. Poincaré.

Os radicais tiveram um grande sucesso nas eleições ontem realizadas em Seine e Oise. Estas eleições parciais representaram uma grande derrota para os comunistas.—R.

OS MORTOS

D. Carolina Soares da Silva

Faleceu ontem na rua Andrade Corvo, 19-4.º, pelas 19 horas e meia, com 84 anos, a sr.ª D. Carolina Soares da Silva, mãe dos srs. Henrique Izidro, proprietario, e Raul Izidro, empregado na Exploração do Porto de Lisboa. O funeral realisa-se hoje, ás 16 horas.

Escola de aviação

O governo pensa na organisação de uma escola de aviação maritima, tendo mandado proceder já aos respectivos estudos.

Teatro Maria Victoria

Não se realisa hoje a inauguração deste teatro por doença de actriz Evora.

A MORTE de Guerra Junqueiro

Foi grande o numero de pessoas que hoje visitaram a Estrela

Durante o dia de hoje foi grande o numero de pessoas que foram á Basilica prestar homenagem ao grande Poeta.

* * *

Os estudantes continuam incançaveis de abnegação. Foram ainda eles quem hoje constituiu o maior numero de turnos.

São ainda eles que asseguram novos turnos para esta noite e amanhã.

* * *

Reuniu ontem extraordinariamente a direcção do Centro Republicano Doutor Sidonio Pais, deliberando lançar na acta um voto de profundo pesar pela perda irreparavel da maior gloria nacional, o grande Poeta Guerra Junqueiro, cujo passamento enche de sincero luto a Patria inteira.

Desta acta foi enviada uma cópia á familia Guerra Junqueiro.

* * *

A direcção da Associação Academica da Faculdade de Direito de Lisboa, apóz varias «démarches» feitas junto dos srs. presidente do Ministerio e ministro da Instrução conseguiram a cedencia de duas carruagem a fim de transportarem a Lisboa as deputações das academias do Porto e Coimbra, que virão incorporar-se nos funeraes do glorioso Poeta.

O "Tuscania"

Os excursionistas que visitaram hoje Lisboa

Chegou hoje ao Tejo o vapor «Toscaia», pertencente á Companhia Anchor Line, que partiu de New York em 30 de junho, para um cruzeiro no Mediterraneo.

O «Tuscania» é um dos vapores de maior tonelagem da Companhia, trazendo a bordo 550 excursionistas, que visitarão, além do nosso pais e da ilha da Madeira, outros paises da Europa.

Os passageiros do «Tuscania» logo que este ancorou, desembarcaram, tomando grande numero de trens e automoveis e indo visitar alguns dos nossos museus.

A's 13 horas realisou-se no Maxim's um almoço a que assistiu a maioria dos excursionistas.

Em seguida ao almoço tomaram de novo os veiculos, visitando Cintra, Cascaes e os Estoris.

* * *

O «Tuscania» deve levantar ferro amanhã, devendo chegar a New York em 10 de setembro, depois de ter visitado varios portos da Europa.

O atentado de sabado passado

Um protesto

A direcção da Associação dos Estudantes de Direito, representada pelos srs. Pardal Junior e Campos Coelho, foi hoje cumprimentar os srs. drs. Barbosa Viana e Ferreira de Sousa, apresentando-lhes os seus protestos contra o atentado de que foram victimas.

Federação Academica de Lisboa

Congresso Ibero-Americano de Estudantes

Na reunião da assembleia geral, que amanhã se realisa ás 21 horas, na Faculdade de Sciencias, o sr. Victor Perez Santistebau, presidente da Federação Universitaria Hispano-Americana, fará uma interessante comunicação sobre o Congresso Ibero-Americano de Estudantes, que a Federação a que preside está organisando e que deve ter logar em Madrid, em abril do proximo ano.

A sessão como de costume é publica.

A tarde politica

Afirmava um jornal da manhã de hoje que lavra certa desinteligencia entre os membros do Directorio do Partido Nacionalista.

O sr. dr. Ginestal Machado, presidente daquele alto corpo directivo, declarou-nos que a noticia carece absolutamente de fundamento. Entre todos os membros do Directorio ha completa unidade de vistas sobre todas as questes partidarias.

Aproveitando o ensejo, o sr. Ginestal Machado pediu-nos a rectificação de uma noticia incerta noutro jornal que lhe atribue pressão entre os seus amigos politicos para a eleição de determinadas individualidades para a presidencia da Republica.

O sr. Ginestal Machado, afirmando a sua alta consideração por todos os candidatos, aceitará incondicionalmente o nome que o seu partido escolher, sem sequer vagamente insinuar quem quer que seja.

* * *

A este respeito disem-nos que os nacionalistas se dividem por tres nomes: — drs. Bernardino Machado, Antonio Luiz Gomes e Teixeira Gomes.

Entre os democraticos discutir-se-hão apenas dois: Bernardino Machado e Teixeira Gomes, tendo este maior numero de partidarios.

Assim, a meia duzia de dias da eleição, ainda não é facil prever quem merecerá os sufragios para tão honrosas funções.

* * *

Está bem que os politicos não profanem mais as homenagens a Guerra Junqueiro depois do que ontem se passou na sessão parlamentar.

Mas por Deus, ha deveres que nenhuma razão diminue. Na Basilica da Estrela ainda se não fez um turno de parlamentares, um turno de ministros, um turno das figuras maiores da Republica a que Guerra Junqueiro prestou assinalados serviços.

* * *

A Associação Central da Agricultura Portuguesa enviou hoje ao Parlamento uma larga representação sobre o regimen cerealifero. Nesse documento diz-se inicialmente: «O que em Portugal se tem praticado desde 1914 em matéria de fomento cerealifer constitue o atropelo economico mais frisante que a historia regista.»

A representação é essencialmente contra a importação livre dos cereaes, determinante da fome, da paralisação dos campos e portanto, da grande ruina economica do paiz, segundo aquele documento.

* * *

Em ordem do dia continua o debate politico. Arrefeceu a questão tendo perdido o ruidoso interesse que provocou durante duas sessões.

Se o sr. dr. José Domingues dos Santos não estivesse fazendo uma forte oposição aos seus proprios correligionarios do Governo, estámos a parecer que o sr. Antonio Maria da Silva conseguiria fossilisar-se no poder, através da brava atitude dos nacionalistas e talvez por isso mesmo.

* * *

O sr. Borges Grainha, «intendente-mór do reino» por mercê das ordenações do Paço e com jurisdição nos compromissos mesteirais da Ribeira das Naus, não podendo dar-nos morte natural por fitos e revecantes, desunha-se em pulverisações epistolares na imprensa para nos provar que a sua nomeação, a que correspondeu as funções de inquisidor, é absolutamente juridica.

Não tendo outros titulos, além de menino do côro das extintas congregações religiosas, nem sequer tendo exercido o logar de juiz ordinario da sua terra, o sr. Borges Grainha não podia ter sido nomeado para um cargo que a lei manda cometer a magistrados, com a obediencia e a cooperação das autoridades do Estado.

A nomeação do sr. Borges Grainha para ditador da consciencia religiosa do pais, dêem-lhe as voltas que derem, é simplesmente uma coisa monstruosa.

Mas ha mais e melhor.

Quando ha tempos a imprensa, alarmada com a multiplicação das missões estrangeiras que desnacionalisavam as nossas colonias, chamava para o caso a atenção do Governo, o sr. Borges Grainha contrariava essa campanha patriotica percorrendo os Ministerios acompanhado de missionarios protestantes ingleses para obter para eles uma situação de excepção.

O livre pensador Grainha defendia os protestantes estrangeiros a par e passo que guerreava as missões nacionaes catolicas.

Peixe barato, graças á habilidade do Comissario das Subsistencias, que é um alho

Como é sabido, as continuas exigencias dos pescadores de arrasto aconselhadas por um tal Mendes, que os conduz como carneiros, enchendo-se á custa deles e de 1,4 por cento que os armadores davam para uma falsa obra de beneficencia, levaram as emprezas de pesca a suspenderem a laboração. Todas concordaram nesta medida, mas três empresas, olhando á ganhuça, roeram a corda, faltando vergonhosamente ao «lock-out».

Por esta vilania e com aplauso do sr. comissario das Subsistencias, o vapor «Cabo Branco» vendeu peixe na lota a 4$00 o quilo e o «Estrela d'Alva» a 3$70.

Nunca se vendeu peixe por este preço, mas o sr. comissario das Subsistencias, não pondo em execução as leis, isto é, o Codigo Comercial, o Codigo Penal e Disciplinar da Marinha Mercante e o decreto de 17 de Setembro de 1915, e aceitando e protegendo os três vapores para venderem o peixe pelo preço que fica exposto, impede que os restantes vapores sejam tripulados, e a gréve do pessoal assim favorecida mantem-se. E' esta uma medida que só aproveita aos dois vapores e aos grevistas. O publico paga o peixe na rua a 15$00 o quilo, e o sr. comissario das Subsistencias anda muito satisfeito, não cuidando, como lhe compete resolver pela lei e pela energia o assunto.

A CRIAÇÃO de novas comarcas

Uma carta a proposito duma entrevista

Do estudante de direito sr. Virgilio Conceição e Silva recebemos o seguinte:

Sr. director. — Assinante do jornal que V. tão superiormente dirige, li no numero do dia 5 uma entrevista concedida pelo sr. Adolfo Coutinho a um dos seus redactores, em que se versa o estafado tema das novas comarcas.

Quando, ha tempos, saiu no «Seculo» a falada entrevista com o sr. director geral do Ministerio da Justiça, apressei-me a escrever uma carta áquele jornal em que refutava algumas passagens da aludida entrevista. E, sr. director, apesar de eu ser tambem assinante do «Seculo», este, como é costume velho, não se dignou publicar a minha carta.

Confiado em que V. se orientará por um criterio mais justo, tomo a liberdade de lhe solicitar a inserção desta nas colunas do seu apreciado jornal.

Um dos concelhos que aguarda com mais vivo interesse a aprovação do projecto das comarcas é o de Ferreira do Zezere, porquanto a criação de uma comarca nesta linda e rica terra dos confins da Extremadura é tudo quanto ha de mais justo. Em primeiro lugar, Ferreira do Zezere é um dos três ou quatro julgados municipais existentes no paiz; em segundo lugar, é um concelho que já antes de 1910 dava importantes votações á Republica, não tendo esta até hoje recompensado a sua dedicação com o mais pequeno beneficio: em terceiro lugar, e este ponto é o mais importante, está a uma consideravel distancia da sua comarca — Tomar.

Com efeito, de Ferreira para Tomar ha duas estradas; uma, a de mais curta distancia, está quasi sempre intransitavel na sua maior extensão e só é aproveitada nalguns meses de estio. São 19 quilometros da séde do concelho, 40 do ponto mais afastado. A segunda via é melhor, mas aumenta consideravelmente a distancia. São 29 quilometros e 50, respectivamente.

A uma terra que está tão afastada da séde da comarca é que o sr. dr. Germano Martins registava displicentemente como ficando «chegadinha a Tomar».

Devo acrescentar que o meio de viação é tudo quanto ha de mais fantasticamente primitivo e, não raro, os viajantes audaciosos que se abalançam a entregar corpo e alma á guarda de tão horridos instrumentos de suplicio, não têm que ir pagar ao hospital o tributo da sua temeridade.

Alem disso, a criação desta comarca não traria aumento de despesa para o Tesouro — o tão carpido Tesouro Nacional — pois estou certo de que a população do concelho gostosamente cobriria todos os encargos.

Creio, infelizmente, que Ferreira continuará sem comarca, pois que contra esta justa pretensão, se movem de ha muito os mais variados empenhos, principalmente da parte de um potentado politico de uma comarca visinha (pessoa que aliaz eu muito prezo) que receia ver fugir-lhe por entre as mãos uma das suas mais ricas freguesias — em impostos e em votos... Contos largos...

Agradecendo mais uma vez, sr. director, a inserção desta nas suas colunas, para que se não diga que a minha desgraçada terra não tem quem olhe por ela com algum carinho, sou, sr. director, de V. att.º e ven. — *Virgilio Conceição e Silva.*

"BAS-FONDS"

OS BOMBISTAS

e os ultimos atentados

A "biografia" de Manuel Ramos

por um funcionario da Policia da S. do Estado

Não revelamos, na entrevista que segue, o nome do funcionario da policia que no-la deu.

Os atentados bombistas sucedem-se, mana *sic* que apavora todos e a todos imobilisa. Daí, talvez, a falta de providencias ou, simplesmente, a falta de atitudes... O Parlamento, por exemplo, só de raspão alude a estes casos.

Ha pouco teve uma atitude — mas, como o nome de um dos seus membros concentrou logo ao redor de si atenções demasiadas, o Parlamento parece evitar o assunto.

Por estes motivos, na policia não ha nomes. Não podem haver. Citar um, seria indica-lo. E não é essa a função dos jornaes. Eis porque o nosso entrevistado é simplesmente — um funcionario policial.

Um funcionario da policia, a quem manifestamos o desejo de saber alguma coisa sobre o cadastro do Manoel Ramos, atendendo-nos prontamente, deu-nos ainda as informações curiosas que o leitor verá na conversa que reproduzimos:

O nosso entrevistado começa logo por nos dizer:

— O Manoel Ramos é um individuo de largo cadastro, não só por crimes que denominaram de sociaes, mas tambem por crimes comuns.

— Mas no processo apareceu o seu bom comportamento anterior?

— Na Boa Hora acontece geralmente assim. Criminosos de peior espécie aparecem com uma folha limpa, acontecendo isso até muita vez com conhecidos gatunos, como «O Pesudo», «O Chico Maluco», «O Sarnadas» e tantos outros. Cousas...

— Mas quanto ao Manoel Ramos?

— O Ramos, quanto a mim, acolheu-se no movimento social para melhor poder manobrar. O seu cadastro é largo e nada honra a organisação operaria. As suas prisões são, na sua maioria, por furto, desordem, e viver á custa de mulheres da vida facil...

— Mas os seus camaradas negam esse facto.

— Questão de solidariedade e defesa da honra do convento. Ainda ha pouco tempo eu soube que o Manoel Ramos tinha uma mulher que diariamente ia ao Limoeiro levar-lhe dinheiro; e quando lh'o não levava, ele espancava-a! Tambem sei que o Ramos teve ocasiões em que se negou a receber o subsidio que dão os seus camaradas, por não necessitar dele.

— A questão das bombas?

— O Ramos teve em tempos uma fabrica de bombas nas escadinhas de S. Crispim, que só foi descoberta, quando ali se deu uma grande explosão que vitimou um outro bombista de nome Diamantino. O Ramos poude nessa ocasião pôr-se a salvo e evitar ser preso. A policia, porém, é que nunca desistiu de lhe lançar a mão. Um agente da P. S. E viu-o um dia no Campo dos Martires da Patria, a conversar com um companheiro e tentou deitar-lhe a mão, como se sabe.

Nessa ocasião rebentou uma bomba que nunca chegou a averiguar-se se fôra lançada pelo Ramos se pelo seu companheiro. O facto é que o Ramos fugiu, sendo sempre perseguido pela policia. Em frente da Morgue, deu-se então o caso ha dias julgado no tribunal: o do entalhador que pretendeu embargar-lhe o passo e foi morto.

— O Ramos era agitador conhecido?

— Era mais homem de acção do que agitador. Não me consta que falasse em publico e muito menos que escrevesse, pois não sabe escrever.

E o nosso entrevistado continua:

— As classes trabalhadoras devem ter uma certa moral e não é com pessoas desta ordem que elas conseguem impor-se. Veja o ultimo atentado. O maior numero de victimas foram pessoas alheias ao caso, pacificos cidadãos que andavam tratando da sua vida.

— E não ha meio de reprimir os atentados!

— Ha, sim, mas é preciso que o publico auxilie tambem a policia na sua missão.

Gremio do Minho

A comissão organisadora resolveu convocar a reunião magna de socios, para 11 do corrente, na séde do Gremio Lafonense, á rua da Madalena, 201-1.º, a fim de se proceder á discussão dos estatutos e tratar de outros assuntos de interesse para o Gremio e para a provincia.

A comissão vai tambem brevemente intensificar a propaganda do Congresso Regional, para o que já recebeu plenos poderes da comissão organisadora.

Os socios que têm listas de inscrição em seu poder devem envia-las o mais preve possivel á séde provisoria na Rua da Mouraria, 27-1.º.

Teatros - Musica - Cinemas

Ilda Stichini

Tem hoje no teatro Apolo a sua festa a notabilissima artista Ilda Stichini.

Entre a pleiade feminina do teatro Ilda ocupa um logar onde, mais que os elogios da imprensa, a coloca duma forma iniludivel o coração do publico que vê nela uma das mais atraentes e insinuantes mulheres portuguesas que para ele vivem.

Aparte Adelina, Lucia e Palmira Bastos, doutra escola e doutro tempo de scena, Ilda, como Aura e Amelia, é o grande e fulgurantissimo triangulo feminino, honra e gloria da nossa geração.

Não desisto duma festa feita aos artistas novos do teatro em que estas tres grandes mulheres tenham do sua geração a glorificação que merecem.

Se Aura é a paixão veemente e Amelia é a graça estilisada e o gosto da «élite», Ilda é a propria raça, o sorriso português, a voz de oiro, a harmonia suave a modesta, a frescura dum regato em scena, a sorrir e a chorar.

Ilda tem hoje um grande publico. Em cada português tem um coração que ela já conseguiu comover. Não ha um par de olhos que se não tenham humedecido com uma lagrima sua nem uma boca que não tenha acompanhado um sorriso dos seus—inimitaveis e gloriosos sorrisos.

A «Mariquinhas» encantadora do «Centenario», a «Lady Warm» da «Casa cercada» a rapariga travessa da «Carta anonima» e a ingenua adoravel das «Bodas d'oiro»—não quero já falar na minha «Leocadia», do «30 H. P.»—que grande, que poderosa actriz ela revelou!

Hoje, na festa dessa simpatica rapariga, tão despretenciosa e tão portuguesa—rapariga que, repito, todos nós portugueses e novos temos o dever de orgulhosamente distinguir com a nossa ternura, envio-lhe, em nome dos meus vinte e cinco anos entusiastas e no de todos os seus amigos desta casa a nossa sincera adesão ás festas que lhe estão tributadas como uma grande actriz que é.

O HOMEM QUE PASSA.

Um original portuguez

Em recita da moda vai hoje á scena em S. Carlos a peça em 3 actos, original de Antonio Ferro, intitulada «Mar Alto», que, estreiada no Brasil pela companhia Lucilia Simões, ali obteve um grande exito, tendo sido largamente discutida. Na peça, pelo que, então, disse a critica daquele paiz, tem Lucilia Simões uma criação verdadeiramente assombrosa, das mais notaveis da sua vasta e gloriosa galeria artistica, cabendo tambem a Erico Braga um papel de grande relevo, que desempenha com todo o brilhantismo. Completando este espectaculo, para o qual ha lugares tomados pelas familias da nossa melhor sociedade, vai tambem á scena o episodio «A Historia», de Jacinto Benavente, tradução de Garcia Perez. As peças têm ensccnação do ilustre professor Antonio Pinheiro.

Nos intervalos do espectaculo, o magnifico sexteto do teatro far-se-ha ouvir num programa organisado a capricho, no qual figuram primorosas composições musicais.

«A Morgadinha de Valflor»

Estreia-se amanhã, no Apolo, a companhia Palmira Bastos, que representará, em toda a sua revivescencia, a encantadora peça de Pinheiro Chagas, «A Morgadinha de Valflor», enscenada a capricho por Carlos Santos. Nesta curta série de espectaculos, o Apolo será pequeno para conter o publico.

Teatro Avenida

Deve estrear-se por estes dias a companhia de revistas com a «Bichinha Gata», da autoria da parceria e de Lino Ferreira. A direcção da companhia está confiada a Abilio Baptista. O «compère» da revista é o celebre Gomes, da Trindade.

Reclames

Os misterios da mulher da cochina, que é a «Viuva Gomes», continuam a intrigar o publico, que, para desvendar o misterio, todas as noites aflue, numa enorme concorrencia, ao Teatro Nacional. Para esclarecer todos lá está hoje, á hora prefixa, 21,15, «A Viuva Gomes».

— A grande atracção de hoje, em espectaculos, é ainda a revista do Eden «Caldo Verde», que apresenta a novidade da estreia do numero «A ultima palavra», interpretado por Margarida Martins e José David. A apresentação do «Caldo Verde» constitue o mais deslumbrante e gracioso espectaculo da actualidade, que ninguem de bom gôsto deve deixar de ir ver.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»

S. CARLOS—A's 9,15—«Mar alto» e «A historia».

POLITEAMA — A's 9 — «Passagens da vida... municipal» e «A filha de Lazaros».

APOLO—A's 9,15—«Hamlet» (3.º e 5.º actos), «Triste viuvinha» (2.º acto) e «A Farça de Ines Pereira».

EDEN—A's 8,45 e 10,45 —«Caldo Verde»

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

VIDA SPORTIVA

Em flagrante

Parece que desta vez a VIII Olimpiada que se realisa em Paris no proximo ano, despertou no nosso meio e mesmo nos dirigentes do sport o interesse que naturalmente estava indicado para um certamen de tal importancia.

O Comité Olimpico Português está-se ocupando da nossa representação com entusiasmo e o seu presidente sr. dr. José Pontes fez conseguir do Parlamento a votação da verba de 30 mil escudos destinados ás despezas com a preparação de atletas, representação etc.

Parece por tanto, que, Portugal em 1924 tomará parte nas grandes provas olimpicas ainda que os seus atletas tenham de ser num numero reduzido.

O que ha agora portanto a fazer?

Em primeiro logar a propaganda dos sports em que nós podemos representar, e em seguida, dar-mos todo o auxilio quer monetario quer moral ás Federações cujos sports possam ter representação.

Porque não iniciam todos os jornais nas suas secções sportivas uma grande subscrição afim de poder-nos assegurar a nossa participação num maior numero de atletas?

A verba governamental é pequena e se só com ela contar-mos apenas uma meia duzia de atletas poderão concorrer.

O alvitre aí fica, não lhes levo nada por ele.

Se vingar tanto melhor para o sport, se ficais nas iniciativas mortas... é mais uma.

Noticiario

Natação

Iniciou-se hoje, na doca de Alcantara o Campeonato de Water-Polo. Foram adversarios Algés e Dafundo e Casa Pia.

Na quinta-feira: ás 18 horas, Club Nacional de Natação contra Ateneu; ás 18 e 30, Sport Algés e Dafundo contra Sport Lisboa e Bemfica; ás 19 Carcavelinhos contra Sporting Club de Portugal e ás 19,50 Club Sportivo de Pedrouços contra Ginasio Club Portugues, todos em terceiras categorias e sob a arbitragem do sr. Saul Sá Martins, do C. P. A. C.

Na sexta-feira: ás 18, Ginasio Club Português contra Sporting Club de Portugal e ás 18,30 Casa Pia contra Algés e Dafundo em segundas categorias, sendo arbitro o sr. Antonio Silva. No mesmo dia, ás 19, em primeiras categorias o Algés e Dafundo contra Sporting Club de Portugal, com a arbitragem do sr. Francisco Mesquita Junior.

No proximo dia 15 realisam se ainda os campeonatos de segundas e terceiras categorias.

Todas estas provas têm logar no rectangulo do Sporting Club de Portugal, na dóca de Alcantara, gentilmente cedido para este fim.

Abriram ontem as aulas de natação do Club Naval de Lisboa que funcionarão todos os dias de manhã, das 7 ás 9 horas e ás segundas, quartas e sextas, das 6 da tarde ás 7,30, na dóca de Alcantara, no edificio do Club Nacional de Natação, sob a direcção dos srs. Roussado dos Santos, Luiz de Magalhães e Pereira da Costa.

Foot-ball

Terminou no domingo passado a época de foot-ball. Jogou-se a final da «Taça Mutilados da Guerra» entre os primeiros teams do Carcavelinhos e Belenenses, vencendo este por 9 goals a 1.

Os Belenenses já ganharam o magnifico trofeu dois anos. O Sporting tambem já inscreveu o seu nome contando-se essa victoria visto que a Taça será conferida ao club que a ganhe tres anos alternados ou seguidos.

Ciclismo

Não está ainda homologada a prova Porto-Lisboa.

O juri espera reunir as communicaçes de todos os contrôles para depois de apreciados, resolver sobre o assunto.

Box

Efectua-se amanhã, na Academia Recreativa de Lisboa, uma «soirée» dedicada por uma comissão de amigos ao pugilista profissional Francisco Brito, que ha tempo, numa «soirée» realisada no Campo Pequeno, ficou gravemente lesionado na cara e impedido de combater por largo tempo.

O programa, que amanhã publicaremos, contem quatro combates entre amadores, alguns deles campeões; uma demonstração entre Faustino Pereira e Silva Ruivo e um acto de variedades gymnasticas e acrobaticas.

Amanhã, no Teatro Carlos Alberto, do Porto, realisa-se uma festa de box promovida pela Federação Portuguesa. No programa figura Bazilio de Oliveira contra um profissional do Porto.

Reuniões

REUNEM HOJE:

Vendedores de Bilhetes de Teatro e Lotarias; Operarios Alfaiates, 9 n.; Pessoal Maior dos Correios e Telegrafos, 9 da n.; Sociedade Musical Cruz Quebrada, 9 n.

Os Partidos

Grémio republicano «Jovens Lusitanos»

Foram eleitos os novos corpos gerentes, que ficaram assim constituidos: Assembleia geral—presidente, Joaquim Domingues; vice-presidente, Porfirio Rodrigues; 1.º secretario, Sousa Mendes; 2.º vice-secretario, Manoel Marques.

Direcção central — efectivos, dr. Barbosa Soeiro, Barroso Junior, José Maria Frazão, José Marques de Oliveira e A. Gomes Vieira; substitutos: Adelino de Figueiredo Lima, dr. Nobrega Quental, Humberto Pelágio, Lino da Silva e Virgilio Marques.

Comissão de propaganda — drs. Barbosa Soeiro e Nobrega Quental, Ferro Alves, Mario de Sousa Calado, Barroso Junior, Eduardo de Sousa, Freitas Ribeiro, Vicente Pinto Carneiro, e José Maria Frazão; Comissão administrativa — presidente, José Barroso Junior; vice presidente, Augusto Martins dos Reis; secretario, José Silva; relator, Heitor Borges da Silva; tesoureiro, José Rocha; vogais, Manoel Guerreiro Ramos e A. Gomes Vieira; substitutos, Horacio Cabral, Augusto de Lacerda e Melo, Alfredo Costa e Paulo Frazão.

Conselho Fiscal. Efectivos: Presidente, Serafim Pinheiro; relator, Domingos Silva; vogal, Duarte Lés; substitutos, Lafayette Machado, José Manoel Martins e Guilherme de Medeiros; Comissão de Inquerito. Efectivos: Presidente, Nunes Godinho; relator, Mario Mateus; vogal, Alfredo de Oliveira; substitutos, Jacinto Rosa Belo e João das Mercês.

Centro Republicano Academico de Lisboa

Este Centro, que representa uma bela tentativa de divulgação liberal, enviou-nos uma circular, assinada pelo sr. Presidente, sr. Leonel dos Dores Ferro Alves, em que, louvando este jornal pelo seu republicanismo indefectivel, se promete proseguir no caminho encetado, mesmo atravez das dificuldades que é costume surgirem para a realisação duma ideia.

Gazolina
Petroleo
Oleos

SHELL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.a L.td

Rua do Crucifixo, 49
LISBOA

Dinheiro

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, **multa seriedade, sigilo e rapidez nas transacções.** Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, Travessa da Trindade, 22 (ao Chiado)
TELEFONE: C. 3992

TINTURARIA
— DO —
POVO
— DE —
José Dias
Rua de Sant'Ana, á Lapa
121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.
Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.
Côres fixas — Preços 50 % mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Vinhos espumoso de Lamego
(Caves da Rapozeira)
Reservas de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Tindade, 14
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 4444

Cimento "HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND CEMENT HERMES

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º — Telef. C. 2894
PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º — Telef. N. 1178

Construções Civis

UMA DAS SECÇÕES DE

A ACTIVA

Rua 24 de Julho, 8 a 10-B - LISBOA

Construções de edificios para qualquer fim, ampliações, reedificações e reparações.
Estructuras, vigamentos e construções metalicas.
Trabalhos em cimento armado e hidraulicos.
Construções industriais, tais como Fabricas, Hangars e Barracões.
Vivendas, chalets e predios de rendimento.
Casas á antiga portuguêsa.
Trabalhos de carpinteiro, marceneiro, serralheiro, canteiro, estucador, pintor, etc.
Levantamentos topograficos, projectos e orçamentos.
Maquinismos movidos a electricidade.

Telefones C. 1601, C. 3474-Lisboa — Telegramas: ACTIVA

A INICIADORA

101 R. do Alecrim 103
LISBOA

Estabelecimento de electricidade e especialidade em banheiras

Este estabelecimento executa todos os trabalhos de luz electrica, Para-Raios, Campainhas e encanamentos de agua e gaz.
Tem colossal existencia de lampadas electricas, pilhas para lanternas de algibeira; lindos candieiros e plafoniers.

Grande exposição das varias mercadorias

Chamada pelo TELEFONE 3820 Central

MARCELINO PAULO BRITO

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de responsabilidade Limitada
Séde em Lisboa R. do Comercio — Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 27.200.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS — Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO — Paris Rue do Helder, 8, Londres 9, Bishopsgate E. e 2, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS — S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia, Pernambuco, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

AGUAS DE SABROSO
R. de S. Julião 87, Tel. C. 1996
Distribuição a domicilio

O melhor refresco:
E' o composto com xarope legitimo da Fabrica Ancora.
Sobre o jantar:
Um calice de legitimo licor superfino ou vignac — 3 ou 4 estrelas — Fabrica Ancora.

CURIA

Estancia dos artriticos

Instalações modernas, formoso parque, grande lago, — grandes melhoramentos —

Epoca termal
de 1 de junho a 31 de outubro

Concertos de musica nos salões do casino
de 15 de junho a 30 de Setembro

Dr. Antonio Monteiro — Medico — R. N. do Almada, 53, 1.º, Tel. 2544-C. Residencia, R. Almeida e Sousa, 60 — Tel. 2329-C.

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:
«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:
RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c. — (Telef. C. 5113)

TORPEDO

— AS —
VANTAGENS RESULTAM QUANDO SE FAZ USO DA MAQUINA
"TORPEDO"

Agentes no Sul do paiz.
J. Anão & C.a, L.da R. Fanqueiros, 376, 2.º
Telefone N. 3536

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.
Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, está tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boas etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sec (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47 LISBOA Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto de Pinho

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA — GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO — PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

A CAPITAL

DIA[RIO RE]PUBLICANO DA NOITE

N.º 4427-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quarta-feira 11 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

MADRID, 11.—Por motivo de terem sido despedidas onze senhoras empregadas no Banco Espanhol de Credito, declarou-se em greve todo o pessoal tendo resolvido os outros Bancos fazer-lhe boycotage.—(A.)

O odio á Liberdade

Custa muito, custa muito! quando o cadaver de Guerra Junqueiro ainda está, pode dizer-se, entre nós, envolto nas sombras melancolicas da Basilica da Estrela que, com o seu zimborio, parece ser a que mais procura aproximar-se do ceu, custa muito, custa muito! ter que ler o que temos lido ultimamente em folhas monarquicas, uma delas proclamando-se fundamentalmente catolica, no sentido de amesquinhar o caracter, de denegrir o espirito do grande poeta que quiz morrer com Deus e que, se errou, teve a admiravel hombridade de o reconhecer sem se importar chocar com essa nobre atitude vastas popularidades adquiridas.

O cadaver de Guerra Junqueiro anda retalhado pelas mãos de certas criaturas que profundamente o odiavam politica e pessoalmente. Para esses, embora êle tão dignamente, tão sinceramente se mostrasse repêso de ter sido excessivo nos seus ataques á igreja; embora êle, todos á vista, confessasse a existencia de Deus, e tivesse, como essas criaturas nunca a podem ter visionado, em dia nenhum da sua existencia, idealizado a figura suavissima de Jesus, para êsses êle é ainda o mais miseravel dos pecadores, manifestamente patenteando a convicção de que o não abrangerá a misericordia divina, essa misericordia que não duvidam será obtida por tantos que passaram na terra, entregues a ambicões formidaveis, e não duvidando para isso derramar o sangue, gerar as lagrimas, espalhar o luto e algemar a liberdade! Para outros, apesar de o dizerem convertido ás ideias monarquicas, êle continua a ser o jacobino truculento, que com os seus versos de patriotismo e de revolta fez tombar um trôno poluido! E então não o querem nos Jeronimos, não o querem dentro do templo em que vive a alma da Patria, no que ela teve de maior sonho e maior gloria. Não o querem lá; querem que o que êle desejou na sua sublime humildade lhe seja infligido como um castigo: a obscuridade, o esquecimento, para o maior poeta de Portugal, que era tambem, ultimamente, o maior poeta do mundo!

Descancem. Ninguem põe nesta manifestação um intuito sectario, como hoje mesmo o reconhece o proprio «Correio da Manhã». O que se deseja é que todos os portugueses, quaisquer que sejam as suas ideias politicas ou religiosas, prestem a homenagem devida ao cantor nacional por excelencia, irmão e emulo de Camões. E' esse o aspecto com que todos nós o queremos glorificar. Não é nas suas indignações; é no seu amor, é no seu culto á Patria, e nesse culto êle desprendeu harmonias sublimes que só podem ser incompreensiveis para uma tribu de cafres.

Quanto a nós, republicanos, não nos afronta o facto de Junqueiro querer testemunhar, até á hora da morte, o seu espirito religioso. Porventura alguma vez se mostrou descontente com a marcha da Republica? Não é impossivel; todos nós temos tido momentos em que a marcha da Republica nos tem penalisado, como noutros nos tem entusiasmado. Junqueiro, depois de, no tempo de Manuel de Arriaga, ter atravessado uma fase pessimista, ressurgiu para a esperança, com a intervenção na guerra, e saudou a heroica jornada de Monsanto com entusiasmo juvenil. Todos podem ter uma hora de desanimo sem que por isso se abandonem as ideias de toda a vida. Bem o deve saber, por exemplo, o sr. Moreira de Almeida, coluna da causa monarquica, que quere por força apresentar-nos Junqueiro como em via de ser seu correligionario. Não foi o director do «Dia» um dos elementos mais combativos da dissidencia progressista, durante o franquismo? Quantas vezes não atacou a monarquia de D. Carlos, e não estaria tambem de acôrdo para que D. Carlos fôsse deposto do trôno, como o seu partido queria, na conspiração de 28 de Janeiro?

Custa muito, custa muito! ter que abrir polemicas, com o cadaver de Junqueiro, ali, na Estrela, velado pelo coração puro de uma mocidade admiravel. Mas é demais, é demais, o que estão fazendo certas criaturas, para quem hoje não ha senão uma coisa no mundo: o odio á liberdade!

VER NA 2.ª PAG.

O caso da alemã

Morta sob as janelas — do Francfort —

ORAÇÃO

A Guerra Junqueiro

«ET NUNO ET SEMPER!»

Agora, junto ao catafalco negro,
A indiferença desta gente impura
Torna mais duramente triste e escura
A tua morte, em que minh'alma intégro...

O' meu belo Gigante portentoso,
Morrêstel Bem se vê: a horda ignara,
Como giboia repugnante e avara,
Enrosca-se em igoismo silencioso...

Que importa o azul do ceu ao crocodilo?
Que ha-de em belesa proclamar o sapo?!
Agora, o deus-Milhão dorme de papo.
Livre do chicotear do teu estilo.

Nem vale a indignação do nosso peito,
Formado na lição da Alma Gigante,
O espectaculo tôrpe e repugnante
Desta falta de luto e de respeito!

Deixemos chafurdar na vil miséria
Os que á lama entregaram seu destino,
Como essa Estrela que cantava um hymno
Sobre a agonia de D. João e Impéria.

Nós que sentimos o fulgor dessa obra,
Em que imortalisaste a Raça inteira,
Vimos a Ti, nesta hora derradeira,
Como ás chamas dum sol que se desdobra,

Pedir-te que nos juntes no calôr,
Com que a imortalidade da tua Alma
Ha-de guiar-nos á morada calma
Em que habita o Supremo Deus do Amôr.

— O' Poêta Maior de Portugal!
Que o nosso Coração, a tua morte,
Que tanto o alanceou, torne-o tão forte
Que seja um Coração universal.

9 de Julho 1923.

FRANCISCO DA SILVA-PASSOS

UM EXEMPLO

SAPADORES DE C. DE FERRO

Como trabalham os soldados e como se impõem os chefes

A obra produzida e a obra — que se podia realizar —

Uma visita ao quartel de Campo de Ourique e uma conversa com os — capitães srs. Goulão e Vilar —

A sentinela indica-nos o caminho. Subimos a escada e lá em cima apontam-nos o gabinete do 2.º comandante, capitão Goulão. Declinamos a nossa identidade—e pronto: o ilustre oficial põe-se ás nossas ordens.

Na passagem tinhamos reparado nos oficiais que ocupavam os gabinetes contiguos: explendidos rapazes, sadios, vigorosos, desempenados; fronte tortada, olhar calmo e limpido respirando franqueza. Da janela tinhamos visto o amplo pateo do quartel, muito caiado, muito limpo, muito claro, respirando saude e afirmando a condição dos soldados.

* * *

Agora, conversando com o capitão Goulão, falamos da conduta dos soldados do Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro, desses soldados de sapadores que andam sempre na berra e cujos serviços nem todos querem apreciar pelo seu legitimo valor.

E' das obras de terraplenagem no Parque Eduardo VII, para levantamento da feira que o sr. Governador Civil promoveu em beneficio das instituições de beneficencia, que nós falamos. Chegou até nós a impressão de que essas obras, naturalmente dificeis e morosas, as fizeram rapidamente e numa admiravel disposição, os soldados de sapadores de caminho de ferro. O capitão Goulão confirma:

—E' certo. A maior parte dos soldados que lá trabalharam ofereceram-se voluntariamente. A maioria eram recrutas.

* * *

Uma pergunta acodiu ao nosso espirito:

—Porque não se aproveitam os soldados de sapadores para a reparação das estradas e outras obras de interesse publico? Talvez o resultado fosse interessante...

O capitão Goulão sorrindo:

—Na reparação de estradas não foram ainda empregados... Mas em breve partirá um destacamento para o Estoril...

—Reparar a estrada?

—Sim, reparar a estrada e creio que construir um paredão marginal.

—Otimo! exclamámos.

O capitão Goulão, prosseguindo:

—Temos tambem outro destacamento na praia de Ribatejo...

—E enviarão outros destacamentos para novas localidades?...

—Certamente. Mas o numero de praças é reduzido... Alem disso, as preocupações da ordem publica...

—E o Governo, porque não lhes concede os elementos necessarios a uma obra mais vasta? Podiam ser uma escola de disciplina... Um exemplo...

—Certamente porque o Governo entende que os nossos serviços, nesse particular, são dispensaveis...

* * *

—Em caminhos de ferro o que tem feito?

—Um pouco mais. Temos um destacamento em Santo Tirso, outro no Entroncamento, outro ainda em Setubal.

—E os trabalhos realisados?

— Alguma coisa que se veja, disse, entrando o capitão Vilar, que ouvira a pergunta. O capitão Vilar comandou o destacamento que fez as obras no Entroncamento. E' ele que enumera, a convite do seu camarada Goulão:

—Construimos 500 metros de linha ferrea, com as respectivas agulhas, assim como todos os trabalhos da «gare».

—Essa linha pertence á C. P.?

—Pertence, de direito ao ministerio da Guerra; mas, de facto, é da C. P..

—Empregaram muitos homens?

—40.

Outra pergunta nossa, desviando um pouco o assunto:

—Teem preparado homens para todos os serviços ferro-viarios?

E' o capitão Goulão que responde agora:

—Sim senhor. Temos uma escola de fogueiros e maquinistas.

—E os resultados?

—Magnificos! O soldado português é excelente. Quando encontra quem saiba aproveitar as suas faculdades, é simplesmente modelar.

—Teem, então, em sapadores de caminhos de ferro, um verdadeiro batalhão de ferro-viarios?

—E' certo. E' o que nós somos: ferro-viarios sujeitos aos regulamentos militares.

—No caso de uma greve...

—Temos pessoal habilitado.

* * *

Tinha-mo-nos despedido.

Verificamos um pouco melhor o estado do quartel.

E a impressão colhida num relance de olhos, confirmou-se. Verifica-se, olhando-se, que ha ali um conceito especial, um conceito elevado, de espirito militar e, sobretudo, de disciplina. Os soldados obedecem á voz dos chefes, porque os chefes, sabendo impor-se, conseguem tornar a obediencia instintiva. E o quartel, sadio, claro, cheio de ordem, modelar é o expoente dos centenares de homens que ali vivem, em plena liberdade, porque não atropelam a liberdade alheia e não sentem que cerceiem a sua.

DO PAIZ VISINHO

Barcelona revolucionaria

O que pensam os jaimistas —Os seus projectos e os acontecimentos

O pretendente D. Jaime de Bourbon que viaja incognito por Hespanha, esteve ha dias em Barcelona. Uma personalidade do partido jaimista fez as seguintes declarações:

«Os acontecimentos precipitam-se. A obra dissolvente e anarquica dos governantes facilita-nos o caminho, e não é sonho vaticinar para um praso proximo o triunfo da causa jaimista.

O estado social de Barcelona favorece-nos e faz aumentar o numero de cidadãos para quem passamos á categoria de desejados.

Afirmo que as organisações da partido não intervieram na atual e sangrenta lucta social. Amantes da ordem e defensores dos principios fundamentais da sociedade cristã, lamentamos e protestamos contra a apatia, ignorancia e malicia dos governantes incompetentes, a quem tornamos responsaveis pelas tristezas de Barcelona. Indubitavelmente, os nossos operarios declararam-se desde o principio inimigos irreconciliaveis do sindicato unico e ingressaram nas fileiras do sindicato livre; mas a nossa organisação é mais forte do que muita gente crê, e estiveram e continuam a estar aquartelados á espera de ordens superiores. Lançarmo-nos na acção directa, permitir que percam a vida os nossos queridos correligionarios, com o unico fim de tranquilisar a cidade e assegurar um regimen que detestamos, não o faremos. Merece-o Barcelona? Barcelona só se lembra de nós e nos deseja no momento de atribulação. Lembra o enfermo que toma com avidez a colherada regulamentar do remedio e que, curado, só recorda o sabor amargo do medicamento. Posso afirmar que se Barcelona quer reagir, e está disposta a sair do seu letargo, encontrar-nos-ha na vanguarda e a salvaremos. Menos de metade dos nossos homens organisados, sairemos airosamente da empreza; mas esses soldados não sahirão dos seus quarteis sem contar com o apoio dos cidadãos honrados, para varrer as imundicies de Barcelona. Governam uns desgraçados concentrados que alimentam o separatismo. Todo esse total, aliado ás nossas organisações, ha de dar-nos o triunfo. Nada de guerras civis. A Historia é mestra da vida. No seculo XX as mudanças de regimen resolvem-se em poucas horas. Estejam convencidos de que o ano de 1923 será para a Hespanha um ano historico.»

OFICIAIS DO EXERCITO

Os que estão frequentando cursos de ESTADO MAIOR com aproveitamento no estrangeiro

Fala da sua situação o tenente-coronel sr. Pires Monteiro

A situação dos nossos oficiaes que actualmente se encontram frequentando os cursos de estado maior, de escolas estrangeiras, urge ser regularisada no sentido de lhes serem conferidos iguaes direitos e correlativos deveres aos dos seus camaradas habilitados com o curso do estado maior da Escola Militar.

E' tambem vantajoso para os mesmos e para o paiz a frequencia dos cursos superiores do ensino dos conhecimentos militares no estrangeiro, desde que os futuros oficiaes, que para lá forem, sejam selecionados cuidadosamente.

* * *

Ora, uma pessoa indicada para ouvirmos sobre o interessante assunto era, sem duvida, o parlamentar e distincto oficial professor do curso de estado maior da Escola Militar, tenente coronel sr. Pires Monteiro, que nos fala hoje em nome dos interessados:

— Duvida alguma, diz-nos, temos em expor a nossa opinião, visto que nos dá a honra de a solicitar. As questões militares interessaram, felizmente, o Parlamento. A discussão recente do orçamento da guerra, cujo 2.º parecer tive a honra de relatar, mau grado a minha escusa, por não pertencer á maioria democratica dos Deputados, já teve aspectos, que se fôrem aproveitados poderão concorrer para o prestigio do exercito, acabando-se com a legislação de promoções tão nociva ás instituições militares. E' assunto para outra conversa...

— Não está resolvida ainda a questão dos cursos no estrangeiro?

— Não. V. quer saber o destino do meu projecto de lei, que dava vantagens aos oficiaes portugueses frequentando com aproveitamento as escolas superiores de guerra estrangeiras? Apresentei esse projecto em abril, teve parecer favoravel da comissão de guerra em maio, sendo relator o actual ministro da Guerra teve parecer restritivo da comissão de finanças em junho, relatado pelo sr. Rego Chaves. Foi iniciada a sua discussão em 12 de dezembro, aprovado o artigo 1.º e, se não houver artigos novos já desisti do meu projecto que estabelecia doutrina igual, falta aprovar o artigo 2.º da comissão de finanças, que era o meu artigo 6.º «fica revogada a legislação em contrario». Falta pouco como vê.

— São grandes as vantagens?

— A frequencia da Escola Superior de Guerra de Paris e doutras escolas francesas é muito conveniente. Naquela escola professaram os mais ilustres chefes militares da grande guerra. Foch realisou cursos notaveis que depois publicou. O actual director é o general Debeney, que demonstrou alta capacidade militar. Depois da guerra todos os exercitos têm enviado os seus oficiaes áquela escola. Fazem exceção a Inglaterra e a Italia, por motivos de orgulho nacional. A Espanha, o Japão, os Estados Unidos, a Belgica, a Suissa, etc., têm no curso os seus representantes, quasi todos oficiaes superiores e até um general do novo exercito tcheco-slovaco.

E continua:

— Nós cometemos o erro de mandar frequentar aquele curso oficiaes já diplomados com o nosso curso de estado maior. Não o deveriamos ter feito, pois que o curso ministrado aos estrangeiros é interessante, é util, mas é exclusivamente de tatica. O nosso curso tem conhecimentos de estrategia, de critica historica, de direito e da organica, que são muito essenciaes. Entre outros são professores do nosso curso oficiaes de merito como Alvaro de Castro e Helder Ribeiro.

— Quais são os oficiaes que estudam no estrangeiro?

— Actualmente, o major de estado maior Ferreira Passos que parece acumula com as funções oficiosas de adido militar, e o capitão aviador Lelo Portela, que faz os seus estudos sem encargo para o Estado.

— ! ?

— Não havia verba e nós economisamos em questões essenciaes, para desperdiçar em tanta inutilidade.

— E quantos beneficiarão agora do projecto de v. ex.ª?

— Aproveitarão do meu projecto, caso seja lei, o capitão de artilharia Ferreira dos Santos, oficial muito distincto e que alcançou excelentes informações, honrosissimas para o nosso exercito e o capitão Lelo Portela, meu colega na Camara, que já frequentou o 1.º ano.

— Deviamos, nesse caso...

— E' minha opinião que deveriam frequentar os dois anos da escola de Paris, anualmente dois ou tres oficiaes do exercito português, que depois viriam concluir o seu 3.º ano no nosso curso do estado maior, convenientemente remodelado para o efeito. Os professores deste curso orientar-se-hiam de fórma a conseguirmos o melhor rendimento.

— E o projecto Abilio Marçal, dispensando os preparatorios para os oficiaes, que frequentaram os cursos reduzidos do estado maior na antiga Escola Militar?

— E' outra questão, que está interessando sinceramente a opinião. Veremos o parecer da comissão de guerra. Eu sou partidario de um concurso com um programa desenvolvido substituindo os preparatorios na antiga Escola Politécnica. A estabelecerem-se preparatorios, mais conveniente seria a frequencia das sciencias juridicas, politicas e sociaes, do que as sciencias fisico-matematicas. Não dou o meu voto ao projecto Abilio Marçal, ilustre deputado, que merece o meu maior respeito pela atenção, que dispensa aos trabalhos parlamentares, se não fôr estabelecido um curso suplementar que desenvolva as questões de tatica e de estrategia sumariamente tratadas nos cursos semestrais.

— Ouvimos falar em irregularidades de situação...

— Sim, ha oficiaes que tiraram os preparatorios e outros, que não puderam ou não quizeram frequentar as Faculdades de Sciencias. Parece mesmo que ha pessoas, com licença para estudos e tratando a... sua vida particular. E' uma questão disciplinar, que só ao ministro da Guerra compete mandar averiguar e resolver como fôr justo.

INQUILINATO

As Juntas de Freguezia do Porto

dirigem-se em telegrama ao Chefe do Governo

O sr. presidente do Ministerio recebeu ontem um telegrama, no qual as juntas de freguezia e de defesa dos inquilinos e a Fraternal dos Inquilinos, do Porto, solicitam do Governo urgentes providencias, mandando sustar as ações de despejo, evitando a alteração da ordem publica, e afirmam que os comicios que projectam realisar nas principaes cidades do paiz, no caso de não serem atendidos, podem aproveitar aos inimigos do regimen.

De facto, a questão do inquilinato, principalmente em Lisboa e no Porto não pode ser resolvida com a morosidade com que a têem encaminhado. Pelo contrario, ela impõe a urgencia maxima, tornando-se mesmo indispensavel crear disposições de caracter transitorio, perante as quaes, conforme reclama a Fraternal dos Inquilinos do Porto, se resolvam de momento os muitissimos casos que só a lei definitiva pode tornar efectivos.

A MORTE — DE — Guerra Junqueiro

Na Basilica da Estrela

O corpo do Poeta, segundo todas as probabilidade, passou hoje o seu ultimo dia no silencio religioso da Basilica, pois parece que é amanhã efectivamente, que se fará a trasladação ou para o Parlamento, ou para a Camara Municipal.

Os estudantes continuam com toda a dedicação constituindo o maior numero de turnos.

Muito povo durante todo o dia, entra no templo, faz as suas orações e, apoz uns minutos de recolhimento, vai-se, e soturno, aos seus afazeres.

Durante a noite passada, um operario, um pedreiro, apresentou-se na egreja da Estrela e pediu que lhe deixassem tomar parte num dos turnos.

A sr.ª D. Octavia Mayer, que longo tempo esteve orando junto do catafalco, conduzia um esplendido ramo de cravos, que foi entregue á familia do Poeta, por virtude das suas ultimas disposições.

Como se está em vesperas de exames, os estudantes resolveram levar para a Estrela os seus livros e ali, nos intervalos dos turnos continuarem os seus estudos.

Os turnos

Fizeram hoje turnos os srs.:

Das 7 ás 8, Soares e Silva, Fontes Machado, J. M. Careias e Alfredo Augusto;

Das 8 ás 9, J. Aguiar, Virgilio Viny e Fernando Mayer Garção;

Das 9 ás 12, J. Paes Gomes, A. Paes Gomes, R. Nunes de Carvalho Rosas, G. Cabral, E. Fernandes, A. Ferreira, A. M. Godinho, Carlos de Lima e Costa Soares;

Das 12 ás 14, A. Gomes de Carvalho, Rebelo da Costa, Beça Quintão, Tomaz Rafais e Antonio Garção;

Das 14 ás 16, Pedro A. Sousa J. Lucas de Miranda, Miguel Paiva, Armando Borges Aguiar, Napoleão Pires, Alexandre Almeida, Paixão Quintas, Fausto Machado, Rocha Diniz, N. Vaz, Santos Paiva;

Das 16 ás 18, A. Aguiar, Costa Paiva, Azevedo Vaz e direcção da Associação Academica da Faculdade de Letras.

* * *

Algumas senhoras velaram tambem a urna, durante o dia, assim como alguns escoteiros e bombeiros municipais.

* * *

O sr. ministro da Guerra e os seus ajudantes velaram na igreja das 15 e 30 ás 16.

* * *

A Federação Academica pede a todos os estudantes de Lisboa que compareçam na Basilica, a fim de tomarem parte nos turnos. Esse serviço está sendo dirigido por um director da Faculdade Academica.

* * *

Os funcionarios administrativos de Tarouca fazem-se representar no funeral do eminente poeta de «Os Simples» e a «Patria».

VER MAIS NOTICIAS — EM — ULTIMA HORA

A questão das reparações

na Camara dos Comuns

LONDRES, 11 — Amanhã o sr. Stanley Baldwin comunicará nos Comuns as resoluções do governo acerca do problema das reparações. Deixar-se-ha aberta a porta para uma larga cooperação entre a Inglaterra e a França, esperando o governo inglez que o governo frances esteja disposto a esforçar-se a entrar em entendimentos com a Inglaterra. Alguns jornais acusam o sr. Stanley Baldwin contra os partidarios da Alemanha que poderão conduzir a Inglaterra a uma politica de separação da França. — R.

SUICIDIO... NÃO!

O CASO DA SENHORA ALEMÃ

que apareceu morta sob as janelas do Francfort Hotel

«*Sr. director* — Se alguma vez um policia amador se julgou com motivos para se envaidecer como um pavão no tempo do cio, eu tenho o direito de supor que ninguem, com razão, me poderá regatear o direito de pavonear-me com os resultados obtidos até agora com os meus modestissimos artigos.

Um jornal de Lisboa que primitivamente atribuira a um suicidio a morte de mademoiselle Isolda veiu ontem, com toda a autoridade do habil chefe Murtinheira da policia de investigação, dizer-nos, como nós já o tinhamos dito — *que não houve suicidio!* E por que não houve suicidio?

O mesmo jornal, transmitindo-nos as afirmações do mesmo chefe diz-nos que:

1.º E' inverosimil o suicidio porque a referida senhora não se precipitaria para a rua sem o ter comunicado ao seu diario de romantica — por acaso este argumento publicamos nós com cinco dias de antecedencia ao sr. chefe Murtinheira.

2.º Porque essa senhora não vinha descomposta para a rua, tendo resolvido matar-se — tambem por acaso reivindicamos a prioridade do argumento com quinze dias de avanço.

O diario, o seu temperamento de romantica, é a afirmação segura, demonstrada, de que se não tratava dum suicidio trouxemos nós a publico, com as razões que o sr. Murtinheira reedita, sem outras que poderia colher, no exame da Morgue, na colheita das impressões digitaes, na observação do estado das roupas, da cama, da mobilia, e das declarações das pessoas que primeiro acorreram ao quarto e das que haviam presenceado a quéda.

Nenhuma revelação nos faz e sr. director, permita que nos orgulhemos de sem nenhum dos poderosos recursos de que a policia pode e deve munir-se, termos dito, com alguma antecedencia, tudo o que o habil chefe nos comunica, por intermedio dum jornal de ontem.

De novo, apenas nos diz «que alguns jornaes se têm referido ao caso, afirmando as suas suspeitas dum crime e acusando a policia de se não importar com a investigação, de falta de actividade e de interesse.»

Não vimos isso em jornal algum e pelo que respeita á «Capital» nunca se fez nela qualquer afirmação a respeito á suspeita dum crime, nem á negligencia da policia.

Só hoje, sr. director, porque a policia está de acordo comnosco e muito amavelmente, com a sua aprovação, nos incita a proseguir, vimos dizer-lhe, a ela policia, pela qual temos um certo carinho e aos nossos leitores, a quem devemos não menos considerações, o que fariamos se em vez disto que nos incita a escrever e que póde denominar-se um *sport* espiritual, que só tem de justificavel o amor á verdade, em vez disto, diziamos nós, fossemos por acaso funcionarios superiores de investigação. Depois das diligencias classicas e imediatas ao ocorrido, a seguir á pesquiza dos vestigios digitaes ou outros, ao estudo do temperamento da morta, das circunstancias que antecederam a queda, de colher as impressões das testemunhas, de qualquer ocorrencia que com o caso se ligasse quando viesse a publico o artigo que um jornal de Lisboa ontem expunha, convidava muito urbanamente o sr. chefe Murtinheira a entrar num quatro particular do Governo Civil até nos explicar como foi que, não tendo Mlle. Isolda comido nada no ultimo dia que viveu e portanto só tendo ingerido qualquer alimento trinta horas ou mais antes da morte, como é, precisavamos nós saber, que aparecia um vomito de fructa. Donde poderia ter vindo esse vomito? Do estomago não, e doutro ponto seria um volvo. (*)

Tambem lhe pediriamos para nos elucidar sobre o caso de ter gritado a victima deste drama no momento em que lacerava o corpo nos fios do telefone, na praça do Rocio e como seria possivel num largo enorme, onde qualquer ruido se perde com facilidade, acordar hospedes e criados no hotel, no interior da casa e estando na sua maioria senão na totalidade a dormirem todos os seus habitantes.

Haviamos simultaneamente de consultar um homem de sciencia para nos dizer se em meio de uma queda de grande altura, quando o ar entra em ondas sufocantes nos pulmões, se poda emitir um grito estridente e se não pudesse, convidar ainda o sr. Murtinheira, habil chefe de policia, a permanecer mais algum tempo fechado no Governo Civil por ter curado por informações sem fundamento, o que poderia prejudicar a verdadeira, a inteligente investigação.

Depois chamavamos tambem o jornalista ou «reporter» que nos transmitiu as considerações do habil chefe de policia e perguntavamos-lhe porque classificou ele de suicidio e suicidio por amor o tristissimo caso, pondo assim uma nota de *finis* onde era precisa toda a acuidade e deligencia para procurar a verdadeira causa.

E se o jornalista ou «reporter» nos confessasse que, em seu entender, vale mais o efeito emocionante duma noticia, a nota romantica duma agonia, do que o culto reverissimo da verdade, ofereciamos-lhe chá e bolos e despediam-lo gentilmente. Mas se não quizesse, ainda por fantasia, dar-nos esta explicação encerravamo-lo com o sr. Murtinheira, é de supor que no nosso gabinete, com as atenções devidas ás suas categorias, mas fechados bem fechados até que nos dissessem porque aceitaram, adotaram ou inventaram essas versões:

Porque, sr. director. Ninguem que leia o artigo ultimo desse jornal de ontem, com o arreganho e *panache* com que está feito, ninguem é capaz de supor que foi aquele mesmo jornal que inventou a historia do suicidio e lhe pôz uma lapide com a discreta legenda — historia de amor!

Arredada a ideia do suicidio ficam duas hipoteses ainda — a dum desastre que é adotada pela policia — a dum crime, que não foi, que eu visse sustentada por pessoa alguma. Apenas uma testemunha, no seu acreditado jornal assinando — *um ajudante do policia amador* — diz, que no seu espirito dela, ficou a impressão de que houvera lucta pelo exame das roupas e por outras rasões que não tornou publicas.

Não valeria a pena ouvil-o e saber que outras rasões são?

POLICIA AMADOR.»

(*) *O tempo calculado para á digestão das cerejas é de duas horas!*

Nas regiões ocupadas

Os incidentes da ultima segunda-feira

BERLIM, 11.—O ministro dos negocios estrangeiros sr. Jaspar expressou ao encarregado de negocios alemães o seu desgosto pelos incidentes de segunda-feira assegurando que os causadores deles serão perseguidos pelas leis. Foi ordenado o reforço pela policia que faz serviço junto da legação alemã e junto da residencia particular do encarregado dos negocios. Os autores do incidente de segunda-feira fóram os srs. Mutdenant, secretario da Sociedade Colonial Belga e o americano John Perren.—(R.)

Uma proibição dos alemães

STOCKHOLMO, 11. — O Aero-Club sueco telegrafou a todos os clubs de aviação estrangeiros comunicando-lhes que a Alemanha tinha proibido a passagem sobre o seu territorio dos aeroplanos belgas e francezes que queiram tomar parte no concurso de aviação de Gontenburgo. —(R.)

Opiniões da imprensa alemã

BERLIM, 11.—O «Berliner Tageblatt» diz que a paciencia do publico inglez está exgotada e que a aversão dos inglezes pelo sr. Poincaré é grande, mantendo-se contudo a sua simpatia pelo povo francez. Os alemães estão convencidos de que o bom senso da Inglaterra, vendo os legitimos interesses da Europa obrigará a França a entrar num caminho mais conciliador.—(R).

A apreensão dos navios russos

O caso do ex-general Wrangel

PARIS, 11 — Tchitcherine protestou junto do governo contra a detenção dos navios russos de que se tinha apoderado o ex-general Wrangel. Na sua nota frisa a diferença de proceder entre o governo francez e os governos inglez e norte americanos acrescentando que a atitude do sr. Poincaré podia dar motivo á interrupção completa das relações economicas russo-francesas. — *R.*

ULTIMA HORA

A MORTE — DE — Guerra Junqueiro

Dizem-nos da Arcada:

Tendo algumas empresas teatraes feito sentir ao Governo que seriam prejudicadas se os funeraes de Guerra Junqueiro se realisarem no domingo, por que não podem dar espectaculos nesse dia, de luto nacional, consta que o assunto está sendo ponderado num sentido favoravel.

P. R. R.

São adiados para o dia 22 os comicios anunciados para o proximo domingo

Por motivo da morte do glorioso poeta Guerra Junqueiro, e desejando o Partido Republicano Radical, encorporar-se nos seus funeraes pelo maior numero possivel dos seus correligionarios, o Directorio do partido resolveu transferir para o proximo dia 22 do corrente os comicios de propaganda partidaria que se deviam realisar no proximo domingo, 15, em Evora, Cintra, Alada e Montelavar.

Nesse sentido já foram dadas as instruções ás respectivas comissões districtaes.

— As comissões districtal e municipal de Lisboa do P. R. Radical convidam as comissões politicas de freguezia a nomear os seus delegados para um turno das 22 ás 23 horas, amanhã, na Camara Municipal de Lisboa, prestando assim um preito de sentida homenagem áquele que sendo a gloria de uma raça era o principe dos poetas do seu tempo.

As comissões devem a esse respeito informar-se junto do secretario da Comissão Municipal para receberem as respectivas instruções.

A comissão que vai dirigir os funerais

O sr. presidente do Ministerio assinou e enviou ontem para o «Diario do Governo» a seguinte portaria:

«Para satisfazer as indicações do sentimento nacional, e convindo dar ao espirito publico a compreensão do interesse colectivo das homenagens devidas ao grande poeta Guerra Junqueiro:

Manda o governo da Republica Portugueza, pelo ministro do Interior, nomear a seguinte Comissão de Honra, encarregada de promover as homenagens devidas ao grande poeta por ocasião dos seus funerais;

General José Estevão de Morais Sarmento, vice-almirante Vicente de Almeida de Eça, Henrique Lopes de Mendonça, Raul Brandão, dr. Augusto Gil, dr. João de Barros, dr. Jaime Cortesão, dr. Afonso Lopes Vieira, Mayer Garção, Columbano Bordalo Pinheiro, Teixeira Lopes, José Viana da Mota, Francisco de Lacerda, Pina de Morais, dr. Magalhães Lima, Amadeu de Freitas, dr. Anibal Soares, dr. Augusto de Castro, Eduardo Fernandes, dr. Joaquim Manso, José do Vale, Manoel Guimarães, Rafael Ferreira, Ribeiro de Carvalho, dr Trindade Coelho, Urbano Rodrigues, presidente da Federação Academica, de Lisboa, chefes dos gabinetes da presidencia do ministerio e ministerio do Interior, chefe do protocolo do ministerio dos Estrangeiros e chefe do protocolo da Presidencia da Republica».

Miserias sociais

Odette de Castro é uma senhora pintora, residente no Bairro Catarino, rua A, letras A, B. L., res-do-chão direito, e que vivia maritalmente com o sr. Armando Estacio da Veiga. Parece que entre os dois não reinava a maior harmonia, tanto assim que o Veiga mandou prender a Odette sob a acusação de lhe ter furtado varios objectos no valor de 3.600 escudos. A policia vai investigar.

DO PAIZ VISINHO

BARCELONA, 11.—Os padeiros declararam-se em greve.

Não faltará pão na cidade porque este será fornecido pela administração militar. Tambem os donos das padarias trabalham com os elementos de que dispõem. O mercado está bem abastecido de carnes tendo aumentado o transito de vehiculos pela cidade e tendo-se visto circular já alguns auto-omnibus. Rebentaram nas ruas tres petardos que não causaram prejuizos. —(R.)

Parlamento

Nos Deputados

O caso das vereações de Cintra--Apreensão de medalhas religiosas--Receitas e despezas gerais

Primeiro assunto versado: O que se passa em Cintra com as vereações de tres concelhos. E' o sr. Constancio de Oliveira quem trata do caso estranhando que ainda não se tenham realisado as respectivas eleições.

O sr. presidente do Ministerio responde ao orador, mas não se ouve na tribuna da imprensa.

* * *

O sr. Cancela de Abreu reclama contra o que se está dando em algumas comarcas do paiz com o recenciamento dos jurados. Protesta tambem contra o facto de na Alfandega do Porto ter sido sustada uma remessa de medalhas da Senhora da Conceição importados por um estabelecimento de artigos religiosos.

O sr. ministro das Finanças diz que ás autoridades alfandegarias do Porto se tornaram suspeitas taes medalhas.

* * *

Em seguida, o requerimento do sr. Mariano Martins, entra em discussão a proposta das receitas e despezas geraes do Estado ou seja a lei dos meios.

O sr. Carvalho da Silva faz-lhe alguns reparos e o sr. Mariano Martins, que faz parte da comissão de orçamento justifica o parecer.

O sr. ministro das Finanças presta esclarecimentos.

* * *

A sessão continua.

No Senado

Uma escola—Um atentado—O caso da senhora alemã do Francfort

Na mesa foi lido um projecto de lei criando a Escola Agricola Movel de Elvas. O sr. Raimundo Meira agradeceu a sua eleição para governador da provincia de Timor.

O sr. Dias de Andrade protestou contra o atentado dinamitista de que foi vitima o paroco de Alemquer.

O sr. Tomás de Villhena corroborou o protesto do orador, censurando a falta de providencias.

O sr. Joaquim Crisostomo aludiu ao facto de, no espaço de ano e meio, se terem suicidado num hotel do Rocio, e sempre do mesmo quarto, tres senhoras. Protesta, indignado, contra a falta de energia do chefe Murtinheira em descriminar tais misterios.

"MAR ALTO"

Foi proibida a peça em scena no Teatro de S. Carlos

Em face dos protestos de uma grande parte do publico durante o espectaculo de ontem no Teatro de S. Carlos, em que subia á scena em «premiere» a peça «Mar Alto» de Antonio Ferro, o sr. Governador Civil mandou hoje chamar ao seu gabinete, o actor-empresario sr. Erico Braga, a quem solicitou que lhe lesse a peça em questão afim de proceder conforme fosse de justiça.

Finda a referida leitura o chefe do districto, não querendo dar imediatamente o seu «veredictum» encarregou os srs. drs. Clemente Gomes, inspector da policia administrativa; dr. Paulo Menano e dr. Santos Monteiro director e adjunto da policia de investigação de igualmente darem a sua opinião sobre «Mar Alto», sendo todos aqueles magistrados concordes em que a peça era escrita em termos escabrosos e impropria de ser representada.

Em face de tal, o sr. governador civil ordenou que a representação do «Mar Alto» fosse proibida, não se realizando, portanto, o espectaculo anunciado para hoje no Teatro de S. Carlos.

Amanhã sobe á scena a «Rajada».

BOLSA

A desanimação costumada, propria da epoca que atravessamos, agravada pela instabilidade da situação.

Dos papeis mais movimentados damos a seguir o preço do fecho:

Externos, 1.ª série—622, 3.ª serie —695, Portugal—720, Ultramarino—304, P. Brasileiro—189, Aliança—141, P. Colonias—127, Navegação—325,50, Fosforos — 274, Gas —116, Tabacos — 1.135, Aç. Angola—287, Ganda—215, Emp. Ag. Principe—14,70, Amboim — 176, Boror—150, Cabindas—7,30, Ilha—428, Ambacas —840, Benguelas—775.

Libras a 106$00 e 108$00.

A tarde politica

O coachar das rãs...— O debate politico — Uma carta

No Senado: — Falando de Junqueiro, dois senadores chamaram-lhe — um, «ilustre extinto»; outro, «mimoso vate».

Que pobre coachar, éste, no roxo poente de um sol magnifico!...

* * *

O deputado sr. Cancela de Abreu fala da apreensão de umas medalhinhas com a efigie de Nossa Senhora da Conceição. Parece que foram apreendidas por, em lugar do resplendor ritual, trazerem uma corôa de ralhha... dos ceus.

As autoridades viram no caso anuncio grave de coisa subversiva e por isso deliveram Nossa Senhora, talvez no intuito de submetê-la a julgamento no Tribunal de Defesa Social.

A meio do discurso do deputado monarquico, um deputado da maioria brada: — «Essa senhora é suspeita».

Optimo, tudo isto.

* * *

Vai continua o debate politico. Foi chão que deu uvas, a oposição nacionalista.

Tudo isto é um escandalo que encarece a vida, cuja especulação precisa de um homem energico que saiba defender os interesses do comercio, que está sobrecarregado com impostos insuportaveis.

E v. ex.ª, que é um defensor de tudo que é portuguès, talvez ache conveniente declarar á Camara esta especulação».

O caso Agatão e Brito

A policia diz ter procedido com toda a correção

Ontem, na sessão do Senado, o senador sr. Aragão e Brito, conforme referimos, insurgiu-se contra o facto de lhe ter sido dada voz de prisão na esquadra da Praça da Alegria, onde fôra com o fim de intervir numa autoação imposta ao cocheiro da carruagem que o conduzia.

Do ocorrido foi já apresentado relatorio aos superiores da policia e por esse documento se verifica:

1.º Que a policia autuou de facto, ás 3 horas da madrugada, o cocheiro da carruagem que endava ao serviço do senador sr. Aragão e Brito, que na ocasião se encontrava numa taberna da rua da Conceição da Gloria;

2.º Que tendo sido conduzido esse cocheiro para a esquadra proxima, o referido senador ali compareceu depois, sem declinar a sua identidade e intervindo no caso que estava sendo tratado por dois cabos, aos quais chegou a dar ordens e a mandar calar;

3.º Que em face de tal intervenção, um desses cabos lhe deu voz de prisão, tendo só depois disso o sr. Aragão e Brito declinado a sua identidade, pelo que lhe foi levantada imediatamente a detenção:

4.º Que o referido senador não quiz sair da esquadra, declarando que desejava manter-se preso, indo reclamar pelo telefone para o Governo Civil, de onde o sr. dr. Paulo Menano lhe deu todas ás satisfações;

5.º Que o chefe Assunção, que se encontrava de serviço no Governo Civil, tendo sido encarregado de ir á esquadra da Alegria dar satisfações, cumpriu a missão de que foi encarregado, apresentando todas as desculpas, com as quais o sr. Aragão e Brito se conformou, dando-se por satisfeito, alegando que os cabos em parte tiveram razão e que o caso ficava portanto arrumado.

Feira da Murgeira

Em Mafra realisa-se no proximo domingo a feira anual da Murgeira onde é costume realisarem-se importantissimas transações.

Os falsificadores de Cheques

A policia conseguiu prender hoje José Lourenço de Brito, do Cruzeiro da Ajuda, que conforme referem os jornaes da manhã falsificou a assinatura do industrial João Peres, com serralheria e construções navaes na Calçada da Boa-Hora, 19 a 23, num cheque de 41 contos, encarregando depois um rapaz de nome Rangel de Ponte Ressio, rua do Cruzeiro da Ajuda, 72-1.º, de ir descontar o referido documento no Banco Lisboa e Açores. O Ressio que foi preso quando cumpria as ordens do Brito declarou que caso conseguisse receber os 41.000 escudos seria gratificado pelo falsificador com 2.000 escudos.

Conferencia

E' amanhã, pelas 2 e meia, que se realisa na Sociedade de Geografia a conferencia do sr. D. Ramon Perez Ayola.

O famoso Oliveira Mendes, conductor da Associação de Classe dos Operarios pescadores

Os pescadores de arrasto e os armadores têm o mau gosto de encherem a barriga a esse Oliveira Mendes de quem a Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante em 8 de novembro de 1921 publicou na «Imprensa da Manhã» com a rubrica de «Proletariado» uma larga informação de onde extratamos o seguinte:

«Que se comunique pela imprensa diaria a todas as colectividades quer maritimas quer terrestres, bem assim a todas as emprezas, companhias, armadores, constructores navaes e mais entidades de que foi expulso desta Associação o ex-delegado e consocio Alfredo de Oliveira Mendes, por traição á classe e ainda por ser engajador empregado na casa Correia da Silva, proprietario de navios de véla, aser tambem contra a estructura da organisação e principios sindicaes, presidente e delegado e uma nova associação de classe dos pescadores, bem assim que nenhum dos camaradas deve aceitar a intervenção de semilhante creatura por ser prejudicial á colectividade.»

Ora depois deste atestado de honradez, onde estarão os dinheiros representativos de 1/4 por cento que os armadores vêm dando para a tal beneficencia, que começa por ele, como o «Diario de Lisboa», de 9 do corrente afirma, recebendo 800 a 1.200 escudos por mez, o que lhe ter permitido ser já socio de um vapor de pesca com 8.000 escudos e de uma fragata com 12.000...

Pelo telegrafo

Da Agencia Havas

Abalos sismicos

PARIS, 11.—A's 6,30 registaram, se abalos sismicos em Perpignam B·yone, Bordéus e Auch e tambem em St. Gaudens, Montauban e Pau.

Tifo exantematico

CONSTANTINOPLA, 11.—Houve nesta cidade dois casos de tifo exantematico, um dos quais fatal.

Orçamento aprovado

PARIS, 11. — O senado aprovou hoje por 274 votos contra 6 o orçamento das despesas reembolsaveis.

Da Agencia Radio

Na Dieta

BERLIM, 11.—A Dieta prussiana aceitou um projecto creando impostos em valor constante.

DE TODO O MUNDO

A nova constituição das republicas sovieticas

A nova Constituição da União das Republicas Socialistas dos Soviéts, votada recentemente, foi ratificada no Kremlim. Entra em vigor imediatamente.

A assembleia nomeou Lenine presidente da União com Rykoff, Tsurupa, Kamenef, Schuban, Orahe, Caswili, como deputados. Trotsky, Tchicherine, Jerjensky, Krassine e Sokolnikoff foram nomeados respectivamente comissarios da guerra, dos estrangeiros, dos transportes, do comercio e das finanças.

O custo da vida, na Hungria, aumenta assustadoramente

O custo da vida aumenta assustadoramente na Hungria.

Segundo quadros estatisticos publicados pela imprensa o aumento de certos viveres foi em menos de uma semana de 50 por cento. Atribue-se estes aumentos á incerteza que ha no mundo economico hungaro depois das negociações entaboladas pelos aliados a proposito do resurgimento financeiro e da decisão dotada pela comissão das reparações.

Em terra nossa

O general Maritz

que desembarcou em Lourenço Marques, fala entusiasticamente da hospitalidade portugueza

Segundo vêmos dos jornaes de Lourenço Marques, desembarcou ali, em meados de junho passado, o general Maritz, que se fazia acompanhar de sua esposa.

Como se sabe, o general Maritz sublevou-se, apóz a guerra, sendo vencido pelas forças do general Smuts, pelo que lhe ficou interdicto o territorio da União.

Essa circunstancia tornou-o por mais de uma vez nosso hospede em Lourenço Marques e uma vez, no Continente. Da hospitalidade que lhe prestámos, diz ele, bem eloquentemente, nestas palavras, pronunciadas durante um banquete que lhe foi oferecido:

— Presos em Angola, fomos admiravelmente tratados pelas autoridades portuguesas. Mandados para Portugal, deram-nos passagens de primeira classe e no seu paiz hoteis da mesma categoria. Nunca, nem mesmo na terra de onde os nossos antepassados vieram, portanto entre gente da nossa raça, recebemos tantas amabilidades e maior protecção e Portugal é para nós o paiz que simboliza a hospitalidade. Nada ha como o infortunio para conhecermos os amigos e o tratamento que temos recebido dos portugueses prova isso cabal e profundamente, deixando gravada nos nossos corações a certeza de que os portugueses nossos amigos são. Ha de chegar o dia em que lhes provaremos tambem que não somos ingratos.

Em seguida, o general Maritz levantou um brinde á nossa terra.

Confirmando as palavras de seu esposo, Mme. Maritz diz:

— Não é primeira vez que estamos sob protecção dos portugueses. Deles só temos a dizer bem. Fomos tratados quando prisioneiros politicos em Portugal, durante a ultima guerra, com todas as atenções e só temos a agradecer calorosamente os obsequios de que fomos alvo.

Pouco antes, o general Pienaar — não é o mesmo que tanto deu que falar durante a guerra anglo-boer — dizia tambem a um jornalista que lhe perguntava ao que fôra ali:

— Esperar o general Maritz em nome do meu partido — Pienaar é um dos chefes nacionalistas da União — e transmitir aos meus chefes as noticias do que se passasse relativamente ao seu desembarque.

— Mas duvidaram, por acaso, que fosse impedido o desembarque do general Maritz?

— Não, não duvidamos que o seu desembarque fosse proibido por que conhecemos o caracter hospitaleiro do vosso povo, qualidade de que muitos dos nossos têm aproveitado, mas estavamos anciosos por não sabermos se seria permitida em Lourenço Marques a sua residencia, embora temporaria.

— E agora, está satisfeito?

— Porque pergunta? Não assistiu ao jantar que oferecemos ao general Maritz, e não ouviu as palavras de apreço que ali se disseram? Tudo o que ali se disse em relação aos portuguezes foi a expressão sincera do nosso sentir, creia-me.

A NOVA Camara de Lisboa

Como a vê um municipe, muito á boa paz e sem ofensas

Decididamente, cêdo começa a estar vingada a vereação transacta. Esta é peor. Começamos a ter saudades dos outros em face destes...

Todos recebemos esta vereação com uma espectativa benevola, aguardando que ela cumprisse, ao menos, a decima parte daquilo que prometia. Mas o que ela tem feito em menos de três meses é de tal ordem, que não podemos continuar a manter a benevolente espectativa a que nos propuzeramos.

Vamos, por agora, dar, em sintese, os erros, as contradições e as «fumistarias» com que a vereação se tem entretido nestes dois meses e picos de gerencia municipal.

* * *

1.º — Suspensão das resoluções da vereação transacta desde 1 de Dezembro de 1922. Primeira teatralidade. As nomeações feitas nesse periodo mantiveram-se.

2.º — Revisão dos actos da vereação transacta, dando a entender que havia grossos escandalos. Outra peça... teatral, pois a vereação não reviu coisa alguma. Foi poeira... transformada em longos discursos e varias moções.

3.º — Resolve despedir um terço do pessoal... para aumentar em 50 por cento o salario do restante. Mais poeira. A Camara nem despede o tal terço, porque não pode, nem aumenta a importancia que prometeu... porque não tem dinheiro, e contar com a divida do Estado é contar com o ovo... sem ter galinha!

4.º — Declara, em sessão publica, que a Camara tem pessoal a mais, que gasta com esse pessoal mais do que com material, e resolve, para pôr cobro a essa anomalia, contractar mais quatro engenheiros — para estudar melhoramentos... estudados e aprovados ha mais de cincoenta anos por tecnicos competentes.

5.º — Convite ao povo para não pagar á Companhia do Gaz o aumento que esta reclamava em virtude de contractos anteriores. Trava-se uma lucta tremenda... epistolarmente, entre Camara e Companhia. Foi fogo de vista. Era para... alfacinha vêr. A Camara não só votou o aumento da Companhia, como lhe meteu nos cofres, anualmente, algumas dezenas de contos de réis com a concessão do concêrto dos pavimentos. A redução do prazo para a colocação dos focos electricos é uma santa léria.

6.º — A Camara anuncia por duas vezes uma redução no preço da carne. Da primeira vez, ainda aumentou mais; e da segunda, manteve-se no preço actual — apesar desta epoca ser da abundancia de rezes...

7.º — Resolveu tratar a fundo da questão das subsistencias, principalmente do que respeita ao peixe. Fantasias... Numa cidade, séde de uma repartição, que já foi Ministerio e que tem esse serviço a seu cargo, servido por numeroso pessoal, é estar a mangar com a tropa a Camara dizer que vai tratar de uma coisa para que nem tem pessoal, nem dinheiro, nem competencia legal ampla.

8.º — Resolveu impedir a construção de um mercado definitivo na Esplanada, sem dispendio para o Municipio, e pretende gastar rios de dinheiro transferindo aquele escarro da Avenida Casal Ribeiro para a Avenida Fontes, onde ainda ficará peor e tão... provisorio como era dantes. Quere dizer: nem faz o mercado definitivo, nem deixa fazer.

9.º — Para melhorar a higiene da cidade, resolve que o lixo, que ficava nas casas comerciais durante a noite, quando o pessoal ali não trabalhava, esteja «deliciando» a pituitaria dos trabalhadores do comercio e da industria durante todo o dia!

10.º — Sem consulta das juntas de freguesia, nem deliberação do Senado, resolve alterar a postura referente aos carros para venda ambulante de coisas varias. Os respectivos editais foram afixados ha dois dias...

* * *

Ficamos por aqui, afinal muito mais teriamos a dizer — tantas são as coisas inuteis, prejudiciais ou contraproducentes de que a Camara se tem ocupado, em vez de enfrentar com energia, sensatez e espirito pratico os problemas urgentes, cuja solução ha tanto unanimemente se vem reclamando.

Em artigos sucessivos, analisaremos em detalhe o que hoje damos em sintese, e então ver-se-ha que a actual vereação, a seguir pelo caminho que tem trilhado nestes dois meses, excederá em inepcia, em desleixo e em incapacidade as peores vereações que têm passado pelo nosso malfadado Municipio.

Vamos a isto...

JOÃO F. CALADO

OS PARTIDOS

Republicano Radical

A propaganda vai intensificar-se

Como noutro logar referimos, foram adiados para o proximo dia 22 do corrente, os comicios que se deviam realisar no dia 15 em Evora, Cintra, Montelavar e Almada, por motivo dos funerais de Guerra Junqueiro.

No domingo, 29, terão logar comicios em Setubal, Sobral Mont'Agraço, Arruda dos Vinhos, Bucelas e Loures, para o que estão sendo dadas as respectivas instruções pelas comissões Districtal e de propaganda. No comicio de Setubal usará tambem da palavra o dr. Celorico Gil.

Prosseguem activamente os trabalhos para a organisação do grande comicio de Lisboa que se realisará num terreno ao ar livre.

O manifesto ao Paiz

Será distribuido por estes dias o manifesto que o Partido Republicano Radical dirige ao paiz e que será profusamente distribuido.

O programa partidario

O proximo numero de «A Lanterna» que sairá já com 8 páginas, publicará o programa partidario que igualmente vai se distribuido e afixado em todo o paiz.

Adesões

A' Comissão Municipal têm chegado nos ultimos dias grande numero de adesões de «velhos republicanos», cujos nomes daremos brevemente.

Comissão politica de Camões

Reuniu esta comissão, resolvendo lançar na acta um voto de profundo sentimento pela morte do grande poeta Guerra Junqueiro, e convidar todos os filiados no partido, residentes na freguesia, a encorporarem-se nos funerais acompanhando o Directorio.

VIDA SPORTIVA

Hockey Club de Portugal

No proximo dia 19, quinta-feira, realisa-se o II Campeonato de Espada, inter-socios, no Liceu Passos Manoel, pelas 21 horas prefixas.

A inscrição continua aberta na Rua de S. Paulo, 118-1.º, das 10 ás 18 horas e encerra-se no dia 15.

Teatros — Musicas — Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO DE S. CARLOS — *Mar Alto*, peça em 3 actos de Antonio Ferro, pela companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

O publico, que ontem enchia a linda sala de S. Carlos, assistiu ao doloroso e irritante espectaculo, não de uma peça boa ou má, não de uma representação inferior ou magistral, mas ao detestavel e antipatico espectaculo da intervenção meramente idiota de meia duzia de sujeitos, que da plateia e de um camarote, sem respeito e sem consideração alguma pela propria dignidade colectiva se permitiram, nas bocchechas da mais tranquila das autoridades, interromper continuadamente a representação da peça «Mar Alto».

Alguem houve, que levou a sua estupida audacia ao ponto de atravessar, de lés a lés, a plateia, berrando, em altos gritos, que «o autor da peça é uma besta», como se algum espectador tivesse pago o seu bilhete para ir ouvir aquela ou outras opiniões sobre o autor representado, opiniões aliás de cavalheiros anonimos — mais do que é permitido ser-se anonimo.

Lamentamos a presença do sr. governador civil num espectaculo do Eden-teatro, e lamentamos hoje a sua ausencia ao espectaculo de ontem em S. Carlos.

Devia lá estar o sr. governador civil, ou alguem que com energia o substituisse, a fim de que qualquer pateta alegre não pudesse prejudicar com os seus dislates do mais duvidoso gosto a representação levada a efeito por uma das mais prestigiosas companhias de declamação, no primeiro teatro de Lisboa e portanto de Portugal.

O estado de irritabilidade perfeitamente morbido a que a multidão chegou e para o qual muito inconscientemente contribuiu o manifesto lançado á publico por alguns autores dramaticos levou ontem o publico de S. Carlos á inconveniencias e a faltas imperdoaveis de bom senso e de correcção.

Basta dizer-se que, embora num camarote assistisse á representação o sr. ministro de Espanha e estivessem presentes com ele duas notabilidades espanholas, foi patcada uma peça de Benavente, que alias havia sido entrecortada de ditos sordidos de mais gosto — e tudo porque muita gente, na sua ignorancia e na sua preocupada ancia de exibição e de ataque á obra de um escritor môço e de talento, tomou o «lever-de-rideau» do eminente castelhano pelo primeiro acto do original português...

E' preciso que todos os que escrevem para o publico e têm de alguma forma na mão a orientação e o ambiente em que vivo esse mesmo publico, o corrijam e ponham em fóco a maneira desleal e cobarde como êle ontem se portou agredindo um autor, que, por ser novo, por ter talento e audacia, por ser português, por estar escudado por essa formidavel actriz que é Lucilia, tinha o direito de exigir que o escutassem em silencio e depois o julgassem como entendessem.

Só um publico deseducado, incorrecto, agressivo e doentio provoca tumultos que obrigam uma actriz como Lucilia a interromper o seu trabalho, que nesta peça, como em todas, digase já, é magnifico.

Protestamos contra esta atitude de parte do publico, incomodando o restante, saindo das normas da disciplina social indispensavel e chamamos a atenção de quem compete — governador civil, guarda republicana, seja quem fôr — para, nestas ocasiões, ser mais do que espectador risonho e optimista, intervindo como é preciso, a tempo e energicamente.

Não podemos estar á mercê de discolos de teatro de revista, nem transformar a sala de S. Carlos, com historia e com tradições, no salão do Borralho — para isso se paga, e a dobrar, á policia e á guarda.

* * *

A peça de Antonio Ferro realisou, julgo eu, o desideratum do autor. Conseguiu dividir a plateia, irritar toda a gente ou quasi toda, fazer tumulto, chamar as atenções á roda do seu nome e dar ao publico uma impressão curiosa das suas possibilidades de autor dramatico.

Antonio Ferro é inteligente. A sua forma literaria é muitas vezes cheia de pitorescas maneiras novas de dizer, que lhe grangearam adeptos e que á volta do seu nome levantaram muitos amigos e muitos inimigos literarios.

Pessoalmente, Antonio Ferro é um lealissimo rapaz, um camarada admiravel, sincero, sem a menor sombra de deselegancia impertinente nas maneiras, um temperamento de rara eleição, um bom amigo.

As palavras que se seguem, pois, dizemo-lhas com a maior simpatia, mas temos o dever de lhas dizer por que as sentimos.

A sua peça «Mar Alto» não deu á plateia, equilibrada e culta que conseguiu escutá-lo desapaixonadamente, a impressão de uma forte obra teatral, superior e intensa, obra de um escritor que, embora novo, deve começar a estar na posse plena da sua visão e da sua sensibilidade.

Numa peça de teatro tudo tem importancia, uma frase, um deslise, uma pontinha de exagero.

Uma nota mal soante irrita logo. No romance, isso não importa nada: volta-se a pagina, quando se não gosta. No teatro, temos de ouvir tudo.

Ora, uma obra como aquela sofre justamente da falta de correcção de pequenas arestas que a tornam ridicula ou ingenua em detalhes — detalhes que são suficientes, no entanto, para perturbarem o ambiente no palco e na plateia.

O mal da peça não está positivamente no seu tema, mas sim na maneira como em certos momentos os personagens se exprimem fora da propriedade e da acção, o que lhe tira logo todo o prestigio dramatico e os transforma em pessoas a fazerem cronicas e frases, algumas belas sem duvida, mas frases — e o publico não as perdôa, porque em teatro êle exige, acima de tudo e de todas as qualidades, a logica verbal.

Disse-me Antonio Ferro que a sua peça estava «uma oitava acima da vida corrente».

Mas a transposição, quando se faz, não exclue as escalas e as proporções relativas.

Ali, marido, mulher, amante e filho falam todos com as mesmas preocupações de estilo (as orações seguidas com o sujeito repetido, a comparação continua, as formas bizarras de dizer).

O «ritmo de tragedia» anda na boca de dois personagens.

O amante tem frases tão subtis como o marido, e a mulher fala como os dois. A criança, tão pequenina, já tem filosofia e «blagues».

Lucilia chamou-lhe «uma peça muito humana»...

Os defeitos da peça de Antonio Ferro, para mim, mero espectador, que anoto as minhas impressões sem literatura e com a maior independencia, são todos deste jaez.

A imoralidade da peça não a vi. Tudo aquilo é possivel. Não o teria parecido ao publico, mas é assim mesmo, muita miseria que por aí passa escondida.

E porque não pareceu ao publico «aquilo» assim?

Em primeiro lugar, certas deficiencias reais de poder de convencimento nas fases culminantes da acção. Em segundo lugar e muito importante, a falta de ambiente favoravel á apreensão justa da ideia do autor. Em terceiro lugar e tambem importantissimo: a peça, que foi maravilhosamente representada por Lucilia e por Erico, não o foi, contudo, dentro do seu espirito literario e decorativo, dentro da sua estilisação de vida. Lucilia, a grande Lucilia, representa a peça fora do diapasão em que está escrita.

Antonio Ferro escreveu, indiscutivelmente, a obra mais «modernista» da nossa literatura dramatica. Lucilia representou-a como uma grande tragica que é, mas da forma como faria um drama de Sardou ou de Bernstein. Foi maravilhosamente, dentro de inflexões de pormenor e de gradações e modelações especiais de certas scenas, mas, na totalidade, a sua interpretação teve êste ponto de vista muito discutivel.

Erico acompanhou sua mulher dentro do mesmo aspecto scenico e mostrou mais uma vez que é um notavel artista da scena.

Mario Santos, não gostei. Falta de convicção, entoações falsas por vezes — representando muito e vivendo pouco.

Emfim, para a outra vez será...

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Na proxima sexta-feira 13, realiza-se a inauguração da epoca de verão no teatro Avenida, com a reprise da revista «A Bichinha Gata».

Réclames

Estreia-se esta noite, no Apolo, a companhia Palmira Bastos, que dará ali uma curta série de representações, antes da sua digressão ao Brasil. Apresentar-se-ha com a admiravel peça de Pinheiro Chagas, «A Morgadinha de Valflor», o original portuguez mais divulgado no estrangeiro.

—A graciosa e desinibrante revista «Caldo verde» prosegue hoje, no Eden, na sua carreira, devendo haver como de costume, enorme concorrencia nas suas duas sessões. E' de facto, um espectaculo deslumbrante e aparatoso, fazendo o publico repetir muitos dos seus numeros e entre eles o intitulado «A ultima palavra» por Margarida Martinó e José David, e que foi acolhido com geral agrado.

—Hoje, no Nacional «A viuva Gomes» dá a sua recita da moda, que já na semana finda teve a assistencia numerosa e seleta de muitas das principais familias da nossa sociedade. Não admira, o facto, pois a peça que tem em scena o Nacional é não só graciosissima, mas tambem extraordinariamente animada e sem inconveniencia.

Cartaz do dia

NACIONAL — A's 9,15 — «A Viuva Gomes».
S. CARLOS — A's 9,15 — «Mar alto» e «A historia».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Ordem de Marcha».
APOLO — A's 9,15 — «Morgadinha de Valflor».
EDEN — A's 8,45 e 10,45 — «Caldo Verde».
MARIA VITORIA — A's 9 — «O Fado Corrido».

Animatografos

SALÃO CENTRAL — «A Carta Fatal».
OLIMPIA — Rua dos Condes.
CINEMA CONDES — Av. da Liberdade.
SALÃO FOZ — Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Dr. Caraciolo de Sá

Na India Portugueza, faleceu este septuagenario ilustre. Na longa passagem por este mundo marcou a sua figura de homem de caracter, de saber e de respeito, exercendo primitivamente o logar de Juiz de Direito de Bardês cargo que naquele tempo os naturais da India podiam desempenhar independentemente da sua formatura na Metrópole.

Depois com extinção daquela regalia, o dr. C. de Sá, passou para o 1.º substituto daquele Magistrado, logar em que deu demonstrações publicas de virtudes civicas, isenção e honestidade.

Jurisconsulto de nomeada e advogado distintissimo, a Sciencia do Direito foi a sua predilecção que a cultivou por um poder atávico, pois tinha na Familia, de honrosas tradições um ascendente, que se chamou Padre Antonio José de Sá e que chegou ás culminancias do poder por seu talento, cultura e educação, exercendo os oficios de Desembargador da Relação Eclesiastica de Gôa, advogado da Côrte, Mestre de Direito, Juiz de 2.ª Instancia e 2 vezes Presidente da antiga Junta Geral do Distrito e agraciado com o Habito da Ordem de Cristo, por decr. de 18-11-1870.

Em materia de pendencias judiciais o seu conselho foi escutado por aqueles que iam dirimir os seus pleitos nos Tribunais e procurado pelos seus colegas que o consideravam justamente como um mestre.

Ultimamente, fatigado so cabo de uma profissão nobre e livre baqueado com o peso dos anos, entregue ao remanso do lar, longe das pugnas pela vida, fez-se cercar duma admiração geral e prestigio extraordinario.

Em 1918 quando o Estado da India era contemplado com a Carta Organica e sr. dr. Sá, por imposição dos seus numeros amigos aceitou o honroso mandato de representar seu concelho no Conselho do Governo, um parlamento local, com a criação do mesmo diploma e no seio do qual seriam escutados os interesses e as necessidades daquela nossa Provincia do Oriente. E sendo o eleito, por unanimidade, e pondo ao serviço da causa publica toda a sua boa vontade e ser util e a sua inteligencia, o sr. dr. Sá, cujo ação pratica, dentro daquele organismo, foi justamente apreciada por dois governadores, retirou-se novamente á quietitude de sua familia, aguardando tranquilamente a Morte; depois de exgotar o seu ultimo esforço em prol da terra que a queria.

Pelo pardo de tão prestante cidadão ouço passamento, a India merecidamente lamenta, enviamos o nosso pesar a sua familia e á Colonia enlutada.

A carta fatal

Casamento sem amor — Charlot aventureiro — Harol comediante

Anunciam-se para hoje os ultimos episodios da surpreendente pelicula «A Carta fatal». Quem tem acompanhado êste soberbo romance em que o pernicioso vicio do jogo e o falso amor duma aventureira levam um honesto rapaz a todas as depravações, não deve faltar ao espectaculo desta noite, em que o inocente recebe o merecido premio e o malvado o devido castigo.

O publico não só tem no belissimo filme uma obra de arte para se deliciar com as belezas das suas scenas, umas alegres, outras cheias de emoção, como se educa com a moralidade do seu desenlace, em que os seus principais personagens, depois de rendidos e ultrajados, encontram a verdadeira felicidade.

Alem desta maravilha cinematográfica será exibida a pelicula «Casamento sem amores» que tão grande sucesso tem alcançado.

A completar o espectaculo a hilariante comedia em 2 partes, «Charlot aventureiro» pelo impagavel comico Charles Chaplin, e estreia do filme comico em 2 partes, «Harold comediantes» do reportorio de Harold Loyd.

Sociedade de Emigração para S. Tomé e Principe

Assembleia Geral Ordinaria

De ordem do sr. Presidente da Assembleia Geral, é convocada para o dia 30 do corrente, ás 15 horas, na sua séde, Largo do Barão do Quintella, 3, 2.º direito, para apresentação do relatorio e contas e eleição de corpos gerentes.

Lisboa, 11 de Julho de 1923.

O 1.º secretário da Assembleia Geral,

C. A. de Salles Ferreira

Gazolina
Petroleo
Oleos

SHELL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.ª L.td

Rua do Crucifixo, 49
LISBOA

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:

RUA NOVA DA TRINDADE, 80—(Telef. N. 2044)

PROPRIETARIA:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

Rua do Alecrim, 53, r/c.-(Telef. C. 5113)

Cimento "HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA:—R. S. Paulo, 104, 1.º — Telef. C. 2894
PORTO:—R. da Reboleira, 19, 1.º — Telef. N. 1178

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com installações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage á sec (lavagem a secco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47 — LISBOA — Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto de Pinho

A INICIADORA

101 R. do Alecrim 103 — LISBOA

Estabelecimento de electricidade e especialidade em banheiros

Este estabelecimento executa todos os trabalhos de luz electrica, Para-Raios, Campainhas e encanamentos de agua e gaz.

Tem colossal existencia de lampadas electricas, pilhas para lanternas de algibeira; lindos candieiros e plafoniers.

Grande exposição das varias mercadorias

Chamada pelo TELEFONE 3820 Central

MARCELINO PAULO BRITO

Vinhos espumoso de Lamego
(Caves da Rapozeira)
Reservas de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

CURIA

Estancia dos artriticos

Instalações modernas, formoso parque, grande lago, - grandes melhoramentos -

Epoca termal

de 1 de junho a 31 de outubro

Concertos de musica nos salões do casino

de 15 de junho a 30 de Setembro

Sucata

Compra-se pelos melhores preços e fabricas completas.

141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

Mobilias e Estofos

BIZARRO DA SILVA, L.DA

82, R. Augusta, 84—21, R. dos Correeiros, 23
Telefone Central 2533

Mobilias de todos os estilos, bom acabamento, preços modicos. — Pessoal habilitado para montagem de casas, escritorios e clubs. — Serviço de embalagem para a provincia e Africa.—Oleados, tapetes, carpetes, brises-brises.

A. J. d'Almeida & C.ª

TELEFONE C 486 — **CAMBISTAS** — END. TELEG. ALMINGUES

172, Rua do Comercio, 176
LISBOA

Compra e venda de moedas e notas estrangeiras. Papeis de credito, coupons e ordens de Bolsa

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

NAZARÉ

Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto — todo o ano —

NA RUA
imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-
— recorrendo á —

ILUMINADORA

— DA —

ESTEFANIA

— DE —

Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77
Telefone N. 2168

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.

LISBOA

Sucursal — Avenida de Berne, M. H. B,
Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM-Telefone-Sede e oficina, Norte-4122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e para-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisações para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITAO, LIMITADA

Orçamentos gratis

Mobilias

Compra-se casas completas e desirmanadas.

Bento, Silva, Pinto, L.da
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

AGUAS DE MELGAÇO

R. de S. Julião, 67. Telef. C. 1996
Distribuição ao domicilio

MELGAÇO

Hotel Quinta do Pezo

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

• Abrem-se brevemento • — novos cursos — • para principiantes ou

FRANCEZ : : INGLEZ

: : Já está aberta : : : : : a inscrição : :

RELOGIOS DE PAREDE

ACABAM de chegar da marca Soleil e Radium. Despertadores de fantasia de Bebys. Fornituras e ferramentas para relojoeiros, ourives e gravadores.

Grande sortido

COTRINS & AFONSO, LTD.

Espingardas VERNEY CARRON

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4428-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA | Quinta-feira 12 de Julho de 1923 | Telefone C. 2238 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 | Preço 15 centavos

LAUSANNE, 11—A' ultima hora os turcos recusam categoricamente aceder ao pedido dos aliados para cada um deles conservar duas unidades navais em aguas turcas até á entrada em vigor da convenção dos direitos em vez das forças navais retirarem ao mesmo tempo que as tropas.

Junqueiro e a Nação

Na grande comissão de honra nomeada pelo Governo para organisar os funerais de Guerra Junqueiro, prevaleceu largamente a opinião de que esses funerais se devem revestir da maior imponencia possivel.

Nem podia deixar de ser assim. A' ideia dos funerais nacionais não podia deixar de se ligar a noção da grandesa, porque o paiz não iria reclamar á familia esse grande cidadão se não fosse para lhe prestar a homenagem mais elevada que estiver nos seus recursos realisar.

Em França, Victor Hugo deixou disposto que queria ir na tumba dos pobres para o cemiterio que correspondesse á area da sua residencia. A França solicitou da familia do poeta que lhe entregasse o seu precioso cadaver, e levou-o para o Arco do Triunfo, e do Arco do Triunfo, num carro cuja magnificencia era superior ao que conduzira os restos de Napoleão aos Invalidos, levou-o para o Pantheon, onde, segundo a legenda francesa, a Patria reconhecida alberga os grandes genios que a enobreceram.

Desde o momento em que a familia de Junqueiro o entregou á Patria, a sua missão findou. Ela ainda podia observar toda a modestia de que o Poeta tivesse querido revestir o seu funeral; a Patria não. A Patria disse á familia de Junqueiro para que era que solicitava que o seu cadaver lhe fosse entregue. A familia de Junqueiro entendeu, e entendeu muito bem, que devia aceder ao pedido da Nação. Ninguem, absolutamente ninguem! tem o direito de levantar objecções aos propositos bem conhecidos da Nação, representada pelo seu Parlamento e pelo seu Governo.

De resto, o que se sabe ácerca das vontades declaradas de Junqueiro para o seu funeral é isto: 1.º que esse funeral fosse religioso; 2.º—que não levasse coroas; 3.º—que não se pronunciassem discursos. O funeral é religioso, não serão oferecidas coroas e não se pronunciarão discursos. A Nação respeita as determinações expressas do Poeta, sem impedimento da grandesa que ao funeral tem o dever de imprimir.

Assim a questão não pode ser mais simples, nem mais esclarecida. Tudo se encadeia logicamente. Não ha nenhuma especie de desentendimento entre o Governo da Republica, que cumpre as resoluções do Parlamento, e a familia de Guerra Junqueiro, unica entidade que em seu nome pode falar. E o escrupulo de todos os que se empenham na consagração nacional ao admiravel vate em atender a todas as indicações da familia de Junqueiro, ainda ontem se viu, porque tendo sua filha manifestado o desejo de que o corpo de seu glorioso pai fosse conduzido, da basilica da Estrela para o edificio do Parlamento, de preferencia ao da Camara Municipal de Lisboa, por se lhe afigurar que assim se contentaria mais todo o paiz que no Parlamento tem a expressão da sua total soberania, imediatamente esse desejo foi deferido pela comissão, pelo Governo e pelo Parlamento.

Entristece que neste momento pareça haver quem deseje regatear a Guerra Junqueiro todas as homenagens da Nação. É nem sequer ha a coragem de se afirmar publicamente que não devem haver funerais nacionais. Os jornais monarquicos, com efeito, com excepção apenas do «Correio da Manhã» não perdem ensejo de revolver as fezes dos seus odios, apontando Junqueiro simplesmente como um panfletario agressivo.

A sua enorme obra lirica, o seu patriotismo incontestavel, não os comovem. No que pensam é no que ele, porventura, possa ter dito um dia, num momento de exaltação, de resto justificada, contra um espirito de abjecto jezuitismo que conspurca a verdadeira religião, e contra uma monarquia corrupta que envergonhava e abismava o paiz.

Embora! O povo sabe o que deve pensar. Ele cumprirá o seu dever, como a Republica está cumprindo o seu.

ANTE A URNA DO POETA

Baldadamente invoco a minha pobre Musa,
Sinto a pena tremer na mão fria e nervosa...
Qualquer estrofe sai tam banal e difusa
Que ao lança-la ao papel vejo-a tornar-se prosa,
Mas prosa sem valor, acanhada, confusa,

Forçoso é renunciar!... Se o estro não me empresta
Viva fulguração, elegia veemente,
Uma ideia gentil, muito embora modesta,
De que me serve a mim teimar, ingloriamente?!
Só tenho a desistir, curvando a fronte mesta!

A minha admiração, bem funda, mal contê la
Pode este peito meu, febril, emocionado...
Quem me dera alcançar em rimas convertê-la,
Desafogando, assim, num poema apaixonado,
A dôr que sei sentir, sem poder descrevê-la!

Que podia eu dizer, obscuro poetastro,
Do cantor imortal dos «Simples», meteôro
Que deixou entre nós tam luminoso rastro?!
Perante o seu caixão, dobro o joelho, e óro,
Como um crente ante Deus—um verme ao pé dum astro.

Ajoelho-me, pois, e rezo, ardentemente,
Aquelas orações distilando magia
Que Junqueiro fundiu na iluminada mente,
Com tanta inspiração, profundesa e poesia,
Que nos incutem fé, irresistivelmente...

O fogo de Camões e a alma de Bernardim
Ressurgiram em ti, ó Poeta imorredoiro!
Vidente e sonhador, tu foste um Santo, emfim...
Num livro sem egual, escrito em letras de oiro,
Deixaste-nos ficar um Evangelho, sim!

11 de Julho 1923

DELFIM GUIMARÃES.

UMA PROPOSTA

O FUNDO DE ASSISTENCIA

aos ferro-viarios

—vai ser criado pelo— imposto ferro-viario

Uma proposta que o sr. ministro do Comercio vai apresentar ao Parlamento

O ilustre ministro do Comercio, sr. dr. Queiroz Vaz Guedes, vai apresentar ao Parlamento uma proposta de lei criando o «imposto ferroviario», que se destina á criação ou manutenção de sanatorios para ferroviarios tuberculosos.

No gabinete do sr. ministro do Comercio procurámos informações ácerca da dinamica da proposta, e obtivemos uma ampla explanação dos fins que ela tem em vista, que se resumem, afinal, na concessão de alguns beneficios importantes ao pessoal ferroviario.

***

Antes de mais nada convem esclarecer, para apagar temores antecipados, que o imposto ferroviario, para facilidade da sua arrecadação e atendendo a que o imposto de transito e seus adicionais, bem como o emolumento de 1 por cento do artigo 67.º da lei 1368, assim já incluidos nas receitas do trafego das empresas e sobre eles não deveria incidir novo imposto criado por esta nova lei, é considerada a soma dos citados encargos representada por 10 por cento incluidos na totalidade da receita do trafego das empresas. As empresas, porém, que em virtude das suas condições especiais de exploração, fiquem prejudicadas na liquidação do imposto, restituirá o Estado a importancia correspondente ao «deficit» que sofreram.

A fiscalização do imposto será confiada á direcção da Fiscalização dos Caminhos de Ferro.

***

Em sintese, o imposto é como dizemos acima. A proposta em questão é, no entanto, muito mais ampla. Assim, ela cria, junto das empresas exploradoras dos caminhos de ferro no continente, o fundo de assistencia aos ferroviarios, destinado, designadamente, ao estabelecimento e manutenção de sanatorios.

A fiscalização da aplicação dada ao fundo de assistencia compete á Direcção da Fiscalização dos Caminhos de Ferro, assim como a sua administração e aplicação, junto de cada empresa, será confiada a um conselho administrativo autonomo, constituido por cinco funcionarios designados por elas, entre os quais figurarão o chefe dos serviços sanitarios, que servirá de presidente e um representante do pessoal.

***

O fundo de assistencia aos ferroviarios é constituido, segundo expressa determinação da proposta, por parte do imposto ferroviario, correspondente a 1 por cento sobre as receitas do trafego; pelos donativos ou subsidios de quaisquer entidades particulares ou oficiais e pelas receitas provenientes do produto de festas organisadas para esse fim.

Quando a importancia do fundo de assistencia não permitir a qualquer empresa a instituição e sustentação de um sanatorio poderá ela utilizar-se dos estabelecimentos pertencentes a qualquer outra empresa, de acordo com ela e indemnizando-a, pelo seu fundo de assistencia, dos serviços que receber.

Se qualquer empresa não exgotar o seu fundo de assistencia, reverterá o saldo a favor da sua Caixa de Reformas e Pensões.

***

Ainda na proposta que o sr. dr. Queiroz Vaz Guedes submeterá á sanção do Parlamento se estabelece que as reclamações apresentadas pelo publico sobre os serviços ferroviarios do continente serão isentas de imposto do sêlo — isto é, podem ser feitas em papel comum. Realmente, não era justo que uma reclamação neste sentido fosse dirigida ás empresas do Estado em papel selado, quando as empresas particulares as recebiam em papel vulgar. Graças a esta proposta, o processo fica uniformisado — em beneficio do publico.

***

E' curioso notar que a proposta do sr. ministro do Comercio confia á Direcção de Fiscalização dos Caminhos de Ferro o encargo de verificar a exacta aplicação do fundo de assistencia. Pretende-se, segundo as nossas informações, estabelecer principios, de modo a poder alcançar-se, no futuro — futuro proximo, evidentemente — o enquadramento de todas as instituições deste genero, quer funcionem junto de serviços do Estado, quer junto de empresas particulares de outro genero, nas mesmas formulas e sob o mesmo plano.

Eis o espirito da proposta que o sr. dr. Queiroz Vaz Guedes vai apresentar ao Parlamento.

Não deixará de ser justo reconhecerlhe a grande utilidade e o alto fim humanitario que a inspirou. A assistencia está tão descurada no nosso paiz, que chega a ser um dever imperioso aplaudir tudo quanto se faça — quer venha do Estado, quer parta de particulares. Mas, sobretudo, do Estado, visto já nos termos habituado a considerá-lo o «paisinho»...

A MORTE — DE —

Guerra Junqueiro

Uma missa na Basilica da Estrela—Os turnos de hoje

Os dias de ontem e hoje foram de enorme concorrencia á Basilica da Estrela. Gente de todas as classes e categorias ali vai levar ao Poeta a sua homenagem na morte, em vesperas da sua condução aos Jeronimos. E, á maneira que se aproxima esse dia, avulta a saudade e a ternura do nosso povo.

Os estudantes continuam estacionados na Basilica, com a sua conhecida abnegação. Nos ultimos dias, a escritora e actriz sr.ª D. Mercedes Blasco tem auxiliado os academicos na sua tarefa de carinho.

A Associação de Imprensa depõe o seu estandarte nos degraus da eça

A a direcção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, reunida hoje sob a presidencia do sr. Eduardo Fernandes, *Esculapio*, resolveu lançar na acta um voto de profundo pesar pela morte do grande poeta portuguez Guerra Junqueiro, resolvendo mais depor o estandarte daquela colectividade nos degraus da eça que se ergue na igreja da Estrela. Em conformidade com tal resolução os representantes da A. T. I. srs. Eduardo Fernandes, *Esculapio*; Luiz Saude Junior, Jaime Valente e Julio Colmbra foram hoje pelas 13 horas á Basilica da Estrela, depor o estandarte referido que se encontra envolto em crêpes.

A Associação de Imprensa faz hoje 2 turnos, das 19 ás 20 e das 20 ás 21, sendo o primeiro constituido pelos srs. Jaime Valente, Saude Junior, Lafayete Machado e Alvaro Anselmo.

***

Hoje, ás 9 horas, o consul geral do Brasil, sr. dr. Borges da Fonseca, e o vice-consul, sr. dr. Henrique Holanda, acompanhados de todos os funcionarios superiores do consulado, foram, incorporados, á Basilica da Estrela prestar as suas homenagens ao grande poeta da raça, tão amigo do Brasil.

Teve a sua primeira reunião a grande comissão nomeada para elaborar o programa dos funerais e dirigir estes. Os srs. drs. Augusto Gil e João de Barros apresentaram a seguinte proposta, que foi aprovada:

«O cantico do ultimo adeus ao Poeta egregio não podem erguê-lo isoladas vozes, por mais altas que sejam, por mais comoventes que forem, por mais representativas que pareçam...

Para que atinja uma sonoridade ressoante, conclamante, plena de religiosissima elegia, preciso é que o entoe, de lés-a-lés, a Patria inteira, desde o cimo estatico das montanhas até ás ondas soluçantes do mar, desde a boca encarquilhada e tremula dos velhos, até aos labios auroreais das crianças.

Quer dizer: as honras funebres ao genial Aédo têm de constituir uma glorificação intensamente, intrinsecamente, reaurorais das criancinhas.

Nesta orientação, temos a honra de propôr que, no projecto das cerimonias funebres adoptado por essa comissão, se ofereçam tambem á consideração do Governo os seguintes alvitres:

— O ataude do Poeta irá ladeado no cortejo, pelas bandeiras de todos os municipios e de todas as unidades militares.

— Cada municipio escolherá, na população escolar da sua area, uma criança, dentre as mais pequeninas, mais pobres e mais lindas. Todas as crianças seguirão logo após a urna funeraria, transportadas ao colo por estudantes das escolas superiores. Cada uma levará na mão uma minuscula bandeira branca, simbolo das escolas primarias do seu concelho.

— A cada escola primaria oficial se pedirá, por intermedio da imprensa, que envie a esta comissão uma fita branca de 15 centimetros de largura, com palavras de homenagem ao Poeta. Se não puderem ser impressas, virão manuscritas num cartão afixado á fita. As fitas recebidas devem ser entregues ás crianças das escolas primarias de Lisboa, que, postadas na escadaria da Rocha do Conde de Obidos, aguardarão o desfile do cortejo. Af, far-se-ha um alto, e, na impossibilidade de ensaiar um cantico funebre que pelas crianças das escolas primarias de Lisboa fosse entoado,

O DEBATE POLITICO

Qual vai ser o resultado das

MOÇÕES

que estão no Parlamento

O Governo do sr. Antonio Maria da Silva

está muito longe da queda

Não estão contados, muito longe disso, mesmo ao contrario do que alguns supõem, os dias do governo do sr. Antonio Maria da Silva. O debate politico que rijamente se iniciou pela bôca do sr. Cunha Leal é a estas horas uma campanha dúbia, perdida, rodeada de dificuldades e de asperezas. Não tem que recear dela já o gabinete.

Porque o presidente do Ministerio em quasi dois anos de ininterrupto labor governativo aprendeu a contar mais com a fraqueza do adversario do que com o auxilio, a solidariedade e o apoio de correligionarios. E como as lições se não perdem e o sr. Antonio Maria da Silva muito bem sabe que pouco poderia esperar da eloquencia, sinceridade e actividade parlamentar dos seus amigos politicos, tratou de, com uma oportunidade que só lhe faz honra, cortar o interesse ao debate que se anunciara ruidoso, tornando-o vago, incolor, insignificativo. Assim as considerações do «subleader» dos nacionalistas que de começo haviam impressionado a Camara estão hoje bastante afastadas para que possam influir, de maneira decisiva no resultado das votações.

O sr. Antonio Maria da Silva que agradeça mais uma vez, ao imprevisto aqui representado pela morte de Junqueiro e pela inocencia profissional do sr. Fontoura da Costa, o auxilio que lhe prestou.

***

Qual vai ser o final do debate politico travado ainda agora e para dirigir o qual já se encontra em Lisboa o sr. dr. Alvaro de Castro? Este ilustre homem publico traz, ao que parece, elementos novos para reeditar a sua campanha sobre Moçambique. Assim a interpelação Cunha Leal teria uma generalisação que bem se poderia chamar de politica colonial visando a obra dos dois Altos Comissarios do Governo e implicitamente a do sr. Rodrigues Gaspar com eles, pelo menos aparentemente, solidario. Mas os nacionalistas devem recordar-se do que foi a ultima interpelação Alvaro de Castro e do insucesso que para a organisação do seu partido essa interpelação representou. Todo o cuidado é portanto pouco.

Havia quem previsse o final do debate para ontem, quem o anunciasse para hoje, agora ninguem acredita que ele se encerre durante a corrente semana, apezar da vontade que os democraticos têm de se livrarem de uma assiduidade que singularmente os moelsta. A anunciada surpresa que os nacionalistas, para efeitos politicos, anunciaram na segunda-feira, não se verificou. Ignoramos mesmo se esse partido da Republica tinha algum interesse em a fazer, conhecido o seu horror ou pelo menos o horror de alguns dos mais graduados dos seus elementos ás responsabilidades do poder. E o chefe do Governo poude preparar as suas baterias ainda auxiliado pelo acaso que desta vez se disfarçou na figura do sr. dr. José Domingues dos Santos retido no Porto por motivos de ordem particular.

Estão actualmente na mesa duas moções, uma do sr. Cunha Leal, dizendo ao Governo que se vá embora, outra do sr. Jaime de Sousa, dizendo ao Governo que fique. Pouco provavel é que apareçam outros documentos desta natureza. Qual vai ser o resultado das votações incidindo sobre as que já foram apresentadas? Alguem que mantem na Camara um logar de prestigio, embora condicionado pela disciplina partidaria, declarounos:

— Agora é impossivel repetir o que se passou com a eleição Sá Cardoso. A moção governamental conseguirá uma maioria segura e significativa. A vida do Ministerio está completamente assegurada e isso sabem-no muito bem os inimigos do Antonio Maria que ele tem dentro e fóra do seu partido. Uma maioria de algumas dezenas de votos dir-lhe-ha que continue que os independentes continuarão a colaborar com ele, que os catolicos o não hostilisam e que mesmo uma parte dos nacionalistas só o não aplaude porque o Directorio teria de fingir que se zangava. E aqui tem o que vai ser a votação das moções.

***

Está portanto assente que o sr. Antonio Maria da Silva continuará no poder.

Até quando? pergunta o leitor. E nós vamos responder-lhe.

A moção de confiança deve robustecer singularmente o Governo sobretudo perante a tactica dos homens da esquerda democratica ancistos por colher a sua sucessão. Vai seguir-o um periodo de preparação intensa para a eleição presidencial. E durante esse tempo está o sr. Antonio Maria da Silva livre de que lhe façam, parlamentarmente, algum mal. A politica será durante este mez de conciliabulos, de segredos, de profecias e de calculos.

E eleito o presidente todas as atenções convergirão para a sua personalidade. O chefe do governo continuará a coberto. E só quando em 5 de outubro o novo chefe de Estado tomar posse o Ministerio dirá, por que a isso o obrigam as circunstancias, que está cansado, que carece de ser substituido.

Mas ir-se-ha embora o sr. Antonio Maria da Silva? Estamos longe de o acreditar.

Paz morna...

A conferencia de Lauzanne

terminou os seus trabalhos

Depois de oito meses de deliberações — escreve o «Matin» — acidentadas pelas mais varias peripecias, terminou a conferencia de Lausanne. Póde dizer-se que os aliados concluiram com os turcos uma paz morna, isto é, um tratado que, pondo fim ao estado de guerra, parece não estabelecer facilmente as relações de confiança indispensaveis e ao levantamento do credito da Turquia.

Os turcos convenceram-se de que se arriscavam muito em manifestar uma grande intransigencia, e foi admitido, no entanto, que á questão do pagamento dos coupons não figurasse no tratado.

Sobre as concessões é um puro acordo em principio, do qual se verá o valor nos contractos particulares que serão passados entre os antigos concessionarios e o governo turco. Para o coupons a situação não mudou. Os aliados mantêm o seu direito em serem pagos em libras esterlinas e, no fundo, os turcos mantêm a sua intenção em paga-los em francos.

Resta a grave questão da evacuação que deverá realisar-se, nos termos do tratado, seis semanas depois da sua ractificação pela grande assembleia de Angora. Pode ser ainda que, da sua parte, possa haver ainda algumas surpresas e algumas dificuldades.

Delfim Guimarães

Este nosso amigo e distincto poeta publica hoje, neste jornal, uns belos versos de homenagem a Junqueiro.

Foram escritos a nosso convite, e, por ter acedido a ele, só temos a agradecer-lhe.

Dr. Barbosa Viana

Este nosso ilustre amigo não está ainda completamente restabelecido dos ferimentos sofridos, ha dias, quando foi do traiçoeiro atentado bombista da Boa Hora.

Ao ilustre magistrado e nosso amigo, que se encontra na sua casa do Estoril, desejamos rapidas melhoras.

TREMORES DE TERRA

A Peninsula de Kamchatka tende a desaparecer

TOKIO, 12. — Noticias de Kamchatka dizem que esta Peninsula vai desaparecendo pouco a pouco por causa dos tremores de terra. Desde o principio de fevereiro do corrente ano houve cerca de 200 abalos sismicos que teem aumentado costantemente de intensidade.

A Peninsula que é muito rica em minerios conta apenas 7,000 habitantes e tem 1,250 quilometros de comprido por 350 de largo. Teme-se que venha a ser sepultada nas aguas como outrora a Atlantida.—(R)

Tambem na Espanha a terra treme

BARCELONA, 12. — Nesta cidade sentiu-se ás 5 horas da manhã dois violentos abalos de terra que duraram 30 segundos alarmando muito a população.

Tambem houve tremores de terra em Huesca e Pamplona produzindo grande susto entre os habitantes mas não causando desgraças.—(R)

A emigração italiana

ROMA, 12.—O comissario de emigração recebeu 450.000 requerimentos de pessoas que desejam emigrar para os Estados Unidos.—(R)

OS SUCESSOS

No Deposito de Adidos

Ainda o 19 de Outubro

No Tribunal Militar, começou hoje o julgamento do tenente coronel sr. Santos Guerra e sargento Jorge, acusados de, na noite de 20 de outubro de 1921, terem permitido a entrada, no Deposito de Adidos, a um grupo de marujos que pretendiam prender o tenente sr. Viegas Lata, que nessa ocasião se evadiu por uma janela, ficando, na queda, com uma perna fraturada.

***

A audiencia abriu cêrca das 15 horas, procedendo o secretario do Tribunal, sr. tenente Gama, á chamada das testemunhas, que são 40, entre as quaes figuram muitos oficiais do exercito.

Em seguida é lido o libelo de acusação.

***

O defensor do tenente coronel sr. Santos Guerra é o capitão sr. Simões.

***

A' hora de fecharmos estas notas a audiencia continua.

orquestra, constituida por professores e alunos do Conservatorio Nacional de Musica, executará uma composição adequada. Quando o cortejo funebre prosseguir, as crianças agitarão as fitas num derradeiro adeus.

— A' hora do saimento, todos os templos de Portugal estarão abertos, para que as almas dos crentes possam neles recolher-se, em piedoso preito, á alma religiosa do Poeta. Os sinos de todos êsses templos dobrarão a igual hora e por cinco minutos.

Durante êste espaço de tempo, nas povoações e nos campos, em todas as fabricas, em todas as oficinas, em todos os lares e em todas as ruas cessará o trabalho e movimento numa homenagem recolhida e unanime.

— Em todos os monumentos de Lisboa, rememorativos de artistas portuguêses, serão colocados panos de dó. Identica e lutuosa decoração se efectuará no Teatro Nacional Almeida Garrett, nos edificios do Terreiro do Paço e Arco da rua Augusta. Sob este arco e em tôrno do Terreiro do Paço serão colocados focos ornamentais, e ao alto dêles acender-se-hão piras funebres durante o desfile do cortejo. Uma comissão formada pelos professores da Escola de Belas Artes de Lisboa: José Luiz Monteiro, Colombano, Luciano Freire e Velôso Salgado, será incumbida de dirigir a execução dêste plano decorativo, podendo acrescentar-lhe o mais que lhe parecer exequivel e apropriado. A' hora do saimento funebre, formarão, em frente dos seus aquartelamentos, as forças militares que não se encorporarem no prestito, e, durante dez minutos, será executada pelas respectivas bandas e charangas uma marcha funebre. Nas unidades que não tiverem bandas ou charangas as cornetas ou clarins executam o toque de silencio.

* * *

Na assembleia geral do Gremio do Minho, realizada ontem, foi exarada na acta um voto de sentimento pela morte do grande poeta Guerra Junqueiro, conservando-se a assembleia de pé e em completo silencio durante dois minutos.

Foi tambem resolvido que a mesa da assembleia geral e comissão organisadora se incorporem e convidem todos os minhotos a incorporar-se no funeral do grande Poeta.

Pelo telegrafo

Da Agencia Radio

Loteria espanhola

MADRID, 12 — Os numeros mais premiados na loteria espanhola foram os 3.349 e 15.728

Noticias de Marrocos

MELILA, 12 — A situação decorreu sem novidade. As nossas tropas encontraram um canhão Krupp num barranco proximo de Tazarú.

Einstein na Suecia

STOCKOLMO, 12 — Einstein discursou em Gotemburgo perante os reis da Suecia sobre as bases da teoria da relatividade.

Liga de Higiene Moral e Social

A direcção desta colectividade aprovou a seguinte moção:

«A direcção da Liga de Higiene Moral e Social, tomando conhecimento dos escandalos que se estão dando com a propaganda da cocaína e dos graves perigos do uso dêste veneno, resolve chamar a atenção dos srs. Governador Civil e ministro do Interior para este importante assunto e reclama as energicas providencias que se impõem em nome dos mais altos interesses sociais, reputando de toda a conveniencia a proibição do revoltante numero, alusivo á cocaina, de certa revista em scena.»

A liberdade no regimen dos soviets

Prisão preventiva para os operarios

HELSINGFORS, 12 — O comissario do trabalho apresentou á ratificação do comité central dos comissarios do povo um projecto autorisando a prisão como medida de castigo administrativo para os operarios e empregados das emprezas do Estado. Segundo esse projecto os directores das emprezas de acordo com os comités das fabricas poderão ordenar a prisão dos operarios que cometam faltas por um periodo que nunca poderá exceder 15 dias. — R.

ULTIMA HORA

A tarde politica

A reunião do Congresso —Uma interpelação— O debate politico

Deve hoje reunir o Congresso para discutir as emendas do Senado á lei do funcionalismo publico.

O Senado excluiu dos beneficios dessa lei alguns dos funcionarios da Caixa Geral de Depositos, que recebem consideraveis proventos, e melhorou, entre outros, os vencimentos dos ministros; a quem o coeficiente 20 não alterava sensivelmente os ordenados.

Entre a maioria dos senadores lavra um certo descontentamento por lhes terem sido regeitadas as referidas emendas, que consideram de todo o ponto justas.

Pela votação dos deputados, presume-se, porém, que triunfará o ponto de vista do Senado.

* * *

Alguns jornais anunciaram a adesão do senador sr. Aragão e Brito ao Partido Radical.

Aquele parlamentar vai hoje, na sua Camara, declarar que carece de fundamento essa noticia.

Sabe-se, entretanto, que tem tomado parte nas reuniões do respectivo Centro, o que realmente autorisa a suposição daquelês nossos colegas.

* * *

O senador sr. Oriol Pena interpelou hoje o sr. ministro da Justiça sobre o abandono a que as autoridades votam os juizes do Tribunal de Defesa Social, cuja ardua missão está permanentemente exposta a ameaças e a atentados.

Invocou para esta interpelação uma entrevista concedida por um dêsses magistrados a um colega da tarde.

O sr. ministro, permitindo-se duvidar da autenticidade das referidas declarações e criticando a seu modo os processos da imprensa, defendeu a coletividade das autoridades mais qualidades que as exornam.

Ora, por muito bem que s. ex.ª fale, e s. ex.ª não fala nada mal, os factos incontroversamente falam melhor do que s. ex.ª

E o que dizem os factos?

Estabelecidamente, esta coisa muito simples: um dos referidos juizes já foi vitima de três atentados, encontrando-se mutilado.

Dizem mais eloquentemente os factos: que ha quatro dias, junto ao proprio palacio da Justiça, á vista das autoridades, dois dêsses magistrados cairam vitimados por uma tempestade de metralha, a bagatela de sete bombas, «record» dêste processo moderno de proclamar o direito á vida.

Já em identicas circunstancias outros juizes perderam a vida.

Em capitulo de providencia, de protecção aos defensores da lei, aqueles que têm a grave incumbencia de defender a nossa vida contra as estupendas alucinações de certa gente, não ha nada mais elucidativo.

O sr. ministro da Justiça falou como um profeta, como um apostolo, como um livro aberto.

Honra seja a s. ex.ª

* * *

Em ordem do dia, continua o debate politico. Usa em primeiro lugar da palavra o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros para responder ao sr. Cunha Leal quanto a politica externa do Governo.

No Senado, deve entrar em discussão a lei dos meios.

BOLSA

Mercado absolutamente frouxo. Desinteresse geral.

Os preços de fecho são:

Externos, 1.ª série—635, 3.ª série—703, Portugal, comprador 721, vendedor 745, Ultramarino—302,50, Rio Brasileiro—comprador 188,50, vendedor 189,50, Aliança 141, P. Colonias—127,50, Navegação—325, Fosforos—368, Gaz—117, Tabacos—1.135, Ag. Angola—283, Ganda—216, Emp. Ag. Principe—15, Ambaca—173, C. Beira—720, Ilha—426, Ambaca—339, Benguela—753,50.

Libras a 105$00 e 107$00.

Contra o alheio

Os gatunos entraram por escalamento no terraço da residencia de Antonio Ferreira na Estrada das Laranjeiras, 38, 1.º donde levaram uma bicicleta e varios objectos avaliados em 1.200 escudos.

Um grande roubo

A' hora do nosso jornal entrar na maquina somos informados de que na rua da Padaria, 7, 1.º, residencia do dr. Costa Cabral foi praticado um importante roubo. O caso foi participado para o Governo Civil, tendo seguido para o local agentes da policia de investigação.

ANTE O TUMULO DE JUNQUEIRO

A comissão nomeada para organisar e dirigir os funerais — toma varias resoluções —

A comissão reuniu esta tarde, resolvendo requisitar, da G. N. R. 1.000 praças de infantaria e 400 de cavalaria, pedindo ainda tropas aos Ministerios da Guerra e da Marinha.

Tratando propriamente do funeral, tomou as seguintes resoluções:

Mandar lançar sobre as ruas do percurso, rosmaninho e alfazema, que os estudantes se ofereceram para irem apanhar.

Convidar o corpo diplomatico, que aguardará a pouca distancia dos Jeronimos.

Submeter á apreciação um convite ao povo, ás entidades oficiaes e aos funcionarios publicos, e convidar as organizações operarias a fazerem-se representar nos funeraes.

* * *

No dia do funeral todos os edificios publicos serão cobertos de crépes.

* * *

A parte artistica das cerimonias está a cargo dos pintores Columbano, Salgado e Luciano Freire. Os maestros Viana da Mota e Francisco de Lacerda estão organisando a orquestra sinfonica, para a qual já foram convidados varios artistas, entre os quaes alguns da Guarda.

* * *

O prior de Santa Izabel acompanhará os restos gloriosos até aos Jeronimos, sendo dentro do templo recebidos pelo patriarcha.

* * *

O corpo de Junqueiro é amanhã conduzido ao Palacio do Congresso.

* * *

Dizem-nos que amanhã os poetas farão um turno junto da urna de Junqueiro, não estando ainda resolvido se essa homenagem será prestada na Basilica da Estrela, se no Parlamento.

* * *

Começaram hoje as decorações funebres no vestibulo do Parlamento para receber os restos mortais de Guerra Junqueiro. Os trabalhos são dirigidos pelo inspector do jardinagem municipal, sr. Nery.

Os primeiros turnos serão feitos por parlamentares e pelos jornalistas que fazem as cronicas de ambas as casas do Parlamento.

* * *

Ao deputado sr. João Ornelas, da Silva foi enviado o seguinte telegrama:

«A Camara de Angra do Heroismo pede a v. ex.ª se digne representá-la nos funerais de Guerra Junqueiro e apresentar, em seu nome, á familia do glorioso morto as suas condolencias».

* * *

Por iniciativa do Centro Catolico, o senador e conego sr. Dias de Andrade realizou, pelas 10 horas, no altar de Santa Filomena, uma missa pela alma do Poeta, sendo acolitado pelo sr. dr. Weiss de Oliveira.

O Centro era representado pelos srs. Lino Neto, Serafim Simões, rev. Alves Correia e J. Fonseca.

A Juventude Catolica fez-se representar pelo seu presidente.

A' missa assistiram, alem das familias Junqueiro e Mesquita de Carvalho, numerosas pessoas de todas as categorias sociais.

* * *

Durante o dia de hoje realizaram-se os seguintes turnos organisados pela academia:

Das 7 ás 9, Antonio Gonçalves, Santos Paiva, Beça Quintão, B. Queiroz; J. Aparicio, Antonio Baptista Gomes, A. Vaz Rebelo;

Das 9 ás 11, Victor Jaime de Castro, R. Nunes P. de Freitas, Antonio Nascimento, Antonio Garção, Asdrubal de Aguiar;

Das 11 ás 13, F. Machado, Antonio M. Godinho, A. Santos Silva, Soares Baptista, F. Mayer Garção, R. Castro Azevedo, R. Melo Moreira;

Das 13 ás 15, Georgino Nada, A. Paixão, Francisco Martins, Antonio Encarnação, Freitas e Machado;

Das 15 ás 17, N. Vaz, Samuel Paiva, Gustavo Ribeiro, A. Diniz, Julio J. Marques, Azevedo Vaz;

Das 17 ás 19, Bastos Guerra, Asdrubal Machado, C. Silva, L. Martins, Luiz Monteiro, F. B. Rodrigues, M. Moreira, E. Nunes;

Das 19 ás 21, Paiva Gomes, Beça Quintão, Agostinho Nascimento, A. Vaz, G. Faria, Pedro Arcos, Henrique Gomes Arcos, Barros Leite, Mansinho da Conceição.

* * *

Tambem tem continuado a realizar turnos os bombeiros municipais e voluntarios, escoteiros, policia e soldados da G. N. R.

* * *

O publicista espanhol sr. Luiz Maya esteve velando a urna.

* * *

Estiveram tambem na Basilica da Estrela delegados do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha, os srs. Afonso Dornelas, dr. Bettencourt Rodrigues, etc.

* * *

Algumas senhoras velaram durante a tarde a urna do grande Poeta.

Gremio Republicano Federal

Convida o povo de Lisboa, sem distinção de classe nem de credo, a incorporar-se no cortejo funebre do poeta Guerra Junqueiro, da Basilica da Estrela ao Parlamento.

* * *

Na impossibilidade de virem a Lisboa as crianças das escolas da provincia, o sr. ministro da Instrução mandou que enviassem as fitas para o efeito acima referido. Pelo presidente da Federação Academica foi proposto e aprovado, pela comissão, que a parte central das ruas por onde passar a urna seja juncada de alfazema, alecrim, rosmaninho e espadana, e que á Camara Municipal sejam fornecidas palmas em numero suficiente para serem distribuidas pelos estudantes que tomam parte nos funerais.

Parlamento

Nos Deputados

Por alma dos monarquicos—Varios assuntos

Usa em primeiro logar da palavra o sr. Carvalho da Silva para reclamar contra as coações exercidas no Porto no sentido de não se realisarem em algumas egrejas missas por alma dos monarquicos mortos no combate de Chaves.

O sr. ministro da Instrução promete transmitir o caso ao chefe do governo.

* * *

O sr. Carlos Pereira trata da necessidade de se fomentar o desenvolvimento das industrias resinosas, dando-se-lhes vantagens alfandegarias, respondendo o sr. ministro da Instrução que fará sciente o seu colega das Finanças.

* * *

O sr. Alvaro de Castro pergunta se sr. presidente do ministerio se está habilitado a substituir o sr. ministro das Colonias em todos os assuntos e, em caso afirmativo, quando pode o sr. Antonio Maria da Silva dispor-se a responder ás considerações que ele, orador, iniciou ha tempos acerca do «modus-vivendi» com a União Sul Africana.

O sr. presidente do ministerio declara que vai tratar do caso junto do sr. ministro das colonias.

* * *

O sr. Joaquim Ribeiro solicita providencias de modo a que sejam ... que a cidade de ... adquirir ... pela ... por intermedio da Camara Municipal. Depois o orador insurge-se, com veemencia, contra a falta de medidas por parte do Governo para se evitarem os actos de banditismo como aquele que se deu no largo da Boa Hora. Sabe que ha particulares desolados, mas antes quer fazer numero desses do que deixar de mostrar á sua revolta pela falta de garantias de segurança publica e individual.

Em resposta o sr. presidente do Ministerio começa por dizer que a questão de carne está afecta á Camara Municipal que é autonoma.

Quanto aos crimes dos bombistas, muito se tem legislado sobre o assunto, mas necessario acha o Governo que novos processos se adotem para se punirem tão repugnantes e criminosos gestos.

* * *

A sessão continua.

No Senado

O sr. Oriol Pena censura a publicação do programa do cortejo funebre a realisar ao grande poeta Guerra Junqueiro, no «Diario de Noticias», onde se pretende fazer literatura, e onde ha uma nota de ridiculo pouco propria para a cerimonia a prestar aos restos mortaes do maior poeta da raça latina. *(Apoiados de todos os lados da Camara.)*

O orador chamou a atenção do sr. ministro da Justiça para uma entrevista publicada, e concedida pelos juizes do Tribunal de Defesa Social que foram feridos, e onde se afirma que a policia sabe bem quem são os criminosos.

O sr. Aragão e Brito: O sr. Paulo Menano não serve para a policia!

O sr. Mendes dos Reis: Prove, prove! Não basta dizer coisas! *(Apoiados.)*

Os atentados dinamitistas

Do «complot» de sabado passado apenas falta prender um bombista

Foi a «Capital» o unico jornal que, ao dar-se o atentado do largo da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defesa Social, informou os seus leitores que o grupo que poz em pratica o referido atentado era constituido por sete dos mais perigosos bombistas. As nossas informações são agora confirmadas pela policia, que tendo até agora efectuado seis prisões, declarou hoje aos «reporters» que apenas faltava prender um dos criminosos, que, segundo parece, anda a monte.

Do grupo bombista que tinha por chefe o perigoso «Avante», faziam parte José de Melo, Domingos da Silva, Jorge da Silva Pinheiro e Ezequiel Seigo, tendo sido preso hoje de manhã na sua casa, na rua Herois do Kionga, o conhecido bombista Antonio Duarte, que igualmente fazia parte do grupo. O Duarte é já conhecido da policia como bombista perigoso, porquanto tem tomado parte em não poucos atentados, tendo sido êle quem fez explodir, ha meses, um engenho infernal á porta da residencia do agente Filipe da Silva, na estrada de Sacavem, por o referido agente ter prendido o temido anarquista Bela-Kun. O Duarte foi ainda o autor dos recentes atentados dinamitistas contra uma padaria da rua Herois do Kionga e contra a barbearia «Salão Paris», da rua Augusta, tendo tambem ha tempos alvejado com tiros de pistola uma sentinela que se encontrava de serviço na calçada da Ajuda, á porta de um quartel e ameaçado ainda de morte o antigo agente Araujo, da Policia de Segurança do Estado.

Como acima deixamos dito figura entre os presos Jorge da Silva Pinheiro, que apresenta um ferimento no hombro esquerdo feito por estilhaço de bomba, vindo agora a apurar-se que foi atingido quando do atentado da Boa Hora.

Interrogado na policia declarou que o ferimento em questão fôra motivado por uma pedrada que lhe deram quando ha dias andava de passeio pela serra de Monsanto, de nada lhe valendo a estupida desculpa porque examinado pelos medicos da policia eles verificaram tratar-se de ferimento feito por estilhaço e não por pedra.

O preso quando acompanhado pelo agente Almeida transitou pelos corredores do Governo Civil apresentou-se receoso, encostando-se sempre ás paredes e temendo que lhe batessem, mostrando uma cobardia extraordinaria.

A policia de Segurança do Estado durante o dia de hoje esteve investigando sobre os cadastros de alguns individuos que foram presos por suspeitas e os quaes pouco a pouco vão sendo restituidos á liberdade por se apurar que não tiveram a menor interferencia no repugnante atentado de sabado passado.

Hoje foi tambem preso Augusto Victor Martins, da Calçada de Arroyos, 42-1.º, outro bombista que já por duas ou tres vezes tem sido preso e outras tantas vezes enviado ao comando da 1.ª divisão do exercito.

Trata-se de um individuo perigoso á sociedade e como tal posto agora a bom recato.

Os Partidos

Republicano Presidencialista

A direcção do Centro Republicano Dr. Sidonio Paes, em sua reunião de ontem, tendo tomado conhecimento de que foram presos os seus consocios João Francisco Junior, Manuel Martins Carromba e Manuel Garcia juntamente com agitadores, lavra o seu protesto pelos atentados ultimamente cometidos e lamenta que tais prisões tenham sido levadas a cabo, sollicitando das autoridades competentes que aqueles seus consocios sejam imediatamente postos em liberdade.

«Sr. redactor do jornal «A Capital» — O comunicado ontem publicado no seu muito lido jornal, referente á minha pessoa carece de fundamento e, portanto, de verdade.

Eu fui, com efeito, muito tempo, delegado dos marinheiros e moços da marinha mercante. Pedi, porém, já a minha demissão e para que ma dêssem tive de insistir muito. Nunca foi publicada uma nota como essa a que o referido comunicado se refere e, sobre engajamentos, desconheço tudo o que a isso diga respeito e desafio o autor da noticia a que prove o contrario. Quando ao movimento do dinheiro da Caixa de Socorros aos Pescadores devo dizer que os armadores nunca deram para ela nem um centavo.

Lisboa, 12 de julho de 1923. — O delegado dos pescadores, *Alfredo de Oliveira Mendes*.»

Nota da redacção. — A nota que publicamos foi enviada pela associação de classe dos marinheiros e moços de marinha mercante para a «Imprensa da Manhã» que a publicou no dia 6 de Novembro de 1921. O signatario da carta acima transcrita deverá ter protestado e o dito da sua justiça nessa data.

A proposito duma noticia

Uma carta

Pedem-nos a publicação da seguinte carta que inserimos por dever de lealdade:

«Sr. Director—Tendo o jornal «A Capital» de que v. é ilustre Director publicado no seu numero de sabado passado, uma local com a epigrafe «Um sargento gatuno?», permita-me v. que sobre o assunto eu venha dizer o que sei ácerca do verdadeiro. O José de Santa Maria não foi, nem é 2.º sargento, mas sim soldado deste Deposito, que estando em tratamento no Hospital Colonial, dali se evadiu em 8 de Junho findo. Manuel José da Costa e Fernando Rego da Silva se provou completamente desse ... naquele Hospital, onde de proposito me foi informar do ocorrido, motivo porque não é possivel que o Santa Maria, que estava em tratamento no Hospital Colonial dali ... vesse furtado varios objectos avaliados em 750 escudos e pertencentes aos queixosos.

Haja me cumpre informar v. de que o referido soldado, a ocasião em que se evadiu do Hospital Colonial, sómente levou um fato de kaki pertencente a um seu camarada, que como ele ali se achava em tratamento e, conforme que, adicionado dos distintivos para 2.º sargento, segundo informação de pessoas que me merecem todo o credito, o Santa Maria enverga atualmente, passeando as ruas da baixa.

Se alguma consideração lhe merecem a classe dos sargentos, a que me honro de pertencer, e para bem da verdade, venho rogar a v. o especial obsequio da sua conhecimento jornal, de que sou assiduo leitor, desfazer o lamentavel erro em que involuntariamente colaborou toda a imprensa local, segundo me parece, referindo a local de sabado com o presente informação.

De v. etc.—Alfredo Avernas, 2.º sargento do D. M. C.

DO PAIZ VISINHO

Falecimento do padre Manjon

GRANADA, 12.—Faleceu o padre Manjon director das escolas de Ave Maria. O cadaver foi exposto na sala capitular tendo sido recebidos centenas de telegramas de pesames. — R.

As greves em Barcelona

BARCELONA, 12. — Varios grupos de grevistas teem pretendido opôr-se ao transito dos veiculos tendo disso resultado varios conflitos com a guarda civil.

Tem continuado a fazer-se regularmente a venda de peixe.

Numa estancia de madeiras da calle S. Miguel encontraram-se 4 petardos e nas proximidades de Montjuich houve 4 explosões.—(R.)

COLONIA DE MOÇAMBIQUE

Um dia festivo—Inauguração dum nova carvoeira—Lourenço Marques, o futuro porto de carvão

Lourenço Marques, 15 de junho—O ultimo domingo foi um dia importante para Lourenço Marques, pois se assinalou com a entrada ao serviço do porto da magnifica nova carvoeira que, como additamento ás instalações existentes, se espera que obtenha para esta cidade a invejavel situação de primeiro porto exportador de carvão do Sul da Africa.

A carvoeira devia ter ficado pronta e a funcionar ha já tempo, mas nas fundações surgiram dificuldades imprevistas.

Foram elas de natureza muito semilhante ás que apareceram na construção do elevador de cereais em Durban, aqui, porém, foram vencidas e sobre elas surgiu um conjunto de aparelhos do interesse para todos.

A nova carvoeira, não ha duvida, representa para o porto a satisfação de uma necessidade que, com as vantagens naturais que Lourenço Marques já possue faz com que os vapores possam aqui meter carvão nos paiois ou carregado mais barato e com maiores facilidades do que em qualquer dos portos da Africa do Sul. A experiencia de domingo de manhã foi dificilima. O vapor escolhido para a experiencia foi o «Carlow Castle», da Union Castle, que veio aqui meter carvão nos paiois, sendo interessantissimo presenciar os movimentos do carvão desde a sua saida dos vagãos que eram vasados num enorme funil de cimento, de onde era depois transportado por meio de vagonetas para uma torre e em seguida despejado num balde de 40 toneladas que por ultimo o levava para o porão do vapor. Este balde, que como o vasador é invenção do engenheiro sr. Provay, pode ser descido dentro do porão do vapor e ai despejar o seu conteudo sem o quebrar. Esta é uma caracteristica da instalação que trabalha economica e satisfatoriamente.

* * *

Enquanto o publico observava com grande interesse todas as partes da instalação, realisava-se na casa das maquinas electricas uma pequena cerimonia de inauguração com a assistencia do encarregado do Governo, sr. Teodoro Monteiro de Macedo, que estava acompanhado do seu chefe do gabinete sr. capitão Fernandes e de varios chefes e directores de serviço e grande numero de visitantes, entre os quaes os representantes dos interesses carvoeiros do Tranvaal e de varios engenheiros e empregados dos S. A. R.

O sr. H. Mauricio, que foi a primeira pessoa a falar, disse:

«O Governo portugues, consciente da sua missão colonizadora, não se poupa a esforços de nobilitar as suas tradições.

«Paiz pequeno, na Europa, aonde tem o querido berço natal, mas grande em seus dominios, ele compreende nitidamente, quanto lhe é proprio esperar de proficuo, das qualidades laboriosas de seus filhos, que, nas Provincias Ultramarinas, ou irmã Patria Brasileira, procuram engrandecer e firmar, o legado dos seus gloriosos antepassados.

«E' esse amor á Civilisação, ao Progresso e á Independencia Nacional; é esse desejo de caminharmos ao lado de nações prósperas, potentes e felizes, que aqui todos nos reune para inaugurar mais este importante melhoramento do porto de Lourenço Marques. Vai este colosso, fructo da engenharia, pôr em actividade os seus possantes membros de trabalho. Não o ides já ver na perfeição rapida de maxima actividade produtiva de que é capaz: vai procurar na pratica os ligeiros aperfeiçoamentos que aquela sempre aconselha. Que aos dedicaos autores desta importante obra, corresponda o triunfo ambicionado. Que s. ex.ª o governador geral, população desta provincia e todos quantos aqui afincadamente trabalharam, sintam o natural regosijo proveniente do exito de um bom acto de administração publica. Que s. ex.ª o director do porto e C. F. L. M. encontre na paz da sua consciencia de dever cumprido, o unico premio que, funcionario do Estado, pode esperar do producto de iniciativa, zelo e exaustivo trabalho em prol do engrandecimento da Nação. E' o que desejamos.»

A seguir falou o engenheiro sr. Noronha e Andrade, director do porto. E assim terminou a cerimonia da inauguração, sendo posta a funcionar a carvoeira e começando o trabalho de carregamento do vapor; tendo sido despejado no chão o conteudo de um balde para se vêr a facilidade com que era espalhado o carvão e quão insignificante era a sua quebra.—*(A.)*

Teatros • Musica • Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO MARIA VICTORIA—O Fado Corrido, revista em 2 actos de A. Barbosa, X. Magalhães e L. Rodrigues. Musica de R. Portela e B. Ferreira

A revista que ontem se estreou no simpatico barracão do Parque Meyer, a que pomposamente se chama já Teatro Maria Victoria, agradou-me.

Sem pretensões de sair do seu genero popular, é uma obrasinha melhor do que as ultimas congeneres que a têm antecedido. O comentario politico (admiravelmente dito por Santos Carvalho), é excelente de a-proposito, e tem um grande e bem achado sabor popular. E' claro, agradou em cheio. Santos Carvalho, que é actor e é mesmo um belo elemento daquele genero, está muito com a expressão lisboeta e isso deu-lhe já um grande publico.

Alem dos seus numeros que marcam, o «compère» foi Carlos Leal e feito com desembaraço, e Laura Costa — talvez hoje a mais linda rapariga dos nossos palcos populares — foi graciosa e sobretudo muito bonita. Quando se tem aquele palminho de cara e aquele palminho de tudo, meus amigos, não se vai bem nem mal, vai-se com aquela cara...

Pelos vistos, Laura Costa — a Lálá — não tem grandes simpatias numa parte do publico, que a acha demasiado imposta, exageradamente posta em foco por varios proteccionismos. Eu, cá por mim, como isso nada me interessa, acho que ela veiu lindamente vestida — o que é raro em revista, que canta com uma voz muito másinha, ou antes muito pouco educada, cançonetas com graça, que tem espirito a dizer e que, se educar a garganta, está ali uma «disette» de revista gentilissima e atraente.

Os misterios de bastidores, isso é lá com êles...

Alda de Sousa tem um numero felicissimo — a Saia Balão. Bem cantado, lindamente articulado de forma a não se perder a letra, e com linda musica, foi bem recebido e bisado.

Zulmira Miranda, Jorge Roldão e Tina Coelho, «comme il faut...». Os outros fizeram o que puderam.

Os scenarios são muito melhores do que é costume. Algumas cortinas bonitas, embora dentro de um modernismo muito pacato.

Merece referencias e aplausos o scenografo Baltazar Rodrigues, pois as suas tentativas são interessantes e revelam já alguma vontade de sair da roncefrice habitual, tendo mesmo um certo bom gosto.

A «Mascote da moda», comquanto copiada directamente do «Casino de Paris», revela já uma intenção e, pelo menos, o reconhecimento da necessidade de renovar.

A luz não é feia e, emfim, o aspecto muito melhor do que é costume. A propria apoteose do grande circulo é mais bonita tambem do que as banalidades do costume.

A scena de Eduardo Reis, filho, é como tantas outras dêste scenografo — nem melhor nem peor do que as que fazia ha dez anos.

A scena da rua, de Reinaldo Martins, correcta.

A scena de Renda, Serra e Amancio não choca tambem por coisa nenhuma.

O guarda-roupa, rico, muito rico mesmo, mas sem gosto nenhum. Tirando um ou dois grupos, é tudo vulgar. E' uma pena ver gastar tanto dinheiro sem um bocado de bom gosto a servi-lo. Tive a impressão de que uma das cortinas, a vermelha, era de seda! E por aqui se vê que a montagem é realmente feita com grandeza, mas que falta de gosto e de distinção naqueles figurinos, que pobreza de imaginação — com tantos documentos para poder fazer-se uma obra que marcasse pela novidade e pelo interesse!

Os bailados de Ebora, muito bons.

A montagem electrica falhou bastantes vezes, e, como se sabe, é do mais importante num conjunto de feéria, como a revista.

Resumindo, o «Fado Corrido», aparte algumas pequenas deficiencias, é um espectaculo bom no seu genero. Simplesmente, com os «fauteuils» de S. Carlos a 6$50 e os do Maria Victoria a 20$00 — para onde irá o publico?

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

No Eden realiza-se na segunda-feira proxima, a recita dos autores da revista «Caldo verde» ali em scena, com extraordinario agrado, Barbosa Junior e Silva Tavares. Os autores do «Caldo verde», preparam para esse espectaculo varias atracções.

—Amanhã, no Nacional, realiza-se a recita de João Bastos e Henrique Roldão, os afortunados autores da peça «A viuva Gomes» que constitue o mais alegre exito teatral da actualidade.

—Está já marcada para a proxima terça-feira em S. Carlos, a recita de Lucilia Simões, a artista insigne que tão grande brilhantismo tem dado ao teatro contemporaneo, com as suas brilhantes e inolvidaveis creações. O espectaculo coincide com a recita da moda, e para ela, escolheu Lucilia a «reprise» da «Casa da Boneca», de Ibsen, peça em que tem um magistral trabalho e que pertencendo ao seu exclusivo repertorio, não vê, ha largo tempo a luz da ribalta. A recita de terça-feira em S. Carlos, consagrada a Lucilia Simões, é das que vão ficar memoraveis.

—Abre no sabado o Avenida Parque, antigo Parque Mayer, transformado em amplo recinto de varias diversões que o publico muito ha-de apreciar, frequentando-o assiduamente, nas tardes e noites de verão.

—Está melhor dos seus incomodos, motivados pelo desastre que sofreu, o sr. Antonio Pereira Botelho, socio da nova empreza constructora do Ginazio.

Cela de homenagem

Aos autores do «Fado Corrido»

Ontem, no Club Mayer, realisou-se uma festa intima dedicada aos srs. Alberto Barboza, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, felizes autores, da popular revista «Fado Corrido».

Assistiram, entre outros, os srs. Estevam Amarante, Luis Derouet, Sarmento Duque, Laura Costa, Zulmira Miranda, Dulce Menezes, Elisa Santos, Alda de Sousa, José Anzalach, Carlos Vasques, Luis O'Donell, Matos Sequeira, Luis Galhardo, Lino Ferreira, Carlos Leal, Octavio Matos, Santos Amaral, Antonio Macedo e Macedo e Brito.

Pela Empreza Teatral Maria Vitoria falou Antonio Macedo e José Anzalach pelos amigos intimos.

Reclames

A revista triunfante continua sendo a do Eden, que se repete sempre, em duas sessões: é ela a mais graciosa e de mais actualidade, possuindo as mais animadas scenas e uma critica scintilante aos factos que mais tem chamado a atenção do publico. «Caldo Verde», agora ampliado com o numero novo «A ultima palavra», interpretado por Margarida Martinó e José David, o qual é em extremo, muito gracioso, tendo conquistado gerais aplausos.

—A ordem da noite no Nacional, continua sendo rir, sem descanço, irreprimivelmente, com a graça esfusiante de «A viuva Gomes», scintilante peça em que Joaquim Costa e A egrim são simplesmente impagaveis. Hoje para alegria de todos, teremos mais vez mais, «A viuva Gomes» no Nacional.

—E' «A Rajada», a peça que hoje se representa em S. Carlos, o que equivale a anunciar outra noite de intenso entusiasmo naquele lindo teatro. Em «A Rajada» tem Lucilia Simões, incontestavelmente, uma das suas mais completas e brilhantes creações, colocando-a num logar superior a quantos interpretes estrangeiros temos podido apreciar na famosa peça.

CINEMAS

Paris misterioso

E' magistral o trabalho do notavel actor francez Georges Gauthier, no ne romance de arte em 10 episodios e 22 partes «Paris Misterioso», que hoje se exibe completo no Salão Foz e Chiado Terrasse, tanto na matinée, como na soirée.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes».
S. CARLOS—A's 9,15—«A Rajada».
POLITEAMA—A's 9,30—«Ordem de Marcha».
APOLO—A's 9,15—«Morgadinha de Valflor».
EDEN—A's 8,45 e 10,45—«Caldo Verde».
MARIA VITORIA—A's 9—«O Fado Corrido».

Animatografos

SALAO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

Gremio do Minho

Sob a presidencia do sr. Manoel Inacio Ferraz, realisou-se ontem a assembleia geral do Gremio do Minho, para discussão dos seus estatutos. Na generalidade discutiram-no varios associados, sendo por fim aprovado.

Na especialidade discutiram-se e aprovaram-se os capitulos 1.º e 2.º, devendo prosseguir a assembleia na proxima quinta-feira.

VIDA SPORTIVA

Foot-ball

O Directorio e o conselho técnico da F. S. D. A. em reunião conjunta, resolveram indicar á C. E. F. a conveniencia de rapidamente terminar a época de foot-ball, não aceitando qualquer pedido de adiamento de jogos do Campeonato Federal que deve terminar antes do fim de julho; lastimando ainda que até tão tarde se tivesse prolongado contra o regulamento federal e em prejuizo da saude dos proprios jogadores.

Ciclismo

LUSITANO CLUB CICLISTA

Em homenagem aos corredores que tomaram parte na grande prova Porto-Lisboa, por este club, a Direcção resolveu na ultima reunião oferecer-lhes um almoço em Cintra no dia 22 do corrente, com um passeio ciclista para os socios; podendo ir tambem convidados.

A partida faz-se ás 7 horas, da séde, T. de S. Domingos, 39-1.º

Moto Sport Club

Fundou-se, com este titulo, um club de foot-ball, da classe dos «chauffeurs» de carros de praça, a qual tem o seu campo em Campo de Ourique.

Sport Algés e Dafundo

Este club acaba de enviar á Liga dos Clubs Portugueses de Natação a declaração que segue:

«Não tendo os membros demissionarios da delegação de Lisboa da Liga dos Clubs Portugueses de Natação organisado o campeonato regional de 1.500 metros na data marcada no calendario e em conformidade com os avisos oficiais enviados aos clubs para disputa do qual se apresentaram os nadadores deste club e doutros e tendo constado que os aludidos membros demissionarios da delegação de Lisboa, arrogando-se de um direito que não têm nem podem ter, dada a sua situação de demissionarios, tinham marcado varios desafios de «Water-Polo» para terça, quinta e sexta-feira da presente semana, deliberações estas incontestavelmente artribiliarias, o Sport Algés e Dafundo, protestando contra semilhante ilegalidade declara que não tomará parte em prova alguma até á proxima assembleia geral, convocada para o dia 16 do corrente, a não ser naquelas cujas realisação seja feita nas datas marcadas no calendario.»

Ecos & Noticias

Chegou a Lisboa, doente, vindo do Porto, o comerciante nessa praça e velho «sportman», sr. José Eduardo de Abreu Loureiro.

NO RUHR

França e Inglaterra

O desacordo parece, agora, menos acentuado

Conciliação proxima?

Continuam as conversações entre o Foreign Ofice e a embaixada de França. O ponto critico está, não tanto na propria questão das reparações mas, segundo o judicioso parecer do «Times», na questão da resistencia.

O «Daily Mail» encara este problema como *ponto cardeal* da discussão e examina-o com a maior atenção.

— Os franceses, diz, pediram ha já algum tempo ao governo britanico para reclamar da Alemanha que termine com a resistencia passiva. O governo britanico pediu aos franceses para que declarassem qual seria a sua acção no Ruhr desde que a resistencia passiva cessasse. Nenhuma das duas partes fez qualquer movimento para dar satisfação á outra.

O ponto luminoso na sombria situação presente seria a indicação de que o governo britanico estaria agora disposto a pedir á Alemanha para que fizesse cessar a resistencia passiva no Ruhr. E do seu lado, o que fará a França?

Ha ai uma dificuldade. «Suponde, dirá a França, que garantia a retirada do Ruhr de certa porção de tropas, se o governo alemão retirasse as suas proclamações e ordenasse a cessação da resistencia passiva. Os meios nacionalistas e os seus agentes no Ruhr, não obedeceriam ao governo alemão atacando os nossos representantes oficiaes e civis.»

O «Daily Mail» acrescenta que a França está prompta a retirar 70.000 homens dos 90.000 actuaes ocupantes se cessar a resistencia passiva e conclue que se a Grã-Bretanha colaborar na obtenção de justos pagamentos, poderá dar como resultado uma diminuição gradual e regular da fiscalisação inter-aliada.

Esta nota de conciliação é interessante. O «Daily Grafic» recusa-se a crêr que a França queira a ruina da Alemanha. Lucra simplesmente ser paga.

Para o «Daily Express» faz-se sentir a necessidade dum acordo; ora nenhum acordo, bom ou mau, é possivel, sem que se defina uma boa politica. As conversações não têm o merito de dissimular os factos.

O «Daily Telegraph» preconisa a tese duma reavaliação dos pagamentos, baseada sobre a capacidade de pagamento da Alemanha.

Entretanto... no Ruhr prosegue a resistencia passiva, plena de atentados á mão armada!

Gazolina
Petroleo
Oleos

SHELL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.ª L.td

Rua do Crucifixo, 49
LISBOA

A INICIADORA
101 R. do Alecrim 103
LISBOA

Estabelecimento de electricidade e especialidade em banheiras

Este estabelecimento executa todos os trabalhos de luz electrica, Para-Raios, Campainhas e encanamentos de agua e gaz.

Tem colossal existencia de lampadas electricas, pilhas para lanternas de algibeira; lindos candieiros e plafoniers.

Grande exposição das varias mercadorias

Chamada pelo TELEFONE 3820 Central

MARCELINO PAULO BRITO

Companhia Portuguesa de Fosforos

Sociedade Anonima, Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 11:999.970$00

Dividendo do ano de 1922
Coupon n.º 32

São avisados os srs. Acionistas de que o pagamento do dividendo ás Acções ultimamente entregues, ou sejam as n.os 100:001 a 200:000, na importancia liquida de Esc. 5$90 (cinco escudos e noventa centavos) por Acção, será efectuado desde 16 a 30 do corrente mês, ás segundas, quartas e sextas feiras, nos seguintes estabelecimentos:

Na sède da Companhia—Rua de S. Julião, 139, 2.º, das 14 ás 16 horas.

No Banco Lisboa & Açores—Rua Aurea, 88, e na sua Filial no Porto: Avenida dos Aliados, das 11 ás 14 horas.

Passado o prazo acima designado continuará o pagamento ás quintas feiras, ás mesmas horas, e bem assim o dos dividendos anteriores.

AVISO—São avisados os srs. Acionistas possuidores de Recibos emitidos em Maio e Junho de 1922, de que os novos Titulos lhes são entregues ás terças-feiras, na sède da Companhia, rua de S. Julião, 139, 2.º, das 14 ás 16 horas.

Lisboa, 11 de Julho de 1923.

Os Administradores
(a) D. Luis de Lancastre
(a) Hugo O'neill

TINTURARIA DO POVO
DE
José Dias
Rua de Sant'Ana, á Lapa
121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Vinhos espumoso de Lamego
(Caves da Rapozeira)
Reservas de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

CURIA
Estancia dos artriticos

Instalações modernas, formoso parque, grande lago, - grandes melhoramentos -

Epoca termal
de 1 de junho a 31 de outubro

Concertos de musica nos salões do casino
de 15 de junho a 30 de Setembro

NAZARÉ
Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto
— todo o ano —

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim

• Abrem-se brevemente •
— — novos cursos — —
• para principiantes e •

FRANCEZ : : INGLEZ

: : Já está aberta : :
: : : a inscrição : :

AGUAS DE SABROSO
P. de S. Julião 67, Tel. C. 1996
Distribuição a domicilio

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Tindade, 14
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 4444

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:
«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:
RUA NOVA DA TRINDADE, 90—(Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c.—(Telef. C. 5113)

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
R. JANEIRO 1908 · ANVERS 1894 · BELEM 1895
LONDRES 1904 · LISBOA 1888 · PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1915, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

TORPEDO

— AS — VANTAGENS RESULTAM QUANDO SE FAZ USO DA MAQUINA "TORPEDO"

Agentes no Sul do paiz:
J. Anão & C.ª, L.da R. Fanqueiros, 376, 2.º
Telefone N. 3536

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, e torpecimento, durezas, pisaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

Mobilias e Estofos
BIZARRO DA SILVA, L.DA

82, R. Augusta, 84 — 21, R. dos Correeiros, 23
Telefone Central 2533

Mobilias de todos os estilos, bom acabamento, preços modicos. — Pessoal habilitado para montagem de casas, escritorios e clubs. — Serviço de embalagem para a provincia e Africa.—Oleados, tapetes, carpetes, brises-brises.

COLLARES
BURJACAS

Cimento "HERMES"
(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º
Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º
Telef. N. 1178

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

A CAPITAL

O REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4429—15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA — Sexta-feira 13 de Julho de 1923 — Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

PARIS, 13. — A Camara dos Deputados aprovou a importancia de 300 milhões de francos para adiantamentos á Servia. Falando sobre o assunto, o assunto, o sr. Poincaré declarou que não se trata de quaisquer preparativos a fazer contra a Russia, mas que a Servia tem necessidade de se precaver contra outros vizinhos, que não seja a Russia.

O TRIUNFO DO GENIO

A' hora em que êste jornal começar a circular nas ruas de Lisboa, já deve estar a caminho do palacio do Congresso Nacional o ferétro que conduz os despojos mortais de Guerra Junqueiro.

Começa assim a glorificação nacional ao poeta: com a romagem piedosa é o cortejo civico em que se afirmará a consciencia de um povo.

Assim devia ser. Assim será.

Em tôrno da figura do Poeta continúa a travar-se um conflito, como se êle ainda estivêsse vivo e pudesse responder com as agudas setas da sua ironia ou com o formidavel latego da sua indignação ás deturpações que se procuram forjar, tanto sobre os intuitos da sua obra, como sobre a integridade do seu caracter.

Ainda agora acabamos de ler que quando Guerra Junqueiro publicou a sua famosa «Ballada do caçador Simão», êle tinha em mira incitar já ao regicidio que se deu dezoito anos mais tarde!

E' um verdadeiro acto de má fé.

Pela leitura dessa peça poetica, de resto de alto valor literario, vê-se claramente que o que Junqueiro esperava era a revolução redentora, que estêve para triunfar, no Porto, alguns anos depois. O caçador Simão seria caçado, não para a morte, mas para o que êle significar a perda do trôno que não soubera honrar numa das mais tremendas crises da dignidade nacional.

Junqueiro nunca alimentou ideias homicidas; nunca foi um demolidor sistematico da ordem; nunca pensou em ser um militante da anarquia; nunca andou num meio de conjuras em que a dinamite tivesse foros sagrados de justicêira implacavel.

Se deixou cair dos labios palavras, não de jubilo, mas de justiça impessoal e austera, quando falou do acto de Buiça e Costa, é porque entendia que a sua consciencia não devia colaborar em hipocritas manifestações que não existiam, nem mesmo nos meios monarquicos.

O regicidio, ninguem o ignora, não foi impugnado por muitos que hoje se horrorisam, só de o recordar, porque êsses ou se encontravam nas mais extremistas fileiras revolucionarias, ou faziam parte dos partidos monarquicos escorraçados do poder por João Franco, e aos quais D. Carlos negara qualquer sombra de caracter.

Perdôem-nos esta digressão; mas pretender-se, no momento em que um povo inteiro honra o poeta do «Simples» como vivo simbolo da Patria, apresentá-lo, aos olhos de nacionais e estrangeiros, como um facinora, é uma iniquidade monstruosa e um insulto revoltante ao proprio espirito e á propria honra da nacionalidade.

Nós sabemos que estas vozes não se elevam muito alto, que as sufoca o clamor de um povo inteiro, exaltando a memoria imortal de um cantor. Mas, com já outro dia aqui acentuámos, custa muito, custa muito! que estas exteriorizações de um odio implacavel á causa da liberdade, que o grande poeta serviu até ao fim da vida, possam aflorar, de inconfessaveis profundidades, onde só se geram despeitos e rancores, que nada respeitam e nada poupam.

Entretanto, a marcha triunfal iniciase. Ao lado do ferétro de Junqueiro, caminha a propria imagem da Patria!

NA... CHIBIA

O Chefe do Estado

EM LUBANGO, AUXILIANDO O GENTIO NO TRABALHO DUMA DEBULHADORA MECANICA, SEGUNDO O

"Compendio de Geografia Elementar"

¡¡oficialmente aprovado!

Vale a pena contar-se o caso. Vá sem comentarios e sem a chacota que merecia porque o momento não é para isso. A consternação da morte de Junqueiro é incompativel com a sadia jovialidade do assunto.

Mas diga-se, assim mesmo.

Num alegre e fresco cantinho de Angola, estimado de todos e de todos conhecido, vive, ha muito, um homem, trabalhador incançavel que, se mulato (mulato escuro) não fora de nascença, preto seria de tanto mourejar áquele aspero sol de Africa. E' celebre na colonia, mais do que o terrivel Mandumbe; mais do que o aguerrido Cazuangongo dos Dembos, mais do que o proprio sr. Norton de Matos; celebre por três circunstancias:—é quasi negro de côr e tem a alma mais clara que a mór parte dos brancos; é pai de 60 ou 70 filhos que traz á roda de si como pastor carinhoso de tão variada prole; e chama-se Antonio José de Almeida, o Antonio José de Almeida, da Chibia.

Alem do nome, porem, nada tem de comum com o Chefe de Estado que á Huila nunca foi: nem a côr, nem o sangue, nem a naturalidade, nem a profissão, nem a barba.

Mas o nome é tudo. Sobre o berço, o padrinho marca o futuro da creança. A sua sorte, a sua profissão, o seu destino, a sua vida, em geral, estão nisso, naquele simples incidente do registo. E' Antonio?—será sapateiro e morrerá aos 40 anos. E' João?—será revolucionario e viverá 50 anos. E' Matusalem?—será eterno.

Assim, num «Compendio de Geografia Elementar» do sr. Mario de Vasconcelos e Sá, aprovado oficialmente para a 3.ª e 4.ª classes do ensino secundario (D. do G. de 2 de agosto de 1921), a paginas 198, vem a fig. 197, com esta legenda: «S. Ex.ª o atual Presidente da Republica Portuguesa, o sr. dr. Antonio José de Almeida, em Lubango, auxiliando o gentio da região no trabalho da 1.ª debulhadora mecanica!»

O Presidente da Republica que figura na fotografia ali reproduzida, é o preto Antonio José de Almeida, da Chibia! E esta?!

Quer o autor do livrinho, com a preocupação de o transformar num detestavel album fotografico ali estampasse sem mais cuidados, tudo quanto ás mãos lhe chegou; que, correndo atraz dum nome, nada mais quizesse investigar, apezar de haver mais Marias na terra, passe! Mas que o Conselho de Instrução Publica, ou lá como se chama, ignore que o sr. Presidente da Republica não tem aquele aspecto e ignore que o sr. Presidente da Republica nunca esteve no Lubango, cá nos parece—por inadmissivel—brincadeira de mau gosto.

Estão sujeitos a cada uma as grandes individualidades!...

Só nos falta que, mercê de tal gravura e tal letreiro, oficialmente sancionados, os 70 filhos do sr. Antonio José de Almeida, da Chibia, venham, á cata de pergaminhos, intentar acção de investigação de paternidade ilegitima contra o atual Chefe de Estado!

Prova já teem.

A lei de linch

A multidão aplica-a a um camponez

BERLIM, 13—Junto de Bringsd em Burganland uma multidão de camponeses linchou o guarda da Tapada principesca por este ter morto um camponez que se introduziu furtivamente.—(R.)

Sobre o vulcão vermelho!

Os malfeitores das bombas

prosseguem a sua faina sinistra

O sr. dr. Ferreira de Sousa

diz-nos que a Policia de Investigação se limita a enviar ás futuras vitimas, retratos dos executores

Já restabelecido dos ferimentos que sofreu no atentado de ha dias no Tribunal da Boa Hora, o sr. dr. Ferreira de Sousa faz a sua vida habitual. Falando comnosco, o sr. dr. Ferreira de Sousa contou-nos coisas edificantes. Em sintese, o indefectivel juiz do Tribunal de Defesa Social poz-nos a questão do quási isolamento a que aquele organismo é votado. Depois, a conversa espraiou-se, porque preguntámos ao sr. dr. Ferreira de Sousa:

— V. ex.ª disse a um jornal da noite que suspeitava de uma revolução comunista para breve...

— Sim. Tudo indica que alguma coisa se prepara de anormal. A propaganda é intensa entre o operariado, nos quarteis, na marinha, nos campos e até na propria policia. Garanto que, se o Governo não tomar sérias providencias, graves e dolorosos dias nos esperam. São necessarias leis de excepção; é a propria gravidade do momento que as impõe.

— Ao mesmo jornal v. ex.ª disse haver bombistas que eram restituidos á liberdade pouco tempo depois de condenados...

— Disse, e é assim. Olhe, o «Bela-Kun». Foi condenado no Tribunal de Defesa Social em Fevereiro de 1921. Pois, alguns meses depois, em fins de Outubro do mesmo ano, era posto na rua por um simples despacho do ministro da Justiça de então, sr. dr. Almeida Arez.

— Que coisas extraordinarias se passam em Portugal!

O sr. dr. Ferreira de Sousa narra:

— Com o nosso caso, o meu e o dos meus colegas do Tribunal de Defesa Social, deram-se coisas interessantes. Senão, veja:

«Quando recebi da Confederação Patronal a comunicação de que tinha sido organisado um «complot» para atentarem contra a minha vida, dirigi-me ao sr. ministro da Justiça a pedir providencias. Foi chamado o sr. dr. Paulo Menano, procurou-se assentar nas medidas a tomar e, éste ultimo senhor, achou serem as melhores e unicas o enviar alguns policias para me vigiar a casa e acompanhar-me. Como era natural, não concordei com o sr. dr. Paulo Menano e disse-lhe que julgava ser o primeiro e melhor caminho a seguir que êle, como director da Policia de Investigação — investigasse, chamando os signatarios do oficio da Patronal e procurasse colher elementos que o habilitassem a tomar medidas preventivas. O sr. dr. Paulo Menano alegou varias razões interessante se manteve a sua primeira opinião. Lamentei o caso e saí, enviando, no dia seguinte, um requerimento pedindo a minha demissão sobre a base de que os poderes publicos não me forneciam suficientes garantias para a minha segurança pessoal no uso da missão de que estou encarregado. Perante êste requerimento, o sr. dr. Paulo Menano foi chamado e recebeu indicações para investigar como era minha opinião».

—E o Governo deu instruções ao dr. Paulo Menano?

— As investigações foram feitas e a policia tem conhecimento pormenorisado de tudo o que se preparava, com nomes e até fotografias dos executores do «complot». Um dia, mostraram-me as fotografias e disseram-me os nomes: José de Melo, Ezequiel não sei de quê e um outro, cujo nome me não recorda, mas que tinha um labio rachado ou um dente partido.

«Prisões nenhumas. O sr. dr. Paulo Menano, não sei porque razões, certamente de pêso, aguardou que o atentado se désse para depois prender. Lá estão na cadeia o Melo, o Ezequiel e o outro».

«E' interessante, não é? Primeiro, a Policia de Investigação tem relutancia em investigar e limita-se a funcionar como policia de segurança, e, depois, investiga, colhe elementos, mas não procura evitar o crime e só prende quando já não ha remedio! Creia que isto nos desgosta. E' um abandono quasi completo a que nos votam. A cobardia é geral!

— V. ex.ª admite que uma revolução comunista venha a eclodir?

— Não tenho duvidas; estamos á mercê de um golpe de audacia. Meia duzia de bombas nos Ministerios, duas no Parlamento — e estarão senhores de tudo, pelo menos por algumas horas.

Uma pregunta para fechar:

— O Governo?...

— Ah! Do Governo temos recebido todas as manifestações de simpatia e solidariedade; todas.

O sr. Ministro da Justiça

não subscreverá nenhuma lei de excéção, porque não precisamos delas para condenar

O nosso colega a «Patria» afirmava ha dias, a quando do atentado contra os juizes do Tribunal de Defesa Social, que, no Parlamento, se pensava em propor uma nova forma de julgamento.

Tratava-se de localisar num navio de guerra o funcionamento do tribunal que passaria a ser constituido por oficiais de mar e terra. Segundo a mesma noticia, imediatamente ao julgamento seria dado o respectivo destino aos condenados.

A informação era interessante, restava averiguar do seu fundamento.

Entre os parlamentares e senadores, nenhum havia, daqueles que interrogamos que nos declarasse fazer qualquer proposta nesse sentido. Todos, porém, eram concordes em que, tal como estão, os factos não se podem manter.

Restava-nos um caminho: ouvir a opinião do senhor ministro da Justiça. Procurámo-lo hoje no seu gabinete. Bem recebidos como sempre, interrogamos o dr. Abranches Ferrão.

* * *

O ministro, embora o não dissesse, deixou-nos a impressão de não estar satisfeito com as afirmações contidas na entrevista concedida pelos juizes a um jornal.

— Eu — disse-nos o ministro — até pensei em escrever uma nota esclarecendo os factos. Não o fiz porque espero o sr. dr. Ferreira de Sousa que hoje me escreveu, dizendo que vinha aqui. E' necessario que o senhor afirme o seguinte: nos estabelecimentos dependentes do meu Ministerio, segundo informações que pedi e me forneceram, os presos bombistas são tratados sem qualquer favoritismo e como os presos por delictos comuns.

Quanto a qualquer proposta tendente a modificar a forma e local de julgamento:

« Conservo-me absolutamente quieto a esse respeito. Nada proporei á camara. Aguardo que o Parlamento resolva sobre a proposta do sr. dr. Catanho de Menezes que está pendente do Senado.»

— Concorda com ela? Preguntamos.

— Nada lhe digo sobre o assunto. Só lhe afirmo, como já afirmei nas camaras que sou absolutamente contrario a leis de excepção. Tenho defendido esse principio como professor, não o vou modificar como ministro.

«Leis á maneira da de 13 de fevereiro? Nunca as assinarei.»

* * *

E continuando:

«Estou convencido que a legislação existente chega mas tambem estou convencido de que as leis de excepção não sejam as melhores para evitar os crimes de caracter semilhante ao da Boa Hora. Veja o exemplo da Espanha...»

O sr. Virgilio Pinhão

foi ontem vitima de um atentado, porque não deixou de andar na cola dos bandidos

Mais um atentado. Desta vez a vitima é o sr. Virgilio Pinhão, que foi, durante certo tempo, adjunto da P. S. E., quando o sr. Cunha Leal foi presidente do Ministerio.

Seguindo para sua casa, ontem á noite, o sr. Virgilio Pinhão reparou, na rua da Palma, que era seguido. Preparou-se para a defesa, aperrando a pistola. Entretanto, o agressor caiu sobre êle e disparava uma pistola ou revolver, cujo projectil atingiu no pescoço o sr. Pinhão. O ferido disparou sobre o facinora, que poude pôr-se em fuga.

Ainda houve tiroteio, ficando ferido numa perna um transeunte.

* * *

Depois de ter deixado a P. S. E., por divergir de certas atitudes do sr. Cunha Leal, o sr. Virgilio Pinhão, que é geralmente considerado um republicano radical, a quem a Republica deve incontestaveis serviços, foi para a Confederação Patronal dirigir a sua policia particular.

Entretanto, entrava para o serviço da policia, á qual se tinha tornado simpatico desde que, numa greve da construção civil, forneceu aos grevistas bombas falsificadas, o celebre «Avante» chefe da legião vermelha. O sr. Virgilio Pinhão foi preso duas vezes, uma delas em condições estranhas: estava doente e, com a casa cercada, foi quasi arrancado do leito e obrigado a ir ao Governo Civil, onde foi largamente, apertadamente interrogado. Dois dias depois—mandaram-no em paz.

* * *

Porque tinha sido preso o sr. Pinhão?

Por êste motivo muito simples e dentro da logica das funções que o «Avante» desempenhava na policia, muito logico: porque, segundo o chefe da legião vermelha, andava cá por fora a difamá-lo — dizendo-o bombista perigoso e agente secreto da policia... O que é incontestavel é que o sr. Virgilio Pinhão foi preso por suspeito — graças ás insinuações do «Avante».

Não deve surpreender o leitor a situação, assim preponderante, que o «Avante» gosava na policia. Era realmente assim. Ele conseguia evitar a prisão dos seus apaniguados, bem como quaisquer investigações que pudessem prejudicar os seus afins. Mais ainda: quando teve que responder perante o Tribunal de Defesa Social — os juizes tiveram de se incomodar, comparecendo no Governo Civil para julgar «Avante», quando é certo que o Tribunal costumava reunir no quartel de Campolide ou na Boa Hora.

O que é certo é que o sr. Virgilio Pinhão, sabendo de tudo isto, vigiava com uma certa assiduidade o «Avante». E' claro que semelhante vigilancia não lhe agradava. E o sr. Virgilio Pinhão foi preso.

* * *

Como chefe da policia da Confederação Patronal, o sr. Virgilio Pinhão não deixou de trabalhar activamente. Foi êle quem enviou á Policia de Investigação, dias antes de êle se verificar, um «dossier» completo ácerca do atentado da Boa Hora.

Esse «dossier» sabemos que era bem pormenorisado. No entanto, o atentado realizou-se.

E' ainda o sr. Virgilio Pinhão que tem prevenido a policia de atentados pessoais, fornecendo indicações seguras.

A policia, no entanto, deixa-se ficar, deixando que os crimes se pratiquem. Limita-se a fornecer retratos dos futuros assassinos ás futuras vitimas... Tê-lo-ha feito, tambem, ao sr. Virgilio Pinhão?

OS SUCESSOS DE MACAU

Julgando cair nas graças dos CHINAS

o novo governador dá liberdade a grevistas e criminosos confessos, ofendendo

assim a nossa dignidade nacional

A proposito de uns telegramas insertos nos ultimos jornais da manhã, noticiando a repetição constante de actos graves de banditismo na China.

Sentimo-nos confranger ao recordar os transes por que passaram dezenas de europeus — incluindo senhoras e crianças — feitos prisioneiros por um exercito de piratas, num comboio que de Shanghai se dirigia a Pekim. Durante semanas sofreram o cativeiro, vivendo despojados de roupas, maltratados e com a vida ameaçada a todos os momentos. Só ao cabo de semanas, sob a exigencia de indemnisações progressivamente maiores e sob a energica pressão do corpo diplomatico acreditado em Pekim, pela voz do decano respectivo — o nosso ministro na China — obtiveram a liberdade.

Então, o governo chinês tratou com os bandidos como de potencia para potencia e cedendo a todas as exigencias em dinheiro e concessões, incluindo a impunidade — com a qual, de resto, naquele pais de antemão podem contar os autores de semelhantes proezas.

Os assaltos aos vapores que navegam na costa chinesa estão a repetir-se tambem e, ha pouco tempo ainda, o «Sui An» — que não foi o ultimo — que faz a carreira entre Hong-Kong e Macau, foi assaltado, mortos os guardas e roubados os passageiros, que, durante horas seguidas, se viram fechados nas cabines, em monte, até que os piratas tivessem concluido o saque completo a toda a carga e valores susceptiveis de serem removidos. Mas no meio de tudo isto os assaltados, entre os quais iam alguns portugueses, ainda foram relativamente felizes... porque desta vez não se lembraram os piratas de incendiar o barco depois de roubado.

Mas, emfim, não nos é possivel enumerar os casos de assalto e roubo a europeus na China, casos que se contam por centenas.

Apreciemos, a proposito, a situação da China.

A grande e rica nação encontra-se num estado caotico, sem governo quasi, para conseguir governar e poder administrar, numa fase paradoxal, pelo seu apêgo a uma civilização milenaria, e sob a acção, já, de doutrinas deleterias vindas da Russia, e espalhadas como arma, menos por russos do que por «outras desvairadas gentes» — quiçá os americanos — não recuando ante os meios de conseguirem a prepotencia na China para mais de perto procurarem aniquilar o Japão. Assim começa o antigo Celeste Imperio, para não dizermos que continua, a preocupar grandemente as potencias, que interesses e designios opostos, pontos de vista e intenções de diferente ordem, cerebros e lucta com estomagos, não puzeram ainda de acôrdo.

A conjugação dos esforços dessas potencias, porém, é inevitavel e, em poucos anos, em poucos meses, talvez serão forçadas a agir. Esboça-se, começa a definir-se mesmo por sintomas seguros, um movimento semelhante ao dos «boxers». O odio ao europeu acentua-se e exterioriza-se mais acentuadamente de dia para dia e só os cegos não poderão ver o seu desenvolvimento crescente. As gréves de Hong-Kong e de Macau, pelo seu caracter, estão a afirmá-lo claramente.

Durante meses, a riquissima colonia inglesa de Hong-Kong, apesar dos seus recursos formidaveis, viu-se a braços com uma situação dificil e, lamentavelmente, quando a gréve, que a principio fôra só da associação de maritimos, paralizando o porto colossal, se generalisou, os ingleses capitularam, aceitando todas as imposições dos grevistas.

Torna-se doloroso, decerto, para quem viveu no Oriente as horas amargas dessa gréve e do seu desfecho, especialmente, recordar os pormenores de tal acontecimento. Interesses, incertezas, receios conduziram a solução que ninguem previa licitamente.

A' gréve de Hong-Kong, com pequeno intervalo, seguiu-se a gréve geral em Macau. As provocações e os conflitos com os portuguêses começaram a repetir-se com insistencia. As associações de classe chinesas organisavam-se á pressa e a atitude da população china daquela nossa colonia era a fuga da costumada humildade para um campo de desusada irreverencia. O exemplo de Hong-Kong, quando oficiais britanicos foram obrigados a fazer continencia á bandeira da associação maritima chineza e ponto de fleumaticos jornalistas ingleses se verem forçados a criticar o seu governo com desusado calor, animava a uma tentativa de larga envergadura em Macau, que falsamente era julgado o ponto fraco dos europeus na China...

Cada vez mais, surgiam gréves e conflitos, e em 28 de Maio do ano ultimo, em seguida á prisão de um chinês que agredira um soldado landim, uma multidão rebelde cercava uma esquadra e exigia a liberdade imediata do preso. Uma força militar acudiu. E durante dezasete longas horas se suportaram as ameaças, as invectivas, os desmandos de uma turba alucinada, engrossando a todos os momentos, ruas barricadas, a desordem a surgir de um movimento ha muito preparado.

Esgotados todos os meios de, sem violencia, se sanar o conflito, crescentes as provocações e os desmandos, houve que recorrer-se aos extremos. Correu sangue. E, durante êsses sete meses, Macau deu um exemplo de coragem, de firmeza, de valor, que nunca será suficientemente conhecido, que nunca, aqui, pelo menos, será condignamente apreciado...

Macau foi em uma parcela de Portugal!

Sereno, sem exageros, num exemplo formidavel de alta compreensão da sua missão e responsabilidade historica, Macau repeliu todas as exigencias, todas as imposições, arrostando com o perigo e com dificuldades que nem se sabe como foram vencidas.

Os serviços inferiores, os mais baixos, mesmo, que ali são feitos por chinas, foram-no nessa altura por portuguêses! A bandeira verde-rubra tremulava mais galharda nas velhas fortalezas de Macau. Portugal e só Portugal ali mandava, sem temor de pressões e de ameaças. E venceu-se, chegou-se ao fim dêsse periodo que é mais grave da historia de Macau, com honra, com brio, portuguêsmente! Ha dois homens a quem Portugal deve Macau, simplesmente: os comandantes Correia da Silva e Magalhães Correia. O seu patriotismo, a sua inteligencia, a sua dedicação, a sua firmeza salvaram a colonia, por mais duma vez. E se se soubesse quantas perfidias, quantas ambições inconfessaveis e deslealdades tiveram de arredar do seu caminho!

Passada a gréve, Macau retomava a tranquilidade anterior, sob a afirmação positiva e insofismavel da nossa soberania. Fechadas as associações cumplices da sedição, expulsos os criminosos, justiça feita. Mas isto não foi entendido de futuro, e hoje temos a lamentar a perda daquele esforço heroico e sobrehumano — esquecido o exemplo formidavel. «A gréve foi uma lenda, uma fantasia...», como comentou já o actual governador de Macau, que ali chegado resolveu «conscienciosamente» mandar abrir associações de grevistas, perdoar criminosos, julgando assim cair nas boas graças dos chinas.

Como já esquecêram as palavras, do grande Albuquerque aos antigos suzeranos do rei de Ormuzt...

A questão do inquilinato

A acção das juntas de freguezia de Lisboa

As juntas de freguezia de Lisboa vão ao Parlamento na proxima segunda-feira entregar aos presidentes das duas casas do Congresso e ao governo, uma representação pedindo a aprovação imediata do projecto de lei de inquilinato da autoria do sr. dr. Catanho de Menezes assim como o imediato trancamento de todos os processos de mandado de despejo.

Na segunda-feira á noite deve realisar-se uma reunião magna das juntas para assentar no caminho a seguir, tanto para já, como para o caso de não serem atendidos os pedidos constantes das suas representações.

Os grandes hoteis

VER EM

ULTIMA HORA

A trasladação de Junqueiro

ULTIMA HORA

Raid Lisboa-Rio

A oferta das insignias da Torre e Espada

Acabamos de ver as insignias da Torre e Espada que a comissão presidida pelo sr. general Gomes da Costa vai entregar aos ilustres oficiais da nossa armada Gago Coutinho e Sacadura Cabral e para a qual subscreveram muitos portuguêses do continente, ilhas e colonias, e ainda residentes no Brasil, bem como alguns cidadãos estrangeiros. Trouxeram-nas á nossa redacção os dois membros dessa comissão, srs. capitães Olimpio de Melo e Moreira Fernandes.

As insignias, feitas em ouro de lei, têm cada uma tres placas cravejadas em brilhantes, esmeraldas e safiras e os estojos em veludo carmezim com escudos a ouro e dedicatoria, são uma obra prima digna de ver-se e fazem honra á industria nacional.

Foram executadas pelo fabricante de condecorações Frederico Costa da rua de S. Julião, o mesmo que ha anos fabricou outras identicas para o general sr. Norton de Matos.

As mensagens da autoria do ilustre escritor dr. Julio Dantas e com a cooperação na parte alegorica do sr. Alberto de Sousa e na parte caligrafica do sr. Lobato Cortezão, tão gostosamente se prontificaram a cooperar nela, são encerradas em duas ricas pastas em pelo, com escudo e dedicatoria, o que tornam um trabalho e uma dadiva de um valor real e estimativo, digno dos ilustres aviadores.

Depois do regresso do Brasil do almirante Gago Coutinho serão expostas no salão do Ministerio da Guerra para o elemento militar e em ponto oportunamente designado para os subscritores não militares, sendo depois entregues com a devida solenidade.

Pelo telegrafo

Da Agencia Radio

A morte de Ali Fahmy

LONDRES, 13.—**As ultimas informações acerca da morte do principe Ali Fahmy parecem mostrar que foi devida a motivos politicos.**

O patriarca grego

CONSTANTINOPLA, 13.—**O patriarca grego deixou esta cidade resolvendo de hoje para o futuro fixar a sua residencia em Monte Athos.**

As docas inglêsas

LONDRES, 13.—**Está terminada a greve dos operarios das docas. Os operarios retomaram ontem o trabalho em boa ordem.**

A Alemanha e a Russia

REVAL, 13.—**Vai recomeçar imediatamente o comercio de farinhas entre a Russia e a Alemanha.**

Escravatura branca na Hungria

GENEBRA, 13.—**O Conselho da Sociedade das Nações nomeou uma comissão especial para fazer um inquerito ácerca do comercio das brancas na Hungria.**

Franceses e belgas

nas regiões ocupadas

Condenação de três desertores franceses

PARIS, 13.—**O Tribunal Marcial de Orleans condenou á morte tres desertores do exercito do Ruhr que pretendendo fugir para a America, assaltaram um tenente do exercito frances roubando-lhe a sua carteira.—(R.)**

Tem havido tumultos em Duisburgo

BERLIM, 13.—**Tem havido tumultos em Duisburgo. Os soldados belgas teem feito fogo para o interior das habitações. O numero dos alemães feridos é muito grande. Tres ficaram mortos.—(R.)**

Eleições municipais e distritais do Sarre

BERLIM, 13.—**As eleições municipais e distritais na região do Sarre foram um sucesso para os votantes alemães. Todos os esforços dos franceses para apoiar as associações dos proprietarios falharam. Os partidos da direita aumentaram a expensas dos socials democratas.—(R.)**

Em Santa Clara

O 19 de Outubro

no Deposito de Adidos

A audiencia abriu ás 13 horas, para continuação do julgamento do tenente coronel sr. Santos Guerra e sargento Jorge, acusados de não se opôrem á entrada dos revolucionarios de 19 de outubro, no Deposito de Adidos, afim de prenderem o sr. tenente Viegas Lata.

* * *

A primeira testemunha a depôr é o tenente sr. João de Barros, que estava de dia ao deposito no dia do assalto. Conta ao tribunal, que os revolucionarios tambem o pretenderam prender, e que, se o não fizeram, foi devido a um marinheiro, que não conhece, a isso se opôr. Diz que os réus não podiam de fórma alguma opôr-se a entrada dos revolucionarios.

O tenente sr. Miguel Artur G. da Fonseca diz que foi preso pelos revolucionarios e conduzido para o Arsenal num automovel não sabendo o motivo da sua prisão. Foi preso no quarto de dormir, não sabe o estado de disciplina em que o quartel se encontrava, para poder dizer se sim ou não os réus poderiam opôr-se á entrada dos revolucionarios. Entende, porém, que os réus manteriam a ordem se podessem.

O sr. presidente do juri: — Sabe se alguns dos réus estava implicado no movimento?

— Dias antes do movimento se dar correu no quartel a versão de que o sr. tenente coronel Guerra favorecia os revoltosos. Não posso dizer se isso era ou não verdade.

* * *

O tenente sr. José Maria da Graça, estava deitado quando ouviu barulho num corredor; levantou-se e viu um grupo de marinheiros e civis, que procuravam o tenente Lata. Disse-lhes que o sr. Lata não estava, tentando então os revoltosos arrombar a porta do referido tenente, ao que ele testemunha, se opôz. Foi nessa ocasião que soube que já se tinham dado as mortes dos srs. Carlos da Maia, Machado Santos e Antonio Granjo, por um dos marujos ter dito:

— Já mataram o barbaças, e o Lata tambem tem de ir!...

Como a testemunha lhe contrariasse esse acto, um dos revolucionarios respondeu que se o Afonso Costa cá estivesse tambem teria de ser morto.

O sr. promotor: — Quem proferiu essas palavras?

— Um dos do grupo, não posso dizer quem.

* * *

A' hora de fecharmos este relato a audiencia continua.

BOLSA

Continua a acentuar-se a baixa progressiva de alguns papeis, mantendo-se em estagnação outros.

Os papeis, fecharam, a saber: Externos, 1.ª série, 616, 3.ª série, 699. Portugal, 725, Ultramarino, 301, P. Brasileiro, 187, Aliança, 141, P. Colonias, 127, Navegação, 315. Fósforos, 263.50, Pesca, 122, Gaz, 115.50, Tabacos, 1.106, Ac. Angola, 233, Emp. Ag. Principe, 15.50, Amboim, 179. Cabinda, 7.20, com comprador, Ilha, 417; Ambaca, 338, Benguela, 765.

Os Partidos

Fica sem efeito o anunciado comicio anti-fascista

A comissão politica do Centro R. R. 19 de Outubro, em virtude das notas oficiosas que o Directorio do partido tem publicado na imprensa respeitante ao comicio anti-fascista que este Centro estava organisando; tendo ainda em atenção a entrevista concedida á «Capital» do dia 7 do corrente, pelo secretario geral do mesmo Directorio; considerando que a entrevista citada representa decerto, a opinião do Directorio do P. R. R. resolve não efectuar o comicio por um dever de disciplina partidario, ficou assim elibada a sua responsabilidade em qualquer movimento fascista que por ventura possa dar-se entre nós.

A tarde politica

Oposição de veludo...—Mutilados da guerra

São 15 horas e um quarto e na sala dos Deputados ha, quando muito, dezoito parlamentares.

O deputado sr. Sá Pereira brada da sua cadeira:

— Chamo a atenção do sr. Alberto Vidal para as disposições regimentares.

E voltando-se para as direitas acrescenta com ironia:

— Vê-se bem que a oposição é de veludo...

Ha gargalhada geral. Felizmente nesta Camara não falta a alegria.

A's 15 e meia faz-se a chamada havendo numero.

* * *

Foram hoje distribuidos os pareceres sobre a dotação aos mutilados da guerra e melhoria da alimentação dos presos.

Do primeiro é interessante o que se segue: — «Os mutilados e estropiados da guerra são, para nós, legitimas reliquias da grande obra em que nos empenhamos todos. As regalias que lhes têm sido concedidas nada são em consequencia das más circunstancias da vida actual.

«Têm os revolucionarios civis, muitos dos quaes têm serviços mais que duvidosos, pela dificuldade da sua identificação, regalias que hoje peço para os mutilados que têm bem patente pelo seu aspecto ferico, os serviços prestados á Patria.»

Se não é impecavel pela gramatica, é eloquente de justiça e critica á facilidade com que, assás magnanimamente, se abriu o cofre estimular do Estado áqueles mesmos revolucionarios que não conseguiram identificar os seus serviços...

* * *

A's 5 horas o sr. Cunha Leal começa a sua replica enérgica ao discurso proferido ontem pelo sr. ministro dos Estrangeiros a quem afirma que falou muito mas insuficientemente.

— O sr. ministro ha-de dizer mais, garanto-lhe — exclama o sr. Cunha Leal, que continua falando.

Os ultimos atentados

Duas afirmações de bombistas — O que fará a policia!?

Temos conhecimento de dois casos graves e dignos da atenção da policia. Aqui os vamos relatar para que o sr. dr. Paulo Menano proceda.

O bombista «Bela-Kun» afirmou em pleno tribunal e nos autos do processo pelo qual foi ultimamente julgado, que, antes de ser detido, recebera de um agente da policia a informação de que existia contra si, um mandado de captura!

O bombista Ezequiel Lobo, que se encontra preso como implicado no ultimo atentado dinamitista, afirmou, depois do atentado, a alguns dos seus sequases que, visto o sr. dr. Ferreira de Sousa ter escapado desta, ele pessoalmente se encarregaria de o liquidar mesmo que, para tal, tivesse de sacrificar a propria vida!

Furto de louças

Dissemos ontem na nossa secção de «Ultima Hora» que no escritorio de sr. Costa Cabral, na Rua da Padaria, 7, 1.º havia sido descoberto um importante furto.

Trata-se de um deposito de louças donde foram desviados varios objectos avaliados em 6,000 escudos. As suspeitas recaem sobre um empregado da casa, estando as diligencias policiais a cargo da 3.ª secção de investigação.

A gréve dos ferro-viarios

Noticiamos ha dias que os ferroviarios do Sul e Sueste preparam a gréve em sinal de protesto por ter sido posta em vigor uma reorganisação dos serviços da autoria do sr. Rosa Mateus.

A comissão de melhoramentos que ontem veio expressamente a Lisboa avistou-se com o sr. ministro do Comercio e com a direcção do Sul e Sueste, foi presa quando saía dos escritorios da referida direcção, instalados no Palacio Penafiel, ao Caldas, sendo passados momentos restituida á liberdade e depois de terem exposto ao Governo Civil os fins das suas «démarches».

Parlamento

Nos Deputados

Os atentados dinamitistas — Pedido de aumentos — A demissão do sr. Antonio Maia

A' chamada respondem 41 parlamentares. Fazem-se as leituras do costume, em seguida ao que, o sr. Crispiniano da Fonseca envia para a mesa, justificando-o, um projecto de lei para uma radical reforma da policia e pelo qual se organisam perfeituras, e se unificam os serviços policiaes, acabando com os juizos de investigação criminal. O apresentante deseja que o seu trabalho seja estudado pela comissão incumbida de reorganisar os serviços publicos.

* * *

O sr. Cunha Leal, referindo-se aos atentados dinamitistas, diz não acreditar que a policia scientifica resolva o caso e estranha que não haja e necessaria energia para se evitarem atentados que os seus proprios autores anunciam.

* * *

O sr. presidente do Ministerio responde que foi bastante claro quando disse ser necessario agir de modo pratico contra criminosos de tão hedionda especie. Esse é preciso, evitando-se, porém, inuteis violencias, e ao Governo não falta energia para isso.

* * *

O sr. Carlos Pereira insta por documentos que requereu ao Ministerio do Trabalho para provar a miseria administrativa dos hospitais civis de Lisboa, estabelecimentos onde predominam as condições de saco.

O sr. Vasco Borges tambem deseja documentos da mesma natureza.

O sr. João Bacelar igualmente insiste por documentos.

O sr. Torres Garcia pede medidas que obviem ao mau funcionamento dos hospitais de Coimbra, por falta de verbas.

* * *

O sr. Antonio Maia, aludindo ao seu pedido de demissão do exercito, pergunta se ele, de facto, enviou ao sr. ministro da Guerra um requerimento insultuoso, como diz a imprensa.

O sr. presidente do Ministerio responde que o caso é com o sr. ministro da Guerra e o sr. Antonio Maia retorque que já não tem de responder como militar.

* * *

Recomeça depois o debate politico.

No Senado

Junta autonoma em Leços

Foi aprovado com dispensa do ultimo redacção, o projecto de lei creando na cidade de Lagos uma corporação local delegada do Governo, com a denominação «Junta autonoma do porto comercial de Lagos» que tem por fim administrar, dirigir e executar estudos, obras necessarias, serviços, fundos, receitas, subsidios e tributos especiais, destinados á construção e melhoramentos do porto.

Mocidade Republicana

No Centro Tomaz Cabreira reuniram os corpos directivos dos «Jovens Luzitanos».

Dada a palavra ao sr. Ferro Alves, começou êste por expôr as dificuldades com que lutara o Centro Academico na sua constituição. Em seguida abordou o problema da mentalidade republicana, estranhando que o governo nenhum auxilio preste aquelas que pretendem entre os novos reagir contra as doutrinas reacionarias. Referindo-se á atitude a seguir declarou que, norteado pelos principios gerais das primitivas formulas republicanas, devia declarar que havia uma admiravel e patente energia civica na massa popular que era preciso integrar nas forças agentes da Republica. Aludindo á estada no poder do P. R. P. afirmou que isso era a consequencia logica da falta dum outro partido capaz de o substituir.

Em seguida o dr. Barbosa Soeiro, afirmou que o maior perigo para a Republica provinha do clericalismo, que era necessario expurgar e combater com o concurso de todos os partidos, desde o mais radical ao mais conservador. Por ultimo tendo falado os srs. Joaquim Domingues e Barbosa Junior, foi encerrada a sessão no meio de grande entusiasmo.

A TRASLADAÇÃO DOS RESTOS DE JUNQUEIRO

Na Basilica da Estrela e no palacio do Congresso

A caminho de S. Bento

No atrio do Congresso ergue-se a eça onde ficará exposta, até amanhã, a urna contendo os restos de Guerra Junqueiro. Todo o atrio está rigorosa e artisticamente ornado de grandes panos pretos franjados de oiro e prata, com muitos arbustos. Ao centro fica a eça.

Os lampeões estão envoltos em grandes crepes.

* * *

A' hora a que fechamos esta noticia, encerra-se a sessão na Camara dos Deputados, estando a organizar-se o cortejo que ha-de conduzir da Estrela ao Palacio do Congresso os restos do genial poeta.

* * *

Os estudantes continuaram hoje a fazer turnos até á saida da urna da Basilica.

* * *

As juntas de freguesia, bombeiros, escoteiros, soldados da G. N. R., escolas primarias, comerciais e industriais realizaram hoje varios turnos.

* * *

Os srs. drs. Daniel Rodrigues e Marques da Costa, que representavam a C. M. L., estiveram tambem velando a urna, tendo-se-lhes juntado o sr. dr. Magalhães Lima.

* * *

O deputado sr. Agatão Lança representava as camaras de Baião e Marco de Canaveses. A Junta Geral do Districto era representada pelos srs. Costa Gomes e Joaquim Domingues e a Camara de Albufeira pelo sr. Jaime de Campos; a camara do Vimioso, pelo sr. Lopes Cardoso; as de Lagoa e Saulé, pelo sr. João Augas; a de Tavira, pelo sr. dr. Joaquim Ribeiro; o conselho central das juntas de freguesia pelo sr. Bartolomeu Severino.

O sr. dr. Trindade Coelho representa no funeral a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, o poeta Nuno Claro e a Camara de Megadouro.

A' hora em que fechamos estas notas chega o sr. presidente do Ministerio, ministro da Instrução, representantes das duas casas do Parlamento.

Os sinos da Bazilica começam a tocar a finados.

No largo estacionam muitos milhares de pessoas, assim como na calçada da Estrela, Avenida Wilson e largo das Côrtes.

* * *

A familia Junqueiro distribuiu hoje esmolas de um escudo a 150 pobres.

* * *

O corpo do poeta será retirado da eça e conduzido até á rua por estudantes.

* * *

Embora não tenha indicações regimentais, a mesa da Camara dos Deputados, acompanhada dos deputados que o quizerem fazer, aguardará na portaria do Parlamento o cadaver de Junqueiro, assistindo igualmente todo o pessoal maior e menor do Congresso.

Logo de seguida organisar-se-hão turnos nos termos já conhecidos.

* * *

A imprensa fará ali um turno das 4 ás 6 da manhã.

Algumas cerimonias do dia de amanhã

A Filarmonia de Lisboa e a orquestra de Francisco de Lacerda executarão, durante a cerimonia religiosa, o adagio da «Sinfonia heroica», de Bethoven, no côro dos Jeronimos.

* * *

O transito dos electricos suspende-se ás 15, e ás 15, junto do Teatro Nacional, estacionarão dois electricos reservados, para conduzir até aos Jeronimos os membros da Filarmonia de Lisboa.

* * *

A decoração do exterior, nos Jeronimos, está a cargo de Augusto Pina, e a do interior, de Columbano e Veloso Salgado.

* * *

No côro dos Jeronimos está sendo instalado a iluminação electrica.

* * *

O itenerario dos funerais é o seguinte:

Avenida das Côrtes, R. 24 de Julho e Belem.

P. R. Radical

Convite

A comissão Distrital de Lisboa convida todos os correligionarios a encorporarem-se nos funerais do glorioso poeta Guerra Junqueiro, devendo reunir para esse efeito junto da estatua de Camões, ao Largo das Duas Igrejas, pelas 14 horas de amanhã, afim de acompanhar o Directorio, nesta piedosa romagem.

Os jornais «A Justiça», de Vizeu, o «Popular» de Braga e a «Alma Nova», de Elvas, serão representados no funeral pelo seu colaborador alferes Santos Pimenta.

O turno do Partido

As comissões distrital e municipal de Lisboa, do Partido Radical, convidam as comissões politicas de Lisboa a comparecerem hoje, das 22 ás 23 horas, no palacio do Congresso da Republica, afim de velarem a urna que contem os restos mortaes do eminente Poeta.

* * *

O Directorio do P. R. Radical convida todos os filiados no partido, residentes em Lisboa, a acompanharem o mesmo, nos funerais do grande Poeta Guerra Junqueiro.

Local de reunião: Praça de Camões, junto á estatua, ás 14 horas de amanhã.

Centro Republicano Radical de Lisboa

A direcção deste Centro convida todos os seus consocios a encorporarem-se no funeral do grande Poeta Guerra Junqueiro.

* * *

O Centro Republicano 5 de Outubro, deliberou fazer-se representar no funeral do grande Poeta, por uma comissão de republicanos constituida pelos srs.: Celestino de Vasconcelos, Joaquim Gaspar Junior, Mario de Sousa Calado, Virgilio Proença, Amilcar Simões, Joaquim Elias Rocha, e Filipe Carido, que por este motivo devem reunir no Largo da Avenida Presidente Wilson, pelas 11 horas, no dia do funeral.

* * *

O Partido Socialista Português tendo dedicado o numero de domingo do seu orgão á memoria do grande Poeta, resolveu tambem fazer-se representar oficialmente no cortejo. A sua bandeira será entregue a uma delegação da mocidade operaria, formada por representantes da Federação Socialista de Desportos Atleticos. Não faltarão pois as blusas dos moços trabalhadores na homenagem ao Poeta divino.

Gremio do Minho

O Gremio do Minho convida todos os minhotos residentes em Lisboa e arredores a tomarem parte no funeral do grande Poeta.

O Gremio será representado pela meza de assembleia geral e comissão organisadora.

DO PAIZ VISINHO

Uma homenagem

MADRID, 13 — O sr. Franco Rodriguez entregou ao rei o primeiro exemplar do livro de homenagem a Ramon y Cajal, formado pelos trabalhos enviados pelos principaes sabios do mundo como demonstração de apreço pelo grande histologista espanhol. — R.

Fusilamento dum assassino

MADRID, 13 — O ministro da Guerra comunicou que foi fusilado em Melilla o paisano José Martinez que tinha assassinado o coronel da administração militar Biensoba. — R.

A mãe dos autores Quintero

MADRID, 13 — Faleceu a mãe dos srs. Alvares Quintero distintos auctores dramaticos. — R.

OS ATENTADOS

Uma fabrica de bombas

Foi descoberta, juntamente com alguns petardos e ingredientes, sabendo que desapareceram 200 bombas

A policia andou durante o dia de hoje numa verdadeira roda viva, procedendo a varias diligencias ainda sobre o repugnante atentado dinamitista do Largo da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defesa Social. Em resultado desses diligencias foram efectuadas duas prisões a que se liga grande importancia, sendo os presos dois bombistas perigosos que se encontram já incomunicaveis em varias esquadras. A policia guarda a maior reserva sobre esses presos, que são Bernardo Ramos Costa e um outro individuo de nome Alexandre. De tarde foi transferido da Torre de S. Julião da Barra, para uma esquadra, onde ficou nas mais rigorosa incomunicabilidade o bombista Antonio Duarte, companheiro de «O Avante». A policia têm conhecimento de que o Comité Secreto da Legião Vermelha constituido pelos bombistas que se encontram detidos, havia resolvido pôr em prática, atentados pessoaes contra determinadas pessoas. Numa casa em S. Bartolomeu da Charneca, no Lumiar, residencia de um bombista preso, foi hoje de manhã passada uma busca sendo ali apreendidas 4 bombas de rastilho de grande potencia, arrebites, dinamite, varios ingredientes e envolucros para bombas.

Como houvesse denuncia de que por detraz do altar mór da igreja da referida localidade se encontravam escondidas cerca de 200 bombas, ali se dirigiu tambem a policia passando uma busca nada encontrando, apurando no entanto que a denuncia era verdadeira, porquanto os explosivos ali estiveram de facto tendo sido retirados já hadias para sitio desconhecido.

Para a torre de S. Julião foram transferidos os seguintes presos considerados perigosos:

José dos Santos, moço de fretes, 40 anos, com 23 prisões por contenda com transeuntes, embriaguez, ofensas á moral publica, desobediencia á autoridade, furto, gritos subversivos, incitamento a gréves, transporte de caixotes com bombas, pelo que foi enviado a juizo 14 vezes, e Augusto Vitor Martins, com 9 prisões por tiroteio, agitador, gritos subversivos, fabrico de bombas, atentados dinamitistas no Porto e enviado a juizo 4 vezes.

O sr. Governador Civil pede a demissão bem como o diretor da Policia

Na sessão de ontem do Parlamento, o deputado monarquico sr. Cancela de Abreu chamou a atenção do chefe do Governo para umas graves afirmações feitas pelo juiz do Tribunal de Defesa Social, sr. dr. Ferreira de Sousa.

Em face de tais afirmações, o sr. governador civil de Lisboa pediu a demissão do seu cargo, no que foi imitado pelos srs. dr. Paulo Menano, director da Policia de Investigação, e seus adjuntos, srs. drs. Santos Monteiro e Crispiniano da Fonseca, não sendo porém atendidos esses pedidos, que ficaram sem efeito por terem sido dadas todas as satisfações ao sr. governador civil.

Teatros - Musica - Cinemas

O caso do dia

O senhor Governador Civil colou o bigode, fez cara de caso e tocou ao telefone: «O senhor Erico Braga que venha até cá, que traga o «Mar Alto» para lêr e que venha tomar chá comigo. Vamos passar bem um bocado da tarde. Aqui o gabinete é fresco...»

O sr. Erico Braga foi: Levava debaixo do braço o «Mar Alto» e foi recebido com gentilezas. «Então vamos a ver isso. Leia lá...»

O sr. Erico Braga, começou: «Mar Alto», peça em 3 actos de Antonio Ferro, personagens..., etc.»

O sr. Governador Civil, mandara dizer que não estava para ninguem, nem para o sr. Antonio Maria da Silva, fechou a porta e rebolou-se deliciado na poltrona.

A leitura, monocardica, feita á «contre-coeur» foi uma massada.

Finda a cerimonia, o sr. Governador Civil, como compete ao seu alto cargo, não percebeu nada da literatura dramatica.

«Chame lá a policia de investigação, olhe, e a policia administrativa tambem, a ver se têm alguma ideia sobre o caso, disse a um cabo de esquadra.»

E, os doutores vieram ao laborioso parto critico.

E' moral, é imoral... E' o diabo... Os magistrados coçavam o queixo...

— «Tenham paciencia, meus amigos, mas vão brincar a outra coisa... e não me arranjem sarilhos.»

O actor Erico Braga, voltou, um bocado enfiado e mandou anunciar a «Rajada»...

Nada de conflictos com a autoridade, que S. Carlos é um teatro do Estado e a companhia tem ganho dinheiro, o Ferro que tenha paciencia, que faça um mar mais manso e prompto, cartaz novo...

* * *

Admittamos que a peça retirada como imoral tinha tido uma montagem dispendiosa, 15 ou 20 contos. Pergunta-se, com que direito, depois duma representação, se proibem as restantes?... Quem disse que a peça era imoral? A critica? não. O publico tambem não.

E, se o Governador Civil pode intervir, porque o não fez antes de a empreza ter gasto dinheiro e montar o seu negocio?

E, que autoridade de critica dramatica tem o Governador Civil e os funcionarios do seu governo?

E, porque poude fazer representar Signoret «Le bonheur de una femme» e Lucilia não pode representar uma peça de duvidosa influencia social como o «Mar Alto»?

Se esta peça é imoral, a sanção só pode ter desculpa nos resultados praticos que dessa imoralidade resultem, e, se o publico na 1.ª audição, não tomou a peça a serio, como concluir que exista essa influencia funesta como principio, como precedente, não é possivel concordar com a decisão tomada e estamos inteiramente ao lado de quem quizer protestar por todas as formas contra as resoluções literarias do chefe da policia civica do districto, major sr. Viriato Lobo.

O HOMEM QUE PASSA.

Recita de homenagem a Lucilia Simões

Está já despertando um grande entusiasmo a recita de homenagem a Lucilia Simões, que se efectua na terça-feira, em S. Carlos, com a recita da moda, dedicada á sociedade elegante, entre a qual a festejada conta com as maiores e as mais justificadas simpatias. Nessa noite, Lucilia reaparecer-nos-ha interpretando a parte de «Nora», da peça em 3 actos, de Ibsen, uma das primeiras que criou na sua carreira que se tornou verdadeiramente gloriosa, dando-a a conhecer ao publico de Lisboa no antigo teatro do Ginasio, para onde passou após ter findado, no teatro da rua dos Condes, a empresa de sua mãe, a grande actriz Lucinda Simões.

Na «Casa da Boneca» reaparece o ilustre actor Antonio Pinheiro, a cargo de quem está a parte do «Dr. Rauk» que desempenha brilhantemente, cabendo-lhe, tambem, a responsabilidade da encenação da peça.

Recita de autores

Hoje, no Nacional, efectua-se a recita dedicada a João Bastos e Henrique Roldão, os espirituosos autores da farça «A Viuva Gomes», que mais uma vez será representada. «A Viuva Gomes» constitue o mais alegre espectaculo da actualidade, ao qual se assiste rindo a valer com o espirito estusiante dos ditos e das situações, sem nunca se recorrer á inconveniencia.

Laura Costa

Segundo nos informam, um grupo de colegas, autores dramaticos, jornalistas e admiradores da actriz Laura Costa tencionam promover-lhe uma festa de homenagem, cujo producto liquido reverterá a favor dos pobres protegidos pelos jornais de Lisboa.

Essa festa é ao mesmo tempo um protesto contra a forma porque a gentil artista foi tratada por um dos nossos criticos mais conhecidos, a proposito da revista «Fado Corrido».

Reclames

Mantem-se, sendo o mais atraente espectaculo da actualidade, a revista «Caldo Verde», em scena no Eden, e que sempre se representa em duas sessões. As suas scenas graciosissimas, a sua critica oportuna, tudo enquadrado em deslumbrantes scenarios e num luxuoso guarda-roupa, formam um esplendido conjunto, a que ninguem de bom gosto deve faltar e apreciar.

— Hoje, em S. Carlos, repete-se a peça de grande sucesso «A Rajada».

OS PARTIDOS

Gremio Republicano «Jovens Lusitanos»

Convidam-se todos os socios a comparecerem hoje, 12, pelas 21 horas no Centro Tomás Cabreira, Rua Alves Correia, 55, 1.º, a fim de ser conferida a posse aos corpos gerentes ultimamente eleitos.

Republicano Radical

Comissão Distrital de Lisboa

São convocados para reunir no Centro Republicano Radical, rua Voz do Operario, 64, 1.º, á Graça, todos os membros desta comissão. A reunião terá logar na proxima segunda-feira 16, pelas 21,30 prefixas para tratar de assuntos de muita importancia para o Partido.

Adesão importante

Aderiu ao P. R. Radical o velho e dedicado republicano do «Queluz», o sr. Manuel dos Reis e Abreu, presidente da comissão politica do P. R. Português daquela localidade e do qual se desliga. O mesmo sr. enviou ao presidente da Comissão Municipal do Partido Radical de Lisboa, a seguinte carta:

Ex.mo Presidente da Comissão Municipal do P. R. Radical de Lisboa.— Meu presado amigo.—Participo-lhe que por não concordar com a orientação de desprestigio para a nossa querida Republica, ultimamente seguida pelo P. R. Portuguez onde, como sabe militei sempre desde os tempos da nefasta e de triste memoria monarquica; nesta data me desligo desse partido. Como, porém, o meu temperamento e muito amor pela Republica, não me permitem isolar-me, peço-lhe que por seu intermedio seja dada a minha adesão ao P. R. Radical.

Conhece-me muito bem, pelo que comprende que não dou este passo por vaidade ou qualquer interesse que não sejam os de vêr a nossa querida Republica dignificada de forma a ser respeitada por todos e a produzir os fructos a que o Povo—essa eterna vitima—tem direito.

Oxalá, pois, que, como espero, nós muito em breve vejamos pelos esforços do novo Partido a que de alma e coração nos ligamos, convertidos em realidade os nossos dourados e sonhos de bons patriotas e por consequencia de leais e sinceros republicanos. — Correligionario muito dedicado.—*Manuel dos Reis e Abreu.*

Identica comunicação foi feita por este senhor á Comissão Municipal de P. R. Portuguez de Sintra.

Comissões politicas de Agueda

O sr. Luis Ribeiro de Melo, contador da comarca de Agueda, que aderiu ao P. R. Radical, foi encarregado pelo Directorio da organisação das comissões politicas naquele concelho.

«A. B. C.»

Surgiu hoje o numero 156 desta interessante revista, que alem duma flagrante reportagem grafica, da trasladação do grande poeta Guerra Junqueiro, insere ainda um curiosissimo artigo sobre a forma «como lancham os nossos parlamentares», os casos palpitantes da semana e a continuação das sensacionais revelações de «João Franco e o seu tempo» onde se esboça um belo perfil do falecido rei D. Carlos.

FRENTE A FRENTE...

A Inglaterra e os seus aliados

E' POSSIVEL que se dê, breve, um rompimento?

O que pensa a Italia

Emilio Bure, no «Eclair», faz as seguintes considerações a proposito da atitude do governo inglez ácerca das reparações:

Pode o governo inglez ameaçar-nos. E' dificil dar execução ás suas ameaças. Desmoralisado o mundo pela pacifismo, parecer-lhe-ha odioso que a Inglaterra maltratasse hoje a França, sua aliada, quando, depois do armisticio ela nunca deixou de auxiliar a Alemanha sua inimiga. Não atraiçôa quem quere! dissemos já, e lord Curzon não desvendará, sem correr grandes riscos, os planos de ataque que a finança da City dirigia contra nós.

O socialista alemão Breitscheid, no seu regresso de Londres, reconhece, no jornal de von Gerlach, «Welt am Montag» que a «França tem presentemente as melhores cartas na mão».

Tem razão. A honestidade é uma força e as manobras grosseiras e desleais de lord Curzon só podem tornar maior o prestigio de Poincaré, se este se mantiver firme.

Os Jupiter londrinos fazem ribombar trovões por sobre as nossas cabeças. Mas hesitam em despedir o raio, tanto receiam o ricochete. Visivelmente, se não cedermos depressa eles se irão encontrar em grandes embaraços e a fortuna obedecerá aos vossos desejos. Mas é preciso confessar que os nossos amigos belgas e italianos parecem menos resolutos do que nós.

Mussolini, que está certamente muito melhor disposto a nosso respeito do que os seus predecessores, não se iria importará de representar o papel de arbitro no conflito franco-britanico. Mussolini não quere contrariar muito Poincaré, porque tem á necessidade do seu apoio na discussão relativa ás dividas inter-aliadas, mas custa-lhe romper com lord Curzon, porque precisa do carvão inglez. Se, renunciando á conquista, a França aceitasse que, com ela, a Inglaterra e a Italia fiscalisassem as riquezas do Ruhr, Mussolini encher-se-hia de satisfação. Infelizmente pode-se crer ainda que a Inglaterra possa exercer uma fiscalisação seria sobre uma riqueza da Alemanha, agora que se tornou seu advogado consultivo!

Na orlas das alianças, a Italia pode ainda manter o sangue frio; mas a Belgica inquieta-se, enerva-se «Nós receamos muito por esse pais minado pelo Renanganismo, arrasado pela vida cara, tomado de vertigem perante a libra ingleza, sem bussola, sem unidade e muito jovem ainda para saber o que deve ser a politica externa», escreve no «Horizon de Bruxelas», Richard Dupierreux. Mr. Richard Dupierreux, que mantem relações com os socialistas, comquanto escreva nos jornais nacionalistas do seu país, é sem duvida muito pessimista. Mas não resta duvida que as suas observações devem ser tomadas em consideração...

O que se pensa na Italia

BRUXELAS, 13.—O «Vingtieme Siecle» diz que a Italia se opõe a qualquer medida economica e qualquer politica ou a qualquer compação que conduza ao enfraquecimento da unidade alemã com vantagens para a França.—(R.)

A mediação do sr. Benes

PARIS, 13.—A «Libre Parole» ridiculisa os esforços do sr. Benes chefe do governo da Tcheco-Slovaquia para servir de medianeiro entre a Inglaterra e a França na questão das reparações dizendo que não ha necessidade de medianeiro visto que a França está decidida a não aceitar qualquer compromisso.—(R.)

VIDA SPORTIVA

O Campeonato Nacional de Atletismo

A Federação Portuguesa de Sports Atleticos realiza nos proximos dias 22 e 29, no Estadio de Lisboa, o Campeonato Nacional do Atletismo, encontrando-se desde já aberta a inscrição que se encerra no dia 19. A Federação anda procurando que o Porto e o Algarve façam a inscrição dos seus atletas.

As inscrições podem ser entregues na R. Arco Bandeira, 172 1.º.

Campeonatos nacionais de natação

Na ria de Aveiro, disputam-se no proximo domingo, pelas 4 horas da tarde, os Campeonatos Nacionaes de Natação, que constam do programa elaborado pela Liga Portuguesa dos Clubs de Natação, e que são os seguintes:

Para homens: 100 metros costas; 200 metros, bruços; 1500 metros, estilo livre.

Para senhoras: 100 metros, estilo livre; 200 metros, bruços.

Homens: 100 metros, costas, Domingos Frias, do Club Sportivo Nun'Alvares, do Porto; 200 metros, bruços, Mario da Silva Marques, do Casa Pia A. C., Lisboa; 1500 metros estilo livre, Antonio Branco, do Club Sportivo Nun'Alvares

A Liga procederá á distribuição dos premios aos vencedores, á noite, no jardim publico da cidade.

No rapido das 8,30 de amanhã partem para Aveiro os nadadores que vão representar a delegação de Lisboa.

«Ilustração Sportiva»

Inicia amanhã a sua publicação esta revista de sport, dirigida por Ascenção Araujo.

Reuniões

REUNEM HOJE:

Federação Maritima, 8 n.; Federação do Livro e do Jornal, 8 n.

"A mamã dos cãesinhos"

Esta bela pelicula, em 4 partes, que se estreiou na «matinée» de hoje do Salão Central, vai ser um dos maiores acontecimentos cinematograficos dos ultimos tempos.

Não só pela sua interessante acção, como pela beleza da sua «mise-en-scène» podemos garantir o seu sucesso pois que além destes preciosos elementos, tem a desempenhá-la a formosa e gentil artista Ossi Oswalda, a insigne interprete de «A princesa das ostras» que o nosso publico tantas vezes admirou e adorou no Central.

A mesma arte, a mesma graça, o mesmo talento, a mesma frescura!

Ossi Oswalda, artista de reconhecido merito, volta a exibir-se ao nosso publico, o que equivale a dizer que vamos ter algumas noites de suprema arte, de aprimorada elegancia e de encantadora graciosidade.

E, como se tudo isto não fosse bastante, ainda a empreza do Salão Central nos mimoseia com as ultimas e emocionantes episodios do filme de aventuras «A carta fatal» e a colossal comedia «Harold comediante» em que o exímio comico é prodigioso de graça.

SHELL

Gazolina

Petroleo

Oleos

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.ª L.td

Rua do Crucifixo, 49

LISBOA

Mobilias e Estofos

BIZARRO DA SILVA, L.DA

82, R. Augusta, 84 — 21, R. dos Correeiros, 23

Telefone Central 2533

Mobilias de todos os estilos, bom acabamento, preços modicos. — Pessoal habilitado para montagem de casas, escritorios e clubs. — Serviço de embalagem para a provincia e Africa.—Oleados, tapetes, carpetes, brises-brises.

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT

— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: ESTEVES, L.DA

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º Telef. N. 1178

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA: — Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, durezas, picaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA: — Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA: — E' soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da

Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º

LISBOA

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:

RUA NOVA DA TRINDADE, 90—(Telef. N. 2641)

PROPRIETARIA:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

Rua do Alecrim, 53, r/c.-(Telef. C. 5113)

COLLARES BURJACAS

Dinheiro

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, **muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções.** Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, Travessa da Trindade, 22 (ao Chiado)

TELEFONE: C. 3992

NA RUA

imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-

recorrendo á

ILUMINADORA

DA

ESTEFANIA

DE

Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77

Telefone N. 2168

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. **Degraissage á sèc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.**

Calçada do Carmo, 45-47 LISBOA Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO

Luiz Alberto de Pinho

NAZARÉ

Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto todo o ano

---

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

RELOGIOS DE PAREDE

ACABAM de chegar das marcas Soleil e Radium. Despertadores de fantasia de Babys. Fornituras e ferramentas para relojoeiros, ourives e gravadores.

Grande sortido

COTRINS & AFONSO, LTD.

Vinhos espumoso de Lamego

(Caves da Rapozeira)

Reservas de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa: ARTHUR BENARUS

Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.º

LISBOA

AGUAS DE MELGAÇO

R. de S. Julião, 67. Telef. C, 1996

Distribuição ao domicilio

A. J. d'Almeida & C.ª

TELEFONE C 486 — CAMBISTAS — END. TELEG. ALMINGUES

172, Rua do Comercio, 176

LISBOA

Compra e venda de moedas e notas estrangeiras. Papeis de credito, coupons e ordens de Bolsa

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Construções Civis

UMA DAS SECÇÕES DE

A ACTIVA

Rua 24 de Julho, 8 a 10 B-LISBOA

Construções de edificios para qualquer fim, ampliações, reedificações e reparações.

Estructuras, vigamentos e construções metalicas.

Trabalhos em cimento armado e hidraulicos.

Construções industriais, tais como: Fabricas, Hangars e Barracões.

Vivendas, chalets e predios de rendimento.

Casas á antiga portuguêsa.

Trabalhos de carpinteiro, marceneiro, serralheiro, canteiro, estucador, pintor, etc.

Levantamentos topograficos, projectos e orçamentos.

Maquinismos movidos a electricidade.

Telefones C. 1601, C. 3474-Lisboa — Telegramas: ACTIVA

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

DIPLOMA DE HONRA — GRAND PRIX

MEDALHA DE OURO — PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: E. PLANTIER & C.ia *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* Telefone N. 320

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4480-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sabado 14 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

COPENHAGUE, — Ontem realisou-se um banquete para comemorar o cincoentenario do grande escultor Tagnera. O ministro de Portugal acreditado nesta corte, dr. Ferreira de Almeida, fazendo uso da palavra, saudou o grande artista e mostreu qual a significação das artes portuguesa e dinamarquesa na civilisação. —(H.)

A GLORIA DA PATRIA

Junqueiro vai ficar, desde hoje, no Pantheon dos Jeronimos, junto de Camões

Portugal paga hoje uma enorme divida, mas paga-a magnificamente, juntando á gloria de Luís de Camões, a gloria de Guerra Junqueiro. Os cantos do autor dos "Lusíadas" e do autor da "Patria" completam-se. Unidos na mesma inspiração patriotica, afirmaram sentimentos sobre os quais não tem poder a acção dos tempos. O heroismo e a bondade, o amor e a virtude, o genio e a candura, o idílio e a epopeia, formam, irmanando-se, a Belesa pura e perfeita. Assim como Camões, Junqueiro soube ser doce e forte. Exprimir todas as qualidades da Raça dentro da poesia imortal. Cantou como Anacreonte e como Dante. O mesmo se pode dizer de Camões. A Gloria de Portugal é desde hoje absoluta, inultrapassavel. Exultemos com essa gloria, que a imortalidade dos grandes genios lhe conquistou e assegura!

A TERRA DOS FAMINTOS

CABO VERDE visto nas suas necessidades e no seu futuro, pelo sr. dr. Julio de Abreu

seu governador eleito

Um vasto plano de fomento, que pode muito bem ser posto em pratica

Nos Passos Perdidos, o sr. dr. Julio de Abreu, governador eleito de Cabo Verde, conversa. Aguardamos que se afaste e vamos ao seu encontro:

— Sr. doutor: o seu programa de Governo...

— Não tenho.

— ?!

— Hoje, não é possivel organisar programas. Os homens que governam têm de ser oportunistas... Eu tentarei sê-lo o mais possivel.

— Sim, mas v. ex.ª tem, com certeza, os seus pontos de vista governativos...

— Ah! isso sim. Nem podia deixar de os ter. De resto, conheço o arquipelago. Estive lá como juiz.

* * *

— E' certo que o Governo da metropole, restituirá a Cabo Verde aqueles celebres milhares de contos das diferenciais?

— E' certo, quanto ás diferenciais arrecadadas até agora. Com elas conto promover a higiene das ilhas, a reparação de estradas e construção de bons caminhos para o litoral ou entroncando com as estradas, reparar as pontes que ligam ás ilhotas...

— E o dinheiro chega para tudo isso?

— Conto que chegará, permitindo-me ainda liquidar algumas dividas do arquipelago — se as houver.

— E ficará assente que as diferenciais são pertença exclusiva de Cabo Verde?

— Pelo menos, tenho essa promessa, que espero se cumprirá.

— Se assim fôr, já sabe como aplicar êsse dinheiro?

— Espero poder, com essa base, contrair um emprestimo na Caixa Geral de Depositos...

— Para...

— Para...

— Para transformar e melhorar o porto grande de S. Vicente e apetrechar convenientemente os portos de Tarafal e Praia, estabelecendo, se fôr possivel, em qualquer dêles, uma estação carvoeira.

— E o porto de S. Vicente merece esse sacrificio?

O sr. dr. Julio de Abreu sorriu — da ingenuidade da pregunta, certamente. Depois:

— O porto de S. Vicente?! Mas é um dos melhores, pela sua situação especialissima, da linha de navegação atlantica! Apetrechado á moderna, pode, sem favor, rivalisar com os portos visinhos de Las Palmas e de Dakar! Se merece o sacrificio!... E' digno de tudo quanto se faça. O porto grande de S. Vicente é a maior, a unica fonte de receita da colonia.

* * *

Esta afirmação do ilustre entrevistado surpreendeu-nos um pouco. Veiu a pregunta:

— O porto é, então, a unica fonte de receita da colonia?

— Em boa verdade, é assim. Calcule que todos os seus impostos directos renderão, quando muito, 300 contos.

— Mas a agricultura?

— Agricultura? Não ha. Cabo Verde é açoitado, durante oito meses, por léstadas violentas, que devoram a pouca vegetação como se um incendio passasse por ela. Alem disso, a falta de chuvas é tremenda. Chega a fazer sentir-se durante anos consecutivos.

— E que pensa v. ex.ª fazer para remediar esse flagelo?

— Não assentei ainda num remedio. Mas parece-me que a unica solução é promover a arborisação das ilhas por pequenas zonas e depois abrir ao centro dos maciços clareiras para plantações. Assim, conseguir-se-ha regularisar as chuvas e criar a agricultura da colonia.

— Não ha, então, nada?

— Ha alguma coisa. Mas tão pouco!... Dão-se lá algumas familias de acacias e a purgueira. Nos terrenos de regadio, plantações de cana para fabrico de aguardente

* * *

— A instrução, sr. doutor?

— Uma lástima—á excepção da ilha de S. Nicolau, onde todos os habitantes falam bom português.

— Poucos analfabetos, então?

— 30 por cento, quando muito.

— A causa desse fenomeno?

— O seminario — liceu dos missionarios. Prestaram bons serviços á instrução. Aproveitá-los-hei.

— Ha ainda o liceu da Praia...

— Ha. Mas talvez venha ser modificado, dando-se-lhe um caracter mas tecnico.

O fulcro da conversa deslocou-se um pouco. O sr. dr. Julio de Abreu falava, outra vez, da miseria de Cabo Verde — que arrasta as populações para o estrangeiro, em corrente emigratoria constante. E diz:

— Mas, se perde por um lado, a colonia ganha por outro. Essa gente arranja o seu pé de meia e adquire as suas propriedades. O que é preciso é matrizá-las. Matrizar essas e actualizar as matrizes existentes, cujos registos são os de ha 20 anos.

— Mas ha agua, para tornar possiveis esses terrenos de cultura?

— Pouca, mas ha. Tem ribeiras. Levantando represas, obter-se-ha uma irrigação metodica.

* * *

— De transportes, o que ha, senhor doutor?

— Olhe, vou vêr se consigo que um dos vapores da frota do Estado seja concedido á colonia, de modo a manter carreiras regulares entre todas as ilhas e a visinha Guiné. Teremos assim relações periodicas, uma vida mais ligada e util, porque estabeleceremos um intercambio valioso.

Vida operaria

As dissidencias da C. G. T.

Moscou ou Berlim?

A defeza dos principios

O nosso presado colega «O Mundo» publicava ontem a seguinte e sensacional noticia que, com a devida venia, transcrevemos:

«Promovidas por um grupo de antigos militantes operarios, auxiliado por varios elementos novos, realizaram-se ultimamente no Porto, em Lisboa e numa importante cidade industrial da provincia, conferencias tendentes a congregar esforços para a fundação de um agrupamento operario de caracter nacional, com programa e finalidade proprios. Dessas conferencias resultou um acôrdo completo. A declaração de principios que constitue o seu programa foi aprovada por unanimidade e deve ser publicada dentro em poucos dias. Os motivos que deram origem a êsse agrupamento novo podem filiar-se no descontentamento que a acção da C. G. T., exclusivamente anarquista, tem causado no meio operario, e nas duvidas que oferece, quanto á viabilidade no nosso país, qualquer acção comunista. Nessas conferencias foi constatado o atrazo em que se encontra a população operaria, a necessidade de uma propaganda construtiva e de educação moral, a falta de espirito associativo, o desrespeito em que, por culpa dos proprios trabalhadores, têm caido todas as leis de caracter social, e, finalmente, os meios que os organizadores usarão para imprimir uma directriz definida ao movimento operario português»

Ao que pode depreender-se do que acima fica escrito trata-se de uma verdadeira e grave scisão nos agrupamentos operarios portugueses que têm constituido um aspecto para muitos dos nossos governos e para muitos dos nossos governantes.

Que ha de verdade na noticia? A scisão existe realmente. Mas atingiu ela os aspectos graves que a prosa do «Mundo» parece querer traduzir?

A estas perguntas responde-nos um dos dissidentes categorisados que no meio operario ocupa, mercê do seu espirito e do seu passado, um logar de destaque e confiança.

— A noticia não tem visos de verdade. Devo dizer-lhe mais alguma coisa: a noticia nada tem de verdadeira.

— Mas o que se passa na C. G. T.?

— Apenas isto. Uns querem a adesão á Internacional de Moscou — Internacional Sindical, bem entendido — outros querem a adesão á Internacional de Berlim. A diferença de criterios surgiu no Congresso da Covilhã. Os elementos mais inteligentes optaram por Moscou; mas a maioria, tendo comsigo a «Batalha», triunfou e votou-se a adesão á Internacional de Berlim.

— Surgiu a dissidencia...

— Sim senhor. Desde esse momento.

— E como se traduziu?

— Apenas pela propaganda. Os dissidentes continuaram filiados na C. G. T. Lançaram um manifesto ao paiz explicando a sua atitude e dizendo os motivos por que consideraram a adesão a Moscou preferivel. A sua acção é portanto pura e simplemente, de propaganda.

— E não abandonam o sindicalismo militante?

— De maneira nenhuma. Apenas o seu protesto se traduz não aceitando qualquer cargo de confiança.

— Se amanhã surgisse uma dificuldade para a C. G. T.?

— Estariamos todos unidos para a defesa de aquilo que consideramos dever ser defendido em comum.

— Então a noticia?...

— Não houve reuniões nenhumas garanto-lho eu. A propaganda pró Moscou continua.

— E a adesão a Berlim?

— Apesar da nossa persistencia, estou convencido que se fará. E' uma questão de tempo, e de pouco tempo, quanto a mim.

E aqui tem o leitor o que nós conseguimos averiguar das faladas hostilidades entre dois grupos de antigos cegetistas.

OS VINHOS portuguezes em França

Os agricultores de Saint-Brieuc e de Lille reclamam o «modus vivendi»

PARIS, 14.—O «Journée Industrielle», jornal defensor dos interesses industriais e que duma maneira especial se tem ocupado da questão das relações comerciais franco-portuguezas, insere o seguinte comunicado de Saint-Brieuc:

«Sob proposta do sr. Thomas, presidente, a Camara de Comercio de Saint Brieuc acaba de protestar contra o projecto de aumentar os direitos sobre os vinhos que ameaça repercutir se e prejudicar as relações comerciais da nossa região com Portugal, paiz para onde exportamos a quasi totalidade da produção das batatas para semente cultivadas em grande escala pelos agricultores das costas do Norte».

O mesmo jornal insere um comunicado de Lille, segundo o qual a Camara de Comercio desta cidade pede ao governo que mantenha o acordo comercial franco-espanhol e prosiga as negociações com Portugal para conseguir o restabelecimento do «modus-vivendi» que foi denunciado em 11 de Junho.—(R.)

A RESPOSTA Á NOTA DA ALEMANHA

já começou a ser ridigida

LONDRES, 14.—De acordo com o que foi anunciado pelo sr. Stanley Baldwin na Camara dos Comuns, foi hontem começado o trabalho de ridigir o seu texto, tarefa que foi confiada principalmente a Lord Curzon, secretario dos Negocios Extremos. Espera-se que o texto estará pronto pelos meados da proxima semana o mais tardar. Julga-se que a nota não aceitará definidamente as sugestões feitas pela Alemanha, de modo que tenha maiores possibilidades de aprovação pela França.

Comunicam de Paris que os meios oficiais estão incertos sobre se o documento que se prepara encerrará novas propostas britanicas.

Em conjunto parece que a opinião franceza se encontra agora melhor inclinada para aceitar a decisão duma comissão internacional sobre a capacidade do pagamento. Esta proposta emanou primeiro do sr. Hughes, secretario dos Foreign Department, dos Estados Unidos.

Um comunicado de Paris diz tambem que a França se unirá á Inglaterra na resposta á Alemanha, se for pedida a cessação da resistencia passiva no Rhur.—(R.)

Colegio Anglo-Francez

Promovida por um grupo de senhoras da nossa sociedade, realisa-se amanhã, no Politeama, uma festa em beneficio das «Florinhas da Rua».

Como todas as festas que se destinam a esta instituição de ternura, a de amanhã caracterisar-se-ha pela distinção e animação e pelo imprevisto dum programa sempre cheio de delicadeza.

Esta festa é em «matinée».

Conferencia de Tanger

Os peritos espanhois, inglezes e francezes

LONDRES, 14.—Confirma se que os peritos espanhoes e inglezes se reunirão no proximo dia 17 para continuar a discussão sobre Tanger. As diferentes delegações continuam sustentando os seus pontos de vista e especialmente entre os delegados francezes e inglezes parecem influir grandemente as actuais discussões sobre a questão do Ruhr.—(R.)

Os medicos espanhois

Teem no maior apreço a «Lactobiase» associada á «Lactobiase-Enema» no tratamento das febres tifoides, parafoides e coli-bacilares, conforme nos comunicam os medicos de Ayamonte, srs. drs. Ovenedo, e Leo Fortz.

=== LER EM ===

ULTIMA HORA

Os funerais de Guerra Junqueiro

DO ORIENTE

Macau em perigo?!

Quem vai explorar o nosso porto da colonia? | O exemplo de Mormugão já teria esquecido?

E o que faremos com a nossa organisação militar?

A traços largos, porque ha pormenores, elementos de previsão e factos que por agora se não desnudam, vimos a situação da China e, como consequencia, falámos de Macau. E é Macau que nos faz mesmo interessar na questão — verdadeiro labirinto em que muito boa gente se perde.

* * *

O odio aos europeus e, talvez, aos americanos — os ultimos recentemente chegados — aos brancos, aos *Kuais* (diabos), emfim, nasceu com a aparição dos portugueses, os primeiros que apareceram na China 300 e tantos anos antes de qualquer outro povo. Mas esse odio tem acalmado por periodos mais ou menos longos em que se comercia e missiona, periodos a que servem de marcos, entre outros importantes acontecimentos, as chacinas crueis nos nossos primitivos nucleos de colonização, a revolta dos «boxers» as gréves revolucionarias no Sul e a recente fase de actos de pirataria, atentorios da vida, liberdade e fazendas de estrangeiros, e a que os jornais se estão referindo.

Mais infelizes do que no Japão, onde sem piedade fomos trucidados e donde para sempre fômos expulsos — nós e todos os estrangeiros — com maiores ou menores dificuldades nos temos mantido na China. E, muito tempo depois, aproveitando o nosso trabalho, o nosso esforço, o nosso sangue, outros nos seguiram o exemplo: de se fixarem — por que àqueles de audacia heroica, de temerario valor ninguem os repete! E como ficassemos exaustos pelas arduas luctas em seculos antes dos que se nos seguiram andamos empenhados, deixamos que nos ultrapassasem — e quanto! — por eles.

Melhor preparados, mais aptos para o utilitarismo do que nós, trajectorias ascendendo quando atingiamos já o ponto culminante que pela época nos era permitido, mais dissimulados, excederam-nos, envolveram-nos, asfixiaram-nos... e tudo consentimos...

* * *

O porto de Mormugão: lembram-se? Dias de riquesa entrevistos, á custa dum grande sacrificio... E após uma desilusão para onde fomos levados atravéz uma ilusão, que como miragem desapareceu!

E do porto de Macau, têm ouvido falar. Muitos anos de lucta, probema vital para a colonia, e que enfim o governador Correia da Silva conseguiu deixar resolvido, solução que esteve prestes a ser inutilisada e que o encarregado do Governo, Magalhães Correia, salvou.

Em Macau tinha muito dinheiro, capaz de melhorar a situação financeira do paiz — mas sem lembrar a alguem que esse dinheiro era necessario para a construção insofismavelmente necessaria dum porto naquela colonia e que começou por adjudicação a uma importantissima empreitada com uma grande casa constructora holandeza. Esse porto concluido, apetrechado, explorado seria a riqueza de Macau. Não prejudicaria o de Hong-Kong, a quarenta milhas apenas, e seria antes a salvação, a fortuna que de novo bafejaria aquele nosso dominio.

Dizem-nos agora, e somos os primeiros a dar a noticia na metropole, que ha imposições acerca de quem deve explorar o porto, uma vez construido. Na colonia protesta-se com veemencia, com indignação, na imprensa e noutras tribunas, invocando-se trechos dos «Lusiadas»! Lembram-se do porto de Mormugão?

Pois Deus queira que não se intrometa agora tambem comnosco a velha Albion...

* * *

Mas íamo-nos perdendo no labirinto... Voltemos á situação da China.

Avisinha-se o momento em que as potencias, para defesa dos seus interesses, dos seus subditos, da paz do mundo, até, terão que intervir. E nós então que faremos, que fará a nossa sentinela no Extremo Oriente — Macau? Não é facil responder.

A quando da revolta dos «boxers» ainda enviámos para aquela colonia um barco de guerra. Por um êrro de visão indesculpavel, essas forças fixaram-se ali por motivos pueris — e do destacamento internacional que entrou em Pekim e ditou condições — e que condições! — nem um soldado português fazia parte!! Assim, como consequencia da impericia de alguem, nem um avo recebemos das pesadas indemnizações.

O problema da delimitação de Macau, que promete eternizar-se e é causa de conflitos graves que diariamente surgem, estaria resolvido se oitenta daqueles soldados que passeavam em Macau tivessem entrado em Pekim, juntamente com os outros, que menos razões e menos direitos tinham para o fazer.

Foi um grande êrro — uma excelente oportunidade que desastradamente se deixou fugir...

E amanhã — o que faremos?

Os acontecimentos podem precipitar-se de um momento para o outro. Tudo o que tiver de preparar-se para agir será planeado e organisado mesmo no Extremo Oriente. Todos os interessados, menos Macau, dispõem «in loco» de elementos poderosos. Portanto, é necessario tambem pensarmos a sério na organisação militar daquela nossa possessão ultramarina. Deixar que continue como está, a desmantelar-se de dia para dia, como nos ultimos oito meses vem acontecendo, é que não se pode tolerar. Nada ha feito; as dificuldades do orçamento em Macau aparecem e desaparecem conforme convém, apesar das boas intenções do actual ministro das Co

ULTIMA HORA

O famoso Oliveira Mendes, conductor da Associação dos Operarios Pescadores

Este Mendes, que a Associação da Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante classificou de traidor e ainda de engajador, empregado a ser tambem contra a estructura da organisação e principios sindicaes, presidente e delegado de uma nova associação de classe de pescadores, nunca se lavou destas afrontas, e, portanto, não pôde dirigir-se a gente limpa, nem dirigir pescadores de bons costumes que ele com os seus maus conselhos anda pervertendo. Assim vem mentindo nos jornaes dizendo que os armadores tiram proveitos aos pescadores não lhe dando um quarto por cento. Ora quem tira proventos aos pescadores é o Mendes, porque quando dá 1 para beneficencia ele recolhe 4, para quotas de barco de pesca e de fragatas. E se assim não é explique como arranjou dinheiro ilicitamente e dá aos armadores contas claras e precisas do emprego do um quarto por cento e da equidade da distribuição das pensões.

Então isto é só dar dinheiro e o Mendes decretar o seguinte:

1.º Os vapores Neptuno e Boa Esperança não são tripulados por gente da associação;

2.º E' permitido salgar e secar peixe a bordo, sendo este peixe propriedade dos pescadores;

3.º A caldeirada sai a qualquer hora de bordo.

Era preciso pôr um termo a esta legislação do Mendes, e por isso, atendendo aos novos impostos e á taxa do cambio foi regulado o seguinte pelos armadores:

Um quarto por cento dá-se, mas ha de ser administrado pelos armadores, correndo para isso com os varios Mendes.

Aumento de 3 por cento, porque é esta percentagem que se pagara mais agora.

Percentagem de 2 por cento sobre 75, 90 e 1000 escudos, porque o cambio elevou o custo do carvão a 250$00 a tonelada, e todo o material de pesca está carissimo.

Tudo isto é muito mais claro do que as contas do Mendes que até hoje ainda não apareceram nem o alvará da tal Associação de Beneficencia. Amanhã veremos quantas pescadas levava o Mendes e o papá de bordo dos vapores.

Um jornal portuguez na capital da Argentina

Com muito prazer recebemos os primeiros numeros dum jornal procedente de Buenos Ayres e escrito na nossa lingua.

Chama-se «O Jornal Portuguez» e é seu director L. Fernandes da Silva, apresentando-se muito bem redigido e com excelente aspecto.

Supômos que se trata do unico jornal portuguez existente naquela Republica da America latina.

Miserias sociais

A proposito duma noticia com este titulo publicada no nosso numero de ante-ontem, escreve-nos o sr. Armando E. da Veiga, dizendo-nos que os motivos que o determinaram a mandar deter a senhora de nome Odete, a quem se aludia, determinaram outra pessoa qualquer que estivesse no seu logar.

Como não fizemos comentarios, e como o caso está entregue á policia, abstemo-nos de publicar as considerações do signatario, por um velho habito aqui seguido em tais assuntos.

...muitos, que não são respeitadas, e das boas vontades aparecidas em Macau e que são asfixiadas.— missões militares que se transformam em dispendiosas excursões de luxuoso turismo... O que tem feito por lá o inspector da nossa organização militar no Oriente? Ha muito quem o saiba... Bom seria que o general sr. Gomes da Costa, sem tanto gastasse, porque o tesouro não pode e a obra não se vê.

E vão assim correndo as patacas e as libras-ouro de Macau, (muitas por lá...), sem nada se fazer para amanhã, para o dia que pode nascer bem diferente do de ontem.

E' necessario estar alerta, agir, ser providente. Os outros já se preparam e não caíão na asneira de esperar por nós.

E se não querem dar-se a esse incomodo, o que havemos de fazer da nossa sentinela no Extremo Oriente — Macau?

GUERRA JUNQUEIRO

Os restos gloriosos do Poeta excelso a caminho do Pantheon

Muitos milhares de pessoas, em lucto e em extase, homenageiam o grande cantor da Raça

Desde as 2 horas da tarde, passaram-nos aqui, em frente das janelas, muitos milhares de pessoas. E' o caminho para o palacio do Congresso. Ve-se que o nosso povo sentiu a grandeza do momento, e vai, com a sua presença, dar explendor á apoteose que se presta, na morte, ao Poeta, que a tempo não a podemos prestar em vida.

Grande povo, que tem a intuição de todas as coisas sublimes e que, por isso mesmo, talvez até sem conhecer Junqueiro, admira nele, e ama nele o maior Poeta da humanidade dos contemporaneos!

Os ultimos turnos

Tomaram parte neles deputados, escritores, bombeiros, escoteiros, escolas, etc.

Durante o dia de hoje realisaram-se os seguintes turnos, os ultimos:

Das 7 ás 8, José Miranda, Pais Gomes; Tiago Queiros; Gustavo Ribeiro; Joaquim Ferinha Nunes Vaz.

Das 8 ás 10, B. Gomes Silva Brandão; Lucas de Miranda; Francisco Martins; Pessoa Francklim; Antonio Sidot; Rebelo da Costa; Mousinho da Conceição; Falcão Machado (Coimbra).

Das 10 ás 12, Moreira Junior; Baptista Salgueiro; Mota Silva; Reinaldo Seixas; Armando Castelo; Santos Paiva; Carlos de Carvalho; Andrebal Aguiar.

Das 12 ás 14, Arnaldo A. Pinto; Barroso Salgado; A. Pascoal; A. Silva Pereira; Arnaldo Soares, do (Porto).

Das 14 ás 16, O. Gomes e todos os representantes da Academia do Porto.

* * *

Os bombeiros Municipais, Voluntarios, Escoteiros, Escolas Industriais Comerciais, Mutilados da guerra, escolas primarias, representantes das escolas particulares, das Camaras Municipais de todo o país, de associações de recreio, socorros mutuos, de beneficencia, e de classe, fizeram durante o dia varios turnos, assim como soldados da G. N. R., policia, oficiais do exercito e da armada representantes do Instituto de Pupilos do Exercito e da Escola Militar.

* * *

No turno dos homens de letras, que se efectuou das 15 ás 15 e 30, estiveram presentes os srs. dr. Alberto d'Oliveira; dr. João de Barros; dr. Rebelo da Costa; dr. Manuel M. Sousa Pinto, que tambem representava o poeta sr. Julio Brandão; o pintor Antonio Carneiro e Silva Passos, que igualmente representava o nosso camarada Arnaldo Pereira; dr. Carlos Babo; Adães Bermudes, Alcantara Carreira; Bartolomeu Severino; dr. Magalhães Lima, Artur Leitão.

* * *

Tambem estiveram velando a urna gloriosa os deputados srs. Sá Cardoso, José Pontes, dr. Artur Costa, e em nome dos funcionarios publicos, o sr. Alvaro Pereira.

Saída do Congresso

Faz-se entre milhares de pessoas, assistindo todo o ministerio

A saída do Congresso constituiu uma manifestação, em que o cunho necessariamente protocolar, não impediu que muitos dos que a ele assistiram se comovessem. Houve lagrimas, houve suspiros.

Ali, logo á entrada, nos Jeronimos, preito maior da Patria agradecida ao seu mais extraordinario poeta, até que a Terceira Sinfonia encha as naves do templo, fica-nos no espirito a impressão dulcissima desta gente que a S. Bento acorreu, movidos pela curiosidade bem poucos, quasi todos cheios de devoção e de saudade.

Junqueiro bem merece dos seus concidadãos todas as homenagens, todos os respeitos, todas as saudações; são elas bem pouco perante a sua obra extraordinaria de filosofo e de vate.

No atrio do edificio do Congresso, onde o corpo do poeta repousou nestes ultimos dias, está todo o nosso mundo oficial. E' impossivel dar notas precisas, citar nomes certos, indicar atitudes seguras. Ha uma grande espectativa dominando os que ali estão. Alguns dos aqueles cuja falta havia só notada, poetas, escritores, jornalistas não deixaram de aparecer hoje. Felizmente que o fizeram.

Gente do Governo, da Camara Municipal, parlamentares, oficiais de terra e mar, um mundo de fardas e um mundo de fracks.

Por que foi o frack que predominou na cerimonia de hoje, frack negro, fazendo honra á gente do regimen e ao seu rigor de indumentaria.

Do Ministerio, o sr. Antonio Maria da Silva, que representa, no funeral, o Chefe do Estado. Ministros de quasi todas as pastas, Vitorino Guimarães, Rocha Saraiva, João Camoezas. Cá fora, o sr. dr. Abranches Ferrão conversa com o sr. Germano Martins.

Ha estudantes por todo o palacio de S. Bento. Piedosamente souberam eles velar o corpo nas horas primeiras em que as deserções se registaram; piedosamente veem hoje para o acompanhar á ultima morada. Alunos do liceu e da Universidade depositam fitas brancas, alvissimas, no ataude. E' um espectaculo comovedor; veem quasi todos rigorosamente enlutados.

A nosso lado, Teixeira Lopes, vindo expressamente do norte, a sua mascara magnifica de cera tocada de uma emoção estranha, quasi religiosa. São para ele as atenções gerais. O modelador estranho da «Verdade» é uma figura destacante, inconfundivel, sobretudo.

Em torno dele ha o mundo das representações oficiais, a lista dos nomes que as gazetas veem publicando nestes dias ultimos. Inventario dispensavel, numa palavra.

4 horas. Começam os preparativos para o transporte do caixão. Pelo atrio vão fundos os soluços, mais altos os suspiros de piedade. O coadjutor de Santa Izabel faz a encomendação. O mar de fardas aperta-se mais, cinge-se, toca quasi o catafalco.

Cá fóra no largo ha ordem, representativo se quizerem melhor. Os «reporters» atropelam-se, as maquinas dos fotografos chocam-se.

E' rebate falso e nada de novo por enquanto.

E o caixão começa a ser retirado demoradamente, arrancado pelos passos que junto dele estiveram sempre. Ergue-se mais alto os estandartes e a parte oficial toma posições, aprontam-se para o cerimonial indispensavel da fotografia.

Leva um quarto de hora este transporte.

4,30. Estamos no largo. O sr. Barreto da Cruz dirige superiormente a cerimonia. Os parlamentares estão a um lado, os jornalistas, desta vez tratados com invulgar delicadeza, a outro.

Os «fracks» foram para trás, para junto do passeio, a fazer fundo.

Um clarim que toca. E' agora realmente. E nas escadarias aparecem as gerbas, as cabeças dos estudantes e no meio deles, a urna coberta pela bandeira nacional. Colocam-na no armão da Guarda, puxado por parelhas da presidencia da Republica, que ha-de conduzi-la aos Jeronimos. E' um momento unico. Todos descobertos esperam pacientemente que os profissionais do enterro consigam colocar a urna.

O carro começa a rodar lentamente, enquanto os automoveis, quasi todos do Estado, se enchem. O enterro vai organizar-se pela Avenida Wilson.

O cortejo

Segue entre multidões compactas que pronunciam o nome do poeta

Os alunos do Colegio Militar, Escola da Guerra e Pupilos do Exercito, fizeram a guarda de honra á saída do Congresso, começando logo a organisar-se o cortejo que era aberto por duas filas de estudantes de todas as universidades do paiz.

O armão que conduzia o cadaver era rodeado pelos representantes das escolas superiores, comerciaes e industriaes, Camaras Municipaes de todo o paiz com estandartes, seguindo-se o Governo, Camaras dos Deputados e Senado, associações comerciaes, industriaes, de classe, socorros mutuos, de beneficencia e recreio, bombeiros municipaes e voluntarios, asilos Maria Pia, Santo Antonio dos Capuchos, Almirante Reis, Santa Catarina, Colegios particulares, escolas primarias oficiaes, etc.

A Escola Central de Reforma fazia-se acompanhar da respectiva banda, escoteiros, aduaneiros, Juventude da Galiza, «Jovens Luz», tas, centros e comissões politicas com bandeiras do P. R. P., do P. R. N. e do P. R. R.

Gremios Beirão, Lafonense, Trasmontano, Alentejano, Algarvio, e Minhoto, seguindo-se a Policia Civica, oficiais do Exercito e da Armada, Trabalhadores da Imprensa e do Teatro e ainda outras colectividades. Fechava o cortejo dois esquadrões da G. N. R.

O sr. Moreira de Almeida representava «O Dia» e o poeta sr. Antonio Correia de Oliveira. A casa do Soldado, do Porto, enviou duas creancinhas, assim como o Instituto dos Orfãos e Instituto Municipal daquela cidade.

Fizeram-se representar no funeral as juntas de freguezia de todo o país.

* * *

No Aterro, devido á aglomeração do povo, deram-se alguns incidentes desmaiando varias senhoras.

* * *

O presidente do Ministerio, que tambem representava o Chefe do Estado, ordenou que junto da sua carruagem não estacionasse ninguem, nem mesmo os jornalistas, devido a ter corrido o boato de que lhe estava preparado um atentado, tendo a policia tomado todas as precauções nesse sentido.

No percurso

Um espectaculo imponente, fel o do cortejo ao longo do Aterro

No jardim, no bonito jardim da Rocha de Conde de Obidos, as creanças das escolas garridavam, muitas no luto encantador proprio da sua idade, de branco, daquele branco puro que o Poeta cantou docemente no lirismo branco votivo dos «Simples». Caixas inumeras cheias de fitas, brancas tambem, esperavam o momento de ser agitadas pelas mãos pequeninas. A minuscula população escolar, toda das nossas escolas primarias oficiaes, escolonava-se pelas elegantes escadarias do jardim, de envolto com a verdura balsamica. Cá em cima o publico, aglomerava-se tambem. Muita, muita gente de preto, um dó comovido. Professoras, inspectores escolares e professoras aumentavam e organisavam o conjunto da piedosa romagem dos pequeninos humildes, pobresinhos nos seus trajes do povo. As fitas alvas, com dedicatoria, agora já nas mãos das creanças, drapejam ao vento brando que corre, sob o sol ardente.

Ante o feretro, que passa neste instante, imensas fitas tremulam agitadas no mesmo anceio inocente das alminhas que as guiam.

Capas negras de estudantes á frente, passam após o esquadrão de cavalaria do Exercito e os automoveis das entidades oficiais. A multidão comprime-se, formando barreiras intransponiveis. O cortejo passa na Rocha e as fitas agitando-se sempre nas mãos pequeninas.

Alguns aviões rumorejam sobre a multidão. E volteiam e circulam e abaixam-se, trazendo ao Poeta a ultima homenagem dos herois do ar.

E segue. Aterro fora, entre o silencio triste das almas que se curvam ante a sua passagem.

Em Belem

Numerosissimas deputações vão chegando, entre dezenas de milhares de pessoas

A's 6 horas, o espectaculo é imponente no largo em frente aos Jeronimos. As piras foram já acesas, elevando-se alto, colunas de incenso.

Estão chegando numerosissimas deputações, corpo diplomatico, colectividades scientificas, etc.

Todo o largo está completamente cheio, e vem chegando mais gente em ondas, que se apertam anciosamente.

Notas varias

A Federação Academica de Lisboa tomou a iniciativa de um «Memorandum», que será impresso na Imprensa da Universidade, sendo o seu produto destinado a um monumento ao Poeta. A comissão de F. A. será presidida por Raul Brandão e fazem parte dela Zagalo Fernandes, Rodrigo Mihueis, Filipe Ferreira, Ernesto Pereira e Tomaz Junior.

* * * * *

O Gremio do Minho fazia-se representar pela mesa da assembleia geral e comissão organisadora.

A Camara de Valença pelo dr. Ricôes Pedreira, de Paredes de Coura pelo senador Ramos Pereira.

Os jornais «Maria da Fonte» pelo sr. Delfim G. de Faria, O «Alto Minho» pelo sr. Abreu Vieira.

* * *

A «Capital» fez-se representar pelos seus redactores srs. Jorge Sam-Basilio, Paulo da Costa Eduardo de Sousa, Francisco da Silva Passos e Abreu Vieira.

* * *

Em frente do mosteiro estão concentrados os alunos da Casa Pia, que farão a continencia e as creanças de varias escolas e asilos. Está tambem ahi o corpo diplomatico e a grande comissão.

* * *

Em todo o percurso ha muitos milhares de pessoas, que se agrupam em ansia, ou procuram seguir o cortejo.

Algumas pessoas desmaiam, á passagem dos gloriosos restos do Poeta.

* * *

As piras que se erguem junto dos Jeronimos são quatro: duas delas e ão juntas do portão principal e as outras duas junto da porta por onde devo entrar a urna.

* * *

O sr. dr. Reinaldo dos Santos fez uma prelecção aos musicos, sobre a arquitectura dos Jeronimos.

* * *

Um aeroplano e um hidroavião voaram, a grande altura, baixando, por vezes, até quasi rente dos telhados, á hora em que o cortejo se dirigia para Belem.

* * *

A's 6,35, a testa do cortejo chegou aos Jeronimos, onde estava formada a força da Marinha, com a banda, que tocou uma marcha funebre.

Os alunos da Casa Pia fazem a continencia, perfilados, ao lado da marinha. Ha um fremito que percorre toda a multidão, na ansia de ver o ataude, mas este vem ainda longe a avançar de lento.

* * *

A força publica vê-se impotente para manter a avalanche de povo que quer aproximar-se da gloriosa urna.

Golpe de apache

Um vigarista tenta evadir-se lançando pimenta aos olhos de um policia

Conforme ha dias referimos foram presos os temidos vigaristas e faquistas Antonio da Cunha Vaz, «O Belezas» e Ricardo Martins, que haviam burlado em 10.000 escudos José Gomes de Alcucirim. A policia tendo terminado as suas diligencias sobre o caso enviou hoje os dois larapios para o Tribunal de Defesa Social, para onde seguiam acompanhados dos guardas 2.029 da 14.ª esquadra, Antonio Martins de Oliveira e do seu colega 1.403, sendo depois ordenado que os criminosos recolhessem á cadeia do Limoeiro.

Quando porém os presos seguiam pela rua de Santo Antonio da Sé o «Belezas» deu um salto e empunhando um pacote com pimenta atirou-o aos olhos do guarda 2.029, tentando pôr-se em fuga, aproveitando para isso uma «side-car» que ali estacionava e que era timonada pelo gatuno de golpe e de largo cadastro Cristovão Sernadas.

Este que era conivente na fuga pôz imediatamente a moto em movimento seguindo em carreira desordenada, de nada lhe valendo porém o estratagema porque um outro guarda que apareceu foi sobre ele de pistola em punho conseguindo assim fazer parar o veiculo e prender não só o fugitivo como o Sernadas. O «Belezas» foi então conduzido algemado para o Limoeiro, tendo o Sernadas recolhido ao Governo Civil juntamente com a motocycleta que lhe foi apreendida; tendo a policia apurado já que ele recebera 500 escudos para dar fuga ao «Belezas».

Os atentados bombistas

Foram hoje efectuadas novas prisões importantes

A Policia de Investigação ainda hoje procedeu a aturadas diligencias sobre os recentes atentados dinamitistas e principalmente sobre o que ha dias no largo da Boa Hora foi posto em pratica contra os juizes do Tribunal de Defesa Social.

Das diligencias realisadas, resultou hoje a prisão de Alberto das Neves, um dos membros do Comité Central da Legião Vermelha, que forneceu armas para o referido atentado e para aquele de que foi vitima o sr. Sergio Principe, tendo sido tambem detidos Manuel Serdeira, igualmente implicado no atentado da Boa Hora, e Adriano de Figueiredo, que forneceu armas aos bombistas, tendo ainda em sua casa, no Arco do Cego, carregado as bombas que foram empregadas contra os juizes do Tribunal de Defesa Social.

Recolheu ainda ao Governo Civil um individuo de nome José Sardinha, sobre quem recaem suspeitas de ser um dos autores do atentado de ha dias na rua da Palma contra o sr. Virgilio Pinhão, antigo adjunto da Policia de Segurança do Estado.

Na mais rigorosa incomunicabilidade encontra-se o preso Bernardo Ramos Costa, em cuja residencia, na charneca de S. Bartolomeu, ao Lumiar, foram encontradas, conforme ontem referimos, algumas bombas, ingredientes para o seu fabrico, dinamite, arrebites, etc., estando já apurado que o referido Costa fabricou para cima de 200 explosivos que estiveram escondidos alguns dias por detraz de um altar na igreja da referida localidade.

Hoje foram restituidos á liberdade os presos José dos Santos e Henrique da Graça, por se ter apurado não terem qualquer responsabilidade nos ultimos sucessos.

Violento incendio

Ficam destruidas umas barracas em Vale Formoso de Cima

Pouco depois da 2 e meia da madrugada de hoje manifestou-se incendio com extraordinaria violencia numas casas abarracadas que na rua Vale Formoso de Cima, tinham o n.º 86 e pertencentes a João Lopes Leal, que ali tinha uma taberna e casa de habitação.

Os bombeiros compareceram rapidamente, mas apesar de terem trabalhado com dedicação não conseguiram evitar que as chamas reduzissem tudo a um montão de cinzas. Os prejuizos são avaliados em 30.000 escudos.

Duas cartas

Os ultimos atentados

O SR. DR. FERREIRA DE SOUSA, QUEIXA-SE DA POLICIA DO SR. PAULO MENANO — O SR. VIRGILIO PINHÃO CENSURA AS AUCTORIDADES DEPENDENTES DO CHEFE DO DISTRITO

«...Sr. director e meu amigo — No final da entrevista que ontem tive com um redactor de «A Capital» vêm algumas palavras que me apresso a explicar para que não possam ser atribuidos propositos e intenções que não tive, nem podia ter, ao proferi-las.

Quando eu disse que «o abandono a que nos votavam era quasi completo», não quiz, de modo nenhum, referir-me ao governo da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva, de quem, tanto eu como os meus colegas, temos recebido em todas as conjunturas, as maiores manifestações de solidariedade e simpatia. Quiz aludir especialmente á inercia das autoridades suas subordinadas que ou não souberam, ou não quizeram, apesar das ordens recebidas, e dos elementos seguros de informação que lhe foram fornecidos, evitar os tragicos acontecimentos de ha dias.

Quando disse, a seguir ás acusações por mim feitas ao sr. dr. Paulo Menano, que «a cobardia era geral», não quiz, igualmente, referir-me a este magistrado, cuja atitude em face dos ultimos acontecimentos eu condeno sem prejuizo do respeito e da consideração de vida ao caracter de s. ex.ª

Pela publicação destas linhas fica-lhe muito grato o que é de v. etc., *Ferreira de Sousa*.»

«Sr. redactor—Como a proposito dos atentados ultimamente realisados e entre eles o de que eu, na quarta-feira, fui victima, o seu brilhante jornal «A Capital», em seguida a duas entrevistas com os ex.mos srs. dr. Ferreira de Sousa e ministro da Justiça, publique umas considerações cujo intuito é de certo muito louvado, mas onde, em certos pontos, se desvia da verdade dos factos, venho rogar-lhe a fineza de, no seu numero de hoje, declarar o seguinte:

1.º, que as referidas considerações e «A Capital» não foram resultantes de qualquer entrevista havida comigo, que desde o atentado de que fui victima a nenhum jornal forneci esclarecimentos.

2.º, que, como chefe dos Serviços de Investigação da Confederação Patronal Portuguesa, nenhum conhecimento tenho de qualquer má vontade ou negligencia da parte dos directores e adjuntos da Policia de Investigação Criminal de Lisboa, em quem, antes pelo contrario, tenho reconhecido desejos e acção de repressão aos crimes ultimamente cometidos, outro tanto não podendo dizer das autoridades directamente subordinadas ao ex.mo governador civil de Lisboa.

De v. etc., *Virgilio Pinhão*.»

POLITICA INTERNACIONAL

A questão de TANGER e a opinião da França

As trez teses, segundo o criterio francez

E A TESE PORTUGUESA?

Depois da questão do Proximo Oriente, que já fez reunir duas conferencias em Lausanne, em que não se chegou a uma solução satisfatoria, surge de novo a antiga questão de Tanger. Os leitores da «Capital» conhecem o facto. E como esta questão devia interessar mais do que qualquer outro paiz, Portugal, eis o que sobre as tres teses inglesa, francesa e espanhola pensa a opinião francesa, revelada pelo «Eclair» chegado hoje a Lisboa:

«Nesta delicada questão de Tanger apresentam-se tres teses, a da Inglaterra, a da Espanha e a da França, as tres grandes potencias interessadas no problema.

A Grã Bretanha não se recusa a reconhecer a soberania do sultão de Marrocos sobre Tanger, mas quer que essa soberania não seja acompanhada do protetorado francez. Para evitar que o porto fique nas mãos duma só potencia, preconisa a internacionalisação da zona que o circunda. Ora o regimen do internacionalisação é o da impotencia, da desordem, da incoerencia e da anarquia.

A tese de Espanha é mais simples: Tanger porto espanhol! Sem querermos ser desagradaveis aos nossos visinhos dos Pirineus, somos forçados a reconhecer que, até ao presente, o seu metodo de colonisação de Marrocos é mais do que rudimentar, como puderam constatar todos os que percorreram a zona espanhola, onde não ha ainda nem pontes, nem estradas, nem portos, nem caminhos de ferro. Não falemos das suas despezas militares.

Tanger espanhola! Todos os estrangeiros que residem nessa cidade, para os quais a politica não é a unica profissão, proprietarios, industriaes, negociantes, não mostram nenhum entusiasmo por esta solução — sabem bem que Tanger, espanhola, é a imobilidade, sem saida e sem futuro.

Quanto á tese francesa, é conhecida ha muito; é intangivel; compete-lhe as tão indiscutiveis como imparciaes defenderam-na como a mais logica, como a mais equitativa; resumamo-la mais uma vez.

A soberania cherifiana estende-se actualmente, de direito, sobre Tanger e a sua zona. Esta soberania seria plenamente confirmada de acordo com os textos de 1904, 1911 e 1912, tendo o sultão como unico intermediario junto das potencias estrangeiras o residente geral da Republica francesa em Marrocos.

A obra que nós realisamos em Algeria na Tunisia e no nosso protectorado marroquino, que faz a admiração dos nossos proprios rivaes, demonstra que a França com a sua experiencia das coisas musulmanas e os seus metodos de colonisação, é a mais competente das potencias para levantar Tanger, e não é sem um estremecimento que deixaremos morrer a cidade doente, que pode ainda ser salva.

* * *

E o jornalista frances não fala da tese portuguesa. O proprio governo portugues emudece perante esta importantissima questão de Tanger, a que nós temos mais direitos do que qualquer outra potencia europeia. Direitos de conquista, direitos de posse secular, direitos de colonisação garantidos pelos brilhantes atestados do Oriente, da Africa e do Brasil.

Ainda «El Sol», chegado hoje a Lisboa, pela pena d Afonso Sanches alude á primasia de Portugal sobre a posse de Marrocos:

«A gerencia de Tanger só pode reclama-la, entre os reinos christãos, Portugal, por te-la tomado pela força, e possui-la quasi dois seculos.»

Mas o que fazem os estadistas portugueses? O que pensa o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros?!...

A favor dos pobres dos jornais

Como já ontem dissemos, um grupo de colegas, actores dramaticos, jornalistas e admiradores da actriz Laura Costa tenciona promover-lhe uma festa de homenagem cujo produto liquido reverterá a favor dos pobres protegidos pelos jornais de Lisboa.

Essa festa é ao mesmo tempo um pretexto contra a forma porque a gentil artista foi tratada por um dos nossos criticos mais conhecidos a proposito da revista «Fado Corrido».

Reuniões

REUNEM HOJE:

Sporting Club Oeiras, 8 n.; Casa Pia Atletico Club, 9 n.; Banco Portuguez do Continente e Ilhas, Companhia do Congo Portuguez.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Lucilia Simões na «Zázá»

Amanhã, domingo e segunda-feira efectuam-se, em S. Carlos, duas unicas representações com a delicada peça «Zázá», em que Lucilia Simões tem na protagonista, um dos seus belos trabalhos.

A peça, que é repleta de episodios, que divertem e faz sentir o mundo dos bastidores, tem um magnifico conjunto de desempenho, em que brilhantemente se salienta o actor Erico Braga, que interpreta, primorosamente o papel de «Dufresne».

— Interrompida forçadamente, hoje, já amanhã prosegue, no Nacional, a brilhante carreira de «A Viuva Gomes» que continua sendo a peça mais alegre da actualidade.

— A revista do Eden repete-se amanhã, em duas sessões. Constitue o mais animado e deslumbrante espectaculo da actualidade, não havendo nenhum que possa comparar-se-lhe. Segunda-feira é a récita dos autores da festejada peça, Barbosa Junior e Silva Tavares, apresentando os espectaculos varias novidades e surprezas.

— E' amanhã, ás 16 horas, que se inaugura o Avenida Parque, antigo Parque Mayer, agora transformado em recinto de diversões populares, algumas delas ao ar livre.

Reclames

Está despertando enorme entusiasmo a récita da moda de terça-feira, em S. Carlos, a qual é dedicada á ilustre actriz Lucilia Simões, que nos dará, de novo, ensejo de apreciar numa das suas primeiras creações, *a nora* da «Casa da Boneca», de Ibsen, em que revelou desde logo as fulgurantes qualidades que, depois, a vieram colocar num dos proeminentes logares da scena contemporanea. Para essa recita já podem ser tomados bilhetes no camaroteiro de S. Carlos, sendo já numerosissimos os pedidos que têm ali afluido.

MUSICA

Virgilio Angelo

Partiu já para o Porto, e deu-nos o prazer da sua visita de despedida, aquele ilustre artista, que numa unica audição, gratuita, nos deu as suas belas musicas portuguesas com a colaboração gentil dalguns poetas que recitaram versos da sua lavra e outros de sabor popular.

Virgilio Angelo, filho dum artista ilustre já falecido, Miguel Angelo, e irmão doutro musico distintissimo Americo Angelo, não desmerece dum nem doutro, antes dá a sua quota parte de gloria a essa familia de eleitos, creando novos titulos á admiração de todos.

Virgilio Angelo numa unica audição, lançou o seu nome entre os amantes de boa musica, que muitos ha em Lisboa, consagrando-se definitivamente.

Daqui o cumprimentamos, desejando que cedo volte até á capital.

O fim dum processo

Ernesto Judet foi posto em liberdade

Depois duma notavel defesa, o juri do Sena deu o crime de que era acusado Ernest Judet como não provado, sendo o réu absolvido, tendo no entanto de pagar as despesas do processo, como costumacia.

Terminada a preroração da defesa, que, segundo o «Eclair» foi uma verdadeira oração, o presidente perguntou:

— Acusado: tem alguma cousa a acrescentar á sua defesa?

Então Judet, no meio de mal contidas lagrimas, declarou:

— Nada acrescentarei ás palavras do meu admiravel defensor. Permitirei-me apenas lembrar-vos a primeira declaração que vos fiz. Senhores jurados: vim por minha expontanea vontade, sem me importar com a minha saude, com os meus interesses e com a minha liberdade, pensando apenas na minha honra. Tenho confiança no juri do Sena!

* * *

E' evidente — escreve o citado jornal francez — que esta declaração, curta e acompanhada de soluços, produziu nos jurados, em todos, uma grande impressão.

O presidente Gilbert lê então aos jurados o quesito a que devem responder:

«Ernest Judet é culpado de ter, no decurso dos anos de 1914, 1915, 1916 e 1917, por um conjunto de factos indivisiveis, em Paris e na Suissa, mantido inteligencias com os agentes da Alemanha, potencia inimiga, com o fim de favorecer a empreza desta contra a França e seus aliados.»

O juri recolheu á sala das deliberações. Mas a expectativa do publico foi curta. Momentos depois o juri reentra na sala e o seu presidente declara:

— O juri não aprovou o quesito apresentado.

Judet está livre. Os seus amigos e a familia correm pressurosos a abraça-lo. O juri do Sena, que nas vesperas da guerra absolveu Mme. Caillaux, absolve agora M. Judet...

DOS ARREDORES

Um conflito

CASCAIS, 13 — Em virtude da Camara Municipal impôr uma tabela de preços aos carros de praça e ainda o imposto de terrado de cinco escudos por mês, além de exigir um cartão de identidade e ainda a respectiva matricula, os cocheiros e «chauffeurs» recolheram os seus carros, tendo hoje aderido ao movimento os carroceiros. A Camara não quere tratar com os protestantes, o que mais agrava o conflito. Tem sido bastante comentado o procedimento da Camara. — C.

INQUILINATO

O que urge fazer

segundo a opinião dum inquilino

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Sr. Redactor—Não quero deixar de agradecer a v. a publicação das minhas cartas sobre inquilinato, e creia que todos os inquilinos lhe estão igualmente muito gratos pela forma justa como os tem defendido, principalmente os que estão em litigio com os senhorios. Daqui lhe pedimos pois, que continue na campanha que tão acertadamente iniciou, até que se consiga um resultado favoravel. Os meus afazeres obrigam-me a percorrer diversas localidades e vejo que o descontentamento cada vez é maior, pela falta de protecção rapida e energica dos poderes publicos, que não se importam com os inquilinos sendo porem o seu conceituado jornal aplaudido por todos, pela maneira como nos defende.

Causa muita estranhesa a morosidade e a inercia na aprovação da tal nova lei do dr. Catanho de Menezes; a sua demora, poderá ocasionar acontecimentos graves, com o que nada se lucrará. Urge pois tomar providencias, as quais poderiam ser a anulação de todas as acções pendentes até á promulgação da nova lei.

Tudo quanto não fôr isto, não presta. Anulou-se em 1920 a lei 1020. Como V. sabe alguns arrendamentos desaparecem das secretarias de Finanças; facilmente se compreende que quem lucra com estas faltas é o senhorio. Por isso o castigo a aplicar era anular, por completo todas as acções, o que seria irem buscar lá e ficarem tosquiados.

Não tenho má vontade contra os senhorios, pois ha, efectivamente alguns que luta com dificuldades para se manterem. O que revolta e indigna são os actos pouco serios que alguns praticam, como já os tenho indicado. Confiam todos os inquilinos, isto é, a maioria da Nação, em que protecção rapida lhes seja dada por quem tem obrigação de lh'a dispensar.

O telegrama dos inquilinos e juntas do Porto mostra bem o estado de espirito em que todos se encontram. O digno ministro da Justiça porque não mete ombros a esta empresa, o que lhe daria grande popularidade? Segundo ouvi dizer, esse jurisconsulto tinha a opinião de que, na falta dos arrendamentos, os recibos supririam os contractos.

De v. etc.—Manuel Malaquias.

Os Partidos

Gremio Republicano «Jovens Lusitanos»

Reuniram ontem os socios desta colectividade, em grande numero, tendo tomado posse os novos corpos gerentes. Em nome da direcção cessante falou o sr. Porfiro Rodrigues, que disse esperar muito da boa vontade dos novos membros da D. C. afim de se conseguir o engrandecimento do Gremio e da Republica. Respondeu-lhe o presidente da mesa da Assembleia Geral, sr. Joaquim Domingues, que pronunciou um eloquente discurso, afirmando que através de tudo cumprirá o seu dever, com imparcialidade e amor para com todos os republicanos, quer sejam democraticos, radicais ou independentes.

Falaram ainda os srs. Ferro Alves, José Frazão, dr. Barbosa Sueiro e Barroso Junior, sobre a orientação futura do Gremio. A sessão foi encerrada entre calorosos vivas á Patria, Republica e á União de todos os republicanos. As comissões reunem todas as 5.as feiras.

UMA BOMBA

mata quatro rapazes que a encontraram

MILÃO, 14.—Quatro rapazes encontraram uma bomba com que se puzeram a brincar supondo-a descarregada. Infelizmente não era assim e a explosão causou a morte a todos os quatro.—(R.)

Conferencia

A Associação Cristã da Mocidade (Triangulo Vermelho) promove amanhã, pelo sr. dr. Pascoal Vitorino, uma conferencia sobre o tema «O Problema Internacional do Adolescente». O acto tem logar, pelas 17 horas, no salão da «Ilustração Portuguesa».

Pelo telegrafo

Da Agencia Havas

Depois duma discussão

NAPOLES, 13 — Depois de uma viva discussão relativa á atitude anti-francesa do jornal humoristico, que se publica nesta cidade, foram presas as pessoas que ameaçavam os oficiaes franceses.

Um julgamento

BRUXELAS, 13 — O tribunal encarregado da acusação do barão de Coppée, pai, determinou que este fosse julgado por ter feito fornecimentos ao inimigo e despronunciou o filho.

Em acção

ROMA, 13 — Recomeçaram, se bem que com pouca intensidade, as erupções do Etna.

Uma evasão

LONDRES, 14 — Telegrafaram esta manhã de Berlim dizendo que o capitão Ehrardt, chefe da brigada monarquica, se evadiu da prisão de Leipzig.

Desastre ferro-viario

Julga-se que o numero de mortos é de 64

BUCAREST, 13. — Segundo as ultimas noticias chegadas de de Klausenburgo, o acidente ferro-viario que acaba de se dar nessa região assume proporções que não se imaginava ao principio pelos primeiros telegramas.

Trata-se dum comboio de passageiros e assegura-se que o numero de mortos ascende a 64. Desconhece-se o numero dos feridos, mas julga-se que é muito grande.—R.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4431-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA | Segunda-feira, 16 de Julho de 1923 | Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 | Preço 15 centavos

BERLIM, 16. — Os jornais mostram-se receosos de que a fuga do capitão Ehrhardt signifique o inicio da insurreição nacionalista. A policia de Munich proibiu as manifestações anti-semitas tendo havido violentas refregas entre os fascistas e a policia. E' a primeira vez que a policia bavara exerce uma ação energica contra os fascistas.— R.

A EGREJA E A REPUBLICA

O «Seculo» de ontem publicava o seguinte telegrama de Roma:

ROMA, 14. — O Pontifice enviou uma carta ao episcopado portuguese, louvando a sua atitude e aplaudindo a celebre pastoral colectiva de 29 de setembro ultimo. Na carta, diz que essa pastoral está conforme com as normas e instruções da Santa Sé, recomendando a todos os catolicos portugueses que sigam essas normas com animo fiel e sincero.»

A pastoral a que esta carta do Pontifice se refere é com efeito a de 29 de setembro do ano findo, que tanta celeuma levantou nos meios monarquicos. Como sempre os seus orgãos, e especialmente o «Dia», quizeram reduzir o valor desse documento em que se preceitua aos catolicos a aceitação leal da Republica, visto ser o regimen constituido em Portugal, dando a entender que os bispos procediam por sua exclusiva inspiração, ou que excediam os preceitos estabelecidos nas determinações da Santa Sé. A resposta ai está. E' o proprio Papa que declara estar essa pastoral inteiramente de acordo com as suas instruções.

Roma falou. E quando Roma fala, os catolicos — os verdadeiros catolicos, e não os monarquicos que se dizem catolicos para servir as suas paixões politicas — não podem deixar de obedecer, porque o Papa é para eles infalivel, e pela sua bôca expressa-se a propria vontade divina.

Não nos surpreende este documento, com que o Papa mais uma vez manifesta firmemente as suas intenções e patenteia a sua orientação, quanto ás relações da Igreja com os governos constituidos. Esta doutrina vem já de Leão XIII, o Papa admiravel que imprimiu ao catolicismo o primeiro impulso, no sentido de o fazer regressar quanto possivel aos principios do cristianismo primitivo, adaptando-o ao mesmo tempo, e mais possivel, ás correntes da civilisação moderna.

Na atitude do Papa mostra-se claramente a politica da Igreja, de que monsenhor Locatelli foi, enquanto se conservou entre nós, um fiel e inteligentissimo agente. Por muito que isso desagrade ao sr. Fernando de Sousa, director da «Epoca», e á parte reacionaria do clero, felizmente diminuta, que como ele serve as suas paixões monarquicas em vez de se consagrar exclusivamente ao serviço de Deus, o Vaticano não abandona a sua politica, em relação á Republica Portuguesa, tanto mais que deve estar bem informado pelo ex-nuncio em Lisboa do verdadeiro caracter que entre nós apresenta o problema religioso.

Deste momento, em diante, os monarquicos, da marca Moreira de Almeida, bem como os da marca *Nemo*, que são apenas inimigos rancorosos da Republica, e nada mais, ficam numa situação de patente rebeldia perante a Igreja, de que se dizem filhos submissos. E' claro que isso não alterará as suas atitudes. Bem se importam eles com a Igreja! Mas a verdade é que ficam desmascarados para sempre, e a consciencia catolica do paiz nunca mais se deixará iludir pelos seus estratagemas desleaes e grosseiros.

OS BANDIDOS VERMELHOS

Como se perpetrou o atentado contra Virgilio Pinhão

A quadrilha do "Avante" e a proteção do sr. Governador Civil

Recostado nas almofadas do leito, o pescoço enrolado numa ligadura, Virgilio Pinhão, um pouco palido, conta como se deu o atentado que, por pouco, por um triz, por um milagre, se o leitor quizer, o não vitimou.

O antigo adjunto da P. S. E. tinha saido de casa, nessa noite, um pouco mais cedo. Foi a casa de um amigo que o solicitara e, depois, tomou café na Brasileira do Rocio. Ai reparou, ou suspeitou, de que um individuo qualquer o olhava com insistencia, tendo saido depois de falar, á porta do café, com outro sujeito. Sorvido o café, Virgilio Pinhão encaminhou-se para casa, um pouco mais cedo do que era costume.

Para verificar se, como desconfiava, alguem o seguia, na travessa de S. Domingos entrou num estabelecimento. Não viu ninguem — e seguiu o seu caminho, despreocupadamente.

Ao entrar na rua da Palma e transposta a porta da leitaria que ha ao principio, do lado direito, a sua suspeita avolumou-se. O escuro, ai, era absoluto, compacto. Apenas, para traz, havia uma clareira de luz intensa, que brotava, num jacto forte, da leitaria.

Virgilio Pinhão sentiu passos precipitados quasi em cima de si. Voltou-se e partiu um tiro. Passou a bengala rapidamente para a mão esquerda, sacou da pistola, destravou-a e fez fogo. Era tempo, porque o bandido assaltante desfechava de novo. Virgilio Pinhão teve a impressão de que a pistola do meliante se encravou — milagrosamente. Fez fogo outra vez e outra ainda. Mas, como a concorrencia na rua era já grande, parou. Entretanto, o facinora safava-se, impune.

— Conheceu-o? — preguntámos.

— Não. A escuridão era medonha.

— O tiro?

— Olhe, disse Virgilio Pinhão, mostrando-nos o casaco e a camisa — furou a gola do casaco e a camisa.

— Foi certeiro!

— Foi á queima-roupa. Ainda tenho a cara queimada — e mostrou.

Era exacto. Havia na face direita umas pequenas queimaduras. A gola do casaco está queimada. A camisa tambem.

Virgilio Pinhão elucida:

— O tiro foi disparado á queima-roupa e a arma apontada á base do craneo.

— Como poude evitar a morte?

— Por acaso. Precisamente no momento em que o miseravel fazia fogo, eu, pressentindo-o, voltava a cabeça. Foi o que me valeu!...

E Virgilio Pinhão sorriu.

Um silencio grande. Depois preguntámos:

— A quem atribue o atentado?

— A' quadrilha do «Avante».

— Sempre o «Avante»!...— comentámos.

— O «Avante» e os socios — o Bela-Kun e o Nascimento Cunha. São a trindade.

— Porque serão êles?

— Porque o «Avante» me odeia de morte. E os outros obedecem-lhe cegamente. Ha uma tenebrosa quadrilha que os três manobram.

— E porquê, êsse odio do «Avante»?

— Porque, na P. S. E., quando lá estive, investiguei seguramente todos os elementos biograficos do «Avante»...

— E êsses elementos biograficos?...

— Deixei-os no arquivo da P. S. E. São edificantes!

Um novo silencio intercepta a conversação. Indagámos os pormenores posteriores ao atentado. Virgilio Pinhão conta.

Depois de afugentar o bandido, Virgilio Pinhão, não vendo um policia, dirigiu-se ao guarda-noturno, ainda na rua da Palma. Como tivesse a pistola aperrada, receando qualquer ataque imprevisto, pois que se havia juntado já bastante gente, e nos atentados promovidos pela quadrilha do «Avante» ha sempre varios facinoras de atalaia, na previsão de um fracasso, o guarda-noturno fugiu. Virgilio Pinhão guardou a pistola, pedindo ao guarda que o acompanhasse ao hospital. E foi. Prestaram-lhe socorros e, depois, apareceram alguns policias e um cabo. Interrogatorio: nome e morada. Apreensão da pistola e protestos de Virgilio Pinhão. A pistola, apesar disso, ficou apreendida.

Um policia, dirigindo-se a Virgilio Pinhão:

— Safa, se não fujo, o senhor alvejava-me!...

— O senhor onde estava? — preguntou Virgilio Pinhão.

— De serviço na rua da Palma.

— O sitio?

— Mesmo á entrada.

— Quer dizer, — comenta, mais para os seus botões do que para os circunstantes, Virgilio Pinhão — se êste homem tem cumprido o seu dever, o bandido não se escapulia, visto que ficava entre mim e ele...

O policia repetia:

— Olhe se não fujo, heim?!...

Entretanto, chegava o alferes sr. José Carlos, da Policia. Virgilio Pinhão reeditou os seus protestos pela apreensão da pistola. Inutilmente. Conseguiu apenas que o alferes sr. José Carlos e um policia o viessem acompanhar á casa.

— E a pistola? — preguntámos.

— Lá está na Policia.

E aqui tem o leitor a verdade absoluta acerca do atentado de ha dias contra Virgilio Pinhão, antigo adjunto da P. S. E. e vitima eleita pela quadrilha do «Avante» — chefe da legião vermelha do partido comunista e protegido das altas esferas do Governo Civil...

NAS VESPERAS DA ELEIÇÃO

A candidatura do sr. dr. MAGALHÃES LIMA

A sua apresentação como um direito

O velho republicano prepara as suas "Memorias„

Magalhães Lima, patriarca do idealismo democratico entre nós, vindo das pugnas ardentes de 1880 quando era a utopia republicana que norteava os espiritos e as almas se deixavam abrazar pela ideia, é candidato á presidencia da Republica.

O paiz conhece a historia desta candidatura posta por Teofilo Braga e invocada, mais como um direito do que como um desejo, para um homem que gastou os anos todos da sua vida no bom combate da Patria e da democracia.

Desnecessario é recorda-la portanto, com as suas fases, desde o manifesto até á carta do sr. dr. Afonso Costa.

Ouçamos Magalhães Lima, as suas opiniões e as suas esperanças a algumas semanas da eleição. O propagandista só tem setenta anos por que ele o afirma desassombradamente, quasi num desafio; mantém a mesma vivacidade, de outros tempos, na conversa, a mesma franqueza de conceitos, o mesmo pensar recto. As suas palavras são sempre animadas por uma fé alta nos destinos da terra e da gente portuguesa.

— Por que é tambem o que eu admiro no Teofilo, além da confiança em si proprio, admiravel confiança que o tem conduzido a tudo. Teofilo acredita sempre, acredita cegamente em Portugal e na Republica.

— A candidatura...

— Obra dele. Unica e exclusivamente obra dele. Acredite para ai não contribui em nada. Ele teve a ideia, propagandeou-a, redigiu o manifesto, incitou amigos e correligionarios...

— V. ex.ª...

— Fiquei como é natural muito grato á sua lembrança. Agora aguardo os acontecimentos.

— Mantendo a candidatura...

— Ah sim. Não a posso mesmo retirar.

— E confia nela?...

— Eu lhe digo. Creio que mesmo derrotado triunfarei ainda. A propria derrota é uma compensação moral. Porque sob o ponto de vista da minha independencia pessoal e politica compreendo todos os inconvenientes que uma ida até Belem pode acarretar-me. Alem disso são tantas as provas de estima e de simpatia que tenho recebido a proposito deste acontecimento que não posso deixar de me sentir suficientemente compensado de alguns dissabores que tive através a minha vida publica.

«Ha a intenção de publicar um volume com as referencias feitas pela imprensa estrangeira á minha candidatura. Os jornaes de propaganda têm-se referido a ela de uma maneira que me é muito agradavel.

— E a manifestação nacional que projectavam?...

— Não a consentiram os meus amigos e, quanto a mim, muito bem.

«A minha candidatura, quer vingue quer não, desejo que fique como Teofilo a apresentou: o reconhecimento de um direito dado por mais de cincoenta anos de propaganda e apostolado. Essa manifestação poderiam atribuir-lhe o proposito de obrigação que não está nem no meu espirito nem no das pessoas que lembraram o meu nome.

— As outras candidaturas?

— Creio que se fala em Teixeira Gomes...

— Um pouco fóra d'isto tudo...

— Sim naturalmente deve andar muito no desconhecimento do que por cá se passa. Mas parece que é o candidato patrocinado pelos democraticos.

— O Directorio, não se pronunciou.

— Sim, penso que nada disse ainda.

— E v. ex.ª tem a carta do dr. Afonso Costa...

— Ele parece que afiançou não se meter para nada na eleição. Dizem porém, que o seu candidato é tambem Teixeira Gomes.

«Alves da Veiga seria um nome; mas esse não quer. Posso garantir-lho. Está doente. E' dos poucos do meu tempo, dos que sempre foram republicanos. Olhe sou eu, ele, o Duarte Leite e o Antonio Luiz Gomes.

— Outro candidato...

— Talvez. Mas não creio.

E o dr. Magalhães Lima a desviar:

— Os idealistas, como nós hoje, provocam o riso. Poucos são os que acreditam. Os negocios, os interesses minaram tudo, escangalharam tudo. E' uma coisa horrivel. Um dos argumentos do Teofilo é esse: nunca recebi nada do regimen, nem cinco reis. Quando exerci cargos publicos mandei sempre o dinheiro para obras de caridade. Vai muito alta a maré de mercantilismo. Muito alta.

«Enfim eu espero. Mas mesmo derrotado considero-me triunfador.

— E no caso de vencer?

— Ah, no caso de vencer, isso depois, isso fica para depois.

Como nota final daremos ao leitor a seguinte informação: Magalhães Lima prepara as suas «Memorias» estando o primeiro volume quasi concluido.

A LIBERTAÇÃO duma Academia de Sciencias

porque a largou uma mão fatal...

Assim falou um sabio ao nosso ouvido

Um sabio! Os leitores já estudaram um sabio? E' uma esfinge; é um homem que não é deste mundo; é um antigo na nossa idade; é um misantropo; é um surdo-mudo. Como o sr. Forjaz de Sampaio chamava «dantes» aos socios das Academias.

O sabio a quem vamos referir-nos pertence ao numero daqueles que passam grande parte da vida pelo espaço das abstrações, não vendo nem ouvindo os misseros mortais que o acotovelam na terra; mas que tem seus dias de *aterrissage* e então fala e fala, e se tem que dizer mal, é... sempre um sabio.

— Então essa sciencia, essas Academias?

— Boas, muito obrigado. Olhe: sabe que vai regressar á antiga actividade a Academia de Sciencias de Portugal? Aí tem uma novidade para os seus leitores.

— Qual? a do sr. Cabreira?...

— Não me fale assim, pelas suas alminhas. Digam tudo que quizerem, mas não tornem a dizer que a Academia de Sciencias de Portugal é do sr. Cabreira. Já foi, já foi; mas já não é. O sr. Cabreira... morreu.

— Sério? ou é em sentido figurado?

— Qual figurado? Morreu para a Academia. Teve de se desligar dela. Já não volta. Já não pertence a ela. Já deixou de ser *perpetuo*. Irra! Era uma séca.

— Conte lá isso, por favor.

— E' preciso contar, é; devem acabar as confusões. Diga lá no seu jornal, em letras muito grandes que o sr. Cabreira largou, enfim, a Academia de Sciencias de Portugal.

«Esta Academia foi fundada para contrabalançar, em vigor e acção efectiva, a existencia senil da outra congénere, á qual tambem pertenço, mas cuja decomposição organica devo confessar, apezar dos «outeiros sem doces», que a torna ridicula. Ora, o sr. Cabreira foi um dos fundadores e justo é dizer que foi nela um grande trabalhador: amou-a tanto que a ia estrangulando, se não lha tiram das mãos. Cobriu-a dum ridiculo que só a sua ausencia pode apagar. Toda a gente falava da «Academia do Cabreira» com o sorriso nos labios. Isto magoava todos os socios e fez com que quasi todos se desinteressassem dos trabalhos academicos, onde apareciam tipografos elevados aos mais altos graus, só porque trabalhavam baratinho para o sr. Cabreira.

«Depois, era intoleravel que a Academia tivesse de ser catolica e miguelista, só porque o sr. Cabreira lhe queria imprimir esse caracter. A sciencia não pode adoptar religiões nem partidos politicos.

— E o que se segue agora?

— Vida nova. O sr. dr. Teofilo Braga continua a ser o presidente perpétuo da Academia. Presidente efectivo é o ilustre aviador e homem de sciencia Gago Coutinho e vice-presidente o almirante Ramos da Costa, uma das nossas maiores mentalidades. Estes tres consagrados nomes são uma garantia, não é verdade?

«Conta-se que duas ou tres pessoas a quem o sr. Cabreira pagou serviços particulares, com diplomas academicos, o acompanharão para a Ordem do Castelo e dentro em breve irão para um convento... esperando o Encoberto.

— Mas já não temos conventos...

— Está tudo previsto: vão para Espanha. O sr. Cabreira deixou 16, ha pouco, tudo disposto.

— Não me esquecerei da *blague*. E então a Academia vai ressurgir? vai rever as propostas de socios?...

— Não é bem uma ressurreição; é uma libertação da mão fatal que... E' uma historia muito larga, que eu não desejo hoje contar. O que importa que o paiz saiba é que o sr. Cabreira deixou de ser a perpétua mão fatal da Academia. Quebrou-se o feitiço. A Academia vai ressurgir pra os trabalhos serios da sciencia, para a vida util á Nação. O sr. Cabreira... morreu (salvo sejal). A Academia vai ter vida nova. O sr. dr. Teofilo Braga está empenhado nisso a valer. O novo ano academico ha de marcar. Será obrigatorio que cada socio apresente uma tese. Só para a leitura das teses, será preciso estar em sessão permanente durante meses. Faremos grandes serões de estudo e de comunhão espiritual, mas sem ridiculas exibições.

«Escusado será dizer-lh que estou a falar só por mim, cheio de entusiasmo e de esperança na ação da Academia de Sciencias de Portugal, que possue homens de muito valor, os quais, muitos deles pertencendo tambem á outra Academia, desejam trabalhar sob a direcção de Teofilo Braga, Gago Coutinho e Ramos da Costa, numa orientação moderna mais utilitaria.

E o ilustre sabio mais coisas nos disse, que é possivel que ainda contemos um dia. Por hoje, ficamos por aqui, satisfeitos por ver que volta ao grande orgão da cultura nacional, que é a Academia de Sciencias de Portugal, o prestigio que merece pelos homens notaveis que a ela pertencem. Que ela continue a dar o salutar exemplo do trabalho, já que se vê liberta e disposta a dar á cultura nacional o impulso de que os seus socios são capazes, orientados por tão brilhantes espiritos.

Um viajante ilustre

O banqueiro belga Edgard Lippens

Chegou hoje a Lisboa e hospedou-se no Avenida Palace o jornalista e banqueiro belga Edgard Lippens, que vai fazer, na proxima quarta-feira, na Sociedade de Geografia, uma conferencia sobre «Gand, terra de flores e de monumentos».

O banqueiro Lippens é uma alta figura e de muito prestigio na Flandres Oriental. Foi comissario do governo belga junto das Exposições Universais de Mechelen... Pessoa de muita gentileza e cultura, foi de extrema amabilidade para com os delegados portugueses que foram a essas exposições.

O CASO DO Compendio de Geografia

que dá o chefe do Estado em Lubango, auxiliando os indigenas

A'cêrca deste caso espantoso, por nós ha dias aqui contado, recebemos a seguinte carta, que vem confirmar o que dissemos, dando ainda novos informes interessantes.

Sr. redactor — Sobre a noticia por V. publicada no seu numero de 13 do corrente, apreciando um compendio escolar superiormente aprovado, permita-me V. uma rectificação.

O cidadão Antonio José de Almeida não é preto, mas sim mulato e pelos relevantes serviços que ele tem prestado á Patria bem pode considerar-se como um benemerito. Nos tempos em que as comunicações entre Lubango e Humbe eram mais dificeis e morosas que hoje, a casa de Antonio José de Almeida, na Chibia, era o «hotel gratuito» para todos os que faziam aquela viagem, funcionarios ou particulares.

Nas guerras gentilicas, o seu conselho e a sua pessoal colaboração foram elementos de grande valia, que muito concorreram para a vitoria das nossas armas e assim foi publicamente reconhecido pelo falecido governador geral sr. Eduardo Costa e pelo proprio Governo da metropole, que o condecorou, creio que até por mais de uma vez.

Quanto a filhos, deve o sr. Almeida ter apenas metade daqueles que a noticia lhe atribuiu, ou sejam uns 30 a 35.

No compendio em questão ha, porém, mais e melhor, quanto ás colonias, pois que se erradamente confundiu pessoas, erradamente trocou a situação geografica de importantes povoações de Angola, já colocando-as em distrito diferente, já passando-as de portos de mar para povoações do interior!

Não tenho á mão esse compendio, (que, entretanto, trago na minha bagagem para um dia apreciar mais detidamente), e para cujos crassos erros a minha atenção foi chamada por um meu garoto de dez anos! Em resumo: Um compendio que dez anos infantis regeitam por averiguadamente errado e que as instancias superiores aprovam e não sei se, consequentemente, obrigam a que seja empregado na educação da nossa infancia! — De V., etc. —*Pimentel Teixeira.*

Consul do Brazil

O ilustre consul geral do Brazil em Lisboa, sr. dr. Borges da Fonseca, partiu hoje para o Rio a bordo do «Arlanza», em gozo de licença.

O ilustre diplomata deu-nos o prazer da sua visita de despedida, gentileza que muito agradecemos, desejando-lhe feliz viagem.

A crise da imprensa

O nosso presado colega «O Mundo» publicava hoje o seguinte:

«A situação da imprensa republicana está a tornar-se insustentavel. As dificuldades de um jornal que não tenha outra fonte de receita que não seja a venda, as assinaturas e os anuncios, são verdadeiramente insuperaveis. A crise assim não é apenas da imprensa republicana, mas do proprio regime, que de um momento para o outro, está em risco de perder o contacto com o grande publico e não terá um unico orgão de publicidade. Isto é muito grave e para o caso chamamos a atenção de todos os republicanos.

O preço dos jornais é elevadissimo e, no entanto, êsse preço não é compensador. A carestia do papel é tal, que, mesmo vendendo o jornal a êsse preço, o lucro por cada exemplar é insignificante. Seria preciso que se vendessem muitos milhares de exemplares para que êsse pequeno lucro de cada um pudesse dar uma verba que cobrisse todas as outras despesas de redacção, informação, tipografia, administração. Ora, os republicanos preferem os outros jornais sem feição politica para os assinar, para neles anunciar, contribuindo assim para o extraordinario «deficit» dos jornais republicanos.

Que resultará disto? Que a imprensa republicana desaparecerá dentro em pouco, se tal situação se não modificar, se os republicanos se não compenetrarem da necessidade da manutenção de uma imprensa do regime. Nesse momento começará o divorcio entre o regime e a opinião publica, pois nenhum jornal terá interesse politico em esclarecê-la suficientemente, e portanto deixá-la-ha sugestionar por todas as balelas, todas as invenções, todas as infamias que os inimigos das instituições se lembrem de boiçar contra a Republica.

Isto não pode continuar assim. Todos os republicanos, sobretudo os republicanos organisados em partidos politicos, não podem continuar indiferentes a este facto, que aliás não podem ignorar. A imprensa republicana, para manter a sua linha honesta, digna e independente ante certos e inconfessaveis interesses, terá de sucumbir se não houver da parte da grande massa dos republicanos um forte apoio que a levante, lhe dê um vigoroso impulso e lhe restitua o lugar preponderante que teve em tempo.

A nós só nos move um intuito politico e social. Por isso mesmo é que este jornal sofre e lucta com uma pavorosa crise, que não teria se preferisse ter como objectivo um interesse material em vez de um objectivo de ordem moral. Assim, estaremos condenados a desaparecer, interrompendo a nossa acção, se continar a ser para nós incomportavel o sacrificio material da nossa publicação.»

Dr. Augusto de Castro

E' hoje que se realisa, na Camara Municipal de Lisboa, o banquete de homenagem ao ilustre director do «Diario de Noticias», sr. dr. Augusto de Castro, oferecido pela Associação Industrial Portugueza.

A esse banquete, que se inicia ás 8 horas, devem assistir o presidente do ministerio e outros membros do Governo.

Feira de Lisboa

O sr. Raul de Lemos, em nome da Comissão da Feira Internacional de Lisboa, comunica-nos que foi nomeado, para dessa Comissão tambem fazer parte, o nosso presado director, sr. Manuel Guimarães.

Em seu nome, agradecemos essa distinção.

As Florinhas da Rua

Uma encantadora festa, organisada pelas alunas do Colegio Anglo-Francez

Realisou-se ontem, em «matinée» no teatro Politeama, uma festa de caridade, organisada pelas alunas do Colegio Anglo-Francez e em favor das Florinhas da Rua.

Poucas vezes uma receita desta natureza terá agradado tão completamente, pela perfeição, impreviste com que ali as interpretes elegiam composições dificeis e tão variadas. Todas as alunas do Colegio Anglo Francez, que nos apareceram no palco do Politeama, mostraram segurança absoluta em si, e, algumas, apesar da sua pouca idade, dir-se-hiam artistas consumadas, como a menina Rosa Fernandes Sogarra, que nos lindos episodios «Entardecer» e «A Florinha da Rua», teve jus e entusiasticos aplausos, bem como, diga-se já, as suas companheiras, as meninas Maria Teresa Fernandes Sogarra, Maria Helena Aragão Monteiro, Maria do Carmo Portugal, Maria de Lourdes Mascarenhas Garcia, e Maria Helena Ferreira Braga de Sousa.

Superiormente executado, tambem, o episodio-bailado «A morte do Arlequim», pelas meninas Maria Teresa Fernandes Sogarra, Zizete Mascarenhas

DE PARTIDA...

Henrique Roldão

escritor humorista vai para o Brasil fazer teatro e jornalismo

Os triunfos de Jorge Barradas

Henrique Roldão, jornalista do riso, é, por paradoxal que pareça, um rapaz de aspecto triste e homem de poucas falas.

A sua arte deve ser tortura. Talvez, por isto, a prosa risonha, leve, graciosa, subtilmente ironica e mordaz, que tem espalhado pelo teatro e pelos jornais, se apresenta a nossos olhos mais como belisco dado ao de leve na pachonchada ridicula que é a vida portuguesa do que como castigo chicoteando em pessoas e costumes.

Roldão consegue sempre fazer-nos sorrir, nunca provoca a gargalhada.

Conhecêmo-lo pouco, mas cremos que tambem nunca a sua boca se abriu, escancarada de alegria, em qualquer gargalhada estrondosamente portuguesa. Roldão só sorri e nos faz sorrir.

A sua graça é de além Pirineus — passeia pelos «boulevards» parisienses.

O humorista pessoa é um excelente camarada e um bom amigo. Entre nós, ao lado de Brun, de Feliciano dos Santos e de Carlos Simões, soube marcar um lugar através a sua obra teatral e jornalistica.

* * *

Henrique Roldão, disseram os jornais, vai partir para o Brasil, onde fará conferencias com a colaboração de Jorge Barradas.

Os jornais disseram pouco.

Roldão disse-nos hoje o resto.

O humorista, conversando com a «Capital», onde já colaborou e brilhantemente com as suas «Notas... falsas», não fez humorismo — falou sério, cheio de esperança e ansia de trabalho.

— Vou trabalhar com o Barradas; algumas conferencias em S. Paulo e no Rio. Já tenho a primeira escrita.

— Titulo?

— «As mulheres dos outros em geral, e a nossa em particular». Feitas as conferencias, adquirido o necessario conhecimento do meio, eu e o Barradas, juntamente com Hipolito Collon, fundaremos uma revista humoristica — «O Riso» — onde, sem politica nem critica a coisas locais, procuraremos fazer graça anodina, graça de verdade e que não magoe.

— Demora-se, então...

— Depende das circunstancias. Esquecia-me dizer-lhe que, alem de tambem ir colaborar com Ruy Chianca, na «Portugal», mandarei para Lisboa algumas cronicas ilustradas por Barradas.

— E de teatro?

— Não o abandono. Levo comigo uma peça inedita — «O homem que nunca amou» — para ser representada por Leopoldo Froes. Alem desta, tenho já assente a colaboração com o escritor brasileiro Carlos Bettencourt para vasias outras peças a fazer. Já vê que vou trabalhar e trabalhar muito. Aliás, vou continuar fazendo aquilo que sempre fiz desde os 13 anos. Aos 18, tinha uma revista em scena.

— ?

— Não fale nisso; foi um desastre. Agora tenho, no «Nacional», a «Viuva Gomes».

— E as outras? — preguntámos.

— As outras são umas quinze: «Arroz Doce», «Lua Nova», «Pau de dois bicos», «Mulher Ingrata», «Irmãos Unidos», «Lisboa amada», «Folha Corrida», «E' agora», «Rosa Tirana», «Chicoração», «Cova dos Ladrões», «Coração á larga», «Grande Guerra», etc.

— Quasi tudo revista...

— Comecei pelo mais simples; espero chegar ao mais dificil e complexo.

* * *

A conversa desviou-se para Jorge Barradas.

Roldão falou-nos do triunfo do seu colaborador:

— A primeira exposição em S. Paulo foi um sucesso. Agora, está no Rio preparando uma segunda, que eu hei de inaugurar em Agosto, com uma palestra humoristica.

— Então, agora, só humorismo? — preguntámos, recordando o drama guignolesco, que, como surpresa, Roldão nos deu há pouco, em novela curta, no seu «Caso do Patio das Bichas».

Roldão sorriu e respondeu:

— Humorismo agora e sempre. O «Caso do Patio das Bichas» foi encomenda especial. E' um caso... esporadico.

— Mas continua escrevendo novelas?

— Sim. Tenho mais quatro a sair brevemente. Todas humoristicas.

— Titulos?

— «Gomes Freire-Avenida», «D. Freixo de Espada-á-Cinta», «O Cego da Boa-Vista» e «O homem que vendia saudes».

A conversa tinha chegado ao seu termo. Roldão parte no proximo dia 31. Estamos certos de que triunfará.

...las Garcia e Maria do Carmo Portugal Corregedor. Dançaram muito bem, com elegancia suprema, ró compassavel á justeza do gesto.

A ultima peça, foi a mais movimentada e aquela onde porventura todas as gentilissimas interpretes provaram que podem representar ao lado de artistas. «B a Bá... Fogio a Borra», revista em 1 acto e dois quadros de Vasco de Matos Sequeira. Lindos numeros, lindos versos, lindos coros, indumentaria vistosa.

Não foi positivamente um espectaculo de amadores, quasi sempre tatidioso e longo, antes teve todos os encantos dum verdadeiro espectaculo. Representou-se a valer, e sem uma hesitação.

Tambem recitaram poesias as meninas Maria Amelia Silva Carvalho, Maria Laura Cravoiro e Maria Tereza Fernandes Segarra, tendo o espetaculo começado por um lindo coro.

A revista «B a Bá... Fogio a Borra» foi assim interpretada:

Zeca, Rosa Fernandes Segarra; Visão, Helena Aragão Monteiro; Mariquinhas, Fox trotista, Paca Fernandes Segarra; Menina da Palmatoria, 1.º oriental, Deolinda Ribeiro; 1.º sonho, Caridade, Isabel Ferreira Braga de Sousa; Menina Furta-Cores, Argentina Lopes; Fé, Maria Ernestina Araujo; Esperança, Maria A. de Matos Sequeira; Ele, Antonio de Castro Llorente; Ela Helia Castro Llorente; Fado, 1.º Borbo eta, Maria Tereza Fernandes Segarra; Espariges, Orientais e Borboletas.

A menina Maria Helena Ferreira Braga cantou admiravelmente «Uma canção», sendo bisada e enormemente aplaudida.

A casa estava completamente cheia.

Gremio do Minho

Na séde do Gremio Lafonense, á Rua da Madalena, 201-1.º, prossegue depois de amanhã a assembleia geral do Gremio do Minho, para continuação da discussão do projecto de estatutos.

E' de esperar que esta assembleia seja largamente concorrida, dado o grande numero de socios que o Gremio já conta.

A comissão organisadora pede a todos os minhotos que tenham listas de inscrição, em seu poder, para as remeterem, com a maior brevidade, para a séde provisoria do Gremio, á rua da Mouraria, 271-1.º

"A carta fatal"

O extraordinario exito desta afamada pelicula de grande metragem, a ponto de não ficar um unico logar vago em todos os espectaculos do Salão Central, fez com que a empresa resolvesse exibi-la, por completo, em quatro funções seguidas.

Hoje e amanhã serão apresentados ao publico os seus primeiros seis episodios, e quarta e quinta feira os sete restantes. A agradavel resolução da empresa deu logar a que fossem marcados todos os camarotes e tribunas, restando apenas os de plateia para o grande publico.

Quem por qualquer motivo, não as te vir a exibição do famoso romance de Gastão Laroux, não deixe de acorrer ao Salão Central nas noites indicadas, pois que o famoso «film», passadas estes dias, não voltará a ser exibido.

Vão ser quatro espectaculos de verdadeiro regosijo para os «habitués» do elegante cinema.

Dr. Magalhães Lima

Uma carta

Sr. redactor.—Peço a V. que dê publicidade a estes esclarecimentos:

Que a projectada manifestação que se pretendia levar a efeito ao ilustre e venerando democrata dr. Magalhães Lima, não significava apoio á sua candidatura á Presidencia da Republica, mas uma demonstração, ao Parlamento, da devida estima, respeito e consideração de todos os republicanos e liberais pelo grande democrata, que tem uma vida inteira de lutas, de sacrificios e de dedicações á Republica.

Que na entrevista que a comissão de republicanos e liberais teve com o sr. dr. Teofilo Braga, se deliberou não levar a efeito a manifestação, em atenção ao ilustre professor, que está convencido no triunfo da eleição do grande republicano á Presidencia da Republica, o que é o mais justa manifestação que pode ser-lhe prestada.

E por este motivo que a comissão resolveu aguardar a chegada do seu presidente, sr. Carlos Magalhães Ferraz, para dar conta da sua missão, convencida de que o Parlamento da Republica, e são pode esquecer-se do mais leal e firme apostolo da Democracia.

De V. etc.— Celestino de Vasconcelos.

Golpe de apaches

A proposito duma noticia, publicada no nosso numero de ante-ontem, com o titulo «Golpe de apaches», escreve-nos, do oolaborador do Governo Civil, Cristovão Sernadas, o condutor do «said car», a dizer que o individuo, que lhe entrou no veiculo, o fez sem seu previo conhecimento, mas valendo-se de relações antigas e que, se deu maior andamento ao motor foi porque o intruso lhe fazia uma questão que teria tido com uma mulher.

Acrescenta Cristovão Sernadas que está regenerado e que deseja viver nos principios da honra, desafiando quem quer que seja a provar que recebeu 500 escudos para dar abrigo ao fugitivo.

ULTIMA HORA

SUCESSOS DO DIA

Atentado que falha — Um roubo de 221 contos — Um achado macabro

Dois tiros

contra o engenheiro da Fabrica Industrial Portugueza, sr. Francisco Clemy

Hoje de tarde correu em Lisboa que um novo atentado pessoal fôra posto em pratica para os lados dos Caminhos de Ferro.

A noticia éra de facto verdadeira tendo o caso ocorrido na Fabrica Industrial Portugueza instalada ha largos anos na rua do Jardim do Tabaco, 33, proximo ao boqueirão da Palha, não havendo no entanto felizmente a registar vitimas por não ter sido atingido por mero acaso o alvejado. Este que era o sr. Francisco Clemy engenheiro da referida fabrica havia despedido por varias irregularidades os operarios José da Silva, rua Maria Pia, 325 e João Coelho, estrada dos Prazeres, 7, é os quais por sua vez resolveram vingar-se do engenheiro aguardando para tal ocasião oportuna que se lhes deparou hoje quando o sr. Clemy se encontrava nos oficinas da rua do Jardim do Tabaco. Os dois operarios dirigiram-se-lhe e alvejando o engenheiro dispararam contra ele dois tiros que erraram o alvo, pondo-se seguidamente em fuga e sem que a policia conseguisse detê-los. O correio levantou grande borborinho não só na fabrica, como na rua do Jardim do Tabaco, onde o povo se juntou comentando o sucedido.

221 contos

Foram roubados de duas carteiras, em viagem no comboio ao sr. Jaime Nunes de Paiva

O sr. José Nunes de Paiva, rua do Crucifixo 42, 1.º, quando hontem de noite regressava do Norte a Lisboa, foi vitima dos gatunos que entre Abrantes e Campolide aproveitando a ocasião em que ele dormia, lhe surripiaram duas carteiras contendo 11 bilhetes do Tesouro no valor de 20 contos cada; 800 escudos em notas do Banco de Portugal, e uma senha de Bagagem no valor de 12 escudos e um cheque na importancia de 700 escudos. Os bilhetes de tesouro tinham os n.º 140,423 a 140,433 e para evitar que sejam negociados o agente Paulino da investigação andou durante o dia de hoje avisando as casas de cambio e de penhores, bancos, etc.

O total é de 221,000 escudos.

3 esqueletos

de crianças foram encontrados, esta tarde, dentro duma alcofa, na residencia do general sr. Garcia Guerreiro

Na residencia do general sr. Garcia Guerreiro, rua da Escola Politecnica, 183, 2.º, andam ha dias procedendo a reparações uns pedreiros, os quais estando hoje ali a trabalhar no sotão foram encontrar pendurados duma trave do tecto um cesto e uma alcofa que continham 3 esqueletos de crianças. Feito o alarme com o caso, compareceu no local o chefe Albarran que da esquadra da Praça do Brasil e qual verificou de facto a existencia dos esqueletos referidos um dos quais se encontrava envolvido num «dolman» militar com galões de capitão. O caso foi participado não só para a policia de Investigação como ainda para o sub-delegado de saude e juiz de paz da area, devendo a policia iniciar amanhã as suas diligencias havendo suspeitas de que se trata de qualquer criada que, tendo dado á luz, matasse os filhos e deixasse depois os cadaveres no sotão a apodrecer.

Segundo a opinião dos entendidos os esqueletos já devem ali estar ha 3 anos.

Caminhos de ferro austriacos

VIENA, 16 — Desde ontem que começa a vigorar a nova taxa sobre os caminhos de ferro. As tarifas de viajantes serão aumentadas em 25 por cento para os comboios ordinarios em 65.2 por cento para os comboios directos. O transporte de mercadorias não sofreu qualquer aumento. — (R.).

NA ITALIA

Mussolini, em triunfo!

E' levado aos hombros, pelos deputados, em torno da Camara

ROMA, 16.—Se algumas duvidas existissem ácêrca das intenções do sr. Mussolini de conseguir a reforma eleitoral, essas duvidas estão dissipadas depois do discurso pronunciado na Camara italiana. O discurso do sr. Mussolini foi extraordinario. Exceptuando os deputados socialistas, comunistas e republicanos todos se dirigiram ao chefe do governo cheios de entusiasmo e mesmo alguns deputados catolicos seus intransigentes adversarios participaram desse movimento entusiasta. Os deputados gritando o «Alala» fascista conduziram o sr. Mussolini sobre os seus ombros em redor da Camara ao passo que os espectadores das tribunas se entoavam as canções de guerra fascistas. Nunca se viu nada de semelhante na Camara italiana nem provavelmente em qualquer outro Parlamento do mundo.—(R.)

Espera-se, com ansiedade, a aprovação da lei eleitoral

ROMA, 16 — A Camara está em sessão permanente até á aprovação ou rejeição da lei eleitoral. Depois do discurso do sr. Mussolini a rejeição da lei eleitoral é uma hipotese impossivel. Os fascistas tornaram a reforma eleitoral parte integrante do seu programa de modo que a sua rejeição pela Camara seria um tremendo golpe no seu prestigio. Contudo parece que o fascismo vencerá a sua primeira séria batalha parlamentar não só com a aprovação da reforma eleitoral mas com o seu prestigio e poder enormemente aumentado. — R.

O ASSASSINIO

do principe Fahmy

LONDRES, 16 — Marie Marguerite Fahmy declarou á policia que tinha morto seu marido em legitima defesa. A esposa do principe tinha casado com ele no mez de fevereiro ultimo tendo sido amante do principe alguns meses antes do casamento. Marie Marguerite era uma cortezã já divorciada em Veneza do filho dum grande proprietario francez, tendo antes e depois desse casamento varios amantes. Era de origens muito modestas, muito sedutora mas não bonita.—R.

NO RUHR

A resistencia passiva

Dois novos aspectos: desaparecimento de fundos e ataques terroristas

LONDRES, 16 — A resistencia passiva assumiu dois novos aspectos curiosos: o desaparecimento sistematico de fundos de todas as sucursais do Reichsbank nos territorios ocupados e de outros bancos que ali tinham filiais e os ataques terroristas contra os operarios polacos da região do Ruhr. Numerosos grupos de nacionalistas têm atacado os operarios polacos, espancando-os por terem aceitado emprego das fabricas.

O desaparecimento de dinheiro dos bancos tem dado como resultado que os «raids» a eles feitos têm sido improficuos, exceptuando o «raid» feito em Buer, onde se confiscou um bilião de marcos destinados ao pagamento da resistencia passiva. — (R.).

Ferro-viarios da C. P.

A comissão de melhoramentos do Sindicato dos ferroviarios da C. P. entregou hoje ao sr. ministro do Comercio uma representação em que pede providencias contra o facto de a Companhia dos Caminhos de Ferro estar suspendendo e demitindo alguns operarios das oficinas, que se recusam trabalhar mais do que as oito horas da lei.

O sr. Vaz Guedes prometeu interessar-se pelo assunto.

Armazens reguladores

Reabriu hoje ao publico o armazem regulador da rua da Madalena, que ha tempos se encontrava encerrado devido a ter que sofrer varias modificações. Logo que as suas portas foram abertas, foi invadido por uma legião de mulheres do povo, na ansia de adquirirem varios generos e especialmente azeite, que é vendido mais barato 30 centavos que nos estabelecimentos particulares.

A bicha chegava ás escadinhas de S. Cristovam.

A gréve dos pescadores

Reuniu esta tarde a Federação Maritima, que apreciou, entre outros assuntos, o estado da gréve dos pescadores resolvendo prestar aos grevistas todo o apoio moral.

Ao Tejo chegaram hoje duas barcas com peixe do alto mar, que foi quasi todo adquirido pelo Comissariado dos Abastecimentos, para os armazens reguladores.

As empresas armadoras solucionaram já o conflito, tanto com os oficiais do convés, como com os maquinistas, havendo agora só a dificuldade em arranjar tripulação para as barcas, devido aos pescadores terem emigrado para a pesca da sardinha.

Os armadores pensam em organisar uma caixa de socorros aos naufragos, administrada pelas empresas, retirando assim 1/4 % que destinam para o sindicato dos grevistas.

Os atentados bombistas

Nada ha sobre novas diligencias da policia

Nada de sensacional ha a registar hoje com referencia ás diligencias que a policia está efectuando sobre os recentes atentados bombistas e especialmente sobre aquele de ha dias no largo da Boa Hora contra os juizes do Tribunal de Defesa Social.

A policia continua mantendo a maior reserva sobre as diligencias efectuadas, das quais resultaram as prisões de quasi todos os autores dos diferentes atentados, tanto bombistas como pessoais e de varios «complots».

Muitas bombas e ingredientes para o fabrico de explosivos têm sido apreendidos, tendo-se feito hoje buscas domiciliarias em casas de individuos que se encontram detidos na Torre de S. Julião da Barra. A policia espera fazer ainda hoje uma diligencia que se liga com a apreensão de material para o fabrico de explosivos.

Conselho de ministros

Não tinha fundamento a noticia de que reunia hoje de manhã o conselho de ministros. Tendo ido ao Gerez o chefe do Governo, sabia-se de antemão que não poderia estar de regresso antes do rapido da tarde de hoje, como efectivamente regressou e como haja outros assuntos que precedem de preferencia a sua atenção, o conselho de ministros só reunirá, o mais cedo, amanhã de manhã.

Uma das questões principaes que determinaram a reunião do conselho é o pedido de demissão do sr. ministro da Guerra.

Parlamento

Nos Deputados

A carta do sr. Fernando Freiria pedindo a demissão—O conflito dos hospitais

Entra-se no periodo de antes da ordem do dia, e o sr. presidente lê a seguinte carta:

«Ex.mo sr. presidente da Camara dos senhores deputados.—Tendo solicitado de S. Ex.ª o presidente do Ministerio a minha demissão do alto cargo com que fui honrado na gerencia da pasta da Guerra, assim o comunico a V. Ex.ª, sendo esta minha situação a razão justificativa de não comparecer á sessão de hoje, em que devia ter logar a anunciada interpelação do deputado sr. Antonio Maia.

Rogando, pois, me releve o justificado procedimento, a V. Ex.ª e á Camara, apresento os protestos da minha alta consideração».

Lisboa, 16 7-923.

(a) Fernando Freiria

Varios deputados pedem a palavra sobre o incidente e o sr. Antonio Maia requer que a sua interpelação lhe seja consentida deante de qualquer dos ministros.

O sr. Alvaro de Castro estranha que não esteja presente nenhum dos membros do poder executivo.

O sr. Carvalho da Silva, garantindo que a minoria monarquica não fará politica com o caso, afirma tambem que ela deseja contribuir para que não se alterasse os principios da mais absoluta disciplina.

O sr. Almeida Ribeiro tambem entende que a interpelação não deve iniciar-se sem a presença do sr. ministro da Guerra.

O sr. Antonio da Fonseca: — E' contra as praxes parlamentares um ministro mandar dizer ás camaras que está demissionario sem que o chefe do Governo tenha anunciado essa demissão.

Após varia discussão entra na sala o sr. presidente do Ministerio, que diz não ter tido conhecimento da carta do sr. Freiria, mas acha que ela decerto obedeceu a melindres especiaes do sr. ministro da Guerra junto de quem vai interceder para que ele desista do seu pedido de demissão.

O sr. Carlos Pereira, tornando-se a referir ao estado em que se encontra a administração hospitalar, frisa que nada tem com homens. Apenas deseja analisar factos e um deles é este: que o actual director dos hospitaes é negligente.

BOLSA

O mercado continua frouxo, excepção feita ás obrigações do Divida Externa 1.ª série e ao papel colonial Açucar de Angola, que se movimentaram bastante. Este ultimo valor teve uma alta consideravel.

As cotações de fecho são as seguintes:

Externos, 1.ª série—630, 3.ª série —700, Portugal—730, Ultramarino —300,50, P. Brazileiro — 186,50, Aliança—141, P. Colonias—126,50 Navegação—309,50, Fósforos—256, Pesca — 122,50, Gaz — 113,50, Tabacos — 1,100, Aç. Angola — 252, B. Vista — 133, Amboim — 174, Boror—150, Cabinda—7,20, Ambaca —334, Benguela—758

Libras a 105$00 e 107$00.

Os sifiliticos

Que desejem um tratamento comodo e garantido, sem perturbações renais, nem boqueiras, usem os supositorios de mercurio coloidal, do que é depositario exclusivo Raul Vieira, Limitada.—R. da Prata, 51.

A tarde politica

A interpelação Antonio Maia—A demissão do sr. ministro da Guerra

Para antes da ordem do dia está marcada a interpelação do deputado sr. Antonio Maia ao sr. ministro da Guerra.

Não se trata, como erradamente disseram alguns jornais, do castigo que foi aplicado aquele deputado pela alçada do referido ministro, mas exclusivamente de assuntos da aeronautica militar, pretendendo aquele deputado pôr em cheque o referido ministro.

Evidentemente, a interpelação, que naturalmente se não realizará por ausencia do coronel sr. Freiria, liga-se subrepticiamente ao conflito já conhecido, que recapitulamos em sintese para melhor esclarecimento do leitor.

O capitão sr. Antonio Maia foi admoestado em ordem de serviço pelo major sr. Freitas Soares em condições que aquele achou injustas.

Recorreu para o ministro da Guerra nos termos regulamentares. O ministro da Guerra desinteressou-se da questão.

Em face desta atitude, o sr. Antonio Maia requereu a sua demissão de oficial do Exercito e ainda desta vez o coronel sr. Freiria não ligou importancia ao assunto.

Isto irritou o sr. Antonio Maia, que agora insistiu pela sua demissão, mas em termos que o ministro da Guerra julgou lesivos da disciplina militar, pelo que lhe aplicou o maior castigo da sua alçada — trinta dias de prisão.

O Ministerio da Guerra vai hoje ou amanhã dirigir á Camara o oficio da praxe para que ela autorise a prisão do sr. Antonio Maia.

Aqui promete sensação o incidente. A Camara denegará a autorização pedida. Os proprios nacionalistas, que pretendem a todo o transe evitar a queda do Governo, logo substituido pelo sr. dr. José Domingues dos Santos, votarão a favor do sr. Antonio Maia.

Outrosim se colocarão do lado daquele deputado os seus colegas independentes, não valendo ao ministro seguer a maioria. Desta, uns votarão ostensivamente pelo sr. Maia; outros sairão da sala.

Nestas circunstancias, ficará em crise o proprio Ministerio, que razoavelmente não pode abandonar o titular da Guerra á sua sorte, a menos que esta politica nacional tenha entrado na loucura.

Primeiro, o sr. ministro da Guerra tinha posto a sua demissão condicionada pela atitude da Camara.

Conhecedor hoje dessa atitude, pediu definitivamente a demissão do lugar, carta tomada hoje.

* * *

Terminada a leitura do expediente e depois de escritas as palavras que atraz ficam, o sr. Sá Cardoso lê uma carta do sr. ministro da Guerra, declarando ter pedido a sua demissão motivo porque não compareceu na Camara para ouvir a interpelação do sr. Maia.

O facto, como noutro lugar propriamente se diz, causou sensação, menos pela demissão do referido ministro, do que pela maneira verdadeiramente anormal por que o fez. Nunca a demissão de um ministro foi assim anunciada á Camara.

As 16 horas e meia, o facto está sendo largamente discutido, sendo possivel que neste capitulo tudo se remedeie, posto que o sr. Antonio Maria da Silva acaba de entrar na sala e fará a comunicação nos termos constitucionais.

* * *

A's 4 e 45, o sr. Antonio Maria da Silva comunica á Camara a demissão do coronel sr. Freiria.

E fica assim interrompida a discussão.

Carta aberta
ao sr. ministro das Finanças

Em nome dos funcionarios humildes

O sr. Antonio J. de Magalhães envia-nos uma carta, bastante longa, que endereça ao sr. ministro das Finanças. E' um grito em nome dos aspirantes de finanças e dos fiscaes da Direcção Geral das Contribuições e Impostos.

Transcrevemos os periodos que nos parecem mais importantes:

Sr. ministro — Mais uma melhoria de vencimentos acaba de ser concedida pelo Governo da Republica, resultante ainda, como todas as que anteriormente foram concedidas, do constante e pavoroso agravamento do custo da vida. Pois bem: Mais uma vez foi contrariada a boa logica, e sobre tudo a boa moral, deixando-se excluidos nos beneficios concedidos pela referida melhoria, os aspirantes de finanças e os chefes fiscaes do quadro da Direcção Geral das Contribuições e Impostos.

Que a hora é de sacrificios, dizem: — Perfeitamente de acordo; mas que esses sacrificios sejam distribuidos por todo o funcionalismo numa mais justa proporcionalidade e não como se tem usado nestes ultimos tempos, em que os humildes apenas lhes têm sentido os perniciosos efeitos ao mesmo tempo que uma minoria restrita vem gosando todos os beneficios, tendo por unica justificação a sua elevada categoria, justificação que para nada serve, visto que as dificuldades da hora presente, muito longe de actuarem de harmonia com as categorias, se fazem sentir numa relativa igualdade sobre todas — desde a mais humilde á mais elevada!

Eu pergunto, se não serão de facto, os funcionarios de mais humilde categoria, aqueles que estão auferindo vencimentos irrisorios e por consequencia mais privações vêem sofrendo?

Como se compreende então, que mais uma melhoria acabe de ser concedida em beneficio apenas dos funcionarios mais categorisados, deixando na mesma situação de miseria os funcionarios humildes?

A carta conclue assim:

Nunca será de mais recordar que o pessoal dos impostos, no exercicio da sua espinhosa missão defronta constantemente a morte, muito principalmente lá fóra na provincia, onde o contribuinte só não foge ao cumprimento das leis, quando de todo em todo, o não póde fazer.

Antonio J. de Magalhães.

Vida Sportiva

Box

No Eldorado, do Avenida Parque em fins desta semana, realisa-se uma sessão de box, promovida por Moreira d'O, entrando Faustino Pereira contra Costa Mendes, e Silva Ruivo contra Silva Rosteiro.

Touros

CAMPO PEQUENO

15.ª tourada — Beneficio de Jorge Cadete, estimado e popular bandarilheiro. Casa pouco mais de 3/4. Touros da antiga raça de Pegões; regularmente apresentados, desiguais, sem tipo, mas manejaveis e nobres.

1.º, Listão, grande—brando, cumpriu. Alfredo e Custodio veroniquelam com acerto. José Casimiro colocou 3 compridos, aplaudidos, sendo o 1.º á garupa consentindo bem, um curto á garupa e outro á tira ambos com toque na montada. D. Alexandre e Ricardo Teixeira recolheu o touro a cavalo. Chamada a José Casimiro e musica.

2.º Veludo — negro manso. — Toma a alternativa Fernando Henriques das mãos do seu colega Tomaz da Rocha e Ribeiro Tomé. O novo artista sereno faz a gaiola bem esperada e teve mais 2 pares regulares, sendo o ultimo a «topa carneiro» muito aceitavel. Este artista devia ter mostrado as suas faculdades com o capote e muleta para sabermos se tinha ou não categoria para receber a alternativa, porque tourear não é bandarilhar, tourear é pelo menos passar de capote e saber colocar o touro para que os seus colegas possam bandarilhar.

Pêga de caras bem esperado, com muita paciencia por Mario Sant'Ana. —Chamada.

3.º, Malhinha — listão, bastante tardo, cumpriu. Simão da Veiga Junior tem um trabalho alegre, mas apressado e coloca sem auxilio de capotes 2 compridos á tira, bastante largos e 4 pares bons, sendo o segundo ao estribo muito bom, que lhe valeram uma grande ovação. Tentado pegar á volta pelos valentes Antonio Abreu e Jaime Alves, que foram sacudidos violentamente, pois o touro isolava-se e não queria encabrestar. — Chamada ao cavaleiro e musica.

4.º, Baixinho — Custodio veroniqueia bem. Jaime Cadete prende com elegancia par e meio. Ribeirinho, com uma grande «aficion» e muito boa vontade de tourear, faz uma saida falsa a descoberto e a seguir um grande cambio e mais um par emendando terrenos, aplaudidos. Pega na muleta e trasteia algo e mui «cerca». Aplausos. Boa pêga de cara por Ernesto Serra e Moura.

5.º, Caldeiro — negro, grande, cumpriu. José Casimiro e Agostinho Coelho, a duo, prendem varia ferragem boa e aplaudida, salientando-se o segundo ferro curto ao estribo. Pena foi que fosse tocada a montada. Ribeiro Tomé veroniqueia bem. Alfredo dos Santos trasteia bem, mas muito mexido. Boa pêga á volta por Antonio Abreu. Jaime Alves até ao fim. Recolhido a cavalo pelos mesmos campinos. Chamada a todos e ao lavrador.

6.º, Penacho — cumpriu. Alfredo tem um bom cambio e mais um par bom. Custodio Domingos tem um grande cambio e mais um par bom. Trasteia «cerca» e com agrado. Braga de Sousa bate pela primeira vez as palmas ao touro e com decisão faz uma pêga boa. Chamada.

7.º, Vapor — manso, cumpriu. Simão da Veiga Junior cita de cara e terrenos cambiados em curto, mas apressadamente, e prende 3 compridos e 2 curtos bons. Clemente Pinto, que tinha prometido uma pêga artistica e de taboas a taboas. «Quem é que está ai?» Cita largo, decidido e aprumado talvez de mais, e faz uma grandissima pêga, que resultou rija e de grande efeito, que lhe valeu uma grande ovação. Um abraço ao Clemente Pinto, mas não se iluda, porque só touros daquela conformação se podem pegar largos.

8.º, Golfinho — coxo da perna direita. Nem o publico, nem o sr. inteligente, nem a autoridade protestaram! Em Espanha seria substituido imediatamente por outro sem defeito, porque o publico paga e tem direito de ver tourear touros gordos, bem apresentados e sem defeito.

Durante a lide do 7.º touro, houve protestos por estarem capotes na arena a fixar o touro, de que resultou ter que andar o cavaleiro a cançar o seu cavalo para colocar o touro nos medios!

Sr. inteligente, não atenda protestos dessa natureza. O unico a reclamar é o cavaleiro em praça. O publico, em geral, protesta quando deve aplaudir e aplaude o que não presta e o que não tem valor.

Manuel Santos, inteligente nesta corrida, e consegue sê-lo fora das corridas, mandou recolher o touro depois de algumas bandarilhas de Plas e de um praticante, mas os forcados, que tinham feito boa figura até ali, quizeram por força desfazer essa boa impressão e vai disto — apresenta-se três vezes Fernando dos Santos e vai para o ar. A seguir, Munoz Crespo tambem trabalha no arame por três vezes, e até o forcadão Antonio Alves, que numa das ajudas fica junto á cabeça, é sacudido. Felizmente ninguem ficou molestado. Para outra vez façam o que o inteligente mandar e um touro que está coxo não se deve pegar, porque, não tendo faculdades de pernas, ha de defender-se fatalmente com a cabeça.

Parabens ao sr. Mario Santana, que reuniu oito rapazes cheios de brio e de boa vontade.

Até domingo, 22, com o beneficio do popular e simpatico Tomás da Rocha, que nos proporcionará uma tarde agradavel e cheia de arte com o valente espada e eximio bandarilheiro Rodolfo Gaona. — EL TERNO.

Tourada de artistas

Dizem-nos que os artistas teatrais vão organisar uma tourada noturna, em beneficio do seu cofre de resistencia na invalidez e na velhice.

Teatros - Musica - Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO AVENIDA — A Bichinha Gata por elementos da companhia *Satanela Amarante*

Subiu ontem á scena, com merecido exito a popular revista da Parceria de Ernesto Rodrigues, Felix Bernardes e João Bastos.

O quadro novo confirma as qualidades de merito que distinguem aqueles apreciados autores teatrais. Guarda roupa bom e ensceneção esplendida.

Amanhã nos referiremos pormenorisadamente á interpretação dos varios artistas, salientando desde já o trabalho de Antonio Gomes e a proficiencia com que Estevam Amarante cuidou das marcações.

O HOMEM QUE PASSA

«De Teatro»

Deve sair brevemente o n.º 9 deste explendido magazine, que como se sabe publica sempre uma peça de teatro completa.

Este numero contem uma notavel colaboração, pois além de inserir as peças de Aura Abranches e Esther Leão, «Magdalena Arrependida» e «Uma historia de boneca», contem um preciosissimo artigo de Matos Sequeira sobre «os teatros reais», muita documentação geografica e excelentes crónicas e artigos varios. E' um numero que se esgotará.

Mario Duarte

Este nosso amigo, distincto director da admiravel revista portuguesa «De teatro», foi nomeado correspondente em Portugal das importantes revistas «Choses de Téatre», franceza e «Comoedia», italiana.

Considerando que são as citadas revistas as mais importantes no seu genero, nos respectivos paizes, estas nomeações representam uma merecida distinção ás brilhantes faculdades de Mario Duarte.

Homenagem a Lucilia Simões

A noite de amanhã em S. Carlos vai ficar memoravel nos anais daquele teatro, a avaliar pelo interesse e entusiasmo que está despertando.

A recita é da notavel actriz Lucilia Simões, que tem conseguido conquistar, pelo seu talento e excepcionais qualidades, a estima do publico em geral, que muito a aprecia e admira. Lucilia escolheu para a sua festa a «reprise» da «Casa da Boneca», do Ibsen, da qual creou, logo no inicio da sua carreira, a parte «de Nora», em que imediatamente se evidenciou artista de poderosos recursos.

Amanhã, nessa dificil personagem, voltaremos a aplaudi-la entusiasticamente, como ela bem merece.

Na «Casa da Boneca» reaparece o ilustre professor Antonio Pinheiro, tomando tambem, parte no desempenho da celebre peça, Erico Braga, Mario Santos, Amelia Pereira, Maria Matos e Laura Lino.

Alda de Sousa

Vai ser oferecido proximamente um almoço, em Sintra, á distinta actriz Alda de Sousa, do Maria Victoria.

Noticiario

A recita de Barbosa Junior e Silva Tavares, autores da revista «Caldo Verde» e que estava para efectuar-se esta noite, no Eden, só se realisa na proxima 6.ª feira.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«Zázá».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Ordem de Marcha».
APOLO—A's 9,15—«Morgadinha do Valflor».
AVENIDA—A's 9—«Bichinha Gata».
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Em consequencia da montagem da revista «TIRO AO ALVO», estão suspensos até sábado os espectaculos no EDEN-TEATRO

AS REPARAÇÕES

As declarações do sr. BALDWIN são mal recebidas pela França

Os dissentimentos entre os aliados continuam

«Le Matin» chegado hoje a Lisboa, que traduz a opinião das esferas oficiaes, comenta por esta fórma as recentes declarações do primeiro ministro inglez na Camara dos Comuns:

«Todos os comentarios que se possam fazer sobre a declaração de M. Baldwin são dominados por uma consideração essencial. O primeiro ministro disse:

— Informamos os governos aliados de que estamos prontos a assumir as responsabilidades de prepararmos um projecto de resposta á Alemanha, e submeteremos a eles essa resposta num prazo tão curto quanto possivel, para que a examinem, e ousamos esperar que poderemos chegar a um acordo.

Daqui a poucos dias o governo francez estará de posse dum texto preciso, em que o gabinete de Londres consignará tudo o que considera necessario dizer á Alemanha neste momento.

Todavia da declaração de M. Baldwin, apesar do tom extremamente amigavel que reveste, sobresae que, sobre os metodos a empregar para com o Reich, persiste o dissentimento. A ocupação dum paiz por outro, em tempo de paz, é deploravel, diz o primeiro ministro. Conduz a Alemanha á ruina e, por repercussão, os outros paizes. «Sobre o ponto de vista das reparações, nada nos deu.»

....

M. Baldwin mantem a velha tese inglesa que a Alemanha é um paiz honrado, que paga logo que possa fazê-lo. Quando não paga é por absoluta impossibilidade. «Ajudemos o nosso devedor, até pô-lo em estado de pagar.»

Lloyd nem sempre foi da mesma opinião. Em um discurso pronunciado em 1921, dizia:

— E' bom para o povo alemão que se lhe aponte ao peito a espada e que se lhe diga firmemente que se não aceita as condições dos aliados, estes porão em execução a sua ameaça.

Para M. Baldwin nada é mais deploravel do que apontar a espada ao peito dos alemães. E' preciso mesmo evitar não exaltar os seus sentimentos, tanto assim é que em vão encontraremos em toda a declaração uma palavra para condenar a resistencia alemã, feita de assassinatos e sabotagens contra as potencias que ocupam o Ruhr conforme a letra dos tratados.

Este dissentimento fundamental enfraquece a esperança de que as teses possam jámais encontrar-se, e o proprio primeiro ministro assim o julga, declarando que as conversações amigaveis nenhum resultado produziram.

....

Ha ainda os nossos amigos belgas, para os quaes é dum interesse vital a reconciliação das doutrinas francesa e inglesa. Ha os nossos amigos italianos, dos quaes M. Baldwin declara que o ponto de vista se aproxima do seu, mas que têm uma concepção das dividas inter-aliadas muito diferentes da sua. Ha todos os Estados europeus da Entente, tendo como porta-voz homens como M. Benès. Numa palavra — toda uma vasta coalisão está poderosamente interessada em que não haja ruptura.

De resto, não o esqueçamos, é mais facil falar duma politica separada, do que fazê-la, e cada vez se concebe menos como a Inglaterra se entenderia só com a Alemanha, com desprezo por todos os tratados.

Em resumo, os dissentimentos fundamentaes subsistem quanto á fórma de obrigar a Alemanha a pagar, mas o discurso cortez e comedido de M. Baldwin vindo em logar do ultimatum violento, de que os jornaes germano-britanicos da City já antecipadamente se regosijavam, demonstra que ele experimenta uma hesitação sincera e bem fundada, em cometer actos irreparaveis. Esperamos que no projecto de resposta se esforce não só em respeitar os nossos sentimentos, mas tambem em compreender os nossos pontos de vista.»

NA INGLETERRA
AS GRANDES TEMPESTADES

LONDRES, 16 — Em virtude das tempestades dos ultimos dias houve enormes inundações tendo sido arrastadas pelas aguas algumas pontes nos distritos de Birminghan e Burtonontrent. Varias casas foram tambem derrubadas pelas aguas tendo sido os seus habitantes salvos pela policia. Esses salvamentos foram feitos em barcos e alguns policias lançaram-se a nado tendo havido alguns salvamentos de creanças muito dramaticos. — R.

NO EGITO
A viagem a Meca

CAIRO, 16 — O governo egipcio resolveu revogar a disposição em virtude do qual a historica caravana de mil peregrinos fasia a viagem de Meca anualmente, conduzindo o Santo Tapete. Esta decisão deve causar grande impressão no mundo mussulmano. Com a caravana costumava sempre ir uma missão de medicos egipcios para cuidar da saude dos peregrinos. — R.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4432-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Terça-feira, 17 de Julho de 1923 || Telefone C. 2208 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

PARIS, 17. — Julgamos poder informar que o governo deu autorisação para que o sr. Malvy, ex ministro do Interior, que se acha deportado em Espanha possa entrar em França a fim de visitar o pai que se encontra enfermo.—(R)

UMA RECUSA

O deputado sr. dr. Cancela de Abreu pediu ha tempos na camara a que pertence que o sr. dr. Afonso Costa, que é tambem deputado da Nação, fôsse convidado a comparecer no Parlamento a fim de elucidar os representantes do paiz acêrca da situação de Portugal, no que toca á questão das reparações, versada nas conferencias internacionaes em que tem tomado parte o antigo «leader» democratico na qualidade de presidente da delegação portuguesa.

Respondeu ao singelo pedido do sr. Cancela de Abreu um côro de protestos levantados pela maioria que se indignou pelo facto do sr. Afonso Costa ser convidado a vir ao Parlamento, o que até agora não tem entendido dever fazer, e ainda por aí lhe serem reclamados esclarecimentos que deveriam constar dos seus relatorios para o Ministerio do Negocios Estrangeiros. Era aí, na opinião da maioria, que deviam ser pedidos os esclarecimentos desejados pelo sr. Cancela de Abreu.

Não duvidou o deputado aludido em seguir esse caminho, mas, segundo vemos nos jornaes, acaba de lhe ser respondido que os relatorios dos representantes do Governo nas conferencias internacionaes não devem ser tornados publicos, por serem de naturesa confidencial, o que de resto é intuitivo.

De fórma alguma pomos em duvida a sinceridade e a lealdade com que o sr. ministro dos Estrangeiros mandou responder ao pedido do sr. Cancela de Abreu, que desejava consultar esses documentos no proprio Ministerio. Admitimos mesmo que a resposta do sr. dr. Domingos Pereira não podesse ser outra; mas afigura-se-nos necessario recordar o que se tem feito em outras ocasiões, em relação a assuntos não menos melindrosos do que o actual. Recordando esses factos, chega-se certamente á conclusão logica de que só circunstancias especialissimas podem impedir o exame do relatorios do sr. dr. Afonso Costa por um representante da Nação.

Com efeito o exame de documentos semilhantes têm sido sempre consentido aos representantes da Nação, dentro dos Ministerios a que pertencem. Esse facto não equivale a torna-los publicos. Se assim fôsse, que valor teria a propria honorabilidade dos parlamentares?

Em plena guerra, e sendo membro do governo da União Sagrada o proprio sr. Afonso Costa, realisou-se, em sessão secreta, o exame dos documentos relativos á participação na guerra. Nada transpirou desses documentos. E eram muitas dezenas de pessoas que deles ficaram tendo conhecimento. E' que se contara, e contara-se bem, com a descrição de homens que tinham a consciencia das suas responsabilidades.

O Parlamento estranhará certamente que um dos seus membros não tenha o direito de examinar os relatorios do sr. Afonso Costa, e — repetimos — dificilmente se aclimatará á ideia de que, para o não permitir, o sr. dr. Domingos Pereira, cuja correcção e cuja deferencia pelo Parlamento todos reconhecem, não haja sido forçado por circunstancia verdadeiramente excepcionaes. Mas o facto que a tudo sobreleva é o de que o paiz continuará na ignorancia do que seja realmente a sua verdadeira situação, no ponto de vista do *lendemain* da guerra, em que os seus mais vitaes interesses têm estado confiados superiormente á acção diplomatica do sr. dr. Afonso Costa.

Madrid em febre...

A REVOLUÇÃO EM ESPANHA!

O estado de espirito da população da capital é tudo o que ha de mais efervescente

A CARTA DO GENERAL AGUILERA será o rastilho?...

Depois da carta do general Aguilera ao sr. Sanchez Toca, que produziu uma extraordinaria sensação, tendo avolumado o ambiente de efervescencia revolucionaria que, ha uns meses a esta parte, se observa nos meios politicos espanhoes.

A carta do general Aguilera, excessivamente vigorosa, irreverente, desprezadora, por assim dizer, dos regulamentos militares, audaciosa no fim de contas, é um sintoma eloquente que os jornaes constitucionalmente extremistas e republicanos não deixar de frisar como merece.

O enervamento dos animos é impressionante. Pressente-se a visinhança de qualquer facto extranho e grandioso que, todavia, não se precisa nem se delimita. Espera-se a revolução — uma revolução...

* * *

Os jornaes falam dela com uma familiaridade significativa. E os poderes do Estado, as organisações politico sociaes consideradas esteios da monarquia espanhola, ou não agem — ou trabalham e vigiam tão subrepticiamente, que não se dá por elas. Em compensação, os organismos republicanos, socialista, anti-monarquicos, emfim, desenvolvem uma actividade intensa, visivel, notavel. A imprensa fala em termos claros e adeanta, falando do processo revolucionario a pôr em pratica, que o melhor é guardar silencio.

A transformação politica da Espanha, afirmam, operar-se-ha naturalmente, rigorosamente — pelo enfraquecimento, pela anti-inutilisação dos estrelos do trono. Um pouco em ar de *blague*, «La Opinion», novo jornal republicano que o brilhante jornalista Manoel Aguiar fundou ha poucas semanas, diz assim:

«Houve um momento em que se acreditou na possibilidade de fazer as revoluções pelo telefone, dizendo a todos os gvernadores de provincia, ás tres horas da manhã: — Em nome do presidente da Republica, é ractificaa a situação de v. ex.ª como governador da provincia, até ordem em contrario...»

Mais abaixo, «La Opinion» acrescenta, já a sério:

«O melhor meio — para fazer a revolução — é a paralisação, o silencio o repouso. E, porque a gréve de braços caidos é a mais edificadora e construtora de todas as revoluções, o Parlamento, que se sente muito mais revolucionario do que qualquer pessoa póde supor, suspenderá os seus trabalhos dentro em pouco... para deixar o caminho livre, á revolução que se avisinha, em silencio...»

* * *

Como «La Opinion» pensam e falam os outros jornais a quem a monarquia de Afonso XIII, *malgré tout*, não satisfaz.

O que é certo é que a acção do governo é quasi nula e que o Parlamento, onde a representação socialista e republicana é numerosa e aguerrida, está bem longe de representar uma garantia de defesa das instituições.

E' sobretudo no exercito que o mal-estar é comunicativo. Dividido em dois grandes grupos, bem diferenciados — para não dizermos hostis — o exercito espanhol, enxovalhado ainda pelo desastre de Marrocos, concorre poderosamente para que se requinte o nervosismo da opinião publica. Um grupo exige o apuramento de responsabilidades dessa jornada militar infeliz; o outro grupo desenvolve a maxima actividae e as mais poderosas influencias para que, do desastre de Marrocos não fique mais do que uma sombra—ensanguentada e ameaçadora.

E' com o primeiro grupo que a opinião forma, esa opinião que, dando sinal de si, levou ao Parlamento uma numerosa representação anti-constitucional.

Que sairá da fornalha? Dar-se-ha o choque — temido, mas ancíosamente esperado?...

A opinião publica espera, nem ela sabe o quê. Mas espera — em silencio, naquele silencio profundo que, como diz «La Opinion», gerará a revolução.

OS QUADRILHEIROS VERMELHOS

QUEM PROTEGE O "AVANTE"?

Lembram-se

as relações do Governador Civil de Lisboa com o conhecido bombista

Enquanto os bandidos escapam impunes

as vitimas são incomodadas e privadas pela policia, das armas de defesa...

No relato, circunstanciado e fiel, que ontem fizemos do atentado contra Virgilio Pinhão, duas circunstancias surpreendem, pelo que revelam: a pistola do criminoso, que, por pouco, não vitimou Virgilio Pinhão, ficou na posse do bandido, apta a tentar novo crime, nenhuma diligencia se tendo feito para a apreender, uma vez que não se procura identificar o facinora. A pistola de Virgilio Pinhão, unica defesa de um homem que tem exposto a sua vida num trabalho de investigação da mais reconhecida utilidade publica, arriscando a vida e pondo em jôgo o futuro dos seus, foi apreendida pela policia!

O criminoso, absolutamente ileso e impune, prepara, certamente, novos atentados, com a pistola que não se procurou subtrair-lhe, certo de que não será incomodado com investigações que podem revelar-lhe a identidade e o paradeiro. Virgilio Pinhão, ao contrario, guarda o leito, ficou sem a sua arma de defesa e não deixa de ser vigiado, ou pelos agentes da policia, ou pelos quadrilheiros do «Avante», que a policia tolera e protege.

* * *

Poder-se-ha argumentar com a inutilidade de qualquer investigação, uma vez que, tendo fugido, sem que a propria vitima do atentado pudesse fixar qualquer caracteristica que ajudasse a sua indentificação, o bandido agora dificilmente se descobrirá.

Isto estaria certo, se o policia que estava de serviço na rua da Palma, por ocasião do atentado, em vez de fugir, deixando o campo livre ao assaltante, que se colocara entre Virgilio Pinhão e êle, tivesse cumprido o seu dever. Se a policia, em vez de fugir dos quadrilheiros que, quasi á boca da noite, assaltam em ruas centrais como a rua da Palma, cidadãos prestantes como Virgilio Pinhão, desfechasse contra êles com presteza equivalente á que êles usam, talvez não tivessemos a deplorar tantos crimes nem impunidades tão numerosas como êsses repugnantes e cobardissimos delictos.

Mas a policia lá sabe as linhas com que se cose e, possivelmente, as instruções que tem...

* * *

O que é certo é que a opinião publica, surpresa de espanto e de terror, a principio, começa a ponderar estas circunstancias e a pretender descobrir-lhes a origem.

Sabe-se, por exemplo, que o «Avante», chefe do triumvirato a que pertencem «Bela Kun» e Nascimento Cunha, orienta, dirige e manobra os quadrilheiros vermelhos, autores de quasi todos, senão de todos êstes crimes, e gosa da protecção decidida, escandalosa, incompreensivel, do sr. governador civil. Sabe-se que o «Avante» esteve ao serviço da policia comprometendo numa gréve desastrada, porque assim lhe convinha, aqueles a quem chama seus camaradas; sabe-se que, durante um periodo largo — tão largo quanto lhe conveiu — o «Avante» bisbilhotava todos os arquivos da P. S. E., tendo, porventura, inutilizado alguns documentos preciosos e processos, sabido como é que passava noites e noites, sósinho nas dependencias do Governo Civil onde estava instalada a P. S. E. Sabe-se que, depois de julgado num gabinete do Governo Civil, onde os juizes do Tribunal de Defesa Social tiveram de comparecer para êsse fim, o «Avante» deixou de pertencer á policia — mas nunca perdeu a sua protecção, nem deixou de merecer os seus disvelos e cuidados. Sabe-se ainda que o «Avante» nunca deixou de ter ás suas ordens, para lhe guardar as costas sempre que o desejou, um agente da policia, tendo sido coagido varias vezes a êsse papel o agente Rodrigues. Sabe-se mais: que o «Avante», apesar do cadastro espantoso que tem na policia, gosa nela tal influencia, que, a instancias suas, Virgilio Pinhão foi, ainda ha pouco tempo, preso mais uma vez.

* * *

Sabe-se tudo isto. E sabe-se que é o governador civil de Lisboa que superintende nas varias policias e que as suas relações com o «Avante» são amistosas e intimas.

E naturalmente, pregunta-se se não terá origem no sr. governador civil a influencia estranha do «Avante». A suspeita, pelo menos, é racional.

O que é certo é que não se fazem investigações sobre os atentados, que não se procura prender os bandidos, que a policia foge, quando um novo crime se perpreta — e que as vitimas andam á mercê dos facinoras, porque a policia até lhes apreende as armas de defesa.

Isto é o que todos verificamos, com indignação, com repulsa, com nojo. E ninguem compreende que continue no seu cargo uma autoridade sobre quem pesam tais suspeitas. Pode ser que o major sr. Viriato Lobo, governador civil, seja, apenas, uma vitima de injustificados receios. Mas a verdade é que, desde que tomou corpo a primeira suspeita, um rigoroso inquerito imediatamente se devia ordenar, e que o major sr. Viriato Lobo devia prestar todos os esclarecimentos e indicações. Não se fez tal coisa — e o major sr. Viriato Lobo continua no seu cargo, sem ter deixado de manter com o «Avante» as mais suspeitosas relações. E a suspeita cresce, avluma, enraiza-se — toda a gente afirmando que é o governador civil de Lisboa que protege o «Avante» e, portanto, os seus quadrilheiros, deixando á mercê dêles os que, numa manifestação de extraordinaria coragem, ousam erguer-se contra o crime que avança impune...

Será, na verdade, assim?

O governador civil de Lisboa será o protector — o cumplice, graças á sua inexplicavel benevolencia — da quadrilha do «Avante»?...

Do Partido Comunista recebemos seguinte nota:

Sr. director. — No final da entrevista com o sr. Virgilio Pinhão, vem uma nota da responsabilidade dêsse jornal em que se assevera que o «Avante» é chefe da Legião Vermelha do Partido Comunista.

Este organismo responde simplesmente:

1.º — Não conhece a instituição «Legião Vermelha» e, se existe ou existiu, nunca teve ou tem ligações com o partido comunista;

2.º — O sr. José Gomes Pereira, o «Avante» nunca foi, nem é, socio do partido comunista. — A Comissão Executiva do Partido Comunista Português.

Lisboa, 17 de Julho — Sr. redactor— Na entrevista com que «A Capital» ontem me honrou, ha uma pequena confusão que eu me apresso a aclarar.

Quando me referi a Nascimento Cunha, não foi dando-o como um subordinado do «Avante», que, dentro do partido comunista, a que se encostou, só é o chefe de uma quadrilha de malfeitores, incurso, como toda ela, no artigo 263.º do Codigo Penal.

Nascimento Cunha é, pelo contrario, um elemento dirigente de uma facção do partido comunista. Por esta pequena rectificação ainda mais grato lhe fica o de v., etc.—*Virgilio Pinhão.*

NO EGITO

O SANTO TAPETE

Uma antiga cerimonia que não se realisará

CAIRO, 17 — O governo egipcio resolveu ordenar a suspensão dos preparativos da caravana que costuma anualmente levar o Santo Tapete, acompanhado por cerca de mil peregrinos, á cidade santa de Meca, devido á recusa do rei Hussein do Hedjaz, em cujo territorio está aquela cidade, de admitir a escolta de medicos egipcios que acompanham a caravana.

Esta decisão do governo do Hedjaz é apoiada pelos dirigentes religiosos.

O Santo Tapete, que se supõe ser aquele em que Mahomet rezou as suas preces, é guardado no Egipto e enviado anualmente a Meca. — (R.).

O processo Ruggeroni

O leitor conhece, porque o tratamos aqui com a mais larga amplitude o «processo Ruggeroni», em que o sr. José Garcia Ruggeroni foi pronunciado como autor de uma burla em que o Estado foi prejudicado na importancia de 8400 libras. Preso em virtude da pronuncia, o sr. José Garcia Ruggeroni afiançou-se em 1.000 contos de reis, que depositou na Caixa Geral de Depositos.

Agora, o respectivo juiz confirmou o despacho de pronuncia do sr. José Garcia Roggeroni, pronunciando tambem seu irmão e socio na firma Ruggeroni & Ruggeroni, Limitada, ordenando o mandato de captura.

Parece, porem, que o sr. Rafael Ruggeroni está ausante de Portugal.

Nesta altura do processo, o advogado da firma Ruggerodi & Ruggeroni, Limitada, sr. dr. Cunha e Costa (José Soares) requererá a instrução contraditoria do processo, base do recurso que, decerto, levará ao Tribunal de Relação.

Para conseguir amor!

VIENA, 17 — Uma mulher desta cidade foi acusada pelo marido de que ela o tinha pretendido envenenar. Interrogada pela policia, declarou que lhe tinha dado bolos com ossos humanos em pó que sua mãe tinha conseguido obter no cemiterio da sua aldeia natal, para conseguir que seu marido de novo a amasse como nos primeiros tempos de casada. Esta receita tinha-lhe sido ensinada por uma bruxa cigana como remedio infalivel para o que desejava. Tendo-se feito a analise dos bolos, confirmou-se o estupido dizer da criatura, que foi posta em liberdade. — (R.).

OS MORTOS

Antonio Augusto Rodrigues da Cunha

Acaba de nos chegar a triste noticia do falecimento deste nosso muito presado amigo, sucedida em Cintra esta madrugada.

O sr. Antonio Augusto Rodrigues da Cunha, que durante mais de 30 anos, com uma assiduidade e uma competencia invulgares, desempenhou o cargo de chefe de secretaria da Camara Municipal daquela vila, era um escritor e um erudito, que deixa uma vasta obra literaria e de estudo, principalmente acerca da sua terra natal, dispersa em artigos de jornais e revistas e em numerosas brochuras que seria longo enumerar. E' dele a edição aumentada e ilustrada do visconde de Juromenha «Cintra Pitoresca», e publicou varios jornais de caracter regionalista, que tiveram a sua epoca, como «O Saloio», «O jornal Saloio» e ainda uma revista que foi notavel, no seu tempo, «O Atheneu».

Foi tambem durante muitos anos o correspondente, em Cintra, do «Diario de Noticias» e do «Seculo».

Simultaneamente, o saudoso extinto era um verdadeiro homem de bem, que a todos se impunha pela sua honorabilidade e a todos encantava pela sua bondade.

A morte do sr. Antonio Augusto Rodrigues da Cunha, ferindo um grande numero de simpatias, feriu tambem, muito profundamente, a afectividade de seu genro, o nosso querido amigo e ilustre camarada sr. r. Hermano Neves, que tinha por seu sogro uma grande ternura, mixto de admiração pela sua inteligencia e de adoração pela sua honestidade.

O funeral realisa-se amanhã.

A toda a familia enlutada, os nossos pesames, e sobretudo áquele nosso presado camarada, em cuja dôr pesarosamente o acompanhamos.

Nas regiões ocupadas

O bloqueio na região do Rheno

LONDRES, 17 — Os franco-belgas prorogaram por mais dez dias o bloqueio da região do Rheno e do Ruhr, que tinha sido cortada recentemente do resto da Alemanha como represalia do bombardeamento do comboio de Duisburgo. — (R.).

ANGOLA

EM TORNO DUMA CARTA

que, atravessando mares e ventos, voou das secretarias do Alto Comissariado, em Loanda, e veio poisar no «fauteuil» parlamentar do sr. Cunha Leal

Algumas perguntas que merecem resposta

No decorrer do debate politico de ha dias, o sr. Cunha Leal, que vinha discutindo certos actos do Alto Comissario de Angola, sr. Norton de Matos, afirmou que varios artigos laudatorios, publicados em alguns jornais, foram pagos; e, como prova da sua afirmativa, declarou possuir uma carta, dirigida ao Alto Comissario, e cujo conteudo não deixava duvidas.

Essa carta existe, na realidade: é um documento dirigido pelo sr. Roberto da Fonseca, sub-agente geral de Angola, ao sr. Norton de Matos.

Ei-la:

Propaganda — Tenho tudo organisado paaa um serviço de propaganda intensa para defesa do regimen dos Altos Comissariados, que hoje é a vida ou a morte de Angola, e para tornar bem conhecida em todo o paiz a obra patriotica, desinteressada e inteligente do seu Alto Comissario. Conto com os principais jornais de Lisboa e até com alguns desafectos até á data.

Como já disse a V. Ex.ª o M. de Mesquita entrou prra a «Patria» e este jornal continua ao lado de Angola e defendendo o Alto Comissario e as suas medidas. Esteve hoje aqui pedindo me informações sobre a questão fiduciaria. Nada lhe forneci por não ter recebido resposta de V. Ex.ª

Para esta propaganda é necessario dinheiro. Atualmente nenhum jornal de Lisboa publica artigos gratuitos, excepto a «Patria» nem mesmo o «Seculo» ou o «Diario de Noticias».

Remeto a V. Ex.ª uma proposta que me foi apresentada para V. Ex.ª avaliar quanto custa hoje em Lisboa qualquer publicação.

As referencias ao orçamento de Angola feitas no «Diario de Lisboa», «Mundo» e outros jornais tiveram de ser pagas.

Como foi essa carta particular parar ás mãos do deputado? Como poude ela vir da nossa longiqua colonia, talvez entre muitas cartas, papeis porventura bem importantes ou confidenciais? De que modo poude ele transitar das secretarias do Alto Camissario de Loanda até ao «fauteuil» parlamentar do sr. Cunha Leal em S. Bento?

Eis o que devia ficar esclarecido, sejam quais forem as considerações a que tal carta nos leve—e essas considerações são de varia ordem, como se verá.

* * *

Como se vê na carta do sr. Roberto da Fonseca, citam-se alguns jornais, não para os dar como os unicos que fariam pagar artigos de elogio á obra do Alto Comissario, mas, de facto para os englobar a todos. «Nem mesmo o «Seculo» ou o «Diario de Noticias»—diz-se—publicam hoje artigos gratuitos».

Esta expressão não tem nada de obscuro: todos os orgãos da imprensa se fazem pagar, mesmo aqueles dois,

Ha só uma excéção: a «Patria». Este jornal «continua ao lado de Angola, defendendo o Alto Comissario e as suas medidas».

Ao mesmo tempo o sr. Roberto da Fonseca confirma que M. de Mesquita entrou para aquele jornal. «Como já disse a V. Ex.ª M. Mesquita entrou para a «Patria».

Quer dizer: o agente geral de Angola liga importancia a esse facto, pois insiste nele.

Quem é M. Mesquita? Um funcionario da Agencia Geral de Angola.

Porque motivo a entrada de M. Mesquita para o jornal «A Patria» pode parecer interessar tão decididamente o sr. Roberto da Fonseca? Será acaso a intromissão do sr. Mesquita nesse colega, que determina a expontaneidade, confessada, da sua defesa do Alto Comissario e das suas medidas?

Eis um outro detalhe que conviria ficasse averiguado.

Finalmente: o agente geral de Angola declara ao sr. Norton de Matos que tem «orgnisado um plano de propaganda intensa».

Em nome de que jornais ou de que agencias? Quem elaborou esse plano de serviço de propaganda, que ha de ser pago por alto preço, pois como o proprio signatario da carta declara esses serviços hoje são carissimos?

Eis um terceiro ponto que ha todo o interesse em aclarar.

* * *

Duas palavras mais: na carta não se cita a «Capital». Muito expontaneamente, apraz-nos declarar que as nossas relações com a Agencia Geral de Angola se teem limitado á inserção de pequenos anuncios, por sinal de pagamento sempre demorado. Tambem publicámos em 18 de novembro de 1921, um artigo sobre vias de comunicação em Angola; por sinal que nos chegou por intermedio duma das agencias de Lisboa— essas agencias cujo motivo de existencia é precisamente e apenas a publicidade.

DE QUEM SERÁ CRÉDORA A SR.ª D. AMELIA D'ORLEANS?

A ex-rainha de Portugal ordenou ou não uma ação contra certo titular?

Ora vejamos...

Os jornais deram ha poucos dias a noticia de que a sr.ª D. Amelia de Orleans, ex-rainha de Portugal, ordenára ao seu procurador em Lisboa intentasse acção contra um titular e palaciano por falta de pagamento de uma divida que ultrapassava cem mil escudos.

A noticia, interessante por todos os motivos, ficou por explorar.

O publico, como era natural, preguntou: Quem será o titular?

E esperou resposta. Até agora ela não apareceu.

«A Capital» tentou hoje encontra-la e, para tal conseguir, foi até aos escritórios da administração dos bens da casa de Bragança.

Lá, conseguiu falar com alguem, o secretario do sr. Serpa Pimentel administrador dos bens da ex-casa real, mercê de cuja nobre amabilidade nos é permitido formular hipoteses que podem ser a verdadeira resposta á pergunta do leitor interessado.

Se não, vejamos.

D. Amelia de Orleans, dizem os monarquicos e palacianos, era de uma bondade extrema.

A ex-rainha deve pois ter ajudado do seu bolso muitos dos que dela estavam juntos e imploravam o seu auxilio.

E' pois natural que a divida existe. Mais do que uma divida, muitas. Porem trata-se agora de uma só e importante: cento e tal milhares de escudos.

D. Amelia teria, em verdade, ordenado se intentasse acção contra o seu, até hoje, incognito devedor?

E' possivel, porém o sr. Serpa Pimentel nega que, por agora, tal se desse.

D. Amelia, segundo aquele senhor nada ordenou.

A contrapôr a esta afirmação, ha o facto importante do sr. Serpa Pime...

TEMA VELHO...

A questão dos hospitais

é um assunto que os interesses criados

não deixam resolver

A pendencia

Carlos Pereira e Amor de Melo

O sr. dr. Carlos Pereira, deputado democratico, trazido pelas ultimas eleições e logo posto a dentro da Camara e do partido em lugar de destaque, levantou, com uma energia desusada, a questão velha e sempre posta do abandono dos nossos hospitais civis.

De ora em quando as gazetas noticiam que ha escandalos, funcionarios que se movem, personalidades que influenciam e, no fim, tudo fica na mesma.

E' quasi eterna esta questão dos hospitais. Culpa de quem?

Mas na nossa terra pode-se em boa verdade atribuir as culpas de alguma coisa a alguem? Têm-se feito sindicancias, escrito relatorios, publicado artigos. Para quê?

E' um velho motivo que resurge, mais do que nunca apavorado, mais do que nunca complicado. Tratemos nós dêle que bem merecem o nosso esforço aqueles que do hospital hão de aproveitar-se. E ouçamos, antes de mais nada, o deputado sr. Carlos Pereira.

— Quais foram os motivos que levaram v. ex.ª a erguer de novo o problema hospitalar?

— Sobretudo, o desejo de o ver resolvido. Compreende-se que o actual, e já tão antigo, estado de coisas se não pode manter. São as mais rudimentares noções de moralidade e de decencia, até, que assim o exigem.

«Ha, na verdade, um problema dos hospitais civis. Problema que se vem arrastando, problema a que interesses de varia ordem impedem que se dê solução. Se em todos os ramos da nossa administração publica nós quizessemos proceder assim, até onde iriamos parar? Não vejo na minha frente senão o hospital; não posso olhar senão para os doentes. Tudo o mais, conveniencias e influencias, para mim nada valem, nada podem e nada querem significar. Mantenho, portanto, o meu proposito: atacar de frente a questão e pôr soluções.»

— Mas quais foram as causas proximas da atitude de v. ex.ª?

— O hospital entre nós agora é o caos. São sinonimos, são termos equivalentes, pelo menos. Reina nêle uma indisciplina completa, absoluta. Não ha ordem, não ha hierarquia, não ha respeito. As categorias desapareceram; em vez delas veiu um igualitarismo, cujos resultados bem perniciosos podem ser. Ha uma falta de assistencia quasi absoluta. Ninguem sabe; peor do que isso, ninguem quere saber, ninguem se interessa. E o hospicio vive sobretudo de carinhos, de cuidados.

«As negligencias verificam-se a cada passo. Algumas delas verdadeiramente edificantes e dando bem a nota do que por lá vai. Negligencias de toda a ordem; havemos de lhe chamar assim. Negligencias que a tudo podem conduzir.

— Pode v. ex.ª dar-nos alguns exemplos?

— Olhe, nas enfermarias trabalham pessoas que a elas não pertencem. Medicos cá de fora tratam doentes internados. Que fazem os directores? Que fazem os assistentes? Ignoro-o. Cito factos e êstes são bem tristes. Até onde se podem exigir responsabilidades às pessoas que assim procedem?»

«Outro: o director do Banco, que é decerto um cirurgião distinto, distribue, segundo conveniencias varias, os doentes pelas enfermarias. E onde está então o regulamento interno dos hospitais? Quem o rasgou e quem consentiu em o deixar rasgar? Então essas não são as atribuições do chefe da 5.ª Repartição? Numa palavra e para lhe dizer tudo: um calvario!»

— E essas causas de quando veem?

— De longe, de muito longe. Dificil, impossivel de precisar. Ha muitos anos que os nossos hospitais civis vivem em quasi permanente regimen anarquico.

— E os causadores?

— Muitos. Para que citar nomes, se a citação ficaria incompleta? Muitos, quasi todos.

— As responsabilidades do actual director?

— Tem-nas êle como os seus antecessores. Tem evidentemente descurado muitas coisas. Durante a sua permanencia na direcção geral dos hospitais têm-se feito perseguições desnecessarias...

— Exemplo?

— A que têm movido contra o dr. Azevedo Gomes. Azevedo Gomes é hoje um nome da cirurgia nacional. Seria um grande, um notabilissimo cirurgião em qualquer parte do mundo. Ora, emquanto o sr. dr. Amor de Melo faz, num periodo de dois anos, dezaseis operações, parece-me que Azevedo Gomes a favor dos doentes alguma coisa mais poderia fazer.

«Basta-nos olhar os nomes para vermos e compreendermos um pouco do que se passa. A monarquia deixou-nos lá Curry Cabral. Nós puzemos, em lugar dêle, a série de directores, cuja obra infelizmente está bem á vista de todos. E' este o principal defeito e que bem pode ser, não tenha remedio. Como vê, tudo uma questão de nomes. Ah! Que distancia, que enorme distancia vai de Curry Cabral aos nossos dias e aos nossos directores!»

Mudando o rumo á conversa, preguntámos:

— O duelo de v. ex.ª com o dr. Amor de Melo?

— Não se realizou; não se podia realizar. Queriam transformar uma questão de interesse publico em questiuncula pessoal. Não aceitei por principio, e até pelos aspectos que a questão revestiria de ai para o futuro. Usei de um direito como deputado, pedindo documentos para fazer a minha interpelação. Não me referi, porque não tinha que me referir a pessoas. Via factos, analisava-os, ou preparava-me para os analisar, e seguia. Então, um deputado que aprecia determinado serviço publico tem logo que se bater em duelo com o funcionario que exerce êsse serviço? Parece-me bastante estranho. Não, não me bati. E devo dizer-lhe, para terminar, que, quando vieram para mim com uma carta de desafio, supunha que vinham solicitar-me a minuta de um pedido de demissão que fartamente se justificava.

— E a interpelação?

— Logo que tenha os documentos de que absolutamente preciso, hei de realizá-la. E estou convencido que dela alguma coisa há de resultar em beneficio dos hospitais e dos doentes.

* * *

O sr. dr. Amor de Melo já fez entrega do seu pedido de demissão ao sr. ministro do Trabalho. O requerimento respectivo vai ser, ao que nos informam, deferido.

---

tel, sendo administrador da Casa de Bragança, o não ser de D. Amelia.

Mas, sendo assim, quem seria o procurador nomeado?

O sr. Tota como alguem nos afirmou?

Cremos que não. Para um caso de tanta importancia, a ex-rainha, a ter nomeado alguem deve ter escolhido procurador pratico e da sua confiança.

Com estas qualidades, estava indicado—afirmou-nos o secretario do sr. Serpa Pimentel—o nome do solicitador da casa sr. Gaspenna. E, este senhor, não o foi.

Sendo assim, feito segredo em torno do facto ou não existindo em verdade a ordem de D. Amelia, pergunta-se:

Qual o titular a quem, a ex-rainha, poderia ter emprestado quantia tão importante?

Certamente a pessoa de sua confiança, da sua roda e da sua casa.

Não sendo estes, quais os que estavam em condições de receber mercês da ex-rainha?

* * *

O sr. Serpa Pimentel que tem procuração para receber os rendimentos de algumas casas nas Necessidades, da quinta de Massarelos e outras poucas propriedades particulares da familia que reinou em Portugal, não se encontra no n.º 44 da rua Victor Cordon quando o procurámos. O sr. João Gouveia, seu secretario, é que nos forneceu os elementos suficientes para responder ás duas perguntas que formulamos:

«Quem deve? Não se sabe, mas é o caso do sobretudo desaparecido em baile de casa rica—todos eram muito honestos mas... o sobretudo desapareceu—a divida existe. Quem a não paga?

O titular que assim procede, anda mal.

O nome? Ignora-se.

Da casa da ex-rainha D. Amelia de Orleans faziam parte: o prestigioso, honrado e fóra da alçada da justiça dos homens, conde de Sabugosa, seu mordomo-mor e o conde de Figueiró tambem já falecido e seu veador.

Estes são dois nomes postos de parte.

Mas ha mais dois dos proximos á ex-rainha e de sua casa:

Os do sr. conde de Galveias pessoa de grande fortuna e de D. Vasco de Belmonte, engenheiro distinto e rico.

* * *

Postos de parte pois os nomes dos condes de Sabugosa e Figueiró, duas pessoas ficam em causa: o sr. conde de Galveias e D. Vasco de Belmonte.

Qual deles será o devedor?

E' possivel e é natural que nenhum mas, sendo assim, quem é que, do Paço, deve dinheiro a D. Amelia?

Quem será!?

ULTIMA HORA

O caso dos 3 esqueletos

A policia diz estar senhora duma pista que lhe dará o fio da meada em 24 horas

E' o sr. dr. Crispiniano da Fonseca, adjunto do director da policia de investigação, quem tomou a seu cargo dirigir as investigações sobre o aparecimento de tres cadaveres de creanças em esqueleto ou em adeantado estado de decomposição no sotão da residencia do general sr. Garcia Guerreiro, na rua da Escola Politecnica, 183-2.º.

O referido magistrado, acompanhado do sargentos Coelho e Esteves esteve hoje na morada indicada, juntamente com o pessoal do posto antropometrico, tirando fotografias do local e procedendo á extração das impressões digitaes ali encontradas.

Ocioso se torna frisar que a policia guarda a maior reserva sobre as diligencias até agora efectuadas, tendo-nos o sr. dr. Crispiniano de Sousa informado do seguinte:

— O caso é tão grave e tão extraordinario, que por enquanto se torna perigosissimo dar quaesquer esclarecimentos, que apenas serviriam para prejudicar a nossa ação. ...orém uma pista segura e posso-lhe garantir que no praso de 24 horas tudo estará convenientemente esclarecido... E' uma questão de horas, como vê!

Os atentados

As investigações acabam de passar, completamente, para a Policia de S. do P.

Logo de manhã voltou hoje a correr com grande insistencia no Governo Civil que o director da policia de investigação sr. dr. Paulo Menano tinha insistido pelo pedido de demissão do seu cargo.

Sabido é que após os atentados bombistas no Largo da Boa Hora, contra os juizes do Tribunal de Defesa Social, o sr. dr. Paulo Menano foi acusado tanto na imprensa como no Parlamento, de falta ...rgia, chegando os parlamentares mais exaltados a afirmar que o actual director dos serviços de investigação não servia para o logar.

Após esses ataques soube-se que o sr. dr. Paulo Menano tinha apresentado o seu pedido de demissão, o que agora se confirmou.

Na repartição da P. S. E. começaram hoje as investigações sobre os individuos que se encontram presos como implicados não só nos atentados bombistas como nos pessoais.

Na repartição da P. S. E. instalou-se hoje uma brigada de agentes da Investigação, que ficou encarregada de proceder ás investigações necessarias. Hoje foi preso José dos Santos, tipografo na rua do Seculo, acusado de ter tomado parte em varios atentados bombistas.

Trata-se, segundo consta na policia, de um individuo perigoso á sociedade.

19 de Outubro

O assalto ao Deposito de Adidos e agressão ao tenente

Viegas Lata

A audiencia abriu ás 13 horas, depondo o sargento Cunha, que diz que o sargento Jorge era quem tinha a chave do portão do Deposito de Adidos e que só por seu intermedio os revolucionarios poderiam ter entrado no quartel. A seguir são lidos os depoimentos das duas testemunhas que faltam.

* * *

A seguir é dada a palavra ao sr. Promotor, que faz varias considerações sobre a forma como os revoltosos entraram no quartel, em grupo, dando ordens e prendendo oficiais sem que o comandante e o sargento da guarda lhe oferecem resistencia. Diz como o coronel sr. Mardel Ferreira, que se encontrava no Deposito e foi testemunha no processo, não tomou providencias, devido a ali se encontrar o tenente coronel sr. Santos Guerra, que era o comandante em exercicio.

Sendo o sr. Santos Guerra o comadante do Deposito e o sargento Jorge seu subordinado, não se impuseram á entrada dos revoltosos.

Dis que durante a audiencia se demonstrou que o sargento Jorge era tido como afecto aos revolucionarios, correndo a mesma versão do tenente coronel sr. Santos Guerra.

Analisou ainda varios factos passados no assalto ao Deposito de Adidos, para demonstrar a culpabilidade dos reus.

O Estado caloteiro

Não houve hoje expediente na policia por falta de papel e tinta

Embora muito extraordinario pareça, facto é que na policia de investigação já ha dias que o expediente corre com certa morosidade por não haver papel nem tinta nas varias secções. Testemunhas varias que têm sido intimadas a prestar declarações na policia, receberam ontem e hoje o conselho de que voltassem noutra ocasião, ou seja quando houvesse papel para se poder reduzir a auto as suas declarações!!!

E a proposito convem tambem frisar que o pessoal de investigação ha já 17 meses que não recebe as importancias das despesas feitas em transportes com carros eletricos, motivo porque muitas vezes os agentes se recusam a fazer determinados serviços longe da cidade, porque ninguem lhes paga as despezas.

A tarde politica

O conselho de ministros e a demissão do sr. Fernando Freiria—As imunidades parlamentares do sr. Antonio Maia—O Governo exige o castigo imediato do sr. Antonio Maia—A Camara e a maioria estão divididas

Reuniu hoje demoradamente o conselho de ministros, que se ocupou quasi exclusivamente da demissão do sr. ministro da Guerra.

Insistiram todos os colegas do gabinete para que s. ex.ª desistisse da sua demissão, invocando o prestigio do Exercito e o do proprio Poder.

O coronel sr. Freiria declarou que o grupo dos deputados independentes tem hoje na Camara foros de partido constitucional. Se êsse agrupamento lhe não oferece, como não ofereceu, a sua solidariedade em presença do conflito com o deputado sr. Antonio Maia, não ha outro caminho senão abandonar o Poder, reservando-se para, como simples deputado, entrar no debate que surgir em volta dêsse incidente.

Alem disso, só a atitude da Camara lhe marcaria uma definitiva atitude.

Terminado o conselho, o sr. Antonio Maria da Silva não desistiu de demover o sr. ministro da Guerra, recolhendo com êle em demorada conferencia, cujos resultados são desconhecidos á hora em que redigimos estas notas.

* * *

Numa rapida conversa que tivemos com o sr. dr. Pais Gomes, Velhinho Correia e outros politicos, acentuou-se a imprudencia com que o coronel sr. Freiria apresentou a sua demissão, sendo certo que toda a Camara lhe votaria a confiança em homenagem á indispensavel disciplina que convem manter no Exercito, por de cima ou á margem de quaisquer preocupações partidarias.

O sr. dr. Ginestal Machado, concordando aliás com êstes pontos de vista, achou sobretudo estranho que o sr. ministro da Guerra não aceitasse de frente a interpelação do sr. Antonio Maia, que, de resto, é nossa opinião, não passaria de coisa minima, visto que o proprio interpelante confessa que, quanto ao castigo, não poderia ser outro o procedimento do coronel sr. Freiria.

* * *

A's 4 horas e 45 minutos, o sr. Antonio Maria da Silva apresenta a proposta do Governo para que a Camara se decida sobre as imunidades parlamentares do sr. Antonio Maia.

O deputado sr. Pedro Pita apresentou uma questão prévia em que declarava que, não tendo a questão baixado á comissão de Guerra, a Camara não pode pronunciar-se sobre o assunto.

O sr. Cunha Leal, num discurso violento, ataca o sr. Antonio Maria da Silva, acusando-o de querer evitar, com a prisão imediata do sr. Antonio Maia, a interpelação que este deputado pretendia dirigir ao sr. ministro da Guerra.

Trata-se afinal — grita o sr. Cunha Leal — de resuscitar um ministro morto!

Os monarquicos aplaudem o sr. presidente do Ministerio; os reconstituintes, em massa, reclamam a aprovação da questão prévia do sr. Pedro Pita.

O sr. ministro da Justiça debalde procura dar aspecto legal aos desejos do sr. presidente do Ministerio, e tudo indica que, posta a questão á votação, o Governo sofrerá um cheque, que implicará a sua demissão, visto a maioria estar dividida.

* * *

Foram chamados urgentemente todos os deputados da maioria para evitar qualquer imprevisto cheque.

Numa epistola especial dirigida ao deputado sr. Jorge Capinha, a pessoa encarregada da correspondencia escreveu, por equivoco — Jorge Nunes.

Este deputado entregou a carta, cremos que ao sr. Manuel Fragoso, com comentarios assás ironicos.

* * *

O antigo grupo reconstituinte declara que o debate politico proseguirá com toda a veemencia, a menos que seja dada a demissão ao governador civil do Funchal, questão que julgam de primordial importancia politica.

Tudo leva a crêr que o Governo não transigirá neste ponto.

Parlamento

Nos Deputados

Uma interpelação do sr. Hermano de Medeiros sobre os serviços hospitalares

Figura na tabela como primeiro assunto a interpelação do sr. Antonio Maia ao sr. ministro da Guerra, mas como este membro do Governo ainda se conserva ausente e demissionario realisa-se a interpelação do sr. Hermano de Medeiros ao sr. ministro do Trabalho.

O orador ataca a maneira como decorrem os serviços hospitalares, frisando que não deseja melindrar o sr. Rocha Saraiva, em quem vê uma pessoa honesta e de boas intenções. E' antes, seu proposito chamar a atenção do sr. ministro do Trabalho para a necessidade de se modificar radicalmente a situação dos hospitais, que da ha muito é angustiosa. Depois o sr. Hermano de Medeiros narra o que foi a sua superior gerencia nos referidos estabelecimentos e deplora o que se está passando, solicitando providencias para tal estado de coisas.

A sessão continua.

No Senado

Nova escola—Companhia das Aguas

O sr. Santos Garcia enviou para a mesa um projecto de lei creando uma Escola Normal Primaria para habitação de professores do 1.º grau do ensino primario em Evora. O sr. Carlos Costa mais uma vez protestou contra o facto da Companhia das Aguas ainda não ter indemnisado o publico do aumento ilegal que ha 3 meses tem cobrado pelo aluguel do contador.

O sr. Ramos de Miranda protestou contra a falta de protocolo nos funerais do grande poeta Guerra Junqueiro. O sr. Querubim Guimarães protestou tambem contra a estada dos restos mortais do insigne poeta na capela do Capitulo, nos Jeronimos, onde, por lei, só pode estar o feretro de Alexandre Herculano.

O sr. ministro da Justiça respondeu que o cadaver de Guerra Junqueiro estará ali provisoriamente.

BOLSA

Continua a notar-se o mesmo desinteresse pelos papeis.

Damos em seguida as cotações do fecho dos valores algo movimentados:

Externas, 1.ª série — 636, 3.ª série — 710; Portugal — 732; Ultramarino — 299; P. Brasileiro 176, s/dir.; Aliança — 141; P. Colonias — 121.50, s/dir.; Navegação — 312.50; Fosforos — 247; Pesca — 122; Gaz — 115; Tabacos — 1.125; Aç. Angola — 249; Ganda — 219; Amboim — 177; Ilha — 421; Ambaca — 332; Benguela — 768.

Libra 104$00 e 106$00.

AS VENDAS A DINHEIRO DOS predios rusticos

-Devem- ser pagos metade em moeda corrente, metade :—: em generos :—:

A questão é posta

pelo deputado dr. Angelo Sampaio Maia

Em administração, como em Sciencias, em Direito e em toda a materia organisada, emfim as leis carecem de periodicas reformas que se condicionem aos fenomenos evolutivos — as epocas, ás sociedades, aos espiritos e aos locais, até. E esta doutrinação filosofica «apressada», fruto dum banho de sol e calor, sem querer levarnos em busca da entrevista fatal, e desta vez a proposito da actualisação da lei 1368 de 1915 referente ao contracto predial, que o deputado sr. dr. Angelo Sampaio Maia pretende conseguir agora para os arrendamentos dos predios rusticos.

* * *

O nosso interpelado não é dos que posam ante o jornalista, tomando o jornal por um «cliché» que os apresente ao publico como artistas do gesto, do verbo ou da sabença... como os ha tantos. E' simples, conversa com o nosso redactor como conversaria no seu escritorio e atendendo um constituinte—para o esclarecer e elucidar.

Ouçamo-lo:

—A lei 1.368 falta, a meu ver, neste epoca de transformação economica, consignar que nos arrendamentos a dinheiro de predios rusticos, efectuados antes da sua publicação, e pelo praso de 10 ou mais anos, os senhorios fiquem com o direito de exigir dos arrendatarios metade das rendas em moeda corrente e a outra metade em generos.

—Mas se os preços... iamos a objetar.

—... Computando-se o valor desses generos, continua o sr. dr. Sampaio Maia, em relação á data do arrendamento pelo equivalente dos seus preços na estiva comarca do respectivo concelho.

A mesma lei já consigna esta doutrina para alguns arrendamentos efectuados em epocas especiais e com determinados prazos, mas eu pretendo fazer alargar esse beneficio a mais alguns contractos de renda, seja qual fôr a forma da sua constituição e o praso da sua duração. Na epoca que se atravessa o valor dos productos agricolas atingiu os mais elevados preços em virtude de que a propriedade rustica se tem valorisado extraordinariamente.

Ora desta valorisação não tem compartilhado os donos dos predios arrendados a dinheiro, pois todos os lucros provenientes, não do trabalho ou do emprego de capital do arrendatario, mas duma transformação economica de caracter geral, que se está operando e para a qual os arrendatarios em tal qualidade nada contribuiram, tem sido colhidos pelos ultimos, que nesta situação tem enriquecido, enquanto senhorios tem empobrecido.

Se a terra, não por efeitos de acção do arrendatario ou do senhorio se valorisou imprevistamente pela alta extraordinaria de preço a que atinge o valor dos seus produtos, seria injusto que em tal beneficio só interessasse o cultivador. O outro, o proprietario deve compartilhar dessa valorisação, por uma questão de justiça, por uma razão de equidade e, até certo ponto, por motivo duma igualdade economica.

—E no caso da desvalorisação dos generos agricolas?

—Nesse caso, tendo o arrendatario a obrigação de pagar toda a sua renda em dinheiro, para que não seja ele quem exclusivamente venha a colher o prejuizo, serão dadas a ambos as partes iguais direitos e não distinguido para estes beneficos efeitos das formas do contracto de arrendamento admissiveis por lei.

—E na falta de estiva ou de acordo?

—Os preços dos generos serão em juizo, definitivamente e sem recurso, declarados por uma arbitragem feita por tres árbitros, os quais serão nomeados pelas partes, sendo um deles para desempate; e quando estas não acordarem quanto a tal nomeação observar-se-ha o disposto no artigo 237.º do Codigo do Processo Civil.

Note que a falta de pagamento da renda da forma porque foi estabelecida na lei, no dia do seu vencimento ou dentro do praso sem que o arrendatario poder efectuar o seu deposito, é motivo suficiente para o senhorio despejar o arrendatario, antes do termo do arrendamento.

E a fechar:

E', pois, nestas bases que eu entendo dever ser modificada a lei 1368.

A conferencia de ámanhã

«Gand, cidade de flores e de monumentos»

O banqueiro belga Edgard Lipppens tem sido desde ontem, muito cumprimentado e rodeado de gentilesas. Estas provas de deferencia justificam-se dizendo que o ilustre hospede foi duma cativante amabilidade para com todos os portugueses que teem visitado Gand. Homem de coração e duma pasmosa actividade, é, na Flandres oriental, o maior amigo dos pobres e o mais carinhoso protector dos mutilados. O governo belga temno nomeado recentemente como seu comissario geral em todas as exposições.

Amanhã realisa na Sociedade de Geografia uma conferencia intitulada «Gand, cidade de flores e de monumentos» á qual assistirão alguns membros do governo, jornalista e amigos dos mutilados da guerra.

A entrada na Sociedade de Geografia é por convites que podem ser requisitados na rua do Carmo, 69 (consultorio do dr. José Pontes). Os socios da Sociedade são convidados a assistir.

Antonio Augusto Rodrigues da Cunha

FALECEU

Luiza Moreira Rato da Cunha; Irene Rato da Cunha Dias e filhos Maria Luisa Rato da Cunha Gonçalves, seu marido (ausente), e filhos; Antonio Rato da Cunha e sua mulher Albertina Rato da Cunha Neves, seu marido e filhos; Etelvina Rato da Cunha Correia, marido e filha; Duarte José Moreira Rato; e mais pessoas de familia, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu chorado marido, pai, sogro, avô, genro, irmão, cunhado e tio, devendo o seu funeral realisar-se ao meio dia, de 18 do corrente para o cemiterio de S. Marçal, em Cintra.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Os comicios de domingo

E' efectivamente no proximo domingo que se realisam os quatro comicios, que foram adiados por motivo da morte do grande poeta Guerra Junqueiro. Esses comicios terão logar em Evora, Cintra, Almada e Montelavar, onde reina grande entusiasmo pela sua realisação.

Os oradores de Evora partirão para aquela cidade no comboio das 20h.15 de sabado proximo e os de Cintra e Almada no proximo domingo da estação do Rocio e Ponte da Parceria dos Vapores lisbonenses ao Caes do Sodré.

No comicio de Evora usarão da palavra o dr. Orlando Marçal; comandante Procopio de Freitas, Armando de Carvalho, tenente Mario Barros, major Rosa Ventura, Antonio Bernardo, velho propagandista da Republica, e Moreira Lopes.

Acompanham a missão por parte das comissões politicas de Lisboa, os srs. Luiz Cesar de Lemos pela Comissão Municipal; alferes Santos Pimenta, pela Comissão Municipal; alferes Santos Pimenta, pela Comissão Distrital e pelo jornal «A Justiça» de Vizeu; José Francisco Vendinha e Carlos Antonio dos Santos pelas comissões politicas de freguezia e tenente Arcadio Matos Silva pelo jornal «A Lanterna».

Naquela cidade está sendo distribuido um manifesto ao povo republicano de Evora, para comparecer em massa ao comicio que se realisará no Teatro Garcia de Resende.

Pela linha, durante o percurso do Barreiro a Evora, será distribuido um manifesto de propaganda do partido e bem assim o jornal «A Lanterna» que inserirá o programa partidario.

Aos oradores será oferecido um jantar de confraternisação republicana, pelas comissões politicas daquela cidade.

Reina o maior entusiasmo por esta jornada que certamente igualará as grandes manifestações do Porto e Vizeu.

Nos comicios de Cintra e Montelavar, usarão da palavra os drs. Albino Vieira da Rocha e Santos Monteiro; coronel Xavier Pereira, capitão Alfredo Paula; Antonio Joaquim de Magalhães e Sousa de Almeida das comissões politicas de Lisboa.

Acompanham ainda a missão de propaganda muitos correligionarios de Lisboa, representando os radicaes da Amadora e Queluz os srs. Camilo dos Santos e Manoel dos Reis e Abreu, velhos republicanos, que ultimamente aderiram entusiasticamente ao P. R. Radical.

A partida para Cintra será oportunamente anunciada.

Vai ser distribuido em todo o concelho um manifesto de propaganda do comicio que se espera será imensamente concorrido.

— No comicio de Almada que se realisará na Cova da Piedade, usarão da palavra, o capitão tenente Peres Trancoso, drs. Lopes de Oliveira, Francisco Lovêta; o Carlos Fernandes, Manoel dos Santos, João Pacheco, pelas comissões politicas de Lisboa, e Ezequiel Marmelada pela comissão municipal do Barreiro. Usará ainda da palavra o velho propagandista do livre pensamento sr. Cesar da Silva. Os oradores embarcarão no Caes da Parceria, no Caes do Sodré á hora que será indicada.

Vai igualmente ser distribuido por todo o concelho de Almada um manifesto de propaganda, partindo amanhã para aquela vila um delegado da comissão distrital para dar as respectivas instruções.

A comissão de propaganda do Partido, roga a todos os oradores designados para os comicios, a que compareçam nos locaes designados para o embarque, a fim de que este facto seja o complemento do brilhantismo com que certamente vai decorrer esta grande jornada republicana.

Os comicios do dia 29

A comissão de propaganda trabalha já afanosamente para a realisação dos comicios em Loures, Bucelas, Arruda dos Vinhos e Sobral Mont'Agraço, no proximo domingo 29.

E' possivel que devido ao desejo das comissões politicas de Setubal, só em agosto se realise o grande comicio de Setubal, por isso que os radicaes dali, trabalham entusiasticamente para que desse comicio resulte a maior manifestação até hoje realisada naquela cidade.

Brevemente o grande comicio de Lisboa.

Casa Pia de Lisboa

Realisa-se no proximo dia 18, pelas 15 horas, a abertura da exposição dos trabalhos escolares dos alumnos daquele estabelecimento e a prova final de educação fisica, esperando-se que esse acto seja muito concorrido.

Teatros -- Musicas -- Cinemas

Lucilia Simões

A notavel artista que hoje realisa a sua recita, em S. Carlos, com a «reprise» da «Casa de Boneca», de Ibsen

E' hoje a festa artistica de Lucilia Simões, em S. Carlos. E' hoje que a extraordinaria comediante, cujo alto valor se tem afirmado esplendorosamente em mil criações admiraveis, que são irradiações deslumbrantes do seu grande talento, revive, em Portugal, a «Casa da Boneca», onde alcançou os aplausos mais vivos é as mais vibrantes aclamações.

Foi a «Casa da Boneca» que consagrou Lucilia Simões, ha um rôr de anos. E' na «Casa da Boneca» que a vamos vêr hoje, volvido tanto tempo, mais senhora das suas grandes faculdades, mais artista, mais complexa e perfeita decerto.

Uma carta

Do sr. Antonio de Macedo, emprezario do Teatro Maria Victoria recebemos o seguinte:

«Sr. redactor — Na apreciação feita por v. á fantasia-revista «Fado Corrido», apreciação sincera e amavel que muito agradeço em meu nome e no de todos os artistas meus escriturados, ha uma afirmação que a lealdade e as boas intenções de v. não deixarão de corrigir. Escreveu v.:

«Resumindo: o «Fado Corrido», á parte algumas pequenas deficiencias é um espectaculo bom no seu genero. Simplesmente, com os «fauteuils» de S. Carlos a 6$50 e os do Maria Victoria a 20$00 — para onde irá o publico?»

Foi v. erradamente informado. Um «fauteuil» custa no Teatro Maria Vitoria 12$50.

Apenas nas recitas extraordinarias — o caso da «première» que constituiu espectaculo inteiro — esse preço é acrescido de 20 p. c. como acontece em todas as casas de espectaculos de Lisboa. E mesmo assim, 20 p. c. incluindo sobre 12$50, perfaz 15$00 e não 20$00.

Permita v. que lhe lembre tambem que não ha comparação possivel de preços entre o teatro declamado e o teatro musicado — muito principalmente quando se trata do genero revista.

A montagem de uma revista custa hoje dezenas de contos. Gasta-se em guarda roupa, scenarios, adereços, orquestra, luz, artistas e corpo coral uma soma que póde classificar-se de fabulosa.

Na declamação as despesas são incomparavelmente menores. Mas ha ainda outra razão poderosa, que não permite que os preços do Teatro Maria Vitoria sejam, como eu desejaria, absolutamente populares: é a que advem das pequenas dimensões da sala de espectaculos. Com um lotação pequenissima — bem o compreende v. — não é possivel fixar os preços em quantias insignificantes, que muito agradariam ao publico — e não menos agradariam á empreza. Quanto a paralelos a estabelecer entre o teatro declamado e o teatro musicado devo lembrar a v. que em Espanha, como em França, os espectaculos das companhias de revista são mais caros que os das companhias de declamação. E essa diferença que á primeira vista póde parecer injustificada, aos olhos dos leigos, é absolutamente explicada pelos motivos que acima apontei.

Para não alongar esta carta, direi ainda a v. que nem todos os «fauteuils» custam 12$50 no teatro que actualmente estou explorando. Ha tambem «fauteuils» no preço de 7$00.

Agradecendo a publicação destas linhas e repetindo o meu agradecimento e o de toda a minha companhia pelas gentilezas cativantes de v., etc., *Antonio de Macedo.*»

Noticiario

Deve representar-se esta semana, ao que nos consta, no Politeama, a comedia franceza, adaptação de Tomaz Ribeiro Colaço, «O cambio... de marcos», com que do mesmo teatro se despede, para a sua *tournée* pela provincia, a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. A peça, em cujo desempenho toma parte toda a companhia, está sendo ensaiada pelo ilustre professor e dramaturgo sr. Augusto de Lacerda, desempenhando o actor Robles Monteiro a figura principal. Ao que nos informam é uma obra cheia de graça, com espirito scintilante; devendo por isso mesmo constituir um verdadeiro acontecimento.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes».
S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Bonecas».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Ordem de Marcha».
APOLO—A's 9,15—«Morgadinha de Valflor».
AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata».
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

VIDA SPORTIVA

Remo

Encontra-se a despacho na Alfandega um «out-rigger shell» de 8 remos para o Club Naval de Lisboa, que com o outro do mesmo tipo, que já possue, se destina á regata do Campeonato de Portugal em 8 remos «Taça Club Naval de Lisboa».

Esta prova, que é lançada pelo Club Naval e organisada pela Federação Portugueza de Remo, em setembro proximo, num percurso de 5000 metros, fica sendo a mais importante corrida de remo do nosso paiz.

Contase como certa a assecção além dos Clubs de Lisboa, dos de Setubal, Porto e talvez Figueira.

Natação

Continuam funcionando com toda a regularidade as escolas de natação do Club Naval de Lisboa, na sua jangada, que se encontra na doca de Alcantara, em frente das instalações do Club Nacional de Natação, com quem foi feito um acordo para esse efeito.

O conselho director nos termos do regulamento não permite a entrada em barcos de corridas aos socios que não obtenham primeiro o seu cartão de nadadores.

AS REPARAÇÕES

A NOTA INGLESA

está sendo um parto laborioso...

As declarações do sr. Poincaré em Senlis

Depois das declarações de Baldwin, na Camara dos Comuns, a expectativa pela nota inglesa é cada vez maior em todos os centros politicos da Europa.

A este respeito escreve «Le Matin»:

Não é antes de quinta-feira, declaram agora em Londres, que o Governo britanico submeterá ás potencias interessadas o seu projecto de resposta á Alemanha. Ha nisto uma demora que se explica, em primeiro logar pelas divisões que existem no seio do gabinete inglez sobre a fórma a dar a essa resposta. Ha ministros que a querem formal, indicando uma nova orientação politica da Grã Bretanha para o caso de não ser aprovada pelos aliados. Ha outros que pensam pedir a demissão se a resposta fôr redigida num tom inadmissivel para a França.

Concebe-se facilmente a dificuldade em redigir esse texto. Não é com efeito uma resposta inglesa, mas um projecto de resposta comum, que os diversos governos terão de examinar. E, resposta comum, implica evidentemente, uma conciliação de pontos de vista.

Na declaração lida nos Comuns por Baldwin ha alusões a um entendimento financeiro geral compreendendo as dividas inter-aliadas. E em Londres corre o boato de que, sobre este ultimo capitulo, o governo britanico fez progressos, porque se compenetra de que, se não trata de frente o assunto, não poderá contar com o apoio da Italia. Ora não se compreende como taes problemas, destinados a ser discutidos entre aliados, figurem numa nota dirigida a M. Cuno.

A agencia Reuter afirma que, na nota, a Inglaterra faz questão duma conferencia internacional de peritos. Se é esse o prato de resistencia, não é novo. Tanto a França como a Belgica confiarão a esse novo tribunal a defesa dos seus interesses.

Quanto á resistencia passiva e á ocupação do Ruhr, tambem não é facil tratar tão espinhoso problema na nota que se prepara. Aconselhar a Alemanha a terminar com a resistencia sem nada lhe oferecer em troca, seria aos olhos dos inglezes uma especie de adesão moral ás operações no Ruhr. E formular promessas... seria o mesmo que permitir aos alemães o dizer que, graças á sua politica de sabotage, haviam conquistado o direito de concluir um acordo sobre um pé de igualdade para pôr fim á luta economica.

Assinalemos ainda um ponto de litigio. Quinta-feira perguntaram a M. Baldwin se submeteria o seu documento aos Estados Unidos. Devenia responder no dia seguinte, mas parece que sexta-feira não era dia propicio... Ora parece que deste lado o Governo britanico não encontra apoio á sua politica, e que M. Hughes, ainda que partidario duma comissão de peritos para o estudo das reparações, não está disposto a ligar-se a iniciativas a embaraçar, e mesmo a isolar a França. Vê-se portanto que tanto lord Curzon como Baldwin têm carradas de razão em gastar tempo em reflexões».

As declarações do sr. Poincaré em Senlis

LONDRES, 17 — Quasi toda a imprensa franceza apoia as declarações feitas no discurso pronunciado no domingo, em Senlis, pelo sr. Poincaré de que a França nunca concordará em que se decida por meio de uma comissão internacional qual a capacidade da Alemanha para satisfazer os seus compromissos, como fôra proposto na nota alemã de 7 de Junho.

A Inglaterra aceitaria o ponto de vista alemão como base de discussão, desejosa como está de chegar rapidamente a uma resolução sobre a questão das reparações. — (R.).

Pela 1.a Vara Comercial de Lisboa, são convocados por editos de dez dias a contar da publicação deste anuncio no «Diario do Governo», os socios da Sociedade de Habitações Salubres e Economicas «O Lar Nacional», com séde na Avenida da Liberdade, n.º 14, para comparecerem na primeira audiencia de expediente, para serem ouvidos a fim de se fixar o numero de liquidatarios, determinar praso para a liquidação e especificar as atribuições que lhes ficam competindo em harmonia com o disposto no § 2.º do artigo 131 do Codigo Comercial e artigo 129 do Codigo do Processo Comercial.

As audiencias do expediente teem logar em todas as segundas e quintas feiras não sendo dias feriados, porque sendo-o, teem logar no dia imediato no edificio do Tribunal do Comercio sito na rua de S. Pedro de Alcantara, n.º 75 e pelas onze horas.

Lisboa, 2 de Julho de 1923.

O Escrivão,
Daniel de Matos

Verifiquei, o Juiz Presidente,
Sampaio

B. H. d'Almeida Limitada

Para os devidos efeitos publica-se que, em virtude da escritura publica de 15 de Junho do corrente ano, lavrada nas notas do notario dr. José Peres de Noronha Galvão, desta comarca, se reformou o pacto social desta firma, o qual ficou inteiramente substituido pelo seguinte:

1.º — A sociedade, para todos os seus actos e contractos, continua a adoptar a firma «B. H. d'Almeida, Limitada».

2.º — A séde da sociedade é nesta cidade de Lisboa, o seu escritorio na rua dos Fanqueiros, n.º 51 e, alem de outros que resolva adquirir e instalar, a sociedade possue actualmente o estabelecimento instalado na rua dos Fanqueiros, n.os 51 e 53, tornejando para a rua de S. Julião, n.os 44, 46 e 50, e bem assim o estabelecimento denominado «Ourivesaria e Relojoaria Confiança» e situado na rua dos Fanqueiros, n.os 1 a 5, tornejando para a rua da Alfandega, n.º 150.

3.º — O objecto da sociedade é o exercicio do comercio de ourivesaria, joalheria e relojoaria, e bem assim quaisquer outros ramos de comercio e industria que a sociedade resolva explorar, com excepção do comercio bancario.

4.º — A duração da sociedade é por tempo indeterminado.

5.º — O capital da sociedade, correspondente á soma das quotas dos três socios, é da importancia de 17.000$00.

§ 1.º — A quota do socio Bernardino Henriques de Almeida é da importancia de 9.000$00 e cada uma das quotas dos socios Victor Chaves de Almeida e Benjamim Rodrigues Costa é da importancia de 4.000$00.

§ 2.º — Todas estas quotas estão completamente liberadas e acham-se representadas nos valores do activo social.

§ 3.º — Nos futuros aumentos de capital social terão os socios o direito de preferencia para a respectiva subscrição, e sómente quando os socios não queiram usar dêsse direito, será a subscrição oferecida a terceiros.

6.º — Não haverá prestações suplementares, mas os socios poderão fazer á sociedade os suprimentos de que esta porventura carecer, os quais vencerão os juros da taxa de desconto do Banco de Portugal, salvo qualquer outro acordo a tal respeito.

7.º — E' permitida, independentemente do consentimento da sociedade, a cessão de quotas a favor de socios, e bem assim a divisão das quotas sociais para o mesmo efeito.

8.º — Fica dependente do expresso consentimento da sociedade a divisão de quotas pelos herdeiros ou representantes do socio falecido, sob pena de ineficacia juridica dos actos praticados sem êsse consentimento, mas para êle ser recusado deverá a respectiva deliberação ser tomada por dois terços, pelo menos, dos votos correspondentes a todo o capital social.

9.º — A cessão de quotas a favor de estranhos, bem como a sua divisão para êsse efeito, ficam dependentes do expresso consentimento da sociedade, sob pena de não terem para com ela eficacia juridica os actos e contractos que infringirem esta estipulação.

§ 1.º — O socio que pretender ceder a sua quota deverá participá-lo á gerencia em carta registada, indicando o nome do cessionario pretendente e o preço ajustado.

§ 2.º — A gerencia convocará todos os socios a uma reunião, que terá lugar nos 15 dias subsequentes á participação, a fim de ser resolvida a pretensão.

§ 3.º — A sociedade terá sempre o direito de preferencia na aquisição da quota e, depois dela, os outros socios, pagando-a pelo valor que lhe haja sido atribuido no balanço a que deverá então proceder-se para determinação dêsse valor.

§ 4.º — Não sendo exercido o direito de preferencia a que se refere o paragrafo anterior, nem pela sociedade nem pelos outros socios, poderá a quota ser livremente cedida.

§ 5.º — O socio Bernardino Henriques de Almeida, independentemente do consentimento da sociedade, poderá ceder, total ou parcialmente, a sua quota a quem pretender, ouvindo os outros socios para lhes dar preferencia em igualdade de circunstancias.

10.º — Pela morte ou pela interdicção de algum socio poderá a sociedade resolver amortizar a respectiva quota, sendo essa resolução tomada dentro dos 30 dias subsequentes ao falecimento ou ao transito da sentença declaratoria da interdicção.

§ 1.º — Esta resolução só poderá ser tomada pela maioria de votos a que se refere o artigo 8.º desta escritura, e o pagamento da quota aos herdeiros ou representantes do falecido ou interdicto terá por base o valor determinado na conformidade do paragrafo terceiro do artigo precedente, acrescido dos lucros correspondentes á data do falecimento ou da sentença declaratoria da interdicção, determinados pelo balanço a que então se proceder.

§ 2.º — O pagamento da quota amortizada será feito por uma só vez e no prazo de seis meses a contar da data da deliberação da amortização.

11.º — A gerencia e administração dos negocios da sociedade e a sua representação, em juizo e fora dêle, activa e passivamente, serão exercidas pelo socio Bernardino Henriques de Almeida, que, na sua qualidade de gerente nomeado, com dispensa de caução e sem remuneração, será o unico a fazer uso da firma social.

§ 1.º — O socio gerente, mediante procuração bastante, poderá delegar, total ou parcialmente, as funções da gerencia social, dando sempre a preferencia aos outros actuais socios.

§ 2.º — Não é obrigado o socio gerente a permanecer e trabalhar no escritorio e estabelecimentos da sociedade, podendo frequentá-los sómente quando julgar conveniente, sem que a sua ausencia por qualquer motivo importe a perda ou diminuição dos seus direitos de gerente.

§ 3.º — Os socios Victor Chaves de Almeida e Benjamim Rodrigues Costa prestarão á sociedade os seus serviços nos mesmos termos em que até agora o têm feito.

§ 4.º — Nem o socio gerente nem os mandatarios em quem êle delegar a gerencia poderão obrigar a sociedade em actos e contractos alheios aos negocios sociais, tais como fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de responderem por todos os prejuizos que assim lhe ocasionarem.

12.º — As assembleias gerais ordinarias e extraordinarias, quando todos os socios não acordem por escrito nos assuntos a resolver, serão convocadas pela gerencia mediante cartas registadas dirigidas aos socios com 5 dias de antecedencia, pelo menos, sendo nelas sempre indicado o assunto a resolver, exceptuando-se os casos em que, por lei, seja exigida outra forma de convocação.

13.º — A escrituração da sociedade andará sempre devidamente arrumada e por ela será dado um balanço anual aos negocios da sociedade.

§ unico. — Os balanços serão fechados com referencia ao dia 31 de Dezembro de cada ano e deverão ser submetidos á aprovação dos socios dentro dos 4 meses subsequentes, tornando-se irreclamaveis depois de aprovados.

14.º — Os lucros liquidos da sociedade, verificados pelo respectivo balanço anual, depois de deduzida a percentagem de 5 por cento, pelo menos, para Fundo de Reserva Legal, serão divididos pelos socios na razão de quarenta por cento para o socio Bernardino Henriques de Almeida e de trinta por cento para cada um dos socios Victor Chaves de Almeida e Benjamim Rodrigues Costa.

§ unico. — Em igual proporção serão divididas as perdas que o balanço anual porventura acusar.

15.º — Alem dos casos legais em que a sociedade poderá ser dissolvida, o socio Bernardino Henriques de Almeida, quando assim o julgar conveniente, terá o direito de a dar por finda, propondo aos outros socios ou requerendo em juizo a sua dissolução.

16.º — Em qualquer caso de dissolução da sociedade, quer acordada particularmente, quer decretada judicialmente, o socio Bernardino Henriques de Almeida terá o direito de ficar com todo o activo e passivo social, pagando aos outros socios a importancia das respectivas quotas pelo valor da sua amortização nos termos desta escritura.

17.º — Para todas as questões emergentes dêste contracto entre os socios, seus herdeiros e demais representantes, ou entre a sociedade e qualquer destas entidades, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa com renuncia expressa a qualquer outro.

18.º — Nos casos omissos regulará a lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 16 de Julho de 1923. — Pela firma B. H. d'Almeida, Limitada, *Victor Chaves d'Almeida.*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4433-15.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA | Quarta-feira, 18 de Julho de 1923 | Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 | Preço 15 centavos

LONDRES, 18.—O sr. Asquith ex-chefe do governo publicou um livro intitulado a «Origem da Guerra» no qual expõe e defende a politica inglesa seguida durante a guerra de 1914 e em que prova que a acusação feita á Inglaterra de ter querido cercar a Alemanha não tem qualquer fundamento.—(R.)

Um incidente grave

Na sessão de ontem, onde se começou a discutir o incidente Antonio Maia, o Governo não obteve senão uma maioria numericamente escassa e ainda mais moralmente fraca, se atendermos ás condições politicas em que foi obtida.

Com efeito, tendo o deputado nacionalista o sr. Pedro Pita apresentado uma questão previa, segundo a qual o pedido do Governo para serem retiradas as imunidades parlamentares ao sr. Antonio Maia deveria baixar ás comissões respectivas para darem o seu parecer, questão prévia que o Governo não aceitou, reconheceu-se, efectuada a eleição, que o ponto de vista governamental alcançara apenas uma maioria de 7 votos, contando-se entre estes o da minoria monarquica. Não sabemos se tambem votaram ministros. Sendo assim, a significação do facto avultará ainda mais.

Póde dizer-se que a votação da questão prévia constituiu um primeiro calculo das forças em presença; mas se essa proporção ainda se agravar para o governo, com a votação da moção de confiança, que não é natural contar com os votos monarquicos, dificilmente o actual gabinete se poderá manter no poder.

Com efeito, numa questão desta ordem não é admissivel uma maioria mesquinha, porque se trata dum caso que póde analisado por aspectos realmente gravissimos.

Não ha duvida que a questão da disciplina militar é altamente atendivel, e nesse ponto de vista o procedimento do capitão sr. Antonio Maia é evidentemente censuravel. Mas tambem a questão das imunidades parlamentares é altamente atendivel, e é preciso que elas não sejam atingidas senão duma maneira absolutamente regular.

Uma incorrecção não justifica outra incorrecção, e se a disciplina militar deve ser mantida, os direitos do Parlamento não o devem ser menos.

Evidentemente, a questão é melindrosa mas não se pode fazer dela uma questão fechada, invocando a disciplina partidaria. Os deputados têm de resolver em plena liberdade de espirito. E só assim a sua resolução poderá impor-se á propria opinião publica.

O que o Parlamento vai decidir constituirá um precedente. Se esse precedente não fôr justo, obedecendo mais ás paixões e aos interesses partidarios do que á logica e ao bom senso, ele ficará representando uma péssima acção.

Nesta ordem de ideias, é intuitivo que será deploravel ver a solução adoptada triunfar por uma maioria insignificante. Cada voto que lhe faltar para que verdadeiramente se imponha, tirar-lhe-ha uma parcela da sua força.

Discuta-se, mas com serenidade. Resolva-se, mas com independencia.

Só assim este incidente poderá considerar-se bem resolvido.

A emigração

para os Estados Unidos

NEW YORK, 18 — O sr. Curran oficial-mór dos serviços da emigração desta cidade vai submeter ao comissario em chefe da emigração que vem a esta cidade proveniente de Washington, um plano para evitar a aglomeração de emigrantes nos portos americanos e para evitar que milhares deles tenham que voltar aos seus portos de partida. O sr. Curran propõe um acordo em virtude do qual as companhias de navegação deveriam telegrafar da Europa qual o numero e a nacionalidade dos passageiros que se propõem transportar para os Estados Unidos. As repartições de emigração notificaram a essas companhias se esses emigrantes podiam ser recebidos. — R.

A QUADRILHA VERMELHA

O "Avante,, passador de moeda falsa

Na explosão de bombas no edificio da C. G. T. foram encontrados 600 escudos em notas falsas, pertencentes ao famigerado bombista

Tres cartas sobre o caso

Sendo já bastante edificante, o que temos dito ácerca da biografia do «Avante» ainda não é tudo. A êste respeito — quanto mais se diz, mais fica para dizer... A biografia do «Avante» é de respeito!

Senão, vejamos êstes novos capitulos:

* * *

Em fins de 1921, — o leitor lembra-se? — deu-se uma gravissima explosão de bombas, de que resultaram bastantes mortos e feridos, numa dependencia da C. G. T. Era ali, nessa dependencia, que o sinistro grupo do «Avante» confeccionava, com todos os cuidados e com uma meticulosa regularidade que faz calafrios, os terriveis explosivos que, em dado momento — quando fosse necessario ou quando pagassem — deviam estoirar nas ruas da cidade, ceifando vidas, recrutando enfermos ou moribundos para os hospitais...

A explosão deu-se, alarmando a cidade, apavorando-a, colocando-a diante da realidade que, cegamente, persistia em não querer verificar. Depois, pisando os escombros ainda fumegantes, apareceram alguns agentes da P. S. E. Fizeram buscas, indagações; removeram os escombros, ainda sangrentos, revistaram os escassos moveis trucidados. E encontraram, empacotadas, cedulas no valor de 600 escudos. Eram novas. Os maços estavam intactos.

— A quem pertenciam?

Pelo menos — foi o raciocinio que brotou na mente dos agentes — havia ali dinheiro, bastante dinheiro, como se via!...

Indagáram mais. Revistaram tudo — e encontraram cartas. Por elas se constatou que os 600 escudos pertenciam ao «Avante»... e que as notas eram falsas...

* * *

De resto, ha já muito tempo que, alem do mais, sobre o «Avante» pesa a acusação de passador de moeda falsa. A sua actividade dividia-se por mil «ocupações» e a sua extraordinaria fantasia comprazia-se em descobrir «negocios».

E' natural que êste de passar moeda falsa lhe sorrisse...

O que é certo é que isto se apurou — e o resultado das investigações ficou no arquivo da P. S. E.

Estarão lá ainda?

Mas o «Avante» era tambem elemento activo de revoluções — de qualquer côr, ou sem côr definida.

Por exemplo, em 1922, um grupo financeiro que dispunha de boa reserva de cambiais, provenientes de solidas exportações, entendeu que era negocio seguro fantasiar uma revolução... que influisse na divisa cambial, de modo a desvalorizar ainda mais o escudo.

Assim se fez. Foi chamado um conhecido agitador e desordeiro, cujo «sobriquet» é muito familiar na Praça da Figueira e, em troca de compensações, monetarias chorudas e tentadoras, o homem comprometeu-se a «montar a peça». As bombas entrariam como elemento principal — e o «Avante» foi chamado, solicitando-se o seu concurso. Ajustou-se o preço e, como as condições fossem aceites, o «Avante» recebeu o sinal.

Entretanto, o outro, o agente da revolução, manobrava a «revolução radical». Ia de Lisboa ao Porto e vinha do Porto a Lisboa com todo o ar de um triunfador. Em Lisboa, dizia que o Porto aceitava em massa a revolução; no Porto, afirmava que toda a Lisboa estava comprometida nela... No fim de contas, tudo isto era historia.

* * *

Afinal, no dia aprazado, depois de uma conveniente preparação de boatos, que tinham como objectivo depreciar o escudo, a «revolução» rebentou... Quere dizer rebentaram algumas centenas de bombas que produziram varias mortes e numerosos feridos — sobretudo crianças. A quadrilha do «Avante» cumprira o contracto. De certo, os outros tambem, pagando o serviço.

O que é certo é que a libra subiu escandalosamente, visto que foram enviados para o estrangeiro, com vistosa profusão, telegramas noticiando a eclosão de uma nova revolução radical — e que, depois, o Governo anunciava a ordem garantida. Quem parece que ficou garantido foi o «Avante», com a paga dêste sinistro frete.

* * *

Recebemos hoje as seguintes cartas, o que não queremos deixar de publicar, visto que são elementos de valia, secundando o nosso ponto de vista. Um esclarecimento, porém, julgamos de nossa obrigação fazer: desde que publicámos ontem a carta do sr. Virgilio Pinhão, esclarecendo as afirmações respeitantes a Nascimento Cunha, pareceu-nos ocioso atribuir-lhe afirmações que não fez.

Seguem as cartas:

«*Sr. Manoel Guimarães — Meu presado amigo* — No seu conceituado jornal de 16 do corrente assevera o sr. Virgilio Pinhão que o meu amigo Nascimento Cunha faz parte duma quadrilha de malfeitores. Conheço o alvejado que faz parte, como eu, do Partido Comunista. Que Nascimento Cunha incomode as autoridades pela sua actividade politica e pelo seu espirito organisador, eu admito. Ha, porém uma constituição politica que permite tudo isto. De Nascimento Cunha não conheço um só acto que desmereça a minha solidariedade. De v. etc., *J. Carlos Rates*.»

«*Sr. Manoel Guimarães* — Tendo sido publicada uma entrevista no vosso jornal no dia 16 do corrente, de autoria do sr. Virgilio Pinhão, rogo a v. se digne publicar o seguinte:

1.º — Que não é esta a ocasião propria para esclarecimentos das razões que motivam esse senhor referir-se ao meu nome.

2.º — Que desde já repilo energicamente todas as insinuações do mesmo senhor, voltando ao assunto em ocasião oportuna.

Pela publicação desta muito grato fico — De v. etc., *Nascimento Cunha*.»

«*Sr. director* — Nos numeros de 16 e 17 do corrente publicou «A Capital» uma entrevista e um artigo sobre a epigrafe «Os bandidos vermelhos» e «Os quadrilheiros vermelhos», que necessitam de uma imediata retificação. Já o Partido Comunista desmentiu categoricamente esses pontos. Todavia algumas considerações entendo dever ainda fazer sobre o assunto, para que na opinião publica não continue a prevalecer o errado criterio de que os comunistas portugueses são todos assassinos. Digo todos porque admito a possibilidade de algum o ser, caso que não é nada de estranhar, pois todos sabem que assassinos existem em todos os partidos.

Afirmou o sr. Virgilio Pinhão que Nascimento Cunha «é um dirigente duma facção do Partido Comunista» e que Nascimento Cunha, o «Avante» e «Bela-Kun» são o terrivel triumvirato a que os «quadrilheiros vermelhos» obedecem. No que respeita ao «Avante» e ao «Bela Kun» não posso dizer nada porque não os conheço. No que respeita, porém, ao Nascimento Cunha, peço licença ao sr. Virgilio Pinhão para o desmentir. Este comunista não faz parte do tal triumvirato, nem pode fazer, porque, afirmo, Nascimento Cunha não tem nenhumas responsabilidades nos atentados que nos ultimos tempos se têm cometido. Pelo contrario, Nascimento é um elemento avançado absolutamente contrario á prática de atentados. A sua acção junto do «Avante» e de outros elementos foi sempre no sentido de os evitar.

Esta minha afirmação parece-me que pode ser corroborada por alguem que, pertencendo actualmente ao Governo, conhece muito bem a conducta revolucionaria de Nascimento Cunha. Porque é pois acusado Nascimento Cunha de bombista? Por falar com o «Avante»? Mas então todos os politicos, em Portugal, são bombistas a seguir-se esse criterio. E até o Governo o é porque o partido democratico tem conseguido manter-se sempre no poder mercê de movimentos revolucionarios em que o uso da bomba pelos seus filiados ou defensores não é coisa ignorada por ninguem.

Vê-se que o sr. Virgilio Pinhão, quando foi da P. S. E., não teve tempo ou não soube investigar bem tão melindroso assunto. Sobre Nascimento Cunha ainda posso fazer esta afirmação: só usou de armas para defender a Republica primeiro em 5 de outubro, onde casualmente eu e ele ajudamos a fazer uma barricada, e depois em Monsanto. Outra afirmação, para terminar, e esta não só para o sr. Pinhão ler mas tambem para nela ponderar o Governo: sou comunista. Tenho pelo uso da bomba e da pistola como «ultima-racion» em questões pessoais ou de méra politica uma tão grande aversão instintiva que se estivesse convencido que o Partido Comunista era um partido de bombistas ha muito já que não faria parte do numero dos seus filiados.

Pela publicação desta carta desde já me considero, de v. etc., *Antonio Lopes*.»

T. S. F.

Uma nova estação

ligando todo o Imperio britanico

LONDRES, 18.—Sir Worthington Evans ministro dos Correios e Telegrafos comunicou ao Parlamento que o seu ministerio tinha comprado 800 acrás de terra proximo de Rugby para a instalação duma poderosa estação de telegrafia sem fios que servirá de elo na cadeia de estações de telegrafia sem fios que ligarão todo o Imperio britanico.—(R.)

Tribunal Militar

Está marcado para amanhã, no Tribunal de Santa Clara, o julgamento do capitão sr. Cabrita, que em Outubro de 1921 era comandante do batalhão da G. N. R. aquartelado em Santa Barbara, sendo acusado de não impedir a prisão do almirante Machado Santos.

O capitão sr. Cabrita deve ser defendido pelo capitão aviador sr. Antonio Maia.

EM JAFFA

Rixas entre judeus

As autoridades militares tomam providencias

JAFFA, 18.—Tem havido rixas entre os emigrantes judeus que não conseguem encontrar trabalho. As autoridades militares dos postos de Jaffa e Jerusalem em vista da gravidade da situação enviaram para esta cidade destacamentos de policia militar e carros blindados. Os disturbios do bairro judeu de Tel Aviv tomaram um aspecto de grande gravidade.

As rixas entre os judeus foram finalmente dominadas por uma carga dada pela policia ingleza que fez uso dos seus «casse-têtes». Foram presos 25 judeus, ficaram muitos feridos, que foram enviados para os hospitais e um morto. Lavra entre todos os israelistas uma grande excitação.—(R.)

REPARAÇÕES

A resposta ingleza

não está ainda redigida

LONDRES, 18—Ainda não está terminado o esboço da nota ingleza que será enviada á Alemanha em resposta á nota desta Nação de sete de junho.

Supõe-se porem que hoje fique terminada, devendo ser examinada em conselho de ministros e devendo ser enviada a todos os aliados para que estes a examinem até ao fim da semana corrente. O governo inglez evitará demoras porque o problema das reparações é aqui considerado da maxima urgencia, devendo as negociações continuar o mais rapidamente possivel.—(R.)

Ainda o discurso de Senlis

LONDRES, 18—Apesar dos jornais continuarem a apreciar o discurso pronunciado pelo sr. Poincaré em Senlis e a considerá-lo como uma resposta indirecta ás declarações feitas pelo governo britanico no Parlamento, nos meios oficiais não se considera esse discurso como uma replica ás considerações feitas na comunicação ingleza. Os correspondentes em Paris dos jornais inglezes são tambem de opinião que se não deve considerar o discurso do sr. Poincaré como uma resposta indirecta á nota ingleza porque a politica do Quai d'Orsay pode ainda inclinar-se a um ponto de vista mais moderado que permita que a replica a enviar á Alemanha seja assinada por todos os aliados.— R.)

A França examinará detidamente a nota inglesa á Alemanha

LONDRES, 18. — Dizem de Paris que a nota inglesa que replica á comunicação alemã sobre a questão das reparações será examinada com muita atenção pelo gabinete francez numa reunião especial, em onde se que a nota permita que a França responda a ela sem expressar uma absoluta discordancia. O governo inglez poderia propor o envio duma nota preliminar a Berlim assinada por todos os aliados declarando que se o governo alemão ordena formalmente a cessação da resistencia passiva a França e a Belgica estão prontas a modificar o caracter da ocupação da região do Ruhr e todos os aliados examinarão então as garantias e seguranças propostas pela Alemanha na sua nota de sete de junho.—(R.

"Novela Sucesso"

Saiu o n.º 19, que é constituido por uma interessante novela de Eduardo Frias, «O triunfo da Arte». O critico oficial da «Capital» se referirá a ela mais de longo, na sua habitual cronica dos livros.

Um pedido do rei

O sr. Mussolini toma uma atitude moderada

ROMA, 18 — A crise aberta no partido popular por motivo da reforma eleitoral ameaça tornar-se muito grave, tendo aumento o numero de demissões. O sr. Mussolini satisfazendo os desejos do rei que deseja que se chegue a um acordo amigavel, depois das camaras lhe terem dado uma votação favoravel reabriu as negociações com os leaders dos partidos acerca da reforma eleitoral. A grande maioria da imprensa italiana louva esta atitude moderada do sr. Mussolini que reagirá sem duvida sobre os socialistas e as Trades-Unions. — R.

EM

ULTIMAS NOTICIAS

Quem matou as crianças encontradas na rua da Escola Politecnica?

Foi

A filha do general sr. Garcia Guerreiro

REGRESSO AO NINHO...

O "Rouxinol de Bernardim..."

Da Baía de Guanabara até ao Rio de la Plata

Uma viagem triunfal!

Cacilda Ortigão

conta-nos as impressões de uma "tournée"

O Rouxinol de Bernardim voltou ao ninho: Cacilda Ortigão regressou a Portugal, de uma longa e triunfal «tournée» pelo Brasil e pela Argentina.

Um amigo levou-nos a casa de Cacilda Ortigão, o Rouxinol de estranhas e enternecedoras modulações na voz, que andou a trinar lá por fora as nossas canções cheias de beleza, tecidas de lirismo e de saudade.

Acolhidos carinhosamente pela artista consagrada tão entusiasticamente pelo Brasil e pela Argentina, estabeleceu-se, rapido, entre nós, uma familiaridade, quasi o á-vontade de velhos amigos.

Cacilda Ortigão vem um pouco mais forte, a tez com aquela coloração moreno-leite, mate-espuma, que caracteriza, deliciosamente, a mulher brasileira e argentina.

* * *

— As suas impressões?...

Cacilda Ortigão, na sua voz que denuncia cantora, numa pronuncia acusando longas estadias no Brasil:

— Magnificas! Venho encantada. O Brasil é um país admiravel, de intenso progresso, de extraordinaria cultura!

— Por onde andou?

— Por todo o litoral. Cidades modernas, com todos os requisitos e encantos modernos. Populações ilustradas, professando o culto da hospitalidade carinhosa. Que belas cidades eu vi, pasmada!...

— E os portugueses?

— Os mesmos por toda a parte: sentimentais, os olhos postos na Patria, vivendo no culto da terra e do lar. Trabalhadores infatigaveis, cidadãos exemplares em toda a parte. E — não imagina! — de uma gentileza, com um tal sentido da solidariedade, que comove e encanta.

— Na Argentina?...

— Acolhida tão carinhosamente como no Brasil.

— Onde cantou?

— Em Buenos Aires, Rosario de Santa Fé, Baia Blanca...

— O mesmo sucesso em toda a parte, não?

Modestamente, Cacilda Ortigão disse apenas:

— Sim, trataram-me com a mais requintada gentileza.

— Deu muitos concertos em Buenos Aires?

— Bastantes. No Coliseu, que é o segundo teatro lirico, e no Odeon, onde inaugurei a epoca dos concertos.

— Tomou parte numa festa de beneficencia?

— Sim. Em beneficio da Caixa de Socorros da Colonia Portuguesa. Eu cantei e Rosario Pino representou o primeiro acto da «Malvalouca».

— Magnifico! Sabemos que Rosario Pino não dá o seu concurso a espectaculos dêsse genero...

— Pois não — confirmou Cacilda Ortigão. Mas abriu uma excepção para nós. Foi um espectaculo magnifico. Um triunfo!

— Para si, já se vê.

Cacilda Ortigão sorriu apenas.

* * *

A modestia da artista que insistia em não falar de si, impressionava-nos e desfalcava-nos. Cacilda Ortigão, acedendo aos nossos rogos, facultou-nos a sua colecção de recortes de jornais. Um assombro. Folheámos, bisbilhotámos. Estava ali toda a imprensa dos dois grandes e explendorosos paises em que a artista colheu os mais abundantes e os mais gloriosos loiros.

O enternecimento, a admiração, o entusiasmo da imprensa do Brasil e da Argentina é manifesto e comunicativo. Lendo os jornais, o nosso orgulho infla e aquece. São os grandes, os colossais periodicos das grandes cidades; são os pequenos jornais das cidades distantes, que se descobrem diante da artista insigne, publicando-lhe o retrato e proclamando-a a mais completa, a maxima, a suprema. Madame Jeanne Dumas, que é em Buenos Aires a autoridade indiscutivel, o arbitro nos grandes meios liricos, levou a Cacilda Ortigão o seu aplauso veemente, a sua enternecida admiração, consagrando a artista portuguesa, que tão alto soube colocar o nome do seu país, depondo nas aras da Patria distante, votivamente, as rosas triunfais da sua gloriosa carreira, o maior soprano ligeiro da actualidade. E, acompanhando, em côro, madame Jeanne Dumas, todos os jornais teceram em torno de Cacilda Ortigão a rêde apertada e luminosa de uma consagração definitiva.

Apresentada a uma «élite» da grande capital argentina, de que gostá imenso, que considera uma das maiores, mais belas e mais modernas capitais do mundo, numa audição intima promovida pelo ilustre ministro de Portugal, dr. Alberto de Oliveira, Cacilda Ortigão era, no dia seguinte, um nome que andava na berra, uma figura que a imprensa consagrava. E começou, nesse dia, a sua celebridade e dos poetas e artistas que ela revelava e interpretava maravilhosamente: Alberto de Oliveira, Julio Dantas, Augusto Gil, Antero de Figueiredo, Sousa Costa, Antonio Correia de Oliveira, conde de Sabugosa, Aquilino Ribeiro, D. Branca de Gonta Colaço, João de Ramos...

David de Sousa, Rey Colaço, Viana da Mota, Oscar da Silva, Rui Coelho, Tomás de Lima, Antonio Viana, Julio Neuparth...

* * *

— Demora-se em Portugal — preguntámos, terminado o inventario dos recortes de jornais.

— Demoro uns meses.

— Volta, então, á America do Sul?

— Não. Conto ir á America do Norte.

— Antes disso dará uma audição em Lisboa...

— Não sei. Ainda não pensei nisso.

— Não pensou?!

Cacilda Ortigão não respondeu — ou melhor, respondeu com um sorriso, disfarçando talvez uma confissão ocultando uma surprêsa agradabilissima.

Rodámos de assunto.

Outra pregunta:

— A sua questão com o Comissariado da Exposição do Rio de Janeiro?

Cacilda Ortigão rectifica:

— Não tive questão nenhuma com o Comissariado. Foi com o antigo comissario, sr. Lisboa de Lima.

Na verdade, não era a mesma coisa.

Com uma série de preguntas fizemos um cêrco. Cacilda Ortigão desenvencilhou-se assim:

— Não vale a pena falar nisso. Uma lástima! Nem quero lembrar-me de que o meu país se fez representar, inadvertidamente, por uma pessoa que em tão pequena conta tem a sua palavra e os seus compromissos...

Umas frases mais ao acaso e Cacilda Ortigão estendeu-nos a mão pequena e gentil, delicada e fina como a plumagem do rouxinol que lhe ensinou o segredo perturbante dos seus trinados maravilhosos, que enebriam a alma e fizeram chorar, em Buenos Aires, os rudes portugueses que por lá labutam, activamente, febrilmente, gloriosamente...

D. Luiz Rodriguez Figuerôa

De passagem para Madrid esteve ontem em Lisboa, dando-nos o prazer da sua visita, o distincto escritor D. Luiz Rodriguez Figuerôa, advogado em Santa Cruz de Tenerife.

Rodriguez Figuerôa, que é um admiravel poeta, cujas obras são apreciadissimas tanto na Peninsula, como na America do Sul, vai á capital do paiz visinho tratar do indulto dum jornalista de Santa Cruz, ha pouco condenado por abuso de liberdade da imprensa. Tenciona, depois seguir em viagem de recreio pelas capitais da Europa até Petrogrado, devendo no seu regresso publicar o seu novo livro de versos, que os seus admiradores fervorosamente esperam.

No n.º de amanhã

Novas reflexões

do policia amador sobre o caso da senhora alemã do Hotel Francfort

ULTIMA HORA

A FRANÇA

nas regiões ocupadas

Noticias falsas em jornais alemães

COLONIA, 18.—Um jornal alemão desta cidade publicou ultimamente a falsa noticia de que tinha havido uma sublevação entre as tropas francezas do Ruhr. O governo francez pediu ás autoridades inglezas que imponham uma retificação ao periodico e que suspendam alem disso a sua publicação.—(R)

UM DISCURSO

de Douglas Haig

Sobre o armamento da Inglaterra

LONDRES, 18.—O marechal Douglas Haig declarou num discurso recentemente pronunciado que a Inglaterra só poderá realisar os seus ideais de paz se estiver bem armada. O antigo comandante do exercito inglez em França, acrescentou que um povo sem armas não pode obter nem o respeito nem a amizade dos seus visinhos.—(R)

Inquilinato

As Juntas de Freguezia

promovem uma manifestação ao Parlamento, afim de pedir a aprovação da lei do sr. Catanho de Menezes

A assembleia de ontem dos representantes das Juntas de Freguesia de Lisboa ocupou-se da lei do inquilinato, sendo lida na mesa uma larga exposição da comissão de defesa dos inquilinos, que se resolveu fosse remetida ao conselho central para seu estudo.

O sr. Emilio Braga, representante da Junta de S. Sebastião, informa á assembleia dos trabalhos daquela junta ácerca da questão do inquilinato. A referida junta telegrafara ao presidente do Senado da Republica pedindo-lhe urgencia na discussão da lei do inquilinato, e ao sr. ministro da Justiça solicitando que suspendesse os mandados de despejo até o Parlamento se pronunciar definitivamente sobre o assunto.

O orador, em seguida, lembra a conveniencia das Juntas se dirigirem ao Parlamento a pedirem a aprovação da lei do inquilinato dentro do actual periodo legislativo, sendo acompanhadas pelo deputado sr. Bartolomeu Severino.

O sr. Bartolomeu Severino entende que o que se deve pedir ao Parlamento é a discussão e aprovação do projecto do sr. dr. Catanho de Menezes dentro do actual periodo legislativo, e que as juntas devem convocar o povo de Lisboa a acompanhá-las na sua missão. Conclue o orador por propôr que as Juntas de Freguesia e o povo de Lisboa se reunam na proxima sexta feira, ás 18 horas, junto do edificio do Congresso da Republica, devendo o conselho central das Juntas, com o sr. Emilio Braga, entenderem-se com as varias entidades parlamentares sobre o assunto.

Esta proposta foi aprovada por aclamação, ficando o conselho das Juntas de mandar afixar 10.000 «placards», generosamente oferecidos pelo sr. Emilio Braga, e nos quais se convida o povo de Lisboa á reunião junto do Parlamento.

Tambem foi aprovada uma proposta do sr. Emilio Braga para se telegrafar ás Juntas de Freguesia do Porto, convidando-as a acompanhar as de Lisboa no seu movimento de protesto contra a atitude dos senhorios, e uma outra, do sr. João Graça, para, no caso do Parlamento não votar a lei até 5 de Agosto, se convidar o povo de Lisboa a um comicio publico.

Algumas reflexões dum grupo de inquilinos

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Sr. redactor. — Um grupo de inquilinos de que faço parte vem, por este meio, patentear o seu reconhecimento e gratidão ás juntas de freguesia de Lisboa e Porto e a esse conceituado jornal pelo grande auxilio e valiosissima protecção que estão dispensando aos inquilinos vitimas da gánancia de certos senhorios, a fim de se conseguir a aprovação imediata da lei do dr. Catanho de Menezes e a anulação completa de todos os processos pendentes. Causou regosijo ver que ainda ha quem se coloque ao lado do povo para defender os seus interesses ameaçados. Os Poderes Publicos teimam em cruzar os braços e deixar correr o marfim; se porventura vier a dar-se qualquer acontecimento grave, então é que se tomarão providencias imediatas. Ponderem que o assunto é grave e que ha muitos descontentes, fartos de serem molestados por senhorios pouco escrupulosos.

Ouvi dizer que um proprietario pretende desalojar uma escola, alegando falta de contracto. Já se tomaram medidas para obstar a esse despejo. Ao desaparecimento dos arrendamentos, que é um caso grave, ninguem liga importancia, nem se tomam providencias para evitar a continuação do furto.

A lei actual de nada serve; são dessa opinião o digno ministro da Justiça e os magistrados. Porque se espera então para a modificar? Talvez aguardem que a paciencia se exgote. Espero em breve poder indicar o local para onde os inquilinos poderão formular as suas queixas. Ha senhorios sérios, honestos e respeitadores das leis, mas, infelizmente, são poucos e são alcunhados pelos ambiciosos de pobres diabos.

Sem mais, por um grupo de inquilinos, *José Rodrigues — Joaquim de Araujo*.

Fabrica de bombas

Noticiámos ha dias, com o desenvolvimento que o caso merecia, a busca feita numa importante fabrica de bombas, em casa de varios bombistas, busca que se estendeu até uma casa de S. Bartolomeu da Charneca, onde funciona a junta de freguesia dêsse nome.

A junta não se conformou com êsse acto, que julga arbitrario, e oficiou á Federação das Juntas de Freguesia participando o sucedido.

Está claro que essa junta repele indignadamente qualquer solidariedade, por menos indirecta que seja, com os bombistas, e é assim que se sentiu agravada com a busca.

A Junta de S. Bartolomeu da Charneca está resolvida a apelar para o sr. ministro do Interior.

Presidente da Republica

Durante a tarde de hoje correu o boato de que os padecimentos do ilustre Chefe do Estado se tinham agravado por forma a inspirar sérios cuidados.

Tendo-nos informado junto do sr. Antonio Maria da Silva e noutras estações oficiaes, foi-nos assegurado que a saude do sr. dr. Antonio José de Almeida é neste momento muito animadora.

Tambem o sr. Jaime Atias, secretario particular de s. ex.ª, nos disse ter recebido um telegrama, expedido ás 2 horas, do Gerez, em que dava o venerando Chefe do Estado como consideravelmente melhor.

Pouco depois, o sr. Jaime Atias poude comunicar, por intermedio da estação telegrafica de Braga, com o chefe da estação do Gerez, que confirmou aquele telegrama.

Com o maior prazer, comunicamos isto aos nossos leitores, fazendo votos porque o restabelecimento completo de s. ex.ª se faça rapidamente.

Tarde politica

O conflito ministerial.—A reunião do grupo democratico

Para não reincidirmos em previsões que se não realisam, optaremos de futuro por tirar da indole circunstancial dos factos parlamentares as conclusões contra indicadas.

Em presença do que se passou ontem na Camara dos Deputados toda a gente estava autorisada a supor que o Governo tinha os seus dias contados.

O sr. ministro da Guerra, colocando-se por detráz do biombo da disciplina militar, pretendeu esquivar-se a uma interpelação, fechando a boca do deputado interpelante com as chaves dum presidio militar.

A camara irritou-se. A minoria nacionalista disse coisas asperas ao Governo. O sr. Antonio Maria da Silva, a quem o sr. Cunha Leal maltratou pela apresentação da proposta governamental, deu homem por si, que não logrou senão complicar o incidente.

— O ministro da Guerra não ha de ser ressuscitado á custa do sacrificio das imunidades parlamentares — gritou-se do lado da propria maioria.

E, estando o Governo solidario inteiramente com o titular da Guerra, tudo levava a crer que se demitiria com ele, visto que o aspecto moral da questão é grave.

Não ha nada disso. Não cái o Governo. Pretende-se mesmo que fique o ministro da Guerra.

E' certo que o sr. coronel Freiria seria recebido hostilmente se tivesse a audacia de se apresentar na camara.

E' tambem possivel, quasi certo mesmo, que o Governo quebre essa solidariedade com aquele ministro para se aguentar até á eleição presidencial, visto que a sua queda neste momento traria graves complicações politicas ao paiz.

Mas sucederá realmente isto, que não é se não a reprodução do que ouvimos pelos Passos Perdidos?

Cremos que não, por mais que nos digam. Dentro de 48 horas a situação governamental deve ser sériamente complicada.

* * *

Reuniu o grupo parlamentar democratico para se ocupar do incidente. Em nome dêsse grupo, o deputado sr. Abilio Marçal vai apresentar uma moção para que a proposta do Governo baixe ás comissões respectivas, segundo o criterio do deputado sr. Pedro Pita, devendo essas comissões dar o seu parecer dentro de 24 horas.

Nesse parecer, é claro, é posta a questão das imunidades, devendo o deputado sr. Antonio Maia cumprir a pena em que foi condenado só depois do encerramento da sessão parlamentar.

Como se vê, isto representa um cheque ao Governo, que, entretanto, procurará ficar para edificação das gentes.

* * *

O sr. Alvaro de Castro extranha que não tenha sido dado tempo para que a pena imposta ao sr. Antonio Maia não passasse em julgado.

As comissões parlamentares reunem hoje para dar parecer sobre a proposta do chefe do Governo?

São 6 e 15. O sr. Abilio Marçal apresenta a sua proposta para que as comissões dêem o seu parecer no prazo maximo de 24 horas.

* * *

6,30 — As comissões vão reunir ainda hoje, para darem parecer á proposta do sr. Antonio Maria da Silva.

A NOTICIA DO DIA

O caso dos 3 esqueletos

A criminosa é a filha do general sr. Garcia Guerreiro

Parece que o pai das creancinhas é um oficial que morreu

O aparecimento macabro de tres esqueletos de creanças num sotão da residencia do general sr. Garcia Guerreiro á rua da Escola Politecnica 183, 2.º, tem prendido a atenção do publico que interessado acompanha as deligencias policiais. Estas teem sido dirigidas com acerto, justo é frisá-lo, pelo sr. dr. Crispiniano da Fonseca, adjunto do director dos serviços da investigação e assim se compreende que aquele magistrado ao fim de algumas horas de trabalho conseguisse ter nas mãos o fio de toda a meada. Para um investigador habil facil foi a tarefa, porquanto é bom não esquecer que pelas mãos do dr. Crispiniano não deixaram de passar as roupas, as rendas e num pedaço de «dolman» de capitão que envolviam os tres pequenos cadaveres ressequidos. O primeiro cuidado do investigador teria sido sem duvida apurar a quem pertenciam ou pertenceram essas roupas não sendo portanto para estranhar que tivesse sido intimada a comparecer hoje no Governo Civil afim de prestar declarações, a filha do general sr. Garcia Guerreiro, que se fazia acompanhar de sua mãe.

Foram demorados os interrogatorios e por vezes o adjunto de investigação conferenciou com o director Paulo Menano, que por sua vez pretendeu tambem ouvir a referida senhora, terminando esta entre soluços lagrimas e n'um desespero indescritivel por declarar que não fora autora de quaesquer crimes de infanticidio e que os tres esqueletos eram de outras tantas creanças que dera á luz, mas mortas.

Esta versão não colou no espirito dos investigadores, porquanto é bom não esquecer que um dos cadaveres tinha em redor do pescoço uma fita indicativa de que se dera um estrangulamento.

Para o caso ser devidamente posto a claro o sr. dr. Crispiniano da Fonseca voltou depois a instar a acusada, tendo assistido a parte destes interrogatorios o sr. dr. Xavier da Silva, da policia scientifica. Ocioso se torna frisar que á filha do general Garcia Guerreiro foi dada voz de prisão, conservando-se aquela senhora durante a tarde, muito abatida, no gabinete do adjunto da investigação, chegando a perder os sentidos, pelo que foi preciso prestar-lhe os necessarios socorros.

Durante os interrogatorios a mãe da presa conservou-se no gabinete do sr. dr. Paulo Menano, chorando convulsivamente e num estado de excitação que causava dó, pois não podia conformar-se com a ideia de que a filha fosse uma criminosa.

Mãe e filha avistaram-se depois no gabinete do sr. dr. Paulo Menano, onde se deu uma violenta scena de lagrimas, chegando a esposa do general sr. Garcia Guerreiro a increpar a filha pelo seu acto.

Pelas diligencias a que a policia procedeu veiu a apurar-se que o pai das creanças mortas, faleceu tambem ha tempos não tendo ele contribuido para os crimes de infanticidio perpretados simplesmente pela senhora que se encontra presa, para esconder a sua vergonha e deshonra.

Segundo opinião dos medicos um dos esqueletos, o mais antigo já devia estar no sotão ha 10 anos, o segundo ha 8 e o terceiro ha 4, apresentando este ultimo signaes de estrangulamento.

A policia trata agora de averiguar se no caso está envolvida qualquer parteira ou abortadeira.

Reunião de oficiais

Sob a presidencia do general sr. Vieira da Rocha, reuniu hoje, no Comando Geral da G. N. R. grande numero de oficiais, que tomaram parte nas campanhas de Africa em 1914 a 1918, para tratarem da comemoração do dia 4 de Setembro, aniversario de uma das vitorias das tropas portuguezas naquela colonia.

Foram lidas varias comunicações expedidas de Angola e Moçambique, dizendo que a XV companhia de landins se fará representar por uma força de 10 praças.

Os dragões de Angola serão representados na comemoração pelo major sr. Aragão.

Tambem foi recebida comunicação de que o cadaver do capitão sr. Umberto de Ataide não pode estar na metropole nessa ocasião.

A seguir foi nomeada a comissão executiva, que deve levar á pratica as festas da comemoração, que ficou constituida pelos srs. capitão-tenente Meyreles, major Azevedo, Cortez Pinto, G. Andrade, Varela e Pires.

A comissão reune no proximo dia 28, no edificio do Carmo.

Parlamento

Nos Deputados

Feita a contagem verificam-se 49 presenças.

O sr. ministro do Trabalho responde á interpelação do sr. Hermano de Medeiros. Verifica, com agrado que o interpelante não o atacou nem o quis tornar responsavel pelos casos anormais que porventura se tenham dado nos estabelecimentos hospitalares. De facto existem alguns processos disciplinares em marcha, inaugurados na vigencia de antecessores seus na pasta que dirige.

Quanto a regulamentação dos serviços dos aludidos estabelecimentos, deve ela ser feita sob parecer das instancias tecnicas, e relativamente á nomeação do futuro director geral dos hospitais civis de Lisboa, já deu as suas ordens no sentido de que sejam indicados os três nomes sobre os quais deve incidir a escolha. Deseja, porém, salientar que tem horror aos inqueritos, porquanto estes quasi sempre dão lugar a azedumes, nem sempre resultando deles a verdade dos factos. Entretanto, pede ao sr. Hermano de Medeiros que lhe preste todos os esclarecimentos que possa fornecer acerca de irregularidades ocorridas nos hospitais.

O sr. Hermano de Medeiros replica e, enquanto faz a sua replica, sabe-se que os democraticos resolveram, na reunião acabada de realisar, mandar para a mesa uma moção destinada a substituir a questão prévia do sr. Pedro Pita acerca da questão Antonio Maia.

Com o assentimento da Camara, o orador termina as suas considerações já no periodo da ordem do dia, voltando a responder-lhe o sr. ministro do Trabalho que o interpelante defendeu com determinado criterio mais ou menos discutivel quando se referiu á maneira como funciona a direcção suprema dos serviços hospitalares.

* * *

A sessão continua.

Musica

Audição de alunos de Artur Trindade

Como noutro logar dissemos, é hoje que, pelas 8 e 30, se realisa no salão do Conservatorio a audição de alunos de Artur Trindade, com o seguinte programa:

E tua madre, dueto nell'op. Carmen, mademoiselle Rachel S. Bastos, Mr. Humberto Luna e Oliveira; II canto del Cigno, romanza, mademoiselle Maria Germana Carvalho da Silva, Lo Stranier, aria nell'op. Lakmé, mademoiselle Fernanda Carvalho; Quando a tó lieta, op. Fausto, mademoiselle Margarida Cerqueira; Che gelida manina, op. Bohéme, Mr. Eusebio Raposo Pinheiro; Viens mon bien aimé, romanza, mademoiselle M. Eugenio Feio de Araujo; Re tiam poiché, op. Manon, mademoiselle Gabriela Franco de Castro Teles; Un di, quartetto nell'op. Rigoleto, mademoiselle Fernanda Carvalho, Maria Luisa Marçal da Silva, Mrs. Americo Costa, Angelo Gaspar; Rendetemi la Spéme, aria nell'op. Puritani, mademoiselle Rachel S. Bastos; Costa diva e côro, op. Norma, mademoiselle Isabel Braz Simões Vasconcelos, Mr. Pedro Cunha Belem; L'ammoré e Napule e côro, canzone 1922 mademoiselle Maria Isabel Nesbitt Pagani.

Suzel buen di, dueto nell'op. Amico Fritz, M.elle Maria Amelia Melo e Mr. Americo Costa; Sei tu amore, romanza, M.elle Otilia Brun da Silveira; Qui Redamés verrá, op. Aida, M.elle Ema Cordeiro; Elégie, romanza, M.me Maria Isabel C. Santos Pagani; Pleurez mes yeux, op. Cid, M.me Joana Galvão Mexia de Gouveia; a-Odda Saffico, op. 94, N.4, b-L'Oubli, 1916. Mr. Angelo Gaspar; Di brina mattinal, op. Amleto, aria da loucura, M.elle Josefina Lagos; Addio dolce sveglisse, quarteto nell'op. Bohéme, M.elles Celeste Santos, Ema Cordeiro, Mrs. Humberto Luna Oliveira, Thomaz Serra e Moura; a-Lasciatemi morir, 1568-1643, b-La rose sauvage, M.elle Maria José Spencer; O mio bambino, op. Gianni Schichi, M.me Isabel Vasconcelos; II dolce suono, e côro, rondó nell'op. Lucia, M.elle Rachel Bastos, Mrs. Pedro Cunha Belem, e Eusebio Pinheiro.

Larapios praticos

Hoje, de manhã, apareceu arrombado o Armazem Regulador dos preços dos generos na Cruz Quebrada, tendo-se depois verificado que os gatunos haviam dali levado grande quantidade de generos.

Cambios

Libra: 108$00 a 110$00.

OS PARTIDOS

Centro Republicano Academico Radical

Um grupo de academicos, republicanos fieis aos seus principios, está organisando um Centro que se denominará Centro Republicano Academico Radical, que por meio duma propaganda intensa de principios e de fé republicanos, pretende destruir a acção perniciosa que meia duzia de retrataríos que se dizem partidarios da politica do soleo de ricino, vêm desenvolvendo no seio da mocidade academica. Pretende igualmente, depois de organisado dar a sua adesão ao P. R. Radical por ser este que dentro da Republica lhe oferece garantia na defesa dos ideaes que professam.

Reunião do Directorio

Para assuntos importantes reune amanhã na sua séde o Directorio do P. R. Radical, pelas 21 horas e meia.

PELA POLICIA

Porque saiu da Policia de Investigação Criminal

O SR. PAULO MENANO

E em nenhuma circunstancia voltará a esse cargo

Assim o declara á "Capital"

O sr. dr. Paulo Menano que ha meses vinha exercendo as delicadas funções de director da Policia de Investigação Criminal, não voltará a desempenha-las mercê de circumstancias varias que se prendem com os atentados dinamitistas ultimamente praticados e que tanto emocionaram Lisboa.

Publicaram-se entrevistas nos jornaes em que a personalidade do director da policia era directamente visada e atingida; no parlamento ventilou-se a questão e não faltou quem censurasse o procedimento do funcionario já rijamente increpado nas gazetas.

Fizeram-se-lhe acusações concretas. E houve quem lhe imputasse culpas no estendal afrontoso que por aí vai conhecido sob a designação de legião vermelha.

Provou-se que por exemplo, depois do atentado perpretado contra o antigo adjunto da P. S. E. Virgilio Pinhão, no Governo Civil aparecera apreendida a pistola com que este pretendia defender-se. Que no gabinete do director da Policia de Investigação se mostravam ás pessoas condenadas pela chamada Legião Vermelha, os retratos dos individuos que pretendiam assassina-los para que eles os fossem conhecendo, limitando-se a isto a acção de uma policia que devia preconisar.

Perguntava-se: porque não impediu a policia de Investigação o atentado da Boa Hora, cujos executores pouco depois eram presos com a maior facilidade?

E tudo isto ia tocar directamente o sr. dr. Paulo Menano; porque não havia maneira de separar as duas personalidades, a do funcionario e a do politico.

A sua situação tornou-se portanto bastante critica, e como remate dela, surgiu o pedido de demissão protocolamente posto em papel selado e entregue ao chefe do Governo para que este sobre ele resolvesse.

* * *

E' o sr. dr. Paulo Menano quem amavelmente nos põe ao corrente da sua situação neste momento:

— Apresentei o meu pedido de demissão. Espero agora que o sr. presidente do Ministerio lance nele o seu despacho. Estou portanto demissionario.

— Mas ha possibilidades de v. ex.ª voltar á policia?

— Não senhor. Não volto em circunstancia nenhuma.

— V. ex.ª já deixou de ir ao Governo Civil?

— Estive lá ontem e voltarei hoje. Mas apenas para pôr os meus papeis em ordem. Nada tenho que fazer já no Governo Civil a não ser arranjar as minhas coisas.

— As causas que levaram v. ex.ª a assumir essa atitude?

— Tres. Em primeiro logar a atitude assumida por um grande numero de parlamentares, meus colegas na Camara, e que se julgaram no direito de censurar o meu procedimento. Depois a atitude do chefe do Governo; a certa altura tive a impressão de que no espirito de s. ex.ª se levantavam duvidas sobre a correcção ou pelo menos sobre os resultados da minha acção Eu era subordinado e considerei, como não podia deixar de considerar, essa atitude. Por ultimo, as entrevistas publicadas nos jornaes, e sobretudo aquelas que o juiz sr. dr. Ferreira de Sousa concedeu, e nas quaes eu quasi era acusado de conivencia com os criminosos.

«Creio que são estas rasões bastantes para justificar o meu procedimento. Outro não podia tomar. O caminho estava-me naturalmente indicado. Acusado e sem a confiança de aquelas pessoas que precisava estivessem a meu lado só tinha uma coisa a fazer: sair. Foi o que fiz.

— E se os outros mudassem de atitude?

— Ainda assim, não recuaria. Colocaram-me numa situação de que só com a minha demissão me posso justificar.

— De fórma que...

— Já me não considero director da Policia de Investigação Criminal.

E aqui tem o leitor, além de uma atitude marcada, mais um logar vago em torno do qual as influencias da policia não deixarão de se fazer sentir.

Teatros • Musica • Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO DE S. CARLOS—Casa de boneca, de Ibsen pela companhia Lucilia Simões.

Foi um grande espectaculo a noite de ontem em S. Carlos.

A grande actriz Lucilia, cujo talento verdadeiramente excepcional teve mais uma grande consagração de gloria, recebeu do publico que literalmente enchia a linda sala de S. Carlos uma quente e prolongadissima ovação.

Realmente o merito muito invulgar de Lucilia Simões faz dela hoje, sem duvida, a actriz cuja arte se assinala pelos aspectos de maior grandeza e de nobreza mais notavel, podendo sem sombra de favor pôr-se a par das celebridades mundiaes que temos aplaudido já nos palcos de Lisboa.

Lucilia é uma autentica gloria nacional, em plena pujança, em plena maturação de todo o seu espantoso e eloquente poder emocional.

A grande peça de Ibsen, «teve ontem ainda uma viva e humana encarnação, e não será demasiado assegurar que Lucilia conquistou no papel de Nora, não já um simples talento de exteriorisação plastica vulgar, mas o que vale muitissimo mais, um intimo poder de raciocinio e de critica filosofica, uma inteligencia e uma auto-critica, que nos dão a justa medida das possibilidades raras da filha de Lucinda Simões, a mulher superior, por excelencia da scena portuguesa.

Curvo-me pois perante essa grande mulher, reduzindo a um minimo estas palavras, mas comunicando ao publico, com a maior sinceridade, que Lucilia com a representação da «Casa da Boneca» fornece a Lisboa, um dos maiores espectaculos de arte e de emoção que Lisboa tem tido.

* * *

A representação da «Casa da Boneca» esteve muito bem. Pinheiro, consciencioso mestre de teatro, representou a sua dificilima parte, do velho médico doente, com grande talento e aquela probidade profissional que lhe deram ha muito o grande nome que tem. Teve notas colossaes de observação e de estudo.

Erico, esteve explendido, caracterisando o personagem dentro da sua fórma, talvez com um pouco de exagero mas representando, em todo o caso, com um bom estilo. E' um actor.

Mario Santos, no Cinico, teve passagens muito felizes. Teve determinadas incertezas no papel, que o prejudicaram.

Amelia Vieira, deslocadissima. A sua dicção a sua fórma, fóra do personagem o mais que é possivel. Onde está, para onde foi, a doçura daquela linda figura do Ibsen?

Amelia Pereira que é uma inteligente actriz, uma central e uma caracteristica de relêvo, não pode nem deve fazer aquele papel.

Encenação optima. Dos scenarios e «mise-en-scéne» não gostei nada.

O HOMEM QUE PASSA

Reclames

—Reaparece no sabado, em espectaculo inteiro, sendo ampliada com varios numeros e dois quadros novos, a revista «Caldo Verde», que no Eden se estava representando. Esses quadros intitulam-se «Nogueira de Pinho & Carvalho» e «A felicidade».

Do Brazil

A festa artistica de Chaby Pinheiro

Vemos pelos jornaes do Rio que Chaby, ha tempos já no Brazil, fez a sua festa artistica, em 7 de junho ultimo, no Palacio Teatro, com a excelente peça de George Berr e Louis Verneuil, admiravelmente traduzida pelo nosso ilustre colega Jorge de Abreu, sob o titulo «O grande mágico» e de que o insigne actor desempenhou, pela primeira vez, o principal papel.

E' assim que o importante jornal «Gazeta de Noticias» se refere a esse acontecimento artistico:

«Transcorreu brilhante a festa artistica de Chaby Pinheiro, hontem, no Palacio Teatro.

A peça que vinha sendo anunciada para a noite do beneficio do notavel comediante era, sem duvida, muito de molde a excitar a curiosidade da nossa plateia, por isso que a habilitava a um paralelo por assim dizer inconcebivel. Com a interpretação do papel de «Mr. Beverley», o protagonista dessa tão bem engendrada peça de George Berr e Louis Verneuil, o adiposissimo sr. Chaby Pinheiro, flagrantemente portuguès, poderia ser cotejado pelo publico com o delgadissimo sr. André Brulé, eminentemente francês... Nada mais, nada menos. Porque foi André Brulé, como se sabe, quem primeiro interpretou no Rio essa peça que o sr. Jorge de Abreu, intitulando-a «O grande magico», traduziu para portuguès com notavel felicidade.

Sem que nos passe pela cabeça a ideia horrenda de uma diferenciação critica dos seus valores de elegancia ou cultura, notámos ontem que as plateias do Municipal e do Palacio Teatro se encontraram juntas na sala do segundo. Os que já haviam assistido Brulé, corriam a ver Chaby. Eis tudo.

A curiosidade do grande publico de «élite» que ontem aplaudiu Chaby foi plena e lindamente satisfeita. O grande artista vincou em scena, admiravelmente, o perfil singular daquele embusteiro, bom filosofo, que realizá um «sherlockismo» inedito, mixto de inteligencia é descaro, para desvendar o misterio de um crime por que ia morrer um inocente. Fê-lo com graça, com leveza — com a leveza e a graça de Brulé, que decerto dispõe, para tanto, de qualidades fisicas muito menos ingratas do que as que caracterizam o grandissimo actor português...

Acompanharam Chaby, devidamente, todos os demais interpretes de «O grande magico»: Cremilda de Oliveira, Izilda de Vasconcelos, Laura Fernandes, Elvira Vellez, Valerio de Rajanto, Olavo de Barros, Santos Melo, Jorge Gentil, José Monteiro e José Mora.

A «mise-en-scéne» de Chaby foi perfeita. E ele, perfeito como soube ser ontem, é de justiça se diga que foi verdadeiramente um grande magico, metendo-se tão a geito, com todo o seu volume, em uma pele que ficara justa no franzino corpo de Brulé...»

MUSICA

Artur Trindade

Realisa-se hoje, no Conservatorio, a festa artistica do ilustre maestro de canto sr. Artur Trindade, que fará a apresentação dos seus discipulos.

CINEMAS

"Portugal cinematografico"

Com este titulo, deve iniciar brevemente a sua publicação em Lisboa uma revista ilustrada de orientação e divulgação cinematografica.

E' seu director o sr. Fernandes Pardal, fazendo parte da redação, como director artistico, José Gomes; como secretario da redação, Americo Faria, e como redactor sportivo, Joaquim de Oliveira.

«Portugal Cinematografico» será excelentemente colaborado e publicará abundantes gravuras de actualidade, sendo o seu custo de 1 escudo.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Boneca».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Ordem de Marcha».
APOLO—A's 9,15—«Morgadinha de Valflor».
AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata».
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALAO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Ecos & Noticias

Acompanhado de sua familia, partiu para o Monte Estoril, o sr. dr. Cordeiro Ferreira, especialista de doenças de creanças.

DE TODO O MUNDO

Um conflito chino-japonez

O movimento anti-japonês tomou na China um caracter alarmante. A causa está no descontentamento da «élite» sobre o tratado concluido em Maio de 1915, pelo qual a China se compromete a entregar ao Japão os portos de Dalny e Porto Artur.

A China persiste em declarar nulo êsse tratado, conhecido pelo «Tratado das vinte e uma reclamações». Por seu lado, o Japão não se mostra menos intransigente e afirma ter dado ao tratado todas as modificações possiveis.

Em defesa da Republica

Os elementos radicais de Lyon, dirigidos por Herriot, organisaram uma manifestação «contra os manejos realistas».

O cortejo dirigiu-se á praça Carnot e ali, junto da estatua da Republica, o aguerrido deputado da Rhone falou á multidão, afirmando a necessidade de defender a Republica daqueles que chamou «reaccionarios de toda a especie», que ameaçam com uma sublevação popular dirigida pela cidade de Lyon.

A resistencia no Ruhr

Comentando o sexto mês de ocupação do Ruhr, o correspondente da «Lokal-Anzeiger» naquela região, escreve:

«As esperanças que a França punha na exploração do Ruhr podem considerar-se perdidas no mais definitivo fracasso. Seja qual fôr a pressão crescente da França, a resistencia persistirá inquebrantavel, como a rocha no mar. Ignoramos as provas a que nos sujeitarão no outono e no inferno, mas o certo é que a 11 de Janeiro de 1924 continuará a resistencia tão inquebrantavel como agora, no caso de proseguir a opressão francesa».

Pelo "fascismo"

A destruição das tipografias de varios jornais catolicos levada a efeito pelos fascistas, provocaram um veemente protesto ao «Osservatore Romano», que considera aquelas violencias «contrarias ás tradições civis, quaisquer que sejam os seus autores».

Quando na Camara um dos oradores falava sobre o incremento que o fascismo dá ao catolicismo, Mussolini, voltando-se para os seus colegas de gabinete, disse: «Para a proxima legislatura porei um crucifixo nesta sala».

Os Partidos

Republicano Radical

As adesões

Por oficio enviado pela comissão municipal do Barreiro á comissão distrital, aderiram ao P. R. Radical, mais 28 cidadãos das freguesias do Lavradio e Escoural.

No concelho de Cintra — Freguesia de S. Martinho, João Silvestre, alfaiate; José Rodrigues, pedreiro; Artur José Machado, funcionario publico, Luiz Antonio Cardoso, carpinteiro.

Adesões em Caparica: José Leopoldo Amaral, empregado reformado.

A' comissão municipal de Lisboa têm sido enviados dezenas de boletins com novas filiações.

O Partido em Leiria

Estão quasi organisadas as comissões politicas na cidade de Leiria e concelhos de Alcobaça e Caldas da Rainha, onde brevemente se realisará um grande comicio.

Gremio do Minho

Na séde do Gremio Lafonense, á Rua da Madalena, 201, 1.º, prossegue hoje pelas 20,30 a assembleia geral do Gremio do Minho, para continuação da discussão do projecto dos estatutos.

E' de esperar que esta assembleia seja largamente concorrida, dado o grande numero de socios que o Gremio já conta.

A comissão organisadora pede a todos os minhotos que tenham listas de inscrição, em seu poder, para as remeterem com a maior brevidade para a séde provisoria do Gremio, á rua da Mouraria, 27, 1.º

"A carta fatal"

Duas verdadeiras enchentes as de ontem e ante-ontem no Salão Central. O publico afluiu ali em grande numero, ávido de assistir á exibição dos sete primeiros episodios da extraordinaria pelicula de aventuras «A carta fatal», que tão festejada tem sido, pelos amadores da boa fotografia animada.

Nos espectaculos desta noite e amanhã serão exibidos os sete restantes, pelo que a concorrencia deve ser igual ás das noites anteriores, visto que o famoso «film» vai sair do «écran», para dar logar a outros de enorme sucesso, que a empresa acaba de adquirir.

Duas noites, apenas, para se conhecer o desenlace do lindo e emocionante drama, a que a actriz Jacqueline Arly e o actor Henry Bosch, seus protagonistas, dão um belissimo realce.

A completar o espectaculo um acto de recente novidade, «Os funerais do glorioso poeta Guerra Junqueiro» e a chistosa «charge» em duas partes, «Harold comediante», do reportorio do popular e querido artista que Lisboa tanto aprecia.

Exposição na Coruña

A Sociedade Fotografica de La Coruña dirigiu convite a todos os fotografos portuguezes para concorrerem á Exposição Iberica de Fotografias, a realisar na capital daquela provincia espanhola.

Sendo esta a primeira exposição do genero, aquela Sociedade galega propõe-se repeti-la todos os anos.

Pessoal do Municipio

Lavra grande descontentamento entre os funcionarios municipais de Lisboa, em virtude da nova vereação ter resolvido não conceder vencimentos ao pessoal durante os periodos de licença.

EM PARIS

vai realisar-se A Semana da America latina

A proposito da Semana da America Latina, que deve realisar-se no proximo outono em Paris, diz «L'Eclair»:

Forma-se pelo mundo, depois da guerra, uma «consciencia latina» que grandes espiritos, como Frederico Mistral, Paul Adam, Gabriel d'Annunzio, Ruben Dario, Blasco Ibanez, o historiador Ferrero, o poeta Guerra Junqueiro, Gomez Carrilho, o historiador Jorga, o filosofo Gabriel Tarde, continuam nos nossos dias.

Aubouro te, raço latino, exclamava Mistral. E a raça parece escutar agora o apelo do cantor de Maillane.

Gabriel d'Anunzio fez bem em declarar que «a raça latina é necessaria á beleza do mundo». Paul Adam afirmava a superioridade duma raça cujos «antepassados participaram na creação das ideias fenicias, gregas e romanas, graças ás quaes as sociedades florescem utilisando a filosofia, as artes e as leis inventadas por nossos avós os navegadores mediterraneos.» Ferrero via em 1919 a raça latina como a unica capaz, pelas suas tradições, de dar ainda á humanidade, contra a ideia germanica e material da *Organisação*, a potencia moral e espiritual da ideia romana da *Ordem* com metodo e harmonia. O grande jornalista portugues, dr. Augusto de Castro, promotor do Congresso Latino, resumiu perfeitamente assim os acontecimentos tragicos que avassalaram a Europa: «A guerra não foi senão o resultado logico, fatal, da oposição de dois espiritos, da lucta entre duas concepções moraes, sociaes e politicas inimigas: o genio latino dum lado, do outro o genio germanico.»

....

A «Semana da America Latina», em Paris, e o proximo congresso de Lisboa, serão já o começo duma realisação prática e fecunda. Ontem um sonho de poeta. Uma realidade mundial, amanhã.

DO PAIZ VISINHO

Conselho de ministros—O Soberano—Questão de bancos

MADRID, 18.—O conselho de ministros continua os seus estudos ácerca das conclusões do Congresso comercial.

O marquez de Alhucemas despachou com o Soberano que assinou varios decretos.

O conselho de quinta feira foi transferido para sabado.

Continua por parte de todos os bancos a «boycottage» ao Banco Espanhol de Credito por motivo do seu conflito com os seus empregados.—(H.)

Pela 1.ª Vara Comercial de Lisboa, são convocados por editos de dez dias a contar da publicação deste anuncio no «Diario do Governo», os socios da Sociedade de Habitações Salubres e Economicas «O Lar Nacional», com séde na Avenida da Liberdade, n.º 14, para comparecerem na primeira audiencia de expediente, para serem ouvidos a fim de se fixar o numero de liquidatarios, determinar praso para a liquidação e especificar as atribuições que lhes ficam competindo em harmonia com o disposto no § 2.º do artigo 131 do Codigo Comercial e artigo 129 do Codigo do Processo Comercial.

As audiencias do expediente teem logar em todas as segundas e quintas feiras não sendo dias feriados, porque sendo-o, tem logar no dia imediato no edificio do Tribunal do Comercio sito na rua de S. Pedro de Alcantara, n.º 75 e pelas onze horas.

Lisboa, 2 de Julho de 1923.

O Escrivão,
Daniel de Matos

Verifiquei, o Juiz Presidente,
Sampaio

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4434-15.º ano — Direcção e propriedade de Manoel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quinta-feira, 19 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

PARIS, 19.—Nos meios industriais alsacianos lavra um certo descontentamento por motivo dos caminhos de ferro da Alsacia-Lorena terem sido integrados na Companhia Oriental de Caminhos de Ferro franceses em vez de se terem mantido independentes.—(R)

A questão politica

Ha esperanças de que se não dê a crise total do gabinete, e disso parece ser suficiente indicio o facto de a maioria democratica ter reconsiderado no seu proposito de, nesta malfadada questão Antonio Maia, levar tudo á ponta de espada, não se importando para cousa alguma com as disposições da Constituição e os preceitos regimentaes.

Somos dos que entendem que não ha conveniencia de nenhuma espécie, antes manifesta desvantagem, em fazer cair agora, a dois dias da eleição presidencial, o Governo a que o sr. Antonio Maria da Silva preside. Mas tambem entendemos que seria perigosissimo estabelecer se o precedente que se procurava crear, e pelo qual se revelava o mais absoluto despreso pelos direitos dos parlamentares.

A verdade é que nunca se attende a uma circunstancia, de resto essencial. Essa circunstancia é a de que um parlamentar é o representante dum determinado numero de eleitores, e encerra em si uma parcela da soberania nacional. Portanto, só em casos excepcionaes e ainda assim observando escrupulosamente todas as regras estabelecidas para o caso, é que esse parlamentar pode ser impedido de desempenhar as suas funções?

E' que, na realidade, quem é sobretudo afectado no afastamento desse parlamentar dos trabalhos da sua camara, é o eleitorado que lá o enviou como um procurador encarregado de velar pelos seus interesses, pelas suas aspirações, pelos seus ideaes.

Quer isto dizer que o sr. Antonio Maia não possa ser alvo duma medida dessa natureza?

De fórma alguma, se assim o julgarem as comissões respectivas e a vontade soberana do Parlamento. Mas dentro dos principios estatuidos para taes casos, e nunca fóra deles.

Por seu turno, o Governo, em nosso entender, não pode ser, pelo menos colectivamente, sacrificado por um incidente desta natureza.

O Governo do sr. Antonio Maria da Silva tem um momento em que logicamente lhe cumpre pôr a questão de confiança. Não é agora. E' daqui a dois meses, pouco mais ou menos, quando assumir as suas funções um novo Presidente da Republica.

Ha quem diga que o sr. Antonio Maria da Silva e os seus colegas estão desejosos de ... poder. Não nos parece que seja demasiado sacrificio conserva-lo até essa data tão proxima.

Nessa ocasião, das duas uma: ou o novo Chefe do Estado decide dar a sua confiança ao Ministerio que gosava da confiança do seu antecessor, e o sr. Antonio Maria da Silva se rende ás suas instancias, ou, pelo contrario, a sua demissão é aceite. Em qualquer dos casos tudo se passará normalmente, não sendo de esperar novos abalos para a Republica.

Não teremos nós rasão, expressando o desejo de que todos os nervosismos se aplaquem, deixando as cousas seguir o seu caminho natural e logico?

A verdade é que se ha quem se empenhe fortemente por crear um verdadeiro equilibrio politico entre nós, não falta quem se empenhe precisamente no contrario, ou seja perpetuar o desequilibrio de que todos temos sofrido.

Assim, formou se, á custa de porfiados esforços, o partido nacionalista para contrabalançar a força do partido democratico. E que vemos nós. Vêmos esse partido, em vez de procurar desenvolver-se e robustecer-se, dar a todo o momento demonstrações do maior enfraquecimento. O que ontem sucedeu com o sr. Sá Cardoso é profundamente lamentavel.

Pois continuem no sistema do conflicto permanente, do desacordo constante, das rivalidades insanaveis, e veremos o fructo que poderá saír de tão desgraçada sementeira.

OS MORTOS

Humberto Guimarães de Brito

Realisou-se hoje o funeral deste desditoso moço, sobrinho do nosso presado director, sr. Manoel Guimarães o que, como dissemos, tendo ido para Marvão, em busca de saude, ali faleceu ha dias, sob os cuidados e as lagrimas enternecidas de seu pai, o nosso amigo sr. Publeo Virgilio Franco de Brito, chefe da secção do Ministerio das Finanças, e de sua mãe amantissima, a sr.ª D. Amelia Guimarães de Brito.

Tendo chegado, no comboio correio de ontem, o caixão com os restos do desditoso Humberto, foi este hoje conduzido, em carro funerario, pela 1 hora, da estação do Rocio para o cemiterio dos Prazeres, onde ficou em jazigo.

* * *

Se podesse haver consolação em tal angustia, o sr. Publeo Franco de Brito te-la-hia encontrado na carinhosa hospitalidade que lhe dispensou toda a população de Marvão, bôa gente das serras, que, emocionada pela catastrofe que feriu os dois corações, precisamente quando a esperança lhes sorria, assistiram ao infeliz como a um morto querido, fazendo resoar junto dos seus, bôas e sãs palavras de piedade.

O sr. Publeo de Brito e a sr.ª D. Amelia Guimarães de Brito pedem-nos, porém, que, agradecendo a todos, especialisemos o medico daquela vila, sr. dr. José Martins Gralha, que, dando, como clinico, toda a sua alta competencia, foi um amigo disvelado, que em todos os lances acompanhou a familia enlutada com fervor verdadeiramente fraternal; e de igual modo os srs. José da Conceição Raposo, tesoureiro da Fazenda Publica e presidente da Camara de Marvão, e Antonio Adelino Rovisco Roucas, administrador do concelho, cujos serviços, tão relevantes e tão espontaneamente prestados, jámais esquecerão aos dois atribulados pais.

O desditoso Humberto deixa viuva a sr.ª D. Jovita Trigueiro de Brito.

O nosso presado director, sr. Manoel Guimarães, junta os seus agradecimentos aos de sua desolada irmã e de seu desolado cunhado, e aproveita o ensejo para agradecer tambem a todas as pessoas que, por varias fórmas, manifestaram o seu pesar pela morte de seu netinho, o inocente José Manoel Guimarães da Costa, especialisando o sr. Presidente da Republica.

Exposição do Rio de Janeiro

A Companhia Agricola e Comercial dos Vinhos do Porto (antiga Casa FERREIRINHA) recebeu dos seus agentes no Rio de Janeiro, srs. Augusto Constante & C.ª, os seguintes telegramas:

«RIO DE JANEIRO, 4 de Julho—Ferreirinha unico exportador portuguê; classificado HORS CONCOURS felicitações.»

E em 6 de Julho:

«Sómente dois HORS CONCOURS concedidos Portugal: um ao Estado Português e outro á FERREIRINHA.»

Congratulando-nos com tão alta distinção que, alem de um Grand Prix, acaba de ser concedida exclusivamente áquela Companhia entre todos os exportadores portugueses, daqui lhe endereçamos as nossas felicitações pela fórma como mais uma vez foi feita justiça á excelencia dos seus vinhos cada vez mais reputados em todo o mundo e que tão apreciados são tambem em Lisboa.

O Japão e China

Um ultimatum

TOKIO, 19.—O Japão enviou um ultimatum á China exigindo a suspensão da «boycotage» aos produtos japoneses. (R.)

A DEFESA

do canal de Panamá

Canhões de 40 centimetros

WASHINGTON, 19.—O ministerio da guerra e da marinha estão elaborando um projecto para se reforçar a defesa e melhorar as fortificações do canal de Panamá. Serão colocados canhões de 40 centimetros na ilha de Taboga e serão aumentadas as forças aereas.—(R.)

BEMFAZER!

AS LIGAS DE BONDADE

A criança e o seu levantamento moral

Ouvindo a sr.ª D. Adelaide Cabette

As Ligas de Bondade foram fundadas em 1912, no Congresso Internacional de Haia, pela aprovação da respectiva tese presente por M.me Eugéne Simon e M. H. Durot.

Fins: levantamento da moral infantil, fortificando a consciencia e o juiso das creanças; desenvolvendo-lhes a iniciativa do bem, inculcando-lhes o amor aos seus semelhantes e o desejo de proteger os animais.

E' dada plena liberdade na interpelação das referidas Ligas, para conseguimento até da mais larga iniciativa. Duma constituição singelissima, podem adoptar-se a necessidades diversas em meois diferentes.

Assim, o professor ou a professora [illegible] uma Liga de Bondade entre os seus alunos, dizendo lhes:

«De manhã, ao levantar-vos, pensai no que podereis fazer de bom durante o dia, e, se alguma coisa conseguirdes nesse sentido, escrevei-lo num papel «sem que o assineis», papel que será por vós lançado numa caixa...»

Esta caixa é fechada, como as de esmolas, e colocada em determinado local da Escola. Só o professor ou a professora a poderão abrir e ler, depois, durante a aula os papeis, contendo a confissão do acto meritorio praticado, de modo que cada educando possa colher os beneficios sugeridos pelas observações á leitura.

Os resultados em alguns paises teem sido interessantissimos, e não se contam por exemplo, os gatos, os cães, os passaros e os pobresinhos protegidos e salvos por creanças, educadas pelo sistema das Ligas de Bondade.

Quanto e quanto gesto de amor, de inocente e purissimo amor, sugerido por este regime de moral simples? E a graça candida das confissões nos bilhetinhos promissores de rasgados actos de solidariedade e altruismo!

***

Ora o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, cuja propaganda feminista não é tão de molde a assustar o façanhudo egoismo do sexo barbado, como parece acontecer, reuniu ha dias para tratar da creação entre nós das Ligas de Bondade.

Assim o nosso redactor foi agora ouvir sobre a simpatica iniciativa a ilustre doutora sr.ª D. Adelaide Cabette—alma bondosa de mulher, espirito arejado no ambiente da sciencia e aberto aos ideais de perfeição social e moral.

Ouçamo-la:

—...e estas Ligas constituem uma associação mundial, vai dizendo a nossa interpelada, em plena entrevista, que tambem entre nós já existiu em esboço, no Porto. Trata-se, pois, de regularisa-la em Portugal, para o que veio ao encontro dum pedido que lhe fora ha pouco feito em Paris por M.me Guinon, á sr.ª D. Maria O'Neill.

Realmente impunha-se ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, em cujo seio ha tantas professoras, fazer a propaganda e organisar aquelas instituições nos meios infantis: escolas, asilos, e até familias onde haja muitas creanças. Sobretudo podem lucrar os filhos dos trabalhadores que na generalidade por varias rasões conhecidas não teem aquele ambiente de higiene moral necessaria a uma boa formação e educação dos espiritos.

—Pretende-se que os bilhetes lançados nas caixas não levem assinaturas...

—Para não educar as creanças no exibicionismo, no reclame dos seus actos. Assim o individuo acostumar-se-ha desde pequeno a combinar apenas entre a personalidade e a consciencia proprias a finalidade das suas acções.

Os bilhetes são acima de tudo um elemento precioso de estudo e revelador da psicologia de cada aluno para os educadores.

—Aspeo os praticos?

—Como medica, entendo que nem todos os dias se devem obrigar as creanças a pensaram no bem que deverão fazer—porque deve dizer-se—fazer bem tambem cansa.

De acordo comigo está neste ponto M.me Guinon, conhecedora do cuidado com que muitos pequeninos andam ás vezes na ancia de bemfazer. Disto podem resultar doenças nervosas que a toda o ponto é necessario evitar.

—Onde existem entre nós essas Ligas?

—Por ora nalgumas escolas da provincia, no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, de Odivelas, nalgumas escolas de Lisboa, etc.

Com a nova remodelação do ensino terão excelente ensejo de serem instituidas nos internatos de educação.

—Os adultos não beneficiam?

—Em França tambem as ha nas escolas superiores, mas já não é sob o aspecto do anonimato usado na classe infantil. Ahi discutem-se os actos como é porque devem ser praticados. E' tambem interessante e educativo.

—Não será mister um patrocinio?

—Sem duvida que é. D. Maria O'Neill já conseguiu oficialisar a iniciativa entre nós, que terá como patrono o Ministerio do Trabalho.

—Assim sucede em França?

—Não. Lá as Ligas são subvencionadas pelos Ministerios de Educação Publica, do Interior e Liga Franceza de Educação Moral. Só nesse paiz pertenciam a essas instituições, no ano de 1914, contando com os colonias, mais de 100:000 creanças!

Apos o armisticio a organisação franceza adquiriu um entusiasmo renovador. Quando se podia supor que terminada a Guerra, as creanças acostumadas ao sentimento da dor, imbuidas de ideias de violencia, tivessem perdido o amor pelas Ligas, verificou-se, ao contrario, que assim não aconteceu, e que a sua ancia de bemfazer era cada vez maior—como é ainda hoje.

E a fechar, D. Adelaide Cabette põe:

—Aqui tem um interessante e grande problema de educação moral facil de resolver.

A QUESTÃO das reparações

Mais um protesto dos alemães

BERLIM, 19. — Os tecnicos alemães convidaram para uma conferencia a Comissão Internacional de Reparações. Desejam protestar contra a inclusão do assucar no numero de materias primas due devem ser entregues para a reconstrução dos districtos desvastados. Essa exigencia é feita pela França e pela Italia e a Alemanha pretende protestar porque o assucar não pode nunca ser considerado como um material de reconstrução do organismo.—(R)

Os E. U. não aceitam o plano ingles

WASHINGTON, 19. — Nos circulos politicos diz-se que os Estados Unidos se recusarão a aceitar o plano inglez para a resolução da questão do Ruhr e das reparações, se este envolver a questão das dividas aliadas para com os Estados Unidos. —(R.)

Deve ficar hoje redigida a nota alemã

LONDRES, 19.—O governo vai-se esforçar para que hoje á tarde fique concluida a resposta á nota alemã de 7 de junho. Essa nota será antes de ser enviada levada ao conhecimento dos representantes das nações aliadas e dos Estados Unidos. Parece que nesse documento a Inglaterra chamará a atenção para os perigos de resistencia passiva da Alemanha no Ruhr e indicará tambem a sua persuação de que a França desejosa como está de manter a sua solidariedade entre os aliados assinará a nota conjunta á Alemanha, mantendo as reservas que pretender necesarias.—(R.)

A INGLATERRA

RETIRA NAVIOS

do Proximo Oriente

LONDRES, 19.—Foi dada ordem para quatro esquadras de destroyers que tinham ido reforçar a esquadra do Mediterraneo devido á crise do Proximo Oriente, voltassem para a Inglaterra.—(R.)

Uma conclusão

Os bandidos vermelhos

merecem a repulsa de toda a gente

O Partido Comunista, pelo menos, não quer nada com eles

Ainda bem que a nossa campanha provocou, nalguns elementos preponderantes do Partido Comunista, declarações precisas, contidas nas cartas que temos publicado.

Por elas se vê, sem subterfugios nem reservas, que o Partido Comunista, embora reprovando semelhantes processos, reconhece a existencia dessa quadrilha chefiada pelo «Avante», e não destroe, antes corrobora a afirmação de que ela se encosta áquele partido, ou com o intuito de realizar as suas aspirações ideais, ou para impor, em certas camadas, como um mal necessario, as suas sinistras maquinações e os seus tenebrosos crimes.

A nossa campanha, portanto, é absolutamente necessaria e justa, não podendo deixar de merecer ao Partido Comunista, pelos intuitos depuradores que ela, no fim de contas encerra, a sua simpatia, e até, a sua solidariedade.

O Partido Comunista é um centro de irradiação ideal, cuja base pretende ser a justiça, uma maior justiça social; portanto, o crime hediondo, premeditado, revestindo todas as caracteristicas repugnantes dos quadrilheiros, deve merecer a sua repulsa. Os individuos — os bandidos — que fazem dele um instrumento para o triunfo dum ideal, provocando a indignada condenação de toda a gente, não podem despertar no Partido Comunista uma atitude diferente. E o «Avante», pelo que se sabe e pelo que nóstemos dito, está absolutamente neste caso.

* * *

Francisco Moreira, guarda noturno do primeiro quarteirão da rua da Palma, veiu declarar-nos ser menos verdadeira uma parte da entrevista que ha dias publicámos com o sr. Virgilio Pinhão, sobre o atentado de que foi vitima o antigo adjunto da P. S. E.

Segundo o sr. Moreira, o sr. Pinhão, depois de ferido, só teve a seu lado o referido guarda noturno, que lhe prestou todos os socorros e o conduziu ao hospital, onde recebeu curativos, nunca o abandonando.

Como os leitores se recordam, o sr. Virgilio Pinhão afirmou, na sua entrevista, que o guarda noturno em questão nenhuma diligencia fizera para prender o criminoso.

Dr. Mesquita de Carvalho

Deixou-nos nesta redação o seu cartão, o sr. dr. Luiz Mesquita de Carvalho, juiz do Supremo Tribunal Administrativo e genro do poeta Guerra Junqueiro.

SONAMBULISMO... NÃO!

O CASO DA SENHORA ALEMÃ

que apareceu morta sob as janelas do Francfort

Posta de parte a versão do suicidio, primitivamente adoptada por alguma imprensa e repetida imediatamente por nós, vem agora a publico a nova hipotese de um caso de somnambulismo. Vejamos se essa versão vale mais do que a primeira.

Quando se deu o misterioso caso da senhora alemã, o «Diario de Lisboa» com vistosos titulos e com aquele aprumo do costume que dá a impressão de que se ele não emprega nunca o imperativo do verbo *poder*, é só porque não quer, dissemos, a nós e ao resto do publico que lê habitualmente o referido periodico com a interrogativa atenção que se dispensa ás *sebentas* catedraticas, que fôra um suicidio, epilogo emocionante duma historia de amor.

Dissemos nós que isso não podia ser e dissémos tambem porque não podia ser.

Doze dias passados, a mesma gazeta, com o mesmo ar, talvez com mais empertigamento, veiu-nos revelar, com a autoridade do sr. chefe Murtinheira e com os argumentos que nós haviamos deduzido, que realmente não fôra suicidio o caso ocorrido.

Sobre a historia de amor nada nos diz, nem era preciso.

Mas a fórma atisonante e algo severa da revelação, é que dava a aparencia de sermos nós quem tivesse inventado a hipotese, combatida desde o principio e perfilhada, que nós saibamos, só por aquele conspicuo colega.

Aparece agora a versão dum *caso de sonambulismo*, afirmação que tem o reforço da autoridade policial e o convicto aplauso do jornalista que primeiro nos forneceu os elementos com que tão facilmente desfiemos a historia do suicidio.

Apraz-nos ir em boa companhia, mas aqui novamente temos de nos separar.

Sonambulismo... não!

E' bom marcar o logar de cada um pois pode suceder, que tornemos a juntar-nos; mas o nosso ilustre colega da historia de amor, terá de prometer-nos que nos honrará novamente com a sua aprovação, se honrar, pedindo-nos licença para reetrar no rancho, mas sem se agastar e sem procurar dar aos seus leitores a impressão de que nos castiga, só porque o antecedemos no caminho verdadeiro.

Vejamos pois a novissima versão do sonambulismo.

O sonambulismo é um caso particular do sono.

O sono tem, como carater essencial o rompimento da solidariedade que existe habitualmente entre as diferentes partes do corpo, entre as diversas funções do organismo, entre as multiplas faculdades do homem.

E' assim que o eminente Gabriel Delanne nos define o sono. Durante esse tempo — do sono — cada uma das unidades que compõem o todo concentra em si mesma a força que lhe é propria, isola-se de todas as outras, assim como o corpo se separa do mundo exterior pelo repouso dos sentidos.

Estudando com Mr. Longet os sintomas que se manifestam nos seres quando vão adormecer, observamos que o sono não se apodera deles bruscamente, os nossos orgãos amortecem-se sucessivamente por graus variaveis, velando uns muito tempo ainda quando os outros já estão mergulhados no entorpecimento completo. Em geral são os musculos dos membros que primeiro se relaxam e se enfraquecem. Os braços, as pernas, tornados imoveis, ficam na posição que escolheram e que está em relação com a fórma das articulações e das principaes massas musculares.

Depois dos membros são os musculos voluntarios do tronco que afrouxam; na calma da noite os nossos sentidos inactivos não recebem nenhuma impressão do exterior e essa inação que favorece a sonolencia é em breve seguida duma completa atonia. Quasi sempre a vista é o sentido que enfraquece primeiro; o olhar fatigado perde o seu brilho e fixa-se em objectos que não vê, ao mesmo tempo que as palpebras se fecham.

Mais tarde que a vista, o ouvido adormece e termina a sucessão dos fenomenos que assinalaram a invasão do sono.

E' de notar que o ouvido, tão rebelde á fadiga, seja o ultimo a resistir: ouve-se ainda depois que todos os outros sentidos deixaram de viver, da mesma maneira que se percebem os sons quando os diferentes orgãos já estão adormecidos. O ouvido vela ainda quando, por sua ação, o corpo não é mais que uma massa inerte. Sabe-se efectivamente com que facilidade a monotonia de um som aniquila o conhecimento; o ruido duma quéda de agua, o murmurio do vento através das grandes arvores, as melopeias queixosas, as ingenuas e tocantes lamentações que as mães cantam embalando os filhos, são outras tantas provas do que asseveramos.

Mais pode muito bem acontecer que a percepção ou o poder de conhecer, se estinga em nós antes de adormecerem os sentidos, outras vezes sucede o contrario, o orgão sensorial adormece antes da concepção, de modo que a ultima imagem percebida, serve de ponto de partida a uma série de ideias, quasi sempre desamparadas das diversas faculdades adormecidas, o que por certo explicará o sonho nos casos normaes.

Mas assente que o sono no momento em que se efectua destroe incontinenti a solidariedade que existe entre as diversas faculdades do espirito, de modo que elas se adormecem sucessivamente: quando uma delas fica em actividade adquire uma força tanto maior que nenhuma sensação do exterior contrabalança a sua acção.

Isto leva-nos á compreensão do caso especial que se denomina sonambulismo e, fortes com tão eruditas explicações, nos habilita a raciocinar sobre a hipotese do «Diario de Lisboa», signée Murtinheira.

Amanhã proseguiremos para pouparmos hoje maior massada aos nossos amaveis leitores.

POLICIA AMADOR.»

"Casa dos Jornalistas"

O grande festival de amanhã, no teatro de S. Luiz

E' amanhã que se realisa, no teatro de S. Luis a recita oferecida pela grande actriz Palmira Bastos, com a gentil cooperação do estimado emprezario sr. José Loureiro, á «Casa dos Jornalistas».

A noite de amanhã, no S. Luiz deve ser pois, uma noite de arte, a justificar o enorme interesse que está despertando no publico. O programa, á parte outros numeros de surpreza é o seguinte:

1.ª parte: «Os Conquistadores», peça em 3 actos, de Charles Méré, tradução de Acacio de Paiva, desempenhada pela insigne artista Palmira Bastos, pelo notavel actor Carlos Santos e pelos distintos artistas Samuel Diniz, Alves da Costa, Joaquim Miranda, Humberto Miranda e Octavio Bramão.

2.ª parte: «Conferencia sobre jornalismo» pelo eminente orador sr. dr. Cunha e Costa.

3.ª parte: Canções portuguesas, pela brilhante e gentilissima actriz Luisa Satanela; monologos pelo notavel actor comico Estevão Amarante; romansas pela gentilissima actriz Maria de Lourdes Cabral; versos pelo ilustre actor Henrique de Albuquerque.

Tomam parte na festa, desempenhando numeros que farão sensação, a gentil e distinta actriz Elisa Santos, o inimitavel comico Nascimento Fernandes e o distinto tenor Fernando Pereira.

Em nome da Companhia Industrial de Portugal e Colonias, o seu ilustre director sr. Monteiro Guimarães, ofereceu por um camarote a quantia de 1.000$00.

Os bilhetes que restam para esta festa sensacional ainda hoje se encontram á venda na sucursal do «Seculo» ao Rossio, e na Secretaria Geral do «Diario de Noticias», passando amanhã os que por acaso sobejarem, para a bilheteira do teatro de S. Luiz.

ULTIMA HORA

Monumental Club

(Palacio de S. Luiz)

Communicação aos ex.mos socios

Tendo a Direcção do Monumental Club recebido de um numeroso grupo de Socios um abaixo assignado extranhando e pedindo esclarecimentos sobre o encerramento do Club que dura ha mais de dois mezes, vem por este meio, e na impossibilidade de responder a cada socio de per si, fazer sciente do seguinte:

Desde que por uma arbitrariedade foram apostos os selos e retirados 24 horas depois, dia a dia, procura junto de Suas Excelencias os Senhores Ministro do Interior e Governador Civil do Districto, que o Club seja reaberto e lhe sejam facultadas as respectivas licenças.

Embora este Club tenha concorrido para a Beneficencia, desde Dezembro de 1922 a Abril do ano corrente, com a quantia de Esc. 32.625$00, e portanto tenha direito ás regalias de que gosam outros Clubs, o certo é que não tem obtido das estações competentes o justo deferimento da sua legal pretensão.

A Direcção espera que até sabado, 21, Sua Excelencia o Senhor Ministro do Interior defira o requerimento que está para despacho, favoravelmente informado por Sua Exelencia o Senhor Governador Civil, e se até esse dia não fôr autorizada a reabertura do Monumental Club, novamente dará por este meio conhecimento aos Excelentissimos Socios, de todos os factos que ha dois mezes se teem passado.

Lisboa, 19 de Julho de 1923. — *A Direcção.*

NO BRAZIL

Dr. Julio Dantas

Nem tudo são rosas para o auctor das "Rosas de todo o ano"

A Lisboa tem chegado noticias da boa e amavel recepção feita, no Brazil, ao sr. Julio Dantas. Parece, porem, haver falhas, e até precisamente da parte de entidades que por sua natureza deveriam primar pela amabilidade. Ora vejamos o que escreveu a «Noticia», no seu numero de 22 junho:

Julio Dantas está em vesperas de chegar ao Rio. Sabe-se que o ilustre poeta da «Ceia dos Cardeais», um dos mais altos nomes da moderna literatura portuguesa, conta no Rio um grande numero de admiradores' um grande numero de amigos anonimos.

Dessa admiração e dessa amisade que todos tributamos ao prosador fino e elegante das «Abelhas douradas», decorreu o convite insistente recebido por Julio Dantas para visitar o Rio de Janeiro. Esse convite, que muitas vezes se repetiu, partiu de varias associações brasileiras. E entre essas todas, a Academia de Letras foi uma das vozes que mais alto se fizeram ouvir, na insistencia com que convidavam Julio Dantas a vir ao Rio.

Pois bem—e é aqui que queremos chegar—a Academia que assim se manifestava honrada com a visita do grande poeta, que recepção lhe preparou? Uma simples e chocha sessão, naquela sala do angulo de Syllogêo onde a rica matrona descança os seus seios de herdeira de Francisco Alves.

Pois isso é justo, ou é, ao menos correcto? Pois a Academia convida Julio Dantas para vir ao Rio e não lhe presta nem ao menos uma dessas homenagens banais, que qualquer pessoa presta a um amigo que o vem visitar, um banquete, por exemplo? Pois a associação que mais altamente representa o genio brasileiro (demos á Academia esse titulo, pois que ela o quer...) não saberá condignamente homenagear o ilustre embaixador intelectual de Portugal? Pois então enfim, será preferivel que a Academia, economisando sordidamente as migalhas dos seis mil contos do livreiro Alves, não faça a Julio Dantas uma recepção, que seja, ao menos razoavel e aceitavel?

Eis ahi as interrogações que deixamos para serem respondidas pelos academicos de boa vontade, se ainda os ha.

Ha alem disso uma circunstancia a notar. E é a diferença da maneira de agir dos dois paizes. Neste mesmo momento Portugal acolhe com um carinho comovente o sr. Oliveira Lima e o sr. Antonio Austregesilo, que entretanto ali se encontram, numa simples viagem de recreio, sem que tenham recebido convites especiais para a visita.

Não é singular essa má vontade ou essa preguiça brasileira?

TARDE POLITICA

Preambulo... desnecessario — O conflito parlamentar — E o resto... são demarches

O leitor podia confessar sem sacrificio, porque a sinceridade é, nesta quadra economica, das coisas mais acessiveis que o cronista, ás vezes discorre com inteligencia.

Chama o leitor parvo ao cronista. O cronista vem aos autos declarar que não córará, por muito que tenha em conta a sua previsão...

* * *

Disse-se neste lugar que o cronista, para não incorrer na falencia dos seus creditos tinha que chegar a conclusões ao invés da sequencia natural dos acontecimentos.

Meia hora depois de escrita esta secção, a Camara decidiu-se gentilmente a não deixar ficar mal o redactor destas linhas.

* * *

O que pensou o leitor desta solução, o que pensaram os padres-mestres do «Lexicon» da sciencia de governar povos?

Que o Governo, que ofereceu inhabilmente o seu amolecido flanco ás arremetidas das oposições com a proposta colectiva para a Camara passar por cima das imunidades parlamentares, no caso Maia, ia estatelar-se irremediavelmente; ficaria pelo menos decepado nos titulares do grupo independente.

E o que sucedeu?

Quem cae é... o sr. presidente da Camara, correligionario da minoria opositora e por esta posto em cheque, deixando o Governo de perfeita saude.

Em materia de surpresas, cremos que não terá havido coisa mais edificante.

* * *

O grupo independente abriu franca e bem agressiva hostilidade contra o Governo em geral e contra os seus ministros em especial.

Nestas circunstancias e dentro dos principios constitucionais, os ministros independentes tinham um unico caminho: abandonar as suas pastas «in continenti», visto como já não representam no Poder nenhuma corrente de opinião parlamentar.

O que fizeram esses ministros?

Retiraram o «seu apoio» ao grupo independente — e ficam no Poder, inclusivé o sr. ministro da Guerra, que, estando «de facto» demissionario, não está «de facto» demitido, a ver em que param as modas.

Mas, por Deus, não estará tudo doido neste paiz?

* * *

A forma quasi permanentemente tumultuaria como decorrem os trabalhos parlamentares dá lugar a incidentes como o que ontem determinou a renuncia do sr. Sá Cardoso.

O resultado da votação da moção Agatão Lança não foi evidentemente o proclamado pela presidencia. Por culpa desta? Não. Por mercê apenas da confusão dos trabalhos.

O resultado é que, naturalmente, se fará hoje um pouco extemporaneamente uma contraprova, o que, sobre não prestigiar a ordem e o decoro parlamentares, já não consegue remediar a gravidade das circunstancias a que deu origem.

* * *

A mesa da Camará dos Deputados começou ontem mesmo as «démarches» para demover o sr. Sá Cardoso da sua renuncia á presidencia.

Segundo seguras informações que colhemos, o ilustre parlamentar não transige. Não regressará á Camara, nem ficará no partido nacionalista, pelo qual se considera gravemente ofendido.

Em casa do sr. Sá Cardoso estiveram tambem hoje os srs. Alvaro de Castro e Virlato da Fonseca, dando a s. ex.ª todas as explicações por parte da minoria nacionalista, em nome da qual afirmam a mais alta consideração por aquele seu antigo e categorizado correligionario.

O sr. Sá Cardoso, não obstante, afirmou aos comissionados o seu proposito irreductivel da renuncia e do abandono do partido.

* * *

Qualquer que seja o parecer das comissões de guerra e legislação, alguns deputados da maioria não votam a prisão imediata do deputado sr. Antonio Maia.

Está-se a vêr que, se esses votos juntos aos da minoria nacionalista e catolica fizerem triunfar esse ponto de vista, o Governo recebará um cheque.

— E fica? Sabemos lá se fica. O que sabemos é que arderá Troia.

* * *

O sr. Antonio Maria da Silva, como consta da nota parlamentar doutro logar, declarou que, *definitivamente*, o sr. ministro da Guerra abandona a sua pasta, devendo dizer oportunamente á camara quem será o novo titular daquela pasta.

Já toda a gente sabe que será s. ex.ª, até que eleito o novo presidente da Republica o actual Governo apresente a sua demissão.

O Governo sacrifica assim o seu imprudente colega á estabilidade governamental, primeira ou talvez sua unica preocupação.

Tendo sido solidario até hoje com a atitude do sr. coronel Freiria, o sr. Antonio Maria da Silva procura evitar o cheque no Governo deixando um ministro deploravelmente esmagado.

Cremos que nos meios militares o facto deve produzir uma impressão desagradavel, menos atenciosos como estão pelas preorogativas parlamentares.

* * *

A's 17,40 começa a falar o sr. Antonio Maia. E' a interpelação ao sr. ministro da Guerra, anunciada ha dias e que tanta perturbação trouxe ao debate parlamentar. O discurso do sr. Antonio Maia é feito com serenidade e elevação. Denuncia graves irregularidades na direcção da Aeronautica Militar, mostrando os inconvenientes de se entregar a direcção desses serviços a oficiaes não especialisados. No final do seu discurso é cumprimentado por deputados de todos os lados da Camara.

Segue-se o sr. Presidente do Ministerio. Está falando á hora de fecharmos o jornal. Explica que, sendo definitiva a demissão do sr. ministro da Guerra, é a ele que cabe responder ao interpelante. E', como se vê, o tirocinio para a interinidade.

* * *

18,15 — Na sua réplica o sr. Antonio Maia foi felicissimo. Demonstrou que, sendo o sr. Presidente do Ministerio ministro da Guerra ha apenas minutos, não podia responder melhor do que respondeu, visto desconhecer os assuntos da sua nova pasta. Terminou pedindo a toda a Camara que votasse a perda das suas imunidades parlamentares, visto que, tendo já realisado a sua interpelação, desejava cumprir a pena que lhe fôra imposta para prestigio do exercito. Toda a Camara aplaudiu com entusiasmo.

Professores Primarios

Na séde da Associação dos Empregados dos Correios, reuniram hoje os professores primarios, que continuaram a discutir, na especialidade, o projecto de reforma de instrução publica apresentado ao Parlamento pelo sr. ministro da Instrução, sendo aprovado com umas pequenas emendas. Foi resolvido dar todo o apoio ao sr. João Camoesas para que o projecto se torne em lei.

Foi tambem nomeado um delegado para a comissão de técnicos que devem rever a lei.

Pessoal dos Fosforos

O pessoal da Companhia dos Fosforos avistou-se hoje com a direcção da Companhia e com o ministro das Finanças, a fim de tratar do encerramento da fabrica, provocado pela gréve de braços caídos que desde segunda feira vinha sendo mantida em todas as oficinas, devido a não terem sido satisfeitas as reclamações de aumento de salario.

Atribue-se o encerramneto da fabrica como castigo aos operarios, que não querendo lançar-se na gréve publicamente, resolveram fazer a greve muda de braços caídos.

O sr. ministro as Finanças prometeu interessar-se pela solução do conflito.

O 19 DE OUTUBRO

Ficou adiado para amanhã, o julgamento do capitão sr. Cabrita que hoje se devia ter realisado no Tribunal Militar.

Depois de amanhã devem responder os soldados da Guarda Fiscal, que no Porto se insubordinaram por ocasião do movimento de 19 de Outubro. Tambem é depois de amanhã que no Supremo Tribunal de Justiça Militar é julgado o recurso dos tripulantes da camionete fantasma.

TRIPLICE INFANTICIDIO

O caso dos 3 esqueletos

D. Maria Guerreiro voltou hoje a descrever á policia a historia dos seus crimes

O seu seductor foi um seu primo falecido em 1920

O assunto do dia foi ainda hoje o triplo crime de infanticidio praticado pela sr.ª D. Maria José Gomes Guerreiro, caso que conforme temos referido se desenrolou na rua da Escola Politecnica 183, 2.º e que a policia após diligencias dirigidas com certo criterio conseguiu pôr a claro.

Já ontem dissemos que D. Maria Guerreiro após um interrogatorio apertado por parte do sr. dr. Crispiniano da Fonseca, adjunto do director da policia de investigação, acabou por confessar o seu crime, recolhendo por fim, acabrunhada, triste e chorosa a um quarto particular, onde se conserva ainda na mais rigorosa incomunicabilidade. A infanticida moida pelo cansaço, passou a noite um pouco mais calma, chegando a dormir com relativa tranquilidade.

Hoje de manhã, a criminosa que é uma figura mascula e forte, têz bastante palida e com um vinco arroxeado a rodear-lhe os olhos, voltou ao gabinete do sr. dr. Crispiano da Fonseca a fim de sofrer novo interrogatorio. Ao tempo já ali se encontrava o sr. dr. Xavier da Silva, da policia scientifica, que passados momentos saia pois já não se tornava necessaria a sua intervenção, solicitado sómente para assistir á descrição da presa da fórma como dera á luz as tres creanças.

D. Maria Guerreiro foi precisa e concreta nas suas respostas:

—Mantivera relações amorosas com o seu primo Candido Garcia Reis, ao tempo residente na rua Castilho 34, 1.º e falecido em Março de 1920, não chegando a casar com ele por se tratar de um rapaz um pouco estroina e que tinha amantes.

No entanto o seu seductor era completamente alheio, aos infanticios, tendo ela conseguido sempre esconder-lhe os seus crimes e fazer-lhe crer que nunca ficara gravida.

E' digna de registo a forma criteriosa como ela discutiu com os investigadores, chegando de principio, com as rezões claras que expoz, a fazer crer ao dr. Crispiniano da Fonseca que não fôra ela a autora da morte dos tres filhinhos. Como é sabido, os pequenos cadaveres encontravam-se envoltos em roupas, figurando entre estas um lençol com uma marca que não era da casa. Quando lhe apresentaram esse lençol, D. Maria Guerreiro mostrou-se como que satisfeita e replicou:

— Ainda bem que a criatura que praticou tais crimes não teve a lembrança de se utilizar dos nossos lençois, porque então nos comprometeria extraordinariamente...

Uma resposta tão natural e tão logica chegou a fazer crer, repetimos, ao investigador que não tinha na sua frente a infanticida e que os crimes tinham sido praticados por alguma das muitas mulheres a dias que iam trabalhar á casa da rua da Escola Politecnica.

A criminosa, depois de ter confirmado e assinado as suas declarações de ontem, recebêu na presença do sr. dr. Crispiniano da Fonseca a visita de uma senhora amiga, recolhendo por fim ao quarto particular que lhe está destinado.

A policia que havia determinado varias diligencias na provincia mandou já sustar esses trabalhos por ter apurado que o primo de D. Maria Guerreiro havia falecido em 1920 e que era ele de facto a unica pessoa que visitava a casa da rua da Escola Politecnica. Para esclarecer ainda alguns pontos vai ser ouvida uma das amantes desse falecido primo, devendo depois ficar concluido o processo, pois parece apurado que no infanticidio não teve interferencia qualquer outra pessoa.

O general sr. Garcia Guerreiro, que gosa geraes simpatias acaba de pedir a sua demissão de oficial do exercito e de general quartel-mestre do exercito.

Parlamento

Nos Deputados

A interpelação Hermano de Medeiros—O incidente parlamentar

Primeiro fala o sr. Hermano de Medeiros: diz que na vespera se inscreveu afim de treplicar ao sr. ministro do Trabalho ainda sobre a sua interpelação áquele titular.

Apoz ligeira troca de explicações; o sr. Lucio Martins pergunta se o sr. ministro da Guerra está demissionario e o sr. presidente responde que não sabe, dando em seguida a palavra ao sr. Estevão Aguas.

O sr. Hermano de Medeiros protesta, mas por fim consente em que o sr. Estevão Aguas fale primeiro, e este senhor trata de assuntos que interessam os estudantes da Escola Normal.

Em seguida o sr. Cancela de Abreu emite a opinião de que devem ser consentidos nas missões ultramarinas os membros da Companhia de Jesus de nacionalidade portugueza. Envia para a meza um projecto nesse sentido fundamentando-o em relevantes serviços prestados por esses religiosos, especialmente na Grande Guerra e nas colonias. A proposito diz que nas nossas possessões ultramarinas se conservam missões jezuiticas estrangeiras proibindo-se as portuguesas.

O sr. presidente declara que esse projecto não pode ser admitido e o sr. Cancela de Abreu insurge-se contra essa interpretação ao artigo 12.º da Constituição.

O sr. presidente do ministerio comunica que o sr. ministro da Guerra mantem o seu projecto de deixar de fazer parte do Governo e declara-se habilitado a responder á interpelação pelo sr. Antonio Maia anunciada ao sr. coronel Freiria. Na devida oportunidade—acrescenta — trará á Camara o nome que o chefe do Estado escolher para sucessor do referido membro do poder executivo.

O sr. Antonio Correia ocupa-se da situação dos estabelecimentos de caridade do circulo de Castelo de Vide, solicitando providencias, que o sr. ministro do trabalho promete, dizendo, porem, que os subsidios para tal fim não são conferidos pela sua pasta.

O sr. Antonio Maia estranha que depois do sr. presidente do ministerio se ter dado como habilitado a responder á sua interpelação ainda não lhe tenha sido dado a palavra. Requer para fazer a sua interpelação com prejuizo de ordem do dia.

Começa por perguntar se pode ser punido militarmente por quaisquer palavras que proferir, e sejam consideradas desprimorosas para superiores.

Esclarecendo, o sr. Almeida Ribeiro lê o artigo da Constituição que faculta a todos os deputados o direito de emitirem livremente as suas opiniões.

Então, o orador, entrando propriamente no assunto, critica algumas resoluções que reputa arbitrarias, do sr. ministro da Guerra demissionario com relação aos serviços de aeronautica militar. Diz que o sr. Freiria com a publicação de determinado decreto saltou por cima das leis. Condena tambem o que se passou com um concurso para pilotos da Escola de Aerosteiros, dizendo que a admissão foi realisada sem observancia duma formalidade importante como seja a inspecção medica. O orador responsabilisa por este facto o director da Aeronautica Militar sr. Freitas Soares.

A culpa maxima da indisciplina nos serviços da aviação nacional pertence ao homem que acaba de abandonar o «fauteuil» de ministro da Guerra por não ter qualidades dirigentes. Mas outro culpado é o sr. Freitas Soares, com a sua parcialidade e o seu despreso pelos regulamentos.

* * *

A sessão continua.

LIBRA

106$00 e 108$00

Os atentados bombistas

A policia de Segurança do Estado ainda hoje procedeu a varias deligeucias sobre os recentes atentados bombistas, tendo prendido João Maria Pedro e Paulo da Silva.

Este ultimo que tem largo cadastro como gatuno foi quem, no largo da Boa-Hora, atirou uma bomba contra o sr. dr. Barbosa Viana, vogal do Tribunal de Defesa Social, tendo sido ohje reconhecido no Governo Civil por aquele magistrado.

Durante o dia de hoje foram interrogados na policia os bombistas Isequiel Leigo, Vasco Soares e outros. A policia passou buscas em casa de varios presos apreendendo documentos a que liga importancia, balas e pés de cabras.

ITALIA

O sr. Mussolini

faz um importante discurso

A adesão dos socialistas e a scisão dos populares

Começa a ser conhecido nos seus pormenores o que foi a historica sessão do Parlamento italiano e o celebre discurso de Mussolini ao mesmo tempo cativante e ameaçador, que lhe valeu mais um triunfo.

As galerias estavam repletas e na sala tomaram logar mais de quatrocentos deputados.

Mussolini começou por responder a todos os oradores que combateram o projecto de reforma eleitoral. Dirigindo-se aos deputados do partido popular diz que a sua colaboração não é clara.

Aceita a acusação de que atenta contra a liberdade, e diz: «O que é realmente a liberdade? Existe a liberdade absoluta? Existem liberdades? Os socialistas falam sempre da liberdade de comercio, da liberdade de trabalho, mas inventaram uma palavra injuriosa contra os trabalhadores livres».

Dirigindo-se aos socialistas pergunta:

—Existe na Russia a liberdade de reunião?

— Não — grita a Camara — não existe.

—Existe na Russia a liberdade de imprensa e outras que aqui disfrutamos? pergunta novamente Mussolini, e a Camara responde com um «não» energico.

O presidente do Conselho nega que o seu governo seja liberticida, e lembra ter sancionado com leis a jornada das 8 horas e respeitado o sufragio universal; ter, emfim, dado o voto administrativo ás mulheres.

Nenhuma lei de excepção foi decretada por este governo; mas naturalmente, a revolução fascista tem o direito de defender-se;

Continua dizendo que gostou sempre de viver no meio do povo; mas que este nunca lhe pediu liberdade nem se queixou de sofrer falta dela.

São em geral uns tantos centenares de emigrados no estrangeiro, os que se queixam de falta de liberdade; mas não se fala dela nos milhares de memorandums que todos os dias recebe, nos quais se expõem as miserias que afligem as classes inferiores. (Grandes aplausos).

—«Não desejo a abolição do Parlamento, por que não se conhece nada que o substitua... Em que momento cessará a pressão moral fascista? Depende da conduta da Camara».

Depois dirigindo-se aos socialistas, Mussolini diz que se consideraria feliz tendo a seu lado as massas operarias, ás quais daria representação no governo, dando-lhes um dos mais delicados ministerios.

E' preciso, ajunta, que os operarios saibam que é impossivel fazer tábua rasa, suprimindo tudo, porque depois tudo ha a refazer, como na Russia, onde se suprimiu o Exercito e houve mais tarde que chamar os generais do antigo regimen (apoiados).

A seguir o orador proclama que com as greves nada se consegue já e pergunta aos «leaders» socialistas srs. Daragona e Colombino se ele, Mussolini, deu ou não todo o auxilio para proporcionar trabalho a milhares de operarios. (Muito bem em toda a Camara).

«Liberdade!—diz com voz potente; liberdade, sim, mas não licença. (Aclamações). Marcha-se muitas vezes por caminhos cujo transito está prohibido. (Grandes aplausos).

Tratando do projecto de reforma eleitoral, Mussolini diz que a creação do Colegio Nacional e o boletim de votação de Estado se acham incluidos já nas antigas propostas socialistas:

Afirma que fará as eleições se estiver convencido de que se poderão fazer com tranquilidade e normalidade.

Mussolini continua o seu discurso insistindo em que não cederá um ápice em materia politica; mas no que diz respeito ao aspecto tecnico do projecto, o governo dá á Camara liberdade para sobre ele se pronunciar. «O paiz deseja tranquilidade e paz, e o governo faz encarniçados esforços para lha dar.

—Da vossa votação—diz á Camara—depende o vosso destino. Digo-o amparado em absoluto na Constituição.

E alude abertamente á dissolução no caso da Camara «votar contra» dando ao paiz a impressão de estar separado dele», e termina dizendo: «Ainda é tempo do Parlamento se reconciliar com o paiz; amanhã será tarde.

«Deixai a politica partidaria e de disciplina de grupos' escutai apenas a voz da propria consciencia».

Uma extraordinaria ovação coroou as ultimas palavras de Mussolini.

A votação foi um triunfo.

Os «leaders» socialistas abraçaram o presidente do conselho.

Ex.mo sr. — Tendo sido publicadas varias notas no seu jornal enviadas pela Companhia Portuguesa de Pesca por intermedio da Agencia Latino Americana, que são constituidas de calunias infundadas contra mim, e titula de Carneiros os Pescadores. Peço a fineza à V. Ex.ª de publicar estas duas linhas que constituem a minha defesa e a daqueles que tenho o direito de defender. Em primeiro lugar declaro em nome dos Pescadores que não pertencendo estes á familia dos que enviaram essas notas para o seu jornal, devolvemos-lhes o titulo apresentado. Em segundo lugar e referindo-me á minha pessoa declaro que a tal cota de 5 contos do Estrela d'Alva não me pertence mas sim ao sr. José Rodrigues da Preta. Como tambem quem tem parte em fragatas é o sr. José de Oliveira Mendes e não eu, como vê estão muito mal informados. Sobre a questão desses senhores afirmarem que teem dado 1/4 por cento para uma falsa caixa de Socorros, é uma verdadeira mentira. Existe entre nós uma verdadeira caixa de Pensões mas é sustentada pelos Pescadores que dão para ela um 1/4 por cento. O movimento dessa caixa desde o dia 1 de Janeiro de 1922, data da sua fundação, até ao dia 30 de Abril de 1923 é o seguinte:

Receita total	48.873$00
Pagamento a Pensionistas...	27.151$24
Saldo na Caixa G. dos Depositos a favor dos pensionistas	21.721$76

17-7-1923 — *Alfredo de Oliveira Mendes.*

—N.R. A carta que acima publicamos é, como do seu proprio teor se infere, a resposta a uma outra, aqui publicada ha dias. «A Capital», dando publicidade a essas duas cartas, mantem-se extranha á doutrina de qualquer delas.

"A B C,,

O numero do «A B C» referente a esta semana apresenta, alem duma minuciosa e flagrante reportagem grafica dos funerais de Guerra Junqueiro e outros assuntos palpitantes, um sensacional artigo sobre o militarismo na Russia, documentado com varias fotografias e as já famosas revelações ácerca de «João Franco e o seu tempo» que desvendam os mais profundos misterios da ditadura franquista. Como passa no proximo domingo o 3.º aniversario deste elegante «magazine» realisar-se-ha uma festa de confraternisação entre o pessoal que trabalha naquela obra que é bem uma prova de tenacidade e dedicação.

Mulheres Portuguesas

Sessão solene

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, para festejar o 9.º aniversario da sua instalação, promove uma sessão solene no proximo dia 22, pelas 14 horas, no salão da Ilustração Portuguesa.

Vão ser convidados os srs. ministros da Justiça, dos Negocios Estrangeiros, da Instrução, do Trabalho, Governador Civil, etc., fazendo uso da palavra varias oradoras que ventilarão assuntos feministas.

A entrada é publica.

Festas em Caparica

ALMADA, 18.—Em S. Francisco dos Matos, freguesia de Caparica, realisam-se nos dias 12 e 13 do proximo mez de Agosto as costumadas festas, cujo programa é o seguinte:

Dia 12—Alvorada de 21 tiros, ás 6 hora; missa, ás 11 horas e esmolas aos pobres, ás 11 horas e meia; abertura de quermesse, ás 16 horas e concertos musicais até á 1 hora da madrugada; corridas pedestres ás 18 horas.

Dia 13—Abertura da quermesse ás 16 horas, e concertos musicais em seguida; cavalhadas, ás 19 horas. Leilão de bandeiras e prendas, á noite. Fogo preso ás 2 horas da madrugada de 14.

A comissão promotora é constituida por diversas senhoras e cavalheiros da localidade.

Gremio Extremenho

Convidem-se a reunir, hoje, na rua do Mundo, 31, 3.º pelas 22 horas, os extremenhos (distritos de Leiria, Santarem, Lisboa), residentes na capital, para se nomear a comissão organisadora do Gremio Extremenho.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Adesões

A' comissão distrital de Lisboa foram enviadas pela Comissão Municipal do Barreiro, mais as seguintes adesões.

Adesões no Barreiro — Custodio Joaquim, enfermeiro; João Maria Massapina, carpinteiro; Francisco Conceição Garindas, sapateiro; Armando Sá Caldeira, ferro-viario; Prudencio Lopes da Silva, serralheiro; Joaquim Pedro Martins, operario; Joaquim Caperta, serrador; Benjamim Vicente, ferro-viario; José da Silva, ferro-viario; Antonio Pedro Martins, idem; Arcadio Mendes dos Santos, carpinteiro. José Antonio da Cunha, [illegible]; Amancio Januario Matos, torneiro, todos residentes na Vila do Barreiro. José Maria Alves, sargento de marinha; Joaquim Marques da Silva, pintor; José Rodrigues da Costa, ferro-viario; Manoel Jaime Pereira, 2.º sargento mutilado da guerra; tambem residentes na freguezia do Barreiro.

Adesões no Lavradio — Artur Gaspar de Carvalho, industrial; Augusto Coutinho, comerciante; João Fructuoso da Silva, oficial do registo civil; Cristiano Manuel de Almeida, ferro-viario; José M. de Almeida, fasendeiro; Ricardo da Silva, agricultor; Antonio Neves Costa, ferro-viario; Avelino Ribeiro, do Lavradio; João Raimundo, ferro-viario; Aires Pedro de Carvalho, idem; João Pedro Raposo, idem.

Adesões em S. Pedro de Cintra — Gregorio Almeida Duarte, comerciante; Mario Ferreira Lago, empregado dos correios; Armando Silva C., carpinteiro; Francisco Ferreira Lago, comerciante; Augusto Silva Coelho, empregado nos correios; José Francisco Reis, proprietario; José Augusto Madeira, industrial.

Adesões em Braga — Começamos hoje a publicar as adesões ao nosso partido neste concelho:

Luiz Emilio dos Santos Seca, oficial do exercito; Domingos Joaquim Machado Junior, idem; Antero Pacheco da Silva Carvalho, jornalista; Arlindo Candido Martinó, oficial do exercito; Arlindo B. Correia, viajante; José Antonio Peixoto, negociante; Antonio José Fernandes Carneiro, empregado camarario; Augusto Tristão Pereira Pimenta, industrial; Manoel Luiz Mendes, idem; Urbano da Silva, idem; Alberto Francisco Macieira, empregado publico; Joaquim Pereira da Silva, industrial; Adelino Soares, idem; José Narciso de Oliveira, idem; Antonio José Tinoco, funcionario; Domingos José de Sousa Vieira, idem; Artur Fernandes Pilar, idem; Antonio José Pimenta, industrial; Alberto Soares, idem; Daniel C. da Rocha, solicitador; Francisco Abreu Rodrigues Nogueira, industrial; José Cardoso da Silva Junior, idem; Antonio da Horta, empregado publico; Joaquim José de Lima, funcionario; Manoel da Costa Ferreira de Melo, idem; José da Costa, industrial; Antonio Amaral Costa, idem; Manoel Alves, idem; Manoel Ferreira Braga, idem; Luiz Duarte da Silva, idem; Cesar Tainia e Meta, empregado comercial; José Inacio Pinto, industrial; José Pereira da Silva, idem; João Martins, idem; João Fernandes Braga, empregado ferro-viario e Luiz Simões, idem.

O jornal diario no Porto

Constituiu-se já no Porto uma empresa de republicanos radicaes, para fazer publicar imediatamente o orgão diario do partido nesta cidade.

O jornal sai por estes dias á publicidade.

19 de Outubro

A direcção do Centro Republicano Radical 19 de Outubro, na sua reunião semanal de ontem, tendo conhecimento de que um grupo de jovens academicos vai fundar um Centro Republicano Radical, congratulando-se com o facto, resolveu colocar ao dispor da comissão organisadora do novo centro, no caso de o necessitar, a sua séde emquanto a nova organisação partidaria não tiver instalação propria.

Ocupou-se, em seguida, de varios assuntos de caracter interno, resolvendo enviar aos socios do centro uma circular que por estes dias lhes será distribuida.

Foi resolvido mais marcar as quartas-feiras, ás 21 horas e meia, para as reuniões da direcção e comissão politica.

Acaba, ou não o Ministerio do Trabalho?

E' um grave erro de politica social, se o extinguirem. Mais tarde ressuscitará, verão

A actual organisação dos seguros sociais não dá resultado. Provam-no 4 anos de perdidos esforços

Uma interessante entrevista

As questões sociaes estão na ordem do dia. Na medida da solução dos problemas se irá estabelecendo a paz no mundo.

Apareceu ha dias a noticia de que o ilustre escritor e sociologo, sr. Gomez de Bàquero, se interessara pelos assuntos do nosso Ministerio do Trabalho e, especialmente, pelos seguros sociaes e mais instituições de previdencia geral. A noticia pareceu-nos importante. Procuramos esclarecimentos.

— Póde indicar-nos um funcionario conhecedor, a valer, dos assuntos do Trabalho e dos seguros? — perguntamos nós, no corredor do respectivo Ministerio, a pessoa que nos pareceu da casa.

— Está ali o sr...., que é homem capaz de amanhã ser ministro. Assim ele quizesse entrar na politica.

E constatamos mais uma vez esta triste verdade: não basta ser-se competente, é preciso contradançar e procurar agradar a um grupo e descer ao corrilho. E, assim, como os competentes habitam a sua torre, a politica vive miserrimamente, com os mesmos homens queimados, sem esperança de renovação.

— Sabe da visita do escritor espanhol Gomez de Bàquero a este Ministerio? — perguntamos á pessoa que nos indicaram.

— Sim; é preciso pôr ai os olhos: os funcionarios espanhoes estão tão bem pagos que, mesmo quando andam — e podem andar — em vilegiatura, se entregam aos assuntos dos seus cargos, sem necessidade de ajudas de custo e outras misérias que cá em Portugal preocupam mensalmente o «Diario do Governo» e têm de preocupar o misero funcionario.

«Lá fóra, os assuntos de protecção e defesa do trabalho e todas as fórmas de assistencia e previdencia têm a primazia entre os esforços governativos e as locubrações dos intelectuais. A toda a hora se criam organismos dispostos á solução dos problemas sociaes, não para evitar e contrariar as modernas reivindicações — o que é uma imbecilidade — mas para que os modernas reivindicações — aspetos da nova justiça social que já entrou no sentimento universal — se estabeleçam sem choque de maior e a revolução — que ninguem fura negando-a — venha por estradas e caminhos proprios e não tenha de talar campos e arrazar povoados. A tarefa de pôr os «rails» para a Revolução Social — a que já estamos assistindo e estamos sofrendo — está confiada, em todo o mundo, aos Ministerios do Trabalho. Quem não os tem, cria-os. Servem para parar os choques e conflitos sociaes e preparar as soluções mais adequadas aos problemas em equação. Em toda a parte esses Ministerios se compõem de variados organismos, uns de estudo e outros de execução, e toda a gente está convencida que o dinheiro mais bem empregado é o que se gasta na solução das questões sociaes, pois! que, se uma onda extremista nos surpreendesse, teriamos os célebres horrores da Russia.

«Em Portugal, os grandes politicos, que numa hora feliz criaram o Ministerio do Trabalho, estão em vésperas dum grande feito: acabar com ele! E para quê? para se mostrarem economicos aos olhos dos grandes ricos, que reclamam a cabeça dos funcionarios como vingança pelos miseros impostos que pagam. Vantagens? Nenhumas: ficam os mesmos funcionarios e, por um ministro que sai, fica um subsecretario.

— Mas a Sociedade das Nações, que vela pela solução da questão social em tudo o mundo já foi ouvida?

— Os «sabios» portugueses julgam-se independentes no mundo, e soberanos na sua «ignorancia». Julgam remediar tudo com tretas. O nosso «Diario do Governo» parece um jornal de estudantes: engana-se cada qual, enganam-se uns aos outros e quem sofre é o paiz. Acabar com o Ministerio do Trabalho dá bem a nota dos nossos politicos, dos nossos sociologos.

— Dizem alguns politicos que não dá resultados.

— Se eles nem sabem para o que póde servir! E' certo que, nas mãos dos barbaros em que tem caido, não tem desempenhado papel; mas entreguem-no a um homem competente e dêem-lhe as faculdades proprias e necessarias. Acabar com ele, nada resolve; daí a pouco, quando os males crescerem — e talvez já não tenham remedio — hão-de ter de o reinstituir. Entretanto, os ignorantes vencem.

— Mas os seguros sociaes não acabam...

— Pelo mesmo criterio, pódem acabar: a ninguem é mais facil destruir que aos ignorantes. Todavia, os seguros sociaes são a mais bela iniciativa social dos nossos tempos. Os funcionarios deles encarregados são valores que devem ser aproveitados e estimados.

— E porque não funcionam os seguros?

— Funcionam já plenamente, os seguros para desastres no trabalho prestando valiosos serviços.

— Mas os restantes?

— Pela maneira como os instituiram, não têm condições. Existem no papel, vai para cinco anos e... nada. Neste pé, não singram. A actual organisação falhou. Noto que quasi todos os funcionarios estão convencidos disto; mas o seu papel é procurarem dar cumprimento á lei. A lei é que é deficiente, imprecisa e meramente teórica. E' prosa barata de jornal, articulada para o «Diario do Governo». Os estrangeiros que tanto nos apreciam, sob varios aspectos, devem andar muito desconfiados com a nossa legislação de seguros sociaes. Ha quasi cinco anos, e... nada!

— E como lhe parece que deveriam ser montados os seguros?

— Tenho trabalhos sobre o assunto e outros funcionarios os terão tambem; ha quem tenha ideas assentes, mas que ninguem deve apresentar, porque o Conselho de Administração continua a teimar que está de posse da ultima palavra. Pois cinco anos desiludem qualquer obcecado. Se amanhã declarasse a falencia da actual organisação e os funcionarios superiores se constituissem em Conselho Superior de Reformas Sociaes — onde os de maior categoria não mandassem calar os de menor, como agora — o problema dos seguros sociaes, os de assistencia e previdencia, conseguiriam solução prática. Com uma duzia de bases levadas ao Parlamento, com autorisação para publicar os necessarios regulamentos, resolver-se-hia tudo.

— E a actual organisação foi aprovada pelo Parlamento, ao menos as bases, a orientação?

— Não foi, nem será, porque se pede a todos os parlamentares para ouvirem a cega-rega ao ouvido e eles, fascinados, não querem saber de mais nada. Aquilo é assim... Se os seguros fossem ao Parlamento, o caso havia de ser falado. Mas não lhes falem nisso!

— Quais serão as impressões de Gomez de Baquero?

— E' claro que vai dizer que encontrou o Ministerio no melhor estado de asseio e que todos somos muito bons rapazes.

Politica Madeirense

«Sr. redactor — Peço a v. o favor de me publicar o seguinte, que é um aviso a todos os sinceros e devotados republicanos.

«O Rebate» de 17 do corrente, diz que a victoria do P. R. P. na eleição de procuradores á Junta Geral e vereadores, que em 15 do corrente, se realisaram no concelho do Ponta de Sol — Madeira — que foi devido em parte ao esforço e prestigio dos seus amigos e correligionarios srs. Vicente J. Ferreira e F. Cabral de Noronha.

Por este motivo declaro que são dois autenticos inimigos da Republica que habilidosamente se introduziram nas fileiras do glorioso P. R. P. Esses individuos toda a Madeira sabe, que não são republicanos, e que nunca o foram: poderei invocar o testemunho de dedicados republicanos madeirenses, se necessario fôr preciso, que imediatamente virão justificar estas minhas declarações, porque a Republica deve estar muito acima das vaidades e das ambições dos homens. Eu assim o entendo.

Agora a proposito da victoria do P. R. P. devo dar conhecimento a v. que foi ganha não com o prestigio dos taes individuos, mas pelos processos mais irregulares, incluindo a violencia e a perseguição contra os verdadeiros republicanos. São uns desordeiros já muito conhecidos na Madeira, os que assim procederam, pois têm ali cometido as mais vergonhosas tropelias, as mais infames perseguições, servindo-se até do expediente de assaltantes, para ilegalmente se apoderarem dos mais elevados cargos de confiança do regimen. E' preciso que todos os sinceros republicanos saibam que naquela ilha a Republica não vive para os republicanos, mas infelizmente para os seus adversarios. E' para lamentar, que os aventureiros, os videirinhos, os troca-tintas, e certos magnates da politica, que têm comprometido o regimen, e os verdadeiros principios republicanos, e que naquela ilha têm cometido as maiores afrontas ao espirito republicano e liberal madeirense, calcando a pés as leis da Republica, consentindo atentados contra verdadeiros republicanos, encontrem quem tenha o descaro de os reconhecer como uns verdadeiros apostolos do regimen...

Pobre Ribeira Brava!!! Ai... se ele podesse resuscitar, para vêr os seus figadaes inimigos arvorados em mandões da Republica, insultando e ameaçando os seus companheiros de luta, os seus leais amigos e dedicadissimos correligionarios.

Republicanos os que têm tripudiado sobre a justiça, sobre o direito, sobre a verdade?... Nunca... Uns troca-tintas que nasceram para vergonha da terra que lhes foi berço. Assim é que está certo.

Agradecendo, de v. etc., *Celestino de Vasconcelos*, ex-administrador de Camara de Lobos.»

Theatros e Cinemas

Nota do dia

O preço das «borlas»

Ha muitas ocasiões em que, aceitando os «lugares de favor», são verdadeiros favores que se fazem á empresa. E' quando a empresa precisa de enfeitar a casa». Então, o teatro é entregue á «Irmandade da graça» e ha imensas pessoas que são amigas da empresa.

E' a epoca em que os directores de companhia atribuem as ausencias do publico á chuva, ás revoluções, ao calor, á crise das subsistencias, ao mau gosto do publico, «á desleal» atitude da critica, ás perseguições dos outros teatros.

Quando, porém, é solicitado a uma empresa um lugar de favor, por um dêsses pobres colaboradores do teatro — carpinteiros de scena, electricistas, pessoal do palco, etc. — a «borla» sai-lhe carissima.

Hoje, uma borla, afirmam-nos, custa mais cara seis ou sete vezes do que noutro tempo o bilhete todo!

Um informador de jornal conta-nos que, conhecendo certo empresario de verão, que são como os toureiros de inverno, lhe pediu um camarote para a familia, e acrescenta: «comquanto lhe tenha vastas vezes feito favores, como levar noticias, pedir referencias, etc., etc., o preço que me levou pelo tal camarote, «dado», foi tão caro, que desisti. Antes ir, pagando, com a familia para a geral, sem ficar em favor.

Chega-se mesmo á conclusão de que, se o teatro estivesse sempre cheio das tais «borlas» do informador de jornais, tinha uma média muito superior á que dá, pagando o publico...

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

A peça que em S. Carlos segue ás representações da «Casa de Boneca», é a comedia «Carta Anonima».

—Já estão sendo levantados varios pavimentos do novo edificio do teatro do Ginasio, que obedecerá a todos os requisitos duma casa de espectaculos moderna.

Reclames

A bela e espirituosa revista «O Fado Corrido» representa-se hoje nas duas sessões no popular teatro Maria Vitoria.

A caprichosa montagem, o luxuoso guarda roupa, os brilhantes scenarios, a encenação e o desempenho tudo se conjuga para que esta revista seja brilhantissima.

As apoteoses são coruscantes de luz e notavelmente vistosas e ainda ha a apreciar os bilhetes da representação darem ingresso gratuito no pitoresco Parque Mayer.

—Continua a afluencia de frequentadores ao Avenida Parque, antigo Parque Mayer, novo recinto de diversões á Rua do Salitre.

—Realisa-se hoje no Teatro Gil Vicente (á Graça) a festa artistica da actriz Teodora Domingues, com a opereta «Flory» e um acto de variedades.

Revista «de Teatro»

Está publicado o n.º 10, que é um dos mais belos e mais variados da colecção.

Publica duas peças completas: «Madalena Arrependida», 3 actos, de Aura Abranches, e «Uma historia de boneca», 1 acto, de Ester Leão; e colaboração excelente de Matos Sequeira, João Ameal, André Brun, Augusto de Lacerda, Nobre Martins, Oscar da Silva, Gastão de Bettencourt, etc., e muitas gravuras e retratos, vendo-se na pagina da frente, um, excelente, de Lucilia Simões.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Boneca».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Ordem de Marcha».
APOLO—A's 9,15—«Morgadinha de Valflor».
AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata».
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

VIDA SPORTIVA

Moto Foot-ball Club

Este club vai promover, em Agosto, o circuito de moto Lisboa-Cintra-Cascais-Lisboa.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiram hoje no rapido: major sr. Augusto Lusignan Guerra, para Aveiro; o comerciante sr. Cruz Barreto, para a Figueira da Foz; Madame Ary dos Santos e seu filho para o Bussaco; sr. Oliveira Soares, esposa e filha, para as Pedras Salgadas; o capitalista Teixeira Marques e Guilherme Cardim, para a Figueira da Foz; actriz Georgina Cordeiro, para o Porto, e D. Maria Alvares, para Vizela.

Sociedade Geral de Exportações Lda.

Para os devidos efeitos, se publica que, por escritura de 21 de Junho do corrente ano, lavrada nas notas do notario dr. José Peres de Noronha Galvão, desta cidade, se constituiu uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, sob a denominação de «Sociedade Geral de Exportações, Limitada», nos termos e sob as clausulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º — Esta sociedade adopta a denominação de «Sociedade Geral de Exportações, Limitada», fica tendo a sua séde em Lisboa, na rua do Cáis do Sodré, n.º 54, e o seu armazem em Alcantara-Mar, rua n.º 3.

2.º — O seu objecto é o exercicio de qualquer ramo de comercio ou industria, com excepção do bancario.

3.º — A sua duração é por tempo indeterminado, contando o começo das suas operações comerciais desde o dia 1 de Julho proximo futuro. O ano social será o civil.

4.º — O capital social é de 500.000$00 e corresponde ás quotas com que êles outorgantes subscreveram pela forma seguinte:

Oliveira Rodrigues & C.ª	200.000$00
José Armindo Ramos	80.000$00
Antonio Ramos	10.000$00
Dr. Augusto da Cunha Oliveira	40.000$00
Dr. Germano Martins	20.000$00
Dr. Canceia de Abreu	20.000$00
Dr. Jeronimo Rodrigues de Sousa	60.000$00
Carlos Bessa Tavares	30.000$00
Dr. Antonio José Teixeira de Abreu	20.000$00
Dr. Bernardo Ferreira de Matos	20.000$00

§ 1.º — A quota da socia Oliveira Rodrigues & C.ª é preenchida por 174.082$09 constante do seu activo devidamente assinado por todos os socios e exarado numa nota que fica fazendo parte integrante desta escritura, e por 25.917$91, em dinheiro, que já deu entrada na caixa social.

§ 2.º — A quota do socio José Armindo Ramos acha se realizada até á importancia de 30.000$00, devendo o restante ser realizado no prazo de 3 anos a contar de hoje.

§ 3.º — O socio Antonio Ramos realizou integralmente a sua quota, em dinheiro, que deu entrada na caixa social.

§ 4.º — As quotas dos restantes socios acham-se todas realizadas em 50 por cento do seu valor nominal, em dinheiro, já entrado na caixa social, devendo o restante ser realizado tambem em dinheiro no prazo de 3 anos a contar da presente data.

5.º — O capital social poderá ser aumentado, uma e mais vezes pelos ultimos outorgantes até cada um dêles perfazer quota igual á do 1.º, ficando a cargo dos socios ou socio, que por cada vez fizerem aumento de capital, as despesas da respectiva escritura, registo, e publicação e ficando desde já autorizada a gerencia a outorgar e assinar as competentes escrituras.

6.º — Não haverá prestações suplementares, mas cada um dos socios poderá fazer á sociedade os suprimentos de que ela carecer mediante o juro igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal.

7.º — A cessão de quotas ou de parte de quotas fica dependente do consentimento da sociedade, salvo a hipotese prevista no artigo 8.º, ou se fôr feita a favor de um associado. Ficam desde já autorizados os socios dr. Augusto da Cunha e Oliveira, dr. Jeronimo Rodrigues de Sousa e José Armindo Ramos a cederem parte das suas quotas e a gerencia a outorgar e assinar os respectivos documentos.

8.º — Sem prejuizo do disposto no artigo anterior, a sociedade poderá amortizar pelo valor inicial, acrescido da parte corresondente nos fundos sociais, a quota que se pretenda alienar. Se a sociedade não quizer a amortização dentro de 3 meses a contar da notificação, pode essa quota ser cedida a um estranho, se qualquer dos socios não optar. Querendo optar mais que um socio, pertencerá o direito de opção áquele que a sorte designar.

9.º — O direito a que se refere o artigo 5.º será exercido pelos com-proprietarios de quotas em proporção do capital que nela tiverem.

10.º — Nenhum dos socios poderá exercer, em nome individual ou associado com outrem, industria ou comercio desde que já esteja sendo explorado pela sociedade, salvo se para isso tiver a expressa autorização da Assembleia Geral.

11.º — A sociedade será representada, em juizo e fora dêle, activa e passivamente, por um ou mais gerentes, socios ou não socios que forem por ela escolhidos, os quais poderão ser dispensados de prestar caução e vencerão a remuneração que em Assembleia Geral fôr fixada. Fica desde já escolhido o sr. José Armindo Ramos.

12.º — Haverá um Conselho Fiscal, composto de três socios eleitos na primeira Assembleia Geral de cada trienio. Ficam desde já escolhidos para formarem o Conselho Fiscal até 31 de Dezembro do corrente ano, os socios Oliveira, Rodrigues & C.ª, dr. Augusto da Cunha Oliveira e dr. Jeronimo Rodrigues de Sousa.

13.º Tanto os gerentes como os vogais do Conselho Fiscal podem ser reeleitos.

14.º — Os serviços dos gerentes e dos vogais do Conselho Fiscal e o modo de substituir uns e outros constará de deliberações aprovadas em Assembleias Gerais.

15.º — O balanço anual e os relatorios da gerencia serão apresentados no Conselho Fiscal até fins de Fevereiro de cada ano.

16.º — Dos lucros liquidos e todas as despesas e encargos sairão 5 por cento para Fundo de Reserva Legal, emquanto este se não achar realizado ou sempre que fôr preciso reintegrá-lo; 5 por cento para Fundo Especial de amortização de quotas; 5 por cento para cada gerente; 5 por cento para os membros do Conselho Fiscal e o restante para o capital na proporção das suas quotas realizadas.

17.º — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos socios com a antecedencia de 5 dias, pelo menos. Independentemente de convocação da Assembleia Geral, reunirá extraordinariamente, na primeira quarta-feira posterior a 20 de Março de cada ano, pelas 21 horas, na séde social, para resolver sobre o balanço, contas, relatorios, percentagens e eleição de gerentes ou vogais do Conselho Fiscal.

Lisboa, 18 de Julho de 1923.

Adriano Joaquim da Silva Graça Junior.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4435-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sexta-feira, 20 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

MARSELHA, 20. — A policia durante a noite passada fez uma batida em varios bairros excentricos conseguindo descobrir 38 casas onde se fumava opio. Só tres delas eram dirigidas por europeus. As restantes pertenciam a orientais que foram presos.— (R.)

Pela policia

Discutiu-se a acção do sr. dr. Paulo Menano, director de serviços de investigação criminal? Que faz o sr. Paulo Menano? Pede imediatamente a demissão.

E' isso o que seria licito esperar? E' isso o que é logico, natural, diremos mais, necessario?

Não é.

Quando se discutem determinados serviços, o que parece indicado é que a pessoa ou pessoas sobre as quais recáia a responsabilidade desses serviços procure esclarecer as duvidas que se levantarem ou ás objecções que forem produzidas.

Mas não!

O que se procura desde lógo é exatamente o contrario, porque na realidade não se pensa senão em colocar sobre o assunto um grande, um definitivo ponto final.

Um funcionario que se vê discutido, seja no Parlamento, seja na imprensa, recorre a tudo menos áquilo que estaria naturalmente indicado que recorresse.

Temos assistido a desafios para duelos, temos assistido ao desvio de questões de maneira a tomarem uma amplitude que não justifica, temos assistido a atitudes que não duvidamos sejam por vezes a demonstração de verdadeiras susceptibilidades feridas, mas que não resolvem os casos que se apresentam porque eles só podem ser resolvidos por meio de factos e documentos, e não apenas com indignações ou queixumes.

O sr. Paulo Menano pede a demissão?

Permita-nos o sr. Paulo Menano que lhe digamos o que a sua consciencia já certamente lhe observou: a sua resolução não resolve nada.

O que o publico deseja não é que o sr. Paulo Menano saia e outro funcionario o substitua; o que o publico deseja é ter a garantia duma boa policia.

Para isso torna-se forçoso apontar os defeitos de que infermam certas organisações policiaes. Como é que se ha-de emendar aquilo que se não aponta?

No Governo Civil dir-se-ia que existe, de longa data, uma praxe a que se não foge. Essa praxe é a de não dispensar em situações desta ordem determinados processos que no fundo não se eximem á pecha da coacção.

Sái, ou está prestes a saír um alto funcionario policial?

E' um terramoto no Governo Civil. Tudo vacila, tudo se agita. Criam-se as mais fantasticas solidariedades. Tem-se a impressão de que, em vinte e quatro horas, o Governo Civil ficará deserto, e por isso mesmo a segurança da cidade convertida num mito.

Ora isto não póde ser.

Nem a incuria, nem a fraqueza, nem a incapacidade, nem o abandono, nem o arbitrio. E' precisa a acção, mas uma acção inteligente, reflectida e energica, sem perder a ponderação que não exclue o zêlo.

Em vêz disso assistimos a factos verdadeiramente singulares.

Não vamos mais longe, visto termos um exemplo de casa.

Ha algum tempo que a «Capital» vem publicando cartas muito interessantes dum seu colaborador, que se intitula «Policia amador», acêrca da morte daquela senhora alemã que, caindo da janela dum quarto do Francfort Hotel, veio despedaçar-se num passeio do Rocio.

O assunto tem caracteristicas curiosas, como diria mestre Sherlock Holmes, e entre elas a mais sugestiva é certamente a de se terem já precipitado das janelas desse mesmo quarto tres mulheres.

O nosso colaborador tem aventado hipoteses engenhosas, e tanto bastou para que o director deste jornal fosse intimado pela policia a prestar declarações. Estranho ás lucubrações feitas sobre o caso, indicou o auctor dessas cartas, o qual, por seu turno, expôz á policia que ele não tinha nenhum elemento proprio que o habilitasse na descoberta da verdade. Não faria mais do que proceder a certas deducções dos factos tornados publicos pela imprensa periodica. Em todo o caso, é natural que a policia já o não largue de olho como cumplice ou mandante de possiveis crimes, visto não lhe ter fornecido elementos de investigação que a ela, e só a ela, cumpre obter.

O sr. Paulo Menano vai-se embora? Ninguem pensou em tal. No que se pensou, e se pensa continuamente, é em ter uma policia digna deste nome, com ou sem o sr. Paulo Menano o que para o caso pouco importa.

Uma prisão

Consta que foi recentemente preso, no Porto, o sr. dr. Bossa da Veiga. A ser verdadeira, ignoram-se os motivos de tal prisão que tem, mesmo assim, trazido alarmados alguns meios politicos.

SOB A AMEAÇA DA

QUADRILHA VERMELHA

O "Avante"

as suas proezas, o seu cadastro e a sua impunidade

Porque apreciámos a acção do funcionario--Governador Civil de Lisboa

Ha dois dias fomos solicitados para esclarecer, junto da pessoa do sr. governador civil, os termos do artigo em que puzemos em relêvo as relações de s. ex.ª com o «Avante». Em virtude da morte de uma pessoa de familia, não pudemos satisfazer êsse desejo, e ontem recebemos uma contra-fé para nos apresentarmos no Governo Civil.

Lá iremos.

Devemos, porém, esclarecer que, estando, como está, gravemente ameaçada a população da cidade, não é licito deixar de pôr, com toda a clareza, esta tenebrosa questão dos atentados dinamitistas.

Assim, não é possivel deixar de apreciar um funcionario — qualquer que seja a sua categoria. A pessoa do major sr. Viriato Lobo merece-nos a maior consideração e simpatia. E', porém, o funcionario — o governador civil de Lisboa — que nós discutimos e, necessariamente, continuaremos discutindo.

E' preciso salvar a população do gravissimo risco do dinamitismo; é preciso denunciar os facinoras que, á margem da policia, ou á sombra dela, se constituem em grupos de malfeitores. E' preciso evitar a todo o transe que as bombas continuem a explodir, ceifando vidas e vidas! De 1 de Janeiro a 10 de Maio rebentaram em Lisboa 45 bombas, das quais resultaram 4 mortos e 18 feridos, tudo pessoas alheias ás chamadas luctas sociais. E' preciso pôr de sobre-aviso toda a população e lembrar ás autoridades que é urgente proceder com tenacidade, com rigor, com energia!

E' o que temos feito — e continuaremos fazendo, embora sob a constante pressão moral de dezenas e dezenas de cartas que nos chegam, ameaçando-nos.

* * *

Que temos feito nós, neste caso? Salientar os mil crimes do «Avante», enumerar as suas proezas, repetir o seu pavoroso cadastro, emfim. Temos afirmado que José Gomes Pereira, o «Avante», é chefe de um grupo dinamitista filiado na Legião Vermelha; que Antonio Pereira, o «Bela-Kun», é o sub-chefe dêsse grupo; que o «Avante» tem inumeras prisões por desordem, receptação de roubos, lançamento de bombas, etc.; que, nos atentados praticados ha uns dois anos a esta parte, quer por meio de bombas, quer usando outro processo, o «Avante» tem estado implicado, assim como o seu grupo; que, dias antes da gréve geral de Abril de 1922, o «Avante» entrou para o serviço da policia, tendo atraiçoado aquele movimento, fornecendo aos seus dirigentes bombas falsificadas; que, já nessa ocasião, a preponderancia do «Avante» na policia era tão notoria, que êle foi visto dirigindo o assalto, pela policia, ao café Chave de Ouro», do qual resultou a prisão de todas as pessoas que ali estavam...

* * *

Dissemos ainda mais: que, tendo sido preso como um dos autores do lançamento de bombas na rua Augusta, em 1920, quando teve lugar a grande manifestação de apoio ao então presidente do Ministerio, coronel Antonio Maria Baptista, só em fins de 1922 foi julgado, tendo estado, entretanto, instalado num gabinete da P. S. E., onde recebia os seus cumplices; que, receando um novo atentado, saía sempre acompanhado por um agente da policia, tendo sido algumas vezes atribuido ao agente Rodrigues êsse papel de... vigilante; que, funcionando então o Tribunal de Defesa Social na Boa Hora, aos juizes que o compõem foi notificado, quando teve lugar o julgamento do «Avante», que o Tribunal funcionaria no Governo Civil, o que se fez, sendo, porém, logo que êle terminou, prevenidos os juizes, pelo sr. governador civil, de que a séde do Tribunal continuava na Boa Hora...

Fomos mais longe: salientámos que, tendo-se o «Avante» queixado no Governo Civil de que o sr. Virgilio Pinhão o acusava de bombista perigoso, foi logo dada ordem de captura contra aquêle senhôr, que teve de comparecer, ficando preso alguns dias.

* * *

As nossas informações eram ainda mais completas e comunicamo-las ao leitor: na explosão de bombas no edificio da C. G. T., onde a quadrilha do «Avante» estava instalada, foram encontrados 600 escudos em notas falsas, que se apurou, iniludivelmente, pertencerem ao chefe; o «Avante» foi procurado e não se encontrou — mas, daí a pouco tempo, frequentava de novo o Governo Civil, encerrando-se as investigações dêsse caso.

Depois do atentado contra o «Avante», foram presos como seus autores Jaime de Figueiredo, José Bernardo e Alvaro Ramos; pouco depois, o primeiro foi assassinado á porta do Café Colonial, não tendo sido descoberto o autor do crime, que só parecia interessar ao «Avante», nem se fazendo, segundo consta, quaisquer averiguações nêsse sentido.

Eis a sintese dos artigos em que temos ventilado a questão — esta ignominiosa questão, em que um grupo de bandidos dêste jaez domina, pelo terror, uma cidade enorme.

Comentámos a acção do funcionario — governador civil de Lisboa — porque, sendo do dominio publico todos êstes pormenores, é dificilmente compreensivel a situação do «Avante» em relação á policia.

Que ela precise, em certos momentos, de exercer espionagem, justifica-se; o que não se compreende é que, em semelhantes serviços sejam empregados tenebrosos facinoras, que, afinal, espionam a policia, evitando que a acção dela abranja os seus cumplices.

E ainda menos se compreende que, tendo a policia particular da Confederação Patronal procedido a averiguações acerca dos dinamitistas e dos atentados organisados por êles, indicando nomes, moradas e cadastros, a policia tenha operado lentamente — e deficientemente, assim como é misteriosa a origem de um projecto de regulamento para a organisação duma corporação especial de guardas noturnos, que «A Batalha» publicou e que a Confederação estudou e propoz confidencialmente ao sr. governador civil, deixando-lhe para estudo um exemplar.

Alem disto, tendo o «Avante» sido preso ha poucas semanas por insultos ao Tribunal de Defesa Social, não se averiguou ainda o motivo que o levou a afiançar-se precisamente no dia do atentado da Boa Hora, de cujo edificio saiu, vinte minutos ou menos, antes da prática do crime.

* * *

De resto, conhecido de ha muito como bombista temivel, tendo andado sempre, até á gréve de Abril de 1922, sob a vigilancia da policia, é dificil perceber como, de então para cá, sendo mais insistentes os seus crimes, a policia o deixa quasi á vontade — e sempre impune. Acerca da celebre «intentona» de Novmbro ultimo, na qual o «Avante» desempenhou um papel de alto relevo, espalhando pela cidade imensas bombas que causaram bastantes vitimas, que nos conste, não se fizeram diligencias que abrangessem o «Avante». No entanto, é notoria a sua responsabilidade nos dolorosos acontecimentos de então.

Foram estes factos e os raciocinios precisos que eles logicamente impõem, que determinaram em nós a apreciação da intervenção que neles pode ter tido — o funcionario — governador civil, quando mais não seja pela sua negligencia.

Os selos do «raid»

Um negocio "furado"?

Trez mil contos de que parece que o aviação maritima terá de desistir...

O leitor dá ideia do destino que deram áquelas mirabulantes coleções de selos por ahi espalhafatosamente anunciados e por quem ninguem mais deu?

O privilegio de emissão, recordam-se todos, levantou uma celeuma enorme, tendo-se falado claramente em favoritismo, em conveniencias e em compadrio. O Parlamento e a imprensa ocuparam-se largamente do caso. E a concessão foi finalmente dada a determinados individuos que desde logo foram apontados como pessoas que dentro de pouco tempo passariam a uma abastança absoluta.

Afinal, ao que parece, o negocio gorou-se. Os selos foram mandados fazer em Inglaterra. Nada menos de cento e vinte mil coleções. Colecções que deviam ser vendidas por, aproximadamente, trinta escudos cada, arrecadando-se assim seiscentos contos, os primeiros, para a Administração dos Correios, tres mil contos para a aviação e alguns centos deles ainda para os negociadores.

Vieram as colecções para a Casa da Moeda e lá teem estado á espera que os concessionarios as vão levantar.

Ora até agora sabe o leitor quantas colecções foram levantadas? Duas mil. Uma insignificancia. Qualquer coisa andando á roda de sessenta contos.

E isto no momento em que eles deviam ser mais procurados. E isto quando os jornais falam na volta ao mundo em avião...

Os referidos selos parece portanto um negocio gorado, tendo os negociadores de suportar a despesa da emissão. Por emquanto é a Administração Geral dos Correios a unica entidade que ganha alguma coisa. Muito dificil é, depois de bem feitinhas as contas que para a Aviação entre um ceitavo.

E o heroico comandante Sacadura Cabral terá talvez de abater ao efectivo das suas ilusões essa importancia com que contava para a realisação de novos cometimentos.

E o Estado? O Estado deixa de receber. Apenas isto. Não é lesado, não é prejudicado senão nisso. O que, já nos não parece pouco.

Conferencia inter-parlamentar

COPENHAGUE, 20.—Espera-se que assistam á proxima conferencia inter-parlamentar 600 representantes dos parlamentos de todo o mundo.

Os directores do Reichsbank

BERLIM, 20.—Reune hoje o conselho directivo do Reichsbank para acordar com os seus acionistas nas operações bancarias a realisar.

Um combate entre tropas

HONG-KONG, 20.—As forças do sr. Sun Iat Sen presidente da republica chinesa do sul derrotaram o exercito de Wu Fei Fu ao norte de Kwang-tung.

A colonia ingleza de Cantão solicitou ás autoridades britanicas que reforcem as tropas navais inglezas em Catão porque os piratas aproveitando-se da desorganisação causada pela guerra civil se tornaram cada vez mais audaciosos.—(R.)

As dissidencias da C. G. T.

UMA CARTA

do Grupo de Propaganda e Estudos Sociaes

Assinado pelo «comité» organisador deste grupo recebemos a seguinte carta, a proposito dum artigo aqui publicado ha dias:

«...Sr. director — Transcrevendo a noticia inserta em «O Mundo», referente a um novo organismo operario, junta-lhe v. os comentarios de um desconhecido dissidente da C. G. T. em que, de uma fórma absoluta, se nega a veracidade dessa noticia.

Ha evidente precipitação no desmentido; a preocupação exclusivista de Moscou ou Berlim, não tomou felizmente as massas operarias que apenas muito superficialmente conhecem a questão e não se tratando desses dois pólos á volta dos quaes se pretende fazer girar toda a vida dos trabalhadores portugueses — e em que no fundo não seria dificil de descortinar uma simples questãosita de pessoas — de alguma coisa na realidade se trata; os homens que dia por dia, hora por hora, em mezes seguidos, vêm congregando esforços, não se categorisam «dissidentes da C. G. T.»; aqueles que se encontram sindicados, sindicados ficarão — com o que eles não concordam é com os processos de lucta, que por mal de todos vêm sendo postos em prática.

Para se reunirem e encetarem «uma acção constructiva e educativa» não precisam da licença de quem quer que seja, dispensando tambem o patrocinio ou conselhos, de pessoas ou entidades, a quem nada solicitam.

Demais, a C. G. T. por qualquer das suas fracções (anarquista ou comunista) nunca se lembrou de negar a qualidade de operarios e militantes aos muitos operarios que hoje ainda sustentam as organisações socialistas em Lisboa e na provincia, e ningeum dirá que estes aplaudam os processos da C. G. T.

Nos proprios centros republicanos, legitimos baluartes dos partidos burgueses e defensores dos poderes do Estado, a massa é ainda composta de operarios... E como se todos estes exemplos não bastassem, existem em Lisboa organisações operarias catolicas, que tambem abundam na provincia, e todas com bastantes operarios filiados. Na capital tambem vive um agrupamento monarquico que realisou ha meses uma sessão onde se encontravam mais de 400 operarios, e no mesmo dia duas sessões contra a carestia da vida, organisadas pelos sindicalistas escassamente contavam duas dezenas de ouvintes!

Mas se os socialistas, os republicanos, os catolicos e os monarquicos podem ter os seus organismos operarios; se todos eles discordam — em detalhes os primeiros, e no conjunto os tres ultimos — da acção anarquista do movimento operario, se todos eles, porém, com a preocupação politica, que é aliaz a sua funcção, abandonam a assistencia ás classes trabalhadoras, se a C. G. T. que pretende ter o exclusivo dessas assistencias, apenas conhece um meio para a pôr em prática, a gréve... Em todos os momentos e em todos os casos, se a sua propaganda não passa de uma lisonja baixa ao egoismo grosseiro das multidões cultivando-lhe os defeitos, desculpando-lhe as taras, que admira a aparição de um grupo de operarios — que outra coisa não querem ser — dispostos a imprimir uma nova directriz á orientação seguida?

Nada ha portanto a rectificar na nota que «Capital» transcreve de «O Mundo»; a nova organisção é neste momento um facto; não é porém uma dissidencia, não vem estorvar a acção de ninguem... vem ocupar um logar vago.

E que não são apenas más vontades que recebem os iniciadores prova-o o facto de uma organisação politica e operaria, sabendo perfeitamente que o novo organismo na agruparai nas suas fileiras, nos têr facultado tudo quanto podia facultar, e muito tem sido, para que a nossa missão não ficasse em meio.

Berlim, Moscou ou Amsterdam não nos interessa; por agora o que temos a enfrentar é a miseria moral e material de muitos milhares de trabalhadores que se não sustentam de tropos de retorica nem se educam com tiradas comiceiras.

Agradecendo sr. director a publicação, sômos com toda a consideração, O COMITÉ ORGANISADOR.

SONAMBULISMO... NÃO!

O CASO DA SENHORA ALEMÃ

que apareceu morta sob as janelas do Francfort-Hotel

(Continuação do numero d'ontem)

Reatemos o fio das nossas considerações.

Dissemos já o que é sonambulismo e como ele se manifesta. Neste estado o sujeito caminha dormindo e preenche habitualmente as mesmas funções que quando acordado. Ha até exemplos historicos de sonambulismo. Não se lembra o sr. Murtinheira nem o nosso ilustre colega do «Diario de Lisboa» e só por isso nós os reproduzimos aqui, os casos que se contam de Cardan ter composto uma das suas obras durante o sono, que Condillac, o famoso filosofo sensualista terminou os seus estudos tambem no estado de sonambulismo, que Voltaire refere em sonho, completamente e melhor do que acordado, um dos cantos da «Henriada». Massillon achou o segredo da sua eloquencia compondo, a dormir, os seus melhores sermões.

Mas em todos estes casos e em muitos outros de que estão cheios os tratados de Fisiologia, casos observados e relatados com a autoridade de Burdach, o insigne fisiologista, por Debay, o considerado materialista, pelo dr. Soave professor de filosofia e historia natural na Universidade de Padua, em nenhum dos casos se constata que o sonambulo grite, em nenhum caso dos estudados e criticados se refere que o individuo sujeito a esse estado anormal emita sons nem realise actos de força ou de violencia e a senhora alemã, senhores meus, gritou estridentemente e partiu com as mãos crispadas as taboinhas da janela.

Não esqueceram os nossos leitores, nem o sr. Murtinheira e o jornalista do «Diario de Lisboa» contestam, a observação feita no numero anterior de que o ouvido é o ultimo dos sentidos a adormecer e toda a gente compreende que pela disposição desse orgão, qualquer som de mediana agudesa é transportado ao cerebro por forma a produzir um despertar violento no inconsciente sonambulo.

Ninguem ignora e muito menos o sr. Murtinheira que em torno dum sonambulo, as pessoas interessadas pela saude do paciente ou aquelas que pretendem estudar o fenomeno se esforçam por manter um silencio religioso com receio de acordar bruscamente o individuo presa do sonambulismo.

A unica creatura que o ilustre chefe da Policia de Investigação nos pode citar como excepção a esta regra, é a protagonista da opera desse nome, mas essa mesma é por exigencias da sua escritura e pela necessidade de interpretar o divino maestro.

A senhora alemã gritou, gritou estridentemente informa o «Diario de Lisboa»—logo a senhora alemã não estava em estado de sonambulismo. M.elle Isolda partiu com uma compressão nervosa e violenta as taboinhas—essa senhora não podia praticar esse acto nesse estado que se lhe atribue.

Mas ha mais e seguramente melhor. Diz o dr. Debay que os orgãos dos sentidos desenvolvidos em excesso no sonambulismo, «experimentam a distancia a acção dos corpos», e fazem-lhe evitar os perigos que o ameaçam.

Se a desgraçada hospeda do Francfort estivesse num estado de sonambulismo, não teria caido á rua ainda que caminhasse pela beira do telhado ou pelos frisos da parede. São universalmente conhecidos estes milagres d'equilibrio que só nesse estado se teem constatado.

Nesta altura podem, o digno chefe da Policia de Investigação e o conspicuo Jornalista do «Diario de Lisboa» concordar comnosco em que não foi sonambulismo, mas, por Deus não se zanguem só porque lhes ajudámos a desbravar o caminho.

Sonambulismo?... Não.

Venha outra.

POLICIA AMADOR

"La ciudad alegre"...

MADRID vive horas de intensa febre

A questão das responsabilidades agita a população e as "élites" esquerdistas

Um grande comicio

A Espanha continua efervescente, anciosa, revolucionada nos espiritos. Não houve até agora, é certo, qualquer manifestação demonstrando inconfundivelmente um estado de alma tão candente, inflamado e alucinado, que influenciasse de tal maneira a Espanha oficial, que lhe impozesse categoricamente a aspiração, a vontade imperiosa da massa. Mas ainda será cêdo. O que é incontestavel é que o «frisson» revolucionario sobe de intensidade, alastra, ascende de baixo para as esferas intelectuais, impondo-lhes atitudes decisivas, atirando-as, pela sua comunicativa combatividade, para uma campanha sem treguas, vibrante, vigorosa, permanente, abalando as mais rijas resistencias.

Com efeito, percorrendo os jornais que nos chegam de Madrid — excluidos, evidentemente, todos aqueles que se fecharam na comodidade hostil do silencio — verificamos que uma extensa, numerosa e vibrante «élite» intelectual e politica, em que refulgem nomes das mais representativas cerebrações espanholas, constitue a grande cabeça que orienta e condiciona para uma finalidade que, todavia, não é transparente ainda, essa multidão clamorosa, electrisada, crispada numa aspiração.

E' ainda a questão das responsabilidades de Marrocos que actua na população com uma poderosa força galvanizante. Entalada entre duas enormes forças que, por emquanto, se repelem, mas que, amanhã, podem envolver-se em conflito sangrento, a Espanha oficial receia qualquer atitude, qualquer gesto, qualquer simples palavra que seja um rastilho tremendo. E, por isso, não age. Não agiram ontem os conservadores. Não agem hoje liberais. Nada farão amanhã os reformistas. E' certo que, na oposição, qualquer dêsses partidos acusa o que está no Poder de cobardia. Mas, chamado á responsabilidade do governo... pouco mais faz do que os que sairam. Pelo menos, é o que se tem visto até agora. E, ainda no domingo, numa entrevista que concedeu a «La Opinion», o sr. Osorio y Gallardo, um dos mais prestigiosos politicos e intelectuais da Espanha, frisava esta enorme circunstancia, para afirmar a impotencia dos politicos na resolução da questão de Marrocos. Ossorio y Gallardo, chefe do partido social-democrata, politico de uma irrepreensivel conducta moral, advogado celebre grande parlamentar, deve ter atemorisado, com as suas palavras e com os seus pontos de vista, as esferas politi-

ULTIMA HORA

NA IRLANDA

Recomeça a lucta?

De Valera oculto em Dublin, está reorganizando o partido dos "sinn-feiners,,

Eamon de Valera, presidente da republica irlandeza, não abandonou a lucta a favor da realisação do seu ideal.

Ainda que oculto em Dublin em esconderijos que lhe permitem escapar ás buscas da policia do Estado Livre, de Valera procede neste momento a uma tentativa de reorganisação das suas hostes, a fim de proseguir na lucta.

O correspondente da «United Press» em Paris conseguiu obter uma especie de declaração do «leader» republicano irlandez, em que este, pela primeira vez, expõe os seus projectos futuros dum partido «sinn-feiner» organisado.

O correspondente da «United Press» havia enviado uma série de perguntas a De Valera por intermedio de tres correios especiaes. De Valera diz nas suas declarações: «O movimento «sinn-feiner» está em via de se reorganisar. A sua politica consistirá provavelmente em afirmar que nada pode, nem por assinatura nem por voto fazer desaparecer a sua independencia nem alienar uma parcela do territorio da Irlanda».

A maioria dos irlandezes são fundamentalmente republicanos; a Inglaterra intimidou-os á força de ilegitimar que a continuação da lucta significava uma guerra de exterminio. O povo sabe que as suas aspirações são as aspirações tradicionaes da nação, que resistiu a sete séculos e meio de tirania; é certo que acabará por triunfar. Está convencido de que a independencia a que aspira se tornará depressa o objectivo dum grande povo, cas dominantes, com as quais não quero entendimentos, nem ligações — nem relações de qualquer especie.

* * *

Por outro lado, o criterio expendido por Ossorio y Gallardo, tão desassombradamente, foi uma boa dose de combustivel atirado para a fogueira crepitante, cujas chamas, avermelhadas, sobem alto, ameaçadoras e depuranles.

O ambiente é de tal modo presago e ardente, que o comicio, de domingo passado, promovido pelo Ateneu de Madrid — um admiravel centro intelectual — foi uma afirmação estrondosa de hostilidade á Espanha actual que domina e governa. Nesse comicio, que teve lugar no Circo Americano, a dois passos da Puerta del Sol, tendo presidido o sabio lente da Universidade de Madrid, D. Rodolfo Bonilla San Martin, foi posta, em termos quasi ameaçadores, a questão das reformas liberalidades, afirmando Perez Solis, um dos melhores escritores da Espanha moderna, que, se aquelas responsabilidades e se castigam severamente os culpados — ou será preciso um terremoto para a salvação do país e dos «Napoleoncetes» das oligarquias pretorianas.

* * *

E' possivel que êste marulhar de imprecações, êste ferver de actividades, êste ambiente escaldante de revolução, não venha a ser mais do que uma tempestade num copo de agua.

Mas, vendo bem, a efervescencia é bastante intensa, e a onda avermelhada subiu já bastante, lambendo os degraus do Poder.

De resto, as esquerdas espanholas dispõem de uma «elite» intelectual e politica tão numerosa, tão ilustre e tão activamente decidida, que não seria excessivo supôr que elas julgarão agora oportuno intervir nos destinos da Espanha, deixando-se impelir pela multidão que a segue e aclama, porque interpreta, eloquentemente e audaciosamente, as suas aspirações renovadoras.

E' sobretudo uma ansia incontida de renovação social e politica que anima e sacode o povo espanhol. E' a mesma força que impele as «elites», porque foi o seu interno que impoz á multidão o seu credo novo.

Na peor das hipoteses, é presumivel, portanto, que, não se fazendo a revolução nas ruas, se opere a revolução no governo, por imposição dos espiritos revolucionados e vencedores.

O 19 DE OUTUBRO

No quartel de Santa Barbara

O julgamento do seu comandante, capitão sr. Cabrita

No Tribunal Militar realisou-se hoje o julgamento do capitão sr. Cabrita, acusado de não ter evitado a prisão do almirante Machado Santos, sendo o comandante da batalhão da G. N. R. de Santa Barbara.

* * *

Depois da chamada das testemunhas, é lido o libelo de acusação e a folha de assentamento do réu, na qual se notam varios elogios e condecorações, o sr. dr. Alfredo Nordeste, advogado do sr. Cabrita, apresenta a contestação, dizendo ter o seu constituinte exemplar comportamento, e ignorar o que se passava nas imediações do seu quartel.

* * *

Em seguida procedeu-se ao interrogatorio do réu, que diz ter dado todas as providencias, compatíveis com as forças que possuía. Ao principio julgou, quando ouviu um tiro que se tratava de um assalto ao quartel. No quartel tinha apenas 40 praças. A sua área estava patrulhada. Só mais tarde soube da morte de Machado Santos.

* * *

Depõe o 1.º sargento da Armada, Lucas, que na noite de 19 de outubro andava de ronda nas avenidas novas. Conta o encontro da sua ronda com os tripulantes da «camionette» no restaurante Valmor, tendo ali conhecimento do acto que tinham praticado. Foi ao quartel de Santa Barbara pedir providencias, que lhe não foram dadas. Um sargento de nome Monteiro, com quem falou, disse-lhe que não podia dispor de força que evitasse a prisão do sr. Machado Santos.

O 2.º sargento da G. N. R. sr. António J. Marques ouviu tiros, saiu do quartel e ao portão viu uns tres marinheiros que falavam com o sargento da guarda. Ouviu dizer que o sr. Machado Santos se encontrava fóra de Lisboa e que portanto a sua vida não corria perigo. Passados momentos é que teve a certeza de que o fundador da Republica se encontrava em casa.

Pretendeu telefonar para casa do sr. Machado Santos, não o fazendo, devido ao sr. Cabrita lhe afirmar que o almirante estava fóra de Lisboa.

Uma acareação, a que se procedeu entre a testemunha e o réu, não deu resultado.

* * *

Depõe depois o tenente sr. Camelo, que diz ter ouvido dizer que os marinheiros pretendiam prender o sr. Machado Santos. O sr. Cabrita dizia que lhe parecia que o almirante não estava em casa, mas logo que soube estar a «camionette» na Rua José Estevam, tomou as providencias que julgou convenientes, tocando a campainha de alarme.

Quando ia a sair uma força para guardar a casa do sr. Machado Santos, viu que já a «camionette» passava pelo largo, para a Rua dos Anjos.

* * *

Depois foi suspensa a audiencia, faltando ainda depor cêrca de 20 testemunhas. A sentença só muito tarde ou amanhã será lida.

Os atentados bombistas

Com certa actividade teem prosseguido por parte da policia as investigações sobre varios atentados bombistas, tendo sido removidos hoje para os fortes do Campo Entrincheirado mais 18 presos que se apurou estarem comprometidos nesses atentados. De varias esquadras onde teem estado incomunicaveis foram hoje transferidos para o Governo Civil afim de serem interrogados os seguintes presos: Alberto Julio das Neves, Manuel Francisco e Bernardo Ramos da Costa. Este ultimo é um preso de grande responsabilidade, tendo-lhe a policia apreendido ha dias em sua casa, em S. Bartolomeu da Charneca, no Lumiar, uma grande porção de bombas. E' tido como um dos chefes de varios complots, nomeadamente o de que foi vitima o sr. Sergio Principe e do atentado do largo da Boa-Hora.

Por denuncia de uma mulher de má nota foi preso Manuel Gameiro, auxiliar da 3.ª secção da Policia de Investigação acusado de estar feito com os bombistas.

A policia ainda hoje efectuou buscas domiciliarias, em Marvila, tendo ali apreendido alguns cartuxos de dinamite, 2 caçadeiras e um pequeno revolver, sendo todos estes objectos entregues depois ao seu proprietario por se ter apurado que os cartuxos referidos se destinavam á exploração de pedreiras.

Tarde politica

Em volta do incidente parlamentar — A maioria — Nacionalistas e catolicos

Não obstante o parecer das comissões de guerra e legislação ser contrario á proposta do Governo sobre a suspensão das imunidades parlamentares do sr. Antonio Maia, a maioria democratica e um ou outro parlamentar das minorias votarão essa proposta, com motivos diferentes, mas de igual consequencia. A atitude dos monarquicos é conhecida. Votam a proposta sob o pretexto da disciplina do exercito, mas realmente para fazer com o exercito uma vaga especulação politica.

A maioria, sem menosprezo das prerogativas constitucionaes e sem nenhum proposito de hostilisar o deputado em causa, votará a suspensão por dois capitais motivos: um, não desamparar o Governo a uma votação de desconfiança em que seria ferido o proprio prestigio do partido democratico; outro, e principalmente, porque a queda do Governo a poucos dias da eleição presidencial, com o chefe do Estado ausente e doente, seria de graves complicações na politica nacional.

Diz-se que não fazendo o Governo questão politica do caso e tendo alijado o seu colega da Guerra, qualquer votação não teria significação politica.

Chama-se a isto pôr as barbas de mólho para seguir de pé e impavido a corrente dos acontecimentos.

Como quer que seja o Governo encontra-se sériamente abalado, sendo muito precaria a sua situação se, como se espera, obtiver a seu favor apenas tres ou quatro votos de maioria.

* * *

Reuniu hoje o grupo parlamentar nacionalista, ocupando-se, ainda, da mesma questão. Decidiu por unanimidade votar contra a proposta do Governo.

Contra essa proposta votarão tambem os deputados independentes, sendo incognita a atitude dos catolicos.

Da maioria votarão, tambem contra, tres deputados entre eles o sr. Sá Pereira um pouco insubmisso a certas disciplinas e muito sensivel ás questões de moralidade.

* * *

Varios jornais falaram muito na dissolução do P. R. N. ou, pelo menos na deserção de alguns deputados.

Cremos que a afirmação carece de fundamento sério. De facto, o sr. Alvaro de Castro assim o declarou. Mas presume-se que se trata apenas de exercer uma tal ou qual pressão sobre o sr. Sá Cardoso para o levar a não abandonar o partido.

Hoje estiveram em casa de s. ex.ª alguns dos deputados que mais se salientaram no tumulto que determinou a renuncia daquele ilustre parlamentar, declarando-lhe que o seu procedimento não teve o proposito de o desconsiderar. Se, porém, por tal motivo s. ex.ª insistir na renuncia, então eles, como causa do incidente, preferem sacrificar-se renunciando por seu turno.

O sr. Sá Cardoso respondeu-lhes que a reflectir demoradamente sobre o caso. Crê-se, pois, que dadas estas multiplas explicações, a situação do sr. Sá Cardoso permitir-lhe-ha conservar-se no partido sem desdouro da sua dignidade politica.

A's 18 horas

O parecer das Comissões defende as imunidades parlamentares

A's 6 horas o sr. Baltasar Teixeira lê á Camara o parecer das comissões de guerra e legislação sobre o incidente Antonio Maia. Verifica-se que 9 membros dessa comissão assinam sem declaração de voto, isto é, que o sr. Maia não seja imediatamente preso; 6 decidem-se pela prisão imediata.

* * *

As comissões de legislação apresentaram tambem o seu parecer, defendendo as imunidades parlamentares do sr. Delfim d'Araujo, incurso na lei eleitoral, a dos...

* * *

A's 6,15 está falando o sr. Cunha Leal, que defende com calor, as imunidades parlamentares.

A sessão legislativa foi prorogada

Em virtude do incidente ministro da Guerra-Antonio Maia, que atrazou os trabalhos parlamentares, a sessão legislativa foi prorogada até fins de agosto.

OS MORTOS

Faleceu hoje o general reformado sr. Luiz Maria de Barros e Vasconcelos da Cruz Sobral. O funeral realisa-se amanhã pelas 15 horas, saindo o prestito da estrada de Bemfica, 672, para o cemiterio dos Prazeres.

OS 3 ESQUELETOS

UM TRIPLO INFANTICIO

A policia concluiu já as suas investigações

Pouco hoje ha a adeantar ao que «A Capital» já tem referido largamente sobre o triplice crime de infanticidio praticado na rua da Escola Politécnica.

O sr. dr. Crispiniano da Fonseca, que com tanto interesse tratou do caso, tem já findas as diligencias, limitando-se hoje a ouvir duas testemunhas que pouco ou nada adeantaram sobre o ocorrido, devendo o processo ficar concluido amanhã, afim de infanticida ser remetida ao Tribunal da Boa Hora.

D. Maria Guerreiro, que se conserva num dos quartos particulares do Governo Civil, recusou-se terminantemente a receber visitas e muito especialmente um aluvião de «reporters» que apareceu com o intuito de a entrevistar. Os fotografos igualmente estiveram a pé firme nos corredores do Governo Civil mas não conseguiram ter ocasião de assestar os seus «Kodacks», pois que a presa nunca abandonou o leito, onde se conservou chorando aflictivamente.

Acima deixamos dito que o adjunto do director da policia de investigação esteve hoje ouvindo duas testemunhas cujos depoimentos que pouco adeantam apenas serviram para completar o processo, sendo uma dessas testemunhas a sr.ª D. Ana Garcia Reis Moreira, irmã do falecido Candido Garcia dos Reis, o pae das tres creancinhas. D. Ana, que é portanto prima da infanticida limitou-se a dizer que entre seu irmão e D. Maria Guerreiro existiam intimas relações de amisade alias naturaes, visto tratar-se de primas que se namoriscavam, ignorando no entanto os tristes acontecimentos que se desenrolaram e que agora foram descobertos.

Os investigadores policiaes tem a impressão de que D. Maria Guerreiro não teve cumplices, que procedeu por espontanea e livre vontade e que a sua construcção forte muito devia ter contribuido para dissimular os vestigios de gravidez, sendo ela a primeira a declarar aos medicos, que se espantavam constantemente para evitar desconfianças nos pais. Sua mãe, uma senhora muito doente que sempre se encontrava de cama não teria ocasião por tal motivo, para verificar as faltas da filha e que seu pae, homem de trabalho, que dava lições em varias escolas, pouco parava em casa de dia e que ao repousar ao seio da familia logo procurava descançar, recolhendo ao seu quarto.

Estava portanto o Governo de casa a cargo de D. Maria Guerreiro que tinha campo livre para fazer o que muito bem entendesse, sem o testemunho de olhares indiscretos.

E foi sempre tão aparentemente honesto o proceder de D. Maria Guerreiro que não só a visinhança como as mulheres a dias que trabalhavam em casa do general foram unanimes em afirmar a sua irrepreensivel conducta, sendo enorme o espanto e admiração que em toda a gente causou a descoberta dos crimes dos quaes nunca ninguem teve a menor desconfiança.

Dizem os jornais, com excepção de «A Capital» que o falecido primo de D. Maria Guerreiro e pai das creanças estrangulada era o capitão Candido Garcia dos Reis. Não se trata de nenhum oficial do exercito mas sim de um estudante que por doença abandonou a sua carreira, sendo o engano de alguns «reporters» motivado talvez por a policia a principio suspeitar de que D. Maria Guerreiro se relacionara com um capitão que se encontra na provincia.

E taes suspeitas tanto se enraizaram de começo no espirito dos investigadores que chegaram a ser enviados telegramas para fóra de Lisboa pedindo esclarecimentos, mas logo essas diligencias foram sustadas por a policia ter descoberto toda a meada, e a não interferencia no caso do tal capitão.

Parlamento

Nos Deputados

Reformados do exercito e da marinha

Em primeiro logar e a requerimento do sr. Mariano Martins, votam-se as emendas introduzidas pelo Senado no projecto de lei que melhora a situação dos reformados do Exercito e da Marinha.

Seguidamente o sr. ministro do Trabalho envia para a mesa uma proposta de lei referente aos Bairros Sociais.

O sr. Tavares Ferreira defende um projecto relativo ao abastecimento de agua á cidade de Santarem. O sr. Antonio Pais chama a atenção do Governo para a demora na construção dos troços ferroviarios de Evora a Ponte de Sôr e de Extremoz a Souzel.

O sr. ministro do Comercio dec'ara que vai procurar remover as dificuldades que se teem oposto a esses melhoramentos.

Na ordem do dia lê-se o parecer das comissões ácerca da proposta do Governo, requerendo o levantamento das imunidades parlamentares ao sr. Antonio Maia. E' desfavoravel á proposta.

A sessão continua ás 17,50.

No Senado

Guerra Junqueiro — Funcionalismo publico

O sr. Ramos da Costa protesta contra a estada da urna contendo os restos mortais do grande poeta Guerra Junqueiro na sala do Capitulo no Mosteiro dos Jeronimos. Deseja, pois, que se vote o projecto de lei creando na antiga egreja de Santa Engracia um Panteon Nacional, para ali serem depositados os féretros dos homens ilustres desta terra.

O sr. Medeiros Franco protestou contra o facto de não ter sido ainda publicado no «Diario do Governo» a lei que concede melhoria de vencimentos ao funcionalismo publico.

Inquilinato

As Juntas de Freguezia

e a sua ida, hoje ao Parlamento

A's 6 horas, 43 Juntas de Freguezia de Lisboa e Coimbra, juntamente com os delegados da Associação Comercial do Porto, esperam avistar-se com os presidentes das duas camaras, a fim de pedirem, mais uma vez, que seja rapidamente aprovada a lei do sr. Catanho de Menezes.

* * *

Alguem, em nome da «Capital» levou hoje ao Parlamento muitos exemplares da representação que êste jornal elaborou e fez assinar por milhares de inquilinos. O sr. Presidente da Camara declarou que só a secretaria se cada exemplar levasse aposto um sêlo de 20 centavos.

Está bem: amanhã lá faremos a entrega da representação — com sêlos e tudo.

* * *

Devemos dizer que a moção aprovada no comicio da União dos Sindicatos tambem não foi aceita pelo mesmo motivo.

* * *

No largo das Côrtes, aguardando o resultado da conferencia da comissão do inquilinato estão mais de 2.000 pessoas.

LIBRA

112$00 e 114$00

A gréve dos operarios da Fabrica de Fosforos

Como é sabido, os operarios da fabrica dos Fosforos no Beato iniciaram ha dias a greve dos braços caídos por não verem atendidas as suas reclamações sobre melhoria de situação. Nessas condições a direcção da referida companhia resolveu paralisar o trabalho tendo hoje seguido para o Beato forças de cavalaria da G. N. R. e da policia civica encarregadas de vigiar a fabrica e impedir qualquer atentado.

O BRAZIL NO tempo do imperio

O que era a fidalguia, sob a tutela dum imperador sem vaidades

Evocando a era de 1820

Um velho colecionador brazileiro de papeis, um desses raros e serenos amantes do passado, conseguiu dar uma nota dos fidalgos do tempo do Imperio. E' uma descripção muito interessante, sobre a geração dos aristocratas, acompanhando-lhes as posições e honrarias.

* * *

A hierarquia dos fidalgos brazileiros compreendia as seguintes categorias: barões sem honras de grandeza; barões sem grandeza; viscondes com honras de grandeza; viscondes sem grandeza; condes e marquezes.

Os barões de grandeza eram, até 17 de junho de 1828, titulares de «Lages», da «Laguna», de «Bagé», de «São Silvestre», de «Alferes», de «São José das Duas Barras», de «Vila Nova de São José», de «São João Marcos», de «Itanhaem», da «Laguna», de «Bagé», de «São Simão», de «Goyana», de «São Francisco» e baroneza de «São Salvador Campos».

Os barões sem grandeza eram os titulares de «Serro Largo», de «Alcantara», de «Cayru», de «Souzel», de «Caytê», de «Congonhas do Campo», de «Rio das Contas», de «Pirajá», de «Itapicuru de Cima», de «Itaparica», de «Inhamirim», de «Itabaiana», de «Pedra Branca», de «Sorocaba», da «Torre», de «Maragogipe», de «Macahé», de «Vila Bela», de «Jaguaribe».

Anteriormente, os baronatos de Bagé e de São Francisco não tinham honras de grandeza.

* * *

Tinham honras de grandeza os viscondes de «Recife», de «Inhambupe», de «Maricá», de «Nazareth», de «Queluz», de «Cachoeira», de «Praia Grande», de «Aracaty», de «Baependy», de «Maceió», de Barbacena», de «Taubaté», de «São Leopoldo», de «Castro», de «Gericinó», de «Rezende», de «Rio Sêco», de «Mirandela» e viscondessa de «Santos».

Os viscondes sem grandeza eram os titulares de «Cantagalo», de «Lorena», do «Cayru», da «Pedra Branca», de «Congonhas do Campo», de «Coytheá», de «Pelotas». Desses, o visconde Cantagalo se viu elevado á dignidade de barão com honras de grandeza, e os de Cayru, Pedra Branca, de Congonhas do Campo e Caythé, ás do baronato sem grandeza.

Quanto aos condes, sómente havia o de «São João das Duas Barras», e o de «Valença», que tiveram a dignidade elevada a barões com honras de grandeza.

Os marquezes eram em numero de 13, e eram titulares de «São João da Palma», de «Jundiahy», de «Inhambupe», de «Vila Real da Praia Grande», de «Itanhaem», de «Barbacena», de «Rezende», de «Nazareth», de «Queluz», de «Jacarépaguá», de «São João Marcos», de «Baependy» e a «Marqueza de Santos».

Vê-se que os marquezes de «São João Marcos» e de «Itanhaem» tiveram a dignidade elevada ao baronato com honras de grandeza, e os de «Inhambupe», de «Praia Grande», de «Barbacena», de «Rezende», de «Nazareth», de «Queluz», e de «Baependy», a de viscondes com honra de grandeza.

Alem disso, a marqueza de Santos que, pelo seu prestigio de mulher, foi por fim viscondessa, e por a sua fascinação foi mais do que isso, porque com a sua graciosa petulancia encheu todo o primeiro reinado...

* * *

Interessante é acompanhar um pouco o mecanismo economico destas vaidades. Um titulo de barão e visconde, com ou sem grandeza, de conde ou de marquez constituia sempre uma fonte de renda para os tezouros de S. M., como, alias, actualmente...

Tambem havia-a para aqueles tempos da infancia da aristocracia brazileira, alguns que retardavam a paga da compensação aos cofres de S. M. Assim até aquele 17 de junho de 1828, o sr. Pedro Dias Paes Leme só havia pago os novos direitos da carta do titulo de barão de Quixeramobim, com honras de grandeza, e de visconde e marquez do mesmo titulo, mas deixando de pagar os direitos velhos. Só os... O barão de Souzel tambem só pagara os novos direitos da carta de conde do titulo, deixando-o de fazer quanto aos direitos velhos, sêlos, e mesmo os direitos das honras de grandeza... O barão de Pirajá pagara só os novos direitos da carta de visconde com honras de grandeza, deixando-o de fazer quanto aos direitos velhos e sêlos. Ainda só pagaram os novos direitos do titulo de visconde de Caravelas, José Joaquim Carneiro de Campos; de visconde do Fanado, João Gomes da Silva Mendonça e o de visconde da Cunha, D. Francisco da Costa de Sousa de Macedo — todos com honras de grandeza. Deixaram, porém, de pagar os direitos velhos e os sêlos...

* * *

Esta rapida vista de olhos ao Brasil de 1828, menos de seis anos após a sua constituição em imperio, com o romantico e historico brado das margens do Ypiranga — «Independencia ou Morte!» — mostra os primeiros brotos da vaga fidalguia brasileira, moldada pela velha aristocracia de além-mar, formada de varões assinalados.

Para pouco menos de seis anos de vida autonoma do novo Imperio não deixava de repres ntar, já, uma bem luzida e numerosa legião de varões ilustres e esforçados, que enfrentavam tudo o que permitia a vaidade humana...

Depois, a galeria dos brazões foi ampliada, e principalmente no Segundo Imperio.

A Republica quiz prescindir dos crachás, mas a sua instituição classica, a do coronelato, através a Guarda Nacional, não deixa de exprimir, eloquentemente, quanto teu sido o regimen, hipocrita no dominio das honras!...

A julgar pelos coroneis e doutores, é persistisse montada a «industria» dos condes e viscondes, dos marquezes e barões, talvez já os titulos não bastassem.

Papel de embrulho...

O Prefeito do Rio de Janeiro acaba de fazer expedir a seguinte ordem de serviço:

«O sr. Prefeito do Districto Federal, tendo em vista que se tem empregado nas petições processadas na Prefeitura, papel de toda a qualidade, o que, tolerado, daria, em breve logar ao utilização de papel proprio para embrulho» manda recomendar-vos as necessarias providencias para que sómente sejam aceitas as que forem formuladas em papel branco, do commumente usado.

O que, levo ao vosso conhecimento, de ordem do mesmo sr. Prefeito para os devidos fins.

Saude e Fraternidade — Francisco Jardim».

Os jornais comentam deste modo:

Como se pode ver, o ilustre governador da cidade não descura dos altos e sagrados interesses do municipio, pois esta circular é o que se poderia qualificar sem exagero de modelo de sabedoria e zelo. De agora em deante, a burocracia prefeitural estará livre de topar com algum requerimento feito em papel de embrulho, conscientemente estampilhado, com mesmo faltar o artigo...

INQUILINATO COMERCIAL

Um acórdão absolutamente ilegal

obriga o ilustre advogado dr. Acacio Furtado a declinar o seu mandato perante a firma Eduardo Martins & C.ª, Limd.ª, sua constituinte, vitima de um processo odioso que lhe move a União dos Proprietarios

Inacreditavel tudo o que abaixo se revela, mas elucidativo de sobra!

Pedem-nos a publicação dos seguintes documentos acerca da questão de inquilinato comercial em que é justamente interessada a conhecida firma Eduardo Martins & C.ª, Limd.ª, do Chiado:

Lisboa, 19 de Julho de 1923—*Ex.mos Srs. Eduardo Martins & Companhia, Limitada*—Amigos e senhores—A atitude para mim absolutamente incompreensivel, assumida pela Relação de Lisboa em varias decisões proferidas ultimamente nos autos de traslado do processo de despejo que contra v. ex.as moveu a Companhia de Seguros União dos Proprietarios e que subiu ao Supremo Tribunal de Justiça em segunda revista para julgamento em Tribunal Pleno, obriga-me por um indeclinavel dever de consciencia, a vir perante v. ex.as expôr, com toda a isenção e lealdade, o que segue:

Imensamente honrado com o mandato que v. ex.as me conferiram para a vossa defeza perante os tribunais, nas diversas acções de despejo que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios vos moveu, eu tenho a consciencia de ter posto até hoje ao serviço do patrocinio da vossa justissima causa todo o meu esforço e toda a minha dedicação. Mas sinto ter que dizer-lhes que, depois de varias outras decisões do Tribunal da Relação, quasi todas elas claramente demonstrativas da hostilidade com que ali são recebidos e apreciados os meios, aliaz sempre absolutamente legais, por mim usados em legitima defeza vossa, um acordão datado de ontem, acabou de convencer-me da completa inutilidade dos meus esforços.

Sabem bem v. ex.as que a Companhia União dos Proprietarios tem mostrado todo o mais decidido empenho de fazer baixar o traslado á 1.ª instancia para dar execução ao despejo, antes que o Supremo Tribunal de Justiça se pronuncie sobre o acordão da Relação que tal despejo decretou. Cabia-me a mim, como vosso advogado, o indeclinavel dever de usar dos meios legais ao meu alcance para obstar á violencia inqualificavel que esse despejo representaria, desde que ele inutilisaria em absoluto a acção e futura decisão do Supremo Tribunal de Justiça e causaria a v. ex.as prejuizos absolutamente irreparaveis. Não havia não ha, não pode haver advogado algum digno deste nome que, em identicas circunstancias, o não fizesse. Não ha, não pode haver consciencia limpa que reprove o meu proceder. Mas o sr. juiz relactor tem sido incansavel na descoberta de meios, qual deles o mais arbitrario e o mais ilegal, para destruir em absoluto os efeitos da minha defeza — aliás tão legitima que seguramente nenhuma outra mais legitima em caso algum pode haver—e facilitar, contra lei, a baixa do traslado á 1.ª instancia para a tão ambicionada execução do despejo antes de o Supremo Tribunal de Justiça dizer sobre o caso a sua ultima palavra pelo voto de todos os seus juizes.

Seria longa a historia desses casos verdadeiramente tipicos—e unicos sem duvida nos anais do foro portuguez—bastando porem referir-lhes por agora o que em acordão de hontem o sr. relator arquitetou. Tendo o Ministerio Publico, em cumprimento de uma disposição expressa da Tabela de Emolumentos, promovido que o traslado fosse á conta para se liquidar um debito á Fazenda Nacional, o sr. relator tão desorientado ficou com essa promoção que, não podendo deixar de a deferir, mas prevendo que o seu deferimento iria reter, legalmente, por mais alguns dias o traslado da Relação, teve o gesto heroico de mandar arrancar do processo a folha em que tal promoção fôra escrita. O gesto, porem, era tão heroico como ilegal e o escrivão do processo viu-se obrigado a informar que não sabia como havia de cumprir aquela ordem porque a folha referida era parte integrante do processo e este, sem ela, ficaria incompleto tanto mais que faltava solver o debito á Fazenda Nacional. Acuou o sr. relactor perante essa informação do escrivão, mas não desanimou. Lavrou a seguir o acordão de 18 do corrente, onde se determina:

a) que não se arranque a tal folha isoladamente, mas que:

b) o escrivão arranque, conjuntamente com ela, mas seis folhas que a antecedem, e

c) que remeta imediatamente para a 1.ª instancia o traslado assim mutilado,

d) com ordem expressa, porem, para não intimar o acordão senão depois de ter feito aquela remessa!!!

Isto dispensa comentarios de qualquer natureza, tão flagrante é a ilegalidade e não sabemos de que mais se revela. Mas não deixaremos de notar, para mais evidenciar tal ilegalidade, que o proprio sr. relator, em outro acordão anterior de 4 do corrente mez, tinha julgado que o traslado não poderia baixar á 1.ª instancia por enquanto, por estar pendente da resolução do tribunal uma reclamação por erro de conta. Pois desse acordão de 4 do corrente não houve recurso algum, e a reclamação por erro de conta ainda não foi resolvida.

Portanto, o traslado não podia, legalmente, baixar, por emquanto á 1.ª instancia. No entanto, o acordão de ontem ordenou a mutilação do traslado e a baixar imediata: Que arbitrio e que contrasenso!!! Resta agora saber como é que o sr. relator se julgará habilitado a julgar a reclamação por erro de conta, depois de ser remetido para a 1.ª instancia o traslado, sobre que aquela conta incidiu!

Tudo isto é tão incompreensivel que eu sou levado a supor que existe da parte do sr. relator, sem eu saber porquê, qualquer má vontade contra mim revelada, alias, a cada passo na secura e aspereza dos seus despachos e acordãos. E como não quero, de forma alguma, que o facto da minha intervenção e da má vontade que quem quer que seja tenha contra mim possa, de qualquer forma, reflectir-se contra v. ex.as, peço licença para lhes dizer que os quero pôr completamente á vontade para, querendo, livremente me poderem substituir por qualquer outro advogado que, mais ditoso do que eu, consiga as boas graças do sr. juiz relator, que tão ostensivamente hostil me tem sido.

Não julguem, porem, v. ex.as, nem julgue alguem que isto equivale a uma cobarde retirada da minha parte, pois termino por lhes afirmar categoricamente que, se v. ex.as entenderem dever continuar a honrar-me com a vossa confiança, eu prosseguirei indefectivelmente na defesa da vossa justissima causa, sejam quais forem as consequencias de natureza pessoal ou profissional que para mim, de hora avante, dahi resultem. E subscrevo-me com muita dedicação e subida estima—De v. ex.as, at.o, ven.o e obg.o—ACACIO LUDGERO DE ALMEIDA FURTADO.

Lisboa, 19 de Julho de 1923.—Ex.mo sr. dr. Acacio Ludgero de Almeida Furtado.—Prezadissimo amigo e senhor.—Temos presente a carta que v. ex.a nos acaba de dirigir com data de hoje pelos factos que a mesma vem revelar-nos não podemos deixar de lhe dar a publicidade que a mesma merece. A nossa digna e prestimosa como v. ex.a vem defendendo os nossos direitos, só merecem a nossa absoluta aprovação e reconhecimento. Portanto, vimos reiterar a v. ex.a a nossa absoluta confiança e pedir-lhe a especial fineza de continuar a dispensar á nossa causa, o mesmo interesse, dedicação e sacrificios como até hoje, certos como estamos que ninguem, melhor do que v. ex.a, poderá confiar a defeza dos nossos justos interesses.

Esperando a anuencia de v. ex.a a este nosso desejo, subscrevemo-nos com a maior consideração.—De v. ex.a—Muito atentos veneradores e obrigados, EDUARDO MARTINS & COMP.ª LTD.

CARTA DE MOÇAMBIQUE

O general Smuts a caminho de Inglaterra—Na metropole sente-se o perigo que corremos?

LOURENÇO MARQUES — Segue muito breve para a Inglaterra o general Smuts, a fim de tomar parte na conferencia que o Imperio Britanico realisa e na qual tomam parte todos os chefes de governo dos seus dominios.

Parecerá, a quem apreciar ligeiramente o acto que vai realisar-se, que não virão para nós perigos dessa conferencia; mas nós, que conhecemos de sobejo quem é e o que vale Smuts, temos a certeza de que mais uma vez tentará junto do governo inglez o apoio preciso para procurar arrancar a Portugal, pelo menos, parte desta colonia.

O general Smuts pisa um terreno escorregadio e necessita de ser o iniciador de qualquer acto retumbante que lhe dê a simpatia que lhe foge. Tentou apanhar a Rhodesia, mas a população dessa colonia resistiu brilhantemente a todas as blandicias do general Smuts e, apesar da imprensa fazer segredo, sabemos que sofreu vexames em varios pontos da Rhodesia, quando para ali foi fazer discursos de propaganda. A entrada da Rhodesia na União devia dar-lhe um certo numero de deputados no parlamento e pouco lhe importava pagar caro esses deputados por meio de ofertas ao governo desse territorio.

E fez ofertas de muitos milhões de libras, prometendo-se a concessões que pelas suas proprias vantagem fizeram desconfiar os rhodesianos. Ao mesmo tempo, exigia no Cabo o condominio da Provincia de Moçambique e preparava no antigo Sudoeste Alemão um plebiscito, á moda dele e dos seus socios capitalistas, pelo qual a maioria dos seus habitantes pediriam a anexação!

Compreende-se quais as vantagens que adviriam para o chefe do partido capitalista da União a anexação das duas colonias e o condominio ou predominio da União em Moçambique, visto que pelo menos a Rhodesia e o Sudoeste Alemão dar-lhe-iam um certo numero de deputados para o apoiar no parlamento da União. Fracassou a tentativa da Rhodesia, fracassou por ora a tentativa sobre Moçambique e parece-nos que a Liga das Nações não autorizará, *apesar de pedida*, a anexação da antiga colonia alemã.

Mas, apesar de tudo, não acreditamos que o general Smuts ponha de parte as suas tentativas sobre Moçambique. Junto do governo da Inglaterra exercerá ele toda a sua influencia para conseguir os seus fins e por isso o grito de alarme que levantamos.

Não ignoramos a situação de dependencia em que se encontram os nossos governos, em que se encontra o nosso paiz com a Inglaterra e não nos custa a crer que a acção diplomatica inglesa apoie o governo da União nos suas exigencias velhacas.

Temos gente á frente do Governo portuguez com a energia precisa para repelir qualquer exigencia da Inglaterra? Temos homens que tenham a hombridade de apresentar ao concerto da Liga das Nações o protesto contra qualquer tentativa de absorpção por parte da Africa do Sul? Temos portugueses á frente do Governo que saibam resistir até ao uso da violencia contra nós?

Não sabemos, mas é preciso que o paiz saiba quais os perigos que o ameaçam para que seja o juiz da causa que é sua, muito sua!

Teatros - Musica - Cinemas

Noticiario

Amanhã, no Apolo, representar-se-ha o belo drama de Sardou «Fedora», com a ilustre artista Palmira Bastos, na parte de protogonista. A peça será exibida com todo o brilho e aparato que requer, e cará um limitadissimo numero de representações, visto a companhia Palmira Bastos partir ainda no corrente mez, para o Brazil.

— A revista do Eden apresenta-se amanhã completamente remodelada com os quadros novos «A felicidade» e «Nogueira Pinho & Carvalho, Limitada», estreando-se as atrizinhas Auzenda e Idalina.

Reclames

O teatro de S. Carlos continua a estar concorridissimo, tão certo está o publico de nele encontrar esplendidos espectaculos, que são os mais baratos de Lisboa. «A Casa da Boneca», ali em scena constitue mais um legitimo exito, sendo verdadeiramente admiravel Lucilia Simões, a cargo de quem está a parte da «Nora». O publico aplaude-a entusiasticamente, bem como aos outros interpretes, que são, nos papeis de mais destaque, Amelia Pereira, Antonio Pinheiro, Erico Braga e Mario Santos.

Hoje, em S. Carlos repete-se a «Casa da Boneca».

— A «Viuva Gomes», com os seus encantos e misterios continua atraindo ao Nacional uma enorme concorrencia. Ali não falta quem quer passar uma noite divertidissima.

— E' amanhã que no Eden, mas em espectaculo inteiro volta a representar-se a revista «Caldo Verde», que será ampliada com varios numeros novos e tambem com dois novos quadros intitulados «Nogueira Pinho & Carvalho» e «A felicidade». Para que este atraentissimo espectaculo esteja ao alcance de todo o publico, será ele efectuado a preços populares.

— A revista «Fado Corrido», que hoje sobe á scena no Maria Vitoria em duas sessões será, como ontem, deveras aplaudida devido aos artisticos scenarios, aos fantasiosos costumes e tambem ás actrizes que nela entram que têm mocidade, requesito indispensavel neste genero e são graciosissimas.

Com certeza que esta noite cai lá o Carmo e a Trindade.

— O publico aflue, todas as tardes, em enorme quantidade ao Avenida Parque, o famoso recinto do antigo Parque Mayer, á Rua do Salitre, aonde estão, agora, instalados varios recreios e diversões. Todas as noites ha, ali, concertos que têm agradado imenso.

CINEMAS

Cinematografia nacional

Estreia de uma marca

Foi ontem projectada no Condes, em sessão particular a primeira produção da marca nacional «Sáaz», onde tambem se estreia um operador, o sr. Barroso.

O assunto do film era o enterro de Guerra Junqueiro. Pouca clareza, menor transparencia; irregularidade na panoramica que trabalhava aos saltos... Boa disposição para a focagem e, em geral, bom gosto.

Dada a inexperiencia do operador, que, como já dissemos, se estreia neste film e, tendo em conta que o ensaio foi feito, segundo nos consta, por uma Hermann de amador—pode se acalentar todas as esperanças na nova marca e no novo cinematografista.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»

S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Boneca».

POLITEAMA — A's 9,30 — «Ordem de Marcha».

APOLO—A's 9,15—«Morgadinha do Valflor».

AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gatára».

MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».

AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALAO CENTRAL—«A Carta Fatal».

OLIMPIA—Rua dos Condes.

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade

SALAO FOZ—Calçada da Gloria.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Gremio do Minho

Realisou-se ontem a assembleia magna de minhotos, para discussão dos estatutos.

Usaram da palavra varios oradores, que propozeram varias emendas, sendo tambem eliminados alguns artigos. Pela comissão organisadora foi tambem dada conta de varios trabalhos realisados para a fundação da colectividade, tendo a assembleia condenado severamente o facto de um individuo, despeitado, andar fazendo propaganda contra o Gremio.

A assembleia prosegue, na proxima segunda feira, na séde provisoria do Gremio, á Rua da Mouraria, 17, 1.º.

Horas de angustia

Lucy Doraine, a fulgurante estrela do animatografo, interprete genial de tantas obras primas, as quais lhe devem uma boa parte do seu estrondoso sucesso mundial, acaba de exibir-se num novo «film», extraordinario como todos os que já conhecemos da sua notavel vida artistica.

«Horas de angustia» assim se intitula a empolgante pelicula, tem oito partes e foi escrita para a bela Lucy Doraine e seus cooperadores, já pelas dificuldades do seu desempenho, já por muitos outros detalhes em que se nota a alta competencia da ilustre actriz, sua protagonista.

Nenhum outro «studio» se pode vangloriar de ter uma tão completa companhia, como aquela em que figura o nome glorioso de Lucy Doraine.

Todas as suas producções teem um cunho de elegancia invulgar, e esta, com a sua riquissima «mise-en-scene» e farta comparsaria, vestida a rigor, é, pode afoitamente dizer-se, uma autentica maravilha.

Mulheres formosas, paisagens lindissimas, palacios gigantescos, aventuras emocionantes, lances morosos...

«Horas de angustia» vai ser o mais colossal acontecimento cinematografico dos ultimos tempos em Lisboa.

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

Algumas das muitas vantagens da maquina de escrever "TORPEDO"

TORPEDO

Escrita imediata e permanentemente visivel.
Dedilhação ligeira e elastica.
Andamento quasi sem ruido.
Comnação de linhas automatica.
Transporte de fita de côr seguro, original, com transmissão de engrenagem.
Enorme força de percussão.
Dispositivo do desengate da fita de côr, para fazer matrizes de cera para tirar copias: uma só manipulação.
Escrita espaçada sem emprego da tecla de espaços.
Carro a tirar para fóra por meio duma só manipulação. Escusado o desenganchar a cinta de tracção ou da mola.
Cilindro recostavel. O cilindro pode ser recostado e fixo, para proceder-se comodamente a correcções. Não é pois necessario, como se tem feito até agora, o puxar o papel para fora da linha de escrita.
Parte superior do carro, extrahivel. O cilindro, a meza e o guia de papel podem ser trocados sem auxilio de qualquer instrumento e o carro inteiro pode-se desmontar em poucos segundos.
Cilindro facilmente cambiavel. O cambio é feito na «TORPEDO» por meio duma só manipulação. Jogo de alavancas de tipos invisivel.
Limpeza facil dos tipos.
Mudança comoda das alavancas de tipos e de teclas.
Pode-se escrever alem dos marginadores.
Tecla de recuo.
Podem se fazer funcionar comodamente todos os mecanismos, sem alterar a postura do corpo.
A pedido especial: Dispositivo para escrever em varias cores. Colocador de colunas.

AS «TORPEDO» com carros especialmente largos servem para preencher folhas extraordinariamente largas como são usadas para formularios especiais, (apolices, tabelas, conhecimentos, guias de caminho de ferro) de companhias de seguros, autoridades, administrações, etc.

Agentes no Sul do Paiz:

J. Anão & C.ª, L.da

RUA DOS FANQUEIROS, 376, 2.º

Telefone N. 3536

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT

— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º Telef. C. 2894

PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º Telef. N. 1178

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo

que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:

RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

Rua do Alecrim, 53, r/c. — (Telef. C. 5113)

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Rapozeira)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

AGUAS DE SABROSO

R. de S. Julião 67, Tel. C. 1996

Distribuição a domicilio

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

• Abrem-se brevemente •
— — novos cursos — —
• para principiantes ou •

FRANCEZ : : INGLEZ

: : Já está aberta : :
: : : a inscrição : :

NA RUA

imensa escuridão!

LUZ A JORROS

-: NAS VOSSAS CASAS :-
—— recorrendo á ——

ILUMINADORA

— DA —

ESTEFANIA

— DE —

Antonio Francisco Cruz

Casa de material electrico

Rua Pascoal de Melo, 77

Telefone N. 2168

BAIXA DE PREÇOS

Mobilias vendidas directamente ao publico

Os proprietarios dos Armazens de mobilia da Rua do Conde Redondo, 100 a 102, participam aos seus Ex.mos freguezes e ao publico em geral que resolveram vender todo o seu «stock» de mobilias que tem em armazem e nas suas oficinas com grandes abatimentos, sendo esta uma ocasião magnifica para quem precisar de mobilar as suas casas.

PREÇOS DE COMBATE

MOBILIAS

Grande sortimento para todos os preços

VENDAS FEITAS SEM INTERMEDIARIOS

Ninguem compra sem confrontar estes preços e o belo acabamento

ALFREDO SANTOS, L.da

100, Rua do Conde Redondo, 102

TELEFONE N.º 2792

NÃO CONFUNDIR — Esquina da Rua de Santa Marta, em frente á paragem do electrico

---

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos ingles e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33 — Rua do Sacramento á Lapa — 29-33

TELEFONE C. 1884

NAZARÉ

Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto — todo o ano —

Horta e Costa

Rins e vias urinarias

12, Rua da Trindade, 14

Consultas das 2 ás 5

TELEFONE 4444

RELOGIOS DE PAREDE

ACABAM de chegar de marcas Soleil e Radium. Despertadores de fantasia de Babys. Fournituras e ferramentas para relojoeiros, ourives e gravadores.

Grande sortido

COTRINS & AFONSO, LTD.

A. Guerreiro

Da Escola Dentaria de Paris

Operações insensiveis por anestesia

Dentaduras sem chapa

R. de S. Paulo 127

Gazolina

Petroleo

≡ Oleos ≡

SHELL

The Lisbon Coal ≡ and Oil Fuel C.º L.td

Rua do Crucifixo, 49

═ LISBOA ═

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4436-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA | Sabado, 21 de Julho de 1923 | Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 | Preço 15 centavos

BRUXELAS, 21.—O Senado belga aprovou por 74 votos contra 55 uma moção de confiança ao sr. Theunis quando este apresentou a questão da Universidade flamenga de Gand. A lei não passa á Camara, onde a oposição dos liberais e valons deve ser forte.—(R.)

Do Forum ao circo

Quem deu-se o seguinte facto em Lisboa: em beneficio duma nova instituição, denominada «Casa dos Jornalistas», realisou-se uma festa num teatro da capital, em que efectuou uma conferencia sobre jornalismo e jornalistas o conhecido advogado Cunha e Costa. Este senhor fez uma conferencia no genero jogralesco que lhe é habitual sobre jornaes e jornalistas, com insinuações improprias, piadas de duvidoso gosto, e apologia cerrada dos profissionaes monarquicos visto ser a politica monarquica a que, mais uma vez, conquistou esse velho cavalo de retorno de todas as politicas conhecidas. Mas o mais curioso é que hoje, apenas com a excepção do «Mundo», todos os jornaes dão noticia da conferencia que resultou numa baixa especulação monarquica, classificando de brilhante o arrazoel do sr. Cunha e Costa!

Esta série de circunstancias não tem importancia? Tem, e muita, porque constitue um pessimo sintoma.

E' realmente espantoso que a «Casa dos Jornalistas» para a qual contribuem jornalistas de todas as parcialidades, e que em caso nenhum devia ser acessivel a qualquer determinada politica, se lembrasse de convidar para conferente da sua festa um orador que todos sabem ser useiro e vezeiro em toda a especie de insidias, e cujo unico fito, ha bastante tempo a esta parte, desde que não conseguiu um logar no Parlamento republicano, é amesquinhar, deprimir e rebaixar constantemente a Republica e os seus homens. A «Casa dos Jornalistas» procedendo de tal fórma deu pelo menos um exemplo da mais lamentavel leviandade.

Quanto ao conferente, parece-nos que já é tempo de o chamar ás suas responsabilidades. O sr. Cunha e Costa tem desfructado uma excessiva benevolencia da nossa parte, simplesmente pelos seus dotes de eloquencia. Nada mais! E' uma creatura que fala bem, e que escreve com certo estilo. Nada mais. Mas essa eloquencia e esse estilo que se tem posto ao serviço de todas as causas não podem permitir-lhe a impunidade para certas atitudes, verdadeiramente intoleraveis.

Politicamente, o sr. Cunha e Costa não merece consideração de especie alguma. A sua historia, sob esse ponto de vista, é vergonhosa. Compõe-se dum amontoado de sucessivas apostasias. E' peior que uma rodilha. Para o sr. Cunha e Costa não ha ideias, convicções, crenças: ha caprichos, que tanto podem ser devidos a ambições insatisfeitas, a resentimentos pessoaes ou a impressões de momento, como a simples partidas da Gravroche.

As transformações deste Frégoli anedoctico e impudente! Republicano desde os bancos das escolas, e já que, tendo-se formado, vai redigir no Porto, uma folha republicana «A Voz Publica». O que ele ai fez não se sabe ao certo, mas a verdade é que pouco depois embarca para o Brazil, onde toma atitudes de monarquico, se é que não se tornara absolutamente monarquico. Volta a Lisboa, onde, num comicio celebre, ao querer usar da palavra, é disso impedido por alguns republicanos da velha guarda que se declaram dispostos a atiral-o da tribuna abaixo, se ousar poluir outra vez nos labios o nome da Republica. Mais tarde, aparece-nos no «Mundo» formando artigos contra o franquismo, o que leva republicanos ingenuos a supor que ele está, de facto, politicamente regenerado. O partido republicano elege-o durante a monarquia vereador de Lisboa. Acolhe a implantação da Republica com entusiasmo, mas a certa altura por não ter sido eleito ás Constituintes, em ar de brincadeira, a denominar-se «republicano talassa». O republicano já era de mais. Proclama-se depois independente. Não é republicano nem monarquico. Pouco dura essa fase. De subito, declara-se categoricamente monarquico, apesar da oposição de muitos monarquicos que já o conhecem de gingeira. São esses que têm razão, porque Sidonio Paes ascende ao poder, e Cunha e Costa é desde logo republicano sidonista. Sidonio Paes morre, e Cunha e Costa declara-se de novo monarquico. E' nisto que está agora, e oxalá que não mude!

Dirá o leitor: «Mas isso não é a biografia dum politico: é a biografia dum palhaço!» Precisamente. E' a biografia de Cunha e Costa. E se dissermos que á medida que o seu feitio clowuesco se desenha — ainda ha pouco o vimos defendendo réus do outubrismo, e berrando ao mesmo tempo o seu pitoresco conservantismo! — á medida que o seu feitio clowuesco se desenha e acentua, a sua fórma vai adaptando as modalidades do seu espirito, na realidade desiquilibrado.

O estilo, que era a sua unica força, desmerece, perde de amplitude e gravidade, para se contorcer nas cabriolas de uma prosa retorcida e frusta; de cada vez, o sentimento das proporções está mais ausente; as imagens tornam-se banais e inexpressivas; nem sequer ás aparencias da nobreza que faz ascender o verbo ás altas regiões da perfeição, — tudo chalaças, anecdotas, trocadilhos, facecias. Vê-se que já não procura fazer pensar, mas simplesmente fazer rir. E' um resvalar miserando das aspirações ciceronicas até ás pretensões de Arlequim!

E ha uma imprensa para aplaudir isto! Que dizemos nós? Ha uma imprensa, directamente visada como incompetente ou corrupta, que ainda trata este homem como um orador de raça, como um gigante da eloquencia e da dialectica, ele que, não ha muito, um homem de caracter, digno como um soldado e puro como um poeta, retorceu como um frangalho nas suas mãos leais, provando-lhe felonias abominaveis! Para Cunha e Costa não ha jornais dignos senão os monarquicos, e só neles encontra jornalistas autenticos. Os mestres que destaca são os srs. Fernando de Sousa (*Nemo*), Moreira de Almeida e Anibal Soares. Ha apenas uma excepção para o sr. Trindade Coelho, no campo republicano. E hoje, no «Seculo», onde escreve um profissional distinto, com vinte e cinco anos de lucta diaria, lê-se o louvor do famoso conferente, e o mesmo louvor se encontra no «Diario de Noticias», de que é director o sr. dr. Augusto de Castro. Nem esses jornais valem, nem esses jornalistas valem, como não valem tantos outros, que porventura terão do sr. Cunha e Costa afirmações insofismaveis de consideração jornalistica! Para o sr. Cunha e Costa, o verdadeiro jornalista é, por exemplo, o director da «Epoca», cuja prosa desalinhada e aspera, ele, nos seus bons tempos, não subscreveria por certo! Nunca se fez uma especulação monarquica mais réles, mas tambem nunca se encontrou uma passividade mais placida para a tolerar, e aplaudi-la até!

Não temos razão para dizer que isto é um sintoma? Sintoma, sim, e sintoma de uma fraqueza, de um abastardamento, de uma enfermidade em que debalde procuraremos vestigios das energias da raça.

UM INCIDENTE no Conselho Colonial

O que terá havido de verdade

Os jornais noticiaram que no seio do Conselho Colonial se levantara um incidente provocado pela acção de um dos seus membros que, tendo um irmão como governador de uma das nossos provincias ultramarinas, pretendia intervir num processo movido contra ele por qualquer irregularidade.

Procurando saber o que de verdade havia em semelhante noticia, alguma coisa conseguimos averiguar.

A pessoa em questão é o tenente coronel medico e deputado sr. dr. José de Paiva Gomes. Seu irmão esteve exercendo até ha pouco tempo, interinamente, o governador de Timor.

A certa altura o governador achou conveniente dimitir um funcionario, que era nem mais nem menos do que o secretario provincial sr. dr. Manuel Mendes Costa. Este morreu, e o recurso foi até ao Conselho Colonial para decidir.

O a o sr. dr. limitou-se n'uma das sessões, a pedir «vista do processo respectivo, tendo porem declarado previamente que não tomaria parte na discussão que em torno dele se suscitasse e muito menos na votação que viria em resultado dessa discussão.

Mas que, como membro do conselho e não vendo inconvenientes no seu procedimento, pedia «vista» por uma questão de curiosidade e até de interesse natural de familia.

Ao que nos informam, e apezar destes escrupulos, a atitude do sr. dr. Paiva Gomes causou certa extranheza no seio do Conselho porquanto é praxe, e não lei como já se afirmou, que as pessoas de familia dos processados se não imiscuam, de qualquer forma, no andamento de recursos pendentes.

A pessoa que mais vivamente combateu a atitude do sr. dr. Paiva Gomes, foi, se as nossas informações não erram, o antigo ministro sr. Mariano Martins, que extensivamente contra ele se pronunciou.

Trata-se portanto de um simples incidente que não deve ter consequencias tanto mais que o recurso é contra o governador entidade e não contra a pessoa do governador.

A REVOLUÇÃO VERMELHA

O EDIFICIO DO G. CIVIL será assaltado pela BIBLIOTECA NACIONAL?

Esta sinistra hipotese

está prevista num plano revolucionario

O Governo tomou providencias... mandando guardar o edificio por meia duzia de praças — — — da G. N. R. — — —

A rasão principal que se encontra para explicar a continuidade feroz dos atentados dinamitistas, é, incontestavelmente, o descaro, o encolher de hombros com que eles têm sido recebidos por algumas autoridades. Realmente, é desolador vêr a leviandade como a politia tem procedido, tentando remediar o mal feito, quando, afinal, a sua função é prevenir. E' este o defeito das corporações policiaes dirigidas por juizes. O juiz procede em face do facto ou prova. E não é essa, precisamente, a função da policia. A policia tem de investigar e proceder deante de uma suspeita ou de um leve indicio — exactamente para impedir o mal.

Neste caso assombroso dos atentados dinamitistas é depois de consumado o facto que a policia dá sinal de si. Então, como se tivesse os bombistas catalogados e ordenados em cacifos deita-lhes a mão, prende-os e envia-os ao tribunal — para logo depois serem mandados em paz, a engendrar novos crimes.

E' espantoso, mas tem sido assim até agora, com espanto, com indignação, com pavor de toda a gente.

* * *

Felizmente, porém, começa a erguer-se um clamor alto e amplo, que amanhã pode ser um grito unanime de todo o paiz. As autoridades, responsaveis pela sua inevitavelmente, receberão a recompensa de tão estranhas atitudes.

O Parlamento já verberou esse procedimento verdadeiramente alarmante das autoridades; a imprensa levantou o seu protesto e o éco repercutiu no animo de toda a gente, ameaçada de morte com a impunidade dos criminosos, visto que, lançadas á tôa, com requintes de selvageria que surpreendem e aterram, as bombas vitimam sempre creaturas indefesas, pacificas e estranhas de todo aos conflictos em que elas intervieram como suprema rasão.

De 1 de Janeiro a 10 de Maio do ano corrente rebentaram em Lisboa 45 bombas, das quaes resultaram 4 mortos e 18 feridos. De então para cá os sinistros explosivos foram lançados com igual profusão, causando, proporcionalmente, o mesmo numero de victimas.

O atentado de ha dias contra os juizes do Tribunal de Defesa Social, só não foi horrorosamente tragico por um milagroso acaso. Apezar disso, a audacia e a cinica destreza com que foi levado a cabo, são mais um sintoma desnorteante, pelo requinte de malvadez que revela naqueles que o praticaram.

* * *

Não é, porém, só nos atentados dinamitistas, que os instintos criminosos dos bandidos, protegidos não se sabe por que feroz divindade, se mostram em toda a sua hediondez.

Tudo quanto possa representar para a sua acção criminosa, ou um ponto estrategico, ou um meio, ou um instrumento de execução de qualquer plano, é utilisado sem reservas, sejam quaes forem as consequencias.

Ha poucos dias ainda, por exemplo, o edificio da Biblioteca Nacional correu um risco gravissimo.

Pela cidade espalhou-se, não sabemos com que positivo fundamento, mas em todo o caso com uma certa plausibilidade, que o edificio do Governo Civil ia ser assaltado á bomba — pela Biblioteca Nacional. E, ao menos dessa vez — tomaram-se providencias... enviando para a Biblioteca umas quantas praças da Guarda Republicana. Felizmente, nada aconteceu, porque, de contrario, não sabemos o que restaria hoje do velho e preciosissimo edificio do antigo convento de S. Francisco. A necessidade de defesa — embora quando já fosse dificil torna-la eficaz — obrigaria o Governo a isolar, pela metralha, ou de qualquer forma, o tremendo ponto de concentração dos atacantes. E, das preciosidades acumuladas na Biblioteca, bem pouco restaria hoje, por certo. Alem disso, quantas vitimas não custaria esse crime? O que não sofreria com ele toda a parte da cidade em que fica situado? A que ficaria reduzido o edificio do Governo Civil?

Não se julgue, porém, que essa hipotese terrivel está absolutamente afastada. O ingresso na Biblioteca é facil. O interior do edificio absolutamente acessivel a quem disponha de uma pontinha de audacia. De resto, a frequencia de jovens sindicalistas e jovens comunistas na Biblioteca é notavel. Involuntariamente, até, uma pessoa que a frequente com assiduidade fixa certos pormenores e guarda na memoria a disposição do edificio. Ao fim do corredor, lado esquerdo, que corre paralelo á grande sala de leitura, ha um outro corredor, que se estende transversalmente, correndo no mesmo sentido de outro que parte da esquerda do patamar, em direcção á rua da Leva da Morte.

Ora, sabido como é, que o plano dos pavimentos superiores corresponde ao do primeiro andar e que, no imenso casarão, nem sempre ha uma vigilia, pelo menos razoavel; qualquer audacioso entrará por ali dentro, ocultando-se num desvão, numa escada interior, por detraz de um montão de livros. A iluminação é tão escassa!...

* * *

Agora o mais grave: O corredor do 2.º andar, correspondente ao que parte do termo do outro, paralelo á grande sala de leitura, dá precisamente sobre o patio do Governo Civil e vai até quasi á rua da Leva da Morte. Concentrados ai, meia duzia de homens decididos, sem escrupulos e bem municiados, despejarão sobre o Governo Civil uma infinidade de bombas, contra as quais, durante umas horas — porque as autoridades estão sistematicamente desprevenidas—com grande dificuldade se resistirá.

Evacuado o Governo Civil, quanto mais não seja pelo terror, os bombistas, organisados como estão, dominam a cidade com uma facilidade pasmosa.

Depois virá a reacção, bem sabemos. Mas os prejuizos? Os inevitaveis estragos irreparaveis causados na Biblioteca?...

E não se julgue que isto é apenas um mau sonho. Esta hipotese está prevista pelas quadrilhas vermelhas e, na ocasião propicia, o plano não deixará de se cumprir. Não garantiu, ha dias, á «Capital» o sr. dr. Ferreira de Sousa que está sendo organisada meticulosamente uma revolução comunista?

Se ela não eclodiu ainda — é porque não a julgaram ainda oportuna os seus dirigentes e organisadores. A sua rêde de espionagem é tão vasta, que nada lhes escapa. Os seus aliciamentos estendem-se á força armada — marinha, exercito, guarda republicana e policia — suspeitando-se de que alguns elementos dessa origem foram já captados...

* * *

De tudo isto se conclue a necessidade de agir — agir já, com toda a cautela, com toda a persistencia, sem atenções de qualquer natureza.

Ha autoridades que têm uma noção errada dos seus deveres e, sobretudo, do objectivo do seu cargo?

Pois que se recrutem autoridades com um criterio mais severo e mais racional.

E' sobretudo sobre a policia, cuja função é prevenir, para evitar, que devem incidir as atenções de quem tem a obrigação estritissima e sagrada de velar por nós, colocando-se acima de qualquer suspeita ou de qualquer perigo.

Ao passo que os inimigos da sociedade trabalham com uma constancia, uma persistencia e um vigor de processos que nos faz tremer, algumas autoridades, esquecidas de que, parando, lhes cedem terreno, olham as nuvens... a ver se chove.

Não chove ainda — mas a tempestade, medonha, tremenda, avassalante, não tardará muito a desencadear-se.

E depois?...

Coronel Wyllie

Encontra-se de novo entre nós este eminente colonial inglez, que tem sido o mais valioso paladino do sistema de colonisação portuguesa, contra os ataques de má fé que certos elementos estrangeiros nos teem vibrado. A sociedade anti-esclavagista, com séde em Londres, pretende continuar a ferir-nos, indo a reboque do rev. Harris, velho inimigo dos interesses portugueses em Africa, e que publicou e mandou o seu relatorio para a Sociedade das Nações.

Tanto bastou para que o sr. Wylle voltasse a estabelecer-se entre nós, com o espirito de organisar a defeza. Acha-se no Monte Estoril.

Uma bomba

Afirada em Alemquer

...rebenta em Lisboa, com a prisão de dois cidadãos pacificos!

O nosso colega «O Mundo» conta o caso duma ordem de prisão do administrador de Alemquer, contra um seu redactor, que é muito interessante.

Pelo visto aquela autoridade, lá do seu buraco, teve curiosidade de saber quem era o autor da determinada local, e como não lho dissessem, porque ele não soube perguntar, chegou a ameaçar com o prisão um redactor daquele jornal.

Da ameaça, lá lhe pareceu não ser dificil ir até ao facto, e, para o conseguir, expediu para o Director da Policia de Investigação o seguinte telegrama:

Capture imediatamente Garcia Malheiro e Rui Ferreira, moradores á praça das Flores, 31, 2.º, e travessa da Palmeira, 7, 1.º, implicados no atentado dinamitista praticado em Alemquer. Pagarei as des[pesas] em resultado da vinda dos presos e agentes.—Guilherme Adolfo Rubin Gorjão.

Está claro que o sr. Paulo Menano, não sabendo do que se tratava, deferiu, e só depois de aqueles dois senhores darem entrada no Governo Civil é que poude vêr perfidia—e os mandou em liberdade.

Mas ficará, no seu logar, a interessante autoridade que, de Alemquer, prende em Lisboa jornalistas e outros cidadãos pacificos, sob o pretexto de arremessarem bombas... em Cascos de Rolhas?!

NO MEXICO

Foi assassinado

o caudilho revolucionario Vila

MEXICO, 21 — Foi morto o caudilho revolucionario Vila, em Canutilo, pelo seu secretario Crilo, o qual tambem foi morto alguns momentos depois pelos partidarios de Vila. A estas duas mortes seguiu-se um combate entre os partidarios dum e doutro, na qual se envolveram certa de 800 homens, havendo 100 mortos. — (R.)

INQUILINATO

A representação do jornal "A CAPITAL"

Foram hoje entregues, no Parlamento, muitos exemplares, representativos de alguns milhares de assinaturas

Como ontem dissemos, a redacção da "Capital" esteve no palacio do Congresso, a fim de fazer a entrega da sua representação sobre inquilinato. E' sabido que este jornal, tendo tomado na questão de inquilinos e senhorios, uma atitude perfeitamente definida, redigiu uma representação, do que mandou exemplares a quem lh'os reclamou, sendo de alguns milhares o numero de assinaturas recolhidas em centros politicos, colectividades, estabelecimentos, fabricas, etc.

Pois o sr. Correia Barreto, presidente do Senado, declarou não poder receber esse documento, sem que cada exemplar levasse um sêlo de 30 centavos, tendo feito igual declaração ao Sindicato dos Operarios, que desejava fazer entrega duma moção aprovada, ha dias, num comicio publico e em que se pedia que a lei do sr. Catanho de Menezes seja rapidamente discutida e aprovada.

Assim o executámos, e os muitos exemplares da representação, representando alguns milhares de assinaturas, selados, lá ficaram hoje no Parlamento, para que os srs. deputados e senadores apreciem a justiça desse documento.

Sonambulismo... não!

O CASO DA SENHORA ALEMÃ

que apareceu morta sob as janelas do Francfort

Um outro caso muito curioso

«Fica arredada a hipotese do suicidio, segundo as nossas deduções, conforme a declaração do sr. chefe Murtinheira e dacordo com o nosso esclarecido colega do «Diario de Lisboa». Fica tambem por emquanto e só por nós contestada, a versão dum caso de sonambulismo.

Mas nem á policia nem ao «Diario de Lisboa» ocorre outra hipotese tão natural como aquelas e muito mais verosimil do que qualquer delas?

Então leiam os nossos argutos contendores:

Conta o «Seculo» de ha tres dias:

Um caso em que não houve alucinação

Uma rapariga precipita-se da janela do hotel em que estava hospedada para fugir á perseguição de tres sadicos

«S. PEDRO DO SUL, 15—Deu-se aqui na passada noite um acontecimento que é o assunto de todas as conversas. Uma rapariga de nome Eufemia Flores hospedou-se com seus patrões, Antonio Povoas e esposa, do Porto, num hotel desta vila. A rapariga dormia numa dependencia do hotel, sendo alta noite surpreendida pela presença de tres homens no seu quarto, que tentavam violental-o aplicando lhe um narcotico. A rapariga, simplesmente em camisa, defendeu-se quanto pode e, para fugir aos seus perseguidores, precipitou-se duma janela, tendo a felicidade de cair na sacada do andar inferior, o que certamente a livrou da morte, ficando, contudo, muito ferida e contusa. A justiça investiga, encontrando-se já detidos para averiguações, João de Almeida, alfaiate, Anibal Ferreira da Silva, marceneiro e João Caetano, comerciante, que já confessaram o crime.»

Peço ao sr. Murtinheira e ao redactor do «Diario de Lisboa» que suprimam a varanda do andar inferior no Hotel de S. Pedro do Sul e vamos a ver o que sucederia só com esta supressão.

A Eufemia Flores despenhar-se-hia de toda a altura do hotel; só pararia no solo onde ficaria despedaçada, morta ou agonisante, em todo o caso em estado comatoso sem poder contar-nos a scena de que fora vitima; os tres meliantes tinham sobejo tempo de escapar-se e agora tinhamos uma segunda edição dum caso de sonambulismo!

E' verdade que a rapariga era honesta e a prova é que preferia morrer a sacrificar a sua honestidade, mas veio em camisa a fugir do desgraçado lance!

Não acreditam, para a adoção de egual versão, os nossos estimados companheiros de pesquisas, o sr. Murtinheira e o reporter do «Diario de Lisboa», que ha mulheres que prezam tanto a sua virtude, o seu orgulho, ou a

AS NOSSAS ESTRADAS

Americanos, inglezes e espanhoes

constituindo uma Sociedade, apresentam ao Governo uma proposta para a solução do — — — problema — — —

Quer no Parlamento quer na imprensa já se tem gritado alto e bom som sem que os poderes publicos resolvam de vez a questão que ha em Portugal, aproximadamente 8.000 quilometros de estradas que é urgente e inadiavel reparar.

Propostas respeitantes á solução do problema,—á solução conveniente—não aparecem a bem dizer. Pensa-se a bem dizer em estradas feitiças, de aldeolas para aldeolas, na conquista de votos para eleições, mas em que temos do vergonhoso estado das que já existem parece mais dificil . . . e de menor importancia.

Primeiramente é necessario acudir como ha tempos preconizava o sr. dr. Tiago Sales, ás estradas que mais gravemente estão em risco de fazer cessar o transito, e, ao mesmo tempo, conseguir uma mais rendosa aplicação das verbas orçamentais.

Sem boas estradas não pode existir um sistema de comunicações internas capaz de sustentar um trafego regular e suficiente—pois que elas nada mais são do que o complemento necessario das vias ferrea e fluvial, o fulcro de todo um sistema de viação.

Logo, desde que no conjunto apresentado, não haja a precisa harmonia, as funções de qualquer daquelas vias isoladamente exercidas não podem sentir os convenientes resultados praticos: é a retenção constante e forçada de mercadorias, que se deterioram, que alteram, que oscilam no valor, causando prejuisos ao comerciante e ao consumidor, e até a impossibilidade de comunicações entre uma e outra povoação; a falta de transportes, etc, etc.

* * *

O a noticiou agora a imprensa da manhã que uma entidade construtora ingleza entregara ao sr. ministro do Comercio uma interessante proposta tendente, segundo determinadas garantias, a realisar uma grande empreitada para a construção e reparação de estradas do paiz.

* * *

Sobre este ultimo ponto o sr. ministro do Comercio, nada tem a acrescentar por hora, segundo gentilmente nos confirmou, mas alguem que no ministerio do Comercio desempenha altas funções, e é membro da comissão á qual o sr. dr. Queiroz Vaz Guedes entregou a referida proposta para estudo, o sr. general Ferreira, teve no entanto a proposito umas pequenas considerações.

—Não é só duma casa ingleza a proposta, diz-nos; Pertencee tambem a americanos de New-York e a espanhois de Madrid. E a proposta não é acrescenta, simples conversa. Nem qualquer papel que não venha devidamente autenticado pela lei do selo, nem reconhecido pelo tabelião, não posso sequer mandar para a Administração das Estradas, nem parecer para estudo aos parlamentares.

—Não é portanto documento oficial?

—Não. Vem até concebido em termos vagos?

—Pedindo garantias?

—Que não sei quais são; mas que depois de ter estudado o assunto hei-de dar o meu parecer, tomando na mais alta conta os interesses e os direitos do Estado.

Não é, como pode calcular, questão que se resolva assim, sobre o joelho. Implica algumas centenas de milhares de contos.

—Que regiões pretende reparar e cortar de estradas?

—Não define regiões, exprime-se em quantidades.

Deixe-me dizer-lhe, por a fechar, que antes desta proposta se ofereceram algumas outras até mesmo nacionais. Não se pretende agora abrir favoritismos com reclames... A isso me oponho. Quem melhores condições de garantia oferecer, terá o meu voto e isso far-se-ha em concurso.

---

seu pudor que, entre dois precipicios, um que tem a deshonra por limite e outro que oferece a morte por alternativa, se precipitam no ultimo para fugir ao primeiro?

Note-se que nós não afirmamos nem negamos cousa alguma.

Mas não seria tão facil explicar pelo suicidio com uma historia de amor ou tão comodo atribuil-o a um acto de sonambulismo o caso de S. Pedro do Sul?

Ficamos por aqui nas nossas considerações; falta-nos o exame da Morgue, falta-nos o estudo cuidadoso do processo, falta-nos os mil recursos que sobejam ao sr. Murtinheira.

Avançar mais seria perigoso para a nossa consciencia e impertinente para os nossos leitores.

A quem cumpre indagar, que indague; a nós só nos moveu o proposito de esclarecer, no que fôsse possivel, um caso que emocionou a população, sem lançar suspeitas sobre pessoa alguma, nem torcer os factos «ad odium».

Fizemos, presumimo-nos disso, a critica imparcial, que nos pareceu justa e logica do desgraçado incidente da vida citadina.

Que nos desculpem os leitores da «Capital» se abusamos da sua atenção e que V. Ex.ª, senhor director, nos releve por termos tambem tão largamente aproveitado a amavel hospitalidade que se dignou conceder-nos. Não voltaremos pois ao assunto se não fôrmos forçado a retomá-lo.

POLICIA AMADOR.»

ULTIMA HORA

Os Partidos

Republicano Radical

Os comicios de amanhã

Como já dizemos noutra parte, por indicações da ultima hora, enviadas á comissão de propaganda do P. R. Radical, pelos elementos partidarios de Evora e Almada, só no proximo domingo, 29, terão logar impreterivelmente os comicios anunciados para amanhã nestas localidades.

No entanto, terão logar, como se tem anunciado os comicios em Cintra e Montelavar. Usarão da palavra nestes comicios os srs. dr. Albino Vieira da Rocha, Santos Monteiro, Francisco Levita, comandante Procopio de Freitas, major Rosa Ventura, tenentes Mario Barros e Arés, dio Matos Silva, Moreira Lopes, Arnaldo Carvalho, Carlos Fernandes e Antonio Joaquim Magalhães e dr. Orlando Marçal. Acompanham estas missões de propaganda pela comissão municipal de Lisboa o sr. Cesar de Lemos, José Francisco Godinho e Sousa d'Almeida; pela comissão distrital os srs. capitão José Alfredo Paula e alferes Santos Pimenta; pela comissão municipal d'Oeiras o sr. Camilo dos Santos; pela comissão municipal de Cascais, o sr. Raul Belmarco e Esequiel Marmelada pela comissão municipal do Barreiro.

Muitos elementos das comissões politicas das freguesias da capital acompanharão os oradores. O embarque terá na estação do Rocio pelas 11,30 de amanhã para Cintra.

A comissão de propaganda roga a todos os oradores e elementos que acompanham estas missões de propaganda que compareçam nas estações ás horas indicadas afim de não haverem embaraços da ultima hora.

Os centros Radical de Lisboa e 19 de Outubro, fazem-se representar nos comicios.

O jornal «A Lanterna», que hoje sairá com o programa partidario será vendido profusamente em todas as linhas. Será ainda distribuido um manifesto de propaganda.

Comissões Politicas de Cintra

No comicio que amanhã se realisa na Vila de Cintra, serão proclamados para fazerem parte das Comissões Municipal e Politicas de freguezia da séde do Concelho de Cintra os seguintes cidadãos filiados já no P. R. Radical:

Comissão Municipal

Gregorio de Almeida Duarte, comerciante; Francisco Ferreira Lago, comerciante; José Francisco dos Reis, proprietario; Manuel dos Reis e Abreu, ferroviario da C. P.; Querino; Julio Fernandes Feió, funcionario public; Antonio José Simões Paquete, funcionario publico; José Augusto Madeira, industrial.

Comissão Politica de S. Martinho de Cintra

João Silvestre, alfaiate; José Rodrigues, pedreiro; Artur José Machado, funcionario publico; Luiz Antonio Cardoso, carpinteiro.

Comissão Politica de S. Pedro de Cintra

Mario Ferreira Lago, empregado nos correios; Armando da Silva Coelho, carpinteiro; Augusto da Silva Coelho, empregado nos correios.

Comissão Politica de Santa Maria

Delegado nesta freguesia nos termos da lei organica, Antonio José Simões Paquete, funcionario publico.

Reunião das Comissões Politicas

As Comissões Districtal e Municipal de Lisboa convidam todos os cidadãos que compõem as comissões politicas da cidade e do distrito a comparecerem á grande reunião que se realisa na proxima quarta-feira, 25, pelas 21,30 horas prefixas, a fim de serem ventilados assuntos do mais alto interesse partidario.

Roga-se a comparencia de todos os componentes e delegados das mesmas comissões.

A reunião é na séde do Centro Radical de Lisboa, rua da Voz do Operario, 64, 1.º, á Graça.

Comissões Politicas de Queluz e Amadora

A Comissão Districtal delegou nos srs. Manuel dos Reis e Abreu e Camilo dos Santos, o encargo de organisação imediata das comissões politicas das freguesias de Queluz e Amadora.

Tarde politica

A montanha pariu um rato...—A presidencia da Camara

...E a montanha pariu um rato—dizem as escrituras. O incidente Antonio Maia pariu um ratinho feio, um ratinho morto. A fisiologia do partido nacionalista já não dá para a concepção de individuos temporãos.

Dão nisto as aliançes morbidas.

* * *

O caso das imunidades parlamentares, agora em causa, foi das mais estravagantes coisas da politica nacional.

Arredam-se para segundo plano durante uma semana, e em sessão prorogada, os mais interessantes assuntos de administração nacional; inunda-se a camara de eloquencias mais ou menos discutiveis; folheiam-se codigos e ordenações constitucionaes; demite-se um ministro e abafa-se um Ministerio; cai o presidente da camara e fica desconjuntada a unidade de um partido; partem-se carteiras e perdem-se madrugadas; gemem os prelos e geme a disciplina social á mercê das artimanhas politicas.

Salvaram-se as imunidades parlamentares? Não se salvaram. Saiu desse pleito mais forte o partido nacionalista? Não saiu.

Triunfou de facto o Governo? Não triunfou, porque transigiu em esmagar o seu colega da Guerra, para se conservar no poder.

O que se aproveitou desse longo e enfadonho esgrimir de palavras, em detrimento dos altos interesses nacionaes? — Nada.

* * *

E' absolutamente certo que o sr. Sá Cardoso não voltará á presidencia da Camara, como absolutamente certo é que, embora alguns jornais digam o contrario, que não abandonará o Partido Nacionalista.

* * *

Alguns deputados militares pensaram em resignar o seu mandato em vista da votação de ontem.

Tudo se harmonisará na paz do Senhor.

* * *

Segunda-feira continua o debate politico, entrando na segunda parte da ordem do dia a questão cerealifera.

* * *

Por erro de composição disse-se aqui que a sessão foi prorogada até fins de Agosto. Não foi ainda, mas vai ser, para que os srs. deputados possam entreter os seus ocios em qualquer novo *Hissope*.

Os tripulantes da "Camionette"

Foi-lhes confirmada a sentença

No Supremo Tribunal de Justiça Militar, foi hoje julgado o recurso dos tripulantes da «camionette» fantasma.

A audiencia abriu as 13 e 30, sendo pelo sr. Promotor pedida a anulação dos processos do Guarda Marinha sr. Benjamim Pereira e de Palmela Arrebenta e José Felix, dizendo que sob o ponto de vista juridico, não via motivo para as respectivas condenações.

Falaram a seguir os advogados, srs. tenente Lorena, Alfredo Nordeste e Orlando Marçal, que analisaram varias passagens do processo, pedindo tambem a sua anulação.

Em seguida o Conselho reuniu dando pouco depois a confirmação da sentença do Tribunal Mixto de Marinha e do Exercito.

TRIPLICE INFANTICIDIO

O caso dos 3 esqueletos

A policia

inicia novas diligencias, apreendendo correspondencia a que liga grande importancia

A «Capital» tem tratado, com toda a isenção, este caso emocionante que ha uns dias vivamente apaixonou toda a população lisboeta. Temos deixado falar a policia, e temos guardado as reservas que nos impõe, não só o facto de as investigações se encontrarem entregues a quem de direito como tambem de se tratar de uma tremenda desgraça, que acaba de ferir uma respeitavel familia, não apenas na sua honra, mas ainda na sua afectividade.

Dá-se o caso, porem, de que a policia, com extranheza de toda a gente, se contenta com declarações que bem se podem dizer preliminares—e vai dar, ao que parece, por concluido o processo. Quando toda a gente chama ao tristissimo caso, o «misterio da rua da Escola Politecnica», a policia parece ter indagado tudo, sem lhe faltar um detalhe, sem omitir um pormenor.

Entretanto um simples raciocinio, feito á volta deste crime, é o suficiente para nol-o mostrar ainda muito obscuro.

Nós não queremos, de forma nenhuma, agravar a situação da filha do general sr. Garcia Guerreiro, a verdade é que não haverá nada que a esse caso se prenda que possa tornar mais critica essa situação.

Uma razão a mais para que se exija tudo. Que se saiba tudo! D. Maria Guerreiro não terá podido, ela só, dar execução ao sinistro gesto tres vezes repetido. Seja qual fôr o grau da responsabilidade que se lhe atribua, houve pelo menos uma pessoa que a auxiliou.

Tambem é muito vago o que a policia nos revela sobre o primo de D. Maria Guerreiro, que morreu ha tres anos, e a opinião publica não se satisfaz com o pouco que se diz.

Repetimos: a desgraça que caiu sobre uma familia não poderá ser agravada com o mais que venha a saber-se.

O que mais profundamente poderia ferir no coração o honradissimo general sr. Garcia Guerreiro e sua esposa, é conhecido do publico e isso é que é—o irremediavel!

Dava a policia como arrumado, completamente investigado, completamente investigado e apurado aquele macabro aparecimento de 3 esqueletos de crianças, no sotão da residencia da senhora D. Maria Guerreiro na rua da Escola Politecnica, 183, 2.º, ficando os investigadores crentes em absoluto de que aquela senhora ao confessar os seus crimes não escondera a policia os menores detalhes.

Sabido é que D. Maria chamou a si toda a responsabilidade dando como seu seductor um seu primo, Candido Garcia dos Reis, falecido em Março de 1920, declarações essas em parte confirmadas por varias testemunhas que apenas poderam garantir que Garcia dos Reis era visita assidua da casa e que mantinha com a prima uma amisade muito intima e estreita.

Como nunca tivessem aparecido outros depoimentos em contrario a policia aceitou como boas todas as declarações da infanticida tanto mais que ouvidas ainda hoje duas mulheres a dias que trabalharam na casa da rua da Escola Politecnica elas nada mais adeantaram.

Sucedeu porem que apoz esses interrogatorios apareceu no Governo Civil uma senhora elegantemente vestida pedindo para falar ao sr. dr. Crispiniano da Fonseca.

Essa senhora uma vez recebida p aquele magistrado conservou-se largo tempo em conferencia finda a qual o sr. dr. Crispiniano da Fonseca acompanhado de dois agentes logo saiu vindo depois a afirmar-se que se dirigira á casa da rua da Escola Politecnica afim de proceder a uma diligencia importante.

Essa diligencia foi nem mais nem menos que uma busca de que resultou a apreensão de varia correspondencia amorosa que D. Maria Guerreiro mantinha com o seu seductor. Parte dessa correspondencia encontrava-se rasgada em pedaços, mas ainda assim foi tudo levado para o Governo Civil, a fim de ser convenientemente examinado.

Logo que novas diligencias se iniciaram, foi dada ordem para D. Maria Guerreiro se conservar na mais rigorosa incomunicabilidade.

Ocioso se torna frisar que a policia guarda segredo absoluto sobre as novas diligencias iniciadas hoje, o que não impede que o «reporter» conclua-se que a policia fôra informada por uma forma positiva e categorica de que o seductor de D. Maria Guerreiro não fôra o seu falecido primo, mas sim outro, que ela procurava a todo o transe encobrir.

Esta suspeita já ha dias que corria de boca em boca, mas facto é que a policia não lhe dava credito, apesar de se saber de uma forma positiva que Candido dos Reis nunca namorara sua prima, mas sim uma outra senhora com quem esteve para casar.

D. Maria Guerreiro sabia bem desse namoro, só se compreendendo as desculpas apresentadas na policia como um «truc» para desviar suspeitas e salvar o verdadeiro seductor.

O caso deve estar esclarecido amanhã, sendo natural que se efectuem novas prisões.

O 19 DE OUTUBRO

na cidade do Porto

Alguns soldados da Guarda Fiscal absolvidos

No Tribunal Militar realizou-se hoje o julgamento dos soldados da Guarda Fiscal Adelino Dias, Carlos Aurelio T. Bastos e Sabino da Rocha Gaspar acusados de, no Porto, terem secundado o movimento de 19 de Outubro.

* * *

A audiencia abriu ás 13 horas, sendo feita a chamada das testemunhas, que são cerca de 20. Em seguida, é lido o libelo, sendo pelo advogado capitão-tenente sr. Tavares da Silva apresentada a respectiva contestação. Procede-se depois ao interrogatorio dos reus, que negam o crime de que são acusados.

* * *

Depõe a seguir o cabo Castro, da G. F., que diz saber que os reus se tinham colligado para secundarem, no Porto, o movimento revolucionario que então rebentava na capital.

O segundo sargento sr. Manuel A. Silva expõe ao Tribunal como o 19 de Outubro foi secundado na capital do norte. Diz que um revolucionario civil, que foi ao Porto dias antes do movimento, tinha recebido dos reus, na estação de Campanhã, uma lista com varios nomes, entre eles dos oficiais srs. Graça Ferreira e Sena.

Em seguida, procedeu-se a uma acariação entre a testemunha e o cabo Castro, não sendo possivel chegarem a acordo.

* * *

O cabo Julio Lourenço diz que foi convidado, por uns individuos que trajavam civilmente mas que não sabe quem eram, para fazer parte de um grupo que devia ir matar o comandante da companhia, ao que não acedeu. Os individuos, perante a sua recusa, ameaçaram-no de o matar se dissesse alguma coisa.

O sr. promotor:

— Então, não conheceu esses individuos?

— Era de noite e apontaram-me armas, não tendo tempo de ver quem eram.

* * *

O cabo José Nunes nada sabe de positivo; ouviu apenas boatos de que o quartel ia ser assaltado, não ouvindo dizer quem eram os assaltantes.

* * *

Os reus, interrogados de novo, nada mais alegam em sua defesa. O secretario lê os quesitos e o juri recolhe para resolver.

A's 15 e 45 foi lida a sentença absolvendo os reus.

* * *

O julgamento do capitão sr. Cabrita prosegue na proxima terça feira.

Governador de S. Tomé

Diz-se que o governador de S. Tomé, sr. Antonio José Pereira, que ha dias chegou a Lisboa, não voltará a desempenhar aquele logar.

Pelo Telegrapho

Da Agencia Radio

Oficiais britanicos no Egito

CAIRO, 21 — Foram condenados á morte 5 egipcios por atentarem contra a vida de oficiaes britanicos. Varios outros foram condenados a prisão que varia entre tres anos e a vida inteira.

Os ministros do gabinete Stambulinski

SOFIA, 21 — Começou o julgamento dos membros do ultimo gabinete Stambulinski.

Gréves na Polonia

BERLIM, 21 — Comunicam dos centros industriaes polacos que se deram tumultos de caracter grévista nesses centros, especialmente em Lodz, Czenstochau e Varsovia.

Um desmentido

WASHINGTON, 21 — O Departamento de Estado desmente os boatos de que o embaixador americano em Paris tenha enviado um relatorio a Washington expondo a intenção da França de desmembrar a Alemanha.

Trespasses

A firma Anastacio Fernandes & C.ª, vendeu o predio onde está o Ateneu Comercial, á rua Eugenio dos Santos, para um Hotel.

Segunda-feira é assinada a escritura do palacio Regaleira, vendido á Companhia dos Tabacos por 1.300 contos.

O sr. Luiz Leitão, antigo proprietario da Abadia abre em Agosto o bar S. Domingos.

Na rua 1.º de Dezembro vão abrir uma leitaria e uma alfaiataria, tendo feito obras dispendiosas, a firma Costa & Martins, que tomou ao falecido joalheiro Canongia a sua antiga casa por 400 contos.

Mulheres Portuguezas

Sessão solene

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, para festejar o 9.º aniversario da sua fundação, realisa no salão da Ilustração Portuguesa, amanhã, 22, pelas 14 horas, uma sessão solene, tendo sido convidados os ministros da Justiça, da Instrução, dos Negocios Estrangeiros, do Trabalho, governador civil, dr. João Ricardo, etc.

Farão uso da palavra as senhoras dr.ª Adelaide Cabete, D. Deolinda Lopes Vieira, D. Angelica Porto, D. Albertina Gamboa, D. Maria O'Neill, D. Fabia Ochoa, etc.; que versão temas feministas, de educação e de moral.

A entrada é publica. A guarda de honra será feita por um grupo de escoteiros.

A RESPOSTA á nota alemã

O texto vai ser comunicado tambem á França

LONDRES, 21 — O gabinete reuniu-se na Camara dos Comuns e concluiu o seu exame da resposta ao memorandum alemão de 7 de Junho acerca das reparações. Foi decidido que a resposta seria brevemente enviada aos aliados para as suas observações e aos Estados Unidos para sua informação.

Ficou resolvido transmitir o texto da nota britanica á Alemanha e França com os correspondentes documentos na sexta-feira á tarde. As negociações que podem ser longas, começarão na proxima semana.

Lord Crewe, embaixador britanico em Paris, voltou para Paris. — (R.)

Ministro da Guerra

O decreto que o exonera, dando a interinidade ao chefe do governo

Foi hoje publicado no «Diario do Governo» o seguinte:

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguesa: hei por bem conceder ao cidadão Fernando Augusto Freiria a exoneração, que me pediu, de Ministro da Guerra, lugar que me apraz declarar exerceu com zelo, inteligencia e acendrado patriotismo, e nomear, interinamente, para o mesmo cargo o cidadão Antonio Maria da Silva, Presidente do Ministerio e Ministro do Interior.

Nos escritorios

Está tendo um largo emprego a «Pretty, Ink» para preparar a tinta de escrever. Não atasca os aparos e é mais barata. Depositario exclusivo, Fernandes & Santos.—R. Alves Correia, 187.

DO PAIZ VISINHO

Comunicado de Marrocos—O rei em despacho—O afundamento do «Baracaldo»

MADRID, 21 — O comunicado de Marrocos diz que 40 mouros pretenderam hostilisar a posição de Sidi-Nesaud, mas foram repelidos pela «Harka» amiga.

* * *

O chefe do governo despachou com o rei.

* * *

A rainha saiu de Santander em automovel para San Sebastian, continuando os infantes em Santander. O monarcha deve partir esta noite para San Sebastian.

* * *

Em Sevilha começou o conselho de guerra pelo afundamento do vapor «Baracaldo», aparecendo como responsaveis os armadores, o capitão, a oficialidade e varios comerciantes de Sevilha.

Festas e feiras

Em Agosto proximo realisam-se na pitoresca freguesia da Amora as tradicionais festas anuais que este ano devem revestir-se da maior imponencia. O administrador do concelho do Seixal, sr. Antonio Barros, que faz parte da comissão das festas avistou-se hoje com o sr. ministro da Marinha a quem solicitou a cedencia da banda de marinheiros para abrilhantar as mesmas festas o que foi deferido.

* * *

Tambem na Ericeira se realisa, no proximo dia 25, a tradicional feira anual de S. Tiago, que costuma atrair áquele local uma extraordinaria concorrencia.

Monumental Club

Só por arbitrio da autoridade se conserva fechado

Todos os clubs reabriram, menos o Monumental e dificil, senão impossivel, é explicar o motivo da odiosa excepção, agravada por procedimento que a tornam ainda mais inexplicavel, como, por exemplo, este de a autoridade o ter mandado abrir por um dia para ali se dar um almoço a cerca de duzentos americanos «touristes» e manda-lo encerrar de novo. Parece que a autoridade considera o Monumental como propriedade sua, uma dependencia que manda abrir e fechar a seu bel-prazer.

Não se compreende tão odioso arbitrio, tanto mais que o referido club é o melhor da cidade, aquele que mais vastos e atraentes salões póde ostentar.

E' nesse club que o corpo diplomatico costumava dar os jantares ou almoços despidos de caracter oficial e nele se têm banqueteado muitos dos nossos governantes.

Porque é, pois, que teimam em o conservar fechado.

Não se percebe. Dir-se-ia que é uma vingança mesquinha de alguma indigestão que lá tivesse apanhado alguem de influencia bastante para fazer sentir deste modo o seu «agradecimento».

O encerramento do Monumental causa enorme transtorno, não só aos seus proprietarios, mas ainda á sociedade de Lisboa e ao estrangeiros que nos visitam, divertindo-se e sabendo gastar dinheiro.

A's autoridades competentes impõe-se a necessidade de tomar providencias rapidas, fazendo reabrir o referido club que só por arbitrariedades se conserva fechado.

Na Inglaterra

A gréve dos "dockers,,

Procede-se a variadas «demarches»

LONDRES, 21 —A gréve dos «dockers» que começou ha cerca de 15 dias parece chegar ao fim. O motivo da gréve foi a decisão dos patrões de quererem reduzir os salarios de acordo com a União dos trabalhadores. Mas quando se quiz pôr em pratica essa medida de acordo com a diminuição do custo da vida, como fôra estipulado, os «dockers» objectaram que os preços dos generos segundo indicados pelos patrões não estavam devidamente calculados. Em virtude da desaprovação dos seus chefes e da opinião publica, esta gréve mostrou á breve trecho sinais de falencia. Hoje a gréve terminou já em Manchester e Birkenhead. Algumas docas de Londres ainda estão paralisadas mas julga-se que a decisão de outros portos fará terminar a gréve tambem aqui. Em Hull os «dockers» manifestaram a sua disposição de entrar no trabalho.

Instituto Superior de Comercio

Realisou-se no Café Tavares, um jantar oferecido pelos alunos do I. S. C., que terminaram este ano o seu curso, ao director daquele estabelecimento de ensino sr. dr. Francisco Antonio Correia, e aos professores o sr. dr. Beirão Veiga, Bueno Martins e M. B. Amzalak.

Ao jantar assistiram os alunos Carreços, Tiberio Ermida, Carlos Garcia, Ferreira de Sousa, etc., sendo os «toasts» trocados afectuosos brindes.

O INQUILINATO EM PORTUGAL

A representação que as Associações Lisbonense de Proprietarios e dos Proprietarios e Agricultores do Norte de Portugal

ENTREGARAM AO SENADO DA REPUBLICA

procurando harmonizar os interesses dos senhorios e dos inquilinos

Ill.mos e Ex.mos Senhores Senadores

No uso do direito concedido pelo n.º 30 do art. 3.º da constituição da Republica Portugueza, temos a honra de nos dirigir a V. Ex.as, muito respeitosamente, nos termos do dos estatutos da Associação Lisbonense de Proprietarios, apresentarmos algumas reclamações dos proprietarios urbanos, acerca da situação insustentavel a que os levaram varios diplomas legislativos e a depreciação da moeda.

Confiados no alto criterio do Senado, estamos certos de que a incontestavel justiça das nossas reclamações fará com que elas sejam atendidas.

Uma depreciação de 2.400 °/o na moeda tem feito com que para todas as classes se tenha considerado natural um aumento de proventos proporcional, senão no todo, pelo menos em parte, a sua depreciação.

Só aos proprietarios urbanos, sobrecarregadissimos com constantes agravamentos tributarios, com despezas de conservação e premios de seguro vinte vezes maiores, e a braços, como todos, com o incomportavel custo da vida, se não tem julgado necessario atender!

Sem sombra de exagero, podemos afirmar a V. Ex.as que não ha ninguem tão sacrificado pela actual situação como, em regra, os proprietarios urbanos, e, a despeito disso, contra nenhuma classe se tem feito, como contra eles, uma tão persistente, injusta e tendenciosa campanha.

Não duvidamos que alguns, saltando por cima das leis, tenham abusado e abusam da situação. Aqueles em nome de cujos interesses e direitos, absolutamente legitimos, temos a honra de vir reclamar junto de V. Ex.as, são os que, cumpridores das leis, se encontram na dura mas incontestavel situação de se verem com encargos eguais ou superiores aos respectivos rendimentos.

A injusta campanha contra os proprietarios urbanos

Ser proprietario não é ser criminoso, e, como tal, merecer implacavel castigo da Lei; nem tão pouco é ser rico, porque ha uma enorme legião de pequenissimos proprietarios que vivem exclusivamente das minguadas rendas dum prediosinho que é producto de trabalho duma vida inteira.

Porque motivo se ha de defender o humano e necessario aumento de vencimento dos reformados, e atacar ao mesmo tempo o aumento das rendas recebidas por aqueles que, em vez de contribuirem mensalmente para uma caixa de aposentações, preferiram, como os proprietarios urbanos, com as suas possiveis economias, mandar construir um predio, cujo rendimento constituisse como que a aposentação que os livrasse de privações no futuro?

Com que fundamento pode achar-se indispensavel, como de facto é, o aumento das pensões pagas pelos montepios, e combater o aumento das rendas de casas que constituem as unicas pensões de que vivem milhares de viuvas e orfãos que hoje lutam com a mais verdadeira miseria?

Não são tudo isto manifestações de previdencia a que urge atender?

Acaso os vencimentos dos reformados e as pensões dos monte-pios não são uma propriedade daqueles que os recebem?

Porque é então que ha de, no nosso paiz, achar-se legitima essa propriedade condenando como criminosa a do rendimento de um predio urbano? Não representam essas duas especies de propriedade, por egual, o direito ao producto do trabalho de alguem que dele quiz dispor por essas diversas formas?

Que justiça é então a que existe nessas campanhas que tanto odioso querem acarretar contra os proprietarios urbanos?

Foram eles, por ventura, perniciosos á colectividade, mandando construir os seus predios?

Ou escolheram, pelo contrario, para as economias amealhadas, tantas vezes á custa dos maiores sacrificios, uma aplicação das mais uteis e indispensaveis a todos os membros da colectividade?

Ahi estão as consequencias da falta de habitações a pôr em relevo quanto eles contribuiram para o bem geral atendendo a uma necessidade de todos.

A verdade, porem, senhores Senadores, é que, por uma diversidade de motivos a que, para nos não alongarmos demasiadamente, não aludiremos, se tem procurado apresentar os proprietarios urbanos como uns ricassos de inexgotaveis rendimentos e a quem, pela sua antipatica missão, se não deve atender, ao contrario do que se faz a todos os que o não são.

Estão V. Ex.as a ocupar-se dum projecto de lei a que se tem querido chamar interpretativo do art.º 25.º da lei 1:368, mas a que se teem acrescentado artigos os mais variados, sobre materia a que nada se refere o artigo em questão, da referida lei.

A V. Ex.as temos, pois, a honra de nos dirigir, para expôr a situação insustentavel em que se encontram os proprietarios urbanos, e a necessidade de a ela se atender, sem perda de tempo.

E' um trabalho de documentação o que vimos apresentar á apreciação do Senado.

Não demonstraremos, com palavras ôcas, a justiça das nossas reclamações.

E' ela inco ntestavel em face dos factos, e, por isso só a factos recorremos.

A enorme legião de proprietarios pobres

A' falsa e tendenciosa afirmação de que são ricos os proprietarios urbanos e que, como taes, não precisam ser atendidos, respondemos com os seguintes numeros, que constam do «Anuario Estatistico das Contribuições Directas» de 1914, a pag. 34:

No continente e ilhas adjacentes, n'essa data.

Havia proprietarios urbanos	Cujos rendimentos brutos estavam, respectivamente compreendidos entre:		
119.093	11$11,1	e	22$22,2
250:615	22$22,2	e	111$11
72:471	111$11	e	333$33
16:669	333$33	e	555$55
12:768	555$55	e	1.111$10
6:654	1.111$10	e	2.222$20
44:097	2.222$20	e	5.555$50
1.218	5.555$50	e	11.111$00
619	11.111$00	e	22.222$00
421	Superior	a	22.222$00

Mas, porque a Associação Lisbonense de Proprietarios e a Associação dos Proprietarios e Agricultores do Norte de Portugal que temos a honra de representar, teem, principalmente, a seu cargo a defesa dos proprietarios urbanos das cidades de Lisboa e Porto, permitam V. Ex.as que, do mesmo «Anuario Artistico» transcrevâmos os numeros que se referem, n'essa data, aos proprietarios de cada uma das duas cidades, e aos seus rendimentos coletaveis.

Na cidade de Lisboa:

Havia proprietarios urbanos	Cujos rendimentos brutos estavam, respectivamente, compreendidos entre:		
54	11$11,1	e	22$22,2
1.389	22$22,2	e	111$11
3.274	111$11	e	333$33
2.296	333$33	e	555$55
2.684	555$55	e	1.111$10
1.828	1.111$10	e	2.222$20
1.303	2.222$20	e	5.555$50
368	5.555$50	e	11.111$00
160	11.111$00	e	22.222$00
122	Superior	a	22.222$00

Na cidade do Porto:

Havia proprietarios urbanos	Cujos rendimentos brutos estavam, respetivamente, compreendidos entre:		
570	11$11,1	e	22$22,2
2.871	22$22,2	e	111$11
3.085	111$11	e	333$33
1.296	333$33	e	555$55
1.274	555$55	e	1.111$10
611	1.111$10	e	2.222$20
295	2.222$20	e	5.555$50
44	5.555$50	e	11.111$00
26	11.111$00	e	22.222$00
5	Superior	e	22.222$00

Aqui teem V. Ex.as a melhor resposta áqueles que, para impopularizarem os proprietarios urbanos, criando uma atmosfera propicia ás campanhas contra eles feitas, procuram conseguir que, nos espiritos simplistas, a ideia formada ácerca do proprietario urbano ande ligada á duma pessoa rica, que, para viver á larga, tem sempre rendimentos, quaisquer que sejam os seus encargos.

Os numeros que acabamos de transcrever provam, por maneira irrefutavel; que ainda mesmo que fosse possivel aos proprietarios urbanos ficarem hoje, depois de pagos os seus encargos, com o rendimento bruto que tinham em 1914, centenas de milhares deles estariam com rendimentos incomparavelmente inferiores aos vencimentos atuais de qualquer empregado menor duma repartição publica ou dum estabelecimento particular.

Situação insustentavel. Encargos superiores aos rendimentos

Mas, para que a V. Ex.as, Srs. Senadores, possamos mostrar, bem claramente, a situação dos proprietarios urbanos, vamos, sempre com numeros incontestaveis, expor os encargos que sobre eles pesam, em relação ás rendas que recebiam em 1914.

Era de 10 °/o a dedução feita, no total das rendas por cada um recebidas, para despezas de conservação dos predios.

São hoje 20 vezes maiores essas despezas, para que os 10 °/o eram já então insuficientes. Em 200 °/o das rendas de 1914 teem agora de ser computadas.

Segurando um predio contra o risco de incendio, quer o proprietario garantir a sua reconstrução é hoje 20 vezes mais elevado o premio de seguro a pagar.

Eram, á data da promulgação da lei do inquilinato, de 25 °/o das rendas os encargos do proprietario, incluindo impostos, conservação e seguro, sendo, portanto, representado pelos 75 °/o restantes o juro do capital.

A' taxa de 5 °/o, que era a média o capital empregado correspondia a 20 vezes esses 75 °/o das rendas, ou seja a 1500 °/o das mesmas rendas.

Não tinha o proprietario que segurar o valor do terreno nem o das paredes.

Avaliando em 20 °/o a parte do capital correspondente a essas duas parcelas a descontar, vemos que o valor a segurar era de 1200 °/o da totalidade das rendas ou sejam 12 vezes essa totalidade.

Era de 1,666 por mil ou 0,1666 °/o sobre essas 12 vezes o premio anual de seguro a pagar, o que equivale a dizer que esse encargo era de 1,9992 °/o das rendas recebidas pelos proprietarios.

E' hoje 20 vezes superior o custo da construção, e, consequentemente, 20 vezes maior o premio a pagar.

Teem, portanto,—vejam V. Ex.as esta monstruosidade de encargo—os proprietarios urbanos, que queiram ter os predios devidamente assegurados contra o risco de incendio, que pagar um premio de seguro correspondente a 39,994 °/o das rendas de 1914.

Passemos aos encargos tributarios.

A interpretação dada pela Camara dos Srs. Deputados ao artigo 25.º da Lei n.º 1.368, de 21 de Setembro ultimo, interpretação contra a qual protestamos, porque alterou o que, incontestavelmente, estava determinado nesse artigo—foi de que podiam os proprietarios urbanos elevar as rendas das casas de habitação a 250 °/o, ou sejam 2 vezes e meia, o que eram em 1914.

Estabeleceu o mesmo artigo que o rendimento colectavel passasse a ser de 70 °/o das novas rendas, fixadas nos termos que acabamos de expôr. Corresponde, portanto, esse novo rendimento colectavel a 175 °/o das rendas de 1914, incidindo sobre ele, segundo as diversas disposições da mesma lei 1.368 e do parecer 380, já aprovado na Camara dos Srs. Deputados, os seguintes impostos:

Contribuição predial urbana para o Estado........	10 °/o
Adicional para os municipios....................	3 °/o
Adicional para as Juntas Geraes.................	0,3 °/o
Idem para as Juntas de Freguezia................	0,2 °/o
Idem para Instrução Primaria....................	3,2 °/o
Idem para os empregados de finanças.............	0,1 °/o
Selo do conhecimento.....	0,204 °/o
Soma........	17,004 °/o

Msa 17,004 °/o das rendas de 1914 são 27,757 °/o dessas rendas.

Temos, pois, já demonstrado a V. Ex.as, por forma irrefutavel, que, em relação ás rendas de 1914, os proprietarios urbanos teem hoje os seguintes encargos:

Despesas de conservação.	200 °/o
Premios de seguros contra ncendio	39,994 °/o
Impostos	27,757 °/o
Soma	267,751 °/o

Não se limitam ainda a isto, como adeante vamos demonstrar, os encargos dos proprietarios urbanos, mas a verdade, a triste e inacreditavel verdade, é que, pelo art.º 25.º da lei 1368 e pela interpretação que lhe deu a Camara dos Senhores Deputados só é permitido aos mesmos proprietarios receberem, nas casas de abitação, rendas correspondentes a 250 °/o das de 1914!

250 °/o de rendimento e 267 °/o de encargos

Ao esclarecido criterio de V. Ex.as deixamos a resposta ás seguintes perguntas:

Como é que, recebendo, na totalidade, rendas correspondentes a 250 °/o das de 1914, podem os proprietarios urbanos pagar encargos correspondentes a 256,641 °/o das de 1914 das rendas daquela data?

Como é que nestas circunstancias, eles podem pagar as contribuições que lhes vão ser exigidas em Julho proximo?

De que é que, afinal, eles são proprietarios?

E' admissivel um tal estado de coisas, em regimen de propriedade individual?

Qual o paiz, a não ser a Russia Bolchevista, em que pode continuar uma tão declarada ocsialisação da propriedade urbana?

Mas, Senhores Senadores, muitos outros encargos pesam ainda, como acima dizemos, sobre os proprietarios urbanos.

A contribuição de registo, ácerca da qual teremos, dentro de poucos dias, a honra de entregar uma representação ao Parlamento é um forte encargo que o Estado sobre eles lança.

O custo de qualquer acção posta nos tribunais era já elevado, mas as novas tabelas de custas e emolumentos judiciais, tornaram essas acções de tal forma caras que não sabem os proprietarios onde buscar dinheiro para as pagar, cada vez que precisem de recorrer á justiça, para verem garantidos os seus direitos.

Cresceram espantosamente os encargos do selo.

Em virtude das tabelas decretadas em outubro ultimo, qualquer acto do registo predial constitue um pesado imposto, fazendo tudo isto com que os encargos dos proprietarios urbanos correspondam em cada ano, a cerca de 280 °/o das rendas que recebiam em 1914.

E' como V. Ex.as veem, absolutamente insustentavel a situação em que eles se encontram.

Habituaram-se os autores das campanhas contra os proprietarios urbanos a alegar que ha alguns que recebem mais do que as leis permitem, e que, por isso, não é necessaria a alteração da actual lei de inquilinato.

Contra esse indefensavel argumento cumpre afirmar, em primeiro logar, que o numero dos que assim fazem é muito reduzido, em relação á totalidade e não se pode admitir, de nenhuma maneira, que o criterio a adoptar para com os que, espontaneamente, ou forçados pela resistencia dos seus inquilinos, cumprem rigoroamsente a lei; esse baseia nas circunstancias em que se encontram aqueles recebem rendas superiores ás permitidas. Era admissivel que se procurasse evitar os abusos de proprietarios menos escrupulosos, que não defendemos; mas não se compreende que, como vem sucedendo, as leis protejam os abusos de inquilinos, contra os mais legitimos interesses dos proprietarios que as cumprem.

Acerrimos partidarios e defensores do direito de propriedade, e, consequentemente, da liberdade de comercio, somos os primeiros a reconhecer a necessidade de leis que, transitoriamente, protejam, nas condições anormaes que todos atravessamos, os inquilinos necessitados, impedindo abusos que contra eles queiram exercer alguns proprietarios. Mas dahi até deixar estes, «só porque são proprietarios», em circunstancias de terem encargos superiores ás rendas que recebem, vae um abismo.

E' um trabalho de documentação, repetimos o que temos a honra de entregar a V. Ex.as, e, por isso, «com novos dados oficiais», vamos demonstrar até que ponto são revoltantes os abusos sancionados pela actual legislação, contra os proprietarios urbanos.

Milhares de rendas de 2$6. 1$ e $60!!!

No seu numero de 18 de Dezembro ultimo, publicou o jornal «O Seculo» uma elucidativa entrevista com o ilustre funcionario que, na Caixa Geral de Depositos, desempenha o logar de chefe da repartição em que são depositadas as rendas de casas, quando se dá qualquer discordancia entre senhorios e inquilinos.

Ninguem melhor do que esse funcionario podia fornecer os elementos precisos para, irrefutavelmente, se fazer uma ideia segura da situação dos proprietarios urbanos, devendo ter-se em conta que os numeros por ele citados se referem apenas á reduzida percentagem desses proprietarios que se dispõe a pleitear com os respectivos inquilinos.

Relatando as informações que lhe foram fornecidas, diz «O Seculo», «só com respeito a rendas na cidade de Lisboa»:

«Elucidando-nos sobre o movimento das rendas depositadas, o nosso obsequioso informador, declara:

O numero de deposito de rendas, em conformidade com a lei do inquilinato, tem crescido sempre, registando-se em media, um aumento de 100 depositos, aproximadamente em cada mez. No mez passado, o numero atingido por esses depositos era, do dia 1 ao dia 9, de 3.038. Este mez, em egual periodo, o numero de rendas depositadas foi de 3.368, o que representa um aumento de 330 depositos sobre o mez anterior.»

«E a importancia dos depositos efectuados este mez?

E' de 88.146$46, «representando rendas que, no maior numero, andam de 15$00 a 20$00.»

Ha, porem, rendas depositadas muito maiores?

Algumas, sendo a maior de um conto e tal. «Mas ha tambem mais pequenas. Muitas de 5$00, 2$50, 1$00 e até $60.

Uma renda de seis tostões!» Perguntámos.

«Sim, sessenta centavos.

Mas deve ser um vão de escada! E ainda assim...»

Trata-se de um predio, ahi para os lados de Alcantara, «cujo inquilino não quer pagar mais,» e «cujo senhorio não quer receber tão pouco».

V. Ex.as apreciarão, Senhores Senadores, com o seu esclarecido criterio, se é licito alguem, imparcial e justamente, supôr que possa hoje haver quaesquer casas com renda mensaes de 15$, 10$, 5$, 2$50, 1$ ou $60, que não chegam nem para mandar colocar um prego n'uma parede.

No entanto, as leis vigentes proibem os proprietarios de elevar essas rendas, havendo quem, como V. E.as veem, se recu a pagar qualquer aumento, servindo-se, para essa recusa, da força do direito que as mesmas leis lhe dão!

E' de facto necessario—e somos os primeiros a reconhece-lo—que se prohibam os abusos de muitos inquilinos contra os proprietarios, não deixando estes á mercê de que lhes não queiram pagar as rendas indispensaveis, e que estejam em harmonia com a situação criadas aos inquilinos pelos seus novos vencimentos, em resultado da depreciação da moeda.

Não defendemos, nas actuais circunstancias, um regimen de liberdade nas rendas de habitação.

Queremos que, dentro dum criterio de justiça, se proteja quem precise de proteção, mas esse criterio não pode continuar a ser o de proteger o inquilino, «só porque é inquilino,» desgraçando o proprietario, «só porque é proprietario».

Muitas vezes, este é bem mais necessitado do que aquele.

Não pode tambem admitir-se, Senhores Senadores, que em relação ao quantitativo das rendas, as leis protejam um inquilino de habitação que tem os vencimentos apenas sextuplicados, ou o comerciante e industrial, que, vendendo todas as mercadorias em moeda depreciada, viu os lucros das suas transações aumentarem 20 vezes ou mais.

Protejam-se os inquilinos cujos vencimentos não aumentaram com a desvalorização da moeda, mas não os que enriqueceram

Proteger um inquilino que não tem os vencimentos aumentados proporcionalmente á desvalorização da moeda, e, por isso, se veria impossibilitado de ter casa onde habitar, se o senhorio lhe aumentasse a renda nessa proporção, está bem.

Essa proteção é precisa. é indispensavel, até se chegar a uma nova normalidade economica, e são os proprietarios os primeiros a querelo desde que se procure dividir entre todos o sacrificio imposto pela situação.

Mas isso é bem diverso, de dispensar do pagamento da renda que devem áqueles inquilinos a quem precisamente a anormalidade da situação melhorou as condições de vida, em detrimento de proprietarios que, vivendo dos magros rendimentos das suas propriedades, se veem reduzidos á mizeria.

Ha inumeros proprietarios que, encontrando-se nestas condições, estão proibidos, por lei, de aumentar as rendas a inquilinos que, tendo enriquecido repentinamente, puderam adquirir os automoveis de luxo em que passeiam, ao mesmo tempo que se recusam a pagar ao senhorio, por optimas casas, rendas superiores a 20$000 ou 25$000 mensais.

Será justo, admissivel mesmo, que inquilinos nestas condições tenham leis de excepção a protejê-los, com prejuizo de propietarios pobres e do Estado?

Não teem conta os inquilinos que, por serem ricos ou viverem em situação de verdadeiro desafogo, ocupam duas casas de habitação: uma, a sua residencia habitual, e outra de recreio, onde passam apenas uma parte do ano.

Poderá tambem defender-se para eles a necessidade de leis protectoras em detrimento do proprietario de cada uma dessas casas, ao qual sucede não ter, muitas vezes, qualquer recurso alem da renda que por ela recebe?

A estas perguntas, que, muito respeitosamente, pedimos licença para formular, responderá a consciencia de cada um de V. Ex.as.

Tais abusos, verdadeiramente escandalosos e revoltantes, bastariam para demonstrar a necessidade de modificar quanto antes, a lei do inquilinato.

Mas o escandalo vai mais longe.

Não é só para seu uso que muitos inquilinos se servem dessa lei para deixar os proprietarios em situação de verdadeira miseria, prejudicando os cofres do tesouro em milhares de contos por ano!!

Não desconhecem V. Ex.as, como não desconhêce ninguem, as escandalosas negociatas e as verdadeiras extorsões que em materia de trespasses, veem sendo feitas, tanto em casas de habitação como em estabelecimentos comerciais, por inquilinos, que vendendo, é o termo, as casas que lhes não pertencem, obteem consideraveis fortunas, ao passo que os seus verdadeiros donos nada recebem, e o Estado fica, em cada ano, privado da receita correspondente á diferença entre a contribuição predial relativa á renda permitida pela lei e a que corresponderia á renda natural em cada casa.

Todos condenam estes revoltantes abusos, e, no entanto, não se procura pôr-lhes côbro, atacando o mal nas suas causas.

Será muito dificil o remedio?

Não, senhores Senadores.

Esse remedio é relativamente facil, sendo indispensavel, para o encontrar, que se comece por estabelecer que inquilinato comercial e inquilinato de habitação teem de ser encarados por prismas inteiramente diversos, ou até mesmo, verdadeiramente opostos.

Porque são possiveis os trespasses nas casas de habitação?

Evidentemente porque, não podendo as rendas das novas construções competir com as que, por força de lei e numa situação de verdadeiro desfavor, são obrigados a manter os proprietarios das casas antigas, a procura destas aumenta consideravelmente, sem que aumente a sua oferta.

Quem precisa duma casa para habitar só o procurra nas modernas construções quando não tem meio de a encontrar nos predios antigos, tão grande é a diferença das rendas respetivas e tão pesado é o encargo do trasporte para os bairros da cidade onde se fazem as novas instalações.

Desde que a importancia exigida pelo trespasse ou sublocação, duma casa antiga, represente um capital cujo juro seja inferior á diferença entre as rendas dessa casa e a duma moderna, acrescida do encargo de transportes, ninguem deixa de dar pelo direito de habitar a casa antiga essa quantia desde que dela possa dispôr embora com sacrificio, por vezes, verdadeiramente cruel.

Só gradualmente se poderá na habitação, chegar á nova normalidade de rendas

Logo que se permita que as casas antigas vão, em caminho de uma normalidade, subindo gradualmente as suas rendas, por formas a que a diferença, entre elas e as duas modernas, vá decrescendo, tender-se-ha para a concorrencia entre umas e outras, e, assim, para a diminuição e terminação dos escandalosos trespasses, com beneficio de proprietarios, inquilinos e Estado, sendo apenas prejudicados aqueles inquilinos que fazem negocio com o que lhes não pertence, praticando verdadeiras extorsões contra outros inquilinos.

As quantias exibidas por trespasse e sublocações são apenas os aumentos capitalisados das rendas, que a lei prohibe os proprietarios de receberem, mas que a lei da oferta e procura facilita que recebam, sob essa forma de capitalisação, aos que podem dispor das casas por tempo indifinido.

Fixe-se, concretamente, na nova lei, que urge seja promulgada, o tempo (dois ou trez anos) duração do regimen transitorio e os trespasses escandalosos terão acabado.

Ninguem vae dar, nem ninguem póde uma quantia avultada pelo trespasse duma casa, na contingencia de que o proprietario o faça sahir da mesma casa, passados dois ou trez anos.

A fixação da data em que o aluguer da propriedade urbana volte a ser regulado pela liberdade de comercio, constituindo uma das mais fundamentaes reclamações dos proprietarios, é o maior dos beneficios que póde dispensar-se aos inquilinos, porque acaba com os trespasses escandalosos.

Sem ela, é totalmente impossivel pôr cobro a esses trespasses, como impossivel é tambem que o capital readquira a confiança precisa para voltar a aplicar-se em novas construções.

O inquilinato comercial

Está o inquilinato comercial em circunstancias perfeitamente opostas ás do de habitação.

Os motivos que justificam restrições transitorias e razoaveis para este, em materias de rendas, são precisamente os que demonstram que as não deve haver para aqueles cuja necessidade é de uma maior garantia de estabilidade.

Alem do factor depreciação da moeda, com que, por agora, não entrámos em conta, uma das razões alegadas, e bem, para demonstrar a necessidade de medidas protectoras do inquilinato de habitação, é o facto de ter havido aumento consideravel de população, principalmente nas cidades, e não terem as modernas construções acompanhado proporcionalmente esse aumento.

Ora um aumento de população dá um crescimento da massa de negocios, e, como o numero de estabelecimentos em novas construções não aumentou proporcionalmente, os comerciantes só tiveram motivos para uma melhoria de situação.

E' a liberdade de comercio o regimen que, na propriedade urbana, como em tudo, melhor serve o interesse de todos, numa situação normal, e não pode o comercio nega-lo, porque essa condição é a base da sua função social.

O que, em materia de trespasses, se vem passando com o inquilinato comercial, excede tudo o que pudesse imaginar-se.

Temos pelas classes comercial e industrial, como por todas, a mais subida consideração, sendo comerciantes e industriais muitos daqueles em cujo nome temos a honra de falar. Mas não compreendemos como classes que, em defeza dos seus legitimos interesses, teem de defender a propriedade, permitam que, em seu nome, haja quem reclame as medidas mais incompativeis com o regimen de propriedade individual, que não pode separar-se da liberdade de comercio, tantas vezes preconizada pelas respeitaveis Associações que as representam, e ás quais sempre, manifestamos a nossa consideração.

Longe de nós, Senhores Senadores, a ideia de não reconhecer que ao inquilinato comercial e industrial se deva dar uma maior estabilidade do que a necessaria ao inquilinato de habitação, numa época normal.

Mas, daí até a permitir-se que os inquilinos comerciais e industriais, que vendem os seus produtos por preços 20 e 30 vezes mais elevados, em consequencia da depreciação da moeda, paguem aos proprietarios, na actual moeda, sensivelmente o mesmo que pagavam em moeda valorisada, e acabem por vender, a titulo de trespasse, aquilo que pertence aos proprietarios urbanos, vae um abismo!

Foi o decreto de 12 de novembro de 1910, que introduziu na legislação portugueza o direito da propriedade comercial, que já anteriores propostas de lei tinham querido acautelar, sem que tivessem sido adotadas.

Não podia, porem, ser mais desastrada a escolha do criterio a estabelecer. Compriendia-se que, querendo atingir esse objectivo se procurasse dar ao inquilino comercial uma maior estabilidade, e livra-lo dos prejuizos resultantes dum despejo brusco, sem que, por isso, deixasse de ser garantido ao senhorio a propriedade do imovel.

Em vez de determinar que se não podessem fazer, nessa especie de inquilinato, contractos de arrendamento por tempo inferior a um determinado prazo, e de marcar a antecipação com que o proprietario devia avisar o inquilino de que lhe não convinha a continuação do contrato nas mesmas condições, fez-se doação da propriedade do imovel ao inquilino, que, só por ter «alugado» o predio ou parte do predio ficou, «para sempre», dono dele perdendo até vendel-o, a titulo de trespasse.

Nunca mais o senhorio poderia readquirir a sua propriedade, a não ser que pagasse ao inquilino uma indemnisação que podia ir até 10 vezes a renda anuais.

A simples exposição que vamos ter a honra de fazer, demonstra o absurdo e a violencia expoliadora de tal criterio.

Não era, como não é, a renda o rendimento liquido do proprietario. Este é representado pela renda, de deduzidos os encargos tributarios, de conservação, seguros, etc.

Sendo então 25 °/o a totalidade desses encargos, só 75 °/o da renda constituiam o rendimento liquido do proprietario, o que equivale a dizer o juro do seu capital. Era, em média, de 5 °/o esse juro, o que quer dizer que o capital era representado por 20 vezes 75 °/o das rendas, ou seja; por 1 500 °/o das mesmas rendas.

Sendo de 1.000 °/o a indemnisação que o proprietario pagava ao inquilino, para poder reaver a propriedade do seu imovel, ficava ele apenas, depois de paga essa indemnisação, com um capital representado por 500 °/o da renda, ou seja com uma terça parte do valor do imovel, porque as duas restantes terças partes eram doadas ao inquilino.

Como se isto ainda fosse pouco o decreto 5.411 completou a expoliação, determinando que a importancia a pagar ao inquilino pudesse chegar a 20 vezes a renda anual, ou seja: 2 2.000 °/o dessa renda.

Sendo o capital do proprietario do imovel representado, como demonstrâmos, por 1.500 por cento, terio o mesmo proprietario, para rehaver a sua propriedade, de pagar ao inquilino uma indemnisação correspondente, não só ao valor total do imovel, mas ainda a mais uma terça parte dele.

Não é raro, como V. Ex.as sabem—e sucede isso precisamente nos locais de maior valor—que um proprietario tenha um predio todo alugado a inquilinos comerciais ou industriais. Seja-nos permitido citar um exemplo, para que melhor se possa avaliar a monstruosidade da disposição a que nos vimos referindo.

Por um predio que vale 90 contos, tem o proprietario de pagar ao inquilino um indemnizaçãs de 120 contos!!!

Imaginemos um proprietario que tinha nessa data um predio seu arrendado por 6 contos anuais. Era de 4.500 escudos o seu rendimento liquido, o que, a 5 por cento, correspondia a um capital de 90 contos. Esse proprietario, para rehaver a propriedade do seu predio, tinha de paga-la, ao inquilino, por uma importancia que podia ir até 120 contos, ou sejam: mais 30 contos do que o valor do predio!

E, para isto suceder, para se dar este direito ao inquilino, bastava a circunstancia deste ter «alugado» o predio por 6 meses, um ano, ou por qualquer prazo de tempo. Mas ainda não está completa a descrição.

Precisamos chamar a atenção de V. Ex.as para a entidade a quem se entregou o julgamento das questões entre proprietarios urbanos e inquilinos comerciais.

Sabem V. Ex.as quem é chamado a resolver essas questões e, portanto, quem teria de estabelecer o quantum das indemnisações?

Um juri exclusivamente composto por inquilinos comerciais!

Um juri que, por maior que seja a respeitabilidade dos que o compõem, não pode nunca esquecer que pertence á classe cujos interesses tem a julgar!

V. Ex.as dirão, em suas consciencias se tudo isto representa ou não a doação da propriedade do imovel ao inquilino comercial.

Não param, porém, aqui os extraordinarios absurdos criados pelo decreto

to de 12 de Novembro de 1910, agravados pelo decreto 5.411 em materia de inquilinato comercial.

Esquecendo que a instabilidade dos valores é, principalmente nos grandes centros, uma das caracteristicas economicas que nunca podem ser esquecidas pelo legislador, e esquecendo a complexidade de factores que intervem na determinação de um valor, estabeleceu o decreto de 12 de novembro de 1910, com a maior das simplicidades, esta regra economica:

Todos os imoveis ocupados pelo inquilino comercial se valorisam 10 por cento de dez em dez anos, isto quer eles estejam situados na mais modesta aldeia, quer na Mouraria, quer na rua do Ouro ou na rua dos Capelistas.

Tem o aumento de população dos grandes centros como consequencia, é claro, um correspondente acrescimo na massa geral dos negocios, mas ninguem ignora que é nas principais arterias de qualquer cidade, sempre as mais frequentadas e as unicas onde se vende grande parte das mercadorias, que esse acrescimo se faz sentir incomparavelmente mais, o que equivale a dizer que são esses os «locais» de maior valorisação.

Mas tudo isto esqueceu o decreto de 1910, estabelecendo que era de 10 por cento de dez em dez anos, a valorisação do qualquer «local» do país!

Inumeros factores, tais como os estabelecimentos de novos meios de transporte, valorisam repentinamente determinados «locais», desvalorisando outros, pelo desvio feito á sua habitual concorrencia de transeuntes. A nada disto atenderam os decretos de 1910 e de 1919! E quantas dezenas de milhares de contos o Estado tem perdido e continua a perder com tão errada, arbitraria e expoliadora disposição. Constitue a criação da nova materia colectavel uma das preocupações de todos os governantes, não quando ela representa o pernicioso esgotamento da riqueza criada, mas sim quando corresponda a nova riqueza ou ao desenvolvimento da já existente, e que riqueza nova é tambem.

O Estado despreza o melhor indicador das suas receitas

Aproveitar todos os indicadores desse desenvolvimento deve ser norma basilar na administração financeira do Estado, e nenhum indicador ha mais seguro do que, num regimen de livre expansão de riqueza, o valor locativo dos imoveis ocupados por estabelecimentos comerciais e industriais.

Se á procura faz com que se ofereçam maiores rendas pelo «local de um imovel», para nele instalar um comercio ou uma industria, é porque aumentou o valor desse «local», que pertence ao proprietario do imovel. De contrario, iguais ofertas se fariam por estabelecimentos na rua do Ouro, em Bemfica ou em Campo de Ourique.

Se aumentou o valor do «local», é que o montante dos negocis que nele se fazem, seja qual fôr o ramo explorado, aumentou tambem.

Aumentando o valor do «local», aumentou a riqueza e, por consequencia, o rendimento do proprietario urbano, devendo aumentar, proporcionalmente, a contribuição predial cobrada pelo Estado e pelas corporações administrativas. A medida do aumento do valor do «local» é um precioso indicador do aumento do montante de negocios que nele se fazem e, portanto, da contribuição industrial que o Estado deve cobrar ao inquilino e dos adicionais e importancia de licenças recolhidas pelos cofres das corporações administrativas.

E' a contribuição de registo dos imoveis, quer nas transmissões por titulo oneroso, quer nas de titulo gratuito, uma das mais importantes receitas do Estado, sendo o rendimento colectavel função do valor locativo, a bâse tomada em todos os paizes como minimo dessa contribuição a cobrar.

Na produtividade do imposto do sêlo entra a propriedade urbana como uma das principais parcelas e varia esse imposto com o valor das transacções efectuadas, o que equivale a dizer que varia com o valor locativo. E', pois, o valor locativo dos imoveis ocupados pelo inquilinato comercial e industrial a chave do rendimento dos impostos directos, da contribuição do registo e do imposto do sêlo. E' o melhor indicador das receitas a cobrar por todos esses impostos e não ha paiz nenhum em que como tal não seja tomado.

Só em Portugal, Senhôres Senadores, apesar da situação aflitiva das finanças publicas, ele é, não só desprezado, mas, até, impedido, pelas leis, de indicar o desenvolvimento natural da riqueza e, assim, o crescimento das receitas do Estado, que nem quer saber onde está a materia justamente colectavel, ao mesmo tempo que agrava todas as taxas tributarias!

Mas se esta era já a pavorosa situação criada aos proprietarios urbanos e ao Estado, pelos decretos de 1910 e 1919, o escandalo atingiu proporções nunca previstas depois da maior queda do valor da nossa moeda. Se, até então, o inquilinato comercial e industrial negociava já «as maiores valias» dos imoveis que ocupava, deixando para os proprietarios as consequencias das desvalorisações dos seus predios, passou a negociar, a vender, não só essas «maiores valias», mas tambem toda a importancia da depreciação da moeda sofrida pelos proprietarios urbanos e pelo Estado.

Impedidos os proprietarios de aumentarem as rendas, como se para eles a moeda continuasse a ter o mesmo valor, começaram, no inquilinato comercial e industrial, os trespasses, por quantias fabulosas, fazendo-se, com esse nome, verdadeiras vendas de propriedades, vendas em que só os proprietarios nada recebem daquilo que lhes pertence.

Que representa o preço desses trespassos? Representa o capital cujo juro é, em moeda desvalorisada, a renda justa do imovel, aquela que aos proprietarios era devida, mas a lei o impede de receber, dando-a, sob esta forma de capitalisação, ao inquilino comercial, que não é o dono do imovel que ocupa. E' assim, Senhores Senadores, que se têm feito verdadeiras fortunas, só nada recebendo os proprietarios, a quem as rendas que cobram não chegam para o pagamento dos encargos ao Estado. Ao esclarecido criterio e á consciencia de V. Ex.as deixamos a apreciação desta escandalosa imoralidade, que, como V. Ex.as vêem, não pode continuar. Provém tudo isto de quê? De se não deixar aos proprietarios que aumentem as suas rendas ao inquilinato comercial e industrial.

E porque se não permite aos proprietarios que aumentem as suas rendas aos inquilinos comerciais ou industriais? Diz-se que, como sucede em todos os paizes, se trata de providencias legislativas excepcionais, devidas á dificil situação economica.

O comercio e a industria não diminuiram os seus lucros, tendo situação bem diversa dos inquilinos de habitação

Acaso pode alguem sustentar, com verdade, que comercio e industria tenham diminuido os seus lucros?

Porque é, então, que ha inquilinos dessa natureza que tanto se opõem aos aumentos de renda que são devidos aos proprietarios? Qual o fundamento justo em que esses inquilinos baseiam a sua reclamação?

Compram eles, aos seus fornecedores, todos os produtos por preços correspondentes á desvalorisação da moeda e pagam ao Estado contribuições muito superiores ao produto das que pagavam em 1914 por um coeficiente proporcional á desvalorisação da moeda?

Nada disso os surpreende, nem faz com que levantem campanhas contra qualquer entidade. Porque é, então, que só aos proprietarios urbanos não querem pagar o que lhes é devido pela desvalorização da moeda?

A todos sabemos fazer justiça e a nenhuma classe deixamos de prestar as homenagens da nossa consideração, mas não compreendemos que aquelas que mais interessadas deviam ser no respeito pelos principios balisares da organização social, permitam que, em seu nome, se façam as reclamações mais mais atentatorias desses principios, não se hesitando em as apresentar de braço dado com aquelas que na demolição da sociedade existente têm o seu unico objectivo.

Que estes assim procedam, compreende-se. Estão dentro das normas da coerencia. Mas que o façam comerciantes e industriais, não é facilmente explicavel, com a maior sinceridade o dizemos, sem desprimor para ninguem.

Nunca os proprietarios urbanos se associaram nem associarão a campanhas demolidoras contra qualquer classe. Pelo contrario, dentro das normas da justiça e na defesa dos principios fundamentais da sociedade, todas as classes encontrarão sempre a seu lado os proprietarios urbanos e isso nos dá autoridade para apresentarmos as suas reclamações, sempre respeitosas.

Sabemos a todos fazer justiça e, assim, podemos afirmar a V. Ex.as que as reclamações, nesta materia, apresentadas contra os proprietarios, não representam o sentir das classes comercial e industrial, mas apenas o de uma pequena parte dessas classes.

Não vemos, por exemplo, colocarem-se ao lado dos que combatem a organisação social as Associações: Comercial de Lisboa, Comercial do Porto, Industrial Portuguesa e Industrial do Porto.

Pelo contrario, vimos até já, em 30 de novembro de 1921, que, num documento que muito a honra e em que pode haver detalhes de que discordamos, a Associação Industrial Portuguesa se dirigia aos Poderes Publicos, nestes termos, acerca do momentoso assunto do inquilinato:

A Associação industrial quer a valorisação da propriedade urbana

«Não contestamos o caracter transitorio e de circunstancia que determinou a promulgação de medidas tão radicais; mas, tendo decorrido já um longo periodo após a terminação da guerra, é indispensavel restabelecer a normalidade, afirmando principios constitucionais de direito, essenciais para o equilibrio das forças que representam a vida de uma sociedade bem organisada.

«Estas desigualdades tendem a agravar-se e são origem de graves prejuizos para o Estado e para a economia geral da Nação. E' indispensavel criar um estado juridico tal que a construção seja desejada como aplicação util de capitais, que naturalmente procuram melhor remuneração e o fazem, de preferencia em valores mobiliarios, especialmente fundos publicos e bilhetes do tesouro, quando não emigram, assustados pelas restricões da lei e pelas exacções fiscais.

«Na solução do problema ha, pois, que atender:

«1.º — A' satisfação das necessidades crescentes da população, em termos de facilitar o seu desenvolvimento e bem estar;

«2.º — Aos interesses do Estado, que precisa aumentar as suas receitas.

«A classe industrial, juntando a sua colaboração á obra organica que urge realisar em Portugal, não hesita em dizer claramente a V. Ex.as que a reforma da Lei do Inquilinato só será proficua se fôr inspirada pelo pensamento de valorisar a propriedade, até á equivalencia de quaisquer outras aplicações de capital, em termos de fomentar o desenvolvimento da construção urbana».

Aqui têm V. Ex.as como já em 1921 falava a Associação Industrial Portuguesa. Não ha prova mais completa de que, ao contrario do que se tem dito, não são as forças economicas que apresentam reclamações contra os proprietarios urbanos.

Mais de uma vez, tambem, a Associação Central de Agricultura Portuguesa tem reclamado contra a forma por que se legislou em materia de inquilinato, defendendo abertamente a necessidade de respeitar o direito de propriedade.

E' que o pensamento destas colectividades é, como o da maioria da classe comercial, precisamente igual ao nosso.

Urge se procure um justo equilibrio de interesses, sem que ninguem pise os direitos dos outros.

Ha no inquilinato comercial duas coisas perfeitamente distintas, que preciso não confundir:

1.º O valor do «local», que pertence ao proprietario;

2.º Uma possivel valorisação do estabelecimento, em virtude da clientela alcançada pelo inquilino e que só a este pertence.

Garantir ao proprietario o valor do «local», sem permitir que ele queira negociar «o valor da clientela» que ao inquilino deve ser garantido, é a solução do problema. E não é dificil essa solução.

Quem pretende tomar de arrendamento um imovel, ou parte dele, para explorar um ramo de negocio diverso do explorado pelo inquilino que o ocupa, não quer, evidentemente, aproveitar a clientela deste. Quer, apenas explorar o valor do «local», que pertence ao proprietario.

O valor do «local» é, pois, insofismavelmente expresso pelo valor que ao imovel é atribuido para explorar um ramo de negocio diverso. Garantir ao proprietario esse valor é garantir exclusivamente o que lhe pertence. Proibir que ele pretenda exceder esse limite é garantir ao inquilino que ninguem o fará pagar, como sendo valor do local o «valor da clientela».

Estabelecido isto, quanto á renda, é tambem indispensavel garantir ao inquilino a estabilidade, mas, preciso é frisar, garantir-lhe a estabilidade desde que ao proprietario ele pague uma renda correspondente ao valor do «local».

Como garantir essa estabilidade, Por uma forma bem simples:

Proibindo que se façam, em estabelecimentos comerciais ou industriais arrendamentos por prazo inferior a um determnado numero de anos — 5, por exemplo — e, findo esse prazo, dando ao inquilino o direito de opção, desde que ele pague á renda que ao proprietario seja oferecida «para a exploração de um ramo de negocio diverso».

Para garantia de mutua boa fé, estabeleça-se a arbitragem.

Sempre que ao proprietario não convenha continuar o contracto nas mesmas condições, quando chega a sua terminação, seja ele obrigado a avisar o inquilino com um ou dois anos de antecedencia, dizendo-lhes quais as condições em que está disposto a continuar.

Se o inquilino não concordar, nomeia cada um um perito e, quando estes não cheguem a acôrdo, entregue-se ao juiz da vara correspondente a decisão do pleito.

Defendendo e reclamando esta solução, damos a maior prova do nosso desejo de harmonisar os interesses de proprietarios e inquilinos comerciais.

De inumeras discussões tem sido objecto esta questão da propriedade comercial, principalmente no Parlamento francês, que, neste momento, dela se está ocupando novamente.

Apresentado o primeiro projecto em 1907, ainda nenhuma solução foi, até agora, adoptada, pelo cuidado que tem havido em não ferir os direitos dos proprietarios dos imoveis, sendo curioso constatar a oposição feita pelos socialistas, com o fundamento de que não pode a colectividade ficar privada da parte de maior valia predial, representada pelo aumento da respectiva contribuição.

Embora, repetimos, o Parlamento se não tenha ainda pronunciado definitivamente, o maximo que se tem julgado possivel conceder á propriedade comercial é precisamente o que acima reclamamos.

A V. Ex.as, Senhores Senadores, pedimos que ponderem a impossibilidade dos proprietarios continuarem, no nosso paiz, sujeitos á actual legislação, em virtude da qual as rendas recebidas são insuficientes para os encargos, e os inquilinos cobram, capitalizados, os aumentos da renda que os proprietarios são proibidos de receber.

Mas não é só com estes que se pratica a mais flagrante injustiça. Entre os proprios inquilinos comerciais ha uma injustiça revoltante.

Uma taberna no Alto do Pina paga maior renda do que os melhores estabelecimentos do Chiado

Um estabelecimento dos mais modestos, instalado numa construção moderna e, portanto, nos pontos mais afastados da cidade, paga hoje uma renda muitissimo superior á de qualquer estabelecimento importante numa das ruas mais concorridas da cidade. Se pelo primeiro pode ser paga essa renda, como ha de sustentar-se que a não pode pagar o segundo? Por exemplo, um taberneiro do Alto do Pina faz mais negocio do que o dono de um dos melhores restaurantes no Chiado?

Urge, como V. Ex.as vêem, acabar com estes absurdos. Mas a prova mais flagrante de que se fez entrega, no nosso paiz, da propriedade ao inquilino, está no facto de não ser permitido ao proprietario despejar uma casa sua, ainda mesmo quando dela precise para habitação propria, dos seus ascendentes ou descendentes. São aos centos os proprietarios que, sem terem casas onde habitar, ou tendo um filho que se casa, se vêem obrigados a alugar uma por 400$00 ou 500$00 mensais, tendo outras que lhe pertencem alugadas por 15$00 e 20$00. Pois, Senhores Senadores, é nestas circunstancias encontrando-se os proprietarios sem rendimentos que cheguem para o pagamento dos encargos; reconhecendo-se ao inquilino mais direitos que ao proprietario, que a V. Ex.as é presente um projecto com as mais violentas disposições e em que não ha uma unica destinada a atender as reclamações destes! Considera o Senado que nenhuma razão eles têm? Não podemos acreditá-lo.

Desejamos, dentro do possivel, que sejam harmonisados os interesses de proprietarios e inquilinos, reconhecendo que ha muitos que, na habitação, precisam ser protegidos. Mas faça-se uma lei cuidada, em que a todos se procure atender, o que não sucede com o parecer em discussão, onde pelo contrario, só se agravam os males da legislação vigente. Muito respeitosamente pedimos a V. Ex.as que esse parecer seja retirado da discussão e se elabore uma lei justa, votando-se apenas de momento e devidamente modificada a proposta de lei n.º 1.328.

A legislação nos outros paizes

E, para que V. Ex.as vejam quanto desejamos, sem ferir nenhuma classe, nem ninguem, colaborar na elaboração de uma nova lei, pedimos licença para transcrever as principais disposições da legislação vigente na França, Belgica, Italia, Suissa e Espanha.

Em França

Comecemos por ver o que a esse respeito fez e está fazendo a França, onde o assunto é regulado pelas lies de 9 de março de 1918, 23 de outubro de 1919 e 31 de março de 1922.

Frisando sempre, e provando-o com os diplomas promulgados, que se tratava apenas de medidas de caracter *excepcional e temporario*, foram diversas as leis de que esse grande paiz lançou mão *durante a guerra*, para proteger os inquilinos mobilisados e os das regiões devastadas, sem que nunca se pretendesse que essa protecção tivesse um caracter geral para todos os inquilinos.

Protegia-se e protege-se apenas quem precisa dessa protecção, *havendo o cuidado de exceptuar idoos os que dela, ainda*, ainda mesmo excepcional e temporaria, *não precisavam.*

Foi assim que, ao contrario do que, escandalosamente, sucede no nosso paiz, o artigo 57.º da lei de 9 de março e 1918, que continua em pleno vigor, determinou, como todos os diplomas anteriores já tinha feito, o seguinte:

«São exceptuados das disposições dos paragrafos do artigo que precede, os inquilinos que o respectivo senhorio prove terem realisado lucros excepcionaes de guerra, nos termos da lei de 1 de junho de 1916.»

Os paragrafos do artigo a que se refere aquele que acabamos de transcrever são os que determinam, como adeante mostraremos, a unica protecção, *aliás excepcional e temporaria*, a conceder a determinados inquilinos.

Vemos, pois, que em França, não ha, nem nunca houve, em materia de inquilinato, a mais leve medida de excepção a favor de inquilinos que tivessem, nos termos da lei de 1 de junho de 1916, realisado lucros excepcionaes de guerra.

Para esses vigora, como sempre vigorou, ainda mesmo durante a guerra, o regimen da mais ampla liberdade de comercio, e, consequentemente, do pleno direito de propriedade, com respeito absoluto pelos contractos.

E quaes foram os inquilinos atingidos pela lei de 1 de junho de 1916, relativa a lucros de guerra?

Foram todos aqueles cujos lucros ou rendimentos excederam, em cada ano de guerra, um montante superior á media anual dos que cada um dos mesmos inquilinos teve nos tres anos anteriores.

E, como toda o inquilinato comercial ou industrial, o não ser o das regiões devastadas e o que suspendeu os seus negocios para tomar parte na guerra, foi abrangido pela lei de 1 de junho de 1916, não houve, nem ha, em França, a mais leve sombra de protecção a essa especie de inquilinato, que está exclusivamente sujeito ás condições livremente estabelecidas nos respectivos contractos.

Mas, mais ainda do que isto. Como V. Ex.as vêem pela transcrição feita do artigo 57.º, a protecção não só não existe em França, para comerciantes ou industriaes nas suas fabricas, armazens, lojas ou escriptorios, como até não existe tambem nas suas casas de habitação, onde o regimen que vigora é igualmente o de mais completa liberdade contractual.

Como se, porém, não fossem ainda bem expressas as clausulas citadas, para se concluir que o beneficio ou protecção dizia exclusivamente respeito a casas de habitação, o decreto de 23 de Outubro de 1919, destinado a interpretar e esclarecer algumas das disposições da lei citada de 9 de Março de 1918, estabeleceu taxativamente, no seu artigo 4.º, o seguinte acerca das sublocações:

«Os cessionarios e sublocatarios do arrendamento têm direito á prorogação instituida pelo artigo 56.º da lei de 9 de Março de 1914, e pela presente lei, nas mesmas condições ue os locatorios, desde que a cessão ou sublocação seja anterior á publicação da presente lei, *e se trate de casas destinadas á habitação.*»

Para este artigo pedimos a especial atenção de V. Ex.as, pois ele estabelece bem o contracto entre a legislação da França e a do nosso paiz.

Ao passo que, em Portugal se dá ao inquilinato, comercial a faculdade de vender a casa que lhe não pertence, a titulo de trespasse e ainda mesmo que já muito tenha terminado a duração do contracto de arrendamento feito com o proprietario, em França houve o cuidado de estabelecer claramente que, nem pelo curto prazo *taxativamente marcado na lei*, pode ser concedida a prorogação do contracto, senão aos inquilinos necessitados, *e só por casas de habitação.*

Mas, provado assim, com os proprios textos das leis que o inquilinato comercial e industrial não teve nem tem em França a mais léve disposição legislativa a atacar o direito do proprietario; e provado tambem, pela mesma fórma irrefutavel, que só a liberdade mais ampla e o respeito pelos contractos constituem o regimen estabelecido para a habitação dosa inquilinos que melhoraram de situação com a guerra, vamos mostrar a V. Ex.as qual a protecção concedida aos inquilinos dessa natureza, que não foram atingidos pela lei de 1 de Junho de 1916, e qual o regimen legal a que estão sujeitos, bem como os inquilinos comerciaes ou industriaes das regiões devastadas e os que, para se baterem pela França, se viram impedidos de exercer o seu comercio ou industria.

Antes porém, de transcrevermos as respectivas disposições legaes vigentes, diremos a V. Ex.as que, em qualquer caso, ha a mais ilimitada liberdade de contractos, desde que proprietario e inquilino estejam de acordo, e só os inquilinos que, em devido tempo, pediram para ser abrangidos nas disposições excepcionaes e temporarias de protecção, provando que estavam nas condições de a necessitarem, ficaram abrangidos por essas disposições.

São os artigos 56.º da lei de 9 de Março de 1919 e 1.º da lei de 31 de Março de 1922, que regulam as relações entre estes inquilinos e os proprietarios das casas por eles ocupadas.

Diz o artigo 56.º da lei de 9 do Março de 1918:

«Os contractos de arrendamento escriptos ou verbaes, em vigor no 1.º de Agosto de 1914, serão prorogados a pedido do inquilino, nas condições fixadas no arrendamento, pelos seguintes prazos, a partir do decreto que fixa a cessação das hostilidades:

1.º Os que se referem a usos comerciaes, industriaes ou profissionaes, por um prazo igual ao tempo decorrido entre o decreto de mobilização e o decreto fixando a cessação das hostilidades;

2.º Os referentes á habitação, por um prazo de dois anos.

Contudo, nas casas de habitação de pequenas rendas, a que se refere o artigo 15.º, e cujo inquilino mobilisado tenha estado mais de dois anos em campanha, a prorogação do contracto de arrendamento será por tempo igual áquele em que o inquilino tenha estado mobilisado.»

Tratava-se, como V. Ex.as vêem, de disposições destinadas a reduzir as medidas de protecção aos inquilinos mobilisados, «mas, ainda assim, só quando eles o pedissem num prazo marcado na mesma lei.»

E, para que nenhuma duvida pudesse suscitar-se ácerca de quaes os inquilinos que podiam aproveitar destas disposições excepcionaes logo o artigo 1.º dizia:

«Todas as questões entre proprietarios e inquilinos, nascidas como consequencia da guerra, e relativas á execução ou revisão de contractos de arrendamento de predios urbanos, serão reguladas pelas disposições «excepcionaes e temporarias» que seguem.»

Mas, apezar das circunstancias em que esse paiz se encontrava e da situação creada a muitos inquilinos pela parte activa que tomaram na guerra, o regresso total ao direito comum transparecia já em todos os artigos de cada um dos diplomas promulgados.

Assim, ao passo que, cá, ainda ha quem faça novos ataques a esse direito, em França, já em 9 de Março de 1918, o artigo 2.º da mesma lei dizia:

«Os arrendamentos de predios urbanos serão, sem prejuizo das causas de rescisão resultantes do direito comum ou dos contractos, rescindiveis conforme as disposições seguintes.»

Em França não se legislou «contra os proprietarios». Procurou se e procura-se apenas proteger os inquilinos que disso precisam, havendo a preocupação de harmonizar seus interesses com os dos proprietarios.

Está o julgamento das questões entre proprietarios e inquilinos comerciaes entregue, em Portugal a um juri exclusivamente composto por inquilinos dessa natureza, e pretende-se firmar ainda mais essa monstruosa iniquidade!

Muito respeitosamente pedimos a V. Ex.as que confrontem a lei portugueza com a que, em França, estabelece o artigo 18.º da lei de 31 de Março de 1922 e com o que estabelecia o artigo 31.º da lei de 9 de Março de 1918, que dizia:

«Todas as questões a que a presente lei der logar, qualquer que seja o seu valor, serão julgadas por uma comissão arbitral de inquilinato, composta, além do presidente, de quatro membros: dois proprietarios e dois inquilinos.»

Está a nossa legislação cheia de disposições, tão revoltantes como absurdas, pelas quaes é o proprietario que, por tudo, tem de pagar indemnisações aquele que o não é e já se não hesita em propor que nem a falta de pagamento de renda seja fundamento para despejar a casa.

Permitam V. Ex.as que transcrevamos o artigo 10.º da lei de 9 de Março de 1918 que, em França, determina o seguinte:

«O despejo do predio urbano poderá tambem, alem das causas de rescisão resultantes do direito comum ou dos contractos, ser pronunciado, com ou sem indemnisação — para o senhorio — a pedido do proprietario, com qualquer dos seguintes fundamentos:

1.º, por ter o inquilino dado á casa um fim diverso do estipulado no contracto de arrendamento, causando assim um prejuizo ao proprietario;

2.º, por o inquilino se não servir da casa alugada para moradia da sua familia;

3.º, porque o inquilino, se não conforme, no que se refere á pagamento, com as decisões da comissão arbitral.»

Enquanto, em Portugal, muito inquilinos sublocam as casas por rendas muito superiores ás que pagam aos proprietarios, com grave prejuizo destes e do Estado, o artigo 1.º da lei de 31 de Março de 1922 determina o seguinte:

«A partir da promulgação da presente lei, todo o inquilino que tendo pedido a prorogação de contracto, tenha sublocado ou sublo que a casa por renda superior a que paga ao proprietario, sem prévio acordo com este, será obrigado a pagar-lhe durante o tempo de prorogação, a renda que recebe do sub-locatario.»

Ha quem, entre nós, defenda que entre o proprietario, que precise habitar uma casa sua, e o inquilino, deve ser preferido o inquilino.

Os artigos 13.º e 14.º da lei de 31 de Março em França, são os seguintes:

«O direito concedido ao inquilino, no paragrafo 2.º do artigo 7.º, para pedir a prorogação do seu contracto de arrendamento, não tem aplicação quando o proprietario justifique que precisa da casa, para sua habitação, ou para a fazer habitar pelos seus ascendentes ou descendentes, e ainda pelos do seu conjuge, excepto quando o inquilino esteja nalgum dos seguintes casos:

Mutilado da guerra; viuva de francez morto na guerra ou por motivo da guerra; ascendente que tenha recolhido a viuva ou filhos menores de militares ou marinheiros mortos na guerra ou por motivo da guerra; chefe de familia tendo pelo menos tres filhos menores com quem viva ou a seu cargo; ter mais de 70 anos, ou sofrer duma doença grave devidamente constatada. Mas se o proprietario ou algum filho seu estiver em qualquer destes casos, o inquilino não tem direito a pedido de prorogação.

Artigo 14.º O proprietario que, tendo aproveitado das disposições do artigo antecedente, não tenha ocupado no praso de tres mezes, a contar do fim do arrendamento, do inquilino, a casa despejada, ou não a ocupe durante o praso minimo de um ano terá de pagar ao inquilino despejado uma indemnisação que não pode ser inferior á importancia correspondente a dois anos da renda que por ele lhe era paga.»

Na Suissa

Assoberbada com a falta de habitações, dada a extraordinaria quantidade de familias que, de todos os paizes beligerantes procuraram o seu territorio para fugir aos horrores da guerra, tambem a Suissa se viu obrigada, em 18 de junho de 1917 e 5 de Agosto de 1918, a legislar, em materia de protecção ao inquilinato de habitação.

Vamos citar as principais disposições legislativa adotadas nesse paiz, e por elas V. Ex.as verão quanto a protecção concedida aos inquilinos necessitados se harmonisou sempre com o repeito pelo direito de propriedade e com as circunstancias dos proprietarios.

Não se pensou em fazer uma lei geral, que ás cegas, fosse proibir todos os aumentos de rendas, apesar de se não tratar dum paiz que, como o nosso, tivesse a moeda desvalorisada, sendo assim inevitavel a alta de todos os preços.

A liberdade de contractar ficou sempre de pé, só se aplicando as disposições excepcionaes aos inquilinos que requeressem os beneficios delas resultantes, e quando esse pedido se demonstrasse ser fundamentado.

Diz o artigo 1.º da lei suissa de 5 de Agosto de 1918:

«São autorisados os governos cantonaes a publicar decretos que, nos termos desta lei, regulem o aumento das rendas e o despejo dos predios urbanos, podendo delegar esta autorisação nas comunas dos cantões.»

E determina o artigo 3.º da mesma lei:

«Os decretos dos cantões e comunas, podem permitir a uma autoridade que declare inadmissivel, a requerimento do inquilino, todo ou parte de qualquer aumento de renda, notificado pelo senhorio, quando esse aumento não seja justificado pelas circunstancias do caso.»

Disposições estas completadas pelo artigo 5.º, nos termos seguintes:

«Os cantões e as comunas regularão o processo relativo á decisão sobre os pedidos formulados no sentido dos artigos 3.º e 4.º e designarão uma instancia de recurso contra as mesmas decisões.»

Vejamos agora a situação em que, na Suissa, ficaram os proprietarios, nos casos em que os respectivos inquilinos foram atendidos nos seus requerimentos.

Foi o artigo 6.º da lei a que nos vimos referindo que regulou essa situação.

Por esse artigo, que bem precisa ser confrontado com os das leis portuguesas, os proprietarios, desde que seja justo o aumento de renda reclamado, nunca deixarão de o receber, quaesquer que sejam as circunstancias do inquilino.

Se este fôr realmente necessitado e não estiver em condições de pagar o aumento, pagam no os cantões e as comunas.

Mas nunca os proprietarios deixam de receber esses aumentos de renda.

Procura-se cohibir os abusos, mas não se pensou, na Suissa, em que os proprietarios possam viver sem rendimentos, nem em que são eles quem, com os seus predios tem de realisar uma obra de assistencia.

Para que se não julgue que não dizemos absolutamente a verdade, pedimos licença para transcrever esse artigo 6.º, que tem a seguinte redacção:

«Os cantões e as comunas que decretarem no sentido do presente decreto concederão, aos inquilinos necessitados, os subsidios necessarios para serem completados os aumentos de renda declarados admissiveis, para as suas habitações.»

E, agora, citadas as disposições que, em materia de aumentos de renda, foram adoptadas para livrar de quaesquer abusos os inquilinos de habitação, e só os de habitação, passaremos a mostrar o que naquelo paiz se legislou em relação a despejos tambem de casa de habitação.

E' o artigo 4.º que, por estas palavras, regula essa materia:

«A auctoridade a que se refere o artigo 3.º fica igualmente auctorisada a declarar inadmissivel a requerimento do inquilino, o despejo notificado pelo senhorio, quando esse despejo não pareça justificado pelas circunstancias do caso.

O depejo é considerado justificado sempre que o proprietario prove precisar da casa para sua habitação.»

Vejam V. Ex.as como na Suissa se respeita o direito de propriedade, ainda mesmo quando se tomam medidas de excepção, e numa época em que a sua moeda, ao contrario da nossa, se encontra valorisadissima.

Na Italia

Depois de ter legislado durante o periodo da guerra em inumeros diplomas, a Italia decretou, em 18 de Janeiro ultimo, a lei que, naquele paiz, regula as relações entre inquilinos e proprietarios urbanos.

Os periodos que seguem, e são do relatorio desse decreto, definem bem o que ele é e a sua orientação:

«De harmonia com o programa de reconduzir rapidamente a Nação ás condições de normalidade economica e juridica, libertando-a das leis de excepção do periodo da guerra, resolveu o governo fazer cessar num periodo curto, o sistema vincular ainda em vigor, em materia de inquilinato, porque considera muito mais acertado, no interesse de todos, encarar de frente a solução radical deste problema complexo, em vez de o agravar com mais expedientes dilatorios, que não podem ser indefinidamente adoptados.

O presente decreto acaba, a partir de 30 de Junho proximo ou a data consuetudinaria mais proxima, com todas as disposições de excepção, sobre inquilinato.

Mas porque, dada a actual situação economica, poderia uma eventual reacção tornar perigoso um regresso repentino ao regimen da plena liberdade contractual, resolveu o governo estabelecer um curto periodo transitorio que, sem saltos bruscos, garanta o regresso á normalidade.»

E' nesta orientação que os artigos 1.º, 2.º e 3.º que passamos a transcrever, determinam o regimen a adoptar.

Artigo 1.º — A partir do 1.º de Julho de 1923 deixam de vigorar os decretos publicados no periodo que decorreu desde 3 de junho de 1915 até hoje, e que regulam os contractos de arrendamento das casas de habitação, sendo, com excepção das restrições do presente decreto, restabelecida a liberdade dos contractos.

A começar desta data poderá ser concedida, ano por ano, uma prorogação dos arrendamentos actualmente sujeitos ao regimen vinculativo até ao termo maximo de 30 de junho de 1926, conforme as normas estabelecidas nos artigos seguintes.

Art. 2.º — O senhorio que pretenda dispor de casa de habitação, ou quartos, para o 1.º de Julho de 1923, ou pretenda elevar o quantitativo da renda, por que esteja disposto a consentir na prorogação do arrendamento, deverá avisar o inquilino, por carta registada, e com recibo de entrega ou por notificação, antes do 1.º de Fevereiro de 1923.

A data do 1.º de Fevereiro de 1923 é substituida para todos os efeitos da lei á da disposição contratual ou consuetudinaria. Para os anos futuros, 1.º de Julho de 1924 a 30 de Junho de 1925, e 1.º de Julho de 1925 a 30 de Junho de 1926, os termos da disposição contratual ou consuetudinaria recomeçarão a vigorar.

O inquilino que não queira consentir no despejo da casa ou não queira aceitar a nova renda exigida pelo senhorio, poderá apelar para a Comissão Arbitral, criada pelo art. 4.º. Para tal fim, deverá citar o senhorio judicialmente, para a dita Comissão, dentro do prazo de 15 dias, desde a recepção da carta registada ou desde a data da notificação.

Art. 3.º Durante o periodo pedido para a prorogação do arrendamento ou para a fixação de aumento de renda pedida pelo senhorio nos termos do artigo antecedente, ficará suspensa qualquer acção de despejo da parte do senhorio; o inquilino será obrigado ao pagamento da renda anteriormente estabelecida até á sentença do processo, com o aumento eventual que a Comissão entender fixar a titulo provisorio».

Para o artigo 7.º do mesmo decreto chamamos ainda a atenção de V. Ex.as que nele terão ensejo de verificar, mais uma vez, quanto é certo não ter a nossa legislação nenhuma que se iguale em qualquer outro paiz.

Diz esse artigo:

«A prorogação do arrendamento, a pedido do inquilino, nunca poderá ser concedida:

a) quando o proprietario mostre ter necessidade de ocupar a casa, para sua propria habitação, da sua familia ou parentes até segundo grau; quando, tratando-se de edificios construidos ou possuidos por sociedades, ou quaisquer outras entidades, elas os destinem, no todo ou em parte, á habitação de empregados e o inquilino

não tenha essa qualidade ou tenha deixado de a ter».

Na Belgica

São as leis de 25 de Agosto de 1919 e 14 de Agosto de 1920, que, na Belgica, regulam as questões de inquilinato.

Facilmente V. Ex.as poderão verificar que as suas disposições são perfeitamente identicas ás da lei franceza.

E' frequente citarem, os que contra os proprietarios querem medidas ainda mais odiosas, a lei espanhola.

Na Hespanha

Pois bem! não queremos tambem deixar de nos referir a ela.

Determina o seu artigo 3.º nada mais nem menos do que isto:

«E' expressamente proibido aos inquilinos de habitação, como comerciais ou industriais, sublocarem as casas ou estabelecimentos por eles ocupados sem o prévio consentimento escrito dos respectivos proprietarios».

E ainda:

«E' sempre permitido ao proprietario proceder ao despejo dos seus imoveis quando deles precise para seu uso, dos seus ascendentes e descendentes».

Não sabemos se são estas as disposições da lei espanhola que aqueles que a citam querem ver adoptadas na nossa legislação, como o são em todos os paizes.

A arbitragem para resolver conflictos entre senhorios e inquilinos

Vai já muito longa esta documentação.

Julgamos, Senhores Senadores, ter dito o bastante para que a ninguem possam restar duvidas da inadiavel necessidade de modificar o decreto 9411, pondo-o de harmonia com a legislação de todos os paizes, menos da Russia bolchevista.

Não somos, nem queremos ser, contra ninguem, mas porque assim pensamos, temos o direito de reclamar para que as leis não sejam contra os proprietarios urbanos.

Não pedimos um imediato regresso á plena liberdade contratual, mas um regimen de justiça, que, sem sobresaltos bruscos, prepare gradualmente a normalidade.

E' absolutamente insustentavel a situação dos proprietarios urbanos, por isso reclamamos muito respeitosamente para que ela seja alterada, não podendo ter-se como aceitavel a doutrina de que, entre o proprietario de um imovel, e outro que o não é, se reconheçam mais direitos a este do que áquele.

Do vosso esclarecido criterio esperamos que o problema do inquilinato seja duma vez resolvido, sem que novos retalhos de lei venham agravar ainda mais a situação de todos, inquilinos e proprietarios.

Justiça e só Justiça é o que reclamamos.

De V. Ex.as

com a mais subida consideração.
Pela Associação dos Proprietarios e Agricultores do Norte de Portugal e pela Associação Lisbonense de Proprietarios,

As Direcções

Teatros -- Musicas -- Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO POLITEAMA — O Cambio de... marcos—adaptação da comedia franceza «A' tout coeur» de Felix Gaudera, por Tomaz Ribeiro Colaço

Thomaz Colaço é um rapaz cheio de aptidões literarias. Poeta distintissimo e duma fórma muito pessoal, humorista de merito, jornalista brilhante e o adaptador já consagrado da linda opereta «Phi-Phi».

Aceitou este escriptor o encargo dificilimo de adaptar á nossa lingua e aos nossos costumes a deliciosa «trouvaille» de situações e de graça que é a «comedia-vaudeville» de Felix Gandera.

Trabalhou a peça com carinho, procurou correspondencias, fez um esforço grande e honesto para produzir trabalho que interessasse.

Conseguiu-o? Dentro da plateia que desconheça o original francez e não compare esse interesse deve manter-se e a peça se bem que pouco logica dentro dos nossos costumes tem bastantes condições de agrado. No entanto, o trabalho de adoptar em «vaudeville» espirituosissimo era tão dificil, que não seria tambem facil descobrir quem, para a magra recompensa material duma tradução, quizesse fazer o esforço de Tomaz Colaço.

O exito da peça foi mediocre, devido ao mau desempenho, sobretudo de Maria Mesquita que exagerou bastante o seu tipo e cuja gesticulação irrita.

Ester Leão, Gil Ferreira, Robles Monteiro e Raul de Carvalho representaram, é claro, bem, sobretudo a primeira actriz que fez um lindo trabalho de comédia, cheio de finura. Mas, as personagens acessorias, se bem que umas fossem discretamente, outras estiveram por tal fórma mal que comprometeram o trabalho geral.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Na proxima sexta feira realisa-se no S. Carlos a recita do actor Erico Braga, artista que com o seu talento, porte e estudo tem conseguido um logar de destaque no nosso teatro, ocupando-o com todo o brilhantismo. Erico Braga escolheu para a sua festa a graciossima comedia de Munoz Seca, «Carta anonima», que no principal papel feminino, dá ensejo á ilustre actriz Lucilia Simões, interpretar uma personagem de extraordinario relevo comico.

—A bordo do «Massilia» regressou a esta capital a companhia Ruas, depois da brilhante «tournée» aos Estados Unidos do Brazil, tendo realisado no Rio de Janeiro e em S. Paulo 140 espectaculos com as seguintes peças: «Ovo de Colombo» (24) «Lua Nova» (23) «Belo Sexo» (20) «Cigarro Bregeiro» (17) «A Vida» (14) «Porto tantos de tal» (14) «De Capote e Lenço» (10) «Ao Deus dará» (9) «Trolaró» (9).

Todos veem satisfeitos, empreza e artistas, pelo belo acolhimento que tiveram da imprensa e publico cariocas e especialmente do publico Paulista.

—A empreza José Loureiro comprou ao sr. José Tavares, o teatro Avenida, por 700 contos, e está em negociações com o sr. Borges de Castro, para comprar o teatro Apolo.

Reclames

Escusam de procurar que não encontram; o espectaculo mais alegre da actualidade, continúa sendo o do Nacional; com a desopilante peça «A viuva Gomes». Quem não pode ir para fóra consegue, indo vê-la, um alivio para a figadeira, visto que passará toda a noite a rir, sem um momento de descanço.

—Continuam pass ndo-se agradabilissimas as tardes e noites no «Avenida Parque», o encantador recinto do antigo «Parque Mayer», á rua do Salitre.

—Lucilia Simões continua obtendo um triunfo colossal, em S. Carlos, interpretando a parte de «Nora» de «A Casa da Boneca» a mais popular das peças de Ibsen. Hoje repete-se «A Casa da Boneca», decerto com outra enchente, tanto mais que a peça, muito bem traduzida por Erico Braga, tem um explendido conjunto de desempenho.

—Com a ampla transformação que lhe foi feita, a revista «Caldo Verde», que hoje reaparece no Eden, representando-se num só espectaculo tem todo o aspecto duma peça nova. Alem da estreia dos quadros comicos «A Felicidade e Nogueira do Pinho & Carvalho, Lt.ª» e de varios numeros de sensação, tomam parte no espectaculo que é a preços populares, e, portanto, ao alcance de toda a gente as actrizinhas Ausenda e Idalina, que interpretarão o gracioso dueto «O Nabo e o Grêlo».

Com tão atraentes elementos não será estranhavel que tenha, hoje, o Eden, uma formidavel enchente.

—A companhia Palmira Bastos, que está dando no Apolo uma curtissima série de representações apresenta hoje, ali, a famosa obra de Sardou, «Fedora», peça de grande aparato, que será exibida com o todo o brilhantismo que requer. A parte de protagonista está a cargo da ilustre artista Palmira Bastos, que nela tem uma das suas mais admiraveis creações, tendo tambem, no desempenho papeis de destaque Carlos Santos e Henrique de Albuquerque. A distribuição, completa da «Fedora» é a seguinte:

«Princesa Fedora Romanoff», Palmira Bastos; «Condessa Olga Sancorrff», Elvira Bastos; «Madame de Tournis», Carlota Sande; «A Baroneza Cokar», Lucinda Lopes; «Dmitry», Elisa Matos; «O conde Loris Spanoff», Carlos Santos; «De siriex», Henrique de Albuquerque; «Gretch», Joaquim Miranda; «Rouvel», Octavio Bramão; «Boroff», Costa; «Desiré», Alves da Costa; «Tchileff», Esmeraldo Matos; «Basilio» Miranda; «Cirilo», Humberto Miranda; «Ivan», Bramão; «O dr. Lorech», José Figueiredo.

—Todas as noites são entusiásticos os aplausos no Teatro Maria Vitória, com as representações da interessante revista «Fado Corrido» que possui o condão de prender a atenção da primeira á ultima scena e que no popular teatro tem um conjunto de desempenho superior a todo o elogio. Esta noite, nas duas sessões, repete-se o mesmo espectaculo e é certo ali encontrar-se a melhor roda lisboeta.

MUSICA

O concerto Artur Trindade

Excelente, o concerto para audição dos discipulos deste ilustre professor, que alcançou mais um soberbo triunfo.

Todos os seus alunos patentearam uma aplicação que os impõe, e honra o professor, de resto já consagrado.

Seja-nos permitida especial menção aos progressos magnificos realisados por mademoiselle Ema Cordeiro, muito feliz na condução da voz e na interpretação da aria, da «Aida», «Qui Radamés verra». Tambem mademoiselle Josefina Lagos merece louvores de exceção pela maneira talentosa como cantou a aria da loucura, da opera «Hamlet», sendo de esperar que não faltarão os ensejos de apreciar, individualmente, os meritos dos restantes colaboradores da bela festa.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Boneca».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Ordem de Marcha».
APOLO—A's 9,15—«Morgadinha de Valflor».
AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata».
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALAO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Gremio Estremenho

Realisou-se a reunião dos estremenhos residentes na capital, sendo nomeada a comissão organisadora que ficou assim constituida:

Presidente, dr. Ginestal Machado; vice-presidente, Correia Costa, secretarios Higino Mesquita e José Amaral; tesoureiro Carlos Gonçalves; vogais Fidelino Costa e dr. Dagoberto Guedes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a R. do Mundo, 81, 3.º.

Uma festa

O Avenida Parque, em 25, 26 e 27 do corrente promove festas em homenagem á tripulação dos barcos da marinha de guerra norte-americana,

Vida Elegante

DIPLOMATAS

De passagem em Lisboa, o ilustre brasileiro sr. dr. Belford Ramos, actualmente representando o seu país na capital franceza, teve a amabilidade de nos cumprimentar nesta redacção, gentileza que muito agradecemos, desejando ao ilustre diplomata boa viagem.

—O representante da Noruega, sr. Koren, chega a Lisboa, no «sud express» sabado.

—Segue no proximo domingo para Madrid o adido á legação espanhola sr. Ramos Padilla, filho do ministro de Espanha.

—Partiu para Stockolmo, o encarregado de negocios da Suecia em Lisboa, sr. Hansen.

—Chega, em Agosto a Lisboa, o sr. Alfonso Fiscowich, 1.º secretario da Legação Espanhola.

—Partiu para o Porto, o sr. Victor Santos, empregado superior da Sociedade Industrial Aliança.

—Parte para o seu solar em Caves, vindo no fim do mez corrente, o sr. José Eduardo de Abreu Loureiro, distinto «sportmen» e negociante da nossa praça. Vae com sua esposa e filhos.

—Partiram para o Porto, os srs. Gama Lobo, Victor Santos, D. Carlos Mascarenhas, Antonio Abreu, Benjamim Jardim, Eduardo Johnn, gerente da filial, em Lisboa, do Banco Comercial do Porto; e, para Vizela, Francisco Sotto Maior, dr. Carlos Osorio, etc.

Gremio dos funcionarios do Municipio de Lisboa

Convoca os socios a reunirem em assembleia geral hoje, pelas 21 horas para apreciação e discussão do relatorio e contas da gerencia de 1922, pedido de demissão dum socio e reconstituição da actual Direcção. Se não comparecer numero legal de socios para a assembleia poder funcionar, fica esta convocada para o dia 28, ás 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos a mesma.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Os comicios de amanhã

Em virtude da comunicação feita pela comissão distrital de Lisboa, á comissão de propaganda, só no proximo domingo, 29, se poderá realisar ali o comicio anunciado para amanhã em virtude dos festejos que ali se realisam.

Nesse sentido foram dadas as respectivas indicações para que os oradores que partiam para aquela cidade sejam divididos pelos comicios que se realisam em Sintra, Montelavar e Almada. As horas da partida serão indicadas nos jornais de amanhã.

Roga-se aos oradores que compareçam ás horas indicadas afim de não aparecerem embaraços de ultima hora.

O sr. dr. Orlando Marçal que já tinha seguido para Evora, regressa novamente a Lisboa.

Começou ha dias a ser distribuido na linha de Cintra e em todo o concelho um manifesto de propaganda.

Centro Republicano Academico Radical

A comissão organisadora para realisar uma grande reunião republicana onde elementos de todas as escolas de Lisboa defenderão doutrinas republicanas dum radicalismo sem excessos, para assim mostrar ao país que o P. R. Radical, é um partido de força e de ordem, destróe a propaganda vil e hipocrita que elementos clericais inimigos do progresso e da liberdade veem fazendo adentro da Academia Portugueza.

Temos que mostrar, aos, os academicos de hoje, e portanto os politicos de amanhã, qual mesmo é a obra que eles encetaram para a conquista dos cerebros livres, incapaveis de irem atraz das palavras ilusorias de homens sem carater.

A mesma comissão resolveu saudar o Directorio, pela confiança que merece e temos a absoluta certeza não descurará na defesa do ideal republicano. Sauda igualmente as comissões municipal distrital e politicas de freguesia.—A comissão organisadora.

Gazolina Petroleo Oleos

SHELL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.ª L.td

Rua do Crucifixo, 49

LISBOA

"Cimento HERMES"

(Portland artificial)

PORTLAND HERMES CEMENT

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT

— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º — Telef. C. 2894
PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º — Telef. N. 1178

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte todo a especie de peles. **Degraissage á sêc** (lavagem a seco) a cargo dum tecnico braziieiro.

Calçada do Carmo, 45-47 LISBOA Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO
Luiz Albertod e Pinho

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1|4"; 2 1|2"; 2 3|4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia inglesa, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO

Rua Vitorino Damasio, 10

TELEF. CENTRAL 3120

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14 — **LISBOA** — Sucursal — Avenida de Berne, M. H.-B, Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 2544-N. — TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM - Telefone - Sede e oficina, Norte-4122

- Electricidade em todas as suas aplicações.
- Centrais completas em cidades e vilas.
- Aparelhagem electrica e força motriz.
- Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
- Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
- Candieiros, lustres e placas.
- Telefones campainhas e para-raios.
- Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
- Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
- Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
- Canalisações para agua e gaz.
- Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITAO, LIMITADA

Orçamentos gratis

TINTURARIA — DO — POVO — DE — José Dias

Rua de Sant'Ana, á Lapa 121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Mobilias

Compra-se casas completas e desirmanadas.

Bento, Silva, Pinto, L.da

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglês e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33 — ua do Sacramento á Lapa — 29-33

TELEFONE C. 1884

Espelhos e Vidro Polido

Acabam de receber grande remessa aos melhores preços do mercado

A PORTUGUESA — DE — Baptista, Maximiniano & Garção, Lda.

198, R. da Madalena, 200

TELEF. N 3633

Sucata

Compra-se pelos melhores preços e fabricas completas.

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:

RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2611)

PROPR. ETARIA:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

Rua do Alecrim, 63, r|c.-(Telef. C. 5113)

MEIAS

Grande Redução de Preços

Seda de todas as côres	11$450
Sedaline	U$450
Mousseline (o que ha de mais perfeito em malha)	14$750
Em bom algodão	8$450
Em bom algodão para saldar (\$450—5$950—8$450	

A. Rodigues

R. do Ouro, 117

NAZARÉ

Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto — todo o ano —

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

• Abrem-se brevemente •
— — novos cursos — —
• para principiantes ou

FRANCEZ : : INGLEZ

: : Já está aberta : :
: : : a inscrição : : :

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA: — Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, e torpecimento, durezas, picaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA: — Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA: — E soberano contra a gota, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias

Mario Brandão, L.da

Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º

LISBOA

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

A INICIADORA

101 R. do Alecrim 103 — LISBOA —

Estabelecimento de electricidade e especialidade em banheiras

Este estabelecimento executa todos os trabalhos de luz electrica, Para-Raios, Campainhas e encanamentos de agua e gaz.

Tem colossal existencia de lampadas electricas, pilhas para lanternas de algibeira; lindos candieiros e plafoniers.

Grande exposição das varias mercadorias

Chamada pelo TELEFONE 3820 Central

MARCELINO PAULO BRITO

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Rapozeira)

Reservas de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa: ARTHUR BENARUS

Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.º

LISBOA

CURIA

Estancia dos artriticos

Instalações modernas, formoso parque, grande lago,
- grandes melhoramentos -

Epoca termal

de 1 de junho a 31 de outubro

Concertos de musica nos salões do casino
de 15 de junho a 30 de Setembro

AGUAS DE SABROSO

R. de S. Julião 67, Tel. C. 1996

Distribuição a domicilio

Horta e Costa

Rins e vias urinarias

12, Rua da Tindade, 14

Consultas das 2 ás 5

TELEFONE 4444

RELOGIOS DE PAREDE

ACABAM de chegar de marcas Soleil e Radium. Despertadores de fantasia de Bebys. Fornituras e ferramentas para relojoeiros, ourives e gravadores.

Grande sortido

COTRINS & AFONSO, LTD.

Espingardas VERNEY CARRON

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Peçam catalogos e informações

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220,2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4437-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Segunda-feira, 23 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

ROMA, 23.—Dizem os jornais que recomeçou a propaganda bolchevista germano-russa na Italia e que a policia apreendeu a esse respeito documentos e correspondencia. As bagagens de dois subditos russos, que foram apreendidas em Napoles, continham documentos particularmente interessantes. (R.)

Nova prorogação

Fala-se em nova prorogação parlamentar.

Segundo esse boato, os nossos deputados e senadores terão ainda de permanecer em S. Bento, durante mais quinze dias ou tres semanas, a seguir á eleição presidencial.

Afigura-se-nos que não será facil obter essa permanencia.

Note-se que não dizemos que não será facil obter a prorogação: o que nós dizemos é que não será facil obter a permanencia.

A verdade é que o Parlamento, nesta sessão legislativa, já deu o que tinha a dar.

Está reunido ha quasi oito mêses. Faltam apenas oito dias para chegar a esse praso. E ainda terá mais alguns dias de trabalho, visto que não pode encerrar o periodo legislativo, já umas poucas de vezes prorrogado, para realisar a eleição presidencial.

O praso constitucional é de tres meses.

Que quer isto dizer?

Quer dizer que ou o Parlamento não trabalhou durante os tres meses do praso, ou então que já tem trabalhado de mais.

Se em oito meses não fez o que devia ter feito em oito, então nada ha a esperar dele.

Mas se pensa em fazê-lo volar de afogadilho mais algumas medidas importantes, então temos de confessar que se procura obter do seu cansaço o que se não alcançar da sua vigilancia.

Já actualmente é muito dificil reunir em S. Bento o numero suficiente de deputados para se deliberar.

Se durante o mez de Agosto, que se anuncia tropical, o Parlamento continuar aberto, não nos parece que haja quem arrosta com o sacrificio de lá comparecer, de mais a mais no meio do desinteresse da maioria dos seus colegas e do proprio publico.

Por todas estas razões se nos afigura que a nova prorrogação em que se pensa nenhum resultado eficaz produzirá.

Ou os parlamentares abandonam as suas camaras, ou algum novo incidente politico evitará que se faça trabalho util.

A verdade é que em 1 de Dezembro, o Parlamento reunirá de novo para efectuar a sua sessão ordinaria.

Quatro meses de intervalo nas fainas legislativas não é um periodo exagerado.

Nessa data, pode-se contar com os representantes da Nação, e as discussões versarão sobre questões devidamente estudadas. Quem pode afirmar que isso suceda agora?

Emfim, se nova prorrogação tiver logar, nós só desejamos uma cousa: que nos tenhamos enganado inteiramente nas previsões que acabamos de formular.

A eleição presidencial

Em quem votaria o sr. Teixeira Gomes

Numa entrevista, por muitos titulos interessante, que «A Patria» realisou com o sr. dr. Bernardino Machado, acerca da sua candidatura á presidencia da Republica, encontra-se a recordação dum facto altamente sugestivo. Esse facto foi o do sr. dr. Afonso Costa ter comunicado ao sr. dr. Bernardino Machado, em 1917, quando este eminente vulto republicano exercia a magistratura suprema da nação, que o sr. Teixeira Gomes nosso ministro em Londres, entendia ser necessario alterar os preceitos constitucionais para o sr. Bernardino Machado poder ser reeleito, tal a admiração que evidentemente lhe suscitava a maneira como sabia desempenhar o seu altissimo cargo. O sr. dr. Afonso Costa, comunicando este parecer, mostrava-se com ele identificado.

Emfim, já se vão esclarecendo intuitos e atitudes em relação á eleição presidencial. Ainda não se sabe ao certo quem votará no sr. dr. Teixeira Gomes para a presidencia da Republica, mas já se sabe em quem votaria o sr. Teixeira Gomes, se pertencesse ao parlamento portuguez.

Á VOLTA DA PAZ

A CONFERENCIA DE VERSAILLES e o que nela fez a delegação :: portuguesa ::

Fala-se de: libras, honorarios e relatorios que não aparecem

O deputado monarquico sr. dr. Cancela de Abreu pediu ha dias na Camara que lhe fossem facilitados os documentos relativos á representação de Portugal nas variadas conferencias que se seguiram a guerra e cujas consequencias o mundo tão penosamente está sentindo.

Sobretudo relatorios e relatorios que á chamada Conferencia da Paz, a primeira das conferencias que em Versailles se realisou e onde a utopia evilsoniana arrazou o trabalho dos aliados, deixou respeito.

Ha evidentemente neste requerimento um intuito politico. O de atingir o presidente da nossa delegação, antigo chefe do partido democratico, permanecendo agora como esperança para muitos dos que o aclamaram e incensaram em idos tempos. Os realistas têm todo o interesse naturalmente em atingir o dr. Afonso Costa.

Vejamos da razão que lhes assiste e que os justifica.

Que sabemos nós da acção do sr. dr. Afonso Costa, presidente da Delegação portuguesa, dos seus adjuntos e dos seus auxiliares que poucos não eram? Quaes os resultados praticos havidos pelo seu trabalho? Quaes as conclusões, de estudo e de realisação, a que chegaram? Qual, numa palavra o interesse que Portugal teve em os mandar lá?

Tudo isto são perguntas a que dificilmente poderia responder quem, como superior hierarquico dos homens que em nosso nome falaram e agiram, fosse interrogados. Nunca, que nós saibamos, ministro nenhum que pelas Necessidades têm passado conseguiu desvendar o misterio. Não o desvendou, tambem, apezar da sua habilidade, o sr. dr. Domingos Pereira. S. exc.ª ladeou, andou de volta proposidamente. O ministro dos Estrangeiros não podia mostrar aquilo que por sua propria natureza era confidencial e podia bulir, tornado do dominio publico ainda agora, com os nossos mais altos e sagrados interesses.

Ha evidentemente entre nós uma politica de silencio que se cultiva doentiamente como planta de estufa; e que oferecendo vantagens de ora em quando, se não pode invocar, sem menoscabo até da dignidade e da honra de poder a cada instante para justificar, defender ou acobertar todos os disparates realisados em nome da Patria e da Republica.

Aplica-se o caso da politica do silencio ao caso do sr. dr. Afonso Costa? Não sabemos a proposito de quê, não sabemos a desproposito de quê.

Não queremos porém, acreditar que assim seja. E então temos de encarar uma das duas seguintes hipoteses, ou o ministro tem o prazer morbido de manter aferrolhados nos cofres internacionaes das Necessidades os papeis que o sr. dr. Afonso Costa assinou, ou o sr. dr. Afonso Costa não assinou quaesquer papeis. O que em bom portuguez tambem se poderá dizer assim: ou o sr. dr. Afonso Costa não enviou coisa nenhuma para Portugal a proposito do que fez lá fóra.

Será esta a hipotese que havemos de encarar como a mais verosimil.

Pois então compreende-se lá que depois de alguns anos, dois, tres, passados sobre a Conferencia da Paz, onde os nossos destinos se jogaram e onde os portuguezes podiam e deviam invocar os mais letigitimos titulos de reivindicação, nós nada sabiamos do que se passou? E que, quando alguem, representante da nação, quer averiguar lhe recusem todos os meios e todos os elementos?

* * *

As nossas repartições publicas só tomaram contacto com a Delegação Portugueza para efeitos de contabilidade. Nunca para outros, ao que parece.

A politica da paz não se fez entre nós; foi um titulo para acobertar o envio de libras, e só isso. A questão de reparações não se fez tambem. Ignoramos o caminho a seguir, não sabemos o caminho que já trilhamos. Escusado absoluta não é bem, talvez.

Por que aparecem de vez em quando clareiras, clareiras curiosas feitas pelas cifras, espaços luminosos onde brilham os valores esterlinos.

São os documentos em que se pede dinheiro, são os documentos em que se pede mais dinheiro.

Como souberam as outras oficiaes portuguesas que a delegação existia e que procurava erguer bem alto o nome do paiz em presença de estranhos com a consciencia nimia de interesse? Porque vinham de lá telegramas mais ou menos sibilinos dizendo que as dificuldades tinham surgido mas que havia a esperança de tudo aplanar?

Sobretudo porque o sr. Henrique de Vasconcelos se lembrara de oficiar ao director dos Serviços da 3.ª Repartição da Direcção Geral de Contabilidade solicitando-lhe o envio de fundos.

Mais ou menos nestes termos de ordem e legalidade:

«Nos termos do despacho em Conselho de Ministros de 25 de Agosto de 1919 e outros, rogo a v. ex.ª se digne providenciar para que, pela verba de «despesas excepcionaes resultantes da guerra» autorisadas no actual ano economico sejam realisados os seguintes abonos de ajuda de custo, vencidos no corrente mez, por meio de cheque:

Afonso Costa	Libras	299.180
Manuel Teixeira Gomes	»	299.180
Vitorino Maximo C. Guimarães	»	299.180
Alfredo da Cruz Nordeste	»	239.180
Tomaz Fernandes	»	179.180
Fernando Vieira Matos	»	179.180
A. A. Portugal Durão	»	179.180
Manuel Costa Dias	»	149.180
Alipio de Mendonça	»	184.190
Norberto Guimarães	»	209.180

* * *

Os honorarios dos delegados de Portugal eram os seguintes:

Delegados á Conferencia da Paz, a lb. 10; Afonso Costa e Teixeira Gomes. Adjunto, a lb. 6; Tomaz Fernandes; Adjuntos, a lb. 4 1/2. Alipio de Mendonça, Vieira de Carvalho. Representante junto da Comissão Internacional de Navegação Aérea, a lb. 7, Norberto Guimarães. Idem, junto do Tribunal Mixto a que se refere o § 4.º do anexo 1.º do artigo 298 do Tratado de Versailles a lb. 10, José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães. Adjunto, a lb. 5: Manoel da Costa Dias. Representante junto da Comissão de Reparações, a lb. 10. Vitorino Guimarães. Adjunto, a lb. 8, Alfredo Nordeste.

Como se vê é um luzido estado maior. Só assim a nossa Delegação contactou com os poderes publicos. Porque quanto ao resto, ou as Necessidades são a verdadeira e autentica esfinge, ou a Delegação nada disse de suas obras e projectos.

Cacilda Ortigão

vai ser condecorada com a ordem de S. Tiago

O conselho da Ordem de S. Tiago votou, por unanimidade, e em termos altamente elogiosos para o talento e acção patriotica no estrangeiro, revelando o nosso nome musical e os nossos melhores poetas, da notavel cantora, o agraciamento de Cacilda Ortigão.

Como é da praxe, o decreto será publicado em outubro proximo, tendo já o sr. Jaime Atias, ilustre secretario geral da Presidencia da Republica, feito comunicação nesse sentido, á gloriosa artista.

A homenagem que se presta a Cacilda Ortigão, é absolutamente oportuna e merecida, pois que, poucos artistas têm sabido, como ela, engrandecer lá fóra, o nome do seu paiz. De resto, o seu agraciamento, agora, não é mais que o cumprimento de uma promessa feita ha tempos, voluntariamente por quem de direito.

A higiene da boca

Pela analise a que procedeu o sr. dr. Aquiles Machado, á pasta dentifrica creme de o rojas, reconheceu que é pura, neutra e não alaca o esmalte. Depositario, Raul Vieira Lda R. da Prata, 51.

Regina Cardoso Bensabat

Fez exame do 3.º ano de violoncelo no Conservatorio, obtendo a alta classificação de 20 valores—a primeira vez que é concedido a uma menina tão nova— Regina Cardoso Bensabat, filha do valoroso oficial do Exercito e conhecido escritor, sr. Levy Bensabat.

Regina Cardoso Bensabat é uma autentica vocação—uma explendida vocação. Varias vezes a temos ouvido e, através a sua sensibilidade juvenil, as obras admiraveis dos grandes mestres adquirem um brilho de interpretação invulgar. Regina Cardoso Bensabat é, aos doze anos, uma encantadora artista.

OS B. SOCIAIS

vão ser adjudicados á Camara Municipal?

Numa conversa com «A Capital» o sr. Artur Marques dos Santos

-: diz-nos o que ha sobre o caso :-

Foi ha dias publicada a portaria em que autorisa o Ministerio do Trabalho a contrair, na Caixa Geral de Depositos, um novo emprestimo, para o prosseguimento das obras do bairro social do Arco do Cego. Tambem se tem falado ultimamente na passagem dos Bairros para as Camaras Municipais.

O sr. Artur Marques dos Santos, que pertenceu á ultima vereação dos nosso municipio, apresentou ao Senado uma proposta nesse sentido. Como constasse que a sua proposta ia ser posta em execução, um encontro com o sr. Marques dos Santos proporcionou-nos uma troca de impressões sobre o assunto.

Exposto o nosso objectivo, o sr. Marques dos Santos começou por nos dizer:

— No nosso paiz os interesses dos municipes estão completamente abandonados. As vereações pouco ou nada se interessam pelas grandes questões publicas. A crise de habitação devia ser encarada de frente pelos municipios.

— Mas os Bairros Sociais vão passar para as Camaras?

— Duvido. O Bairro do Arco do Cego podia estar já quasi concluido se a minha proposta tivesse sido aprovada e posta imediatamente em execução.

— A proposta era...

— O Estado devia á Camara 5.000 contos, que nunca mais pagaria... Eu encontrei um meio dessa divida ser liquidada com interesse para a Camara e para o publico. O Estado passaria para o Municipio o Bairro do Arco do Cego como pagamento da divida. A Camara, por sua vez, contrairia um emprestimo para a conclusão das obras o mais rapido possivel, para atenuar um pouco a crise de habitação que atravessamos.

— Porque não foi aprovada a proposta?

— Questão de politica. Eu sou socialista. Logo, que a proposta foi apresentada, baixou a uma comissão, para lá ficar eternamente...

— Mas disse-se que a proposta dava aos empregados da Camara a preferencia do aluguel das casas?

— Sim. O municipio tem o dever de olhar, em primeiro lugar, para aqueles que o servem. Mas tenho a certeza de que só uma pequena minoria pretenderia ir para lá habitar. Ora, o Bairro deve ter cerca de 10.000 habitações; quando muito, iriam para lá 1.000 empregados, ficando, por consequencia, para os municipes 9.000 casas, que é já alguma coisa na quadra que atravessamos.

— Não acredita, então, na passagem dos Bairros para a Camara?

— Não vejo essa probabilidade.

— Porque não têm continuado as obras de construção?

— Porque anda sempre a maldita politica a meter-se nestas questões e, emquanto não fôr posta de parte em assuntos que carecem de uma rapida solução como este, nada ha feito.

— Quantas casas estão prontas no Arco do Cego?

— Cerca de 4.000, ás quais só falta colocar as canalizações. Estão tambem quasi concluidas mais 700, cujos materiais se estão deteriorando pela acção do tempo. Bom seria que o Governo e a Camara resolvessem o caso para beneficio do país e dos municipes.

A fartura!

O ANO AGRICOLA

é prospero em todo o mundo

Os americanos não gostam disso

LONDRES, 23 — Noticias recebidas de varios centros productores de trigo da Europa e da America mostram que as proximas colheitas se anunciam explendidas. Os agricultores americanos mostram-se descontentes com este facto porque os seus stocks de trigo não serão comprados na Europa devendo portanto haver um «superavit», o que lhes acarretará graves perdas. Não foram tomadas medidas para proteger devidamente a agricultura e os agricultores manifestaram já o seu descontentamento por esse facto no estado de Minisota, derrotando o candidato republicano ao Senado, sr. Preiss e elegendo o candidato trabalhista Magnus Johnson que advoga a ideia de que o governo ajude a manutenção do preço elevado dos trigos por meio de medidas adequadas.

A França espera, com o auxilio da Argelia, Tunis e Marrocos, não ter necessidade de importar trigo no estrangeiro. Outros paizes de produção deficitaria contam tambem bastar-se a si proprios ou fazer importações muito reduzidas. (R.)

O que se escreve e o que se lê

Aspectos literarios: Os profissionais da literatura.

Trez Novelas: Sangue Negro por Ferreira de Castro; *O Trambolho* por Guedes do Amaral; *O Triunfo da Arte* por Eduardo Frias.

Um poeta: Guilherme de Faria e os seus dois livros de poemas.

Uma conferencia: A arte de bem morrer por Antonio Ferro.

Uma tarde destas, á porta da Brasileira, emquanto passava o Chiado elegante das cinco horas, André Brun dizia-me, falando de literatura:

— Você sabe que uma das caracteristicas inquietantes da vida literaria em Portugal é a falta de profissionalismo. Entre nós, faz-se literatura por incidente, por vaidade, por escandalo; não se faz literatura por profissão. Vive-se de tudo — menos das letras. E está a ver porquê? Como a literatura não constitue o nó vital da existencia do homem de letras — ninguem se preocupa a defender os legitimos interesses de uma profissão de que não vive e de que, afinal, — afirmo-lhe — podia viver. Em Portugal quasi não existe o escritor profissional: em compensação existe um verdadeiro enxame de amadores que povôa as livrarias, que inunda as casas tipograficas, que encarece o papel e que dificulta, por todas as maneiras, a vida literaria daqueles que não pretendem viver senão da literatura.

Isto é rigorosamente exacto. O escritor da profissão não existe. Os nossos homens de letras são professores, politicos, advogados, medicos, engenheiros: apenas, nas horas vagas, por diletantismo, são escritores. Dir-me-hão que é impossivel materialmente viver exclusivamente das letras — pelo menos em Portugal. De acordo. Mas a culpa é sómente dos escritores que não defendem os seus interesses porque ainda não quizeram admitir o espirito da profissão. Esta é que é a verdade.

* * *

Nas sessenta paginas que se lêem emquanto se fuma um cigarro e que constituem a ultima novela de Ferreira de Castro «Sangue Negro» — o moço escritor conta-nos a historia tragica de um preto, que, perdido de amores por uma branca, acaba por se suicidar, entre nuvens de incenso e entre um côro de violinos, quando presente que essa branca, que é toda alma da sua alma, o não ama porque ele é prêto... Como «fait-divers», é isto. Eu não sei se Ferreira de Castro pretendeu com a sua novela formular um libelo. Não sei. Sei apenas que estas sessenta paginas, cheias de vivacidade e de nervosismo, merecem ler-se: elas constituem um subsidio para a psicologia, não apenas dos pretos, mas tambem dos brancos.

* * *

As duas ultimas novelas que recebi da «Novela Sucesso» merecem uma especial referencia. A primeira firma-a o nome de Guedes do Amaral — e é a historia de uma criança; a segunda, o nome de Eduardo Frias — e é a historia de um grande artista. Ambas elas reflectem as excelentes qualidades literarias de quem as subscreve: constituem, pelo seu genero, uma doce companhia nas horas vagas.

* * *

Guilherme Faria é um curioso poeta de dezaseis anos, que acaba de trazer-me os seus dois livros. Esses dois livros não têm, como tudo levaria a supôr, a mocidade fresca das rosas: têm a tristeza macerada dos goivos. Guilherme de Faria é «um poeta triste» numa idade em que tudo o aconselhava a ser alegre. Mas, emfim, cada um é senhor do seu coração e dos seus versos e êste novo poeta lá sabe a razão sentimental porque na sua «alma precoce e complicada passeia, dolorosa e magoada, a sombra triste do seu proprio ser». Como forma, como sensibilidade, como ternura, achei muito apreciaveis êstes dois livros — que tanto se parecem com dois fios de lagrimas.

* * *

Sobre a minha mesa de trabalho envolta numa capa admiravel de Almada Negreiros, repousa da minha leitura a ultima obra de Antonio Ferro: a conferencia realisada no Rio de Janeiro, em S. Paulo e entre nós, no salão da «Ilustração Portugueza» e intitulada «Arte de bem morrer». No prefacio dessa conferencia, firmado pelo nome de Menotti del Picchia, o ilustre poeta brasileiro tem uma frase que define bem o autor da «Leviana»: «Antonio Ferro é sempre um paradoxo». E' exacto. Bastaria para demonstrá-lo as quarenta paginas da sua conferencia.

Eu não sei se todos os meus leitores conhecem Antonio Ferro. Vivo, curioso, risonho, lembrando exageradamente a figura de João do Rio, êsse rapaz dá-me a impressão — como bem notou Del Piochia — de um paradoxo em marcha. Afirmando sempre o contrario do que toda a gente diz e dizendo sempre o contrario do que toda a gente pensa — a sua «Arte de bem morrer» pretende dar-nos a todos nós uma lição sobre a arte de morrer bem. Mas não. Antonio Ferro não nos convence. «A vida pode ser o curso superior da Morte e a Morte pode ser apenas um concurso para a Eternidade». Seja o que quizerem. O certo é que Antonio Ferro, apesar de chamar á morte «mulher», «apoteose da vida», «beijo de além», *un tassas de choses*—val continuando por êste «vale de lagrimas» da existencia humana. Ele bem sabe que, depois de morto, se não fazem conferencias sobre o «jazz-band» — nem é, creio eu, materialmente possivel fazer outra coisa que não seja cinzas...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES.

Portugal-Austria

Concluiu-se o acordo comercial

que é vantajoso para nós

VIENA, 23.—O ministro de Portugal nesta republica, dr. Couceiro da Costa concluiu as negociações entaboladas com o governo austriaco, tendo-se assinado já um acordo. Esse acordo, que contem numerosas vantagens para as relações comerciais entre os dois paizes, é valido por um ano, podendo-se renovar findo o praso estabelecido.

O acordo contem entre outras muitas disposições á autorisação para que a Austria possa importar 15.000 hectolitros de vinhos generosos portugueses por ano. A folha oficial do governo austriaco publicou um decreto pondo em execução o art. 227 Tratado de Paz referente á proteção a dispensar ás denominações de origem, no qual se estabelece muito especialmente essa protecção para os vinhos do Porto e da Madeira, aplicando-se rigorosas penalidades aos seus contraventores. O acordo comercial luso-austriaco entra em vigor em 10 de agosto proximo. — (R.)

OS VERMELHOS

TUTELAS que desonram

O operariado tem de libertar-se da influencia daqueles que o comprometem

"A Batalha,, e os bandidos

Portugal é o Paiz do confusionismo. A proposito seja do que fôr; voluntariamente ou graças a qualquer equivoco, confunde-se o que é bom com o que não presta, faz-se passar por ótimo o que é simplesmente detestavel.

A proposito dos facinoras que fazem da bomba uma profissão — a acrescer ás muitas profissões, mais ou menos duvidosas, que usam — estabelece-se uma mistura que, atraindo sobre as classes operarias responsabilidades que não lhes cabem, acarretam para elas uma vez de odioso de numerosos crimes.

Temos posto ao léu nas colunas de «A Capital», a biografia dos mais conhecidos bombistas, aos quaes «A Batalha» não sabemos por que bulas mas, decerto, porque julga valiosa o concurso sanguento desses bandidos, chama «camaradas». Sabe-se que êsses perigosos e sinistros facinoras, que matam creaturas indefesas e indiferentes ás suas diabolicas maquinações, com a facilidade com que passam notas falsas e receptam roubos, têm na policia cadastros apavorantes e têm andado, longo tempo, sob as vistas cuidadosas das autoridades. Bandidos em ultima analise, que fazem do operariado — honesto, digno, respeitavel — o testa de ferro dos seus crimes tenebrosos.

São esses homens — homens ou feras? — que, emiscuindo-se no movimento operario, mercê de certas tolerancias inexplicaveis, atiram para movimentos sangrentos classes pacificas que apenas se limitam a reivindicar direitos legitimos e a invocar recompensas devidas, as comprometem e desacreditam.

Ora, é preciso, para prestigio das classes operarias que elas se libertem da convivencia com semilhantes creaturas, repudiando-as sem reservas, recusando-lhes qualquer especie de solidariedade. De contrario, correm o risco de ser confundidas com elas, o que, de certo, não desejam, porque não lhes convem.

Os operarios portugueses são honrados; esses cavalheiros de varias industrias, são apenas ladrões, vigaristas, passadores de moeda falsa, e, como taes, convenientemente registados na policia.

E' certo que «A Batalha», inexoravelmente, os inclue entre os presos e condenados por questões sociaes, quando eles são, afinal, condenados de delictos comuns. Mas isso prova apenas que, ao contrario do que ela afirma, «A Batalha» não é o orgão das classes trabalhadoras de Portugal. Ela é o que faltava — que elas sancionassem essa degradante confusão!...

QUESTÃO DO INQUILINATO

E' urgente uma providencia legislativa

que ponha um travão á ganancia dos senhorios insaciaveis e inescropulosos

Um caso tipico: a acção de despejo contra a firma Eduardo Martins & C.ª, L.da

A opinião publica tem sido ultimamente sacudida por uma questão que interessa, sem duvida, a toda a população de Portugal, mas mui especialmente aos habitantes de Lisboa e das grandes cidades do continente. Referimo-nos á questão do inquilinato, muito irritante e, por isso mesmo, extremamente facil de conduzir a violencias e a injustiças. Como de costume a questão baralhar-se cada vez mais, graças a diplomas legislativos que não garantem os interesses legitimos da população e deixam portas abertas á acção ganancioso dos senhorios, não de todos, é claro, mas duma grande parte daqueles cujos sentimentos humanitarios foram completamente obliterados pela febre do lucro, pela escravatura fames obtida pelo publicista latino.

Esta questão do inquilinato teria á conduzido a uma crise de desespero se a magistratura portuguesa não se tivesse arrogado o papel de fiel da balança, contemporisador e, principalmente protector das classes desvalidas. Graças a esse espirito de equidade os proprietarios não teem encontrado facilidades nos assaltos projectados e postos em execução contra os seus inquilinos; devemos, porém, salientar que essa barreira tem que ser demolida, mercê de sistemas acentuados de um ou outro juiz, ainda, felizmente, excepção rara no seio da incorruptivel magistratura judicial. Digamos, desde já, que lhe chamamos hebetismo para não empregar outra expressão mais apropriada ao abuso consciente de poder em favor do rico e poderoso contra o pobre e fraco. Mas são excepções ev dentemente. E taes excepções hão de ser a correção natural na imparcialidade dos juizes que as batalharam a pôr acima das suas paixões ou dos seus interesses pessoais a administração da justiça, tal qual ela é preceituada nas leis da Republica interpretadas dentro dum espirito de sábia moderação e ...

PORTUGAL VISTO DE CA'

O pesadelo do iberismo

Como o jornalista espanhol Luiz Araquistain vê o nosso Paiz, os nossos homens —: e a revolução de 5 de Outubro :—

Na sua ultima carta de Portugal para «El Sol», escreve Luiz Araquistain:

A revolução de 1910 em Portugal volta a abrir um largo fosso de desconfianças e ressentimentos entre os dois paizes visinhos. Espanha teme os acipices revolucionarios. Portugal, teme os manejos contra-revoluciunarios que se crêem com conhecimento e paciencia das autoridades espanholas, quando não com a sua cumplicidade, na fronteira e no interior do territorio espanhol. Invertem-se os termos de 1868. A esta causa de mutuos receios, comuns a todos os paizes fronteiriços quando um deles muda de regimen, junta-se em 1915 outra de distinta origem, mas não menos cheia de divergencias.

Portugal entra na guerra, honrando a sua secular aliança com a Grã-Bretanha. A Espanha mantem-se na sua neutralidade equivoca, que irrita a todos os beligerantes.

Portugal teve de assumir a beligerancia, porque assim lho exigia a integridade das suas colonias e a segurança do seu territorio, regulada pela sua velha aliança com a Inglaterra. Esta aliança havia enfraquecido bastante, com a revolução de 1910; e com punhão de armas, na guerra europeia volveu-se a dar sólidos historicos.

Passarão muitos anos antes que os paizes beligerantes perdoem de todo aos neutrais, que, enquanto aqueles se matavam e empobreciam, estes assistiam á terrivel carnificina, não de braços cruzados, mas febrilmente activos como abastecedores. Portugal participou tambem, sem duvida, destes sentimentos tão humanos psicologicamente tão inexplicaveis.

Observa-se que o tempo mais relativo que nunca como conceito historico, tem hoje uma celebridade e um poder de olvidar sucessos e paixões como em nenhuma outra epoca. A guerra, espiritualmente, estima-se já na legenda da Historia; mas dissera-se tambem que agora estamos em outra guerra, surda e latente mas não menos destruidora, outra guerra em que a ideia de justiça mudou de trincheira.

Talvez seja Portugal, enfiutado ainda, como todos os beligerantes, e mais cheio de decepções que muitos, um dos primeiros paizes a perdoar a neutralidade alheia. Para isso contribue tambem, provavelmente, a situação do regimen, que, segundo todos os indicios, parece consolidar-se mais e mais. O presidente Almeida vai terminar, pela primeira vez durante a Republica, o periodo legal do seu mandato. O exito do recente emprestimo indica que o capital aceita tambem o Estado vigente. A Republica vai-se nacionalisando pouco a pouco. Por sua parte a Espanha assim o reconhece, como é justo.

De um lado e doutro da fronteira dissipam-se inquietudes, e aos olhares de receio sucedem-se apertos de mão actos de intercambio cultural, como provam o recente Congresso de Salamanca e as conferencias. Assinala bonança o barometro iberico; o ponteiro marca de novo interesse e afecto entre os dois paizes. Que lastima não viver já Clarín para ressuscitar a sua Liga. Mas existe uma Associação Espanhola de Escritores, que nos seus projectos de inteligencia com todos os escritores do mundo, mais singularmente com os hispano-americanos, podia incorporar a iniciativa de entender-se tambem com os portuguezes. Não o julga assim o nosso presidente e amigo D. Eduardo Gomez de Baquero? A argila dos interesses profissionaes é muitas vezes a melhor terra para germinar ideias e sentimentos.

Em todas as classes da sociedade ha bom e mau. Tambem ha bom e mau na magistratura. O que ha de mau é, por enquanto, tão esporadico e de tão insignificante valor, que todos nós, portuguezes, podemos tranquilisar-nos ácerca da efectividade das garantias que a lei dá á vida e á propriedade de cada um. De resto um juiz fazendo parte duma força social autonoma não é irresponsavel, dado que as suas decisões não sejam manifestamente inspiradas pela letra e pelo espirito das leis. Se abusar dos seus poderes e encarreirar pelo caminho do arbitrio, violando conscientemente e abusivamente os textos legais afim de favorecer o interesse material das partes, comete um crime para o qual tambem ha sanção penal.

Então deixa de ser juiz para ser um criminoso como outro qualquer. Lá estão os outros juizes para o julgar. Serão eles os primeiros a engeitar a camaradagem do falso administrador da justiça, do magistrado que não é capaz de se colocar acima das paixões para se constituir em guarda vigilante dos direitos dos seus concidadãos. Um juiz venal não pode ser amparado pelos seus colegas; mas é ainda mais perigoso e mais para temer o juiz apaixonado, que se substitue ás partes e que traduz nos seus despachos arbitrariamente, sem ao menos se dignar citar textos legais, o rancor, o odio ou qualquer outra paixão que derrancam o espirito imparcial do julgador.

Mas isto são, por enquanto, considerações ... geral, que não ... subscrito se houver quem en... á medida. É incomodo. Mas é possivel que no decorrer da analise que vamos fazer a este questão do inquilinato tenhamos que apontar á execração publica um ou outro nome, se nos convencermos que isso é indispensavel ao saneamento moral dos tribunais. Por enquanto é cedo. Mas a todo o tempo é tempo...

Nós sintetisamos esta questão do inquilinato desta forma: se as acções de despejo, ora em andamento nos tribunais ou neles já resolvidas, fossem resolvidas favoravelmente aos senhorios, uma grande parte da população de Lisboa teria de viver em grutas ou cavernas, porque ser-lhe-ia impossivel satisfazer a ganancia insaciavel dos proprietarios. Isto é um facto incontroverso. É impossivel pô-lo em duvida. Poderiamos citar aqui alguns exemplos mas basta mostrar alguns muito recentes. Ora veja-se:

Na Avenida Almirante Reis ha um rez do chão com escriptos. O senhorio pede, por ele, mil e quinhentos escudos de renda mensal e seis contos de trespasse. É este o que se não é palacio algum: é, pelo contrario, um simples e modesto rez do chão, como uns dos casos, se tanto.

Agora o outro caso. Numa rua proximo do Rocio ha um predio á venda. O proprietario pede por ele mil e duzentos contos.

E vamos ao terceiro exemplo. Trata-se da acção de despejo intentada pela «Companhia de Seguros União dos Proprietarios» contra a firma Eduardo Martins & C.ª, com estabelecimento no Chiado e tão conhecido ... despejo é sipica. Merece ... analise completa porque contra os srs. Eduardo Martins & C.ª se tem empregado todos os recursos para o desapossar das lojas que a firma valorisou com muito trabalho e esforço. E porquê?... Simplesmente porque a União dos Proprietarios exigia dos srs. Eduardo Martins & C.ª a quantia de trezentos contos para lhe permitir a continuação do seu comercio. Isto é fantastico! Isto é o mesmo que a falta de demonstração da necessidade do Poder Legislativo pôr imediato cobro á tanta ganancia, ementando as leis e promulgando disposições claras, muito explicitas e terminantes, contra os extorsões dos senhorios, ou elas sejam sob a forma de trespasses ou doutra qualquer.

A nosso vêr tudo terminaria com a aprovação imediata duma lei suspensiva das acções de despejo e com a nomeação duma comissão revisora dos processos existentes. Feito isto haveria tempo para se elaborar um diploma que previse as extorsões e abusos e lhes pozesse cobro. Mas seja assim ou doutra forma é necessario que o Parlamento estude esta questão do inquilinato, providenciando sem demora.

A questão merece, entretanto, mais desenvolvida analise jornalistica. Em artigos sucessivos iremos comparando dos casos que mais salientemente demonstram que o presente estado de coisas é insustentavel. E como o que já citado de acção de despejo intentada contra a firma Eduardo Martins & C.ª é interessante e ele nos iremos referindo com o indispensavel desenvolvimento. O publico hade ver que nele ha de tudo. A é mesmo o tal hebetismo juridico a que nos referimos no inicio deste artigo!

ULTIMA HORA

Tarde politica

O prestigio do regimento da Camara dos Deputados e o que poderia ter sido hoje a sessão

A's 15 horas e 30 faz-se a chamada. Não é a hora regimental, mas isso não molesta o regimento, documento que ficará nas tumbas como coisa de consulta historica para os inquiridores das estravagancias politicas.

* * *

Feita a contagem verifica-se que não ha numero. Já se sabia que a de hoje era uma sessão perdida.

Foi pena. Entre a duzia e meia de deputados presentes estavam os srs. coronel Freiria, defunto ministro da Guerra que pode limpar as mãos á parede pela linda figura que fez; o sr. Antonio Maia, por cuja prisão imediata gemeu a eloquencia parlamentar da maioria e por cujas imunidades se bateram galhardamente os nacionalistas, galhardia que deu em aguas de bacalhau com grande desapontamento dos «gourmands» do genero dramatico de faca e alguidar, e o sr. Sá Cardoso que toma heroicamente o seu antigo logar de deputado entre os amigos que, em holocausto á disciplina partidaria, houveram por bem espatifar as carteiras parlamentares, pobres victimas do amor aos principios...

* * *

Não havia de ser má a sessão de hoje. Mas não se perde pela demora. O debate politico, originado na interpelação do sr. Cunha Leal, têm agora varios acessorios. Continuaremos a gastar as sessões em jogos florais, não estando definitivamente assegurada a imunidade das carteiras.

Os documentos de maior importancia administrativa ficarão para a época das chuvas mais propicia ás soluções serenas.

* * *

Sobre a eleição presidencial pouco mais se adianta. O sr. Teixeira Gomes mantem-se no campo das probabilidades maiores.

O sr. Bernardino Machado continua a merecer o sufragio de consideravel numero de deputados, particularmente dos antigos reconstituintes, mas em segundo escrutinio sofrerá consideravel baixa.

Dos outros presidenciaes nem vale a pena falar. Ficarão nos numeros digitos que levam o Palacio de Belem para os confins da Polinesia. O singular poder dos numeros simples...

A IRLANDA-MARTIR

M.me Mac-Swiney faz declarações revelando que estão ainda nas prisões 14.000 homens e 1.000 mulheres

Mme. Mac Swiney, viuva do heroico lord-maire de Cork, que se deixou morrer á fome na prisão, encontra-se actualmente em Paris, de regresso de uma viagem de propaganda aos Estados Unidos.

Entrevistada pelo «Matin» fez estas interessant es declarações:

— Volto da America do Norte, onde falei em diversos «meetings» e recebi por toda a parte um entusiastico acolhimento, quando os representantes do Estado Livre não poder reunir sem encontrarem viva oposição.

«Dirijo-me á Irlanda, anciosa de tornar a ver minha filha de cinco anos, pois nenhuma carta recebi durante a minha ausencia. Os adversarios aprendiam-nos no caminho. A liberdade de imprensa não existe e o nosso jornal «A Republica» foi destruido. Nessas condições, o ponto de vista republicano não pode ser apregoado e nenhuma voz pode protestar contra as perseguições de que são objecto.

«15.000 correligionarios, dos quaes 1.000 mulheres, estão ainda nas prisões e um ministro do Estado Livre disse que ali continuariam até apodrecer!

«Quizeramos que os estrangeiros fossem á Irlanda; veriam que não ha liberdade no Estado Livre, cujo decreto que o creou nos foi imposto sob pena duma guerra de exterminio.

«Um exercito de 50.000 homens ocupa a Irlanda e um simples soldado, bem alimentado e instalado, recebe ainda 16 libras por mez.

«Economicamente a nossa liberdade é muito relativa. Uma republica irlandesa, ao contrario, poderia, na sua independencia, assinar tratados de comercio.

«O partido republicano de M. de Valera, suspendeu a luta desigual, mas não entregou as armas. Paramos a luta para assim mostrarmos o nosso desejo de paz, mas o partido não renunciou ás suas aspirações.

«A nacionalidade irlandeza afirma-se cada vez mais. O «caelic» é estudado por toda a parte e quando estou na Irlanda só falo a nossa lingua».

O crime da Rua da Escola

Vão ser ouvidas pessoas das relações da criminosa

A policia esta na disposição de apurar a verdade

Dificil se tornou hoje ao «reporter» arrancar da policia quaesquer novos esclarecimentos sobre o tripiice crime de infanticidio praticado pela sr.ª D. Maria Guerreiro, caso que tanto tem prendido a atenção do publico.

O sr. dr. Crispiniano da Fonseca, adjunto do director dos serviços de investigação que tem procedido as diligencias, ainda durante o dia de hoje esteve trabalhando no processo e muito especialmente analisando as cartas amorosas encontradas e apreendidas na casa da Rua da Escola Politecnica, pelas quaes veiu a apurar-se a identidade das pessoas que mantinham intimas relações com a infanticida. Esta ao que se diz era excessivamente romantica, dada a leituras demasiadamente livres para uma senhora e assidua frequentadora de animatografo, constando mais que desde os 12 anos de idade se entregara a um apaixonado, dando assim livre expansão ao seu temperamento de histerica em ultimo grau.

Ha quem afirme que D. Maria Guerreiro nas suas novas declarações não indicou nomes de cumplices, mas facto é que a policia ainda não largou de mão essa pista estando marcada para amanhã uma nova diligencia que segundo se julga deverá lançar luz sobre os casos que ainda se encontram envolvidos em certo misterio. Deverão ser ouvidos no Governo Civil algumas individuos das relações intimas da infanticida e muito especialmente um oficial do exercito que tem procurado por todas as formas auxiliar a presa a tornar-lhe menos aflictiva a sua situação. Em todo o caso na policia existe tambem a impressão de que algumas das pessoas indicadas, como compartilhando da intimidade de D. Garcia Guerreiro, nada têm com os crimes por ela praticados.

A infanticida foi hoje pelas 15 horas ao Instituto de Medicina Legal, afim de ser devidamente examinada, havendo o maior cuidado em que a sua saida do Governo Civil passasse despercebida o que se conseguiu, tendo ela saido pelo portão que dá comunicação para o gabinete do chefe do districto.

Noutro automovel seguiu depois o sr. dr. Crispiniano da Fonseca, que era portador de varias roupas apreendidas á criminosa. Passava das 17 horas quando D. Maria Guerreiro regressou ao Governo Civil perseguida pelos fotografos que em «side-car» procuravam ocasião oportuna para lhe assestar os «Kodaks», mas a todas as objectivas a infanticida conseguiu escapar, ora abaixando-se e uencobrindo o rosto com as mãos e o vestido.

Ao fim da tarde esteve no Governo Civil conferenciando com o sr. dr. Crispiniano da Fonseca, o sr dr. Diogo Ribeiro, advogado que se encarregou da defesa de D. Maria Guerreiro

Gréves

A dos pescadores

Não apareceu hoje no mercado peixe grosso á venda, devido a não estar ainda solucionado o conflito entre armadores e pescadores. O sr. comissario dos abastecimentos deu por terminadas as negociações que se tinha empenhado como medianeiro entre as partes em litigio devido á intransigencia que encontrou em ambas. Os pescadores resolveram não retomar o trabalho sem um aumento de 120$00 a partir de 1 de Agosto.

A dos manipuladores de pão

Reuniram hoje em assembleia magna os manipuladores de pão, que apreciaram as deligencias feitas junto dos industriais, no sentido de lhe serem melhorados os salarios. Depois de larga discussão resolveram não fazer transigencia nas primitivas reclamações de 20$00 diarios.

A questão dos estreitos

BERLIM, 23 — A embaixada sovietica russa em Berlim desmente o boato da assinatura do convenio dos Estreitos por parte do governo russo. Isto é uma consequencia de uma clausula secreta do tratado anglo-russo, que se acaba de concluir.

A's 18 horas

O chefe do Governo assumiu hoje a interinidade da pasta da Guerra, na presença dos directores gerais, chefes de repartição e outros oficiais do ministerio e generais srs. Vieira da Rocha, comandante geral da Guarda Republicana e Abel Hipolito, comandante da Escola de Guerra. O exministro coronel sr. Freiria discursou saudando o sr. Antonio Maria da Silva e fazendo um rasgado elogio aos oficiais em serviço no ministerio, bem como aos comandantes das varias unidades do exercito. Agradeceu o sr. Antonio Maria da Silva e declarou, que, embora paisano, se sentia bem ao lado da oficialidade do exercito, com cuja lealdade contava. O director da 1.ª direcção geral, sr. general Pedroso de Lima, tambem dirigiu algumas palavras elogiosas ao ministro interino, garantindo-lhe a leal coadjuvação de todos os oficiais seus subordinados.

BOAS NOVAS

No gabinete dos reporters no Governo Civil foi hoje recebido um «rádio» em que os oficiais do vapor «Extremadur» participam que se guem bem e saudam suas familias.

O calor

A temperatura em Lisboa elevou-se hoje a 32 graus e 9 decimos á sombra.

UM ROUBO

Um anel de brilhantes que desapareceu

O gatuno foi preso, mas a joia não foi encontrada

Hoje ao principio da tarde apareceu na Ourivesaria Miranda & Filhos, da rua Garrett, um individuo bem trajado pedindo-lhe que lhe mostrassem aneis com brilhantes, pelo que o caixeiro da casa se apressou a colocar-lhe sobre o balcão uma anelcira com magnificos aneis em que brilhavam as perolas e as primeiras aguas.

O freguez, depois de muito mirar e remirar, alegou não lhe agradar qualquer das joias e retirou-se. Momentos depois, o caixeiro verificou que um dos aneis avaliado em 6 contos fôra trocado por outro de pedras ordinarias.

Em busca do larapio, correram logo os empregados da casa e a policia, sendo o gatuno encontrado numa ourivesaria da rua dos Cavaleiros pertencente a um receptador conhecido pelo Ataide, com quem aquele estava «negociando» a venda da joia. Preso, foi conduzido para o Governo Civil e ali revistado minuciosamente.

A rigorosa busca foi infrutifera: o homem não tinha consigo o anel.

E' natural que a policia vá passar uma busca á ourivesaria da rua dos Cavaleiros, mas só depois do receptador ter colocado o furto em logar seguro...

O gatuno, que se chama João Dias Monteiro, rua do Capelão, 12-2.º, é já conhecido na policia pelo «Sargento Bera 2.º».

Os atentados bombistas

A brigada de agentes da policia de investigação que está auxiliando a P. S. E. nas suas diligencias sobre os recentes atentados dinamitistas, ainda não deu por concluidas as suas investigações e tanto que ainda hoje foi preso mais um bombista considerado como um dos mais perigosos. Trata-se de Antonio Simões Serrano, que foi autor de atentados contra uma padaria na rua da Senhora do Monte e contra as barbearias do Largo da Graça e da rua da Conceição proximo á Companhia dos Telefones. O Serrano fez parte do «comité» dos barbeiros, secção adherente á Legião Vermelha.

D. Antonia Branco Martins d'Almeida

Faleceu a sr.ª D. Antonia Branco Martins de Almeida, mãe do falecido capitão de fragata, sr. Branco Martins, que foi comandante do cruzador "Carvalho Araujo" e do sr. Augusto Branco Martins, chefe de uma repartição da Camara Municipal de Lisboa e comandante do Corpo de Voluntarios de Salvação Publica.

O funeral da respeitavel senhora realisa-se amanhã, 24, pelas 17 horas, da sua residencia, Rua Ferreira Borges, 181-1.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Cotação da libra

A libra fechou hoje a 113 e 115 escudos.

Pessoal da Companhia dos Fosforos

Retomaram hoje o trabalho os operarios da C. dos Fosforos, sendo dado por findo o «lok-out» iniciado há dias, devido a ter sido, na segunda feira passada, declarada a greve de braços cahidos. A Companhia prometeu aumentar o salario a todo o pessoal, logo que o Parlamento autorise o aumento dos fosforos amorfos.

As forças que guardavam a fabrica retiraram logo de manhã, sem que se tivesse dado qualquer incidente.

Deputados

Na Camara dos Deputados não houve sessão por falta de numero.

DA ITALIA

Mussolini e D'Anunzio

Rapalo. Firme

Emile Bure publica no «Eclair» o interessante artigo que reproduzimos:

«O sucesso é um grande elemento de conversão. Presentemente Mussolini quasi não tem adversarios politicos. O proprio D'Anunzio quebra a jura que fez de nunca perdoar áquele que, depois da assinatura do tratado de Rapalo, havia afirmado que a expedição de Fiume devia terminar.

O duelo entre d'Anunzio e Mussolini permite caracterisar a maneira, penetrar a psichologia dos dois chefes nacionalistas italianos. Quando d'Anunzio partiu para Fiume, o «Popolo de Italia» exaltou seu gesto com calor. «A capital da Italia não é já sobre o Tibre, exclamava Mussolini, é sobre o Quarnero!»

Nitti, duvidando desta verdade, foi brutalmente atacado pelo jornal fascista que, no seu numero «branco» de 15 de setembro de 1920 escrevia: «Censurado á ordem deste porco de Nitti. — Francisco Xavier Nitti, colarde ministro bourbonico, gritamos-te daqui: Viva Fiume italiana! Viva d'Anunzio!»

«Meu caro camarada, está lançado o dado: parto; tomarei Fiume pelas armas; que o Deus de Italia vele por nós.» E' nestes termos que d'Anunzio anunciou a Mussolini que se punha em marcha para o tão desejado Quarnero. Durante um ano foi completo o acordo entre o «comandante» e o director do «Popolo de Italia». Mas Mussolini, que antes de tudo é realista, quando a 12 de novembro de 1920 o governo de Belgrado renunciou á anexação de Fiume e consentiu em dar autonomia a esse porto, declarou-se satisfeito. D'Anunzio ameaçava, jurava amortalhar-se nas cinzas da cidade; mas ele, mais calmo, escrevia serenamente: «O fascismo não pode ser intransigente em semilhante questão. O acordo para Fiume e para a fronteira oriental é aceitavel.»

Os dois homens que em 1915 haviam decidido a entrada da Italia na guerra, que haviam gritado juntos: «A Republica ou a guerra!» iam, para alegria dos seus adversarios comuns, entrar em luta? Homem franco, Mussolini não receou procurar entrar em acordo com d'Anunzio, mas este continuou surdo e se grande numero dos seus antigos legionarios envergaram a «camisa negra», foi contra sua vontade. Quando os fascistas arrancaram das mãos dos socialistas a municipalidade de Milão d'Anunzio consentiu em aparecer á janela do Palacio Municipal; mas, em logar de louvar o violento comelimento — diz nos Dumenico Russo no "Correspondent" — falou da belesa base necessaria da vida humana e do amor que deve guiarnos para reconduzir os perdidos ao caminho da Patria. Lembrou o episodio do velho cultivador che o cão contra aqueles que desencadearam a guerra e que depois começou a amar quando ouviu dos seus labios a palavra santa da fraternidade.

D'Anunzio era incapaz de barrar o caminho do poder a Mussolini. Pelo menos os liberaes assim o julgaram. Eles convidaram o poeta a presidir na capital a uma grande cerimonia organisada pela Associação dos Mutilados da Guerra, para comemorar o quarto aniversario da victoria de Vittorio Veneto. O convite foi feito em nome de Giolitti e Orlando. Mussolini, que presidia em Napoles ao congresso fascista, foi advertido, e diz-se que, se precipitou a marcha sobre Roma foi para estrangular o «complot» urdido contra ele. Tornado dictador, o chefe fascista cala sob flores, todos os protestos do seu adversario, que encheu de bens. «E' o maior poeta de Italia e do mundo», costuma dizer. Nada lhe deve ser recusado».

Mussolini, como todos os grandes homens de Estado, é um grande comediante, mas os meios que põe ao serviço da sua arte têm tanto de grandeza e de nobreza para que d'Anunzio, sem se diminuir, possa seguir o seu triunfo.

Touros

CAMPO PEQUENO

16.ª corrida. — Beneficio do festejado e estimado bandarilheiro Tomaz da Rocha. O «cartel» era prometedor, mas a materia prima impropria de entrar em qualquer arena e a preguiça inqualificavel de Gaona fizeram desta corrida uma das peores desta epoca, sem animação e sem arte. Tomaz adoçou-nos a boca com muitos rebuçados e cigarros perfumados. Foi a unica fase animada. Até a policia lhe deu para distribuir... bonbons. O curro era composto de 8 garraios pequenos e magros, que envergonham qualquer ganaderia, de Francisco Silva Vitorino, e 2 do afamado ganadeiro João Coimbra, que, não sendo grandes, tinham, no entanto, poder, carne e tipo. Gaona, como acima digo, esteve apatico, preguiçoso e sem a mais pequena vontade de agradar. Foi um eximio bandarilheiro e um regular espada; hoje, que está riquissimo, só tem valor no Banco de Espanha. Como aqui não é costume substituirem-se os touros inutilizados, pequenos, magros ou com outros defeitos, entendo, para que o publico não vá enganado, que os touros estejam em exposição gratuita na vespera da corrida. José Casimiro defrontou-se com um lagarto, ralado, pequeno, magro e manso. Citou por vezes de cara, mas cravou toda a sua ferragem á garupa e alguma com toque na montada. Pegado á volta. Chamada ao cavaleiro.

2.º — Negro, bragado, pequeno, magro, dificil e manso. Alfredo e Custodio não encontraram touro, mas, diga-se a verdade, não tentaram bandarilhar. Pegado de cara.

3.º — Negro, de João Coimbra. Toma 2 varas por uma caida. Gaona nem se mostrou ao touro. Mandou dar-lhe lide de capote, como se fosse em Espanha. Com «los palos» pôs três pares á portuguesa. Com a muleta fez uns passes para dar tempo a despachar. Que grande frete??!

4.º — Pequeno, nobre. Tomaz prende 3 pares regulares. Péga de caras bem citada.

5.º — Cardeno, pequeno. de mais. Gaona veroniqueia «cêrca» sem brilho. Com bandarilhas por dois cambios e mais um par. Esteve pisando terrenos que não lhe pertenciam. Com a muleta faz algo e ... nimba. Pegando de caras sem valor.

6.º — Cardeno, pequeno de mais. José Casimiro citando de caras e terrenos cambiados, consentiu de mais e esteve a brincar. Prende 3 compridos e 2 curtos á garupa. Pegado de caras com alegria.

7.º — Negro. Fernando Menezes faz a gaiola descalda e mais 3 pares embor cados e Alfarero 2 pares de qualquer maneira. Este touro levou lide que chegava para todos. Pegado de caras com piano.

8.º — De João Coimbra — Bonito e manso perdido. Leva 2 varas por engano e não quer mais. Gaona que nada fez com o capote, pôz um par á portuguesa e recusou-se a tourear. Com a muleta esteve desconfiadissimo e simula atravessadissimo ficando desarmado. Bronca geral. Pegado á volta á 3.ª e grande ovação aos forcados?! Porquê? Se tivesse pigado a 1.ª, vá!?!

9.º — Jabonero, pequeno. Tomaz e Gaona prendem 2 pares cada, á portuguesa. Péga de caras.

10.º — Coxo. Inteligencia a cargo do distincto amador Luiz Pimenta, prejudicada com a presença das bailarinas, que lhe roubaram o logar.

EL TERNO.

Para o dia 26, tourada nocturna organisada por dois distinctos aficionados em que tomam parte o valente e elegante diestro «Faculdades», o espada que conseguiu maior «cartel» em Lisboa, José Casimiro e Simão da Veiga Junior e o valente grupo de forcados de Mario Sant'Ana.

Exposição do Rio de Janeiro

Sr. Director:—Numa entrevista ha dias publicada no seu muito lido jornal, fizeram-se referencias desagradaveis ao signatario nas relações que, como Comissario Geral do Governo, teve no Rio de Janeiro com a ilustre cantora sr.ª D. Cleilda Ortigão. Para evitar erradas apreciações, convem esclarecer o caso.

Tratava-se de um desejo da ilustre artista que eu não satisfiz porque, em consciencia, entendi tal não poder fazer. Desejava a ilustre artista receber do Comissariado um conto de reis, quantia em que fixara a importancia de uma indemnisação a que se julgava com direito, indemnisação elevada logo a seguir até reis brasileiros 1 600$000.

Não podendo eu concordar com a ilustre cantora, não lhe satisfiz o desejo. E foi tudo quanto se passou. Com muita consideração, sou, etc.— Alfredo Lisboa de Lima.

Vida Elegante

Na parochial egreja dos Anjos realisou-se no pretérito dia 21 o enlace matrimonial da sr.ª D. Laura Alves Martins, gentil filha da sr.ª D. Cecilia Alves Martins e do sr. Julio da Silva Martins, já falecido, com o sr. Alberto Polido Garcia, filho da Sr.ª D. Caetana Rosa da Conceição Polido e do sr. João Polido Garcia, proprietário.

Paranifaram o acto, por parte da noiva, sua tia sr.ª D. Laura da Silva Martins e o sr. Leonel Tavares de Mello, primo da noiva, secretario geral do Governo Civil, e por parte do noivo seus pais.

Foi celebrante o Reverendo Conego sr. Martins Fontes que fez aos noivos uma brilhante alocução. Na «corbeille» viam-se lindas e artisticas prendas. Os noivos partiram para o seu solar na Vidigueira (Alentejo).

A provincia na "CAPITAL,,

Bombeiros Voluntarios — Incendio—Espectaculos

CASTELO BRANCO, 17—Toda a cidade sabe as enormes dificuldades com que a Associação dos Bombeiros Voluntarios vêm lutando, desde ha muito tempo, para bem cumprir a sua prestimosa e humanitaria missão, apesar de possuir pessoal muito competente e algum material muito regular.

Todavia a corporação dos bombeiros precisa fazer aquisição de material e alargar o quadro do seu pessoal, tendo a dirigil-o um bom tecnico, a fim de garantir a população citadina contra qualquer grave desastre. Precisa tambem fazer ressurgir a sua excelente banda de musica, que desde ha muitos mezes não funciona e que era considerada como uma das melhores do país, dando assim plena satisfação aos desejos de toda a cidade, que não pode nem deve estar privada de tão valioso elemento. Precisa a Associação dos Bombeiros Voluntarios, de pôr em pratica a sua reorganisação e muito principalmente o ressurgimento da sua banda para cujo fim toda a cidade tem o dever de contribuir com os necessarios recursos, provando assim que a capital da Beira Baixa possue elementos para a efectivação da benemerita obra de que tanto necessita, para o que devem quanto antes iniciar-se os respectivos trabalhos por meio de uma reunião de todos os valores locais.

—Na tarde de ontem manifestou-se incendio numa propriedade rustica, sita a S. Bartolomeu, a 2 quilometros desta cidade. Compareceram os bombeiros e uma força de cavalaria da G. N. R. que prestaram bons serviços sendo os prejuisos calculados em alguns milhares de escudos.

—A companhia teatral Luiz Pinto-Rafael Marques deu aqui tres explendidas recitas no nosso elegante teatro, com as casas completamente cheias, tendo retirado com as melhores impressões de Castelo Branco, onde prometeu voltar brevemente.— (C.)

Teatros - Musica - Cinemas

A Parceria

Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos merecem do publico português — daquele publico médio, sem preocupações literarias exageradas, com seu fio de sentimento e que em si condensa a alma mais viva e a chama mais forte da raça, raça sem patacoadas patrioteiras, mas raça de sentimentos — um agradecimento sincero.

Eles são, de facto, na sua Parceria, organisada num momento de felicidade, os autores queridos e preferidos do publico, e ás suas obras conseguem sempre imprimir uma expressão que nem por ser sempre acentuadamente popular, deixa de ter o seu fundo de salutar conclusão filosofica, de ensinamento despretencioso e de correcção oportunissima.

«João Ratão», «O amigo de Peniche», o «Conde Barão» e tantas obras de exito notavel são indiscutivelmente trabalhos de teatro, que ficam, mais do que nos arquivos — na recordação sentida de uma geração inteira por aquilo que de sentimento, de graça e de caracter nacional existe nas suas personagens e nas suas situações.

Daqui a vinte anos, essas peças podem ser remontadas. Elas definirão uma epoca e serão ainda uma critica jovial e saudavel e um comentario justissimo á vida de hoje.

Por isso, felicitamos os três felizes autores da «Bichinha Gata» na sua festa de hoje, bem como o seu colaborador o nosso ilustre camarada do «Diario de Noticias», Lino Ferreira, o humorista tão cheio de talento e de «verve» pessoal e o belo caracter «que não tem inimigos».

A noite de hoje é de merecida festa no Avenida — e o publico lá estará, que ele nunca falta.

H. Q. P.

Companhia Oscar Ribeiro-Macedo e Brito

Dissolveu-se a companhia de revista Oscar Ribeiro-Macedo e Brito, que trabalhava no Eden-Teatro, pagando aos seus artistas os vencimentos do mez corrente.

No dia 1 de Agosto, porem, o Eden reabre, sendo explorado pela empreza Metr es & Correia, Limitada, com variedades. No inverno a mesma empreza explorará a revista, montando uma de Eduardo Schwalbach, cujo titulo é ainda desconhecido.

Da companhia de inverno, fazem parte, entre outros, os artistas: Elisa Santos, Alda de Sousa, Lina Samwel, Henrique Alves, Antonio Gomes (Trindade) Augusto Soares (ensaiador) Alves Coelho (maestro).

Noticiario

Faz hoje trinta e quatro anos que faleceu o ilustre actor Antonio Pedro.

Reclames

Passar duas horas em constante gargalhada só se consegue assistindo ás representações do «Fado Corrido» em scena no teatro Maria Victoria, porque esta revista, pelo imprevisto dos episodios, linda musica e tambem pelo aparato e deslumbramento da apresentação, agrada a valer e é aplaudidissima todas as noites nas duas sessões.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes».
S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Boneca».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Ordem de Marcha».
APOLO—A's 9,15—«Morgadinha de Valflor».
AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata».
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45— «Fado Corrido».
AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«A Carta Fatal».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Os compendios oficiais

Injustiças para favorecer
Injustiças para prejudicar

Sr. redactor:—Tenho seguido com interesse o caso daquele compendio oficial de Geografia que trata um preto como sendo o Chefe do Estado Portuguez.

Seria uma benemerita e patriotica campanha a frequente analise dos compendios escolares Trazem ás vezes, coisas que bradam aos ceus!

Mas, se eles são oficiais, é porque existem comissões examinadoras nomeadas pelo Governo, comissões certamente de pessoas amigas ou de facil fama, mas não de homens competentes ou imparciais. A aprovação de certos compendios conhecidos só pode explicar-se por favores prestados pelas comissões. São flagrantes injustiças.

E conforme ha injustiças que favorecem, ha tambem injustiças que prejudicam o ensino e os autores. Eu vi, o ano passado, no «Diario do Governo», o relatorio duma comissão examinadora de livros, cuja publicação não devia ser permitida. Aquilo é um artigo de verrina, injusta verrina, onde se espelha a falta de senso e criterio do articulista e até a sua ignorancia. Vi, na secção de historia de Portugal, uma carta de decredito contra o antigo e competente professor sr. Fortunato de Almeida e ainda contra não sei quantos mais. Insinuava-se ignorancia, falta de observancia dos programas, etc., nos menos delicados termos.

E—coisa interessante!—a comissão queria que o compendio apresentado (Historia de Portugal para a 5.ª classe do liceu) contivesse tambem a Historia universal a acompanhar, citando até o programa, que diz justamente o contrario: que o livro deve dar ao aluno o conhecimento, a compreensão e o sentimento da continuidade da vida nacional, e que o professor deve «esclarecer os factos culminantes e mais fisionomicos da Nação, aproveitando tambem o estudo da historia pátria para, atravez dos sucessos portuguezes, serem revistos os grandes capitulos da Historia universal, quasi todos eles e a começar nos da historia de Roma, devendo ser evocados quando se consideram as origens, formações e desenvolvimento de Portugal».

Pois a ilustre comissão rejeitou o livro do sr. Fortunato de Almeida, porque não trazia com a Historia de Portugal, tambem a Historia universal! Se essa tolice for avante, calcule-se a grossura do volume! Quando o programa diz apenas que o livro é de Historia de Portugal e que o professor deve fazer recordar os factos coevos dos outros paises. E apesar daqueles «sucessos» portuguezes (que até parecem franceses), assim é que está certo, o livro de Historia universal é outro, nem podia deixar de ser. Os livros escolares quanto mais pequenos melhor.

Competente comissão, sr. ministro! E continua a prejudicar o ensino, aprovando maus livros e rejeitando bons. E' uma comissão a pedir vassoura.

E quem indemniza os autores feridos? —«O pai dum estudante»

A' vereação de Lisboa

Lupanares ao ar livre

Sr. Redactor - Não posso deixar de dar esta designação a diversos pontos, dos mais concorridos do centro da capital, que, mercê do desleixo da anterior vereação, se prestam a scenas vergonhosas e improprias duma capital civilisada. Para conhecimento e prontas providencias da nova Camara Municipal, venho citar a rua Joaquim Bonifacio, que ligando a rua Conde Redondo com o largo de Santa Barbara, passando pela porta de entrada do hospital D. Estefania, num prolongamento aproximado de 400 metros e a rua da Escola do Exercito, tambem com o mesmo prolongamento, cobertas com frondoso arvoredo, a primeira sem um unico candieiro aceso, e a segunda tambem sem luz, no trecho arborisado, e sem vigilancia policial; se prestam a coloquios amorosos e a diversos crimes.

Quem tiver de passar altas horas da noite por estas ruas é muito raro que não encontre diversos casaes distanciados uns dos outros enlaçados, encostados a arvores ou a paredes.

Duas ou tres luzes e um policia em cada uma destas ruas, já evitava, em parte, que estas scenas fossem presenciadas por quem tem de as percorrer. De v. assiduo leitor—*F. G.*

Cem mil dólares

"Horas de angustia"

Jorge Walsh, o eximio e popular actor norte americano, volta a figurar esta noite no elegante «écran» do Salão Central, desempenhando o protagonista da famosa pelicula, em seis partes, «Cem mil dolares».

Esta nova producção cinematografica, alem do seu entrecho cheio de novidade e dos seus aspectos duma verdadeira beleza, tem scenas de intensiva emoção e, como todos os «films» da sua origem, um grande fundo de moral.

O publico, admirando o sensacional romance de amor e de abnegação, não só se delicia como se educa.

Acompanha esta surpreendente novidade o empolgante drama, em oito partes, «Horas de angustia», autentica corôa da gloria da extraordinaria artista Lucy Doraine, actualmente considerada como uma das mais fulgurantes estrelas da Arte do Silencio, sendo tambem exibido um bélo acto de «Actualidades», com varios assuntos desportivos, como regatas de remos, corridas de canoas-automoveis e, ainda, a fechar o espectaculo, a comedia, em duas partes, «Meninas do Côro», unica no genero que tem aparecido em Lisboa, pela movimentação das suas personagens, choque de automoveis com comboios, corridas vertiginosas e outros graciosos episodios que muito divertem o espectador.

Gazolina
Petroleo
Oleos

SHELL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.ª L.td

Rua do Crucifixo, 49
LISBOA

Moveis estofados
e
decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglês e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuills e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO
(Fornecedor da Legação Britanica)
29-33 — ua do Sacramento á Lapa — 29-33
TELEFONE C. 1884

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia ingleza, em rolos de 120; 600 e 700 braços, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO

Rua Vitorino Damasio, 10
TELEF. CENTRAL 3120

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Tindade, 14
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 4444

RELOGIOS DE PAREDE

ACABAM de chegar de marca Soleil e Radium. Despertadores de fantazia de Babys. Fournituras e ferramentas para relojoeiros, ourives e gravadores.

Grande sortido
COTRINS & AFONSO, LTD.

A. J. d'Almeida & C.ª
TELEFONE C 436 — **CAMBISTAS** — END. TELEG. ALMINGUES
172, Rua do Comercio, 176
LISBOA
Compra e venda de moedas e notas estrangeiras. Papeis de credito, coupons e ordens de Bolsa
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, durezas, picaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias
Mario Brandão, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND-PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:
«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»
DEPOSITO:
RUA NOVA DA TRINDADE, 90—(Telef. N. 2641)
PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c.—(Telef. C. 5113)

—AS—
VANTAGENS RESULTAM QUANDO SE FAZ USO DA MAQUINA "TORPEDO"

TORPEDO

Agentes no Sul do Paiz:
J. Anão & C.ª, L.da R. Fanqueiros, 376, 2.º
Telefone N. 3536

Vinhos espumosos de Lamego
(Caves da Raposeira)
Reserva de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

NAZARÉ
Hotel Club
Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto
— todo o ano —

Dinheiro
Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.
A MODERADA
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.
Bento, Silva, Pinto, L.da

Por sentença de dois de Maio do corrente ano, que transitou, foi decretado o divorcio êntre os conjuges Manuel Veloso e Olivia Alves, requerido por aquele contra esta, ficando assim o seu casamento dissolvido para todos os efeitos legais.—O escrivão do 3.º oficio da 6.ª Vara, Adelino Augusto Simões de Sampaio.—Verifiquei a exatidão: O juiz de Direito, D. Castro e Solla.

Mobilias
Compra-se casas completas e desirmanadas.
Bento, Silva, Pinto, L.da
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças da boca, cirurgia, prothese ortodencia
LARGO DE S. PAULO, 19, 1.º

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
R. JANEIRO 1908 — ANVERS 1894 — BELEM 1885
LONDRES 1904 — LISBOA 1888 — PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1916, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

BAIXA DE PREÇOS
Mobilias vendidas directamente ao publico

Os proprietarios dos Armazens de mobilia da Rua do Conde Redondo, 100 a 102, participam aos seus Ex.mos freguezes e ao publico em geral que resolveram vender todo o seu «stock» de mobilias que tem em armazem e nas suas oficinas com grandes abatimentos, sendo esta uma ocasião magnifica para quem precisar de mobilar as suas casas.

PREÇOS DE COMBATE
MOBILIAS
Grande sortimento para todos os preços
VENDAS FEITAS SEM INTERMEDIARIOS
Ninguem compre sem confrontar estes preços e o belo acabamento

ALFREDO SANTOS, L.da
100, Rua do Conde Redondo, 102
TELEFONE N.º 2792

NÃO CONFUNDIR — Esquina da Rua de Santa Marta, em frente á paragem do electrico

---

"Cimento HERMES"
(Portland artificial)

PORTLAND CEMENT — HERMES

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: **ESTEVES, L.DA**

LISBOA:— R. S. Paulo, 104, 1.º — Telef. C. 2894
PORTO:— R. da Reboleira, 19, 1.º — Telef. N. 1178

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com installações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. **Degraissage à sèc** (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47 — **LISBOA** — Tel. N. 3018

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO
Luiz Alberto d e Pinho

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
Abrem-se brevemente novos cursos para principiantes de
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : : : : : a inscrição : :

Sucata
Compra-se pelos melhores preços e fabricas completas.
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.
Bento, Silva, Pinto, L.da

Dr. Antonio Monteiro Medico — R. N. do Almada, 33, 1.º Tel. 2844-C. Residencia R. Almeida e Sousa, 83.—Tel. 2259-N.

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA—GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO—PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* **Telefone N. 320**

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4438-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || ...a-feira, 24 de Julho de 1923 || Telefone, C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

MONTEVIDEU, 24.—O diario El «Siglo» recebeu da fronteira do Paraguay noticias verdadeiramente alarmantes. Segundo eles os revoltosos deram batalha ás forças fieis no Vale de Santa Monica, derrotando-as completamente. Diz-se que os rebeldes em numero de 3.000 conseguiram entrar em Assumpção. Consta ainda que conseguiram aprisionar o governo, mas esta noticia não está confirmada, supondo-se boato propalado pelos elementos afectos aos revolucionarios. — (R.)

NAS ULTIMAS

Em todas as questões que se relacionam com a situação politica, os monarquicos se vêem em sérias dificuldades para darem uma aparencia de rasão á sua pobre dialectica. Mas é na questão religiosa que eles trepam positivamente pelas paredes.

Veja-se o que está sucedendo com a carta do Papa dirigida aos bispos portugueses.

Essa carta louva os bispos por todas as suas atitudes, mas ainda especialisa a que esses altos prelados tomaram, publicando a pastoral de 29 de Setembro do ano findo, contra a qual os monarquicos investiram furiosamente porque deu um golpe tremendo na velha especulação politica que tem feito, com a religiosidade nativa do povo portuguez, para favorecer a causa da monarquia.

Assim, como muito bem hoje nota a «Patria», a carta pontificia não se esquece de acentuar o valor desse documento, altamente honroso para o episcopado portuguez.

«Já na Pastoral colectiva que no dia 29 de Setembro do ano findo destes aos vossos fiéis — diz o Papa — vós prestastes não pequeno serviço á causa catolica em Portugal, *seguindo verdadeiramente as normas desta Sé apostolica.*»

O sublinhado é da «Patria», e marca realmente bem a sancção absoluta, categorica, insofismavel, que o Vaticano dá a todo o texto da pastoral, que tão invectivada foi pela imprensa monarquica.

Depois disto, aos monarquicos só restava, como catolicos, obedecer ao Papa, na propria matéria politica contida na pastoral, ou revelarem-se abertamente contra ele.

A sua fraqueza e a sua má fé leva-os porém a outra atitude.

Essa atitude é a da duplicidade da mentira, da confusão, do enredo.

Quem os lêr acreditará que na carta do Papa vem escrito exactamente o contrario do que lá se lê.

Dir-se-hia que o Papa incita os catolicos contra a Republica, ordenando aos bispos que, como ele proprio o fará, sigam docilmente as instruções da conhecida firma *Nemo*, Moreira de Almeida, Anibal & C.ª, de responsabilidade limitada.

Quer dizer: tudo ao contrario, tudo ás avessas!

Mas quem supõe essa gente iludir com tantas imprudentes mistificações?

A verdade é que ninguem desconhece já a situação em que se encontram, em Portugal, os monarquicos.

Quizeram esmagar a Republica, invadindo o paiz á frente de hostes avançadas e equipadas no estrangeiro. Nada conseguiram.

Quizeram fazer revoluções em Portugal, caraterisadamente monarquicas. Exemplo: a sublevação de Mafra. Nada conseguiram.

Quizeram subrepticiamente destruir a Republica, auxiliando movimentos com a taboleta republicana. Exemplo: o sidonismo. Nada conseguiram.

Quizeram bater a Republica nas urnas eleitoraes, chegando a afirmar que uma victoria nas eleições paroquiaes de Lisboa provocaria, no espaço de breves dias, a restauração monarquica. Não o conseguiram.

Quizeram impôr como um dogma a estranha afirmação de que não se podia ser catolico sem ser inimigo irreductivel da Republica. Não conseguiram fixar no espirito catolico essa falsidade monstruosa.

Que podem daqui em diante fazer como monarquicos?

Nada!

Se ha um espirito conservador em Portugal é dentro das instituições que ele deve manifestar-se. Fóra desse dominio, não tem viabilidade de especie alguma.

AS REPRAÇÕES

A nota francesa

é esperada em Londres com certa ansiedade

LONDRES, 24 — Nos circulos politicos receia-se que a réplica francesa á nota ingleza seja muito tardia e sem nenhuma utilidade visto que segundo parece o sr. Poincaré está resolvido a protelar as negociações por meio de contra propostas até depois das férias do verão. O «Times» prevendo grandes dificuldades economicas e um grande cáos financeiro em toda a Europa central censura os aliados por não terem auxiliado a tempo um plano que permitisse resolver rapidamente a terrivel situação da Europa.

O «Times» pede á França que dê a sua resposta imediata á nota britanica, sem evasões e subterfugios. — R.

A 40 GRAUS...

O ambiente politico de ESPANHA aquece cada vez mais!...

A questão das responsabilidades de Marrocos

continua na ordem do dia, electrisando as "élites" e a população

Aniversario dolorosissimo e sangrento, o que passou em 21. Buscando a iminencia tragica e ensanguentada de Mont-Arruit, a Espanha, os olhos humidos de lagrimas recorda amargamente a derrota. Do fundo do seu coração amargurado; do amago do seu espirito vexado e torturado, ergue-se um clamor e um protesto, levanta-se uma frase raiada de indignação...

E' que a Espanha sacudida pelo desastre—atribue-o á inepcia dos chefes e responsabilisa os politicos, para quem a questão de Marrocos, a dolorosa odisseia de milhares de almas, não tem sido mais que um excelente cavalo de batalha... oposicionista.

Ao passo que a opinião publica exige que se deslindem as responsabilidades e os responsaveis sejam castigados com severidade, com exemplar violencia, correspondente ao crime de traição que se lhes atribue, os supostos afins das figuras politicas e militares que os dedos, tremulos de colera, das familias tão tragicamente enlutadas, apontam e indicam sem rebuço, fecham-se num silencio profundo, aziago, que pode ser uma manifestação de remorso ou uma demonstração de acobardado terror.

* * *

E' por isso que o clamor sobe e a onda exigente dos que reclamam justiça ou vingança, cresce, avermelhada e empolgante, dominando tudo, desmoralisando as esferas politicas e scindindo o exercito.

Entre os seus chefes mais categorisados ha quem desça á multidão, vibrando com ela, dando alento ás suas reclamações, interpretando, depois, para as esferas superiores, a sua aspiração indignada, o seu desejo, a sua vontade que não domina, mas que lentamente se impõe.

As «élites» independentes estão com os reclamantes, formam na sua vanguarda, dão expressão violenta á sua febre, ao seu delirante estado de espirito, á sua exaltação patriotica, que exige a depuração do exercito pelo castigo daqueles que, a seu ver, o desonraram e a renovação total dos processos politicos.

* * *

Na verdade é, sobretudo, uma questão politica, a questão do apuramento das responsabilidades.

Na oposição, os liberais deram-lhe vulto, aqueceram e intensificaram o ambiente que mal se esboçava, atacaram os governos que rapidamente se sucederam acusando-os de cumplicidade com os traidores—uma palavra muito em voga nos jornais, nos discursos, nas ruas...

Alcandorada no poder, os liberais—seguiram, afinal o exemplo dos outros partidos. A breve trecho não se falou na questão de Marrocos. E quando, na imprensa e nas ruas, se deu por isso, as invectivas contra o governo liberal atingiram uma violencia inaudita, um vigor desconhecido até então.

Desenvolvendo-se como um incendio, a campanha galgou as mais altas esferas, envolveu as personalidades mais antagonicas, estendeu-se ás massas e electrisou-as num movimento cujo secreto objectivo, cujas consequencias, não se sabe precisar ainda. O que é certo é que ele se avoluma, ganha proporções e alastra pela Espanha fora, fazendo estremecer os alicerces das instituições politicas...

* * *

Forçado pela opinião, o governo nomeou uma comissão parlamentar de inquerito, composta de 21 membros. Essa decisão, porem, não agradou e hoje chama-se depreciativamente á comissso—«la de los veinteuno». Como os seus trabalhos são morosos e a campanha oposicionista é cada vez mais intensa, não se perdendo de vista os passos, todos os passos da comissão alarga-se a desconfiança no resultado dos seus trabalhos e põe-se em relevo a inconsistencia da autoridade governamental, que cede a imposições misteriosas. E, uma vez que tanto em França como na Inglaterra, a necessidade de chamar a capitulo os responsaveis pelas derrotas dos exercitos desses paizes, é coisa por assim dizer, assente, os orientadores da oposição em Espanha encontram mais um excelente diapasão para as suas incendiadas objugatorias.

* * *

Apertado entre duas violentas correntes, o governo liberal oscila. De um lado, a oposição, cada vez mais vigorosa, cada vez mais cheia de audacia, cada vez mais hostil; do outro, os elementos que um inquerito de miudos pormenores pode atingir e liquidar. Prevê-se,—porque se reclama,—a sua queda. Mas ha quem diga que este governo liberal — será o ultimo governo das forças politicas constitucionais. O apuramento das responsabilidades de Marrocos acarretará—pelo menos é o que se pretende—a renovação politica, social e economica da Espanha, com o triunfo, que parece assegurado, dos elementos activos que constituem as «élites» oposicionistas.

QUE É ISTO?

UM MENOR

preso no Governo Civil, espancado por um agente!...

Recebemos esta tarde a seguinte carta, a que nos apressamos a dar publicidade. Se os factos nela relatados são, como supomos, verdadeiros, estamos em presença duma monstruosidade a que é preciso que as autoridades correspondam legitimamente. Semilhantes processos, por serem absolutamente infames, estão hoje banidos dos paises civilisados. E parece-nos que Portugal ainda fica na Europa. A não ser que as auctoridades visadas nesta carta se julguem num paiz desconhecido e fóra de todas as convenções internacionaes. Mas parece-nos que nesses paizes, o sistema usado para com as vitimas tem sido, pelo menos algumas vezes, aplicado aos algozes... O que não é possivel é admitir que, quem quer que seja, se julgue autorisado a pôr em prática violencias que desapareceram com a inquisição.

Eis a carta:

Sr. redactor — No dia 20 do corrente foi preso pela Policia de Investigação um menor, chamado Ruben Soares Esteves, o qual foi posto incomunicavel numa esquadra.

O preso é acusado de um crime comum, que nega terminantemente e, por isso, tem sido vitima de violencias. A policia fez ressuscitar scenas crueis de outros tempos e que são improprias de um povo civilizado.

O agente que trata dêste caso bateu ontem á noite desalmadamente no preso, o qual mal se sustinha em pé e pedia ao seu algoz piedade. Hoje, de manhã, o preso tentou envenenar-se e, depois de lhe lavarem o estomago na enfermaria, foi ameaçado de ser espancado hoje, á noite, com um cavalo marinho. O rapaz é muito fraco e o seu carrasco um homem alentado.

Tive conhecimento destas crueldades por outros presos, que me pediram para escrever estas linhas, a fim de pedir assistencia moral para este desgraçado, a quem já prenderam quasi toda a familia e a quem pretendem assassinar.

Sou, com subida consideração, de V. etc. — *Luiza de Albuquerque.*

UMA HORA DE PALESTRA COM

O GRANDE ACTOR POPULAR

ESTEVAM AMARANTE

A SUA VIDA DE EMPREZARIO; O ACTOR E O DISCIPLINADOR DE TEATRO; PELO BRAZIL FÓRA; A VIDA PASSADA; O SEU COMEÇO ARTISTICO; O SEU PUBLICO; O SEU FEITIO; — — — A SUA ALMA — — —

Estevam Amarante, o actor querido das plateias populares — de todas as plateias — esse homem que tem tantos admiradores de pé descalço ali no Bairro da Esperança como no aristocratico club tauromaquico, é uma figura cheia de pitoresco, de curiosidade, de «charme». A sua fórma de falar, a sua atraente fisionomia, onde aparece sempre o «Sabastião Brabosa» do Conde Barão, e o o João Ratão da guerra, conquistam desde logo, no palco e na vida.

Conversamos com ele uma hora, sobre tudo, sobre teatros principalmente. Amarante é director duma companhia e, como tal, tem desenvolvido uma energia e uma actividade enormes. O seu grupo é apontado constantemente como um exemplo de estreita e modelar disciplina. As suas peças são — neste jornal muitas vezes se lhe tem feito justiça — admiraveis sempre, como conjuncto, plenas de harmonia, e o publico que frequenta a sua companhia tem sempre a certeza de que Amarante lhe não apresenta vigarismos teatrais, que os seus artistas sabem os papeis e que ele proprio sabe o que faz — como actor e como emprezario.

Amarante, na sua esplendida criação do João Ratão, imorredoira figura popular, que o consagrou de ha muito.

(dum "croquis" de Leitão de Barros)

Falamos de muita coisa. E' com entusiasmo que Amarante fala da sua obra de emprezario. E, vem ao acaso, da conversa, sem petulancias nem exibicionismos, sem que ele soubesse que nós lhe faziamos uma entrevista um exemplo de nobreza, que é grato registar, num meio onde tudo é mais que desmoralisador, como é o do teatro. Amarante e a companhia estão em fatigante viagem pelos estados do Brazil. Num dado momento a companhia parte duma cidade para outra, perdida entre vegetações agrestes e calores torridos. Amarante conta-me o que é o horror de ser tudo na companhia: tesoureiro, director, secretario, tudo. São as bagagens com o material, são os logares, são os artistas, são as coristas, são as mil e uma coisas. Na precipitação da partida, apenas um compartimento de 1.ª é cedido a quem como Amarante havia requisitado seis. Quem segue nele? O emprezario, a primeira actriz? Não, os outros artistas. Amarante e Satanela seguem em 3.ª classe, entre sórdidos companheiros de viagem e pestilentos odores... Todos querem trocar o logar com o seu director. Amarante não aceita. Ele é o ultimo a ser servido. E lá vai, uma noite inteira, no peor logar, aquele comandante de navios de papel pintado, aquele general de espada de papelão, onde tudo é postiço e colado a verniz, menos uma bela alma de artista e um espirito de eleição que são bem autenticos e verdadeiros

Nunca tive pressa de ser emprezario — diz-me Amarante.

— Olhe, passei mezes, anos, a representar nos barracões da feira, revistas por sessões — ás vezes 5 vezes num dia. Trabalhei muito, muito, nunca fui um revoltado. Amei desde o primeiro instante, com toda a força das minhas tendencias esta profissão. Nas mais insignificantes rabulas de revista — e tantas fiz — em todas via teatro, todas eram para mim pretextos de aparecer em publico e portanto de o respeitar, e de me respeitar a mim mesmo. Ainda hoje trabalho muito. Antes duma peça ir aqui á scena, sabes bem o que eu trabalho, o que eu estudo. Por isso, posso ter um sucesso mediocre — mas um fracasso absoluto, retumbante de se não aproveitar nada... ainda não experimentei.

Amarante vai partir para Paris. Descançar e vêr. E' preciso. Não vai lá copiar. Vai lá pôr-se a par. Os emprezarios não são caixeiros viajantes de peças. Mas vão folhear uns dias esse belo livro ilustrado que é Paris, vão estudar, vão aprender, no intuito honesto de servir o melhor possivel o seu publico.

Amarante não vai pois, para Paris, a comprar como qualquer modista as suas novidades de estação, vai trabalhar para todos nós que no inverno o veremos, todo lépido ali sobre o palco do Avenida a representar. Felicidades pois na viagem. Ai fica hoje apenas esse traço de nobreza dum emprezario que não é milioiano, que o é por direito absoluto de conquista e que o é a bem da sua arte e do teatro portugues. Boa viagem, pois!

Banco de Angola

Anuncia-se para breve a fundação do Banco de Angola, com séde em Loanda e filiais em Lisboa, Londres e Nova York.

A' frente do grupo de organisadores da nova instituição de credito, estão os srs. Antonio Costa, da Sociedade Agricola de Ganda, Bernardino Correia da Companhia do Amboim e o velho colonial e capitalista angolense, sr. Manuel Soares Nazareth.

O capital de 12.000 contos, será todo subscrito pelas principais companhias e capitalistas de Angola.

Partido Nacionalista

Deve sair em 5 de Outubro o orgão oficial do Partido Nacionalista, apoiado financeiramente apenas pelas dedicações partidarias. Diz-se que o jornal será dirigido pelos parlamentares srs. dr. Ferreira de Mira (redactor principal) e Pedro Pita (secretario de redação).

O TRIBUNAL DE LEIPZIG

O capitão Ehrardt

começou a ser julgado com os seus cumplices

LEIPZIG, 24 — Começou ontem o julgamento dos cumplices do capitão Ehrhardt que se evadiu recentemente da prisão onde estava pelo crime de alta traição. A princesa Margarida de Hohenlohe Oehringen de 29 anos de idade terá que responder neste processo pelo crime de perjurio por isso que afirmou perante o tribunal de Munich que tinha ligeiras relações pessoaes com o capitão Ehrhardt, tendo declarado duas horas depois que este oficial tinha estado em sua casa sob o nome de Eschwege. — R.

ABALO SCISMICO

Produziu-se um nos Estados Unidos

que causa inumeras vitimas e uma enorme perturbação

NEW-YORK, 24 — Em Santa Barbara, em São Diego e nas regiões circunvisinhas houve um forte tremor de terra que durou 20 segundos e se propagou a grande distancia. Em Hollywood num grande bairro onde vivem as grandes estrelas dos cinemas as campainhas de alarme contra os ladrões começaram a tocar simultaneamente, pretendendo as artistas obter ligações telefonicas com a policia mas descobrindo com grande terror que os telefones não funcionavam. Os prejuizos são grandes.

EDUCAÇÃO POPULAR

Bibliotecas nos jardins e nos hospitaes

Autores que se leem e outros que não são procurados

O que tem feito a Universidade Livre

Uma educação intelectual popular, não só acessivel mas ainda higienica, é a que a Universidade Livre vem organisando com o interessante sistema das bibliotecas nos jardins publicos.

Ha mais de ano e meio que foi montada a primeira dessas bibliotecas no Passeio da Estrela, cujo movimento de leitores tem sido curioso e elevado, e á qual vai seguir-se uma outra a inaugurar no proximo dia 29 no Passeio de S. Pedro de Alcantara.

* * *

O sr. Alexandre Ferreira, o conhecido apaixonado paladino da educação popular, conversa hoje com o nosso redactor ácerca das bibliotecas aludidas, a que mais propriamente chamaremos «ambulantes» pela sua fácil deslocação e adaptação para qualquer e a qualquer logar.

«A' educação por tal sistema, diz-nos o sr. Alexandre Ferreira, vai ser dado um caracter nacionalista que resultará da preferencia e selecção dos nossos bons autores, mas sem que na dificil sintese que para tanto é preciso fazer os autores estrangeiros, pela sua gloria tornados mundiaes, das bibliotecas ambulantes sejam afastados.»

— Como tem a vossa empreza sido recebida do publico? — interrogamos.

— O melhor possivel, tanto pela afluencia de leitores das mais varias classes, e sobreutdo estudantes e operarios, como pela boa conservação em que tem deixado os livros, dos quais nem um unico ainda foi roubado, o que, aliás, sucede noutras bibliotecas.

«A de S. Pedro de Alcantara, parece que, será decerto uma das melhores, dada a beleza panoramica que do local se disfruta: com o Tejo em frente e a cidade escalonando-se pelas colinas.

«E a atmosfera higienica dos locais onde montamos as bibliotecas, não será um factor importante para revigoramento da mocidade que, á falta de estancias aprazíveis na cidade, se estiola e se vicia na ambiencia irrespiravel dos cafés?

«E tudo isto temos conseguido e vamos procurar desenvolver, apenas com a insignificante cotisação dos nossos associados e raros auxilios particulares. Está, porém, dentro da sua função e cumpre com os fins a que se propoz; tem um belo movimento escolar e os melhores resultados no aproveitamento dos alunos.

— Onde colocam mais bibliotecas?

— Em breve, nos hospitais, que, como sabe, não as tem. Vêem-se assim aqueles dos seus internados que pódem lêr, sob á privação enervante, sobretudo para quem tem necessidades intelectuais, dos livros.

«A primeira será inaugurada no Hospital de Santa Marta e seguir-se-ha pelos de S. José, onde o movimento hospitalar é grande e onde portanto se fará uma biblioteca maior do que nos outros que terão para si 500 volumes cada.

* * *

Damos a seguir a titulo de curiosidade alguns resumos dos mapas do movimento de leitores na biblioteca da Estrela, onde se verifica, como de resto em todas as bibliotecas do paiz, a grande disparidade entre o numero de leitores do sexo masculino e feminino — em desabono da cultura deste ultimo.

Nos numeros abaixo predominam muito os estudantes, a que se seguem os empregados comerciaes e depois operarios. E' bom lembrar que a biblioteca fica junto do liceu de Pedro Nunes.

1923, abril — Leitores de ambos os sexos, 540; autores 73.

Maio — Leitores, 676; autores 76.

Junho — Leitores, 428; autores 70.

Estes são os ultimos resultados, que já se apuraram.

A biblioteca da Estrela inaugurou-se em Junho de 1922 com grande entusiasmo de leitores como vai ver-se.

1922, Junho — Leitores 839; autores 89.

Julho — Leitores, 3581.

A seguir vêm os mezes de inverno em que o movimento diminue. Autores, na maioria romanticos, preferidos: Alexandre Dumas, Camilo, Julio Verne, Eça, Julio Diniz e Garrett. Os livros de instrução profissional têm uma leitura relativamente importante. Outros autores, menos lidos: Gustavo Le Bon, Faguet, Brieux, Payot, Gomes Leal, Junqueiro, Hugo, Herculano, Le Dautec, Bordeaux, etc., etc.

Nota curiosa: Para Julio Dantas, Fialho, a Biblia e o sr. Forjaz de Sampaio não vimos leitores!

Os operarios, preferem as obras, como é natural, de Tolstoi, Gorki, Kropotkine, etc.

QUESTÃO DO INQUILINATO

Apaches de capelo, borla e... becal..

A' Magistratura Judicial compete juntar o seu protesto ao nosso, repudiando uma camaradagem afrontosa—A Vara da Justiça não pode transformar-se em cajado de pastor

Supõe muita gente que a firma Eduardo Martins & C.ª, L.da, nunca conseguiu dos tribunais um julgamento favoravel á sua causa. Isto é um erro. Pelo contrario: a firma Eduardo Martins & C.ª, L.da, viu a sua justiça reconhecida em sentença do Tribunal do Comercio de Lisboa, sentença aliás fundada na resposta unanime do jury aos quesitos que lhe foram postos. A acção de despejo fora iniciada pela Companhia de Seguros União dos Proprietarios, tendo como unico fundamento o facto alegado de que o inquilino Eduardo Martins & C.ª L.da, fizera importantes obras no predio arrendado sem que para tal fosse autorisado, por escrito, pela senhoria. De modo que surge, desde já sem mais detido exame, esta inconsequencia, verdadeiro paradoxo se fôr encarado, como é justo, por um prisma de perfeita equidade: Eduardo Martins e C.ª, L.da, valorisa o predio que arrendou, realisando nele melhoramentos onde gasta importantes quantias; pois, por tal crime, rua com ele e cêde-se ao proprietario, de mão beijada e para sua felicidade, o predio comercialmente valorisado e, ainda por cima, ricamente melhorado.

E' forçoso confessar que no genero nunca apareceu nada nem melhor! E ganancia imoderada da Companhia União dos Proprietarios, ganancia da usura e agiotagem desesbaladas confessa-se sem pudor exigindo a Eduardo Martins & C.ª, L.da, a quantia de trezentos contos para se trancar a acção de despejo. Se Eça de Queiroz ainda vivesse não deixaria de incluir nos «Maias» este aspecto flagrante da amoralidade de certos detentores do omnipotente capital. O juri comercial viu, certamente, tudo isto, e muito mais e não quis sancionar a extorsão que se pretendia fazer á firma Eduardo Martins & C.ª, L.da. Deu como não provados, por unanimidade, os quesitos e a acção foi julgada improcedente, com condenação da autora Companhia União dos Proprietarios.

A questão, porem, não ficou aqui. Os cofres da Companhia União dos Proprietarios abarrotam de escudos. Toca, pois, a mobilisa-los contra a firma Eduardo Martins & C.ª, L.da, perseguindo-a atraves dos tribunais, a fim de a forçar a largar os trezentos contos ou o predio onde exerce o seu comercio. Ou a bolsa ou a vida: os tresentos contos ou a morte comercial duma das mais acreditadas firmas desta praça.

Foi interposto recurso para a Relação de Lisboa que, em acordão, ordenou o despejo.

Para nós, que somos leigos em questões juridicas, tão respeitavel é a sentença do Tribunal do Comercio como o acordão da Relação. Mas ha coisas que são incompreensive...

ULTIMA HORA

UM CRIME

A VITIMA
DO CABO MORENO
ja foi autopsiada

O RELATORIO medico-legal está no comando da G. N. R.

O valor scientifico desse documento

Os senhores devem recordar-se ainda, apezar da serie ser grande, como nos cinemas, e aparecerem sempre episodios novos nesta Lisboa que está tendo de crime e de abjeção.

Certa tarde a guarda fiscal de um dos postos ao longo do Tejo viu que um homem, um cabo da Guarda Republicana, atirava ao rio disfarçadamente, como quem procura acautelar-se, um cabaz. O cabaz continha pedaços de carne humana. Seguiram-no. Ele voltou de ali a pouco trazendo novo fardo e dando a este o mesmo destino, da mesma forma se acautelando. Deitaram-lhe a mão. Ficou um pouco confuso. Tentou ainda explicar, desculpar-se. Mas a consciencia gritava nele mais alto do que as vozes de salvação que porventura o seu espirito pudesse ainda crear.

E cinicamente, numa grande serenidade, confessou tudo, disse tudo. Ele era na verdade um criminoso. Chamava-se Anastacio Moreno, e a sua vitima era Josefa Lino sua hospede vinda ha pouco de longiquas terras, fisionomia interessante, rosto claro e aberto a despertar sensualidades, a provocar instintos. Cortara-a com um machado; servira-se de uma navalha de barba para completar a façanha. Depois quizera desfazer-se do fardo que lhe pesava atormentadoramente. Foi nesse instante que o descobriram.

* * *

As causas do crime andaram um pouco na cabeça de todos; todos as procuravam, todos supunham te-las encontrado. Roubo? Ciume?

A primeira hipotese parece estar agora completamente afastada. Não, o Moreno não queria roubar, não tinha necessidade de roubar. Queria apenas saciar apetites. Por isso matou perante a resistencia, perante o obstaculo perante o seu impeto. Matou dentro da sua logica de tarado, de paranoico. Matou por necessidade. Nem admiração. Nem sequer o espanto ou o arrependimento depois traduzindo um estado de alma. Apenas a serenidade antipatica e desconcertante de um assassino que matou com pormenores hediondos.

* * *

Foi agora entregue o relatorio medico legal relativo a este caso que tão profundamente impressionou a população de Lisboa. Procurámos o meretissimo juiz sr. dr. Alfeu da Cruz para que sobre ele nos prestasse alguns esclarecimentos:

—E' um documento extenso, extensissimo mesmo. Trata-se de um crime revestido de uma tão singular brutalidade que não podia deixar de atrahir a atenção dos peritos e competentes. Apaixonaram-se os medicos, como os politicos já se haviam apaixonado.

O cabo Moreno é o criminoso nato para quem se não podem implorar atenuantes.

—A importancia desse relatorio?

—Quasi exclusivamente cientifica E sob esse ponto de vista ha que consideral-o devidamente. Não poude profunda-lo, dada a sua extensão. Tem mais de 400 paginas. Basta isto para se vêr até que minucias desceram os peritos medico legais.

—Para a policia?...

—Bem vê que a policia nenhumas duvidas tinha. Aqui ha apenas a natural curiosidade provocada no espirito do medico pelo aparecimento de um doente excepcional.

—O exame medico legal?

—Consta de duas partes. Uma relativa ás peças anatomicas; outra relativa aos objectos e manchas

A primeira parte foi realisada pelo sr. dr. Ferreira Marques; a segunda pelos srs. drs. Xavier da Silva e Azevedo Neves.

—Qual o destino que esse relatorio seguiu?

—Transitou pelas minhas mãos apenas. Enviei-o para o comando da G. N. R. que lhe dará o conveniente destino.

—Até ao julgamento...

—Claro. O relatorio vai para o oficial encarregado de organisar o processo que, creio-o bem, ainda levará algum tempo. Deve haver muitas testemunhas a interrogar, alguns pormenores a esclarecer ainda. Só depois os tribunais militares se pronunciarão. Não devem ter para isso, de resto grandes dificuldades. O caso está completamedte esclarecido.

O relatorio medico legal é um valioso documento, que, embora não traga subsidios decisivos porque os não podia trazer para a investigação, atesta que no nosso paiz se trabalha e se trabalha muito bem em tão dificil especialidade.

---

uma delas: se o jury comercial responde negativamente aos quesitos contrarios á firma Eduardo Martins & C.ª, L.da, como diabo é que aparece de repente e sem outro elemento de prova e convicção, fundamento suficiente para se ordenar o despejo? Isto são misterios das nossas leis, onde possivelmente se encontra, sempre que ha boa vontade, materia prima para toda a especie de julgados. Coisas nossas, em que não vale a pena insistir, pelo menos por agora...

A firma Eduardo Martins & C.ª, L.da não se deu, naturalmente, por vencida. Tendo por si a sentença do Tribunal do Comercio, onde a equidade se alia á legalidade, recorreu do acordão da Relação de Lisboa para o Supremo Tribunal de Justiça que deu provimento ao recurso, ordenando á Relação que, por outros juizes, repetisse o julgamento. A Relação, cumprindo o acordão do Supremo Tribunal, voltou a decretar o despejo, desrespeitando o acordão do Supremo Tribunal de Justiça. Não é estranho tudo isto? O leitor que julgue por si proprio. A firma Eduardo Martins & C.ª, L.da usou então das providencias legais, para impedir que o acordão recorrido fosse executado, isto é, que se efectivasse o despejo. E foi então que surgiu um golpe de apache, vibrando-se contra a firma Eduardo Martins & C.ª, L.da, a navalha de ponta e mola do mais desesrado arbitrio. Façamos a historia desse atentado, que já encontra repulsa na opinião publica, sem exclusão, é claro da magistratura digna e honrada, que não é nem pode ser solidária com a bôca parcial de quem se julga acima das leis e fora das obrigações que lhe impõe a sua missão de julgador. E' sempre a mesma historia: a vara na mão do vilão!...

Não, isso não pode ser e não será! Não se fez a Republica para que sobre a Nação tripudie impunemente o arbitrio de quem quer que seja. Sabemos muito bem que as velhas procapias dum comico, mesmo burlesco despotismo, não decorreram e que, de tempos a tempos, surgem sintomas regressivos alarmantes, aqui e ali.

Mas tudo isso não tem senão a existencia curta, não digamos das rosas porque seria fazer demasiada honra a quem dela não é digno, mas dos cogumelos, que nascem e se desenvolvem nas estrumeiras mas fenecem e morrem se lhes falta o meio impuro e a luz do sol clara e criadora sobre eles cai a jorros.

Não admitiremos nunca—jamais!...—que a lei se transforme em cajado de pastor, malhando ás cegas nas costas dos desprotegidos; não nos resignaremos nunca — jamais!... — a que falsos apostolos da Justiça, hipocritas Iscariotes da Equidade, se substituam e sobreponham aos codigos de leis e que, manejando a Vara da Justiça como se ela fosse um estadulho nodoso, irresponsavel na sua cegueira e inconsciencia, ofendam a torto e a direito, conforme o capricho ou o interesse do momento.

Isso é que não! Se a Magistratura consentisse nessa substituição da lei pelo arbitrio, abdicaria formalmente, suicidar-se-ia. Seria a anarquia! Então, a vingar a orientação singular que nos revolta a nós e a toda a gente de bem, não valeria a pena ter tribunais, que poderiam ser substituidos por uma administração da justiça, á maneira da que provavelmente floresceu na epoca da pedra lascada: um frondoso carvalho serviria de templo e, á sombra dos galhos, um ditador omnipotente e omnisciente resolveria todas as questões segundo o seu arbitrio. Não, isso não!

«A Capital» não consente que se consolide essa forma simplista de resolver questões judiciais. «A Capital» não consente que nos tribunais medre e triunfe a judiaria. «A Capital» não descansará emquanto justiça não fôr feita contra o magistrado que abusou do poder, rasgando a lei, conspurcando a Justiça e tripudiando sobre o seu feito heroe-comico.

Mas isto vai por partes. E amanhã tambem é dia...

EM SANTA CLARA

O capitão Cabrita

Começou a ser julgado hoje não havendo incidentes importantes

A audiencia abriu ás 13 horas, sendo chamado a depôr o major sr. Mata, que põe em destaque as qualidades civis e militares do acusado, sendo sempre cumpridor dos seus deveres e mantendo sempre a maxima disciplina.

O deputado sr. Antonio Maria diz que o reu não pode ser acusado de cobarde, pois que em toda a sua vida de militar nunca recuou perante o maior perigo. Se o capitão sr. Cabrita previsse o que ia acontecer ao sr. Machado Santos, ou se tivesse a certeza de que o almirante se encontrava em casa, tê-lo-ia salvo.

Os srs. tenente-coronel Cortez, major Matias dos Santos, Zeferino da Conceição Silva e o segundo sargento Francisco de Abreu abonam tambem o bom comportamento do sr. Cabrita, dizendo todos que teria salvo o sr. Machado Santos.

A seguir usa da palavra o sr. promotor, que leu a ordem de serviço enviada ao capitão sr. Cabrita na noite de 19 de Outubro para patrulhar convenientemente a sua area, a fim de evitar assaltos, etc.

A rua Açores estava dentro dessa area e no quartel não houve conhecimento da prisão do sr. Carlos da Maia.

O sr. Machado Santos foi preso a poucos metros de distancia do quartel. Os captores foram mesmo ao quartel dizer que se ouvissem tiros não se acoustassem. O sr. Cabrita nada tinha que telefonar para casa do sr. Machado Santos. O seu dever era, logo que lhe disseram que o sr. almirante ia ser preso, proteger a sua residencia. Porque o não fez? O juri avaliará. Termina pedindo que seja feita justiça para que a disciplina no Exercito seja mantida.

* * *

O sr. dr. Alfredo Nordeste, advogado do sr. Cabrita, analisa os depoimentos de varias testemunhas, dizendo que o reu foi atraiçoado, porque ninguem lhe garantiu que o sr. Machado Santos se encontrava em casa. No quartel de Santa Barbara havia sargentos e cabos comprometidos no movimento revolucionario.

Refere-se largamente á patrulha de marinha que encontrou a «camionette» e não lhe embargou a passagem. Afirma que o reu cumpriu o seu dever para manter a ordem e termina pedindo a sua absolvição.

* * *

A seguir, foi suspensa a audiencia.

* * *

A's 17 horas foi lida a sentença sendo o sr. capitão Cabrita absolvido.

Um atropelamento

Hoje, cerca das 14 horas, um «camion» que passava na Rua do Alvito, atropelou Antonio dos Santos, trabalhador, morador na Rua da Alegria, e Antonio da Costa, ajudante de chauffeur, da Calçada da Quintinha, 2 loja. Os feridos, que tinham varias escoriações pelo corpo, depois de tratados no hospital, recolheram a suas casas.

Tarde politica

Sá Cardoso não volta á presidencia — Antonio Maia, Freiria e Presidente do Ministerio — A eleição presidencial — O sr. ministro das Finanças demitir-se-ha?

Só com o sr. ministro do Trabalho nas cadeiras do hemiciclo ministerial que a sessão de hoje está decorrendo solenemente dentro das praxes, tornadas moda, do elogio mutuo. O sr. Sá Cardoso, pessoa respeitavel de velho e distinto republicano, pronunciou algumas palavras no tablado parlamentar, dando a deixa ás D. A. e ás E. A. e baixas, para, numa série de adjectivações já reconhecidas oficialmente, o irem puxando, em monologos longos, até á cadeira da presidencia.

Irá o sr. Sá Cardoso para a mais alta cadeira do Parlamento? Não irá.

A sua consciencia de politico e de homem — porque ha duas consciencias diferentes para os politicos — decerto o fará tomar o melhor e unico caminho: o de não voltar em caso nenhum, como o afirmou, e solenemente, aos jornalistas que o interrogaram.

Sá Cardoso, indo de novo até á presidencia da Camara, não subia... descia.

Estamos certos de que não descerá.

* * *

Todos julgavam, menos nós, que hoje não haveria numero, como ontem não houve tambem.

Porque se pensava assim?

Porque, dando-se o caso estranho e singular de um deputado estar na sessão com as suas imunidades suspensas, receiavam o natural, possivel e desprestigiante embate entre aquele — Antonio Maia — e o sr. Freiria, ex-ministro da Guerra e parlamentar, que aquela suspensão exigiu.

Porém, as coisas mudaram. Houve combinações e tricas politicas. Calar-se-ha o sr. Maia. Tambem não falará o sr. Freiria.

Desta forma, a sessão poderá funcionar em socego. Nós todos nos podemos rir á sucapa. E... o sr. Freiria continuará bem, como bem continuarão os srs. Maia e Sá Cardoso.

«Tout est bien»...

Mas um caso havia a liquidar: o da leitura da celebre carta em que o sr. Freiria pedia a demissão e que o sr. Sá Cardoso leu tão anti-politicamente...

E' caso para esclarecer. E, como o é, o sr. Freiria já pediu a palavra para quando o sr. Antonio Maria da Silva estiver presente. Esperemos, que muito teremos que ouvir.

* * *

E a eleição do Chefe do Estado? Quem tem mais probabilidades?

Resposta clara: Teixeira Gomes e Bernardino Machado.

Mas o nome de Augusto Soares? Esse terá votos incertos. Esse e outros que hão de aparecer á ultima hora...

* * *

Para variar, um pouco de politica do P. R. R.: O partido está dividido quanto á orientação a seguir. Uns, querem radicalismo á «outrance» — o belicoso, aguerrido; outros, querem o imperio da constituição e marcha serena e conselheiral. Quem vencerá?

Cremos que os primeiros.

* * *

Enquanto isto se passa, a policia e o Governo estão tomando precauções — garantimo-lo — contra uma certa agitação anunciadora de desordem certa que se esboça para os lados da calçada do Combro.

* * *

O debate politico que teve o seu intervalo mercê do incidente Maia, vai recomeçar breve com o fim certo de uma moção de confiança ao Governo. Confiança que ele não tem em si proprio, tão desmantelado se encontra.

* * *

Dizia-se hoje com certa insistencia que o sr. ministro das Finanças se não houver nova prorrogação da sessão parlamentar, pedirá a sua demissão perante a impossibilidade de ver aprovadas as medidas que apresentou e que julga absolutamente necessarias á execução do seu programa.

* * *

Uma pergunta sem maldade: Porque se conserva no Porto e não aparece nas sessões a figura rubramente encravada do sr. dr. José Domingues dos Santos.

A UNIDADE INTERNACIONAL VERMELHA

Pretende estabelecel-a a C. G. T. franceza

PARIS, 24 — Dizem os jornaes desta manhã que o «comité» unitario nacional da C. G. T., aprovou uma resolução a favor da convocação dum congresso mundial a fim de reconstituir a unidade internacional.

TRIPLICE INFANTICIDIO

A SINISTRA CRIMINOSA

sufocou o primeiro filho e estrangulou os outros dois!...

As suas confissões de hoje

Terminaram tarde ou seja de madrugada os novos interrogatorios a que foi sujeita a sr.ª D. Maria Guerreiro, protagonista dos crimes de infanticidio ultimamente descobertos na sua residencia na rua da Escola Politecnica, 183-2.°.

Apesar do enorme sigilo com que a policia pretende envolver o caso, consta-nos que D. Maria Guerreiro declarou que o seu primeiro sedutor fôra o capitão picador Pinho actualmente reformado e que ao tempo se encontrava na Escola de Educação Fisica na rua da Escola Politecnica, donde passou para a escola do picador Antonio Correia na rua Alexandre Herculano, achando-se estabelecido ha dois anos com picadeiro na calçada dos Mestres a Campolide. Mais declarou que o capitão Pinho não era visita de sua casa e que passados mezes de entre ambos existirem relações intimas começou então a namorar seu primo Candido Garcia dos Reis, durando esse namoro cerca de 2 anos e mantendo ela por fim relações com os dois. Embora a gostasse do picador não deixava de dar toda a atenção ao primo pois contava casar com ele motivo porque procurava prende-lo por todas as fórmas. Ao fim de dois anos terminou o namoro com o Garcia dos Reis não deixando no entanto de continuar a manter relações com o equitador, não podendo porém precisar, quando gravida das duas primeiras vezes, qual dos dois seria o pai, se o capitão se o primo.

Afirmou no entanto de uma fórma categorica que o picador Pinho era o pai da terceira creança, garantindo terminantemente que ele ignorava em absoluto os crimes por ela praticados, ou seja por sufocação o primeiro e por estrangulação os dois restantes.

Mais tarde, vendo-se abandonada pelo capitão entrou então numa vida de desregramento conhecendo novos amantes que por completo ignoravam a sua fórma de proceder.

Todas estas declarações, que lhe foram arrancadas pelo agente Esteves, confirmam em absoluto as diligencias anteriormente feitas pelo referido agente e ainda os exames medicos a que D. Maria Guerreiro foi sujeita. A infanticida, após os interrogatorios, recolheu ao quarto particular que lhe fôra destinado, tendo-lhe sido levantada a incomunicabilidade e recebendo depois disso unicamente a visita do seu advogado, sr. dr. Diogo Ribeiro.

Hoje, de manhã, o sr. dr. Crispiniano da Fonseca seguiu, de automovel, para a rua de S. Sebastião da Pedreira, vindo depois a apurar-se que fôra ouvir a mãe de D. Maria Guerreiro, a qual se encontra gravemente enferma. Após esse interrogatorio, o adjunto da investigação voltou ao seu gabinete do Governo Civil, onde se demorou até ás 16 horas interrogando e acareando D. Maria Guerreiro e o capitão Pinho. Este, que se encontra preso desde a madrugada, compareceu no Governo Civil acompanhado do capitão sr. Vidigal Nunes, do Deposito de Adidos, e finda a acareação, saiu de automovel acompanhado do referido oficial, do dr. Crispiniano da Fonseca e de dois agentes.

A's 17 horas, o capitão Pinho regressou ao Governo Civil para de novo recolher ao gabinete do dr. Crispiniano, não tendo este voltado ainda á hora a que fechamos estas rapidas notas.

A quadrilha do "Assanhado"

Dois dos seus cumplices, condenados em pena maior, fogem ao mesmo oficial que em tempos deixou fugir a Micas Gouveia

No tribunal do 3.° districto realisou-se ontem o julgamento do terrivel «Assanhado» e dos cumplices José Ramos «O Piadinhas» e Victor Mendes, sendo todos condenados em pena maior.

Pois, apesar da gravidade da pena, e da responsabilidade dos criminosos para cuja prisão tanto contribuiu a audacia do chefe Alexandre Alves, da esquadra dos Terramotos, que passou com a policia sob as suas ordens algumas noites em batidas constantes na serra de Monsanto, o oficial Vilar, pessoa da confiança do mesmo juiz do 3.° distrito e que ainda não ha muito tempo foi punido com 6 mezes de suspensão por ter deixado fugir a celebrada «Micas Gouveia», deixou tambem anteontem fugir os dois referidos cumplices do «Assanhado», quando se apeavam de um electrico no largo de Santo Antonio da Sé, como se fossem dois inofensivos passageiros, não sendo até agora recapturados.

E o que é mais interessante é que este oficial, colocado a fazer serviço no 1.° oficio por merecer mais confiança ao sr. juiz do 3.° distrito, que ainda ha pouco desviou em comissão de serviço para a Defesa Social um outro oficial que para o mesmo oficio fôra nomeado por despacho publicado no «Diario do Governo», tinha uma escolta requisitada de que prescindiu, e a qual se limitou apenas a conduzir o «Assanhado».

Apesar dos esforços do valoroso chefe Alves, ha poucos mezes condenado em prisão correcional com suspensão da pena, pelo mesmo juiz do 3.° districto num processo politico em que eram queixosos dois monarquicos cadastrados, estando a acusação particular confiada ao sr. dr. Aníbal Soares, e a defeza ao sr. dr. Ramada Curto, a cidade continua á mercê da quadrilha do «Assanhado», com a fuga dos dois condenados a prisão maior celular.

A policia continuará assim a arruinar a vida, o tribunal a fazer justiça, mas os meliantes a porem-se em fuga por culpa de um funcionario reincidente nestas graves faltas.

Gremio Estremenho

Partiram para Santarem e Leiria, o escritor Correia da Costa e o sr. Alipio de Mesquita, para organisarem, nas cidades Scalabitana e do Liz, os nucleos do Gremio Estremenho.

Os elementos organizadores do Gremio pensaram realisar brevemente em Lisboa uma festa regional estremenha.

A's 18 horas

E' amanhã pelas 17 horas que o capitão de fragata sr. Carvalho Brandão, recentemente chegado do estrangeiro, onde esteve em missão de estudo, realisa na Escola Naval a anunciada conferencia com o tema: «Previsão do tempo na Europa».

* * *

O almirante sr. Gago Coutinho, que, como se sabe, está no Brazil, comunicou ao Ministerio da Marinha que o hidro-avião «Santa Cruz» estará dentro de um mez pronto para ser encaixotado e embarcado para Portugal.

* * *

Está-se procedendo já aos trabalhos de dragagem dos portos do Algarve, tendo o Ministerio do Comercio solicitado ao da Marinha a cedencia de um rebocador e uma traineira, a fim de que esses trabalhos possam ser concluidos.

* * *

Consta que o sr. cardial patriarca toma posse do seu lugar de socio correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa, amanhã, pelas 16 horas.

Presidirá á sessão o sr. dr. José Maria Rodrigues, vice-presidente em exercicio.

Alfandega do Funchal

Já se encontra no Funchal, para onde partiu a ocupar o seu lugar de ajudante de despachante da Alfandega daquela cidade, o sr. Jaime Alves. Este distincto funcionario encontrava-se em Lisboa no goso de licença, tendo sido chamado telegraficamente em virtude de se encontrar doente o sr. Luiz de Carvalho actual despachante.

Um emprestimo na Alemanha

BERLIM, 24 — O governo tenciona lançar um emprestimo em marcos-ouro para ser subscrito em marcos-papel segundo o cambio do dia. — R.

Parlamento

Nos Deputados

Sá Cardoso não volta á presidencia da Camara, tendo comparecido hoje á sessão — Junqueiro e o tumulo do Alexandre Herculano

Na presidencia, o sr. Alberto Vidal. A chamada responderam 41 deputados.

O sr. Sá Cardoso presidente da Camara demissionario e o sr. Fernando Freiria, ex-ministro da Guerra, ocupam os seus «fauteuils» de deputados.

O sr. presidente anuncia á Camara que o sr. Sá Cardoso se encontra no inabalavel proposito de não reassumir a presidencia.

O sr. Sá Cardoso, confirmando essa palavras, agradece a todos os grupos politicos as provas de deferencia que sempre para ele tiveram.

Em nome da maioria, o sr. Almeida Ribeiro, dirige cumprimentos ao sr. Sá Cardoso, insistindo com ele para que abandone a obstinação.

Pelos nacionalistas, o sr. Cunha Leal fala nos mesmos termos, pronunciando-se de igual modo os srs. Carvalho da Silva, em nome dos monarquicos, Joaquim Ribeiro, pelos independentes, ministro do trabalho pelo governo, e Diniz da Fonseca pelos catolicos.

* * *

O sr. Sá Pereira requer, aprovando-se urgencia para um projecto que interessa aos oficiais revolucionarios de Outubro de 1910.

O sr. Fernando Freiria requer para fazer uso da palavra quando chegar o sr. presidente do ministerio.

O sr. Joaquim Ribeiro protesta mas o requerimento aprova-se.

O sr. Barros Queiroz requer, por sua vez, que sem prejuizo dos oradores inscritos para antes da ordem, entrem em discussão as emendas do Senado do projecto que autorisa a colocação dum cabo submarino com amarração no Faial. Aprova-se.

O sr. Carvalho da Silva ocupa-se da forma como se está fazendo a cobrança da contribuição industrial. Não se observa o disposto no artigo 6.° da lei 1368, que isenta desse imposto os assalariados, como sejam os oficiais de barbeiro, creados de restaurante, trabalhadores rurais, etc.

O sr. ministro das Finanças promete dar providencias.

* * *

O sr. Morais de Carvalho trata da colocação dos restos mortais de Guerra Junqueiro na casa do capitulo da Egreja de Belem. Pergunta ao Governo o que pensa no tocante á conclusão do Pantheon Nacional. Chama tambem a atenção do Governo para as graves acusações que se fazem ao nosso ministro em Berlim.

O sr. ministro do Trabalho responde que vai estudar o primeiro caso a que o orador se referiu. Quanto ao segundo, fará sciente o seu colega dos estrangeiros das considerações que acaba de ouvir.

Votada urgencia para um projecto do sr. Francisco Cruz, o sr. Agatão Lança requer a imediata discussão do projecto referente aos mutilados da guerra, dando-lhes determinadas regalias.

Diversos oradores falam sobre o modo de votar e o requerimento aprova-se depois do sr. Cunha Leal ter estranhado a ausencia do chefe do Governo.

No Senado

Antes da ordem do dia o sr. Santos Garcia enviou para a mesa um projecto de lei creando uma assembleia eleitoral no concelho de Evora, com séde em Nossa Senhora de Machede.

* * *

O sr. Costa Junior requereu que, pelo Ministerio da Agricultura — Comissariado dos Abastecimentos — seja enviado á mesa do Senado o processo relativo a compra do vapor de pesca «Glauco» a fim de o poder consultar com a maior urgencia.

O sr. ministro da Agricultura respondendo, auctorisou o sr. dr. Costa Junior a consultar o processo na séde do Comissariado, amanhã, ás 2 horas da tarde.

O sr. Procopio de Freitas instou novamente pela creação da policia maritima do porto de Leixões, e pela remodelação do Codigo da Marinha Mercante.

O sr. Alfredo Portugal lamentou que, apezar da lei que pune os lucros excessivos, a vida esteja na mesma.

NUM PLEITO DE INQUILINATO

Carta aberta ao Ex.mo Juiz da Relação de Lisboa, sr. Dr. Souza Teles, relator do processo em que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios litiga com a firma Eduardo Martins & C.a, Ltd.a

Lisboa, 23 de julho de 1923.

Ex.mo sr. dr. Sousa Teles, juiz da Relação de Lisboa:

Depois de varias irregularidades por v. ex.a cometidas nos incidentes da baixa do traslado do processo de despejo, ora pendente de recurso no Supremo Tribunal de Justiça, para julgamento em Tribunal pleno, em que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios litiga com a firma Eduardo Martins & C.a, Limitada, minha cliente, depois da intervenção directa e pessoal que v. ex.a entendeu dever assumir perante o escrivão do processo para que este, faltando aos deveres do seu cargo, remetesse completamente esfrangalhado aquele traslado á 1.a instancia, sem cumprimento das mais elementares regras do processo e da Tabela de Emolumentos, v. ex.a permitiu-se ainda, em despacho de 21 do corrente, lançado em requerimento meu, criticar e censurar a atitude que eu tenho tomado na defeza da firma minha cliente, por esta fórma:

> «...e enquanto á justissima defeza, só tenho a dizer que vai para seis mezes que o sr. advogado se tem oposto «com chicanices» á baixa do traslado e decisões do Tribunal, pois finge ignorar que a lei dá efeito devolutivo ás decisões da Relação e até ás da 1.a instancia quando decretasse o despejo, mesmo quando recorridos.»

E depois comenta v. ex.a:

> «ora se as decisões dos Tribunais não se cumprem, a sua função é inutil.»

Visado assim por v. ex.a pessoal e directamente no desempenho dos deveres do meu cargo, eu, que preso á minha profissão, e que tenho o legitimo orgulho de, sem receio de desmentido, a ter exercido até hoje embora sem brilho, mas com probidade lealdade e honra, tenho que levantar a luva que tão imprudentemente por v. ex.a me foi arremessada, e de, sem prejuizo do mais que ha de seguir-se dizer desde já a v. ex.a o seguinte:

O despejo da casa Eduardo Martins & C.a, Limitada, efectivado, como v. ex.a tão apaixonadamente parece deseja-lo, «antes do Supremo Tribunal de Justiça se pronunciar em Tribunal pleno» sobre o acordão da Relação, que, contrariando a decisão anterior do mesmo Supremo Tribunal de Justiça, decretou esse despejo seria uma violencia sem igual e uma desumanidade sem qualificação.

Deve saber v. ex.a, visto que chegou a juiz de um Tribunal Superior, que a lei diz como se despeja um inquilino, mas não diz como é que esse inquilino ha de ser reposto no seu lugar, quando venha a ser revogada a sentença ou o acordão que tiver decretado o despejo.

A consequencia dessa lacuna legal, sobre a qual o poder legislativo tem necessidade urgente de pronunciar-se, é esta: o inquilino despejado, ainda que veja revogada pelos Tribunais Superiores a decisão que injustamente lhe tenha decretado o despejo, ou desanima perante a série de dificuldades e de despesas que tem a fazer para rehaver a sua casa, ou, se tem a coragem de proseguir na defesa dos seus direitos, passa meses e anos em lucta acesa com o senhorio, antes que consiga fazer efectivar as decisões dos Tribunais que lhe tenham sido favoraveis.

O mais modesto dos oficiais de diligencias sabe isto. Não pode v. ex.a ignorá-lo.

Ora, sendo assim, sr. juiz relator, estando tão dehumanamente desprotegidos os inquilinos em tais circunstancias, eu quero pôr este problema ante a consciencia de v. ex.a e de todos aqueles que esta carta lerem: E' ou não legitima a defesa do inquilino tendente a evitar que se efective o despejo antes que transite em julgado a sentença ou o acordão que o decretou?

Eu, como homem e como advogado escrupuloso, como tenho sido sempre, no cumprimento dos meus deveres profissionais, só encontro para tal pregunta esta resposta: sim, é legitima e tão legitima que torna absolutamente legitimos todos os meios que necessarios sejam para a garantir.

E quando esses meios são legais, como todos aqueles de que eu tenho lançado mão, sr. juiz relator, a «chicanice» está da parte de quem, como v. ex.a, propositada e tenazmente, os repele e não da parte de quem, no estrito cumprimento dos seus deveres profissionais, os usa e de cabeça levantada afirma fazê-lo muito legitimamente.

Já v. ex.a não pode justificar o seu procedimento de igual forma.

Por conseguinte, eu não «fingi» ignorar que o recurso para o Supremo Tribunal de Justiça tivesse apenas efeito devolutivo; procedi, antes, dentro da lei, no sentido de evitar a consumação de uma violencia, que inutilizaria em absoluto a futura decisão daquele Tribunal e acarretaria para a firma minha cliente prejuizos absolutamente irreparaveis.

Irreparaveis, sim, porque o despejo violento de um estabelecimento comercial dos mais importantes de Lisboa, como o é da firma minha cliente, traria para esta prejuizos de tal ordem, ainda que, como confiadamente espero, o Supremo Tribunal de Justiça lhe dê razão, afinal, que esse estabelecimento nunca mais poderia resarcir-se dos prejuizos sofridos.

E' isto que v. ex.a acha justo, sr. juiz relator?

E' isto que v. ex.a tão tenazmente defende e protege, ousando censurar-me por eu entender o contrario?

Não seria, antes, mais moral, mais justo e mais humano que v. ex.a, que foi relator do acordão que decretou o despejo, desejasse, antes, não ver executado aquele acordão, sem que o Supremo Tribunal de Justiça dissesse sobre o caso a sua ultima palavra?

Mas se v. ex.a classifica de «chicanices» os meus meios de defesa, como hei de eu classificar a ilegalissima intromissão pessoal, no caso, descendo até ao ponto de ir ao Tribunal, de proposito, para ordenar verbalmente ao escrivão que mandasse o traslado, imediatamente, para a 1.a instancia, sem sequer consentir que ele cumprisse os mais elementares deveres do seu cargo, quais os de intimar a remessa ás partes e levar o processo ao visto fiscal do Ministerio Publico,

Como hei de eu explicar o procedimento de v. ex.a, ao reter, como ilegalmente reteve, em seu poder um requerimento meu, negando-se a entregá-lo ao solicitador, sr. José Marques, procurador na causa, que pessoalmente lho foi pedir, e cometendo a indelicadeza de lhe fechar na cara a porta da sua casa?

Como hei de eu classificar o procedimento de v. ex.a, quando num requerimento para agravo do acordão, que mandou arrancar folhas do traslado, v. ex.a, em vez de despachar, mandando tomar o termo como a lei lho impunha, quiz ganhar tempo e lançou nesse requerimento, que era assinado legitimamente por aquele solicitador, o inconcebivel despacho, onde diz que estranha que tal requerimento não fosse assinado por mim, e finge duvidar que o solicitador, o sr. José Marques, tivesse procuração nos autos, mandando o escrivão informar a tal respeito, tendo, aliás, v. ex.a despachado anteriormente varios requerimentos do mesmo solicitador, sem reparo algum, que, aliás, era ilegal?

Como hei de eu classificar o procedimento de v. ex.a, quando, aproveitando a dilação de tempo que aquele estravagante despacho lhe deu, se apressou a ir á Relação impôr verbalmente ao escrivão que fizesse a remessa imediata do traslado para a 1.a instancia?

Como hei de eu classificar o procedimento de v. ex.a, quando, ao mandar tomar, no dia seguinte, o termo do agravo, teve o especial cuidado de ordenar ao escrivão que o tomasse «só depois de ter remetido o traslado para a 1.a instancia»?

Não será tudo isto muito significativo, por estar, em absoluto, fora das normas legais e das praxes seguidas em todos os processos?

E, finalmente, como resposta ao comentario final do despacho de v. ex.a, direi apenas que, se a função dos tribunais fosse como v. ex.a a tem exercido, nestes desgraçados incidentes, não seria apenas inutil, seria absolutamente desalentadora e perigosa, não dando a menor garantia fosse a quem fosse.

Mas, felizmente, muito acima dessa maneira de proceder está o proceder da magistratura em geral, em cujo gremio v. ex.a, desde que enveredou por tal caminho, é de mais.

Termino afirmando a v. ex.a que irei até onde fôr preciso ir, para evitar, pelos meios legais, que o precedente estabelecido por v. ex.a possa frutificar, e, ou v. ex.a terá dos poderes e instancias competentes o castigo que merece, ou o desgraçado exemplo por v. ex.a dado frutificará ao abrigo da impunidade, e, então, não poderá mais advogar-se dignamente em Portugal.

E' o que tem a dizer a v. ex.a, por agora, o

Advogado «chicaneiro»,

a) *Acacio Ludgero de Almeida Furtado*

Vida Elegante

CASAMENTO

Realisa-se em Moura, no proximo dia 5 de agosto, o enlace matrimonial do sr. Virgilio Mendes Paneiro, socio da firma Pereira & Ferreira, Limitada e filho da sr.a D. Carolina Fernandes Paneiro e do sr. Izidoro Mendes Paneiro, com a sr.a D. Ligia Rodrigues Acabado filha da sr.a D. Maria do Carmo Rodrigues Acabado e do sr. dr. Diogo Rodrigues Acabado, medico em Moura.

Em Guimarães

As festas gualterianas

realizam-se em 4, 5 e 6 de agosto

Nos dias 4, 5 e 6 de agosto proximo, realizam se em Guimarães as celebres festas gualterianas, que este ano revestirão um particular brilhantismo.

Entre outras diversões e atractivos que atrairão á gloriosa cidade, como sejam concertos por excelentes bandas de musica, concurso de gado cavalar, bovino e suino, grandes iluminações caracteristicas, visitas aos edificios e monumentos celebres da cidade, etc., haverá uma exposição industrial e agricola concelhia, promovida pela Associação Comercial de Guimarães.

Por todo o norte e em Lisboa estão sendo afixados vistosos e interessantes cartazes anunciando os tradicionais festejos.

Os Partidos

Republicano Radical

Realiza-se amanhã 25, quarta-feira, pelas 21 horas na séde do Directorio, rua Voz do Operario 64, uma reunião magna das Comissões politicas de freguezias, juntamente com as Comissões Municipal e Distrital.

Atendendo á importancia da reunião roga-se a comparencia do maximo numero de delegados.

A LEI DO INQUILINATO

Os trespasses

Novos abusos dos senhorios

«Sr. director — Tem o seu muito conceituado jornal tratado por uma fórma imparcial da questão do inquilinato e por isso não deve deixar de chamar a atenção do Ministerio Publico para o abuso que se pratica com o maximo descaramento, do pedido de quantias fabulosas pela chave do prédio acabado de construir.

Como se sabe a lei do inquilinato não permite os trespasses de habitações, mas estes ainda se justificam quando se trate de um estabelecimento comercial que levou anos a acreditar o por isso o seu proprietario, quando o subarrende exija uma determinada quantia, que o indemnise dos sacrificios feitos. Mas quando se trata de um prédio acabado de construir e que pela primeira vez se aluga, não se pode tolerar que os senhorios exijam qualquer quantia pela chave, como está sucedendo frequentemente e se vê confirmado nos anuncios dos jornaes.

E' para este facto, que eu chamo a vossa atenção, pedindo para que se reclame junto de quem tenha de intervir fazendo cumprir a lei do inquilinato, para se pôr cobro a uma tal exploração.

Ainda ha dias assistimos na Avenida 5 de Outubro a um facto que passamos a citar: foram pedidas providencias á policia pelos inquilinos do predio J. A. F. por causa da escada do mesmo predio se encontrar constantemente cheia de fumo proveniente da sobreloja, que foi alugada para uma taberna e que não tem chaminé em condições. O fumo de sardinhas assadas e de varios cosinhados tem por ali tiragem e em vez de sair para a rua vai incomodar os inquilinos que pagam rendas elevadissimas, superiores a 400 escudos mensaes. Quando a policia apareceu a locataria lamentou a sua triste sorte, de ser obrigada a deixar de se servir da cosinha, para poder pagar a renda elevada e compensar o encargo de 5 contos de chave, que pagou ao senhorio. Como este facto dão-se outros que merecem ser reprimidos.

Sou de v. etc., J. S.»

Theatros e Cinemas

Festas artisticas

A DE ERICO BRAGA

Está despertando o maior entusiasmo e curiosidade a recita de sexta feira, em S. Carlos, dedicada a Erico Braga, não só pelo que se refere ao homenageado, como, tambem, pelo empenho que ha em apreciar a companhia Lucilia Simões no desempenho duma peça de genero absolutamente diverso do que estamos acostumados a ve-la. Dá-se esse facto com a comedia que sobe á scena, intitulada «Carta Anonima», e que é duma feição absolutamente burlesca.

Reclames

S. CARLOS

Lucilia Simões, que com as suas admiraveis creações, está atraindo, a S. Carlos, numerosissima concorrencia, representa, ainda, hoje, ali, a mais popular das peças de Ibsen, «Casa de Boneca», em que, na parte de «Nora», tem colhido unanimes elogios de quantos conhecem a arte de bem representar.

NACIONAL

Quem não aproveitar esta semana, indo ao Nacional, ficará sem ter visto «A Viuva Gomes,» que é a mais sensacional e graciosa peça da actualidade. seguir-se-ha no cartaz a famosa peça policial «20.000 dollars».

APOLO

«A Fedora», com Palmira Bastos na protagonista, e a grande atração do Apolo é o bastante para que o teatro tenha todas as noites, enorme concorrencia. Os aplausos á ilustre artista não podem ser mais vibrantes e entusiasticos, assistindo o publico, interessantissimo, ao desenrolar das scenas emocionantes da famosa peça de Sardou, em cujo desempenho em papeis de destaque, tambem se salientam Carlos Santos e Henrique de Albuquerque.

MARIA VICTORIA

Acentua-se de noite para noite o exito da interessante revista «Fado Corrido» em scena no Teatro Maria Victoria.

Graça, musica, interpretação, o que ha de melhor, encontra-se nos dois actos da famosa revista.

Repete-se, em duas sessões, o que equivale a anunciar mais duas formidaveis enchentes no Maria Victoria.

Nos serviços de higiene publica

A falta de subdelegados de saude em Lisboa

A lei votada no Parlamento que não permite a nomeação de novos funcionarios publicos tem trazido perturbações nos serviços, como a que possamos a expor:

Deram-se ha mezes duas vagas de subdelegados de saude em Lisboa, pela morte do sr. dr. Rivoti e pela aposentação do sr. dr. Matos Chaves. Foram chamados ao serviço os subdelegados substitutos, que para todos os efeitos passaram a desempenhar as funções inherentes ao cargo; mas como não podem ser nomeados efectivos, porque a isso se opõe legislação, não se lhes paga o ordenado que está inscrito no orçamento e como esses funcionarios já estiveram mais de 10 anos a trabalhar de graça, como sub-delegados substitutos, não estão dispostos a sacrificar-se por mais tempo, não se prestam a fazer serviço. De forma que ha duas áreas em Lisboa sem subdelegados de saude, e não se tomam providencias para se remediar este caso, que é realmente digno de merecer a atenção do Governo e do Parlamento.

Caixa Economica dos Empregados da Camara Municipal de Lisboa

Sociedade Cooperativa de Credito — Responsabilidade Limitada

Convoco a assembléa geral desta Caixa a reunir no dia 9 de Agosto pelas 21 horas, na séde da Associação dos Empregados do Estado, Rua Augusta, 7, a fim de apreciar o relatorio e contas da gerencia de 1922 e de proceder á eleição dos novos corpos gerentes.

Os livros e mais documentos estão patentes na séde da Caixa, pelo espaço de 8 dias.

Lisboa, 17 de Julho de 1923.

O Presidente da Assembléa Geral — Dr. Julio Pimenta Rodrigues.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4439-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quarta-feira, 25 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

O cambio continua descendo. A libra ficou hoje a Esc. 116$00 e 118$00.

RUINA

Quanto se clamou para que as nossas grandes provincias ultramarinas fossem colocadas sob um regimen de absoluta ou quasi absoluta autonomia! Para dar, quanto possivel, satisfação a essas persistentes reclamações é que se criou o sistema de Altos Comissarios.

Devia ser a ventura, a prosperidade, o engrandecimento a olhos vistos. Diminuida a acção da metropole, tornadas essas provincias uma especie de reinos, com os Altos Comissarios por monarcas quasi absolutos, caminhar-se-ia, como desejava o dr. Pangloss, no melhor dos mundos possiveis.

Não era isso que pediam, que requeriam, que exigiam as grandes forças vivas, a agricultura, o comercio, a industria?

As suas associações não descansaram um instante nas suas reivindicações obstinadas.

De todas as maneiras davam a entender que era a metropole que vivia á custa das colonias e que era ela que as não deixava progredir e enriquecer.

Pois bem. O que se vê agora, com justificado pasmo, é essas mesmas associações, essas mesmas entidades, voltarem-se, cheias de aflição para a metropole, exorarem do Governo da Republica que lhes acuda, como fazem as de Moçambique, declarando que, se não fôr dada á provincia êsse auxilio, a sua perda será inevitavel.

Já a metropole não é o polvo que absorvia todos os recursos coloniais.

Já o Governo não é considerado como um monstro de perversidade ou de egoismo, pensando apenas em explorar as colonias e nunca em auxiliá-las e favorecê-las.

Ja essas colonias não podem, sósinhas, tornar-se os grandes emporios que sonharam ser, e que julgaram não poder ser por causa da tutela da metropole.

E então agora chega-se a outras conclusões.

O regimen dos Altos Comissarios, pelo menos em Moçambique, deu um resultado contraproducente, porque essa colonia era das que largamente viviam com os seus proprios recursos.

Hoje vê-se arruinada.

Triste coisa! Para qualquer lado que olhamos só deparamos com o espectaculo ou com a perspectiva da ruina.

Aqui, á medida que se anuncia solenemente que os cambios vão melhorar, o que dará em resultado diminuir a carestia da vida, não vemos senão agravarem-se esses mesmos cambios, e consequentemente a carestia da existencia.

Dêste descalabro economico, a que não se antepõe nenhum dique, ha de resultar fatalmente a ruina geral.

Agora, a ruina chega ás colonias.

Não ha duvida. Ou neste país se inicia uma acção de salvação publica, rompendo-se com todas as dependencias que eximem os responsaveis desta ruina ao castigo dos seus maleficios, ou dentro em breve teremos de assistir a uma subversão total.

D. Maria Joana Queiroga d'Almeida

Apraz-nos registar nestas colunas, o facto do sr. ministro do Interior ter conferido, á ilustre esposa do venerando Chefe de Estado, a alta distinção justamente merecida, da concessão da placa de honra da Cruz Vermelha Portuguesa.

Foi devido á patriotica tenacidade da sr.ª D. Maria Joana Queiroga d'Almeida, que a Festa da Flor, a cuja comissão organisadora presidiu, obteve tão lisongeiros resultados, a ponto de estarem já hoje recebidos, cerca de 180 contos.

Merece, pois o aplauso de todos, o reconhecimento por parte do Governo, do exemplar esforço da ilustre senhora.

A PAZ... DA MESA

A DELEGAÇÃO PORTUGUESA

FEZ RESSURGIR A ANTIGA CONFUSÃO DOS ERARIOS

Um curioso documento

respeitante

aos interesses materiais da delegação

No nosso artigo de ante-ontem referimo-nos á acção do presidente da delegação portuguesa á conferencia da paz, da forma por que em Versailles acautelou os legitimos interesses de Portugal e dos resultados a que essa delegação chegou.

A chamada politica de silencio, cuidadosamente mantida pelos nossos ministros dos Negocios Estrangeiros, tem criado no espirito publico a duvida a proposito de tudo. Como se pode tomar a serio uma chancelaria que, a proposito de tudo e a proposito de nada, invoca as complicações internacionais como argumento para não tornar conhecidos os mais inofensivos pormenores de burocracia? Que juizos hemos de formular nós quando amanhã pretenderem explicar-nos a nossa situação externa e a nossa posição em presença de amigos e aliados? Nós não somos dos que condenam sistematicamente a politica do silencio. Achamos que ela é necessaria, mais, que ela é indispensavel em certas emergencias. Mas de aí até a tomar como «mot d'ordre» em assuntos que do conhecimento geral podem e devem ser, vai uma grande distancia.

Este o nosso ponto de vista. Supomos que é o unico aceitavel, mesmo em pais onde, como no nosso, a educação civica da colectividade anda bastante por baixo.

* * *

O caso do sr. dr. Afonso Costa, e dos seus colegas, é excepcionalmente delicado. Trata-se de alguem que no seu país ocupou as mais altas situações; trata-se de alguem que ainda hoje tem um dominio efectivo sobre uma grande parte do partido que o teve como chefe, e continua a ser o maior partido da Republica. E não só no partido democratico, hemos de confessá-lo.

Ora, o sr. dr. Afonso Costa tem mantido nos ultimos tempos uma atitude que bem se pode classificar de estranha. S. ex.ª, sendo pedido, instado, solicitado com veemencia, desdenhou todos os convites feitos para regressar á actividade politica. O que não quere dizer que s. ex.ª, sempre que isso se lhe torna conveniente, não intervenha nas coisas portuguesas, servindo-se para isso da suas muitas e valiosas relações pessoais.

Como presidente da delegação portuguesa, que sabemos nós da sua obra? Nada, absolutamente nada. Os relatorios que o sr. deputado Cancela de Abreu pediu, para consulta, onde estão metidos? Quem os viu? Quem tem dêles conhecimento? Já alguem ouviu citar uma passagem sua sequer?

E, ao formular estas preguntas, nós levamos em linha de conta todo o caracter confidencial com que o sr. dr Domingos Pereira argumentou no Parlamento.

Mesmo assim. Porque êsse «caracter confidencial» é sempre de uma grande relatividade. Porque, se êsses relatorios existissem, é convicção nossa que dêles alguma coisa teria vindo já cá para fora.

* * *

Mas, em vez dêsses documentos, os que se vão tornando publico são os pedidos quasi constantes de dinheiro por parte dos membros da delegação. São as notas de despesa, são as contas feitas em esterlino. Ora, leiam atentamente estas curiosas linhas:

«O presidente da Delegação Portuguesa á Conferencia da Paz telegrafou informando ter aumentado muito o serviço da Delegação e da Comissão de Reparações e deverem realizar-se brevemente viagens e deslocações para as diversas conferencias, o que acarreta grande excesso de despesas gerais da Delegação. «Solicita para isso que sejam depositados no Banco Ultramarino cem mil francos com ordem de lhe serem creditados telegraficamente na sua conta de deposito, sem o que a Delegação se encontrará em grandes dificuldades, senão impossibilitada de realizar todos os trabalhos que, especialmente no actual momento, lhe incumbem e tanto interessam o país». Considerando indispensavel e urgente atender êste pedido, com fundamento no artigo 5.º, da lei n.º 997, de 30 de Junho ultimo, e no decreto n.º 6.728, de 6 de Julho corrente, que seja abonada ao presidente da Delegação Portuguesa á Conferencia da Paz, pela verba de despesas excepcionais resultantes da guerra, relativa ao actual ano economico, a quantia de cem mil francos nas condições indicadas».

Assina êste documento, datado de 17 de Julho de 1920, o então ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. Francisco Antonio Correia. O leitor viu, e como nós, naturalmente, o leitor pasmou.

* * *

Porque isto é, nem mais nem menos, do que fazer ressurgir a confusão dos erarios. Como naqueles bons tempos em que o rei pedia e o Estado pagava depois por conta dêle. Chamavam-se então adiantamentos. Contra êles se levantou uma campanha de moralidade, que poderosa, que, talvez decisivamente, influiu para a proclamação do regime republicano.

Pois então o sr. dr. Afonso Costa estava autorizado a fazer um pedido desta natureza? E se estava, em que leis, em que regulamentos, em que decretos se baseava? Ignoramos. Cremos que na mesma ignorancia vivem os chamados poderes publicos. Mas era o sr. dr. Afonso Costa quem pedia e houve, portanto, de o satisfazer.

E, continuamos a preguntar ainda, para quê? Foram as libras, foram os francos, foi tudo o que se considerou necessario. E, em resposta, nada recebemos, nem uma letra.

A Delegação Portuguesa á Conferencia da Paz encontra-se, portanto, perante a consciencia nacional, nesta tremenda situação emquanto não der sinal da sua vida e obras: a situação de alguem que foi pinguemente pago e nada fez do que prometera á pessoa que lhe pagou. Puro caso de ludibrio, dirá o leitor. Talvez.

A eterna questão

O RUHR

continua preocupando os governos aliados e sobretudo a Inglaterra — A nota alemã

LONDRES, 25 — O sr. Stanley Baldwin declarou na Camara dos Comuns que o esboço das replicas inglezas á nota alemã tinha sido enviado á França, á Belgica, á Italia e ao Japão. Tambem tinha sido comunicado ao governo dos Estados Unidos para que este ficasse devidamente informado.

Durante a sessão foi perguntado a sir William Joynson Hicks se ele tinha alguma informação acerca do largos creditos de libras concedidos na Inglaterra á Alemanha para que ela possa comprar materias primas para poder manter a laboração das suas industrias, ao que ele respondeu que não tinha nenhumas informações nesse sentido. Havia creditos concedidos a particulares por particulares e essas importancias não poderiam ser nunca desviadas para pagamento de reparações. — R.

A atitude da França retardando a resposta á proposta ingleza desagrada á imprensa

LONDRES, 25 — O «Daily Telegraph» etigmatisa os esforços da França para protelar a réplica ás propostas inglezas. Varios jornaes dizem que o sr. Mussolini se mostra satisfeito com o esboço da nota ingleza em resposta á nota alemã, mas mostra-se desapontado porque ela não encerra propostas definidas acêrca da solução do problema das dividas internacionaes. — R.

Uma interpelação sobre a questão do Ruhr nos Comuns

LONDRES, 25 Os nacionalistas liberaes concordaram com os desejos do governo de que fosse adiada a interpelação acêrca da ocupação do Ruhr que estava para se realisar amanhã. — R.

O Reichsbank de Dortmund ocupado pelas autoridades francezas

LONDRES, 25 — As autoridades francesas ocuparam a Agencia do Reichsbank em Dortmund apoderando-se do numerario ali existente. — R.

POLITICA

Junta Geral do Districto

Impressões da ultima reunião, — Papel que as comissões eleitas vão desempenhar

Oito mezes depois da eleição, conseguiu reunir-se a Junta Geral do Districto de Lisboa. Em seguida á posse, ficou funcionando — ilegalmente, é claro — a antiga comissão executiva, cujas resoluções são nulas — ou a lei continua a ser a vontade de cada chefe de chafarica do partido democratico.

Na reunião a que nos referimos foi aprovado, sem discussão, um orçamento extraordinario; e tão extraordinario que ninguem, examinando-o, será capaz de ficar sabendo em que vão ser, e se vão ser bem empregadas as verbas, nem donde vem o dinheiro, pois a Junta não tem vintem. A Junta Geral, gastando dezenas de contos com congressos que têm por fim acabar com as Juntas Geraes, vê-se agora na situação de não poder pagar os seus encargos.

A Junta de Lisboa — com 56 procuradores! — tem apenas como função aprovar orçamentos de irmandades, o que não chega a ser trabalho anual para um amanuense. Possue uma grande Escola Agricola... para crianças! — que tem sido apenas um sorvedouro de dinheiro, donde sairão capatazes de quatorze anos a quem ninguem cairia em entregar uma casa agricola nem aos trinta. Possue tambem um Instituto de Educação, muito bem ideado e que funciona... no papel. Era um belo pretexto para se gaguejarem tolices e não se percebe agora porque não funciona. Naturalmente os funcionarios não são democraticos. Isto é sempre assim, com varios pretextos... Consta que este Instituto vai ser entregue a entidades anonimas e sem dinheiro, quando devia ser entregue ao Ministerio da Instrução, em proveito de todo o paiz. O Parlamento não saberá nada disto? Ele não sabe nada!...

Na dita reunião da Junta foram nomeadas varias comissões: uma de instrução, para acabar com aquele Instituto, para o que está nela um professor interessado, que pertenceu á antiga comissão executiva; uma comissão de finanças para fazer um beneficio que dê para pagar aos funcionarios e fornecedores; uma comissão de contencioso, para receber queixas de funcionarios lesados e que têm de ser postos na rua por não serem democraticos; uma comissão para tratar das estradas do Governo, que hão de ser reparadas por um generoso sindicato, e para colocar um procurador chamado Cilindro — «blague» para contrariar os nacionalistas...

E aqui está a vida da primeira Junta Geral do paiz. Sabemos que o Congresso Municipalista do Porto vai ser agitadissimo e que se ocupará da Junta de Lisboa e de alguns dos seus procuradores, aos quaes pedirá severas responsabilidades pelo desrespeito ás resoluções do Congresso de Lisboa e ás prerrogativas dos membros eleitos para as comissões.

Cá ficamos de atalaia.

Bolchevistas

presos em Belgrado

BELGRADO, 25—A policia prendeu 400 bolchevistas nesta cidade.—(R.)

NA ALEMANHA

O COMUNISMO

ganha terreno

LONDRES, 25 — Nas eleições dos delegados dos metalurgicos alemães para a reunião que se deverá realisar em Cassel ganharam a vitoria os radicaes. Grande numero de socialistas têm abandonado o seu partido filiando se no comunismo. — R.

CONGRESSO PEDAGOGICO

A União dos Professores Primarios

realisa um, este ano,

EM LEIRIA

Os exames de admissão ao ensino secundario apreciados por um professor

Assuntos para o congresso estudar

Em Leiria vai a União do Professorado Primario realisar, em meados de Agosto proximo, o seu congresso pedagogico anual.

A comissão organisadora nomeou socios honorarios da União, além dos srs. ministro da Instrução e Director Geral do Ensino Primario e Normal, o presidente do Directorio do Professorado Primario e os presidentes ou seus representantes das colectividades educativas Sociedade de Estudos Pedagogicos e Universidades Livre e Popular.

O congresso, á semelhança do que já se fez nos anos anteriores, dividir-se-ha em duas partes fundamentaes: a pedagogica e a associativa.

* * *

Sobre o interessante movimento pedagogico quizemos ouvir o professor Manoel Silva, da União do Professorado Primario.

«Na parte associativa do congresso, diz-nos, apenas poderão tomar parte os delegados dos nucleos concelhios de todo o paiz, ventilando os problemas internos da organisação.

«Todos os professores poderão assistir mas só os delegados poderão discutir e votar. Na parte pedagogica podem tomar parte todos os professores de qualquer ramo ou grau e, bem assim, embora como simples socios aderentes todos os individuos que se interessem pelos assuntos de educação.

«No intuito de contribuir para a maxima extensão e aperfeiçoamento do ensino portuguez, já o ano passado a União dirigiu um apelo aos apaixonados e competentes dos assuntos educativos. Infelizmente poucos lá fôram, mas este ano decerto será maior o numero dos que desejem cooperar comnosco no ressurgimento da Patria pela educação.

— O assunto capital? inquirimos.

— Tinha de ser, e é de facto a projectada remodelação do ensino, sobre a qual o professorado primario se manifestara largamente na sequencia do que já vem fazendo em reuniões necessarias dos nucleos concelhios que constituem as celulas vivas da nossa organisação associativa.

«A proposito das bases que mais directamente deles tratem, serão discutidos, embora genericamente, os assuntos: horarios, programas, exames, licenças, inactividade e aposentação.

«Na reunião magna, além do assunto pagamentos, cuja irregularidade tanto aflige a vida modesta dos professores na provincia, serão particularmente apreciados outros pontos; como lutuosa da classe, instituto do sanatorio, etc.

— Desde que no congresso se deve tratar da questão dos exames, como entende esse assunto?

— Acho que ele nem sempre tem sido bem colocado pela minha classe. No nosso congresso de ha 3 anos, em Coimbra, julgo que o professorado defendeu o bom criterio, pedindo que com os programas mais actualisados se fizessem provas na 3.ª classe. Assim o periodo infantil dos 7 aos 10 anos terminaria por um exame especial de verificação do rendimento e eficiencia escolares, sendo desta maneira o antigo 1.º grau pedagogicamente transformado.

«Exames de algumas horas ou de alguns momentos apenas não podem deixar de merecer a nossa condenação; mas exames provas finaes da 3.ª e 5.ª classes da escola primaria, representando como que a sintese da série dos pequenos e constantes exames de aproveitamento escolar, sobre o serem defensaveis, são absolutamente necessarios, até mesmo considerando o individuo isoladamente do meio social.

«Eu julgo que a minha classe, em geral, se não afasta desta orientação.

«E' certo que muitas vezes tem parecido o contrario, mas isso é resultado duma desorientação, duma falta de logica que existe na nossa organisação escolar. E se não vejamos:

«A lei de 10 de Maio de 1919 quiz nacionalisar os exames e dar á escola primaria a sua finalidade, propria. Até aqui muito bem; mas por outro lado, criam-se na admissão aos liceus e até mesmo ás escolas primarias superiores, exames que, sob o ponto de vista psicologico e social não são menos prejudiciaes do que os antigos exames primarios.

«E então o que pareceu? Que se tiravam os exames da escola primaria para se fazerem noutra parte. Mas disto até resulta um prejuizo economico para os pais dos alunos, sobretudo nos pequenos centros, visto que os exames se tem de deslocar léguas e léguas, e como na escola primaria a 5.ª classe fica longe, e antes não ha prova nenhuma valorizada, sucede por força das circunstancias que uma parte da população abandona a escola, para particular e... rapidamente prestar provas de admissão a outros cursos.

«Em resumo, pois, eu entendo que no fim da 3.ª classe, aos alunos que mereçam, se deve passar um certificado do seu bom aproveitamento, e assim teriamos o 1.º grau mais racionalisado. Dos 10 aos 12 anos os alunos continuarão na escola primaria, mas se durante esse periodo quizerem fazer qualquer prova de admissão ao ensino secundario, medida que é discutivel — visto que o ensino secundario geral, como o elementar técnico, são apenas ensino primario complementar — ser-lhes-ia exigido como condição prévia o certificado de aprovação na 3.ª, 4.ª ou 5.ª classes, conforme a idade inicial do ensino secundario.»

Para o sr.

Ministro da Guerra

Será possivel ponderar esta reclamação?

Chamamos a atenção do sr. ministro da Guerra para o seguinte caso:

Alguns fortes da costa que vai do Guincho á Guia têm sido dados por arrendamento a diversos particulares, preenchendo-se o disposto no § unico do artigo 26.º da lei de 20 de Março de 1907, que determina que o Estado não pode em caso algum dar de arrendamento edificios publicos, por qualquer Ministerio, senão em hasta publica.

Pois agora, estando os arrendatarios perfeitamente em dia com os seus pagamentos ao Ministerio da Guerra e a coberto dos clausulas dos respectivos arrendamentos, pretende-se entregar esses fortes á Sociedade Financeira, sem razão alguma, violando-se a letra desses contractos e a da lei de 20 de Março de 1907, não se procedendo á arrematação em hasta publica.

Essa Sociedade, que mantem tropas nos seus terrenos da Marinha, abrindo estradas e outros serviços, a titulo de instrução, pretende agora, protegida pela repartição que no Ministerio da Guerra trata destes assuntos, obter esses fortes, prestando-se essa repartição a impôr uma violencia e uma ilegalidade, com o fim de proteger uma entidade que só pode vencer saltando por cima da lei.

O espirito republicano do sr. ministro da Guerra não pode consentir que os seus subordinados estejam desrespeitando a lei a favor seja de quem fôr e com prejuizo manifesto de terceiros que nessas autoridades e nessa lei confiaram.

Segundo nos consta, esta questão vai ser levantada no Senado e voltaremos ao assunto, indicando qual a forma por que a repartição pretende sofismar a lei, esquecendo-se de que vem fornecendo argumentos em contrario desde longa data.

E' essa mesma repartição que, pelo seu criterio proteccionista, pretende, saltando por cima da lei, dar de arrendamento o chamado tiro aos pombos em Cascais, esquecendo-se que já estava arrendado. Daí resultou um embargo legalmente interposto pelo primeiro arrendatario.

O sr. ministro da Guerra deve apurar bem este caso e outros, para bem conhecer o valor da tal repartição.

— LER NA —

ULTIMA HORA

O crime da Rua da Escola

e outras noticias do dia

O inquilinato comercial

O caso da firma Eduardo Martins está interessando vivamente a opinião publica

Os artigos que «A Capital» vem publicando sobre o inquilinato comercial, a proposito do caso da firma Eduardo Martins & C.ª, estão sendo acompanhados com o maior interesse. Temos recebido varias cartas, que nos incitam a prosseguir nessa campanha que envolve, afinal, a tranquilidade e o direito de todos nós aqueles que, não sendo afortunados proprietarios, temos apenas a contar com o nosso esforço de todos os dias que por fim, se traduz por uma labuta incessante e herculea de muitos anos.

A questão da firma Eduardo Martins representa, nem nada mais nem nada menos, do que um «direito legitimo» que se pretende calcar aos pés, para o que todas as violencias e arbitrariedades são meios admissiveis. Temos pela magistratura portugueza—que felizmente ainda não está contaminada pela onda de corrupção que lavra na nossa sociedade — o maior respeito, a mais profunda admiração. Mas não podendo deixar de acentuar bem, aqui, o nosso protesto por alguem que, querendo ou fazendo parte dela, esquece e vilipendia os sacratissimos deveres e exemplos que a sua classe lhe impõe.

A falta de espaço, com que lutamos, obriga-nos a retirar o artigo que hoje deviamos publicar sobre este palpitante caso que tão vivamente está prendendo a atenção da opinião publica. Mas amanhã prosseguiremos.

Finanças inglesas

A caminho do equilibrio

A Inglaterra pagou as suas dividas ao estrangeiro

LONDRES, 25 — O sr. Baldwin pronunciou um discurso no banquete oferecido ontem pelo lord Mayor. Referiu-se á situação financeira da Inglaterra dizendo que as despesas tinham sido redusidas de mais e dois mil milhões de libras esterlinas por ano a pouco mais de 800 milhões. O sr. Stanley Baldwin disse que a Inglaterra se podia orgulhar da politica financeira realisada nos ultimos tempos, tendo a Inglaterra resolvido a questão das suas dividas, e tendo pago todas as dividas estrangeiras excepto a dos Estados Unidos que foi consolidada. Pagou-se 20 milhões de libras ao Japão, 25 milhões á America do Sul, equilibrou-se o orçamento e manteve-se cada vez mais alto o credito e a reputação da Nação. Referiu-se tambem o ministro ás tentativas feitas para a restauração financeira da Austria e aos desejos da Inglaterra de que a restauração economica da Europa seja um facto dentro de breve tempo.—R.

"A VANGUARDA"

Por se ter empastelado uma pagina, a hora a que era impossivel reconstitui-la, não se publica hoje o nosso colega «A Vanguarda».

Dr. Duarte Leite

A bordo do paquete «Almanzor» chegou hoje a Lisboa acompanhado de sua esposa e filhos o sr. dr. Duarte Leite embaixador de Portugal no Brazil.

O ilustre diplomata que fez a travessia do Tejo num rebocador do Arsenal da Marinha, desembarcou pelas 10 horas e meia no Caes da Alfandega onde recebeu os cumprimentos de boas vindas, dos srs. Luiz Barreto da Cruz, chefe do Protocolo da presidencia da Republica, comandante Muzanti, e mais tres ou quatro pessoas intimas.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Reunião das Comissões Politicas

São convocados para reunirem hoje em sessão magna pelas 21 horas, no Centro Republicano Radical de Lisboa, rua da Voz do Operario, 64, 1.º, á Graça, todos os cidadãos que compõem as comissões politicas das freguezias de Lisboa e arredores.

Roga-se a comparencia do maior numero de delegados possivel, em vista da importancia dos assuntos a ventilar e resolver.

As Comissões Municipal e Distrital avisam todos os cidadãos que compõem as comissões politicas, que não devem faltar a esta reunião.

O comicio de domingo em Evora

Seguiu já para Evora o presidente da Comissão Distrital daquele districto, que veiu expressamente a Lisbôa, receber as indicações do Directorio, ácerca do grande comicio que se realisa no proximo domingo nessa cidade.

A partida dos oradores far-se-ha no sabado ás 20,15 na estação do Terreiro do Paço, para o que são desde já avisados os propagandistas que seguem para Evora, a estarem ás 20 horas prefixas na referida estação.

A Comissão Municipal do Barreiro, prepara uma manifestação á chegada á gare desta vila dos seus correligionarios de Lisboa e faz-se representar no comicio por dois delegados seus.

Do Grupo de propagandistas que seguem para Evora, fazem parte o dr. Orlando Marçal, comandante Procopio de Freitas, dr. Santos Monteiro, major Rosa Ventura, Arnaldo de Carvalho, Antonio Bernardo, Antonio Joaquim Magalhães, José Julio Rôxo, Moreira Lopes, Cesar de Lemos, tenente Mario Barros, Arcadio Matos Silva, alferes Pimenta, professor Anibal Passos e tenente Ricardo Machado.

Acompanham ainda a missão varios representantes das comissões politicas de Lisboa, entre eles os srs. Carlos Antonio dos Santos, alferes João Bernardo Caldeira, Antonio Simões Paquete, Carlos Fernandes, José Francisco Tendinha, e outros elementos de quem oportunamente indicaremos os nomes.

A comissão de propaganda roga a todos os correligionarios que seguem na missão a Evora e aos que queiram acompanhar os oradores e avisarem até á proxima 6.ª feira 28 pelas 13 horas, nos locais do costume, o secretario da comissão distrital de Lisboa, alferes Pimenta, afim de se providenciar sobre a sua hospedagem em Evora e receberem todas as indicações precisas, para que esta jornada resulte uma imponente manifestação da força partidaria que representa o P. R. Radical.

O alferes Santos Pimenta está em correspondencia directa com as comissões de Evora para prestar todos os esclarecimentos necessarios ao bom exito desta manifestação.

A «Lanterna» publicará um numero especial com o programa partidario na integra que será vendido em toda a linha do caminho de ferro. Por isso o representante deste jornal ao comicio far-se-ha acompanhar dos respectivos distribuidores.

O comicio realisar-se-ha no Teatro Garcia de Rezende e terá logar pelas 15 horas.

Está sendo distribuido em todo o percurso do Barreiro a Evora e nesta cidade um vibrante manifesto de propaganda do comicio.

Reina o maior entusiasmo naquela cidade.

Os oradores regressarão a Lisboa, no comboio das 5 horas da madrugada do dia 30, devendo chegar a Lisboa ás 9 horas do mesmo dia.

Convite

As comissões districtal e municipal de Lisboa, convidam todos os correligionarios que o possam fazer a acompanhar a missão de propaganda que no proximo sabado segue para Evora, em defesa do programa partidario.

ULTIMA HORA

O CRIME DA RUA DA ESCOLA

A hedionda infanticida

é vitima das mais perigosas taras

As suas aventuras amorosas veem de longe — As suas exigencias de dinheiro provocaram a ruina do lar de seus paes

As iniciais dum lençol que envolvia um cadaver

O crime de D. Maria José Guerreiro, apezar de tudo — dos seus mil episodios, do seu ineditismo, dos seus aspectos que a cada momento, se contradizem e atropelam — continua abafado por um véu denso e desesperante, de impenetravel misterio.

A cada hora surge uma nova pista, a cada momento a policia depara um novo caminho, que se lhe afigura uma solução...

O que é certo, porém, é que, no dia seguinte, outra solução se apresenta e novas hipoteses aparecem.

Ontem foi o capitão Pinho; antes tinha sido o desventurado estudante Candido Garcia dos Reis. Nem um nem outro, porém, se afigura que tenham qualquer responsabilidade nos crimes dessa mulher, em quem são evidentes as taras de uma pronunciada amoralidade.

Candido Garcia dos Reis, seu primo, tendo sido, embora, seu namorado nos tempos de infancia, não teve qualquer cumplicidade nos crimes da desgraçada filicida, visto que, gravemente enfermo quando ela lhe atribuia a paternidade da ultima criança, estava, segundo declaração perentoria dos seus medicos, impossibilitado de ter com ela relações amorosas.

* * *

O capitão Pinho, depois de estar preso algumas horas, foi mandado em paz, por não se ter apurado sombra de responsabilidades suas nos crimes de infanticidio.

O que é certo, porém, é que D. Maria Guerreiro, agarrando-se, como é nossa opinião, ás soluções que surgem a cada momento, parece apostada em encobrir quem quer que seja, desviando, com as suas declarações evidentemente contradictorias, as atenções da policia. De resto, a sua existencia cheia de aventuras e de destrambelhamentos, é, já de si, um obstaculo contra o qual se esbarra a todo o momento.

Mulher aos 13 anos, tendo perdido, aos 14 a virgindade, sabe-se lá quantos amantes D. Maria Guerreiro conheceu?

Declarando a principio que sómente conhecera seu primo Candido, a criminosa tem, sucessivamente declinado varios nomes, sendo para notar que isenta de toda a responsabilidade dos seus hediondos crimes, aqueles com quem afirma ter mantido relações.

* * *

As confissões da criminosa não merecem, na opinião de todas as pessoas sensatas, o menor credito.

E' incontestavel que assistimos a um crime quasi invulgar na historia do mundo, praticado por uma mulher cujos instintos dificilmente encontrarão similares pelas idades fóra.

O seu feitio, em que predominam taras apavorantes, fez a desgraça do lar de seus paes. Sua pobre mãe, guardando o leito da enfermidade, é a sua maior victima, porque suportou, durante longos anos as suas ameaças, as suas exigencias, as explosões dos seus nervos enfermos.

A sua vida desregrada levava-a a fazer a sua mãe constantes exigencias de dinheiro. Sua mãe, receosa de que ela levasse a cabo a ameaça do suicidio, satisfazia-a, fazendo pedidos que comprometiam o seu orçamento domestico.

Isso, porém, não chegava. D. Maria Guerreiro pedia, suplicava, exigia mais. E, como muitas vezes ficasse sósinha em casa, desalojava o lar — transferindo para as casas de penhores o que podesse render-lhe o dinheiro de que precisava. Por este processo, a sua casa foi a pouco e pouco ficando desprovida de tudo — moveis, utensilios necessarios, roupas indispensaveis.

* * *

Embrulhando um dos esqueletos foi encontrado um lençol com as iniciaes B. F. — e não C. R., como se disse. As iniciaes são do pai do oficial Formosinho que ha anos, esteve hospedado em casa de D. Maria Guerreiro.

Como se explica que aparecesse, como um provavel indicio, esse lençol envolvendo o cadaver de uma das crianças assassinadas?

E' que tudo o que havia em casa e que podesse ser transformado em dinheiro pela criminosa, desaparecia. E, assim, num dado momento haveria em casa, apenas, os lençoes que o joven oficial Formosinho trouxera de sua casa... Daí as iniciaes

* * *

Mas perguntar-se-ha:

— Como é possivel que tudo isso se pudesse fazer sem conhecimento dos paes?

E' simples: a mãe de D. Maria Guerreiro é uma senhora doente. Passava os dias na cama. Seu pai, pelas exigencias do seu cargo, passava fóra de casa muitos dias e, de certo, não indagava da importancia do bragal domestico.

A criminosa, poude, portanto, agir á vontade.

Eis a razão porque apareceu envolto neste crime hediondo, um pormenor que, afinal, o não é.

A policia indagará — com aquela felicidade e com aquela clareza de raciocinio com que o tem feito até agora. Isto não são mais que umas leves notas á margem, que, em todo o caso, podem, talvez, levar a uma conclusão.

CONSIDERAÇÕES

A' MARGEM DO CRIME

As deligencias de hoje

Uma declaração da familia Garcia Reis

Algumas notas á margem do crime da R. da Escola Politecnica. Notas que reputamos absolutamente necessarias, notas de estranheza onde queremos pôr a nossa convicção e a nossa maneira de ver sobre a forma por que as investigações decorreram e sobre as conclusões a que a policia chegou.

Em primeiro lugar, este crime é, sem sombra de duvida, dos mais espantosos, dos mais repugnantes, dos mais repelentes que nos ultimos anos se têm praticado. Crime digno de analise, de estudo, de exame.

Sobre ele, tudo o que se diga, no sentido de esclarecer e de informar, nunca é de mais. Isto tudo, presupondo que na imprensa portuguesa ha só pessoas dignas e sérias que sabem ocupar o seu lugar e que a policia é constituida por individuos cujo unico fim é achar a verdade.

Verificadas estas duas condições, deve dizer-se tudo. Porque não ha de o publico tambem saber tudo? Pois então é mais doentio, mais perigoso, mais conducente a situações equivocas e dignas de censura o dizer a verdade do que o dizer meia verdade, deixando o resto no campo das suspeições infamantes? Pois então é preferivel esconder pormenores a gritar claramente o que se passou?

* * *

Pela terceira vez, o sr. dr. Crispiniano da Fonseca, juiz encarregado de investigar o crime, deu por findas as suas averiguações, declarando que tinha atingido a «cupula». Desconhecemos o remate arquitectonico que s. ex.ª topou para coroar estes afazeres prosaicamente policiais; desconhecemos a sua forma, o seu estilo, a sua configuração. Já duas vezes o sr. dr. Crispiniano da Fonseca conseguira chegar á cupula, e das duas vezes teve de descer aos alicerces onde um mundo de duvidas se debatia e prejudicava o que já se supunha acabado. Acontecerá desta vez a mesma coisa? Ou, muito pelo contrario, a cupula terá desta vez uma existencia efectiva para consôlo das autoridades e gaudio dos descrentes?

Esperemos vinte e quatro horas ainda. E aguardemos que nesse curto espaço de tempo alguma coisa surja que desmanche o optimismo dos que teimam em acreditar apesar da pouca eficacia que têm as provas até hoje apresentadas.

O sr. dr. Cipriano da Fonseca chegou a esta conclusão: a unica criminosa, a unica culpada é a sr.ª D. Maria José Guerreiro. Ela e só ela engendrou e executou os tres crimes, cuja revelação tão funda impressão de horror provocaram na opinião publica.

Ora, nós permitimo-nos opôr algumas objecções a este ponto de vista de cuja sinceridade não podemos duvidar.

Não é o sr. dr. Crispiniano da Fonseca um medico; é um perito da policia, cuja função consiste em colher provas, recorrendo para isso ao auxilio de todas aquelas pessoas que o possam auxiliar na descoberta da verdade.

Pois muito bem. Nós aconselhamos s. ex.ª a que consulte os clinicos de Lisboa, todos os clinicos de Lisboa, aconselhamos s. ex.ª a que consulte sobretudo os clinicos da especialidade. E daqui garantimos a s. ex.ª que todos, á uma, dirão que nunca pelas suas clinicas passou caso semelhante e que não admitem a possibilidade de alguem ter feito, «sem assistencia de qualquer especie», três partos com intervalos de tempo relativamente curtos.

Um medico distintissimo, com quem sobre o caso conversamos e cujo nome não vem para o caso, declarou-nos: «Só os selvagens».

Ora, D. Maria José Gurreeiro pouco tinha de selvagem.

Considerou o sr. dr. Crispiniano da Fonseca este pormenor? Tão importante ele é, que ao seu espirito não deixou certamente de aparecer como decisivo.

Simplesmente as conclusões a que chegou são bem diferentes daquelas a que chegaria, até pela simples analise dos factos, qualquer medico especialista de facilima consulta.

Mais alguma coisa. Dizem as informações fornecidas aos jornais ter o exame medico legal da criminosa provado que os três partos tinham sido feitos sem assistencia. Como se fez essa prova? Ignoramo-lo. Como ignoramos que scientificamente sobre o corpo da mãe se possa fazer a prova de que ela teve os seus filhos com ou sem assistencia. Assim não pode ser.

Mas admitamos que houve engano; admitamos que o que se queria dizer era que o exame dos fetos demonstrou a falta de assistencia no parto. Seria admissivel esta hipotese, mas apenas num caso. Era no caso de os fetos terem sido encontrados envoltos na placenta. Então sim, então haveria fortes suposições de que ninguem houvesse assistido á parturiente.

Foi este o caso? Inverosimil o achamos tambem. Os fetos eram bastante antigos para que se pudesse ver se estavam ou não envolvidos pela membrana placentaria.

Deve haver, portanto, engano em tudo isto. Puzemos lealmente as nossas duvidas. Não nos convenceram as razões aduzidas pela policia; esperamos, entretanto, firmemente que «toda a verdade» venha a saber-se.

* * *

Agora, a nossa estranheza pela atmosfera de simpatia, de benevolencia, de comiseração que em torno do crime da R. da Escola Politecnica se vem criando ha dias. Porquê? Para quê? Pois então a imprensa que dedicou ha tão pouco tempo larguissimas colunas ao crime do Moreno, da Guarda Republicana, é a mesma imprensa que pretende que hoje sobre o crime de D. Maria Guerreiro se faça o esquecimento completo? Porque os crimes são diversos? Onde ha a medida aferidora por onde se possa avaliar da extensão dos actos de banditismo?

Enganam-se aqueles que acreditam ter a façanha de D. Maria Guerreiro produzido no publico uma impressão de piedade. Essa façanha produziu apenas uma impressão de horror. E as leis fizeram-se para igualmente atingir os que prevaricam, os que delinquem, os que assassinam.

O nosso colega «A Epoca» que [illegible] religiosamente no peito, confessa-se satisfeitissimo por não ter dado relevo ao crime. «O Dia» disfarça rotulando-o com este titulo picaresco: «O caso dos tres esqueletos». Então um caso de triplo infanticidio horroroso, cheio de pormenores que causam calafrios e nos fazem duvidar de tudo o que é grande, o que é nobre, o que é generoso reduz-se, em ultima analise, ao «Caso dos tres esqueletos»? Não póde ser.

O «Diario de Lisboa» fala em internamento no Telhal e admite a possibilidade de á culpada ser arbitrada uma fiança. E' extraordinario, é espantoso. Fiança? Mas então o crime cometido pela sr.ª D. Maria José Guerreiro, aquele crime que alguns tentam distanciar tanto do que o miseravel cabo Moreno cometeu, admite fiança?

Internamento? Mas então alguem pôz em duvida alguma vez o juiso de D. Maria José Guerreiro?

Senhores da autoridade. A opinião publica ainda é alguma coisa, a consciencia colectiva ainda alguma coisa vale nesta terra. E, uma e outras dizem claramente que neste caso tenebroso, nem ha possibilidades de internamento nem ha possibilidades de fiança.

Ha uma pessoa culpada que integralmente tem de expiar a sua culpa. Porque a lei é dura, mas é a lei.

As diligencias efectuadas hoje

O sr. dr. Crispiniano da Fonseca deu por concluidas, ontem á noite, as suas diligencias sobre os crimes e infanticidio praticados por D. Maria Guerreiro, tendo ouvido a noite passada os pais da infanticida. Durante o dia de hoje o adjunto da investigação esteve pondo em ordem o processo e redigindo o seu relatorio que deverá estar concluido amanhã, devendo então D. Maria Guerreiro ser enviada ao Tribunal da Boa Hora. Em casa do general sr. Garcia Guerreiro esteve hoje o sr. dr. Xavier da Silva da policia scientifica tirando fotografias do sotão onde, com é sabido, foram encontradas as tres creanças mortas.

D. Maria Guerreiro teve hoje larga conferencia com o seu advogado o sr. dr. Diogo Ribeiro, o qual ao contrario do que dizem os jornaes já ha um ano que não exerce o cargo de juiz substituto no Tribunal da Boa Hora.

Uma declaração da familia Garcia dos Reis

No cumprimento dum sagrado dever, o de ilibar a memoria dum morto querido, vêm declarar a familia de Candido Garcia Reis, e com autorisação do dr. Crispiniano da Fonseca dignissimo adjunto do director da Policia de Investigação Criminal, que do processo resulta da maneira mais evidente e irrefutavel Candido Garcia Reis não foi o sedutor de sua prima Maria José Guerreiro, não tinha conhecimentos das suas taras concupiscentes, nem dos seus estados de gravidez, se bem que ela afirme que Candido Garcia Reis foi um dos muitos que com ela tiveram relações amorosas, o que aliás não é corroborado por nenhuma outra peça do processo.

Estes factos, de que a familia Garcia Reis teve conhecimento no decorrer das investigações, não poderam por ela ser dados á publicidade por indicação formal do sr. adjunto afim de não prejudicar a acção policial.

A's 18 horas D. Maria Guerreiro recolheu ao Aljube

A policia que tem procurado por todas as formas impedir que os jornalistas se avistem com a infanticida, á andando com a presa ás escondidas pelos corredores do Governo Civil ou pondo em seu logar outras pessoas para evitar que os fotografos lhe assestem os seus «kodaks», usou hoje ao fim da tarde de mais um «truc» improprio de representantes da autoridade que mais não teem feito que dar á criminosa uma protecção escandalosa que ela não merece.

Havia se dito que D. Maria Guerreiro só amanhã seria entregue ao tribunal, mas apezar de tal afirmativa aguardou-se a ocasião tardia em que no Governo Civil era fraca a concorrencia para fazer a sua remessa para o juizo.

D. Maria Guerreiro trajando um fato azul escuro e chapeu de palha, apareceu sosinha e com espanto dos «reporters» á porta do Governo Civil, dirigindo depois os seus passos para a rua Serpa Pinto, seguindo á sua frente numa distancia de 30 metros o agente Esteves que fôra encarregado de a acompanhar.

Na rua Serpa Pinto estacionava um automovel que recebeu a criminosa seguindo ela depois para o 3.º juizo de investigação, juiz dr. Magalhães Barros, onde chegou já muito depois da hora regulamentar!

A infanticida recolheu passados momentos á cadeia do Aljube.

Chegou hoje a Lisboa

uma esquadra americana... e Lisboa foi ocupada

Cerca das 15 horas fundeou no Tejo uma esquadra americana vinda de Gibraltar. Pouco depois desembarcou uma grande parte das guarnições, que passeou pela cidade.

No Terreiro do Paço e na Avenida ha barracões armados pelo Triangulo Vermelho, instituição protestante americana, nos quais são vendidos refrescos etc. E' nesses barracões que os marinheiros a oficiais trocam os «dolares», decerto para que eles não fiquem em Portugal. E' estranho que isto aconteça com licença das autoridades, pois trata-se de uma exceção afrontosa para os nossos brios patrios, visto que nenhum paiz ainda se permitiu estabelecer provisoriamente em Portugal, um comercio seu, prejudicando assim o comercio local.

* * *

A divisão é composta dos cruzadores-couraçados «Arkansas» e «Florida» e comandada pelo almirante Icales. O primeiro tem 28.000 toneladas com 1340 tripulantes e o segundo 21.000 toneladas com 1200 homens. A bordo veem grande numero de aspirantes que andam em viagem de instrução.

A divisão naval demora-se alguns dias no Tejo.

Esta noite, no Avenida Parque, realisa-se uma festa dedicada á marinha americana.

A'manhã á tarde deve ter logar no Jardim Zoologico em chá tango em honra da oficialidade e a noite tourada em homenagem ao comandante em chefe da esquadra.

O club «Maxim's» dedica esta noite uma festa aos oficiais e ámanhã o Avenida-Palace-Club (Palacio Meyer) oferece-lhe ámanhã á noite festa.

Na sexta-feira realiza-se em Cintra um almoço oferecido pelo adido naval americano á oficialidade, visitando a marinhagem os nossos monumentos e museu.

Parlamento

Nos Deputados

Cerca das 15,30 o sr. Afonso de Melo, que está na presidencia, anuncia estarem presentes 42 deputados e manda fazer as leituras habituais, em seguida ao que se entra no periodo de antes da ordem do dia.

O sr. João Bacelar ocupa-se de promoções de oficiais do exercito, dando-lhe o sr. presidente do Ministerio alguns esclarecimentos.

O sr. Viriato da Fonseca requer urgencia, que se aprova, para um projecto de lei que interessa aos assistentes das Universidades, e o sr. Carlos de Vasconcelos, reportando-se a noticias vindas nos jornais, observa do governo que nas praias e termas não se exerce a repressão do jogo. Exige que se cumpram as leis do país, ou que então, se regulamente o jogo, respondendo-lhe o sr. presidente do ministerio que o governo tem dado ordens expressas para se não jogar e o sr. Vasco Borges, recordando que o poder executivo tem o mandato de reprimir o jogo, afirma que, apesar disso, se joga.

Termina requerendo que se entre ámanhã em discussão o projecto que comina os jogadores.

* * *

O sr. João Bacelar chama a atenção do governo para o caso da evasão dum gatuno da quadrilha do «Assanhado». Em seu modo de ver, tal facto deu-se com a conivencia dum funcionario judicial e por virtude da má organisação dos serviços de remoções de pessoas.

O sr. ministro da justiça declara que vai indagar o que se passou.

Aproveitando o uso da palavra, envia para a mesa uma proposta já conhecida que dá certas regalias ás mulheres casadas sob o ponto de vista da administração de bens.

* * *

Entre varios requerimentos que surgem de todos os lados da Camara, aparece um do sr. ministro da Justiça para que antes da ordem da proxima sessão se discuta um que regula a situação dos magistrados das ilhas.

Posto á votação o requerimento do sr. Vasco Borges, diversos oradores falam sobre o modo de votar, mas vota-se favoravelmente, em prova e contra-prova.

Votam-se outros requerimentos no meio de certa barafunda sendo aprovado tambem o do sr. ministro da Justiça, depois de sobre ele ter falado o sr. Pedro Pita.

O funcionalismo publico

abandonaram as repartições

Uma reunião de protesto

A' porta dos ministerios foi afixado, de tarde, o seguinte «placard»:

«Colegas: — E' o seguinte o aumento mensal que o Congresso da Republica acaba de conceder ao funcionalismo publico: — Parlamentares, 800$00; Ministros, 2.900$00; Directores Gerais, 875$00; Chefes de Repartição, 585$00; Chefes de Secção, 278$00; 1.ºs oficiais, 200$00; 2.ºs oficiais, 163$00; 3.ºs oficiais, 44$00. — Os aspirantes, praticantes, fiscais e outros, a avaliar pelos honorarios dos 3.ºs oficiais, devem ficar com um aumento de 30 ou 40 centavos diarios. — A comissão pró-aumento».

Os funcionarios abandonaram as repartições a fim de apreciarem, numa reunião magna da classe, os aumentos concedidos e o caminho a seguir:

* * *

Logo que no Governo Civil foi recebida comunicação do presidente do Ministerio sobre os casos que se estavam desenrolando na secretaria das Colonias, onde teve lugar a reunião de funcionarios, seguiu para o local o piquete de policia, bem como o tenente sr. Lopes Soares e o chefe Nazareth. Pouco depois começavam chegando ao Governo Civil novos reforços de esquadras tendo tambem comparecido pelas 15 horas no seu gabinete o sr. Governador Civil que achando-se adoentado na sua casa de Parede, foi informado telefonicamente do que se estava passando:

* * *

Esta noite deve realisar-se uma nova reunião magna do funcionalismo, visto não ter sido possivel, na desta tarde, tomar qualquer deliberações.

No ministerio das Colonias, o sr ministro dos Estrangeiros é desconsiderado pelos funcionarios, exigindo uma explicação ao sr. presidente do Ministerio

A indignação entre o funcionalismo é enorme. Acusam o sr. Viriato da Fonseca e o sr. ministro das Finanças de terem criterio diferente no da lei e o mesmo afirmam alguns dos directores gerais de contabilidade como os srs. Malheiros e Cabreira.

Desta forma, escudados por estas duas ultimas opiniões, muitos funcionarios, sabendo que o conselho de ministros se encontrava hoje reunido pelas 13 horas no Ministerio das Colonias, foram áquela Secretaria, acompanhando uma comissão sua delegada que, junto do chefe do Governo e do titular da pasta das Finanças, ia expor as reclamações da classe.

O senhor presidente do Ministerio não poude receber imediatamente a comissão, o que irritou os funcionarios presentes, dentre os quais começaram saindo gritos dirigidos aos ministros:

— Para êles, grossa queijada! Para nós, nada! 18 contos! Não se contentam com pouco! etc., etc.

A' passagem do sr. ministro dos Estrangeiros, foram-lhe dirigidos identicos remoques, dos quais este senhor deu conta ao sr. Antonio Maria da Silva, exigindo que lhe fosse dada satisfação.

Antes deste ultimo incidente um secretario do chefe do Governo, perante a exaltação dos animos, procurou fazer sair dos corredores todos os funcionarios o que só conseguiu com auxilio da policia chamada pelo telefone para esse efeito bem como da G. N. R. Só depois disto é que a comissão entrou num dos gabinetes do Ministerio onde o sr. Antonio Maria da Silva, por intermedio de um seu secretario, lhe fez saber que só os receberia no Parlamento e depois de ter sido dada uma satisfação ao sr. dr. Domingos Pereira.

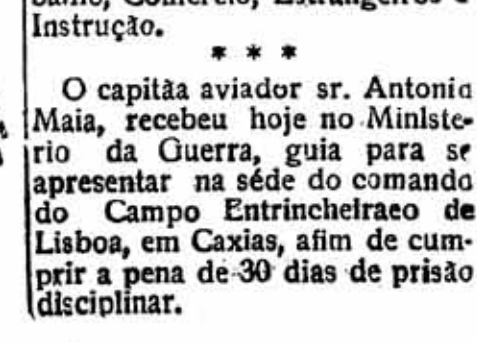
A's 17 e 30 a comissão encontrava-se no Parlamento acompanhada por muitos funcionarios, não tendo ainda chegado o chefe do Governo.

A's 18 horas

O conselho de ministros reuniu hoje na secretaria das Colonias. Segundo nota oficiosa, versou assuntos administrativos pelas pastas da Justiça, Finanças, Colonias, Agricultura, Trabalho, Comercio, Estrangeiros e Instrução.

* * *

O capitão aviador sr. Antonio Maia, recebeu hoje no Ministerio da Guerra, guia para se apresentar na séde do comando do Campo Entrincheirado de Lisboa, em Caxias, afim de cumprir a pena de 30 dias de prisão disciplinar.

A EXPOSIÇÃO DO RIO...

A ilustre artista

D. Cacilda Ortigão

responde em carta

ao sr. Lisboa de Lima

Ex.mo sr. director de «A Capital». — Perdõe V. que eu venha roubar um pouco de espaço ao seu conceituado jornal, mas não posso deixar sem resposta a carta do sr. Lisboa de Lima ontem publicada e que não é a expressão da verdade. Por forma alguma desejo que os leitores da «Capital» imaginem que pretendi aproveitar-me do Comissariado Português no Rio, como pode inferir-se das palavras do referido senhor. Antes de tudo, permita V. que mantenha e confirme tudo quanto disse ao redactor dêsse jornal que teve a gentileza de vir entrevistar-me.

Eu explico o que se passou e o publico julgará.

O sr. Lisboa de Lima, por cartas e telegramas que tenho em meu poder, fez com que eu interrompesse a minha «tournée» artistica pelo norte do Brasil para ir de Vitoria ao Rio de Janeiro — 35 horas de comboio seguidas — com o fim de tomar parte numas festas por esse senhor projectadas por ocasião da inauguração do Pavilhão das Industrias, inauguração que, segundo me «afirmava» nessas cartas e telegramas, se efectuaria «em principios de dezembro». (O referido pavilhão inaugurou-se em maio!!). Depois de me ter tido quinze dias no Rio de Janeiro, durante os quais procurou mil evasivas a fim de que me retirasse sem que, pelo menos, me reembolsasse das despesas de viagem e de estadia que me eram absolutamente devidas, o sr. Lisboa de Lima, á vista de testemunhas, cujos depoimentos conservo tambem em meu poder, concordava em indemnisar-me dessas despesas e marcava comigo e com meu marido um «rendez-vous» no seu hotel, a fim de que ultimassemos o nosso assunto. Aí, o sr. Lisboa de Lima preguntou-me qual o minimo de que necessitava para me retirar do Rio para a Baía, onde me destinava. Respondi-lhe que necessitava de 1.200$000, isto é 600$000 réis para o hotel e 600$000 réis para as viagens, mas que não estava incluida nessa verba a quantia de 400$000 réis da viagem de Vitoria ao Rio. E como o sr. Lisboa de Lima me dissesse que ia pagar-me esse dinheiro do seu bolso particular e se lamentasse do pouco que auferia (10 libras diarias, etc., etc.), da melhor boa vontade renunciei a esses 400$000 réis. Quando nos despedimos, o sr. Lisboa de Lima garantiu a sua palavra de honra que me enviaria no dia seguinte, de manhã, aquela quantia e fazia-me sentir que teria de assinar um recibo do Comissariado, a fim de que com êle me desse por quite. Foi então que protestei e fiz sentir gentilmente ao sr. Lisboa de Lima, por carta, cuja copia conservo tambem, que, se o dinheiro era do seu bolso, renunciaria aos 400$000 réis, mas que, se era do Comissariado, não achava justo o meu prejuizo. Pois o sr. Lisboa de Lima não enviou ao hotel, como tinha garantido, a quantia prometida nem aquela a que me julgava com todo o direito. Mais ainda, não me devolveu até hoje os recibos comprovativos das minhas despesas e que em mão lhe entreguei. E ao fim da tarde do dia seguinte escrevia-me uma carta com mais evasivas, em que terminava por dizer que ia reunir toda a correspondencia trocada entre nós e estudar o assunto para resolvê-lo como de justiça. O sr. Lisboa de Lima esteve estudando o assunto durante 75 dias, isto é, até ao dia em que fez entrega do Comissariado ao nosso embaixador. E não o estudou. Casualmente, nesse dia, procurei-o no hotel e as suas palavras textuais foram: «Se V. Ex.ª me tivesse procurado ontem, eu teria mandado pagar tudo. Agora é tarde, já não sou o comissario». Mais uma vez o sr. Lisboa de Lima reconhecia a divida que tinha para comigo. Procurei o sr. embaixador, contei-lhe o que se passava e mostrei-lhe a correspondencia. O sr. dr. Duarte Leite disse-me que era justissima a minha pretensão e que estava disposto a pagar-me, mas que necessitava de um documento do sr. Lisboa de Lima autorizando essa despesa que fôra feita durante a sua vigencia. Novamente me avistei com o sr. Lisboa de Lima, que prometeu estudar a forma de redigir esse documento. Um alto funcionario do Comissariado, cujo nome posso indicar, telefonou-me dizendo que o sr. Lisboa de Lima ia resolver favoravelmente o assunto, como de resto solucionou muitos outros casos identicos. Como a resolução do caso demorasse, procurei por ultima vez o sr. Lisboa de Lima, que me disse exactamente o seguinte: «eu não mando pagar nada; o sr. embaixador que o faça, se quizer, que eu limito-me a ver os touros de palanque».

Devo dizer, de passagem, que, durante este longo interregno, o sr. Lisboa de Lima faltou á consideração que me devia como mulher, como artista portuguesa, cujo objectivo unico durante a minha longa «tournée» de dois anos foi enaltecer a minha Patria, e como senhora a quem incomodou e prejudicou altamente, pois, alem do tempo que me fez perder, evitou que eu fosse a Campos realizar um concerto que muito me interessava e para o qual fui convidada por telegrama que recebi á sua vista e de testemunhas, cujos depoimentos tambem conservo.

Como se vê, por isto que digo e que é a expressão absoluta de tudo quanto se passou, não se tratava de um desejo meu, como o sr. Lisboa de Lima insinua, mas de um caso de absoluta justiça. O sr. Lisboa de Lima diz na sua carta que em consciencia entendia que não devia mandar abonar a uma artista portuguesa com a qual se comprometera em cartas, telegramas e verbalmente, uma quantia insignificante. Mas mandou pagar, já depois de ter deixado o cargo de comissario, as despesas de viagem de volta á filha do maestro Sarti e ao maestro Sarti que não é tão portugues como eu, e quatro meses á razão de três libras por dia, sem que com esse senhor tivesse nenhum contrato!

A consciencia do sr. Lisboa de Lima permitiu-lhe tambem que tivesse ficado até hoje com os recibos comprovativos da minha despesa, sem que essa despesa tivesse sido satisfeita.

Todos os documentos trocados entre mim e o sr. Lisboa de Lima eu tive o prazer de mostrar ao redactor do seu jornal que me entrevistou e encontram-se patentes em minha casa para quem os quizer consultar. De resto, advogados e não advogados que os têm visto me fazem inteira justiça. Nesta data escrevo ao sr. sindicante aos actos do sr. Lisboa de Lima, manifestando-lhe o desejo que tenho em depôr e que esses documentos façam parte do processo.

De V., etc. — *Cacilda Ortigão.*

TAUROMAQUIA

Despedida de «Facultades» nesta epoca em Lisboa

Encontram-se em exposição gratuita na praça do Campo Pequeno os oito touros que se hão de lidar amanhã, na corrida noturna em que o valente diestro Facultades faz a sua despedida este ano dos aficionados de Portugal. E' o espada mais completo que hoje toureia em Espanha, onde tem estado colossal, recebendo as maiores ovações e o que maior cartel tem no Campo Pequeno pelas suas faculdades verdadeiramente artisticas e pela sua grande vontade em agradar ao publico. Os touros são lindos e de grande poder, havendo alguns de 24 e 26 arrobas. O grupo de aficionados, alguns distintos amadores, que leva a efeito esta grandiosa corrida, não se tem poupado a despesas.

Banco de Angola

Recebemos do sr. Antonio da Costa, director da Sociedade Agricola da Ganda, a seguinte carta:

Sr. Director do jornal «A Capital» —Tendo visto no seu conceituado jornal de hontem á noite uma local em que se anuncia a fundação do Banco de Angola, figurando entre o grupo organisador o signatario da presente, venho por este meio declarar que tal noticia carece em absoluto de fundamento, pelo que solicito de v. a necessaria rectificação.

Agradecendo antecipadamente, me subscrevo com toda a consideração, de v. etc.—Antonio da Costa.

Cem mil dollars

Horas de angustia

Dois filmes de sucesso se exibem esta noite no Salão Central. O primeiro «Cem mil dollars» tem seis partes e é desempenhado pelo eximio actor Jorge Walsh, um dos mais populares artistas cinematograficos da America do Norte; o segundo «Horas de Angustia» é uma autentica maravilha, deliciando com as suas scenas cheias de novidade, de luxo e de riqueza e entusiasmando com o seu primoroso desempenho, confiado á actriz Lucy Doraine que, alem da sua muita elegancia e beleza de «toilettes» é uma mulher encantadora.

Ambas estas lindas peliculas figuram no espectaculo de hoje, acompanhadas das «Actualidades Gaumont», em que se admiram os casos mais sensacionais de todo o mundo e a comedia em dois actos «Meninas do Coro», sem rival pela sua movimentação e episodios da mais franca gargalhada.

Teatros ▪ Musica ▪ Cinemas

José Loureiro

No proximo dia 31 parte para o Brasil, a bordo do «Massilia», o emprezario sr. José Loureiro, ficando a substitui-lo em Lisboa o emprezario luso-brasileiro sr. Juca de Carvalho.

O sr. José Loureiro leva este ano ao Brasil duas companhias francesas: uma de declamação e outra do genero mimicado, tencionando trazer a Portugal, no proximo inverno, a companhia dos grandes artistas espanhoes Maria Guerrero e Diaz de Mendoza.

A festa artistica de Erico Braga

E' já depois de amanhã que, em S. Carlos, se realisa a recita de Erico Braga, actor distincto que, mercê das suas qualidades de talento, vontade e estudo, tem sabido conquistar, no nosso teatro, um logar de evidencia. Na festa, que se fará com a representação da graciosissima comédia «Carta anonima», toma parte a ilustre artista Lucilia Simões.

Companhia Palmira Bastos

Parte para o Brasil no proximo dia 31, em «tournée» que durará um ano, a companhia Palmira Bastos, que tenciona percorrer todos os estados da grande republica brasileira.

Da companhia fazem parte os artistas: Palmira Bastos, Carlota Saude, Amelia Bastos, Elvira Henriques, Maria Helena, Adelaide Bernardt, Elisa Santos e Maria Augusta e os actores: Carlos Santos, ensaiador, Henrique de Albuquerque, Sanwell Diniz, Humberto Miranda, Octavio Bramão, Joaquim Miranda, José Figueiredo, actor-contraregra; Alves da Costa. Simões Coelho vai como secretario da companhia.

O reportorio é o seguinte: «Rosas de todo o ano» e «Ceia dos Cardeaes», de Julio Dantas; «Sol de «Morgadinha de Valflor», de Pinheiro Chagas; «Lorgnon da avó», de Ernesto de Menezes; «Ramo de violetas», de Leitão de Barros; «Dama das Camelias», «Mister Wu», «Leque de Lady Margarida», «Casa Cercada», «Fedora», «Marionettes», «Mamã Colibri», «Porque Sim», «Conquistadores», etc.

Abril», de Eduardo Schwalbach;

Reclames

S. CARLOS

Hoje e amanhã são, em S. Carlos, as ultimas representações da mais popular das peças de Ibsen, a «Casa de Boneca», em que Lucilia Simões interpreta primorosamente a parte de «Nora». E' um espectaculo esplendido, o de hoje em S. Carlos.

NACIONAL

A ultima recita da moda no Nacional, com «A viuva Gomes», efectua-se esta noite. A peça possue o condão de fazer rir os espectadores do primeiro ao ultimo acto, sem recorrer a inconveniencias, o que tem dado logar a terem ido ve-los as primeiras familias da nossa melhor sociedade, que esta noite não deixarão de dar-lhe a sua maior concorrencia. A seguir á «Viuva Gomes» será representada a famosa peça policial «20.000 dollars».

MARIA VITORIA

A revista «Fado Corrido», que o publico consagrou com o seu aplauso entusiastico, apresenta esta noite mais novidades e atrações sensacionaes. Nos dois espectaculos serão exibidos os seguintes numeros novos: «Maxixe do Amor», por Laura Costa e Otavio de Matos; «Fado da Sopeira Bolchevista», por Zulmira Miranda; «Leilão dos Transportes Maritimos», na espirituosa rabula dos leilões, por Santos Carvalho. Estreia-se tambem esta noite no teatro Maria Vitoria o actor Adolfo Sampaio.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»

S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Boneca».

POLITEAMA — A's 9,30 — «Cambio do Marcos».

APOLO—A's 9,15—«Fedora».

AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata»

MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45— «Fado Corrido».

AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«Cem mil dollars»

OLIMPIA—Rua dos Condes.

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade

SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

Em Casais da Lapa

Coisas de correios...

Casais da Lapa que pertenceu ao Cartaxo, é uma povoação prospera, de bom comercio e farta agricultura.

A população precisa manter com o mundo, por intermedio do correio, relações que lhe permitam ter a certeza de que não é o unico aglomerado humano existente na face ou na terra. O distribuidor do correio, porem, não o entende assim. Acha, talvez que o povo de Casais da Lapa deve isolar-se deste mundo de pecado e de perdição—e, por isso, retem em casa, dias e dias, a correspondencia que lhe é destinada e devia entregar diariamente.

Quando se lembra de que Casais da Lapa existe, vai até lá em passeio, aproveitando o ensejo para fazer a distribuição. E' assim que se passam semanas e que semanas sem lá pôr os pés, acarretando prejuizos irreparaveis á população.

VIDA SPORTIVA

Ciclismo

HENRI PELISSIER ganha «La Tour de France»

Depois de 26 dias de marcha, terminou em Dunkerque a magnifica prova ciclista chamada «La Tour de France». A cidade estava em festa para receber os triunfadores.

Foram eles Henri Pelissier em primeiro logar; Bottecchia em segundo; seguiram-se Bellenger e Tiberghien.

Aviação

BOSSOUTROT ganha a taça Zenith

Os quatro concorrentes que haviam conseguido efectuar a primeira étape Orly-Bron nas condições regulamentares—minimo consumo de gazolina—largaram um apoz outro aeroplano de Bron hontem pela manhã para tentar a segunda e ultima étape Bron-Orly.

A classificação foi a seguinte:

1.º Bossoutrot (Farman); consumo 0, 473 por kilo de frete transportado em 770 kilometros.

2.º Roque (Voter, motor Anzani); consumo 0, 616.

3.º Bechrler (Caudron, motor 11 ponc); consumo 0, 622.

Gremio do Minho

Apoz tres dias de assembleia geral ficou ontem concluida a discussão dos estatutos de esta colectividade de caracter regionalista. Os estatutos vão ser ainda este mez remetidos á autoridade para lhes ser concedida a necessaria aprovação.

A assembleia resolveu que o Gremio se faça representar ao 1.º Congresso Regional do Minho, que se deve realisar em Braga nos dias 16, 17 e 18 de Setembro, do qual vai brevemente iniciar em Lisboa a propaganda, por meio de conferencias e pela imprensa.

Gazolina
Petroleo
Oleos

SHELL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.ª L.td

Rua do Crucifixo, 49
LISBOA

AS VANTAGENS RESULTAM QUANDO SE FAZ USO DA MAQUINA "TORPEDO"

Agentes no sul do Paiz:
J. Anão & C.ª, L.da R. Fanqueiros, 376, 2.º
Telefone N. 3536

RELOGIOS DE PAREDE

ACABAM de chegar da marca Soleil e Radium. Despertadores de fantazia de Babys. Fournituras e ferramentos para relojoeiros, ourives e gravadores.

Grande sortido

COTRINS & AFONSO, LTD.

Vinhos espumosos de Lamego
(Caves da Rapozeira)
Reservar de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Representante em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 5016 Norte
Poço do Borratem, 4-2.º
LISBOA

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Tindade, 14
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 4444

"Cimento HERMES"
(Portland artificial)

Cimento de reputação mundial garantido em absoluto para obras de responsabilidade. — Os bons resultados obtidos com este cimento são o seu grande reclame

Sempre em stock

HERMES AKTIENGESELLSCHAFT
— BREMEN —

Unicos importadores para Portugal e Colonias: ESTEVES, L.DA

LISBOA: — R. S. Paulo, 104, 1.º — Telef. C. 2894
PORTO: — R. da Reboleira, 19, 1.º — Telef. N. 1178

SAES DERMOXA

Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, durezas, picaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos calos, joanetes, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—E soberano contra a gotta, rheumatismo, transpiração e mau cheiro dos pés.

A' VENDA nas melhores pharmacias.

Concessionario unico para Portugal e Colonias
Mario Brandão, L.da
Rua Eugenio dos Santos, 99, 4.º
LISBOA

Sucata

Compra-se pelos melhores preços e fabricas completas.
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.
Bento, Silva, Pinto, L.da

NAZARÉ
Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto — todo o ano —

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglez e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuills e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO
(Fornecedor da Legação Britanica)
29-33 — Rua do Sacramento á Lapa — 29-33
TELEFONE C. 1884

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:
«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:
RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2611)

PROPRIETARIA:
COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL
Rua do Alecrim, 53, r/c. — (Telef. C. 5113)

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia inglesa, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO
Rua Vitorino Damasio, 10
TELEF. CENTRAL 3120

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações insensiveis por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo 127

A. J. d'Almeida & C.ª
TELEFONE C 486 — CAMBISTAS — END. TELEG. ALMINGUES
172, Rua do Comercio, 176
LISBOA

Compra e venda de moedas e notas estrangeiras. Papeis de credito, coupons e ordens de Bolsa

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas; taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, pelerines, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de péles. Degraissage à sèc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47 — LISBOA — Tel. N. 3019

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO
Luiz Albertod e Pinho

Mobilias

Compra-se casas completas e desirmanadas.
Bento, Silva, Pinto, L.da
141, Rua Alves Correia, 147
Telef. 3256 N.

AGUAS DE SABROSO
R. de S. Julião 67, Tel. C. 1986
Distribuição a domicilio

TINTURARIA DO POVO
— DE —
José Dias
Rua de Sant'Ana, á Lapa
121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Casa Ampère

Rua Rodrigues Sampaio, 1
Rua Manuel Jesus Coelho, 8 a 14
TELEFONE, 2544-N.
LISBOA
Sucursal — Avenida de Berne, M. H. B.
Rua de Santa Marta, 79 a 83 — Oficina
TELEFONE, 1565-N.

Telegramas: VALTAGEM - Telefone - Sede e oficina, Norte - 4122

Electricidade em todas as suas aplicações.
Centrais completas em cidades e vilas.
Aparelhagem electrica e força motriz.
Motores, Dinamos e Moto-Bombas para corrente continua ou alterna.
Lampada de incandescencia e de filamento metalico e todas as qualidades.
Candieiros, lustres e placas.
Telefones campainhas e para-raios.

Resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão.
Oficina de reparações de dinamos, motores e outros aparelhos.
Montagens a gaz rico ou pobre, gasolina e oleos pesados.
Canalisações para agua e gaz.
Trabalhos de serralharia mecanica ou civil, automoveis e ascensores.

J. A. LEITAO, LIMITADA
Orçamentos gratis

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 = Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
DIPLOMA DE HONRA — GRAND PRIX
MEDALHA DE OURO — PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* Telefone N. 320

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4440-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Quinta-feira, 26 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

BELGRADO, 26. — O governo desistiu de prender o leader agrario sr. Radistch porque isso seria o sinal do levantamento dos camponezes croatas e da revolução da Croacia.—(P.)

O operariado e "A Batalha"

Empregando para o caso o «stock» das suas grandes indignações, «A Batalha» incita o operariado português a uma acção violenta de protesto pelo facto de se estar procurando investigar a preparação dos ultimos atentados bombistas, a fim de se fixarem as necessarias responsabilidades.

Tem a «Batalha» a plena consciencia do acto que pratica?

Nós não somos dos que negam o direito que é sempre respeitavel quando se trata de causas justas e simpaticas. Mas será agora o caso?

Se o operariado luctasse por uma ideia nobre ou um interesse legitimo, iniquamente conculcados, o seu movimento seria licito, seria até louvavel. Onde está, porém, essa causa? Onde está êsse interesse?

Porventura quererá a «Batalha» negar a um Governo legal, regularmente constituido, a uma sociedade que vive segundo as normas da civilização presente, o direito, que melhor chamariamos um dever, de se empenhar na defesa que ataques tão violentos e barbaros iniludivelmente justificam?

Seria absolutamente ilogico.

Na Russia, o governo bolchevista defende-se tenazmente de todos os ataques de que pensa ser alvo. Não tolera uma palavra de oposição, quanto mais qualquer acto de violencia!

O operariado português nunca deixou de vibrar por todas as causas justas. Quando vê realmente postergada a liberdade, quando verifica que se procura humilhá-lo ou esmagá-lo, ergue-se com impeto energico, decidido. Mas, repetimos, será êste agora o caso?

Porventura o operariado português ignora que ha meses e mêses se têm perpetrado em diversos pontos, mas principalmente em Lisboa, atentados que têm tanto de estupidos como de ferozes?

O nosso operariado não pode querer a impunidade para criaturas que não duvidam sacrificar vidas inocentes, quasi sempre de criaturas ligadas ao proletariado, mulheres, velhos, crianças, pessoas inofensivas, para semear o alarme ou para satisfazer sinistras vinganças.

Se se tem efectuado prisões é para acabar com essa monstruosa organização do crime, que é uma ameaça para toda a gente.

Ninguem tem o desejo de castigar inocentes. Mas para se descobrirem culpados é preciso muitas vezes ir desencantá-los entre inocentes.

Os que são na realidade inocentes poderão ser incomodados, mas nada terão a temer, porque ninguem os condenará sem provas.

Admitindo que haja uma ou outra suspeição errada, deve isso fazer com que se abandonem as investigações policiais ou os inqueritos judiciais?

Não pode ser. Ha uma sociedade em perigo que tem o direito de exigir que a defendam, e a essa sociedade pertence o proprio operariado que se procura levar a uma rebelião mais ou menos declarada.

Quere a «Batalha» engendrar um conflicto grave?

Se assim fôr, tremendas responsabilidades serão as do orgão sindicalista.

E já pensou a «Batalha» na situação que prepara á propria organização operaria de que é porta-voz se, mais uma vez, os seus apelos á resistencia, á rebelião, não encontrarem éco na grande maioria dos trabalhadores portugueses?

A situação da «Batalha» é delicada. Se conseguir o que deseja, pode desencadear um conflicto funestissimo, do qual é justo que sofra as consequencias. Se o não conseguir, sujeitará a um novo cheque, com a sua resolução precipitada, a organização sindicalista que lhe cumpre robustecer, e não debilitar.

O melhor que a «Batalha» teria a fazer é deixar a justiça seguir o seu curso. Tudo quanto represente uma orientação diversa, só pode dar origem a um grave êrro.

NA INGLATERRA

1.500 mil desempregados

annuncia o sr. Mecurdy

Lloyd George tambem falou

LONDRES, 26.—Discursando em Leeds o snr. Mecurdy membro do Parlamento e filiado no grupo dos Liberaes disse que a situação economica se torna cada vez mais angustiosa e que a Inglaterra proximo do Natal deve ter 1.500.000 desempregados.

Lloyd George discursando perante os metodistas londrinos disse que se está atravessando uma epoca muito tenebrosa e que ningem pode prever o que será o dia de amanhã parecendo que longe de se entrar no caminho de paz e de concordia se preparam novas guerras e novos males Nacionaes. —(R.)

O FUNCIONALISMO

Previsões sobre a reunião—magna—de amanhã

O que ontem se passou no M. das Colonias

Enormes desigualdades trazidas pela má interpretação da lei

Que o funcionalismo publico está seriamente irritado com o que se passa não ha duvida nenhuma. Irritado ao maximo, irritado até se tornar perigoso e ameaçador. Parece que a hora das manifestações ordeiras passou já. Puseram-se de banda as reclamações em papel selado, e as comissões estão dispostas a não mais subir as escadarias que conduzem aos gabinetes dos ministros.

Os processos suasorios, declararam, não lhes deram o mais pequeno resultado. Só contrariedades, só dissabor, só troças. Troça pegada, senhores. Desde a primeira hora que as promessas se sucederam; e nem uma delas sequer foi cumprida. Nem uma. Arrastaram o caso nas comissões, argumentaram com relatores, falaram na Camara e no Senado e no Congresso para no fim nada fazerem.

E é por isso que o funcionalismo hontem se manifestou calorosamente.

Alguem que tendo, como todo o português que se presa um logar numa secretaria do estado, muito a par anda do que se pensa entre a sua classe falou para um redactor de «A Capital»:

—Em primeiro logar convem dizer que o que vem nos jornaes de hoje não é a expressão da verdade.

Estáva anunciada uma reunião no Ministerio do Comercio. Essa reunião, apesar de ter um caracter particular, foi bastante concorrida.

A certa altura houve conhecimento de que no Ministério das Colonias estava reunido o Conselho de Ministros. Resolveu-se nomear uma comissão encarregada de se avistar com o chefe do Governo ou com qualquer dos membros deste. Simplesmente os funcionarios presentes quizeram acompanhar a Comissão. Foram. Reuniram-se-lhes os do Ministerio das Colonias. E assim á porta do gabinete onde o Conselho estava reunido juntou-se muita gente.

A Comissão fez-se anunciar. Não a receberam por qualquer circunstancia. E começaram então os ditos. De lá de dentro mandaram dizer aos funcionarios que se retirassem; que ficasse só a Comissão. Recusaram-se a retirar. Os ministros começaram a sahir; disseram-lhes piadas tambem.

Desgostosos com o facto muitos dos presentes desceram as escadarias; na Arcada estava uma força de policia que os maltratou. Eles refugiaram-se de novo no Ministerio. E a policia subindo atraz deles começou a intima-los a voltar ás suas repartições, não sendo acatada esta ordem.

Assim terminou um incidente que poderia ter consequencias bem graves.

—E o caso do sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros?

—Não tem fundamento de verdade. Uma comissão de funcionarios procurou depois s. ex.ª. Declarou-lhes que não se sentia agravado e que estranhava mesmo que tivessem usado do seu nome. Ninguem o pisou, ninguem o maltratou.

—Te tal houvesse acontecido, afirmou-nos, seria eu o primeiro a desafrontar-me castigando quem comigo se metesse.

* * *

—Mas afinal o que pretendem neste momento, os funcionarios publicos?

—Que se lhes faça justiça. E' preciso recordar o que se tem passado para bem se compreender.

Diz a lei que aos funcionarios publicos será aplicada a mais alta tabela de vencimentos de funcionalismo, para que o coeficente 10 produza os resultados que esperamos. O director geral da Contabilidade Publica, baseando-se na lei, apresentou ao ministro a tabela de vencimentos dos funcionarios das contribuições e impostos pois são estes os que mais ganham.

E o ministro, por circunstancias que ignoramos, resolveu aplicar essa tabela apenas a directores gerais e chefes de repartição. Para as outras classes do funcionalismo foi aplicada a tabela de vencimentos minimos que é a do Ministerio das Colonias.

—E o resultado?

—Que os directores gerais passam a ganhar mais «novecentos escudos mensais», emquanto um terceiro oficial recebe um aumento de quarenta escudos.

—E como remediar isso?

—Aplicando a todo o funcionalismo a tabela das contribuições e impostos. E, isso que é legal; é isso que é justo.

—O que vão fazer os funcionarios?

—Devem hoje avistar-se com o chefe do Governo. Amanhã ha uma reunião magna na Associação dos Caixeiros. Nela se resolverá o caminho a seguir.

—Esse caminho?

—Não sei.

—A sua impressão?

—E' a de que o funcionalismo tomará uma atitude de rebelião. Não digo que vá para a greve, mas procurará impedir com os meios de que dispõe, que os serviços funcionem regularmente. Se assim não fôr parece-me que pode perder as esperanças de melhorar a sua angustiosa situação.

O emprestimo na Alemanha

BERLIM, 26.—Estão concluidas as negociações entre o ministro das finanças o Reichsbank e os grandes bancos alemães para a emissão do emprestimo interno. Este emprestimo interno será de 20 a 25 milhões de marcos ouro e a subscrição minima de 21 marcos em ouro. O emprestimo é feito com o juro de 5 %.—(R.)

NA CHINA

Inglezes e Chineses face a face

HONG-KONG, 26.—Os chineses fizeram fogo sobre um navio inglez e um navio americano no rio Yangtse. Uma canhoneira americana abriu fogo sobre os assaltantes causando-lhes grandes perdas.—(R.)

As grandes operações

Diz-se em Lisboa que o sr. Afonso Costa está negociando no estrangeiro um emprestimo sobre o rendimento dos tabacos.

* * *

Consta que o Alto Comissario de Angola concedeu ao sr. Bernardino Correia, que ontem chegou a Lisboa, o exclusivo de fabrico de cervejas e outras bebidas refrigerantes, em toda a Provincia.

Em discussão

O "Pantheon" da Estrela e os seus inimigos

Quem se opõe são apenas monarquicos disfarçados de catolicos

O «panteon» da Estrela!

Já a designação infunde respeito. Ha nela uma grandeza digna do culto que temos o dever de prestar e se ha de prestar desta vez—finalmente!—aos Grandes Mortos da Patria.

Tinhamos a Estrela—a serra maravilhosa, berço da raça, e ficará existindo a Estrela—«panteon» dos gloriosos portuguesses que impuseram a raça á consideração do mundo e aos quais a raça proclama dignos de habitarem uma verdadeira estrela, das maiores, das mais altas, das mais brilhantes. Queremos o berço e o espirito na maior altitude da nossa veneração—uma Estrela.

E' um entusiasta do pagamento da divida sagrada aos nossos grandes homens o capitão snr. João de Deus Pires, valioso elemento da Sociedade de Cultura Social e que no nosso jornal tem exposto iniciativas de valor, como foi a trasladação do ministro de D. José para a egreja da Memoria. Infelizmente, a relativa grandeza deste pequeno monumento está sendo prejudicada pela inexplicavel protecção concedida pelo Ministerio do Comercio ou da Instrução a um «equidam» que se lembrou de transformar em horta o espaço de desafôgo da egreja e a perspectiva decente do monumento em logarejo saloio.

Já aqui foi chamada a atenção do Governo e dos bons patriotas, mas não houve providencias. Nem os politicos, nem os artistas, nem arqueólogos.

Um feliz encontro pôs-nos em presença do presidente da Sociedade de Cultura Social, o velho democrata sr. Gomes de Carvalho, um dos maiores propugnadores do municipalismo e a quem não teem sido prestadas as devidas honras. Ouçamo-lo:

O culto dos mortos é a base das civilisações. Os de nossa familia que se vão e os grandes espiritos da raça que que entram na imortalidade são o penhor da nossa acção individual e social. E' certo que os vivos vivem dos mortos; é preciso que os mortos vivam dos vivos; aqueles em espirito que vivifica, êstes em culto que eternize.

—Parece-lhe então que a Estrela...

—Não ha outra solução digna dos mortos e dos vivos.

—Mas os catolicos, invocando direitos, opõem-se.

Direitos?! Bem extranho será que a religião que quere ser exclusiva de todo o mundo, e que imagina que tem o senhorio de Portugal, venha impedir que se prese culto aos Grandes Mortos da Patria, que se destine um edificio, construido com dinheiro da Nação, á jazida dos nossos grandes homens. Direitos?! Só porque a tolerancia da lei da separação deixou a basilica da Estrela entregue a algumas irmandades? Mas a propriedade da basilica não é dessas irmandades. Exercem ali os seus ritos gratuitamente. Não pode o sr. Fernando de Sousa extranhar que o senhorio do predio o queira para si.

—E essas irmandades não teem quaisquer deveres para com o Estado?

—Pois teem. Mas—caso curioso!—é justamente a irmandade de que o sr. Fernando de Sousa é presidente que ha dez anos está fóra da lei, em rebeldia contra a lei, á sombra da qual ele pediu, aceitou e tem disfrutado gratuitamente um edificio do Estado. Veja a autoridade moral de certos reclamantes e protestantes. De resto, ha muito que a Estrela é «panthéon»: está lá a rainha D. Maria I, que devia estar no «panthéon» dos Bragança, em S. Vicente

«A situação dos catolicos na Estrela é ilegal e o principal atropelador da lei, o sr. Fernando de Sousa, relapso e impenitente ha doz anos. Posso mostrar o processo. Contra factos não ha argumentos.

«Sendo urgente o necessario dar aos Grandes Mortos da Patria uma jazida condigna; não havendo edificio em melhores condições do que a Estrela, cujos moradores estão fóra da lei por não cumprirem ha dez anos as condições que aceitaram ao Estado em virtude da lei da separação, lei, portanto, cujas clausulas aceitaram mas trairam; mande o Governo da Republica que a basilica da Estrela seja convenientemente varrida e desinfectada, para servir de «Panthéon Nacional» ficando nulos os desautorizados protestos do sr. Fernando de Sousa e toda a legislação em contrario.

—Isso afinal, é já o decreto.

—E' simples, como vê. Não deve o Governo ter medo da chicana com rótulo de catolica, o que afinal, não é mais do que resistencia contra a Republica. Os catolicos nem são prejudicados; podem voltar (e isso não será dificil conceder-lhes) para a antiga matriz da Lapa, que é ali ao lado da Estrela. Alem disso, a Republica deve ao sr. Fernando de Sousa todas as dificuldades e conflitos que na politica religiosa teem surgido, porque o seu intuito é bater com os catolicos na Republica. Isso está bem á vista: o Centro Catolico, que é leal ao regime constituido e ao alto pensamento e orientação da Egreja, tem negado autoridade ao sr. Fernando de Sousa, que se arvora sempre em papa portuguez, para sustentar determinadas campanhas. A Republica respeita os catolicos não os ataca. O que é logico é que os catolicos respeitem a Republica e isso tem procurado fazer o Centro Catolico de acôrdo com os seus bispos.»

Já é conhecida a opinião do sr. ministro da Justiça; vai pronunciar-se o sr. ministro do Trabalho; resta que fale a Comissão Fiscal da Lei da Separação.

O Governo, de resto, tem de fazer o que lhe indica a opinião publica e os superiores interesses morais e espirituais do país.

Seja a Estrela o «Panthon» Nacional.

As reparações

A França e a Belgica

responderão separadamente á nota inglesa

Em Bruxelas já foi recebida a nota da resposta francesa

LONDRES, 26 — A França e a Belgica enviarão á Inglaterra respostas separadas acêrca da questão das reparações. O Parlamento inglez que vai encerrar a atual sessão discutirá ainda antes de fechar a questão do Ruhr. — R.

A resposta francesa já foi comunicada á Belgica

BRUXELAS, 26 — O governo belga recebeu a réplica que o sr. Poincaré tenciona enviar á Inglaterra em resposta á nota que esta nação lhe comunicou acêrca das reparações. — R.

As autoridades francesas apreenderam 50 mil milhões

LONDRES, 26 — As autoridades francesas ocuparam a Agencia do Reichsbank em Moguncia apoderando-se de 50 biliões de marcos. Os cofres foram abertos por meio de aparelhos de oxigenio manejados por técnicos. — R.

A Inglaterra está disposta a discutir com a França

LONDRES, 26 — Comunica-se oficialmente que a Inglaterra está disposta a discutir com a França as garantias que esta exige para garantia da sua segurança. — R.

O povo americano vê com bons olhos a áção da França

NEW YORK, 26 — O senador do Ohio, sr. Hurton declarou que a opinião da maior parte do publico americano é que a França tem rasão na acção que exerce no Ruhr mas que essa acção não é prática e que ainda mais concorre para perturbar o estado actual da Europa. — R.

Os operarios de Bochum declararam-se em greve

BERLIM, 26 — Os franceses ocuparam hontem de novo as manufacturas de Bochun, tendo-se os operarios imediatamente declarado em gréve protestando contra esse facto. — R.

Banco de Angola

A'cerca da noticia publicada ante-hontem n'«A Capital» sobre a fundação, para breve, do Banco de Angola, recebemos uma carta do sr. Manuel Soares Nazareth afirmando ser absolutamente extranha ao assunto.

Á VOLTA DO MUNDO

Far-se-ha a viagem de circumnavegação

apesar de ter deixado o Ministerio da Marinha

o sr. Victor Hugo de A. Coutinho

As discutidas e projectadas viagens aereas de circumnavegação, a realisar uma pelo comandante Brito Pais e capitão Sarmento Beires, outra por Sacadura Cabral, apoz acalorada celeuma a que deram logar as primeiras noticias da sua realisacão entraram de ser agora motivo de boatos — para gaudio dos despeitados oficiais do mesmo oficio...

* * *

Um colega da tarde dava ante-ontem a nova de que estava absolutamente posta de parte a ideia da viagem aerea de circumnavegação, concebida pelo comandante Sacadura.»

E justificando;

«A saida do sr. Azevedo Coutinho do Ministerio deve, de facto, abalar um pouco a tenacidade do ilustre empreendedor do «raid» Lisboa-Rio de Janeiro».

* * *

Temos porem a dar ao leitor a boa nova de que isto não é assim.

Sacadura Cabral encontra-se, com o oficial de marinha aviador sr. Rosado, na Inglaterra e na Holanda escolhendo os aparelhos a adquirir por conta dos fundos da Aviação Maritima, e que em serviço terão não só a aplicação normal dos aviões de marinha, mas aindam ser utilisados em «raids».

A saida do sr. Azevedo Coutinho nada representa para transtorno do empreendimento porquanto, a nota de licença para esta viagem dos dois aviadores ao estrangeiro já foi despachada pelo actual ministro interino da Marinha, sr. Fontoura da Costa.

Dizia-se tambem que falira a subscrição nacional para a viagem de Sacadura, mas o facto é que já ha terras no país onde por iniciativas particulares se abrem novas subscrições para o mesmo fim, da que foi aberta pelo «Diario de Noticia.

Gago Coutinho lá continua no Brazil a sua empreza com exito real.

E aqui tens leitor o que nos afirmou hoje o comandante Cisneiros de Faria, hoje a frente da Aviação Maritima e que atribui os boatos que tem corrido a invejosos e mal intencionados e diz que, com noticias destas, natural seria então que a inscripção falisse.

* * *

Brito Pais e Sarmento Beires, os aviadores do Exercito que se propõem fazer um «raid» até Macau guardam o maior segredo sobre o assunto, parecendo no entanto que a empreza se realisará.

INQUILINATO COMERCIAL

Os processos do juiz Souza Teles

Proezas dum magistrado que despe a toga, arregaça as mangas e distribue justiça com pés e mãos, mas principalmente com os pés...

Entremos agora desassombradamente na critica de certos factos, muito estranhos e absolutamente ineditos, produzidos por diligencias praticadas, contra oficio mas talvez não contra beneficio, pelo dr. Sousa Teles, juiz do Tribunal da Relação de Lisboa. Este insigne magistrado e grandecissimo homem de bem entendeu que se podia constituir em herdeiro legitimo daquele quero, posso e mando que floresceu nos tempos absolutistas e que subsistiu, embora por bastardia e enxêrto, no liberalismo da monarquia constitucionalista. O dr. Sousa Teles é, pois, um atavico emulo daqueles tiranetes que, de tempos a tempos, desabam sobre a sociedade portuguesa e se propõem reformar os costumes á custa da mais impudica violação das leis. O dr. Sousa Teles não hesita, quando tal lhe dá na realista gana, em imitar o gesto daquele guarda civico que respondeu, arrogantemente, a um senador da Republica que protestava contra o atentado do policia ás suas prerogativas de legislador:

— A lei sou eu!

O pobre diabo do guarda civico tomou a serio os exemplos dissolventes da violação da lei praticados, por vezes felizmente raras, precisamente por aqueles a quem cumpre especialmente a sua aplicação, isto é, por certos magistrados judiciais, muito raros apesar de tudo, que, como o dr. Sousa Teles, se julgam investidos de um poder mais que divino, podendo impunemente tripudiar sobre as garantias e direitos dos cidadãos. Já um rei de França tinha dito, antes do policia e antes do juiz Sousa Teles, que só êle era o Estado, o que não impediu que a Bastilha fôsse arrazada e Luiz XVI expiasse no cadafalso os crimes dos seus antecessores. E, entre nós, apesar de todos os policias mais ou menos Sousas Teles, tambem o povo português repeliu, em 5 de Outubro de 1910, êsses rebentos despoticos, excrescencias de tempos que já lá vão e nunca mais regressam. Por muito alto que hoje se encontre o infractor das leis, ou êle seja um simples guarda civico ou um conselheiro juiz da Relação, os tempos não são propicios á exteriorisação de vontades caprichosas. O castigo já não se fará esperar. E quando não fôr assim, será pelo menos o da execração publica e o desprezo dos seus iguais, que não hão de querer colocar-se em pé de igualdade com os violadores da lei e da equidade. Já lá vão êsses tempos, sr. Sousa Teles! Convença-se disso. E convença-se tambem que os homens são dignos de respeito não pelos cargos que exercem, por muito altos que sejam, mas pelo seu caracter integro. Um juiz, sr. Sousa Teles, deve ser como a mulher de Cesar. Não lhe basta ser honrado. E' preciso tambem que o pareça. Ora a atitude do sr. Sousa Teles, fazendo da lei um cabo de vassoura ou não fazendo mesmo dela coisa alguma, é susceptivel de sugerir duvidas, muitas duvidas... E, se não, vejamos:

A acção de despejo intentada pela Companhia de Seguros União dos Proprietarios contra a firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, foi resolvida a favor desta ultima, sendo a União dos Proprietarios condenada nas custas e procuradoria, declarando a sentença que a não condenava na multa por se não ter provado que litigava de má fé. E' preciso deixar aqui bem consignado que as respostas dos jurados foram todas favoraveis á firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, e proferidas por unanimidade. Não é indiferente esta circunstancia, porque ela demonstra que os jurados comerciais foram unanimes em reconhecer justiça á firma demandada. O despejo, pois, não se fez. Recorreu a União dos Proprietarios para a Relação de Lisboa e esta, sem respeito algum pela sentença da primeira instancia fundada em factos reconhecidos por verdadeiros com as respostas unanimes dos jurados, revogou a sentença e decretou o despejo. Mas êsse acordão foi, por sua vez, revogado no Supremo Tribunal de Justiça, com o fundamento da Relação ter julgado contra direito. O Supremo Tribunal ordenou que os autos baixassem á Relação, que voltou a decretar o despejo!... A firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, recorreu novamente para o Supremo Tribunal de Justiça.

Estavam as coisas neste pé, quando surgiu, inesperadamente, um golpe de pedo, uma navalhada pelas costas, vibrada pelo dr. Sousa Teles, juiz da Relação e relator do processo. Prevendo, naturalmente, que o Supremo Tribunal de Justiça não deixaria de sustentar o direito que assiste á Eduardo

ULTIMA HORA

Nós e a França

A Federação Academica

propoz ao Governo a denuncia do convenio literario

Fala-nos o sr. Filipe Ferreira

A Federação Academica, na sua reunião de ontem, tratou largamente da denuncia do tratado do comercio da França com Portugal, resolvendo lembrar ao sr. ministro dos Estrangeiros, que, o nosso governo denuncie tambem o convenio literario.

Sobre este gesto patriotico da Federação Academica julgamos interessante ouvir o que diz o sr. Filipe Ferreira, director de instrução da prestigiosa e patriotica instituição academica.

Exposto o nosso objectivo o sr. Filipe Ferreira diz:

— A Academia não podia, de forma alguma, ficar silenciosa, perante a afronta feita pelo governo francez. O que lamento é que o nosso Governo não tenha ainda tomado medidas energicas. Apezar disso, não nos move nenhuma má vontade contra a França, nem contra o seu povo, nosso irmão de raça.

— Mas os senhores pedem que seja denunciado o convenio literario?

— Nós resolvemos lembrar ao Governo, para que faça respeitar todos os tratados comerciaes, e que mantenha lá fóra o prestigio do nosso paiz. Em ultimo recurso, que vá até á denuncia do convenio literario!

— Não temos com a França tratados doutra natureza?

— Temos. Mas nós, os estudantes, tratamos daquele que mais directamente nos diz respeito. A maioria dos livros traduzidos são franceses. E nós, denunciando o convenio, exerceriamos uma certa pressão sobre os autores e editores, levando-os a intervirem junto do seu governo, no sentido do tratado ser renovado. Oxalá que todas as classes procedessem da mesma fórma, manifestando assim o seu patriotismo e a defesa dos interesses da nossa terra. Talvez os nossos direitos fossem mais respeitados!

— E a *boycottage*?

— Sim, a Federação tambem tratou da *boycottage* aos productos franceses. Mas vamos ainda tratar do assunto junto das entidades superiores. Parece-me, porém, que á guerra deve responder-se com a guerra. E como a França denunciou o tratado do comercio, nosso dever é responder. Mas da mesma fórma!

Martins & C.ª, Limitada, o sr. Sousa Teles esqueceu-se do respeito que deve a si proprio e á alta magistratura de que é membro, e tratou de empregar meios extra-juridicos, absolutamente arbitrarios, a fim de empurrar o processo para a 1.ª instancia e fazer-se o despejo, apesar do Supremo Tribunal, apesar da Lei e contra toda a Equidade. E' que o sr. Sousa Teles não ignora que, uma vez realizado o despejo, não seria facil a Eduardo Martins & C.ª, Limitada, reentrar na sua casa, ainda mesmo que a decisão final do Supremo Tribunal de Justiça lhe venha a ser favoravel. Efectivamente a lei diz como se procede para se fazer um despejo, mas é omissa quanto aos meios de reliaver o predio donde se foi despejado, se a sentença ou o acordão que decretou o despejo fôr anulado ou revogado. O sr. Sousa Teles quiz, pois, coartar a liberdade de defesa a uma das partes num processo em que êle, dr. Sousa Teles, era juiz relator. Que nome tem isto?... Um tal procedimento é inqualificavel e não pode merecer apoio na classe da magistratura portuguesa, que é ainda e será sempre o mais forte baluarte contra a dissolução dos costumes nacionais. O sr. dr. Sousa Teles quiz iniciar nos tribunais portugueses uma especie de bolchevismo do Estado. Pois enganou-se. Nós não consentimos! Nem jamais o sancionará a magistratura judicial, que repele o indigno processo de administrar justiça, de que se fez precursor e propagandista o dr. Sousa Teles, em má hora guindado ás culminancias dos Tribunais. Ha de descer do trôno, êsse grotesco reisete de entre-mês!...

Se o dr. Sousa Teles tivesse ao menos a prudencia de mascarar o arbitrio com citações de textos legais, embora não aplicaveis á hipotese, teriamos talvez de lhe suportar o gesto. Mas o sr. Sousa Teles não esteve com cerimonias. Não citou lei alguma. Para quê? «A lei sou eu!» disse êle, de si para si, tal qual o seu professor de direito, o tal guarda civico já atraz citado. E ordenou uma enorme incongruencia juridica, sem pés nem cabeça. Desejoso de fazer baixar o processo á 1.ª instancia para se proceder instantaneamente ao despejo, antes que o Supremo Tribunal de Justiça se pronunciasse, o dr. Sousa Teles mandou mutilar o processo, separando umas folhas das outras e ordenando ao escrivão que remetesse á 1.ª instancia, sem demora, aquela parte que mais lhe convinha para conseguir efectivar o golpe de preto contra a firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada.

Mas êste artigo já vai longo. Amanhã daremos mais pormenores, todos êles elucidativos da acção do integerrimo (livra!...) Sousa Teles, que despiu a toga de magistrado para envergar a simples capa de procurador de causas... perdidas.

OS VENCIMENTOS

ao funcionalismo

Uma tabela elucidativa

Foram ontem publicadas as novas tabelas de vencimentos ao funcionalismo publico.

Depois de um parto laborioso de alguns meses, a montanha — Parlamento e Governo em bloco — pariu um rato... vesgo e coxo!

A falta de equidade salta á vista do maior leigo em aritmetica. Basta ler a tabela:

Categorias	Recebiam	Passam a receber
Ministros...	1.200$00	4.400$00
D. Gerais....	825$00	1.700$00
Chefes de Repartição...	678$16	1.275$00
Chefes de Secção.....	598$42	875$00
1.º oficial.....	588$42	787$50
2.º »	517$00	680$00
3.º »	444$38	48 $80
Aspirantes...	419$85	463$05
Fiscais.....	358$75	380$00

Um novo "placard,,

A' porta dos Ministerios foi afixado, esta tarde, este novo *placard*:

«COLEGAS:

O Congresso da Republica, por intermedio do «Diario do Governo», acaba de conceder melhoria de vencimentos ao funcionalismo publico, reclamada, até com ameaça de gréve, acêrca de um ano. Depois de discutida e aprovada a respectiva lei, os funcionarios do Estado vão perceber, desde o mez de janeiro até julho, corrente, com o novo aumento, as seguintes diferenças de melhoria:

Parlamentares	6.300$00
Ministros	20.300$00
Directores Geraes	6.150$00
Chefes de Repartição....	4.095$00
Chefes de Secção	1.941$24
1.ºs oficiaes	1.395$24
2.ºs oficiaes	784$28
3.ºs oficiaes	312$27

Os aspirantes, praticantes e outros, devem receber entre as quantias de 140$00 e 105$00. Segundo o criterio das contabilidades, alguns funcionarios ficam recebendo menos do que percebiam atualmente!

COLEGAS:

Lembrai-vos das palavras proferidas no Parlamento pelo presidente do Ministerio, ex.mo sr. Antonio Maria da Silva, apoiado pelos srs. representantes da Nação:

— O momento é de sacrificio para todos!

A comissão pró-aumento.»

Uma conferencia com o sr. presidente do Ministerio

A comissão delegada do funcionalismo publico foi hoje recebida pelo sr. presidente do ministerio, a quem expoz as reclamações suscitadas pela tabela de vencimentos elaborada para execução da lei n.º 1452, sobre melhorias. Assistiu á conferencia o coronel sr. Viriato da Fonseca, na qualidade de membro da comissão de finanças da camara de deputados. O sr. Antonio Maria da Silva disse que, **em virtude de ordens expedidas aquela tabela vai ser cumprida desde já; que os funcionarios apresentassem as suas reclamações ao Parlamento; que se este as atender, os funcionarios que receberem a mais reporão as respectivas importancias, e os que tiverem recebido a menos serão embolsados da diferença. A comissão aceitou a indicação do chefe do governo.**

Greve dos carroceiros

Declararam-se em gréve parcial os carroceiros, que não querem aceitar a ultima postura elaborada pela Camara, que proibe o transito de carroças nas ruas do Ouro, Augusta, Prata e Fanqueiros, excepto quando seja em serviço dos moradores, destas artérias. Apesar dos esforços empregados pelos grévistas para que todo o transito de carroças paralizasse apenas uma minoria abandonou o trabalho.

De tarde os carroceiros reuniram na sua associação, tendo alguns criticado o facto de muitos do seus colegas não terem abandonado o trabalho.

A falta de carvão vegetal

Ha dias que no mercado se vem sentido a falta de carvão vegetal, tendo já uma comissão de carvoeiros, procurado o sr. ministro do Comercio, no sentido de lhe pedir, que fosse transportado para Lisboa o carvão que se encontra espalhado por varias estações do Alemtejo.

Ontem parece ter-se esgotado por completo o carvão, pois que muitas donas de casa hoje de manhã se dirigiram para o Caes de Areia, a fim de verem se descarregava alguma fragata, seguindo depois os camions, até ás carvoarias a que se destinavam.

Repressão do jogo

O sr. Governador Civil de Lisboa tendo sido informado de que num casino do Monte Estoril se jogava, chamou para o caso a atenção do sr. administrador do concelho de Cascais.

O crime da R. da Escola

A Justiça tem de completar a policia!

Não pode haver contemplações para a repugnante criminosa

e é necessario descobrir os seus cumplices

O crime espantoso a que, já agora, se chama o crime da rua da Escola, não é um assunto que segue as suas vias lógicas. Tudo parece indicar que, ao contrario de termos atingido o seu termo, é urgente voltar ao principio. O que a policia tem feito — e nada, é a mesma coisa. Não tivesse intervindo no caso alguem da familia Garcia Reis — e ainda hoje teriamos como a verdade apurada, o que a criminosa disse a principio.

Essa intervenção porém, deu-se a tempo e a policia, empurrada fortemente, não teve remedio se não investigar, apurar, concluir. Sobre tudo, teve muita pressa em concluir e, como sempre acontece, concluiu mal.

* * *

Em relação a Candido Garcia Reis, que, de principio, Maria José Guerreiro afirmava ser o pai das creanças que matou com requintes de selvageria, a verdade atingiu-se. Em relação ás outras pessoas de quem se tem falado, e que parece a toda a gente, andarmos ainda a mil leguas da verdade. A criminosa já não merece crédito — porque as suas declarações são tudo quanto ha de mais contradictorio e erroneo. A policia, portanto, em rigor, para manter o seu prestigio, não devia ter enviado a criminosa ao Tribunal da Boa Hora, sem que todos os seus recursos estivessem esgotados. De certo, o juiz sr. dr. Magalhães Ramos, vai apurar com todas as cautelas e tendo em vista a necessidade de alcançar a verdade absoluta, seja ela contra quem fôr, o que á policia passou despercebido, infelizmente...

Ha nomes comprometidos — e é indispensavel ilibados completamente, apurando quem são os cumplices de Maria José Guerreiro, desde que, como tudo leva a crêr, ela os tenha.

* * *

Nesta repugnante monstruosidade, que a toda a gente indigna, é preciso proceder — como se procede com todas as monstruosidades e com todos os monstros. E que é Maria Guerreiro, senão um monstro?

O que é dificil acreditar é que ela conseguisse realisar os seus crimes silenciosamente, misteriosamente, sem a ajuda e a cumplicidade de quem quer que fosse.

Mas, seja como fôr, á policia incumbia apurar toda a verdade, para satisfazer a população, justamente indignada e cheia de revolta. A policia, porém, parece não o ter entendido assim. E só aprovou o que era necessario para tranquilizar a familia Garcia Reis, naturalmente alarmada. Graças á pessoa dessa familia que acompanhou as diligencias, é que conseguimos chegar até ao ponto em que a policia deu por concluida a sua tarefa, quando tudo lhe indicava que prosseguisse.

Resta agora o sr. dr. Magalhães Barros que, decerto, insatisfeito com o relatorio policial, investigará por sua conta, como é de lei.

* * *

O «Diario de Lisboa», no seu estilo de «Zigue-Zague» sempre oscilante entre dois pontos extremos, deseja «pudor sobre o caso, e se não vê necessidade de se manter na policia, um estado *de instrução* e de *processo* que, por ele, nem a reportagem socegue nem a curiosidade da cidade se sacie.»

Este desejo seria, na verdade, muito louvavel, se, em relação a outros crimes, menos nojentos do que este, se levantassem tantos escrupulos. Não! A curiosidade da cidade é justa; e a reportagem, se quizer, ou lh'o exigirem, que se acalme. A justiça é que não pode parar — nem parará. Demasiado tolerantes com o crime hediondo temos todos nós sido! E essa tolerancia tem de encontrar um termo, para que, no futuro, não venha a envolver-nos uma cumplicidade desonrosa. De resto, o crime de Maria Guerreiro é, por exemplo, mais refinado e selvagem do que aquele que praticou o cabo Moreno, da G. N. R., e nessa ocasião, não surgiram tamanhos escrupulos. Não ha duas justiças nem se admite que haja varias espécies de criminosos, quando o crime é identico.

* * *

Quando foi do esquartejamento de uma pobre mulher, pelo cabo Moreno, «A Epoca», essa hipocrita gazeta, que faz da insidia o seu sistema, fez para aí um barulho dos diabos — lá porque o facinora era da guarda republicana. O assunto proporcionou á «Epoca» assunto para varios sermões. Agora, por se tratar da filha de um oficial do exercito que pertenceu á casa militar de um rei e é amigo de outro oficial nas mesmas condições, «A Epoca» ameaça os jornaes que exigem o castigo exemplar da criminosa, quando ela fazia ontem o mesmo a respeito de facinoras de condição social inferior.

Ah! o tartufismo destes moralões!

No Aljube. O estado da presa

A sr.ª D. Maria José Guerreiro, que, como noticiamos, ontem recolheu ao Aljube encontra-se bastante abatida.

Recusou-se terminantemente a receber visitas durante o dia, tendo dado ordens para que a não incomodassem. Está num quarto onde se encontra na companhia de uma outra presa com quem não falou durante o dia.

Foi visitada bastante cedo pelo sr. dr. Crispiniano da Fonseca que julgou necessario proceder a um novo interrogatorio que pouco tempo demorou.

Varias vezes durante a tarde esteve com o seu advogado sr. dr. Diogo Ribeiro. Estes encontros de pouca duração, não se fizeram no quarto da presa por determinação superior, tendo sido a presa, de cada uma das vezes que se tornou necessario conversar com o dr. Ribeiro, chamada ao gabinete do chefe de pessoal menor do Aljube.

A presa não esteve com nenhuma das pessoas que costumavam procural-a no Governo Civil, nem mesmo com aquela sua intima amiga que ainda não deixou de a acompanhar e a quem os jornaes se têm largamente referido.

A's 18 horas

Uma numerosa comissão de armadores e pescadores de barcos a remo teve hoje, acompanhada pelo capitão do porto de Setubal uma demorada conferencia com o director geral de pesca e marinha mercante, acêrca da velha questão com os armadores de cêrco e vapor.

Brevemente realisar-se-ha uma conferencia para resolver o assunto.

* * *

Pelo vapor «Alondra» são amanhã expedidas malas postaes para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 11.

* * *

Chegou hoje o Tejo o cruzador «Carvalho Araujo».

* * *

Foi nomeado chefe da secretaria da Provedoria da Armada o capitão de mar e guerra sr. Nascimento Trigo.

* * *

Conferenciaram hoje com o sr. ministro da Justiça sobre assuntos de registo civil os srs. drs. Alfredo de Sá, Miranda de Vasconcelos e Pedro Chaves.

Aviação

De regresso de Vila Nova de Mil Fontes chegam amanhã pelas 9 horas da manhã a Lisboa os capitães aviadores srs. Brito Pais, e Sarmento Beires, que ali foram de avião.

O CAMBIO

A libra fechou hoje a 115$oo e 117$oo Esc.

Fascismo ou comunismo?

Corre em Lisboa que houve hontem á noite prevenções nesta cidade ignorando-se o pretexto.

O que consta é que o Governo está tomando rigorosas precauções, sendo acompanhados com todo o interesse os planos dados pela União dos Sindicatos Operarios a respeito dos presos... por questões sociais.

Não se sabe, porem, se foram as evoluções do movimento operario que determinaram as medidas, se qualquer provavel movimento nacionalista.

Exposição escolar

Inaugurou-se hoje pelas 14 horas, na Escola Machado de Castro, a exposição de trabalhos dos alunos que findaram o ano.

A exposição consta de desenho, pintura e diversos trabalhos feitos em gesso.

Durante a tarde, o edificio da escola esteve patente ao publico, tendo-se elevado a algumas centenas as pessoas que visitaram a exposição.

Parlamento

Nos Deputados

A fuga de presos e a questão do funcionalismo

um preso da «troupe» do celebre «Açanhado», corrobora os comentarios já feitos sobre o assunto pelo sr. João Bacelar. Depois, o orador insiste na urgencia de se discutir o projecto que melhora a situação dos oficiais de justiça, respondendo o sr. ministro da Justiça.

O sr. Sá Pereira, invocando a jornada republicana de 31 de Janeiro de 1891, no Porto, deplora que os jornais do regimen não tenham consagrado sentido necrologio á memoria do capitão Abilio Meireles, que na aludida revolta tomou parte como sargento. Propõe um voto de pezar pelo falecimento desse militar e outro pela morte do dr. Manuel Nunes de Oliveira.

O sr. João Bacelar ocupa-se da situação dos professores de ensino superior.

O sr. Viriato da Fonseca alude á agitação que reina entre o funcionalismo publico por virtude da lei sobre melhorias, afirmando que não têm responsabilidades nas anomalias de equiparações.

* * *

O sr. Jorge Nunes trata da necessidade de se observar a disposição legal que obriga á analise periodica das aguas medicinais, na sua origem. Seguidamente, o orador acusa o Poder Executivo de ter abusado da autorização que o habilitou a fazer a uso de certas medidas de administração publica.

O sr. presidente do Ministerio, respondendo, contesta que por parte do seu Governo tenha usado de excessos de qualquer natureza.

Em seguida, aprovam-se os votos propostos pelo sr. Sá Pereira.

O sr. Viriato da Fonseca, em nome da comissão de finanças, requer, aprovando-se, a imediata discussão dum projecto que aclara algumas disposições da lei de melhoria de vencimentos do funcionalismo publico.

Em primeiro lugar, o sr. Paulo Menano, referindo-se ao caso da fuga de

OS AMERICANOS

AS FESTAS DE HOJE

Houve um chá-tango no Jardim Zoologico e passeios a Cintra, Cascais e Estoris

A chegada, a Lisboa, da esquadra americana, despertou nas autoridades portuguesas a necessidade de adotar severas providencias — contra o comercio nacional. Não é lá muito compreensivel, visto que as mesmas autoridades permitem que o Triangulo Vermelho, instituição protestante americana, poude improvisar barracas para venda de bebidas e troca de dinheiro, em prejuizo do comercio nacional.

Emfim — é isto que as autoridades fazem. E elas lá sabem porque o fazem...

* * *

Como se sabe, ha nos Estados Unidos uma lei proibitiva do alcool — de que os americanos parecem gostar muito. Tanto assim, que durante o dia de hoje e uma boa parte da tarde de ontem, vendeu-se em Lisboa bastante «cognac», «champagne», etc., tendo-se visto pela cidade inumeros automoveis transformados em autenticas garrafeiras...

* * *

Pelas 11 horas chegou hoje ao Tejo o vapor «Richmond» que faz parte da esquadra americana, chegada ontem, tendo em seguida os marinheiros desembarcado, espalhando-se pela cidade, juntamente com os seus colegas, que já se encontravam em terra.

Os «bars», estabelecidos, pelo Triangulo Vermelho, para venda de chás e bebidas frescas, fizeram durante o dia bom negocio estando sempre completamente cheios de marinheiros.

Alguns oficiais e sargentos visitaram Cintra, Cascaes e os Estoris, regressando encantados.

No Jardim Zoologico, realisou-se esta tarde um chá-tango a que assistiram muitos oficiais e marinheiros.

A policia tomou todas as providencias, no sentido de não permitir qualquer especulação pelos comerciantes, na troca de dollars.

Na barraca armada em frente do Teatro Nacional, viam-se muitos marinheiros trocando dinheiro.

No Praça da Figueira aumentaram hoje consideravelmente varios generos, como sejam as fructas, aves e hortaliças, devido á procura que tiveram para os barcos americanos.

Os bombistas

Acompanhado do Administrador do Concelho de Alenquer chegou hoje a Lisboa tendo sido entregue á Policia da Segurança do Estado o sr. Alvaro dos Santos, acusado de suspeito de implicado n'um atentado dinamitista que se deu ha dias n'aquela localidade. Parece tratar-se de uma acusação falsa e que o preso nada tem com o caso.

OS PARTIDOS

Republicano Radical

A reunião de ontem

Com grande concorrencia de delegados das varias comissões politicas de Lisboa e arredores, efectuou-se ontem a anunciada reunião das mesmas na séde do Centro Radical de Lisboa.

A sessão que foi presidida pelo velho republicano José da Luz, decorreu no meio do maior entusiasmo, tendo sido tomadas resoluções importantes e aprovadas as seguintes moções:

Considerar a estada no poder do actual Governo, prejudicial aos altos interesses da Republica, visto a sua obra de transigencia com os inimigos do regimen, perseguindo tão sómente verdadeiros republicanos. Declarar que o sr. Virgilio Pinhão, chefe da policia da Confederação Patronal não é filiado no Partido Radical e que o orgão da imprensa de Lisboa intitulado o «Radical» não é orgão partidario do P. R. Radical.

Fazer sentir ao Directorio do Partido que é necessario que o mesmo entre numa fase de maior combatividade marcando uma linha de verdadeiro combate á fórma como vão seguindo os negocios publicos, marcando assim uma linha de conduta, mais consentanea aos altos interesses da Patria e da Republica.

Protestar contra os atentados dinamitistas e contra as causas que os determinaram.

Protestar contra as leis de excepção que se pretendem pôr em execução para simples desejos de perseguir, e saudar o sr. ministro da Justiça pelas suas declarações positivas sobre esse assunto.

Propor aos altos poderes do Estado, como medidas de alcance economico e de defesa da Republica, o encerramento das Escolas de Guerra e Naval; a imediata demissão de todos os militares e funcionarios civis desafetos ao regimen; a reorganisação dos quadros do funcionalismo, reduzindo-se os quadros ao minimo, começando pelos funcionarios que se provem terem fortuna pessoal que lhes permita viver sem o auxilio do Estado.

Foi ainda aprovada a seguinte moção apresentada pelo sr. Antonio Joaquim de Magalhães, representante da freguesia de S. José:

«Considerando que a melhoria dos vencimentos que ao funcionalismo acaba de ser concedida, pelos poderes constituidos, o foi por fórma a beneficiar os funcionarios mais categorisados, deixando na mesma situação de miseria o funcionalismo humilde, o que equivale a favorecer monarquicos confessos em prejuizo de autenticos e leaes republicanos;

As comissões districtal, municipal e politica de freguesia do districto de Lisboa, protestam energicamente contra essa fórma anti-republicana e anti-humana de conceder melhoria de vencimentos.»

Esta moção foi aprovada por aclamação.

Tratou-se ainda da realisação do proximo comicio em Evora, e deliberou-se enviar ao Directorio um relatorio circunstanciado das resoluções tomadas.

A sessão encerrou-se entusiasticamente com saudações ao Partido Radical. Assistiram perto de 200 delegados.

Tarde politica

Nos Passos Perdidos, a meio, está exposto o «Relicario de Portugal», do mestre de cinzelaria sr. Antonio Maria Ribeiro, do Porto, a que a imprensa já se referiu largamente.

O seu autor distribue aos circunstantes uma monografia em que historia a concepção e execução dessa obra que em detalhes honra a arte de ourives.

A exposição tem o fim de habilitar os srs. parlamentares a decidir-se sobre um projecto de lei que vai ser presente nas Camaras para aquisição daquele trabalho de arte destinado a enviar ao Brasil a Terra de Portugal.

Em prefacio insere o parecer do Conselho de Arte Nacional, redigido em termos burocraticos, com o fim evidente de lhe dar uma como que sanção oficial.

Parece-nos que se trata de uma coisa duplamente séria, pelo que vale intrinsecamente e pelo que exprime em idealismo.

Um cofre de Portugal, com a terra sagrada da Patria, que assim se oferece magnanimamente aos portugueses de alem Atlantico, não pode ser obra expontanea de um artista, por maior que seja, desde que o Estado dê a esse alvo de grande solidariedade e patriotismo a sua sanção.

Tal facto só deveria efectivar-se por um concurso entre os artistas portugueses, optando-se por aquele que um juri, tambem de artistas, julgasse digno da sua alta significação.

Tudo que não seja isto, é invadir o dominio de competencias tecnicas que os srs. deputados ou senadores não têm oficialmente, por muito que cada qual possa ser em materia de Arte autoridade muito respeitavel.

Encerremos tanto quanto possivel o ciclo dos grandes disparates.

* * *

O sr. Sá Pereira, como consta do relato da sessão parlamentar, propoz na sessão de hoje um voto de pezar pela morte dos grandes republicanos falecidos ontem, srs. dr. Nunes de Oliveira e ex-sargento Abilio, heroi do 31 de Janeiro.

Como quer que o sr. Carlos de Vasconcelos pretendesse associar-se em nome dos nacionalistas a esse voto, parece que o sr. Lelo Portela lhe observou que carecia de qualidades especiais para tal encargo.

Do rapido dialogo resultou saírem da sala os dois deputados, que vieram até á porta da sala, não chegando, porém, a haver conflicto, devido á intervenção de varios deputados.

* * *

Sobre o falado acordo entre os directores dos Partidos Democratico e Nacionalista ainda nenhuma resolução definitiva foi tomada, pelo menos até á hora em que o nosso jornal vae entrar na maquina.

Podemos, entretanto, afirmar que quaisquer que sejam as combinações, no primeiro escrutinio serão votados varios nomes, principalmente os de Teixeira Gomes e Bernardino Machado.

* * *

O sr. dr. Vasco Borges tinha pedido a palavra antes da ordem, para se ocupar da questão do jogo, particularmente da reabertura do Monumental.

Qualquer coisa se passou de anormal, porque aquele ilustre deputado desistiu da palavra e saiu da sala.

Percalços...

Julio Dantas

NO BRAZIL

A Academia Brasileira que convidou o poeta, recusa-se a pagar a conta do hotel...

Como "A Noticia" conta o caso

O brilhante jornal do Rio de Janeiro, «A Noticia» publica, a respeito da fórma como a Academia Brasileira recebeu o ilustre escritor Julio Dantas, que por ela foi convidado a visitar o Brazil, um interessante artigo, do qual extraimos a parte principal.

Diz «A Noticia»:

«Alguns dias antes de chegar ao Rio o «Almanzora», houve uma reunião da Academia. Nessa ocasião, um dos maiores poetas daquele cenaculo, um grande romancista, cuja alma cheia de uma infinita poesia, fala, igualmente, de amor e da beleza, um estilista, em suma, que só tem igual, em nossas letras, em Euclides da Cunha e em Ruy Barbosa, interpelou a Academia acêrca de um assunto importante. Queria saber quaes as homenagens que se projectavam fazer a Julio Dantas. Foi-lhe respondido. E essas homenagens cifravam-se a uma unica: uma sessão, em que houvesse um discurso e em que Julio Dantas tomasse parte, após tantos anos escolhido, da sua cadeira... O romancista surpreendido, declarou que isso era nada, para o grande vulto que se ia receber. Porque não lhe oferecia a Academia um banquete?

— Porque a Academia está em situação precaria, respondeu-lhe o presidente, sr. Afranio Peixoto.

O romancista fez nova sugestão: que se oferecesse a Julio Dantas, em nome da ilustre companhia, um simples jantar. Havia os «jetons de présence» extraordinarios, do dia da recepção do escriptor. Pois bem: que se reunisse todo esse dinheiro, e com ele poderia ser dado um belo jantar ao poeta. Nova scena: falava mais alto aos academicos a voz harmoniosa da bolsa...

Daí veio a nossa primeira nota, estranhando a maneira de agir da Academia.

Passaram os dias e o «Almanzora» chegou ao Rio. Afim de receber Julio Dantas, uma enorme multidão ... ao cáes. E, entre toda aquela gente, viam-se representantes da Academia — os srs. Afranio Peixoto e Goulart de Andrade.

Feito o desembarque, o presidente da Academia tomou assento com o sr. Julio Dantas, no automovel que o trouxe. E veio recebendo com o poeta as ovações do povo. Ao chegar ao Palace Hotel, extenuado pela longa travessia do mar, Julio Dantas naturalmente, desejaria descançar. Alguem pergunta ao gerente qual o apartamento reservado para o escriptor. E, ó desilusão! não havia nenhum...

O sr. Afranio Peixoto, deante daquele homem que a multidão na rua tão vivamente aclamava, sentiu-se chocado com a atitude da Academia, com o descaso da corporação a que preside. E dirigiu-se á direcção do Palace, para, com dificuldade, obter um chocho quarto. Para isso, comprometeu-se a se responsabilisar pessoalmente, em nome da Academia, por todas as despezas...

E' aqui que entra em scena o sr. Osoro Duque. Na qualidade de pagador da Academia — parece que o termo técnico é tesoureiro... — o sr. Osorio tem um vivo ciume dos dinheiros legados pelo livreiro Alves.

Pois foi nessa qualidade que o sr. Osorio Duque mandou declarar desde logo que não assinaria o cheque relativo á conta do sr. Julio Dantas no Palace Hotel. Mas está claro que essa declaração era totalmente inofensiva. O sr. Osorio Duque Estrada não é a Academia de Letras. O seu fragil atributo de tesoureiro não lhe dá nenhuma autoridade para ir tomar tal ou qual deliberação, em nome da companhia. A sua firma é, apenas, uma fórma de autenticação da responsabilidade de taes ou quaes despesas feitas pela Academia. Tão sómente isto e nada mais do que isto.»

«A Noticia» termina informando que, logo após o regresso de Julio Dantas a Portugal, o tesoureiro e secretario da Academia pedirão a demissão dos seus cargos, visto ser disposição de algum academicos apreciar a obra do sr. dr. Afranio Peixoto, que, parece, é digna de repressão.

AS REPARAÇÕES

O projecto inglês

de entendimento com a Alemanha

não merece a aprovação da França

E os outros governos aliados?

Pelos jornaes franceses chegados hoje a Lisboa começamos a conhecer agora os traços geraes do projecto britanico da nota a enviar á Alemanha e que foi enviado á aprovação de quatro governos aliados: francez, belga, italiano e americano.

A Inglaterra admite a ideia de se mandar avaliar por uma comissão de peritos — escreve «Le Matin» — de que se define no entanto a qualidade, a capacidade de pagamento do Reich. Não repulsa as garantias sugeridas por Cuno, e que consistiam, como devem estar lembrados, em hipotecas sobre os bens dominiaes, sobre os impostos, sobre os monopolios e sobre os beneficios da industria, hipotecas que segundo o mesmo Cuno, nada deveriam produzir antes do 1.º de julho de 1927.

No que diz respeito á resistencia passiva, M. Baldwins pretende possuir o mais vivo desejo de fazer observações á Alemanha, mas ao mesmo tempo nas suas entrevistas com M. de Saint-Aulaire, Lord Curzon queria obter informes precisos sobre as modificações que o fim da resistencia levaria ao regimen de ocupação. A França não se recusou a reconhecer que esse regimen mudaria se a atitude do Reich e das populações se modificasse, mas, em boa logica, não poude dizer antecipadamente quaes seriam as medidas suprimidas pois que não tem a certeza de que os alemães não continuassem a contrariar a nossa fiscalisação. Tambem não se pode admitir que a Inglaterra faça saber de antemão á Alemanha as intenções da França.

Daí resulta que sob este ponto capital a nota é vaga e se contenta em exprimir o seu pezar pela situação que reina na Alemanha bem como nos territorios ocupados.

E' inteiramente impossivel que a França ponha a sua assinatura por baixo desta nota. A Alemanha está em rebelião contra o tratado, move uma campanha de odio e de represalia contra tudo o que é francez: não pode de fórma alguma entabolar com ela negociações sem que a batalha apoiada por Cuno termine e que o bom direito como a victoria dos aliados seja proclamado em voz alta.

Mas o gabinete inglez declara-se prompto a discutir o texto e a modifica-lo. Na carta que acompanha a nota expõe sobre que bases se poderiam iniciar as discussões futuras sobre as reparações, depois da resposta. E' claro que pensa pedir á França para que reduza o seu crédito, que pretende se não desapossar a comissão de reparações, pelo menos diminuir-lhe a autoridade, e que não fala de maneira alguma, como anunciavam os informadores apressados em suprimir as dividas inter-aliadas.

Lord Curzon salva quaes as objecções que M. Poincaré podia formular contra semilhantes metodos. Assim e para Roma e Bruxelas que empenha o melhor do seu esforço. Especula com a dificil situação da Belgica e procura sacudir a nossa firmeza com a ameaça de isolamento. Longas negociações se preparam. Ninguem pode prever-lhe o resultado, mas é preciso notar desde já que as concessões inglezas anunciadas com tanto ruido são de pura formalidade e não modificam as ideias directivas da politica britanica que tende a resolver por arbitragem os conflictos saídos do tratado de Versailles, em vez de obrigar os signatarios a cumpri-lo.

Vida Elegante

BAPTISADO

Realisou-se hoje o registo de nascimento de uma filhinha da sr.ª D. Maria d'Almeida da Silva Andrade e do sr. Francisco de Assis Sampaio de Andrade, empregado superior do Banco Nacional Agricola.

Foram padrinhos da gentil criança que recebeu o nome de Maria Amelia «mademoiselle» A. Silva Valerio e o nosso colega na imprensa sr. Arnaldo da Mota Tristão.

Os peixes preciosos

Um pescador de Saint-Nazaire descobriu ha tempo, no ventre dum goraz, uma soberba esmeralda. Agora é um pescador marselhez, Jean Reineri que tambem num goráz encontrou, dentro do estomago, uma turqueza oriental de rara beleza, sem nenhum defeito, pesando 59 gramas.

Depois disto, é bom que todas as pessoas examinem bem o interior dos peixes. Quem sabe o que neles se poderá ainda descobrir!

A sciencia por seu turno acaba de anunciar que dum peixe do Mediterraneo se extrae um producto empregado na cura dos diabeticos: a «insulina».

O DIVORCIO na China

Uma nova lei do divorcio acaba de ser decretada na China. A antiga, conhecida pelo nome de Ya-Li, era vista com hostilidade mesmo para os chinezes mais refractarios ao progresso. Como razões suficientes para a dissolução dum casamento dava: a frieza da mulher, o ciume, a esterilidade, a falta de respeito á sogra. Ordenava o castigo de oitenta vergastadas ao homem que repudiasse sem motivo a mulher, ou aos dois esposos que, pronunciado o divorcio, continuassem a viver juntos.

Nenhuma destas disposições figura no novo codigo; mas este contem dois artigos que, pela sua originalidade, merecem menção especial. Um diz que, para evitar a dissolução impensada dum par, é preciso para se efectivar o divorcio, o consentimento dos pais e mães dos conjuges. O outro considera como motivo de divorcio os maus tratos infligidos ao sogro e á sogra, o que nos indica que na China as sogras e as noras não se entendem melhor do que na Europa...

VIDA SPORTIVA

Motociclismo

O Grand Prix de France de «cycle-cars» e motocicletes, organisado pelo «Motocycle Club de France», foi disputado ante-ontem no circuito de Montargis.

A partida dos «cycle-cars» deu-se ás 6 horas e meia da manhã, aos dez concorrentes.

Desde o começo, os três «cycle-cars» Salmson deram prova de uma grande superioridade. Benoist, á frente de Bueno e Desvaux, cobriu as 10 primeiras voltas em 1 hora, 2 minutos e 48 segundos, ou seja á media de 102 quilometros e 200 metros.

Na categoria 750, a lucta manteve-se entre Lombard, Nibur e Sénéchal. Os outros três abandonaram a pista sucessivamente.

Benoist, que se manteve na dianteira até á duodecima volta, foi ultrapassado por Bueno, que cobriu as 20 primeiras voltas em 2 horas, 6 minutos e 40 segundos, á media de 104 quilometros á hora.

Na categoria de 750 cmc., a corrida foi mais atraente. Senechal conseguiu refazer o retardamento e passar á frente á vigessima volta.

A corrida terminou sem acidentes. Lombard desistiu á 32.ª volta e Bueno foi ultrapassado na ultima volta por Desvaux e Benoist.

Resultado: — 750 cmc. — 1.º, Sénéchal, fazendo os 392 quilometros do percurso em 4 horas, 23 minutos e 49 segundos, velocidade media de 88 quilometros e 600.

Categoria, 1.100 — 1.º, Devaux, fazendo os 457 quilometros em 4 horas 35 minutos e 44 segundos, media de 99 quilometros e 35.

Pedestrianismo

Corrida pedestre de 3000 metros (principiantes)

Realisa-se no proximo domingo, ás 10 horas, no Campo Grande, esta prova. Os concorrentes devem apresentar-se ás 9 e 45, devidamente equipados, junto ao chalet das canas, para receberem os respectivos numeros, que são os seguintes:

1 — Pedro de Carvalho.
2 — Americo Ramos da Silva.
3 — Jacinto Pais.
4 — Filipe Lopes.
5 — Luiz Santos.
6 — Alfredo Faria Ribeiro.
7 — José Antonio Pires.
8 — José Fernandes.
9 — Raul Esteves.
10 — Gemeniano Ferreira Junior.
11 — Anibal Sequeira.
12 — Francisco Rodrigues.
13 — Henrique Alves da Silva.
14 — José Felisberto Canelas.
15 — Rafael Carvalho.
16 — Eduardo Costa.
17 — Francisco Tavares
18 — Francisco Alves.
19 — Manuel Caldeira.
20 — José Caldeira.
21 — Alberto Carvalho
22 — João Maximiano
23 — Joaquim Freitas.
24 — Alfredo Figueiredo
25 — Henrique Rodrigues Carmo.
26 — Felisberto Figueiredo.
27 — Alvaro Monteiro.
28 — Joaquim Costa.
29 — Alfredo Duarte.
30 — Antonio Correia.

* * *

Os concorrentes da prova da Legua são os seguintes:

1 — Francisco Rodrigues; 2 — Henrique Alves da Silva; 3 — José Felisberto Canela; 4 — Julio dos Santos Costa; 5 — Alfredo Faria Ribeiro; 6 — Jacinto Pais; 7 — Antonio Antunes; 8 — Antonio de Almeida; 9 — João de Oliveira.

Este campeonato realisa-se, salvo aviso em contrario aos respectivos delegados, no campo do H. C. P., ás 17 horas de domingo.

O CASO DO MENOR

preso e espancado no G. Civil

Uma carta do sr. Manuel Ferreira da Silva

A proposito da carta que ontem publicámos, de Dª Luiza de Albuquerque, relatando o caso do menor preso no Governo Civil, recebemos a hora adeantada da tarde, uma carta do sr. Manuel Ferreira da Silva, da qual transcrevemos estes periodos:

«Posso afirmar que neste caso de investigação não houve nenhuma violencia para com o preso nem é verdadeira nenhuma das acusações que se fazem nessa carta. Falo por dura e triste experiencia, pois que, devido á intervenção desse menor, que tanta piedade desperta no coração de D. Luiza de Albuquerque, tenho sido obrigado a acompanhar o caso, de noite e dia. Tendo de ausentar-me para o estrangeiro, esse menor aproveitou a minha ausencia para se servir do nome honrado que procuro legar aos meus, pondo em pratica diversas burlas. Com esses expedientes, realizou «negocios» que orçam em cerca de quarenta contos. Preso, como era natural, procurou-se apurar toda a verdade, mas pode crer V. que nem a esse nem aos outros presos pelo mesmo motivo se fez qualquer violencia. O «improvisado negociante» não tem nenhuma razão de queixa contra os agentes investigadores. Eu e outros comerciantes temos assistido aos interrogatorios, bem como a mulher do proprio burlão. Ninguem pode dizer o contrario disso. E o procedimento do agente é tanto mais para louvar quanto é certo ter o burlão negado tudo e êle, em vista da negativa, recorrido a meios indirectos, que lhe permitiram apurar a verdade e rehaver uma grande parte do roubo.

Como esta é a expressão rigorosa da verdade, a tornará publica, desfazendo a má impressão que a referida carta tivesse produzido.

Creia-me V. com a maior estima e consideração.—*Manuel Ferreira Silva.*

Teatros - Musica - Cinemas

Festas artisticas

a de ERICO BRAGA

Noite de festa intensa, entusiastica vae ser a de amanhã, em S. Carlos: ali realisa a sua recita o distincto actor Erico Braga, cujos dotes de talento o publico tem tido ocasião de apreciar. Teremos ocasião de assistir a mais uma manifestação de maleabilidade do talento da artista ilustre que é sua esposa Lucilia, da comedia «Carta Anonima», que vae á scena.

A companhia José Ricardo, no Porto

PORTO, 25.—A companhia José Ricardo tem tido no Porto um enorme exito. A «Má Sina», teve um sucesso igual ao da peça de estreia, estando sempre o Aguia de Ouro completamente cheio. Ontem fez-se a reprise de «30 H Ps» de Leitão de Barros, que agradou em cheio, tendo tido Ilda Stichini uma grande ovação no final dessa peça. Já não se realisa a «tournée» José Ricardo pelo estado de saude deste artista.—(C.)

Reclames

NACIONAL

Até nas suas recitas de despedida «A Viuva Gomes» está atrahindo enorme concorrencia ao Nacional. E o facto não deve a ninguem surprehender, pois todos já sabem que é essa a peça mais alegre da actualidade.

Na «reprise» que vae fazer-se no Nacional da famosa peça policial «20.000 Dollars», a celebre obra tem na parte feminina a seguinte distribuição: «Miss Rose Fays», Helena de Castro; «Miss Moores», Maria Pia; «Rety» Auzenda Monteiro; «Bobby», Idalina d'Almeida e «A aia das creanças» Sara Lima.

MARIA VITORIA

Haverá em Lisboa uma só pessoa que não tenha ido ver a interessante revista "Fado Corrido" ao teatro Maria Vitória?

Não é crivel, antes se acredita que a romaria que todas as noites se aglomera na bilheteira pertence ao numero daqueles que vão vê-la repetidas vezes. O novel actor, Adolfo Sampaio e os dois novos numeros ontem cantados, foram extremamente aplaudidos.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes»
S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Bonecas».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Cambio do Marcos».
APOLO — A's 9,15 — «A Morgadinha de Valflôr».
AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata»
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«Cem mil dollars»
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade
SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

TAUROMAQUIA

Trez grandes corridas de touros em Viana do Castelo, por ocasião das festas á Senhora da Agonia

As corridas de Viana todos os anos despertam grande interesse pela sua boa organisação, mas este ano são superiormente organisadas, para o que foi encarregado pela empresa o estimado bandarilheiro Luciano Moreira. Os touros são das afamadas ganaderias de Emilio Infante da Camara e Casa Cadaval, que apresentarão três soberbos curros para as tardes de 18, 19 e 20 de Agosto, que coincidem com os brilhantes festejos á Senhora da Agonia, que costumam ser deslumbrantes. Os cavaleiros para estas tardes são os festejados artistas José Casimiro, João Branco Nuncio e D. Ruy da Camara.

Garraiada em Vila Franca e passeio fluvial

Promovida pelos empregados dos Correios e Telegrafos, a beneficio da fundação do sanatorio para tuberculosos, realisa-se no proximo domingo, dia 29 uma garraiada em Vila Franca, a qual está organisada com elementos que garantem uma festa que deverá ser muito concorrida. Tomam parte na corrida, alem de antigos aficionados dos correios; o cavaleiro profissional, Rufino da Costa e o cavaleiro amador Salvador Falé. Ha grande entusiasmo para assistir a esta corrida, onde tomam parte dois valentes grupos de forcados e devendo figurar outras surprezas, que farão passar uma tarde agradavel.

Para as pessoas que desejam dar um passeio fluvial, o hiate «Mariana» conduzirá passageiros, saindo de Cacilhas ás 13 horas e do Caes das Colunas ás 14 horas.

Os preços da passagem são 3 escudos, ida e volta. Ha um comboio ás 6 horas, para quem quizer assistir á espera dos touros e ás 13,25 horas o ultimo comboio para as pessoas que vão de Lisboa assistir á tourada.

Os Partidos

Comissão Politica do Partido Republicano Radical de Campanhã

Para tratar de assuntos partidarios reuniu esta comissão que entre outros assuntos aprovou varias adesões ao partido de republicanos da freguezia e congratulou-se pela breve saída nesta cidade dum jornal partidario. Resolvido mais saudar todos os velhos republicanos que sobre eles tenha caido a perseguição feroz, quando eles tambem sabem defender a Republica de seus inimigos como o têm provado em todas as horas dificeis do regimen. Por fim foi votado um voto de louvor á Comissão Municipal do partido pela sua inteligente orientação acêrca da proxima propaganda do partido no norte do Paiz.

Centro Republicano Radical do Porto

Na ultima reunião da direcção deste Centro, entre outros assuntos de caracter partidario, resolveu encetar comicios publicos nesta cidade, analisando a politica geral do paiz, sua situação economica bem como sobre a momentosa questão do inquilinato, etc. Tomou conhecimento e congratulou-se pela adesão ao partido do importante industrial da Foz do Douro, sr. Oscar Sabino Nogueira. Foi mais resolvido a saudar o indefectivel republicano coronel Cesar Tavares, pela perseguição que lhe é movida, sendo por fim aprovadas importantes adesões do Porto, Gaia, Felgueiras e Foscôa. Como esteja em organisação um Centro Republicano Radical em Felgueiras foi resolvido tambem saudar os organisadores desse Centro bem como as suas comissões politicas que são compostas de velhos e dedicados republicanos.

Gremio Republicano dos "Jovens Luzitanos"

Reunem hoje, 26, pelas 21 horas, no Centro Republicano Tomás Cabreira, Rua Alves Correia, n.º 55, a Direcção Central e Comissão Administrativa, afim de serem resolvidos assuntos importantes. Roga-se a comparencia de todos os membros, e bem assim dos socios que ainda não tomaram posse dos seus cargos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4441-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA || Sexta-feira, 27 de Julho de 1923 || Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

BERLIM, 27. Foi preso um desempregado de 20 anos de idade sob a acusação de ter tomado parte nos roubos efectuados no palacio do ex-imperador Guilherme 1.º Confessou ser efectivawente o autor do roubo e que lançara muitos objectos no rio Spree porque não havia possibilidade de os vender. Tencionava assaltar o palacio uma terceira vez.—(R.)

A favor da especulação

Não somos só nós que o dizemos. Não é só o publico que tantas vezes o tem verificado. E' por meio da divisa cambial que se vai pautando a carestia da vida. E quem o tem muitas vezes reconhecido é o proprio Governo.

Por isso mesmo, ao lançar o recente emprestimo dos 4 milhões de libras, operação que tantas esperanças acalentou no espirito publico, o Governo clamava que o seu efeito (infalivel) seria melhorar o cambio, e melhorando o cambio imediatamente as condições da vida melhorariam tambem, abrindo-se para a Nação um horisonte desafogado.

Como não acreditar esta promessa formal? Quem poderia supor que o Governo não estaria habilitado por qualquer fórma, a evitar o agravamento do cambio, estando então a libra a 100 escudos, quando lançava no mercado titulos-ouro em que a libra era cotada a 45 escudos!

Evidentemente, o Governo tinha a certesa de que a libra baixaria para 45 escudos ou menos ainda, porque se assim não fôsse estaria fazendo o jogo da especulação, e arruinando o Estado, o que necessariamente revelaria uma tremenda inepcia ou uma criminosa intenção.

Não se podia acreditar que a libra ainda mais se desvalorisasse, sem rasão nenhuma para tal, visto estarmos na situação dum paiz que realmente produz e trabalha. E tanto assim devia ser, que uma parte dos especuladores, porventura a peor informada, não tomou tanto papel quanto seria de esperar tratando-se de uma operação ruinosissima para o Estado e portanto boa para eles.

O Governo alentava esta suposição. Como nos primeiros dias em que se anunciou o emprestimo o cambio melhorou-se, tendo porém, uma ligeira recaída dias depois, o Governo, em notas oficiosas para os jornaes, veio declarar que não havia motivo para receios da parte da opinião, porquanto ele estava habilitado a impedir imediatamente qualquer agravamento cambial.

Era mentira?

Era mentira.

Tudo isto era mentira.

Tanto assim que a libra voltou para as alturas de 118 escudos, tudo indicando que dentro em pouco a teremos a 150 escudos ou mais.

E que será nas proximidades de 15 de Setembro, em que se vence o primeiro «coupon» trimestral do emprestimo, «coupon» em que satisfará por cada titulo de 10 libras, a quantia ouro de 3 shillings e 3 pence!

Ninguem ignora já que a maior parte dos titulos do emprestimo ficaram em poder dos Bancos. E' qualquer cousa semilhante á da monstruosa mistificação dos 50 milhões dollars em que se tratou de fazer baixar um valor ouro, para o adquirir, e vende-lo depois na alta? Quem sabe mesmo se o pensamento e a acção originarias serão as mesmas?

Todas estas duvidas são legitimas, quando se pensam, como já tem sido acentuado, que o Estado vai perder, com o emprestimo, mais de 300.000 contos!

Afinal de contas que se conclue de tudo isto? Conclue-se que em vez de reprimir e castigar os especuladores, eles não só têm sido poupados, como são constantemente favorecidos nas suas especulações.

O Estado dizia realmente receber dinheiro; e não desarata-lo escandalosamente?

Reclame dos Bancos as libras que eles lhe devem, em vez de lhes meter ainda mais libras nas burras, defraudando os seus proprios cofres.

A' volta das REPARAÇÕES

«O Times» e a França

LONDRES, 27—O «Times» diz que as condições financeiras da Alemanha não podem ser modificadas para melhor emquanto a região do Ruhr estiver ocupada e pede que se chegue rapidamente a um acordo para resolver a questão das reparações porque esse problema está tomando um aspecto muito grave.—(R.)

A Italia seguirá o ponto de vista da Inglaterra?

ROMA, 27—O «Popolo Romano» aconselha a Italia a cooperar com a Inglaterra e a afastar-se da politica da França antes disso se tornar demasiado tarde.—(R.)

Dois pareceres

Recebemos os pareceres sobre a aplicação da frota maritima do Estado e sobre a lei do sêlo. São ambos relatados pelo ilustre deputado sr. Velhinho Correia, antigo ministro do Comercio.

Trata-se de dois trabalhos de alto valor intelectual, em que largamente se afirmam a inteligencia culta e a experiencia bem orientada do sr. Velhinho Correia.

A' BOCA DAS URNAS

Bernardino Machado em face de Teixeira Gomes

Qual dos dois será eleito?

Algumas previsões que podem muito bem vir a cumprir-se

Vem já proximo o dia em que a eleição presidencial ha-de realisar-se. E, como sempre tem acontecido em casos semilhantes, os partidos não se entendem apezar de aparentarem boa vontade e desejos de acertar e fazer bem.

Foi assim quando se tratou de levar á magistratura suprema o velho e prestigioso Manoel de Arriaga; foi assim quando á presidencia da Republica ascenderam Bernardino Machado e Antonio José de Almeida.

Sempre os politicos se desavieram, e sempre, até á ultima hora, foi a incerteza e a duvida que dominaram numa atmosfera carregada onde se não via bem e onde se não sentia bem.

Desta vez democraticos e nacionalistas, os mais fortes agrupamentos parlamentares, procuram combinar tambem. Citam-se nomes, regulam-se probabilidades.

Quem será o triunfador?

E logo as vaidades, os dissidios partidarios, os interesses creados aparecem a anunciar-nos que a lucta ha-de travar-se e que, ao contrario do que afirmam certos ótimistas, o primeiro escrutinio não será o decisivo e que o Congresso resolverá por maioria de votos.

Repetimo-lo: nenhum dos nomes até agora citados como presidenciaveis deve reunir o numero de votos necessario para se decidir pela primeira votação.

E senão vejamos.

* * *

Vejamos esses nomes presidenciaveis e a sua posição perante os partidos. Como é natural o paiz não conta em coisa nenhuma para estas coisas minimas.

São quatro as pessoas para quem vão as simpatias do Congresso: Magalhães Lima, Teixeira Gomes, Duarte Leite e Bernardino Machado.

Todos eles respeitabilissimos cidadãos, todos eles possuindo uma larga folha de serviços á Patria e á Republica.

Magalhães Lima idealista de sempre, combatente ardoroso da democracia, consumiu a sua constancia numa lucta de beleza e de apostolado. Os cabelos embranqueceram-lhe nas peregrinações lá de fóra impondo o nome portuguez e mostrando o prestigio republicano. E' o candidato do sr. dr. Teofilo Braga; melhor, é o candidato da Maçonaria.

Teixeira Gomes, escritor notavel, tratador e joalheiro do estilo, anda um pouco afastado das nossas pugnas politicas. A sua larga permanencia lá fóra tem-no impossibilitado de seguir atentamente a curva de marcha da nossa politica e sobretudo de se pôr em contacto com os politicos. E' o candidato do sr. dr. Afonso Costa.

Duarte Leite é um sabio, rigido, energico, decidido. Capaz de tomar todas as atitudes, ainda as mais extremas, ainda as mais decididas. Séco, nervoso, a sua passagem pela presidencia do Ministerio foi um atestado de competencia governativa dificil de encontrar rival de 5 de Outubro para cá. E' o candidato dos antigos unionistas.

Bernardino Machado, o mais politico de todos, possuindo uma educação vasta e um tacto invulgar não tem ninguem, nem um homem, nem um partido que decididamente o apoie.

E' um nome flutuando, girando ao sabor dos acontecimentos.

* * *

Que querem afinal os partidos? Conseguir para qualquer destes, senão a unanimidade, a quasi unanimidade no primeiro escrutinio.

Ora o entendimento parece-nos pouco possivel. Uma grande parte dos democraticos votará no sr. Teixeira Gomes. Incondicionalmente. Ha ao que parece indicações de Paris nesse sentido. Além disso já se diz que o nosso ministro em Londres é o candidato do chefe do Governo e este pormenor não é para desprezar. Porque o sr. Antonio Maria da Silva, apezar de tudo, ainda conta com o concurso valioso de alguns dos seus correligionarios.

Outros, e de alguns deles já se tornaram publicas as declarações, não esquecem que Bernardino Machado foi o arauto, vivo e arguto, da lucta contra o sidonismo. Que foi ele, com o exemplo da sua tenacidade, quem animou aqueles tantos que já se sentiam desencorajados. E esses não deixarão de pôr as suas listas sobre o nome do estadista de...

Vejamos o que se passa entre os nacionalistas. A fação reconstituinte apoiava, sem reservas, o nome do dr. Bernardino Machado. O seu antigo chefe não escondia as suas simpatias por ele, e, se as nossas informações não erram, asseveram já que o seu voto seria dado a Bernardino Machado. Os antigos evolucionistas não andavam muito longe deles.

Apenas os ministros, desde a primeira hora, falaram no dr. Duarte Leite. O nosso embaixador no Brasil foi sempre pessoa grata ao Calhariz. A sua linha de conduta rigida, irrepreensivel adaptava-se á maravilha ao caracter que o sr. dr. Brito Camacho imprimia á sua ação politica. Ora os unionistas foram sempre e apenas Camachistas. E bem se pode dizer que o sr. dr. Duarte Leite foi um camachista.

Não o aceitam portanto os democraticos que no fundo são democraticos, que é como diz, pessoas aferradas ao seu partido, aos seus interesses, ás suas conveniencias. Não acreditam portanto na imparcialidade que, estamos certos, seria mantida no exercicio de tão alto cargo pelo sr. dr. Duarte Leite.

Outro tanto não acontece com reconstituintes e evolucionistas que de bom grado aceitaram, salvo uma ou outra excepção, a solução Duarte Leite encarando-a como a mais conveniente para os altos interesses do paiz.

E assim o partido nacionalista neste momento aceita a candidatura Duarte Leite como a unica a que podem dar os seus votos, de acordo com os democraticos, de fórma a que o novo Chefe do Estado saia da primeira votação. Veremos o que dizem os homens do P. R. P. Mas não nos parece que eles cheguem a acordo com os seus adversarios.

* * *

Que vai passar-se portanto?

No primeiro escrutinio serão tres os nomes votados: Bernardino Machado, Teixeira Gomes e Duarte Leite.

A candidatura Magalhães Lima está completamente posta de parte. E' apenas um nome, uma homenagem, uma recordação...

Mas o dr. Duarte Leite que é uma pessoa de palavra, e de uma só palavra, coisa a que nós andamos por aqui muito desabituados em materia de politica, já disse que só aceitaria o cargo quando o elegessem democraticos e nacionalistas.

O seu nome ficará portanto abandonado.

Em segundo escrutinio devem aparecer-nos em competencia apenas Bernardino Machado e Teixeira Gomes.

Vai-se repetir o sucesso de 1915? Bernardino Machado eleito por maioria ao terceiro escrutinio? Mas as indicações de Paris tomadas á letra, acabarão por convencer os mais renitentes dando o triunfo ao sr. Teixeira Gomes?

Em qualquer caso parece-nos que a lucta deve travar-se, e porfiada e calorosa, em torno destes dois nomes:

MANOBRAS...

Os realistas alemães

parece que preparam um novo golpe

a Belgica está de atelaia

ANTUERPIA, 27—Na Belgica ha muita curiosidade por saber o que se passa em Doorn. Varios agentes monarquicos teem visitado o ex-Kronprinz na sua habitação de Wieringen e teem igualmente visitado o kaiser. O principe Eitel Frederick segundo filho do kaiser e que se supõe estar em intimas relações com os junkers da Prussia esteve em Doorn no principio deste mês, tendo tambem ahi estado o dr. Helfferich conhecido pangermanista e dizendo-se tambem que o snr. Stinnes esteve ali secretamente. Parece e o ex-kronprinz está absolutamente resolvido a voltar á Alemanha e supõe-se que ele e o ex-kaiser tenham formado qualquer intriga que tenda á execução duma aventura desesperada. Um dos motivos do seu designio é que a sua situação financeira é muito precaria. E' muito possivel que em breve se deem factos extraordinarios na Alemanha. Nos circulos politicos belgas examina-se a situação interna da da Alemanha com muita atenção.—Agencia Radio.

CANDEIA ACESA...

Uma inspectora de trabalhos manuais

Foi nomeada para o cargo a sr.ª D. Elisa Loureiro

Uma carta a proposito

Sr. Director da «Capital»—Ha dias publicaram os jornais a seguinte noticia oficiosa:

A sr.ª D. Elisa Loureiro, professora e directora da escola n.º 75, foi incumbida de investigar do estado do ensino dos trabalhos manuais nas escolas de ensino primario geral de Lisboa.

E' por muitos titulos, para lamentar a «infausta» noticia, como v. vai ver.

Nela não se diz se a incumbencia é gratuita ou remunerada nem se é sem prejuiso dos varios cargos que a mesma senhora já acumula muito... distintamente.

No entanto o assunto é por demais importante naquela sua aparente simplicidade.

As escolas de Lisboa, dentro dos seus quatro bairros, teem já quatro inspectores de circulo aos quais cabe a fiscalisação duma escassa duzia e meia de escolas.

A nomeação anunciada representa mais uma inspecção para as mesmas escolas, o que faz supor que aqueles funcionarios ou não chegam ou não sabem ou não querem cumprir todos os deveres do seu cargo.

Mas ha mais. As escolas oficiais fecham no fim do corrente mez e só voltam a abrir em Outubro, é pois, nesse espaço de tempo que a referida senhora vae fazer o «seu estudo»?

Alem disso os trabalhos manuaes não constam apenas dos exercicios de lavores, para que a mesma senhora teria competencia, mas de trabalhos manuaes em barro, em cartão, em madeira, em arame, em papel, etc., etc., para os quaes a Sr.ª D. Elisa Loureiro não tem especialisação, tanto assim que nunca deixou de ser directora da Escola 75.

Será por esta circunstancia e em virtude do estado de adeantamento que apresentam os trabalhos manuais na escola que dirige, que a sua nomeação se impôs para que se tornem conhecidos e reproduzidos, em todas as escolas esses trabalhos?

Ainda neste caso que se não dá, a nomeação representaria um favoritismo e um escandalo alem de outras razões de ordem moral por mais estas: — porque o Estado, por falta de recursos, não dá já aos seus alunos das escolas primarias, nem tinta, nem lapis, nem penas de pedra, nem papel, nem — admire-se sr. director — o material para a execução dos tais trabalhos manuais cujo estado de adeantamento se manda agora investigar!

Vê-se que não ha maneira de moralisar a nossa administração publica nem de comprimir as despezas senão... deixando de fornecer ás escolas primarias o papel e tinta!

Em compensação a sr.ª D. Elisa Loureiro vai ser nomeada inspectora de trabalhos manuaes sendo já professora da Escola Oficial n.º 75, directora da mesma escola e professora da Escola Primaria Superior de Bemfica.

Daqui a pouco não deixam á pobre senhora, nem tempo para dormir.

De V. etc., J. P. Santos, antigo professor.

Dr. Costa Sacadura

Em comissão gratuita de serviço, vai á França, Belgica e Suissa estudar a organisação das maternidades desses paizes, o ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Costa Sacadura.

O ilustre professor, que é um dos nossos mais competentes, cultos e eruditos professores, de certo colherá nos paizes que vai visitar, elementos precioso para enriquerecer os seus vastos conhecimentos e dotar o Paiz com os processos usados já fóra nas instituições daquela natureza.

* * *

O sr. dr. Costa Sacadura, que partiu esta tarde no «sud-express», assistirá tambem ao congresso que no proximo mês de Agosto se realiza em Strasburgo, organizado pela Associação dos Genecolistas, regressando depois ao nosso país.

O tratamento da tuberculose

Que melhor exito está produzindo, consiste no emprego da FIBROCALCINA associada ás «Gotas de Gaiacol compostas» (desinfectante pulmonar) e á carne em pó super-alimento assimilavel á Farinha Bulgara.

Depositario exclusivo, Raul Vieira, Limitada. — Rua da Prata, 51.

UMA VISITA

O HOSPITAL MILITAR DA ESTRELA

Como nós o vimos e as transformações que ele vai sofrer — em breve —

Todas as instalações serão modificadas

Milhares de doentes são tratados nas consultas externas

O hospital da guarnição de Lisboa era um estabelecimento de muito más tradições, tanto pela deficiencia dos seus recursos, como pela pouca competencia do pessoal técnico que ali prestava serviço. Apavorava-nos a ideia de termos um dia a fatalidade de ir parar a um quarto particular do Hospital Militar.

Aquele velho casarão, lá no alto da calçada da Estrela, todos os consideravam como inadaptavel a um hospital regular. A «Capital» teve uma ocasião o belo ensejo de publicar as impressões desagradaveis colhidas por um dos seus redactores, em uma visita, na qual recebeu elementos fornecidos por um clinico ilustre que lá desempenhou serviços durante a guerra. Do confronto feito entre os hospitaes civis e o primeiro hospital militar do paiz resultava, que todos se horrorisavam quando lhes surgia a ideia de precisarem dos serviços deste ultimo.

Constava-nos porém, que o Hospital Militar de Lisboa tinha passado por uma notavel transformação. Já durante o periodo da guerra, quado tivemos de colaborar na instrução dos oficiaes medicos milicianos, e desempenhamos serviço na Escola Preparatoria anexa ao Hospital a Estrela, notamos que se desenhava uma lenta, mas progressiva evolução nos serviços hospitalares. O concurso de alguns medicos milicianos, clinicos distintos, especialistas e outros do quadro permanente que foram seleccionados em provas de admissão, fizeram desaparecer aquela falta de confiança que em regra inspirava os antigos medicos militares, que se contratavam para a tropa, quando não encontravam melhor colocação na vida civil.

Mas se o hospital militar da Estrela possue hoje um corpo clinico distintissimo, é sobretudo a sua transformação material, que realmente surpreende o visitante que em tempos recuados tivesse conhecido aquele abominavel pardieiro. E' preciso que se tenha ali dispendido uma energia consideravel, para se conseguir fazer esquecer o que foi o antigo hospital da Estrela. Não é ainda uma obra perfeita que o visitante, por melhor disposto que ali vá, tenha de se confessar satisfeito. A educação do pessoal menor e o aceio do seu vestuario deixam ainda bastante a desejar. Mas isso é ainda uma consequencia da falta de recursos que temos nas tropas e que dificilmente será remediavel; a não ser que ás praças dos grupos de saude sejam concedidos fardamentos especiaes, usados nos serviços de enfermagem.

O hospital militar de Lisboa é hoje um estabelecimento digno de ser apreciado e que sob o ponto de vista material deve satisfazer aos mais exigentes. E' preciso cuidar da educação do seu pessoal menor, para que tenhamos uma obra perfeita, que honrará o nosso paiz perante qualquer alta individualidade estrangeira, que tenha competencia para a apreciar.

O leitor que conheceu o antigo hospital da Estrela poderá fazer ideia, da sua transformação dizendo-lhe resumidamente em que ela consistiu. Foi inaugurado o novo edificio com tres andares, para os quaes passaram muitos serviços que se encontravam acanhados no velho hospital e assim se poude passar a biblioteca para o antigo deposito de roupas; mobilar o gabinete do sub-director, que está na antiga sala do conselho administrativo; uma espaçosa sala de visitas, foi instalada na antiga sacristia; uma aula foi criada na antiga sala da biblioteca. As enfermarias tem todas o seu piso, forrado de corticite e foram ornamentadas com gosto delicado, sendo rasgadas algumas janelas para melhorar as condições higienicas. Em todas as enfermarias foram construidas casas de lavagem e de banho, exteriormente. A enfermaria dos oficiaes e a dos sargentos, com as suas casas de jantar anexas são tambem um melhoramento que muito bem impressiona o visitante. As casas de banho para aspersão e douches multiplicaram-se por varios sitios, tanto para doentes, como para o pessoal de serviço. Foi tambem criada uma barbearia e melhorada a enfermaria prisão.

O posto de socorros instalado actualmente no edificio novo, dispõe de tres salas e quarto para hospitalisação de doentes intransportaveis operados, nos casos graves de rua. Os quartos particulares destinados a oficiaes superiores e a generaes estão luxuosamente mobilados e instalados em condições excelentes de ar e luz. Mas a moderna orientação do funcionamento dos serviços hospitalares desenvolvida pelo ilustre director o coronel medico sr. dr. Mascarenhas de Melo, que tem operado esta miraculosa transformação do hospital da Estrela tem em vista activar os serviços de especialidades e policlinicos. E basta citarmos os nomes dos distinctos especialistas, que se encontram na direcção dos diversos serviços, para se ter a garantia de uma excelente assistencia clinica. Na urologia encontra-se o sr. dr. Bastos Lopes, que trata em cada mez, tanto na consulta externa como na interna alguns milhares de doentes. E' interessante ver como este serviço está organisado de forma a despachar em cada hora um numero elevadissimo de doentes que afluem ao hospital.

O gabinete do tratamento de boca e dentes sob a direcção do sr. Bruno da Silveira, com oficina anexa onde se executam trabalhos delicados de dentaduras merece-nos referencia especial.

No gabinete de oftalmologia, dirigido pelo habil especialista sr. dr. Mario Moutinho com a assistencia do sr. dr. Medeiros de Almeida são tratados mensalmente, em média 9.000 doentes, possuindo ali os aparelhos mais perfeitos da especialidade.

A instalação do gabinete de mecanoterapia dirigido pelo sr. dr. Castro Caldas possue todos os recursos que fazem deter o visitante em um exame delicado. A sala de radiografia em tempos impulsionada pelo sr. dr. José de Padua major medico miliciano, está sob a habil direcção do sr. dr. Castelo Branco Saraiva. A sala e enfermarias de doenças de garganta, nariz e ouvidos estão sob a direcção do distincto especialista sr. dr. Alberto de Mendonça assistido do sr. dr. Manoel Pinto; a sala de operações e enfermarias de cirourgia estão a cargo do habil cirurgião sr. dr. Vasconcelos Dias. O material cirurgico vindo em parte do hospital de Campolide constitue um rico arsenal como poucos se encontrarão em qualquer outro hospital.

O laboratorio de analises clinicas a cargo do sr. dr. Artur Pacheco possue valiosos recursos e pessoal competente para se desempenhar da sua missão. Nas enfermarias de medicina encontram-se clinicos de valor taes como os srs. drs. Zucht e Francisco Corte Real, que fazem parte do quadro hospitalar.

Ao ilustre director sr. dr. Mascarenhas de Melo, prestamos com o maior prazer a justa homenagem de apreço pela sua obra, que é realmente notavel.

J. CORREIA DOS SANTOS.

Lucilia Simões—Erico Braga

Um novo original portuguez

será representado

O seu autor é um antigo politico e jornalista em evidencia

A' companhia Lucilia Simões-Erico Braga foi entregue um novo original portuguez que, segundo nos afirmam, deve produzir grande sensação quando subir á scena. Intitula-se «Tormento» e, dizem-nos, é admiravel como tecnica teatral, como factura literaria e ainda pelo arrojo da tese, estruturalmente moral, embora em choque com os preconceitos de uma sociedade hipocrita. O autor da nova peça é um antigo politico e jornalista em evidencia que, por varias vezes, teve uma situação de destaque no tempo da monarquia.

Na «Tormenta», cuja estreia está sendo cercada de uma grande e justificada ansiedade, Lucilia Simões tem uma extraordinaria creação, tendo tambem papeis de relevo Maria Sampaio, a gentilissima actriz cujos progressos se marcam e se aplaudem pelas noites em que representa, e Luiz Barreira, o moço e talentoso artista, para quem a peça foi expressamente escrita.

Uma opinião

A AMERICA

não deve aderir ao tribunal de Haia

segundo o senador Johnson

NEW YORK, 27 — O ex-senador Johnson fez uma viagem atravez da Europa e entrevistado por jornalistas disse ser de opinião que os Estados Unidos não deviam aderir ao Tribunal da Haia porque ele é absolutamente incapapáz de evitar qualquer guerra. Acrescentou que a propaganda do presidente Harding a favor desse Tribunal era absolutamente indesculpavel porque a boa politica dos Estados Unidos devia ser o afastar-se completamente dos negocios europeus. Disse ainda que o objectivo da Inglaterra era ganhar de novo a supremacia do comercio mundial. A cooperação pedida aos Estados Unidos para impor o cumprimento do Tratado de Versailles não era solicitada á inteligencia americana mas unicamente á sua força. — R.

QUESTÃO DE INQUILINATO

Proezas do juiz Sousa Teles

Afinal que é o sr. Sousa Teles?... E' juiz da Relação de Lisboa ou é procurador de causas... perdidas?...

Ponhamos esta questão com clareza. A Magistratura Portuguesa merece o nosso maior respeito. Mais ainda: é digna da gratidão de todos os portuguezes. A Magistratura Judicial tem sabido manter-se incorruptivel, dignamente pobre e intransigentemente honesta. Durante a crise pavorosa que avassalou a sociedade e a mantem ainda presa aos grilhões de uma cruciante miseria, tem sabido a Magistratura Portuguesa conservar, apesar de tudo e atravez de tudo, a mais patriotica atitude, a mais estoica impassibilidade. Sendo, como ainda é, uma das classes que menores honorarios percebe, a Magistratura continuou sem desfalecimentos a sua missão, com sacrificios materiais suportados heroicamente e mantendo sempre uma dignidade altiva. A classe não é, portanto, responsavel pelos desmandos de um ou outro dos seus membros, antes é a primeira — estamos disso absolutamente convencidos! — a repelir qualquer especie de solidariedade a que os membros gangrenosos a pretendam arrastar.

Temos aqui condenado os crimes dos sindicalistas vermelhos, que se apegam ao emprego da bomba explosiva como a ultima ratio — a que todos os cidadãos têm de curvar-se. Temos aqui combatido os criminosos de casaca, como, por exemplo, o celeberrimo Rugeroni, e os delinquentes de blusa, como o famigerado «Avante». O crime, onde quer que ele esteja, merece e merecerá sempre a nossa mais energica repulsa e jamais nos cansaremos em reclamar que contra os seus autores sejam aplicadas as sanções penais. Não reconhecemos a ninguem, seja a quem fôr, a irresponsabilidade fundada no exercicio de qualquer função publica. Um juiz não é um irresponsavel, quando um juiz rasga a lei comete um crime. Porque motivo não havemos de clamar que justiça seja feita contra ele? Ora no nosso espirito fez-se a convicção indestrutivel de que o dr. Sousa Teles, juiz da Relação de Lisboa, abandonou em determinado instante a sua função propria substituindo-a pelo exercicio da procuradoria chicaneira em beneficio de um litigante que, por sua boa sorte, lhe foi parar ás mãos. Não fazemos uma afirmação gratuita. Provamos, pelo contrario, o que dizemos. Acusamos com as provas nas mãos, com a evidencia do proprio delicto. Ele não ficará impune. E não ficará

GREVE DE PESCADORES

O PEIXE

não faltou ontem em Lisboa

A caminho da solução

E' muito possivel que ainda esta semana fique solucionada a gréve dos pescadores, devido á atitude assumida por algumas empresas e pelo sr. Comissario dos Abastecimentos, que tem feito seguir para o mar varios vapores, com marinheiros e pessoal estranho ao sindicato dos grevistas.

O barco do comissariado, que no domingo passado saiu para o mar, chegou ontem trazendo 10 toneladas de peixe, esta manhã foi descarregado, para os varios pontos de venda distribuidos pela cidade.

Nos bairros mais populosos, como Alfama, Graça e Campo de Ourique, logo que houve conhecimento da venda de peixe, formaram-se junto dos referidos postos, grandes bichas, sendo necessaria a intervenção da policia para conter o mulherio.

Nos postos dos Largos de S. Domingos e P. ço do Borratem as bichas tambem eram enormes, especialmente de criadas de servir e empregados de casas de pasto, esgotando-se imediatamente todo o peixe que apareceu.

O peixe foi vendido ao seguintes preços: pescada 5$00, goraz 4$00 e cachucho 3$00.

INQUILINATO

O juiz de Portalegre

DECRETA UM MANDADO DE DESPEJO

cujas consequencias podem ser graves

Fomos afirmado por pessoa de inteiro credito que o Juiz de Direito de Portalegre ordenou o despejo d um importante estabelecimento industrial d'aquela cidade tendo a renda sido depositada e notificada ao senhorio no prazo legal. Isto é absurdo e desagradavel. Todavia, depois do que se passou em Aldegalega, onde aquele magistrado foi juiz não nos admiramos.

O sr. ministro da Justiça que é uma criatura de trabalho e com vontade de acertar, terá que olhar pelo maior prestigio da justiça.

Não queremos que os juizes façam uma vida conventual, mas dahi, a andarem á goga nos jantares e merendas pelas casas de cada um, tem os seus inconvenientes, tanto maiores quando não se vive em casa propria.

Ora o que sucedeu em Portalegre, alem de ilegal; reveste umas tonalidades de imoral. O juiz é escravo da lei e não o senhor da lei.

No estabelecimento a que atraz nos referimos está instalado o melhor Hotel de Portalegre onde não havia até a sua inauguração nenhum digno d'esse nome.

O arrendatario procedeu legalmente oferecendo a renda em casa do senhorio que pretendendo fazer um aumento ilegal não quiz receber a renda depositada no prazo legal. No mês seguinte depois de ter procedido de igual forma e dada a impossibilidade de pagar a renda por o senhorio propositadamente se ter ausentado, foi depositada no dia 5. Apesar de tudo isto um despacho estupido d'um juiz muito parecido com o Dr. S. Teles condena o inquilino pretendendo despejar um estabelecimento d'aquella ordem. Bom será que a justiça ponha um freio em tanta pouca vergonha que se está passando.

...impune, para honra da propria Magistratura Portuguesa.

* * *

Não é facil apagar o que está escrito. O juiz Sousa Teles prescindiu da lei e arrogou-se um poder que não tinha, fazendo, nos autos, uma especie de ditadura contra Eduardo Martins & C.ª, Limitada e a favor da Companhia União dos Proprietarios. Perante todas as consciencias honestas, o juiz Sousa Teles não é digno do exercicio ininterrupto das suas altas funções. E' indispensavel, é urgente que receba uma lição, a ver se é susceptivel de emenda. Não se pode deixar este homem impune, porque tal facto seria mais um elemento da dissolução nesta já tão doente sociedade portuguesa. Ha, cremos nós, um Conselho Superior de Magistratura Portuguesa. E' preciso que esse corpo disciplinador se pronuncie sobre o caso grave que denunciamos ao publico. E ha de pronunciar-se. Não deixará, por certo, de fazer sentir ao juiz Sousa Teles que não é correcto — isso, pelo menos! — que, de tempos a tempos ou quando lhe convier, um juiz possa substituir a toga pela simples capa de um solicitador de causas. Mas vejamos, antes de mais nada, em que consiste o delicto praticado pelo juiz Sousa Teles.

Já aqui descrevemos os tramites da acção de despejo intentada pela Companhia União dos Proprietarios contra Eduardo Martins & C.ª, Limitada. A acção foi julgada improcedente e não provada, não tendo sido decretado o despejo e declarando-se expressamente na sentença que a Companhia União dos Proprietarios não era condenada em multa por se não ter provado que litigava de má fé. Sómente por isso! E' que, na realidade, a prova de litigancia de má fé não é facil de produzir-se e só a isso deve a Companhia União dos Proprietarios o não ter sido condenada em multa. O que é, porém, um facto é que a firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, foi feita inteira justiça, sendo todas as respostas do juri favoraveis, por unanimidade, á sua causa. E esta sentença do Tribunal do Comercio foi confirmada pelo Supremo Tribunal de Justiça, que anulou um acordão da Relação, contrario á sentença da 1.ª instancia, com o fundamento de que a Relação julgara contra direito. O processo teve, pois, de voltar á 2.ª instancia e foi então que rebentou a bomba manejada pelo juiz Sousa Teles, com a qual se pretende torpedear a sentença da 1.ª instancia e o sabio e justissimo acordão do Supremo Tribunal de Justiça. O juiz Sousa Teles, naturalmente convencido de que a ultima palavra seria proferida pelo Supremo Tribunal de Justiça e que ela não poderia deixar de ser favoravel (como já fôra) a Eduardo Martins & C.ª, Limitada — o juiz Sousa Teles surgiu de dentro de um alçapão, manejando alevosiamente o cutelo da iniquidade, armado, de ponto em branco, com a couraça do arbitrio, e despediu um golpe contra Eduardo Martins & C.ª, Limitada, golpe que o mesmo magistrado suponha que iria anular a resistencia que se estava opondo ás manigancias da Companhia União dos Proprietarios. O juiz Sousa Teles deixou, por instantes, de ser juiz para se converter em procurador da Companhia União dos Proprietarios!

Efectivamente assim foi. O advogado da firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, no uso pleníssimo do seu direito e no cumprimento dos deveres que lhe impunha a defesa dos interesses dos seus constituintes, socorreu-se da lei, opondo-se á baixa do traslado para a 1.ª instancia, visto que tal facto importaria o despejo extemporaneo, muito antes que o Supremo Tribunal de Justiça pronunciasse a ultima e irrevogavel sentença. O juiz Sousa Teles, relator, ficou contrariadissimo com a acção legalissima do advogado da firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, e levou a sua audacia a ponto de ordenar a mutilação dos autos, instando pessoalmente junto do escrivão para que tudo se fizesse tumultuariamente, não se intimando (que audacia!) a remessa do traslado senão depois do facto consumado da remessa. Mas, ao menos, citou o juiz Sousa Teles algum texto legal para justificar o procedimento? Não; nem ao menos, cohonestar, a sua estranha e indebita intromissão? Nenhum texto legal lhe serviu de «camouflage». Era assim, porque era assim. A lei... que a levasse o diabo! Antes da lei, acima da lei, mais, que a lei vale a vontade de Sousa Teles, cavaleiro andante que se bate, até aos extremos da insensatez, pela sua dama, a ilegalidade, aqui representada pela poderosa e riquissima Companhia de Seguros União dos Proprietarios. E tão longe levou o sr. Souza Teles o seu zelo de procurador de causas... perdidas que até reteve em seu poder um requerimento do sr. José Marques, solicitador com procuração nos autos, ordenando ao escrivão que informasse se realmente existia tal procuração, como se, despachando anteriormente outras petições do sr. José Marques não estivesse farto de saber a qualidade em que ele requeria. E tudo isto fez o juiz Souza Teles com o intuito de demorar o andamento do agravo do despacho do mesmo juiz ordenando a baixa do traslado á 1.ª instancia. Que nome merece o procedimento deste magistrado, elevado por acaso de promoções ou outras fortuitas circunstancias, a juiz da Relação de Lisboa? Respondam os homens honrados! Respondam os membros da magistratura portuguesa!

Mas a paixão levou o sr. Sousa Teles a actos ainda mais incorrectos. Peado nos seus movimentos de favoritismo pela acção do dr. Acacio Furtado, que, sempre estribado na lei, opunha, como advogado de Eduardo Martins & C.ª, Limitada, a maior resistencia aos desmandos do juiz, o sr. Souza Teles escreveu verdadeiras diatribes contra o advogado, chegando a acusá-lo de chicaneiro. Quando um juiz perde a compostura e resvala no caminho do arbitrio, distribuindo a justiça segundo o seu capricho e não segundo as prescrições da lei, não ofende um advogado chamando-lhe chicaneiro. Mais chicaneiro que ninguem, o unico chicaneiro mesmo, é esse mesmo juiz, que, na hipotese presente, se chama Sousa Teles. Ele, sim, ele é que fez chicana bravá. Faz a chicana reles de procurador de causas... perdidas, levando a desvergonha ao ponto de pedir pessoalmente ao escrivão que não intimasse a remessa de um traslado antes de efectivada a remessa. Isso é que é chicana! O advogado, esse, usando das garantias da lei, defende os interesses do seu constituinte, cumpre apenas o seu dever. Mais nada. Mas o juiz que desce a usar do arbitrio, com absoluto desprezo pela lei, para favorecer uma das partes, não só faz chicana, é da mais inteligente, como se desautoriza, deitando ás urtigas a honra profissional. E se esse magistrado faz parte de um alto tribunal, como é o da Relação de Lisboa, excede então tudo quanto se possa dizer e não pode, por mais que queira, ofender um advogado.

Isto são verdades, embora duras. Não desistimos de prosseguir na sua acompanhadas dos merecidos comentarios.

ULTIMA HORA

REBATE FALSO

Não se fará

qualquer emprestimo ás colonias

Não haverá, sequer, depositos de reforço na Caixa Geral

Noticia hoje um grande orgão da imprensa, a realisação ontem duma conferencia entre os srs. ministros das Finanças e das Colonias na qual se teria versado o que no ultimo conselho de ministros ficou assente acerca do auxilio a prestar ás provincias ultramarinas que estão lutando com dificuldades financeiras.

Teria ficado resolvido segundo o mesmo jornal, submeter o assunto á apreciação do Parlamento, com uma proposta de lei apresentada pelo Governo, pela qual seriam abertos creditos a favor das referidas colonias num montante aproximadamente de 15.000 contos, que elas se obrigariam a pagar á metropole com os respectivos juros.

* * *

Ora muito enfiados na verosimilhança da local fomos lá—á grande fonte de informação ministerial—A Arcada—e lá vimos que afinal, não se trata, como supunham, de nenhum emprestimo, nem coisa que tivesse por fim desenvolver e auxiliar o fomento das nossas provincias ultramarinas que de tantas iniciativas carecem—para merecerem com jus o titulo de pertença a um pais colonizador por excelencia.

O caso é simples como vai vereafinal:

O governo ponderou em que era preciso obviar aos inconvenientes de varia ordem que ocorreria para a vida do Estado a quasi constante falta de numerario suficiente no cofre de algumas colonias, tornando-se assim irregular o pagamento aos funcionarios, que reclamam a cada passo; e entendeu ainda que essas colonias atravessam uma crise financeira que as inibe de manterem na Caixa Geral de Depositos os fundos necessarios para custeio das suas despesas proprias.

Assim foi aberto no Ministerio das Finanças um credito, não é pois um prestimo, de 17.200.000$00 —não 15.000— a inscrever nos orçamentos respectivos sob rubrica especial e que as seguintes colonias terão assim, como reforço para os seus cofres, na Caixa Geral dos Depositos: Moçambique 12.600.000$00, Angola 1.800.000$00 e Cabo Verde, India e Timor, 600.000$00 cada.

As operações de credito para reembolso dos cofres da metropole serão realisadas oportunamente para cada uma das colonias.

* * *

E, assim, fica o leitor melhor elucidado sobre um assunto que, embora não tendo a importancia com que parecia vir á luma, é contudo digno do conhecimento publico.

O CAMBIO

A libra fechou hoje a 115$00 e 117$00 Esc.

PELOS ARES

Londres e Buenos Aires

ligados por uma linha aerea

Madrid será o ponto de intermedio

PARIS, 27 — Estão em Casablanca engenheiros ingleses, que fazem parte de uma empresa de navegação aerea que tem por fim estudar o traçado de uma linha de Casablanca a Dakar, que se prolongaria até Buenos Aires. Esta empresa substituiria a empresa espanhola que pretendia pôr em pratica o mesmo projecto, por meio de Zeppelins. A linha aerea de Londres-Buenos Aires teria Madrid como ponto de escala. — (R.).

A VAGA DE CALOR

Em Londres

um homem depois de morto tem temperatura mais elevada do que em vida

LONDRES, 27 — Por motivo dos ultimos calores, caiu na rua em virtude de insolação um individuo, que foi transportado para um hospital desta cidade, onde morreu. Comprovou-se o caso estranho de que 35 minutos após a temperatura da vitima era de 43 graus, tendo subido depois de morto a 47. — (R.).

A elevação da temperatura nos Estados Unidos

NEW YORK, 27 — A vaga do calor é insuportavel. O termometro Fahrenheit tem marcado á sombra de 84 a 94 graus. Nesta cidade têm-se registado temperaturas de 100 graus.—(R.).

Parlamento

Nos Deputados

Discute-se outra vez a questão do jogo

Com o sr. Afonso de Melo na presidencia, faz-se a chamada ás 15,30 respondendo 41 deputados.

Depois de lido o expediente, o sr. Cancela de Abreu solicita da presidencia que convide o sr. ministro dos Estrangeiros a comparecer á proxima sessão para deante dele se ocupar dum assunto importante.

Seguem-se umas pertas hesitações sobre a maneira de prosseguirem os trabalhos, porque não ha numero, e o sr. Cancela de Abreu troca rijos ápartes com o sr. presidente e Carlos de Vasconcelos.

Por fim, resolve-se que recomece a discussão do projecto referente ao jogo de azar.

* * *

Posto em exame o artigo 4.º o sr. Vasco Borges, que é um dos autores do referido documento, declara que os dezintéresse delle, porquanto está convencido de que o Governo de sr. Antonio Maria da Silva não saberia fazê-lo respeitar.

Atentamente ouvido pela minoria nacionalista, que por vezes o apoia, o deputado democratico ataca o Governo e diversas autoridades administrativas que dão deixam jogar se escancaras, acusando ainda o poder executivo de ceder ás imposições de proprietarios de clubs como sejam o Monumental e Maier. E' um vexame, é uma indignidade o que se está fazendo com a indulgencia do Governo que finge não saber que se joga.

O orador exige que haja seriedade, proibindo-se ou regulamentando-se o jogo, afirmando que não apoiará qualquer Governo que faltem comprimento dos seus deveres.

* * *

O sr. Jorge Nunes acha que o exercicio do jogo é condenavel, mas entende que ele se deve regulamentar, uma vez que não se pode evitar, observando seja com que lei formos. Exercido por forma clandestina, sem fiscalisação, o jogo é um cancro a corroer a sociedade. E não é o desporto que o faz ilaçar, concluiu. Ouviu o sr. Vasco Borges, declarando, ainda, que não se joga de jogo se com a regulamentação. Pelo admirasse, porquanto o sr. Rasada não Renço era defensor da repressão pura e simples e tal mudança de criterio não lhe faz sentido.

Para, se trataram outros assuntos e o sr. Jorge Nunes fica com a palavra reservada.

O sr. Francisco Cruz, aludindo a um caso passado no concelho de Espinho, chama a atenção do Governo para alguns sintomas de descalabro pelas resoluções judiciais. A proposito o orador atacou a acção do Governo em determinados casos.

No Senado

Preside á sessão o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Sousa Varela e Pereira Gil. Acta aprovada por 29 senadores.

O sr. Pais Gomes insurgiu-se contra a comissão de verificação de poderes do Senado por não ter ainda dado o seu parecer acerca da eleição de um senador por S. Tomé.

O sr. Medeiros Franco protestou contra o facto de não terem sido ainda entregues ás casas de caridade de Ponta Delgada as verbas que lhes foram concedidas.

O sr. Vasco Marques referiu-se á atitude hostil do funcionalismo publico quando da reunião do conselho de ministros no dia 24, no Ministerio das Colonias, protestando contra tal facto.

O sr. Ministro da Justiça afirmou estar o Governo na formal disposição de manter a disciplina, fazendo quanto possivel para, no entanto, atender ás reclamações justas do funcionalismo.

A sessão continua.

Companhia das Lezirias do Tejo e Sado

Vão ser vendidas algumas das suas propriedades

A fim de aprovar uma proposta da direcção para venda das propriedades da Companhia das Lezirias do Tejo e Sado, realizou hoje a assembleia geral daquela companhia, sob a presidencia do sr. Luiz Gama. Presente a proposta, falaram sobre ela, pró e contra, os srs. Ribeiro Ferreira, dr. Levi Marques da Costa, dr. Orlando Rego, Norberto Pedroso e outros sendo por fim aprovado que a companhia venda todas as propriedades, excepto as Lezirias de Vila Franca de Xira.

Pelo sr. Ribeiro Ferreira foi apresentada uma proposta para que do produto da venda sejam destinados 5 por cento para melhoramentos das propriedades que ficam.

Em casa de ferreiro...

Os gatunos entraram em casa de Augusto Baptista, guarda civico n.º 1716, furtando-lhe objectos de ouro e peças de vestuario no valor de 1.800 escudos.

O lesado queixou-se á policia.

O funeral

do sargento Abilio

realisou-se hoje sendo muito concorrido

Pelas 16 horas realisou-se hoje o funeral do sargento Abilio que desempenhou um importante papel no movimento revolucionario de 31 de Janeiro de 1891, no Porto.

Na ultima homenagem ao valente republicano incorporaram-se nume rosos oficiaes do Exercito e da Armada, antigos elementos do progagenda republicana, uma deputação dos alunos da Casa Pia, e da Escola Central de Reforma, comissões do P. R. P., juntas de freguezia, Centros republicanos, etc.

Tambem vimos no funeral os srs. coronel Coelho, Mayer Garção, tenente coronel sr. Pires Monteiro, dr. Eduardo de Sousa, Alfredo Soares, director da Casa Pia, Abel Meireles, chefe do pessoal menor da Casa Pia, capitão tenente N. Meireles Pinto, os pintores Conceição Silva e Fernando Santos, dr. Urbano de Castro, etc.

O Governo fazia-se representar pelo sr. ministro da Instrução e o sr. ministro da Guerra por um dos seus secretarios.

A urna foi transportada num armão de artilharia, sendo coberta pela bandeira nacional. Sobre o ataude foram depostas varias coroas e ramos de flores.

A' entrada do cemiterio uma força de infantaria prestou as honras de estilo.

A urna ficou depositada em jazigo municipal.

A BASE NAVAL

EM SINGAPURA

dizem os inglezes que interessa muito á Australia

LONDRES, 27 — A base naval inglesa em Singapura que afirmará a superioridade de forças inglesas no Extremo Oriente, interessa profundamente á Australia, que tomará consideravelmente parte nas despesas a fazer. — (R.).

A repressão do jogo

Por ordem do sr. ministro do Interior o sr. Governador Civil de Lisboa ordenou hoje de tarde o encerramento do «Monumental Club» e do «Avenida Club» (Club Mayer).

As respetivas notificações foram já feitas e levadas aos competentes autos.

—A brigada encarregada da repressão do jogo fez esta madrugada um assalto sem resultado a um «comboio» da Praça dos Restauradores, 72.

Um furto de peles

O «Seculo» de hoje noticia que no armazem G. H. do entreposto de Santos foi descoberto um furto de peles no valor de 30 contos.

Trata-se de um engano de cifra pois que o furto é avaliado em 4.000 escudos, tendo a policia conhecimento de que as peles em questão foram furtadas de uma carroça e não do referido entreposto.

INFIEL EMPREGADO

A firma Guilherme Correia, Filho & C.ª, com escritorio no Poço do Borratem, apresentou queixa na policia contra o seu empregado Alfredo Peres, acusando-o de, em nome do socio gerente, ter ido á fabrica da mesma firma, no Arieiro, reclamar do respectivo mestre varios artigos no valor de 3.600 escudos, sem para tal estar autorizado.

O acusado desapareceu ha dias de casa, ignorando-se o seu paradeiro.

A's 18 horas

A Associação de Classe dos Agricultores e Horticultores do districto de Lisboa, instou com o sr. ministro da Marinha pela publicação do novo regulamento de ostreicultura, por isso que a apanha das diversas algas e productos das ostreiras muito aproveita á agricultura.

* * *

No impedimento, por licença do Director Geral de Belas Artes, sr. dr. Augusto Gil, está exercendo aquelas funções o chefe de repartição sr. dr. Carlos Barba.

* * *

Intormam-nos da Arcada constar ali que o medico de S. Pedro do Sul, sr. Ferreira d'Almeida, organisou em Lisboa um grupo financeiro, com o capital de 1.000 contos, para tomar de trespasse á actual empreza arrendataria, as termas de S. Pedro do Sul.

* * *

O cruzador couraçado americano «Florida» deve deixar ainda hoje ou amanhã o nosso porto com destino a Gibraltar.

Tarde politica

Sobre a eleição presidencial, diz ontem um jornal da tarde que o sr. dr. Duarte Leite é o candidato do Partido Nacionalista á Presidencia da Republica.

A proposito desta noticia, diz-nos o sr. dr. Ginestal Machado que não é assim. O sr. dr. Duarte Leite só colhe antecipadamente a certeza de que obtem os sufragios dos dois maiores agrupamentos politicos da Republica, ou não aceita a sua candidatura.

— Nestas condições, o Partido Nacionalista só votará o seu nome, creio eu, se na proxima reunião do Directorio o grupo parlamentar democratico se decidir por esse entendimento necessario para a eleição daquele homem publico. De outro modo, seria fazer uma votação em pura perda de tempo.

Devemos acrescentar mais, de conta propria: o Partido Nacionalista ainda se não decidiu definitivamente por qualquer candidato.

Quanto á maioria parlamentar, não ha ali, por emquanto, unidade de vistas sobre o assunto, havendo mesmo, por agora, poucos deputados dispostos a eleger o sr. dr. Duarte Leite. O grupo democratico, desde já partidario daquela eleição, á frente do qual anda como principal inspirador o sr. Mariano Martins, é assaz diminuto para auxiliar previsões.

Temos, pois, que a meia duzia de dias desse importante acto politico a ninguem possivel, com segurança, fazer conjecturas.

* * *

Três opiniões sobre a eleição:

O sr. dr. Carlos Pereira diz-nos: Somos nós, deputados, que votamos; são os directorios quem escolhe. Conversam o sr. Antonio Maria da Silva e o sr. dr. Ginestal Machado e dão-nos um nome.

— A disciplina partidaria...

— Eu votarei o nome do homem que merecer, «em minha consciencia», o meu voto.

— Até ao lavar dos cestos...

— E' como lhe digo.

O sr. Jorge Nunes declara que atravez de tudo elegerá o sr. dr. Duarte Leite.

— E se o directorio resolver o contrario?

— O dr. Duarte Leite é o «meu» unico candidato.

O sr. Sá Pereira, estridente e indomavel a disciplinas incondicionais, diz, «tout court»:

— Voto no sr. Bernardino Machado em primeiro escrutinio. Depois, as circunstancias indicarão o caminho.

* * *

O sr. dr. Vasco Borges, tratando das concessões novamente feitas ás casas de jogo, fez um cerrado ataque ao Governo.

Tem frases sangrentas, salientado pelo aplauso de toda a Camara. Entre outras coisas, diz:

— O Governo vai responder-me por que consentia na reabertura de certos clubs para permitir que os oficiaes da esquadra americana tenham casas condignas onde se divirtam.

«E' inqualificavel este estupendo e criminoso que o Governo seja um agente consciente dos roubos que calculadamente se preparavam contra os hospedes da Republica, permitindo a reabertura daquelas casas.»

O seu discurso causa sensação. Estamos a parecer que os ataques dos partidarios do Governo conseguem um exito especial que não logram as oposições.

E' estranho, mas é mesmo assim.

* * *

Do deputado sr. Carlos de Vasconcelos recebemos a seguinte carta:

«Meu presado amigo — A «Capital» de ontem referindo-se a um pequeno incidente suscitado entre o deputado sr. Lelo Portela e eu, mostrou-se, como o seu costume, mal informada.

Não quiz falar em nome do partido nacionalista. Fui-me dada essa incumbencia pelo «leader» sr. Cunha Leal. O sr. Lelo Portela não me disse que eu não tinha qualidades especiaes para falar em nome do partido. Já por vezes o tenho feito em assuntos em que pode caber a minha limitada categoria. O incidente proveiu de um equivoco que se encontra explicado.

Espero dever mais uma fineza ao seu jornal, que tantas provas de simpatia me tem dado: a rectificação da noticia.

Creia-me sempre amigo de v. ect., *Carlos de Vasconcelos*.»

Greve Geral?

Ao que se diz está sendo preparada pela U. S. O.

A policia de Segurança do Estado ainda não deixou de prosseguir nas suas investigações sobre os individuos que teem sido presos como implicados nos varios atentados dinamitistas.

Hoje foi preso o caixeiro viajante Augusto da Costa, militante no partido comunista e tambem suspeito de implicado em varios atentados. A' liberdade foi restituido o sr. Alvaro dos Santos, que conforme referimos havia chegado ontem a Lisboa acompanhado do administrador do concelho de Alemquer e acusado de implicado num atentado que se registou ha dias naquela localidade. Provou-se que a acusação não tinha o menor fundamento.

Na policia ha informações de que a classe operaria vai declarar a gréve geral em sinal de protesto contra as prisões de operarios feitas ultimamente parecendo que tal movimento se declarará na proxima segunda feira.

* * *

A' hora do nosso jornal entrar na maquina, a séde da C. G. T. encontra-se completamente cheia de operarios, na sua maioria da Construção Civil, que aguardam a realização de uma sessão de protesto contra as ultimas prisões.

UM LIVRO

"Viagem presidencial,,

pelo Dr. Angelo Vaz

Acabamos de receber o livro em que o sr. dr. Angelo Vaz, antigo deputado da Nação, relata minuciosamente todos os episodios da viagem que o sr. dr. Bernardino Machado, como Presidente da Republica, fez á «frente», e ás nações aliadas, em 1917.

Tanto na suprema magistratura da Nação, como na presidencia do Ministerio, no Parlamento e em toda a parte, o sr. dr. Bernardino Machado, logo que a guerra estalou, fez um apaixonado intervencionista. Pela o seu alto criterio politico, as obrigações da nossa aliança com a Inglaterra impunham-nos o dever de tomar parte ao seu lado na grande contenda sangrenta.

Não foi vão o trabalho do sr. dr. Bernardino Machado. Portugal bateu-se heroicamente ao lado das nações nossas amigas e nossas irmãs, compartilhando das suas dores e das suas glorias.

Foi, sobretudo, devido á interferencia do sr. dr. Bernardino Machado, que nós entramos no grande conflito europeu, numa situação honrosa e digna.

Tudo isso vem relatado com o maior cuidado e grande soma de pormenores, no livro do sr. dr. Angelo Vaz, que tendo sido secretario particular do sr. dr. Bernardino Machado, quando o ilustre republicano foi Chefe de Estado, acompanhando intimamente todos os passos que antecederam a nossa intervenção no conflito, seguindo depois a sua marcha necessaria. Como se vê trata-se dum livro de alto valor, que também será um precioso auxiliar a quem quizer fazer a historia ampla e desapaixonada dos ultimos anos da vida portuguesa.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Um comentario ácerca de TANGER

O correspondente em Paris do «Jornal de Genebra» confirma que a Conferencia de Londres, ácerca de Tanger, suspendeu de facto os seus trabalhos até 21 de Agosto, por não se haver podido conciliar a these francesa com a inglêsa.

«O governo francês, — diz o correspondente — pede que a soberania do sultão seja por completo reconhecida; mas declara achar-se disposto a aceitar um regimen especial, sempre que não seja internacional, e a dar garantias de ordem militar e economica.

O governo inglês reclama a completa internacionalisação. Segundo o seu projecto, Tanger será administrado em nome do Sultão por uma municipalidade internacional na qual haverá um Conselho superior formado pelos representantes de certas potencias europeias e um delegado do sultão.

O governo hespanhol que, ao vêr-se só, reconhece que não poderia realisar as suas ambições que acariciava sobre Tanger, parece inclinar-se agora para a these inglesa.

Em Paris trata-se agora da elaboração de um projecto intermedio de conciliação; mas, em geral, não parece crivel que o problema de Tanger possa ser resolvido duma forma definitiva.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

17.ª corrida desta epoca, organisada por um grupo de aficionados. Apesar do cartel ser bom, a corrida resumiu-se no diestro «Facultades». Touros da Sociedade Agricola de Oeiras, regularmente tratados, mas delgados e desiguaes. Bons tipos alguns. Deixaram-se tourear o 2.º, 4.º e 5.º, mansos, nobres e suaves. José Casimiro toureou o 1.º e 5.º deligente mas apressadamente. Prende varia ferragem larga, curta á meia volta, garupa e remata com um curto bom. Simão da Veiga, filho, toureou o 3.º e 7.º e depois de bastante trabalho crava alguma ferragem sem brilho pelo seu mau braço e precipitação. Se tem citado e entrado a passo no 2.º touro, o seu trabalho seria bom, porque o touro queria ver bem o cavalo e sabe muito bem que as sortes querem-se todas citadas a passo e de caras. Custodio Domingos toureou o 2.º, mostrando-se bem e depois de 3 saidas falsas colocou 2 bons pares de frente. Alfarero, menos feliz deixa 2 pares, sendo o 1.º descaidissimo e depois de passada a cabeça. Evite fazer borrais quando tourear puros. Os outros artistas fizeram o que poderam dentro das suas posses.

De pegas houve 3 de caras por Mario Sant'Ana, Antonio Simões e Celestino Gonçalves, todas boas e frescas mas abafadas de mais. A' volta houve 2 por Braga de Sousa, Mendes Leal Serra e Moura, sem brilho porque os touros não se defenderam. Clemente Pinto, Mendes Leal tentaram e teimaram pegar o 1.º contra vontade, decerto, do sr. Inteligente, o antigo forcado amador Carlos d'Avelar, mas nunca teimem pegar um touro que não der lide, porque o resultado será sempre esse, ou ainda peor.

«Facultades» que é um espada verdadeiramente artistico e que prova ao publico de Lisboa como é que se toureiam touros mansos e como é que se ganham muitas pesetas. «Facultades» não está á espera do seu touro nem espera que o chamem para trabalhar.

Com as bandarilhas esteve superior embora ás vezes pizasse terrenos que não eram dele, mas via bem a categoria dos touros. Teve bons quiebros e um grande par a sesgo por dentro emendando terrenos. Com o capote esteve um «amor» sempre cingido e adornando-se. Com a muleta esteve um cerca e executou passes de peito naturais, de cabeça a rabo, molinetes dentro da «cornea» e «rodillas». Esteve magistral e muito trabalhador. Assim gostamos dum espada.

EL TERNO

OS PARTIDOS

Republicano Radical

Comissão districtal de Lisboa

A comissão districtal de Lisboa, tendo tomado conhecimento de que o seu correligionario, major Filipe de Sousa, foi presente nas ilhas a uma junta extraordinaria de saude por motivo da grave doença de que foi acometido durante o desterro que lhe está sendo imposto em Angra do Heroismo pelo actual Governo e que a referida junta foi de opinião do seu imediato regresso á metropole, sob pena da sua vida perigar, resolveu recorrer ao auxilio de todos os correligionarios que compõem os varios organismos politicos do paiz, para conseguir o imediato regresso do seu correligionario a Lisboa a fim de faser o rigoroso tratamento, que o seu precario estado de saude exige, indo se tanto fôr necessario até junto do chefe do Estado, para conseguir este desideratum.

Saudar o capitão medico dr. Vasco Fernandes, pelo regresso do seu forçado desterro no Funchal.

Protestar contra as violencias de que está sendo victima o capitão-medico dr. Bossa da Veiga, pelo general Sousa Rosa comandante da 3.ª divisão e dar-lhe toda a solidariedade.

Felicitar o alferes sr. Matos Cordeiro por ter sido restituido á liberdade, depois da anulação da sentença a que fôra condenado pelo Supremo Tribunal Militar.

Major Filipe de Sousa

Por noticias chegadas a Lisboa sabemos que por motivo do seu gravo estado de saude, foi presente a uma junta extraordinaria de saude em Angra do Heroismo, onde se encontra por ordem do Governo o major de Administração Militar sr. Francisco Filipe de Sousa. A referida junta foi de opinião que este oficial não pode continuar a permanecer nas referidas ilhas, sob pena de grave risco para a sua vida, pois está sofrendo um fortissimo ataque de reumatismo gotoso, adquirido durante o seu desterro.

Os documentos da junta chegaram ante-ontem a bordo do paquete «Lima» a fim de serem confirmados por s. ex.ª o sr. ministro da Guerra interino.

Sobre este assunto, o sr. major Filipe de Sousa, dirigiu ao sr. Antonio Maria da Silva a seguinte carta que publicamos na integra:

Angra, 19-7-923.

Ex.mo sr. presidente do Ministerio.— Informo v. ex.ª do seguinte:

Em virtude do meu grave estado de saude, o medico que me tem tratado propoz ao sr. comandante militar dos Açores que eu fosse submetido imediatamente a uma junta medica, a fim de ser mandado retirar desta terra para fazer uso das aguas do Gerez na sua origem, por perigar a minha saude.

Nada pedi, nem sou homem para fazer pedidos desta natureza. Os documentos da junta seguem ao seu destino, para que o seu resultado seja confirmado pelo Ministerio da Guerra. Por causa das suas perseguições, estou bastante doente, ao ponto de adquirir aqui o reumatismo gotoso, que requere imediato tratamento.

E' v. ex.ª o unico responsavel por qualquer complicação que se possa dar na minha vida.

Fica ao seu criterio resolver o assunto como julgar conveniente.

Sem mais. De v. ex.ª — *Filipe de Sousa.*

Sabemos mais que o sr. major Filipe de Sousa dirigiu uma outra carta ao sr. governador civil de Lisboa, protestando contra as informações falsas que a policia especial de espionagem do Governo Civil, deu a seu respeito.

O comicio de Evora

Continuam com entusiasmo os trabalhos de organisação do grande comicio de domingo em Evora.

Todos os esclarecimentos serão prestados pelo secretario da comissão districtal de Lisboa sr. alferes Pimenta e roga-se a todos os correligionarios que desejem seguir para a capital do Alemtejo, a darem as suas indicações nos locaes do costume, até amanhã ás 20 horas, a fim de se providenciar sobre a hospedagem e outros pormenores da viagem.

A partida é sabado 28, pelas 20 horas, da estação do Terreiro do Paço.

Discussão em Londres

O regimen seco traz a hypocondria?

Ha dias na Camara dos Lordes, o medico da familia real, lord Dawson of Penn pronunciou um discurso no qual tomou energicamente a defesa das bebidas alcoolicas tomadas com moderação, «porque dão a alegria aos trabalhadores fatigados».

Como exemplo o lord contou que num banquete ao qual recentemente assistiu, todos os convivas se mostravam alegres e cheios de espirito, á excepção dum pequeno grupo de altos dignatarios da Egreja Anglicana. Os eclesiasticos, todos prohibicionistas, «eram as unicas pessoas que estavam tristes e sombrias».

Mas eis que, por meio da imprensa, dois bispos anglicanos que como os seus colegas não tocaram nos vinhos ou licores, protestam agora com vigor contra as asserções do medico da familia real.

—Janto bastantes vezes com prohibicionistas, declarou, entre outras coisas, o bispo de Willesden, e nunca os encontrei tristes. Lord Dawson fez uma reflexão ridicula e insultante á Camara alta.

Outros eclesiasticos visados pelo orador, exprimiram tambem as suas indignações; um deles fez notar que um dos dos mais espirituosos inglezes é o bispo de Londres, que não bebe nunca.

PACIFICAÇÃO?...

MUSSOLINI quer entender-se com a C. G. T. italiana

Mas o operariado aceitará?...

Toda a imprensa de Roma comenta o franco convite á Confederação Geral do Trabalho, feito por Mussolini no seu discurso á Camara e a resposta não menos clara de M. de Aragona, que declarou votar contra o governo na qualidade de deputado socialista, mas não como secretario da C. G. T.

Em verdade, não é novo o namoro de Mussolini e da C. G. T.. Desde a sua chegada ao podêr que se gaba de a haver conquistado. E desde essa epoca, com um notavel sentimento de oportunismo, M. de Aragona e os seus amigos proclamaram a separação da C. G. T. e do socialismo de que se aperceblam da derrota. As «Batalhas Sindicalistas» escreveram então que a C. G. T. «não tinha politica». M. Colombino, secretario da F. I. O. M. numa entrevista concedida ao «Stampa» constatou que «se tornava preciso reconduzir o movimento operario ás suas origens, e que os organisadores não deviam continuar a seguir a loucura das massas». E' desde esse momento que correm os boatos de que as corporações fascistas e a C. G. T. iam unir-se para realisar a «unidade sindical». As negociações falharam, porque cada um queria realisar esta unidade em seu proveito e porque o principio da luta das classes, reconhecido pela C. G. T. se opunha ao principio da colaboração das classes, admitido pelos fascistas.

Desde esta epoca Mussolini pronunciou varios discursos aos operarios, em que afirmava as boas intenções do Governo fascista para com eles. E foi com orgulho que nas Camaras, que se referiu a haver fornecido a M. Colombino os fundos necessarios para restaurar o consortium metalurgico, que é uma cooperativa operaria.

Porquê esta atitude? Certos italianos afirmam que Mussolini faz uma politica de basoula, e que quer ter por si os industriais, lembrando-lhes sem cessar as suas origens socialistas e o caracter «proletario» do seu Governo. Muitos burguezes constitucionaes opõem se a Mussolini como o prova a lucta empreendida pelo «Corrière della Sera». Outros, ao contrario, pensam que Mussolini, submetendo a C. G. T. e os sindicatos á sua vontade, presta um assignalado serviço aos industriaes assegurando-lhes a tranquilidade dos operarios.

O «Giornale de Italia» afirmava num dos ultimos numeros que Mussolini «queria suprimir todas as causas do mal entendido entre os mais humildes factores da produção e os patrões, crear assim no povo italiano uma consciencia elevada e uma mão de obra activa e explendida».

....

Eis porque os jornaes falam já duma combinação na qual os ministerios do Comercio, da Industria e do Trabalho seriam substituidos por um ministerio da Economia Nacional, cujo titular ainda não está designado e seria flanqueado por dois sub-secretarios; apontam-se para esta ultima função M. Rossoni, secretario geral das corporações fascistas e M. Colombino, secretario da Federação Italiana dos Operarios Metalurgicos.

Todavia o «Popolo de Italia», orgão oficial do fascismo declara que uma aliança com a C. G. T. presupõe uma condição prévia: que os seus dirigentes se desliguem do partido socialista. Os desdobramentos de personalidades são impossiveis...

Teatros - Musica - Cinemas

Festas Artisticas

a de Erico Braga

E' hoje que se realiza em S. Carlos a festa artistica de Erico Braga, novo artista que soube impor-se e triunfar, graças á sua tenacidade e ao seu talento.

Entre os novos artistas portuguezes, Erico Braga conquistou um logar de grande destaque e, para o publico, ele é um artista que se aplaude e se admira.

A sua recita, esta noite, será um protesto para mais uma manifestação do carinhoso aplauso do seu valor.

Na «Carta Anonima» que se representa pela primeira vez em S. Carlos, a Companhia Lucilia Simões apresenta-se em genero de teatro livre e gracioso, para demonstrar a sua ductilidade, fazendo rir o publico, que não faltará, enchendo S. Carlos.

Companhia Alves da Cunha

Estreia-se amanhã no Apolo com «A Garra», em que o grande artista tem uma criação admiravel, que o consagrou definitivamente no Ginasio a companhia Alves da Cunha.

Do reportorio da companhia fazem parte magnificas peças originais, quasi todas elas dentro do feitio artistico de José Alves da Cunha.

Noticiario

O actor Eduardo Brazão, depois dos espectaculos do teatro Aguia d'Ouro irá descançar para a sua casa de S. Martinho do Porto, não tendo ainda planos para o inverno.

—O elenco do teatro Nacional, que é ainda nebuloso, começa no entanto a fixar-se já.

—Parece certo que em outubro funcionará já essa sala de espectaculos com a sociedade artistica reformada.

São esses os enlejos do sr. João Camoezas e da comissão tecnica que trabalha na reforma.

—A actriz Ilda Stichini irá descançar para a sua casa de Caparica não tendo ainda planos para o inverno o mesmo sucedendo ao seu colega José Ricardo, que irá para Cintra com o mesmo fim.

A projectada tournée daquelas artistas com Ribeiros Lopes já se não realisa.

Possivelmente será a companhia do Bataclau que virá dar espectaculos pela primeira vez no teatro da Trindade.

—O emprezario José Loureiro que parte a 31 para o Rio, regressa a 5 de Outubro do Brazil para vir á inauguração do Trindade.

—O teatro do Gymnasio não pode funcionar dentro de um ano, por muito depressa que as obras sigam.

—De acordo com o emprezario Estevam Amarante, o nosso colega Leitão de Barros, está escrevendo uma opereta sob o titulo «O pé descalço», que se destina á companhia daquele actor.

—A revista «Da Teatro» celebra o seu n.º 12, com a publicação dum numero comemorativo do seu primeiro ano de existencia, alem duma festa intima.

—A companhia Rey-Colaço Robles Monteiro partiu hoje para o Bombarral, onde dará o seu primeiro espectaculo de «tournée». A actriz Amelia Rey Colaço só representará no Porto.

Reclames

NACIONAL

A desopilante peça «A Viuva Gomes», que tão grande concorrencia tem atrahido ao Nacional, está nas suas recitas de despedida. Hoje ainda vae á scena, não sendo, portanto, acertado que falte no elegante teatro quem pretender passar uma noite divertidissima.

MARIA VITORIA

A linda e interessante revista «Fado Corrido» está tendo um invulgar exito no teatro Maria Vitória, todas as noites, porque é uma peça que a todos agrada, visto que faz rir a valer, sem recorrer a inconveniencias, estando para mais, deslumbrantemente apresentada pela esplendida companhia Antonio Macedo.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes».

S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Bonecas».

POLITEAMA — A's 9,30 — «Cambio do Marcos».

APOLO — A's 9,15 — «A Morgadinha de Valflor».

AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata».

MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45— «Fado Corrido».

AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALÃO CENTRAL—«Cem mil dollars».

OLIMPIA—Rua dos Condes.

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.

SALÃO FOZ—Calçada da Gloria.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

A ferro e fogo Cem mil dollars

Mais uma bela estreia se realisou hoje no Salão Central.

Ainda o publico frequentava em grande numero o belo cinema, na delicia do emocionante drama «Horas de Angustia», que a formosa actriz Lucy Doraine desempenhava primorosamente; e já a empreza fez exibir o grandioso *film* «A ferro e fogo», com desempenho do actor Hoot Gibson, artista tão querido como popular em toda a America do Norte.

No programa do espectaculo desta noite, além da sensacional estreia a que acima aludimos, figura a surpreendente pelicula «Cem mil dollars», que tanto tem agradado.

Padrões da Grande Guerra

Reunião da Comissão Central

Reune-se amanhã na Sala do Conselho Colonial do Ministerio das Colonias ás 17 horas a Comissão Central dos Padrões da Grande Guerra, sendo a reunião convocada pelo sr. General Bernardo de Faria presidente efectivo a solicitação da Comissão Executiva presidida pelo Snr. Coronel Sá Cardoso afim de ser dado conhecimento dos importantes trabalhos realisados no 1.º semestre de 1923.

A essa reunião se o seu estado saude lho permitir, presidirá o antigo comandante das tropas portuguesas em França, o ilustre General, sr. Fernando Tamagnini, esperando-se que assistam os presidentes de honra, srs. Generais Garcia Rosado, Simas Machado, Alves Roçada e Abel Hipolito, todos os membros da Comissão, a que pertence o Reverendissimo Bispo de Beja e as pessoas que se interessem por esta obra e queiram tomar imediato conhecimento do estado de trabalhos especialmente os oficiais da Armada e do Exercito, antigos combatentes da Grande Guerra.

Nessa reunião deverão ser especialmente saudados os srs. Dr. Augusto de Castro eminente director do «Diario de Noticias» que á obra dos Padrões tem consagrado devotada atenção e Sousa Lopes, o ilustre artista das trincheiras, que prestou relevantes serviços em Paris como delegado da Comissão junto do Touring Club de France.

O Snr. Carlos Malheiro Dias membro honorario da Comissão que tem sido o representante junto da nossa Colonia no Brazil, foi convidado a assistir.

Vida Elegante

CASAMENTO

No proximo sabado realisa-se na igreja de Santa Izabel o enlace matrimonial da sr.ª D. Mariana de Jesus Miranda Teixeira Veiga, filha do sr. Antonio J. Teixeira Veiga, funcionario do Parlamento e da sr.ª D. Mariana de Jesus Miranda Veiga, com o sr. João Norberto Reogante Pereira, empregado no comercio.

Associação Humanitaria «Cruz de Malta»

Realisa-se no proximo dia 31 do corrente, pelas 21 horas, Assembleia Geral d'esta prestante colectividade, sendo a ordem da noite a seguinte:

«Apreciação dos assumptos exarados nas alineas do Art.º 15.º dos Estatutos.»

—Apresentação do relatorio da Comissão nomeada em assembleia geral de 11 de Junho do corrente ano.

Gazolina

Petroleo

Oleos

SHELL

The Lisbon Coal and Oil Fuel C.ª L.td

Rua do Crucifixo, 49

LISBOA

Moveis estofados e decorações artisticas

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelo moveis generos inglês e americano, que primeiro os começou a construir e onde hoje se adquirem os melhores, mais elegantes sofás, fauteuills e chaise-longues é na

Fabrica de moveis ingleses e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação Britanica)

29-33 — ua do Sacramento á Lapa — 29-33

TELEFONE C. 1884

Cabos d'arame d'aço novos

de 2 1/4"; 2 1/2"; 2 3/4" e 3" com 6 × 19 × 1 e 6 × 24 × 7 de procedencia inglesa, em rolos de 120; 600 e 700 braças, vende ao melhor preço do mercado

JULIO DOS SANTOS RIBEIRO

Rua Vitorino Damasio, 10

TELEF. CENTRAL 3120

O melhor vinho de mesa, estomacal, digestivo, aperitivo que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

GRAND PRIX NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO DE 1922

AGENTES GERAIS NO PAIZ:

«REGIONAL VINICOLA, LT.DA»

DEPOSITO:

RUA NOVA DA TRINDADE, 90 — (Telef. N. 2614)

PROPRIETARIA:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

Rua do Alecrim, 53, r/c. — (Telef. C. 5113)

Dinheiro

Empresta-se sobre mobilias, pianos, automoveis, joias, etc.

A MODERADA

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

RELOGIOS DE PAREDE

ACABAM de chegar de marca Soleil e Radium. Despertadores de fantasia de Bebys. Fornituras e ferramentas para relojoeiros, ourives e gravadores.

Gran e sortido

COTRINS & AFONSO, LTD.

Vinhos espumosos de Lamego

(Caves da Raposeira)

Reservas de finissimas qualidade

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Representante em Lisboa:

ARTHUR BENARUS

Telefone 5016 Norte

Poço do Borratem, 4-2.º

LISBOA

MELGAÇO

Hotel Quinta do Pezo

Algumas das muitas vantagens da maquina de escrever

"TORPEDO"

Escrita imediata e permanentemente visivel.

Dedilhação ligeira e elastica.

Andamento quasi sem ruido.

Comutação de linhas automatica.

Transporte de fita de côr seguro, original, com transmissão de engrenagem.

Enorme força de percussão.

Dispositivo do desengate da fita de côr, para fazer matrizes de cera para tirar copias: uma só manipulação.

Escrita espaçada sem emprego da tecla de espaços.

Carro a tirar para fóra por meio duma só manipulação. Escusado o desenganchar a cinta de tracção ou da mola.

Cilindro recostavel. O cilindro pode ser recostado e fixo, para proceder-se comodamente a correcções. Não é pois necessario, como se tem feito até agora, o puxar o papel para fora da linha de escrita.

Parte superior do carro, extrahivel. O cilindro, a mesa e o guia de papel podem ser trocados sem auxilio de qualquer instrumento e o carro inteiro pode-se desmontar em poucos segundos.

Cilindro facilmente cambiavel. O cambio é feito na «TORPEDO» por meio duma só manipulação. Jogo de alavancas de tipos invisivel.

Limpeza facil dos tipos.

Mudança comoda das alavancas de tipos e de teclas.

Póde-se escrever alem dos marginadores.

Tecla de recue.

Podem-se fazer funcionar comodamente todos os mecanismos, sem alterar a postura do corpo.

A pedido especial: Dispositivo para escrever em varias cores. Colocador de colunas.

AS «TORPEDO» com carros especialmente largos servem para preencher folhas extraordinariamente largas como são usadas para formularios especiais, (apolices, tabelas, conhecimentos, guias de caminho de ferro) de companhias de seguros, autoridades, administrações, etc.

Agentes no Sul do Paiz:

J. Anão & C.ª, L.da

RUA DOS FANQUEIROS, 376, 2.º

Telefone N. 3536

BAIXA DE PREÇOS

Mobilias vendidas directamente ao publico

Os proprietarios dos Armazens de mobilia da Rua do Conde Redondo, 100 a 102, participam aos seus Ex.mos freguezes e ao publico em geral que resolveram vender todo o seu «stock» de mobilias que tem em armazem e nas suas oficinas com grandes abatimentos, sendo esta uma ocasião magnifica para quem precisar de mobilar as suas casas.

PREÇOS DE COMBATE

MOBILIAS

Grande sortimento para todos os preços

VENDAS FEITAS SEM INTERMEDIARIOS

Ninguem compre sem confrontar estes preços e o belo acabamento

ALFREDO SANTOS, L.da

100, Rua do Conde Redondo, 102

TELEFONE N.º 2792

NÃO CONFUNDIR — Esquina da Rua de Santa Marta, em frente á paragem do electrico

---

TINTURARIA — DO — POVO — DE — José Dias

Rua de Sant'Ana, á Lapa 121

Tingem-se todos os artigos de lã, seda e algodão, capas de borracha e fatos para luto.

Lavam-se fatos e vestidos sem desmanchar.

Côres fixas — Preços 50% mais baratos que em outra qualquer casa do genero.

Dr. Neves Sampaio Medico — Tel. [illegible]

AGUAS DE SABROSO

R. de S. Julião 67, Tel. C. 1996

Distribuição a domicilio

Sucata

Compra-se pelos melhores preços e fabricas completas.

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

Bento, Silva, Pinto, L.da

NAZARÉ

Hotel Club

Este hotel abriu no principio de junho e conserva-se aberto — todo o ano —

Horta e Costa

Rins e vias urinarias

12, Rua da Trindade, 14

Consultas das 2 ás 5

TELEFONE 4444

Mobilias

Compra-se casas completas e desirmanadas.

Bento, Silva, Pinto, L.da

141, Rua Alves Correia, 147

Telef. 3256 N.

AGUAS DE MELGAÇO

R. de S. Julião, 67. Telef. C. 1996

Distribuição ao domicilio

Em 48 horas tinge-se luto

Mandae tingir, lavar e limpar os vossos fatos na mais antiga tinturaria de Lisboa, fundada em 1835, sita na Calçada do Carmo 45 e 47.

Com instalações modernas e todos os trabalhos executados pelos mais recentes processos sob a habil direcção dum quimico abalizado, esta tinturaria garante, aos seus Ex.mos clientes, um trabalho rapido e perfeito.

Branqueia fios de algodão

Tinge em todas as côres e toda a qualidade de fazendas, taes como: lãs, algodões, sedas, capas de borracha, tapetes, polerinos, boás etc. etc. As anilinas que emprega são adquiridas nas melhores fabricas alemãs, o que representa a maior garantia para quem deseja transformar a côr dos seus fatos. Tambem lava, tinge e curte toda a especie de peles. Degraissage f[illegible]sèc (lavagem a seco) a cargo dum tecnico brazileiro.

Calçada do Carmo, 45-47 LISBOA Tel. N. 301[illegible]

Para vêr e crêr agradece uma visita

Sucursal em Setubal — *Largo da Fonte Nova, 20*

O PROPRIETARIO

Luiz Albertod e Pinho

A. J. d'Almeida & C.ª

TELEFONE C. 486 — CAMBISTAS — END. TELEG. ALMINGUES

172, Rua do Comercio, 176

LISBOA

Compra e venda de moedas e notas estrangeiras. Papeis de credito, coupons e ordens de Bolsa

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Espingardas VERNEY CARRON

Fabrica fundada em 1820 — Um SECULO de trabalho, de experiencia, de sucesso

HORS CONCOURS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

DIPLOMA DE HONRA — GRAND PRIX

MEDALHA DE OURO — PARIS-LONDRES

Trinco "Helice Grips" eliminando o laqueio

Incomparavel agrupamento da carga de chumbo

Peçam catalogos e informações

Solicitam-se agentes na provincia

Agentes e depositarios exclusivos: *E. PLANTIER & C.ia* *Rua Augusta, 220, 2.º — LISBOA* Telefone N. 320

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4442-15.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA | Sabado, 28 de Julho de 1923 | Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL. Impressão: Rua da Bica, 71 | Preço 15 centavos

Si vis pacem...

LONDRES, 28.—Tendo falhado a conferencia pan-americana para o desarmamento o governo da Argentina solicitou ao Congresso um credito de 115.000.000 de pesos para reforçar o seu exercito.—(R.)

Situação intoleravel

As dificuldades da vida aumentam. De dia para dia, os generos mais indispensaveis á existencia caros. E perante uma situação desta ordem, não ha orçamento domestico que resista, a não ser o dos proprios exploradores da miseria nacional.

Entretanto, porque não se dá batalha a esta especulação abominavel, que continuamente alastra como um flagelo medonho?

A passividade do Governo é absolutamente condenavel. Dir-se-ia que tem medo da turba de especuladores que, na realidade, inutilisa todos os seus esforços de caracter financeiro, agravando os cambios, cooperando no descontentamento geral, extinguindo a confiança ainda mesmo no peito dos mais ótimistas.

Medo de quê?

Medo dos criminosos, quando esses criminosos é que deviam tremer diante da autoridade e da lei?

Se ha quem não possa meter medo a ninguem, é essa horda de especuladores, que não tem força senão aquela que lhe dá o proprio Governo, cobrindo-os com o manto da impunidade.

Quando é que essas creaturas serão apenas olhadas como malfeitores e tratadas como taes?

Esta questão é a final de contas, uma questão de policia, porque nunca pode dispensar-se a ideia da policia quando se verifica a existencia do roubo.

Ha tentativas para regularisar o problema da alimentação?

Ha.

Mas essas tentativas pouco tempo podem durar, quando lhes falte o incentivo duma firma acção governativa.

Agora acaba o sr. comissario dos Abastecimentos de prestar um real serviço á população, mandando á pesca um vapor para esse fim adquirido pelo respectivo comissariado.

Ontem, esse vapor trouxe dez toneladas de peixe, que vendeu a preços relativamente baratos.

E' que *o peixe não falta nas nossas costas. Quem o faz faltar* nos mercados são os exploradores que não duvidam deitado ao mar para que a reduzida quantidade que guardam atinja preços fabulosos.

Para se vêr a que ponto vai a exploração basta dizer que a pescada que o vapor do comissariado trouxe e que vendeu a 5 escudos, estava antes disso a vender-se nos mercados a 20 escudos!

Que nome se pode dar a isto senão o de roubo, ladroeira, infamia?

A iniciativa tomada pelo comissariado dos Abastecimentos é interessante; mas infelizmente não podemos eximir-nos á ideia de que daqui a dias, já nada aparecerá, pelo menos em condições de baratesa. E' o costume. Quem triunfa sempre são os especuladores!

E' possivel que nós admitamos esta ideia?

Não pode ser. Ou esta situação se modifica ou ninguem poderá reprimir a colera popular. Por muito menos, em diversas épocas, o povo tem feito justiça por suas mãos.

E' a esse estado de desespero que se pretende levar o povo?

Se assim fôr, que ninguem se queixe, se vierem dias de horror acrescentar-se a tantos dias de sofrimento.

Fazer dinheiro...

Na assembleia geral da Companhia das Lezirias, ontem realisada, resolveu-se autorisar a direcção a vender as suas propriedades, com excepção da lezíria de Vila Franca de Xira.

Como se sabe, uma boa parte das propriedades da Companhia estão bem longe de produzir intensivamente, como era para desejar e naturalmente se esperava de uma empreza tão poderosa como a Companhia das Lezirias. Não sucede, porém, assim, graças a qualquer motivo que ignoramos. E a Companhia resolve agora alienar essas propriedades — para fazer dinheiro.

Se, ao menos, a quantia realisada com a venda dos terrenos — que deve render, segundo calculos aproximados, uns quarenta mil contos — se aplicasse no melhoramento da lezíria de Vila Franca, de modo a desenvolver no maximo a sua produção, era interessante e de reconhecida utilidade a resolução tomada ontem. Mas não: dessa quantia brutal, sómente 5 por cento terão esse destino. Conclue-se, portanto, que se obedecem apenas á necessidade, ou ao desejo — de fazer dinheiro. Mais nada.

De resto, as propriedades de que a Companhia se desfizer, atingirão altos preços, o que representa um prejuizo para a economia nacional, visto que não compensam o capital a provocarão, inevitavelmente a alta de preços da produção.

Carneiro com batatas...

VASCO MARQUES CONTA O QUE FORAM AS ELEIÇÕES EM PONTA DO SOL

As conveniencias politicas triunfam sempre

mesmo que se sacrifique um Governador Civil

O debate politico que o sr. Alvaro de Castro conduz neste momento gira em torno dos falados acontecimentos da Madeira. O impeto da oposição posto em relevo ao iniciar-se o debate pela bôca do deputado sr. Cunha Leal, tentou amortece-lo o chefe do Governo com a sua proverbial habilidade. Diluiu, dispensou, encontrou sempre pretextos para adiar. Mas os nacionalistas que parecem dispostos, sobretudo logo que passe o dia maior da politica em que o novo chefe do Estado será eleito, a intensificar a sua acção oposicionista, não parecem dispostos a deixar o Governo viver muito tranquilo.

E o sr. Antonio Maria da Silva está obrigado a dizer aos homens da direita republicana que o increpam porque foi que os seus subordinados da ilha procederam mal e a atitude que para com eles deseja assumir.

Como se vê questão puramente politica. Mas questão que está a ponto de se azedar prejudicando até, e de maneira decisiva, a relativa tranquilidade que se observa a oito dias da eleição.

O sr. dr. Vasco Marques, grande influente na Madeira e chefe local dos nacionalistas regressou agora a Lisboa. Procuramo-lo a fim de saber a importancia dos sucessos que se apresentam como motivo para derrubar o Governo, se tanto se tornar necessario.

— Não é esta a ocasião, declarou-nos, de dizer toda a verdade. Na mesa do Senado existe uma nota de interpelação ao sr. presidente do Ministerio e que, por circunstancias, ainda não conseguiu resposta. Ao mesmo tempo que assim procedia, na Camara dos Deputados os meus correligionarios Pedro Pita e Alvaro de Castro interrogavam o Governo sobre os estranhos acontecimentos da Madeira. E devo dizer-lhe que os temos, violentos, estão á altura das façanhas cometidas na minha terra.

— Mas em que consistiram essas façanhas?

— Vêm de longe. Mas o ultimo capitulo desta historia abrange ainda assim pontos bem interessantes. Posso enumerar-lhos até.

«Olhe, primeiro as violencias de toda a ordem cometidas a quando da eleição dos representantes á Junta Geral em Novembro do ano passado. O que então se fez não tem classificação.

«Segundo: todas as irregularidades, abusos e atropelos que os democraticos da Madeira cometeram para se apossarem da Junta Geral. Porque, apesar de tudo, foram eleitos para essa Junta vinte e quatro procuradores oposicionistas e apenas desanove governamentiaes.

«Terceiro: acontecimentos graves em Santa Cruz. Nesta localidade a populaça amotinada poude muito á vontade assaltar a Repartição de Finanças, saqueando e deixando quasi morto o secretario da repartição. Só depois disto tudo feito a tropa interveiu.

«Quarto, e mais recente: violencias cometidas na repartição de eleição de Ponta do Sol. Tratava-se de repetir a eleição de tres procuradores. Pois bem: prenderam um dos nossos candidatos e levaram-no para o Governo Civil, e prenderam a pessoa portadora das nossas listas que uns cinco amigos desejava chegar á Porta do Sol. Mais do que isso: foi proibida a entrada em Ponta do Sol de quem quer que fosse estranho ao concelho. Estabeleceu-se um verdadeiro cordão sanitario... E' espantoso, mas é assim mesmo.

— A quem atribuem a culpa de tudo isso?

— Ao governador civil do Funchal. Não por aquilo que ele faz, directamente, mas por aquilo que ele consente, requisitando a força publica para cobrir desacatos e ilegalidades inqualificaveis.

— E exigem?...

— A demissão desse funcionario. E' a unica satisfação que nos podem dar, agravados como estamos por tantas violencias.

Boa paz

MUSSOLINI e a C. G. T. italiana

Caminha-se para um entendimento

A carestia da vida

Segundo afirma o correspondente do «Eclair» em Roma, as relações entre Mussolini e a Confederação Geral do Trabalho estreitam-se cada vez mais. Ante-ontem o presidente do conselho recebeu uma delegação da C. G. T. composta de M. D'Aragona, secretario geral, de dois outros membros e de M. Catrini, correspondente da Repartição Internacional do Trabalho. No decurso da entrevista, que durou quasi duas horas, foi discutida a politica dos sindicatos e a legislação do trabalho.

O «Popolo de Italia», orgão de Mussolini comenta largamente essa entrevista nos seguintes termos:

«Não será prudente aventurar-nos em deduções para as quaes falta o conhecimento de elementos, e muito menos fazermos previsões. Encontramo-nos na presença duma situação nova que segue a sua linha de desenvolvimento, encontrando sérias resistencias, de fórma que a maturação pode não ser muito rapida.»

O gabinete continua com afan a lucta contra a vida cara, nomeando uma comissão que deverá, em curto praso, estudar a realisação do seguinte programa:

1.º — Aumento da rapidez dos transportes maritimos e terrestres de mercadorias e diminuição das tarifas;

2.º — Supressão de taxas alfandegarias, principalmente sobre a manteiga e o azeite;

3.º — Organisação de mercados nos centros de mais de 200.000 habitantes;

4.º — Limitação de licenças para venda de generos alimentares;

5.º — Facilidades para a pesca e transporte de peixe;

6.º — Publicação em todas as comunas dos preços dos generos por atacado.

O RUHR...

A França e a Belgica

estão em intimo acordo

O sr. Baldwin, porem, continua dizendo mal

LONDRES, 28.—O sr. Stanley Baldwin no discurso que pronunciou em Glasgow frisou em primeiro logar que era absolutamente necessario para restaurar os mercados inglezes no estrangeiro, regular o problema das reparações. Acrescentou que a ocupação do Rhur é nefasta para a economia europeia e disse ainda que chegará a tempo em que a Inglaterra sofrerá como todo o mundo do estado de coisas creado por aquela situação quando a Europa Central estiver incapaz de adquirir materias primas. Acrescentou que a Russia devia dar á Alemanha a oportunidade para exportar os seus productos, podendo assim pagar a importancia das reparações. — (R.)

A resposta á Alemanha não será dada d'acordo com a Inglaterra

LONDRES, 28. — Segundo diz a imprensa franceza os srs. Poincaré e Theunis, manteem acerca da questão do Ruhr uma opinião absolutamente contraria á das propostas inglesas de forma que se torna absolutamente impossivel enviar uma replica conjunta á Alemanha. Os srs. Theunis e Jaspar vão ultimar a discussão de varios assuntos referentes a essa questão com o sr. Poincaré.—(R.)

Os franceses expulsaram as autoridades de Mannheim

BERLIM, 28.—Os francezes ocupam os suburbios de Mannheim, tendo expulsado as autoridades policiais das suas repartições e tendo ocupado o edificio onde elas estavam.—(R.)

OBRAS DE FOMENTO

40.000 contos perdidos no caminho?

Não.

A verba votada teve a aplicação legitima

O que nos diz o senador dr. Afonso de Lemos

Um diario vespertino inseriu, ha dias num suelto verrinoso a seguinte pergunta: «em que foram empregados os quarenta mil contos para obras de fomento votados recentemente pelo Parlamento? Igaoramos o seu paradeiro.»

Tendo sido o senador sr. dr. Afonso de Lemos o autor dessa proposta, a qual defendeu «á outrance» no Parlamento, a s. ex.ª nos dirigimos no intuito de podermos com segurança elucidar os nossos leitores.

—Póde garantir no seu jornal sem receio de desmentido, que é absolutamente destituida de fundamento essa local, onde a má fé de certas creaturas se patenteia ás claras, disnos vivamente o nosso entrevistado ao mostrarmos-lhe a noticia.

Os quarenta mil contos, segundo o contracto feito com o Banco de Portugal, e destinados a obras de fomento, foram distribuidos, conforme a minha proposta pela seguinte forma: trinta mil e quinhentos contos para obras de caminhos de ferro no país, e cinco mil, segundo a proposta do senador e engenheiro sr. Ernesto Navarro, para obras florestais. Esse dinheiro estava no Banco de Portugal juntamente com os cem mil contos restantes da quantia de duzentos quarenta mil que constem desse contracto, e dos quais o Governo tinha já levantado cem mil, como egualmente consta do mesmo contracto.

— Se não estamos em erro, — perguntámos, — não foi o snr. dr. quem sobre este mesmo assunto interpelou, ha tempos, o snr. ministro das Finanças?

—Fui eu, sim. A minha interpelação ao snr. Victorino guimarães foi precisamente sobre o paradeiro dos trinta mil e quinhentos contos destinados á construcção e conclusão de linhas dos Caminhos de Ferro.

—E qual foi a resposta do snr. ministro das Finanças?

—S. ex.ª declarou-me ter entrado essa verba nas contas geraes do Estado, a qual irá sendo aplicada á medida que o Conselho Administrativo dos Caminhos de Ferro vá formulando as suas requisições. De acordo entre o Conselho e o Governo estão sendo fornecidos mensalmente quinhentos contos para essas construções, sendo duzentos e cincoenta destinados ás linhas do Norte e duzentos e cincoenta para as linhas do Sul.

Mas ha mais,—acrescentou—Declarou-me tambem o snr. Victorino Guimarães que não se negaria a satisfazer outras requisições que, ao abrigo da mesma lei, — que ele, como membro do governo, tinha de respeitar,— lhe fossem feitas. Como senador não podia de se dar por satisfeito com essas declarações feitas oficialmente naquela Camara.

E ha quanto tempo está sendo fornecido esse dinheiro?

—Ha quatro para cinco mezes, mediante uma nota detalhada da sua aplicação enviada pelo Conselho Administrativo. Como auctor da proposta não deixaria de estar vigilante pelo seu rigoroso cumprimento.

—Póde-nos snr. dr. dizer se algumas linhas já foram ou estão sendo construidas?

—Evidentemente. Está quasi concluida a de Serpa-Brinches a Serpa, foi adjudicada a uma empreza particular a construção da ponte sobre o Vale do Sado, está em construção a linha de Ermidas a Sines, e, recentemente foi aberto o concurso para a construcção da ponte da linha de Elvas a Reguengos; e para o Norte está em vesperas de conclusão a que vae de Gatão a Freixieiro, e outras ainda que de momento não me ocorrem.

Demos assim, por finda a nossa entrevista, desfazendo gostósamente tão malévola atoarda.

Uma nova moral

O juiz do 1.º districto da Boa-Hora absolveu ante-ontem a infanticida Ernestina de Jesus Mondego.

Vê-se que, graças ás campanhas de certos jornais que, naturalmente, exprimem o pensamento de muita gente bem morigerada, a justiça, pelos seus orgãos, lança as bases de uma nova moral, absolvendo as repugnantes filicidas.

O caso desta nova moral juridica parece a muita gente uma imoralidade espantosa...

A. C. P.

Os ferro-viarios querem aumento de salario

Os ferro-viarios da C. P. distribuiram hoje um manifesto em que põem, novamente, a questão do aumento de salario e tambem os lucros da Companhia.

Dale extrahimos estes periodos:

«A ultima remodelação de tarifas postas em execução a partir de 26 de Fevereiro ultimo, do produto da qual unicamente uns 7.000 contos foram destinados ao pessoal, por não se poder positivamente prever a quantia que da mesma resultaria, dará á Companhia a elevada receita de 26 a 30.000 contos — diferença a favor da mesma de 19 a 23.000 contos! — Desta importancia poderá, pois, a C. P. neste momento destinar ao pessoal, pelo menos igual quantia á anterior, o que na verdade não é suficiente para colocar a classe ao abrigo das necessidades tremendas que até hoje tem suportado.

Ha, porém, um pedido de elevação de sobretaxa e no caso da mesma ser concedida,—e é neste ponto que deve residir toda a nossa acção—então esses beneficios deverão ser muito maiores visto a receita depois se elevar a quantia muito superior.

Mas então não se pretenderá proceder desta forma, perguntar-nos-hão? Não.

Sómente se deseja distribuir pelo pessoal a provavel importancia resultante da sobretaxa que for agora autorisada. Não pode ser!»

Mais abaixo acrescenta o manifesto:

«Atendendo, portanto, a que a nova sobretaxa incidirá sobre as tarifas, então coloque-se o pessoal nas devidas condições.

Nestas circunstancias não pode haver transigencias nas nossas reclamações, mais uma vez afirmamos.

A Companhia está já de ha muito preparando a defeza, afirmando estar estudando o assunto. Pela nossa parte afirmamos tambem que á questão estamos dedicando toda a nossa atenção, dispostos a não deixar passar o momento sem que se faça completa justiça ao pessoal.

Compete, pois, á classe, demonstrar a sua consciencia e solidariedade na defeza dos seus direitos, quer economicos, quer moraes, que da mesma forma estão sendo reclamados».

Dr. Epitacio Pessoa

De regresso ao Brasil, deve passar por Lisboa na proxima terça-feira, a bordo do «Lutetia», o ilustre politico brasileiro Dr. Epitacio Pessoa, antigo presidente da grande Republica irmã.

Como o «Lutetia» se demora no Tejo até de tarde, o Governo e os politicos e intelectuaes, amigos do Brasil e admiradores do grande talento politico Dr. Epitacio Pessoa, oferecem a s. ex.ª um almoço de homenagem, que é uma pequena retribuição da fidalga gentileza com que o Dr. Epitacio Pessoa, então Presidente da Republica, hospedou o ano passado, o ilustre chefe do Estado Português.

O Credito de 3 milhões e 500 mil LIBRAS

Na proxima quarta-feira reune a comissão de importação de mercadorias inglezas por causa do credito de 3.500 mil libras.

Ha mais de dois anos que esta comissão não faz outra coisa senão reunir, sem que, até agora, haja qualquer resultado pratico: do credito nada se utilisou ainda. Conclue-se facilmente que tinham razão os que afirmavam que o credito de 3 500 mil libras era apenas um revoltante negocio inglez, visto que em nada concorreria para beneficiar a economia nacional. Tanto os banqueiros como os politicos disseram o contrario, chegando ao exagero de afirmar que o cambio melhoraria consideravelmente.

O que é certo, porem, é que até agora, ninguem se quiz utilisar desse credito, continuando a comissão a reunir enquanto durar o praso para a utilisação do credito...

O que se escreve e o que se lê

***Cinco peças de teatro:** Amor á antiga,* de Augusto de Castro; *Visinha do lado* e *A vida dum rapaz gordo,* de André Brun; *O Lôdo,* de Alfredo Cortez; *O colar,* de Rodrigues Alves.

Vou dedicar á minha cronica literaria de hoje ás ultimas edições de peças teatrais recebidas. Já se disse a respeito delas, sob o ponto de vista teatral, tudo o que havia a dizer: sob o ponto de vista literario, já muito se disse tambem e eu não venho trazer a este respeito novos detalhes ou novos pormenores. O que quero apenas, sendo, como de facto é, esta cronica literaria mais comentario do que critica, mais impressão do que anatomia — o que quero apenas, repito, é deixar anotadas, «á vol d'oiseau», todas as obras que forem caracterizando o «momento literario».

Começo por falar-lhes da 2.ª edição da comedia de Augusto de Castro, «Amor á antiga». Esses quatro actos, rescendentes de perfume e de graça, de sentimento e de intenção, onde se faz a apologia do velho amor português, alegre, tranquilo, saudavel, risonho, são do melhor que em teatro se tem escrito nestes ultimos tempos. Lendo-os, tem-se a mesma impressão de que vendo-os — tanto é ó poder e motivo que caracterizam todas as scenas e todas as figuras — e Augusto de Castro não tem o direito de emudecer num genero de literatura onde tão excelentemente se podia ouvir a sua voz.

* * *

André Brun é de uma actividade esfusiante. Recebi, ha pouco ainda, as edições de duas peças suas — «A visinha do lado» e «A vida de um rapaz gordo»: já ontem, na Brasileira, á hora em que toda a Lisboa elegante toma o seu chá das cinco, o autor das «Migalhas» me falava dos seus novos livros, das suas novas peças, dos seus novos projectos. Eu não sei se todos os meus leitores conhecem pessoalmente o dramaturgo aplaudido do «Primo Isidoro»: o que sei é que o dramaturgo aplaudido do «Primo Isidoro» os conhece muito bem a todos. A sua obra de teatro é uma galeria flagrante de «portrait-charges». Tudo gente conhecida — desde a «Visinha do lado» ao «Cavalheiro respeitavel», desde «Praxedes» a «Sancho Barradas». Em nenhuma das suas peças deixa de aparecer Lisboa no que ela tem de pitoresco, de miudinho, de caprichoso e — que Deus me perdôe! — de ridiculo. O teatro de Gervasio foi o teatro da vaidade: o teatro de André Brun é o teatro da intriga. A «Visinha do lado» é a caricatura da intriga domestica; «A vida de um rapaz gordo» é a caricatura da intriga teatral — em ambas elas Brun se revela não apenas um admiravel comediografo, mas um excelente humorista.

* * *

Já se disse de «O Lodo», de Alfredo Cortez, todo o mal e todo o bem que havia a dizer. Esses três actos, que tão viva discussão levantaram, á mesa dos cafés, dão-nos, lidos, uma impressão diferente da que nós sentimos ao vê-los representados. Uma impressão melhor? Uma impressão pior? Uma impressão diferente. Li-os ha pouco como quem lê André de Lorde, sob uma atmosfera vaga de arrepio. «O Lodo» pode ser aquilo — como «fait-divers» literario: não me parece que possa ser aquilo como «fait-divers» teatral. Alfredo Cortez podia ter feito um folhetim de jornal: preferiu fazer uma peça de teatro. E aqui nos encontramos nós perante este paradoxo: um excelente homem de teatro, que é o menos possivel homem de letras a tratar dentro de uma atmosfera teatral um assunto que é o mais possivel de romance.

* * *

A peça de Rodrigues Alves «O colar», que, numa admiravel capa de Stuart, está defronte de mim, sobre a minha mesa de trabalho, é muito mais um «film» do que uma obra propriamente de teatro. A estrutura da peça; a velocidade da acção; a vertigem das scenas; algumas das proprias figuras como o Juiz de Investigação, o gerente do Casino, o guarda 1020 — são verdadeiramente cinematograficas. Ha momentos em que o palco me dá a impressão de um «écran» — em que as figuras se permitissem o luxo de falar. De resto, Rodrigues Alves revela-se um habil «metteur-en-scène» de ideias, de acontecimentos, de situações — qualidades que não são vulgares, sobretudo num rapaz que nos dá a sua primeira obra.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

QUESTÃO DE INQUILINATO

O juiz Souza Teles e as conspirações contra a Republica

Lembre-se disto o Governo: a Republica morre, se não se defende — E morre afogada em lama!...

E' ocioso preguntar ao publico os motivos que levaram a riquissima Companhia de Seguros União dos Proprietarios a requerer o despejo da firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, sua inquilina do conhecido estabelecimento da rua Garrett. E é inutil fazer a pregunta porque toda a gente sabe que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios sómente se meteu em tal aventura para extorquir, ao antigo ou ao novo inquilino, muitas centenas de contos, necessarios ao jogo bolsista que teria por objectivo uma maior valorisação das suas acções. O Tribunal do Comercio de Lisboa não quiz sancionar a extorsão e deu sentença favoravel á firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada, declarando-se expressamente na sentença que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios não era condenada em multa porque se não fizera prova de que litigava de má fé. De resto, as sentenças e acordãos proferidos, quer na 1.ª instancia, quer no Supremo Tribunal de Justiça, não negaram o direito que assiste á firma Eduardo Martins & C.ª, Limitada. Se neste país existissem efectivas sanções penais contra aqueles que, pelo seu furioso apêgo a lucros ilicitos, pelo vicio da uzura atavica que lhes está na massa do sangue, promovem diariamente o agravamento das já tão desgraçadas condições economicas, seria mais que certo que as gentes industriosas, que guarnecem o centro directivo da Companhia de Seguros União dos Proprietarios, teriam de expiar numa cela de qualquer penitenciaria o delicto cometido contra a colectividade nacional. Mas entre nós não é assim. Os Rugeronis e os Sousa Teles andam á solta, impando de importancia, fazendo ostentação da sua opulencia e salpicando os homens honrados com as cintas de lama ignominiosa das suas manobras delictuosas. Nesta sociedade em decomposição o crime sobreleva á virtude e ha de acabar por se dizer que tolo é aquele que não deita a mão ao que pode, quer a vitima seja o Estado ou os particulares. A corrupção alastra por toda a parte. E — como é doloroso confessá-lo! — já os primeiros sintomas da gangrena social se manifestam num ou noutro membro da Magistratura Portuguesa. Pois corte-se o mal pela raiz, ampute-se sem demora o membro doente, para que o mal não alastre a todo o organismo e se torne incuravel. Para que o Poder Executivo se resolvesse a encarcerar a quadrilha de bombistas, foi preciso que a audacia desses bandidos crescesse a ponto de oferecer batalha á peito descoberto á sociedade representada por alguns magistrados dignos, honra da classe. O futuro dirá se a acção repressiva dos crimes de assassinio á bomba foi a tempo e horas. Oxalá que nos enganemos, mas supomos que o mal lavra já muito fundo e que será necessario empregar ainda maiores violencias para livrar a cidade desses exaltados que, por serem loucos, não deixam de ser maus e perigosos.

Pois bem. O que nos ocorre dizer, a proposito, é que ao Governo compete olhar com atenção para as deshonestas manobras com que alguns juizes — ainda poucos, mesmo muito poucos, felizmente!... — entendem poder favorecer os litigantes apadrinhados por eles. O exemplo do juiz Sousa Teles, impudico magistrado que enodoa as cadeiras do Tribunal da Relação de Lisboa, não deve frutificar e sómente não frutificará se contra ele forem empregados os meios coercivos indispensaveis para impedir a proliferação do crime. Não é possivel e é principalmente muito perigoso que passe em julgado a extraordinaria, a inconcebivel doutrina de que um juiz pode desnachar como lhe der na gana.

ULTIMA HORA

UMA MANOBRA?

Desapareceu o dr. Georges Levy deputado comunista

Desde o seu regresso de Moscou mais ninguem o viu

No dia 17 deste mez, foi presente ao comissario de serviço da ponte de Kehl um individuo que se apresentara para entrar em França, sem trazer os papeis indispensaveis.

Extenuado, coberto de poeira, o olhar inquieto, todo a sua maneira de ser indicando que sofria duma grande desordem moral, declarou ser o dr. Georges Levy, de Lyon, deputado pelo Rhone, e que vinha de Moscou.

Verificada a identidade, depois de trocados telegramas com Lyon, deixaram-no ir em paz.

O deputado Georges Levy saiu livre do posto do comissario de ponte de Kehl. Para onde foi ele?

O deputado comunista não regressou a Lyon onde era esperado pelos camaradas. Não mais se viu em Paris tanto em Strasburgo como em qualquer outra cidade da Alsacia não ha vestigios da sua passagem.

Este desaparecimento nada teria de emocionante se não fossem as circunstancias do regresso de Georges Levy e o seu piedoso estado quando chegou á ponte de Kehl.

Os comunistas franceses que com ele regressaram de Moscou, pelo que se respeito contaram, permitem-nos afirmar que não é sem razão que se inquietam pela sorte do «camarada» George Levy.

Com efeito esses delegados disseram que o seu companheiro de viagem foi acometido no caminho dum extraordinario acesso de exaltação, dizendo que as autoridades francesas iriam certamente atirá-lo para uma prisão á sua chegada a Strasburgo. Perseguido por esta ideia, que ninguem conseguiu desvanecer-lhe do espirito, o deputado do Rhone deitou todos os papeis que trazia de Moscou, entre eles os seus passaportes. Depois abandonou o comboio el-guma estação antes de Kehl, seguindo a pé.

O que sucederia ao deputado comunista? Foi recolhido pelos seus amigos que lhe estão dando a calma de que tanto precisava? E onde é que se encontra? A policia está preocupadissima com o caso. As pesquizas feitas até á data não deram resultado algum.

ABUSOS

A habilitação notarial deve ser modificada segundo a opinião dum nosso leitor

Sr.—Como V. sabe a habilitação notarial foi criada, senão estou em erro, por uma lei do sr. dr. Sidonio Pais para os casos em que por falecimento de menores se não tenha feito a devida habilitação judicial e haja propriedades em nome destes, que depois do seu falecimento, tenham de ser registadas nas respectivas Conservatorias do Registo Predial em nome dos seus herdeiros legais. A habilitação notarial é feita perante o notario, por exemplo, pela mãe ou pai do falecido e que vem muitas vezes declarar que é viuva ou viuvo, não o sendo de facto, e que as testemunhas devido á sua boa fé acreditam por que sempre tiveram os declarantes por viuvos, não sendo e não lhe conhecendo os maridos ou mulheres por serem ausentes, na maioria das vezes em longinquas terras estrangeiras, o que constitue um segredo de familia sempre habilmente ocultado e da melhor boa fé acreditado.

Como é um assunto de extrema gravidade seria de toda a maior conveniencia que os declarantes da habilitação notarial quando se dizem viuvos ou viuvas, apresentassem as respectivas certidões de obito—e que sobretudo os conservadores do Registo Predial, nunca fizessem o registo de propriedades de menores em nome dos pais, só pela apresentação da notificação notarial e sem que lhes seja apresentada a respectiva certidão de obito, quando os pais ou mães se declarem viuvos, a fim de evitar prejuizos gravissimos e complicações tambem graves, sobretudo quando se trate de estrangeiros residentes em Portugal.

Rogo pois a V. a fineza de por meio do seu muito lido e acreditado jornal chamar a atenção do sr. ministro da Justiça para este importante assunto, pelo que lhe ficará muito reconhecido o seu constante leitor e admirador.—A. M.

Os novos soldos dos oficiais do exercito

As gratificações do exercicio continuam sendo as mesmas

Por uma circular expedida da Direcção Geral dos Serviços Administrativos para todos os estabelecimentos militares, foi ordenado que sejam pagos no fim do mez os novos vencimentos.

Os soldos normaes com que ficam actualmente os diversos postos são os seguintes:

Generaes com 5 anos de posto, 2.202$00; com menos de 5 anos, 1.830$00; arma de infantaria: coroneis, 1.121$00; ten. coroneis, 897$00; majores, 814$00; capitães, 699$25; tenentes, 632$00; alferes, 510$90; Arma de engenharia, estado maior e artilharia a pé: Coroneis, 1.219$00, ten. coroneis, 1.124$10; majores, 980$60; capitães, 860$00; tenentes, 728$00; alferes, 662$10. Arma de artilharia (antigo curso): coroneis, 1.219$00; ten. coroneis, 1.026$30; majores, 961$00; capitães, 811$90; tenentes, 681$00; alferes, 662$00. Medicos: coroneis, 1.121$30; tenentes coroneis, 1.026$10; majores, 912$00; capitães, 797$15; tenentes 92$96; alferes 112$80

Diferença de soldos mensais para os generais com mais de cinco anos 1:231$88; com menos de 5 anos 957$30; coroneis 339$00; ten. coroneis 170$00; major 162$73; capitães 97$15; tenentes 92$96; alferes 112$80.

Estas diferenças multiplicadas por 6 dão as quantias a receber desde Janeiro, alem do soldo relativo ao mez de Julho.

Os vencimentos dos funcionarios civis está dependente ainda da lei apresentada ao Parlamento pelo sr. Viriato de Fonseca.

* * *

Não tem fundamento o boato que se espalhou, de que o sr. ministro da Guerra, em face do descontentamento manifestado por oficiais do Exercito, tivesse mandado passar ao dobro as gratificações de serviço, que podem ser augmentadas até ao triplo.

As gratificações continuam sendo as mesmas que estavam estabelecidas. As gratificações especiais são adicionadas aos vencimentos liquidos que deixamos indicados, mas não sofreram qualquer alteração.

Virgilio Guerra Pedrosa

Concluiu a sua formatura em letras, no grupo de sciencias historicas e geografia da Faculdade de Sciencias de Lisboa, com a elevada classificação de 16 valores, o sr. Virgilio Guerra Pedrosa, director da Escola Primaria Superior Ribeiro Guedes.

As provas finais do sr. Virgilio Pedrosa foram muito brilhantes, confirmando os elevados meritos intelectuais de que goza o ilustre profe sor.

DE REGRESSO

Sousa Costa

exalta as terras e as gentes de Santa Cruz

Impressões, que o jornalista colheu da conversa com o ilustre escritor

—...e incrivel, formosissima, a minha viagem de regresso, feita por entre logares de encanto!

E, no remanso do seu gabinete de trabalho, onde o sol, invadindo, dá a alguns livros, amontoados com negligencia pela consulta de cada momento, um forte e radiante banho de luz, Sousa Costa diz ao nosso redactor da sua digressão pelo Brazil jocundo.

A voz, soltando-se-lhe em frazes de admiração pelo grande paiz da America Latina; ressoa-lhe na arca do peito transmontano em ritmos vibrantes —morrendo ao recordar enlevada, acordando sonora na exaltação de coisas e factos.

Agora:

«Linda cidade o Rio! Entrei-a de noite, e a sensação ofuscante, deslumbradora que recebi da sua iluminação feerica, *á giorno* perfeitamente, é quasi incrivel! Uma *via lactea*, antes um colar de estrelas, de gemas refulgentes, desde a praia da Copacabana, até á cidade, junto da Alfandega, com os pavilhões da Exposição do seu lado que me pareceram incendidos ao rubro. Mas toda esta luz não é aproveitada como nas cidades da Europa pela gente quasi toda notivaga. Não O Rio tem habitos de morigeração. Muito cedo já, e o movimento nas vias magnificas é diminuto. E' um verdadeiro contraste neste capitulo com Paris e, até mesmo com Lisboa.

* * *

«Só podemos ter a noção do valor da nossa raça indo ao Brazil. No Rio, a passagem do portuguez está profundamente acentuada, como se compreende dada a colonia imensa que lá possuimos, mas o que essa cidade já possuia de cunho antigo, dos tempos coloniaes, desapareceu.

* * *

«Na Baía, ao contrario, se a parte baixa está internacionalisada, se tem um certo caracter de cosmopolitismo, a sua parte alta é como que um outro Porto nos habitos de franqueza, de familia, de religião, etc. Um Porto transplantado do Minho para um clima tropical.

E explica-nos:

«Pelas 150 ou 160 igrejas que possui já se faz uma ideia da grande manifestação de culto religioso que predomina nos seus habitantes. E esses templos pertencem na sua grande maioria ao periodo colonisador. Entre eles destacam-se o de S. Francisco, a Sé Catedral e a Bazilica. Todos admiraveis na obra de talha que é riquissima—talhas revestidas de folha aurea, remontando aos seculos XVII e XVIII.

«Todo um mundo perturbador de reflexos doirados, numa profusão miririca.

«Na Bazilica as talhas são de «jacarandá», preciosa madeira das florestas brazileiras e tambem revestidas de folha de oiro. E real mente de oiro as igrejas parecem interiormente quando acesas as lampadas electricas. *Décor* fantastico, o do interior destas fabricas de aureas abobadas. Uma profusão surpreendentes de benditinhos capriechos que tem qualquer coisa dos nossos antigos mestres arabes de aljofares.

«No Recife, a Veneza da America, onde as pontes são mais de 50, cruzando-se em varios sentidos sobre varios rios, deixou-me inesquecivel impressão o sistema dos pavimentos. As ruas não são asfaltadas como no Rio, mas construidas em pequenos paralelipipedos de granito alisado. Os autos correm velozes sob as calçadas que apresentam á distancia o aspecto dum imenso xadrez.

«Na Vitoria surpreendeu-me o aspecto encantador da cidade. Paisagem unica, tem certo ponto que me recordou um pouco a Penha de Braga, e o Bussaco.

* * *

Sousa Costa fala-nos agora do povo brazileiro; contando-nos a sua admiração pela afabilidade, pela cortezia, pelo carinhoso espirito hospitaleiro dos nossos irmãos de além Atlantico.

«A familia, por exemplo no Rio está constituida como no norte de Portugal. Cada um tem o cuidado de fazer casa para si, ao contrario de Lisboa, onde todos se agrupam.

* * *

—Traz impressões para livros?

—Sim, eu e minha mulher, que visitou todas as escolas e institutos principais do Rio. Vai escrever um livro sobre o Brazil, e eu que ha muito tempo tinha uma obra em mãos, tirada da vida portugueza, mas cuja acção decorria na primeira parte no Rio, precisava de conhecer o meio da grande cidade para acabar o meu romance que publicarei no proximo inverno.

—Conferencias?...

—Realisou minha esposa 2; uma sobre a «Mulher» e outra sobre «A Educação dos nossos Filhos» que tiveram a assistencia da *élite* verdadeira. Por mim li «As grandes amorosas», que repeti a pedido, «Tourada do Mar» e «Catedrais Portuguesas».

«No Instituto dos Advogados conferenciei sobre os «Tribunais infantis», um pouco sob o papel do padre Antonio de Oliveira. Na assistencia quasi todos os grandes advogados do Rio.

* * *

Sousa Costa, por fim, fala-nos com admiração sincera, da hospitalidade, da cortezia invulgar dos brazileiros, e no prazer espiritual, frequentemente dado á gente dos jornaes, da conversa com homens de letras, o tempo passa, esquecido, esquecido — até que surge despertadora a visão da letra de forma, que nos espera intransigente.

Tarde politica

Como em todos os sabados, nos centros publicos apenas um ou outro abencerragem.

Nada que positivamente interesse ao leitor, pelo menos nestas horas estivais.

* * *

«Ceci tuerá cela». A eleição Presidencial amoleceu o famigerado debate politico que estamos a ver liquidar em aguas de bacalhau, como a celebre grévo parlamentar que deixou o Governo de muito boa saude, graças a Deus que nos ouça.

Se das bancadas ministeriais se desgarra algum olhar ansioso e suplicante é para as esquerdas amigas, que são mais de temer que as bravatas obnoxias das oposições.

Entretanto, o Governo do sr. Antonio Maria da Silva singrará lento até á posse do novo Chefe do Estado, por esta capital razão de que não vale a pena uma sangria num cadaver, prestes a descer á cova.

* * *

Quanto á eleição presidencial confirmam-se as nossas palavras de ontem. Nenhum partido se decidiu ainda por um candidato e tão pouco foi possivel a escolha de um nome que reuna a votação quasi unanime da Camara, como se pretende.

Dissemos que em primeiro escrutinio a eleição se fará á mercê das preferencias pessoais e não partidarias dos parlamentares.

Vemos esta afirmação confirmada nos jornais da manhã.

* * *

O partido radical tem um unico representante nas Camaras, o sr. Procopio de Freitas.

Inquirimos:

—V. ex.ª tem indicações do seu partido para a eleição Presidencial?

—O meu partido desinteressa-se por enquanto desse importante acto publico. Eu voto com inteira liberdade pessoal.

—E pode saber-se o nome do seu candidato?

—Sem duvida. Voto em Bernardino Machado.

Viscondessa de Semelhe

Com a edade de 62 annos, faleceu hoje na sua residencia da Avenida Duque Loulé, n.º 75 r/c. a Sur.ª D. Lydia Monteiro Barbosa, (Viscondessa de Semelhe) senhora com de trato e excelsas qualidades.

O seu funeral realisa-se amanhã 29 ás 16 horas da residencia acima para o cemiterio occidental.

A quadrilha do "Assanhado"

O «Piadinhas» continua á solta e diz: «Hei-de matar mais 5»

Noticiamos hadias a evasão dos terriveis bandidos José Ramos «O Piadinhas» e Victor Mendes, cumplices do assassino «O Assanhado», logo essa posta em pratica após o julgamento a que a quadrilha foi sujeita no Tribunal da Boa Hora. Até agora não houve forma de deitar a mão aos dois fugitivos, tendo-se sabido hoje que o «Piadinhas» ha já duas noites que é visto passear em motocicleta pelos altos dos Tapanes com a lanterna apagada para não ser reconhecido facilmente.

A noite passada o perigoso assassino foi bater á porta da casa do «Antonio Padeirinho», um dos seus figadais inimigos, certamente com o intuito de o liquidar, não conseguindo porém o seu intento por o «Padeirinho» se ter negado.

O «Piadinhas» que só aparece de noite, disse num acesso de raiva:

—Não me apanham senão depois de eu ter despachado mais uns cinco que me faltam. Um deles ha de ser o chefe Alves.

OS FASCISTAS

Bons conselhos aos italianos residentes no estrangeiro

ROMA, 28—Celebrou-se uma reunião do grande conselho geral Fascista que aprovou por unanimidade uma declaração dizendo que os fascistas italianos residentes no estrangeiro devem respeitar as leis e os costumes locaes e abster-se de apreciar a politica local, estar ao serviço das colonias italianas e desenvolver toda a actividade para fazer conhecida a Italia antiga e moderna.

Com as esquerdas pode estabelecer-se um acordo

ROMA, 28—Os leaders da Trade Unions italiana depois de se entrevistarem com o sr. Mussolini declararam que se o governo satisfizer os seus pedidos acerca da liberdade das organisações de trabalho, as Trades Unions estão dispostas a cooperar com o governo.—Agencia Radio.

Os bombistas

A brigada de agentes de investigação que está prestando serviço na policia de segurança do Estado ainda hoje esteve procedendo a diligencias sobre os ultimos atentados dinamitistas tendo efectuado mais duas prisões a que liga importancia. Os presos são Quirino Fernandes e Francisco da Silva Gomes, apontados como tendo tido interferencia em varios atentados pessoais e dinamitistas.

Excursão Escolar

Os alunos da escola que o Centro Antonio Luiz Inacio ha muitos anos mantem, com inexcedivel dedicação, no populoso bairro do Alto da Pina, realisam amanhã a sua primeira excursão de estudo e de confraternisação com o seguinte itinerario-programa:

A's 10 horas, depois de lhes ser servido almoço na séde do Centro, tomam logar em carro reservado, generosamente cedido pela Companhia Carris de Ferro, no Alto do Pina, desembarcando em Algés, aonde lancharão após a visita de estudo ao Aquario Vasco da Gama.

Depois embarcarão para os Estoris, realisando-se no Parque um «pic-nic» de confraternisação.

Candeia acesa...

A proposito da carta que publicámos na «Capital» de ontem, em que o antigo professor J. P. Santos, aprecia a nomeação da professora sr.ª D. Elisa Doureiro para o cargo de inspectora dos trabalhos manuais das escolas primarias, recebemos da ilustre professora uma outra carta em que a questão é dada com toda a sua clareza.

Como a recebemos demasiado tarde, publica-la-hemos na segunda-feira.

---

sem querer saber da lei para coisa alguma. Que diabo de justiça seria essa, então? Pois é aquela de que o juiz Sousa Teles se armou em propagandista, seguindo aquele proloquio popular que sentencia que a caridade bem entendida deve começar pela propria casa: primeiro nós, depois vós! Primeiro que tudo — diz, com os seus botões ou aos seus mandatarios, o juiz Sousa Teles — primeiro que tudo tratemos de arranjar um peculiozinho para a velhice, tratando de servir, de para onde der e custe o que custar, os interesses, mesmo que sejam inconfessaveis, da milionaria Companhia de Seguros União dos Proprietarios. E preciso, para tal, rasgar a lei, transformá-la naquele «chiffon de papier» celebrizado pela amorabilidade germanica? Pois vamos a isso! E o juiz Sousa Teles, lançado nesse desprimoroso caminho do arbitrio, da violencia e da ilegalidade, não mais pára, não se importando de descer até representar o papel de simples procurador da Companhia nas suas relações com os cartorios dos escrivães. Ele corre, ele voa, o juiz Sousa Teles! Ele não hesita em ir pessoalmente, usando da autoridade de juiz da Relação e de relator nos autos, recomendar ao escrivão que não intime ao advogado de Eduardo Martins & C.ª, Limitada, a remessa de um traslado para a 1.ª instancia, senão depois de expedido esse traslado. Ele não hesita, esse zeloso juiz defensor de uma das partes contra a outra, em reter uma petição de Eduardo Martins & C.ª, Limitada, demorando o despacho no requerimento a pretexto de não saber se o signatario, o conhecido solicitador sr. José Marques, tinha ou não tinha procuração de Eduardo Martins & C.ª, Limitada. Ele não hesita — este bom, este delicioso juiz! — em praticar tal acto, que não é possivel qualificar dentro da terminologia decente da lingua portuguesa, apesar de já ter despachado outras petições formuladas pelo mesmo digno solicitador. E ele não hesitou em se pôr, desta arte, á descoberto, em primeiro lugar porque urgia favorecer a Companhia de Seguros União dos Proprietarios, e em segundo lugar porque, forte com o exemplo de outras impunidades, ele julga escapar ainda desta vez. Pois engana-se: não escapará!

Não sabemos se existe ou não existe no Terreiro do Paço um ministro da Justiça. Que há por lá, anichada em qualquer sala, uma secretaria de Estado com o nome de Ministerio da Justiça, é certo. Na suposição de que á frente desse departamento da Republica existe alguem com suficiente sensibilidade, nós dizemos-lhe, «carrement», que é seu dever proceder, tratando de sindicar, sem mais demora, dos actos praticados pelo juiz Sousa Teles, não só na Relação de Lisboa como em certas comarcas onde vegetou, por desgraça daqueles que á justiça tiveram de recorrer. O juiz Sousa Teles não existe nas ilhas? E que fez por lá? E' claro que isso nos interessa demasiadamente, porque, por emquanto, não estamos dispostos a ir investigar acerca de toda a vida publica do herói. Mas basta constatar-se a ilegalidade, a parcialidade com que o juiz Sousa Teles agiu no processo movido pela Companhia de Seguros União dos Proprietarios contra Eduardo Martins & C.ª, Limitada, para que sobre ele incida o castigo legal. E não se suponha que, neste caso como ainda noutros, não haja um lado politico muito para considerar. Entende-se, pelo contrario, que a defesa da Republica exige o castigo dos delictos da especie destes, porquanto eles são praticados com o unico intuito do lucro pessoal e do descredito das Instituições Republicanas. Regimen que não se defende é regimen que morre. Não se iluda o Governo, não se deixe adormecer o sr. ministro da Justiça! A Republica tem ainda dois flancos muito vulneraveis ao ataque dos seus inimigos: o flanco material das finanças e o flanco moral da administração da Justiça. Se não defender convenientemente, a Republica morre ás mãos dos seus inimigos, que são todos da força do juiz Sousa Teles. E o que ainda é pior é que a Republica morrerá afogada na miseria publica e na crapula moral, ambas fomentadas e mantidas pelos irreconciliaveis, pelos inadaptaveis. O Governo faz que não vê? O Governo finge que não ouve?... Pois mal é, porque o perigo é grave. Bem fracas são as instituições que têm apenas a defendê-las a força publica. Ha outra força que vale mais, que é a da opinião. Pois o que pretendem os diversos Sousa Teles é persuadir o povo de que, com Republica, nem dinheiro nem honra. Dinheiro, lá estão os sanguessugas da Especulação para o arrancar ao Estado e ao Povo; e no que respeita á honra, dela se encarregam, apunhalando-a á falsa fé, os Sousa Teles.

Devemos constatar que, por emquanto, não ha iminencia de catastrofe, pelo menos sob o ponto de vista moral. O juiz Sousa Teles é uma excepção, mesmo uma rara excepção, dentro da honrada Magistratura Portuguesa. Que repugnancia ele deve merecer aos seus pares! Mas ao Governo pertence providenciar por forma a que o perigo, ainda longinquo, não venha a aproximar-se e a constituir um mal irreparavel.

A nós, é que não compete castigar. A imprensa, denunciando os criminosos, cumpre o seu dever. Não é capa de peculatarios! Mas a sua função termina aí. Para castigar, só os tribunais! Mas é ao Governo que pertence promover esses castigos, mandando apurar os crimes pelos orgãos proprios. O sr. ministro da Justiça não pode simular ignorancia acerca das proezas do juiz Sousa Teles. Pois aí tem, de para diante, que é esse o seu dever!

Nós, por emquanto, não estamos dispostos ao silencio...

Uma caçada

Nas magnificas propriedades do sr. Antonio Alexandre em Vale de Figueira, realisou-se hontem uma caçada em que tomaram parte os distintos amadores srs. José Alexandre Dias, Dr. Cordeiro Lobato, Antonio Morais Maia, Joaquim Colaço, José Melo e Antonio Musgueira. Foram abatidas 172 Cordonizes.

Os americanos

Durante o dia de hoje alguns grupos de oficiaes e aspirantes da esquadra, visitaram o museu de artilharia e outros monumentos nacionaes.

Na rua do Bemformoso deu-se um pequeno conflito com alguns marinheiros americanos, que se recusavam a pagar a despesa numa taberna.

Os «bars» estabelecidos pelo Trianguio Vermelho em varios locaes estiveram completamente cheios de marinheiros durante o dia.

Outros grupos sairam de automovel para os arredores da cidade, em passeio.

* * *

A' hora de fecharmos o nosso jornal estão-se realisando na Junqueira as provas de remos e na doca de alcantara as provas de natação, em que tomam parte marinheiros americanos e portuguezes.

Um incendiario

Só hoje de tarde foi entregue á 4.ª secção da policia de investigação, para averiguações Manoel Pinto Leal da Estrada de Monsanto, 8, acusado pelo chefe Lacerda dos bombeiros municipaes de ontem de madrugada ter deitado fogo á sua residencia a qual ficou reduzida a cinzas. Os prejuizos são avaliados entre 40 a 50.000 escudos.

Viajantes

Na segunda-feira parte para o Brazil no vapor «Avon», acompanhado de sua esposa e filhinho, o sr. Antonio Fialho.

* * *

No mesmo vapor parte o sr. D. Capitolino Roque, para junto de seu marido, que é um importante comerciante de Pernambuco.

Nova fabrica

Na proxima segunda-feira, 30 inaugura-se a nova fabrica de massas alimenticias da Companhia Industrial de Portugal e Colonias.

A nova fabrica, que fica situada na Rua 24 de Julho, fica sendo a melhor, mais perfeita e moderna do Paiz, representando, portanto, uma admiravel iniciativa, digna de todos os encomios.

Espera-se que s. ex.ª o sr. Presidente da Republica assista á inauguração.

Um gatuno de respeito

Em Maio ultimo quando era removido do Tribunal da Boa Hora para a cadeia do Limoeiro fugiu ao oficial de diligencias o temido gatuno Alfredo Martins mais conhecido pelo «Alfredo Pescador», o qual pouco tempo gosou da liberdade pois que ha dias foi recapturado em Aveiro. Conduzido para Lisboa recolheu ao Governo Civil donde hoje foi conduzido para o Limoeiro, seguindo porém algemado para evitar novas tentações.

Os infanticidas

Estão presos no Governo Civil, Tereza de Jesus e seu marido Artur dos Santos, Estrada dos Marcos, 8, Ajuda acusados de terem dado morte violenta a um filho recem-nascido enterrando-o depois no quintal da casa. Foi encarregado das diligencias o agente Anacleto, da 4.ª secção que até agora não conseguiu descobrir o sitio em que a creança foi enterrada porquanto o quintal referido ainda não foi encontrado o cadaver.

A sindicancia á policia

O juiz sr. dr. José Pinto de Sousa Magalhães, nomeado para proseguir na sindicancia ás policias esteve hoje no seu gabinete do Governo Civil, ouvindo varias pessoas que figuram no processo e entre elas os chefes Martinheira e Xavier de Figueiredo, este ultimo da policia maritima. Foram tambem ouvidos e acareados alguns agentes, devendo aos acusados ser entregues no proximo semana as notas de culpa.

A's 18 horas

E' a seguinte a tabela de vencimentos aprovada pela comissão de funcionarios na reunião magna efectuada ontem á noite: directores gerais, 1.700$00; chefes de repartição, 1.2$58; chefes de secção, 1.093$70; primeiros oficiais, 796$90; segundos oficiais, 715$41; terceiros oficiais, 633$93, aspirantes e praticantes, 561$91; fiscais, 489$89; dactilografas de 1.ª e 2.ª classes, respectivamente, 525$00 e 489$89.

Segundo a proposta que acompanha a tabela, nenhum funcionario ou equiparado poderá receber uma melhoria inferior a 30 por cento da totalidade de vencimento e melhoria que recebe actualmente. A tabela foi elaborada segundo a interpretação dada ao artigo 5.º da lei n.º 1452.

* * *

O senador sr. Julio Ribeiro conferenciou hoje com o sr. ministro do Comercio acêrca das estradas do districto da Guarda.

* * *

Segundo o boletim de sanidade interna, ... semana finda em 21 do corrente, manifestaram-se no Porto 2 casos de difteria, 3 de sarampo e 5 de variola.

* * *

Procedente de Cadiz entrou esta manhã no nosso porto o cruzador norte-americano «Richmond». E' um navio de 9.200 toneladas com 440 homens de guarnição.

OS CONTOS DE "A CAPITAL,,

O espelho que anda

A rua é museu de curiosidades. Gosto de vivel-a em certas horas pela diversidade do seu aspecto, pela emoção fugidia dos instantes que agonizam. E, como a galeria humoristica da especie humana é rica de exemplares sempre novos! Que variedade!

Pelo andar, pelo brilho vivaz ou mortiço do olhar, — fazer-se dia gnostico de tantas almas! Ler o pensamento dominante; procurar, em escorço energico, vel-o bem de face, através da mascara, que prazer infinito e fino, que ambição comovente. A rua exhibe-se como excelente museu de psicologia comparada.

Como desejaria, agora, correr atrás daquele automato que ali vai! Anda veloz; joga os braços desperdiçadamente, como se estivessem desarticulados; olha em frente. Não vê ninguem, todo consumido pela grande atenção, monodeizado qual gota de agua por esponja seca. Dentro dele todo um drama se passa: o mundo nele se reflecte como «vontade e representação». Sorri vago, e se entristece fundo; ameiga o ar do semblante, e logo o carrega de tons brunos e bruscos.

Realisará o que deseja? E' duvidoso: os presentimentos o advertem; mas persevera na esperança. Já nem o vejo mais; passou com destino certo. Pois é mui diverso, no ritmo, o do que caminha ao acaso.

Emquanto que estas duas são juvenis, ele teria quarenta anos; elas andam nos dezoito. Não devem ser irmãs: estão mui fraternamente comunicativas; riem por todo o rosto. Uma é alta e robusta: o vento cola-lhe as vestes ás fórmas, panejando-a como a Victoria de Samotracia: largas dobras, planos modelados moldando as saliencias, marcando, com efeito de claro escuro, as reentrancias. Como as fazendas se arrojam, ao seu regaço, procurando arrimo. Dos braços tiras de gaze se arriçam, frementes, em delirio.

Ao lado dela, papagueante, buliçosa, sucessiva como ondas, vai a esguia e meã; toma-lhe o braço, quer tudo dizer-lhe ao ouvido, e depois olha-la nos olhos para cuidar do efeito produzido. Como seja magricela e esbeltazinha a pequenina é uma *friandise*. Mas que força nervosa desprende! Que admiravel poste radiotelepatico não vive naquelo fragil e louro coração! E' qual pequenino lago agitado, junto do mar largo e sereno. Que magreza, santo Deus! O vento, modelador insigne, conhecendo a arte como Lysystrato de Sicyonia, toma das roupas e as enrodilha, desnastra-as, estende-as do colo ao ventre, parecendo fendêlas entre as pernas imaginarias; mas já as arruga de novo, para soltá-las outra vez. Parecem formas deshabitadas. E a Niké de Paionios poderá vencer, com esforço, os apupos do vento? Como é translucida: verdadeiro corpo no espaço.

Que espectaculo incomparavel para um artista: a dansa musical do vento panejando as fórmas!

Mas por que seria que eu vejo, com estranho sentimento da realidade, como se contemplasse os proprios originaes, ou mesmo uma galeria de moldagens de esculptura comparada, — todas as técnicas da estatuaria grega, neste trecho de rua, analisando o modo por que as mulheres se vestem? Que rara inteligencia no sentimento. Como os homens são ridiculos!

Aquela que ali está parada, vestida de fazenda grossa, é rigida e quasi sem pormenor, seca e geometrica, á moda dedálica, como na xoana de Nicandra... Mas aquela outra que vai vagarosa já é cheia de incisões como nas figuras do kóras do periodo arcaico; e ainda duras e verticaes; essa outra, que atravessa veloz, é a modelada como obra de Cálamis. E agora é o panejamento de pregas largas, deixando livres as fórmas que modela. Não se cola mais ao corpo, nem o mostra como através das roupas: ha harmonia entre eles: e sentem-se os relevos, as linhas monumentaes, por trás das vestes, como se entre a pele e a roupa circulasse o ar.

Quem será aquela que salta do automovel, esbelta o grande, joga a capa no carro? E' magnifica como Demeter.

Por instantes hesito. Serei victima de subitanea alucinação? — Pouco afastado de mim, olha-me um satiro, semelhante ao de Dardé: nariz judeu, de narinas bem cortadas, olhos longes e obliquos, queixo comprido, a barba por fazer. Ri para mim, e parece mostrar qualquer coisa, que esconde. Reparo que está maltrapido, pés no chão. Aproximo mais, todo ele é um sorriso grande, parado e postiço: lembra o riso eginetico dos Apolos arcaicos: é qualquer coisa de fixo, eterno, que nada tem com o seu estado de alma. E' como janela aberta, por onde a luz jubilosa entra em jorros resplandecentes para iluminar um cadaver. Ri sempre, repuxando as faces, arrugando os olhos, afinando as orelhas, que se encompridam mais. Os labios fogem, e a boca rasgada tem não sei que de orgiaco, de expressão de ingenuidade bestial, de qualquer coisa que volta á vida elementar da especie, e que é totalmente animal, sem deixar de reflectir como o clarão de consciencia extincta, que onda ainda nele, percorre os seus instintos, como a luz das estrelas mortas. Que estranha mistura de luxuria e candidez não poreja dos olhos, dos labios, que se empapam de saliva abundante!

Por que esse satiro se me afigura um ironista? Como ele segue aquela preta velha que passa, pedindo, com não sei que atenção maliciosa nos olhares! Emtanto, dir-se-hia que cuspinha porque a dama que quasi o roçou é branca, fornidinha de carne, rubicunda e perfumada. E certo modo que ele tem de fixar pormenores do corpo humano: que realista insigne!

Com que olhos ele agora pede esmola a um velhote gorducho, ventrudo e lento, que converso com outro tambem velhusco, mais pequenino, de oculos, sumido, como ausente de si mesmo!

O satiro não quer o dinheiro; o que ele deseja é *gosar* a raiva dos conversadores. Importuna-os; interrompe-os. Ah! Porque ele conta com o seu poder catalíptico: olha a pessoa bem na cara, e pede. Desvia-se e logo volve a suplicar. Procura marcar bem o contraste entre a sua miseria fisica, a sua pobresa, a suprema degradação a que desceu, e o supimpa bem-estar do transeunte. Se o individuo está parado ele não o deixa. O sujeito visado finge distrair-se, olhar longe, fala com os que passam com animação; está distante; chama alguem para conversar.

Mas lá está o olhar do satiro implacavel, como coalhado sobre ele. Não diz nada mais: suplica com os olhos, implora com os gestos. E' inutil fugir. Daí a minutos a pessoa arrisca o olhar: e ele lá está tão vivaz na intenção como no primeiro momento. Que lucta tremenda! e como o importunado se acovarda. O satiro ri sempre.

Dele o individuo é presa inerme. O satiro fará dele o que quizer.

O leitor, rico e forte, nunca se viu dominado por um pobre e fraco?

— Não conhece o *turco*? Alguem me fala. Volto-me.

— E' a primeira vez que o vejo. E' um caso...

— Mas não conhece a historia deste homem. Já esteve no hospicio; como peorasse, inofensivamente, foi dispensado, compreende...

— Não é possivel!

— E sabe que não liga a menor importancia ao valor das coisas. Ha dias deram-lhe um terno quasi novo. Nem o experimentou: vendeu-o por mil e duzentos.

E o amigo, ainda a contar-me episodios da vida do turco, lá me arrastou até á Avenida, onde a multidão era massa confusa e quasi anonima.

Por que será que, de vez em quando como aparição «involuntaria e anciosa», como imagem parasita bem lá no escaninho da consciencia, o turco ri continuamente, com o seu fixo riso eginetico?

FLEXA RIBEIRO.

Os Partidos

Republicano Radical

Adesões em Lisboa

Feliciano de Souza, comerciante; Antonio Almeida Cabral, comerciante; Martim Mendes Ferreira, barbeiro; Daniel da Silva, empregado teatral; João José Martins, empregado no comercio; Antonio Abreu, serventuario do Estado; Raul da Silva Ribeiro, 1.º torpedeiro; José Brazik maritimo; Antonio Mendes, empregado no comercio; João Gomes, caixeiro viajante; Alvaro Athaide Costa, funcionario publico; Manoel João, carteiro; Manoel Fernandes, funcionario publico; Francisco da Silva Correia, funcionario publico; Armando Rodrigues de Oliveira Lopes, empregado no comercio.

Julio dos Santos Coelho, comerciante; Manoel Paiva Velcso, enfermeiro; Henrique Nunes Carrão, funcionario publico; José Gomes, empregado no porto de Lisboa; Lucio da Mata, militar; Manoel Henrique Junior, comerciante; Antonio Pereira Santiago, funcion. publico; Eduardo Augusto Campos, empregado do correio; Joaquim Salvador Pinto Carvalho, engenheiro agronomo.

Manoel Vicente Nunes, funcionario publico; Antonio Costa, empregado no comercio; Joaquim Pires Ribeiro, funcionario publico; Antonio Narciso, empregado no comercio e João Esteves, trabalhador.

A ultima reunião das Comissões politicas

Na ultima reunião das Comissões politicas ficou resolvido que as Comissões Districtal e Municipal de Lisboa, se reunam todas as 3.as feiras, pelas 21 horas na séde da Comissão Republicana Radical de Lisboa, e as comissões politicas de freguezia reunirão em sessão magna todos os dias 10 e 25 de cada mez.

Comissão politica de Carnide

Na sua sessão de hontem apreciou varias adesões ao partido naquela freguezia e lançou na acta um voto de sentimento pela morte do velho revolucionario de 31 de Janeiro, o sargento Abilio.

Comicio em Evora

Partiram para Evora, os membros do Directorio do P. R. Radical e os representantes das comissões politicas da Capital e dos organismos da Margem Sul do Tejo, que vão em missão de propaganda á antiga e republicana cidade do Alemtejo.

Na missão seguem pelo Directorio o Comandante Procopio de Freitas, Major Rosa Ventura, Dr. Lopes Oliveira, Arnaldo de Carvalho e Antonio Bernardo; pela Junta Consultiva os Drs. Orlando Marçal e Santos Monteiro.

Como representantes das Comissões Districtal, Municipal e politicas das freguezia de Lisboa, seguem para aquela cidade os Snrs. Tenente Mario Barros, Cesar de Lemos, Alferes Pimenta, Antonio Joaquim Magalhães, Carlos Antonio dos Santos, Alferes Bernardo Caldeira, Moreira Lopes, José Julio Roxo, Carlos Fernandes, José Francisco Vendinha e Evaristo Costa.

As comissões do Barreiro serão representadas pelos Snrs. Ezequiel Marmelada presidente da Comissão Municipal d'aquela vila e Albino Maria de Figueiredo. As comissões de Aldegalega pelo professor Snr. Anibal Passos. As comissões de Setubal e Cintra respectivamente pelos Srs. Candido Godinho e Simões Paquete.

O jornal «A Lanterna» que publicara um numero especial contendo o programa partidario, fez se representar pelo seu chefe de redação Snr. Arcadio Matos Silva.

Foram já dadas todas as indicações para Evora sobre a ida da missão de propaganda.

Teatros - Musica - Cinemas

Primeiras e reposições

S. CARLOS—Carta anonima—adaptação da Parceria, pela companhia *Lucilia Simões*—festa de *Erico Braga*.

A' empreza de S. Carlos

Ha duas especies de camaroteiros: os risonhos e os brutos. Aqueles sempre com um sorriso, sempre bem dispostos, levam o espectador que pretende uma modesta cadeira para um «fauteuil» de orquestra, que quando já não ha logares para vender assomam sorridentes por entre o «guiché» com o felicissimo «já não ha bilhetes no casa» — mas que emfim são pessoas correctas, afaveis, trataveis, decentes.

Ha tambem os camaroteiros brutos, agrestes, irritados, homens que passam a vida dentro dum cacifo a vender bilhetes — esses pedacinhos de papel de côr que dão noites de alegria e de arte — esses bilhetes que vão divertir os outros, e que por isso mesmo são de estados por eles.

O bilheteiro de S. Carlos é desta especie zoologica.

E' malcreado por temperamento, por feitio, por intensão, por necessidade.

Ora, um funcionario destes é o peor que uma empreza pode pôr deante do publico que ocorre aos seus espectaculos.

O camaroteiro é primeira pessoa do teatro com quem se fala. E' o intermediario entre a empreza e o publico, é a primeira entidade que da empreza chega até ao publico com o duplo mister de vender-lhe uma locação e de agradecer-lhe a preferencia que esse publico dá á empreza escolhendo o seu teatro.

Faz isso o camaroteiro de S. Carlos? E' simplesmente correto? Não.

Supõem os leitores que isto é um caso do lana caprina? Não é. Vejam que é sintomatico e que sobretudo dá perfeitamente a medida da falta de comprehensão dos deveres sociais que caracterisa em todas as situações o homem de hoje—que ele seja um bilheteiro do aristocratico teatro de S. Carlos e funcionario no catoliquissimo jornal «A Epoca» verdadeiro manual dos bons costumes, quer ele seja um conductor dos electricos joven sindicalista.

Ontem, o critico deste jornal foi á bilheteira de S. Carlos trocar a requisição desta redação pelo seu bilhete de teatro. Colocou a requisição sobre o «guiché», como quer que ele voasse, logo o camaroteiro o increpou por não ter previsto o golpe de vento...

Perguntou o critico se havia programe, com a maior das cortesias. «Que havia, que custava 3 tostões, se quizesse que o pagasse!» bramou o funcionario da aristocratica empreza de S. Carlos.

«Mas perfeitamente... objectou ainda o critico, com aquela cortezia democratica do seu jornal,—eu perguntei apenas... E' que quem vem aqui como critico necessita de citar os nomes dos artistas, e como os não conhece a todos, um programa presta-lhe otimos serviços...»

—«Pois leia o cartaz!...» que é para isso que eles se fazem! E olhe la, se vem para fazer criticos, já vem tarde, porque subiu o pano! Ha de sair grande coisa dahi...»—bradou finalmente o zeloso empregado num berreiro, de dentro do cacifo dos bilhetes.

Pergunta-se: que disposição pode levar para dentro da sala de espetaculos o pobre jornalista assim recebido no teatro?

E, quem pode ser responsavel pelo seu nervoso, se ele desrespeitar o local em que está e der a devida resposta ao notavel empregado da aristocratica empreza do teatro do Estado?

O senhor Cecil Mackee é um «gentleman». Um gentleman é Erico Braga — como pode ser que o representante de duas pessoas correctas, o não seja... embora seja, sem sombra de duvida, um homem... da «epoca»...

A «Carta anonima» teve ontem em S. Carlos em festa do distintissimo artista que é Erico, um optimo desempenho. O papel de Lucilia que Ilda Stichini havia representado notavelmente foi muito bem exteriorisado por Lucilia, que mostrou a gama absoluta duma grande actriz. Como foram tão diferentes e como foram ambos tão notaveis na peça, na intenção e na pormenorisação da curiosa figurita da comedia.

Erico, num fato muito comico, esteve esplendido fazendo rir a bom rir a sala inteira de S. Carlos. Ainda Almada — como peixe na agua — e Amelia Pereira, muito dentro ambos do seu feitio histrionico, representaram esplendidamente contribuindo para o exito que caracterisou a noite.

Maria Sampaio gentil figura que progride dia a dia, muito bem tambem assim como Seixas Pereira que é um correcto e bom auxiliar dos conjuntos.

Erico teve muitos presentes, uma linda casa e uma noite feliz.

O HOMEM QUE PASSA

Revista «De Teatro»

Realisa-se amanhã no Restaurant Tavares o almoço em honra do novo representante da revista «De Teatro» no Brazil, que para aquele pais parte no dia 31 do corrente.

A essa festa assistem varias personalidades do meio teatral.

Reclames

NACIONAL

Está assente que é esta a ultima semana em que se representará, no Nacional a desopilante peça «A Viuva Gomes», que não deve deixar de ir admirar quem quizar passar uma noite em permanente alegria.

MARIA VITORIA

No «Fado Corrido», em scena no teatro Maria Vitoria, tem sido aplaudidissima a novel e graciosa actriz Alda de Sousa, que por motivo de doença de Laura Costa, foi de improviso substitui-la, o que fez com extremo donaire e inteligencia.

Hoje repete-se nas 2 sessões a fantasiosa revista.

Artur Trindade

Festa de homenagem

Os alunos do maestro Artur Trindade oferecem-lhe esta noite uma festa de homenagem no salão nobre da Liga Naval, a qual promete revestir o maior brilho. O programa, que foi organizado com todo o requinte e tendo em atenção a especial situação que ocupa, no nosso meio artistico, o homenageado, é completo e magnifico. Os alunos do maestro Artur Trindade apresentar-se-hão na festa desta noite, demonstrando o metodo de ensino do seu professor e os progressos artisticos que atingiram. Artur Trindade dignar-se-ha cantar alguns trechos do seu magnifico repertorio.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9,15—«A Viuva Gomes».
S. CARLOS—A's 9,15—«A Casa de Boneca».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Cambio do Marcos».
APOLO — A's 9,15 — «A Morgadinha de Valflor».
AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata».
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.

Animatografos

SALAO CENTRAL—«Cem mil dollars».
OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
SALAO FOZ—Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

INFLUENCIAS ELEITORAIS

NA MADEIRA

fazem-se as mais extraordinarias tropelias para ganhar as eleições

Uma carta do sr. José Campos Junior

Do sr. José Campos Junior, recebemos, a proposito das violencias praticadas na Madeira por ocasião das ultimas eleições, uma carta em resposta a outra, do sr. Celestino de Vasconcelos, que publicamos ha dias sobre o mesmo assunto.

Dessa carta extraimos os seguintes periodos, pela impossibilidade de a publicarmos na integra.

«As agitações politicas teem-se dado e continuarão a dar-se porque nunca foram castigados os intigadores, e desordeiros.

Sabe o governo e sabe o Rebate, que o chefe dos agitadores é um tal Souza Bração, monarquico, depois comunista, mais tarde independente, e ainda depois liberal, e agora recruta do P. R. P. que por varias vezes tem sido pronunciado por atentados que tem cometido contra republicanos d'um só só rosto, e d'uma só fé. Esse, e outros elementos politicos de egual jaez, tem mudado facilmente de rótulo, porque tem a preocupação do mando, e da conquista de elevados cargos de confiança do regimen, e por tal motivo, tem recorrido a todos os processos, comprometendo assim a Republica, e os principios, com excessos de autoridade, violencias, arbitrariedades, e ilegalidades, como se estivessem em terreno conquistado.

Já o saudoso visconde da Ribeira Brava, assim como os seus dedicados correligionarios, Carlos Olavo, dr. Manuel Augusto Martins, Vasco Marques, e major Americo Olavo, foram victimas d'esse bando de aventureiros. A politiquice reles e miseravel d'esses politicantes, muito tem contribuido para vexar os indefectiveis republicanos madeirenses.

Pretende o Rebate demonstrar que o partido nacionalista na Madeira não é constituido por republicanos? Não tem autoridade para isso, porque esse partido tem os mais acérrimos defensores dos sãos principios republicanos, e que já foram seus correligionarios. Os que se dizem hoje democraticos são os monarquicos, os antigos unionistas, os que teem sido tudo, os que teem envergonhado a terra que lhes foi berço.

O eleitorado madeirense, conhece muito bem, esses agitadores, quaes os seus fins, e os motivos porque mudam constantemente de rotulo politico, E tanto assim que um tal Pestana Junior reconhecendo a impossibilidade de ser eleito deputado pelo Funchal, mesmo com violencia e ilegalidade, vae ver se os pretos, podem satisfazer a sua velha aspiração.»

Gremio dos Fiscais do Municipio de Lisboa

O Gremio dos Fiscais do Municipio de Lisboa, tendo conhecimento de que o presidente da Comissão Executiva do Municipio desta cidade, sr. dr. Antonio Maria da Cunha Marques da Costa, tomou expontaneamente a resolução de aumentar os vencimentos de todos os funcionarios municipais, por reconhecer quanto eram exiguos os seus ordenados, resolveu tornar publica a sua satisfação pela maneira inteligente e verdadeiramente republicana como, dentro de um criterio de inteira justiça, o mesmo senhor veiu ao encontro das aspirações do funcionalismo municipal, antes de lhe serem feitas quaesquer reclamações no sentido de lhe ser melhorada a sua precaria situação.

VIDA SPORTIVA

CICLISMO

Girardengo desafia os ciclistas de todo o mundo

ROMA, 28—O corredor ciclista Gerardengo, vencedor da volta ciclista da Italia, desafiou os corredores ciclistas de estrada de todo o mundo, para um percurso de 600 quilometros, com uma aposta de 500.000 liras.

Outro Landru em Anvers?

A opinião publica francesa está de novo alarmada com o caso de, na cidade de Anvers, desaparecerem algumas mulheres, sem que apareça justificação.

A seguir ao desaparecimento duma certa madame Saerens, a policia de Anvers fez uma busca ao seu domicilio, na rua de Bex, e ai foi encontrar uma maquina de costura e varias joias que pertenceram a M.me Coois, que tambem desapareceu misteriosamente ha cerca de três anos.

A emoção causada por esta descoberta tem sido enorme, tanto mais que a policia acaba de receber uma carta destinada á familia de M.me Saerens, em que esta declara querer viver com aquele que a tornou tão desgraçada. Os que privaram com M.me Saerens declaram não reconhecer como sua a caligrafia da carta e estão persuadidos da possibilidade de um crime.

Haverá em Anvers um emulo de Landru?

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4443-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA — Segunda-feira, 30 de Julho de 1923 — Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

As alfandegas francezas deram instruções sobre a admissão das mercadorias portuguezas, excepto no que respeita aos vinhos do Porto e Madeira

Em volta dum crime

Peor do que todos os excessos em que possa ter cahido relativamente ao caso do triplice infanticidio da rua da Escola Politecnica, a reportagem dos nossos jornais, é o ambiente, não diremos da piedade, mas da complacencia, que se tem procurado estabelecer em torno da autora desse repugnantissimo crime.

Já não falta quem a pretenda endeusar; já não falta quem procure dar-lhe atributos de alma sensivel que os seus actos, que até as suas palavras insofismavelmente desmentem.

Mostra-se essa mulher arrependida de ter assassinado os seus filhos?

De maneira alguma, e ainda mesmo que esse arrependimento surgisse, como ele seria tardio.

Em rigor, ainda pode explicar-se embora de maneira alguma se justifique, o primeiro filicidio.

A sensação de horror despertada por uma situação angustiosa, o vinco das convenções sociais, o temor da deshonra, a ideia dos sofrimentos morais da familia, da irritação dos pais, do despreso das pessoas amigas, ainda podia levar a um momento de alucinação, provocado pela raiva dessa situação desesperada.

Mas depois disso?

Depois era já o crime a sangue frio, premeditado, contando com a impunidade, o crime aceito, reconhecido como uma norma natural e logica.

Que importava a gravidez?

Quando desse á luz, a mãe converter-se-hia no algoz do fruto das suas proprias entranhas.

E já então não era licito o temor da deshonra, porque uma mulher que se entrega a toda a gente, sem rebuço, não poderia manter no misterio as suas equivocas aventuras.

Se Margarida de Borgonha da «Torre de Nesle» ainda cobria o rosto com uma mascara. Neste caso não ha torre nem ha mascara.

E que manancial de afectos reservava a filicida para os seus amantes?

Nenhum.

Ela propria o declara: nenhum dos homens a quem transitoriamente pertenceu conseguiu ateiar no seu coração a chama duma paixão fascinadora.

Tal é a exposição sob o ponto de vista moral, do caso psicologico que o drama da Rua da Escola veio pôr a luz.

Quer dizer que sejamos implacaveis com essa mulher?

Não. Todo o criminoso é um desgraçado, e a porção da sua desgraça não pode ser indiferente á consciencia dos homens.

Mas se essa mulher é desgraçada, como todos os criminosos, porque basta ter acolhido o pensamento do crime e realisado o crime, para já se ser desgraçado, o que não podemos esquecer é que o crime se perpetrou, e o crime nunca pode ser exaltado, e sim estigmatisado e punido.

Tornar essa mulher simplesmente uma victima, dar-lhe aparencias de heroina romantica, exaltar a sua belesa para que ela faça diminuir o horror das suas ações—não e não!

Seria afundar todos os alicerces da ordem moral em que se apoiam as sociedades.

O encalhe do "Marina,,

Não hove vitimas nem desastres a lamentar

Foi já desencalhado o vapor que tinha sido alugado, pelo pessoal dos Correios e Telegrafos para o conduzir a Vila Franca de Xira a fim de assistir á tourada que ontem se realisou em beneficio do sanatorio da classe.

O vapor que encalhou no Povoa foi safo pelas 11 horas de hoje tendo de madrugada um barco da policia maritima condusido para Lisboa todos os passageiros, ficando a bordo apenas a tripulação.

O ETERNO PROBLEMA

O FUNCIONALISMO PUBLICO e a carestia da vida

A formula do sr. Inocencio Camacho e as aspirações dos servidores do Estado

Tem a imprensa de Lisboa manifestado por varias formas o seu modo de ver sobre os ultimos acontecimentos que se seguiram á promulgação da lei, melhorando os vencimentos dos empregados publicos.

Uns condenam aberta e claramente a atitude dos funcionarios e outros limitam-se a narrar os factos sem outros comentarios além da confissão quasi unanime, de que aos serventuarios do Estado sobeja razão para o seu descontentamento.

Para melhor apreciação do conflito convem historial-o minuciosamente, porque na maioria dos casos ou ha parcialidade, no julgamento, ou completa ignorancia das rasões que explicam e até justificam a convulsão que periodicamente agita as classes burocraticas.

Ha quatro anos que em Portugal se tornou, num verdadeiro flagelo a vida até ahi só dificil de todas as classes menos favorecidas da sociedade.

Os operarios abriram a luta encarniçada e sem tregua contra os patrões e em consecutivas e frequentes investidas, exigiram aumento de salario. Os patrões reconheceram a razão dos operarios e resolveram comodamente o problema exigindo dos consumidores o dobro do que haviam de dar aos operarios.

Os governos, sucedendo-se uns aos outros, mercê das perturbações de ordem publica, tendo de apoiar-se nas classes menos capazes de fazer revoluções, enfraquecidos todos pela exgotante tarefa de prevenir essas tempestades sanguinarias, foram fazendo concessões sobre concessões comprando a quietação desses elementos, com autorisações não menos frequentes para as grandes companhias e os poderosos sindicatos aumentarem os preços dos seus productos.

O governo deixou que o pão, a agua, a viação, a luz e outras coisas essenciais á vida se alcandorassem em alturas inacessiveis para a maioria dos trabalhadores do Estado.

Estes, como os operarios, mas pelas vias legais e com o emprego do papel selado, exposeram ao Governo, na linguagem mais respeitosa e timida, a sua angustiosa situação de «sandwich» vasia, entalados entre essas concessões do Estado que era o seu patrão e a exiguidade dos seus ordenados cuja fixação remontava ao tempo dos Filipes, que foram considerados inimigos de portuguêses.

O Governo prometeu imediatamente um aumento.

Os comerciantes, atentos ao desenrolar deste drama, aumentaram tambem o preço dos seus artigos, ficando portanto de pé a promessa esperançosa do Governo e o aumento efectivo dos preços: unico beneficio real dessa promessa.

Apareceu então um sabio, um salvador, como a Providencia capricha em lançar nessas ocasiões de aflição coletiva.

O sr. Inocencio Camacho, depois de aturadas locubrações, fez publicar no «Diario do Governo», depois de a ter apresentado á Camara, a seguinte proclamação:

«Aos funcionarios publicos vai ser concedido o aumento de ordenado que resultá do calculo da seguinte formula:

X=2 3⋈1 ração de marujo».

Houve um alarme indiscritivel no funcionalismo.

Ninguem percebeu nada da formula, mas seria deprimente confessar essa ignorancia e assim, com um sorriso sibilino ou com um gesto de aplauso, se trocavam impressões, antevendo uma situação desafogada quando viesse a decifrar-se o enigma.

Nas camaras passou rapido o projecto e sem discussão, porque não tendo sido ali melhor compreendida do que cá fora, todos os legisladores acharam salvadora a aplicação da formula, tanto mais que não se dava vintem nem se consignava verba para isso.

Os negociantes, rejubilando com o caso e não percebendo tambem nada daquilo, á cautela, como é o espirito comercial, aumentaram mais uma vez o preço dos seus artigos, um pouco irritados por lhes parecer que a formula que continha uma raiz quadra e um x mystesioso, devia ocultar escandalo grande pela certa.

Os funcionarios, absolutamente convencidos de que nunca atingiriam a significação daquele maná matematico, como ele expressasse uma ração de marujo mais ou menos dividida ou multiplicada, aguçaram o apetite e durante muitos mezes roeram só a formula com o pensamento na ração e a esperança da raiz quadrada que os mistificava.

Emquanto durou esta orgia espiritual, viveu o governo tranquilo e os funcionarios, com o dedo espetado, apontavam aos seus fornecedores a enternecadora formula, de cada vez que estes insistiam pelo recebimento dos seus creditos.

—Você não vê, seu estupido, que logo que X seja igual á raiz quadrada de tres, que multiplica a ração d'um marujo, não vê que a nossa situação será outra? Espere, tenha paciencia!

O negociante absolutamente concorde com esta confiança, augmentou mais uma vez o preço dos seus generos e os empregados prolongaram o banquete da ração expressa e da raiz prometida. E proseguiremos...

JOÃO DIABO

PORTUGAL E A FRANÇA

As nossas mercadorias

e o regimen a que serão submetidas nas alfandegas francesas

PARIS, 30—O governo resolveu que as mercadorias portuguezas chegadas a alfandegas francesas depois do dia 15 de junho e que se prove que foram expedidas antes do dia 16 do mesmo mez serão admitidas nas condições anteriores á denuncia do «modus vivendi», isto é, pela tarifa minima.

Contudo os conhecimentos datados de 14 ou 15 de junho que acompanhem as mercadorias serão sujeitos a um exame especial. Esta decisão não se aplica aos vinhos do Porto e da Madeira cuja importação está prohibida em França, mas continua a beneficiar da prescrição dessa medida pagando os direitos da tarifa geral. O sr. Bolley, diractor geral das alfandegas expediu aos directores das alfandegas das provincias telegramas com as instruções necessarias para a execução desta decisão.—(R)

Rui Barbosa

Foi adiada a sessão de homenagem á sua memoria na redacção do nosso colega «O Mundo»

Reuniu esta tarde a comissão de homenagem á memoria de Ruy Barbosa, assistindo, entre outras individualidades os srs. Drs. Magalhães Lima, Bernardino Machado, Betencourt Rodrigues e Almeida Lima. Foi largamente apreciada a impossibilidade de amanhã se poder realisar a sessão de homenagem que está sendo preparada á memoria do eminente brasileiro, devido a não se encontrar em Lisboa o sr. Presidente da Republica, resolvendo-se ainda que a comissão vá amanhã á Embaixada do Brasil cumprimentar o sr. Dr. Epitacio Pessoa.

A sessão ficará adiada para ocasião oportuna.

Dois pareceres

Relatados pelo deputado sr. Velhinho Correia, foram distribuidos na Camara, como já dissemos, dois importantes pareceres, um relativo á proposta de lei sobre a adjudicação dos navios dos T. M. E. e o outro sobre a do imposto do selo.

Trata-se de dois trabalhos notaveis, cuidadosamente elaborados e estudando os assuntos a que se referem, nos seus minimos detalhes, demonstrativos não só do muito saber, mas de grande dedicação patriotica.

NO CAMPO MONARQUICO

Uma revolução que se prepara

Repudiando a direção dos elementos franquistas, um campo realista pretende implantar a monarquia antes de 5 de Outubro

Os monarquicos continuam, ao que parece, no proposito firme de salvar o paiz, sacrificando-se por ele, com aquela dedicação e aquele desinteresse tão sobejamente manifestados em oitenta longos anos de regimen constitucional... á sombra da carat.

Por demais sabem eles que o povo portugues, agradecido a tanta simpatia e a tanto patriotismo, se têm escusado sistematicamene a colaborar na generosa obra de libertação que os guerrilheiros da velha monarquia se propõem realisar. Mas eles é que não desistem de levar a bom termo a sua missão, com aquela... boa vontade que todos, graças a Deus, lhes reconhecemos.

Como se sabe, a direção dos trabalhos têm estado entregue a elementos franquistas. São os partidarios e os defensores da dictadura de 1907 os que desde 1911 vêm comandando as hostes de ataque á Republica, parecendo, porém, que outros correligionarios seus se mostram pouco dispostos a continuar sugeitos a tão conspicuos cidadãos.

Alegam eles que a obra realisada por Paiva Couceiro, pelo sr. Aires de Ornelas, pelo sr. Luiz de Magalhães e pelo sr. Anibal Soares — todos, como se sabe, colaboradores do sr João Franco e actuais orientadores da politica monarquica em 1907 — não tem dado, nem dará, os resultados desejados, isto é a liquidação da Republica, com a consequente implantação da monarquia.

Em face disto, agruparam-se os rebeldes em volta de um outro chefe, o sr. dr. Antonio Cabral, sob cuja direção se têm efectuado reuniões para se assentar no caminho a seguir. Dizem-nos que a elas têm concorrido alguns dos mais irrequietos elementos das hostes monarquicas, sendo proposito de alguns trabalhar no sentido de liquidar o actual regimen no mais curto praso, acabando de uma vez para sempre com as desgraças que nos consomem e inaugurando, com o restabelecimento da monarquia, uma era de bem estar e de felicidade para todas as classes.

Nesse sentido, ha na guerrilha cabralista quem afirme que a revolução estalará até 5 de outubro proximo, organisada de modo a contar-se antecipadamente com a victoria.

E' possivel que assim seja. Mas, se assim fôr, que politica seguirão os restauradores do velho regimen? Inaugurarão a era de liberdades de que se dizem despojados? Abrir-se-ha para todos aquele reinado de tolerancia, que em altos brados afirmam não existir actualmente?

As nossas informações dizem que os heroicos paladinos da santa causa — uma vez senhores dos destinos deste paiz — iniciarão uma politica de repressão, bem conforme com as ideias que dizem defender, de modo a acabar de uma vez para sempre com quaesquer pretendidas ambições de restauração republicana.

Como se vê, os propositos dos cabralistas são bastante energicos. Mas falta que a revolução triunfe, que, em seguida, a monarquia se implante, que o velho trono, ha treze anos sem servir, seja limpo da poeira, e tudo isto é mais dificil de realisar do que á primeira se supõe.

Aguardemos, no entanto, o despontar do novo dia prometido pelos guerrilheiros da monarquia, certos de que mais uma vez o povo dispensará os serviços que os inimigos da Republica lhe querem prestar.

A PENA DO SILENCIO

Razão tinhamos nós para estranhar que o sr. Cunha e Costa tivesse proferido na festa que em honra da «Casa dos Jornalistas» se realisou ha dias no teatro S. Luis.

As inconvenientes expressões de que na sua conferencia aquele se serviu, não foram só mal recebidas por nós, mas por todos os jornalistas, a tal ponto que todos os jornais cortaram a referencia que no agradecimento da «Casa dos Jornalistas» se fazia a todos quantos nessa festa colaboraram.

Assim demonstraram os jornaes o seu desagrado pelas chocarrices do conferente, dignas da mais violenta censura.

Sanatorios portugueses

NA TERRA DOS BOATOS

A ameaça duma greve geral

Ao contrario do que constou, o operariado não está disposto a cruzar os braços

Lisboa tem todos os dias um boato, como se sabe. Todos os dias alguma coisa de grave ou de complicado se anuncia — desde o golpe de Estado á vaga do calor, da queda do Governo ao regresso da monarquia, que e, como toda a gente está farta de saber, o que menos probabilidades de exito

Pois ha dois ou três dias que anda fazendo o giro da cidade o boato de que ia ser declarada a gréve geral, como protesto contra as prisões, ultimamente efectuadas, de varios militantes operarios, acusados de implicados nos barbaros atentados dinamitistas e de que foram vitimas os juizes do Tribunal de Defesa Social.

Pareceu-nos estranho que o operariado, lançando-se num movimento dessa ordem, se solidarizasse com os autores desses e outros atentados, dignos da maior repulsa e do mais severo castigo. Mas os boatos avolumaram-se, chegando á policia a tomar as providencias necessarias para evitar um possivel ataque ao Governo Civil.

Sobre as probabilidades do triunfo de uma gréve nesta ocasião, procurámos informações junto de um antigo militante operario, que, exposto o nosso objectivo, começou por nos dizer:

— O momento não é oportuno para a declaração de uma gréve geral. A classe operaria não corresponderia ao chamamento da central dos sindicatos.

— Mas a gréve não foi votada já em principio?

— Sim, foi, mas em Portugal tem-se abusado da gréve geral, desacreditando-a e hoje ninguem a teme, nem o Governo, nem os industriais. A gréve geral só deve ser declarada depois de exgotados todos os meios suasorios para questões importantes, fazendo-se-lhe a indispensavel propaganda, criando-se-lhe o ambiente necessario...

— Se os presos forem deportados?

— E' muito possivel que a classe operaria tenha de se movimentar. Mas até lá é preciso que os militantes encarem o problema da gréve de frente. Nós temos tantos exemplos! A ultima gréve geral de protesto contra o aumento de preço de pão não correspondeu, como se sabe, á espectativa e isso foi um aviso aos militantes. As desinteligencias entre comunistas e sindicalistas têm contribuido tambem um pouco para o enfraquecimento da organisação operaria.

— Mas diz-se que a gréve seria declarada hoje...

— Boatos. A C. G. T. e U. S. O. ainda têm a noção das suas responsabilidades. Sabem muito bem que um movimento geral de solidariedade leva tempo a preparar e ainda assim muitas vezes é uma derrota.

— E o que pensa sobre o atentado da Boa Hora?

— Eu sou contra todos os atentados individuais. Homens que se dizem humanitarios e avançados não têm o direito de cometer crimes como o do largo da Boa Hora e outros que para aí se têm praticado. As ideias impõem-se pela propaganda e pela persuasão e não á bomba. A nova sociedade não pode de forma alguma construir os seus alicerces sobre a dinamite.

O que vai pelo mundo

Oferta tentadora de um editor

LONDRES, 30.—O editor norte americano Goldwar telegrafou para Paris ao principe árabe Hamedo oferecendo-se para lhe comprar a propriedade das suas memorias se nelas se relatam as suas relações amorosas com a celebre bailarina russa Wera Brastilava e o motivo porque se tornou mudo voluntariamente devido a ter sido desdenhado.

O sr. Golwar oferece-lhe cinco dollars por linha de texto impresso e 15 dollars por linha de cada carta autografa que lhe entregue.—(R.)

Afonso XIII e os republicanos

SALAMANCA, 30—Quando o soberano esteve nesta cidade para inaugurar o Congresso das Sciencias, conversou varias vezes com o alcaide republicano D. Frederico Anaya. Nessas conversas o alcaide respondendo a perguntas do soberano disse-lhe que tinha sido militar e que tinha tomado parte nas campanhas das Filipinas tendo sido condecorado com duas cruzes vermelhas e uma cruz branca.

O soberano perguntou-lhe porque as não ostentava tendo o Sr. Anaya respondido que tinha muito orgulho nelas, que as ostentava variadas vezes, mas que sendo as insignias grandes, não as podia usar simultaneamente com a sua insignia de alcaide. Depois falaram de outros assuntos.

Agora o alcaide acaba de receber uma expressiva carta do secretario do rei, enviada de S. Sebastian e acompanhando um passador de prata com tres cruzes em tamanho reduzido. Nessa carta se diz que sabendo El-Rei o orgulho com que o Sr. Anaya possue as suas cruzes tem muito prazer em lhe dar assim ocasião de sempre as usar. — (R.)

O Sr. PRESIDENTE DA REPUBLICA

vae visitar o Algarve

As associações economicas e Camaras Municipaes do Algarve convidaram o sr. Presidente da Republica a visitar oficialmente aquela provincia.

O ilustre Chefe do Estado recebeu com a maior simpatia o convite, declarando que, apesar de o seu estado de saude ser bastante melindroso, teria o maior prazer em visitar a prospera e encantadora provincia.

E' quasi certo que, por todo o mez de Outubro, o Sr. Dr. Antonio José d'Almeida realise essa visita, que é aguardada no Algarve com o maior interesse.

UM REPARO...

Os versos de Junqueiro

estão escandalosamente errados

E' assim mesmo: os versos de Junqueiro, nas ultimas edições dos seus livros, estão escandalosamente errados. Não é, evidentemente, culpa do poeta, que nunca em sua vida deve ter errado um verso. A culpa é toda dos editores, que atiram para a rua com volumes mal revistos na ansia da ganhuça, sem respeito nenhum pela memoria do extraordinario lirico que tanto dinheiro lhes dá a ganhar. A propria pontuação está inteiramente fóra do seu logar, o que torna esses volumes, a par do péssimo papel empregado, simplesmente horriveis, não obstante os preços altos porque se vendem.

Bem sabemos que todas as pessoas de mediana cultura dão com facilidade pelos erros, não os atribuindo a Guerra Junqueiro. Mas revolta vêr assim tratadas as maravilhas que o Poeta escreveu e que em sucessivas edições continuarão a ser estropiadas, se ninguem acudir a dar-lhes a forma que se encontra nas primeiras edições.

A obra de um artista deve ser sagrada e nenhuma arte é mais melindrosa que a poesia. Faz pena, pois, vêr que nem sempre ha por parte dos livreiros aquele carinho que era de esperar pela obra dos autores que editam. Nos livros de Junqueiro, cujos versos são de uma tão estranha e divina harmonia, esse desinteresse sente-se, por isso mesmo, mais do que em quaisquer outros. O mal está feito e como já não tem remedio nós só desejamos que nas futuras edições ele se remedeie, dando aos versos do Poeta todo o explendôr que o fez celebre.

Santos Dumont

Acompanhando o cadaver de sua mãe, que amanhã seguirá para o Brasil a bordo do «Lutetia», chegou hoje a Lisboa, vindo do norte, o ilustre aviador brasileiro sr. Santos Dumont, que se hospedou no Avenida Palace.

O que será a proxima epoca literaria

Os prosadores. Os poetas. Versos. Romances. Chronicas.

A pouco mais de dois meses da proxima «saison» literaria, pareceu-nos interessante faser uma previsão. Desde já se póde anunciar uma revoada de livros muitos deles destinados certamente a um grande exito de livraria. No intuito de elucidar os nossos leitores, «A Capital», jornal das mais nobres tradições literarias vai hoje levantar uma ponta do véu e revelar o que sabe sobre os livros que surgirão nas montras como proximos figurinos de inverno:

PROSA

De RAUL BRANDÃO: — «Os pescadores» (impressões).

De AQUILINO RIBEIRO:—«Lapides partidas» (romance, edição Aillaud); «Um estudo sobre Stuart Carvalhães» (edição da Novela Sucesso).

De JULIO DANTAS: — «O heroismo, a elegancia e o amor» (conferencias, edição Portugal-Brazil).

De JOÃO DE BARROS:—«O grande Brasil» (editor Aillaud).

De ANTONIO FERRO: — «Batalha de Flores» (crónicas, editor Antunes).

De JOÃO AMEAL: — «Os notivagos» (novela, edição da Lumen).

De RICARDO JORGE: — «A proposito de Pasteur» (edição da Portugalia).

De PIRES DE LIMA: — «Terra em fogo» (romance, edição da Portugalia).

De JOÃO DE CASTRO: — «A ditadura nacional» (edição da Luzitania); «Camilo Pessanha» (idem).

De D. ANA DE CASTRO OSORIO: — «A grande aliança», Mundo novo» (romance); «Olhi...» (edições da Lusitania).

De REINALDO FERREIRA: — «João de Portugal» (romance de aventuras, edição Luzitania).

De JORGE SAN BAZILIO: — «Os barbaros» (novela).

De LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES: — «Arte de conhecer mulheres (edição da Luzitania); «Saias Curtas» (edição da Novela Sucesso); «As blagues do dr. Bonifrates» (edição da Lumen).

De EDUARDO FRIAS: — «Os forçados» (novela, edição da Novela Sucesso).

De JULIÃO QUINTINHA: — «Terras de fogo» (novelas).

VERSOS

De AMERICO DURÃO: — «A Lampada de Argila» (sonetos).

De JOÃO BOTO DE CARVALHO. — «A Sombra de Icaro» (edição Aillaud).

De ALBERTO OSORIO DE CASTRO: — «Poemas completos» (edição da Luzitania).

De ANTONIO ALVES MARTINS: — «Mulheres de benção».

De JOÃO DE CASTRO: — «O clamor» (tragedia); «Inêz» (edições da Luzitania).

De CORREIA DA COSTA: — «D Sebastião» (novela).

DE MARIO ALVES PEREIRA :— «Exilio».

Mais se anunciam desde já o «In Memoriam» ao Conde de Sabugosa, organisado pela Livraria Portugalia e um numero especial da «Novela Sucesso» com ilustrações.

As grandes companhias

Ao que nos informam de boa fonte, a Companhia dos Tabacos vai aumentar o seu capital, constituindo um poderoso sindicato.

Tambem as Companhias Reunidas Gaz e Electricidade vão elevar a 55.000 contos o seu capital.

ULTIMA HORA

A Alemanha e as potencias

As divergencias entre França e a Inglaterra

LONDRES, 30 — O snr. Moneill sub-secretario do ministerio dos negocios estrangeiros, discursando em Herne Bay, disse: «E' absolutamente verdade que existem divergencias de opinião entre nós e os nossos aliados franceses.

Isto é inevitavel, mas essas divergencias estão sendo examinadas amigavelmente e não são divergencias de principio mas de metodo e são muito menores do que se pode supor pela leitura dos jornais dum e doutro paiz. O snr. Maoneil acrescentou: Não consentiremos que se dê qualquer afastamento e que se estabeleça uma atmosfera de inimizade entre a Inglaterra e a França. E' preciso não esquecer a recente afirmação de lord Carson que é profundamente verdadeira que um dos elementos estaveis no mundo é a aliança anglo-franceza e que sem ela não haveria esperança de paz.» — (R.)

Keynes e o plano francez

PARIS, 28 — O economista britanico Keynes publicou um artigo no jornal francez «Ere Nouvelle» em que se refere ao plano de reparações exposto em Janeiro. Constata que nele se encontraram grandes pontos de acordo nas bases seguintes: 1.º redução da divida alemã a 50 biliões; 2.º a percentagem desta soma segundo a percentagem de Spa; 3.º anulação das dividas inter-aliadas.

O «Journal des Débats» acentua a importancia da adesão ao plano das reparações francez pelo economista inglez que nem sempre foi justo relativamente ás reivindicações da França. — (R.)

Poincaré e a contra-proposta inglesa

LONDRES, 30 — Nos meios londrinos o que se ouve é que o snr. Poincaré evitar dar uma resposta direta apresentando contra-proposta á nota inglesa. O governo inglez parece estar disposto a enviar ainda esta semana uma nota separada á Alemanha, apesar do ministerio não estar todo de acordo, mas sendo essa a opinião da maioria. — (R.)

Os franceses farão cessar a resistencia alemã

PARIS, 30 — O correspondente do «Daily Mail» em Dusseldorf telegrafa que «se os franceses se mantiverem no Ruhr, determinarão certamente o desmoronamento de toda a resistencia no interior e exterior. — R.

As respostas da França e da Belgica

PARIS, 30 — As respostas da França e da Belgica á nota britanica devem ser entregues amanhã no Foreign Office. — H.

A exposição do Rio

Factos e responsabilidades

que o inquerito a que está procedendo o sr. dr. Ultra Machado

pode vir a demonstrar...

A representação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro, que tanto tem dado que falar, não tardará muito a ser um excelente motivo para um folhetim de culminante interesse. O inquerito a que está procedendo o juiz sr. dr. Ultra Machado chegou ao fim. O ilustre magistrado está já elaborando o seu relatorio que, amanhã ou depois, deve ser entregue ao sr. ministro do Comercio.

Isto é já sabido. O que se ignora é o que dirá o sr. dr. Ultra Machado. Ignora-se — e é dificil supor porque o sr. dr. Ultra Machado é uma esfinge. Ninguem consegue arrancar-lhe uma palavra. E' por isso que s. ex.ª desmente o boato em voga, de que vão ser levantadas as imunidades parlamentares ao deputado sr. Malheiro Reimão que dirigiu, como engenheiro, as obras dos nossos pavilhões.

* * *

Apertado com pergunta a respeito da situação do sr. Malheiro Reimão, o sr. dr. Ultra Machado disse apenas isto:

— Não está certo o boato, de que um jornal se fez eco.

«Antes de se levantarem as imunidades a um parlamentar, será preciso pronunciá-lo...»

Mas o sr. dr. Ultra Machado não quiz dizer se o pronuncia atingirá o sr. Malheiro Reimão...

Ha, porém, um amigo nosso, que acompanhou ao Brasil o sr. Lisboa de Lima, que nos presta os informes que o sr. Ultra Machado não poude fornecer-nos.

Diz-se, por exemplo, que a casa Terra & Irmão, do Rio de Janeiro, á qual foram adjudicadas as obras da fundação dos pavilhões, reclama do Estado o pagamento de 400 contos — tendo já recebido muito mais do que isso. Quando o sr. Lisboa de Lima chegou ao Rio de Janeiro, uma das primeiras visitas que recebeu — foi a da factura da casa Terra. Recusou o pagamento — por lhe ter dinheiro... A legitimidade das contas tem sido impugnada — mas parece que a Procuradoria Geral da Republica, lhes dará parecer favoravel, como tem acontecido com as demais consultas que o sr. ministro do Comercio lhe tem dirigido.

* * *

Em virtude do inquerito a que se está procedendo, a situação do sr. Malheiro Reimão parece que não deixará de ficar um pouco abalada. Os seus creditos de engenheiro, por exemplo, diz-se que ficarão um pouco abalados. O estudo da reclamação da casa Terra foi confiado a uma comissão tecnica e as conclusões para que essa comissão se encaminha, não envolvendo a honra pessoal do sr. Malheiro Reimão, podem, no entanto, ferir com certa gravidade, a sua probidade profissional.

* * *

E' claro que isto são suposições. As pessoas que interveem na organisação do processo não dizem uma palavra, não desmentem nem confirmam o mais insignificante boato. Em todo o caso, do que deixamos dito, pode acontecer que alguma coisa fique...

Falta de dinheiro

O ex-Kaiser vende as joias da imperatriz

HAIA, 30. — Os mortos vão depressa. Mas parece que mais depressa ainda vai o prestigio pessoal. O ex-Kaiser, que em 1914 estava cercado do prestigio que lhe dava a sua qualidade de chefe de um dos maiores e mais ricos estados da Europa, encontra-se actualmente a braços com dificuldades de toda a especie e quasi esquecido num recanto deste paiz.

As suas faltas de dinheiro parece que são frequentes e dai a imperiosa necessidade de ir vendendo algumas das suas coisas de maior valor. A morte da ex-imperatriz veio proporcionar-lhe a ocasião de fazer frente por algum tempo ás dificuldades da vida.

Tendo-a esquecido depressa, não só casou segunda vez, mas, por intermedio de um joalheiro alemão, acaba de vender as joias que a ela pertenciam, algumas de uma grande riqueza.

A eleição presidencial

O sr. Jaime de Sousa foi a Paris

E' provavel que, por isso, o sr. Teixeira Gomes deixe de ser candidato á presidencia...

O deputado sr. Jaime de Sousa, cujas afinidades com o sr. Afonso Costa são transparentes, partiu para Paris — com uma demora curta.

— Fazer o quê?

Não se sabe. O sr. Jaime de Sousa é a discreção em pessoa. Quando se lhe dirige uma pregunta, sorri.

Apesar do misterio em que o sr. Jaime de Sousa envolveu a sua viagem subita, parece que alguma coisa se apurou a respeito dela.

Consta, por exemplo, que é a eleição presidencial, que preocupa imenso os parlamentares democraticos, o objecto da ida a Paris do sr. Jaime de Sousa, como embaixador especial do seu partido junto do seu antigo chefe.

A candidatura do sr. Teixeira Gomes não é só muito bem vista pela maioria democratica. Ha, mesmo, quem lhe tenha oposto uma resistencia invencivel. E não se julgue tratar-se de meia duzia de caturras ou de puritanos. A candidatura do sr. Teixeira Gomes mau grado a recomendação expressa e interessada do sr. Afonso Costa, é, por assim dizer, uma candidatura furada. E' isto que o sr. Jaime de Sousa terá ponderado ao sr. Afonso Costa, pedindo-lhe a graça de uma transigencia que satisfaça a todos.

E, segundo as nossas informações, o sr. Afonso Costa, desejando, sobretudo, a harmonia no seu antigo partido, transigiu, aceitando, porventura, o nome que o sr. Jaime de Sousa lhe indicou.

O que parece averiguado, é ter o sr. Afonso Costa, graças aos bons oficios do sr. Jaime de Sousa, enviado para Lisboa telegramas manifestando o desejo de ser eleito o sr. dr. Augusto Soares. Nestas condições, o partido democratico carregará no nome do sr. dr. Augusto Soares, embora os nacionalistas recusem votar nele. Nem por isso o sr. dr. Augusto Soares deixará, porém, de ser eleito...

O que se diz da eleição no Parlamento

O Parlamento está agora sereno como uma ordem de frades ricos á hora da sesta.

Nervos frouxos, eloquencia insipida. Quando em vez, o dr. Ox invade caricaturalmente está tranquila Quinquindonia e escavaca duas tampas de carteira.

E' ali, pela secção das oposições, o sr. Antonio Maria da Silva, no fustiar dos ataques, destilra placidamente á sua pêra simbolica, deitando um olhar ironico para o seu adversario, o sr. Sá Pereira, e todos nós percebemos:

— Isto passa. Se Deus quizer, não ha de ser nada.

De facto, não ha de ser nada, nem tem sido nada. As hostes nacionalistas vieram ás justas e torneios de lança de cana verde e escudo de palha. Não arrancaram um botão ao fraque do sr. presidente do Ministerio. O Governo seguirá, de caminho desbravado, até ao fim do seu natural destino. Gréves parlamentares, renuncias, madrugadas exaltadas deram nisto: uma sonolencia enfadonha de 33 graus á sombra.

Achamos bem com o cambio a 12...

* * *

O estribilho: — afinal quem será o futuro Presidente da Republica?

O sr. dr. Hermano de Medeiros:

— Nunca votei nem votarei em Bernardino Machado. Nem preso. Nem em artigo mortis.

O sr. Anibal de Azevedo, com o sr. Sá Pereira, que, como se sabe, é Bernardino tão estruturalmente, que nele se realizasse o fenomeno espirita do desdobramento da personalidade, lhe daria, pelo menos, dois votos:

— Eleito Teixeira Gomes, espirito de «élite», o grande diplomata que na exigente côrte de Londres continuou a diplomacia do marquês de Soveral.

— Mas, perguntamos a ambos, se o seu partido fizer da eleição questão fechada?

— Nenhum partido pode fazer de tal natureza uma questão partidaria. Se o meu partido, por exemplo, escolhesse, um dos nomes que veio á publicidade, eu não votaria nele, mesmo com risco de ser irradiado — diz-nos o sr. Sá Pereira.

* * *

O facto é que em nenhum dos lados da Camara está ainda indicado um nome embora estejamos a uma semana do grande acontecimento politico.

* * *

Os jornaes anunciavam para hoje uma reunião do grupo parlamentar democratico para se ocupar da eleição. Não se realisa hoje, mas sim depois de amanhã, ás 13 horas nas salas do Parlamento.

A's 14 horas de amanhã reunem tambem os nacionalistas.

* * *

Está posta de parte a ideia da prorogação da sessão parlamentar

GENTE QUE TRABALHA

A inauguração de uma fabrica

Realisou-se hoje, com grande brilhantismo a da nova fabrica da Companhia Portugal e Colonias

«A Capital» tem sempre o maior prazer em demonstrar que, ao contrario do que muitos dizem, se trabalha, e folga em apontar aqueles que para o engrandecimento do paiz contribuem de algum modo. Ha quem, por um espirito de perversão pouco em harmonia com o patriotismo que dizem possuir, faça, a proposito e a desproposito de tudo, uma propaganda negativista, que de modo nenhum se conforma com o interesse que o povo portuguez está manifestando por tudo quanto diga respeito ao alargamento do trabalho.

Sugere-nos estas linhas a festa a que vimos de assistir para inauguração da nova fabrica que a Companhia Industrial Portugal e Colonias acaba de abrir na Rua 24 de Julho e que ficará sendo, sem duvida, a mais ampla e a mais completa de quantas no seu genero hoje existem em Portugal.

Na rapida visita que fizemos ao grandioso edificio, verificámos que tudo ali está magnificamente disposto, tendo os maquinismos, que foram executados nas oficinas da Companhia, possibilidades de uma producção diaria de 90.000 quilos de massas.

No primeiro pavimento e numa galeria lateral foram montados quatro amassadores mecanicos para onde a farinha é transportada depois de pesada automaticamente, sendo ali preparada a massa que, pelo seu peso, é enviada para as sete galgas, que completam a primeira operação, ficando, então, a massa pronta a ser prensada. Essas prensas, em numero de 11, são de uma complicada mecanica e permitindo um trabalho continuo e estão instaladas numa ampla e magnifica sala do rez do chão, funcionando a uma pressão de 250 atmosferas, fornecidas por um grupo de bombas e acumuladores hidraulicos, sendo a massa introduzida nas mesmas automaticamente. Por meio de formas aplicadas ás prensas, obtém-se os diversos tipos de massa, que são em seguida enviados automaticamente para a secagem, que fica situada no ultimo pavimento do edificio por meio de transportadores mecanicos. Esta operação é a mais delicada do fabrico e da forma como é conduzida depende o aspecto, a côr, o gosto e a conservação do produto; se fôr muito rapida, a massa estala, torce e a humidade interior fica retida na massa e prejudica a sua conservação.

Foi ela que mais prendeu as atenções do organisador da nova fabrica sr. José Carreira de Sousa, possuindo aparelhos magnificos baseados em principios scientificos cuidadosamente estudados e com uma capacidade de secagem para 100.000 quilos diarios.

Em todo o vasto edificio se nota o maior asseio, existindo balnearios para todo o pessoal e, com eles e ao lado deles, tudo quanto se possa exigir nesse sentido.

Em um dos grandes salões foi levantado um interessante moinho de vento, com as suas velas tendo ao lado uma interessante reconstituição dos primitivos processos do fabrico de pão. E' uma nota curiosa, que chama a atenção dos visitantes, pelo contraste que se nota com os atuais processos em que a maquina impera.

A inauguração da fabrica

A festa de inauguração da fabrica decorreu brilhante, comparecendo numeras pessoas, entre elas grande quantidade de deputados e senadores, industriais, comerciantes e jornalistas, os quais eram recebidos pelos srs. Eduardo Reis, Raul Monteiro Guimarães, José Carreira de Sousa, José Reis e Correia Guedes.

Os visitantes, entre os quais vimos o sr. presidente do Ministerio e general Correia Barreto, presidente do Senado, percorreram as varias dependencias do edificio, que se achavam lindamente engalanadas.

Ao acto da inauguração presidiu o sr. Correia Barreto, a quem coube a missão de mover a alavanca electrica que devia pôr em movimento todas as maquinas da fabrica.

Usando da palavra, em nome da empreza que representa, o sr. Eduardo Reis leu um pequeno discurso, em que acentuou que a Companhia Portugal e Colonias, inaugurando com grande prazer mais uma fabrica, demonstrava mais uma vez a fé que a anima nos destinos da Patria. Falou do trabalho e da conveniencia de desenvolvê-lo de dia para dia, levando os nossos produtos aos paizes estrangeiros. A fabrica que se inaugurava naquele momento é a realização de uma pequena parte de um largo plano que a Companhia Portugal e Colonias tem elaborado. Por ultimo, afirmou de novo a sua fé nos destinos de Portugal e agradeceu a presença de todos os convidados.

O sr. Correia Barreto declarou que todos os dias verifica que o paiz trabalha, animado de uma vida intensa, que é a melhor promessa de um futuro melhor. O paiz tem administradores e tem quem queira vê-lo engrandecido, terminando por acentuar a simpatia que lhe merecem iniciativas como aquela que ali se festejava.

Em seguida, fez mover a alavanca a que já nos referimos, estabelecendo-se em toda a fabrica um grande ruido de motores. Esse momento foi impressionante, sendo o acto coroado com uma salva de palmas.

Efectuada a inauguração, serviu-se um delicado «lunch» a todos os convidados, trocando-se brindes muito afectuosos e de inteiro aplauso á iniciativa, devendo á hora a que escrevemos estar a realisar-se o jantar de solidariedade entre patrões e operarios e que a Companhia oferece aos trabalhadores das suas fabricas.

O CAMBIO

A libra fechou hoje a 115$00 e 117$00 Esc.

A ex-rainha Amelia

visitou o duque Filipe d'Orleans

PARIS, 30 — Dizem os jornaes de Paris que o duque Filipe de Orleans tem estado gravemente doente e que a ex-rainha de Portugal D. Amelia o visitara duas vezes na semana passada. — H.

Novela Sucesso

«A Ruiva»

Acaba de ser posto á venda o ultimo numero da «Novela Sucesso». «Contem uma pequenina obra prima de D. Remon Gomez de La Serna, o grande escritor espanhol tão curioso e tão apreciado. Prefacia-a Antonio Ferreo e a secção de critica literaria deste jornal a ela se referirá oportunamente.

A falta de peixe

Devido a não estar ainda solucionada a gréve dos pescadores, não apareceu hoje no mercado peixe grosso, á venda, o que fez com que a sardinha fosse vendida ao preço de 1$20 a 1$50 a duzia.

A Alemanha agita-se

PARIS, 30. — Noticias de Berlim dizem que a situação na Alemanha se agrava, reinando grande agitação, devido ás dificuldades economicas e financeiras. O orgão do partido catolico do Centro Germanico declarou que o gabinete Cuno não tem a confiança do povo e solicita do Rewchstag que proceda, se chegar á conclusão de que o gabinete não tem força para dominar a situação.

O ataque do orgão do partido catolico é o mais rude que até agora foi dirigido ao gabinete Cuno, sendo digno de nota que vem de um partido burgês dos mais fortes em que o governo se apoia. Os outros orgãos do partido atacam tambem vivamente o governo sobresaindo no ataque os mais intimos amigos do ex-chanceler Wirth. Por toda a parte se fala em crise ministerial. Ainda não se conhece bem a opinião dos socialistas que são o partido mais forte dentro do Parlamento é que se tinham comprometido a não criar dificuldades ao gabinete Cuno porque estando este a braços com a questão do Ruhr deixavam dar-lhe todas as facilidades para que ele pudesse resolver essa questão. No entanto nos ultimos tempos os socialistas mostraram-se menos benevoles devido á inercia do senhor Cuno.

Varias comissões secundando o gesto do burgomestre de Berlim teem solicitado ao governo que proceda de fórma a que a cidade seja rapidamente abastecida de viveres para evitar acontecimentos graves que podem estar iminentes.

Na Saxonia, onde o governo não proibiu as manifestações anti-fascistas, houve muitos comicios que protestaram contra as manobras do fascismo alemão. Em Munch, apesar da proibição, foram colocados muitos cartazes nas esquinas, convidando os habitantes a assistir aos comicios de protesto contra os fascistas, esperando-se que se deem colisões com a policia. — (R.)

que deve ser interrompida a seis de Agosto.

A questão dos tabacos, lei do sêlo, contribuição de registo e outros importantes instrumentos de administração ficam para depois.

Isto prova que a vida economica do paiz segue á maravilha com o que só temos que folgar.

Ordem publica

Não se confirmou o boato de uma greve geral para hoje

Como dizemos em outro logar nos ultimos dias correram boatos de que ia declarar-se uma greve geral em sinal de protesto pelas prisões de bombistas realisadas nos ultimos dias.

A U. S. O. chegou a convocar uma reunião das classes operarias a qual não teve o exito que se esperava o que deve ter deixado desapontados aqueles que estavam trabalhando para estabelecer a desordem e a confusão em Lisboa. Tambem a visita aos presos de S. Julião da Barra não teve concorrencia, podendo calcular-se em 150 o numero de pessoas que acederam ao convite d'«A Batalha».

Tendo falhado pois em absoluto o apoio reclamado pelo porta-voz da organisação operaria portugueza, não é para admirar que a greve geral anunciada em segredo para hoje se não efectivasse, como já acentuamos na 1.ª pagina. Todos os operarios compareceram nas suas fabricas ou oficinas, não se tendo registado o menor esboço de movimento ou de alteração da ordem.

A policia esteve no entanto de prevenção rigorosa desde as 4 da madrugada até ás 13 horas.

Os bombistas

Foram hoje presos mais 3

A policia de segurança do Estado ainda não deu por concluidas as suas diligencias sobre os ultimos atentados e tanto que a brigada que está procedendo a investigações ainda hoje efectuou tres prisões.

Os presos que são Francisco da Silva Gomes, Alfredo Pereira Vaz e Vanzelino dos Santos Costa tiveram interferencia em varios atentados tendo colocado bombas de rastilho em diferentes pontos. Está já averiguado que o Santos Costa, considerado como o mais perigoso dos tres teve interferencia em varios atentados pessoaes incluindo o de ha dias no Largo da Boa-Hora, contra os juizes do Tribunal de Defeza Social. Todos eles se encontram na mais rigorosa incomunicabilidade.

Uma conspirata monarquica?

Os jornais da manhã noticiam que a policia foi a noite passada fazer uma busca ao Suisse Atlantique Hotel na rua da Gloria onde aprehendeu uma mala com petardos e efectuou 4 prisões.

Os explosivos referidos são nem mais nem menos que pequenos engenhos destinados a ser colocados nos carris dos electricos e a produzir alarme á passagem dos carros.

As prisões noticiadas foram feitas antes das buscas por haver denuncia de que um hospede do referido hotel e tres creados estavam implicados numa conspirata monarquica.

Os presos que se encontram na mais rigorosa incomunicabilidade são: Joaquim de Gouveia Coutinho, Francisco da Costa, João Baptista Jordão e Maria Candida, o primeiro hospede e os restantes creados.

Parlamento

Nos Deputados

Aberta a sessão, sob a presidencia do sr. Alberto Vidal, o sr. Cancela de Abreu ocupou-se do problema das reparações e do «modus-vivendi» com a França, solicitando esclarecimentos ao sr. ministro dos Estrangeiros, que lhes prestou garantindo serem animadoras as negociações já realisadas.

Seguidamente, vota-se a discussão do projecto relativo ao jogo de azar.

O sr. Carlos de Vasconcelos reconhou que o governo mande fechar as portas de clubs só por suspeita de que nelas se jogue e o sr. Sampaio Maia declarou-se partidario da regulamentação.

O sr. Paulo Menano foi de parecer que se deve fazer a repressão regulamentada com severas criminações, e o sr. Cancela de Abreu analisou algumas disposições do projecto, propondo a eliminação do artigo 4.º, o que se rejeita, aprovando-se apenas a eliminação do paragrafo unico, proposta pelo sr. Carlos de Vasconcelos.

A sessão continua.

Funcionarios publicos

O pessoal menor das secretarias de Estado no Parlamento

Uma comissão delegada da Associação do Pessoal Menor das Secretarias de Estado acompanhada de grande numero de colegas seus, foi hoje ao Parlamento, agradecer ao deputado sr. Torres Garcia a defesa que tem feito da classe.

A comissão pediu ao mesmo tempo áquele deputado que patrocinasse as reclamações do pessoal menor no que dizia respeito a equiparações.

O crime da Rua da Escola

O general sr. Garcia Guerreiro foi hoje citado para abandonar a casa

Tendo o sr. Antonio Judice Magalhães de Barros, actual proprietario do predio onde vivia a familia do general sr. Garcia Guerreiro, solicitado o despejo deste oficial, a fim de lhe ser entregue a casa, sob o pretexto de que o contracto de arrendamento por ele celebrado não consta de titulo autentico ou autenticado, foi hoje efectuada essa citação por ordem do juiz por onde corre o processo da filha do general, sr. dr. Magalhães de Barros, e que é irmão do proprietario do predio.

Boas Novas

No gabinete dos reporters no Governo Civil foram hoje recebidos dois radios dos passageiros do vapor «Beira» participando que seguem bem e saudam as familias.

Os gatunos

Nem no Governo Civil...

No calabouço 5 do Governo Civil encontra-se preso por qualquer delito Raul Dias que, tendo por companheiro de prisão Antonio Pereira, foi por ele roubado, ficando sem um relogio e a quantia de 200 escudos.

— Encontra-se presa Justina Dias da rua das Almas, 37, 1.º, por ter furtado uma carteira com 1,600 escudos a Santiago Lopes, rua 1.º de Maio, 26, 1.º

— Isabel dos Santos Nascimento, calçada do Carmo, 6, 3.º, queixou-se de que seguindo n'um electrico lhe furtaram uma pulseira com relogio cravejado de brilhantes avaliado em 1,000 escudos.

O aerostato que fugiu

foi cair proximo do Pinhal Novo

Tendo ontem, de manhã, quebrado as amarras em Alverca um balão cativo, que desapareceu para os lados de Setubal, verificou-se ter caido nas proximidades do Pinhal Novo. Soube-se, porém, que alguns populares, não sabendo o que aquilo era, tanto fizeram nele, que o inutilizaram quasi por completo.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiram hoje no rapido para o Porto, os srs. Norberto Augusto Carvalho e Fernando Fernandes Garcia.

Para Vidago seguiu o sr. Luiz Cebola.

Chegaram da Figueira o sr. Joaquim Ereira e sua esposa.

OS CONTOS DE "A CAPITAL,,

O tesouro escondido

(Adaptação do francez)

Um velho camponio, esperto como a raposa e amealhador como a formiga, tinha dois filhos e uma filha.

Pedro, o mais velho, de genio arrebatado, casara cedo, mas como a mulher fosse muito dada á garridice, pouco ou nada juntava esse casal.

José, o do meio, solteiro ainda e com fama de valentão, frequentando as tabernas mais do que seria para desejar, dificilmente encontraria cachopa remediada que o desposasse.

Maria, a mais nova, trabalhadora e economica, logo desde os dezoito anos achára, entre varios pretendentes, um rapaz economico e trabalhador como ela, que a levara á igreja, e esse casal era feliz.

Ora o velho matreiro que conhecia a sua gente como nos seus dedos, sentindo um dia chegar a hora derradeira, juntou os filhos e disse-lhe entre misterios, que eles de começo apenas tomaram por tonterias senis, que, quando ele morresse, não vendessem os bens, pois neles havia enterrado um valioso tesouro.

A's insistencias dos rapazes para que designasse em qual dos predios depositara as suas riquezas, se na vinha, se no lameiro, se no tojal, nada mais adeantou, vindo a falecer sem desvendar o segredo.

Enterrado o velhote, logo os irmãos se juntaram, concordando que os bens ficassem indevisos, pois se o tesouro viesse a aparecer no prédio que cada um herdasse, com certeza que o feliz descobridor nada doria aos irmãos. E estando o casal indeviso, quando o peculio surgisse, seria dividido pelos tres, como era de direito.

Porem a Maria, foi da opinião, que o marido confirmou, de que seria melhor repartir a herança e como não quizesse bens de raiz, mister foi, pois tinha por si a lei, entregarem-lhe os dois irmãos o seu quinhão em dinheiro.

Em resumo, Pedro e José ficaram individados e Maria com valores realisados, com os quaes se foi estabelecer na vila mais proxima, no negocio de vinhos e mercearia.

Os dois rapazes, senhores de todos os bens, começaram a pesquisar com certa ordem, na vinha primeiro, depois no campo, em seguida no tojal; mas como nada encontrassem, era já febrilmente que revolviam a terra aravel, chegando dentro em pouco a perfurar o mesmo sub-solo e de tal sorte, que arrancaram as cepas, revolveram o lameiro e talaram o montado, ficando sem vinho, sem pão e sem estrumes...

Uma tarde, Pedro desanimou e disse ao irmão que lhe entregasse a sua parte, pois com metade do valor da herança, pagaria o dinheiro que pedir para tornar á irmã e embarcaria para o Brasil; estava farto de procurar o que nunca existira...

Volveu-lhe o outro rancorosamente que nada lhe daria, pois ele Pedro, é que lhe devia metade do tesouro encontrado ás ocultas... «Ladrão que me levas a minha parte e ainda queres o valor das terras que tornaste maninhas!»

Os animos exaltaram-se e o vinho ajudando, a questão transformou-se em contenda e esta em desordem sangrenta.

Pedro desfechou uma pistola e José, sentindo-se ferido, apunhalou o irmão em pleno coração; a mulher do mais velho, correndo em defesa do marido, teve sorte igual...

José, meio doido, a gotejar sangue, procurou em vão o fatidico tesouro, indo a justiça encontra-lo em pleno saque das caixas e bagagens do pobre Pedro.

O assassino foi julgado e condenado no maximo da pena, o que lhe tirou todos os direitos civis politicos.

Assim, Maria ficou senhora de todo o casal do velho que fôra seu pai, sem nunca, apesar d einstada, se resolver a vendelo. Nada rendia, é certo, mas tinha nascido ali! Dizia ela.

Sucedeu que um engenheiro agronomo, passando por acaso na aldeia, reparou que entre a boa terra cultivada estivessem aqueles campos ao abandono. Contaram-lhe então a tétrica historia do tesouro, que o interessou, parando para ver melhor o teatro de tantas desgraças.

A sua atenção foi despertada, naquela terra revolvida de tão fundo, por uns fosseis minusculos, cujo sabor provou na ponta da lingua e cujas amostras, a outras juntas, levou para analisar.

E o caso foi que encontrando-se em presença de um jazigo de fosfatos com o rendimento superior a vinte e cinco por cento, foi propor a compra dos prédios á proprietaria.

Esta fez render o negocio, recusando de começo qualquer entendimento, até que o preço subindo, por tentador a resolveu.

E a Maria, na tarde em que realisou a transação, exigindo ainda uma larga co-participação nos lucros da empreza, que se formara para a exploração dos depositos fosfatados, disse para o marido: — Não, não, o pai não nos enganou quando confessou que o casal continha uma riquesa tamanha! Pela producção das terras suspeitava o que havia por baixo... Estamos ricos, nós que nada buscamos!

Tens rasão, segredou-lhe o marido gratamente, o velho tinha um tesouro mais valioso do que esse, que o engenheiro descobriu... Esse achei-o eu ha muito, porque és tu, minha Maria!...

MAGA.

Uma mulher

Pearl Wich, a formosa «Perola Branca» que, pela sua formosura e prodigioso talento tanto se tem evidenciado na Arte do Silencio, veio maravilhar-nos com o seu soberbo trabalho na pelicula «Uma mulher».

A «matinée» de hoje no Salão Central trasbordava de admiradores da celebre comediante, na delicia dos seus innumeros encantos, na admiração da sua sublime interpretação.

A acção da pelicula «Uma mulher» desenrola-se em 6 magnificos actos, cheios de verdade, de ensinamento e de moral.

Estreou-se na função da tarde e repete-se na da noite, para alegria das pessoas que não conseguiram bilhete para tão grande acontecimento cinematografico.

Mais uma vez tambem será exibido o «film» americano «A ferro e fogo», magistralmente desempenhado pelo insigne actor Hoot Gibson, bem como a comedia em duas partes, «Meninas do côro», uma autentica fabrica de gargalhadas.

Os Partidos

Gremio republicano «Jovens Lusitanos»

Com a preesnça de grande numero de associados, efectuou-se a reunião da direcção e da comissão administrativa do Gremio Republicano «Jovens Lusitanos», tendo aprovado as contas do ano economico findo e outros trabalhos administrativos. Foi aprovada a admissão de grande numero de cidadãos de varias profissões e bem assim a formação de nucleos em varias cidades do paiz. Resolveu-se protestar energicamente junto dos poderes constituidos contra a acção de despejo que um monarquico procura levar a efeito, expulsando da Rua Alves Correia, 55, algumas agremiações republicanas que mantêem escolas para crianças pobres. Lançou-se um voto de sentimento pelo falecimento da irmã do dr. Barbosa Soeiro, da mãe do republicano Carlos Ferraz, e do insigne poeta e ilustre republicanos Guerra Junqueiro.

PORTUGAL NO BRAZIL

Uma carta do sr. Lisboa de Lima

em resposta a outra da cantora sr.ª D. Cacilda Ortigão

Sr. Director de «A Capital». — A ilustre cantora Sr.ª D. Cacilda Ortigão entendeu dever na imprensa fazer-me referencias desagradaveis. Eu, só para evitar confusões, expliquei as razões da sua atitude. N'«A Capital», aquela senhora veiu, em carta, confirmar o que eu dissera, que era realmente uma questão de dinheiro que contra mim a irritár, e, a proposito, comenta a minha acção como Comissario.

Não discuto com S. Ex.ª as suas ideias a tal respeito, como, decerto, ela não admitiria que eu com ela discutisse a arte do belo canto em que a ilustre cantora é estrela como demonstrou no Rio de Janeiro em concerto publico, já depois de contra mim irritada, cantando musicas portuguesas do maestro Sarti e por ele acompanhadas.

Lamento profundamente a irritação da ilustre artista. Eu não a conhecia quando no Rio de Janeiro me procurou para me afirmar o seu veemente desejo de colaborar com o Comissariado na sua obra de propaganda de Portugal e das coisas portuguesas, tanto insistindo nesse desejo que, quando, tempo depois, se me ofereceu ensejo de lhe ser agradavel, procurei saber se ela queria tomar parte na festa de Portugal que se realisaria em Novembro.

Da troca da correspondencia havida, porque então a Sr.ª D. Cacilda não estava no Rio, e do mais que se passou, conclui-se que, só para «toilettes» a colaboração da Sr.ª D. Cacilda custaria uma desena de contos.

Claro que, nessas condições, não havia entendimentos possiveis, de resto, nem a Sr.ª D. Cacilda poderia, por compromissos já por ela tomados, comparecer a tempo de tomar parte na Festa de Portugal.

Quando, porem, tempos depois, Sua Ex.ª de novo me apareceu, foi para me reclamar um conto de réis como indemnisação da sua viagem ao Rio, indemnisação que, horas depois, aumentava para um conto e seiscentos mil réis.

Não lhe resolvi a pretensão, mas ao meu sucessor no Comissariado facilitei todos os documentos sobre o assunto para ele julgar como entendesse o caso. Parece que ele tambem o não resolveu favoravelmente para a Sr.ª D. Cacilda, porque, segundo me consta, nova reclamação, e agora por quantia muito superior, já foi apresentada em Lisboa. E com isto dou por findo o incidente. De V. etc., Lisboa, 28 de Julho. Lisboa de Lima.

Vida Sportiva

Grupo «Ordem e Progresso»

O grupo sportivo «Ordem e Progresso» realisou a sua assembleia geral para eleição dos corpos gerentes, com o seguinte resultado:

Assembleia Geral. — Presidente, José Manuel Lopes da Costa; 1.º secretario, Francisco Cruz; 2.º secretario, Luiz dos Santos.

Direcção. — Presidente, Antonio dos Santos Fortes; 1.º secretario, Luiz dos Santos; 2.º secretario, João Brito de Morais.

CURIOSIDADES SCIENTIFICAS

A LUZ DO SOL

Reivindicando a prioridade de uma afirmação

Do tenente-coronel sr. Justiniano Esteves recebemos a seguinte carta, com o pedido da sua publicação:

«Sr. director — Tendo-me chegado ontem ás mãos um exemplar do «Jornal do Comercio e das Colonias» de 24 do corrente mez, onde, sob o titulo «Curiosidades» se faz referencia a uma conferencia feita em Madrid por um farmaceutico e a uma teoria do mesmo pela qual ele conclue que: «O sol é frio e escuro», venho rogar a v. com o unico intuito de defesa de prioridade de afirmações scientificas, que me auxilie no estabelecimento definitivo dessa prioridade, no que se refere precisamente á afirmação de que «A irradiação solar é azul e não é acompanhada de calor.»

Esta afirmação foi feita publicamente por mim, ha um ano, em Portalegre e publicada no «Seculo» edição da noite, de 26 de fevereiro do corrente ano. Apesar da diferença de palavras que se empregam e talvez mesmo das conceções de onde derivam essas afirmações, o que é facto é que elas traduzem aproximadamente a mesma conclusão e se esta é tida agora pelos espanhoes como digna de consideração, porque o não foi a minha, quando publicada ha cinco mezes em um jornal portugues e acompanhada de algumas considerações justificativas?

Eu desejava sr., que ficasse bem assente que tenho todo o direito á prioridade de tal afirmação, valha ela o que valer, assim como á de outras que fiz subsequentemente em outros numeros do mesmo jornal; quanto a muitas outras deduções que eu tenho tirado da «Minha teoria sobre a constituição dos corpos» teoria de que fiz duas conferencias publicadas ha quasi um ano, conclusões das quaes a maioria se encontram ainda completamente ineditas, eu posso estar descançado pois que ainda ninguem as fez suas e elas aguardam pacientemente o favor de serem ouvidas em ocasião oportuna...

De v. etc. — Lisboa, 29/7/1923. — *Justiniano Esteves.*»

Teatros - Musica - Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO POLITEAMA — «A Garra», de Bernstein, pela Companhia Alves da Cunha

Alves da Cunha é um dos grandes actores da moderna geração — porventura aquele que dentro do teatro de emoção e dos sentimentos fortes, ou antes dos contrastes fortes, mantem mais alto a carreira das interpretações. Bela figura, boa voz, «nuances» magnificos, e aquilo a que os francezes chamam «le beau stylo du geste», tudo nele concorre para o distinguir.

As nossas felicitações pela sua «reprise» d'ontem. Merece ser vista, merece de novo ser admirado o seu belo trabalho.

Berta de Bivar, que progrediu imenso desde que a ultima vez a haviamos visto, deu-nos uma excelente impressão. Está uma explendida mulher de teatro, tendo educado muito a sua dicção e a forma de «pousar».

O resto da companhia regular, sem desfalecimentos de maior.

Resumo, o espectaculo do Politeama é um dos bons espectaculos de Lisboa — um bocado de arte ou pelo menos um bocado de teatro decente.

O HOMEM QUE PASSA.

Companhia José Ricardo

«30 H. P.», no Porto

PORTO, 26 — Repetimos o espectaculo com a «Má Sina» e «30 H. P.», com enchente. Ambas as peças foram explendidamente recebidas. Ilda Stichini e Maria Matos receberam na ultima destas peças uma grande ovação. Gastão Alves da Cunha teve excelente exito. — C.

Festa das actrizes

E' já no proximo domingo 5 de Agosto que se realiza no Jardim Zoologico a «Festa das Actrizes» promovida por uma comissão composta pelas artistas Sr.as D. Manuela Pinto Bastos, D. Maria de Lourdes Cabral, D. Eliza Santos e D. Sara Cunha, coadjuvadas por alguns directores e dedicados socios da A. C. T. T.

O producto da festa destina-se ao Cofre da A. C. T. T. e da sua Caixa de Reformas e Pensões, instituição que pelos fins beneficentes a que se destina conta com o apoio do publico de Lisboa.

A Banda do Corpo de Marinheiros abrilhantará o festival, para o que foi autorisada superiormente.

Uma das partes do programa será preenchida por uma «quermesse» para a qual teem oferecido brindes de valor varios estabelecimentos da capital.

Está sendo ensaiado um grande «orfeon» composto pelas coristas de todos os teatros e que deve dar um resultado magnifico.

Noticiario

Em S. Carlos, sob a direcção de Antonio Pinheiro, estão já realisando-se os ensaios de apuro da peça de Pinero, «Casa em Ordem», uma das brilhantes coroas de Lucilia Simões. A reprise dessa peça realizar-se-ha ainda esta semana.

— Sae de scena na actual semana, no Nacional, a desopilante comedia «A Viuva Gomes», apesar de se manter o seu grandioso exito. Substitui-la-ha a peça policial «20.000 Dollars» que, representada ha uma dezena de anos, obteve um exito sem precedentes, e que apresenta agora varias novidades na interpretação, dando margem a varios confrontos.

Reclames

Os novos quadros «Maxixe de Amor», «Sopeira bolchevista» e a «Sardinha assada» estão fazendo furor todas as noites nas duas sessões do «Fado Corrido» em scena no teatro Maria Vitória.

Laura Costa, Zulmira Miranda e Jorge Roldão são obrigados pelo publico a bisar os deliciosos numeros de palpitante actualidade e extremamente chistosos.

— Na linda sala de S. Carlos resoam agora as mais estrepitosas gargalhadas, durante a representação da graciosissima comedia «Carta Anonima». E' uma peça repleta de espirituosissimas situações ás quaes dão ainda maior relevo e graciosidade um primoroso desempenho em que se salientam Lucilia Simões e Erico Braga no primeiro plano, seguindo-se-lhe Amalia Pereira, Maria Sampaio, Almada e Seixas Pereira. A «Carta Anonima» tem uma magnifica enscenação de Antonio Pinheiro, e poucas mais representações dará, visto ir findar a temporada que se encerra com outra peça.

Cartaz do dia

NACIONAL — A's 9,15 — «A Viuva Gomes»
S. CARLOS — A's 9,15 — «Carta anonima»
POLITEAMA — A's 9,30 — «Cambio do Marcos».
AVENIDA — A's 9,30 — «Bichinha Gata»
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45 — «Fado Corrido».
AVENIDA - PARQUE (Antigo Parque Mayer) — Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA — (Parque Eduardo VII) — A's 21,30 e 23 — «Variedades».

Animatografos

SALÃO CENTRAL — «Cem mil dollars»
OLIMPIA — Rua dos Condes.
CINEMA CONDES — Av. da Liberdade
SALÃO FOZ — Calçada da Gloria.
CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

EM ELVAS

Uma serie de crimes

Um sapateiro matou a filha á facada — Agressões a tiro

ELVAS, 28 — Esta pacata cidade tem sido nos ultimos dias teatro de varios crimes, todos eles horriveis e absolutamente injustificados. Um sapateiro assassinou barbaramente uma sua filha de 16 anos, agredindo-a á facada, esperando, para a matar, que ela vestisse roupa branca lavada, como lhe ordenara.

Pouco depois, um rapaz [illegible] anos assassinou a tiro um seu rival quando este se encontrava falando com a namorada.

Logo, em seguida, o lavrador Placão Fernandes disparou tambem quatro tiros sobre sua esposa, considerada por toda a gente uma das senhoras mais distinctas da nossa terra. O assassino é um rapaz de 35 anos, extremamente religioso e conhecido pelas suas ideias monarquicas. Meteu-se-lhe na cabeça que o filho mais novo não era seu e daí o tresloucado acto cometido, quando toda a gente sabe que a senhora era virtuosissima, pelo que a sua morte foi muito sentida. O assassino escolheu para seu advogado o sr. dr. Cunha e Costa.

— Tambem ha dias se deu uma scena de pugilato entre os despachantes Calvos e o 1.º oficial da Alfandega Sacadura Cabral, irmão do heroico aviador que tem o mesmo nome. Houve tiros e balas picadas e, até hoje, ninguem sabe por que lado está a rasão. O caso está entregue á justiça e esta saberá castigar os culpados.

— Esteve entre nós o nosso ilustre amigo José de Abreu Reis, sub-inspector das alfandegas que aqui veio sindicar os actos de Sacadura Cabral e despachante Calvos, respeitantes á vida profissional de cada um.

— No dia 22 do corrente realisaram-se, as provas finaes da Escola Movel das Fontainhas, sob a direcção da professora sr.ª D. Laura da Conceição Tavares. O juri destes exames era composto pelo ilustre professora, João Mourato de Almeida, professor fixo e Nascimento Gomes, jornalista e professor da E. P. Superior. Ao acto assistiram muitas pessoas, podendo citar Anibal Cardoso Pessoa e José Campos da Silva, pela comissão municipal do P. R. Radical de Elvas, e Anibal Robertto pela comissão politica do P. R. R. de Santa Eulalia. Usaram da palavra os srs. Nascimento Gomes e Mourato de Almeida, que enalteceram a obra das escolas moveis.

Findaram já os exames finaes da E. P. Superior e de admissão, ficando adiados 5 nos primeiros e 2 nos segundos.

AS VISÕES DO [illegible]

Outra aparição

na cathedral de Christ - Church

Diga-se em boa verdade que pouco interesse ligaram em Oxford ao estranho fenomeno que se produziu, ha cerca de tres semanas, na catedral do Christ-Church, onde, sob uma placa de marmore com uma inscripção latina á memoria do catedratico Liddell, morto ha um quarto de seculo, apareceu na parede de cimento uma grande nodoa branca que a pouco e pouco tomou a forma duma cabeça humana com grande semelhança com o defunto.

Agora porem os psiquistras e as pessoas impressionaveis da cidade estão de novo cheios de emoção. E' que ao lado da silhueta do catedratico apareceu depois um novo retrato.

A nodoa humida é ainda bastante imprecisa, mas pessoas de certa idade que a viram, afirmam que os traços que se divisam na parede são os de Edith Liddell, a filha do ecclesiastico, morta na edade de vinte e dois anos e a que seu pai idolatrava.

Sapataria Excelsior, Limitada

Por escritura de 18 do mês de Julho corrente, notario Eugenio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi constituida a sociedade comercial por quotas sob a denominação «Sapataria Excelsior, Limitada», cujos estatutos são os constantes dos artigos seguintes:

1.º — E' constituida sob a denominação «Sapataria Excelsior, Limitada», uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual durará por tempo indeterminado.

2.º — A sociedade tem a sua séde nesta cidade, o seu domicilio e estabelecimento na Praça Luiz de Camões, n.os 46, 47 e 48, e rua do Mundo, n.os 1 a 7, loja e sobreloja, onde exercerá o comercio e industria de sapataria, que constitue o objecto social, sem embargo de poder explorar qualquer outro comercio ou industria que lhe convenha.

3.º — O capital social é de 150.000$00, já está integralmente realizado em dinheiro e representado pelas 10 quotas sociais seguintes: 47.000$00, de Manuel Rodrigues; 15.000$00, de Correia Leite Santos & Companhia; 10.000$00, do dr. Alfredo Carneiro da Cunha; 20.000$00, de João Pereira Rosa; 10.000$00, de Antonio José Peixinho; 10.000$00, do dr. Fernando Emidio da Silva; 10.000$00, de Joaquim Pinto da Fonseca; 8.000$00, de Rodolfo Nunes da Costa; 10.000$00, do dr. Amadeu Infante de La Cerda, e 10.000$00, do dr. José Eduardo Coelho da Cunha.

§ 1.º Em quaisquer aumentos de capital terão os socios, entre quem a sociedade ao tempo exista, preferencia a estranhos, na proporção das quotas que os preferentes possuam e todos os socios poderão fornecer capital á sociedade como suprimentos aos juros que convencionarem e, na falta de convenção, á taxa de descontos no Banco de Portugal e mais 2 por cento, mas a nenhum serão exigiveis prestações suplementares.

§ 2.º — Ficam livremente permitidas as divisões de quotas e as cessões de quotas entre socios.

§ 3º A cessão de quota a estranho fica sujeita ao direito de opção por parte da sociedade e, quando a sociedade não use dêsse direito, fica sujeita a igual direito por parte dos demais socios, devendo a quota ser dividida entre os preferentes, salvo acordo, na proporção das quotas destes, quando mais de um queira optar.

§ 4.º — A sociedade pode amortisar quotas nos casos seguintes: a) quando lhes assista direito de opção; b) quando, por virtude de execução, inventario ou outro qualquer processo judicial, a quota seja vendida em hasta publica a estranho, ou ela seja adjudicada a estranho que não seja conjuge, filho ou neto do antigo socio seu possuidor; c) quando o socio seu possuidor requeira arrolamento de bens sociais, aposição de selos nesses bens, ou proceda para com a sociedade por forma que esta mesma seja considerada incompatibilisada com êle, considerando-se existente essa incompatibilidade pelos votos conformes da maioria do capital representado na assembleia em que o assunto fôr tratado.

§ 5.º — A quota sobre que seja exercido direito de opção, ou de amortisação, será paga (salvo outro acordo entre quem pague e quem receba) pelo valor que á quota em questão resulte do ultimo balanço aprovado, acrescido do juro sobre esse valor desde a data desse balanço até á data do pagamento, calculado conforme a taxa de descontos no Banco de Portugal e acrescido ou diminuido do saldo que ele tenha a haver, ou deva á sociedade, em face da sua conta particular.

§ 6.º — Considera-se amortisada a quota logo que a sociedade deposite na Caixa Geral de Depositos o respectivo valor determinado nos termos do paragrafo anterior, incidindo sobre essa soma depositada todos os direitos e responsabilidades que até então tenham incidido sobre a quota.

4.º — A sociedade será representada nas suas relações com terceiros e dirigida na sua vida interna por uma gerencia constituida pelos socios Manuel Rodrigues e João Pereira da Rosa, que exercerão as suas funções com dispensa de caução e por tempo indeterminado, bastando que um deles assine em nome da sociedade em recibos, correspondencia simples e actos de mero expediente, mas devendo, para ela ficar validamente obrigada, ambos os gerentes assinar conjuntamente, ficando defeso a ambos prestar fianças em nome da sociedade e em nome dela contrair qualquer outra responsabilidade alheia aos negocios sociais.

§ 1.º — Os socios Antonio José Peixinho e Rodolfo Nunes da Costa ficam obrigados a prestar á sociedade os seus serviços e a dedicar-lhe todo o seu esforço e boa vontade sob a direcção da gerencia; o primeiro, como contra-mestre da oficina, e o segundo, como empregado de balcão, sendo-lhes defeso desviar a sua actividade em assuntos alheios á sociedade.

O gerente Manuel Rodrigues fica tambem autorisado a continuar a direcção dos estabelecimentos que nesta data possue.

§ 2.º — Os gerentes, pelos serviços que prestarem á sociedade, serão retribuidos com 10 por cento dos lucros sociais de cada ano, depois da dedução da percentagem para o fundo de reserva, retribuição que entre si repartirão em partes iguais; e o contra-mestre e o empregado de balcão, referidos no paragrafo primeiro, terão a remuneração que por acordo entre eles e a gerencia vier a ser fixada.

§ 3.º — A gerencia deverá convocar uma reunião de assembleia geral, pelo menos, em cada mês, para a conferencia de contas do mês anterior e para apreciação da marcha dos negocios sociais.

5.º — Em relação a 31 de Dezembro de cada ano deverá ser dado um rigoroso balanço dos negocios sociais, o qual deverá estar concluido até 15 de Fevereiro seguinte e devidamente apreciado por todos os socios, até fim do mesmo mês de Fevereiro, balanço que se considerará irreclamavel logo que esteja assinado por todos os socios ou por outra forma legalmente aprovado.

6.º — Os lucros que se verifiquem pelos balanços anuais deverão ser distribuidos e aplicados como em cada ano a assembleia geral deliberar, devendo, o que sobrar, depois de deduzido o minimo de 5 por cento para o fundo de reserva legal e a retribuição da gerencia, ser distribuido pelos socios na proporção das quotas sociais.

§ unico. — Quando haja perdas, sairão elas do fundo de reserva legal e dos mais fundos sociais e consequentemente afectarão as quotas tambem na razão dos seus valores.

7.º — As deliberações sociais constarão das actas das reuniões dos socios ou de documentos escritos, quando sejam assinados por todos os socios.

§ 1.º — A assembleia deverá ser convocada por anuncio ou carta registada dirigida aos socios, a não ser que estes convocados de outra maneira expressamente desistam daquela formalidade.

§ 2.º — O ausente ou impedido de comparecer poderá fazer-se representar por outro socio ou comunicar o seu voto ou deliberação, podendo esta comunicação ou aquela representação constar de documento escrito e assinado por seu punho.

8.º — A sociedade dissolver-se-ha por qualquer dos fundamentos legais (nunca por simples deliberação, morte ou interdicção de um socio) e a liquidação será feita como os socios convierem e seja de direito; e desde já se comprometem e obrigam todos os socios por si, por seus representados e por seus sucessores na posse das quotas, a nunca requerer arrolamento de bens sociais, nem aposição de selos em estabelecimentos da sociedade, sob pena de o que tal fizer ter de pagar aos restantes socios uma indemnisação igual a 75 por cento do valor que o transgressor tenha na sociedade em quota, suprimentos, lucros e quaisquer outros direitos, mas não podendo essa indemnisação em caso algum ser de menos de 25 contos.

9.º — Os casos omissos reger-se-hão pelas deliberações sociais e pelas disposições legais aplicaveis, especialmente da lei de 11 de Abril de 1901.

Lisboa, 20 de Julho de 1923. — O notario ajudante, *Mario de Vasconcelos.*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 4444-15.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Escritorios: R. do Norte, 5—LISBOA

Terça-feira, 31 de Julho de 1923

Telefone C. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Impressão: Rua da Bica, 71 — Preço 15 centavos

S. FRANCISCO, 31.— O ultimo boletim de saude do presidente Harding, diz que o seu estado permanece grave pois existem indicios duma congestão pulmonar.-H.

Contra os inquilinos

A Camara dos Deputados votou ontem o chamado projecto da repressão do jogo.

E dizemos o chamado projecto da repressão do jogo porque estamos convencidos que em caso algum, se conseguirá entre nós a repressão do jogo, não havendo outra disposição a aplicar-lhe que não seja a da necessaria regulamentação.

Entretanto, alguma cousa fica do famoso projecto.

E' a disposição em que se dá ao senhorio a faculdade de despedir um inquilino desde que em casa desse inquilino seja encontrado alguem a jogar.

Já foram, em tempo, apontados os inconvenientes duma determinação desta ordem.

De facto, nada mais simples do que forjar uma cilada para privar esse inquilino da casa que habita.

Na ausencia do locatario, e até mesmo encontrando-se ele no seu domicilio, mas afastado do local em que duas ou tres pessoas joguem um jogo proibido, nada mais facil do que arranjar o corpo de delicto necessario para um locatario ir para o meio da rua.

Dir-se-ia que este projecto foi redigido por alguns desses senhorios que têm mostrado, no sentido de iludir a lei, uma imaginação igual á do Rocambole o famoso heroe de Ponson du Terrail.

O facto é que só se pode considerar eficaz o projecto ontem votado, desde que o consideremos como um expediente desleal para servir os interesses de senhorios gananciosos.

Joga-se, ha de jogar-se sempre. Neste momento, rara será a praia de Portugal em que as roletas não funcionem.

Joga-se tanto, joga-se por tal fórma ás escancaras, protege-se mesmo o jogo ilicito, como sucedeu consentindo-se a reabertura do Monumental e do Mayer, para os oficiaes americanos deixarem lá os seus dollars, que o sr. Vasco Borges veio clamar, indignado, que não estava para comedias, e que, se pudesse, ele proprio retiraria da discussão o projecto repressivo que apresentára.

O jogo ha de continuar, o jogo clandestino, é claro, porque o jogo regulamentado é que está na realidade proscripto, podendo á vontade Monaco continuar a viver do jogo sem encontrar mais uma concorrencia.

O que fica é a arma para os senhorios se descartarem dos inquilinos que lhes não satisfaçam a sua insaciavel ganancia.

Por isso nós dissemos que o projecto traz a marca em que se autenticam os interesses desses senhorios.

Entretanto, nós estamos convencidos de que o Senado não dará o seu voto á nova ratoeira que acaba de ser armada aos inquilinos.

O Senado não aprovará essa esperteza, por meio da qual se pretendem legitimar os mais intoleraveis abusos.

A opinião publica está vigilante, e talvez seja bom que se vá tratando de inventar outra, porque esta, segundo todas as probabilidades — não pega!

FORMAS DE LOUCURA

Um estudante rico que se sustentava a pão e agua

PARIS, 31 — Um estudante americano, Luiz Dovey, atacou brutalmente uma creada bretã na rua, tendo sido imediatamente detido pela policia. Declarou que tinha muita pena do que sucedera, mas que não tinha culpa disso, porque era louco.

A policia passou uma busca á sua casa, descobrindo que ele tinha muito dinheiro, mas que vivia ha dois mezes de pão e agua.

Comprava grande quantidade de pão, comendo só a codea, e os moveis do seu quarto estavam cheios de miolo de pão bolorento. — (R.)

Portugal e Brazil

Dr. Epitacio Pessoa

Passou hoje em Lisboa este ilustre homem publico do Brazil, tendo recebido os cumprimentos oficiais

Duas palavras com o antigo chefe do Estado Brasileiro—Recepção na Embaixada e um almoço no Palacio da Ajuda

A bordo do «Lutetia» entrou hoje, mais uma vez o Tejo, acompanhado de sua esposa e filhos, o eminente politico brazileiro sr. dr. Epitacio Pessoa, que antecedeu na presidencia da Republica do Brasil o actual presidente sr. dr. Artur Bernardes.

S. ex.ª vem de passagem para o seu paiz, após uma viagem de recreio pela Europa iniciada em seguida a ter deixado a magistratura suprema da grande Republica sul americana.

O ilustre homem publico recebeu no Brazil, ainda como presidente, os nossos aviadores e o nosso chefe do Estado.

Apesar de vir fazer-nos nenhuma visita oficial, pois viaja sem qualquer rumor com esse cunho, o sr. dr. Epitacio Pessoa recebeu hoje as homenagens do Estado Portuguez e da colonia brazileira em Lisboa. Para esse efeito embarcaram no cais da Alfandega, a bordo do vapor «America» do Arsenal de Marinha, o ministro dos Estrangeiros sr. dr. Domingos Pereira e sua esposa, sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidencia da Republica, representando o chefe do Estado, sr. Costa Carneiro, chefe do protocolo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, srs. embaixador do Brazil, sua esposa e filhas, Lafayette Carvalho da Silva e sua esposa, dr. Arlindo Correia Leite, Rego Barros, e muitas outras individualidades politicas e da colonia brazileira.

O desembarque realisou-se tambem no cais da Alfandega, onde o ilustre hospede era aguardado por alguns membros do Governo, entre os quaes o sr. presidente do Ministerio.

A seguir realisou-se uma recepção na Embaixada Brazileira, onde foram cumprimentar o sr. dr. Epitacio Pessoa muitas individualidades da colonia brasileira e amigos do Brasil.

O eminente brazileiro troca duas palavras com o nosso redactor

—...mas é doce tirania esta; doce tirania a que nos sugeita aos jornalistas e «reporters» fotograficos — exclamava risonho no seu sotaque carioca o sr. dr. Epitacio Pessoa para o sr. dr. Lafayette Carvalho da Silva, que presenceava o momento oportuno» de assedio feito pelos representantes da imprensa ao ilustre viajante, na ancia duma entrevista.

Esquivando-se mais:

— Não, senhores; não — porque ha quem esteja á minha espera e não sei que hei-de dizer-lhes de improviso...

— O programa politico que v. ex.ª vai adoptar? — interpelam, mudo ciosamente da roda.

—...mas, apesar da pressão que á extrema generosidade dos meus amigos, que pretendem ver-me na actividade politica, eu sinto que não sou homem de Estado, pelo menos não me julgo assim — diz, modestamente, o sr. dr. Epitacio Pessoa.

Ao lado o sr. dr. Domingos Pereira, que observa, intervem sorridente:

— Mas não é isso o que se diz...

Fala-se da amisade de Portugal e Brasil, da sua união. E logo o ilustre homem publico:

— Isso, sim, muita união, uma união mais estreita entre os nossos paizes julgo-a proveitosa. Um bloco perfeito, que sincronize numa amizade pura os estos dos nossos corações amigos e irmãos.

— Recorda-se v. ex.ª da sua ultima estada em Lisboa? — perguntamos, já aparte com o nosso interpelado.

— Recordo-me, sim. Fiquei sempre grato por tanta gentileza. Cheguei cá simples politico e ao Brasil chefe supremo. E neste logar creia que sempre procurei afirmar a minha estima por Portugal, apesar dos dissabores do «nativismo». Enfim isso passou... com os desgostos que me deu.

O nosso interlocutor conversa agora sobre a viagem presidencial e os aviadores, exaltando a diplomacia eloquente do Antonio José de Almeida e o feito celeberrimo e temerario de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Recorda a emocionante apoteose feita a estes na capital federal — e daí por diante o jornalista, por mais que busque não consegue trocar de novo com o ilustre viajante, quaesquer palavras mais. O tempo urgia e o protocolo irreductivelmente leva-nos o sr. dr. Epitacio Pessoa pelo Tejo além, entre as senhoras e sob o oiro incendido deste sol magnifico e criador.

Vêr continuação em Ultima Hora.

Depois da guerra

Uma flagrante injustiça

foi cometida contra os praticantes que durante a guerra exerceram pilotagem sem carta de curso

O sr. José Alves do Macedo, rapaz novo e oficial do comissariado da nossa marinha mercante, ha muito que nos falára numa flagrante injustiça e no abandono, que classificava de criminoso, a que estavam sendo votados pelos poderes publicos os seus camaradas pilotos e praticantes sem carta de curso que, durante a guerra, exerceram, os primeiros, funções de comando e os segundos, o cargo de pilotos.

O sr. Macedo falára-nos e instara para que tornassemos publico o seu brado de protesto. E porque nos parece de justiça atende-lo, para ele chamando a atenção das entidades competentes, aqui relatamos, sem comentarios, a historia do caso, que é realmente digno de atenção:

«Segundo o decreto 5.343 publicado pelo Governo José Relvas, após Monsanto, os pilotos encartados foram autorisados a desempenhar funções de comando desde que, durante a guerra, tivessem comandado navios de mais de 400 toneladas.

Tratava-se de um acto de inteira justiça, com o qual o Estado portuguez manifestava o seu reconhecimento perante a acção de alguns homens, que, quando muitos outros se negavam a embarcar, não hesitaram em fazê-lo com risco da propria vida.

A par porém desta obra de justiça, um grande esquecimento houve: os praticantes sem carta de curso que, durante a guerra, exerceram pilotagem, nada foi dado que os compensasse dos muitos sacrificios feitos e dos perigos que correram. São, ao que parece, apenas nove homens os que se encontram nestas condições, alguns condecorados pelo governo francez com a sua Cruz de Guerra, e que a estas horas estão sujeitos a, quando exercendo pilotagem em qualquer navio por favor da respectiva companhia ou comandante, serem corridos pelos que possuem, e que são numerosissimos, depois que os perigos passaram.

São nove homens com as suas provas praticas dadas em horas dificeis os que hoje não têm forma de ganhar o seu pão, embora tenham interrompido o curso para servir a Patria!

A injustiça é, de facto, flagrante. Assim o reconheceu o senador sr. Ribeiro de Melo, que ha um ano apresentou um projecto remediando tão injustificado esquecimento. Ora o projecto andou um ano — doze meses! — do Senado para os Deputados e destes para o Congresso para, no final, ser regeitado, contra ele se manifestando advogados como o sr. dr. Cancela de Abreu, jurisconsultos como o sr. dr. Almeida Ribeiro e, até, um oficial maquinista, o sr. João Carlos Costa.

Julgamos que nenhum inconveniente haverá em emendar o erro praticado. Esses homens sacrificaram-se pela Patria, de justiça é que ela os não esqueça.

Dr. Alberto de Sousa

O distinto director do sanatorio Vasconcelos Porto, recomenda de ha muito na sua clinica a «Fibrocalcina», como recalcificante natural e a «Farinha Belgera» como superalimento, com os quais tem obtido resultados estatisticos admiraveis.

Santos Dumont

Acompanha hoje o cadaver de sua mãe para o Brasil

Como ontem noticiámos, realisou-se hoje as trasladações da urna que contem os restos mortais da mãe do ilustre aviador brazileiro sr. Santos Dumont da estação da Parceria dos Vapores Lisbonenses para bordo do «Lutetia».

A trasladação foi feita numa fragata, que era rebocada pelo rebocador «Europa», da mesma Parceria, sendo a urna içada por um guindaste.

Ao acto assistiram, alem do ilustre aviador, o secretario da Embaixada e o pessoal dos consulados.

O sr. Santos Dumont segue para o Brazil acompanhando os restos mortais de sua mãe.

A situação na Alemanha

A falta de viveres—Os separatistas e comunistas—A crise governamental

BERLIM, 31.—No domingo e ontem houve tranquilidade nesta cidade. As medidas tomadas pelo governo foram suficientes para evitar as demonstrações que os comunistas tencionavam pôr em pratica. Os assaltos aos estabelecimentos feitos pelos comunistas no sabado em Neuruppin foram vigorosamente reprimidos pela policia de Potsdam. Dois assaltantes foram mortos e sete ficaram gravemente feridos. Continua porem a haver falta de viveres nesta cidade e no resto da Alemanha. Muitos mercados desta capital não abriram ontem, devido á falta de generos e outros mercados a carne e os legumes atingiram preços fabulosos, regulando entre 56 e 100 por cento dos preços da semana anterior.

Em Coblentz, as manifestações separatistas foram pouco concorridas, não tomando parte nelas mais de 3:000 pessoas. Em Francfort foram presos 15 individuos acusados de cumplicidade no assassinio do sr. Hass durante os ultimos tumultos comunistas.

A imprensa tem aconselhado a vantagem de se reforçar o governo de coligação, com a cooperação dos socialistas que, contrariamente á sua primitiva atitude, estão agora desejosos de cooperar com o governo, entendendo é dificil sito (que ultimamente criada pela brusca subida dos preços derivada da queda do marco. — (R.)

Os livros de Camilo

O Supremo Tribunal de Justiça entrega aos netos do romancista o «Amor de Perdição»

Como se sabe, a Companhia Portugueza Editora e a livraria Lelo & Irmão, ambas do Porto, reivindicam para si a propriedade de varios livros de Camilo Castelo Branco.

Por seu turno, os netos do grande escritor não se conformando com as alegações daquelas casas, fizeram registar em seu nome, a Biblioteca Nacional, essas obras.

Levada a questão da Companhia Portugueza, relativa ao «Amor de Perdição» para o Tribunal do Comercio, ali foi proferida a sentença favoravel aos netos de Camilo, que dela obtiveram confirmação na Relação. A Companhia não se conformou e recorreu para o Supremo Tribunal de Justiça, que, em sentença hoje proferida, entrega definitivamente aos descendentes do extraordinario romancista a posse de formosissimo livro.

Eleição presidencial

Duas candidaturas

de exito muito problematico

O que representa o nome do sr. Teixeira Gomes?

O sr. Duarte Leite não conseguirá unanimidade de votos

Tendo reunido, para apreciar a eleição presidencial, o Directorio do P. R. P. resolveu declinar no grupo parlamentar democratico o encargo da escolha do seu candidato.

Quere dizer: apesar das instruções terminantes emanadas do grande refugiado politico sr. Afonso Costa, no sentido de ser eleito o seu candidato predilecto, sr. Teixeira Gomes — o Directorio alheia-se, evita atitudes, escapa-se á responsabilidade de uma resolução. Ou porque as opiniões estão dentro dele tão divididas que é impossivel um acordo, ou porque o candidato imposto não reune as suas simpatias, a verdade é que o Directorio do P. R. P. se desinteressa do facto mais notavel da vida da Republica. E' um pouco estranho, visto tratar-se do maior organismo politico republicano, mas é assim mesmo.

Por seu turno, o grupo parlamentar anda para reunir ha já algumas semanas — mas ainda não reuniu. Isto poderá significar desleixo? Parece-nos que antes significará resistencia ou nenhum entusiasmo pela candidatura de que o sr. Afonso Costa faz finca-pé.

* * *

E terá razão o Directorio do P. R. P.? Terá razão o grupo parlamentar democratico?

Uma candidatura á suprema magistratura do pais representa um programa, uma tendencia politica, uma aspiração renovadora... E' assim na França, onde a indicação do nome do sr. Millerand exprimiu a utilização pratica da vitoria. E' assim nos Estados Unidos, onde a lucta em torno da Presidencia gira sempre em volta de um grande problema nacional; é assim na Argentina, é assim no Brasil. E' assim em todas as Republicas, quer sejam parlamentaristas, quer sigam o regimen presidencialista.

Assim tem de ser em Portugal. A eleição do Presidente da Republica não é a nomeação de um governador civil, de um ministro, de um chefe do Governo. A vida dessas entidades é sempre condicionada pelas circunstancias politicas e delas depende invariavelmente. O Presidente da Republica, saindo embora delas, é acima delas e fora do seu ambito que actua. A sua escolha, por consequencia, interessando vivamente ao país, não pode deixar de provocar nas esferas politicas aquela intensa vibração que os grandes acontecimentos acordam.

* * *

O nome do sr. Teixeira Gomes representa um programa, uma tendencia politica, uma aspiração renovadora? Representa, sequer, um prestigio solido? Consegrá, ao menos, um grande nome republicano, daqueles que vibram ainda nos ouvidos do publico?

Nos tempos da propaganda, o sr. Teixeira Gomes passou, sempre distante das multidões, isolado no seu elegante epicurismo literario. Nos primeiros tempos da Republica — foi o que é hoje — ministro em Londres, ao passo que os outros viviam as horas de sacrificio, buscavam as posições arriscadas, enfrentavam, com uma coragem estoica e comunicativa, todos os perigos e todas as desditas. O sr. Teixeira Gomes — continuava ministro em Londres, cada vez mais distante da opinião publica, cada vez mais ausente do coração do país, cada vez mais concentrado no seu elegante epicurismo literario.

Entre o sr. Teixeira Gomes e a politica publica de Portugal — houve sempre um abismo.

A guerra estalou — e as opiniões do sr. Teixeira Gomes á respeito da nossa intervenção no conflito marcavam-se pela sua hostilidade irritada. Depois, em face de um facto consumado, o sr. Teixeira Gomes colaborou com os homens que souberam, atravez de tudo, dar esse passo decisivo e prestigioso para a vida da Republica—mas depois de ter mantido a intriga contra a guerra, só comunicando, mesmo com as entidades oficiais, por intermedio do sr. Brito Camacho...

* * *

Que sabe do nosso problema financeiro o sr. Teixeira Gomes? Como encara o problema economico? Terá algum ponto de vista sobre a questão religiosa? Interessa-lhe o problema social a ponto de lhe dedicar umas horas de estudo para lhe encontrar uma solução? Da nossa politica internacional, o que sabe o sr. Teixeira Gomes? O problema colonial mereceu-lhe algum cuidado? O Exercito, a Armada, que pensa á respeito de uma e de outro o sr. Teixeira Gomes?

Ninguem sabe — porque o sr. Teixeira Gomes tambem não sabe nada. Londres é uma cidade esplendida — e fica longe. Tem atractivos ma vilhosos, desvairantes — e o sr. Teixeira Gomes distraiu-se da vida do seu país...

* * *

No entanto, o sr. Teixeira Gomes é o candidato imposto vivamente pelo grande refugiado politico, sr. Afonso Costa. Daí, naturalmente, o embaraço do Directorio do P. R. P. e a irresolução do grupo parlamentar democratico. O interesse expresso pelo sr. Afonso Costa contrasta violentamente com o passado politico do sr. Teixeira Gomes. Tão violentamente, que o sr. Jaime de Sousa foi a Paris tentar demover dessa protecção o sr. Afonso Costa. Conseguiu-lo-ha o sr. Jaime de Sousa?...

Entretanto, o Partido Democratico parece aguardar a ultima palavra.

* * *

O sr. Duarte Leite é uma figura. A Republica deve-lhe serviços apreciaveis. E' um homem da propaganda e foi presidente de Ministerio num momento bem grave. Marcou uma atitude vigorosa, impoz-se, assegurou a ordem e restituiu a paz á sociedade portuguesa. Depois foi para o Brasil como embaixador e não tem deixado de servir o país e a Republica.

A sua candidatura foi, porém, lançada mal. O sr. Duarte Leite é o unico candidato que faz questão de uma unanimidade de votos do Congresso. Para ascender á suprema magistratura do país exige que todos os partidos sufraguem o seu nome. E, decerto, o P. R. P. não votará no seu nome — porque não quererá eleger um Presidente para os nacionalistas.

O exito da candidatura do sr. Duarte Leite ficou, pois, prejudicada — pela maneira como foi posta. De resto, essa exigencia do sr. Duarte Leite não significará, da sua parte, uma forma subtil de fugir á Presidencia? Decerto, o sr. Duarte Leite contava antecipadamente com a resistencia dos democraticos...

* * *

O que se conclue é que as duas candidaturas em que se fala mais nos ultimos dias dificilmente conseguirão triunfar. De resto, tudo leva a crer que os Directorios dos dois maiores partidos darão liberdade de voto aos seus deputados, o que pode assegurar o triunfo do «tertius gaudet».

O que vai pelo mundo

A doença do duque de Orleans

PARIS 31.—Luis Filipe, duque de Orleans, chefe da casa Bourbon está doente com malaria e desinteria resultantes da sua ultima expedição á Africa. O duque está em Rochampton. Os ataques dos seus males teem sido violentos tendo tido delirio e altas temperaturas.—(R.)

Os alpinistas no Monte Branco

PARIS, 31.—Pela primeira vez um grupo de alpinistas conseguiu chegar á Agulha Negra de Petteret como sul do Monte Branco.—(R.)

Remediar o os males dos bolchevistas.

LONDRES, 31—Constituiu-se aqui uma companhia anglo-russa que tem por fim proceder á construção e restauração dos edificios publicos de Moscou.—(R.)

Linha aerea Varsovia-Cracovia

VARSOVIA, 30 — A linha aerea ligando Cracovia a Varsovia para o transporte de correio e viajantes foi agora inaugurada.—(R.)

Dize tu, direi eu...

O sr. ministro dos Estrangeiros

em conflito pessoal com

o sr. ministro da França

Sairá de Portugal mr. Bonin?

Sairá do ministerio o sr. Domingos Pereira?

A sessão de ontem na Camara dos Deputados teve um momento de gravidade. Falando sobre a questão do «modus-vivendi» com a França, em resposta ao sr. Cancela de Abreu, o sr. ministro dos Estrangeiros referiu-se a Mr. Bonin, ministro daquele país, em termos que, por estarem fora da untuosa terminologia diplomatica, decerto marcam o inicio de um conflito pessoal. Se não é Portugal que está de mal com a França, é, pelo menos, o sr. dr. Domingos Pereira que tem as relações cortadas com o ministro da França. E a gravidade do caso, que vai, naturalmente, ao afastamento, de Portugal, do sr. ministro da França ou á demissão do sr. Domingos Pereira — a nossa politica está incapaz destas surprezas — consiste no que fica dito.

E' ao extracto especial da sessão, publicado no nosso colega «Diario de Noticias», o qual, decerto, foi elaborado sob as vistas do sr. ministro dos Estrangeiros, que nos reportamos:

Disse o sr. ministro dos Estrangeiros:

«Referiu-se o sr. Cancela de Abreu ao discurso atribuido ao sr. ministro da França em Lisboa e que teria sido pronunciado no Porto, estranhando que não fosse ainda rectificado até hoje, o que considera grave. Fora esse o ilustre deputado monarquico enganado. Ele, orador, imediatamente respondeu a esse discurso, rectificando-o, numa entrevista publicada no «Primeiro de Janeiro», do Porto, e que o «Mundo» transcreveu. Al teve ocasião de repôr a verdade dos factos de maneira a demonstrar que o deploravel discurso do diplomata francez, que os jornais o publicaram com fidelidade, não devia nunca ter sido pronunciado por estar cheio de inexactidões. Porque afirma então o sr. Cancela de Abreu que esse discurso não foi rectificado?

O sr. dr. Domingos Pereira não se julgou satisfeito; e disse mais, respondendo ao sr. Cancela de Abreu, que afirmara referir-se ao sr. ministro da França, quando disse que o discurso em questão não tinha sido rectificado:

«E' realmente razoavel a estranheza de V. Ex.ª. Mas, se o sr. ministro de França o não rectificou, rectifiquei-o eu imediatamente, como era meu dever».

O conflito, portanto, está aberto. Sobre as referencias que lhe fez no Parlamento o sr. ministro dos Estrangeiros, não deixará de reclamar o sr. ministro da França, alem de que, até quanto o sr. dr. Domingos Pereira estiver no Palacio das Necessidades Mr. Bonin não pode comunicar com s. ex.ª

E' claro que as considerações multi extra-diplomaticas feitas pelo sr. ministro dos Estrangeiros ao discurso do representante da França tiveram a sua origem e devem ter a sua explicação. Mr. Bonin parece ter esquecido os melindres da sua situação entre nós, tornada delicadissima em face da ruptura do «modus-vivendi». Isso, porém não deixaria de ser, para o sr. dr. Domingos Pereira, alem de tudo, um ensejo propicio para recordar a Mr. Bonin as praxes diplomaticas, assim lamentavelmente esquecidas. O facto do sr. ministro da França ter falado em tom absolutamente destoante, podia ser — era interessante que fosse — um argumento oportuno contra s. ex.ª O resto era apenas questão a resolver no segredo das chancelarias.

Mas o sr. dr. Domingos Pereira lá tem as suas razões para proceder de modo contrario.

Não deixaremos, porém, de acentuar que o resultado imediato do seu discurso é um conflito pessoal com Mr. Bonin. Ficar-se-ha por aí?

Os camponeses russos

afogam os comissarios bolchevistas

REVAL, 31.—Os camponeses de Kalysansk afogaram no Rio Voga os comissarios dos sovietes encarregados de receber o imposto do trigo.

Em seguida, lançaram fogo ao edificio onde estava instalada a autoridade sovietica e fuzilaram 25 individuos que estavam presos sob a acusação de terem tomado parte numa revolta anti bolchevista. Dois agentes da comissão extraordinaria foram tambem assassinados.—(R.)

NOTAS A LAPIS

Epoca de Banhos

Pessoa amiga enviou-nos alguns conselhos às senhoras que vão para as praias. Entre elas haverá, de certo, algumas que pela primeira vez vão defrontar-se com as paixões do Oceano e com o Oceano das paixões, necessitando, portanto, que alguem as guie nos primeiros passos em terreno tão movediço.

Não publicamos todos os conselhos, mas da interessante lista que nos foi enviada destacámos os seguintes:

Um banho de mar não deve durar mais de uma hora, pois de contrario corre-se o risco de vêr salgada... a conta do banheiro.

* * *

Sim, minha senhora: pode aproveitar o seu vestido de baile do ultimo inverno como fato de banho, com a condição de o tornar mais comprido.

* * *

E' perigoso tomar banho depois de comer. A não ser que se esteja hospedado numa pensão...

* * *

Aconselhamos as meninas solteiras a não perderem a cabeça, quando lhes faltar o pé, devendo segurar-se de preferencia aos celibatarios.

* * *

Não se deve dar ouvidos aos que da praia dão conselhos, pois os conselheiros não são o mesmo que os banheiros.

* * *

Pode-se tomar banho a qualquer hora, mas só às 5 se deve mostrar o amaillot».

* * *

Lave-te para tomares banho; não tomes banho para te lavares.

* * *

Não nades muito depressa; podes assustar os peixes.

* * *

Quando o mar se retira, fazes bem se te retirares antes dele.

* * *

Se te disserem que a agua está fria, não te importes; o publico, quando te vir, estará quente.

Uma profecia

Uma grande amigo de Bakunine publicou agora em volume a correspondencia, até aqui inédita, do celebre revolucionario russo. Em uma dessas cartas lêem-se as seguintes linhas escritas em seguida à guerra de 1870 e nas quaes se encerra uma verdadeira profecia:

«O imperio alemão criado por Bismarck não durará mais de cincoenta anos. No fim deste periodo, desmembrar-se-ha depois de uma guerra mundial.»

Filatelismo

Os filatelistas devem ter uma grande admiração pelo general Vila — antigo ditador mexicano, recentemente assassinado pelo seu antigo secretario. Durante o seu... reinado — chamemos-lhe assim — ele criou no Mexico nada menos de 700 tipos diferentes de estampilhas.

Não ha duvida de que 70 tipos de sêlos é muito, mas não ha duvida que é preferivel fazer gemer os prélos para multiplicar estampilhas do que para aumentar a circulação fiduciaria. Neste caso o general Vila levou as palmas aos nossos financeiros...

A lei sêca

Um telegrama vindo dos Estados Unidos conta como uns contrabandistas de alcool conseguiram fugir em Washington á perseguição dos fiscaes da Alfandega. Um camion carregado de caixas de licores era perseguido nos arredores da cidade por uma camionette ligeira da Alfandega. Mais rapida, ganhava terreno de segundo em segundo e a captura parecia certa, quando os contrabandistas, que tinham previsto tudo, abriram o orificio de um tubo contendo gaz de mostarda, conseguindo, assim, libertar-se dos seus perseguidores.

Os marinheiros americanos que se encontram em Lisboa, cançados da lei sêca, têm-se desforrado por aí, fazendo um consumo de vinhos digno de registo.

Medicos e doentes

No ultimo numero do «Times» chegado a Lisboa lê-se o seguinte curioso anuncio, que daria margem a comentarios de varia ordem:

«A TODA A GENTE — Não vos esqueçais de pagar ao vosso medico antes de partirdes para férias. E' possivel que ele tenha tambem vontade de ir para férias.»

Assina estas linhas «Um doente, sendo possivel que se trate, antes, de um medico».

Jean Jaurés

Faz hoje 9 anos que o grande socialista francez Jaurés foi assassinado em França. O notavel orador encontrava-se a jantar num restaurante á esquina da rua de Montmartre e da rua do Croissant, a dois passos do boulevard dos Italianos, quando Villain, entrando, o assassinou a tiro.

Estava-se, como se sabe, nas vesperas da guerra, sob a ameaça cruel e barbara da Alemanha. Jaurés foi a primeira victima.

OS PARTIDOS

A jornada de propaganda a Evora do P. Republicano Radical

Resultou brilhante o comicio de propaganda republicana e partidaria que uma comissão de individualidades do Partido Radical foi realisar a Evora. Tendo saido de Lisboa no sabado, foi acolhida em todas as estações do percurso com grandes aclamações, demonstrativas de que a fé republicana do povo não esmorece. A comissão era composta dos srs. senador Procopio de Freitas, Major Rosa Ventura, Tenente Arcadio Matos Silva, Antonio Joaquim Magalhães, Alferes Pimenta, Carlos Antonio dos Santos, Alferes Caldeira de Lisboa e Antonio Augusto Gonçalves, Ludgero Cigarril, Anibal Figueiredo e Pessanha de Mendonça pelas comissões do Sul do Tejo.

A chegada ao Barreiro fez-se no meio de aclamações á Republica e ao P. R. R., subindo ao ar muitos foguetes.

Em Evora foram os propagandistas aguardados pelos membros das comissões politicas do distrito e outros valiosos elementos, reinando o mais vivo entusiasmo.

Após o desembarque efectuou-se uma ceiada confraternisação, que decorreu muito animada.

No domingo efectuou-se um jantar de confraternisação, presidido pelos srs. Procopio de Freitas e Dr. Ferreira da Silva, delegado do Procurador da Republica em Evora, seguindo-se no Teatro Garcia de Resende, cedido para esse fim, o comicio de propaganda, em que falaram varios oradores, todos acolhidos com estrepitosos aplausos pelos assistentes.

Abriu a sessão o sr. J. Eduardo Mendes Junior, presidente da comissão municipal de Evora, que saudou os visitantes de Lisboa e do Barreiro, convidando o sr. Dr. Ferreira da Silva para presidir, que declarou não poder fazel-o por a lei a isso se opôr, afirmando no entanto, a sua fé republicana.

Assumiu, então, a presidencia o sr. major Rosa Ventura, secretariado pelos srs. João Mendes Junior, Augusto Gonçalves, do Barreiro e A. Joaquim Magalhães, de Lisboa.

Usou em primeiro logar da palavra o sr. Rosa Ventura, que saudou os republicanos do Alentejo, ocupando-se em seguida da situação politica e censurando aqueles que teem contribuido para o indiferentismo do povo. Convida, por ultimo, esta a unir-se em volta da bandeira da Republica e da Patria.

Em seguida o representante do jornal do partido «A Lanterna», falou, em seguida, o tenente sr. Arcadio Matos ... e a imprensa de Evora e protestou contra as violencias de que os republicanos teem sido victimas. O partido radical vai junto do povo incutir-lhe o animo necessario para a defesa do regime.

O sr. Procopio de Freitas, começando por aludir á sua acção no 19 de Outubro, disse querer que o paiz o absolva, pois aquele movimento era de honestidade, contra os partidos. Disse querer moralidade e ordem, censurando os politicos por provocarem a desordem.

Falou depois o alferes sr. Pimenta, que leu o art.º da Constituição sobre liberdade de consciencia, para protestar contra a determinação que prohibe aos militares assistirem aos comicios. Protestou contra as perseguições aos republicanos, apresentando uma moção nesse sentido.

Em nome dos radicais do Barreiro falou o Sr. Ludgero Cigarrito, que protestou contra as perseguições aos operarios, neles saudando os verdadeiros defensores da Republica.

Por ultimo falou o sr. Antonio Joaquim Magalhães, acentuando que o P. R. R., quando fôr governo, se ha-de impôr pelos seus processos.

O presidente encerrou então o comicio, com um viva ao povo de Evora, entre ruidosas aclamações.

O proximo comicio realisa-se no domingo.

Teem sido registadas muitas adesões.

Leote do Rego

Teve a gentileza de vir á «Capital» agradecer as palavras que aqui se escreveram, a quando da morte do sr. Luiz Leote do Rego, que recordou as simpatias que o ilustre e saudoso republicano dedicava a este jornal. Agradecemos a gentileza.

"Portugal cinematografico"

Com este titulo publicou-se o 1.º numero de uma excelente revista, de que é director o sr. Fernando Pardal e que tem como colaboradores, entre outros, os srs. Dr. Faria de Vasconcelos, Afonso Gaio, Bonvida Portugal, dr. Barbosa Sueiro, dr. Saturnino Paiva, dr. Luis d'Oliveira Guimarães, Ladislau Batalha, Profusamente ilustrada, apresenta-se magnificamente, a ponto de rivalisar com algumas do estrangeiro. Desejamo-lhe longa vida.

ULTIMA HORA

O sr. Epitacio Pessoa em Lisboa

No almoço do Palacio da Ajuda falaram o chefe do Governo e o ex-presidente

Após o desembarque no Cais da Alfandega, o sr. dr. Epitacio Pessoa, acompanhado de sua esposa, D. Mary Pessoa, dirigiu-se á embaixada do Brasil, na rua Antonio Maria Cardoso, a fim de apresentar os seus cumprimentos ao embaixador, sr. dr. Cardoso de Oliveira.

Ali encontrava-se já, rodeado de todo o pessoal da embaixada e consulado, o ilustre diplomata, acompanhado de sua esposa e filhas.

Apresentados os cumprimentos, cerimonia que revestiu um caracter muito intimo, o ex-Presidente da Republica Brasileira, depois de ter tambem recebido os cumprimentos da comissão de homenagem a Ruy Barbosa e de bastantes membros da colonia, retirou com sua esposa para o palacio da Ajuda, onde ás 13 horas se deu principio ao almoço que lhe era oferecido pelo Governo Português.

O sr. dr. Epitacio Pessoa deu entrada ali pouco depois, sendo aguardado á entrada pelos srs. Jaime Atias, secretario geral da Presidencia da Republica; presidente do Ministerio, e restantes membros do Governo, corpo diplomatico, magistratura, oficiais superiores do Exercito e da Armada, deputados, senadores, etc.

Uma banda da G. N. R., executou os hinos português e brasileiro, prestando uma força da mesma guarda as honras do estilo.

Pouco depois, dava-se inicio ao almoço, a que assistiram, alem do sr. dr. Epitacio Pessoa e de sua esposa, os membros do Governo e suas esposas, presidentes das duas casas do Parlamento, corpo diplomatico, chefe do Estado Maior do Exercito, maior general da Armada, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, comandante da G. N. R., embaixador do Brasil, esposa e filhas, almirante Augusto Neuparth, general Bernardo de Faria, drs. João de Barros, Jaime Cortezão e Francisco Antonio Correia, secretario da embaixada brasileira, consul do Brasil, general comandante da 1.ª divisão, secretario geral da Presidencia da Republica, chefes do protocolo da Presidencia da Republica e do Ministerio dos Estrangeiros, secretario geral do mesmo Ministerio e os jornalistas que acompanharam o sr. dr. Antonio José de Almeida na sua viagem ao Brasil.

Iniciados os brindes, falou em primeiro lugar o sr. presidente do Ministerio, como representante do chefe do Estado, que teve palavras de acrisolado carinho para o sr. dr. Epitacio Pessoa, que tão alto levantou o Brasil durante a sua estada no cargo de supremo magistrado da nação irmã, pela brilhante recepção que prestou ao sr. dr. Antonio José de Almeida a quando da sua viagem ao Rio de Janeiro, manifestação que Portugal jámais poderá esquecer.

Por ultimo e depois de mais alguns discursos, que dado o adiantado da hora não podemos descrever, falou o sr. dr. Epitacio Pessoa, que, em frases singelas, agradeceu a homenagem prestada pelo Governo português, tendo sempre palavras de sincera amisade para Portugal, país que desde muito novo começou a amar.

Findo o almoço, o sr. dr. Epitacio Pessoa retirou com o mesmo cerimonial da entrada, a fim de dar uma volta pela cidade e visitar o museu dos Coches, retirando-se depois para bordo do «Lutetia», que deve levantar ferro ainda hoje.

* * *

O palacio da embaixada, o consulado e outros edificios brasileiros içaram a bandeira durante o dia.

Os bombistas

Foram efectuadas duas prisões importantes

A Policia de Segurança do Estado restituiu á liberdade Bernardino Fernandes da Fonseca e José Sanches Fernandes, que haviam sido presos por suspeitos, nada se tendo apurado que os comprometesse.

Hoje foram presos José Jorge, Joaquim Augusto Bettencourt de Ataide e Sebastião Graça, todos implicados em atentados dinamitistas. O Ataide era um dos que faltava prender, que fazia parte do grupo do «Bela-Kun» e que tinha bombas depositadas em sua casa, na rua do Salvador.

O Sebastião Graça tomou parte no barbaro atentado de que foi vitima o saudoso juiz dr. Pedro de Matos.

Um esclarecimento

Somos informados de que a citação para despejo da casa que o general sr. Garcia Guerreiro ocupava na rua da Escola foi pedida pelo sr. general Julio Judice Magalhães Barros antes da descoberta do crime ali cometido, e que essa citação se efectuou pelo tribunal respectivo, que é o civel, pois o tribunal do crime nada tem com esses assuntos.

Tarde politica

Ha quem pretenda um governo de transição?

Tem-se notado, não obstante a insistencia com que o Directorio do P. R. P. tem reclamado a presença na camara, dos deputados seus correligionarios, que os mais proximos satelites do sr. dr. José Domingues dos Santos não deferiram a instancia.

E sabe-se agora que esse grupo, ainda com o apoio de outros parlamentares, pretende derrubar o sr. Antonio Maria da Silva para constituir um Governo democratico-liberal com o sr. dr. Antonio da Fonseca na pasta das finanças.

Este Governo de transição daria logar a outro independente, sob a chefia do sr. Antonio da Fonseca, o qual procuraria obter a dissolução parlamentar para que o paiz desse as indicações politicas da nova organização parlamentar.

Não se percebe bem como se faria na constituição de um Governo independente, visto que os deputados daquele grupo nem sequer são uma regular organização constitucional.

Mas a verdade é que isto nos foi comunicado por um deputado que bebe do fino e não é muito propicio ás blagues.

* * *

Por alguns dos seus membros se encontrarem no almoço de recepção ao dr. Epitacio Pessoa á hora a que devia reunir o Directorio do P. R. P., ficou essa reunião transferida para amanhã.

Tratar-se-ia da eleição presidencial, dizendo-nos um membro dum alto corpo politico que seria possivel discutir-se o nome do sr. dr. Duarte Leite.

Tudo é possivel, até o sr. Duarte Leite ser escolhido pelos democraticos que transijam em qualquer coisa, a menos que não cheire ao velho unionismo.

* * *

Foi hoje distribuida na Camara uma representação das classes maritimas de grande curso, sobre a adjudicação da frota do Estado, na qual se pede que sejam acauteladas os interesses dessa corporação na transmissão que houver de ser feita.

João de Almeida

A policia de Lisboa cercou ontem uma casa em Cascais residencia do ex-coronel sr. João de Almeida, conhecido pelo heroe dos Dembos, o que fez crer que aquele antigo oficial estivesse comprometido em qualquer dos anunciados movimentos revolucionarios.

Segundo informações que nos foram fornecidas nas estações oficiais o sr. João de Almeida quando ultimamente preso por suspeito de conspirar declarou que tal acusação não tinha o menor fundamento e tanto que estava em vesperas de seguir para Africa, não devendo portanto merecer credito os boatos que corriam a seu respeito.

João de Almeida foi então solto porque, segundo declarou tinha de abandonar Lisboa, caso até agora não tivesse cumprido a sua palavra a policia procura-a para ele explicar os motivos de tal procedimento.

Dois afogados

Hoje, de manhã, apareceram boiando no Tejo, em frente á Ribeira Nova, os cadaveres de dois individuos desconhecidos. Um deles foi pouco depois dar á praia e o outro conservou-se junto de um catraio, sendo mais tarde retirado para terra. Ambos os afogados foram removidos para a Morgue.

A's 18 horas

O «Diario do Governo» publicou hoje as portarias concedendo licenças de 60 dias aos srs. dr. Augusto Gil, director geral de Belas Artes, e Francisco Santos Tavares, comissario do Governo junto do Teatro Nacional, e nomeando para os substituirem durante a sua ausencia, respectivamente, os srs. dr. Carlos Babo e Lino Ferreira.

— O «Diario do Governo» publica tambem varios decretos mandando abrir pelo Ministerio das Finanças, e a seu favor, varios creditos na totalidade de 7.610.080$75.

Concluiu a sua formatura em direito o sr. dr. Mario Gonçalves Viana, ilustre colaborador de «A Capital» a quem está reservado pelo seu talento um brilhante futuro. Cumprimentamo-lo.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Chegou do Porto o engenheiro sr. Palma de Vilhena.

—No sud-express seguiram hoje para Biarritz o sr. Antonio Rodrigues Costa, esposa e filhos.

Parlamento

Nos Deputados

Apresenta-se um projecto fixando a dotação do Chefe do Estado

A's 15,30 havia apenas 25 deputados na sala e as minorias nacionalista e monarquicas protestavam contra o facto da chamada ainda não ter sido feita.

Dez minutos depois realisou-se a contagem, pela qual se verificou haver 45 presenças. Na presidencia o sr. Marques de Azevedo.

Aberto o periodo de antes da ordem do dia, o sr. Almeida Ribeiro, enviou para a mesa e defendeu um projecto de lei determinando que a dotação de Chefe do Estado passe a ser paga em ouro, requerendo imediata discussão deste documento.

Falando sobre o modo de votar, o sr. Carvalho da Silva declarou ser de opinião que as comissões se devem pronunciar sobre o assunto, porquanto este envolve aumento de despeza.

O sr. João Bacelar requereu que se votassem separadamente a urgencia e a dispensa do regimento.

O sr. Almeida Ribeiro voltou a defender o seu projecto e o sr. Cancela de Abreu disse que por ele ficará o Chefe do Estado recebendo mais de 600 contos, o que lhe parecia muito.

Votado o requerimento do sr. João Bacelar, aprovou-se a urgencia, regeitando-se a dispensa do regimento.

O sr. Almeida Ribeiro requereu contra-prova, pela qual, por fim, se votou tambem a dispensa.

Uma vez em exame o projecto, o sr. Mariano Martins preconisou que a dotação do Chefe do Estado seja aumentada, não com o seu pagamento em ouro, mas com a aplicação do multiplicador que melhorou o vencimento dos ministros.

O sr. Carvalho da Silva constatou que o projecto em analise apareceu justamente, quando o funcionalismo publico reclama contra a exiguidade dos seus ordenados e achou não fazer sentido que para eles não se use de criterio identico aquele que se propõe para Chefe do Estado, ou que para este não haja o mesmo criterio usado para aqueles.

O sr. Vasco Borges achou fóra de qualquer contestação a necessidade de se melhorar a votação do primeiro magistrado do paiz. Não obstante, parecia-lhe que o aumento deve ser feito pelo coeficiente 10.

O sr. Almeida Ribeiro explicou que apresentou o projecto em seu nome pessoal e voltou a argumentar em favor da doutrina desse diploma, e o sr. Vasco Borges propôs que, a partir de 5 de outubro, proximo o subsidio anual do sr. presidente seja o resultante da multiplicação por 10 do subsidio de 1915, e que se fixe em seis contos em ouro o abono para despezas de representação.

O sr. Antonio da Fonseca disse que não daria o seu voto ao projecto Almeida Ribeiro, embora o considere oportuno.

A' hora de fecharmos o jornal, foi aprovado na generalidade o projecto que aumenta para 24 contos, oiro, a dotação do Sr. Presidente da Republica.

A sessão continua.

No Senado

Tratou-se da Conferencia de Praga

O sr. Augusto de Vasconcelos tratou dos seus trabalhos na conferencia de Praga, cuja relatorio apresentou á camara.

O sr. Procopio de Freitas protestou contra o facto de se estar jogando, com o consentimento das autoridades, em todas as terras do paiz.

O sr. Julio Ribeiro pediu a presença do sr. ministro das Colonias para se ocupar de varias irregularidades.

A sessão continua.

Os incendiarios

Dissemos ha dias ter sido preso Manuel Pinto Leal, suspeito de ter deitado fogo á sua residencia na Ilha Amarela, na estrada de Monsanto.

As investigações, por parte da policia da 4.ª secção, tem proseguido, tendo sido presos hoje, como suspeitos de cumplicidade no mesmo crime, Artur Agostinho da Ponte, inquilino do Leal, e a sua criada, Deolinda Ferreira.

A questão do inquilinato

As Juntas de Freguesia voltaram hoje ao Parlamento

O Concelho Central das Juntas de Freguesia voltou hoje ao Parlamento, instando com o sr. presidente da Senado, para que seja discutida ainda na presente sessão legislativa a reforma da lei do inquilinato da autoria do sr. dr. Catanho de Menezes. Segundo ouvimos a alguns membros das juntas, é muito possivel, que na proxima quinta feira se realise um comicio publico, para tratar da questão do inquilidato, devendo ser convidado o comercio a encerrar as suas portas ao meio dia e a tomarem parte nele delegados da C. G. T. As juntas encontram-se em sessão permanente.

O funcionalismo publico

A FORMULA INOCENCIO CAMACHO

Uma promessa que se cumpriu religiosamente

Os paes dos rapazes que frequentavam qualquer cadeira de matematica deram-lhes a formula para os liceus e academias a submeterem á necessidade dos respectivos professores.

Mas, estes, por seu proprio interesse, já tinham virado e revirado o «Diario do Governo» sem ao menos descobrirem o cheiro da tal ração de marujo, extraida d'uma raiz quadrada menos um, e que depois d'estes pas...agens viria a ser igual a X, o que seria ainda um novo motivo para agravar a ansiedade das pessoas desconsoladas.

De par com isto surgiam varios mestres «guedelhas», habilitados com a luminosa familiaridade dos astros, que explicavam aos menos esclarecidos que a nota do Governo era gorda, ia mais do que suficiente para os funcionarios se desunharem em danças e festas, porque a epocha da sua prolongada agonia estava prestes a terminar.

O raciocinio, que é muito limpido quando a vontade desencanta argumentos, chega a ser clarividente, quando o apetite se desenvolve a par e passo com o esforço empregado. Assim, produziam-se argumentos quasi irrespondiveis, e que valeu ao mesmo Governo a pacificação mais estagnada de que ha memoria em seis meses de vida republicana.

Ninguem tegia nem mugia em vez da ração de marujo com o justo receio de que ihe caisse fora do regaço a ração que a raiz quadrada conduziria como dois garfos luzentes numa peça de lombo.

— Como pode falhar a coisa, interrogavam os que se diziam no segredo dos deuses, se o Inocencio Camacho é o ministro das Finanças e foi ele, coitado, que inventou a formula?

— Ora, contestavam os descrentes, temos visto quasi todos os ministros falterem ao que prometeram solenemente...

— Não se trata aqui do caso. Não se trata de politico, em que os caracteres mais integros se tornam maleaveis como cera. A nota do Governo é verdadeira, é autentica, guarda-a cada um como dinheiro em caixa. O Inocencio Camacho não só é ministro das Finanças, é tambem director do Banco de Portugal e vocês queriam que do Banco de Portugal viesse uma nota falsa?

A nota é boa e vocês verão, quando venha a ser aprovada o que ela representa em fartura e talvez em excessos!

E esperou-se, esperou-se, esperou-se... O Governo caiu; ainda hoje ha quem suponha que foi por ter engulido a formula que era destinada a todos os funcionarios e só depois dessa queda se viu quanta sinceridade houve na doação daquele festim pantagruelico.

O Governo entregou á voracidade do funcionalismo a raiz quadrada duma ração de marujo, menos um.

Menos um quê?

Menos um marujo, não podia ser; logo era uma ração de marujo menos uma ração de marujo ou seja:

X—0.

Foi o unico governo que cumpriu religiosamente o que prometeu ao funcionalismo e até, pelo prazer de dar, pareceu que tambem o resto do país foi participe no suculento formula. Zero para todo a gente.

A primeira vez tambem que a democracia foi severa como um espartano: foi para todos o con rigorosa igualdade: um zero nacional!

Vieram outros governos e novos estadistas que á entrada dos Ministerios prometiam, sorrindo, com a face iluminada pela aureola dos taumaturgos, um novo milagre da reprodução dos pães e da multiplicação dos peixes, e á saida preveniam a policia de que deveria acudir essas hordas de famintos que invadiam os gabinetes com a audacia ... dos que falam pelo estomago.

Como a defesa é o primeiro dos deveres dos governos bem orientados, os conselhos de ministros realisavam-se todos os dias, adotando para a primeira parte da ordem do dia a situação angustiosa do funcionalismo e para segunda parte a concessão para o inevitavel aumento de todos os generos.

Sem pão, sem carne e sem peixe, os desgraçados burocratas nem já piavam por falta de energias quando tomou conta do Governo o coronel Antonio Maria Batista. O que se seguiu, em outro artigo o recordare.mos.

JOÃO DIABO

A Alemanha e os aliados

O que pensa Mr. Keynes da situação

Mr. Keynes, autor do famoso livro sobre «As consequencias economicas da paz», publicou na «Nation» um diagnostico sobre a situação actual, que não deixa de ser interessante. Pelo menos significa a opinião de um considerado grupo de ingleses. O ultimo discurso de Lloyd George parece influenciado pelas opiniões de Keynes.

Diz em resumo Keynes que a esperança de Poincaré consiste em que a Alemanha sucumba antes da Inglaterra dar conta do que está ocorrendo. A pécha de Baldwin consiste, ao contrario, em que as divisões do seu partido o obriguem a mover-se tão lentamente por forma a só dar o passo decisivo demasiado tarde. E a situação complica-se, porque, segundo Keynes, se a França quizer, pode arruinar a Alemanha sem que a Inglaterra possa impedil-o.

Mas, se a Inglaterra não pode impedil-o, o que é que pode fazer? Segundo Keynes, o que pode apenas fazer a Inglaterra é persuadir a França de que as consequencias do seu exito na empreza de arruinar a Alemanha lhe seriam bem funestas. Que sucederia, com efeito, em França, se viesse a baixo a ordem social na Alemanha? O exercito francês teria de estender a zona de ocupação. Veria as suas forças dissipadas numa guerra de guerrilhas. A diplomacia francesa ver-se-ia embaraçada com o crescente isolamento da França. A Fazenda francesa teria de entregar-se a uma politica de inflacção desenfreada para cobrir as despesas. Por outro lado, avançaria até ao Rheno o sistema do governo que prevalece na Russia.

São estas as consequencias inevitaveis da politica francesa. A França não as vê. A função da Inglaterra deve consistir em abrir os olhos á burguesia francesa. Foi esta a obra que empreendeu Baldwin depois das suas vacilações. O perigo consiste, como já o temos indicado, em que Baldwin não possa actuar com a rapidez necessaria. A moeda alemã morreu e é natural que o governo do Reich não encontre maneira de manter as funções do Estado e a resistencia do Ruhr por mais bilhetes de Banco que faça imprimir e ainda que os faça de biliões de marcos cada um. A nação está desiludida. A juventude alemã não se ocupa dos problemas politicos e economicos do país, porque pensar neles é um insuportavel tormento.

E' muito possivel, pois, e muito provavel, que a Alemanha se venha a baixo antes que se consiga persuadir os franceses a mudar de politica. Baldwin não pode mover-se com depressa, porque ainda ha no seu partido — comenta «El Sol» no editorial — elementos que se opõem a toda a politica de oposição á França talvez porque se não tenham inteirado da posição critica da Alemanha. A questão reduz-se a se chegará primeiro a ruina da Alemanha ou a conversão dos franceses e dos elementos incontroversos do partido conservador inglês.

A julgar pelo que diz Keynes, todas as probabilidades são a favor de que chegue primeiro a derrocada da Alemanha.

Isto significaria que a nossa geração iria ver surgir no mundo maravilhas maiores das que já ali viu, ou que ainda não se chegou a compreender...

A Belgica responde á nota inglesa

PARIS, 31.—O embaixador da Belgica em Paris entregou ao director dos Negocios Politicos da França o texto da resposta belga á ultima comunicação de Lord Curzon sobre a questão das reparações.

Diz-se que essa resposta propõe que se deem como liquidadas as dividas inter-aliadas e que os aliados indiquem a quantia maxima que deve ser pedida á Alemanha. A reconstrução dos distritos devastados deve ter a periodade sobre qualquer outro assunto. Deve ser revisto o acordo de Spa. Os aliados devem tambem se comprometer a salvaguardar a integridade da França e da Belgica.—(R.)

Lord Curzon examina...

LONDRES, 31.—Lord Curzon tem continuado a estudar as replicas do governo francês e belga ás notas inglesas sobre reparações que lhes foram entregues na segunda-feira á tarde.—(R.)

Politica madeirense

Duas cartas elucidativas

«Sr. director de «A Capital» — Só hoje tive ocasião de ler no mui conceituado jornal de v. uma entrevista em que o sr. Vasco Marques conta, a seu modo, os recentes acontecimentos politicos da Madeira.

O relato de s. ex.ª contem inexactidões tão graves que poderiam induzir em erro os leitores da «A Capital» que desconheçam o que se passou naquele districto.

São quatro as afirmações feitas por s. ex.ª; quatro desmentidos formais e categoricos lhes opômos:

1.º — Afirma que houve «violencias de toda a ordem cometidas a quando da eleição dos representantes da Junta Geral em novembro do ano passado»: reptamo-lo a que o prove. Não é possivel haver eleições mais legais e ordeiras. Não houve o minimo incidente ou alteração da ordem publica. E' disto insuspeita testemunha, entre outros o delegado nomeado pelo sr. presidente do Ministerio para fiscalisar as eleições do Funchal.

2.º — Que «houve irregularidades, abusos e atropelos cometidos pelos democraticos para se apossarem da Junta Geral», e que tenham sido «eleitos vinte e quatro procuradores oposicionistas e apenas dezenove governamentaes»; a isto respondemos: Em primeiro logar, se atropelos houve, foram cometidos por partidarios do sr. Vasco Marques que assaltaram o edificio, desarmando a policia e pondo em risco a vida dos membros da comissão executiva legalmente eleita. Em segundo logar, desmentimos, em absoluto, que tenham sido eleitos 19 democraticos e 24 oposicionistas (?); e se não, emprazamos formalmente s. ex.ª a declinar os nomes desses 24 oposicionistas eleitos...

3.º — Que houve imprevidencia das autoridades administrativas na protecção ao secretario de finanças de Santa Cruz, alvo das iras populares. Como se coaduna isto com o facto de ter sido enviada para ali, com antecedencia, uma força militar do comando de oficial?

E, entregue a segurança do referido funcionario á autoridade militar, que mais poderiam as autoridades civis ter feito?...

4.º — Que prenderam um dos candidatos do sr. Vasco Marques levando-o para o Governo Civil (sic) bem como a pessoa portadora das listas que cinco amigos desejavam chegar á Ponta do Sol, etc. Isto é um acêrvo de falsidades — ou, se alguma verdade ha nisso, bem mal colocado fica o «republicano» sr. Vasco Marques.

Em primeiro logar, não havia candidatos nacionalistas; os que se opunham aos democraticos eram o banqueiro sr. H. Vieira de Castro como efectivo, e um sr. Aires F. Freitas, substituto, monarquico e empregado do mesmo sr. V. Castro. Seriam estes os candidatos do sr. V. Marques?

Em segundo logar, nenhum candidato foi preso; o sr. H. Vieira de Castro encontra-se no Continente, e ao sr. Aires de Freitas foi garantido o livre regresso á Ponta do Sol, que este senhor só aceitava — em companhia dos amigos, os tais amigos (?) do sr. Vasco Marques, os passageiros do celebre gazolina, chefiados pelo dr. Luiz Vieira de Castro, da direcção do Centro Monarquico da Madeira, e audaz combatente realista em Monsanto... Estes «visitantes» que não eram eleitores nem habitantes do concelho, tornaram-se suspeitos ao administrador que os mandou regressar ao Funchal e apresentarem-se ao governador civil do districto; depois de estarem cêrca de duas horas no gabinete dessa autoridade, foram desocupadamente para suas casas e, na manhã seguinte, ouvidas as explicações telegraficas do administrador do concelho, mandados em paz, isto ainda no proprio dia da eleição.

São estes os *crimes* dos quaes é acusado pelos antigos reconstituinte (e não é ociosa esta distinção) o actual governador civil do Funchal. De resto, o intuito de toda esta campanha é vexar o intemerato republicano Eduardo Sarsfield, que exerce aquele cargo com honestidade e prestigio para o regimen, merecendo assim o aplauso unanime da opinião republicana do districto. Não convem isto á politica pessoal do sr. V. Marques? Tanto peor para s. ex.ª...

Lisboa, 29-7-923. — De v. etc., *M. Costa Dias.*»

Sr. redactor da «Capital» — Dada impossibilidade de inserir na integra o meu protesto a proposito dos recentes acontecimentos na Madeira e em virtude de não se depreender que ela era resposta a afirmações anteriormente feitas, muito lhe agradeço a publicação dos seguintes esclarecimentos:

Que, considerando um crime e uma traição á Republica e aos principios puramente republicanos, as perseguições, violencias, abusos, ilegalidades e excessos de autoridade levados a efeito para assegurar o triunfo á conquista de elevados cargos de confiança do regimen, cometeria um atentado contra a minha consciencia se não revelasse tais arbitrariedades cometidas na Madeira por um grupo cujo rotulo politico muda conforme as situações e conveniencias e não por dedicação á Republica ou intenções de melhor a poderem servir;

Que o protesto de Celestino de Vasconcelos foi justissimo, mas benevolo, e por considerar que um sincero republicano não deve usar da benevolencia mas sim da lealdade e sinceridade em casos de gravidade para o regimen, que deve estar muito acima das vaidades e das ambições dos homens, eu, impelido pelos ditames da minha consciencia, protendi esclarecer a verdade, recorrendo á «Capital» por não ter taboleta partidaria.

E' preciso que saibam todos os dedicados republicanos que os correligionarios do falecido visconde da Ribeira Brava, vitima no consulado sidonista, são hoje perseguidos como foram sempre pelos aventureiros e troca-tintas ex-monarquicos, depois unionistas, mais tarde liberais, ainda independentes e agora recrutas do P. R. P.; e

Que o P. R. Nacionalista na Madeira tem á sua frente dedicadissimos republicanos, como o major sr. Americo Olavo, e os srs. Carlos Olavo, dr. Manuel Augusto Martins e Vasco Gonçalves Marques, antigos elementos da mais absoluta confiança do P. R. P.

De V., etc. — *José Campos Junior.*

As Ligas de Bondade

Uma generosa iniciativa das mulheres portuguesas

Alarmadas com a crescente mortalidade infantil, derivada da ignorancia e da miseria de muitas mães, algumas senhoras do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas resolveram criar entre as suas associadas as Ligas de Bondade, no seu desenvolvimento interessando quantas mulheres queiram dar-lhe o seu apoio.

A comissão organisadora reuniu para tomar conta do expediente e proceder a eleições.

Foi lido um oficio do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios e de Previdencia Social concedendo o seu patronato, bem como se receberam numerosas adesões.

Algumas professoras que nas suas escolas já tinham posto em pratica a titulo de experencia informaram que tem dado otimos resultados e ser um explendido meio de educação moral da creança, e os seus alunos rao bem com entusiasmo as Ligas, o que faz prever um largo futuro para estas instituições de bondade infantil.

Procedendo-se á eleição dos corpos gerentes verificou-se o seguinte resultado: Presidente, D. Maria O'Neill; Secretaria geral, D. Berta Garção; secretaria do exterior, D. Sara Schultz; secretario do interior, Dr. Arnaldo Brazão; Tesoureira, D. Dinah Santos Lima; Vogais, D. Regina Santos, D. Angelica Porto, Coronel Oscar Garção, Tenente-coronel David Branquinho.

Teatros ▪ Musica ▪ Cinemas

Os amores da bailarina russa

Vera Wratislava e o principe sirio, que emudeceu por amor — A paixão pelo toureiro e a confissão dos cravos vermelhos

Dissemos ontem, em telegrama de Londres, que um editor americano oferecera ao principe sirio Hamada uma verdadeira fortuna pela publicação das suas memorias, desde que nelas se fale dos amores em que o prendeu a celebre bailarina russa Vera Wratislava.

Os leitores não se lembram, decerto, dêsse romance amoroso, mas nós vamos resumir-lhe o entrecho. Vera Wratislava é filha de um general russo morto na luta contra os bolchevistas em 1916. Vendo-se sem amparo e aproveitando a sua extraordinaria beleza, a encantadora russa fêz-se bailarina, tendo percorrido quasi toda a Europa.

Vera e o principe sirio Hamada, descendente dos russos do Libano, conheceram-se no castelo dos duques de Valençay, na primavera de 1921, durante uma festa aristocratica de beneficencia, onde o principe estava passando uma temporada, hospede da França.

* * *

Hamada é irmão daquele inquieto personagem que no começo da guerra europea, quiz levantar-se contra uma dinastia para fazer-se sultão da Siria a fim de oferecer o trono a sua mulher, que é filha do americano Thomson, rei do petroleo.

A França impediu esse acto de audacia e para tranquilidade sua, interessada na libertação daquele paiz, trouxe para a Europa «em missão diplomatica» os dois principes, filhos da duquesa de Napoles.

Hamada enamorou-se de Wratislava, que um belo dia, apoz a sua estada em Valençay, foi surpreendida com a amorosa perseguição do principe, que a seguiu de Lyon para Nice e d'ali para Montecarlo. Interrogado pelos jornalistas, Hamada confessou a sua paixão pela bailarina e afirmou que ela seria sua mulher, motivo porque as revistas francesas publicaram os seus retratos.

* * *

Passou tempo, os dois afastaram-se até que um belo dia, encontrando-se Vera e sua mãe em Saint Etienne, no sul da França, a bailarina recebeu uma carta, convidando-a a ir a Saint-Sohamond num determinado dia e a certa hora. Viria, porém, ela só. Vera preparou-se para a viagem, mas um telegrama alarmante, assinado com as iniciais P. L., avisou-a de que lhe preparavam uma emboscada, o que a obrigou a desistir.

Estes factos, porem, interessaram-a e dois ou tres dias depois foi com sua mãe ao sitio indicado na carta, o qual ficava nos arredores de uma pequena aldeia. Deparou com uma casa fechada, como se estivesse abandonada mas dirigindo-se a uma pobre velha que estava proxima, soube por ela que tinham ali estado dois automoveis, guiados um deles por um negro gigantesco e o outro por um homem de turbante oriental. Desses automoveis desceram dois individuos, que bateram demoradamente á porta da casa, sem obter resposta. Esperaram muito tempo, mas depois entraram de novo para os carros que desapareceram na direcção de Paris.

E Vera não tornou a ter noticias do principe apaixonado...

* * *

Tempos depois, a filha do general do Czar visitou na sua qualidade de bailarina varios paizes, tendo estado ha pouco em Barcelona.

Uma tarde, á hora do chá, no «hall» do Ritz, alguem, quando ela passava pronunciou o seu nome. Vera olhou, vendo na sua frente, sorridente, humilde, com um ar de ternura, o principe Hamada, quasi uma criança ainda, o principe belo e doce que escrevia versos e lhe falava em outros tempos que não voltam.

Conversaram muito, ele das suas saudades e do seu amor, ela dos seus triunfos de artista e de mulher. Recordou Vera a carta em que se marcava a entrevista de Saint-Sohamond, mas Hamada, sem comover-se, limitou-se a dizer que não sabia do que se tratava.

No dia seguinte, a bailarina recebia dois valiosos presentes: uma capa de peles e um pequeno diadema de perolas e safiras. Mas ela «já não acreditava nele» (assim o fêz saber ao principe, repetindo o seu pedido de casamento.

Louco de desespero, Hamada fugiu para Paris, onde afirmou que estava resolvido a passar um anno sem proferir palavra.

Sucede, porem, que o amor de que ela andava fugindo, a prendeu nas suas malhas. Vera teve uma paixão: por Manolo Granero, «o melhor toureiro espanhol», segundo ela afirmou.

A esse é que ela quiz a valer... O colar de perolas que a acompanha sempre foi ele que lho deu. Os cravos vermelhos que caíram aos pés do matador na tarde em que lhe foi oferecida em Madrid a «primeira oreja», atirou lhos ela.

«Manolo—disse a bailarina—levava sempre o meu retrato no peito com uma estampa da Virgem dos Desamparados, quando viajava para tourear e vestia o seu «traje de luces.»

Tendo-lhe alguem perguntado um dia se se apaixonara muitas vezes, respondeu:

—«Uma mulher pode amar varias vezes; mas nem todos os amores são eguais».

Noticiario

Em S. Carlos, a «Companhia Lucilia Simões» representará, ainda na actual temporada, a comedia «Amor a quanto Obrigas», seguindo-se-lhe a peça de Pinero, «Casa em Ordem».

— Os conhecidos escritores teatrais Alberto Barbosa e Matos Sequeira e o sr. Garcia Malheiros estão escrevendo uma opereta para a proxima época de inverno no S. Luiz.

— E' no dia 5 proximo que no Jardim Zoologico se realisa, como já dissemos, a Festa da Actrizes, revertendo o producto dela para o Cofre de Reformas e Pensões. Tomam parte na interessante festa artistas de todas as companhias atualmente em Lisboa. Para a quermesse têm sido recebidos valiosos brindes, devendo o programa definitivo ser publicado no «Jornal das Actrizes» que sairá nesse dia em numero unico, excelentemente colaborado.

—Desligou-se da companhia Lucilia Simões, que trabalha no teatro de S. Carlos, o distinto actor Afonso de Matos, que segue brevemente em «tournée» para a Africa.

Reclames

MARIA VITORIA

As actrizes Laura Costa e Zulmira Miranda, são nos seus interessantes numeros cantados no Maria Vitoria revista «Fado Corrido» acompanhados por uma novel atriz, Aida de Souza, que imprime subtil encanto ao numero de musica intitulado «A saia de balão». Hoje repete-se nas duas sessões a extraordinaria revista.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9,15—«Carta anonima»
POLITEAMA — A's 9,30 — «Cambio do Marcos».
AVENIDA—A's 9,30—«Bichinha Gata»
MARIA VITORIA — A's 8,45 e 10,45—«Fado Corrido».
AVENIDA-PARQUE (Antigo Parque Mayer)—Diversões ao ar livre.
CIRCO DA FEIRA — (Parque Eduardo VII)—A's 21,30 e 23—«Variedades».

Candeia acesa

Uma inspectora de trabalhos manuais

«Sr. director — Sob estes titulos publicou a «Capital» de quarta-feira, uma carta assinada pelo sr. J. P. Santos, antigo professor, em que procura mal apreciar um acto de s. ex.ª o sr. ministro da Instrução, praticado ao abrigo dum direito que ninguem pode contestar e de cuja oportunidade e vantagens só o mesmo ministro era arbitro, sem que, para dele fazer uso, tivesse que ouvir o sr. Santos.

Essa carta carece absolutamente de fundamento, bastando, para tal ser bem claramente reconhecido, a leitura do texto da portaria publicada pelo ministro da Instrução e a que ele se refere. Diz o seguinte:

«Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo ministro da Instrução Publica que a professora e directora da Escola de Ensino Primario Geral n.º 75 da cidade de Lisboa, Elisa Augusto Rodrigues de Loureiro seja encarregada, sem prejuizo do seu serviço na Escola Normal Primaria, e *sem encargos especiaes para o estado* de investigar do estado em que se encontra o ensino dos trabalhos manuaes e domesticos nas escolas de ensino primario geral da cidade de Lisboa.

«Diario do Governo» II série, 26 de Julho de 1923.»

Como v. vê, não se trata da nomeação para qualquer cargo de inspectora remunerada; mas sim duma simples «comissão gratuita de serviço publico, que o sr. ministro da Instrução reconheceu necessaria como elemento de estudo.

Onde está o escandalo? Onde estão os prejuizos para o Estado? Onde está o atentado á moral?

Mas quem ousará recusar a um ministro o direito de pretender informar-se da maneira como corre qualquer serviço fazendo parte do departamento de administração publica que dirige? Então já não será permitido a um ministro encarregar do desempenho duma comissão de confiança uma pessoa em quem, bem ou mal, deposite confiança? Sim; porque se trata apenas duma missão de confiança, «sem o menor encargo para o Estado».

Por tudo isto se conclue que o sr. Santos foi injusto nas suas considerações. Propositada ou involuntariamente?

Não quero apreciá-lo. Aproveito no entanto o ensejo para constatar em presença da atitude do sr. Santos, que a moral dos homens publicos devia merecer da parte dos que os criticam, um pouco mais de respeito, que dá, pelo menos, até ao ponto de aprecia-los com verdade.

Na carta do sr. Santos põe-se em destaque o favor que representa o acto do sr. ministro. Sem duvida, é um favor para a pessoa escolhida, que impõe reconhecimento, pois que a escolha, nas condições feitas, muito representa como testemunho de consideração.

Pedindo a v. a publicidade destas linhas em homenagem á verdade, muito grato lhe fica

De V., etc. *Elisa de Loureiro*»

A crise financeira do Reich

OS INDUSTRIAES E A FORTUNA DO Estado Alemão

procederam como ladrões de estrada, diz o «Berliner Tageblatt»

A maior parte dos jornaes alemães consagram longos artigos ao que chama a «morte do marco». Os nacionalistas atribuem-no exclusivamente á ocupação do Ruhr; outros, como o «Berliner Tageblatt», criticam severamente a politica governamental.

«O Gabinete Cuno, escreve neste ultimo M. Dombrowki, não contava que a ocupação do Ruhr durasse tanto; eis o erro fundamental da sua politica.

O presidente do Reichtag deu provas duma impotencia fatal em face dos acontecimentos.

Dum lado, o Reich consagrou somas enormes á acção defensiva; doutro, entregou á industria privada somas não menos consideraveis.

A industria beneficiou assim fantasticamente. Transformou as suas reservas de marcos em divisas estrangeiras. O capital alemão emigrou. O Reich pode ser comparado a um viandante surpreendido num bosque para ahi ser despojado sucessivamente por, tres, quatro, cinco ladrões de estrada, que apenas lhe deixaram a camisa».

Festas Associativas

O Grupo Excursionista 24 de Agosto realiza no dia 24 as festas comemorativas do seu 50.º aniversario, com uma sessão solene em que usarão da palavra diversos oradores, tomando tambem parte um grupo musical.

Serão distribuidos pelos socios os novos emblemas que estão sendo bordados. No dia 26 realizar-se-ha o passeio anual do Grupo, sendo grande o entusiasmo.

TAUROMAQUIA

As corridas em Viana do Castelo, por ocasião das festas á Senhora da Agonia

Estão despertando grande entusiasmo as grandes corridas que se realisam nos proximos dias 18, 19 e 20 de Agosto, por ocasião das importantes festas á Senhora da Agonia. As corridas deste ano foram organisadas, a pedido da Empreza, pelo bandarilheiro Luciano Moreira, que se esmerou em apresentar um cartaz superior á nossa primeira praça.

Cavaleiros, os inegualaveis artistas José Casimiro e João Branco Nuncio e o muito festejado amador D. Ruy da Camara.

Os touros foram apartados expressamente das manadas dos opulentos lavradores Emilio Infante da Camara e da Casa Cadaval, hoje as melhores ganaderias de gado bravo.

Entre o grupo de bandarilheiros figuram Teodoro Gonçalves, Tomaz da Rocha, Custodio Domingues, Alfarero e Luciano Moreira que toureia um touro em cada corrida, em hastes limpas. Haverá tres grupos de forcados em competencia, sendo capitaneados respectivamente por Chico Marujo, Matias Leiteiro e Pilé.

Pelo elenco artistico garante a Empreza que nunca se realisaram em Viana tão grandes corridas como nesta epoca.

VIDA SPORTIVA

Olimpico Club Portuguez

Este bem organisado Club sportivo, leva a efeito, no proximo domingo, uma magnifica «matinée-rose», no sumptuoso salão do Centro Escolar Dr. Magalhães Lima.

O programa que está caprichosamente organisado, terá a coadjuvação dum magnifico quinteto, genero «Jazz Band», dirigido pelo maestro sr. Alberto Ferreira.